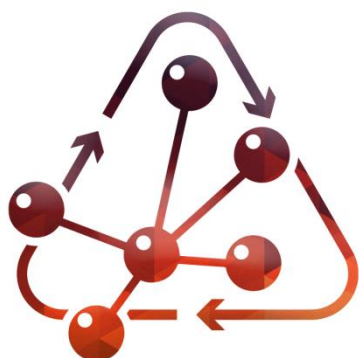


INSTITUTO SANTA TERESA - IST
FACULDADES INTEGRADAS TERESA D' ÁVILA – FATEA
INSTITUTO SUPERIOR DE PESQUISA E INICIAÇÃO CIENTÍFICA – ISPIC
PROGRAMAS DE PÓS GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
E PROJETOS – PROPÓS



EIC 2015

XII ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Ciência, Ação e Sustentabilidade

X MOSTRA DE PÓS-GRADUAÇÃO

| II MOSTRA DE EXTENSÃO

Encontro de Iniciação Científica, 12, Mostra de Pós-Graduação, 10, Mostra de Extensão, 2: Programa e Artigos Completos, Lorena, 14, 15, 16 e 17 de set. 2015. Lorena: Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – ISPIC, 2015.

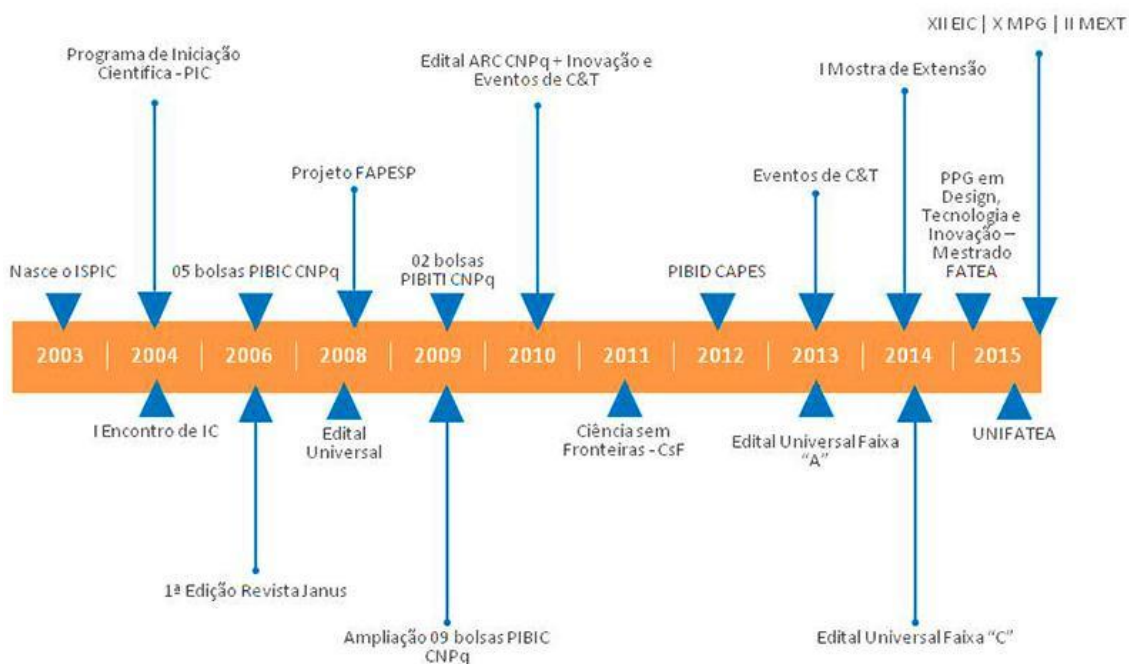
APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo ao XII Encontro de Iniciação Científica, X Mostra de Pós Graduação e a II Mostra de Extensão das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – FATEA, que será realizado em suas dependências nos dias 14, 15, 16 e 17 de setembro de 2015. O evento é organizado pelo Instituto Superior de Pesquisa e Iniciação Científica – ISPIC em parceria com os coordenadores, professores, funcionários e alunos dos cursos de graduação e ensino médio.

Neste ano a temática da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia – SNCT foi definida como “Luz, Ciência e Vida”, baseia-se na decisão da Assembleia Geral das Nações Unidas, que definiu 2015 como o Ano Internacional da Luz, celebrando a luz como matéria da ciência e do desenvolvimento tecnológico.

Em 2015, destaca-se que a FATEA foi contemplada com o Programa de Pós Graduação “Stricto Sensu” Mestrado Profissional em Design, Tecnologia e Inovação, recomendado pela CAPES com conceito 3.

A linha do tempo abaixo representa algumas ações do ISPIC vinculada ao ensino, pesquisa e extensão. Neste ano a temática foi adaptada à SNCT e estabelecida pela comissão organizadora do EIC-2015 como: Ciência, Ação e Sustentabilidade.



Prof. Dr. Rosinei Batista Ribeiro

Coordenador do XII Encontro de Iniciação Científica e
X Mostra de Pós Graduação e II Mostra de Extensão
FATEA

REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



PATROCINADORES



XII ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

X MOSTRA DE PÓS-GRADUAÇÃO E

II MOSTRA DE EXTENSÃO – FATEA

1. OBJETIVOS

- Divulgar a produção científica desenvolvida pelos docentes e discentes das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – FATEA e de outras IES, nas categorias de Iniciação Científica Júnior, Iniciação Científica, Iniciação Tecnológica, Iniciação a Docência, Pós - Graduação e Extensão;
- Ampliar a socialização e os avanços das pesquisas e extensão universitária realizados nas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – FATEA e em outras Instituições;
- Promover a interdisciplinaridade, Interinstitucionalização dos projetos do PIBIC-EM, PIBIC, PIBITI, PIBID, PIC, CsF e PPG - Design, Tecnologia e Inovação, atuando como campo de pesquisa, mobilidade e democratização da ciência e tecnologia (C&T).

2. CATEGORIA DOS TRABALHOS

Foram recomendados para obtenção da carta de aceite os trabalhos desenvolvidos pelo colégio de aplicação, iniciação científica e pós-graduação nas áreas de conhecimento reconhecido pelo CNPq.

3. ÁREAS TEMÁTICAS

Exatas, Humanas, Saúde, Biológicas e Sociais Aplicadas.

4. ESTRATÉGIAS PARA A REALIZAÇÃO DO EVENTO

Comunicações Orais e/ou Painéis

5. NORMAS PARA ENVIO DOS ARTIGOS COMPLETOS

TÍTULO EM CAIXA ALTA E NEGRITO, EM TIMES NEW ROMAN (TNR) LETRA EM 14, ESPAÇAMENTO SIMPLES, CENTRALIZADO

RESUMO (TEXTO EM TNR, LETRA 10, ESPAÇAMENTO SIMPLES, JUSTIFICADO)

Este texto contém instruções para a preparação de trabalhos para XII Encontro de Iniciação Científica, X Mostra de Pós Graduação e II Mostra de Extensão e considerações específicas para o envio dos artigos técnicos e científicos. A formatação usada no texto segue rigorosamente as normas de preparação de trabalhos, os autores podem dirimir eventuais dúvidas observando o formato do texto. A estrutura do texto segue a recomendada para os trabalhos: resumo e abstract, introdução, metodologia, resultados e discussão, considerações finais, agradecimentos, referências bibliográficas. Não serão aprovados artigos fora do padrão normativo aqui estabelecido. SUBMETER O ARTIGO EM PDF E SEM IDENTIFICAÇÃO

Palavras-chave: Resumo; Artigo; Texto. No mínimo 3 e no máximo 6 palavras-chave.

ABSTRACT (TEXTO EM TNR 10, SINGLE SPACE, JUSTIFIED)

Full papers should be sent in standard text Word, containing between 08 and 10 numbered pages in Times New Roman font with title upper case and bold (TNR 14), followed by a summary of 10 lines in Portuguese and in English, with 3 keywords in TNR 10, single space, followed by the text of the article in TNR 12, single spacing - quotes in TNR 11, single spacing and 4cm - author-date system for references.

Key-words: Abstract; Article; Text.

INTRODUÇÃO (TNR, negrito, caixa alta, letra 12, alinhado à esquerda)

1. PRIMEIRO TÍTULO (TNR, negrito, caixa alta, letra 12, alinhado à esquerda)

Os trabalhos completos deverão ser submetidos em texto padrão Word, formato.doc ou .docx, contendo entre 08 e 10 páginas numeradas incluindo as referências bibliográficas. Deve ser utilizado este template como modelo. Todo o corpo do texto deve ser redigido em letra Times New Roman, o título em caixa alta e negrito (TNR 14), seguido de resumo de 10 linhas em português e em inglês, com no mínimo 3 e no máximo 6 palavras-chave, em TNR 10, espaço simples. O texto do artigo deve estar em TNR 12, espaço simples - citações em TNR 10, espaço simples e recuo de 4cm. Utiliza-se o sistema autor-data para as referências.

Exemplo de citação: (citações em TNR 10, espaço simples e recuo de 4cm)

A estrutura do texto segue a recomendada para os trabalhos: resumo e abstract, introdução, metodologia, resultados e discussão, considerações finais, agradecimentos, referências bibliográficas. O texto também procura esclarecer como o processo de seleção de trabalhos é conduzido. (AUTOR, ano da publicação, página)

1.1. Subtítulo (TNR, negrito, letra 12, alinhado à esquerda)

REFERÊNCIAS (TNR, letra 10, alinhado à esquerda)

Livros: SOBRENOME DO AUTOR, Nome. *Título em itálico* (em geral apenas em maiúscula a inicial da primeira palavra e a inicial de substantivos próprios). Tradutor (no caso de obra originalmente escrita em outra língua). Edição (exceto em se tratando de 1ª edição). Cidade: Editora, ano.

Capítulos de livros: SOBRENOME DO AUTOR, Nome. Título do capítulo em letra comum sem aspas, termo *In* ou *Em*, dois pontos, SOBRENOME DO ORGANIZADOR OU EDITOR DO LIVRO, Nome do Organizador ou Editor do Livro, entre parênteses a palavra organizador (org.) ou editor (ed.), *Título do livro em itálico*. Tradutor. Edição. Cidade de publicação: Editora, ano, páginas inicial-final do capítulo.

Artigos em periódicos: SOBRENOME DO AUTOR, Nome. Título do artigo sem aspas. Termo *In* ou *Em*, dois pontos, *Título do periódico em itálico*, Volume, número. Cidade: Editora, mês e ano, páginas inicial e final do artigo

Artigos em Congresso: SOBRENOME DO AUTOR, Nome. Título do artigo sem aspas. *In*: NOME E NÚMERO DO CONGRESSO (em caixa alta), data e local em que foi realizado.

Título da publicação em itálico. Organizador. Cidade: editora, data, páginas inicial e final do artigo.

Legislação: PAÍS, *Norma jurídica em itálico* – descrever todo preâmbulo. Ou: ENTE FEDERATIVO (no caso de Lei Estadual ou Municipal), *Norma jurídica em itálico* – descrever todo preâmbulo. Ou: NORMA JURÍDICA – preâmbulo *In:* (Referência da obra fonte).

Artigos na internet: SOBRENOME DO AUTOR, Nome. Título do artigo sem aspas. Termo *In* ou *Em*, dois pontos, Nome do site, se houver, seguido da expressão “Disponível em”, endereço eletrônico, data do acesso.

Filmes: PRODUTOR DO FILME. *Título do filme em itálico.* Diretor. Ficha técnica, com nomes do roteirista, do produtor executivo e de outros que se pretenda destacar. Elenco principal. Produção: País. Distribuidora. Ano da realização.

OBS: AS EXCEÇÕES E DEMAIS FORMATAÇÕES DEVEM SEGUIR AS NORMAS DA ABNT.

BANNER - Medida padrão: 80 centímetros (largura) x 100 centímetros (altura)

6. XII ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, X MOSTRA DE PÓS-GRADUAÇÃO e II MOSTRA DE EXTENSÃO – FATEA – 2015

COMISSÃO EXECUTIVA

- Prof. Dr. Wellington de Oliveira – FATEA
- Prof^a. Ir. Dr^a. Olga de Sá – FATEA
- Prof^a. Ir. Me. Silvana Soares – FATEA
- Prof. Dr. Rosinei Batista Ribeiro – FATEA
- Prof^a. Dr^a. Luciani Vieira Gomes Alvarelli - FATEA
- Prof^a. Dr^a. Claudia Lysia de Oliveira Araújo – FATEA
- Prof. Dr. Nelson Tavares Matias – FATEA
- Prof. Dr. Paulo Sérgio de Sena – FATEA
- Prof. Dr. José Wilson de Jesus Silva – FATEA
- Prof. Dr. Gilbert Silva – UNIFEI
- Prof. Dr. Glauco José Rodrigues de Azevedo – UNIFEI
- Prof. Dr. Jorge Luiz Rosa – USP
- Prof. Dr. Emerson Augusto Raymundo – UNISAL
- Prof. Dr. Henrique Martins Galvão – FATEA
- Prof. Dr. Humberto Felipe da Silva – USP / UNISAL
- Prof. Dr. Eduardo Norberto Codaro – UNESP
- Prof^a. Me. Stela Maris Leite Carrinho de Araújo – FATEA
- Prof^a. Me. Polyana Zappa – FATEA
- Prof^a. Me. Bianca Siqueira Martins Domingos – FATEA
- Prof^a. Me. Rosana Tupinambá Viana Frazili – FATEA
- Prof^a. Me. Maria Cristina Marcelino Bento – FATEA
- Prof^a. Me. Neide Aparecida Arruda de Oliveira – FATEA
- Prof. Me. André Alves Prado – FATEA / USP
- Prof. Me. Diego de Magalhães Barreto – FATEA
- Prof. Me. Carlos André de Gonçalves – AEDB / FATEA
- Prof. Me. Adriano José Sorbille de Souza – FATEA
- Prof. Me. Jefferson José Ribeiro de Moura – FATEA
- Prof. Me. Marcus Vinícius Monteiro Gonçalves – FATEA
- Prof. Me. Darwin Rodrigues Mota – FATEA
- Prof^a. Esp. Sônia Maria Gonçalves Siqueira – FATEA
- Prof^a. Esp. Rosana do Carmo Montemor – FATEA
- Prof. Danny Cristian Gomes Bustaman – IST
- Celso Ricardo Paraguay – PPG – DTI – FATEA
- Prof. Warner Brezolin – FATEC / UNISAL
- Genésio Marcondes Júnior – PPG – DTI – FATEA
- Luiz Fernando Vargas Malerba Fernandes – FATEA
- Pâmela Sabrina Barbosa Bento – FATEA
- Sérgio Henrique de Oliveira Júnior – FATEA
- Darlan Conceição Alves – FATEA
- André Martins – FATEA
- Bruno da Silva de Oliveira – FATEA
- João Matheus dos Santos Ribeiro - FATEA

- Talita Kathleen Correia de Sousa – FATEA
- Natália Lemes Iqueira Aguiar de Souza – FATEA
- Caroline Freire – EEL / USP

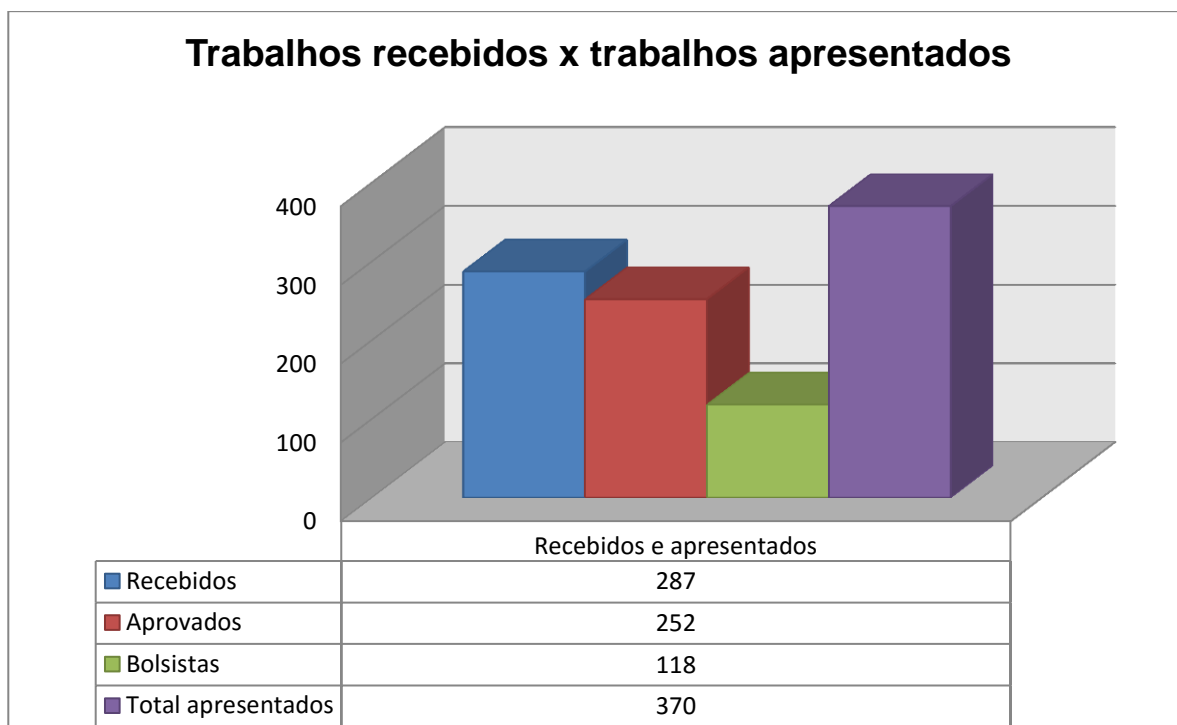
COMISSÃO ORGANIZADORA

Instituto Superior de Pesquisa e Iniciação Científica - ISPIC, Núcleo de Publicações, Biblioteca “Conde de Moreira Lima”, DPCom – Departamento de Comunicação e Design, Escritório Executivo Júnior, NEAD – Núcleo de Ensino à Distância, Coordenadores dos cursos, FM INOVA, Fundação Olga de Sá e a Comissão Própria de Avaliação – CPA.

COMITÊ CIENTÍFICO

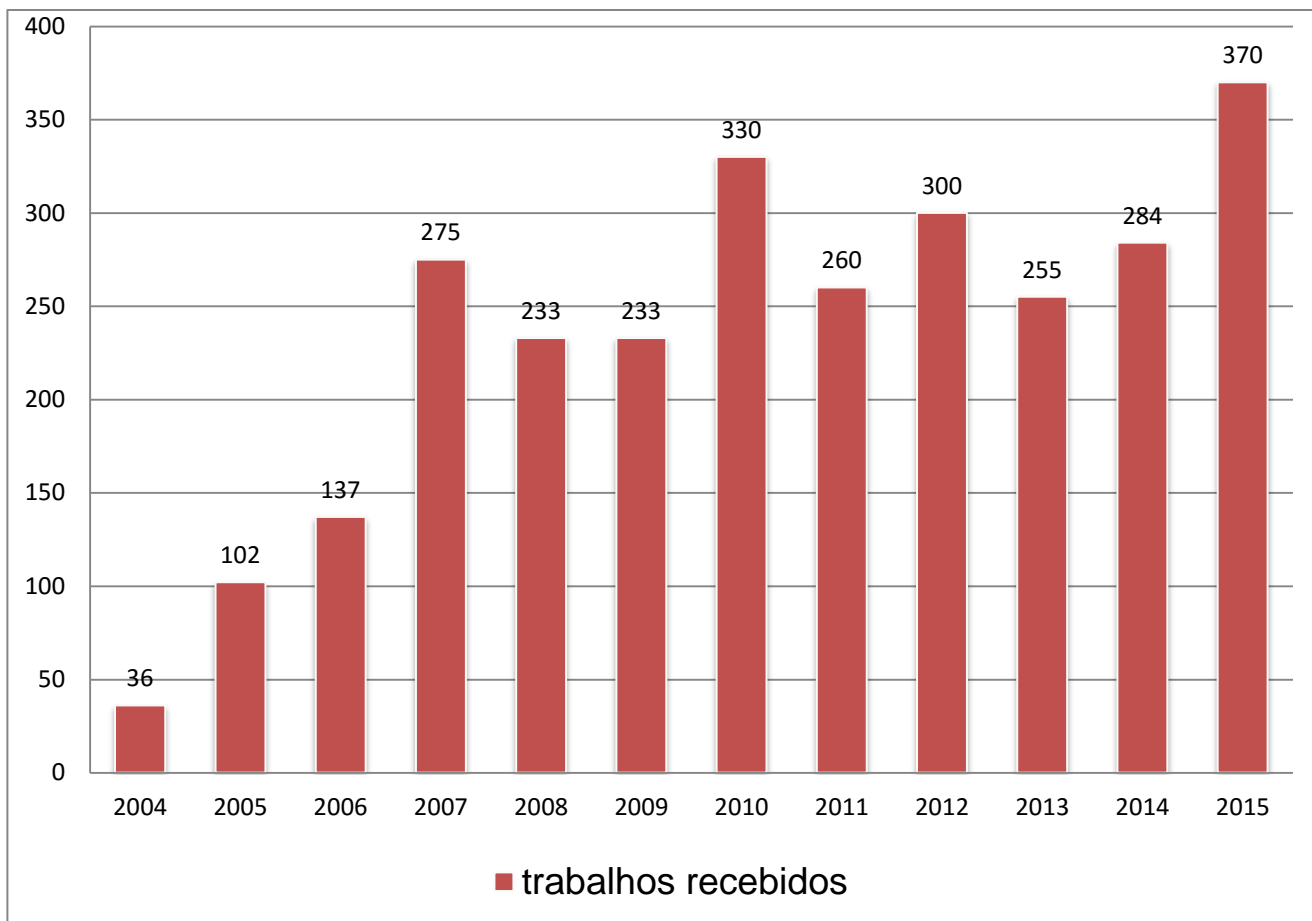
- Prof. Dr. Wellington de Oliveira – FATEA
- Prof^a. Ir. Me. Silvana Soares – FATEA
- Prof. Dr. Rosinei Batista Ribeiro – FATEA - FATEC
- Prof^a. Dr^a. Luciani Vieira Gomes Alvarelli – FATEA - FATEC
- Prof^a. Dr^a. Claudia Lysia de Oliveira Araújo – FATEA
- Prof. Dr. Nelson Tavares Matias – FATEA
- Prof. Dr. Paulo Sérgio de Sena – FATEA
- Prof. Dr. José Wilson de Jesus Silva – FATEA
- Prof. Dr. Jorge Luiz Rosa – USP
- Prof. Dr. Emerson Augusto Raymundo – UNISAL
- Prof. Dr. Henrique Martins Galvão – FATEA
- Prof. Dr. Eduardo Norberto Codaro – UNESP
- Prof^a. Me. Stela Maris Leite Carrinho de Araújo – FATEA
- Prof^a. Me. Maria Cristina Marcelino Bento – FATEA
- Prof^a. Me. Neide Aparecida Arruda de Oliveira – FATEA
- Prof. Me. André Alves Prado – FATEA / USP
- Prof. Me. Diego de Magalhães Barreto – FATEA
- Prof^a. Me. Bianca Siqueira Martins Domingos - FATEA
- Prof. Me. Adriano José Sorbille de Souza – FATEA
- Prof. Me. Jefferson José Ribeiro de Moura – FATEA
- Prof^a. Esp. Rosana do Carmo Montemor – FATEA
- Celso Ricardo Paraguay – PPG – DTI – FATEA
- Paula Mayumi Hashimoto – PPG – DTI – FATEA
- Cristiano Augusto Cunha Silva – PPG – DTI – FATEA
- Prof. Warner Brezolin – FATEC / UNISAL
- Genésio Marcondes Júnior – PPG – DTI – FATEA
- Caroline Freire – EEL / USP
- Prof. Me. Marcilio Farias da Silva
- Prof^a. Dr. Mary Mitsue Yokosawa
- Prof^a. Dr. Benedita Hirene de França Hering

RELATÓRIO DO XII ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, X MOSTRA DE PÓS-GRADUAÇÃO E II MOSTRA DE EXTENSÃO – FATEA – 2015



Observação: Neste ano, o evento contou com a presença de 21 instituições e a FATEA.

TRABALHOS RECEBIDOS NOS ENCONTROS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E MOSTRA DE PÓS-GRADUAÇÃO - 2004 a 2015



MELHORES TRABALHOS CIENTÍFICOS
APRESENTADOS NO XII ENCONTRO DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA, X MOSTRA DE PÓS-GRADUAÇÃO E II
MOSTRA DE EXTENSÃO DA FATEA

Título	Instituição	Autor
O Conto Fantástico Flor, Telefone, Moça de Carlos Drummond de Andrade como Desencadeante na Formação de Leitores	FATEA	Erika de Carvalho Ribeiro de Souza
Avaliação da Cadeia Produtiva do Gesso com Adição de Terras Diatomáceas na Indústria de Imagens Sacras na Cidade de Aparecida/SP	FATEA	Talita Kathleen Correia de Sousa
Medicamentos: descarte e suas consequências	FATEA	Miriane Aparecida Silva Teixeira
Substituição de Casas Populares de Alvenaria, Feitas Pelo Governo, por Casas Containers: Uma Medida Possível	FATEA	Luiz Felipe de Lima
Mídias Digitais e a Popularização da Ciência	FATEA	Sergio Henrique de Oliveira Junior
Análise do Comportamento Mecânico e Morfológico da Casca de Arroz Atuando como Carga em Gesso Aplicado à Indústria de Construção Civil	FATEA	Mayara de Oliveira Alves e Luiz Fernando Vargas Malerba Fernandes
Avaliação do Comportamento da Corrosão na Relação Aço Estrutural e Concreto Com Adição de Casca de Ovos como reforço mecânico aplicado a Indústria de Construção Civil	FATEA	Ana Carolina Rodrigues Ribeiro
Análise da Qualidade, Ergonomia Informacional e as Formas de Corrosão em Placas de Sinalização	FATEA	Adriano Monteiro de Brito
Comunicação e Tecnologia na Escola por meio da Mídia	FATEA	Nathalia Thomé de Souza
A Tragédia de Eloá: A Autorregulação Ética do Jornalismo Nacional	FATEA	Julia Beck Ferreira
Desenvolvimento de kits didáticos e pedagógicos utilizando as ferramentas Kansei e Permatius	FATEA	Celso Ricardo Paraguay
Análise Verbovisual: A Representação da Mulher em uma Propaganda de Absorvente de 1953	UNITAU	Pedro Henrique Monteiro Whately Martins
Tratamento de Esgoto Sanitário: Uma Solução Simples e Ecológica de Interesse Social	FATEA	Mayara de Oliveira Alves
Estudo Interdisciplinar de Viabilidade de Aplicação do Tijolo de Solo-Cimento na Construção Civil: Economia Aliada a Sustentabilidade	FATEA	Guilherme Santos Sampaio
A Língua Estrangeira e Utilização no Mercado de Trabalho: Uma Experiência no Ensino Médio	FATEA	Jamilli Máximo Bechare
Habitação de Interesse Social: Necessidade Populacional ou Política?	FATEA	Carlos Eduardo de Sene Ferreira
A Migração Nordestina e a Contribuição para o Desenvolvimento do Vale do Paraíba	FATEA	Ana Maria da Silva dos Reis
Os Desafios do Cuidar: Revisão Bibliográfica sobre Cargas e Satisfações do Cuidador de Idosos	FATEA	Andréia Hias Faleiros
Qualidade de Vida, Aspectos Sociodemográficos e Clínicos de Pessoas com Feridas Crônicas	Escola de Enfermagem Wenceslau Braz	Valéria Tristão Ferreira
Utilização de medicamentos e risco de interações medicamentosas em uma instituição de longa permanência	FATEA	Fabíola Monteiro Querido Nascimento
Educação em Saúde no Contexto da Alta	Escola Superior de	Fabiano Fernandes de Oliveira

Hospitalar de Paciente de Unidade de Terapia Intensiva	Cruzeiro	
A Deficiência Mecânica do Concreto Poroso e seu Fortalecimento com Aplicação de Nanotubos de Carbono	UNISAL	Luiz Fernando de Lima
Estudo Etnobotânico do Limão: Um Levantamento Bibliográfico	FATEA	Jaasiel Espindola Villar
Expressão Heteróloga e Caracterização Bioquímica de uma Endoglucanase Gh12 Não-Específica de <i>Aspergillus Terreus</i> Linhagem Nih2624	USP	Matheus Augusto Raimundo Nogueira da Silva
Dom Bosco, o Educomunicador dos Tempos: Seus Sonhos como Ferramenta Educativa	FATEA	Ariane Barbosa de Oliveira
A Bíblia em Aplicativos para Dispositivos Móveis	Canção Nova	Adriana Ferreira da Silva
Maçonaria: Por Trás de uma Venda	FATEA	Douglas Rossi Rosa Galli Manso
Arte e Poética da Vida e Obra do Artista Plástico Mestre Messias Neiva: Uma Referência de Luta pelo Empoderamento Social	UNIFEI	Rosimar Alencar Silva Barbosa
O Desenvolvimento da Habilidade Escrita em Língua Inglesa: Construção de Conceitos, Rede de Significações e Contextos de Pesquisa	FATEA	Sérgio Gomes
Os Operadores Argumentativos Adversativos no Gênero Discursivo Crônica de Rubem Braga	FATEA	Renata de Cássia Bernardes Gonçalves
A Percepção da Mulher em Relação à Vivência do Câncer de Mama e Colo de Útero	FATEA	Pedro Henrique Cunha Ibarra Ferreira
Estudo das guildas alimentares de aves em ambiente urbano e florestal de Lorena/SP	FATEA	Thomas Vinícius Motta
Fluency in English: Uma Experiência entre os Cursos de Licenciatura em Pedagogia e Letras	FATEA	Jonathan Florentino da Silva
Historicising Market Halls in Brazil and Hungary: Estudo do Mercado Central de São Paulo e Budapeste	FATEA	Adélia Guiomar da Silva
Identidades por meio da Fotografia: A História Revivida pela Memória	FATEA	Geovana Mara da Silva Rosa

ARTIGOS COMPLETOS

HISTORICISING MARKET HALLS IN BRAZIL AND HUNGARY ESTUDO DO MERCADO CENTRAL DE SÃO PAULO E BUDAPESTE

RESUMO

Têm-se como objetivo mostrar uma breve história sobre Mercados Centrais, no caso do Brasil – São Paulo e um exemplo da Hungria – Budapeste. Um pouco do contexto histórico dos exemplos citados acima será mostrado durante o trabalho.

O Mercado existe desde muito tempo, de diferentes épocas e estilos. A ideia é mostrar como era usado e o porquê de tantas mudanças, quais são os principais aspectos dessas áreas estudadas.

Ambos os mercados, atualmente, têm obtido grande valor comercial, como no contexto histórico e turístico.

No Brasil, vários mercados partem do ideal dos mercados de antigos países, onde muitos são baseados em estilos europeus. Questões relacionadas aos materiais, como quando o vidro e o ferro tornaram-se fonte primária de grandes edifícios, mostrando a necessidade de se fornecer aos centros urbanos que estavam em fase de formação e crescimento.

Através desse estudo, mostrar o processo de apropriação dos lugares para o uso desses mercados e suas construções como experiência urbana e social. Nessa pesquisa, dois exemplos de mercados centrais construídos em seus aspectos históricos são mostrados em maiores detalhes.

Palavras-chave: Mercado Central; Brasil e Hungria; Ciências Sem Fronteiras; BME; FATEA;

ABSTRACT

This research aims to show a short history of the market halls, in this case in Brazil - São Paulo and an example of Hungary - Budapest. A bit of historical context on markets and on the examples cited above will be show during the research.

Markets existed since a long time, at different times and ways. The idea is to show how it used works and why so many changes, which are the main aspects of these areas.

These markets, even today, are great value of the regions that have in commercial, in historical and in touristic context.

In Brazil very new markets consisted of the same idea as the oldest countries, however many of them were based on European styles. The question of materials will also punctuated in the essay, when the glass and iron became the primary source of large buildings, showing the necessity of supplying the urban centers that were forming and growing.

Through this study, thoughts show the processes of appropriation of places for the use of markets and their construction as urban and social experience. In the essay, two examples of market halls built in historicizing style are showed in better details.

Key-words: Market Hall; Brazil and Hungary; Science Without Borders; BME; FATEA;

INTRODUÇÃO – ARQUITETURA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Novas técnicas construtivas aparecem na arquitetura na metade do século XIX causado pelas novas possibilidades de construção de prédios tanto em seu tamanho como no número de pavimentos e tendo uma forte conexão com a vinda do ferro, presente em grandes estações de trem, casas, mercados centrais e mais tarde com a larga produção de vidro. Com o ferro foi possível criar estruturas maiores e mais fortes, sem mencionar a facilidade e a agilidade de se trabalhar com o material

Já o século XX é marcado pela procura de novos estilos e formação de fachadas. O estilo Eclético transforma suas fachadas, tornando independente a área interna ou de sua função. O ecletismo como estilo do século XIX baseava-se em formas, motivos de estilos anteriores, porém com novas abordagens. Os arquitetos escolhiam o estilo e, muitas vezes, chegavam a criar uma miscigenação entre diferentes elementos.

O arquiteto nessa época encontrava-se um pouco distante do dinamismo e não conseguia alcançar as reais necessidades da nova sociedade industrial. Por conta de melhor infraestrutura, saneamento e o progresso da ciência, cidades começam a sofrer com o rápido crescimento da vida populacional. A arquitetura nesse período era uma arquitetura baseada em lugares, prédios e habitações burguesas.

No início do século XX e exatamente no fim da Primeira Guerra Mundial, a Europa contava com um novo estilo arquitetônico, mais conhecido como Arquitetura Racionalista ou Movimento Moderno, que funcionava com linhas construtivas, derivada de ornamentos vazios, até que opiniões contra os ornamentos começaram e tomando como conclusão a Segunda Revolução Industrial, abandonando a imitação de antigas técnicas.

Ainda no mesmo século, o Brasil não se encontrava muito diferente do que acontecia na Europa, passa-se quase todo o século falando sobre Modernismo e louvando grandes arquitetos brasileiros. A arquitetura moderna no Brasil teve duas vertentes, sendo um a Arquitetura Racionalista Moderna¹ e a Arquitetura Orgânica².

O Racionalismo Moderno tinha como propósito a melhora ao acesso a arquitetura reduzindo custos através das soluções de padronização, ou seja, o uso repetitivo de elementos, passando a industrializar portas e janelas, por exemplo. Os detalhes e motivos arquitetônicos foram gradualmente tornando-se mais calmas e simples de abordar com as ideias modernas.

¹ O termo racionalismo estrutural refere-se ao movimento francês no século XIX associada com os teóricos Eugène Viollet-le-Duc e Auguste Choisy. A essência do racionalismo estrutural foi a crença que a forma arquitetônica não deve ser determinada pelo estudo racional dos princípios estruturais.

² Arquitetura Orgânica tem como filosofia a arquitetura na qual promove harmonia entre habitações humanas e o meio natural através de um projeto que se aproxima de modo simpático e bem integrado ao seu local, que os edifícios, mobiliários e seu entorno tornam-se parte de uma composição unificada.

1. HISTÓRIA DOS MERCADOS CENTRAIS

O Mercado Central foi a forma encontrada para a troca de produtos nas antigas cidades, e atualmente com a mesma função, o que certamente é devido ao incremento de outras atividades no mesmo local. A princípio os mercados eram locais descobertos, o que posteriormente foi coberto, como por exemplo, Halles em Bruges (Bélgica)³, The Hungerford Market⁴ e Crystal Palace em Londres (Inglaterra) ⁵entre outros lugares.

No século XIX a comunicação entre grandes distâncias ficou mais frequente através das linhas de trem. Com o crescimento do capital privado, alguns vendedores locais sofreram com essas modificações.

Na Era Medieval, os trabalhadores não tinham lugar fixo para a venda de seus produtos e suas atividades geralmente eram produzidas dentro de pequenas casas sem grandes cuidados e iluminação.

Com o bom funcionamento dos novos mercados, o governo passa a ter um maior interesse no controle das vendas que aconteciam no local, dos produtos que eram vendidos e também dos vendedores. Esse interesse era subdividido em três diferentes categorias, sendo eles as pessoas que trabalhavam lá, nomeados respectivamente em cidadãos com jardins, fazendeiros fora da cidade e os vendedores.

Os cidadãos que tinham seu próprio jardim poderiam fazer suas plantações livremente, tinham maior liberdade. Os fazendeiros poderiam apenas comercializar frutas secas e cada um seria designado aos locais de venda.

2. MERCADOS NO BRASIL – SÃO PAULO

A diferença do Mercado municipal da cidade de São Paulo, comparados aos outros, é grande, porém contém muitas semelhanças.

A cidade de São Paulo foi fundada em 1554, mas se tornou cidade no século XIX, quando a industrialização chega ao Brasil.

O primeiro mercado regular apareceu no século XVIII, mais conhecido como “casinhas”, no qual vendiam alimentos não perecíveis e funcionavam as quitandas com alimentos perecíveis. As casas eram lugares onde os produtores da área ofereciam suas mercadorias para venda.

Com a vinda dos imigrantes europeus no século XIX, entre 1870 e 1880, o “centro” sofre grandes modificações, onde produtos antigos dão lugar para produtos processados e serviços.

³ Bruges foi uma das cidades mais prósperas dos Alpes. Esse mercado começou em c. 1240 com uma grande torre no meio intensificada, no século XV, e completado por um pináculo. O mercado envolve diferentes tipos de produtos, com mercearias, especiarias, açougues, mas também doces facas e roupas. No piso superior é um espaço para festas.

⁴ Foi construído em 1830-33 e foi perto de um rio. Ela consistia de um grande salão com um pátio aberto. O salão foi construído em forma de basílica com galerias em arcos sobre os corredores. O pátio menor foi destinado para os peixes. Esta tornou-se sala de aula em 1851 e foi queimada em 1854. Em 1862 uma estrada de ferro comprou todo o local.

⁵ O O Palácio de Cristal utilizou colunas e vigas de ferro, vigas no telhado, milhares de calha, painéis de vidro, entre outros. O mercado foi fundado em 1851. Um terreno com uma linda fonte e coleções de estátuas, árvores e monumentos de animais da pré-história e foi muito famosa pela sua torre de água. Em 1936 o local é destruído por um incêndio.

Apesar de se falar em consumismo, nos séculos XVII, XVIII e XIX, o sentido era completamente diferente do conceito moderno. (COSTA 2004, PG.132)

Um cenário de crise como produto do próprio processo de expansão do capitalismo e sob seu comando que, mundializado, produziu a contradição entre espaços integrados/desintegrados ao capitalismo mundial redefinindo, neste movimento, os conteúdos do desenvolvimento desigual – uma dialética que se desloca do tempo para o espaço. (CARLOS 2006, PG.76)

Na década de 50, a necessidade de supermercados, e conseqüentemente hipermercados, trazendo sérias conseqüências para o comércio, consumidores, e toda a vida da cidade.

Antes do que atualmente conhecemos como mercado, o fornecimento de mercadorias para as pequenas famílias, eram feitas nos próprios locais próximos as suas casas, o que ainda é possível encontrar em algumas cidades.

O que se observa com relação aos espaços comerciais mais antigos, como o dos mercados públicos, é uma tendência de sujeição desses espaços ao novo momento econômico, caso contrário não sobreviveriam por muito tempo. (PINTAUDI; 1999, p. 157)

2.1. Mercado Central de São Paulo

A construção do Mercado Municipal de São Paulo foi rápida com a utilização do ferro. As atividades lá desenvolvidas foram especializadas e reorganizadas com o crescimento do comércio entre produtor e consumidor desses produtos.



A construção do Mercado Central. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=GSxvXMtJ9Q8>>

O Mercado Municipal, fundado em 1933, é especializado na venda de frutas, vegetais, grãos, carnes e outros produtos. É localizado no antigo centro de São Paulo, sobre a área do Rio Tamanduateí⁶, na vizinhança do Mercado, na antiga área da Várzea do Carmo⁷.

O prédio foi construído em estilo Eclético entre 1928-1933 pelo arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo⁸, a fachada pelo Felisberto Ranzini⁹ e os vitrais pelo Conrado Sorgenicht Filho¹⁰, usando como tema a produção de comida.

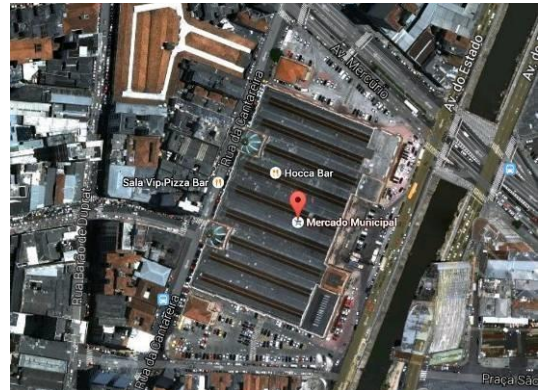
⁶ O Rio Tamanduateí é um Rio que passa pelo estado de São Paulo no sudeste do país.

⁷ Várzea do Carmo foi o nome de uma das áreas centrais da cidade de São Paulo, adjacente ao convento do Carmo e frequentemente inundada pelo Rio Tamanduateí. Depois da canalização do rio, o local caiu em desuso. Atualmente a área é, a grosso modo, equivalente ao Parque Dom Pedro.

⁸ Francisco de Paula Ramos de Azevedo (Sao Paulo SP 1851 - Guarujá SP 1928). Engenheiro, Arquiteto, Administrador, Empresário e Professor.

⁹ Felisberto Ranzini (San Benedetto Po -1881). Pintor, Aquarelista e Decorador.

¹⁰ Conrado Sorgenicht (1835-1901). Trabalhou com pinturas, imitação em madeira, vitrais e faixas decorativas.



São Paulo. Fonte: <<https://www.google.hu/maps/@-20.6564809,-48.1878231,5z>>



Fachada – Fonte: <<https://www.flickr.com/photos/licassuncao/2668378726/>>



Vitrail – Fonte: <<https://www.flickr.com/photos/licassuncao/2668378726/>>

O Mercado surgiu devido ao grande crescimento da cidade de São Paulo e a comercialização de plantações de café e do porto que existia no rio Tamanduateí, facilitando a chegada de barcos com mercadorias. O edifício foi concluído em 1932, mas não abriu. Posteriormente, o mercado se tornaria paiol de pólvora e loja de material de guerra durante a chamada Revolução de 1932¹¹. Em 1933 o edifício foi inaugurado como mercado. O mesmo

¹¹ Foi um movimento armado em São Paulo, Brasil, entre Julho e Outubro de 1932, no qual visava a derrubada do poder de Getúlio Vargas e a promulgação da nova constituição do país.

declinou com a abertura da CEAGESP¹², por causa do rápido crescimento e a demanda de mercadoria.

Em 1973, a demolição foi determinada pelas normas de saúde e segurança, mas isso não aconteceu. Os proprietários de bancas, feirantes e os adeptos ao local, conseguiram fundos para a restauração do edifício através do CONDEPHAAT¹³ no 1970/80.

O Mercado Municipal Paulistano não é hoje o único centro de abastecimento de São Paulo, mas continua sendo um dos mais importantes e o mais tradicional, abastecendo boa parte da rede hoteleira e restaurantes de São Paulo, devido à excelente qualidade de suas mercadorias, aos produtos importados (da China à Itália), às especiarias raras que não se encontram em outro lugar do país [...]. (DAROS 1995, PG.52)

Destaca-se pela sua grande importância quando se trata de função urbana, historicamente falando. Atualmente desempenha um papel de menor importância no que diz respeito ao fornecimento da população, por isso a recuperação e restauração do prédio e os arredores.

O edifício contém atualmente 12.600 m², 1.600 funcionários e 291 bancas para os trabalhadores.

A renovação do edifício é caracterizada pelo cuidado extremo para com os espaços, que foram muito bem projetados e funcional, iluminação natural foi um dos pontos de recuperação com o uso de bóias e telhas de vidro transparente. O prédio tem semelhanças suficientes com o Mercado Central, em Berlim¹⁴.



Mercado Central de Berlin em 1896 – Fonte: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.138/4113>>



¹² Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo.

¹³ Conselho de defesa do patrimônio histórico, arqueológico, artístico e .

¹⁴ O Mercado Central de Berlin foi modelo de vários Mercados construídos no Brasil. Três desses mercados com tais características estão na cidade de Santos, Rio de Janeiro e São Paulo.

Mercado Central de São Paulo – Fonte: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/03.036/2259>>

Os vitrais foram projetados por um alemão, onde os 32 são subdivididos em 72 vitrais com imagens dos colonos no cultivo, colheita e tração animal para arar e transporte, currais, pássaros e paisagem.



Interior do Mercado – Fontes:

<<http://galeriade fotografia.com/2011/01/19/teto-do-mercado-municipal-sao-paulo/>>

<<http://www.eu-gourmet.com/2013/02/o-mercado-municipal-de-sao-paulo.html>>

<<http://www.shoppingid.com.br/blog/mc-designer-e-voce-museus-e-mercados/>>

3.1 MERCADOS NA EUROPA – BUDAPESTE

A Europa tinha vasta área para os mercados, grande parte em áreas públicas, como em ruas e praças. Atualmente não se sabe, ao certo, onde exatamente a ideia da construção do sistema de mercado nasceu.

Nos séculos XVIII/XIX, abastecer a população com alimentos tornou-se ainda mais difícil, o que só poderia ser feito através a longas distâncias. A partir desse momento algumas pessoas passaram a ganharem vantagem com a situação difícil. Por exemplo, entre 1770 e 1784, a França sofria com os preços elevados, falta de comida e população faminta.

Prices rose to such an extent due to the general state of confusion that it was no longer worth while sending produce to Paris. It is recorded that bread had become so expensive by 1789 that it was not considered a disgrace to ask guests invited to lunch to bring some bread with them. (NAGY, 1997, p. 7)

Napoleão considerou que o fornecimento de comida era um objetivo básico, por isso estabeleceu o sistema institucional de mercados municipais. Esta foi a primeira implantação para ajudar no fornecimento de alimentos para uma grande cidade.

Na Grã-Bretanha e na França, no século XVII :

The market has continued to be a place of not only economic ties but also social stemmed. The place where a thousand social and personal transactions; where conveyed the news circulated rumors and gossip. (THOMPSON 2008 , p.110)

O Madeleine Market Hall, em Paris, foi quase completamente construído em ferro e vidro e foi concluída em 1824, sendo um dos primeiros exemplos de um salão de mercado clássica. Mais tarde a construção de Halles Centrales tornou-se o maior e foi o centro deste sistema.



Halles Centrales, Paris – Fonte: <<http://www.inshop.es/2010/06/el-ventre-de-paris-emile-zola-i.html>>

Nas grandes cidades, vastas áreas foram cobertas mais tarde, durante o século XIX, onde o alimento pode ser armazenado e vendido e estariam protegidos contra as intempéries.

Os mercados tomaram grandes áreas e o uso de novos materiais, tais como concreto armado e ferro, facilitou ainda mais a sua construção.

No século XIX, a capital da Hungria teve grande rapidamente, deixando-o mais perto de outras grandes cidades europeias. O primeiro mercado apareceu na vizinhança de um ponto de rotas principais e área comum.

A ideia tinha surgido em 1860, que substituiria os lugares inadequados que serviram de mercado, onde tudo e todos estariam protegidos da temperatura, ganhariam maior controle de venda e os preços estabilizados.

Depois do modelo alemão, mercados municipais foram recomendados em vários distritos além dos especializados em determinados tipos de produção, como na França e na Inglaterra. Os mercados para venda em atacado foram planejados em cada distrito, para substituir os mercados de rua, dando um total de cinco mercados municipais.

The 19th century market halls are not just covered markets, they are much more than that: in the large cities it became necessary to construct buildings where aspects of the ancient function, that of purchasing food, could be developed in accordance with new demands. (NAGY, 1997, p. 7)

Os grandes mercados passaram a não ser aceitos a partir do ponto de vista da higiene e da saúde pública, porque os alimentos que não haviam sido vendidos eram deixados lá até a próxima venda de modo a perder a sua qualidade e a venda de alimentos não tinha controle.

Até o final do século XIX a forma tradicional de alimentação pública foi o ponto principal de Budapeste. Aqui eram 44 mercados ao redor e na cidade. A qualidade da venda era primitiva e as condições de higiene não eram suficientes. Além disso, a autoridade responsável pelo controle de alimentos tornou o sistema ainda mais difícil. Outro problema foi o alto preço dos produtos. A mudança dos mercados para mercados centrais foi mais lenta do que qualquer outro tipo de urbanização em Budapeste.



Budapeste – Fonte: <<https://www.google.hu/maps>>

3.2 Mercado Central de Budapeste

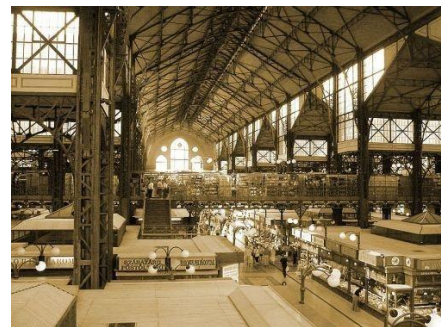
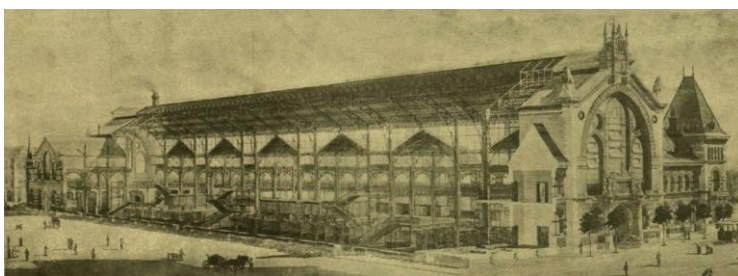
No dia 18 de setembro em 1872, Edouard de la Pontonerie Besnier, o empreiteiro francês, deu a dica de um grande centro de comida, porque cada tipo de alimento estava em uma determinada área da cidade, se houvesse uma junção com um lugar central seria atraente para os consumidores e mais fácil de regular os preços.

No plano, cada pavilhão iria separar seus produtos por tipo, tais como jogos, manteiga, ovos, e cada pavilhão com um supervisor.

Boatos dizem que antes de abertura da competição para a construção do mercado, Company Eiffel havia assinado contrato para projetá-lo, mas de qualquer forma, o concurso foi aberto, não só para os húngaros, mas também para os arquitetos e engenheiros de outros países.

Um dos requisitos para a competição foi a resolução para diferentes níveis de ruas da área circundante. Samu Pecz correspondeu com os requisitos.

O design do edifício feito por Samu Pecz foi finalmente escolhido em 11 de janeiro de 1893. A construção foi estimada em 2,2 milhões FT, com a ressalva de que todo o programa deveria estar concluído em 1895.



Market Hall Budapest – Fonte:

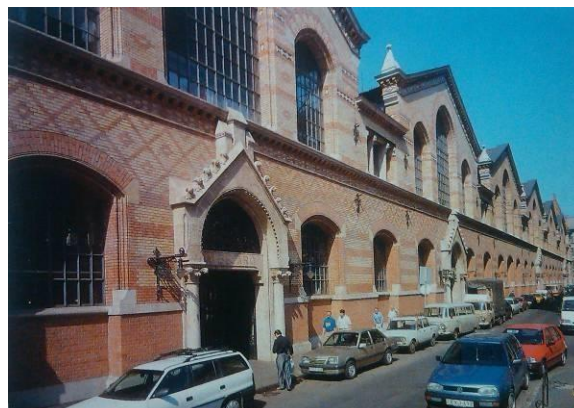
<http://www.utazzitthon.hu/budapest_kozponti_vasarcsarnok.html>

<<http://keptar.oszk.hu/html/kepoldal/index.phtml?id=041354>>

Algumas barreiras surgiram durante o processo de construção, como o preço de custo do trabalho que excedeu o valor máximo determinado. Finalmente, no dia 21 de fevereiro, em

1894, decidiu-se que o plano de Samu Pecz ¹⁵seria implementado e a construção iniciada imediatamente, a tempo para abertura da exposição milenar de 1896.

A abertura oficial ocorreu às oito da noite, no dia 15 de fevereiro, onde milhares de pessoas participaram da cerimônia de abertura.



Budapest Market Hall – Fonte: NAGY, 1997, p. 33

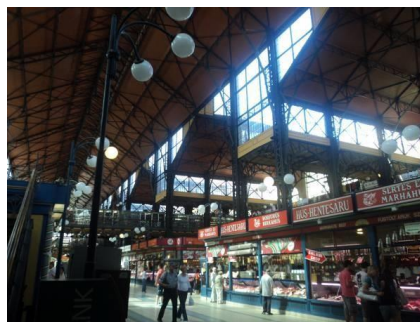
O mercado tem 60,61 m de largura, 220 m de comprimento e tem 20,55 m de vão central. O edifício é uma área coberta de 10.400 m² de uma altura de 28 m, no qual cresceu durante sua reforma, em 1994, para o novo acesso de veículos. No total, o edifício abrange mais de 24.000 m².

O edifício tinha grande preocupação para com o isolamento, entrada de luz, ventilação e os cuidados sobre fumaça que devem ser expelidos.

O interior do edifício está dividido em duas partes, com tenda para os mantimentos ao lado do Danúbio e os varejistas distritais, do outro. As bancas de carne são separadas em quiosques fechados.

Na área abaixo podemos encontrar mantimentos, frutas, queijos, manteigas, entre outros.

Na Segunda Guerra Mundial, o mercado sofreu danos graves, mas logo começou a restauração. Em 1991, o salão estava em mau estado e teve que ser fechado, mas em 1992-4 foi retomado sua construção com alguns requisitos mais modernos. A estrutura inteira foi renovada entre outras alterações.



Budapest Market Hall – Fonte: Fotos tirada pela autor.

¹⁵ Arquiteto húngaro e Professor acadêmico (1854-1922).

4.0 CONCLUSÃO

Neste ensaio foi feito um levantamento mostrando a dinâmica social dos mercados, destacando seus importantes pontos históricos e tratar os mercados como a centralidade dos grandes centros urbanos como grandes símbolos da experiência urbana.

Os mercados têm tal importância e forte significado histórico e cultural, que não só refletem a história de suas cidades, mas também tornar-se elementos da cultura local e regional.

A reconstrução da trajetória do mercado permitiu uma melhor análise de um universo que contém esses locais e ao grande impacto e as consequências da modernização, características de grandes centros urbanos contemporâneos de todo o mundo.

Pode-se observar que essas duas grandes cidades têm crescido exponencialmente, mas que, no caso de São Paulo, o planejamento não acompanhou tal como a velocidade. Com o rápido crescimento do comércio teve que passar por uma grande transformação para atender às demandas e necessidades da população.

A história deles mostra que os mercados se tornaram grandes lojas. Desde a sua construção, a questão da demolição até as suas reformas. Houve grandes transformações em seu funcionamento, desde o fornecimento de grandes atrações, abastecendo diferentes clientes até grandes hotéis e restaurantes. Houve uma mudança de função para atender às necessidades atuais da região.

As necessidades atuais da população em busca de qualidade e atendimento diferenciado, de modo que quem não se encaixa neste novo caminho, não sobrevive. Os principais mercados municipais precisam de atualização constante para evitar a perda de espaços para novas formas de comprar, competindo com os atuais mercados principais. Assim, não só os dois mercados utilizados em pesquisas, mas outros mercados precisam de políticas públicas que apoiem a mesma para permanecer na frente de tantas outras formas de negociação que atualmente encontrados.

5.1 ANEXOS

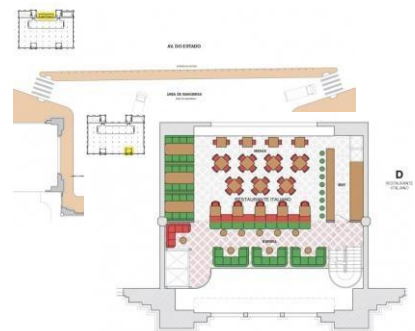
5.2 Mercado Central de São Paulo (Novo Projeto)



Planta Baixa



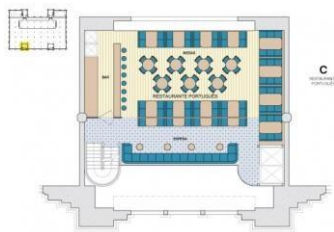
Restaurante espanhol



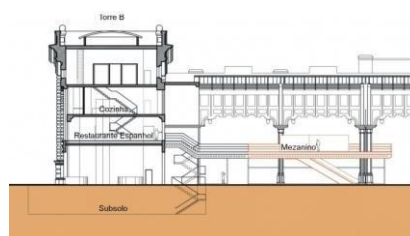
Restaurante italiano



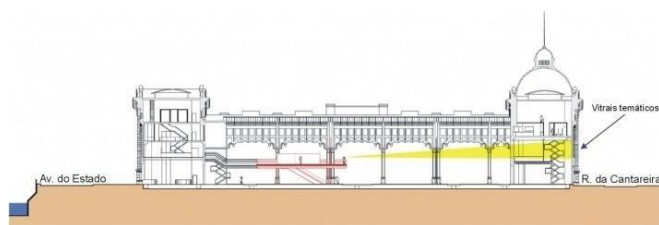
Restaurante brasileiro



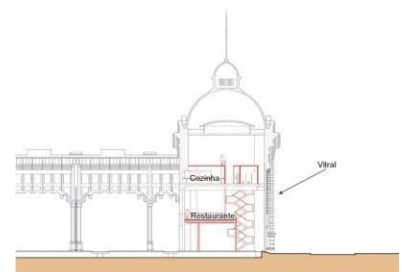
Restaurante Português



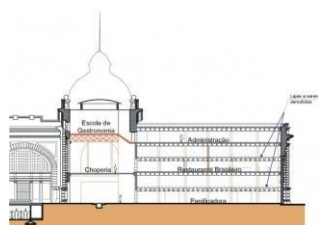
Corte A - Torre



Corte Transversal

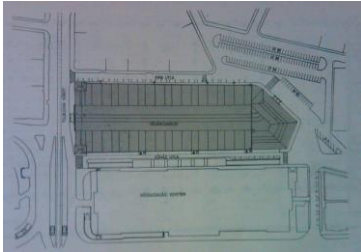


Corte C e D - Torre

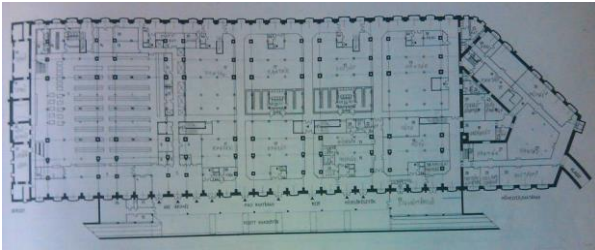


Mezanino, Torre e Corte do Subsolo

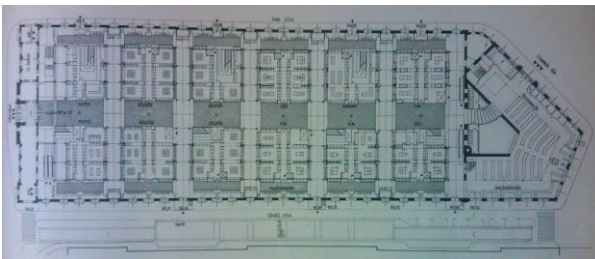
5.3 Mercado Central de Budapeste



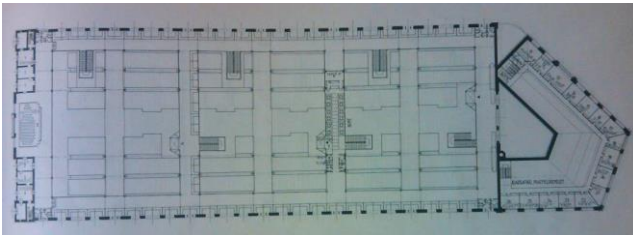
Implantação



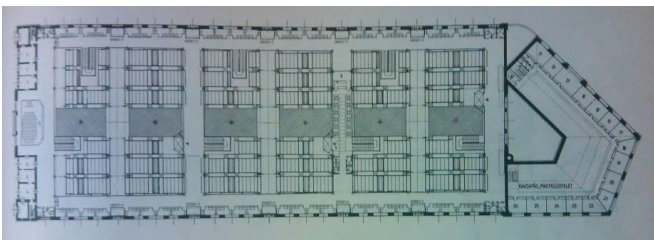
Planta baixa – Pavimento 1



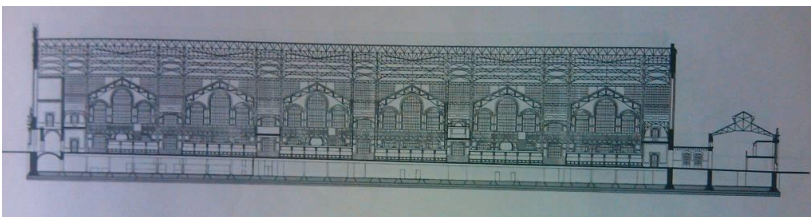
Planta baixa – Pavimento 2



Planta baixa – Pavimento 3



Planta baixa – Pavimento 4



Corte Transversal

6.0 REFERÊNCIAS

A ARQUITETURA DOS MERCADOS PÚBLICOS. Tipos, modelos e referências projetuais.

Available in:

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.138/4113>

A ARTE DO VITRAL EM SÃO PAULO.

Available in:

<http://www.metallum.com.br/56cbc/palestras-confirmadas-detalhes.php>. Accessed: 24 april. 2014.

A CASA RANZINI. Uma casa florentina na liberdade.

Available in:

<http://casaranzini.blogspot.hu/p/a-casa-ranzini.html>. Accessed: 24 april. 2014.

AZEVEDO, RAMOS DE (1851 - 1928).

Available in:

http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=5394&cd_item=1&cd_idioma=28555. Accessed: 24 april. 2014.

CARLOS, A. F. A.

Dinâmicas urbanas na metrópole de São Paulo. Em publicação: América Latina: cidade, campo e turismo. Amália Inês Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006. Available in: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/04alessand.pdf>. Accessed: 02 april. 2014.

COSTA, J. F.

O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 242 p.

DAROS, E.

As mudanças das estratégias públicas no comércio de alimentos: os mercados municipais. Rio Claro: [s.n.], 1995. 87 f.: il., tabs.

GY. BALOGH

GY. BALOGH Ágnes: Pecz Samu élete és munkássága – The Life and Œuvre of Samu Pecz. In: Armuth Miklós, Lőrinczi Zsuzsa (eds.): Műegyetem – a történeti Campus / the Historic Campus: A Budapesti Műszaki és Gazdaságtudományi Egyetem történeti campusa / The Historic Campus of the Budapest University of Technology and Economics. Budapest, Budapesti Műszaki és Gazdaságtudományi Egyetem, 6Bt, 2013. pp. 264-277.

MERCADO MUNICIPAL.

Available in:

http://pt.slideshare.net/adeliasilva1232/savedfiles?s_title=mercado-municipal-histria-e-visitao&user_login=b-liz. Accessed: 03 april. 2014.

MERCADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

Available in:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_Municipal_de_S%C3%A3o_Paulo. Accessed: 02 april. 2014.

NAGY

NAGY Gergely: Market halls in Budapest from the turn of the century to the present. Szelényi House, Veszprém, 1997.

ORGANIC ARCHITECTURE.

Available in:

http://en.wikipedia.org/wiki/Organic_architecture. Accessed: 24 april. 2014.

PEDRO PAULO DE MELLO SARAIVA.

Available in:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Paulo_de_Mello_Saraiva. Accessed: 02 april. 2014.

PERIODIC PUBLICATION ONLINE:

VIEIRA, ANA ALICE DE OLIVEIRA (2010). O mercado municipal paulistano frente às transformações na metrópole. Accessed: 02 april. 2014.

In:<http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arq/trabalhos/d4f35adb83203946a28b492c23693bf0.pdf>

PEVSNER PEVSNER Nikolaus: A history of building types. In: Thames and Hundson - London. Market halls, conservatories and exhibition buildings, 1976. 235-256.

PINTAUDI, S. M. A cidade e as formas de comércio. P. 143-159. In: CARLOS, A. F. A. (org.). Novos caminhos da Geografia. São Paulo: Contexto, 2001.

RACIONALISM. Structural Rationalism.

Available in:
[http://en.wikipedia.org/wiki/Rationalism_\(architecture\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Rationalism_(architecture)). Accessed: 24 april. 2014.

REQUALIFICAÇÃO DO MERCADO MUNICIPAL PAULISTANO.

Available in:
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/03.036/2259>. Accessed: 02 april. 2014.

THOMPSON 1981 Os Supermercados na Grande São Paulo: contribuição ao estudo da transformação do comércio varejista de gêneros alimentícios nas grandes metrópoles. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia. São Paulo: [s.n], 1981. 108 f. il., mapas, tabs.

THOMPSON 2008 A economia moral da multidão na Inglaterra do século XVIII. Trad. de Frederico Ágoas e José Neves. Lisboa: Antígona, 2008.

VADAS 2005 VADAS Ferenc: Közélelmezés és vásárcsarnokok Budapesten. In: P. CSENDES - A. Sipos (eds.): Bécs - Budapest. Budapest Főváros Levéltára, Budapest - Bécs, 2005. 165-174.

VÁRZEA DO CARMO.

Available in:
http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%A1rzea_do_Carmo. Accessed: 24 april. 2014.

A BÍBLIA EM APLICATIVOS PARA DISPOSITIVOS MÓVEIS

RESUMO

Este artigo investiga a presença da Bíblia nas mídias digitais, analisando suas características em termos de linguagem hipermediática em aplicativos utilizados em dispositivos móveis, tais como, *Tablet* e *Smartfone* e dos modos pelos quais essas novas mídias podem ampliar a difusão e a compreensão das Escrituras de forma atualizada e renovada. Diante dos avanços da *Internet* e de suas possibilidades na difusão do Evangelho foram analisados aplicativos, tendo em vista o uso dos recursos do hipertexto (interatividade e usabilidade) e da multimídia (sons, textos, imagens e vídeos), fundamentados na teoria de Lucia Leão e apoiados em outros autores como Santaella e Júlio C. Freitas. A partir de um quadro comparativo, chegou-se a conclusão que a maioria dos aplicativos oferece o texto bíblico sem explorar plenamente os recursos da hipermídia. Mas em contra partida, cumprem sua função de disponibilizar e fazer chegar à mão em um novo suporte incorporado ao cotidiano das pessoas a Bíblia toda ou parte dela.

Palavras-chave: Bíblia; hipermídia; aplicativos; religião; dispositivos móveis.

ABSTRACT

This article investigates the presence of the Bible in digital media, analyzing their characteristics in terms of hypermedia language applications used on mobile devices such as Tablet and smartphone and the ways in which these new media can expand the dissemination and understanding of Scripture refreshed and renewed way. Given the advances in Internet and its possibilities in spreading the Gospel applications were analyzed, considering the use of hypertext features (interactivity and usability) and multimedia (sound, text, images and videos), based on the theory Lucia Lion and supported by other authors as Santaella and Julius C. Freitas. From a comparative table, we reached the conclusion that most applications offers the biblical text without fully exploit the capabilities of hypermedia. But balancing item, fulfill their function of providing and to reach by hand in a new built-in support to the daily lives of people the whole Bible or part of it.

Key-words: Bible; hypermedia; applications; religion; mobile devices.

INTRODUÇÃO

Desde que se iniciou a tradição escrita, buscou-se formatos cada vez mais apropriados para conter a palavra. Nos primeiros séculos da era judaica e cristã os livros eram manuscritos em rolos de pergaminho, por conta da perseguição aos cristãos, o formato rolo foi substituído por folhas de papel dobradas, denominadas códice. Este formato permitia o transporte de pequenos volumes com maior quantidade de textos, sem serem percebidos, por debaixo das vestes dos cristãos. Porém, a difusão dos textos Bíblicos ainda era pequena em relação ao que viria a ser, pois a forma de se produzir uma cópia era manuscrita e latim.

Com a invenção de Gutemberg, a prensa por tipos móveis e o protestantismo impulsionando a

publicação dos textos bíblicos em língua vernácula a difusão da Bíblia como um todo ou em partes se tornou vultuosa. Pois permitia uma reprodução numerosa e rápida, em formatos que tomaram dimensões cada vez menores e de manuseio facilitado. Essa forma de reprodução impressa perdurou sem modificações por mais de cinco séculos.

Com as tecnologias móveis e a convergência digital, a Bíblia foi transposta de diversas maneiras para o formato digital e a cada dia ela vem se reconfigurando e assim permanecendo acessível das mais variadas formas e meios. A Bíblia que passou a ficar em casa agora voltou para a bolsa, para o bolso de muitas pessoas em forma de aplicativos em seus *tablets* e *smartphones*. Esses formatos permitem ainda novas formas de interação com os textos sagrados uma vez que utilizam os recursos da hipermídia.

1. A HIPERMÍDIA

Neste artigo hipermídia refere-se a uma tecnologia que reúne recursos do hipertexto (interatividade e usabilidade) e da multimídia (sons, textos, imagens e vídeos), que dá ao usuário a liberdade de explorar conteúdos por caminhos que ele mesmo quiser utilizando os recursos multimidiáticos que lhe convier. A definição adotada de hipermídia é a proposta por Lucia Leão (1999), que define o termo hipermídia da seguinte maneira: “um tipo de escritura complexa, na qual diferentes blocos de informações estão interconectados” (LEÃO 1999, p. 9).

Na hipermídia é possível que um aplicativo ou *site* trabalhe com um grande número de informações vinculadas, denominada rede multidimensional de dados. A partir dessa rede, ressalta a autora é que está constituído o sistema hipermidiático, capaz de proporcionar experiências mais amplas de leitura e conhecimento, no caso específico dos textos bíblicos um percurso além da palavra escrita (LEÃO, 1999).

A Hipermídia é a evolução do Hipertexto, “documento digital composto por diferentes blocos de informação interconectados. Essas informações são amarradas por meio de elos associativos, *links*. Os *links* permitem que o usuário avance em sua leitura na ordem que desejar.” (LEÃO, 1999, p. 15). Esses são elementos que definem o potencial interativo e a usabilidade do *software* ou aplicativo; Tomaremos também a definição de multimídia “em seu sentido mais comum, ou seja, a incorporação de informações diversas como som, textos,

imagens, vídeo, etc.” (LEÃO 1999, p. 16).

Em uma análise simples, é possível perceber o quanto ficou mais fácil, ao alcance das mãos, obter informações que antes eram disponibilizadas nos tradicionais suportes de comunicação que não estavam integrados. Para Santaella “a hipermídia é uma extensão do hipertexto, pois não se limita à informação escrita, mas permite acrescentar aos textos não apenas os mais diversos grafismos [...], mas também todas as espécies de elementos audiovisuais.” (SANTAELLA, 2001, p. 24).

Para um estudo da Bíblia a possibilidade de acessar de forma associativa as informações, pode suscitar descobertas através das redes temáticas que existem entre os textos. É importante recordar que os textos bíblicos fazem referências a textos da própria Bíblia. Por exemplo, o cântico do *Magnificat* proclamado por Maria (Lucas 1, 46-55): trata-se de um cântico inspirado no cântico de Ana (I Samuel 12, 2-10) entrelaçado com citações do Antigo Testamento, sendo as principais o Salmo 110, 9; Salmo 88, 11; Salmo 106, 9; Isaías 41, 8s; Salmo 97, 3. Há 275 citações literais do Velho Testamento no Novo, mais de 235 referências específicas”, afirma Manguel (1997, p. 119). Estes diversos pontos de entrelaçamento dos Testamentos, nos revela um processo de hipertexto a moda antiga. A partir dos múltiplos recursos oferecidos na hipermídia, pode se fazer estudos associados a imagens, a história deste tempo remoto, às interpretações artísticas estampadas em livros, paredes e vitrais das igrejas, também em filmes, obras de arte, reviver a experiência dos salmos cantados, entre outros. Estas são algumas das formas que a hipermídia pode ampliar e favorecer a interpretação e releitura dos textos bíblicos.

Lucia Santaella (2001, p. 390) ressalta que a hipermídia como linguagem é uma das faces mais importantes da cultura do ciberespaço. Graças, também, a sua capacidade de armazenamento de informações e através das interações dos usuários o conteúdo pode transmutar-se em inúmeras versões à medida que este usuário receptor se torna coautor (SANTAELLA, 2001, p. 393), compartilhando opiniões, conhecimentos ou experiências.

A interatividade foi outro ponto analisado nas interfaces dos aplicativos. Este é um elemento indispensável do processo hipertextual. Lucia Leão evidencia que por se tratar de um sistema interativo é preciso programar portas de acesso a outros percursos, quer seja para o documento ou para a rede, deixando caminhos potenciais a serem percorridos (LEÃO, 1999, p. 90-91). Os aplicativos e *softwares* costumam oferecer um sistema de ícones, que funcionam como

elementos de conexão e que facilitam esta navegação indicando os caminhos possíveis, estes

HIPERMÍDIA

ícones são um auxílio importante aos usuários (LEÃO, 1999, p. 28).

A interação com o meio hipermediático depende da interface que é a ponte entre o usuário e o sistema de hipermídia, para Julio César Freitas o principal desafio da interface é oferecer a possibilidade de uso, com linguagens decodificáveis a um ou mais usuários (FREITAS, 2005, p. 189). Portanto, um bom planejamento de interface depende de uma organização de raciocínio que permita o uso fluente e espontâneo. A partir de uma interface que proporcione um fácil e ágil manuseio o usuário tende a permanecer com o aplicativo, uma vez que nos *smartphones* eles ocupam boa parte do espaço disponível e quando não atendem a expectativa, são desinstalados rapidamente.

Por meio dos dispositivos móveis, o acesso aos conteúdos da Bíblia está sendo retomado, reorganizado e pode estar ao alcance das pessoas (fiéis, curiosos, pesquisadores, entre outros) assim como estão os *games* e as notícias. O uso constante de tais dispositivos já incorporados ao cotidiano torna o acesso muito mais rápido e constante. Ao analisar os aplicativos que disponibilizam a Bíblia ou parte dela, buscou-se verificar a interface, a usabilidade e a interatividade, de forma a perceber a relação e as convenções utilizadas neste meio que disponibiliza o texto bíblico por inteiro ou de forma parcial. Foram investigados quais projetos de fato exploravam os potenciais da linguagem hipermediática, isto é, que reuniam os recursos do hipertexto (interatividade e usabilidade) e da multimídia (sons, textos, imagens e vídeos).

Foram encontrados vários aplicativos relacionados ao tema central desta pesquisa, os selecionados são aqueles que oferecem conteúdo total ou parcial de forma gratuita, apresentaram identificação de autoria e o mínimo de credibilidade, ofertados em língua portuguesa. A análise dos aplicativos foi realizada entre agosto de 2013 e abril de 2014.

2. QUADRO COMPARATIVO DOS APLICATIVOS

Aplicativos	HIPERTEXTO								MULTIMÍDIA			
	USABILIDADE				INTERATIVIDADE				SOM	TEXTO	IMAGEM	VÍDEO
	Facilidade de uso e acesso interface				Diversidade de elos, conexões, associações, nós							
Ótima	Boa	Regular	Baixa	Ótima	Boa	Regular	Baixa	Voz música ruído	Texto escrito	Foto mapa desenho animação	Animado vivo gravado	
A Bíblia Sagrada			X			X				X		
Bíblia Free			X			X				X		
Bíblia Sagrada Netfilter			X			X				X		
Bíblia +1			X			X				X		
Bíblia Infantil		X				X			X	X	X	
Católico Orante		X				X				X	X	
I Liturgia			X			X				X	X	
Cristo_nautas		X				X			X	X	X	
Quis Bíblia 3D		X				X			X	X	X	
Sementes do Espírito		X				X				X	X	
Bíblia Glow	X				X				X	X	X	X
Total por itens	1	5	5	0	1	5	5	0	4	11	7	1

3. RESULTADO DA ANÁLISE

Os aplicativos estudados, quanto a Usabilidade, isto é, as facilidades de uso e acesso ao conteúdo através da interface, encontram-se em sua maioria entre bom e regular. Quanto a Interatividade, os aplicativos ficam centrados em seus próprios celeiros de conteúdos, os

considerados regulares trazem conexões que funcionam relativamente bem dentro do que se propõe como disponibilização do texto escrito, sem nenhuma outra forma de conexão com conteúdos diversos. Os considerados bons trazem apresentações variadas do texto bíblico e algumas possibilidades ilustrativas a mais, que é próprio da linguagem hipermidiática, porém, nenhum destes explora de fato todas as possibilidades oferecidas pelo hipertexto e os possíveis elos com conteúdos fora de seus domínios. O aplicativo que foi considerado ótimo possui uma grande quantidade de conteúdos, diversificados, integrados, com uma excelente e intuitiva forma de navegação dentro dos princípios mais atuais, além de funcionar muito bem. Os conteúdos de outras plataformas ou mídias foram adaptados e ou produzidos para figurarem em seu banco de dados.

Quanto a Multimídia, todos os aplicativos oferecem o Texto, quatro deles a possibilidade de escutar o texto bíblico através de uma narrativa, no caso infantil a narrativa é acompanhada de sons e efeitos sonoros. No que se referem à Imagem, sete deles oferecem algum tipo de foto, mapa, ou desenho, os mais avançados oferecem fotos, obras de arte, mapas ilustrados com recursos semelhantes do Google *Maps* ou Google *Earth*. Apenas dois oferecem vídeos sobre os temas Bíblicos.

O que se encontra no momento desta pesquisa sobre a Bíblia na Hipermídia, quer seja o conteúdo por inteiro ou em partes, são em sua maioria modalidades que possuem características semelhantes a da apresentação dos textos bíblicos impressos. A distinção ocorre de acordo com a interface, a usabilidade e com a aplicação de ferramentas mais ou menos avançadas de pesquisa, modalidades que trazem menor ou maior conteúdo explicativo. Alguns aplicativos para dispositivos móveis requerem vários toques e passagens por várias telas, outros são mais rápidos e permitem retornos diversos o que facilita o encontro de informações importantes que ficaram pelo caminho. As modalidades que trazem usabilidade ótima ou boa são ágeis e possuem um conjunto de conexões que possibilita ampla navegação pelas informações.

No caso da Interface os aplicativos estudados trazem uma boa elaboração, a parte artística de alguns é bem desenvolvida, outras são bem simples e básicas, atendendo ao que se propõe isto é, colocar o texto da Bíblia em formato digital. O compartilhamento com redes sociais e *e-mails* foi adotado pela maioria. Os retornos “*back*” funcionam bem nos modelos tidos como bons ou ótimos, o funcionamento do retorno vai além do fio de Ariadne, podendo fazer o retorno

diretamente ao ponto que se quer, sem precisar voltar passo a passo. Os aplicativos nem sempre oferecem outras formas de multimídia, se atendo em grande parte as conexões dentro do seu próprio conteúdo, portanto, não indo além do texto ou das mídias ali contidas.

Nesta análise foram encontrados aplicativos que se destacaram, por usarem os recursos da hipermídia: a Bíblia Glow, oferece a maior quantidade de recursos multimídia e atualização frequente que ficam disponibilizados para a exibição. Alguns dos aplicativos estudados oferecem planos variados de leitura (Bíblia +1, Cristonautas, Glow), que favorecem uma leitura variada e temática da Bíblia. A Bíblia Glow utilizou de grafismos e também criou passeios virtuais aos locais citados na Bíblia, como estão hoje, como se fossem documentários, com narrativas, entrevistas mescladas com dramaturgia que remonta o tempo antigo, permitindo ao usuário uma pesquisa mais aprofundada dos contextos, históricos, geográficos, sociais, culturais e atuais.

CONCLUSÃO

Atualmente a tecnologia digital tem feito uma revolução na forma de difusão do pensamento e do conhecimento. Tem trazido solução para algumas situações, tais como a de espaço, armazenamento, tempo, compartilhamento de informações, entre outras. No que concerne a este estudo, a disponibilização dos textos bíblicos por estes novos suportes, pode ajudar na popularização do acesso, o que não significa uma melhoria mais significativa do que a Bíblia no suporte impresso. Existem vantagens, porém, é errôneo pensar que todo novo suporte ou meio é melhor que seu antecessor, não é porque se trata de algo novo que o existente fica obsoleto ou perde seu valor.

As novas tecnologias cumprem certas funções de aproximação, popularização, acesso, interatividade, variedade de informações, armazenamento. A riqueza está no fato dos meios se complementarem de diversas formas usando as mais variadas formas interação e linguagens.

Ao final da análise percebemos que a maioria dos aplicativos encontrados ainda não exploram todas as possibilidades oferecidas pela linguagem hipermidiática no que se refere à interatividade. Mas favorecem a usabilidade através das interfaces que podem ser usadas nos

dispositivos móveis.

Quanto às possibilidades advindas da multimídia, vimos que em sua maioria os atuais inventos são uma transposição do texto escrito para o meio digital e que ainda tem muito a ser feito para que a Bíblia na hipermídia tenha um potencial que vá além do texto a ser lido.

Darnton (2010, p. 59) acredita que “algum dia, talvez, um texto numa tela portátil será tão agradável aos olhos quanto a página de um códice produzido há dois mil anos”. Para Bauman, é preciso tornar os livros mais adaptados à sociedade em que vivemos e ainda permanecer vigilantes para evitar que esta fique inadaptada ao formato dos livros (BAUMAN, 2003, p. 33).

Por fim, encontramos a Bíblia como um livro vivo, que não se perdeu no tempo, mas que se transforma o tempo todo. Como um organismo vivo, se adapta. A Bíblia visita as mídias e nesse encontro, apresenta novos potenciais de sensibilizar e despertar paixões.

LISTA DE APLICATIVOS ESTUDADOS

A Bíblia Sagrada <www.bustolin.com>;

Bíblia Sagrada Free <www.distimo.com/iq/app/apple-app-store/petrucci-tecnologia-e-servicos-de-informatica-ltda/biblia-sagrada-free>;

Bíblia Sagrada <<https://itunes.apple.com/br/app/biblia-sagrada/id370178518?mt=8>>;

Bíblia +1 <<https://itunes.apple.com/pt/app/biblia+1/id376874469>>;

Bíblia Infantil <<https://itunes.apple.com/br/app/biblia-infantil/id699488099?mt=8>>;

Católico Orante <www.catolicoorante.com.br>;

I Liturgia <www.cascubo.com>;

Cristonautas <<https://itunes.apple.com/us/app/cristonautas-1/id70159115?l=es&ls=1&mt=8>>

Quiz Bíblia 3D <weblinx.com>;

Sementes do Espírito <<https://itunes.apple.com/br/app/sementes-do-espirito/id532447867?mt=8>>

Bíblia Glow <<http://www.bibliaglow.com.br/recursos/>>.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmund, O Livro no Diálogo entre as Culturas. In: PORTELLA, Eduardo (Org.). *Reflexões sobre os caminhos do Livro*. Tradução de Guilherme João de Freitas. São Paulo: UNESCO/Moderna, 2003, p. 15-33.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREITAS, Julio C. O design como interface de comunicação e uso em linguagens hipermidiáticas. In: LEÃO, Lucia (Org.). *O Chip e o Caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias*. São Paulo: Senac, 2005, p. 183-196.

LEÃO, Lucia. *O labirinto da hipermídia: Arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 1999.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução Pedro Maia Soares. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

ROMEU E JULIETA ULTRAPASSA A FRONTEIRA DA ESCRITA E CHEGA AO MULTILETRAMENTO

RESUMO

O estudo da peça adaptada de William Shakespeare, Romeu e Julieta traz um contexto atualizado do amor vivido pelos jovens e dos conflitos existentes na sociedade em que viviam e que hoje também existem. Ao ser adaptado para uma nova versão atualizada da obra Romeu e Julieta compreende-se que a leitura pode tornar-se mais acessível para os neoleitores e junto com o multiletramento o docente pode torná-los aliados no processo de leitura dos clássicos de Shakespeare ultrapassando as fronteiras entre a dificuldade do discente em lêr os textos literários e a da utilização da tecnologia de multiletramento como incentivo para o desenvolvimento da comunicação e do envolvimento do discente com os personagens, com a época e o contexto que envolve a obra. Relacionando ambos os trabalhos ocorrerá uma relação no qual passado e futuro misturam-se e o neoleitor passa a ser interativo dialogando com seus personagens questionando e vivendo a história relatada e também incentivando outros neoleitores a conhecerem os clássicos literários.

Palavras-chave: multiletramento, linguagem, neoleitor, adaptação, aprendizagem.

ABSTRACT

The study of the adapted piece of William Shakespeare, Romeo and Juliet brings an updated context of love lived by young people and the conflicts existing in the society in which they lived and which now also exist. To be adapted to a new updated version of Romeo work and Juliet understand that reading can become more accessible to neoleitores and together with the multiletramento the teacher can make them allies in Shakespeare's classics reading process surpassing the boundaries between the difficulty of students to read literary texts and the use of multiletramento technology as an incentive for the development of communication and involvement of the student with the characters, with the time and the context in which the work. Relating both jobs will occur a relationship in which past and future mingle and neoleitor becomes interactive dialogue with their characters questioning and living the story told and also encouraging other neoleitores to know the literary classics.

Key-words: multiletramento, language, neoleitor, adaptation, learning,

INTRODUÇÃO

Leituras de livros clássicos nos tempos atuais concorrem com a tecnologia do mundo globalizado e com as literaturas escritas nos tempos atuais. O jovem tem maior interesse por livros que contam e abordam fatos mais atualizados em um estilo de literatura não considerada como clássica. De acordo com LAJOLO (2002) o leitor, entrelaça o significado pessoal de suas leituras de mundo, com os vários significados que ele encontrou ao longo da história de um livro. Neste processo, acontece a compreensão das ideias, a interpretação que segundo BAMBERGUERD (2003) fundem-se no ato da leitura que ocasiona em uma diversidade textual e que segundo os PCN (2001) permite que o indivíduo desenvolva as várias etapas de leitura que contribuem para a formação de leitores. Para FERREIRO (1990), Toda leitura é interpretação, e o que o leitor é capaz de compreender e de aprender depende do que o leitor conhece. A leitura abre um vasto mundo de conhecimento literário e por isso a Literatura Clássica Estrangeira tem sua importância dentro do aprendizado. O desconhecido mundo que lhe é apresentado ao jovem neoleitor com mundos e nomes desconhecidos mostram que o mistério, o romance, os conflitos existentes nas tramas levam o leitor a um mundo diferente do que ele percebe á sua volta e que ao mesmo tempo ficção e realidade misturam-se através da escrita. Essa percepção pode ser trabalhada e percebida pelo docente através do multiletramento que dá uma nova interpretação a produção textual. No trabalho de pesquisa desenvolvido analisamos o contexto literário adaptado da peça de William de Shakespeare com a intenção de compreender a receptividade dos jovens leitores em relação a nova adaptação da peça para a literatura. A metodologia empregada envolveu desde o estudo e leitura pelos discentes até a produção de um curta metragem.

2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Literatura: O hábito de ler e a criação do imaginário

A Literatura é uma palavra com origem no termo em latim *lettera*, que significa letra, e que nos remete a um conjunto de conhecimentos e competências que estão ligados à arte da gramática, da retórica e da poética e assim nos remete a um mundo de conhecimentos sobre cultura, costumes, época, política, sociedade que se inserem dentro de um contexto romântico ou não.

O ser humano que vive em sociedade é constituído de regras, de princípios e normas, desde criança quando se inicia o seu primeiro contato com o ambiente educacional é introduzido ao mundo da literatura. Passamos a compreender que a capacidade para aprender está também ligada ao contexto pessoal do indivíduo. Segundo Lajolo (2002) cada leitor, entrelaça o significado pessoal de suas leituras de mundo, com os vários significados que ele encontrou ao longo da história de um livro.

Quando somos crianças o primeiro conhecimento que adquirimos e o primeiro entrelaçamento que fazemos é com a imaginação daquilo que lemos e das imagens que vemos e em seguida começamos a ser introduzidos em outros tipos de leituras como: “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida”, “O Barba Azul”, “O Gato de Botas”, “Pequeno Polegar”, “A gata borralheira”, Branca de Neve”, “João e Maria”, “O Patinho Feio”, “O Menino maluquinho”, “Sítio do Pica Pau Amarelo”, “As aventuras de Narizinho”, os contos folclóricos, as lendas. As crianças começam a desenvolver a imaginação e a confrontar sua realidade com a realidade dos livros, e descobre que ela pode interferir nos fatos descritos e assim assumir o papel como sujeito da história em comunhão com seus semelhantes. Quando a imaginação da criança começa a ser compartilhado e divulgado e ela começa a envolver-se com as ideias, a ser compreensiva, a ser crítica e modificadora das situações prazerosas ou não.

Toda leitura é interpretação, e o que o leitor é capaz de compreender e de aprender através da leitura depende fortemente daquilo que o leitor conhece e acredita a priori, ou seja, antes da leitura”. (FERREIRO, 1990)

Dentro desse contexto compreendemos que a criança terá a sua impressão pessoal sobre a história e que nem sempre será positivo, o que devemos respeitar e levar a criança a identificar o que não agradou e permitir que ela crie novas soluções para a situação, observando que de alguma forma a situação está presente em sua vida (2009 apud PAÇO). Através da Literatura Infantil iniciamos a criança em um mundo imaginário

Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização. (CAGNETI, 1996, p.7)

Quando a criança começa esse processo imaginário, começa-se o processo de fundir o real, o homem, a vida, os sonhos pela palavra e quando ela começa a interagir com outras crianças que estão no mesmo processo iniciam-se as interpretações diferentes e o processo da interlocução.

2.2- A linguagem construtiva e a construção das idéias no neoleitor

A linguagem, segundo BAKHTIN (1992) é construtiva, isto é, o sujeito constrói o seu pensamento, a partir do pensamento do outro, portanto, uma linguagem dialógica.

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 1992, p112)

Ocorrendo essa interação social através do diálogo é que o neoleitor começa a tornar-se ativo na construção do significado de qualquer tipo de texto. Este processo que iniciamos nos primeiros anos de vida através dos sons; dos odores; do toque; do paladar e de acordo com MARTINS (1994) são os primeiros passos para aprender a ler. É portanto uma atividade que implica não somente a decodificação de símbolos, mas envolve também uma série de estratégias que permite o indivíduo a compreender o que lê. Neste sentido, relata os PCN'S (2001, p.54.):

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade.

Essa decodificação é apenas uma, das várias etapas de desenvolvimento da leitura. A compreensão das idéias percebidas, a interpretação e a avaliação são outras etapas que segundo BAMBERGUERD (2003, p.23) “fundem-se no ato da leitura” e com isto trabalhamos com a diversidade textual e que segundo os PCN'S (2001), fazem com que o indivíduo desenvolva as etapas de leitura e que assim contribuíssem para a formação de leitores competentes. Nesse processo de compreensão, de assimilação, de interpretação é que a Literatura acompanha o desenvolvimento da criança até a adolescência.

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sociocultural e uma situação social [...] Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. (GROPPO, 2000)

Nos tempos atuais, a jovem adolescente, que tem seu comportamento justificado, e que já traz uma bagagem genética de aprendizado inicia um novo processo de leitura Literária no qual o educador tem a função de o envolver com o ato de ler e começa-se a busca por uma literatura mais jovem e, então encontramos as adaptações dos clássicos literários para o público adolescente que possuem acesso ao mundo globalizado.

Hoje, no entanto, o acesso globalizado à informação por meio das novas tecnologias, o que se percebe é a juventude assumindo um padrão mais igualitário na maioria das sociedades. Vestem-se quase de maneira igual, utilizam-se dos mesmos recursos de comunicação, convivem em grupo (ou tribos) equivalentes e se confrontam com a sociedade de modo parecido, olhando para o mundo interagindo com as pessoas quase do mesmo jeito.” (GREGORIN, s/p. 2011)

Nesta fase percebemos que o jovem adolescente, ou seja, o nosso sujeito leitor pode ou

não ter o interesse pela leitura da Literatura e os educadores tem a função de escolher livros para continuar o trabalho de estimular a leitura preparando o adolescente para o universo dos textos de uma literatura que o acompanhará por toda a vida. O docente precisa encontrar na escrita do autor o que irá atrair o jovem para a leitura e com o jogo de linguagens modelar o imaginário com a história do livro.

Os traços dessa contaminação recíproca de literatura e imaginário sustentam-se na relação de complementaridade entre palavra e imagem, freqüentemente estabelecida por Alencar. Desde a maneira como qualifica a sociedade brasileira, inserida no turbilhão da vida moderna. (ALENCAR, 1959, p.694)

Essa relação do lêr com o imaginário nos faz perceber o poderoso discurso do romance. Figueiredo afirma em sua tese que o romance projeta no leitor uma imagem que transforma e harmoniza os traços indefinidos, vagos e dispersos em marcas de identificação, através das palavras.

Para analisar se o recurso é eficaz percebe-se que é muito importante a escolha do ponto de vista único da representação clássica, com seus requisitos de linearidade e com a construção de “uma verdade” (MENEZES, 1997, p. 29).

2-3 O Jovem neoleitor e sua identidade com a história e os personagens

Estimular a leitura no adolescente é resgatar as memórias de aprendizado adquiridas na infância e ao mesmo tempo é compreender o atual momento que ele vive psicologicamente e socialmente. O sujeito leitor e o educador tornam-se focos de uma discussão que envolve conhecimento e formação do jovem leitor que busca um diálogo com o mundo em que ele vive.

Em seu diálogo o adolescente neoleitor começa a buscar sua identidade e o mundo da Literatura juvenil passa a exercer um importante fator nesse processo. Ao lêr histórias nas quais ele passa a se identificar com os personagens e com os fatos narrados. É nessa identificação que começamos a buscar o que mais atrairá o jovem para a literatura. Nos tempos atuais os clássicos adaptados concorrem com livros e filmes estrangeiros como Harry Potter, Diário de um Vampiro, Crepúsculo, etc. Em ambos existe uma ligação que evidencia a personalidade dos jovens que são movidos por um amor incontrolável e avassalador que os leva a enfrentar um mundo nos quais as pessoas pensam e agem de forma diferente, com regras, conceitos e preconceitos. Em Harry Potter, um jovem marcado por uma história que o mais famoso bruxo do mundo dos bruxos mesmo sendo uma criança que cresce em uma escola de magia e que tem dois grandes amigos que se apaixonam e no fim o personagem Harry Potter apaixonou-se pela irmã de seu amigo. Infringindo Leis e enfrentando bruxos vilões, o jovem bruxo tornou-se um ícone para os jovens leitores de sua série.

Em Diário de um Vampiro, a história envolve dois irmãos vampiros que se apaixonam por uma mesma jovem humana. Os dois enfrentam conflitos, brigas e sempre vão a socorro da jovem quando ela está em perigo. Seguindo esta mesma linha encontramos a saga Crepúsculo, na qual também um jovem vampiro se apaixonou por uma humana e a defende de todos que querem matá-la. Contextos de crise política, da vida em sociedade tornaram-se o pano de fundo de todas essas histórias. Ao analisarmos essas obras encontramos um clássico da literatura inglesa que no passado tornou-se uma das famosas obras de Willian Shakespeare que é Romeu

e Julieta.

O artista cria o texto de forma que ele se abra a várias interpretações e sentidos. O uso poético e emotivo da palavra vai além de sua significação básica e permite ao leitor descobrir novos caminhos para entender a mensagem. Aí resiste toda a força da Literatura, em sua capacidade de instigar o leitor a desafiá-lo como em um jogo. (CASTRO,1993, s/p.)

O autor cria a sua beleza literária e não se restringe a um único padrão e por isso ela torna-se única e original onde as significações e mensagens ficam a mercê do sujeito criador e autor. Sendo assim, a boa literatura sobrevive aos valores intrínsecos, estéticos e, principalmente pela capacidade de corresponder-se com o público leitor, independente da forma como ele se apresenta, a obra literária possui capacidade de comunicação com leitores de distintas épocas a sua circulação nos mais diversos meios e a cada releitura surgem novas expectativas no leitor. E dentro desse universo de imaginação e palavras encontramos uma das peças teatrais mais famosas de Shakespeare: Romeu e Julieta, que transformou-se em livro.

2-4 A adaptação de Romeu e Julieta

Originalmente criada para o teatro, Romeu e Julieta ultrapassou os séculos e foi adaptada para os livros. A escrita foi adaptada da fala teatral e o livro foi escrito dividido por cenas de acordo com a peça encenada na época.

Existem três versões narrativas do tema de Romeu e Julieta que são de origem italiana, e foram produzidas entre os séculos XV e XVI. A mais antiga é a do italiano Masuccio Salernitano. Em 1476, ele escreveu uma coletânea de 50 novelas, intitulada *Il Novellino* dentre as quais se destaca conto de número trinta e três que conta a história de Mariotto e Giannozza, dois jovens nobres, pertencentes a famílias rivais que se amam, mas que por causa do ódio existente entre as famílias têm seu amor proibido. Em 1530, Luigi da Porto (1485-1529) fez uma releitura do enredo e chamou os protagonistas de Romeu e Giulietta e intitulando o seu conto de "*Historia novellamente ritroata di due nobili amanti*". Este conto é o que mais se aproxima da peça de Shakespeare e segundo Barbara Heliodora (s/p.1997), os amantes são nobres, a cena é Verona, as famílias são Montecchi e Cappelletti. A diferença é que Julieta se apaixona primeiro e é bastante oferecida, mas o desenvolvimento é semelhante. Segundo ainda a crítica, de Matteo Bandello que publicou várias novelas em 1554, Shakespeare aproveitou o desenvolvimento da tragédia e os nomes de alguns personagens que teve por objetivo "advertir os jovens que eles devem governar seus desejos e não cair em paixões".

No entanto, a fonte mais próxima de Shakespeare que se tem notícia é o poema A trágica história de Romeu e Julieta de Arthur Brooke. Segundo Barbara Heliodora, o "poema é longo e tedioso" mas ele ofereceu a Shakespeare toda a trama da sua tragédia, como informações sobre a Itália, Verona, hábitos sociais e mil outros detalhes úteis para a criação da peça. As diferenças são a de visão da moral e dos objetivos.

A produção literária no Brasil antes de 1880 era exclusivamente de origem européia. Carl Jansen foi o primeiro adaptador e tradutor de obras européias voltadas para o público jovem no final do século XIX no país. Shakespeare também utilizou-se de recursos de adaptações para contar a história nos palcos. Sendo assim, ele era um adaptador que trouxe para sua peça de Romeu e Julieta as crises políticas, de família e a paixão que pode levar os jovens a fazerem loucuras, ele mudou alguns contextos, na poesia de Brooke os jovens foram casados por vários meses e a culpa era de Julieta, já na visão do inglês a culpa era da família dos jovens, que tinham uma briga quase que política e diminuiu para cinco dias o tempo de casados. O texto

de Romeu e Julieta, foi encenado pela primeira vez em 1594, por uma trupe de atores homens, um costume do teatro elisabetano. No entanto, no ano de 1708, o papel Julieta foi interpretado por uma mulher.

Essa adaptação de Shakespeare é a mais utilizada nos tempos atuais.

A adaptação pode ser uma forma dos neoleitores sentirem-se atraídos pela Literatura Juvenil. Segundo Carvalho (2008) o adaptador propicia o cruzamento das expectativas entre as obras literárias originais e o neoleitor infante-juvenil e assim buscar reverter o desinteresse dos jovens pela leitura. O professor com a postura e a preocupação com a inclusão da literatura no dia-a-dia dos alunos, contribui com o incentivo, a cultura e valorização da nossa literatura que ao mesmo tempo que é tão rica é pouco incentivada por descaso e falta de maiores planejamentos, preservação e enriquecimento cultural de nossos estudantes e cidadãos.

Os irmãos Lamb (1964 apud CARVALHO, 2006) colocam a questão da mediação em suas obras acreditando que a adaptação não substitui a obra original, mas sim propicia um contato primário. Em 1986, adaptaram as peças teatrais de William Shakespeare, a pedido de um editor, transformando-as em conto.

O que estes contos representarem para os jovens leitores, e muito mais ainda, é o que desejamos sejam para eles, na idade adulta, as verdadeiras peças de Shakespeare: que lhes enriqueçam a fantasia, fortaleçam a virtude, deles afastem todos os pensamentos egoístas e mercenários e lhes façam vêr o que há de mais delicado e nobre em pensamentos e ações, que lhes ensinem cortesia, benignidade, generosidade, humanidade, pois de tais virtudes estão cheias as suas páginas. (LAMB; LAMB, 1964; apud CARVALHO, 2006)

Os irmãos Lamb trazem, portanto, a ideia de que adaptação não precise ser rígida em seus moldes. Pode-se mudá-la em sua totalidade e gênero, desde que mantenha sua essência com finalidade de aproximar o neoleitor do universo literário de Shakespeare.

Com a ampliação dos espaços para informação e comunicação promovidos pela Internet, aumentou-se o desenvolvimento das habilidades específicas que permitem ao leitor e navegador pesquisar, selecionar e refletir sobre o que ele lê o que emerge para uma condição para atuação com a linguagem mediada pela tecnologia. Com a evolução da tecnologia digital o que vem sendo evidenciado é o uso da linguagem em suas diferentes representações que são: verbal, visual ou sonora. Neste contexto a demanda de novos letramentos que proporcionam aos leitores e neoleitores condições necessárias para compreender a convergência entre as linguagens surge então o multiletramento como a habilidade interpretar a linguagem em suas diferentes representações. Para Dionísio (2006), o multiletramento incorpora outros tipos de letramentos ao letramento convencional; científico, visual, midiático, crítico, digital entre outros que surgem com demandas para interpretar novos arranjos textuais.

O multiletramento permite ao leitor, neoleitor que navega a compreensão dos novos modos de representação da linguagem verbal e não verbal que se materializam em diferentes gêneros textuais, digitais veiculados na Internet e também o domínio discursivo em crescente evolução.

Na perspectiva dos multiletramentos, o ato de ler envolve articular diferentes modalidades de linguagem além da escrita, como a imagem (estática e em movimento), a fala e a música. Nesse sentido, refletindo as mudanças sociais e tecnológicas atuais, ampliam-se e diversificam-se não só as maneiras de disponibilizar e compartilhar informações e conhecimentos, mas também de lê-los e produzi-los. O desenvolvimento de linguagens híbridas envolve, dessa forma, desafios para os leitores e para os agentes que trabalham com a língua escrita, entre eles, a escola e os professores.

2. METODOLOGIA

O desenvolvimento deste trabalho de pesquisa aconteceu em uma escola pública do Vale do Paraíba, no estado de São Paulo. A análise ocorreu durante um estudo da peça teatral de Willian Shakespeare: Romeu e Julieta, adaptada para os neoleitores da coleção *É só o Começo*, realizado pela Sala de Leitura com alunos do segundo ano do Ensino Médio. Para que este trabalho fosse realizado ele foi dividido em algumas etapas:

2.1-LEITURA DA PEÇA ADAPTADA DE ROMEU E JULIETA

Os alunos leram na Sala de Leitura a obra: Neoleitores - Romeu e Julieta, da Coleção *É só o Começo*. A obra lida permitiu que os discentes conhecessem a obra de Willian Shakespeare de forma atualizada. Até o momento em que o livro foi lido, os discentes desconheciam a história de Romeu e Julieta, escrita por Willian Shakespeare.

2.2-ANÁLISE DA OBRA

Após lerem a obra foram percebendo quem eram os personagens e suas reações e começaram o processo de identificarem-se com os personagens principais e os secundários. Eles analisaram também o comportamento de época dos jovens, da sociedade, da relação das famílias e do poder religioso para a época.

2.3-FILME DE ROMEU E JULIETA

Na terceira fase assistiram a um filme adaptado de Romeu e Julieta, que foi produzido em 2013 e mostrou ao jovem como era a época em que eles viviam suas roupas, sociedade e conflitos. O filme assistido permitiu um maior contato com a história e com os personagens e permitiu que eles percebessem a história e a narração adaptada das páginas dos livros.

2.4-PRODUÇÃO DE VÍDEO

Esta foi a última etapa do trabalho. Nesta fase os alunos tornaram-se os personagens da história de Romeu e Julieta, utilizaram a escrita para contarem a história de Romeu e Julieta adaptada para o vídeo para os jovens e produziram um curta metragem.

3. RESULTADOS

Com a escrita adaptada de Willian Shakespeare para uma linguagem atualizada os discentes neoleitores foram levados a conhecer a peça Romeu e Julieta de Willian Shakespeare e compreender a sua importância para época e o porquê esta peça que depois tornou-se um livro ainda é atual. A adaptação da escrita antiga para a uma linguagem mais jovem permitiu também a compreensão do enredo, do tempo, da época, do estilo de vida e dos conflitos que envolviam o amor de Romeu e Julieta. Com o trabalho de vídeo os jovens desenvolveram um trabalho de comunicação, de interpretação e de relação com a história lida. Os jovens tornaram-se críticos e ao terem contato com os personagens através da interpretação criaram os seus próprios comportamentos e também vestimentas. A produção de Nesta fase os alunos tornaram-se os personagens da história de Romeu e Julieta, utilizaram a escrita para contarem a história de Romeu e Julieta adaptada para o vídeo para os jovens e produziram um curta metragem que

incentivou os discentes a compreenderem a importância do clássico, a transformá-lo para uma linguagem de multiletramento que interessa aos internautas incentivando-os a leitura

4.-CONCLUSÃO

Com a leitura adaptada de Willian Shakespeare para uma linguagem atualizada levamos o discente a conhecer a peça de Willian Shakespeare e a adaptação da escrita antiga para a uma linguagem mais jovem permitiu a compreensão do enredo, do tempo, da época, do estilo de vida e dos conflitos que envolviam o amor de Romeu e Julieta. O neoleitor pode ser beneficiado com a leitura de obras bem adaptadas, pois a escrita tornou-se mais atualizadas e o contexto da obra é mantido. Sendo assim a essência da originalidade permanece para o neoleitor levando-o a compreender o pensamento de Shakespeare sobre a trama teatral possivelmente adaptada por ele de um poema que tornou-se famoso no mundo. A interpretação e a leitura dessa história pelos neoleitores mostrou que a história de Romeu e Julieta ultrapassa os séculos e pode ser atual assim como os livros escritos nos tempos atuais. Os conflitos existentes na época ainda são percebidos e compreendidos de várias formas. O trabalho do adaptador torna-se essencialmente criterioso de responsabilidade, pois ele é o mediador entre o neoleitor, a obra e seu autor. A produção do curta metragem contribuiu para mostrar que o multiletramento pode transformar o ensinar e o aprender. Os discentes tornaram-se personagens da história de Romeu e Julieta e a recontaram mostrando que houve uma aprendizagem interativa entre discente e docente e que os neoleitores tiveram uma boa aceitação da adaptação feita para uma linguagem mais atual.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, JOSÉ DE. Cartas sobre a Confederação dos Tamoios. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1960 a, v.4.

. As minas de prata. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar: 1960 b, v.4.

. Bênção Paterna. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1960 c.

. Lucíola. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1960 d.

BAKHTIN, MIKHAIL. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CAGNETI, SUELI. Livro que te quero livre. Rio de Janeiro. Nórdica, 1996

CARVALHO; DIÓGENES. Adaptação Literária para Crianças e Jovens Rubson Crusoe no Brasil. Em Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=534. Acesso em: 01.08.2015

CARVALHO; DIÓGENES. Adaptação Literária para Crianças e Jovens no Brasil e seus adaptadores. XI Congresso Internacional da Abralic. 13 de julho de 2008 USP-São Paulo. Tessituras, Interações, Convergências; USP; Abralic. Disponível em: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/047/DIOGENES_CARVALHO.pdf. Acesso em: 01.08.2015

DIONÍSIO, ANGELA. Gêneros multimodais e multiletramento. Em: KARWOSKI, ACIR;

GAYDECZKA, BEATRIZ; BRITO, KARINS. (org). Gêneros textuais: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

FARIA; Shakespeare, Romeu e Julieta. Ed. L&PM Pocket. 1998. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=WKFNVd970cIC&printsec=frontcover&dq=William+Shakespeare+Tradu%C3%A7%C3%A3o+de+Beatriz+Vi%C3%A9gas-Faria&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CC8Q6wEwA2oVChMIkvz_04DMxwIVR0GQCh2ALgST#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 01.08.2015

FIGUEIREDO, CARMEM LUCIA; Fragmentos de Tradição: efeitos da contaminação palavra e imagem. Em : Unigran. Disponível em: http://www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n3/inter_estudos/fragmentos.html. Acesso em: 15.08.2015

GREGORIN, JOSÉ NICOLAU. Literatura Infanto Juvenil. Ed. Melhoramentos.1ª.Edição.2011.SP

LAMB, CHARLES, LAMB, MARY. In: Contos de Shakespeare. Tradução Mario Quintana. Porto Alegre: Globo, 1964.

LAJOLO, MARISA. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo. Ática. 2002.

MENEZES, PAUL. **A trama das imagens**: manifestos e pinturas no começo do século XX. São Paulo: EDUSP, 1997

PAÇO, Glaucia Machado de Aguiar. O que é literatura infantil. In: O encanto da literatura infantil no CIMEI. PAIXÃO, Carmem Montes Mesquita: UFRRJ, 2009.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. 2001. Em: MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 15.08.2015

VIEIRA, GABRIELA. Adaptação para novos leitores: Como a literatura clássica adaptada fornecida às escolas do ensino público e utilizada pelos professores no processo de ensino estimula a leitura de Obras originais. *Em* Lume. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25758/000755133.pdf>. Acesso em: 15.08.2015

CUIDADOS PALIATIVOS: REVISÃO EMERGENTE E URGENTE DO CONCEITO

Resumo

Os cuidados paliativos são ações ativas e integrais prestadas a pacientes com doença progressiva e irreversível. O objetivo do trabalho foi revisar o conceito – cuidados paliativos preconizado pela OMS 2002 e ressignificar esse conceito pelos profissionais de saúde (médico e enfermeiro) no contexto de ensino e da prática em cuidados paliativos. Estudo com abordagem qualitativa, do tipo descritiva, exploratória e transversal. Utilizou-se do grupo focal como técnica de pesquisa. Os participantes foram um médico e dois enfermeiros. Emergiram-se quatro categorias: Cuidados paliativos: Simbiose entre arte, espiritualidade e ciência; Ressignificando o olhar para o cuidador profissional; Conexão paciente/cuidador e família, desde o início do diagnóstico e cuidados paliativos: Ferramenta e não estratégia para atender e assistir a multidimensionalidade da pessoa no cuidado operacional. As categorias emergiram em resposta aos objetivos propostos. Através destas foi possível observar a necessidade de uma revisão conceitual e a importância da implementação da disciplina Cuidados Paliativos nos cursos de graduação nas áreas de saúde.

Palavras-Chave: Cuidados Paliativos. Assistência. Enfermagem. Formação de conceito. Educação.

Abstract

Hospice care is an holistic and active service given to patients with progressive and irreversible diseases. The objective of this study was to review the hospice care concept recommended by WHO in 2002 and reframe the concept by health professionals (doctors and nurses) in the context of the teaching and practice of hospice care. This was a descriptive, exploratory, and transversal study with a quantitative approach. We used a focus group as a research technique. Participants were one doctor and two nurses. There arised four categories: Hospice: symbiosis of art, spirituality, and science; a reframing of the professional caregiver view; patient/caregiver and family connection from early diagnosis and the beginning of hospice care: Tools, not strategies, to know and attend to the multidimensional individual in operational, care. These categories emerged in response to the proposed objectives. Through these we observed the need for a conceptual review and the importance of the implementation of a hospice care discipline in undergraduate courses in health.

Key-words: Hospice Care. Assistance. Nursing. Concept formation. Education.

INTRODUÇÃO

Os cuidados paliativos são ações ativas e integrais prestadas a pacientes com doença progressiva e irreversível, em que o mais importante são os aspectos psicossociais e espirituais e o alívio da dor e do sofrimento do paciente e de seus familiares (FALCO et al., 2012).

(Moraes, 2008) menciona que a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2002, definiu cuidados paliativos como:

Uma abordagem que aprimora a qualidade de vida dos pacientes e da família que enfrentam problemas associados, com doenças ameaçadoras de vida, através da prevenção e alívio do sofrimento, por meio da identificação precoce, avaliação correta e tratamento de dor e outros problemas de ordem física, psicossocial e espiritual (Moraes, 2008, p. 10).

Todavia, esse conceito que nos remete ao paciente fora de possibilidades terapêuticas de cura, muitas vezes rotulado como "terminal", traz a falsa ideia, para os profissionais de saúde, de que nada mais possa ser feito. Porém, o paciente, em fase terminal, está vivo e tem necessidades especiais, que, se os profissionais de saúde estiverem dispostos a descobrir quais são, podem ser atendidas e proporcionarão conforto durante essa vivência (VASCONCELOS; SANTANA; SILVA, 2012).

Portanto, o conceito e a respectiva assistência paliativa não devem ser, como se percebe, considerados uma alternativa após a ineficácia de tratamento curativo, mas um conjunto de cuidados prestados ao paciente, desde o início de sua terapêutica, configurando, assim, uma abordagem especializada para ajudar a pessoa a viver melhor, favorecendo todo e qualquer tratamento que promova sua qualidade de vida até o momento de sua morte (BOEMER, 2009).

A abordagem paliativa é a única opção real para a maioria desses pacientes, portadores de doenças crônico-degenerativas, sendo que tal assistência conta com apenas parte dos recursos financeiros disponíveis, uma vez que grande parcela da verba é destinada aos tratamentos curativos. Nesse sentido, tentativas se fazem necessárias para reconhecer que essa temática e seu conceito ora apresentado pela OMS, desde 2002, é um problema emergente e urgente de saúde pública. A criação de equipes matriciais para apoio e capacitação de profissionais de saúde, a garantia de disponibilização de medicamentos para controle de sinais e sintomas da doença, e a concepção de leis que protejam profissionais de saúde, pacientes e familiares, constituem-se em fatores de extrema importância para viabilizar cuidados paliativos (BOEMER, 2009).

A administração dos cuidados paliativos requer um controle e fundamentação científica, para a sua execução, para que os cuidados não sejam confundidos com descaso, desatenção, ausência de assistência ou negligência e, dessa forma, ser possível implementar cuidados de qualidade com pacientes críticos no final de vida (FALCO et al., 2012).

O modo de cuidar continua fundamentado no modelo cartesiano de atenção, mecanicista, centrado na cura e reabilitação da doença. Acredita-se que os métodos de ensino, na maioria os cursos de graduação na área da saúde, ainda permanecem no modelo tradicional, descontextualizados muitas vezes dessa realidade (GERMANO; MENEGUIN, 2013).

Pesquisas nacionais realizadas na última década, sobre a formação, treinamento e educação continuada, apresentaram como fator negativo o fato de os currículos dos cursos de graduação na área da saúde não ensinarem cuidados paliativos (CHAVES et al., 2011).

Perante a necessidade moral de se organizar um modelo de assistência adequado aos pacientes com doenças avançadas e terminais, o ressignificar do conceito se impera, propiciando a esses pacientes um processo de morrer digno, que se estrutura desde a disciplina em cuidados paliativos nos currículos dos cursos de graduação na área da saúde (CHAVES et al., 2011).

A relevância deste estudo posiciona-se em despertar os profissionais, médicos e enfermeiros para a conscientização do conceito e do saber – fazer sua prática clínica, imbuída na cientificidade e humanidade. Para os acadêmicos de enfermagem e de medicina, o estudo traz um novo paradigma sobre o conceito de cuidados paliativos, através de sua clarificação. Sabe-se que há uma necessidade emergente para o preparo desses profissionais. Com o conhecimento deste estudo, entende-se que muitas informações servirão para futuros cursos e disciplinas, em cuidados paliativos além do ressignificar. A relevância científica está na contribuição do ponto de vista conceitual, do fenômeno cuidados paliativos. Espera-se que seja uma nova abordagem para profissionais da saúde que queiram a excelência na qualidade de atendimento, subjetivo, aos pacientes terminais e com doenças crônico-degenerativas. Na tentativa de se conhecer a filosofia e o construto de cuidados paliativos, tornará representável esse fenômeno na sociedade.

Frente ao exposto, este estudo buscou: Revisar o conceito – cuidados paliativos - preconizado pela OMS 2002 e ressignificar esse conceito pelos profissionais de saúde (médico e enfermeiro) no contexto de ensino e da prática em cuidados paliativos.

1. METODOLOGIA

Estudo de abordagem qualitativa, do tipo descritivo, exploratório e transversal; utilizou-se o grupo focal como coleta e análise de dados. A amostra foi constituída de três participantes, sendo um médico e dois enfermeiros com experiência comprovada no currículo Lattes e em clínica. Amostragem utilizada foi proposital (ou intencional ou racional).

O foco das pesquisas qualitativas é compreender e aprofundar os fenômenos, que são explorados a partir da perspectiva dos participantes em um ambiente natural e em relação ao contexto (SAMPLIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Segundo Figueiredo citando Hendem, as pesquisas descritivas, juntamente com as exploratórias, são realizadas pelos pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. Descrevem com exatidão os fenômenos de determinada realidade, o que exige do pesquisador uma série de informações sobre o que se deseja pesquisar (FIGUEIREDO, 2008).

Tipo transversal, pois, são coletadas simultaneamente, de um grupo ou população de indivíduos, informações sobre uma variedade de características. Esta coleta é realizada em um ponto único no tempo (GIOLO, 2007).

Os dados foram coletados por meio do grupo focal após a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Foram respeitados os princípios éticos conforme resolução 446/2012 e a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética com parecer consubstanciado de número 491.222/2013.

O grupo focal, que é uma técnica de pesquisa que coleta-se dados por meio das interações em grupo, onde se discute um tema sugerido pelo pesquisador, pode ser caracterizado também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos. Os grupos focais são fundamentados na tradição dos trabalhos em grupo, da sociologia e da psicologia social crítica (SMEHA, 2009).

O grupo focal é considerado por alguns autores como uma espécie de entrevistas em grupo, consistindo em reuniões de grupos pequenos ou médios (de 3 a 10 pessoas) em que os participantes conversam sobre um ou vários temas em um ambiente tranquilo e informal. Os grupos focais são utilizados na pesquisa qualitativa em todos os campos do conhecimento. Seu objetivo vai além de fazer a mesma pergunta para vários participantes, pois o que se quer é gerar e analisar a interação entre os eles (SAMPLIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

É possível ter um grupo em uma só sessão; vários grupos que participem de uma sessão cada um; um grupo que participe de duas, três ou mais sessões; ou vários grupos que participem em diversas sessões quando se trata de um estudo dessa natureza. O número de grupos e sessões, geralmente, é difícil de ser determinado, sendo comum pensar em uma aproximação, mas é a evolução do trabalho com o grupo ou os grupos que irá dizer quando ele “é suficiente” (SAMPLIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

O tipo de grupo a ser utilizado, bem como outras características do grupo como a composição, número de participantes, homogeneidade ou heterogeneidade dos participantes, recursos tecnológicos utilizados, local da realização e diretividade ou não-diretividade do moderador são definidos de acordo com o nível de clareza do pesquisador sobre propósitos do estudo (SMEHA, 2009).

Ao utilizar o grupo focal como técnica de coleta de dados a unidade de análise é o grupo, e, tem sua origem nas dinâmicas de grupo, muito utilizadas na psicologia, e seu formato se parece com o de uma reunião de alcoólicos anônimos ou com grupos de crescimento no desenvolvimento humano, o que torna essa técnica, muito importante (SAMPLIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

O estudo foi realizado em uma instituição de ensino na cidade de Itajubá, de caráter privado. Os participantes da pesquisa foram dois enfermeiros e um médico, que prestaram cuidados paliativos a pacientes com doenças crônico-degenerativas e terminais e que comprovaram suas experiências teórico-práticas por meio de registros de cursos, palestras,

congressos e eventos científicos e de prática clínica/formação acadêmica evidenciada no currículo Lattes, com o fenômeno que estava sendo pesquisado. Os dados foram coletados em duas sessões, em outubro de 2014. Os participantes foram identificados por nome de flores, Jasmim, Tulipa e Margarida. A coleta de dados constitui-se de um relatório das sessões que incluiu: Dados sócio demográfico, culturais e profissionais dos participantes.

Foi utilizado material de estímulo como desenho e fotografias, pois, é possível lançar mão de materiais de estímulos para induzir um tema, incentivar uma discussão ou fornecer pontos de comparação e para que os participantes exponham pontos de vista e suas experiências, de forma detalhada, sobre o fenômeno (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Com a finalidade de construir categorias, a análise dos depoimentos teve por enfoque a apreensão das estruturas comuns nas falas dos participantes do estudo.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a equipe que compôs o grupo focal a ressignificar o conceito de cuidados paliativos no contexto atual, emergiram-se as categorias: Cuidados paliativos: Simbiose entre arte, espiritualidade e ciência; Ressignificando o olhar para o cuidador profissional; Conexão paciente/cuidador e família, desde do início do diagnóstico; Cuidados paliativos: Ferramenta para atender e assistir a multidimensionalidade da pessoa no cuidado operacional.

2.1 Categoria 1 - Cuidados paliativos: Simbiose entre arte, espiritualidade e ciência

Os participantes do grupo focal iniciaram a sessão citando a definição do conceito de cuidados paliativos, em sua definição constitutiva, pela OMS. Mencionaram a necessidade, urgente, de revisão, salientando a espiritualidade, agregada à técnica e à cientificidade no cuidar em cuidados paliativos.

Neste sentido, os profissionais entendem que se deva ocorrer uma quebra de paradigma, com a revisão do conceito:

(...) entende-se como um convite para a medicina voltar-se para o cliente, pois o ser humano é neste estado indivisível e as especialidades como cuidados paliativos, na arte da medicina, deveriam ser apenas para casos complexos (Jasmim).

O que se pode perceber que há um avanço na ciência médica, científica, em relação ao prolongamento da vida, mas nem sempre ocorre o mesmo no que diz respeito aos sentimentos e emoções, que podem inclusive ser reprimidos conforme cresce o grau de individualização e necessidades do paciente no cuidado paliativo (HERRERA; ROHDEN, 2013).

De acordo com (Silveira; Ciampone; Gutierrez, 2014) nota-se que a grande preocupação da maioria dos profissionais de saúde que assistem a pessoa em cuidados paliativos, está atrelada a tratar ativamente sua doença, esquecendo-se do cuidar, tanto do sofrimento do paciente quanto o de sua família. Os cuidados paliativos surgiram para tornar os dias de sobrevivência menos árduos para o paciente, portador de doença crônico-degenerativa, que está fora de possibilidade terapêutica e também para os familiares dos mesmos. Jasmim complementa:

(...) há necessidade do fortalecimento desse conceito, e, a medicina, como ciência e arte, tem que olhar o doente de forma atenta, empática, não hospitalocêntrica, cuidando do profissional. O termo “pallium” significa carinho. Ter uma especialidade intitulada de “cuidados paliativos” é lamentável na arte e ciência da saúde, dedicada a assistência ao ser humano.

(Silveira; Ciampone; Gutierrez, 2014) vêm ao encontro dessa afirmativa quando colocam que os efeitos da tecnociência são sabidos e visivelmente expostos pela mídia. Deparamos-nos com ambientes perfeitos, em sua tecnologia, mas sem alma e carinho humano. O paciente, vulnerável devido à sua doença, deixou de ser o centro das atenções e foi instrumentalizado, em função de um determinado fim.

A empatia requer a compaixão do profissional, essa capacidade de experimentar um sentimento com uma pessoa, de partilhar com ela e não de experimentar o mesmo sentimento que o outro. Ser empático não significa colocar-se no lugar do outro, mas, “abrir-se a”. Desenvolver uma capacidade para perceber de modo sensível (FOUCAULT; MONGEAU, 2012).

Margarida enfatiza:

(...) essa visão fragmentada dos cuidados paliativos desencadeia lacunas no cuidar. Precisa-se na definição de cuidado paliativo o elemento-assistência espiritual. É imprescindível, respeitando a dimensão máxima da pessoa na ciência que a trata. Deve existir o elemento-assistência espiritual no conceito.

Em cuidados paliativos, os processos de morrer, morte e luto e os princípios bioéticos já foram bastante estudados. Contudo, há lacunas quando o assunto se refere à espiritualidade como o seu papel nas situações de luto e morte, estratégias para aliviar o sofrimento espiritual e formas de estabelecer o diálogo dos profissionais de saúde sobre o assunto (CERVELIN; KRUSE, 2014).

A espiritualidade, entendida como algo que transcende, está relacionada ao propósito da vida, com a concepção de que há mais na vida do que aquilo que pode ser visto ou plenamente entendido. Nela, podem também ser considerados os aspectos que podem mobilizar energias e iniciativas, extremamente positivas, com potencial ilimitado para a melhora da vida da pessoa (CERVELIN; KRUSE, 2014).

No tocante ao conceito de cuidados paliativos, a espiritualidade vem chamando a atenção dos profissionais da saúde; refere-se ao cuidado humano, pelo fato de as pesquisas demonstrarem que este pode ser um caminho para melhorar a qualidade de vida dos doentes crônicos, assim como estimular maior rapidez no processo de cura ou enfrentamento das doenças. Percebe-se, portanto, com maior intensidade, a força na dimensão da espiritualidade, como um instrumento de promoção em saúde, que permita superar os limites do conhecimento científico da biomedicina, a qual não consegue responder às múltiplas dimensões do ser humano, como as físicas, as psíquicas e sociais (ARRIEIRA, 2011).

Na sessão, ainda observou-se a preocupação de aliar a ciência que cuida de pacientes e não como está sendo tratada atualmente, ou seja, cuidados paliativos como disciplina fragmentada: “(...) revisar o conceito é um convite, neste estudo, para a medicina quebrar o paradigma olhando o paciente e a sua totalidade”. (Jasmim).

A partir dessa fala, é possível observar que o processo de cuidar adquiriu características meramente tecnicistas, reducionistas.

Com os avanços importantes da tecnologia na área da medicina, a vida pode ser prolongada artificialmente. Especialidades cada vez mais subespecializadas permitem um foco completo nas doenças e não no indivíduo como um todo. Tratar um indivíduo, cuja morte é inevitável, não faz parte da formação dos médicos, e, muitas vezes, é visto como um fracasso (BRUGUGNOLLI; GONSAGA; SILVA, 2013).

2.2 Categoria 2 - Ressignificando o olhar para o cuidador profissional

Segundo (Silveira; Ciampone; Gutierrez, 2014) os grandes desafios dos profissionais de

saúde é cuidar do ser humano de forma holística, exercendo uma ação preferencialmente em relação a sua dor e ao seu sofrimento, nas dimensões física, psíquica, social e espiritual, com competência tecnocientífica e humana. “(...) a definição da OMS para cuidados paliativos é muito ampla e abstrata, faltando à figura do cuidador profissional que deveria englobar o olhar para nós, não só a prática, mas o ensino, como formar esse cuidador profissional” (Jasmim).

Como pode ser observado, estudos evidenciam, em pesquisas realizadas com graduandos de enfermagem, a dificuldade no enfrentamento da morte e as percepções subjetivas e individuais, muitas vezes atreladas às experiências prévias de morte de entes queridos em situações similares à dos pacientes assistidos (GERMANO; MENEGUIN, 2013).

Também, estudos apontam que o conhecimento dos médicos em atividades sobre o tema pode ser considerado precário e medidas de educação médica se fazem necessárias para suprir tal carência no ensino. A curto e a médio prazos, a alternativa seria implementar ações em educação médica continuada e, a longo prazo, a implementação definitiva da medicina paliativa na grade curricular das faculdades de medicina (BRUGUGNOLLI; GONSAGA; SILVA, 2013).

Para tanto, há a necessidade de que cada aluno esteja totalmente aberto para novas aprendizagens e o docente precisa estar ciente que, não basta tratar somente de conteúdos atuais, na sala de aula, mas, também, resgatar conhecimentos que possam interpretar suas experiências e aprendizagens na vida social (BRUGUGNOLLI; GONSAGA; SILVA, 2013).

Um ponto que deve ser levado em consideração é o preparo do docente para abordar o assunto no campo de estágio frente à ocorrência de morte (GERMANO; MENEGUIN, 2013).

Revisando o conceito de cuidados paliativos, propõe-se ressignificar o papel do exercente de cuidado paliativo quanto à sua essência, formação e a questão da maturidade:

(...) há tecnologia e humanização, tecnicismo e não tecnicismo presente nos cuidados paliativos. A quebra do paradigma cultural é maior que uma única técnica que tenho que substituir por outra (...) cuidados paliativos é mais que ter uma disciplina nova em um currículo antigo, é uma mudança cultural que acontece em conta gotas (Jasmim).

Proporcionar cuidados paliativos é atender o ser humano na sua integralidade; a atitude do profissional deve superar sua habilidade técnica e seu conhecimento científico, predominando sua forma de agir como pessoa e como ser assistencial (SILVEIRA; CIAMPONE; GUTIERREZ, 2014).

Tulipa acrescenta: “(...) é ter uma experiência com a pessoa que sofre por não ter a companhia humana, de familiares ou profissional de saúde, tendo a companhia das máquinas apenas”.

É de suma importância que o paliativista tenha a habilidade de cuidar, porém, só se adquire essa habilidade quando se cuida, e, cada vez mais, esse profissional irá descobrir novas maneiras de cuidar, despertando o fazer sempre melhor (SILVEIRA; CIAMPONE; GUTIERREZ, 2014).

“(...) ao falar disso, estamos falando de uma nova saúde e de um novo profissional nunca visto antes, eu não sou diferente do paciente que está ali. Nessa nova reflexão eu e o doente temos que estar juntos se não o cuidado não acontece” (Jasmim).

As equipes que assistem pacientes em cuidados paliativos, especializados, ou treinados, apresentam melhores resultados no controle de sintomas físicos como dor, bem como dos sofrimentos psicossociais, e a capacitação desses, que necessita ser priorizada pelos serviços de saúde (CARDOSO, 2013).

O ressignificar do conceito envolve um encontro terapêutico entre o ser cuidado e o ser que cuida; logo, é possível existir o cuidado. E neste aspecto, o conceito desde 2002 não foi

modificado nem uma reflexão sobre as literaturas foi encontrado. Pesquisa em bases de dados Lilacs, BDEFN, com os descritores Cuidados Paliativos, revisão, enfermagem e ensino, não evidenciou essa preocupação por nós apontada como urgente e emergente.

2.3 Categoria 3 - Conexão paciente/cuidador e família desde o início do diagnóstico

Os participantes do grupo focal foram unânimes em salientar o fortalecimento do conceito no significado e termo conexão.

(...) cuidados paliativos é uma conexão que tem que existir entre três grandes elementos: Paciente, cuidador e família (...) um compromisso, elo (...) alguém para receber, compartilhar os cuidados e a satisfação de quem cuida e recebe o cuidado. Resignificar o conceito por esse caminho (Margarida).

A revisão deste conceito emergiu, segundo Jasmim:

(...) a visão fragmentada do cuidado (...) parece que cuidados paliativos não tem mais o que fazer, por parte do paciente e cuidador (...) isso devido à carga do termo paliativo, em português. As pessoas entendem cuidados paliativos apenas para alívio da culpa (...) os cuidados paliativos deveriam ser dados no início do diagnóstico pelo cuidador e família e não somente no final da vida do paciente.

De maneira geral, as dificuldades podem ser atribuídas à formação do profissional, à capacidade dos sujeitos envolvidos na relação terapêutica em comunicar-se, compreender e discutir a tomada de decisão e os mecanismos que possibilitem sua concretização. Esses problemas tornam-se mais frequentes nos cuidados paliativos, devido ao fato de ter que lidar com pessoas com diagnósticos de doenças ameaçadoras à vida, progressiva e incapacitante (ABREU; FORTES, 2014).

Na fala de Jasmim, percebe-se a necessidade do acréscimo ao conceito de cuidados paliativos do termo conectividade em todo o processo de situação de doença, a ser preservado por família e cuidador.

Jasmim acrescenta:

(...) neste paradigma atual, fatiados por especialidades, é impossível a visão paciente/cuidador/família. Esse conceito deve ser desde o dia do diagnóstico com uma medicina mais resolutiva e individualizada, (...) se faz necessário ter um novo nome e significado conceitual.

Os cuidados paliativos devem ser baseados em uma relação interpessoal entre quem cuida e quem é cuidada, sendo as intervenções técnicas secundárias à relação que se estabelece entre a equipe multiprofissional e paciente (NUNES; RODRIGUES, 2012).

Faz-se necessário também perceber e respeitar de modo singular as necessidades de cada um, aproximando o tratamento proposto às possibilidades de vida, inerentes a cada pessoa, possibilitando a inclusão da família como um elemento do cuidado, integrada, participativa no serviço, recebendo orientações adequadas e compreendendo suas particularidades (NUNES; RODRIGUES, 2012).

2.4 Categoria 4 - Cuidados paliativos: Ferramenta para atender e assistir a multidimensionalidade da pessoa no cuidado operacional

“(...) o foco do conceito de cuidados paliativos deveria ser a pessoa doente e não a doença” (Tulipa).

Margarida acrescenta:

(...) parece que quando falamos em cuidados paliativos há uma demarcação. Não se tem uma visão como ferramenta de ver as pessoas e suas dimensões. Parece determinação do momento e não parte da necessidade natural a resposta do paciente. A partir das necessidades de se entrar com cuidados paliativos e não que se tenha o momento que se irá necessitar de cuidados paliativos (...) cuidados paliativos é uma ferramenta e não uma estratégia que vamos usar.

(Nunes; Rodrigues, 2012) confirmam essa informação quando dizem que a intervenção profissional deve apoiar-se na formação e na comunicação como ferramentas terapêuticas disponíveis ao cuidar. Dessa forma, as ações devem atuar diretamente na qualidade de vida do indivíduo, podendo influenciar no alívio da dor, de maneira a propiciar bem estar, intervir sobre os agravos que possam gerar dependência e desconforto da pessoa doente.

“(...) é necessária uma revisão do conceito para contribuir de alguma forma para um cuidado operacional” (Margarida).

Observou-se, nos dizeres dos participantes, que não há demarcação para instituir cuidados paliativos na pessoa doente e suas dimensões. Situando-se com o conceito preconizado pela OMS, salta-nos o termo “abordagem” e um conceito aprimorado, mas que, no cotidiano, não se parte de uma resposta natural. Novamente, é instituído pela medicina e equipe multiprofissional paliativista um marco para o atendimento e não um processo. Há um fragmento do cuidar operacional que cede lugar ao aliviar o sofrimento. Na definição, fala-se de prevenção, porém, o paliativismo é exercido ao término da vida e não no início.

A preocupação profissional, no que tange à responsabilidade do cuidado na dimensão do homem como ser de vivências e interações, remete-nos a uma necessidade de proporcionar um cuidado mais abrangente que atenda às demandas físicas, sociais, emocionais e espirituais destes pacientes e familiares (NUNES; RODRIGUES, 2012).

Fato que faz repensar valores e considerar uma noção mais abrangente de vida, levando em conta a dimensão espiritual do ser humano e a unicidade de cada ser (GERMANO; MENEGUIN, 2013).

Enfim, entendemos que pensar sobre a possibilidade de integrar conteúdos e significados remete à ideia de que a construção de determinado conceito ocorre na medida em que se amplia a compreensão de seus significados. Essa ampliação se verifica quando são construídas relações desse conceito com outros, cujos significados, de alguma maneira, aproximam-se. Quanto maior for a quantidade e a qualidade das relações construídas, mais efetiva será a compreensão para a formação do conceito (SPINELLI, 2005).

CONCLUSÃO

As categorias emergiram em resposta aos objetivos propostos. Por meio delas, foi possível observar a necessidade de uma revisão conceitual e a importância da criação e/ou implementação da disciplina Cuidados Paliativos nos cursos de graduação nas áreas de saúde. A maioria dos cursos nessas áreas não contempla tal disciplina e, quando abordada, encontra-se ainda no modelo tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa de ressignificar o conceito de cuidados paliativos é um processo árduo e cuidadoso nesse momento em que identificamos um contexto já construído.

Porém, entende-se que, para construir, é preciso desconstruir paradigmas e compreender que cuidados paliativos vão além do controle dos sintomas físicos, psicológicos e espirituais, conforme a filosofia paliativista. É estar com a família na sua subjetividade e

complexidade; resultante de uma formação curricular sólida e aberta a revisões conceituais.

Espera-se que este estudo contribua para a construção de conhecimento e, especialmente, para deter a atenção dos profissionais de clínica e do ensino sobre a necessidade de educação continuada nessa temática.

Procurou-se também contribuir para melhor implementação do conceito de cuidados paliativos pela OMS, assim como é trabalhado supostamente nas unidades de saúde para atender aos pacientes que necessitam desse cuidado, de maneira holística, desde o diagnóstico de doença crônico-degenerativa até a terminalidade.

Com o ressignificado deste conceito, acredita-se que o cuidado paliativo será prestado de modo que atenda às reais necessidades dos pacientes e seus familiares. Pois a prática deste cuidado será baseada nesse encontro terapêutico: cuidador e indivíduo cuidado.

As limitações deste estudo relacionam-se ao número de participantes, fato que impediu de generalizar os resultados; porém, estes são considerados válidos, pois refletem a necessidade urgente e emergente de revisão conceitual, além de aliar-se no tocante ao ensino e assistência em cuidados paliativos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Carolina.; FORTES, Paulo. Questões éticas referentes do paciente em cuidados paliativos. *In: Revista Bioética*, Disponível em: http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/viewFile/918/1045. Acesso em: 03 dez. 2014.
- ARRIEIRA, Isabel. Espiritualidade na equipe interdisciplinar que atua em cuidados paliativos às pessoas com câncer. *In: Ciência, Cuidado e Saúde*. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/15689>. Acesso em: 04 mar. 2015.
- BOEMER, Magali Roseira. Sobre cuidados paliativos. *In: Revista da Escola de Enfermagem da USP*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000300001>. Acesso em: 03 jan. 2015.
- BRUGUGNOLLI, Izabela.; GONSAGA, Ricardo.; SILVA, Eduardo. Ética e cuidados paliativos: o que os médicos sabem sobre o assunto. *In: Revista Bioética*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S19838042201300300012>. Acesso em: 05 dez. 2014.
- CARDOSO, Daniela. et al. Cuidados paliativos na assistência hospitalar: a vivência de uma equipe multiprofissional. *In: Texto & Contexto-Enfermagem*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072013000400032>. Acesso em: 05 dez. 2014.
- CERVELIN, Aline.; KRUSE, Maria Henriqueta. Espiritualidade e religiosidade nos cuidados paliativos: conhecer para governar. *In: Escola Anna Nery: Revista de Enfermagem*. Disponível em: http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/96965?locale=pt_BR. Acesso em: 05 fev. 2015.
- CHAVES, José Humberto Belmino. et al. Cuidados paliativos na prática médica: contexto bioético. *In: Revista Dor*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S180600132011000300011>. Acesso em 15 abr. 2015.
- FALCO, Helena Trius. et al. Cuidados paliativos na unidade de terapia intensiva: uma discussão. *In: Enfermagem Revista*. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/enfermagemrevista/article/view/4085/4334>. Acesso em: 13 jun. 2013.
- FIGUEIREDO, Nélia Maria Almeida. *Método e metodologia na pesquisa científica*. São Paulo: Yendis, 2008.
- FOUCAULT, Claudette.; MONGEAU, Suzanne. *A arte de tratar em cuidados paliativos: perspectivas de enfermagem*. Lisboa: Instituto PIAGET, 2012.
- GERMANO, Karoline dos Santos.; MENEGUIN, Silmara. Significados atribuídos por graduandos de enfermagem aos cuidados paliativos. *In: Acta Paulista de Enfermagem*. Disponível em: <http://dx.doi.org/>

10.1590/S0103-21002013000600003. Acesso em: 05 dez. 2014.

GIOLO, Suely Ruiz. Análise de dados categóricos. *In*: Ministério da Justiça. Disponível em: http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/conteudo/index.php?id_conteudo=11449&rastr=PESQUISAS+E+ESTAT%C3%8DSTICAS%2FConceitos+Estat%C3%ADsticos/Estudos+transversais+ou+cross-sectional. Acesso em: 28 out. 2013.

HERREIRA, Miguel Hexel.; ROHDEN, Fabíola. Prolongar ou libertar? O papel da tecnologia em cuidados paliativos. *In*: IV reunião de antropologia da ciência e da tecnologia. Disponível em: [http://4react.files.wordpress.com/2013/08/miguelherrera_prolongaroulibertar .pdf](http://4react.files.wordpress.com/2013/08/miguelherrera_prolongaroulibertar.pdf). Acesso em: 04 mar. 2015.

MORAES, Tania. *Como cuidar de um doente em fase terminal?* São Paulo: Paulus, 2008.

NUNES, Maria da Gloria dos Santos. RODRIGUES, Benedita Maria Rêgo Deusdará. Tratamento paliativo: perspectiva da família. *In*: Revista Enfermagem UERJ. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/viewArticle/3312>. Acesso em: 03 dez. 2014.

SAMPIERI, Roberto Hernandez .; COLLADO, Carlos Fernández.; LUCIO, , María del Pilar Baptista. *Metodologia da pesquisa*. 5.ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVEIRA, Maria Helena.; CIAMPONE Maria Helena Trench.; GUTIERRE, Beatriz Aparecida Ozello. O. Percepção da equipe multiprofissional sobre cuidados paliativos. *In*: Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Disponível em: [http:// dx.doi.org/ 10.1590/S1809-98232014000100002](http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232014000100002). Acesso em: 05 dez. 2014.

SMEHA, Luciane Najar. Aspectos epistemológicos subjacentes a escolha da técnica do grupo focal na pesquisa qualitativa. *In*: Revista de Psicologia da IMED. Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/aspectos_epistemologicos_subjacentes_a_escolha_da_tecnica_do_grupo_focal_na_pesquisa_qualitativa.pdf. Acesso em: 31 out. 2013.

SPINELLI, Walter. Os objetos virtuais de aprendizagem: ação, criação e conhecimento. *In*: Disponível em: [http://www.lapef.fe.usp.br/rived/textoscomplementares /textoImodulo5.pdf](http://www.lapef.fe.usp.br/rived/textoscomplementares/textoImodulo5.pdf). Acesso em: 12 mar. 2015.

VASCONCELOS, Esleane Vilela.; SANTANA, Mary Elizabeth.; SILVA, Éder Dias. Desafios da enfermagem nos cuidados paliativos: revisão integrativa. *In*: Enfermagem em Foco. Disponível em: [http://revista.portalcofen.gov.br /index.php/enfermagem/article /view/296](http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/296). Acesso em: 13 jun. 2013.

PRODUÇÃO DE ENZIMAS LIGNINOLITICAS POR FUNGOS BASIDIOMICETOS A PARTIR DE BIOMASSA LIGNOCELULÓSICA PROVENIENTE DE RESÍDUOS AGROINDUSTRIAIS: UMA REVISÃO

RESUMO

Enzimas são biocatalizadores, que podem ser extraídos e obtidos por fungos e bactérias. Fungos basidiomicetos são caracterizados por apresentarem um complexo enzimático lignocelulósico constituído principalmente pelas enzimas lignina peroxidase, manganês peroxidase e lacase. Essas enzimas são responsáveis pela degradação da madeira na natureza. A capacidade de degradação de um composto altamente recalcitrante, como a lignina, presente na parede celular de vegetais, impulsionou os estudos relacionados à produção de enzimas ligninolíticas por fungos basidiomicetos, visando sua aplicação em diversas aplicações industriais, tais como deslignificação, clareamento de corantes, síntese de produtos químicos e medicinais e biorremediação de água e solo. Diversos resíduos agroindustriais podem ser utilizados como fonte de carbono para o crescimento microbiano. Neste contexto, o presente trabalho objetivou sintetizar informações relacionadas aos fungos basidiomicetos lignocelulósicos e produção de enzimas ligninolíticas a partir de diferentes fontes de resíduos agroindustriais.

Palavras-chave: lacases, peroxidases, processos biotecnológicos, produção de enzimas.

ABSTRACT

Enzymes are biocatalysts which can be obtained and extracted by fungi and bacteria. Basidiomycetes fungi are characterized by having a lignocellulosic enzyme complex consisting mainly of enzymes lignin peroxidase, manganese peroxidase and laccase. These enzymes are responsible for the degradation of wood in nature. The degradability of a highly recalcitrant compound as lignin present in the cell wall of plants, boosted the studies related to the production of ligninolytic enzymes by Basidiomycetes fungi, for their application in many industrial applications, such as delignification, dyes whitening, chemical and medicinal synthesis products and biorremediação soil and water. Several agroindustrial residues can be used as a carbon source for microbial growth. In this context, this study aimed to synthesize information related to lignocellulosic fungi Basidiomycetes and production of lignocellulosic enzymes from different sources of agroindustrial residues.

Key-words: laccases, peroxidases, biotechnological processes, production of enzymes.

INTRODUÇÃO

Enzimas são catalizadores biológicos que podem ser empregados em diversas áreas industriais, no desenvolvimento de metodologias analíticas, fabricação de produtos tecnológicos, aplicações biomédicas e no tratamento de resíduos (BAPTISTA et al., 2012). A aplicação de enzimas livres ou contidas em células integras em processos de catálise, pode ser denominado biocatálise. Baptista et al. (2012) relataram que reações mediadas por biocatalisadores podem resultar em elevados rendimentos, devido ao nível de pureza do produto final e a diminuição de formação de subprodutos indesejáveis, além dos processos industriais serem aplicados em condições brandas de temperatura e pH.

Existe uma grande variedade de enzimas, a maioria é encontrada em pequenas quantidades. Entretanto, algumas enzimas extracelulares são produzidas em grandes quantidades por organismos como fungos e bactérias, este tipo de enzima é capaz de digerir materiais nutritivos insolúveis, como celulose, proteínas e amido. Sua utilização é feita em processos biotecnológicos industriais, ajudando a reduzir a poluição do meio ambiente (FORGIANI, 2006).

Enzimas produzidas por fungos apresentam algumas características que os tornam

interessantes para aplicação em processos biotecnológicos, como a capacidade de crescer sob condições de estresse ambiental, condição que limita o crescimento bacteriano, o crescimento fungico é induzido quimiostaticamente em direção à fonte de carbono, pela ramificação das hifas, essa característica permite sua colonização de grandes áreas (DUPONT et al. 1997).

Basidiomicetos ligninolíticos são fungos que secretam enzimas extracelulares, capazes de converter os polímeros complexos em moléculas menores, que são assimiladas e utilizadas pelo seu metabolismo. A secreção de enzimas ocorre durante o crescimento apical das hifas e são liberadas pela parede celular recém sintetizada (WESSELS, 1994). As enzimas produzidas por fungos basidiomicetos ligninolíticos pertencem ao grupo das Peroxidases, contendo o grupo heme, sendo as principais a lignina peroxidase, manganês peroxidase e lacase (DURÁN, 2002).

A capacidade de catalisar a oxidação de compostos aromáticos como os fenóis, proporciona às enzimas ligninolíticas, aplicações em diversos processos biotecnológicos, tais como deslignificação, produção de etanol, clareamento de corantes, modificação das fibras presentes na madeira, síntese de produtos químicos e medicinais e biorremediação de solos, águas contaminadas e efluentes (SCHNEIDER et al., 1999; SOUZA et al., 2009; DURÁN, 2003). Neste contexto, o presente trabalho realizou uma revisão bibliográfica sintetizando informações relacionadas aos fungos basidiomicetos lignocelulósicos e produção de enzimas ligninolíticas a partir de diferentes fontes de resíduos agroindustriais.

1. BASIDIOMICETOS PRODUTORES DE ENZIMAS LIGNINOLITICAS

Na natureza, os fungos desempenham papel de grande importância ecológica, por serem responsáveis pela decomposição da matéria orgânica, principalmente da madeira (CAMARGO, 2003). Os fungos que causam podridão na madeira, atuam por meio de enzimas extracelulares que são liberadas pelas hifas. Estas enzimas destroem componentes da madeira, resultando na liberação de moléculas simples que pode ser absorvidas pela própria hifa (OLIVEIRA et al, 2005). Essa quebra enzimática consiste basicamente na transformação de compostos insolúveis da madeira em compostos químicos solúveis capazes de serem metabolizados pelo fungo.

Entre os fungos responsáveis pela degradação da madeira na natureza, destacam-se os basidiomicetos. Esses fungos são conhecidos popularmente por formarem corpos de frutificação, como cogumelos e orelha-de-pau (PELCZAR et al, 1997). Segundo Esposito e Azevedo (2004), existem cerca de 22,300 espécies de basidiomicetos, caracterizados pela presença de um basídio, estrutura de origem sexual, que leva à formação de basidiósporos, formados na época reprodutiva.

Os fungos basidiomicetos podem ser classificados de acordo com as diferenças de padrões de degradação da madeira, levando-se em conta a característica macroscópica da degradação (SOARES, 1998). Segundo o mesmo autor, esses fungos podem ser classificados como fungos de degradação ou podridão branca, podridão parda e podridão mole. Os fungos de podridão branca degradam três componentes principais da madeira, a celulose, hemicelulose e lignina, proporcionando coloração clara na sua degradação. Fungos de podridão parda degradam polissacarídeos celulose e hemicelulose, observando-se uma coloração escura nos locais degradados. Os fungos de podridão mole e alguns actinomicetos realizam a degradação da madeira dura em ecossistemas florestais.

De acordo com Reys (2003), na natureza, a degradação total da madeira ocorre inicialmente pela invasão de bactérias e algumas espécies de ascomicetes, seguida por organismos de maior capacidade de deterioração, entre estes organismos se destacam os fungos basidiomicetos de decomposição branca, que são os principais degradadores de lignina na natureza. Eles removem os componentes da parede celular (lignina, hemicelulose e celulose)

simultaneamente, em taxas aproximadamente iguais. Entretanto, o crescimento destes fungos diminui em condições limitadas de nitrogênio e carbono, e as atividades enzimáticas ligninolíticas aparecem em forma de metabolismo secundário.

A capacidade de utilização de substâncias químicas estruturalmente complexas por fungos basidiomicetos da podridão branca, como compostos orgânicos, inorgânicos e sintéticos, está relacionada ao eficiente sistema enzimático ligninolítico, sendo que as enzimas produzidas apresentam grande poder de degradação sobre a biomassa lignocelulósica (lignina, celulose e hemicelulose) (DELLAMATRICE, 2005).

A degradação da lignina resulta da reação de oxidação por enzimas presentes nos fungos da podridão branca. Estas enzimas são chamadas de enzimas ligninolíticas, que incluem manganês peroxidase (MnP), lignina peroxidase (LiP) e lacase (MIN et al, 2001). As enzimas ligninolíticas são conhecidas principalmente pela capacidade de remoção de grupamentos fenólicos e aminas aromáticas de soluções aquosas e também de descoloração de efluentes da indústria têxtil, tendo como pressuposto que muitos corantes empregados em indústrias têxteis possuem grupamentos fenólicos em sua estrutura química (DURÁN, 2003). Este complexo enzimático pode causar deslignificação seletiva da madeira, onde a lignina é removida sem qualquer perda distinta de celulose, e de forma não seletiva da madeira, onde os componentes da parede celular são degradados.

Os fungos basidiomicetos ligninolíticos tem sido amplamente estudados com relação à produção de enzimas ligninolíticas, dentre eles estão o *Phanerochaete chrysosporium* e *Phlebia radiata*, *Trametes versicolor* (MOREIRA NETO, 2006), *Pleurotus* sp. (INACIO et al. 2013; ALEXANDRINO et al., 2007; MENESES, SILVA, DURRANTE, 2009; REGINA et al., 2012; SILVA et al., 2012), *Lentinula edodes* U6/1, (SILVA et al., 2012) e *Aspergillus niger* (SANTOS et al., 2011).

2. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA BIOMASSA LIGNOCELULÓSICA

O termo biomassa inclui toda matéria orgânica disponível em uma base renovável. Por ser renovável e abundante, a biomassa tem o potencial de oferecer uma fonte acessível e ambientalmente correta. Uma das grandes vantagens da utilização da biomassa lignocelulósica, é a sua disponibilidade e abundância. Esses materiais lignocelulósicos podem ser encontrados em quase todas as plantas, sendo constituídos principalmente de celulose, hemicelulose e lignina (FIGURA 1). Sua composição pode ser muito variada, dependendo da espécie, das condições de cultura e da idade da planta (YANG, 2007).

A lignina é uma substância que apresenta importante função no reino vegetal conferindo a célula uma defesa química e física contra fatores bióticos e abióticos do ambiente, devido principalmente à sua resistência e complexidade molecular (SOUZA; ABREU, 2007). Essa macromolécula polifenólica amorfa é composta principalmente por polímeros de fenil-propano com alto grau de irregularidade, constituída por unidades de *p*-hidroxifenil, guaiacil e siringil, formados pela polimerização de álcool trans-*p*-coumaril, álcool coniferil e álcool trans-sinapil, que proporciona rigidez e baixa reatividade às fibras vegetais (KNAUF; MONIRUZZAMAN, 2004). Essa natureza extremamente recalcitrante constitui a maior barreira para a viabilização da utilização de materiais lignocelulósicos em processos biotecnológicos (CHAMPAGNE, 2008).

A lignina pode ser classificada de acordo com seu esqueleto fenilpropanóide em dois grupos principais, sendo eles a lignina guaiacil (G) e a lignina guaiacil-siringil (GS). A lignina guaiacil, caracterizada pela presença de grupos metóxi no carbono 3, é encontrado em madeiras coníferas. Enquanto que a lignina guaiacil-siringil o grupo metóxi está localizado nos carbonos 3 e 5, presentes em madeiras folhosas (PALMQVIST, HAHN-HAGERDAL, 2000).

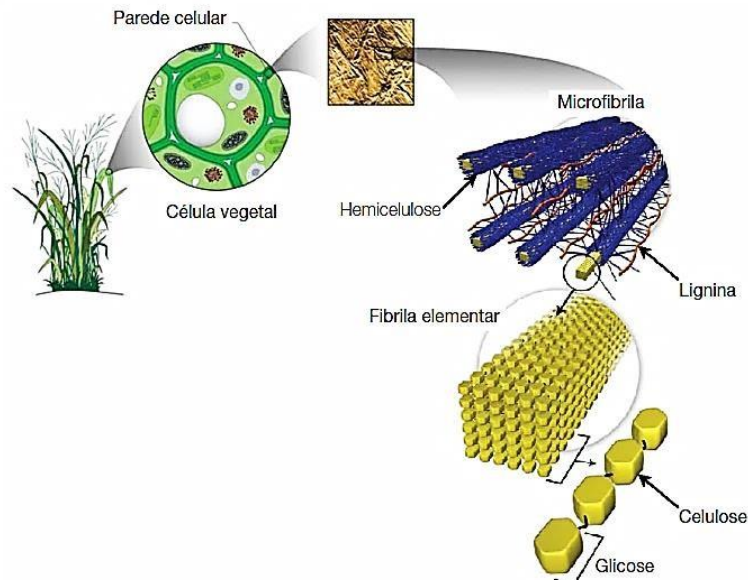


Figura 1. Arquitetura da parede celular vegetal (US Department of Energy Genome Programs, 2012, modificado por CANILHA et al., 2009).

A celulose é um biopolímero resistente e insolúvel em água (NELSON; COX, 2010). É considerado um polissacarídeo linear, constituído por unidades de celobiose unidas entre si por ligações glicosídicas do tipo β (1 \rightarrow 4), com grau de polimerização de até 15.000 unidades de D-glicose (KUHAD; SING, 1993). Na estrutura da celulose, as ligações intermoleculares possuem a função de manter as cadeias ligadas firmemente, enquanto que as ligações intramoleculares auxiliam a manutenção e a rigidez da cadeia celulósica. A molécula de celulose pode ser dividida em duas regiões distintas, a região cristalina que possui moléculas altamente orientadas, com grande resistência à degradação microbiana e a região amorfa, onde existe uma menor orientação entre as moléculas, o que proporciona maior fragilidade a essa região, conseqüentemente pode ser hidrolisada com maior facilidade (FENGEL; WEGENER, 1989). Sua principal função nas plantas é como componente estrutural (GOLDSTEIN, 1981).

A hemicelulose é um heteropolímero linear, com ramificações laterais, constituído principalmente por moléculas D-xilose, L-arabinose (pentoses), glicose, manose, galactose (hexoses) e diferentes radicais de ácidos orgânicos, como ácido acético, glucurônico e galacturônico. Sua estrutura, geralmente unida por ligações glicosídicas do tipo β (1 \rightarrow 4), apresenta grau de polimerização inferior a 200 unidades (KUHAD et al., 1993; SUURNÄKKI et al., 1997; SAHA et al., 2005). Esse heteropolímero pode ser encontrado associado à celulose e a lignina em todas as camadas da parede celular de vegetais, atuando como tecido de reserva e sustentação (FENGEL; WENEGER, 1989). A sua composição e estrutura pode variar de acordo com a espécie vegetal ou com a forma de manejo que o vegetal foi submetido (KUHAD, SINGH, 1993; SAHA, 2003).

A utilização de resíduos agroindustriais têm assumido grande importância na agricultura sustentável, cujo principal objetivo é a redução dos custos no processo produtivo e minimização do impacto ambiental gerado pelo descarte e acúmulo de resíduos inadequadamente na natureza (CHEPOTE, 2003). Devido à sua grande biodisponibilidade e baixo custo, resíduos agroindustriais têm sido considerados uma matéria-prima promissora para aplicação em processos biotecnológicos.

3.UTILIZAÇÃO DE BIOMASSA LIGNOCELULOSICA COMO SUBSTRATO PARA PRODUÇÃO DE DE ENZIMAS LIGNINOLITICAS

Os resíduos agroindustriais necessitam de destinação final adequada, pois eles representam uma fonte de matéria-prima e energia, além dos problemas ambientais gerados pelo seu descarte inadequado, eles exigem investimentos significativos para seu tratamento visando o controle da poluição (SILVA et al., 2011). A partir do crescente interesse no reaproveitamento de resíduos agroindustriais, vários bioprocessos tem sido desenvolvidos para produzir diversas moléculas de alto valor agregado a partir dessa biomassa, tais como proteínas microbianas, ácidos orgânicos, etanol, enzimas e metabólicos secundários biologicamente ativos (ALEXANDRINO et al., 2007).

Nas últimas décadas, diversos autores têm realizado pesquisas utilizando diferentes resíduos industriais como substrato para produção de enzimas ligninolíticas a partir de fungos basidiomicetos (ALEXANDRINO et al., 2007; MENEZES; SILVA; DURRANTE, 2009; SANTOS et al., 2011; SILVA et al., 2012; INACIO et al., 2013). Dentre os resíduos agroindustriais utilizados em processos biotecnológicos podemos citar o bagaço de cana de açúcar, bagaço de laranja, sabugo de milho, farelo e casca de arroz (MENEZES; SILVA; DURRANTE, 2015).

A laranja está entre as frutas mais produzidas e consumidas no mundo, porém seus resíduos apresentam utilização restrita, principalmente devido a grande quantidade de água que contém, gerando problemas de coleta, transporte e armazenamento. Com objetivo de agregar valor aos resíduos de laranja e de minimizar o impacto ambiental causado pelo seu acúmulo, Alexandrino et al. (2007) avaliaram a produção de enzimas ligninolíticas por *Pleurotus ostreatus*, cultivadas em fermentação em estado sólido, utilizando bagaço de laranja como fonte de nutrientes. O meio de cultivo utilizado bom desenvolvimento do fungo basidiomiceto, proporcionando a obtenção de 74,3 U/g de lacase e 6,8 U/g de manganês peroxidase. Os autores concluíram que o resíduo de laranja é um substrato adequado para cultivo de *Pleurotus ostreatus*, visando a produção de lacase de manganês peroxidase, ambas com grande potencial em diferentes processos industriais.

A elevada concentração de hemicelulósica do bagaço de cana, representa uma fonte em potencial de matéria-prima para a obtenção de produtos biotecnológicos (RODRIGUES, 2001). Neste contexto, Menezes, Silva e Durrante (2009) realizaram o estudo da produção de enzimas ligninolíticas por *Pleurotus* ssp. em fermentação submersa utilizando bagaço de cana como substrato nutritivo. Foram detectados a produção de lacase por linhagens de *Pleurotus* sp. BCCB068 (6230 U/mL) e *Pleurotus sajor-caju* (3520 U/mL). Por outro lado, a produção de manganês peroxidase foi detectada em *Pleurotus* sp. BCCB068 (31560 U/mL) e *Pleurotus taiandia* (23580 U/mL). De acordo com os autores, os resultados demonstraram que o bagaço de cana é uma fonte promissora para produção de enzimas ligninolíticas, visando a aplicação industrial.

Dentre as características presentes no café, podemos destacar a grande quantidade de nutrientes, cafeína, taninos e polifenóis que podem ser utilizados para o crescimento de microorganismos. Experimentos realizados por Silva et al. (2012) demonstraram a capacidade de produção de lacase por três diferentes linhagens de fungos basidiomicetos, sendo elas *Lentinula edodes* U6/1, *Pleurotus ostreatus* U6/9 e *Pleurotus florida* U6/10, por fermentação submersa utilizando cascas de café como substrato nutritivo. Os resultados demonstraram que a casca de café é um resíduo industrial promissor para produção de lacase, sendo que a maior produção ocorreu no cultivo de *Pleurotus ostreatus* U6/9 22,5 U/mL, seguido por *Lentinula edodes* U6/1 (22,2 U/mL) e *Pleurotus florida* U6/10 (0,8 U/mL).

Devido às suas propriedades nutritivas, o extrato de sabudo de milho foi utilizado na

produção de enzimas lacases por três linhagens de *Pleurotus* sp., *Pleurotus ostreatus* (branco e CCB) e *P. Eryngii* (Salmão), como produtoras de lacase (REGINA et al., 2012). A linhagem de *Pleurotus ostreatus* (branco) produziu os maiores concentrações de lacase (~ 2,8 U/kg) quando comparada com as demais linhagens avaliadas. Nesses experimentos, outras fontes nutricionais seriam necessárias para aumentar a produção da enzima de interesse.

A produção de enzimas protease e lacase por fungos basidiomicetos *Pleurotus pulmonarius*, *Ganoderma lucidum* e *Trametes* sp. cultivados em diferentes resíduos agroindustriais (bagaço de milho, bagaço de cana e farelo de trigo), em fermentação submersa foi realizada por Inacio et al. (2013). Os resultados, resultados demonstraram um bom desenvolvimentos dos fungos avaliados em todos os substratos testados, resultando em quantidades significativas de enzimas, com exceção de *Trametes* sp, que não produziu Lacase e *G. lucium* que produziu baixas quantidades dessa enzimas em bagaço de cana. A maior produção de proteases e lacases, detectadas em cultivos constituídos por farelo de trigo, foram realizadas pelos pelos fungos *Trametes* sp (~192,5 U/mL) e *Ganoderma lucidum* (~1500 U/mL), respectivamente. Os resultados demonstraram que mais estudos são necessários para otimização da produção de enzimas ligninolíticas utilizando resíduos agroindustriais como substrato nutritivo.

CONCLUSÃO

Diversas fontes de resíduos lignocelulósicos podem ser utilizadas em processos biotecnológicos, tais como bagaço de cana, casca de café, sabugo de milho, casca de cacau, entre outros, sendo fontes promissoras para a produção de enzimas ligninolíticas a partir de fungos basidiomicetos. A utilização dessas matérias-primas na produção de produtos de alto valor agregado, pode contribuir com a redução dos problemas ambientais gerados pelo seu descarte e acúmulo inadequado na natureza.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRINO, A. M.; FARIA, H. G.; SOUZA, C. G. M.; PERALTA, R. M. Aproveitamento do resíduo de laranja para a produção de enzimas lignocelulolíticas por *Pleurotus ostreatus* (Jack:Fr), *Ciência e tecnologia de Alimentos*, v. 27, p. 364-368, 2007.
- BAPTISTA, N. M. Q.; SANTOS, A. C.; ARRUDA, F. V. F.; Gusmão, N. B. Produção das Enzimas Lignina Peroxidase e Lacase por Fungos Filamentosos, *Scientia Plena* , v. 8, p. 1-7, 2012.
- BURA, N.; VAJZOVIC, A.; DOTY, S. L. Novel endophytic yeast *Rhodotorula mucilaginosa* strain PTD3 I: production of xylitol and ethanol, *Journal of Industrial Microbiology and Biotechnology*, 2012.
- CADETE, R. M.; SANTOS, R. O.; MELO, M. A.; MOURO, A.; GONÇALVEZ, D. L.; STAMBUK, B. U.; GOMES, F. C. O.; ROSA, C. *Spathaspora arborariae* sp. nov., a D-xylose-fermenting yeast species isolated from rotting wood in Brazil, *FEMS Yeast Research*, v.9, p. 1338–1342, 2009.
- CANILHA, L.; MILAGRES, A. M. F.; SILVA, S. S. SILVA, J. B. S.; FELIPE, M. G. A.; ROCHA, G. J. M.; FERRAZ, A.; CARVALHO, W. Sacarificação da biomassa Lignocelulósica através de pré-hidrólise Ácida seguida por hidrólise enzimática: Uma estratégia de “desconstrução” da Fibra vegetal, *Revista Analytica* , n. 44, p. 48-54, 2009.
- CARNEIRO, J. L. G.; GÓES NETO, A.; VASCONCELLOS-NETO, J. R. T.; KAMIDA, H. M. Otimização de enzimas ligninolíticas produzidas pelo fungo *Fomitella Supina*. Disponível em <<http://www2.uefs.br/semic/upload/2011/2011XV-023JAC594-220.pdf>>, Acesso 31 de agosto de 2015.

- CAMARGO, F. A. de. Obtenção, caracterização e estudo de biodegradação de blendas de poli (3-hidroxibutirato-co-valerato) / (phbv) com lignina de bagaço de cana de açúcar. 2003. 115 f. *Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia Química*, Unicamp, Campinas, 2003.
- CHEPOTE, R. E. Efeito do composto da casca do fruto de cacau no crescimento e produção do cacauzeiro, *Agrotropica*, v. 15, p. 1- 8, 2003.
- CHAMPAGNE, P. Bioethanol from agricultural waste residues. *Environmental Progress*, v. 27, p. 51-57, 2008.
- CUNHA-PEREIRA, F.; HICKERT, L. R.; SEHNEM, N. T.; SOUZA-CRUZ, P. B.; ROSA, C. A.; AYUB, M. A. Z. Conversion of sugars present in rice hull hydrolysates into ethanol by *Spathaspora arborariae*, *Saccharomyces cerevisiae*, and their co-fermentations. *Bioresource Technology*, v. 102, p. 4218–4225, 2011.
- DELLAMATRICE, Priscila M. Biodegradação e Toxicidade de Efluentes Têxteis e Efluentes da Estação de Tratamento de Águas Residuárias de Americana- SP., 2003, 137f. *Tese (Doutorado em Ecologia de Agrossistemas) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz*, Piracicaba, 2005.
- DUPONT, R.R., BRUELL, C.J., MARLEY, M.C., DOWNEY, D.C., NORRIS, R.D., HULLING, S.G.; PIVETS, B.. Bioremediation. Annapolis: *American Academy of Environmental Engineers and USEPA*, 1997, 596p.
- DURÁN, N. Applications of Oxidative Enzymes in Waste Treatment. *Wastewater Treatment Using Enzymes*. v. 2, p. 41 -51, 2003.
- FENGEL, D.; WENEGER, G. *Wood: chemistry, ultrastructure, reactions*. Berlin: Walter de Gruyter, 1989. 610 p.
- FORGIARINI, Eliane. Degradação de Corantes e Efluentes Têxteis Pela Enzima *Horseradish Peroxidase* (HRP). 2006, 110f. *Dissertação (Mestrado em Engenharia Química) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis*, 2006.
- GOLDSTEIN, I. S. *Organic chemicals from Biomass*. Boca Raton: CRC Press, 1981, 309 p.
- INACIO, F. D.; BUENO, P.; NICHIDA, S.; VERNIER, K.; SILVA, C. A.; PERALTA, R. M.; SOUZA, C. G. M. Produção de Protease e Lacase por Basidiomicetos, *In: III SIMBBTEC*, 2013, Londrina, *Anais do III Simpósio de Bioquímica e Biotecnologia*.
- KNAUF, M.; MONIRUZZAMAN, M. Lignocellulosic biomass processing A perspective. *International Sugar Journal*, v. 106, n. 1263, p. 147-156, 2004
- KUHAD, R.C.; SINGH, A. Lignocellulose Biotechnology: Current and Future Prospects. *Critical Reviews in Biotechnology*, v.13, p.151-173, 1993.
- LI, M.; MENG, X.; DIOC, E.; DU, F. Xylitol production by *Candida tropicalis* from corn cob hemicellulose hydrolysate in a two-stage fed-batch fermentation process, *Journal of chemical technology and biotechnology*, v. 87, p. 387-392, 2012.
- MENEZES, C. R.; BARRETO, A. R. Biodegradação de resíduos lignocelulósicos por fungos basidiomicetos: Caracterização dos resíduos e estudo do complexo enzimático fúngico. *Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas – UFSM Santa Maria Revista Eletrônica em Gestão*, v. 19, p. 1365-1391, 2015
- MENEZES, C. R.; SILVA, I. S.; DURRANT, L. R. Bagaço de cana: fonte para produção de enzimas ligninocelulolíticas, *Estudos Tecnológicos*, v. 5,p. 68-78, 2009.
- MIN, Kyung-Lyum; KIM, Yong-Hak, KIM, Young W; JUNG, Hack S; HAH, Yung C. Characterization of a Novel Laccase Produced by the Wood-Rotting Fungus *Phellinus ribis*. *Archives of Biochemistry and Biophysics*. v. 392, n. 2, p. 279-286, 2001.

MOREIRA NETO, Sérgio L. Enzimas Lignofílicas produzidas por *Psilocybe castanella* CCB444 em solo contaminado com hexaclorobenzeno. 2006, 110f. *Dissertação (Mestrado em Biodiversidade Vegetal e Meio Ambiente)* – Instituto de Botânica da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, São Paulo, 2006.

NELSON, D. L. COX, M. M. *Princípios de Bioquímica de Lehninger*. 5. Ed. Porto Alegre: Artimed, 2011.

OLIVEIRA, José T. S.; SOUZA, Leonardo C; LUCIA, Ricardo M. D; SOUZA JUNIOR, Wagner P. Influência dos extrativos na resistência ao apodrecimento de seis espécies de madeira. *Revista Árvore*, v. 29, n. 5, p. 819-826, 2005.

PALMQVIST, E.; HAHN-HAGERDAL, B. Fermentation of lignocellulosic hydrolysates. II: Inhibitors and mechanisms of inhibition. *Bioresource Technology*, v. 74, p. 25-33, 2000.

PELCZAR JR, Michael J, CHAN, E.C.S, KRIEG, Noel R. *Microbiologia*. 2. Ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 1997.

REGINA, M.; PACCOLA-MEIRELLES, L. D.; BARBOSA, A. M.; AMADOR, I. R.; ANDRADE-NOBREGA, G. M.; MASCHIARE, D. C. Sabugo de milho e carvão ativado na produção de Lacase e Basidiomas de *Pleurotus* sp. *Semina: Ciências Agrárias*, v. 33p. 39-48, 2012.

REYS, Luciana F. Estudo da degradação de Polietileno Tereftalato (PET) por Fungos Basidiomicetos Lignofílicos. 2003. 104f. *Dissertação (Mestrado em Ciência de Alimentos)* - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SAHA, B.C. Hemicellulose Bioconversion. *Journal of Industrial Microbiology and Biotechnology*, v.30, p.279-291, 2003.

SANTOS, T. C.; ABREU FILHO, G.; ROCHA, T. O. R.; FRANCO, M. Aplicação da fermentação em estado sólido sobre o farelo de cacau (*Theobroma Cacao* L.): Obtenção de ligninases. *Semina: Ciências Exatas e Tecnológicas*, v. 32, p. 87-96, 2011.

SCHNEIDER, P., CASPERSEN, M.B., MONDORF, K., HALKIER, T., SKOV, L.K.; OSTERGAARD, P.R. Characterization of a *Coprinus cinereus* laccase. *Enzyme Microbial Technology*. v. 25, p. 502-528, 1999.

SILVA, J. J.; SANTANA, T. T.; OLIVEIRA, A. C. C.; ALMEIDA, P. H.; SOUZA, S. G. H.; LINDE, G. A.; COLOUTO, N. B.; VALLE, J. S. Produção de lacase de fungos basidiomicetos por fermentação submersa com cascas de café. *Arquivos de Ciências Veterinárias Zoologia*, v. 15, p. 191-196, 2012.

SOARES, Carlos H. L. Estudos Mecanísticos de degradação de efluentes de industria de papel e celulose por fungos basidiomicetos degradadores de madeira. 1998, 133f. *Tese (Doutorado em Química Orgânica)* – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998.

SOUZA, A. F.; ROSADO, F. R. Utilização de fungos basidiomicetes em biodegradação de efluentes têxteis. *Revista em Agronegócios e Meio Ambiente*, v. 2, p. 121-139, 2009.

SUURNÄKKI, A.; TENKANEN, M.; BUCHERT, J.; VIKARI, L. Hemicellulases in the Bleaching of Chemical Pulp. In: Scheper. Eds. *Advances in Biochemical Engineering/Biotechnology*, p. 262-284, 1997.

YANG, S T. Chapter 1. Bioprocessing – from Biotechnology to Biorefinery, *Elsevier*, Oxford, p. 1–25, 2007.

WESSELS, J.G.H. Development regulation of fungal cell wall formation. *Annual Review Phytopathology*. 32: 413-437. *apud* Pessonni, R. 2002. Isolamento e caracterização de enzimas extracelulares e de parede celular do fungo *Penicillium janczewskii*, crescido em diferentes fontes de carbono. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994, 163 p.

ZOU, Y. Z.; QI, K.; CHEN, X.; MIAO, X. L.; ZHONG, J.J. Favorable effect of very low initial KLa value on xylitol production from xylose by a self-isolated strain of *Pichia guilliermondii*. *Journal of Bioscience and Bioengineering*. V. 109, p. 149-152, 2010.

UMA CANOA SOBRE O RIO - TRAVESSIAS EM DIÁLOGO ENTRE GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO

RESUMO

Na literatura, comumente percebemos textos que dialogam entre si e que são revisitados através de narrativas que estamos lendo em um dado momento. Exemplo disso são os textos do moçambicano Mia Couto, sempre a nos remeter aos escritos do mineiro João Guimarães Rosa. Tal associação não se deve somente à prosa poética de ambos, tampouco aos neologismos e intervenções em diferentes níveis estruturais da frase, mas ao olhar compadecido lançado sobre o personagem pequeno e marginal, à oralidade patente em suas narrativas e o valor dado à ancestralidade e ao transcendente. Para ilustrar tal confluência, os contos escolhidos para o presente estudo foram *A Terceira Margem do Rio*, de Guimarães Rosa e *Nas águas do tempo*, do moçambicano Mia Couto.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa, Mia Couto, *A Terceira Margem do Rio*, *Primeiras Estórias*, *Nas Águas do Tempo*, *Estórias Abensonhadas*.

ABSTRACT

*In literature, it is common to perceive texts that share ideas with one another and are revisited through narrative that are read at any given time. Examples of this are the texts of the Mozambican Mia Couto, that always refer to the writings of the mining João Guimarães Rosa. This association is due not only to the poetic prose of both, either to neologisms and interventions at different structural levels of the sentence, but looking compassionate released on the small character and marginal, the patent orality in their accounts and the value given to the ancestry and transcendent. To illustrate this confluence, the stories chosen for this study were *The Third Riverbank*, by Guimarães Rosa and *In the Waters of Time*, by the Mozambican Mia Couto.*

Key-words: João Guimarães Rosa, Mia Couto, *The Third Riverbank*, *First Stories*, *In the Waters of Time*, *Abensonhadas Stories*.

INTRODUÇÃO

O estudo apresentado visa aproximar os universos narrativos do mineiro João Guimarães Rosa e do moçambicano Mia Couto. A relação que se estabelece entre ambos e que mutuamente ilumina seus textos concentra-se na questão estética e formal; uma vez que ambos usam a prosa poética e o lirismo para denunciar a precariedade da vida de seus personagens, bem como lançam mão de intervenções em diferentes níveis da frase (sintático, semântico e lexical), com interpolações e criação de neologismos. Sobre tal relação entre os autores em seus engajados contextos de produção no Brasil e n'África, Júnia Meira afirma que:

no campo literário, evidencia-se grande afinidade entre a literatura brasileira e as literaturas africanas de língua portuguesa. Essa aproximação se dá, principalmente, pelo fato de tanto o Brasil quanto a África possuírem uma trajetória histórica igualmente colonizada, refletindo na produção literária aspectos relevantes na construção da identidade de cada povo. (MEIRA, 2013, p. 01)

De acordo com a autora, a compreensão da História e do contexto social também possibilita uma leitura efetiva do mundo, com um olhar crítico sobre o amalgama de realidade e ficção do texto literário no ato da criação. É neste cenário narrativo, no qual os autores

denunciam um estado de coisas opressor, ao tempo em que fundem o real com o maravilhoso¹, fazendo uma ponte entre o divino e o humano, que se dará a nossa travessia.

1.1. As literaturas e seus autores

A literatura de língua portuguesa surgiu na África após um longo processo de assimilação que envolveu toda a sociedade, uma vez que o português não era sua língua materna. À medida que as ex-colônias se desenvolviam, havia uma maior imersão e a adesão entre as culturas de colonizadores e colonizados. No entanto, a produção literária era o retrato da tensão que fomentava estes dois mundos, uma vez que o escritor africano, ao utilizar-se da língua europeia, fazia sua opção pela cultura que não era a sua, sofrendo severas críticas dos africanos, ainda que fosse através de um idioma estrangeiro que a realidade de exploração e barbárie de seu país fossem denunciadas. Assim, os valores adquiridos do colonizador contribuem para que os valores culturais do colonizado possam ser resgatados. Sobre a questão, Maria Nazareth Fonseca, em seu *Panoramas da Literatura Africana de Língua Portuguesa*, afirma que:

Ao produzir literatura, os escritores forçosamente transitavam pelos dois espaços, pois assumiam as heranças oriundas de movimentos e correntes literárias da Europa e das Américas e as manifestações advindas do contato com as línguas locais. (FONSECA, 2013, p. 02)

O tom de denúncia que reflete a busca por uma identidade cultural e o resgate das tradições pretéritas, tendo como objeto a africanidade perdida ao longo de anos de colonização, dá corpo à literatura africana, que tem seu presente cerzido ao passado que se retoma através de novas narrativas e narradores.

Expoente desta literatura africana que alcança vastos domínios e leitores é o moçambicano Antônio Emílio Leite Couto, ou **Mia Couto**, um dos mais conhecidos escritores da língua portuguesa. Biólogo por formação, escreve poesia e prosa, consagrando-se no romance, no conto e na crônica. Seu romance *Terra Sonâmbula*, de 1992, foi considerado um dos doze melhores livros africanos do século XX. Por contribuir com o patrimônio literário de língua portuguesa recebeu, em 2013, o Prêmio Camões.

Mia Couto transita em diferentes gêneros, adequando-os à sua necessidade de expressão, comumente norteadas por um viés histórico-político em que pese a denúncia do *status quo* do povo moçambicano no pós-guerra. Através de sua prosa poética, o escritor chama a atenção para a crise econômica, estrutural e moral de Moçambique, as injustiças sofridas pela população, seja através do racismo ou do servilismo ao estrangeiro, imputados por um padrão externo que renega a cultura e a tradição ancestral do seu país.

Dando continuidade à tradição *griot*, o escritor tem na oralidade a base de sua narrativa, mesclando magistralmente realidade e fantasia. Com relação ao caráter insólito da narrativa de Mia Couto, Fonseca (2013, p.33) declara que, “O leitor é confrontado com situações que

¹ Segundo Olga de Sá (2013), dentro da literatura africana o conceito de maravilhoso deve ser problematizado, a autora cita Chiampi (1980) que o considera “o insólito, o que escapa ao curso ordinário das coisas e do humano”, preservando “algo de humano, em sua essência”. Por outro lado, recorre a uma segunda acepção, a qual considera mais operacional, esclarecendo que “o maravilhoso coincide com o sobrenatural, sem explicação racional”.

interseccionam elementos da esfera do real e do onírico, do mundo dos vivos e dos mortos, dos feitiços e do sobrenatural”, reforçado por uma simbologia presente na tradição africana, conferindo valor ao seu projeto literário. Acerca do livro *Estórias Abensonhadas*, o próprio autor afirma que seu texto surgiu “entre as margens da mágoa e da esperança”, da mágoa sentida ao longo da duração da guerra civil moçambicana (1977-1992) e da esperança de reconstrução, na qual indivíduo e sociedade curam traumas enquanto alentam expectativas, acreditando na força da nação e da tradição moçambicana, já que:

Onde restou o homem sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo. Esse sonho se ocultou no mais inacessível de nós, lá onde a violência não podia golpear, lá onde a barbárie não tinha acesso. Em todo este tempo, a terra guardou, inteiras, as suas vozes. (COUTO, 2015, p. 05)

No Brasil, a literatura, que surge com o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) desenvolve-se durante os anos 50 e afirma-se nos 60, é chamada Pós-Moderna e tem como projeto literário a ruptura com as estruturas tradicionais da narrativa, a busca por novas linguagens, um questionamento sociopolítico que denuncia as injustiças sociais e, sobretudo, as indagações acerca da alma humana. Neste contexto, renova-se o apreço pelo regionalismo e pela cultura popular, sendo observado como um caráter político e revolucionário do período; além do resgate do passado através das experiências do presente, conciliando tradição e modernidade.

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo – MG e teve seus estudos iniciados na pequena cidade natal. Aos dez anos, mudou-se para Belo Horizonte, onde concluiu os estudos até formar-se em medicina. No sertão mineiro exerceu o ofício clínico na relação diária com o sertanejo; no entanto, o convívio com a dor e a morte levou-o a abandonar a medicina. Em 1934 ingressa na carreira diplomática e em 1938 é nomeado Cônsul Adjunto em Hamburgo, onde conhece Aracy Moebius de Carvalho (Ara), que viria a ser sua segunda mulher e quem o ajudaria na proteção e facilitação na fuga de judeus perseguidos pelo Nazismo. Enquanto ocupa-se da diplomacia, dá vazão à sua verve literária e publica suas primeiras obras, sendo aclamado por crítica e público.

A experiência nos confins mineiros aproxima Guimarães Rosa da pluralidade cultural do sertanejo, incorporado à vegetação e aos animais e que se manifesta na sua fala e postura corporal. Rosa preocupa-se em retratar o personagem menor, em um movimento de reflexão que dá conta das forças opressoras e da situação degradante em que vive. Circunstâncias nas quais Cléa Corrêa de Mello reflete sobre a escrita roseana:

[...] o que ressalta no exame da ressemantização do oral no texto de Rosa é a nova e sugestiva visada que o ficcionista lança sobre os excluídos da nação brasileira. Pois, como atilado intérprete da realidade nacional, o escritor aborda a marginalização a que grandes contingentes do país se veem relegados, seja pelo impedimento de acesso ao meio de produção – no caso específico a terra –, seja porque o iletramento exponencia a subalternidade. (MELLO, 2007, p. 196)

É nesse cenário narrativo, no qual os autores denunciam um estado de coisas opressor, ao tempo em que fundem o real com o maravilhoso, convocando o divino e o humano, que se dará a nossa travessia.

1.2. Os contos *Nas Águas do Tempo* e *A Terceira Margem do Rio*: aproximações

Bernadete e Luiza Abaurre definem o gênero conto como:

uma narrativa curta que apresenta os mesmos elementos do romance: narrador, personagens, enredo, espaço e tempo. Diferencia-se do romance pela sua concisão, linearidade e unidade: o conto deve construir uma história focada em um conflito básico e apresentar o desenvolvimento e a resolução desse conflito. (ABAURRE; ABAURRE, 2007, p.114).

Acerca do livro *Primeiras Estórias*, Alfredo Bosi (2006) afirma que “é patente o fascínio do alógico: são contos povoados de crianças, loucos e seres rústicos que cedem ao encanto de uma iluminação...”. O mesmo comentário aplica-se à *Estórias Abensonhadas*. Os personagens, sem nome próprio, são filhos da terra: pessoas de gestos e crenças simples, porém, permeados de tradições e assombros.

Em *Nas Águas do Tempo*, temos a história de um menino que segue seu avô, contra a vontade da mãe, em passeios de canoa, que sempre terminam em um lago misterioso, onde o avô travava contato com “*interditas criaturas*”. Lá permanecem até que os tais entes não mais sejam vistos, neste interím, o avô transmite suas crenças ao neto. A intenção do mais velho era a de transmitir ao menino tal saber, fazendo a ponte entre o passado e o futuro, pois era preciso educar os olhos:

nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos. (COUTO, 2015, p. 13).

Ritual que se repete, no dia seguinte, quando o avô então pisa nos interditos territórios e o menino vê do barquinho o lenço branco, que responde ao aceno do lenço vermelho do avô, que pouco a pouco esmorece em cor. A tradição, pois estava assegurada, pois o menino percebera o rio que corria dentro de si, para futuramente conduzir os filhos ao encontro dos “*brancos panos da outra margem*” (COUTO, 2015, p. 14).

Em *A Terceira Margem do Rio*, temos um pai de família ordeiro e cumpridor que manda construir-lhe uma canoa que resistisse 20 ou 30 anos n'água. Despede-se dos seus e segue para o seu exílio: “o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira” (ROSA, 2008, p. 33). O narrador é o filho que tenta segui-lo e que o acompanha da margem por longos anos. Muito se fez para que o homem voltasse para casa, familiares, padres, soldados e até jornalistas foram chamados para dissuadir o homem do seu projeto, mas em vão.

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. (ROSA, 2008, p.34)

Os filhos cresceram, casaram-se e saíram do lugar, a esposa seguiu depois, só ficando o filho, agora envelhecido, “Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no

ermo — sem dar razão de seu feito” (ROSA, 2008, p. 36). O contato então se trava e o pai, por vir “da parte do além”, ao acenar com a possibilidade de trocar de lugar com o filho na canoa, faz com que o mesmo fuja de pavor, “Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde” (ROSA, 2008, p. 37). Assolado pela culpa e acovardamento, o filho (agora um velho machucado pela mágoa e pelo tempo) nunca mais tem notícias do pai e aguarda seu termo, à espera de ser conduzido pelo rio.

Nos dois contos, a travessia resulta em sacrifício, acerca dessa questão, Carmen Secco observa que:

Os comportamentos do neto (no conto de Mia Couto) e do filho (no conto de Guimarães Rosa) revelam diferenças de atitude diante dos conceitos de morte, bastante diversos nas duas culturas, a africana e a brasileira. Para esta, marcada principalmente pela metafísica ocidental e pelo catolicismo, o imaginário da morte se afigura, quase sempre, como algo negativo, tenebroso, que se opõe à vida. Para aquela, devido à tradição do culto aos antepassados, morrer não significa uma ruptura com o mundo dos vivos, pois existe a crença em um constante intercâmbio de energia vital entre a vida terrena e a sobrenatural. (SECCO, 2006, p.14)

Os contos *Nas Águas do Tempo*, de Mia Couto e *A Terceira Margem do Rio*, de João Guimarães Rosa trazem, logo em seu título, a sugestão de uma narrativa encenada em um espaço movediço e transformável. Este espaço interdito, da margem que não é extremidade e do tempo que não se repete – assim como as águas de um rio – é o entre lugar da poética dos autores analisados.

Outra aproximação possível está nos títulos dos livros, *Estórias Abensonhadas* e *Primeiras Estórias*. Em ambos, a escolha da palavra “estórias” em detrimento do termo “História”, mostra o caráter menor e coloquial que se opõe às grandes e consagradas narrativas. As estórias relatadas dizem respeito a personagens periféricos e comuns.

A oralidade patente nos escritos de Couto e Rosa deixam evidentes a figura do *griot* africano e do contador de causos, ambos detentores de saberes ancestrais e responsáveis pela transmissão da tradição oral em suas culturas de origem. Este traço comum à prosa dos autores redimensiona a importância da transferência de um conhecimento popular e daquele que detém tal entendimento da vida, o contador.

Presente nas duas narrativas, a água é concebida como fonte de vida, meio de purificação e princípio de renovação. Tanto no conto de Mia Couto, quanto no de Guimarães Rosa, a água é o veículo que conduz ao aprendizado. As águas do rio dirigem a canoa do avô e do neto aos “*interditos territórios*”, onde repousam a tradição e a ancestralidade do povo moçambicano e que devem ser transmitidas ao neto pelo avô. As mesmas águas conduzem a canoa do pai sertanejo que cumpre sua sina de buscar a transcendência em um limiar intangível. Em ambos os casos, água e tempo associam-se para trazer as respostas às inquietações dos personagens.

O ensinamento dos mais velhos, via caminho das águas, é realizado através do ritual em Mia, uma vez que o neto, mesmo sem entender a dinâmica dos panos, repete o gesto do avô com a expectativa de vislumbrar a resposta da outra margem, até que consiga realmente enxergar os ditos panos. Em Rosa, a didática deve-se à reflexão, embora neste conto o filho e os demais familiares não atinem para a razão de tal exílio do pai.

O narrador de Couto e o de Rosa rememoram o passado, temos um neto adulto e um filho envelhecido que já foram meninos. A voz narrativa em primeira pessoa assegura o tom confessional, aproxima-nos do narrador e dos personagens e reforça a veracidade dos fatos, uma vez que, segundo Gouveia (2013) “é mais crível quando o relato é de quem viveu a história”.

Mia Couto remete à tradição africana ao citar o modo correto de retirar a água do rio, porque “Tirar água no sentido contrário ao da corrente pode trazer desgraça. Não se pode contrariar os espíritos que fluem” (COUTO, 2015, p. 10); a aparição do *moha*, que era o que restava daqueles que pisavam nas minas terrestres, “O namwetxo moha era o fantasma que surgia à noite, feito só de metades: um olho, uma perna, um braço” (COUTO, 2015, p. 11), a interdição do solo pantanoso, onde “Neste lugar (...) todo o tempo, a partir daqui, são eternidades” (COUTO, 2015, p.12) e o aceno dos panos à margem:

Foi então que deparei na margem, do outro lado do mundo, o pano branco. Pela primeira vez, eu coincidia com meu avô na visão do pano. Enquanto ainda me duvidava foi surgindo, mesmo ao lado da aparição, o aceno do pano vermelho do meu avô. (COUTO, 2015, p.14)

Sobre a canoa que flutua no Rio, um avô e um pai buscam pelo transcendente e essa imagem da travessia, essa insistência por uma resposta, pelo encontro consigo e, por extensão com o Universo, é a alegoria de uma vida. A canoa e o homem, a subir e descer o rio são vacilantes e obedientes ao fluxo determinado ao longo da travessia. Travessia que para Tatiana Soares:

traz consigo toda a simbologia da existência humana, a escolha do pai pela terceira margem sugere, simultaneamente, a defesa de um espaço de exceção, expresso pela margem, e a inserção do insólito, na utopia, no entrelugar, no não-lugar indicado pela referência a uma terceira margem. (SOARES, s/d, p. 03)

Espaço que é compartilhado pelo avô moçambicano, que defende uma tradição e uma ancestralidade em vias de ser esquecidas.

Olga de Sá (2013) alerta para o caráter transcendente da travessia em Mia Couto, já que o neto compreende os ensinamentos do avô, que cumpre o seu papel.

E vi: o vermelho do pano dele se branqueando, em desmaio de cor. Meus olhos se neblinaram até que se poentaram as visões.
(...) E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho (COUTO, 2015, p.14)

Isso que não ocorre em Guimarães Rosa, haja vista que o filho falha no aprendizado, pois teme o encontro com o pai e a atribuição do fado da canoa. Em Rosa, o filho teme o “*inominável*”, passando a justificar sua covardia através de negativas, pois ele é “homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado” (ROSA, 2008. p. 37).

Ainda de acordo com a autora, o tempo das narrativas é o sagrado, ou “*kairós*”, tempo da revelação, “fora do tempo cronológico, numa dimensão não espacial, desterritorizados” (SÁ, 2013, p.37-38). O encontro entre as narrativas de Rosa e Couto se dá por “um fio de

silêncio costurando o tempo” (COUTO, 2009, p.05), tempo histórico, de poesia, de denúncia, de buscas, do humano e do divino, do tempo sem tempo e sem espaço: Travessias!

METODOLOGIA

O trabalho traz um estudo comparativo entre duas obras da literatura de língua portuguesa, representadas pelo escritor brasileiro João Guimarães Rosa e pelo moçambicano Mia Couto. Aqui, o conceito de intertextualidade é central para que o diálogo entre os contos analisados seja efetivo, em consonância com a fortuna crítica de diferentes estudiosos da obra de Rosa e Couto.

Além de análises que versam sobre a literatura brasileira e a moçambicana, buscou-se também apoiar esta pesquisa sobre registros audiovisuais que dão conta não só da opinião da crítica, mas dos próprios autores. De modo que se possa realizar uma conexão entre os projetos literários do brasileiro e do moçambicano unidos pela língua portuguesa.

RESULTADOS

Conforme o exposto, a aproximação entre os autores se dá por meio de características temáticas e textuais. Os contos apresentam personagens periféricos (animais, crianças e marginalizados social e intelectualmente), que em sua reles existência travam embates com questões universais, próprias da condição humana, em que pese o olhar histórico nos textos coutianos e um viés político nas narrativas rosianas, representados nos contos vistos pela defesa da cultura e da ancestralidade e a busca de si, do autoconhecimento, da epifania e da transcendência. Couto e Rosa trazem-nos o “homem humano” e suas travessias rumo às suas humanidades perdidas. Seus narradores assumem o protagonismo e se envolvem na história, oferecendo ao leitor um relato confiável do que foi vivido e do que é sentido acerca dos fatos.

A inventividade no código linguístico, descoberta para Mia e subversão para Rosa, causa certa desconfiança no leitor, enquanto alcança o sentido que se quer apontar. Ao nível sintático, Rosa faz sentido pelo acúmulo de sequências, nos meandros do texto; ao contrário de Couto, que conduz seu leitor com linearidade. As vozes do contador, seja ele um africano ou um sertanejo pulsam no texto, tangendo dores e reverberando ecos do passado, numa linguagem que excede a escrita: oralidade. Outra peculiaridade que une os autores é o uso de simbologismos e da mitologia local, com a inserção de credices e provérbios.

O tempo, em suspensão nas narrativas, é o tempo que transcende e que resgata, tempo que aproxima o homem da história, o homem do homem, o homem do divino. Tempo que é gêmeo da água e que não se repete, tempo que conduz à travessia.

CONCLUSÃO

A despeito do espaço de tempo que separa as produções de Guimarães Rosa e Mia Couto e de suas culturas de origem, se faz patente a proximidade de suas escritas. As obras aproximam-se estética e formalmente: através de temas que evidenciam a ‘estória’ dos

personagens comuns, os autores fazem uso da oralidade, dos neologismos e das elaboradas construções sintáticas, lexicais e semânticas.

Através de uma prosa cheia de lirismo, os autores mostram que são detentores de grande expressividade, o contador de causos mineiro e o *griot* moçambicano transportam para o texto escrito toda a fluidez do relato oral; transformando-o em um espaço de crítica e de denúncia de um *status quo* do qual discordam.

Guimarães Rosa e Mia Couto são homens do mundo; porém, nunca deram as costas para a sua gente, uma vez que o olhar lançado sobre personagens menores, incide-lhes uma luz que os legitima e os transforma em criaturas de fato, em seres dignos de atenção e respeito. Nos contos debatidos, um pai tenciona ir ao encontro de si, costurando em sua jornada passado e presente e um avô, que ao transmitir seu saber ancestral, perfaz um caminho rumo ao futuro: Travessias!

As obras avaliadas dialogam, portanto, quando alimentam o imaginário do leitor, seja através de construções frasais, ou de culturas e experiências de vida diversas; mas sem antes fazer um mergulho profundo no íntimo de seus personagens, ouvindo-lhes a vozes que não são só suas.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; ABAURRE, Maria Luiza Marques. *Produção de texto: interlocução e gêneros*. São Paulo: Moderna, 2007.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

COUTO, Mia. *Nas Águas do Tempo*. In: *Estórias Abensonhadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

. *O fio das miçangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FONSECA, Nazareth. *Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa*. In: *Cadernos CESPUC de Pesquisa*, 2013. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf. Acesso em: 20 ago 2015.

GOUVEIA, Erick Camilo. *As águas da temporalidade: as várias representações temporais na construção da ambiguidade em Nas águas do tempo, de Mia Couto*. In: *Linguagem educação e memória*, edição nº 05 - outubro de 2013. Disponível em: <http://www.uems.br/lem/Atual/Arquivos/gouveia.pdf>. Acesso em: 25 ago 2015.

MEIRA, Júnia T. *Diálogos abensonhados: João Guimarães Rosa e Mia Couto*. In: *ANAIS DO SILEL 2013*. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_807.pdf. Acesso em: 20 ago 2015.

MELLO, Cléa Corrêa de. *A inscrição da oralidade em Guimarães Rosa*. In: *DUARTE, Lélia Parreira et al. (Orgs.). Veredas de Rosa III*. Belo Horizonte: PUC Minas, Cespuc, 2007.

MORAIS, Marcia Marques de. *Vozes entretecidas – narrativas de Mia Couto e Guimarães Rosa em diálogo*. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1240/1/2006_art_VL%20Ade%20Moraes.pdf. Acesso em: 22 ago 2015.

PROGRAMA RODA VIVA. **Entrevista com Mia Couto**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6v3buePuzbU>. Acesso em: 10 ago 2015.

ROSA, João Guimarães. *A terceira margem do rio*. In: *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

, Vilma Guimarães. *João Guimarães Rosa, meu pai*. In: CHIAPPINI, Ligia; VEJMEKKA, Marcel (orgs.). *Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa: dimensões regionais e universalidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SÁ, Olga de. *Mia Couto e Guimarães Rosa: tempo e "kairós"*. In: Recortes Filosóficos e Literários. Lorena: Centro Cultural Teresa D'Ávila, 2013.

SANTOS, Nelson Pereira dos. *A terceira margem do rio*. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Roteiro: Nelson P. dos Santos e Marcela Tamm. Elenco: Jofre Soares, Chico Diaz, Ilya São Paulo, Ana Maria Nascimento e Silva. Produção: Brasil, 1994.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Mia Couto: o outro lado das palavras e dos sonhos*. In: Revista Via Atlântica, nº 09/jun 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50041>. Acesso em: 26 ago 2015.

SOARES, Tatiana. *A terceira margem do rio: um navegar de exclusão*. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ07_8.htm. Acesso em: 25 ago 2015.

A MIGRAÇÃO NORDESTINA E A CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO VALE DO PARAÍBA

RESUMO

A migração nordestina teve um período de maior fluxo a partir da Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil foi incorporado dentro do capitalismo internacional, liderado pelos Estados Unidos. Esse movimento fez com que as cidades brasileiras começassem a se industrializar, principalmente no Sudeste, uma vez que a região passou a atrair multinacionais, indústrias de bens de capital, de bens de consumo duráveis e não duráveis. Com isso, os nordestinos passaram integrar a mão de obra necessária para o desenvolvimento das grandes cidades, principalmente entre São Paulo e Rio de Janeiro, com destaque para a região do Vale do Paraíba. Este artigo tem por embasamento os Censos Demográficos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e análises de especialistas que comentam o fluxo migratório do Nordeste para o Sudeste e foi produzido como embasamento teórico para a elaboração do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) "Histórias de Migração", no formato de livro-reportagem perfil.

Palavras-chave: Migração; Nordeste; Sudeste; Vale do Paraíba.

ABSTRACT:

The northeastern migration had a longer flow from the Second World War, when Brazil was incorporated into the international capitalism, led by the United States. This movement caused the Brazilian cities began to industrialize, especially in the Southeast, since the region has attracted multinationals, industrial capital goods, consumer durables and non-durable. With this, the Northeast began to integrate the hand of necessary work for the development of large cities, particularly between São Paulo and Rio de Janeiro, highlighting the Vale do Paraíba region. This article is grounding the Demographic Census of IBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics) and expert analysis commenting the migration from the Northeast to the Southeast and was produced as a theoretical basis for the preparation of TCC (Work Course Conclusion) "Migration Stories" in the book-entry profile format.

INTRODUÇÃO

Mudar é característica unânime no ser humano. Nós mudamos de rotina, de emprego, de endereço, de vida. Mudar é algo tão presente em nossas vidas que o difícil é ficar estático em um mundo que se transforma constantemente.

Os motivos que impulsionam a migração de uma região para a outra são os mais diversos, como a busca por melhores condições de vida e oportunidades de empregos. Na maioria das vezes, a causa está relacionada a oportunidades econômicas.

De acordo com os Censos Demográficos de 1980 e 2000, mais de 8,6 milhões de nordestinos saíram de sua região de origem nesse período – a perda mais acentuada entre todas as localidades. Por outro lado, a região Sudeste possuía o maior saldo positivo de migrantes, com 5,6 milhões.

O último Censo do IBGE, ano 2010, mostra que o fluxo migratório gerou um saldo de 17,8 milhões de indivíduos vivendo em uma região diferente de onde nasceram - desses, 53,6% são nordestinos (9,5 milhões). E 66% desses nordestinos vivem no Sudeste. O documento mostra ainda que o Estado de São Paulo abriga os maiores contingentes de não naturais residentes, ou seja, 8 milhões de indivíduos que vivem no Estado vêm de outras regiões do país.

Esse fluxo gerou transformações essenciais para o desenvolvimento do Brasil, mas hoje a realidade não é a mesma. A tendência é que os nordestinos voltem para a terra natal e os índices de migração sentido Nordeste-Sudeste sejam reduzidos, devido à saturação econômica da região e a maior valorização da qualidade de vida.

1. METODOLOGIA

Este artigo teve como principal metodologia a análise de periódicos e outros artigos percorridos a respeito do fluxo migratório nordestino em direção à região Sudeste do Brasil. Além do levantamento de dados dos arquivos oficiais dos Censos Demográficos do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e suas respectivas análises. Para isso, foram entrevistados três Doutores em áreas distintas, como em Sociologia, Dra. Lúcia Maria Rangel Azevedo, História, Dr. Henrique Alckmin Prudente e Demografia, Dr. Marden Barbosa de Campos.

As entrevistas ocorreram ao longo do ano de 2015, conforme a disponibilidade das fontes, e resultaram em três modalidades: pessoalmente (Dr. Henrique), por telefone (Dra. Lúcia) e via e-mail (Dr. Marden).

Ao serem extraídos os dados estatísticos de deslocamento populacional do IBGE, surge uma série de questões que necessitam de interpretação e contextualização, por esse motivo, os especialistas corroboram para as devidas análises, que compõem os capítulos de fundamentação teórica do Trabalho de Conclusão de Curso.

2. MIGRAÇÃO

O ato de migrar é realizado há milhares de anos, sendo caracterizado como uma forma de mobilidade espacial da população. De acordo com o mini dicionário Aurélio (2001), migrar é o ato de trocar de país ou região.

O demógrafo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Prof. Dr. Marden Barbosa de Campos (2015), define migração como uma mudança de residência (permanente ou definitiva) entre duas localidades. Ele afirma que o deslocamento deve envolver uma distância mínima (dimensão espacial) e um tempo mínimo de residência no destino (dimensão temporal) para que seja considerado migração.

"Fica a cargo do pesquisador definir os critérios de tempo e distância que irão caracterizar o migrante. No caso do IBGE, por exemplo, que é o órgão responsável pelos levantamentos demográficos do Brasil, o indivíduo é considerado migrante se mudou o domicílio de residência habitual entre municípios ou entre um país estrangeiro e o Brasil." (CAMPOS, 2015)

Embora no IBGE não haja mensuração sobre uma região ser ou não atrativa para o indivíduo, na maioria das vezes, o motivo do deslocamento está relacionado a oportunidades econômicas, como mudança de emprego ou possibilidade de salários maiores. Para os teóricos da Teoria Microeconômica Neoclássica Sjaastad e Todaro (1962; 1969, apud SANTOS, 2010), os indivíduos são seres racionais capazes de ordenar hierarquicamente suas preferências e alternativas para então calcular o que é prioridade e tomar alguma decisão.

Diante disso, uma pessoa tem informações suficientes sobre as diferenças de renda entre uma região e outra e opta pela mais adequada às suas necessidades. Partindo desse pressuposto, o migrante sai de seu local de origem para outro porque, economicamente, os benefícios (salário) compensam quando comparados aos custos. Essa é uma razão lógica, do ponto de vista econômico, para a migração.

Outra questão que é levada em consideração para que a migração ocorra é a taxa de emprego. De acordo com Harris e Todaro (1970, apud SANTOS, 2010), os movimentos migratórios também dependem da diferença na oferta de trabalho entre as regiões para que possa atender as expectativas de renda do indivíduo. Em ambas as hipóteses, o ato de migrar

está relacionado ao indivíduo e suas necessidades particulares, sem a interferência de outros fatores.

No entanto, existe outro conceito que afirma que a decisão de migrar depende de um conjunto maior de pessoas que estão, de alguma forma, ligadas. É o conceito básico da teoria proposta pelos Novos Economistas da Migração do Trabalho, apresentada por Stark & Bloom, Stark & Taylor, Stark & Taylor, Taylor (1985; 1989; 1991; 1986 apud Santos, 2010). Neste caso, o grupo agiria de forma a maximizar os ganhos e minimizar os riscos, que se referem à queda no padrão de vida. Para isso, seria preciso diversificar a alocação de recursos, incluindo a força de trabalho da família, já que tem objetivos de retorno semelhantes. Diferentemente da teoria neoclássica, nesta, o fator salário não é determinante na decisão de migrar.

Quando se trata de uma família com a intenção de migrar, os fatores tornam-se mais amplos e complexos, pois são vários pontos a serem discutidos no âmbito de um mesmo domicílio. No que se refere ao ponto de vista econômico, geralmente, a renda de uma família não provém de um só trabalhador. Sendo assim, na tomada de decisão para o deslocamento, ou não, deve ser levado em consideração o aumento no rendimento de todas as pessoas.

Para um casal, por exemplo, há a probabilidade de haver acréscimo de mais membros à família, além da questão do bem estar e integridade. Em seu trabalho, Mincer (1978, apud SANTOS, 2010, p. 9) conclui que, neste caso, "as famílias tendem a migrar menos, pois os retornos da migração aumentam menos que os custos". Isso sem contar o fator conflito familiar que pode ocorrer, já que, muitas vezes, o aumento no ganho pode acontecer para apenas uma das partes e a migração ocorrer mesmo assim.

Há outras abordagens teóricas a respeito da migração. Na perspectiva de Lee (1980), a migração está também relacionada às questões econômicas. De forma racional, o indivíduo avalia se a migração tem custo-benefício compensatório e decide se haverá deslocamento ou não. O autor aborda os fatores que influenciam a expulsão e a atração do migrante em certas localidades. As questões positivas, negativas, nulas e fatores pessoais são determinantes para a decisão de migrar e o sentido do fluxo.

[...] mudança permanente ou semi-permanente de residência. Não se põem limitações com respeito à distância do deslocamento, ou à natureza voluntária ou involuntária do ato, como também não se estabelece distinção entre a migração externa e a migração interna (LEE, 1980, apud OLIVEIRA, 2011, p. 12).

Já na percepção de Singer (1980), o fenômeno migratório é mais voltado para o social, onde as classes sociais passam por processos sociais, econômico e político ao migrar. Ele afirma que "as migrações internas são sempre historicamente condicionadas, sendo o resultado de um processo global de mudança, do qual elas não devem ser separadas" (SINGER, 1980 apud OLIVEIRA, 2011). Este autor descreve que o problema central do deslocamento está relacionado com as desigualdades regionais - que, de acordo com ele, é o motor das migrações internas.

Neste sentido, assim como já citado anteriormente, as oportunidades econômicas norteiam o interesse em migrar e o sentido em que o migrante tomará. Quanto maior a demanda de trabalho e geração de empregos, maior a probabilidade de sucesso. Contudo, os pesquisadores que abordam este tema se esforçam para não tratar os deslocamentos apenas como "problemas de desorganização social, mas também como estratégias para aumentar a renda do domicílio ou da comunidade" (OLIVEIRA, 2011, p. 17).

A passagem do processo da modernidade à pós-modernidade contribui para a compreensão dos movimentos migratórios. Até 1960, embora não de forma homogênea, o mundo estava no ciclo da produção e consumo em massa, o chamado "fordismo". Tratava-se de

um novo sistema de trabalho, com foco no acúmulo de capital. Um dos principais objetivos era com que o empregado fizesse carreira dentro de uma empresa, ou seja, tivesse estabilidade. Todavia, o modelo foi perdendo força nos países mais desenvolvidos, houve queda na produção e nos lucros, alta da inflação e conseqüentemente, deu origem a um problema fiscal nos Estados Unidos. Por isso, as grandes empresas de tecnologia, automação e novas linhas de produto passaram a movimentar-se para países em desenvolvimento, como forma de garantir a sobrevivência em um cenário econômico difícil (OLIVEIRA, 2011).

“O mercado de trabalho passou por radical reestruturação. Em face da sua volatilidade, ao aumento da competitividade e do estreitamento das margens de lucros, os patrões tiraram proveito do enfraquecimento do poder sindical e da grande quantidade de mão de obra excedente para impor regimes de trabalho mais flexíveis [...] Toda essa transformação, que mantém a essência do domínio do capital, tem impacto sobre a força de trabalho, em particular a flexibilização da precarização” (OLIVEIRA, 2011, p. 22).

2.1. Migração no Brasil

No Brasil, existem diversos movimentos migratórios, com destaque para o Nordeste, que representa os grandes fluxos de mobilidade dentro do país. No início dos deslocamentos, em meados de 1877, o principal destino dos nordestinos era a região Norte. A migração acontecia principalmente porque, nessa época, províncias como Ceará, Piauí, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte e Maranhão sofriam com a estiagem (NUNES, 2006).

Com o fluxo de nordestinos em direção ao Amazonas e Pará cada vez mais intenso, Nunes (2006) conta que a administração provincial do Pará procurou aliar os interesses da região com a necessidade de garantir meios de sustento aos que desejassem migrar. Sendo assim, foi necessário regularizar e ampliar os serviços de acolhimento ao migrante, como garantia de alimento e acomodação. Em 1878, o engenheiro Martinho Domiense Pinto Braga, apresentou, na Assembleia Legislativa, um parecer em que destacava a importância da migração nordestina para o Pará, desde que houvesse todo um controle de entrada e permanência desses retirantes.

Como o governo estava disposto a controlar esse fluxo, os nordestinos que iam para a Província deveriam ficar nos alojamentos disponíveis o menor tempo possível. Na fala do Excelentíssimo Senhor Dr. José Joaquim do Carmo, os que permanecessem no Pará teriam o prazo de três dias para obter moradia, trabalho lícito e meios para sobreviver. Caso não conseguissem trabalho nesse período seriam “empregados em obras públicas compreendidas à abertura e melhoramento de estradas, ou na agricultura” (1878, apud Nunes, 2006, p. 5). No entanto, dois anos depois das novas regras para migrantes, o governo do Pará decidiu reduzir bruscamente o auxílio aos nordestinos, porque entendeu que tais procedimentos geravam ônus à Província.

A região da Amazônia também recebeu grande quantidade de nordestinos, que teve papel fundamental na mão de obra que a desenvolveu econômica e estruturalmente. A partir de 1888 cresceu de maneira extraordinária a procura pela borracha para abastecer a nascente indústria automotora e, conseqüentemente, o produto estava mais valorizado, mais que triplicando o seu valor. No artigo "Amazônia: conquista e expansão", os autores Crusius, Leal e Schilling contam que, em pouco tempo, a região tornou-se uma das maiores fornecedoras de borracha em todo o mundo. Extraída da Hevea (assim classificada pelo botânico francês FuséeAublet, em 1762), pelo método artesanal, ela atraiu homens e capitais para as mais diversas partes da região.

A maioria dos trabalhadores da Amazônia era retirante do Ceará e de outras partes do Nordeste. Esse deslocamento fez com que a população amazônica saltasse, entre 1872 a 1900, de 329 mil para 695 mil, sendo 260 mil vindos de fora. Nos anos seguintes estima-se em meio milhão os que chegaram para trabalhar nos seringais (CRUSIUS, LEAL e SCHILLING).

Ainda de acordo com o artigo "**Amazônia: conquista e expansão**", entre 1891 e 1910, as exportações de borracha só foram superadas pelo café. Nesse período, a produção da goma no Brasil oscilou entre 61% e 50% da extração mundial. Situação que mudou a partir de 1913, com o mercado da borracha vinda da Ásia, que abriu intensa concorrência com o que era cultivado nacionalmente (CRUSIUS, LEAL e SCHILLING).

Assim como mostram os dados citados anteriormente, o demógrafo Dr. Marden Campos (2015), afirma que o movimento migratório já vinha ocorrendo nas décadas anteriores a 1980, quando os deslocamentos começaram a ser calculados com segurança. Desde então, os saldos migratórios (resultado líquido das migrações) já mostravam um perda líquida de população do Nordeste.

Depois da região Norte, o fluxo de nordestinos passou a ter o sentido voltado para o Sudeste. Como a agroindústria canavieira nordestina estava em baixa, e a região Norte não apresentava o mesmo atrativo financeiro de algumas décadas anteriores, houve o boom na migração de pessoas do nordeste para outras regiões do país, sobretudo para o Sudeste.

A migração entre as regiões do Brasil teve fluxo mais intenso entre 1960 e 1980, quando a população migrou do campo para a cidade. As áreas caracterizadas como as que mais expulsavam eram: Nordeste e os Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Já as regiões que mais atraíam migrantes eram os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro (ERVATTI, 2003, apud OLIVEIRA; ERVATTI; O'NEILL, 2011).

Contudo, entre 1980 e 1990 houve redução no volume de migrantes e também de formação de novos fluxos migratórios. O Censo Demográfico 1991 mostra "o arrefecimento das migrações do Nordeste para o Sudeste e algumas reversões nos saldos migratórios das Unidades da Federação" (OLIVEIRA; ERVATTI; O'NEILL, 2011, p. 29).

Os deslocamentos interestaduais no Brasil, entre 1995 e 2000 envolveram 5 milhões de pessoas, ainda com a região Nordeste sendo a de maior evasão. No entanto, o diferencial do fluxo migratório nesse período, conforme explica Oliveira; Ervatti; O'Neill (2011), é que São Paulo e Espírito Santo passaram a ser áreas de baixa absorção migratória. Nesse período, São Paulo atraiu população do Nordeste, porém em volume muito menor do que o observado no passado. De uma forma geral, o Estado que se destacou em todo o Brasil nesse período foi Roraima, caracterizado como área de forte absorção migratória.

Informações da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) do IBGE, realizada em 2004 e 2009, mostram que o volume de migração entre 1999/2004 e 2004/2009 foi reduzido consideravelmente, com queda de aproximadamente 800 mil pessoas entre a primeira pesquisa e a segunda. O motivo dessa queda na corrente migratória, porém, não é possível ser apontado, pois as informações contidas nas análises censitárias não são suficientes. Contudo, o aspecto da tendência é claro, de que a migração observada no passado está menos intensa.

"A redução nos deslocamentos entre regiões foi observado em praticamente todas as trocas entre as regiões, algumas mais intensas, como a migração Norte-Sul e a Nordeste-Norte, e ainda a Sudeste-Nordeste" (OLIVEIRA; ERVATTI; O'NEILL, 2011, p. 34).

2.2. Migração nordestina para o Vale do Paraíba

O Brasil apresenta eixos de crescimento espalhados pelas diversas regiões. Isso por conta da atividade econômica que se desenvolveu e hoje ocorre em praticamente todo o país e não só em alguns aglomerados urbanos. Atividades agrícolas, industriais, infraestrutura sofisticada para produção, armazenagem, distribuição e circulação de produtos e serviços são fatores que influenciam a migração dentro do país.

Entre outros grandes conjuntos urbanos, Oliveira; Ervatti; O'Neill (2011) citam o megaspaço de São Paulo (SP), que abrange também outras cinco aglomerações menores: Campinas, Jundiaí, Sorocaba, Santos e São José dos Campos, no Vale do Paraíba, que estão num raio de 150 km ao redor do núcleo - a capital. O eixo entre a BR 116 (Rodovia Presidente Dutra), entre São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), é um dos mais importantes do país e representa grande atrativo para os migrantes.

A Doutora em Psicologia Social, Lúcia Maria Rangel de Azevedo (2015), explica que as regiões Sul e Sudeste do Brasil sempre foram muito mais desenvolvidas que as demais. Nos últimos anos, contudo, outras localidades do país também têm se tornado de alto nível. Ela destaca que o Vale do Paraíba é marcado por um desenvolvimento econômico muito importante no país. As pessoas migram para a região buscando melhor qualidade de vida, por meio de melhores salários.

Rangel (2015) lembra que, mesmo com grandes fatores de atração, o fluxo migratório para o Sudeste vem caindo. Um dos motivos é o grande desenvolvimento econômico nos Estados do Nordeste, nos últimos dez anos, pelo menos. Isso, segundo ela, ajuda manter a população nordestina em sua própria região.

“O grande motivo para a migração, que é a melhor qualidade de vida, tem sido enfraquecido ultimamente. Isso é muito bom. Embora tenha aspectos positivos para o país, é sempre difícil, do ponto de vista emocional, a separação das famílias, as pessoas buscarem outros lugares. Parece que o país está caminhando para um desenvolvimento mais igual” (RANGEL, 2015).

Os migrantes sempre são fator de desenvolvimento para a região que os recebe. Em São Paulo, por exemplo, grande parte da mão de obra dos grandes edifícios e construções da cidade é de responsabilidade dos nordestinos. Entre outras coisas, os hábitos e a gastronomia do Vale do Paraíba têm influência do Nordeste. Azevedo (2015) enfatiza que a troca é sempre bem vinda e enriquece a cultura de quem recebe os migrantes. Ainda assim, o deslocamento não deve ser feito exclusivamente porque há a busca por melhor qualidade de vida, pois significa pobreza nas regiões que perdem sua população.

A partir dos anos 1990, observa-se um movimento de migrantes que se estabeleceram em São Paulo há muitos anos, mas estão voltando para o lugar de origem, o que significa que a terra natal está oferecendo condições mais adequadas para as pessoas.

Os municípios de São José dos Campos, Jacareí e Taubaté, por exemplo, são regiões industriais do Vale do Paraíba. Contudo, a indústria não emprega com a dimensão que empregava há 30 anos. Por isso, houve o retorno de parcela da população que veio para o Sudeste para a área de origem. Isso por conta da saturação econômica que houve nas metrópoles. No início, as cidades passaram por um processo de atração quando estavam se expandindo e, com o passar dos anos, sem o investimento necessário, os custos aumentam, como o aluguel, preço da terra e o tempo de deslocamento da casa para o trabalho aumenta. Todos esses fatores, além do aumento da criminalidade, oneram o orçamento das famílias (PRUDENTE, 2015).

As pessoas começaram a retornar para áreas de onde vieram por conta da saturação das condições de vida da metrópole paulistana e outras metrópoles do Sudeste. O fluxo acabou se estabilizando e algumas pessoas voltaram não só para o Nordeste, mas também para o Norte de Minas Gerais. (PRUDENTE, 2015)

Desde o primeiro Censo do IBGE, em 1872, são registradas as informações de pessoas que não moram em seu local de nascimento. Há estatísticas de todas as regiões do país, inclusive Vale do Paraíba. Eles são divididos entre municípios e microrregiões. Cada tabela apresenta a quantidade de migrantes em cada local e de qual Estado eles são.

O Censo Demográfico de 1970, por exemplo, mostra que o Estado de São Paulo tinha população estimada em 17.771.948 e contava com 571 municípios, 866 distritos, 571 cidades e 295 vilas. As cidades que formavam o Vale do Paraíba Paulista, na época, eram: Aparecida; Caçapava; Cachoeira Paulista; Campos do Jordão; Cruzeiro; Guaratinguetá; Igaratá; Jacareí; Lorena; Monteiro Lobato; Pindamonhangaba; Piquete; Queluz; Roseira; Santa Branca; Santo Antonio do Pinhal; São Bento do Sapucaí; São José dos Campos; Taubaté e Tremembé. Veja o quadro a seguir que mostra a soma da população natural do Nordeste em todos os municípios do Vale do Paraíba.

Estado	População
Maranhão	193
Piauí	233
Ceará	1134
Rio Grande do Norte	687
Paraíba	1039
Pernambuco	2501
Alagoas	959
Fernando de Noronha	12
Sergipe	470
Bahia	2788

O Censo Demográfico seguinte, de 1980, inclui todos os municípios apresentados anteriormente, mais a cidade de Lavrinhas. É possível observar grande crescimento de população nordestina no Vale do Paraíba Paulista, comparando o levantamento de 1970 e 1980, como mostra o quadro a seguir:

Estado	População
Maranhão	687
Piauí	1973
Ceará	3763
Rio Grande do Norte	2378
Paraíba	3514
Pernambuco	7981
Alagoas	2406
Fernando de Noronha	36
Sergipe	1366
Bahia	7901

Já o recenseamento de 1990 abrange todas as cidades do Vale do Paraíba apresentadas nos últimos dois Censos citados, incluindo Bananal; Areias; São José do Barreiro; Silveiras;

Cunha; Jambuí; Lagoinha; Natividade da Serra; Paraibuna; Redenção da Serra; São Luís do Paraitinga; Caraguatuba; Ilhabela; São Sebastião e Ubatuba. No entanto, diferente das outras pesquisas, não apresenta a população de Fernando de Noronha residente no Vale do Paraíba. Veja:

Estado	População
Maranhão	1991
Piauí	4885
Ceará	7518
Rio Grande do Norte	3695
Paraíba	8071
Pernambuco	16904
Alagoas	4919
Sergipe	1845
Bahia	19198

Os levantamentos seguintes, de 2000 e 2010, não apresentam dados detalhados por município ou microrregião a respeito da migração. No recenseamento de 2010, por exemplo, as informações são voltadas para o crescimento populacional como um todo e destaca que as cidades com menos de 500 mil habitantes são as que apresentam aumento mais expressivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os nordestinos contribuem com o desenvolvimento do Brasil há muitas décadas, não somente quando migraram em direção ao Norte do país, na época do ciclo da borracha, como também para todas as outras regiões, principalmente o Sudeste. Essa perda populacional do Nordeste do Brasil contribuiu para o crescimento urbano e a construção da metrópole paulistana, que acabou incorporando uma série de aspectos culturais, com destaque para a culinária e o comércio de rua.

Os Censos do IBGE coincidem com as análises feitas pelos especialistas no que se refere aos motivos para migração nordestina em direção ao Sudeste. A evasão por conta da seca, a questão agrária e a busca por melhores empregos na área que estava em desenvolvimento fizeram de São Paulo, Rio de Janeiro e Vale do Paraíba regiões heterogêneas, composta em grande parte por nordestinos.

O Dr. Henrique Prudente destaca em sua entrevista que não teria como haver um crescimento estruturado e a mão de obra para construção civil sem o aporte dos migrantes nordestinos no Sudeste, citando uma frase do ex-deputado Paulo Maluf: “A maior cidade nordestina não está no Nordeste, é São Paulo”.

Os objetivos deste trabalho foram alcançados, uma vez que as pesquisas e entrevistas ocorreram como o previsto. Vale ressaltar a complexidade das análises dos Censos Demográficos, que são compostos por centenas de páginas e, por isso, levaram mais tempo do que o esperado para as análises. Outro aspecto observado foi a inexistência de dados específicos sobre a migração nordestina por municípios no último levantamento do IBGE, de 2010, que é mais compacto. O Instituto disponibilizou documentos com um contexto geral da migração, diferentemente dos anteriores, onde são abordados minuciosamente cidade por cidade do Brasil.

Em suma, a produção deste artigo aborda aspectos importantes da migração nordestina,

como os motivos do deslocamento, a quantidade e o direcionamento do fluxo desses migrantes.

AGRADECIMENTOS

À orientadora deste artigo, que originou do Trabalho de Conclusão de Curso, pela paciência e atenção; Ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na pessoa do Dr. Marden Barbosa de Campos e os responsáveis pela Biblioteca do IBGE, por disponibilizarem todos os Censos Demográficos e responderem as dúvidas no decorrer das análises; à Dra. Lúcia Maria Rangel Azevedo e o Dr. Henrique Alckmin Prudente, pelo tempo disponibilizado por ambos no esclarecimento de assuntos importantes para a realização deste artigo; E ao Prof. Me. Gerson Farias pelas correções e observações.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Lúcia Maria Rangel. *A migração no Vale do Paraíba*. [mai. 2015]. Aparecida, 2015. CD-ROM. Entrevista concedida ao TCC Histórias de Migração.

CAMPOS, Marden Barbosa de Campos. *A migração no Brasil*. [abr. 2015]. Potim, SP, 2015. Arquivo digital. Entrevista concedida ao TCC Histórias de Migração.

CRUSIUS, Yeda; LEAL, Mônica; SCHILLING, Voltaire. Amazônia: conquista e expansão – Memorial do Rio Grande do Sul. P. 12-13. Disponível em: <
<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12496437/amazonia-conquista-e-expansao-memorial-do-rio-grande-do-sul>> Acesso em 4 mai. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 462.

IBGE. Censo Demográfico 1991: Migração. Rio de Janeiro, n. 21, 1991, p. 250 - 284. Disponível: <
<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?acervo=periodico&campo=titulo&opeqry=&texto=censo%20demogr%C3%A1fico%20:201991&digital=false>> Acesso em 10 mai. 2015.

IBGE. Censo Demográfico São Paulo. Vol. 1, parte 2, 1970, p. 379 - 381. Disponível em: <
<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=769>> Acesso em 5 mai. 2015.

IBGE. Censo Demográfico: Dados Gerais – Migração – Instrução – Fecundidade - Mortalidade. Rio de Janeiro, vol. 1, 1982, p. 569 - 576. Disponível em: <
<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?acervo=periodico&campo=titulo&opeqry=&texto=censo%20demogr%C3%A1fico%20:201980&digital=false>>. Acesso em 5 mai. 2015.

IBGE. Recenseamento do Brasil em 1872. São Paulo, 1872, p. 65 - 134. Disponível em: <
<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=225477>> Acesso em 10 mai. 2015.

NUNES, Francivaldo Alves. Migração Nordestina e a luta pela Terra na Amazônia da segunda metade do século XIX. Rio de Janeiro, p. 4-5, 2006. Disponível em:
<<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Francivaldo%20Alves%20Nunes.pdf> > Acesso em 4 mai 2014.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Algumas abordagens teóricas a respeito do fenômeno migratório. Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. Rio de Janeiro, RJ, n. 1, p. 11-29, 2011. Disponível em: <
<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49781.pdf>> Acesso em 15 abr. 2015.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de; ERVATTI, Leila Regina; O'NEILL, Maria Monica Vieira Caetano. O panorama dos deslocamentos populacionais no Brasil: PNADs e Censos Demográficos. Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. Rio de Janeiro, n. 1, p. 29 – 34, 2011. Disponível em:
<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49781.pdf>> Acesso em 20 abr. 2015.

PRUDENTE, Henrique Alckmin. A influência da cultura nordestina no Sudeste. [ago. 2015]. Lorena, 2015. CD-ROM. Entrevista concedida ao TCC Histórias de Migração.

SANTOS, Mauro Augusto dos; BARBIERI, Alisson Flávio; CARVALHO, José Alberto Magno de; MACHADO, Carla Jorge. Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias. Belo Horizonte, p. 7 – 9, 2010. Disponível em: < <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20398.pdf> > Acesso em 15 abr. 2015.

ILUMINAÇÃO PÚBLICA: DESLIGAR OU USAR DE MANEIRA INTELIGENTE?

LUMINÁRIAS LED COMO ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL PARA A ILUMINAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA

RESUMO

A presente pesquisa concentra estudos e soluções baseadas em novas tecnologias e novos conceitos a serem implementadas na iluminação pública, visando à redução no consumo de energia elétrica e melhoria do conforto ambiental. A economia de energia elétrica é um assunto de grande importância, e deve ser tido como prioridade pelo fato do País estar passando por uma crise econômica e se aproximar de uma grande crise energética.

As tecnologias que foram estudadas são baseadas em LEDs de alto brilho aplicadas à iluminação pública, que tem por objetivo avaliar uma possível substituição da luminária com lâmpada vapor de sódio 70W por um modelo de luminária a LED. Foram realizadas pesquisas baseadas em catálogos de diversos fabricantes e estudos luminotécnicos para obtenção de informações técnicas, visando atingir níveis satisfatórios de economia e qualidade na iluminação pública, além de verificar se os dados estão de acordo com as normas brasileiras.

As luminárias de tecnologia a LEDs são uma realidade em alguns países e tem se mostrado muito eficiente. Mas para que haja êxito na em sua implantação, devem ser analisados diversos fatores os quais serão abordados no decorrer deste trabalho.

Palavras-chave: Resumo Iluminação pública, testes luminotécnicos, eficiência energética, novas tecnologias.

ABSTRACT

The present research has as target to concentrate the studies and solutions based in new technologies and new concepts of public illumination to be implemented, always having electric energy saving as a goal. The electric energy saving it is a huge issue and most have priority considering that the country is crossing a financial crises and near of an energetic shortage.

The technologies that have been studied are based in high brightness LEDs, having as objective to compare and to decide whether or not a LED luminary is a feasible substitution for the sodium steam bulb (70Watts).

To obtain the needed technical information, a lot of research was done on several manufacturers catalogs and lighting studies, hoping to reach satisfactory levels of economy and quality in public illumination, besides verify if they fit to brazilian technical standards.

The LED technology luminaries have been used in a few countries and they have very good prospects of efficiency. In order for this implementation to be real, a lot of factors must be analyzed. They will be addressed in this study.

Keywords – Public Illumination, luminotecnics tests, energy efficiency, new technology

NOMENCLATURA

lm Grandeza do Fluxo - luminoso, (lúmen).

cd - Grandeza de Intensidade Luminosa, (candela).

lm/W - Eficiência Luminosa.

LED - Light Emission Diode

HB - LED High Brightness LED

VS70W - Vapor de Sódio 70Watts.

INTRODUÇÃO

Atualmente no Brasil e no mundo, a procura por soluções energéticas eficientes e mais limpas se torna cada vez mais crescente. Nesse cenário, a tecnologia LED é abordada como alternativa e solução para a iluminação pública brasileira, já que proporciona uma redução significativa no consumo de energia quando comparada aos antigos equipamentos utilizados, além de garantir melhor conforto ambiental devido ao sua qualidade no índice de reprodução de cor.

A iluminação Pública (IP) é um dos mais importantes serviços prestados pelas prefeituras, através das concessionárias de energia elétrica, às comunidades.

Uma iluminação de rua eficiente, de boa qualidade, bem dimensionada e bem distribuída é fator decisivo na melhoria dos índices de segurança pública, de segurança no trânsito e da satisfação do contribuinte. Desta forma, a eficiência dos sistemas de iluminação pública está ligada diretamente à qualidade de vida dos cidadãos, de forma que ações que promovam a excelência deste sistema resultem em melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento sócio-econômico do município onde é implantada[2].

JUSTIFICATIVA

Ilumina-se o espaço público a fim de se alcançar objetivos sociais ou econômicos, que incluem basicamente a segurança pública, mas também o apoio ao desenvolvimento, destaque às áreas históricas ou espaços específicos. Em diversos lugares e situações diferentes podem ter objetivos distintos em relação à iluminação pública de ruas, avenidas ou espaços urbanos. Podendo ser instalada, fundamentalmente, para a segurança e visibilidade dos motoristas; também pode ser instalada para criar a sensação de segurança entre os vizinhos de um bairro. Ou pode ser instalada numa área de jogos ou de prática de esportes, por exemplo, para fazer possível seu uso à noite. Em muitas áreas centrais das cidades, a iluminação artificial é vista como um elemento estético que pode ajudar a atrair consumidores aos comércios da área.

No Brasil, o consumo de energia elétrica destinado à iluminação é expressivo. Cerca de 20% do consumo total de energia elétrica está associado à produção de luz através da energia elétrica, incluindo a iluminação pública [2]

Há cerca de 13 milhões de pontos de iluminação públicos cadastrados no Brasil. Cada ponto tem um consumo médio equivalente de cerca de 800 kWh/ano e uma potência média instalada de aproximadamente 184 W. Os 13 milhões de pontos de IP representam uma solicitação de cerca de 4,5% da demanda de ponta do sistema elétrico (2,2GW), considerando-se que os sistemas de iluminação pública entram em operação no horário onde há maior solicitação do sistema elétrico nacional.

Dos 13 milhões de pontos de iluminação pública instalados no Brasil, mais de 60% (9,5 milhões) precisam ser renovados. Em três milhões de pontos, a instalação precisa ser refeita. Os desafios do setor podem então ser vistos como uma grande oportunidade de adotar tecnologias mais avançadas e eficientes, contribuindo para o crescimento sustentável das cidades brasileiras [1].

Até pouco tempo atrás, a iluminação de espaço urbano era uma área negligenciada, tanto pelos iluminadores como pelos arquitetos e urbanistas. A substituição do modelo atual por uma nova tecnologia, LED, significa menos combustível fóssil sendo queimado, madeira sendo consumida e CO² lançado no ar [1]. Com o desenvolvimento da tecnologia, o LED ganhou espaço em diversas aplicações na indústria automotiva para sinalização e iluminação em veículos, letreiros luminosos, iluminação decorativa, iluminação pública, entre outras. Uma iluminação de rua eficiente, de boa qualidade, bem dimensionada e bem distribuída é fator decisivo na melhoria dos índices de segurança pública, de segurança no trânsito e da satisfação do contribuinte. Desta forma, a eficiência dos sistemas de iluminação pública está ligada diretamente à qualidade de vida dos cidadãos, de forma que ações que promovam a excelência deste sistema resultem em melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento sócio-econômico do município onde é implantada

OBJETIVO

Repensando sob o crivo da sustentabilidade, a contribuição na área será de fundamental importância e por isso a proposta desta pesquisa é oferecer um estudo técnico consolidado com a solução energética proposta que são as luminárias LED disponíveis no mercado brasileiro para iluminação pública e uma avaliação econômica, qualitativa, quantitativa e ambiental.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A urbanização das cidades brasileiras, com a criação de amplos espaços públicos e vias de tráfego mais largas, criou a necessidade de instalação de postes de luz mais altos, com menor espaçamento entre eles e que propiciassem uma boa iluminação aos carros e pedestres. Por exemplo, A General Electric S. A. estabeleceu-se no Rio de Janeiro, em 1919. Até às vésperas da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as lâmpadas incandescentes predominavam na iluminação em geral, e particularmente na pública. Elas eram relativamente simples e de baixo custo de aquisição, embora implicassem alto custo de energia. Após a segunda guerra mundial, apareceram as lâmpadas fluorescentes, que tinham maior eficiência luminosa e vida mais longa, o que veio ao encontro da difícil situação na Europa daqueles dias. No Brasil, as lâmpadas fluorescentes fabricadas no Rio de Janeiro, de 20 e 40 watts, à partir de 1942, tiveram uma maior utilização na iluminação de interiores. Já na iluminação pública, elas foram aplicadas em algumas cidades e são encontradas, ainda hoje, em alguns locais nos Estados do Rio Grande do Sul e no Espírito Santo.

A partir de 1950, observa-se um grande desenvolvimento e prosperidade em todos os campos, nas regiões sul e sudeste, além do aumento da fabricação nacional não só de lâmpadas, mas também de reatores e luminárias. Brasília, capital federal, teve em sua inauguração (1960), todas as vias iluminadas por lâmpadas fluorescentes de alto fluxo, instaladas em luminárias que acompanhavam o estilo dos postes projetados pelo arquiteto Lúcio Costa. Nos anos seguintes desenvolveram-se as lâmpadas de descarga a vapor de mercúrio e no ano de 1969 foram instaladas as primeiras lâmpadas a vapor de sódio de alta pressão em Recife. Os postes também sofreram uma mudança: surgiram os de tubo curvado onde as instalações independiam da rede de energia, substituindo os postes retos com braços ou ornamentais. O conhecimento da iluminação desenvolve-se em paralelo, formando especialistas que passam a desenvolver projetos com maior embasamento técnico.

Atualmente a manutenção da iluminação pública da cidade de São Paulo está sob a responsabilidade do Departamento de Iluminação Pública (Ilume), órgão subordinado à Secretaria Municipal de Serviços.

A gestão dos sistemas do espaço urbano é, por vezes, bastante complexa. Uma gestão integrada das redes de IP, que visa minimização de custos de manutenção (para a concessionária) e de consumo, está diretamente relacionada a várias questões. Dentre elas, destacam-se: a escolha e aquisição de produtos, a qualidade dos componentes, a capacitação técnica dos eletricitistas que realizam as intervenções na rede e os procedimentos de manutenção adotados pela empresa concessionária. Em relação à compra e qualidade dos componentes, destaca-se a necessidade de uma rotina de aquisição baseada em homologação criteriosa de fornecedores, realização de inspeção nas indústrias fornecedoras, obrigatoriedade de realização de ensaios (testes) para determinar se as características dos componentes estão de acordo com as normas brasileiras e se a garantia do produto atende às necessidades da concessionária. Além disso, recomenda-se a padronização de procedimentos e emprego de componentes utilizados por parte das equipes localizadas em diversos municípios [3].

O LED (do inglês Light Emission Diode, diodo emissor de luz) é um dispositivo eletrônico semicondutor, que quando polarizado diretamente, dentro do semicondutor ocorre a recombinação de lacunas e elétrons. Essa recombinação exige que a energia armazenada por esses elétrons sejam liberadas na forma de calor ou luz devido à passagem da corrente elétrica na junção anodo para o catodo. Diferente de uma lâmpada o LED não possui filamento, o grande responsável por converter a maior parte da energia elétrica em energia térmica (calor) que significa desperdício, pois o objetivo é iluminar e não aquecer. Este é capaz de produzir muito mais luz visível do que calor ao ser comparado com uma lâmpada incandescente, o que o torna

mais eficiente chegando a economizar 50% da energia comparada às fontes tradicionais. A estrutura básica de um LED é uma pastilha semicondutora sob uma superfície refletora em forma de concha, envolvida por uma resina que direciona o feixe luminoso conforme a fig. 1.

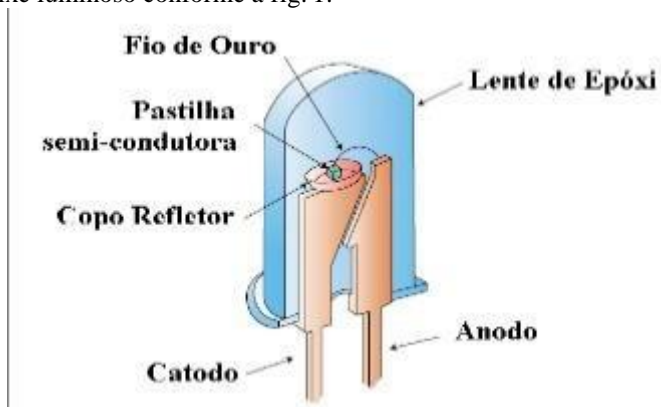
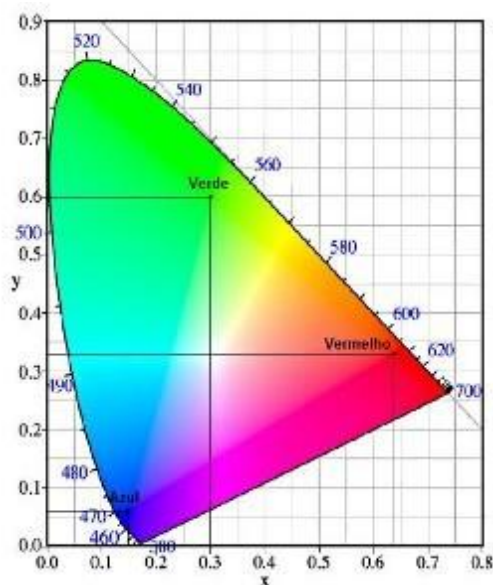


Figura 1 – Estrutura do LED

Além da estrutura que compõem a luminária é necessário levar em conta outros fatores como o Diagrama Cromático, que foi desenvolvido em 1931 pela Comissão internacional de Iluminação (CIE). O diagrama é um método utilizado para representação de cor, com comprimento de onda na ordem de nanômetros (nm). Internamente ao gráfico cromático, existe uma curva característica que expressa a temperatura de cor medida em Kelvin. Essa curva pode identificar se a luz branca tem temperatura de cor fria (Tom mais Azulado) ou quente (Tom mais Avermelhado). O índice de Reprodução de Cor (IRC) representa a qualidade em que as cores serão reproduzidas por uma fonte de luz, sendo independente da temperatura de cor da fonte. A temperatura de cor (tabela 1), expressa a aparência de cor emitida por uma fonte de luz medida em Kelvin (K). Quanto mais alta for sua temperatura de cor, mais clara será a tonalidade da luz. O termo temperatura de cor, não está se referindo ao calor específico da lâmpada, mas sim a tonalidade apresentada ao ambiente. Estudos revelam que quanto for mais suave à tonalidade da cor, mais relaxante será o ambiente, e quanto mais claro será mais estimulante para o ser humano [4].



Entre as vantagens do uso de LEDs em iluminação pública, pode-se citar:

- 1) Segurança – Por operarem em baixa tensão, diminui os riscos de acidentes e fatalidades, proporcionando segurança em sua instalação e utilização.
- 2) Vida útil – Maior vida útil, cerca de 50 mil horas, reduzindo conseqüentemente o custo de manutenção.
- 3) Consumo – Baixo consumo de energia proporcionando um elevado grau de eficiência, podendo atingir um fluxo luminoso considerável.
- 4) Emissões de UV – Não emitem radiação ultravioleta, evitando a atração de insetos à luminária e degradação das características originais da luminária.
- 5) Resistência – São resistentes a impactos e vibrações.
- 6) Poluição luminosa – É causada pelo desperdício de luz artificial no período da noite.

Sendo projetada de maneira incorreta ao céu que fica coberto por uma enorme bolha luminosa, tirando a nitidez das estrelas, conforme a Fig. 2a. A razão deste efeito negativo está no modo como é projetada a luz. Na iluminação a LED este efeito é minimizado, pois sua iluminação é direcionada sendo considerada ideal como demonstra a ilustração na Fig.2b. Uma iluminação eficiente, de boa qualidade, bem dimensionada e bem distribuída é fator decisivo na melhoria dos índices de segurança pública, de segurança no trânsito e da satisfação do contribuinte. Desta forma, a eficiência dos sistemas de iluminação pública está ligada diretamente à qualidade de vida dos cidadãos, de forma que ações que promovam a excelência deste sistema resultam em melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento sócio-econômico do município onde é implantada.



Figura 2a – Poluição luminosa



Figura 2b - Fator que causam poluição luminosa

Outro ponto que pode resultar em ineficiência refere-se ao emprego de componentes inadequados em circuitos de iluminação já instalados. Um exemplo típico seria o uso de uma lâmpada de vapor de mercúrio (VM) em um circuito destinado a lâmpadas de vapor de sódio (VS). Tal rotina pode ocorrer quando um elemento da equipe técnica não tenha realizado treinamento adequado ou pela falta momentânea do componente necessário (neste caso, a lâmpada VS). Sabe-se que se apenas o ignitor associado ao reator da lâmpada estiver inoperante, uma lâmpada VM poderá ser alimentada por um reator VS de potência equivalente [5]. Cabe também lembrar que os ensaios laboratoriais indicaram que este procedimento pode acarretar diversos tipos problemas tais como:

- Dificuldade na visibilidade aérea (aviões, satélites, helicópteros tem a visibilidade prejudicada pela poluição luminosa)
- Perda de foco luminoso (a luz se espalha de forma circular ao invés de cônica, perdendo o foco pretendido que é a via pública)
- Perda do conforto ambiental -A poluição luminosa pode acarretar diversos problemas ergonômicos e até mesmo na saúde da população. Em relação à saúde e ao impacto social, é comprovado o efeito da poluição luminosa no aumento da incidência e desenvolvimento de alguns tipos de câncer. A presença de luz inibe fortemente a produção de melatonina. A redução deste hormônio tem sido altamente correlacionada com o aumento do risco de câncer de mama. Essa teoria é fundamentada em uma série de estudos em humanos e animais. De forma interessante, observações epidemiológicas demonstraram um baixo índice de câncer de mama em mulheres cegas e um alto índice em mulheres que trabalham em turnos invertidos. Em adição à iniciação do câncer, existem também evidências que a exposição excessiva à luz durante a noite pode acelerar o crescimento de tumores já estabelecidos. Afetando uma parcela mais ampla da população, a poluição luminosa pode promover cansaço visual, causando sonolência, dor de cabeça e stress.
- O trânsito de veículos pode ser prejudicado pela iluminação incorreta, o que pode acarretar em possíveis acidentes de trânsito
- Dificuldade de observação do espaço - A luz artificial mal planejada compromete o alto investimento em observatórios astronômicos profissionais e, conseqüentemente, a realização de pesquisas científicas que ampliam

o nosso conhecimento acerca do Universo, nos fazem refletir de maneira crítica sobre o nosso papel nele e levam ao desenvolvimento tecnológico, garantindo a melhoria na qualidade de vida da humanidade.

- Interferência nos ecossistemas - A variedade das condições ambientais contribui para a separação dos recursos e para uma maior biodiversidade. Alguns processos naturais só podem acontecer durante a noite na escuridão, como por exemplo, repouso, reparação, navegação celestial, predação ou recarga dos sistemas. Por esta razão, a escuridão possui igual importância à luz do dia. É indispensável para um funcionamento saudável dos organismos e de todo o ecossistema. A perturbação dos padrões naturais de luz e escuridão influencia vários aspectos do comportamento animal.¹ A poluição luminosa pode confundir a navegação animal, alterar interações de competição, alterar relações entre presas predadores e afectar a fisiologia do animal.

Para uma iluminação externa não poluente, é preciso assegurar que os sistemas de iluminação estejam corretamente orientados, de modo a evitar que a luz artificial seja indevidamente desviada na direção do céu. As luminárias também devem ter refratores planos junto às lâmpadas, para evitar a dispersão inadequada da luz. Sensores de movimento devem ser utilizados sempre que possível, evitando que a iluminação permaneça acionada quando não é necessária. Veja a seguir exemplos de boas práticas e produtos de iluminação menos poluentes. Quando o sistema de iluminação é incorretamente direcionado, uma parcela da luz é enviada inutilmente para o céu. E não necessariamente a área que realmente deveria receber a luz é iluminada adequadamente. Quando o planejamento do sistema é realizado, a luminária direciona a luz exclusivamente para a área onde ela é útil. A figura 3 ilustra diferentes situações de posicionamentos incorretos e corretos de projetores e luminárias.

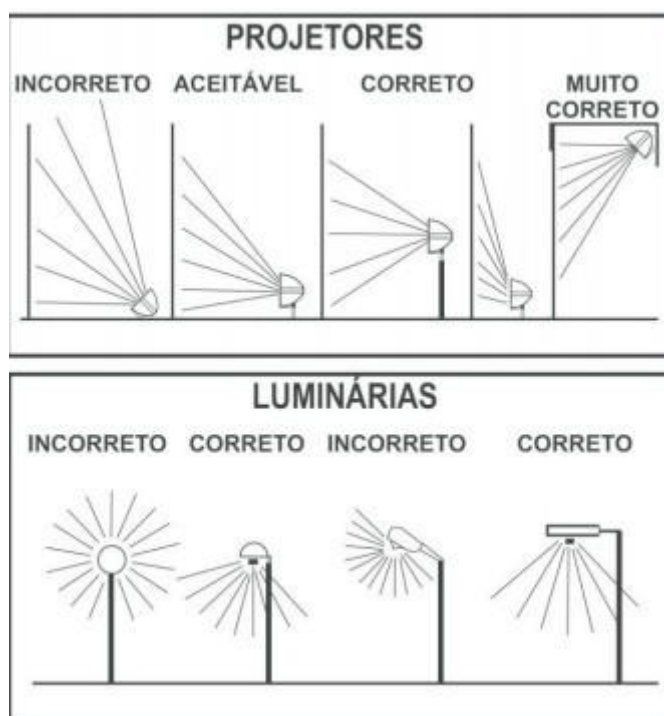


Figura 3 – Posicionamento corretos e incorretos de projetores e luminárias

Para minimizar os efeitos negativos da iluminação artificial, são necessárias novas estratégias de iluminação por parte do homem. A luz tem que ser usada de um modo preciso e as regulações devem ser implementadas através de leis por exemplo.

Podemos classificar a poluição luminosa em três categorias, descritas a seguir:

- Brilho do céu (sky glow – figura 4 a): é o aspecto alaranjado do céu, causado pelas luzes indevidamente direcionadas para o alto. É pior em áreas com alta concentração de poluição atmosférica. O uso de lâmpadas de vapor de sódio mal direcionadas é o que causa o efeito de cor alaranjada. Se o brilho tender para o branco, é devido ao uso excessivo de lâmpadas de mercúrio, ainda mais nocivas ao meio ambiente.



Figura 4 a – Brilho do céu

Ofuscamento (glare – figura 4 b): luz excessiva e direta nos olhos, causando cegueira momentânea. É o que acontece, por exemplo, quando um carro trafega com faróis altos na direção contrária a nossa. Note na imagem ao lado que a luz ofuscante não permite ao observador perceber todos os elementos da cena, o que favorece, por exemplo, a criminalidade.



Figura 4 b - Ofuscamento

Luz intrusa (trespass – figura 4 c): é a iluminação de um ambiente que invade o domínio do outro. Por exemplo, a luz que vem da rua e não permite que o quarto fique totalmente escuro durante a noite, como mostrado ao lado. Ou as luzes no interior das residências, que indevidamente escapam pelas janelas.



Figura 4 c – Luz intrusa

Para uma iluminação externa não poluente, é preciso assegurar que os sistemas de iluminação estejam corretamente orientados, de modo a evitar que a luz artificial seja indevidamente desviada na direção do céu. As luminárias também devem ter refratores planos junto às lâmpadas, para evitar a dispersão inadequada da luz. Sensores de movimento devem ser utilizados sempre que possível, evitando que a iluminação permaneça acionada quando não é necessária. As lâmpadas de vapor de mercúrio de alta pressão são extremamente nocivas, tanto do ponto de vista da poluição luminosa quanto pelo alto consumo de energia e grande risco de contaminação ambiental após o seu descarte. As lâmpadas de LED têm sido apontadas como uma solução para o futuro da iluminação externa. Além das vantagens já citadas anteriormente, consomem pouca energia e são intrinsecamente direcionadas.

Pode-se relacionar o pouco uso da iluminação pública com lâmpadas de LED devido a três fatores principais, dentre eles:

- 1) A falta de normas estabelecendo padrões de utilização;
- 2) Por ser uma tecnologia relativamente nova, seu custo de instalação ainda é considerado caro
- 3) O custo-benefício erroneamente não é considerado por grande parte das cidades brasileiras
- 4) A falta de informações por parte dos profissionais das prefeituras a respeito desse tipo de iluminação

Mais pesquisas científicas são necessárias para desenvolver uma tecnologia de iluminação idealmente sustentável para o futuro do planeta. Enquanto isso, temos que nos certificar de iluminar apenas o que for preciso, durante o tempo que for necessário e com as lâmpadas adequadas para a aplicação em particular.

CONCLUSÃO

A tecnologia dos LEDs vem crescendo no mercado, ganhando espaço e deixando de ser apenas um sinalizador (Ligado-Desligado) em equipamentos, sendo usada para iluminação decorativa, veículos automotivos, iluminação urbana entre outras áreas.

Cabe ressaltar a sua capacidade de atingir altos níveis de fluxo luminoso, com consumo de energia elétrica bem reduzida, apresentando alta durabilidade e robustez.

O conjunto de LEDs nas luminárias é capaz de atingir os níveis necessários de fluxo luminoso a ser usado na iluminação pública. O custo-benefício de instalação da tecnologia é válido, pois o retorno do investimento viabiliza a proposta seja implementação em grande escala no Brasil, com futuros promissores. O uso das luminárias a LEDs já é uma realidade em algumas cidades de países da Europa e da América do Norte, onde a sustentabilidade e viabilidade econômica têm grande impacto nas instalações públicas.

Se esta tecnologia proposta for utilizada no Brasil, proporcionará também uma grande economia de energia elétrica nas vias, parques, praças, escolas, hospitais, e muitos outros lugares, contribuindo para que não haja o risco de um “Novo Apagão”.

O estudo na área da iluminação pública poderá ser estendido a futuras tecnologias voltadas a este tipo de aplicação cuja luminária apresente um maior rendimento.

BIBLIOGRAFIA

[1] ELETROBRÁS. *O Programa Nacional de Iluminação Pública Eficiente* - RELUZ, Manual de Instruções, 2010.

[2] MASCARÓ, L. et AL. *Iluminação natural a artificial do recinto urbano*. Porto Alegre: PROPARG-UFGRS, 2004

[3] SANTOS, E. - *A iluminação pública como elemento de composição da paisagem*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, PROPARG, UFRGS, 2005. Dissertação de mestrado em arquitetura, 2013

[4] Transport Learning, *Eficiência Energética na Iluminação Pública*, Disponível em: <http://www.transportlearning.net/>

Acessado em: 10 de Agosto de 2015

[5] Saber Eletrônica, *LEDs: A iluminação do futuro*. Ano 43, Edição 415, Agosto 2007. Disponível em: <http://www.sabereletronica.com.br/secoes/leitura/247>

Acessado em: 5 de Agosto de 2015

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem à orientação que receberam da Professora Bárbara Sparenberg na elaboração desta pesquisa. Agradecem também à Deus por garantir a capacitação e recursos necessários.

A RÁDIO COMO PROPAGADORA DE NOTÍCIAS

Análise das vantagens do rádio e da rádio, como emissores de informação, sobre os meios de comunicação atuais

Resumo: O rádio foi e ainda é um meio de comunicação muito popular. Totalmente aclamado pelo seu poder de informação, ainda é sinônimo de sucesso em diversos lugares. Mas, hoje em dia, em meio a esse mundo tecnológico, novos meios de comunicação foram surgindo e ocupando o seu espaço. Logo, este artigo tende a mostrar quais as vantagens que o rádio e a rádio levam sobre a “nova era”, sobre a comunicação mais veloz, diferenciando a mesma da comunicação atual, mostrando seu formato de comunicação, como também, dos meios recentes, enfatizando a diferença do seu horário nobre comparado à televisão, ressaltando o seu amplo poder de informação e além de tudo, a receptividade da informação da mesma comparada a outros meios. Temos conosco uma herança valiosa e que deve não deve ser deixada de lado. As tecnologias atuais, em relação à comunicação rápida e fácil, nasceram depois do rádio, e por isso, devem parte de seu sucesso a ele.

Palavras Chave: rádio, comunicação, informação, tecnologias, notícias.

Abstract: The radio was and still is a very popular means of communication. Fully acclaimed for its power of information, it is still synonymous with success in several places. But today, in the midst of this technological world, new media have emerged and occupying their space. Therefore, this article tends to show what advantages the radio take on the “new age”, about the fastest communication, showing their communication format, but also the recent media, emphasizing the difference of his prime time compared to television, highlighting its wide power of information and above all, the receptivity of information in the same compared to other means. We have with us a rich heritage and should not be left aside. Current technologies, for rapid and easy communication, born after the radio, and so they should part of their success to it.

Key-words: radio, communication, information, technologies, news.

1. INTRODUÇÃO

Em alguma conversa em grupo, já se ouviu dizer que o rádio um dia chegaria ao fim, pois a tecnologia atual estaria dominando o espaço da comunicação. Mas, mesmo com toda essa “conversa fiada”, podemos ver que o rádio continua presente em praticamente todos os lugares, como por exemplo, nos bares, nos carros, na cozinha, literalmente firme e forte. É algo que merece respeito, mas que convenhamos, precisa sempre ter um apoio melhor em seu investimento e em sua inovação, para continuar sua caminhada.

O rádio tem como seu objetivo ser parceiro de diversas pessoas, nos momentos de falta de sono, na falta de informação, na ida ao trabalho, na estrada de volta para casa, dentre outros momentos. Ouvimos desde sempre, histórias de amor e amizade que foram formadas a partir do rádio, principalmente por pessoas que não gostam de se mostrar, e que pela radiofonia, se sentem mais confortáveis ao transmitir uma mensagem.

Na atualidade, o estudo sobre e com o rádio seria uma forma de aprendizado importante em sala de aula, para que os alunos pudessem ouvi-lo e que discutissem sobre assuntos econômicos, os problemas que rodeiam a população, o estado de nossa política, ou seja, de nosso mundo como um todo. O rádio é um importante instrumento para se discutir sobre a vida.

Segundo Souza (2009), toda a mensagem que é passada pelo rádio, precisa de certa proteção para o seu fortalecimento junto de outras mídias. A televisão, por si só, deve resgatar a história do rádio e mostrar ao seu público como a comunicação começou a se vangloriar. O rádio tende hoje, a melhorar suas transmissões com a modernização de seus equipamentos, melhoria de seu acervo musical, que é de grande importância, e um planejamento diferenciado de seus programas, para que haja maneiras diferentes de se trabalhar, além do improvisado.

Portanto, é colocado a nossa frente que o rádio nunca irá morrer, pois o papel que ele exerceu e exerce até hoje é de extrema importância para todos. Durante nossa vida, devemos resgatar a grande história do rádio, da Era de Ouro até os dias de hoje, e sempre continuar a busca do engrandecimento e fortalecimento de seu papel para o melhor convívio da sociedade e para o bem da comunicação em geral.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A rádio, outros meios de comunicação e seus formatos

Estamos rodeados de novas ideologias, novas formas de pensamento, novas tecnologias e novos meios de comunicação. Somos praticamente “engolidos” pelos inovadores meios em que podemos nos comunicar ou vice-versa, e dessa maneira, acabamos perdendo um pouco do que tínhamos antigamente e que ainda temos, parte do que nos sustentava culturalmente antes dessa “nova era”.

O rádio e a rádio em si são uma dessas heranças que podemos carregar conosco, literalmente. Somos tão fascinados pela TV e pela internet, que nos esquecemos do que veio primeiro, do que trouxe o entretenimento e até hoje o fornece. A rádio, manto de Carmen Miranda e Abelardo Barbosa, perdeu e vem perdendo o seu espaço com a criação de meios mais rápidos de informação, apesar de sua formação atual.

Hoje em dia, o brasileiro passa mais tempo na internet e assiste mais a televisão do que ouve o rádio. "A diferença ainda é pequena, mas mostra uma tendência importante e que deve ser analisada. O tempo dá um parâmetro de como o brasileiro está migrando de forma consolidada para os meios de comunicação digitais." (TRAUMANN, 2014).

A televisão apresenta variadas formas de entretenimento, como programas de auditório, seriados, animações, programas jornalísticos, filmes, musicais, entre outros que prendem a atenção do público e a cada dia tendem a aumentar seu IBOPE com novas criações. A internet apresenta os mesmos conteúdos, só que muito mais abrangentes e com muito mais diversidade. Nela é possível analisar diversos caminhos e neles, ao mesmo tempo, descobrir outros novos conteúdos, além da comunicação com o próximo, que a partir das redes sociais, como o Facebook, se torna algo mais ágil.

O rádio, ainda que um meio de comunicação antigo, e há quem diga ser ultrapassado, até hoje apresenta diversidade em sua programação. Não podemos a comparar nos dias atuais, em questão de diversidade, com a internet ou a televisão, mas é visto que ele foi, e de acordo com pesquisas, ainda é presente na residência da maioria da população brasileira. “O rádio é o único veículo de comunicação que está presente em 99% das casas e em 83% dos carros, e também o único veículo que está junto a 93% dos consumidores no momento que antecede a compra.” (BOLDORINI, 2012).

O rádio é um meio de comunicação em larga escala, que se popularizou devido o seu baixo custo de aquisição e também por sua grande aceitação perante a sociedade, pois pode ser considerado um dos únicos emissores em que a maioria das pessoas acredita de imediato na informação que está sendo passada. Mas muitas pessoas se perguntam, hoje em dia, como as emissoras de rádio ganham dinheiro, como elas se sustentam, como ainda continuam exercendo sua função de transmitir informação para a população, se existem outras formas muito mais práticas e rápidas.

Apesar do grande desenvolvimento tecnológico nos dias de hoje, podemos citar o horário eleitoral, que gerou 4,3 bilhões de reais às emissoras de rádio e televisão, num período de nove anos. “Emissoras de televisão e rádio privadas deixaram de pagar — entre 2004 e 2013, período analisado pelo DIA através de dados fornecidos pela Receita Federal — R\$ 3,5 bilhões em impostos, com a desculpa de que o valor é um ressarcimento pelas transmissões de programas eleitorais. Somados aos R\$ 839,5 milhões previstos para este ano pela Receita Federal, o Brasil terá aberto mão, ao fim de dez anos, de R\$ 4,3 bilhões.” (VIEGAS, 2014).

Adquirir conteúdo e cultura pelo rádio é ainda uma maneira utilizada por parte da população. Todos podem analisar a rádio como um carro de época, que é algo antigo, mas que quanto mais se passa o tempo, mais valioso ele fica, por causa de sua capacidade e história. Essa “nova era” ainda permite que os programas de rádio tenham o seu espaço e que sejam conhecidos da mesma forma que as emissoras de televisão ou as páginas da Web.

A rádio está presente na vida do homem, assim como os outros meios, para difundir a comunicação, e da mesma forma, evoluir cada vez mais, sempre tendo como objetivo transmitir de maneira mais simples a informação, e assim, fazer com que o ouvinte consiga compreender a mensagem que está sendo passada. Dessa mesma forma, ela também cria um envolvimento forte com quem a ouve, pois a pessoa presta mais atenção, já que não são apresentadas imagens e que a informação, provavelmente, não será repetida. Todo esse trabalho da rádio se torna válido hoje em dia, graças a grande colaboração do público ouvinte, que a enaltece cada vez mais.

Adquirir conteúdo e cultura pelo rádio é ainda uma maneira utilizada por parte da população. Todos podem analisar a rádio como um carro de época, que é algo antigo, mas que quanto mais se passa o tempo, mais valioso ele fica, por causa de sua capacidade e história. Essa “nova era” ainda permite que os programas de rádio tenham o seu espaço e que sejam conhecidos da mesma forma que as emissoras de televisão ou as páginas da Web.

Portanto, a rádio está presente na vida do homem, assim como os outros meios, para difundir a comunicação, e da mesma forma, evoluir cada vez mais, sempre tendo como objetivo transmitir de maneira mais simples a informação, e assim, fazer com que o ouvinte consiga compreender a mensagem que esta sendo passada. Dessa mesma forma, ela também cria um envolvimento forte com quem a ouve, pois a pessoa presta mais atenção, já que não são apresentadas imagens e que a informação, provavelmente, não será repetida. Todo esse trabalho da rádio se torna válido hoje em dia, graças a grande colaboração do público ouvinte, que a enaltece cada vez mais.

2.2. O poder de informação do rádio

Mediante tudo que envolve a rádio, ela tem como sua principal forma de comunicação, ser a primeira a passar as notícias em tempo real, sendo assim, acaba trazendo para a população um mundo mais amplo em questão de conhecimento, devido à apresentação no momento do fato. Com isso, acaba fazendo com que sua amplitude de divulgação em todos os setores, seja a mais ouvida comparada a outros meios, pois leva a notícia para qualquer localidade, seja em casa, na rua ou até indiretamente.

Com esse grande poder de transmissão, a população também vê o rádio, tendo em vista ser um meio de fácil acesso, como uma forma de propagação da democracia. É visto um jeito diferente de passar para o meio em que vivem, as informações sobre a cidade, sobre os acontecimentos do bairro e outros pontos referenciais conhecidos dentre a população.

Assim, a rádio tem como ponto forte, ser um dos principais meios democráticos, pois é algo que a população tem como forma de reivindicar seus problemas, chamar atenção para algo que não houve solução, dentre outros pontos. Mesmo estando numa época de tecnologia avançada e veículos informativos cada vez mais a nossa frente, o rádio não perde sua força e autenticidade perante seu espaço já conquistado.

O mais popular e o de maior alcance são as frases que podemos citar para definir o rádio. Podemos imaginar que em todo o mundo, ele se popularizou de uma maneira quase que imperceptível, pois a capacidade que as pessoas têm de ouvir a mensagem falada, no caso por um meio sonoro, e não ter que interromper suas atividades do dia-a-dia, era e ainda é uma das coisas mais relevantes que definem o que é o rádio.

2.3. O horário nobre e a receptividade da informação

Assim como em outros meios, o que também pode mostrar uma forte capacidade do rádio na questão de entretenimento é o horário nobre. Seja nele ou na TV, o horário nobre é dado quando o espaço comercial é mais caro, sendo assim, são transmitidos os principais programas, já que o público, por sua vez, será em maior quantidade.

Desde os anos 50, com a chegada da televisão ao Brasil, a rádio, como dito antes, perdeu um pouco de sua força, chegando a sair da boca do povo que seria extinta. “O rádio comparado às emissoras de televisão aberta no horário das seis horas ao meio-dia possui o dobro de audiência, pois são cerca de 1,815 milhão de ouvintes por minuto em São Paulo capital, enquanto emissoras como Globo, SBT, Record e TV Canção Nova somadas, não ultrapassam de novecentos mil (900 mil) telespectadores por minuto. Ele só começa a perder os seus ouvintes para a televisão entre as dezessete e dezenove (17 e 19) horas, ficando com cinco vezes mais de audiência. A TV aberta com aproximadamente 5,5 milhões e a rádio com 1,152 milhão.” (CASTRO, 2014).

O rádio leva sua vantagem pela versatilidade, e como já dito, sua rapidez ao passar a informação. Pelo fato de poder ser ao mesmo tempo tanto local, quanto regional ou nacional, difere da TV e da internet que muitas vezes são dependentes da imagem.

O cuidado no momento de se propagar a notícia pelo rádio é maior, pois o ouvinte não terá os mesmos recursos que tem em outros meios de comunicação. Desse modo, a voz do locutor e a simplicidade das palavras no texto, deverão ser cautelosas, pois toda a informação repassada mexerá com a imaginação e os pensamentos do receptor. Outro aspecto importante nesse veículo, são os efeitos sonoros, que criam um ambiente referente ao que está sendo passado, para a melhor compreensão do ouvinte.

Segundo Guerra (2000), isso fica claramente comprovado quando o assunto são as transmissões de jogos de futebol, onde as narrativas esportivas das emissoras de rádio fazem jus ao momento. Não é apenas ouvir do locutor que a bola rola, que o gol foi anulado ou que um lance em si gerou falta, mas é sentir isso de maneira diferente. Talvez essa seja a dificuldade encontrada até hoje pela televisão, que se prende à imagem por dever do ofício, muitas vezes se esquecendo do que gira em torno do espetáculo.

Diante disso, devemos ver a rádio como uma das formas mais singelas e precisas de se transmitir uma informação. Não é porque hoje temos mais opções de comunicação, que

devemos largar as que já existem. Devemos analisar o rádio como um escultor, que moldou os meios de comunicação atuais, os transformando no que são hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a rádio, por si só, sempre apresentou variadas vantagens diante da maneira de se comunicar. Ela é mais precisa, abrange um número maior de pessoas, é de uma confiança maior diante das informações que são passadas e acima de tudo, tem um contato maior com o público ouvinte. Já o rádio, como meio de comunicação, apresenta vantagem em ser de fácil transporte, mais simples, mais barato, e de certa forma, sempre está no alcance de quase todas as pessoas.

Temos em mente sempre idolatrar cada tecnologia que se cria atualmente, e não estamos errados. Devemos sempre valorizar o que se cria em relação a melhor comodidade, agilidade de informação, conforto, dentre outras partes que sempre colocamos como essenciais para vivermos bem e socialmente. Mas não devemos deixar de lado o que sempre nos levou a querer mais. O rádio é mais que um objeto importante, é um artefato que deve ser posto em uma caixa de vidro blindado para que se preserve.

Portanto, sempre devemos pensar que tudo que envolve a rádio é de extrema importância e faz parte de nossa história. Por cada estação que passamos e dela, cada música que ouvimos e cada informação pertinente que nos fizeram pensar, tendem a ser parte de nossa cultura e da nossa formação como formadores de opinião. Isso permanece até hoje e deve continuar sendo executado, pois, uma parte de nós é sustentada, quer queiramos ou não, pelo âmbito de conhecimento que envolve a rádio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLDORINI, Luana Campello Acosta. **Como as rádios sobrevivem nos dias de hoje**, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.fiamfaam.br/momento/?pg=leitura&id=3693&cat=0>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

CASTRO, Daniel. **De manhã, rádio tem o dobro da audiência da TV aberta em SP**, jun. 2014. Disponível em: <<http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/de-manha-radio-tem-o-dobro-da-audiencia-da-tv-aberta-em-sp-3672>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: O JOGO DA NARRAÇÃO. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor**. Rio de Janeiro, 2006. Intercom, 2006. PDF. Acesso em: 22 abr. 2015.

SOUZA, Francisco Djacyr Silva de. Observatório da Imprensa, **A importância do rádio**, out. 2009. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/a-importancia-do-radio/>>. Acesso em: 13 mai. 2015.

TRAUMANN, Thomas. **Brasileiro passa mais tempo na internet do que vendo TV**, dez. 2014. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-12/brasileiro-passa-mais-tempo-na-internet-que-vendo-tv>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

VIEGAS, Nonato. **Horário eleitoral rende R\$ 4,3 bilhões às emissoras de rádio e televisão**, set. 2014. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/eleicoes2014/2014-09-27/horario-eleitoral-rende-r-43-bilhoes-as-emissoras-de-radio-e-televisao.html>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

OS DESAFIOS DO CUIDAR: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRECARGAS E SATISFAÇÕES DO CUIDADOR DE IDOSOS

RESUMO

O aumento do número de indivíduos no segmento de idosos na população brasileira atual vem acompanhado por uma série de consequências sociais devido a mudanças demográficas. Uma dessas consequências refere-se a uma demanda de cuidadores de idosos. Este trabalho tem como objetivo identificar as sobrecargas e satisfações de cuidadores de idosos e destacar o contexto dos eventos estressores e dos mediadores sociais e pessoais. Trata-se de um estudo exploratório descritivo com abordagem qualitativa do tipo revisão bibliográfica. Apontando conclusões relativas a percepções positivas e negativas relativas ao cuidado. Considerando que o cuidador como ser humano tem as mesmas necessidades de quem é cuidado.

Palavras-chave: Envelhecimento; Idoso; Saúde do idoso; Cuidado; Cuidadores.

ABSTRACT

It is currently increasing the number of elderly in the population, accompanied by a series of social consequences due to demographic changes. The work aims to identify overloads and satisfactions of elderly caregivers and highlight the context of stressful events and social and personal mediators. It is a descriptive exploratory study with a qualitative approach of the type literature review. Pointing to the following conclusions they being positive and negative perceptions of care. Whereas the caregiver as human beings have the same needs as those who are care .

Keywords: Aging; elderly; Health of the elderly; Care; Caregivers.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define o idoso a partir da idade cronológica, portanto, idosa é aquela pessoa com 60 anos ou mais, em países em desenvolvimento e com 65 anos ou mais em países desenvolvidos. É importante reconhecer que a idade cronológica nem sempre é um marcador preciso para as mudanças que acompanham o envelhecimento. Existem diferenças significativas relacionadas ao estado de saúde, participação e níveis de independência entre pessoas que possuem a mesma idade.

Atualmente, vem aumentando o número de indivíduos idosos na população brasileira, acompanhado por uma série de consequências sociais devido a mudanças demográficas. Resultando em uma provisão de cuidados de qualidade para idosos com diferentes condições funcionais, econômicas e sociais. (RIBEIRO et al, 2008). O processo de envelhecer implica numa quantidade relevante de problemas na visão, audição, cognição e comportamento, atividade do sistema nervoso simpático, função pulmonar, renal e na densidade óssea. Entender esses efeitos como parte do processo do envelhecimento é importante, porém devem-se colocar tais fatores como adventos de complicações futuras.

O aumento da expectativa de vida e a conseqüente presença de doenças crônicas e degenerativas acarreta o aumento do número de idosos dependentes que requerem cuidados, que incluem auxílio em vestir-se, alimentar-se, usar medicamentos, enfim, nas atividades de vida diária (AVDs). (MENDES et al, 2010).

Quando se trata de cuidador familiar a dinâmica do cuidar pode gerar ambigüidades reveladas por satisfação e conflitos entre idoso, família e cuidador. Neste caso, a satisfação é observada quando as famílias estão estruturadas emocionalmente e economicamente para acolher o longo tempo. Por outro lado, quando esses recursos são insuficientes podem desencadear tensão no meio familiar. Estes conflitos vivenciados por cuidadores e idosos são gerados pela sobrecarga de trabalho, perda de poder aquisitivo, situações em que a cuidadora pode ser idosa, tendo como repercussões o isolamento social, adoecimento dos cuidadores, bem como os maus-tratos em idosos. (NASCIMENTO et al, 2008).

Diante dessa realidade, torna-se essencial o desenvolvimento de estudos e pesquisas, com enfoque no cuidador de idoso, especialmente o informal, considerando-se que este, no desenvolver do seu papel, expressa sua importância manifestando-se como elo entre a família e o serviço de saúde, embora sejam percebidas carências de recursos de suporte formal e implementações de políticas públicas que amparem esse cuidador, visto que na sua rotina diária pode haver um desencadeamento de agravos de saúde (NASCIMENTO et al, 2008). No contexto da atenção domiciliar, os cuidadores são, em sua maioria, informais; geralmente um integrante da família que adota o papel de cuidador do idoso. Os cuidadores, profissionais ou não, realizam as mais variadas tarefas, cuidando e restabelecendo a qualidade de vida do idoso. (ROCHA et al, 2008)

Na maioria dos casos de pessoas idosas dependentes, a demanda por cuidados é assumida pela família e, em consequência, há necessidade frequente de se recorrer à assistência social e de saúde para apoio aos familiares. Estudos tem demonstrado que o perfil típico do cuidador principal são mulheres, dona de casa, que tem alguma relação de parentesco direto, geralmente mãe, filha ou esposa, e convivem diretamente com a pessoa cuidada. Decorrente disso, gênero, convivência e parentesco são variáveis determinantes na escolha do cuidador principal para assistência domiciliar (GONÇALVES et al, 2006). O Sistema Público de Saúde no Brasil, entretanto, ainda não fornece o suporte adequado ao idoso que adoecer nem à família que dele cuida. A atenção domiciliar surge como modelagem de atenção especialmente para idosos com doenças incapacitantes, dependentes do apoio de cuidadores. Essa modalidade de atenção é tão antiga quanto os agrupamentos sociais, mas tem se tornado mais visível com o envelhecimento da população e a reconfiguração do domicílio como “lôcus do cuidado”. No contexto da atenção domiciliar, os cuidadores são, em sua maioria, informais; geralmente um integrante da família que adota o papel de cuidador do idoso ou portador de enfermidade debilitante, assumindo assim a responsabilidade pela prestação de cuidados no domicílio ou em instituições que oferecem atenção ao idoso. O cuidador desempenhará funções de acompanhamento e assistência exclusiva à pessoa idosa, como cuidados preventivos de saúde, prestação de apoio emocional, administração de medicamentos e outros procedimentos de saúde (desde que orientado por profissional de saúde responsável pela prescrição); e auxílio e acompanhamento na mobilidade do idoso e na realização de rotinas de higiene pessoal e ambiental e de nutrição. São classificados, segundo Papaleo Neto, como cuidadores formais e informais.

Os cuidadores formais prestam cuidados no domicílio com remuneração e com poder decisório reduzido, cumprindo tarefas delegadas pela família ou pelos profissionais de saúde que orientam o cuidado. São profissionais capacitados para o cuidado, contribuindo de forma significativa para a saúde das pessoas cuidadas. Esses cuidadores têm, em geral, formação de auxiliar ou técnico de enfermagem, com formação orientada para o cuidado em saúde dos portadores de patologia física ou mental, em função do atendimento de necessidades

específicas. Os cuidadores informais são os familiares, amigos, vizinhos, membros de grupos religiosos e outras pessoas da comunidade. São voluntários que se dispõem, sem formação profissional específica, a cuidar de idosos, sendo que a disponibilidade e a boa vontade são fatores preponderantes.

O conhecimento do perfil dos cuidadores e de suas dificuldades no processo de cuidar permite, aos profissionais da saúde, planejar e implantar políticas e programas públicos de suporte social à família, voltados à realidade do cuidador. Isso porque o cuidador está em condições de sobrecarga de trabalho, o que contribui para adoecê-lo e para o desenvolvimento de situações de conflito entre o cuidador e o idoso dependente. (Rocha et al, 2008)

A política nacional de saúde da pessoa idosa é bastante avançada nas diretrizes para os cuidados com essa população e tem no cuidador familiar um parceiro para suas ações. (RESENDE et al, 2008).

Em 19 de outubro de 2006, o Ministério da Saúde instituiu a Portaria nº 2.529, que regulamenta a Internação Domiciliar no âmbito do SUS. A internação domiciliar é definida por um conjunto de ações realizadas no domicílio, a pessoas clinicamente estáveis que precisam de cuidados, mas que não necessitam da internação hospitalar. O objetivo é o de proporcionar um atendimento humanizado que promova maior autonomia da pessoa cuidada e de sua família (ROCHA et al, 2008). No ambiente familiar, a função de cuidador tende a ser assumida por uma única pessoa, denominada "cuidador principal", que assume a responsabilidade pelo cuidado, sem contar, na maioria das vezes, com a ajuda de outro membro da família ou de profissionais capacitados. A literatura indica que há um envolvimento maior das mulheres no processo de cuidar (STACKFLETH et al, 2012).

A experiência de assumir os cuidados de idosos dependentes vem sendo apresentada pelos cuidadores familiares como uma tarefa que causa estresse e exaustão, pelo envolvimento afetivo e mudanças de relação, anteriormente de reciprocidade, para uma relação de dependência, em que o cuidador, ao desenvolver atividades relacionadas ao bem-estar físico e psicossocial do idoso, passa a ter restrições em sua própria vida.

O cuidador informal expõe-se a uma série de situações estressantes, como o peso das tarefas e as doenças advindas das exigências do trabalho e das características do idoso. Além disso, faltam-lhe informações, além de apoio físico, psicológico e financeiro para enfrentar o cotidiano do cuidar.

No exercício de papéis, a mudança é angustiante, em virtude do envolvimento afetivo entre o idoso e a família, a diminuição do tempo de relacionamento com amigos e com a vizinhança, a solidão, a sobrecarga do processo de cuidar e a frustração por não conseguir colocar em prática seus próprios projetos de vida fazem parte das perturbações que, em determinado momento, podem causar estresse no cuidador (STACKFLETH et al 2012).

A sobrecarga objetiva refere-se ao desempenho das tarefas de assistência ao paciente e supervisão de comportamentos problemáticos. O aspecto subjetivo remete às percepções e sentimentos dos familiares. Atualmente, um problema relevante no mundo profissional é a síndrome de Burnout, caracterizada como uma reação à tensão emocional crônica gerada em pessoas que mantêm contato direto e contínuo com outros seres humanos, sendo considerada um risco ocupacional aos profissionais que atuam na área de cuidados da saúde (COSTA et al, 2013).

Os cuidadores ao se perceberem sobrecarregados, tendem a sentir maiores níveis de tensão e, conseqüentemente, passam a desempenhar suas funções aquém de suas capacidades, o

que resulta numa situação de cuidado desequilibrada, normalmente acompanhada por resultados insatisfatórios (SAMPAIO et al, 2011). A sobrecarga pode ser expressa por problemas físicos, como queixas somáticas múltiplas, entre elas, dor do tipo mecânico no aparelho locomotor, cefaléia tensional, astenia, fadiga crônica, alterações no ciclo sono-vigília, assim como problemas psíquicos, manifestados por desordens como a depressão, ansiedade e insônia, que constituem a via de expressão do desconforto emocional. (GRATÃO, 2012).

A satisfação com a vida é um dos indicadores de bem-estar, geralmente definido como tendo uma boa vida e sendo feliz. O bem-estar subjetivo refere-se à avaliação, cognitiva ou afetiva, que o indivíduo faz sobre a própria vida. As pessoas experimentam mais bem-estar subjetivo quando apresentam estados afetivos positivos, quando se envolvem em atividades que lhes dão prazer e quando estão satisfeitos com a vida (RODRIGUES, RASCULLEDA, 2009). Para a definição de "satisfação com o cuidar" considerou-se uma conceptualização teórica que estipula três dimensões distintas: satisfação oriunda da dinâmica interpessoal entre o cuidador e o receptor de cuidados; satisfação oriunda da orientação intrapessoal ou intrapsíquica do cuidador e do receptor de cuidados (dinâmica intrapessoal) e satisfação oriunda do desejo de promover aspectos positivos ou evitar aspectos negativos no receptor de cuidados, enquanto resultado de alguma ação (dinâmica de resultados). Também foi considerado, neste estudo, a distinção feita pelos autores entre aquele que mais se beneficia da satisfação sentida - se o cuidador ou se a pessoa que recebe os cuidados (MAYOR et al, 2009). Desta maneira torna-se importante identificar o cuidador como pessoa que também necessita de olhar, lembrando que é preciso o cuidador estar bem para conseguir prover um cuidado digno ao idoso.

OBJETIVO

Identificar as sobrecargas e satisfações dos cuidadores de idosos.

Destacar o contexto dos eventos estressores e os mediadores sociais e pessoais.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo do tipo revisão bibliográfica que inclui textos impressos e virtuais. A amostra foi composta por artigos publicados e disponíveis na íntegra em português entre 2005 e 2014. Os dados foram coletados pelas pesquisadoras por meio de buscas eletrônicas de dados Pubmed, Lilacs, Scielo, sendo utilizados os descritores Envelhecimento; Saúde do Idoso, Cuidado; Cuidadores. Foram critérios de exclusão a falta de artigos na íntegra online e a completa ausência dos descritores citados anteriormente. Os artigos foram lidos e examinados, aqueles que atendiam aos objetivos expostos foram incluídos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 11 artigos relacionados à busca empreendida, embora apenas 9 atendessem aos critérios de inclusão, apresentados a seguir:

Tabela 01: Artigos referentes ao tema.

Título	Autor	Ano
---------------	--------------	------------

Perfil dos cuidadores de idosos nas instituições de longa permanência de Belo Horizonte, MG	Marco Túlio de Freitas Ribeiro, Raquel Conceição Ferreira, Efigênia Ferreira e Ferreira, Cláudia Silami de Magalhães, Allyson Nogueira Moreira.	2008
Desvelando o cotidiano dos cuidadores informais de idosos	Michel Patrick Fonseca Rocha, Maria Aparecida Vieira, Roseni Rosângela de Sena.	2008
Cuidadores de idosos: Percepção sobre o envelhecimento e sua influência sobre o ato de cuidar	Aline Melo Oliveira Sampaio, Fernanda Nunes Rodrigues, Suely Maria Rodrigues.	2011
Cuidadores de idosos: um novo / velho trabalho	Márcia Colamarco Ferreira Resende, Elizabeth Costa Dias.	2008
Percepção dos cuidadores informais de idosos	Lígia Cristina de Azevedo Antunes Rolo	2009
Saúde do cuidador de idosos: um desafio para o cuidado	Adelaide De Mattia Rocha	2010
Ser cuidador: um estudo sobre a satisfação do cuidador formal de idosos	Maria Eduarda M.Melo Ferreiro	2012
Cuidar de si e do outro: estudo sobre os cuidadores de idoso.	Sílvia Virgínia Coutinho Areosa, Letícia Fernanda Henz, Daniela Lawisch & Renata Coutinho Areosa.	2014
Cuidadora domiciliar: por que cuida?	Alda Martins GonçalvesI; Roseni Rosângela de Sena; Daniele Guimarães Dias; Carla Mendes Queiróz; Érika Dittz; Karine Lara Vivas; Elysângela Dittz Duarte; Tatiana Coelho Lopes.	2005

Fonte: O autor.

Nascimento et al(2008) , afirma que na gerontologia existe um consenso de que o cuidado pode ser implementado tanto pela família como pelos profissionais e instituições de saúde. Nesse contexto, surge à figura do cuidador, o indivíduo que presta cuidados para suprir a incapacidade

funcional temporária ou definitiva. Entretanto, segundo o vínculo, os cuidadores recebem diferentes denominações. Assim, os cuidadores formais compreendem todos os profissionais e instituições que realizam atendimento sob forma de prestação de serviços e cuidadores informais, os familiares, amigos, vizinhos membro da igreja, entre outros.

Segundo Mendes et al, (2010), há um reconhecimento por parte dos cuidadores que após assumirem este papel, não dispõem de tempo para autocuidado e diversão, o que causa constante cansaço, culminando em quadros depressivos, relatos de estados de ansiedade, dores musculares, cefaléias constantes, insônia, doenças crônicas derivadas do cuidado prestado e das sobrecargas que o cuidador sofre. Segundo Sampaio et al (2011), fatores como falta de preparo, qualificação, suporte emocional e social influenciam no ato de cuidar do cuidador, implicando diretamente na qualidade da assistência prestada aos idosos.

Pode-se destacar que para Winicott (1999) o desejo de cuidar, deve anteceder a prática, porém, ainda que exista esse desejo, faz-se necessário que os cuidados recebam sustentações físicas e psíquicas; ou seja, deve-se lembrar que os mesmos possuem necessidades semelhantes da pessoa que está sendo cuidada.

Resende et al(2008) ressalta que a ocupação de cuidador de idosos parece ser uma atividade exercida predominantemente dentro do setor informal de trabalho, por alguém da família e do sexo feminino, e tem trazido conseqüências na qualidade do cuidado ao idoso e na saúde do próprio cuidador. Como espaço de cuidado, o ambiente domiciliar vem contribuindo para minimizar os custos com os atendimentos hospitalares e intervir frente às dificuldades dos serviços de saúde para atender a uma elevada demanda da população idosa e ao incremento das doenças e agravos não transmissíveis.

Nesse mesmo contexto Almeida (2006) relata um estudo em que as dificuldades encontradas na realização das atividades domiciliares se diversificaram conforme o grau de dependência do idoso e o suporte familiar que o cuidador recebeu. As alterações no corpo e na saúde, após o início das atividades como cuidador, variaram entre as físicas, como aparecimento de dores no corpo, principalmente na coluna, e alterações psicológicas e sentimentais como estresse, depressão, angústia e aumentos das preocupações. As observações gerais dos cuidadores sobre o processo de cuidar de alguém doente se polarizaram entre os que acreditaram que estava bom e estavam conformados com a situação, e aqueles que relataram ser uma questão de obrigação, carinho e responsabilidade. Todas as informações analisadas confirmaram que o sucesso da manutenção, recuperação ou promoção da saúde ao idoso está diretamente relacionado com o preparo e amparo das pessoas que lhes prestam cuidados. O Programa de Saúde da Família surge, nesta nova perspectiva, como uma estratégia de reforma do sistema, proporcionando mudanças importantes nas ações, na organização dos serviços e na prática da assistência à saúde com a valorização do tema família.

Destaque-se Fernandes (2010) que entende por cuidador familiar a pessoa da família que é a responsável pelos cuidados ao paciente acamado dentro do domicílio. O autor ressalta que diante da sobrecarga do cuidador familiar, o papel educador dos profissionais das equipes de saúde da família, além do acompanhamento ao paciente acamado, deve prover ao cuidador apoio físico e emocional quando da visita domiciliar.

Segundo estudo de Garbin et al (2010), pôde-se perceber o envolvimento emocional do cuidador com seu trabalho, a sobrecarga física e emocional à qual o mesmo está exposto.

Relatos a respeito do envelhecimento também puderam ser coletados, além de questões de ordem social, que motivaram o cuidador a buscar esse tipo de trabalho. Os diversos olhares do cuidador nos impulsionam na busca de estratégias de capacitação teórica e suporte psicológico a esse grupo, pensando no seu bem-estar e no bem-estar do idoso.

CONCLUSÃO

O envelhecimento no contexto do cuidado é um processo que exige uma provisão de cuidados de qualidade para idosos com diferentes tipos de dependências, levando-se em consideração as condições físicas, econômicas e sociais. Sendo assim, torna-se indispensável o apoio e auxílio em suas atividades diárias. Com isso o cuidador exerce um papel fundamental na qualidade de vida do idoso. Diante disso, o cuidador como ser humano tem as mesmas necessidades de quem é cuidado, fazendo se necessário o autocuidado de maneira que esteja focado na prevenção de prejuízos e danos, que implicam diretamente na sua qualidade de vida.

Urge uma implementação de constantes investigações dentro do contexto do cuidado devido à grande demanda e novas exigências do segmento idoso.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tatiana Lemos de. **Características dos cuidadores de idosos dependentes no contexto da Saúde da Família**. 2005. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2005.

COSTA, Érica Cristine de Souza et al. Sobrecarga física e mental dos cuidadores de pacientes em atendimento fisioterapêutico domiciliar das estratégias de saúde da família de diamantina (MG). **Revista Baiana de Saúde Pública**, Diamantina, v. 37, n. 1, p.133-150, 29 jul. 2013.

FERNANDES, Juliana Maria. **O papel do cuidador frente ao paciente acamado e a responsabilização da equipe de saúde da família**. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Medicina. Núcleo de Educação em Saúde Coletiva. Aracuai, 2010. 20f. Monografia (Especialização em Atenção Básica em saúde da Família).

GARBIN, Cléa Adas Saliba; SUMIDA, Doris Hissako; MOIMAZ, Suzely Adas Saliba. **O envelhecimento na perspectiva do cuidador de idosos**. 2008. 2941 f. Monografia (Especialização) - Curso de Odontologia, Faculdade de Odontologia de Araçatuba, Araçatuba, 2007.

GONÇALVES, Alda Martins et al. **Cuidadora domiciliar:: por que cuidado?**. 2006. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/478>>. Acesso em: 14 fev. 2006.

MAYOR, Margarida Sotto; RIBEIRO, Oscar; PAĐ, Constança. ESTUDO COMPARATIVO::

Percepção da satisfação de cuidadores de pessoas com demência e cuidadores de pessoas com AVC. **Rev Latino-am Enfermagem**, Portugal, v. 5, n. 17, p.1-6, out. 2009.

MENDES, Glauciane Drumond; MIRANDA, Sílvia Mara; BORGES, Maria Marta Marques de Castro. SAÚDE DO CUIDADOR DE IDOSOS: UM DESAFIO PARA O CUIDADO: UM DESAFIO PARA O CUIDADO. **Revista Enfermagem Integrada**, Ipatinga, v. 3, n. 1, p.1-14, jul. 2010.

NASCIMENTO, Leidimar Cardoso et al. Cuidador de idosos:: conhecimento disponível na base de dados LILACS. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 4, n. 4, p.514-517, jul. 2008.

RESENDE, Márcia Colamarco Ferreira; DIAS, Elizabeth Costa. **Cuidadores de idosos:: um novo / velho trabalho**. 2008. 15 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Ufmg, Rio de Janeiro, 2007. Cap. 18.

RIBEIRO, Marco Túlio de Freitas et al. **Perfil dos cuidadores de idosos nas instituições de longa permanência de Belo Horizonte, MG**. 2066. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v13n4/25.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2006.

ROCHA, Michel Patrick Fonseca; VIEIRA, Maria Aparecida; SENA, Roseni Rosângela de. Desvelando o cotidiano dos cuidadores informais de idosos Desvelando o cotidiano dos cuidadores informais de idosos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 8, n. 6, p.801-808, nov. 2008.

RODRIGUES, Iara Guimarães; RUSCALLEDA, Regina Maria Innocêncio. Satisfação com a vida e senso de autoeficácia para quedas em idosos. **Rev Bras Clin Med**, Campinas, v. 9, n. 20, p.413-417, 5 set. 2009.

SAMPAIO, Aline Melo Oliveira et al. Cuidadores de idosos:: percepção sobre o envelhecimento e sua influência sobre o ato de cuidar. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p.590-613, dez. 2011.

STACKFLETH, Renata et al. **Sobrecarga de trabalho em cuidadores de idosos fragilizados que vivem no domicílio**. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n5/19.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

DOM BOSCO, O EDUCOMUNICADOR DOS TEMPOS: SEUS SONHOS COMO FERRAMENTA EDUCATIVA.

RESUMO

Este estudo pretende mostrar a influência de Dom Bosco na educação dos jovens, tanto de sua época como atualmente por meio das inúmeras instituições de ensino que fazem parte da rede salesiana de escolas. Tem como justificativa o apreço pela educomunicação dentro da rede salesiana de escolas e o interesse pelo desenvolvimento de projetos educacionais nas demais escolas. A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica e terá sua fundamentação teórica à luz de Castro (2002).

Palavras-chave: Educomunicação – Sonhos – Podcast

ABSTRACT

This work intend to show the influence of Dom Bosco in education of Young people, both of his epoch as currently through numerous educational institutions that does part of salesian network of schools. It has as justification the esteem for educommunication inside salesian network of schools and the interest of development educacionais projects in other schools. The methodology will be a bibliographic research and will have its theoretical foundation in the light of Castro (2002).

Keywords: Educommunication – Dreams - Podcast

INTRODUÇÃO

Dom Bosco pensou uma forma de educar que atraísse os adolescentes e jovens. Sensível à realidade juvenil, investiu na arte de educar possibilitando assim, um grande interesse dos jovens ao que ele propusesse. Acreditava que cada jovem tinha uma corda que vibraria se nela o educador tocasse. No seu tempo, ele o fez e qualificou a educação de muitos jovens investindo no protagonismo juvenil, fortalecendo a cidadania democrática e criando espaços de encontro interpessoal e pessoal com as pessoas e com Deus. Hoje, podemos dizer que ele investiu na educação e na comunicação.

Em vista desta arte de educar, tratamos da Educomunicação, a qual tem sido objeto de estudo e prática da Família Salesiana, proporcionando à comunidade educativa um modelo para construir uma educação geradora de ecossistemas comunicativos, capaz de transformar a realidade, incorporando a mesma, de maneira ativa e comprometida, promovendo uma educação emancipatória.

Para trazer esta realidade aos nossos dias e torna-la mais conhecida e atraente, optou-se pelo *podcast*, uma ferramenta bastante útil, numa realidade em que os dispositivos móveis e portáteis facilitam o acesso à mensagem, à informação e traz a liberdade de tempo e utilização do mesmo.

A mensagem veiculada na proposta do *podcast* são os sonhos de Dom Bosco incentivando o conhecimento das histórias, dos valores da prática salesiana, da reflexão e da interatividade. Todos nós sonhamos, os sonhos têm uma linguagem simbólica que refletem o nosso cotidiano. Para Dom Bosco, eles eram grandes indicadores de sua missão.

Com isso, a mensagem pode ser propagada por todos os lugares, transformando a realidade daqueles que ainda não conhecem Dom Bosco e incentivando aqueles que já o conhecem a disseminar seu legado.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

EDUCOMUNICAÇÃO

O termo Educomunicação, definido a partir da junção entre os termos Comunicação e Educação, visa transformar o modelo de ensino atual em que temos basicamente, o professor, detentor de toda a informação e saber, e o aluno, responsável apenas por assimilar aquele conteúdo.

Nesse contexto, a educomunicação trata do rompimento da verticalização do ensino, transformando os alunos em agentes produtores de conteúdo capazes de analisar criticamente as informações recebidas e transformar suas realidades, aproximando-as dos conceitos aprendidos na escola com a ajuda de seus professores.

Esse conjunto de características positivas para o ensino, que visa à criação de um sistema – ecossistema – em que os alunos possam ser agentes ativos no processo educativo, por meio dos diferentes conteúdos midiáticos, em que a sociedade esteja inserida e sejam todos tratados como iguais e, principalmente, em que os educandos consigam perceber a relação existente entre ensino e cotidiano, isso é educomunicação.

A junção comunicação-educação não é antiga quando comparada à academia, mas também não é uma descoberta recente, tendo em vista a cultura de efemeridade na qual estamos inseridos no mundo tecnológico e pós-moderno. A percepção da ligação existente entre comunicação e educação ultrapassa os 40 anos e tem diferentes visões considerando que ambos são campos em constante transformação, o que deu margem para que cada estudioso pudesse entender essa relação a partir de perspectivas distintas.

Na década de 1980, na Europa, surgiu um termo bastante interessante que tinha como objetivo a educação para a recepção crítica dos meios de comunicação, o *media education*. A partir desse conceito, no mundo todo, desenvolveram-se estudos a respeito até chegarmos à expressão: Educomunicação.

Temos, principalmente na América Latina, um maior número das práticas educacionais que buscam inculcar nos alunos a compreensão das mensagens, dos conteúdos midiáticos e de como usá-los.

Durante o processo de desenvolvimento educacional, os alunos têm algo em comum dentro da escola, mesmo que não seja parecido com sua realidade, mas, fora dela suas vidas são diferentes e essas particularidades que cada um traz devem ser cuidadosamente direcionadas para que eles possam encontrar ali um lugar para se expressar como são. Canalizar essas habilidades faz-se necessário para que eles descubram com menos dificuldade seus pontos fortes e trabalhem os fracos na busca pela formação integral.

Com o auxílio das novas tecnologias, professores capazes de entender e utilizar cada uma delas além de estarem abertos para ouvir o que os educandos têm a dizer, transformam a escola no ecossistema, onde a realidade é trazida para dentro dos portões e entendida juntamente com todos os outros conceitos que a instituição precisa ensinar.

Hoje, muitas crianças já sabem usar o computador antes mesmo de iniciar a vida escolar; essa atitude tem um lado excelente, que pode ser usado para que aprendam

sobre diversas culturas, quais são as ferramentas apropriadas para cada fase de sua educação e, entrando na prática educacional, tornem-se agentes produtores de conteúdo.

É possível desenvolver com eles, desde muito pequenos, produtos como vídeos institucionais, que a escola pode utilizar para divulgação; para o nível fundamental, pequenos projetos em que eles ensinam a crianças de outras escolas o que aprendem dentro e fora de casa (programas *on-line* e *podcasts*); e para os jovens, incitá-los a ter olhar crítico e investigativo sobre o que acontece na localidade, onde vivem para transformar essa perspectiva em debates nas redes ou nas revistas que abordem assuntos com os quais eles têm contato diariamente.

Essas e muitas alternativas podem colaborar para que a prática da educação seja inserida em todas as etapas da vida escolar, com isso é possível formar cidadãos conscientes e profissionais completos em todas as áreas de conhecimento.

Neste ponto, pode-se ver a necessidade da aproximação entre professor e aluno, a confiança que ele deve ter em seu mestre para que divida com ele seus anseios e construa sua identidade.

Tendo em vista as diversas mudanças que ocorrem em toda parte, com a educação não poderia ser diferente. A evolução educacional traz consigo novos modelos, meios e constantes transformações positivas tanto para alunos quanto para professores. Nesse contexto, está a educação, que reúne educação e comunicação de forma colaborativa e agrega valores ao ensino para que este consiga atrair os alunos, tornando-os protagonistas em sala de aula.

Esse modelo de ensino também busca incentivar professores, alunos e comunidade a uma abertura maior de compromisso com a educação, troca de experiências e contato com o pensamento crítico, por vezes esquecido devido ao crescente número de informações recebidas diariamente. Com o advento dos meios de comunicação de massa e, atualmente da Internet, a maioria das pessoas não se dá conta da importância de se analisar os fatos e não só absorver conteúdos deliberadamente.

A educação, então, entra em ação para transformar este cenário e despertar o aluno para o pensamento crítico e a produção de conteúdo de qualidade. Este novo campo de estudo, que pode ser considerado recente em vista de outros, data do início do século XX, pois, naquela época já existia uma preocupação latente, sobretudo por parte de educadores e religiosos sobre o conteúdo que circulava nos meios de comunicação.

Mais recentemente, um importante nome a ser mencionado no campo dos estudos sobre educação na América Latina é o do professor Ismar de Oliveira Soares, que apresenta uma visão significativa sobre o assunto de forma clara e objetiva quando trata das áreas da educação:

Definimos, assim, a educação como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação dos processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. Em outras palavras, a educação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa (SOARES, 2001, p.43).

O professor Ismar de Oliveira Soares junto com inúmeros outros estudiosos sobre o tema, na América Latina e no mundo, busca fortalecer a disseminação do

conceito de educomunicação como um novo campo de conhecimento dado através de áreas de intervenção, isso permite a criação de ecossistemas comunicativos mais amplos, dialógicos e interdiscursivos e permite que a educomunicação não seja apenas uma atividade ou projeto escolar, mas sim, parte de uma nova forma de educar tanto para alunos quanto para professores.

As práticas educacionais têm inúmeros benefícios na vida educação, porém, uma em particular parece ser a mais relevante quando se trata da busca pela diminuição dos índices de evasão escolar que é a horizontalização do ensino que transforma o modelo de educação onde somente o professor detém o conhecimento e é capaz de transferi-lo, e os alunos recebem este conteúdo, por vezes, sem entender, em um formato colaborativo onde tanto alunos quanto professores podem compartilhar experiências e abrir-se ao pensamento crítico e análise da recepção de informações, como também da geração de conteúdo de acordo com seu ponto de vista crítico e das realidades diversas de cada educando.

A educomunicação vem para acompanhar as transformações sociais e tecnológicas que estão em toda parte criando ecossistemas comunicativos que colaboram com a evolução do ensino. Dessa forma, a educação progride junto com os meios de comunicação para tornar mais fácil o acesso, recepção, organização e reflexão crítica e geração de novos conteúdos nas mais diversas áreas de ensino formando pessoas que saibam resolver quaisquer questões da melhor forma.

PODCAST

A tecnologia muda constantemente: ontem o que era novidade, hoje já se tornou obsoleto. E não estamos falando apenas de aparelhos ou aplicativos, o modo de se produzir conteúdo e, principalmente, distribuí-lo fez grandes avanços nos últimos anos. Dentro desse contexto está o *podcast*, palavra simples que deriva da junção entre *Ipod* e *broadcasting*, que, desde meados de 2004, vem transformando o modo de se apresentar diferentes assuntos por meio do áudio na *web*. Antes de qualquer coisa, precisamos contextualizar este modo de transmissão de áudio pela rede e fazer uma melhor definição do tema. Lucio (2014, p.9) diz:

Por isso, quando falamos da “transmissão” de áudio on-line, muita gente tem dificuldade de entender a diferença entre *podcasts*, *audioblogs*, *webrádios* e afins. Tentando explicar de uma maneira bem simples, *podcasts* são programas de áudio ou vídeo, cuja principal característica é um formato de distribuição direto e atemporal chamado *podcasting*.

A transmissão de conteúdo em áudio na Internet antes do que conhecemos hoje por *podcast* já era conhecida, porém, de forma diferente, já que, ao contrário do que permite esta tecnologia, cada vez que havia uma nova edição de um arquivo de áudio de determinado assunto o internauta devia dirigir-se obrigatoriamente ao *site* produtor do conteúdo para baixar o arquivo e então poder ouvir. Mas, antes da possibilidade que foi apresentada do *download* automático de áudio, isso já era possível com arquivos de texto. Foi apenas em 2003, que Dave Winer criou um modo de automatizar este processo facilitando o *download* do áudio através de agregadores utilizando RSS (*Really Simple Syndication*). Para entender melhor como se chega ao modelo de *podcast*

que temos atualmente, eis a explicação de como funciona o sistema RSS e sua ligação com *podcast*, segundo Lucio (2014, p.10):

Explicando de uma forma bem simples, o RSS é uma maneira de um programa chamado agregador de conteúdo saber que um blog foi atualizado sem que a pessoa precise visitar o site. Ou seja, em vez de o internauta ir até o conteúdo, é o conteúdo que “vai” para o internauta. [...] Só no ano seguinte, em 2004, que ocorreu o “pulo do gato” que passou a diferenciar de vez esse sistema do RSS “normal”. Adam Curry criou, a partir de um *script* de Kevin Marks, uma forma de transferir esse arquivo de áudio disponibilizado via RSS para o agregador *Itunes* (que na época era a única forma de “alimentar” de conteúdo os *Ipods*, populares tocadores de mídia da Apple – o *Iphone* ainda não havia sido lançado). Esse sistema, chamado de *RSStoIpod* (um nome não muito criativo, mas que mostra de forma bem clara sua função) foi disponibilizado para que outros programadores o utilizassem livremente, o que fez com que vários outros agregadores passassem a também trazer esse *download* automatizado de arquivos de áudio. Essa forma de transmitir dados passou a ser chamada de *podcasting* (junção do prefixo “*pod*”, oriundo de *iPod*, com o sufixo “*casting*”, originado da expressão “*broadcasting*”, transmissão pública e massiva de informações). O nome fora sugerido em fevereiro de 2004 por Bem Hammersley, no jornal *The Guardian*, para definir a forma de transmissão das entrevistas de Lyndon e acabou sendo adotado posteriormente para esse novo sistema de transmissão de dados.

No Brasil é fato que tudo o que está diretamente ligado às novas mídias tem aceitação massiva. Com o *podcast* também foi assim, logo em 2004, quando os *podcasts* ainda eram considerados “novidades” por aqui, surgiu o *DigitalMinds*, em outubro, dia 21 para sermos mais específicos, que foi o primeiro *blog* – homônimo – que passou a disponibilizar o *download* de áudio através de *podcasting*. Apenas um mês depois, Gui Leite disponibiliza a primeira edição de seu *podcast*, em que explica a intenção de fazê-lo para testar a nova tecnologia. Ainda em 2004, no dia 03 de dezembro surge o *Perhappines*, de Rodrigo Stulzer e o Código Livre, de Ricardo Macari em 13 do mesmo mês.

Já em 2005, surge a PodCon Brasil¹ em Curitiba que foi o primeiro evento brasileiro dedicado exclusivamente aos *podcasts* e tem como presidente o famoso *podcaster* Billy Umbella, também conhecido como Maestro Billy. Neste ano, mesmo com todas as energias voltadas para esta tecnologia tão interessante, ocorre um fato denominado “*podfade*” que é resultado da diminuição considerável de *podcasts* em todo o mundo por razões distintas. Somente em 2008, quando o famoso Prêmio iBest² inclui a categoria *podcast* em sua premiação é que esta mídia retoma seu crescimento e, a partir daí, vem obtendo os resultados que vemos atualmente.

Com a expansão de milhares de *podcasts* dos mais variados assuntos, o público que o acompanha passa a exigir dos produtores deste tipo de conteúdo uma qualidade cada vez maior tanto nas pautas como da parte técnica, que é um dos fatores primordiais para o sucesso dos programas disponibilizados através desta mídia, afinal, ninguém quer passar mais de noventa minutos – tempo médio da maioria dos *podcasts* – ouvindo um áudio de baixa qualidade. Mas, como não existe uma fórmula mágica que transforme todos os *podcasts* em programas perfeitos com assuntos de temas elaborados e técnica impecável e também não foi para isso que os *podcasts* foram criados, senão, seriam apenas modelos de programas de rádio disponibilizados na Internet, o radialista e

¹ PodCon Brasil – Conferência Brasileira de *Podcast*.

² Prêmio brasileiro voltado à Internet.

especialista em *podcast*, Léo Lopes lança em 2015 o livro *Podcast – Guia básico*, para nortear os entusiastas e amadores e colaborar com os *podcasters* de plantão a partir de dicas simples para iniciar ou melhorar a produção, gravação, edição, publicação e distribuição de *podcasts*.

Lopes (2015, p.29-30) afirma que “[...] antes de começar, é fundamental fazer um planejamento, por mais simples que seja, respondendo a três perguntinhas que irão direcionar posteriormente todo o processo de produção do programa”. As perguntas às quais Lopes (2015) se refere são: Por quê? Como? E para quê? E são responsáveis por praticamente todo o planejamento do *podcast*.

DOM BOSCO EDUCOMUNICADOR

Em Dom Bosco, a figura do educador que cria e fortalece ecossistemas comunicativos em espaços educativos, gerando ações educativas é fato, pois o permanente diálogo entre o educador-educando gera um processo libertador. Dentro da facilidade da comunicação há o empenho da escuta, tão importante para Dom Bosco e para qualquer pessoa que queira comunicar com excelência. Sejam as palavras, os ambientes educativos tudo deve contribuir para a força da educação e comunicação.

Padre Pietro Stella (apud DISCATÉRIO, 2011, p.11) comenta:

No oratório de Dom Bosco, desde os inícios, o centro e o coração de tudo era o quarto-escritório de Dom Bosco e a capela: esses ambientes podiam ser considerados como os depositários de uma série de mensagens que Dom Bosco dirigia aos seus interlocutores. Jovens e adultos que entravam no seu quarto podiam ler num quadro pendurado na parede estas palavras: “Da mihi animas, coetera (sic) tolle”, que, além de serem um lema, eram também uma oração jaculatória dirigida a Deus. A capela, posteriormente substituída por uma igreja maior, era significativamente dedicada a São Francisco de Sales para sinalizar, segundo a precisa explicação de Dom Bosco, qual era o seu estilo educativo: não a disciplina severa, mas a doçura do educador e a alegria como manifestação da íntima adesão à graça divina que os jovens deveriam buscar e expressar.

Conhecer e refletir sobre a prática educativa e comunicativa de Dom Bosco faz-nos passear pelos campos dos Becchi, entrar em sua casa e perscrutar o coração de um menino, apesar das dificuldades o tornou robusto e criativo para atrair outros meninos e narrar as histórias bíblicas, que sua memória infalível retinha e ele as expunham como um bom orador. Dos Becchi à Castenuolvo a jornada se torna mais árdua e o jovem sonhador caminhou descalço para conservar em bom estado os seus sapatos, para os tê-los e enfrentar o seu sonho de estudar e tornar-se um padre. Nesta sua caminhada de jovem estudante, suas mãos, além da habilidade da escrita, teceram uma variedade de experiências no campo do trabalho para a própria sobrevivência.

O educador do século XIX buscou em sua história os ensinamentos de São Francisco de Sales, origem que dá o nome conhecido até hoje dos salesianos e salesianas. São Vicente de Paula contemporâneo de São Francisco (apud JEANGUENIN, 2008, p.78) conta que as pessoas que gozavam do privilégio de entreter-se com ele sentiam que ele penetrava docemente em seu coração, e a alegria que provavam era realmente imensa. Outro fator de Francisco de Sales que influenciou muito Dom Bosco foram os aspectos da comunicação.

A maneira de educar tão querida por Dom Bosco é conhecida como a pedagogia do Sistema Preventivo que consiste em tornar conhecida as prescrições e as regras da instituição e depois acompanhar os jovens com olhares atentos de educador para que assim, como pais carinhosos, sirvam de guia em todas as circunstâncias, dando-lhe conselhos e corrigindo-os com bondade.

O Sistema Preventivo apoia-se sobre três pilares: a Razão, a Religião e a *Amorevollezza* (bondade, carinho, amor manifestado), que procura evitar a pressão investindo nos recursos do coração, da inteligência e da sede de Deus que toda pessoa tem no seu íntimo. O educador evitava as punições, preferindo avisar os jovens das faltas cometidas levando-os a refletir, conquistando seu coração, para que eles reconhecessem a necessidade de mudança de vida e até mesmo desejando o “castigo”. Ao conquistar a amizade do jovem, ele passa a ver no educador um benfeitor, que o adverte, quer fazê-lo bom e livrá-lo de frustrações, castigos e desonra. Segundo Dom Bosco, a prática do Sistema Preventivo baseia-se toda nas palavras de São Paulo: A caridade é benigna e paciente; tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo. Dom Bosco (apud CASTRO, 2002, p.58) afirmava que:

A ação educativa pode se resumir nos princípios: divertir para instruir e assistir para educar; estimular o interesse para focar a atenção, para suprir as necessidades da vida, para recordar das promessas eternas e serenar a mente com todos os meios para deixar livre o coração, porque a juventude deve estar alegre antes de tudo.

O ponto mais alto da pedagogia de Dom Bosco é o aprendizado do amor, e Braido (apud CASTRO, 2012, p. 97) salienta:

O Sistema Preventivo é, definitivamente, fundado sobre a razão, sobre a religião e sobre a amorevolezza do educador – indivíduo e comunidade – e, através dele, de todos os elementos pedagógicos dos quais é cooperador e mediador. Não se constroem sujeitos maduros – nos valores da razão, religião e afetividade – se o educador não for, ele mesmo, fim-valor é método segunda a razão, a religião e a afetividade. O educador é chamado a se apresentar operativamente como modelo vivente e ativo de tudo aquilo que, segundo a razão, a religião e amorevolezza, seja válido em si mesmo e ao mesmo tempo é por ele tornado amável e “atraente”, motivante, envolvente para o aluno. O educador precisa apresentar, em forma dinâmica, com relação a todos os possíveis fins educativos, aquilo que Dom Bosco afirma dele como “modelo de moralidade.

A maneira de educar de Dom Bosco que se fez reconhecida desde o século XIX até os nossos dias, completa-se pelo ambiente educativo, tudo é preparado para a beleza e a alegria de educar. Outro elemento fundamental na pedagogia salesiana é que a arte de educar não cabe somente àqueles que estão à frente dos jovens, mas a toda comunidade educativa. Todos os colaboradores da obra salesiana, desde o diretor aos que preparam o ambiente educativo são chamados a entrar nesse processo de familiaridade com a juventude.

Em seus escritos e sermões conseguia ser direto de forma poética com uso de metáforas, histórias e caracterizações, fazendo dele um grande comunicador. Os livros têm leitores definidos, são jovens que deixam o campo para tentar a vida na cidade e são desprovidos do controle familiar, abandonam as práticas de piedade, os sacramentos e

os costumes apreendidos em casa. Dada à importância da sua missão enquanto escritor apesar dos obstáculos e dificuldades em editar, decide criar sua própria tipografia garantindo o controle de produção dos livros e possibilitando aos jovens do Oratório um contato com este meio de comunicação, ensinando-os a arte da composição e impressão sendo para eles um ofício, uma verdadeira escola profissional.

Em 1877, Dom Bosco traduz a necessidade de uma comunicação em rede e cria o Boletim Salesiano (BS), cuja política comunicativa é a de criar vínculo e unir todos os cooperadores. Foi uma ferramenta inicialmente de comunicação interna, hoje é uma rede. O Boletim Salesiano existe em todos os países onde estão os salesianos e salesianas. É um veículo de comunicação da Família Salesiana que projeta a imagem da Congregação dos SDB e FMA como Dom Bosco previu. O BS possibilita a todos os membros da FS sua inserção na experiência eclesial, e histórica do nosso tempo, à leitura dos acontecimentos atuais, especialmente no que se referem à juventude e à educação.

Em Dom Bosco, encontramos a força de um carisma totalmente voltado para a educação da juventude, um homem simples, um santo do cotidiano que não mediu esforços para aprender tudo que pudesse contribuir para a sua missão. Um comunicador que propunha a credibilidade do ser humano inculca a cidadania como marca indelével, da subjetividade, originalidade do ser humano.

DOM BOSCO SONHADOR

Dom Bosco sempre foi um grande sonhador e, depois de adulto um exemplar realizador. Sua vida nos inspira e faz com que queiramos ser sempre mais sonhadores e realizadores de todas as obras que beneficiam a vida pessoal e comunitária. Segue então, um dos sonhos que deram início a esta jornada por uma disseminação da educomunicação através do exemplo daquele que é considerado o primeiro educomunicador.

O sonho dos nove anos – A seu tempo tudo compreenderás!

Na idade de nove anos tive um sonho, que me ficou profundamente impresso na mente por toda a vida. Pareceu-me estar perto de casa. Numa área bastante espaçosa onde uma multidão de meninos estava a brincar. Alguns riam, outros divertiam-se, não poucos blasfemavam. Ao ouvir as blasfêmias, lancei-me de pronto no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar.

Neste momento apareceu um homem venerando, de aspecto varonil, nobremente vestido. Um manto branco cobria-lhe o corpo; seu rosto, porém, era tão luminoso que eu não conseguia fitá-lo. Chamou-me pelo nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos, acrescentando estas palavras:

– Não é com pancadas, mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses teus amigos. Põe-te imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude.

Confuso e assustado, repliquei que eu era um menino pobre e ignorante, incapaz de lhes falar de religião. Senão quando aqueles meninos, parando de brigar, de gritar e blasfemar, juntaram-se ao redor do personagem que estava a falar.

Quase sem saber o que dizer, acrescentei:

– Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?

Justamente porque te parecem impossíveis, debes torná-las possíveis com a obediência e a aquisição da ciência.

– Onde, com que meios poderei adquirir a ciência?

– Eu te darei a mestra, sob cuja orientação poderás tornar-te sábio,
– Mas quem sois vós que assim falais?
– Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.
– Minha mãe diz que sem sua licença não devo estar com gente que não conheço; dizei-me, pois, vosso nome.
– Pergunta-o à minha mãe.

Nesse momento vi ao seu lado uma senhora de aspecto majestoso, vestida de um manto todo resplandecente, como se cada uma de suas partes fosse fulgidíssima estrela. Percebendo-me cada vez mais confuso em minhas perguntas e respostas, acenou para que me aproximasse e, tomando-me com bondade pela mão, disse:

– Olha.

Vi então que todos os meninos haviam fugido, e em lugar deles estava uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos, e outros animais.

– Eis o teu campo, onde deves trabalhar. Torna-te humilde, forte, robusto; e o que agora vês a esses animais, deves fazê-los aos meus filhos.

Tornei então a olhar, e em vez de animais ferozes apareceram mansos cordeiros que, saltitando e balindo, corriam ao redor daquele homem e daquela senhora, como a fazer-lhes festa.

Neste ponto, sempre no sonho, desatei a chorar, e pedi que falassem de maneira que eu pudesse compreender, porque não sabia o que significava tudo aquilo. A senhora descansou a mão em minha cabeça dizendo:

– A seu tempo tudo compreenderás.

Após essas palavras, um ruído qualquer me acordou, e tudo desapareceu. Permaneci atônito. Parecia que minhas mãos doíam devido aos socos que tinha dado, que minha face doía pelos socos recebidos. Aquele personagem, aquela senhora, as coisas ditas e ouvidas, me ocuparam de tal forma a mente que não consegui retomar o sono aquela noite.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dom Bosco é um legado a toda Família Salesiana, principalmente aos jovens a quem ele dedicou toda a sua vida, prometendo que até o último suspiro seria em favor deles. Colocando-se disponível a tudo em favor da juventude, principalmente aos mais pobres, investiu na educação e comunicação, e, para ser aceito procurou a corda que vibra em cada um deles.

Com o seu olhar voltado à realidade juvenil propôs uma maneira de viver e conquistar os seus sonhos, pautado no que aprendera as duras penas na trajetória de sua vida: a perda de seu pai ainda criança; a saída de casa para trabalhar e realizar o seu sonho de estudar e ser padre; como padre proporcionar ao jovem uma casa que acolhe, evangeliza e educa – o oratório, espaço de alegria, oração e iniciação ao mundo do trabalho.

A partir do uso do *podcast* como ferramenta é possível disseminar a vida e obra de Dom Bosco através da utilização de seus sonhos como forma de transformar a realidade atual pela reflexão. No caso de Dom Bosco os seus sonhos foram endereçados para a obra de educação da juventude e dos salesianos, passando do onírico ao redacional, tornando-se um recurso educativo, comunicativo, e hoje, educacional.

A educomunicação tem transformado a maneira de enxergar o mundo e traz uma posição mais clara sobre a consciência de se exercitar o pensamento crítico desde o início da vida escolar. Dom Bosco, referência em educação e comunicação para a família salesiana pode contribuir muito para os moldes de educomunicação que estão sendo utilizados atualmente em qualquer lugar, pois seus ensinamentos, sonhos e realizações são fonte de inspiração para aqueles que veem na educomunicação um caminho para a melhoria da educação aliada a formação humana integral.

REFERÊNCIAS

BOSCO, João Bosco. *As Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*. Brasília: Dom Bosco, 2012.

BOSCO, Teresio. *Os pensamentos de Dom Bosco*. Brasília: ABC Gráfica Editora, 2001.

CASTRO, Afonso de. *Carisma para educar e conquistar*. São Paulo: Salesiana, 2002.

DISCATÉRIO para a Comunicação Social. *Sistema Salesiano de Comunicação Social - Diretrizes da Congregação Salesiana*. São Paulo: Salesianas, 2011.

FERREIRA, Antônio da Silva. *Acima e Além os sonhos de Dom Bosco*. São Paulo: Salesiana, 2010.

JEANGUENIN, Gilles. *São Francisco de Salles - Fioretti*. Brasília: Dom Bosco, 2014.

LENTI, J. Arthur. *Dom Bosco: 1 História e Carisma. Origem: Dos Becchi a Valdocco*. Brasília: EDB, 2012.

LOPES, Leo. *Podcast guia básico*. Rio de Janeiro: Marsupial, 2015.

LUCIO, Luiz. *Reflexões sobre o Podcast*. Rio de Janeiro: Marsupial, 2014.

PERINI, João Carlos. *Dom Bosco e os jogos: A fascinante pedagogia do santo dos jovens*. Brasília: RSB, 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para reforma do Ensino Médio*. 2. ed. São Paulo: Paulinas 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira (Org.). *Cadernos de Educomunicação - Caminhos da Educomunicação*. 2. ed. São Paulo: Salesiana 2001.

VALIENTE, Francisco Javier. *Don Bosco comunicador*. Brasília: [s.p.], 2014.

HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL: NECESSIDADE POPULACIONAL OU POLÍTICA?

RESUMO

A habitação brasileira, em se tratando da política do setor, passou por longos anos sem contar com recursos efetivamente consolidados ou apoio institucional. Essa falta de amparo fez com que faltassem ações integradas e contínuas. As primeiras alterações se deram a partir de 2003 quando a participação popular ganhou força e passou a fazer parte do processo de construção da política do país, ou seja, do que estava sendo planejado. Nesta época, foi criado o Sistema Nacional de Habitação Social – SNHIS, que pretendia buscar recursos para o setor da habitação, além de organizar a forma que esses recursos seriam geridos, para que o resultado fosse uma política consistente e firme no Brasil. Entretanto, em 2008, ocorria uma crise econômica internacional, que breou algumas decisões. Assim, nasceu o programa Minha Casa Minha Vida, que pretendia fortalecer e até mesmo alavancar a construção civil no Brasil, o que o governo entendeu como incentivo à economia. Em 2010, as consequências dessa crise se tornaram visíveis e hoje chega a hora de analisarmos o que esse modelo de programa de incentivo à habitação social, tem gerado como efeito. Com esta abordagem, este artigo pretende analisar alguns reflexos dessas construções no espaço urbano em algumas grandes cidades do país, lembrando que são levantamentos baseados em dados divulgados oficialmente e, nesse primeiro momento, não havendo levantamento de campo.

Palavras-chave: Habitação. Construção. Política.

ABSTRACT

The Brazilian habitation, considering the policy of the segment, couldn't count on consolidated resources or institutional support for quite a long time. This lack of assistance made this section short on continued and integrated actions. From 2003 on the participation of the population started growing and, as a result of it, they began getting involved in the process of the development of the policy of the country. At that time, it was created the National System of Social Habitation, which intended raise resources for the area, besides organizing the way these resources should be managed, so the result would be a consistent and strong policy in Brazil. Therefore, in 2008, there was an international economic crisis, which prevented some decisions. For this reason, a new program named "Minha Casa Minha Vida" was offered for the citizens, which the main target was to improve and also to boost the construction growth in the country. The government thought it could make the economy increases somehow. In 2010, the consequences of this crisis reflected all over the country and now it is time for us to analyze how effective the results of this program are.

Taking this context into consideration, this article aims to study the reflections on these constructions in the urban area in some metropolitan cities of Brazil, keeping in mind that these researches are based on data published by the government and, at this moment, it cannot be shown any field surveys.

Key-words: Habitation. Construction. Crisis.

INTRODUÇÃO

No início da década de 1980, o Brasil apresentava déficit habitacional, mas não tinha uma política nacional de enfrentamento a esse problema. Encontrávamos ações em âmbitos menores, como municipais ou estaduais, mas sempre com clara descontinuidade, dependentes do setor privado ou das cooperativas. Ao final desta mesma década, as políticas municipais na habitação ganharam mais força, o que significou uma nova fase. Neste momento, as famosas COHABs (Companhias Estaduais de Habitação) entram em crise e algumas até mesmo deixam de existir. Por isso essas ações municipais se tornam tão importantes e são reforçadas pela reforma institucional e fiscal feita pela Constituição de 1988 e também por um novo momento da política do país, voltada para maior democratização. Porém, é relevante destacar que, juntamente com as ações de corte municipalista, em alguns momentos as políticas federais ressaltaram as cooperativas ou associações (programas desenvolvidos pela Secretaria Especial de Habitação e Ação Comunitária - SEAC, no governo Sarney, é um exemplo), ou ainda o setor privado (como o Plano de Ação Imediata Habitacional, durante o governo Collor).

Alguns problemas apareceram entre os anos de 1986 e 2003, quando verificou-se uma fragilidade institucional, além de uma descontinuidade administrativa, onde evidenciava-se pouco planejamento e integração entre políticas. Toda essa sequência de fracassos, programas isolados e quase sem continuidade, impulsionou a prática de administrações locais, que também trabalhavam sozinhas e eram desconexas de políticas de desenvolvimento urbano. Mas, ainda assim, em nível local, algumas cidades conseguiram obter boas equipes técnicas, que buscavam articulação com a sociedade e assim apareceram ações inovadoras.

A partir de 2003, aparece o começo de algo mais estável, uma política habitacional mais sistemática. A Secretaria Nacional de Habitação, criada no âmbito do Ministério das Cidades (MCid), buscou dar continuidade ao “Projeto Moradia”, resultado de um projeto político somado a debates com a sociedade civil. Neste momento, a administração local tem seu importante papel mantido, porém há uma proposta de articulação com outros níveis governamentais, no âmbito do Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social – SNHIS. A partir de 2006, recursos importantes integram esse processo. A partir de agora o governo libera mais recursos para o setor habitacional e em 2007 lança o Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), que visa promover o crescimento econômico com um desafiador programa de investimentos em infraestrutura, foram previstos investimentos em habitação e saneamento (o PAC urbano). Dentro do PAC, foram previstos investimentos em saneamento e habitação (PAC

urbano). Porém, no que tange à habitação destaca-se, e até mesmo privilegia-se, a urbanização de favelas (comunidades), com grande visibilidade política, com destaque para grandes centros urbanos.

Em se tratando do PAC, este não estava subordinado a outros mecanismos de controle social no âmbito habitacional. Ele se submete a apenas as prerrogativas da casa civil e da presidência da república. No segundo semestre de 2008, o governo brasileiro buscou mitigar os seus efeitos internos por meio da adoção de políticas que abrangiam a manutenção do crédito, o atendimento aos setores mais atingidos pela recessão e a sustentação dos investimentos públicos, especialmente na área de infraestrutura, que já vinha sendo objeto do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). No âmbito destas medidas, ressalta-se o “pacote” de investimentos lançado para a área de habitação. Em março de 2009, o governo anuncia o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) visando criar condições para aumento do mercado habitacional para atendimento das famílias com renda de até 10 salários mínimos (SM). Este programa estabelece um subsídio direto, proporcional à renda das famílias. O objetivo claro é mexer com a economia por meio do aquecimento da área da construção civil. Outra medida foi o aumento de crédito para aquisições imobiliárias. A realização de uma política habitacional conduzida por uma lógica empresarial trouxe reflexos importantes para a construção do espaço urbano, assim como para a força da política de habitação como mecanismo de redução das desigualdades sócio espaciais. Afinal, como afirmam Rolnik e Nakano (2009): “uma “boa” política de geração de emprego e renda na construção civil não significa necessariamente uma “boa” política habitacional”. Assim, seguindo esta linha, que buscamos potencialidades e limites do Programa Minha Casa Minha Vida em regiões metropolitanas (RMs).

1. O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA: ASPECTOS GERIAS

Consolidado pela Lei N. 11.977, de 7 de julho de 2009, o PMCMV, em seu componente urbano, foi operacionalizado a partir da alocação de recursos da União ao Fundo de Arrendamento Residencial (FAR) – no montante de 14 bilhões de reais – e, em menor grau, ao Fundo de Desenvolvimento Social (FDS) – no montante de 500 milhões de reais –, ambos gerenciados pela Caixa Econômica Federal (CEF). O FAR já vinha sendo utilizado na produção de unidades habitacionais para famílias com renda entre 3 e 6 SM, dentro do Programa de Arredamento Residencial (PAR), recebendo recursos transferidos do Orçamento Geral da

União (OGU) e do FGTS. Já o FDS havia se constituído como fonte de recursos para o Programa Crédito Solidário (PCS), com objetivo de produção de unidades em regime de autogestão, através de cooperativas ou associações. A partir de então o PCS passa a ser substituído pelo PMCMV-Entidades. Desta forma, analisando-se os montantes alocados, observa-se que o núcleo central do Programa é aquele voltado para as empresas, que acessam diretamente os recursos do FAR, por meio da apresentação de projetos a serem avaliados e aprovados pela CEF.

2. RELAÇÃO PÚBLICO-PRIVADA

O papel dos estados e municípios nesse modelo, passou a ser o de organizar a demanda, por meio de cadastros encaminhados à Caixa Econômica Federal para a seleção dos beneficiários e, ainda, o de criar condições para facilitar a produção, por meio da desoneração tributária e da flexibilização da legislação urbanística e edilícia dos municípios. Em alguns casos, considera-se que estados e municípios poderiam ainda viabilizar o atendimento à demanda de baixa renda por meio da cessão de terrenos públicos. De qualquer forma, o promotor do empreendimento deixa de ser o setor público e passa a ser o setor privado.

É de responsabilidade do mercado a promoção dos empreendimentos imobiliários criados de acordo com as exigências técnicas mínimas do PMCMV, principalmente no que se refere ao cálculo do valor da unidade habitacional, de forma a se enquadrar no perfil financiado e, ao mesmo tempo, garantir maior taxa de lucro possível em seus projetos. Os preços finais estão pré-determinados pelos tetos de financiamentos. Os lucros com a produção habitacional poderão ser realizados a partir de duas possibilidades não excludentes: pela redução do custo de construção ou pela redução do preço da terra. O lucro imobiliário tem melhor resultado de acordo com a capacidade das empresas em desenvolver estratégias de redução do valor pago aos proprietários, a exemplo: com a constituição de estoques de terras, com a transformação de solo rural em urbano, ou ainda com a possibilidade de antecipar mudanças na legislação de uso do solo que permitam a utilização de terrenos até então fora de mercado. Já o lucro da construção se concretiza com aumento da escala, racionalização do processo produtivo, diminuição de perdas, aumento da produtividade do trabalho e uso de novas tecnologias. A partir desses elementos, é possível identificar como, no contexto metropolitano brasileiro, a implantação do PMCMV está se refletindo no processo de estruturação do espaço urbano.

3. DIRETRIZES DE PROJETO

Considerando que as diretrizes do programa exigem uso de partidos arquitetônicos que gerem menor custo para manutenção do imóvel, existe forte restrição à verticalização, pois esta estratégia de projeto, acarretaria maior custo com manutenção de equipamentos como elevadores, além de maiores gastos com energia. Assim, a tendência seria a reprodução de soluções convencionais, em 4 ou 5 pavimentos sem elevador, com unidades de área mínima estabelecida pelo programa, induzindo a reprodução de tipologias padrão, a exemplo daquelas produzidas no período do BNH. Outro aspecto relevante é que o PMCMV estabelece um programa mínimo e um nível de acabamento único para aquelas moradias classificadas como HIS (Habitação de Interesse Social). Para edificações destinadas às famílias com faixa de renda de 0 a 3 salários mínimos, a “planta mínima” é constituída por: sala, cozinha, banheiro, circulação, dois dormitórios e área de serviço com tanque, totalizando 32m² de área útil para casa ou 37m² para apartamento. Analisando essa homogeneização e as dimensões propostas, questiona-se se este tipo de atendimento proporciona moradias dignas a estas famílias e, mais ainda, que tipo de morfologia urbana está sendo construída a partir do formato desenhado pelo PMCMV. Segundo AZEVEDO (1996:83), A experiência histórica brasileira mostra que sempre que um programa habitacional altamente subsidiado permite um grau muito alto de liberdade na alocação dos recursos, as regiões menos desenvolvidas e os estados com dificuldades políticas junto ao governo central terminam altamente prejudicados (...).

Com o objetivo de evitar a edificação de conjuntos habitacionais muito grandes, a exemplo do acontecido nos anos 80 com os empreendimentos do BNH, o PMCMV define como limite máximo para cada empreendimento a construção de 500 unidades habitacionais ou condomínios divididos em até 250 habitações. Porém, este tipo de regra não impede a estratégia empresarial de formação de grandes glebas parceladas e novos conjuntos de grande extensão aprovados de forma fracionada, apresentando a mesma tipologia.

4. O ENTORNO

Considerando que o PMCMV não prevê recursos para a construção de equipamentos urbanos, a construção destes grandes conjuntos poderá trazer mais problemas de habitação do que necessariamente solucioná-los. Há orientação para que a CEF priorize a contratação de

empreendimentos localizados em áreas com infraestrutura básica, com serviços urbanos de educação, saúde e transporte. Porém, na atuação cotidiana da CEF, os projetos são analisados caso a caso, e enquadrados dentro das normativas a partir de suas características próprias. Outra diretriz presente nas normativas é a limitação da escala dos empreendimentos. Essa regra é driblada pelo fracionamento do empreendimento. Além disso, a normativa existente até o momento não concede aos técnicos da CEF autonomia para não aprovar uma solicitação, mesmo que pudessem identificar o fracionamento.

Outra falha apontada é que o crescimento da população em uma área que apresenta precariedade na oferta de infraestrutura e serviços urbanos agravará e provocará outros problemas urbanos e de moradia em vez de reduzi-los. Além disso, em relação à qualidade do espaço público, os projetos aprovados nesta área representam outro aspecto bastante negativo: uma série de condomínios fechados, nos quais as vias que os cercarão serão repletas de uma sequência de muros altos e guaritas.

Os reflexos também atingem administrações públicas locais responsáveis por minimizar problemas provocados pela implantação dos grandes conjuntos habitacionais na franja urbana. Contudo, a política habitacional tem sido avaliada principalmente pelos números que têm produzido, sem contabilizar neste cálculo os custos necessários para corrigir os efeitos negativos gerados. Este tema tem sido sempre tratado de forma inadequada no debate sobre a política habitacional, colocando-se como uma escolha (trágica) entre qualidade e quantidade. Em outras palavras, evidencia-se aqui a seriedade no que tange superar a solução básica “dois quartos, cozinha e banheiro”, com 35m² cada domicílio para qualquer tipo de família. Quanto a gestão do programa, seria apropriado uma reflexão sobre o resgate do papel do promotor público na implementação da política habitacional, que os recursos fossem melhor divididos e que considerassem mais amplamente as cooperativas e associações, ao invés de se concentrar no setor privado.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho partiu de questionamentos que vêm sendo comumente feitos acerca da atual política habitacional coordenada pelo governo federal. Questionamentos comuns a diversos programas e políticas públicas de produção em larga escala. Por exemplo: em que medida as especificidades do público-alvo e das localidades são respeitadas por tais programas? Quais os critérios considerados como mais relevantes para a tomada de decisão quando o objetivo é a

entrega em massa de algum produto? As soluções padronizadas e massificadas atingem determinadas metas, mas com quais impactos, desejáveis ou não?

Percebemos que o processo de requalificação do papel do Estado e do mercado na promoção de políticas públicas envolveu, no caso da habitação, uma transformação do direito universal de acesso à moradia em uma possibilidade individual de acesso ao crédito habitacional. Esse tipo de questionamento ganha maior relevância quando o produto da política é um bem imóvel de características únicas: a habitação ou a moradia. E quando a moradia é produzida de maneira massificada, questiona-se sobre o assentamento humano, sobre a cidade, sobre o contexto urbano e, em última análise, sobre o desenvolvimento de uma região ou de um país.

Em suma, partimos de evidências de que o PMCMV vai além de ser um programa habitacional, afirmando-se como um arcabouço instrumental de política habitacional, uma vez que dispõe desde instrumentos financeiros até de um marco legal que pode ser utilizado pelos municípios na gestão do uso do solo ou de regularização fundiária, igualmente importante para a viabilização de empreendimentos habitacionais. É fato e deve-se afirmar aqui de maneira bastante direta, que o PMCMV injetou recursos bastante significativos na produção habitacional e que estabeleceu mecanismos de subsídio diretos e explícitos, como propunha a Política Nacional de Habitação e o PlanHab; e, assim, por meio dessa equação financeira, ampliou o atendimento para faixas de renda antes atendidas de forma restrita. Assim, quanto ao papel do PMCMV como instrumento de uma política de crescimento econômico, não chegamos, aqui, a enfrentar diretamente a relação e os impactos do PMCMV no crescimento da economia, mas como demonstrado, pode-se afirmar com relativa segurança que o PMCMV tem forte orientação nas estratégias de desenvolvimento ou crescimento econômico. A análise dos impactos do PMCMV no crescimento nacional e regional ficará para uma próxima etapa da pesquisa.

Por sua vez, conseguimos revelar com forte segurança que o PMCMV tem fraca aderência às estratégias de enfrentamento do déficit habitacional, o que o distancia num primeiro momento de uma política habitacional *stricto sensu*, especialmente de habitação de interesse social. Seguindo esta lógica destacamos que há uma maior correlação das contratações do PMCMV, para faixas de maior renda, com a demanda por habitação conforme calculada pela CAIXA, ou seja, com a expectativa de inserção das famílias no mercado por meio da compra de um imóvel.

Há também uma série de elementos que revelam o distanciamento do PMCMV em relação ao percurso histórico da política habitacional, neste caso tomando-se o período iniciado aproximadamente com a Constituição Federal (CF) de 1988. O primeiro deles é o fato de que o PMCMV esvazia os esforços da sociedade brasileira em construir uma nova política habitacional. Em um país de dimensões continentais, com profundas desigualdades regionais, sociais, econômicas e uma enorme diversidade cultural, o PMCMV se expressa como uma empresa fordista na produção em grande escala, cuja imagem predominante, ainda que não a única, são “casinhas” a perder de vista. Forma única, isto sim, de execução, padronização dos produtos, interesses e arranjos das empresas racionalizando a proposição de empreendimentos, a desconsideração de uma tipologia das cidades que receberiam os investimentos e a mais intensa ligação com as necessidades habitacionais, são alguns dos elementos identificados e explorados no texto.

De maneira muito genérica e ainda exploratória, esse “mapa” do PMCMV parece não se contrapor à geografia que explica o processo de urbanização brasileiro, de assentamento dos mais pobres em periferias distantes, com o ônus individual de conseguir os demais meios de reprodução da vida (equipamentos públicos, acessibilidade, oportunidades de trabalho, lazer etc.).

Por fim, novos caminhos para a pesquisa se apresentam ao final da elaboração desta etapa de análise. Verifica-se, desde já, que os resultados da produção habitacional estão descolados em grande medida da necessidade de moradia no país.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Pedro Fiori; FIX, Mariana. Como o Governo Lula pretende resolver o problema da habitação. Alguns comentários sobre o pacote habitacional Minha Casa Minha Vida. In: Correio da Cidadania. Edição 543, 2009. Disponível em: <http://www.correiodacidade.com.br/content/blogcategory/66/171/>. Acesso: agosto 2015.

AZEVEDO, Sergio. Desafios da Habitação Popular no Brasil: políticas recentes e tendências.

AZEVEDO, S. d. (1996). A crise da política habitacional: dilemas e perspectivas para o final dos anos 90. A crise da moradia nas grandes cidades: da questão da habitação à reforma urbana. L. C. d. Q. RIBEIRO e S. d. AZEVEDO. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ: 73-101.

CARDOSO, Adauto Lucio. Habitação social nas metrópoles brasileiras: uma avaliação das políticas habitacionais em Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo no final do século XX. Porto Alegre: ANTAC, 2007. — (Coleção Habitar), pp. 12-41.

BOLAFFI, Gabriel. Habitação e urbanismo: o problema e o falso problema. MARICATO, Ermínia (org.) A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial. São Paulo: Editora AlfaÔmega, 1982.

COELHO, Will Robson. O déficit das moradias: instrumento para avaliação e aplicação de programas habitacionais. Dissertação de Mestrado. São Carlos: EESC-USP, 2002.

MINISTÉRIO DAS CIDADES. Secretaria Nacional de Habitação. RELATÓRIO DE GESTÃO 2009
Unidade Jurisdicionada: Fundo Nacional de Habitação – FNHIS. Disponível em:
<http://www.cidades.gov.br/secretarias-nacionais/secretaria-de-habitacao/cgfnhis/relatorios-degestao/Relatorio%20de%20Gestao%20FNHIS%202009.pdf>. Acesso agosto 2015.

ROLNIK, Raquel; NAKANO, Kazuo. As armadilhas do Pacote Habitacional in: LE MONDE, Diplomatique Brasil. Edição: 05 de março de 2009. Disponível em:
<http://diplomatie.uol.com.br/artigo.php?id=461&PHPSESSID=726ce1cea7ec25bc237a594352cb43> 8c.
Acesso: agosto 2015.

ANÁLISE DE UMA ÁREA DEGRADADA POR RESÍDUOS SÓLIDOS

RESUMO

Os resíduos sólidos industriais são um dos muitos problemas decorrentes da revolução industrial que continuam sem solução. Dado o rápido desenvolvimento industrial que acompanha o avanço tecnológico, tais resíduos têm sido até hoje um dos maiores responsáveis pela degradação ambiental tendo em vista que são lançados em áreas nem sempre apropriadas. Nesse trabalho foi realizado estudos e diagnósticos técnicos sobre uma área contaminada, localizada no interior do Estado de São Paulo, utilizada anteriormente como depósito de resíduos sólidos industriais. Avaliou-se a documentação do processo que está em andamento e os laudos técnicos referente ao monitoramento da qualidade das águas subterrâneas realizado nos últimos anos. Os resultados dos laudos técnicos sugerem que os impactos diminuíram.

Palavras-chave: resíduos sólidos; resíduos sólidos industriais; legislação ambiental.

ABSTRACT

Industrial Solid Waste is one of the many problems arising from the industrial revolution that remain unresolved. Given the fast industrial development accompanying technological advancement, such waste has been up today one of the most responsible for environmental degradation with a view that are launched in areas not always approprietes. This work was carried out studies and technical diagnostics about a contaminated area, located in the state of São Paulo, previously used as industrial solid waste deposit. It will assessed the process documentation what is in progress and technical reports that refers to monitor the quality of groundwater held last year. The results of the technical reports suggest that the impacts decreasead.

Key words: solid waste; industrial solid waste; environmental legislation.

INTRODUÇÃO

1. Resíduos sólidos

Os problemas relacionados à geração de resíduos sólidos fazem parte da sociedade em toda sua evolução histórica. Com o crescimento das cidades, o aumento da geração de resíduos sólidos tem se apresentado, cada vez mais, como uma dificuldade para os municípios e os Estados. O processo intenso de ocupação do solo faz com o que os serviços não atendam à demanda, fazendo com que a ocupação do solo ocorra de modo desordenado. Esse modo faz com que ocorra uma incorreta coleta e destinação final dos resíduos provocando problemas ambientais como a contaminação da água subterrânea, do solo, do ar, gerando a proliferação de doenças, enchentes e inundações causando diversos problemas à sociedade (ROTH; GRACIAS, 2009).

Desta forma, podemos dizer que a geração de resíduos sólidos está diretamente ligada aos padrões culturais, renda e hábitos de consumo da sociedade. Resultado de uma sociedade que transforma supérfluos em necessidades por meio de um consumo desmedido. Muitos representantes da indústria e do comércio não estão muito preocupados com esses problemas, pois ainda ocorre a destinação incorreta dos resíduos gerados entre outros problemas. Assim, quanto mais a sociedade cresce economicamente, maior é o seu padrão de vida e consequentemente seu consumo (ROTH; GRACIAS, 2009).

1.1. Classificação dos resíduos

Segundo a Lei 12305/2010, art. 13, inciso I, os resíduos são classificados de acordo com a sua origem podendo ser Resíduos Sólidos Urbanos, Resíduos Domiciliares, Resíduos de Limpeza Urbana, Resíduos de Serviços de Estabelecimentos Comerciais e Prestadores de

Serviços, Resíduos de Serviços Públicos de Saneamento Básico, Resíduos de Serviços de Saúde, Resíduos Industriais (RSI), Resíduos de Construção Civil, Resíduos Rurais, Resíduos Agrossilvopastoris, Resíduos de Serviços de Transporte e Resíduos de Mineração.

A Norma ABNT NBR 10004 (2004) também classifica os resíduos sólidos quanto aos seus riscos potenciais ao meio ambiente e à saúde pública. Desta forma, podem ser divididos em: a) Resíduos classe I – Perigosos; b) Resíduos classe II – Não perigosos. A Classe II subdivide-se em : Classe II A – Não inertes e, Classe II B – Inertes.

1.2. Resíduos sólidos industriais

Conforme a Resolução 313 do Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA de 2002, resíduo sólido industrial é todo resíduo resultante de atividades industriais desde a matéria-prima até o produto final, sendo encontrado no estado sólido, semissólido ou gasoso, onde devido as suas particularidades torna-se inviável o seu lançamento na rede pública de esgoto ou em corpos d'água, ou que exijam para isso soluções técnicas ou economicamente inviáveis em face de melhor tecnologia disponível.

Atualmente, os resíduos sólidos industriais, que são corretamente destinados a aterros sanitários industriais, sofrem um processo classificatório prévio ao seu tratamento e disposição final. A classificação dos resíduos envolve a identificação do processo ou atividade que lhes deu origem e de seus constituintes e características e a comparação destes constituintes com listagens de resíduos e substâncias cujo impacto à saúde e ao meio ambiente conforme norma ABNT NBR 10004:2004.

De maneira geral, esta classificação é feita considerando os resultados de análises físico-químicas sobre o extrato lixiviado obtido a partir da amostra bruta do resíduo. As concentrações dos elementos detectados nos extratos lixiviados são comparadas com os limites máximos estabelecidos nas listagens conforme norma ABNT NBR 10004:2004. Todavia, nas situações em que o resíduo industrial chega ao aterro sem uma classificação exata, há atrasos ou erros no tratamento e disposição final do mesmo, gerando problemas ao aterro e à empresa responsável pelo resíduo.

1.3. Tratamento dos resíduos sólidos industriais

O reaproveitamento e a reciclagem de resíduos industriais não são questões simples, pois requerem conhecimentos multidisciplinares, baseados em técnicas de engenharia, princípios de economia, das ciências sociais, e das técnicas de planejamento urbano e regional entre outros conceitos.

É comum proceder ao tratamento de resíduos industriais com vistas à sua reutilização ou, pelo menos, torná-los inertes. Contudo, dada a diversidade dos mesmos, não existe um processo pré-estabelecido, havendo sempre a necessidade de realizar uma pesquisa e o desenvolvimento de processos economicamente viáveis.

Em geral, trata-se de transformar os resíduos em matéria-prima, gerando economias no processo industrial. Isto exige vultosos investimentos com retorno imprevisível, já que é limitado o repasse dessas aplicações no preço do produto, mas esse risco se reduz na medida em que o desenvolvimento tecnológico abre caminhos mais seguros e econômicos para o aproveitamento desses materiais.

Para incentivar a reciclagem e a recuperação dos resíduos, alguns estados possuem bolsas de resíduos, que são publicações periódicas, gratuitas, onde a indústria coloca os seus resíduos à venda ou para doação.

Em termos práticos, os processos de tratamento mais comum são: neutralização,

secagem ou mescla, encapsulamento, incorporação, processos de destruição térmica.

1.4. Disposição final

Deve ser feita de modo a eliminar ou minimizar os impactos ambientais. A escolha da disposição depende tanto da caracterização e classificação do resíduo quanto do custo da disposição, essa escolha depende também do valor apurado com a venda do resíduo e do potencial de geração do passivo ambiental no futuro, como resíduos disposto em aterro, que podem gerar futuramente necessidade de aplicação de outra disposição.

1.5. Gerenciamento Integrado de Resíduos

Com o crescimento demográfico, a mudança ou a criação de novos hábitos, a melhoria do nível de vida e o desenvolvimento industrial, as características dos resíduos sofreram alterações, contribuindo para agravar o problema de sua destinação final. Portanto, a composição e a quantidade dos resíduos produzidos estão diretamente relacionados ao modo de vida dos povos, a sua condição socioeconômica e à facilidade de acesso aos bens de consumo. Os maiores problemas ocorrem nos países industrializados, nos quais a composição desses resíduos é o fator mais preocupante. A grande problemática, então, é o que deve ser feito com essa imensidão de resíduos produzidos.

O crescente aumento da geração de resíduos e necessidade de destinação final adequada, o conceito de Gerenciamento Integrado de Resíduos passou a ganhar força. O planejamento dos resíduos é feito a partir do conhecimento prévio de todos os tipos de resíduos produzidos no município, ou no conjunto deles, suas quantidades e fontes geradoras. Desta forma há um melhor uso dos recursos técnicos e econômicos disponíveis, garantindo a premissa do desenvolvimento sustentável. A gestão integrada dos resíduos sólidos é de competência dos municípios e do Distrito Federal. Aos estados cabe a integração das ações dos municípios.

Ações prioritárias:

- coletar todo resíduo gerado (responsabilidade da prefeitura);
- dar um destino final adequado para todo o resíduo coletado;
- buscar formas de segregação e tratamento para o resíduo.

Considerar que essas formas só darão resultados positivos e duradouros se responderem a claros requisitos ambientais e econômicos;

- fazer campanhas e implantar programas voltados à sensibilização e conscientização da população no sentido de manter a limpeza da cidade;
- incentivar medidas que visem diminuir a geração de resíduo.

No gerenciamento integrado não há uma solução única para todos os tipos de resíduos, pois cada tipo de resíduo deve ser encaminhado para a disposição final mais adequada, a fim de minimizar os impactos ambientais.

É necessário, portanto, conhecer os aspectos qualitativos (com qual resíduo se está lidando) e quantitativos (qual a quantidade gerada desse resíduo) para um gerenciamento adequado.

A caracterização dos resíduos é muito importante para o gerenciamento, porque permite estimar a quantidade de material potencialmente reciclável, a quantidade de matéria orgânica putrescível que deve ser encaminhada para tratamento e a quantidade de rejeitos que devem ir para aterro sanitário.

Para um gerenciamento eficiente, é importante que todas as etapas de cada processo

sejam realizadas de forma correta, a começar pelo acondicionamento dos resíduos.

Os resíduos devem ser preparados para a coleta, de forma sanitariamente adequada e compatível com os tipos e suas quantidades, pois a eficiência na operação de coleta e transporte depende do armazenamento correto desses resíduos.

Segundo a Política Nacional do Meio Ambiente (Lei 6938/1981) são considerados bens a proteger: a saúde e o bem estar da população; a fauna e a flora; a qualidade do solo, das águas e do ar; os interesses de proteção à natureza/paisagem; a ordenação territorial e planejamento regional e urbano; a segurança e ordem pública.

A Lei de Crime Ambientais (Lei 9605/88), no Art. 54 considera como crime causar poluição de qualquer natureza em níveis tais que resultem ou possam resultar em danos à saúde humana, ou que provoquem a mortandade de animais ou a destruição significativa da flora.

Para minimizar a intensidade da degradação do meio ambiente, que pode ocorrer por falta de conhecimento, é importante realizar trabalhos de educação e conscientização ambiental, além de promover um gerenciamento adequado das áreas de disposição de resíduos, no intuito de prevenir ou reduzir os possíveis efeitos negativos ao meio ambiente ou a saúde pública sendo necessário trabalhar com planejamento para adotar técnicas adequadas da exploração dos recursos naturais e conscientizar a população da relação entre o manejo adequado dos recursos naturais e a qualidade de vida.

METODOLOGIA

A execução desse trabalho foi realizada em etapas, a saber:

- 1- Avaliação 'in loco' da área contaminada localizada no interior do Estado de São Paulo, com extenso registro fotográfico;
- 2- Análise do processo civil em curso impetrado pelo Ministério Público do Estado de São Paulo devido a mortandade de peixes ocorrido no aterro sanitário industrial da empresa investigada;
- 3- Avaliação dos dados históricos de monitoramento da qualidade das águas subterrâneas dos últimos 20 (vinte) anos realizados por uma empresa credenciada na CETESB.

RESULTADO E DISCUSSÕES

A área em estudo refere-se a um aterro industrial construído em 48.242,428 m², de propriedade da empresa Kucla (nome fictício).

A **Empresa Kucla** obteve Licença de Instalação para produção de isolantes antirruído para a indústria automobilística. Os resíduos sólidos da manufatura são: retalhos de feltros com manta asfáltica, papelão impregnado com asfalto (negro de fumo), entre outros resíduos, sendo todos classificados como classe II, não perigosos, onde estes pela ABNT NBR 10.004:2004, são considerados inertes, poucos biodegradáveis, não propícios a formação de chorume.

O aterro foi construído em um local onde existia uma cava de cerca de 14.098,00 m², resultante da extração de argila, que se apresentava suscetível a erosão, necessitando de aterramento, o que poderia ser efetuado com os rejeitos gerados pela empresa Kucla. O próprio solo funcionaria como um revestimento de baixa permeabilidade.

No entanto, somente depois de várias autuações (impostação de penalidade, de advertência), requereu o Certificado de Aprovação da Instalação –CAI, o qual não foi concedido porque a implantação e a operação do sistema não estavam sendo realizadas conforme o projeto inicial aprovado.

Observou-se que os rejeitos ficavam muito tempo a céu aberto, sem receber a camada de cobertura de terra (Figura 1), causando incêndios e impactos para o homem e o meio ambiente.

Foi encontrado, também, resíduos da classe I (perigosos).

Figura 1. Resíduos industriais depositados a céu aberto no aterro industrial da empresa investigada



Em 1991 a CETESB foi acionada e constatou mortalidade de 700 kg de peixes (traíras, tilápias, lambaris, cascudos etc.) na propriedade vizinha (chácara Flora). A água do lago que passa na divisa entre a propriedade da empresa e da chácara Flora (nome fictício) foi analisada e apresentou valores entre 9,7 e pH 12,2 (o limite máximo é na ordem de 9), presença de óleos, graxas e concentração de cianeto acima do permitido em norma (43,8 g/L sendo o limite 2 mg/L). Observou-se, também, que o líquido (chorume) proveniente dos rejeitos percola o solo atingindo o córrego que passa aos fundos do terreno do referido aterro.

Foi emitido o “ato de infração” e a empresa foi multada por ter atribuído o uso de cianeto e o seu despejo no córrego. Porém, a CETESB foi questionada por este ato, pela empresa Kucla, pois como afirmado acima, os rejeitos industriais são poucos biodegradáveis, não propícios a formação de chorume e o processo de manufatura não utiliza sais de cianetos.

Não houve notícias ou registros de qualquer ocorrência de morte de peixes a jusante da Lagoa e nem antes, e nem depois da famigerada ocorrência.

O diretor da empresa declara que tem controle dos caminhões que entram no aterro e afirma que o aterro tem uma porteira com cadeado (Figura 2a), não tem vigilante e é coberto com terra a cada 20 (vinte) dias. Sua empresa nunca atuou no setor de galvanoplastia e portanto não utiliza cianeto de sódio no processo.

No projeto do aterro industrial aprovado consta que o resíduo despejado seria enterrado diariamente e haveria um guarda em tempo integral no local. Fato esse que não se concretizou. A empresa justifica que por se tratar de resíduos de uma única fonte não haveria necessidade de porteiro para controlar a entrada de caminhões e, as operações de espalhamento, soterramento e compactação são onerosas e por esse motivo ocorriam a cada 10 (dez) dias. A área é totalmente cercada, tem porteira devidamente fechada com cadeado, Figura 2.

Figura 2. Foto da porteira - Entrada do aterro industrial da empresa



Foram realizadas vistorias ao aterro no final de 1991 e constatou-se que os resíduos estavam sendo coberto com frequência e haviam sido construídas canaletas divisoras para água pluviais. O aterro foi considerado controlado e o pedido para obter o licenciamento de operação estava em análise.

Em 1992, houve vistoria da CETESB e como o local não estava conforme o projeto aprovado, foi negado a licença de operação e estipulado um prazo de 30 dias para a empresa apresentar um plano de encerramento do aterro, conforme as normas ABNT em vigor. Foi imposto pela CETESB que após o encerramento do aterro, a empresa deve:

- monitorar as águas subterrâneas por um período de 20 (vinte) anos;
- realizar manutenção dos sistemas de drenagem e de detecção de vazamento de líquido percolado até o término da sua geração;
- realizar manutenção da cobertura de modo a corrigir rachaduras ou erosão;
- realizar manutenção do sistema de tratamento do chorume até que cesse sua geração ou que atenda aos padrões de emissão;
- isolar o local para que não haja acidentes com pessoas ou animais que por ventura acesse o local;
- realizar análises no local e encaminhar os laudos à CETESB, a cada 6 meses.

Em 1993, foram feitas inspeções pela CETESB e o aterro apresentava rejeitos a céu aberto (sem cobertura), Figura 3. A empresa foi multada. Há registros que cinco caminhões diários de resíduos são lançados.

Figura 3. Foto evidenciando rejeitos sólidos industriais com camada de terra insuficiente para completa cobertura, deixando-os a céu-aberto.



Em 1994, a empresa Kucla move ação civil pública ao Ministério Público do Estado de São Paulo contestando a presença de íons cianeto na água e solicita complementação do laudo do perito com fundamentação científica para 19 quesitos.

No final de 1994 foi apresentado o laudo pericial crítico e divergente sobre a investigação de insalubridade- contaminação. Na ocasião a área foi fotografada e notou-se proliferação da flora (gramado e árvores), presença de animais pastando e bebendo água do córrego, indicando ausência de substâncias danosas aos seres vivos da fauna e flora, Figura 4.

Figura 4. Foto evidenciando crescimento de graminhas e animais pastando na área.



Concluiu-se que o aterro não sofre operação há mais de seis meses (pelo tipo e tamanho da vegetação em crescimento). No entanto, notou indícios de começo de processo erosivo, Figura 5, que se não controlado, por tratar-se de solo arenoso, pode aprofundar-se expondo os rejeitos sólidos enterrados. Para corrigir esta situação, bastaria a implantação de pequenas curvas de nível antes do local onde as mesmas ocorrem, para diminuir e direcionar a água das chuvas, evitando assim o crescimento do processo erosivo.

Figura 5. Foto evidenciando processo de erosão no local onde os rejeitos sólidos foram enterrados.



Em 1996, inspeções foram realizadas e constatou-se que a área estava com porteira, cercas e a estrada de acesso evidenciava sinais de não ter sido utilizada recentemente, visto encontrar-se recoberta com mato de médio porte. A parte da área utilizada para a deposição de resíduos sólidos encontrava-se recoberta com vegetação rasteira; na área com declive mais acentuado havia sinais de erosão mas os resíduos sólidos contavam com recobrimento de terra; não havia sinal de geração de líquidos percolados, nem tampouco qualquer acúmulo de água na área. Sendo assim, ficou evidenciado a ocorrência de uma lenta recuperação natural da área, com o crescimento de vegetação (em sua maior parte rasteira) e, que a área conta com um

recobrimento de solo organicamente muito pobre e diferente do solo original existente nas áreas vizinhas preservadas, fato esse que deve estar dificultando o crescimento mais rápido da vegetação no local e propiciando o aparecimento de erosão.

Em 1997 foi dado a sentença referente ao processo. O juiz entendeu que se o aterro tivesse sido mantido conforme o projeto, o líquido detectado pela CETESB não teria atingido o aquífero freático. Conclui afirmando a relação causa e efeito entre a inadequação da manutenção do aterro e a contaminação do "aquífero freático" pelo referido percolato. E, condena a empresa a:

- proceder cobertura final da área, com terra compactado de aproximadamente 0,60 m de espessura e a mantê-la de forma a corrigir rachaduras e evitar erosão;
- regularizar tal superfície com caimentos para as canaletas de drenagem e executando pequenas curvas de nível antes do local onde as mesmas ocorrem, direcionando a água de chuva, e plantando grama, em toda a extensão do aterro;
- monitorar as águas subterrâneas por um período de 20 (vinte) anos (passível redução a critério técnico da CETESB), após o fechamento da instalação, registrando o cuidado tomados após tal fechamento, e remetendo os resultados do monitoramento à CETESB pelo menos uma vez ao ano.

Em 1998 a promotora de justiça oficializa a CETESB para que seja feita perícia no local a fim de comprovar o efetivo cumprimento da decisão judicial.

A perícia realizada pela CETESB constatou-se que:

- o aterro está devidamente encerrado e recoberto com camada de terra retirada de áreas adjacentes. A superfície de cobertura está regularizada com caimentos adequados e revegetada com capim (braquiara) que ocupa praticamente toda a área do aterro, existindo ainda algumas falhas de vegetação expondo a cobertura de terra à erosão, no entanto, essas falhas estão em processo de completo preenchimento pelo avanço natural da vegetação (Figura 4);
- há valetas de desvio das águas pluviais da área do aterro, executadas por meio de raspagem do solo em seu entorno, mas sem a colocação de canaletas de escoamento de concreto e sem a implantação de bacias de dissipação de energia, o que expõe o solo à erosão, apesar de ser de consistência firme. Nesses locais onde houve raspagem do solo, a vegetação natural está ocorrendo mais lentamente;
- há dois poços no terreno do aterro, situados nas partes alta e baixa, que poderão ser utilizados para monitoramento da qualidade das águas do lençol freático. A indústria não apresentou a CETESB dados sobre eventual monitoramento realizado.

A empresa, em 1998, apresentou o laudo dos poços de monitoramento jusante e montante, realizado por um laboratório de análise credenciado na CETESB.

O juiz de direito em 2000, comunica a extinção de processo civil. A partir dessa data consta nos autos apenas os laudos das análises e pareceres da CETESB que atestam que os valores encontrados estão dentro dos padrões de potabilidade. Enquanto que os parâmetros de condutividade e carbono orgânico total não estão previstos na citada Portaria, mas seus valores encontrados não indicam alterações.

Valores das análises físico-químicas realizadas durante o processo são mostrados nas Tabelas a seguir. Observa-se que os valores estão dentro dos estabelecidos na Resolução CONAMA.

Tabela 1. Valores obtidos nas análises da água do poço de monitoramento localizado a montante (poço n.1).

	25/10/2000	26/07/2004	21/03/2006	26/06/2008	14/01/2014
cloreto (mg Cl/L)	7,88	2	4	5	<LQ
condutividade (uS/cm)	439	537	495	291	28
carbono total (mg C/L)	0,1	17,1	5,6	7,5	6,2
benzeno (ug/L)	<5	<2	<2	<2	<LQ
tolueno (ug/L)	<5	<0,002	<0,002	<LQ	<LQ
etilbenzeno (ug/L)		<0,002	<0,002	<LQ	<LQ
m+p xileno (ug/L)	<5	<0,002	<0,002	<LQ	<LQ
o-xileno (ug/L)	<5	<0,002	<0,002	<LQ	<LQ

LQ = limite detectável pelo método

Tabela 2. Valores obtidos nas análises da água do poço de monitoramento localizado a montante (poço n. 2).

	25/10/2000	26/07/2004	26/06/2008	01/10/2013	14/01/2014
cloreto (mg Cl/L)	7,88	2	5	2	<LQ
condutividade (uS/cm)	439	537	291	129,1	28
carbono total (mg C/L)	0,1	17,1	7,5	8	6,2
benzeno (ug/L)	<5	<2	<2	<LQ	<LQ
tolueno (ug/L)	<5	<0,002	<LQ	<LQ	<LQ
etilbenzeno (ug/L)		<0,002	<LQ	<LQ	<LQ
m+p xileno (ug/L)	<5	<0,002	<LQ	<LQ	<LQ
o-xileno (ug/L)	<5	<0,002	<LQ	<LQ	<LQ

LQ = limite detectável pelo método

Tabela 3. Valores obtidos nas análises da água do poço de monitoramento localizado a jusante (poço n. 3).

	25/10/2000	26/07/2004	28/11/2008	01/10/2013	14/01/2014
cloreto (mg Cl/L)	14	22	17,99	16	<LQ
condutividade (uS/cm)	236	327	365	486	28
carbono total (mg C/L)	0,1	1,3	19,9	8	3,7
benzeno (ug/L)	<5	<2	<2	<LQ	<LQ
tolueno (ug/L)		<0,002	<LQ	<LQ	<LQ
etilbenzeno (ug/L)		<0,002	<LQ	<LQ	<LQ
m+p xileno (ug/L)	<5	<0,002	<LQ	<LQ	<LQ
o-xileno (ug/L)	<5	<0,002	<LQ	<LQ	<LQ

LQ = limite detectável pelo método

CONCLUSÃO

Analisando os laudos anexados no processo judicial pode-se inferir que os valores de cloretos e benzeno atendem os padrões de potabilidade estipulados pela Portaria 36/90 do Ministério da Saúde, atualmente em vigor.

Os parâmetros de condutividade e carbono orgânico total não estão previstos na citada Portaria, mas os valores encontrados não indicam alterações que apresentem significado.

A segunda parte do projeto prevê um estudo detalhado do solo para verificar a possibilidade de reabilitação da área e do seu entorno, com o intuito de para mostrar que uma área contaminada e selada, depois de recuperada, poderá ser aproveitada para novos empreendimentos.

REFERÊNCIAS

- ABNT NBR 10.004:2004 - Resíduos sólidos – Classificação.
- ABNT NBR 10.007: 2004 - Amostragem de resíduos sólidos.
- ASTM E1527-13, Standard practice for environment site assessments: Phase I Environmental site assessment process, 2013, 47p.
- CAVALCANTI, J.E.W.A., Manual de tratamento de águas industriais, CETESB, 1979, 764p.
- CETESB – Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental, Áreas contaminadas. Disponível em: < http://cetesb.sp.gov.br/solo/areas_contaminadas. Acessado em 14/04/2014 >. Acessado em: Agosto de 2014.
- Cetesb – Manual de gerenciamento de áreas contaminadas. Disponível em: < <http://www.cetesb.sp.gov.br/areas-contaminadas/manual-de-gerenciamento-deareas-contaminadas/7-manual-de-gerenciamento-das--acs> >. Acessado em: Agosto de 2014.
- MANAHAN, Stanley E. Environmental Chemistry. Sixth Edition. CRC Press Inc., 1999.
- NASCIMENTO, M.C.B, Seleção de sítios visando à implantação de aterros sanitários com base em critérios geológicos, geomorfológicos e hidrológicos, Dissertação de Mestrado- Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo, SP, 2001, 133p.
- NASCIMENTO, S.C, Influência de resíduos sólidos contendo Mn, Zn, Cu, Cr e Pb na qualidade do sistema água/solo/sedimento do Córrego da Anta em São José do Rio Preto, SP, Dissertação de Mestrado- Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo, SP, 2002, 88p.
- POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS, lei Nº 12.305, 2 de Agosto de 2010.
- POLÍTICA NACIONAL DO MEIO AMBIENTE, lei Nº 6.938, 31 de Agosto de 1981.
- RESOLUÇÃO CONAMA nº 313, de 29 de outubro de 2002.
- RIBEIRO, D. V.; MORELLI, M. R. **Resíduos sólidos**: problema ou oportunidade? Rio de Janeiro: Interciência, 2009.
- ROTH, C. G.; GARCIAS, C.M. A influência dos padrões de consumo na geração de resíduos sólidos dentro do sistema urbano. REDES, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 3, p. 5 -13, set/dez. 2008
- SCHALCH, V., Análise comparativa do comportamento de dois aterros sanitários semelhantes e correlações dos parâmetros do processo de digestão anaeróbica, Tese de Doutorado – Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, SP, 1992, 220p.

DESENVOLVIMENTO DE KITS DIDÁTICOS E PEDAGÓGICOS UTILIZANDO AS FERRAMENTAS PERMATUS E KANSEI

RESUMO

Com a ajuda de um formulário de avaliação utilizado no final dos cursos na instituição Senai no curso de Logística, foi identificado que os alunos solicitavam para o curso de logística algo que fosse concreto, que fossem além da parte teórica eles gostariam de ver e tocar muitos equipamentos que foram ditos durante o curso Observando os alunos em sala de aula também muitas turmas pediram que se possível mostrassem a eles os equipamentos, foi então que surgiu o interesse em levar miniaturas para as salas de aula, mas essas não são facilmente encontradas. Consegui uma miniatura de um caminhão romeo e julieta e quando apresentei para os alunos a reação e o interesse deles me deixou curiosos. Aproveitando essa situação de ter no mercado poucas miniaturas específicas para logística gostaria de desenvolver meu projeto de pesquisa voltado para a área de logística principalmente desenvolvendo um kit didático e pedagógico empregando as ferramenta Permatius e Kansei.Tenho certeza que meus colegas professores do Senai e demais entidades irão gostar dessas miniaturas .

Palavras-chave: Teoria; Concreto; Permatius;Kansei.

ABSTRACT

With the help of an evaluation form used at the end of the courses in Senai institution in the course of logistics, it was identified that the students requested for the logistics course something that was concrete, which were beyond the theoretical part they would like to see and burrows many equipment that were said during the course and even in other situations were presented photos or videos of them.

Watching the students in the classroom too many classes asked if possible showed them the equipment, it was then that became interested in bringing thumbnails to the classrooms, but these are not easily found. I got a miniature truck romeo and juliet and when I presented to students the reaction and their interest left me amazed.

Taking advantage of this situation to have in a few specific thumbnail market for logistics would like to develop my research project focused on the logistics area mainly developing a didactic and pedagogic kit employing the Permatius and Kansei tool.

I'm sure my colleagues Senai's teachers and other entities will like these thumbnails to illustrate and to help students visualize and understand a few logistics concepts.

Key-words: Theory; Concrete; Permatius;Kansei.

1.INTRODUÇÃO

Atualmente o desafio de ensinar e também de relacionar o que foi ensinado na teoria e demonstrado na prática muitas das vezes é um grande desafio para o educador e um grande desafio para o educando. Pensando dessa forma e com a ajuda de ferramentas, este trabalho vem com o auxílio das ferramentas Permatius e Kansei ajudarem a desenvolver um produto didático e pedagógico que auxilie o educador a concretizar o que foi explicado na teoria.

Será uma revisão bibliográfica pode compreender melhor que aspectos como sensibilidade e sensibilidade pode trazer um diferencial na concepção de um produto, que muitas vezes temos que buscar informações nos clientes que irão nos auxiliar na concepção desse produto final.

Muitas vezes esquecemos que os clientes utilizam as emoções e as sensações para comprar e hoje o grande desafio é transformar os fatores emoções e sensações em um produto final que os clientes desejam.

Entendo que a necessidade de se variar as formas de se ensinar ou melhor multiplicar o conhecimento, uma forma encontrada será desenvolver um material didático e pedagógico com o auxílio dos clientes por meio da utilização das ferramentas Permatius e Kansei.

Partindo do princípio da relação existente entre o usuário e o produto final, venho por meio de trabalho desenvolver algumas miniaturas de produtos que em tamanho original é o instrumento de trabalho para quem for ingressar na área da logística, um exemplo de uma miniatura de um pallet de plástico muito utilizado hoje em toda cadeia de suprimentos.

Continuando como exemplos de miniaturas também fará parte desse projeto miniaturas de veículos e suas composições na qual ficará mais fácil para o aluno a sua compreensão juntamente com pequenas miniaturas de produtos acabados de algumas empresas como por exemplo miniaturas de garrafas, de caixa de papelão, etc.

Os materiais que irão compor esse kit ainda está sendo estudado e avaliado no qual será apresentado como resultados em trabalhos futuros.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido utilizando uma revisão bibliográfica no qual o material agrupado compõe a estrutura proposta nesse projeto. Durante o estudo dessa revisão bibliográfica foram procurados pontos relevantes ao assunto material didático e o uso de ferramentas como Kansei Engineering e a Ferramenta Permatius, bem como a importância do professor na utilização desses material didático e o potencial desse material didático para o ensino de Logística.

Kansei Engineering foi desenvolvido na década de 70, na Universidade de Hiroshima, através do trabalho de Mitsuo Nagamachi. A origem remete ao filósofo alemão Baumgarten. Seu trabalho *Aesthetica* (1750) foi o primeiro estudo que influenciou o Kansei Engineering. Na década de 80, o método foi utilizado intensivamente na indústria automobilística japonesa e foi introduzido por Yamamoto, presidente da Mazda, na indústria ocidental. Nos anos 90, diferentes áreas absorveram os fundamentos do Kansei Engineering, originando, assim, diversas denominações para a referida metodologia. Atualmente, não há um consenso universal quanto à classificação do Kansei Engineering, dentro do campo e conhecimento existente. No entanto, alguns pesquisadores classificam-no como uma metodologia dentro da área de engenharia afetiva (ROY, GOATMAN e KHANGURA, 2009; LEE, HARADA e STAPPERS, 2002; DAHLGAARD et al., 2008;). O termo kansei pode ser entendido como um grupo semântico que combina duas palavras, sensibilidade (kan) e sensibilidade (sei). Além disso, seu significado envolve outros conceitos, tais como sensação, emoção, impressão, apreciação e intuição (LEE, HARADA e STAPPERS, 2002). Kansei é o resultado de uma impressão subjetiva do indivíduo, com relação a um artefato, ambiente ou situação, usando os sentidos da visão, audição, tato, olfato, paladar, assim como o senso de equilíbrio

(DAHL-GAARD et al., 2008).

Segundo Nagamachi (1995; 2002; 2005; 2008), Kansei Engineering é definido como a tradução das respostas afetivas dos consumidores, em novos produtos, de acordo com especificações ergonômicas de design. Contudo, uma definição mais apropriada foi proposta por Schütte (2005) que, também, estruturou um framework para o Kansei Engineering. De acordo com essa definição, o KE é uma metodologia para, sistematicamente, explorar os sentimentos e sensações que as pessoas têm, em relação a um produto e traduzi-los em parâmetros de design (SCHÜTTE, 2005).

A metodologia é essencialmente um mecanismo para o desenvolvimento sistemático de novos produtos e inovadores, mas também pode ser usada como uma ferramenta para a melhoria dos conceitos de produto (Schütte, 2002, p.24). Com os dados de entrada do KE medidos, acondicionados e posteriormente processados por um Kansei Engineering System (KES). A informação resultante conta como o sentimento psicológico que está diretamente relacionado com o produto que se projeta que tanto pode ser material ou imaterial.

A Engenharia Kansei Reversa é assim conhecida, pois se utiliza de um banco de dados de produtos que podem ser usados, e o usuário terá a partir de um desenho ou de um conceito as possibilidades de sentimentos que poderia ser estimuladas com esses “desenhos” ou “conceitos”. O banco de dados é desenvolvido especialmente por um designer, que alimenta o sistema com suas idéias através da interface do usuário, que analisa os parâmetros de produto e compara com os dados armazenados. Estes dados, por sua vez estão ligados ao banco de dados de palavras relacionadas aos sentimentos dos usuários que novamente alimentam o designer para gerar novas ideias.

Para Schütte (2002) a utilização do KES Híbrido oferece várias vantagens, tais como:

- Estimativa rápida dos clientes Kansei sobre o conceito;
- Não é necessário apresentar os conceitos ou protótipos para os potenciais usuários;
- Não é necessária uma dispendiosa pesquisa de mercado;

Este sistema pode ser muito complexo. Normalmente, uma série de outras funções são implementadas. É possível, por exemplo, integrar um sistema de reconhecimento de forma e cor, a fim de analisar as características de design em esboços do novo produto (SCHÜTTE, 2002).

Desse modo, se pode afirmar, que para quem quer abarcar estudos nessa metodologia, deve de antemão se predispor a ter bem consolidado o estudo de diagrama de Ishikawa (Ishikawa 1982). Este sistema permite estruturar hierarquicamente as causas potências de determinado problema ou oportunidade de melhoria, bem como seus efeitos sobre a qualidade dos produtos. Permite também estruturar qualquer sistema que necessite de resposta de forma gráfica e sintética (melhor visualização), além disso pode se apoiar no QFD, ou mesmo de Escala de Diferencial Semântico (Osgood, 1952). Outros conhecimentos necessários são de ferramentas computacionais para a construção de banco dados.

A respeito do desenvolvimento da aplicação do KE, e se observado o gráfico 2, dos 81 artigos, a maioria, 29 artigos foi desenvolvido na China, em particular em Taiwan, além disso, Japão e Coreia, juntos perfazem um total de 23 artigos publicados, seguido do Reino Unido com 8 artigos e Espanha com 7 artigos publicados.

Tudo leva a crer que isso se dá a forte ligação que o KE tem com o pensamento Japones de

qualidade, introduzido no Japão após a Segunda Guerra Mundial, que aprenderam rapidamente a tirar vantagens das situações e estão abertos a novas soluções para produtos com mais qualidade. Muitas empresas do ocidente tornaram-se insolventes, e os sobreviventes as constantes mudanças estão adaptando e integrando o pensamento da qualidade em suas organizações.

Como um modo de exemplificar como o KE tem sido aplicado, e dentro do universo pesquisado de 2001 a 2010, os autores selecionaram um artigo que demonstra o processo de desenvolvimento e aplicação do KE. O caso que será apresentado foi publicado recentemente no *International Journal of Industrial Ergonomics* 40 (2010) páginas 237-246, pelos autores Shih-Hsiao, Chiu, do Departamento de Design Industrial da Universidade Nacional de Cheng Kung, localizada em Taiwan, com apoio financeiro sob número de contrato A023, 2007.

O trabalho utilizou o método de algoritmos genéticos, pois para os autores esse tipo de KE supera as deficiências dos outros métodos que estão relacionadas principalmente a tempo e precisão. Nos últimos anos, os algoritmos genéticos têm sido aplicados em muitos campos. No campo do design, por exemplo, Hsiao e Tsai (2005) desenvolveram um sistema automático de design para uma rápida obtenção de uma forma de produto e sua imagem correspondente utilizando fuzzy, redes neurais e algoritmos genéticos; entre outros.

Neste estudo, o Kansei Engineering foi usado para quantificar as respostas de consumidores com estilos de produtos. Os dados de características de cada estilo do produto foram avaliados, e o estilo de produto que mais genético.

Todos os produtos desenvolvidos pelo KE tiveram boas vendas no mercado até agora, porque se destina a incorporar os sentimentos dos consumidores e imagens em novos produtos. É por isso que a KE poderosa tecnologia orientada para o consumidor na atualidade. (Nagamachi, 2002).

No mercado altamente competitivo da atualidade, o design passou do projeto orientado à produção para uma orientação ao mercado e hoje esta orientado ao cliente. (Hsiao et. al., 2010). Para minimizar os riscos e os custos de desenvolvimento de novos produtos, os designers devem considerar fatores do mercado e investir em novas táticas. (Hsiao et. al., 2010).

São vários os fatores que devem ser considerados durante um projeto entre eles as preferências dos consumidores (Hong et al. 2008), os processos de fabricação disponíveis (Pine, 1993), o elemento cor (Hsiao et al. 2008), a textura do material, as interfaces que envolvem a utilização do produto, entre outros. Em resumo, todos esses fatores envolvem gastos substanciais de tempo e dinheiro para otimizar um projeto, em geral esses fatores são manipulados na fase de projeto conceitual.

A fase de Projeto Conceitual pode ser vista como a conjunção de criatividade e a não padronização dos métodos, envolve várias linhas de raciocínio e uma grande quantidade de informações interdisciplinares. Dessa forma, é visível a grande complexidade de tal fase do processo de projeto e a sua interdisciplinaridade.

Nessa fase são manipuladas e tratadas informações dispersas, muitas oriundas do raciocínio do próprio projetista e, portanto, não formalizadas.

Além disso, pode-se constatar serem necessários dois tipos de conhecimento pelo designer: o conhecimento das soluções técnicas (como fazer); e o conhecimento do processo de projeto (como proceder). Assim, durante a concepção, o projetista utiliza toda sua capacidade

intelectual e diversificação de conhecimentos, lançando mão constantemente de sua experiência pessoal e criatividade.

Pahl & Beitz (1996) colocam tal tema em termos de “generalização”, afirmando ser preciso expressar o problema a resolver em forma de uma solução neutra. Na prática, todos os passos envolvidos na fase de Projeto Conceitual são interligados e o processo é fortemente iterativo e interativo. Para finalizar, deve-se realçar que grande é a importância da fase inicial de projeto no custo e no sucesso do produto final. Decisões tomadas nessa fase apresentam grande dificuldade, e proporcional alto custo, para serem alteradas nas fases posteriores do desenvolvimento de um produto (Ulmann, 1997: 8).

Dessa forma, o KE é uma metodologia altamente positiva, pois vem corroborar com as decisões do time de projeto que se utiliza de informações mais precisas provenientes da manipulação de dados que partiram dos usuários. Com isso o processo de projeto é acrescido de eficiência não apenas na sua fase conceitual, mas na fase de produção, visto que os produtos estão em melhor conformidade com as necessidades dos clientes/usuários. A metodologia KE auxilia as teorias de tomada de decisão, pois permite ao time de projeto visualizar com maior precisão as necessidades e os desejos dos clientes/usuários, dessa forma o projeto se torna mais rápido, preciso e com resultados próximos as aspirações humanas.

No Design uma das áreas não totalmente dominadas é a da subjetividade, ou do entendimento da percepção que os clientes/usuários dão aos objetos. Apesar do grande direcionamento de esforços internacionais para estas áreas, o que reforça sua importância como campo de pesquisa atual, apresenta-se ainda em franco desenvolvimento, sem conhecimentos totalmente sedimentados. Por tratar-se de área estratégica no domínio do conhecimento de projeto, e na aceleração do desenvolvimento deste conhecimento, deve ter sua importância devidamente sublinhada e não pode prescindir de investimentos em qualquer sociedade que se interesse em participar da comunidade internacional como proprietária de conhecimentos.

Como pode ser visto no levantamento dos 81 trabalhos desenvolvidos ao longo dos últimos 10 anos.

No Brasil, apenas um trabalho fora encontrado, uma dissertação de mestrado no ano de 1992 na área de administração. Dessa forma, a situação brasileira, como de costume, apresenta-se atrasada alguns anos em relação aos centros mais desenvolvidos internacionalmente. Porém, por tratar-se de área ainda em desenvolvimento, esta situação pode e deve ser alterada. O exemplo do KEB Group (Kansei Engineering Brazilian Group) cujos integrantes são professores e estudantes das áreas de design de produto e engenharia, pertencentes a duas instituições: UFPR e SENAI/BA.

2.1 O método Permatus

O método Permatus (Percepção dos Materiais pelos Usuários), como já mencionado, é parte de uma pesquisa que teve como objetivo estudar como os usuários percebem significados dos materiais presentes nos produtos de seu cotidiano, conforme relatado em Dias (2009).

A cada dia a ciência e a tecnologia estão avançando e por consequência sur-gem diversos novos materiais. Atualmente, são ilimitadas as possibilidades de materiais e a combinação entre eles para a obtenção de diferentes propriedades e desempenhos. De acordo com Manzini (1989), no início do século xx, eram necessários menos de 100 materiais diferentes para a fabricação de um automóvel, hoje o processo exige mais de 4.000 materiais. Devido a grande quantidade de materiais disponíveis para serem empregados em um produto, é necessário selecionar o mais

adequado. Segundo Dias (2009), a seleção de materiais ocorre em distintas situações em uma empresa

O método é composto por seis etapas (Figura 1), sendo que as quatro primeiras tratam das questões relacionadas ao produto a ser estudado e funciona como a preparação das informações necessárias para as etapas subsequentes da avaliação e especificação. É importante que elas sejam realizadas na fase inicial da seleção dos materiais e o produto avaliado deve estar inserido em seu contexto de uso.

A primeira etapa, definir os elementos do produto, permite conhecer o produto detalhadamente, relacionando os elementos que o compõem, as características mais importantes, bem como as funções principais, estéticas e ergonômicas. Funciona como uma espécie de decomposição do produto em elementos perceptíveis ao usuário.

A segunda etapa, ciclo de interações, tem por objetivo conhecer e analisar o processo da interação entre o produto e o usuário durante todo o ciclo de uso. Parte-se do princípio que cada produto em particular possui um ciclo de vida próprio, mas também se estabelece um ciclo de interações com seus usuários. Esse último se inicia ao primeiro contato com o produto, ainda

antes de comprá-lo, seguido da experimentação, transporte, retirar da embalagem, uso, repouso

Na terceira etapa, a análise do processo sensorial tem o propósito de verificar as sensações que acontecem durante cada etapa do ciclo de interações produto-usuário, enfatizando todas as implicações dessas interações em relação aos materiais presentes no produto. Essa etapa foi adaptada do Método SEQUAM (Bonapace, 2002) e trabalha com as cinco sensações usualmente aplicadas: visuais, táteis, auditivas, olfativas e gustativas, acrescidas das sensações hápticas, térmicas e funcionais.

A quarta etapa, perfil do material, corresponde às definições iniciais dos atributos objetivos e subjetivos que são requisitados para atender às necessidades do projeto e da seleção dos materiais. Cada material possui um conjunto particular de qualidades, uma espécie de perfil genético – o DNA do material – que se diferem, mesmo com características aparentemente semelhantes.

Para melhor entender, classifica-se os materiais da seguinte forma: “Família, Classe, Membro”. Esta classificação está baseada, em primeiro lugar, na natureza dos átomos do material e a ligação entre eles; em segundo lugar, em suas variações, e por último nos detalhes de sua composição. Cada membro tem sua cota de atributos objetivos e uma segunda cota de atributos subjetivos, que são os que interessam ao Método Permatu.e descarte. O mais importante para essa etapa é a implicação do ciclo de interações na avaliação afetiva dos usuários, na medida em que as emoções se alteram ao longo do uso (Jordan, 2002;Meyer & Damazio, 2005).

O método proposto se adapta a diferentes tipos de projetos e se aplica em diferentes fases do desenvolvimento de produtos. Após a descrição do método Permatu, fica claro que a modalidade de aplicação mais usual do modelo é no desenvolvimento de um novo produto.

. A quinta etapa, avaliação subjetiva dos materiais, consiste da realização da pesquisa com os usuários nas dimensões: (a) cognitiva (os usuários avaliam os materiais na interação com o produto, em seu contexto de uso); (b) afetiva (os usuários avaliam as emoções e prazeres provocados pelo material/produto em sua interação); e (c) conativa (os usuários avaliam o quanto o conjunto dos atributos do material influencia suas decisões e preferências).

A última etapa do método Permatu tem como objetivo traçar diretrizes para o projeto, relacionadas com as informações subjetivas e objetivas obtidas na avaliação com os usuários.

Das informações e conhecimentos obtidos nas avaliações são analisados e selecionados os mais úteis para o projeto em questão. Em alguns casos, é necessário transformar algumas informações e medidas subjetivas em fonte de informações objetivas. Por exemplo, as opiniões dos usuários de que um determinado material deve ser “macio, leve e aveludado” são ainda informações imprecisas para decisões acerca da seleção do material, mas podem tornar-se informações objetivas com o apoio dos especificadores e designers.

Os materiais permeiam o processo de desenvolvimento do produto, ou seja, as etapas da seleção dos materiais muitas vezes correm paralelas às etapas do desenvolvimento do produto. Assim como o projeto evolui de uma simples ideia do produto ao lançamento do produto no mercado, a escolha dos materiais parte de uma ampla gama de possíveis materiais, que vai se estreitando e culmina na indicação de um ou dois perfis de materiais mais adequados para o produto.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Lorenzato (2006), o professor tem um papel muito importante no sucesso ou fracasso escolar do aluno. Para este autor, não basta o professor dispor de um bom material didático para que se tenha a garantia de uma aprendizagem significativa. Mais importante do que isso é saber utilizar corretamente estes materiais em sala de aula (LORENZATO, 2006). Esse projeto está se iniciando e as propostas futuras para o desenvolvimento de um produto em miniatura para auxiliar os professores para que despertar o interesse do aluno e mostrar de forma concreta o que foi apresentado de forma teoria está muito bem aceito e esperado visto que o projeto está se iniciando e temos muito a fazer.

Atualmente muitas informações nos cercam e também muita tecnologia, o aluno muitas das vezes nos questiona a falta de algo concreto, no qual ele possa tocar sentir a textura, visualizar as cores, o formato e também possa interagir com esse objeto.

Todo aluno quer ter sua participação na construção do conhecimento e principalmente na sala de aula onde se cria um ambiente de aprendizado, o princípio de se inserir pequenas miniaturas de produtos como ilustração para o aluno e sua participação ficará muito maior e interessante. Muitas dos professores querem ter um material no qual irá auxiliá-lo na sala de aula como um apoio para sua disciplina podendo e com certeza torna as aulas mais atraentes e participativas. Professores do curso de Logística envolvidos nesse projeto estão colaborando com suas opiniões e isso está sendo de grande importância mesmo esse projeto estando no início.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados esperados com esse estudo não seria a substituição de tecnologia que o aluno possa ter mas um novo produto didático pelo qual a interação entre os mesmo torne aulas mais atrativas e que os alunos possam formar melhor o seu conhecimento referente ao que foi estudado.

O professor possa ter um auxílio de um instrumento didático para ilustrar melhor para seus alunos e que ambos possam ter interação e que cheguem a um objetivo maior que é o conhecimento de determinado assunto abordado em suas aulas de forma criativa e atrativa.

Também fica o pressuposto que não apenas o material didático sendo manipulado garanta o aprendizado, considerando que o papel do professor como facilitador é de suma importância para que exista um interação entre o professor, o aluno e o material didático que está sendo utilizado.

5. AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, e a todos que estão e irão ajudar nesse novo projeto.

6.REFERÊNCIAS

- BONAPACE, L.** Pleasure-based human factors and the SEQUAM: sensorial quality assessment method. Milão, Anais Design Plus Research was held from 18 to 20 May, 2000, Politecnico di Milano, 2000.
- DIAS, M. R. A. C.** Percepção dos materiais pelos usuários: modelo de avaliação Permatius. 2009. 360f. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) - PPGECC, UFSC, Florianópolis, 2009.
- DAHLGAARD, J. J.; SCHÜTTE, S.; AYAS, E.; DAHLGAARD-PARK, S. M.** Kansei/affective engineering design. A methodology for profound affection and attractive quality creation. The TQM Journal, vol. 20, no 4, pp. 299-311, 2008.
- HSIAO, Shih-Wen; CHIU, Fu-Yuan Chiu; LU, Shu-Hong.** Product-form design model based on genetic algorithms. International Journal of Industrial Ergonomics 40 (2010) páginas 237-246. Taiwan.
- JORDAN, P. W.** The personalities of products. In: GREEN, W. & JORDAN, P. Pleasure with Products: beyond usability. Londres: Taylor and Francis, p. 19-48, 2002.
- LEE, S.; HARADA, A.; STAPPERS, P. J. Design based on Kansei. In: GREEN, W. S.; JORDAN, P. W.** (ed.) Pleasure with products: Beyond usability. New York: CRC Press, 2002.
- LORENZATO, S.** Laboratório de ensino de matemática e materiais didáticos manipuláveis. Campinas, 2006
- MANZINI, E.** The material of invention. London: The design council, 1989.
- MEYER, C., G. & DAMAZIO, V.** Elementos para um método de análise da relação emocional entre indivíduos e objetos. In: 4º CIPED - Congresso Internacional de Pesquisa em Design, 2005, Rio CIPED - Congresso Internacional de Pesquisa em Design - Anais. Rio de Janeiro: Aend, 2005.
- NAGAMACHI, M. Kansei Engineering: A new ergonomic consumer-oriented technology for product**
- PAHL, G. & BEITZ, W.** Engineering Design – a systematic approach. Translated by Ken Wallace and Lucienne Blessing. Berlin, Springer Verlag, 1996.
- development. International Journal of Industrial Ergonomics, no 15, pp. 3-11, 1995.
- ROY, R.; GOATMAN, M.; KHANGURA, K.** User-centric design and Kansei Engineering. CIRP Journal of Manufacturing Science and Technology, no 1, pp. 172-178, 2009.
- SCHÜTTE, S.** Engineering emotional values in product design – Kansei engineering in development, Institute of Technology, Linköping University, Linköping, 2005.

MEMÓRIAS COLETIVAS

RESUMO

A série Memórias Coletivas terá como foco a exploração e utilização do corpo como suporte, sua utilização aliada as novas tecnologias trará conceitos relacionados a produção coletiva, autoria da obra e o próprio artista pesquisador como proponente e criador. As imagens dos trabalhos foram captadas e tratadas pelos novos meios (fotografias digitais e computadores) durante todo o processo de criação buscou-se imagens fictícias e/ou híbridas (PLAZA E TAVARES, 1998) estabelecendo uma interface entre um grupo de sujeitos e a máquina. A qualidade dos recursos tecnológicos colocou em evidência reflexões a respeito da criação artística e do próprio artista – pesquisador como autor da obra, pois sua estrutura produtiva apresenta de certa forma, aspectos de cunho coletivo e uma sinergia entre homem e máquina. Todo o processo de criação e produção das obras tiveram como influência o método P.E.R.A (percepção, expressão, reflexão e ação) de Yoshiura (1982) e conceitos do surrealismo. Os registros das discussões revelam uma “hibridização interformativa” segundo conceito de Valente (2008).

Palavras-chave: Vivências coletivas; Hibridismo; Autoria; Fotografia Digital.

ABSTRACT

The Collective Memories series will focus on the exploration and use of the body as support, coupled with its use of new technologies will bring concepts related to collective production, authorship of the work and the researcher artist as creator and proponent. The images of the works were captured and processed by the new media throughout the creation process sought to fictitious and / or hybrid images (digital and computer images) (PLAZA AND TAVARES, 1998) establishing an interface between a group of subjects and the machine. The quality of technological resources has highlighted reflections on artistic creation and the artist himself - researcher as author, as its production structure presents somewhat of a collective nature aspects and synergy between man and machine. The whole process of creation and production of works had to influence the PEAR method (perception, expression, reflection and action) of Yoshiura (1982) and concepts of surrealism. Records of discussions reveal a "interformative hybridization" according concept of Valente (2008).

Key-words: Collective experiences; Hybridism; Authoring; Digital Photography.

INFLUÊNCIAS

Mais do que artistas ou conceitos, o trabalho que será descrito neste artigo teve como influência um processo vivenciado pelo próprio artista-pesquisador nas aulas de Mediação estética como caminho para o ser e o fazer criativo, no Programa de Pós Graduação (mestrado) do Instituto de Artes da UNESP/SP em 2006. O curso propunha vivências tendo como base o método P.E.R.A (percepção, expressão, reflexão e ação), metodologia na qual as atividades

propostas como “situações-problema” são aglutinadas sequencialmente de forma a mobilizar respectivamente, de forma prioritária, a Percepção, a Expressão, a Reflexão e a Ação (YOSHIURA, 1982).

Algum tempo depois, em 2009, os conceitos trabalhados no curso, como o próprio método P.E.R.A, associados a outras ideias como a desconstrução das obras de série Body Builders de Alex Flemming, geraram uma nova proposta de curso, desta vez ministrado pelo próprio artista-pesquisador. Durante os encontros do curso, os participantes eram convidados a vivenciar situações de estímulo aos sentidos, ampliando sua percepção sobre o corpo e sobre o ambiente. Em seguida, passavam por um momento de expressão plástica e de reflexão podendo fruir melhor tudo o que estava sendo proposto.

Ao final do curso todas as produções plásticas realizadas pelos participantes foram projetadas em seus próprios corpos e fotografadas pelo artista-pesquisador resultando naquilo que viria a ser a sua primeira série de obras que articulavam as questões da coletividade, do corpo como suporte e a utilização de novos meios. É necessário ressaltar ainda que as fotografias passaram por um processo de manipulação e recomposição até serem expostas.



Conjunto de obras da série CORPO (Antônio, Paula e Leice)
Fotografia digital, 30 cm x 20 cm - 2009

Desde então, esse trabalho vem passando por um processo de pesquisa de novas possibilidades e pode-se dizer que a série Memórias Coletivas já foi realizada dentro de um contexto mais amadurecido de elaboração e criação. Uma das questões agregadas a esta série foi a apropriação de imagens como meio de ampliar a noção de produção colaborativa e de identidade coletiva e individual.

O trabalho em colaboração foi destacado nesta proposta por influência de conceitos do movimento surrealista, cujas ideias se aproximam do que se esperava deste processo, como o fato de não se pensar tanto no resultado e sim nas possibilidades de criação a fim de se buscar, no caso do surrealismo, imagens do inconsciente, e mais especificamente o imaginário e memórias. Segundo Bradley (1999) a colaboração e o coletivismo tiveram uma importância crucial para o surgimento do movimento surreal:

Os surrealistas inventaram o cadavre e xqu is (cadáver delicado), um jogo verbal e visual cujos resultados eram regularmente publicados na revista *La Révolution Surréaliste*. O grupo costumava recorrer a jogos a fim de captar o inconsciente e desenhar diretamente a partir da imaginação liberada. Esse, em particular, era semelhante ao “jogo das consequências”, originando uma frase ou o desenho de uma figura que iam se completando num papel que passava de mão em mão pelo grupo.

Cada jogador contribuía com um elemento (uma palavra ou uma cabeça, por exemplo), virava o papel e o entregava a outro participante. O nome do jogo foi retirado de uma das frases que se transformaram desse modo: “O cadáver delicado beberá do vinho novo”. (BRADLEY, 1999, p. 24)

Outro aspecto que aproxima as obras da série Memórias Coletivas e o surrealismo é a questão da identidade, visto que tanto no primeiro modelo como no segundo, o artista assume as imagens como uma expressão pessoal. No surrealismo:

... os sonhos e o desenvolvimento psicosssexual do individuo embasavam a busca surrealista por uma arte ligada ao inconsciente. Freud apontara no sonho um meio para o estudo das inclinações e dos desejos que estruturam a vida interior de cada um.” (BRADLEY:1999, p.31)

No Surrealismo, as obras realizadas buscavam o que se via nos sonhos ou por meio de técnicas que privilegiavam o automatismo pictórico, revelando o interesse do artista surrealista em expressar a espontaneidade, impulso e busca de imagens do inconsciente. Na série Memórias Coletivas, o individuo é levado a expressar sua ideia de mundo através de imagens apropriadas da internet ou digitalizando trabalhos plásticos que tenham realizado em algum momento da vida, desta vez de modo consciente, mas que consiga caracterizar um aspecto que o defina, ou que defina seu grupo, deixando que seu corpo se torne suporte de seu intelecto ou de sua psiquê – ou seja, nesta série, tal como no surrealismo, as composições são autorreferentes.

Um trabalho contemporâneo que também se aproxima do que foi realizado durante o processo de criação da série Memórias Coletivas foi o *Lambe-lambe contemporâneo*: retrato delas com suas fotos, feito em conjunto por Tika Tiritilli e Mônica Sucupira. O trabalho consistia em fazer com que através de jogos teatrais mulheres idosas buscassem memórias, lembranças significativas, que ao final foram “tatuadas” (projetadas) em seus corpos e fotografadas a fim de que, segundo as autoras, o passado fluísse no presente, redimensionando esse futuro tão perto: “*Memórias transformadas, pousando no corpo de cada uma, memórias puras e vivas e não mais petrificadas*” (TIRITILLI e SUCUPIRA, 2007).



Tika Tiritilli
Vera – Teatro Municipal
Fotografia digital - 80cm x 50cm - 2007/2008

O PROCESSO DE CRIAÇÃO

A arte toma muitos rumos, diversifica sua linguagem e retrata o tempo mantendo sua essência de ser arte, de ser mistério numa complexidade inesgotável, rica de interpretações e percepções diversas. Tais características levariam a crer que a arte seja um campo distante da ciência, ou algo absolutamente restrito a um grupo sensível, cujos dons o aproximariam dessa capacidade de expressar, ler e vivenciar fenômenos estéticos. Acreditando que todos possam ter uma vivência artística, não apenas os dotados de “dom”, essa pesquisa possibilitou momentos de reflexão e produção artística a pessoas iniciantes em arte, demonstrando que a arte está além da técnica, principalmente no que diz respeito à arte contemporânea.

O objetivo desta pesquisa não foi formar artistas e nem banalizar o conceito de obra de arte, mas promover a experimentação e a reflexão como pontos de partida para a compreensão da arte. Por este motivo, o trabalho coletivo foi valorizado na produção da série Memórias Coletivas, pois todos podem contribuir de acordo com o seu repertório nas reflexões e expressões que, somadas às teorias já existentes na arte, podem propiciar uma compreensão além do senso comum. Segundo Barbosa, uma *“sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma capacidade de entendimento desta produção pelo público”* (1998, p.4) – concordamos com esse pensamento, porém, na medida de se desejar antes uma capacidade de compreensão do que de entendimento, pois arte produz um movimento que lida com a percepção, sensações e sentimentos, que se instaura no domínio do sensível sobre o inteligível.

Os estudos e a produção das obras da série Memórias Coletivas foram realizados tendo como princípio gerador: o fotógrafo, o projetista e o modelo, tais conceitos se fundamentam em Barthes (2010), onde o Operator é o fotógrafo, o Spectator é o projetista ou aquele que seleciona o que quer ver e o Spectrum, pessoa a ser fotografada - o modelo. Tendo como princípio essa estrutura de produção os grupos aos quais foram propostas as vivências revezavam-se ora como fotógrafo, outrora como modelo ou como próprio projetista de imagens.



Oficina: Corpo território de metamorfoses e hibridismo realizada em 2010 na Faculdade Teresa D'Ávila – Lorena/SP

Essa mudança de papéis possibilitou que os participantes pudessem vivenciar três momentos distintos na elaboração e produção das obras, resultando assim em fotografias que priorizavam ou o enquadramento ou o conceito ou o próprio gosto estético do modelo que direcionava onde e como gostaria de ser fotografado.

Tendo como prioridade a mediação do corpo para a experimentação estética do público, tais vivências ficaram marcadas em suas memórias e cujos resultados obtidos foram transpostos e apropriados para a criação do artista-propositor em outras mídias. Colocando em evidência a produção colaborativa, o processo coletivo de criação e o próprio conceito de autoria das obras produzidas. Estes conceitos apresentados ficam mais claros na produção contemporânea, pois para os artistas contemporâneos, a utilização da tecnologia torna-se uma ferramenta a mais para sua expressão e que, dentre as múltiplas possibilidades de produção digital, podemos destacar, em concordância com Plaza e Tavares (1998), que as imagens adquiridas pelo computador através de dispositivos de síntese bidimensional (scanner, câmara de vídeo), transformam e apresentam as seguintes possibilidades criativas: representação da representação; montagem, colagem e bricolagem; interação e fluidez:

... esses procedimentos utilizados pelos artistas da modernidade são dilatados, ampliados e qualificados com as novas tecnologias que permitem dar os mais variados tratamentos à imagem, como se esta fosse uma cenografia. Resultam, assim, imagens fictícias e/ou híbridas.” (PLAZA e TAVARES, 1998, p.196)

Como essa pesquisa trata de uma criação coletiva, é importante ressaltar que seus resultados são imprevisíveis. Essa imprevisibilidade é reforçada pelo caráter de processo, pois os resultados serão construídos à medida que as vivências forem ocorrendo; e também por existir a possibilidade dos participantes criarem expressões plásticas utilizando o corpo como suporte, já que ele será o veículo da experiência estética – fato esse que trará a sua formatividade (PAREYSON, 1993) para o processo de criação.

Nesse sentido, a pesquisa revela uma “hibridação interformativa” (VALENTE, 2008), cujo conceito esclarece a qualidade híbrida de obras produzidas em processos colaborativos e cooperativos. Adentramos, por essa via, no universo das imagens híbridas, na medida em que as imagens produzidas pelos participantes das vivências constituem um grande repertório de imagens que o artista-pesquisador utiliza para compor um corpo híbrido e em metamorfose, no qual comparecem e se articulam essas diversas formatividades.

Vale referenciar, neste contexto, uma das proposições participativas e interativas do artista Nardo Germano sobre a questão identitária, tal como aparece nas participações do público em sua obra *Doe Seu Rosto* que integra a série intitulada *Autorretrato Coletivo*: nessa obra o público é convidado a registrar a parte do rosto com a qual mais se identifica, proposta que o autor-propositor considera como um jogo de “identidades metonímicas” – a obra em questão mobiliza também a problemática das autorias em obras participativas e interativas, fenômeno que o artista compreende como “Poéticas em Coletividade” ou “Poéticas em Coletivo” (GERMANO, 2009, p.320).



Nardo Germano, *Doe Seu Rosto*, série *Auto-retrato Coletivo* (1987-)
Obra redimensionável no site www.doeseurosto.nardogermano.com/ - 2001

LEITURA DAS OBRAS

A cultura é uma “inteligência coletiva” que, ao mesmo tempo, conserva uma memória comum e também vai se atualizando (SALLES, 2006). Partindo dessa ideia, foi proposta para fins desta pesquisa uma série de estímulos na tentativa de buscar essa memória comum através de propostas de vivências, sem que se perdesse a espontaneidade individual dos sujeitos envolvidos. As vivências foram destinadas a um grupo de pessoas que tiveram pouco ou nenhum contato com a arte, sendo organizadas de forma a mobilizar respectivamente a percepção, expressão, reflexão e ação (YOSHIURA, 1982) em um primeiro momento. O resultado das vivências foi configurado na produção de obras no campo das artes visuais. Ressalta-se, no entanto, que embora os trabalhos realizados estejam dentro da linguagem das artes visuais, os estímulos propostos nas vivências exploraram todos os sentidos, entendendo que o percurso do processo de criação é intersensorial e “organicamente intersemiótico”. (SALLES, 2006, p. 82)

A proposta de vivências visa à busca de uma experiência estética que, segundo Schusterman, seria “*um conjunto de práticas de uma complexidade variável não dependente de objetos, compreendendo produtores e receptores, uma prática sócio cultural historicamente determinada*” (1998, p.38) configurando um novo entendimento do conceito de arte. Arte como experiência que a aproxima das pessoas, envolvendo-as em experiências estéticas não somente com obras de arte prontas, mas com a natureza, com o corpo humano e com o cotidiano, propondo uma arte que seja parte da vida e não apenas uma imitação dela, contrapondo-se ao conceito de mimese de Platão. (SHUSTERMAN, 1998, p.44 e45).

Além disso, nas últimas décadas, os artistas vêm trabalhando com mais liberdade, privilegiando em suas produções a experimentação coletiva e interativa. Essas experimentações libertam a arte e os artistas das formas tradicionais, dando a possibilidade de ampliar o processo de criação bem como seus procedimentos artísticos.

Para Schusterman, redefinir o conceito de arte como experiência é um processo que forma e transfigura a arte esteticamente. É preciso explicitar a intenção de ampliar as possibilidades de fruição através da experiência prática, pois:

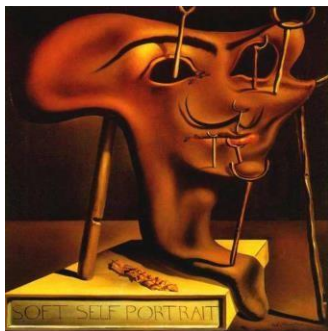
Definir a arte como e experiência estética nos dirige a este objetivo através de duas formas. Em primeiro lugar, nos incita a buscar e cultivar a e experiência estética em nossas relações com arte, lembrando-nos que experiência (mais do que o colecionar ou o criticar) é, em última instância, a essência da arte. (SHUSTERMAN, 1998, p.51)

No entanto, é preciso entender que, conforme diz Salles, é impossível discutir percepção separada da memória; pois “*não há lembranças que não sejam modificadas por novas impressões e; não há lembrança sem imaginação*” (SALLES, 2006, p.70). Desse modo, nos diálogos realizados durante as vivências desta proposta foram observados aspectos de uma memória coletiva, sem desvalorizar a expressão individual de cada integrante do grupo.

Embora os trabalhos realizados sejam resultados de uma produção coletiva composta pelo olhar do fotógrafo, do projetista e pelo próprio retratado e a imagem escolhida por ele, há muitas características que remetem a autorretratos feitos por artistas de outras épocas que se colocam como alegorias de si mesmos.

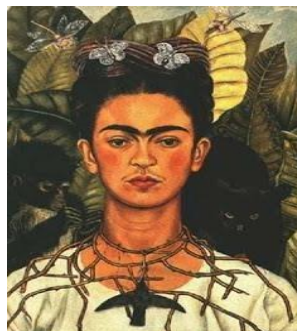
Albrechet Dürer, no renascimento, retratou-se como sendo o Cristo, e ainda nos dias de hoje esse procedimento se repete conservando certo fascínio tanto para quem produz como para quem vê. É o caso das obras produzidas pela artista Cindy Sherman nas quais ela personifica as próprias criações.

Também no surrealismo as questões auto-referencias eram muito comuns. O artista Salvador Dalí e Frida Kahlo são exemplos surrealistas que se aproximam muito dos conceitos utilizadas nas obras da série Memórias Coletivas por se colocarem nos quadros associando o autorretrato a cenas da memória ou do imaginário.



Salvador Dalí

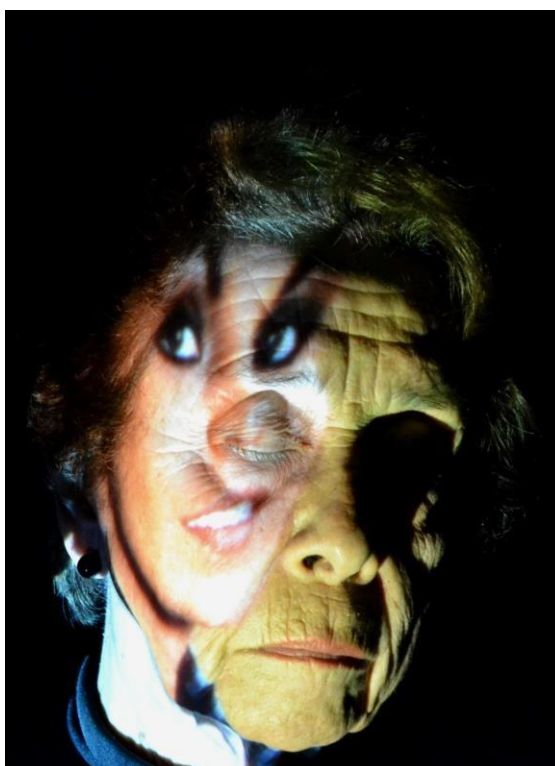
Auto-retrato com bacon cozido - 1941



Frida Kahlo

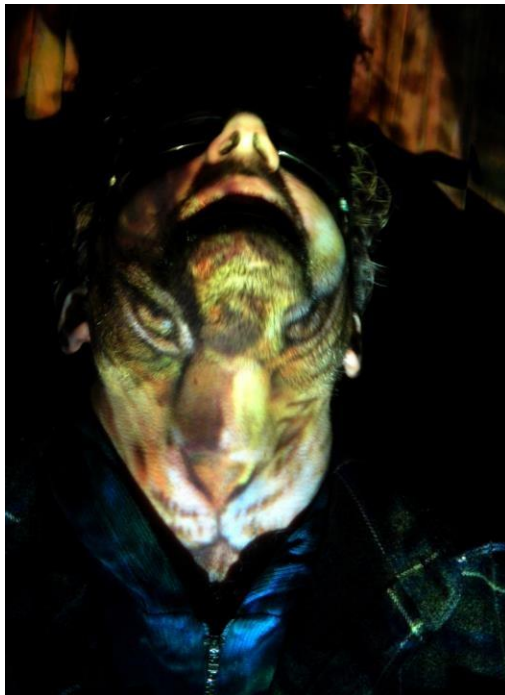
Auto-retrato com espinhos e colibri - 1940

Destacam-se, dentre as características das obras produzidas nas vivências da série Memórias Coletivas, aspectos que reforçam conceitos subjetivos como o contraste entre a imagem projetada e a imagem real, provocando reflexões sobre o tempo, a natureza, a condição humana, etc. Pode-se citar como exemplo uma das fotografias em que a avó deixa-se colocar como suporte de uma imagem de sua neta colocando em pauta a relação de tempo e de família, provocando uma reflexão de ordem geral que é efemeridade (presente e inconsciente na memória coletiva) à medida que um contraste de luz possibilitou uma imagem muito próxima de Vanitas.



DENI DIAS e colaboradores: Dayse, Peter, Paulino, Glorilza, Lurdinha
Série: Memórias Coletivas – (Daisy Rocha), Fotografia digital – 2010/2011

Outra característica que aparece em outras obras da série Memórias Coletivas é o paralelismo entre o aspecto humano e elementos da natureza (vegetal ou animal), levando a uma reflexão sobre a harmonia ou o ciclo da vida, como se a projeção se tornasse uma máscara ou uma veste da pessoa produzindo uma integração entre ambos.



DENI DIAS e colaboradores: Dayse, Peter, Paulino, Glorilza, Lurdinha
Série: Memórias Coletivas – (Peter), Fotografia digital – 2010/2011

A arte tem sido um exercício mais do olhar, de pesquisa perceptiva, valendo-se ou não de ferramentas tecnológicas, tratando do homem para o homem, embora às vezes ainda de forma incompreendida. Para Pareyson, a revelação do sentido da arte está no inesperado, no “particular” que “fale de modo novo”, isto é: *“ensina uma nova maneira de olhar e ver a realidade; e estes olhares são reveladores sobretudo porque são construtivos, como o olho do pintor, cujo ver já é um pintar e para quem o contemplar se prolonga no fazer”* (PARAEYSON, 1997, p.25).

Por fim, todas as imagens produzidas tem uma característica em comum que é a relação com a identidade, pois toda imagem apropriada ou produzida pelos modelos trazem reflexos de sua psique ou memória. Para Hall, essa influência do meio, hoje, não se dá apenas de uma maneira, mais de várias:

...esse processo de transformação onde o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade fixa e estável, está se tornando fragmentada, composto muitas vezes não de uma, mas de várias identidades e algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. (HALL: 2006, p. 12)

Esse processo produz o sujeito que consideramos hoje como o sujeito pós-moderno, que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, *“A identidade torna-se ‘celebração móvel:’ formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”*. (HALL, 1987, p.32)

Para Salles:

Devemos pensar, portanto, nos processos de criação inseridos nessa cultura que, no âmbito coletivo, é memória; dirige-se contra o esquecimento e trata-se, ao mesmo tempo, de um mecanismo de conservação, transmissão e elaboração de novos textos. Já salientamos anteriormente a relação do artista com a tradição; adicionamos, agora, sua convivência no espaço comum da memória com os textos móveis da cultura e sua própria ação nesse processo de atualização desses textos. (SALLES, 2006, p.66 e 67)

Para produzir cada uma das obras da série Memórias Coletivas foi necessária a visão de várias pessoas: a que selecionou a imagem, o modelo, o fotógrafo e a pessoa que projetou a imagem, todas essas múltiplas visões e conceitos acerca de uma produção coletiva e única - que só foi possível através do processo integrado de todos os participantes com a vivência proposta pelo artista pesquisador nesse papel pontuado por Salles, de textos da cultura e da memória coletiva.

REFERÊNCIAS

- DOMINGUES, Diana (org.). A arte no século XXI: a humanização das tecnologias. São Paulo: UNESP, 1997.
- GERMANO, Nardo. Auto-Retrato Coletivo: Poéticas de Abertura ao Espectador na (Des) Construção de uma Identidade Coletiva. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes - ECA/USP, 2007.
- PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da Arte. São Paulo: Ed. SENAC, 2005.
- PLAZA, Júlio e Mônica Tavares. Processos criativos com os meios eletrônicos: Poéticas digitais. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SALLES, C. A. Redes de criação. Vinhedo: Horizonte, 2006.
- SHUSTERMAN, Richard. Vivendo a Arte: o pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Editora 34, 1998.
- VALENTE, Agnus. Útero portanto Cosmos: Híbridos de Meios, Sistemas e Poéticas de um Sky-Art Interativo. Tese de Doutorado em Artes Visuais. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes - ECA/USP, 2008.
- YOSHIURA, Eunice Ferreira Vaz. Desenvolvimento criativo uma proposta metodológica e sua verificação. Dissertação do mestrado. São Paulo: ECA/USP, 1982.
- _____. Constituição do Sujeito receptivo na comunicação – a experiência estética como caminho. ANNABLUME, São Paulo, 2009.

IMPLEMENTAÇÃO E TESTES DE VoIP UTILIZANDO SNEP LIVRE

RESUMO

O projeto de voz sobre IP (VoIP) tem como características básicas o maior controle de ligações, aproveitamento de infraestrutura de rede já existente nas corporações e redução de custos com telefonia. O VoIP é uma forma de se fazer ligações, podendo sair a custo zero, mesmo que receptor e emissor estejam distantes geograficamente. Para que isso seja possível ter-se-á como base a internet e o protocolo IP (Internet Protocol). Para garantir uma boa qualidade nas ligações é recomendável a implementação de técnicas de QoS (Qualidade de Serviço), que prioriza o tráfego de dados de voz em relação aos outros tipos de dados na rede. Com a finalidade de facilitar a implementação do VoIP é comum o uso de aplicativos como, por exemplo, o SNEP. Este trabalho testará o VoIP e QoS usando o SNEP.

Palavras-chave: VoIP, SNEP, QoS, Telefonia.

ABSTRACT

The project of Voice over IP (VoIP) is the most basic features of call control, use of existing network infrastructure corporations and reduce costs with telephony. VoIP comes as a new way to make connections, and can leave at no cost, however distant geographically. For this to be possible to have will be based on Internet Protocol and Internet Protocol (IP) to perform this data transfer even if the voice of its originator to its destination. To ensure good quality in calls is almost mandatory to implement techniques for QoS (Quality of Service), which ends up making the voice data are trafficked with a preference over other types of data. To use VoIP, and in order to facilitate implementation, it is common to use applications, for example, the SNEP. This paper will test the VoIP and QoS using the SNEP.

Keywords: VoIP, SNEP, QoS, Telephony

INTRODUÇÃO

Hoje com o atual cenário da tecnologia voltada para a área de telefonia, tem-se a disponibilidade de originar chamadas para outras localidades a custo zero, utilizando para isto, a tecnologia de voz sobre IP (VoIP). Com o VoIP é possível trafegar na internet pacotes de voz e desta forma se valer de um recurso já disponível na maioria das instituições, para reduzir custos e com qualidade semelhante à da telefonia convencional.

Esta abordagem torna-se importante, no ponto de vista não só da economia, mas também do aprendizado que está embutido nela, pois é uma tecnologia que está sendo amplamente difundida entre as empresas, não só pela facilidade de uso e implementação, mas também pela redução dos custos.

Existem hoje diversas plataformas de implementação para se utilizar como VoIP. Pode-se utilizar tanto *softwares* proprietários como softwares de plataforma aberta, que será o caso deste artigo.

O objetivo central deste artigo é mostrar que é viável a utilização desta nova tecnologia em face a utilização da telefonia tradicional.

Os testes serão efetuados visando o gasto de internet e a qualidade da ligação tentando-se chegar o mais próximo de uma ligação telefônica na rede tradicional de voz.

1 INTRODUÇÃO AO VOIP

Segundo o periódico *Information Week* (2011), com o crescimento das redes e o aumento das vendas no Brasil e no mundo, fez-se necessária a implementação de novas tecnologias auxiliares das formas padrões de telefonia, é neste meio que está inserido a tecnologia VoIP, que é de fácil implementação de baixos custos e alto *ROI*.

A categoria de telefonia IP (VoIP) é o nome dado ao conjunto de tecnologias que permitem a transmissão de voz, utilizando uma rede de comutação de pacotes, no caso a Internet. Entre vários motivos que levam esta tecnologia ao sucesso, pode-se citar a vantagem sobre a tecnologia convencional de transmissão de dados, como o uso da rede de computadores já existente dentro da organização, fazendo com que se economize na implementação da parte física, uma vez que a mesma já esta montada e funcionando, sem mencionar o custo do minuto falado que é fixo independente do local onde se origina a ligação e do horário, vantagens estas que trazem cada vez mais adeptos para a tecnologia VoIP.

Segundo Tanenbaum (2003), as vantagens apresentadas por esta tecnologia, a mais atraente para muitas empresas é a economia de custos gerados com ligações telefônicas, pois o volume de largura de banda exigido por uma ligação VoIP é pequeno e isto se deve ao fato da conta de telefone de um consumidor médio ser muito maior que a sua conta de internet.

O uso deste tipo de central telefônica VoIP é baseada no software de licença livre *Asterisk*, que roda sobre o sistema operacional Linux, possibilitando assim a integração de localidades geograficamente distantes uma das outras através das redes IP, fato este que vem atender de forma plena este projeto.

Para os testes, será utilizada a forma de conexão tipo *gateway* que é comum em redes de computadores, e neste caso será utilizada com a mesma função a de saída e entrada de informações para a Internet.

Para interfacear a central telefônica pode ser utilizado um equipamento chamado de ATA (*Analog Terminal Adapter*), que fará a conexão ao servidor VoIP com a central do PABX, equipamento este responsável pelas conversões de voz para dados e de dados para voz, e como outra forma de conexão, pode-se utilizar também softwares para computadores, o que trará uma economia ainda maior levando-se em conta que não haverá gastos com a compra dos ATAs.

Podendo desta forma, efetuar ligações telefônicas utilizando qualquer tipo de aparelho telefônico desde que sejam usados adaptadores ATA's, deixando de se ter obrigatoriedade de se utilizar aparelhos telefônicos desenvolvidos para esta finalidade.

O uso do VoIP se dá através de comutações de pacotes, interligando diversas tecnologias a fim de permitir a transmissão de voz através de pacotes de dados da internet ou através de outros tipos de redes de dados, vindo como outra forma de comunicação de voz em detrimento a rede de telefonia tradicional.

O termo VoIP foi criado pelo fórum de VoIP em Novembro de 1996 em Texas, Dallas Segundo ITU (2011), o fórum era um grupo de indústrias com o interesse mútuo de promover uma alternativa à rede de telefonia tradicional, desenvolvendo uma interoperabilidade entre produtos para o tráfego de voz com qualidade utilizando a Internet.

Segundo KELLER (2009), quando se utiliza o protocolo IP, divide-se as chamadas de voz digitais em pacotes, e desta forma ela pode trafegar pela rede em tamanhos menores e separados, verificando com isto que o VoIP consegue tratar de forma mais inteligente o uso da rede, fazendo uso à infraestrutura somente em momento que ela é realmente necessária, ou seja, quando efetuar a ligação.

Segundo KELLER (2009), ele afirma que utilizar o VoIP é tão fácil quanto utilizar um telefone comum, não importando se a ligação terá como destino outro ramal VoIP ou um telefone da rede de telefonia tradicional.

2 ASTERISK – SNEP PBX LINUX

Será utilizado para os testes SNEP baseada em *Asterisk*, que nada mais é do que um software livre com a capacidade de transformar um computador comum em um servidor de comunicação. A detentora do *Asterisk* é a Digium. Apesar de o SNEP ser baseado em *Asterisk* não será aprofundado ao assunto, até mesmo porque a utilização do SNEP vem para facilitar e permitir com que usuários com pouco conhecimento em Linux e praticamente nenhum conhecimento em *Asterisk* possam implantar um sistema de PABX digital com facilidade. Conhecimentos em *Asterisk* são bem-vindos a quem deseja personalizar ainda mais o PABX, que não é o caso deste artigo, porém conhecimentos no sistema são muito úteis para a manutenção do mesmo.

Da mesma maneira que muito outros projetos *open source*, como o Linux, Internet, o *Asterisk* conta com uma quantidade enorme de entusiastas que buscam constantemente a sua melhoria, como o Linux que já foi definido como uma colcha de retalhos onde cada um da sua contribuição à comunidade adiciona um pouco para melhorá-lo, assim é o *Asterisk* que conta com uma enorme força de sua comunidade e é como uma caixa com blocos de montar que pode ser moldada de maneira que melhor atenda que estiver o utilizando. Segundo Meggelen et al., (2005), alguns iniciantes em *Asterisk* podem acreditar que é um projeto inacabado por não compreender o quanto pode ser personalizado as necessidades de que o utiliza e esse sim é o grande atraente do *Asterisk*. Ainda segundo o autor todas as tecnologias de telecomunicações esperavam por uma revolução e segundo ele, o *Asterisk* é sim o catalisador dessa evolução com uso dos protocolos adequados.

3 PROTOCOLOS PARA VOIP

Na indústria de telecomunicações, existem diversos protocolos e codecs e o *Asterisk* é capaz de atender a grande maioria deles. A seguir, este trabalho destina-se a apresentar a Voz sobre IP e as diferenças da telefonia tradicional de circuito chaveado, apresentando também os protocolos que serão utilizados e descrevendo os motivos que levaram a escolha de cada um deles. Entre os existentes como *IAX*, *SIP*, *h.323*, *MGCP*, *Skinny/SCCP* e *UNITSIM* entende-se como melhor aplicável ao trabalho os protocolos SIP e H.323.

3.1 SIP – SESSION INITIATION PROTOCOL

O protocolo SIP (*session initiation protocol*), teve seu projeto iniciado em 1996 pelos seus idealizadores Henning Schulzrinne (*Columbia University*) e Mark Handley (*University College London*) e sendo posteriormente especificado pela IETF (*Internet Engineering Task Force*) gerando a sua última versão pela RFC3261, segundo Rosenberg et.al., (2002).

Este protocolo trabalha na camada de aplicação do modelo TCP e foi modelado para se trabalhar independentemente da camada de transporte, sendo capaz de se transmitir tanto por TCP quanto por UDP.

Este protocolo basicamente é utilizado para gerir transferências de informações do tipo de voz, vídeo e outros tipos de mídia, sendo necessário o uso de outros protocolos para que esta arquitetura multimídia seja completa, dentre eles pode-se citar o RTP (*Rela Time Protocoll*) e o RTSP (*Real Time Streaming Protocoll*) segundo Schulzrinne et al., (1998).

Segundo Cuervo et.al., (2000), por esta capacidade de se trabalhar em conjunto com outros protocolos ele permite que seja integrado à telefonia pública, permitindo assim não só a ligação entre ramais IP como também para telefones da rede pública.

3.2 CODEC G.729A

Segundo Keller (2009) a digitalização da voz ou a transformação do som analógico em sinais digitais é realizada por codificadores / decodificadores chamados

Codecs (*enCOde/DECode*). Existem diversos Codecs voltados para telefonia sobre IP, porém o G.729a está entre os que comprime oito vezes o áudio permitindo assim que tenha apenas 8 Kbps, entretanto exige-se uma maior capacidade de processamento, como este trabalho visa atender pessoas que não dispõe de muita banda, podendo dedicar um servidor a este serviço, o codec G.729a será o escolhido e o aplicativo SNEP tem suporte nativo para o mesmo. Serão apresentadas a seguir as principais características dos Codecs:

Taxa de BITS (*Codec BIT Rate / Kbps*): Trata-se da quantidade de BITS por segundo que será necessário transmitir para que um pacote de voz seja entregue.

Intervalo de amostra (*Codec Sample Interval / MS*): este é o intervalo de amostra em que o Codec opera. Por exemplo, o Codec G.729a opera com um intervalo de amostra de 10ms.

Tamanho da amostra (*Codec Sample Size / bytes*): quantidade de bytes capturados em cada intervalo de amostra, como por exemplo, o codec G.729a opera o com um intervalo de amostra de 10ms, correspondendo a 10 bytes (80 BITS) por amostra, a uma taxa de 8kbps.

Tamanho de *Payload* de Voz (*Voice Payload Size / bytes: ms*): representa a quantidade de bytes (ou BITS) preenchidos em um pacote de dados. (Keller 2005) afirma que o tamanho do payload de cada pacote influencia diretamente o tamanho de banda a ser utilizado e o delay da conversa ou lag. O payload é inverso a quantidade de pacotes, ou seja, quanto maior o payload menor a quantidade de pacotes a serem transmitidos e por consequência, maior a quantidade de áudio necessária para compor cada pacote. Porém se for utilizado tamanhos grandes de payload terá como consequência o fenômeno denominado de lag, pois um pacote grande leva muito mais tempo para ser transmitido que um pacote menor.

A maioria dos Codecs utiliza valores de payload entre 10 e 40.

Keller apresenta ainda uma tabela trazendo as principais características de cada codec e alguns comentários, como pode se avaliar mostrando mais uma vez que a escolha do G.729a é a melhor opção para atender a funcionalidade deste trabalho.

Onde a tabela 3 elucida as características dos codecs que podem ser utilizados para o VoIP.

Tabela 1 - Característica dos Codec's para VoIP

Codec	Banda (Kbps)	Payload (ms)	Nominal (ms)	Comentários
G.711	64	20	87.2	Baixa utilização de CPU.
G.729a	8	20	31.2	Excelente utilização de banda e quantidade de voz.
G.729.1	5.3/6.3	30/30	20.8/21.9	Baixo nível de compressão e de utilização de processamento.
G.726	24/32	20/20	47.2/55.2	Baixo nível de compressão e de utilização de processamento.
GSM	13		30.1	Mesma codificação dos telefones celulares.
iLBC	13.33/15	20/20	27.7	Resistente a perda de pacotes.
Speex	8/16/32			Utiliza taxa de bit variável para minimizar a utilização da banda.

Fonte: Keller (2009)

3.3 CODEC DE QUALIDADE DO SINAL DE VOZ (QOS)

Segundo Tanenbaum (2003), uma sequência de pacotes desde a origem até um destino é denominada fluxo e em uma rede que seja orientada a conexões todos estes pacotes pertencentes ao mesmo fluxo devem seguir uma rota, se a rede não é orientada as conexões podem seguir rotas diferentes e estes fluxos possuem necessidades a serem atendidas, que podem ser caracterizadas como: retardo flutuação, confiabilidade e retardo de banda. Juntos, estes parâmetros definem o QoS (*Quality of Service*) que o fluxo exige.

Qualidade de Serviço é o principal método usado para manter um padrão adequado de voz de qualidade. Não é um padrão ou protocolo, mas simplesmente um termo industrial genérico para garantir padrões e estratégias para prover a qualidade da rede.

QoS cria mecanismos tecnológicos para reservar largura de banda dedicada, gerenciar congestionamento nas redes e priorizar os pacotes que tenham que transitar em tempo real. Esta última, conhecida como *traffic shaping* ou *differentiated services*, depende das informações incluídas no pacote IP sobre que tipo de serviço está sendo transportado e da capacidade de equipamentos de rede para oferecer prioridade a determinados tipos ou categorias de dados. Isto é bastante comum dentro de uma rede privada bem gerida (LAN) ou mesmo no PABX, mas, quando realizadas na Internet o uso dessa prioridade tem causado certa polêmica.

Pode-se utilizar QoS de diversas formas, como em serviços integrados, serviços diferenciados, em níveis de aplicações, e ainda de forma relativa e absoluta, tais formas que se apresenta a seguir.

O QoS utilizado como serviços integrados prima pela reserva prévia de recursos, para que se tenha uma qualidade satisfatória para a transmissão de dados, afim de que seja possível a implementação deste tipo de QoS um protocolo chamado RSVP (*Resource Reservation Protocol*) é utilizado, ele é um protocolo de controle de sinalização que atua na camada de rede, o seu funcionamento básico utiliza-se de envio e recebimento de mensagens como a do emissor *SENDER* e de retorno *PATH* que retorna dizendo os recursos necessários.

Desta forma cada roteador que receber esta mensagem a repassará para o sucessor até que a mensagem chegue ao seu destino, uma vez o receptor tenha recebido a mensagem *PATH*, ele envia uma mensagem do tipo *RESV* que faz o caminho contrário percorrido pelo *PATH*, tentando desta forma efetuar a reserva de recursos.

Já o QoS na forma de serviços diferenciados, segundo Muezeire, André (2005) é feito através do tipo de serviço, desta forma tornando mais fácil o serviço dos roteadores.

Como é utilizado o pacote TPC/IP pode-se utilizar o campo TOS do cabeçalho para determinar o tipo de serviço que deseja-se reservar os recursos.

Neste caso segundo Nichols et al., (1999), será definido um novo layout chamado de *DSfield (Differentiated Service Field)*, aborda-se ainda que para este tipo de serviço diferenciado é importante que exista no contrato de fornecimento de serviço entre o cliente e provedor de serviços de internet, contrato este chamado de SLA (*Service Level Agreement*), que dirá quais as classes de serviços suportados e quantidade de tráfego disponível para estes.

4 DESENVOLVIMENTO DE TESTES

Para constatar o funcionamento dos testes em si, criou-se uma máquina virtual utilizando a aplicação *Virtual Box*. Para a instalação do SNEP e Asterisk é necessário o sistema operacional Linux, porém o projeto SNEP apresenta uma distribuição Linux já com o Asterisk e o SNEP pré-instalado que foi utilizado.

Após a instalação do sistema operacional com o SNEP acoplado, buscou-se criar os ramais, e o tronco. Os ramais nada mais são do que o pontos em qual os usuários vão se identificar através de usuário e senha previamente configurados no servidor. Com os ramais definidos para cada usuário e o tronco criado é necessário informar ao sistema como ele deve se portar seja para uma ligação externa, uma ligação interna, entre ramais ou uma ligação utilizando a linha analógica.

Depois de instalado será cadastrado os ramais para que se possa realizar o teste, dois ramais serão cadastrados, sendo um ramal o responsável por originar a chamada e o outro ramal para recebê-la. E também será necessário cadastrar um tronco, que pode ser considerado a espinha dorsal do PABX, onde tudo que será configurado estará ligado a ele. Como pode existir mais de um tronco por PABX será dado o nome de “one” a ele.

No SNEP essas definições ficam configuradas em uma sessão chamada “Regras do Negócio” por isso é muito importante definir muito bem as rotas ou de uma maneira mais simplória, os caminhos que essa ligação deve percorrer. Como por exemplo, um ramal que possui restrição de ligações para aparelhos móveis, ao digitar o número 7, 8 ou 9 automaticamente a ligação é cancela, impedindo assim que a chamada para um aparelho móvel ocorra.

Nesta etapa foi realizado apenas testes entre ramais, portanto é necessário adicionar algumas rotas as regras do negócio. A primeira e principal rota “rota one” que será a rota básica, onde permitirá que todos liguem para todos, tendo como ações discar para ramal e definir o centro de custo como internas, ou seja, sem custo. A origem desta pode ser de qualquer grupo com destino a qualquer grupo. Uma segunda rota configurável é a de ligação externa, caso seja implementado a função para ligações externas. Neste

caso esta segunda rota faria a ligação com o sistema de telefonia tradicional, e que por não ser o foco deste trabalho não será citada. E por último a rota de recebimento externo que permitirá que as ligações que estão entrando sejam encaminhadas ao seu destino. Tem como ação, definir o centro de custo em entradas e discar para ramal que permitirá que o tronco que está recebendo a chamada a encaminhe para o ramal, sua origem é o tronco e seu destino é qualquer.

Após as regras de negócios definidas, o tronco e os ramais cadastrados foi utilizado um software VoIP para efetuar logo no servidor SNEP. Os softwares com a capacidade de conectar a servidores VoIP e efetuar ligações são tratados como *Softphone* e para realizar os testes o *Softphone* escolhido foi o *Qutecom*, que é um software livre, podendo ser personalizado sob licença GNU. Como o projeto baseia-se em software livre e personalização, esta foi a solução que melhor atendeu as necessidades deste. O *Qutecom* pode ser instalado em vários sistemas operacionais, o que atende perfeitamente, podendo ser instalado em uma rede híbrida de sistemas operacionais. Sua instalação é encontrada para *Macintosh*, *Windows*, *Linux* (rpm) e em código fonte, caso seja necessário editar algo. Para execução do teste foi instalado o *Qutecom* em um microcomputador com *Windows7* e um notebook com *Linux Ubuntu*, o aplicativo foi instalado com facilidade nos dois sistemas operacionais. Após é necessário indicar o endereço IP do servidor VoIP, e o usuário e senha de um dos ramais já cadastrado.

Através do *Softphone* pode-se realizar chamadas para um número ou simplesmente para um nome de outro ramal, pode-se até utilizar uma lista de contatos com os ramais que deseja chamar. Após inserido corretamente o nome do ramal a qual será discado, utiliza-se a tecla chamar, o som escutado é idêntico ao de uma chamada telefônica analógica e pode-se perceber o *softphone* do ramal receptor indicando que está recebendo uma chamada.

Em testes efetuados tanto em redes locais como no uso de internet o sistema se mostrou muito estável dependendo bastante da qualidade de sinal da internet, pois se o uso da mesma aumentar durante a chamada, pode-se ocorrer falhas de transmissão ou até mesmo a perda de pacotes, durante os testes o sistema apresentou em alguns momentos eco nas chamadas mais intercorrência esta que sanou-se após o término de outras navegações em paralelo no computador hospedeiro do sistema *Qutecom* que foi o escolhido para os testes.

Pode-se perceber que o gasto efetivo do sistema de VoIP durante as ligações é bem pequeno não chegando muitas vezes a um megabit, mostrando-se atrativo para o uso mesmo em *links* de conexão com a internet mais lentos.

O gráfico 1 mostra o consumo da banda durante os testes efetuados trafegando os dados na internet originando uma ligação entre as cidades de Guaratinguetá e Taubaté ambas no estado de São Paulo.

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/76/76132/tde-12122005-160933/pt-br.php>> acesso em 15 de Julho de 2011.

NICHOLS, K.; BLAKE, S., BAKER, F., BLACK, D. **RFC 2474: Definition of the differentiated services field (DS FIELD) in the IPv4 and IPv6 headers. Internet RFC.** Internet Engineering Task Force - IETF, 1999 disponível em < <http://tools.ietf.org/html/rfc2474>> acessado em 20 de Agosto de 2011.

SCHULZRINNE, H., RAO, A., AND LANPHIER, R.. **Real Time Streaming Protocol (RSTP) RFC 2326 (proposed Standard)** 1998 disponível em < <http://www.ietf.org/rfc/rfc2326.txt> > acessado em 20 de Junho de 2011

SOMENSI, F. H. **Manual de Instalação SNEP Livre**, Disponível em <

http://www.sneplivre.com.br/downloads/Manual/manual_usuario.pdf> acessado em 25 de Setembro de 2014.

TANENBAUM, A. **Redes de Computadores**. 4ª edição. São Paulo: Campus, 2003

TANENBAUM, S. **Computer Networks**. 4ª ed. Upper Saddle River, NJ, EUA: Prentice Hall. 2004. 950p.

TEIXEIRA, M. M., SANTANA, M. J., SANTANA, R. H. C. **Servidor Web com diferenciação de serviços: Fornecendo QoS para os serviços da internet**. In: XXIII Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores (SBRC), Fortaleza, CE, p. 1-14, 2005.

WALLINGORD, T. **Switching to VoIP**, Ed. O'Reilly, June 2005 502p

PAISAGEM, GEOGRAFIA E DESENVOLVIMENTO URBANO

Resumo: O artigo discute a paisagem e a geografia enquanto subsídios para o desenvolvimento urbano, buscando conciliar o interesse social com o econômico. O objetivo principal é verificar, minuciosamente, a paisagem natural sem as interferências humanas e o contexto com as alterações antrópicas ao se tratar sobre o desenvolvimento social. O método de estudo caracteriza-se como exploratório e descritivo com coleta de informações primárias. O resultado obtido com esse estudo foi uma visão panorâmica da história de Guaratinguetá pelo desenvolvimento demográfico juntamente à paisagem natural que permeia a cidade e a relação do turismo religioso, do rural, do comércio como elemento primordial para o desenvolvimento social local.

Palavras-chave: Paisagem. Geografia. Desenvolvimento Urbano. Guaratinguetá.

Abstract: This paper discusses the landscape and geography while subsidies for urban development, seeking to reconcile the social interest to the economic. The main objective is to thoroughly check the natural landscape without human interference and context with the anthropogenic changes when it comes to social development. The study method is characterized as exploratory and descriptive with collecting primary information. The results obtained with this study was an overview of the history of Guaratinguetá by the demographic development along the natural landscape that permeates the city and the relationship of religious tourism, rural, commerce, as a major element for local social development.

Key-words: Landscape. Geography. Urban Development. Guaratinguetá.

1 - INTRODUÇÃO

As paisagens, no seu contexto de abordagem histórica, constituem um campo já não tão recente, pois no início do século XX, a relação entre a geografia humana e a história agrária era fundamental para o desenvolvimento. No entanto, o termo chamado *paisagem* tem aparecido frequentemente ligando a uma abordagem tradicionalista. Há pouco tempo a disciplina histórica, tem se espalhado pela literatura direcionando a paisagem com outros prismas, tratando-se de aproximar a antropologia, o imaginário com estudos culturais e de desenvolvimento local. Razaboni (2008).

A Paisagem trata-se de uma preocupação em conceituar e construir um referencial. Sobressai, deste modo, a diversidade de abordagens para com o tema: da pintura de paisagens (história da arte) e do paisagismo (incorporada à arquitetura e urbanismo). O tema ultrapassou a geografia sendo a mesma física ou humana, a ecologia devido ao movimento ambiental, a história, e o turismo, portanto já se estuda a paisagem e a geografia a partir de relatos de viajantes e dos guias turísticos. Razaboni (2008). De tão amplo que é o tema, o uso do termo desbravou os territórios desses saberes. O objetivo deste artigo é apresentar a paisagem natural e a paisagem com a ação do homem e apresentar os fatores positivos em relação à beleza das paisagens, à religiosidade, ao turismo e a Geografia em benefício do desenvolvimento urbano. Portanto, este trabalho relata várias teorias sobre a Paisagem e a Geografia.

2 - METODOLOGIA

A elaboração da pesquisa preocupou-se com o conceito de produtividade e, principalmente, com o desenvolvimento econômico social. Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva. Lakatos e Marconi (2010, p. 15) argumentam que a “pesquisa exploratória, proporciona informações a respeito do contexto investigado, delimitando-se o campo de trabalho envolvendo bibliografias a partir de publicações anteriores”, colocando o pesquisador em contato com o material escrito sobre o assunto pertinente. Os autores também dizem que a pesquisa descritiva, observa, registra, analisa os fatos classificando-os e interpretando-os, sem a interferência ou a manipulação do pesquisador.

1. PAISAGEM E GEOGRAFIA

Os conceitos sobre paisagem e a geografia são definidas por Jensen (1988), no século XX, como sendo influenciadas pela geografia alemã, pois vê nestas um conjunto de fatores naturais e humanos, reunidos num conceito regional, passando as delimitações entre a geografia física e humana. Já Stirnimann (1994) diz que a estética originária do grego atribui à geografia a descrição dos formatos, refletindo na busca pela união entre a arte e a ciência, sendo esferas de um mundo moderno. Entretanto, em crescente oposição, especialmente aos intelectuais burgueses que abandonavam algumas posições mais radicais, reconcilia-se com a aristocracia e a Igreja mediante a organização da classe trabalhadora.

Nos primórdios do século XIX, Passos (1998) diz que utilizou-se do paisagismo em geografia como sendo um conjunto de ‘formas’ caracterizando a superfície da terra”.

Humboldt (1952) argumenta que a visão holística da paisagem, associava elementos diversos da natureza e da ação humana, sistematizando, assim, a ciência e a geografia. Suas teorias e estudos eram aprofundados diante à concretização de viagens feitas por ele no final do século XVIII. Assim, segundo Lynch (2011), as pessoas desenvolvem uma forte ligação decorrente do passado histórico quanto de suas próprias experiências. Assim, diz Calvino (1990, p. 71) que “a memória contém dirigíveis que voam em todas as direções à altura das janelas, ruas de lojas e formas arquitetônicas”. A transformação da prática de viagem, integrando conhecimento e complexidade, recorda-se das tentativas do Renascimento e do Iluminismo quando se desenvolveu uma geografia cosmográfica na Alemanha e na Suíça (HUMBOLDT, 1952).

Após esses estudos, outros geógrafos se aproximaram, principalmente da ideia positivista de Humboldt (1952), que vê nela um conjunto de relações de fatos naturais, mas negam o elemento libertador e estético. CLAVAL (1999, p. 22) diz que a “geografia tornou-se, além do positivismo dinâmico e histórico, uma ciência do conhecimento sobre determinados países e regiões”. A paisagem, no entanto, não era o principal e primordial objeto de estudos, mas sim um complemento das análises regionais, pois considerava que os fenômenos nelas existentes fossem ocorrer em diversas regiões, justificando o título de sua obra chamada “A geografia comparada”. O pesquisador também diz que a cultura transforma a natureza em que a região e os municípios é um reservatório onde adormece as energias. Quando o homem se apropriou da natureza para construção do espaço geográfico, ou seja modifica-la, interferiu sobre o meio, causando alterações possibilitando a recriação da paisagem. Segundo CLAVAL (1999, p. 32) “a metodologia para a geografia cultural exigia uma sólida formação naturalista, que se preocupavam com: a fauna, agricultura, colheita, desmatamento, migrações, pastagens, florestas, caça, etc”. No entanto, constata-se que, na contemporaneidade, tem-se retomado o conceito de paisagem devido à importância que a análise geográfica apresenta para o estudo e

compreensão do meio. “Assim, o ambiente visual torna-se parte integrante da vida dos habitantes” (LYNCH, 2011, p. 92). Percebe-se, assim, a valorização da paisagem em meados do século XVIII.

Assim, como é demonstrado na figura 1 de Caspar David Friedrich, sendo o mesmo pioneiro na representação pictórica das ideais estéticas do Romantismo, segundo os quais a arte deveria aproximar o homem da natureza pura. (SIEWERDT, 2007). Já a figura 2 representa o deslumbramento de imagem contemporânea do pôr-do-sol na cidade de Guaratinguetá (Prefeitura, 2014). Ambas, apesar de épocas distintas, desmontam alguém deslumbrado com a paisagem. A primeira figura demonstra a imagem da mulher estagnada com a beleza da imagem, a segunda demonstra um sujeito oculto que está estagnado com o pôr-do-sol em Guaratinguetá. Dollfus (1972) classificou a paisagem como sendo a paisagem natural e virgem, sendo a segunda a paisagem organizada, ou seja, com a interferência do homem sobre o meio. Abaixo as imagens das cidades representadas pelas figuras 1 e 2.

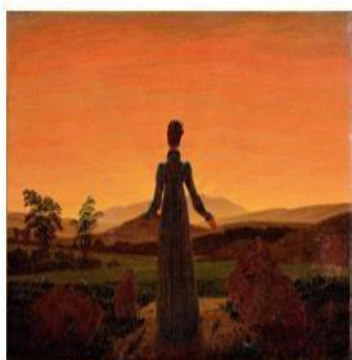


Figura 01
Caspar David Friedrich. Frau vor untergehender sonne, 1818.
Fonte: Siewerdt, 2000



Figura 02
Por do Sol – Vista do Bairro do Campinho em Guaratinguetá
Fonte: Prefeitura, 2014

Segundo Salgueiro (2001), a paisagem surge como pintura resultante da ruptura com a visão medieval ocupando o espaço na Geografia pela exuberante estética naturalista representando aspectos visíveis do espaço geográfico. A partir da ruptura e representação ocidental cristã no mundo medieval, surge um novo posicionamento do homem perante o ambiente. Santos (1994) argumenta que tudo que a visão alcança, considera-se paisagem. Ou seja, a paisagem não é formada apenas por volumes, mas por cores, movimentos, atores, sons, etc. Não se deve estranhar, a pouca importância dada por Milton Santos ao conceito em obras teóricas fundamentais como por uma Geografia Nova (1994). Ali, a exemplo de seus mestres franceses, o ilustre geógrafo baiano parece até querer incluir a paisagem e em sua crítica à Geografia tradicional, pois preocupava-se com a forma das coisas do que propriamente dito com a sua formação Razaboni (2008). Já Ferreira (2011), diz que a paisagem é um espaço de terreno que se abrange num lance de vista em uma pintura, em gravuras ou desenho que representa uma paisagem natural ou urbana.

3 - DISCUSSÃO

Muitos geógrafos mostram um pensamento influenciado pela geografia alemã e veem, na paisagem, um conjunto de fatores naturais e humanos, reunindo-os num conceito regional, passando as delimitações entre a geografia física e humana.

Segundo Correia (2008), a paisagem e a geografia vinculam-se à arquitetura moderna em técnicas e formas e apresentam na fachada um elemento de destaque claramente vinculado à ornamentação déco. Em determinadas construções, pode remeter-se à arquitetura moderna através de materiais e figuras de ornamentação das superfícies externas de alvenaria ou adoção de regras assimétricas ou pela repartição da fachada em base, seja pela simplificação de elementos da linguagem clássica, como colunas, frontões ou submeter-se a uma elaboração formal de cunho déco. O autor argumenta também que há prédios contemporâneos que apresentam tendências déco que podem ter aspectos importantes, remetendo a outras arquiteturas como à colonial em caso de moradias unifamiliares e também à composição clássica, se tratando de prédios institucionais ou à linguagem moderna, no caso de prédios comerciais e apartamentos contemporâneos. A inovação a arquitetura art déco situa-se na atuante geometria de seus elementos decorativos e influência ornamental (Correia, 2008). Conforme demonstrado na figura 3.



Figura 03.
Igreja São Pedro Guaratinguetá
Fonte: Prefeitura, 2014.

A cidade de Guaratinguetá possui varias arquétipos exuberantes. Fundada em 13 de junho de 1630, seu nome originou-se em Tupi-Guarani que significa “Muitas Garças Brancas” devido à quantidade que habitavam a cidade (QUEIROZ, 2014).

Neste sentido, Santos (1994, 65) diz que “a paisagem não é para sempre sendo a mesma sujeita à mudanças resultantes de adições e subtrações sucessivas” marcadas e transformadas através da história do trabalho. O autor diz que paisagem é heterogênea e formada por articulações naturais e artificiais. Conforme a figura 4 que apresenta a Praça das Três Garças em Guaratinguetá.



Figura 04.
Praça das Três Garças
Fonte: Prefeitura, 2014.

O desenvolvimento econômico, a geografia e a paisagem de um município se complementam, fazendo com que surgissem, na cidade, as primeiras associações de classe, como a Associação dos Empregados do Comércio, Associação Comercial e Industrial, a União Produtora de Laticínios, Cooperativa de Laticínios, Associação Agropecuária. Em 1914, início-se o processo de industrialização em Guaratinguetá com a fundação da Fábrica de Cobertores e Companhia de Fiação de Tecidos. Seis anos depois, Monsenhor Filippo, fundou a União dos Operários Católicos e a Sociedade Operária de Guaratinguetá (Prefeitura, 2014).

Na década de 1950, ocorreu a expansão da atividade industrial na cidade devido à abertura da Rodovia Presidente Dutra. Em 1951, com a chegada das famílias mineiras vindas da Mantiqueira, as antigas propriedades rurais transformaram-se em fazendas de pecuária, sendo hoje fazendas turísticas. As indústrias eram de laticínios, de fiação, tecelagem, indústrias de produtos químicos, mecânica pesada, de papel, entre outras. (Prefeitura, 2014).

Na área educacional, chegaram à cidade o SENAC "Nelson Antônio Mathídios dos Santos", a FATEC (Faculdade Tecnológica), além de outras instituições educacionais na área da cultura e turismo como a criação do "Museu Frei Galvão" e "Museu Rodrigues Alves". Também, nesta década, foi criada a Escola de Especialistas de Aeronáutica, impulsionando à economia da cidade. (Prefeitura, 2014).

O desenvolvimento de Guaratinguetá tem-se no Turismo religioso como uma de suas âncoras sendo a peregrinação, devoção e visitas ao Mosteiro de Frei Galvão, à Catedral de Santo Antônio, à Gruta de Nossa Senhora de Lourdes com sua água abençoada, visitas os túmulos que reúnem arquitetura, arte, beleza e fé que, desde o século XVIII, tem recebido muitos turistas como, por exemplo, o Túmulo da Maria Augusta, além dos templos religiosos. (Prefeitura, 2014). Conforme figuras de 05 a 12 abaixo.



Figura 05.
Casa onde Nasceu o Santo
Frei Galvão
Fonte: Prefeitura, 2014.



Figura 06.
Gruta N. S. de Lourdes
Fonte: Prefeitura, 2014.



Figura 07.
Catedral de Santo Antônio
(exterior)
Fonte: Prefeitura, 2014.



Figura 08.
Catedral de Santo Antônio
(interior)
Fonte: Prefeitura, 2014.



Figura 09
Igreja da Sagrada Família
Fonte: Prefeitura, 2014



Figura 10
Mosteiro de Frei Galvão
Fonte: Prefeitura, 2014

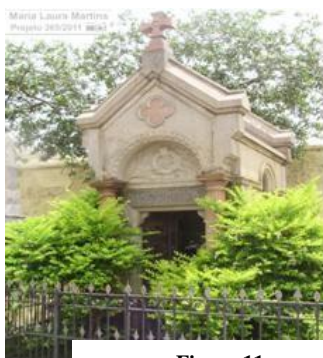


Figura 11
(Túmulo ou mausoléu da
Maria Augusta, a lenda da
"loira do banheiro")
Fonte: Prefeitura, 2014.



Figura 12
Foto da Maria Augusta
Fonte: Prefeitura, 2014.

A procura pelo turismo religioso e rural fez Guaratinguetá se expandir devido à exuberância das encostas da Serra Mantiqueira. A arquitetura urbana e cultural uni-se o passado ao presente. Conforme Figura 11 e 12.



Figura 11.
Gomeral
Fonte: Prefeitura, 2014.



Figura 12.
Gomeral
Fonte: Prefeitura, 2014.

Os principais conceitos que envolveram o presente trabalho foram: espaço geografia, paisagem, lugar, zoneamento urbano. Todo o trabalho desenvolvido através da dinâmica da atividade descrita proporcionou condições para a leitura e interpretação da paisagem no espaço vivenciado pelo aluno.

4 - CONCLUSÃO

O conceito de sociedade moderna, no decorrer do processo de Revolução Industrial a partir do século XVIII, abrangeu, paulatinamente, todos os continentes num processo que se arrastou pelos séculos XIX e XX. Esta sociedade tem empreendido uma intervenção intensa e acelerada sobre a natureza, alterando o meio e reordenando as paisagens.

A urbanização inerente à dinâmica da industrialização é um importante fator de intervenção e degradação do meio. As paisagens são criadas e recriadas no ritmo do crescimento urbano. O município e o urbano têm se tornado, na contemporaneidade, o espaço, por excelência, das interações e alterações das experiências humanas. Em relação às paisagens urbanas, que são resultantes de uma intensa apropriação na vertente ambiental, surge como desafio das modernas sociedades, visto que está relacionada com a qualidade de vida de sua população.

Portanto, a paisagem e a geografia não constituem somente imagens, mas características do meio físico-biológico que se molda segundo o contexto econômico, histórico, social, cultural e tecnológico da sociedade que a transforma constantemente. Sob esta ótica, conclui-se que o processo de abordagem de uma educação ambiental constitua o principal instrumento de harmonização entre ocupação humana e espaço natural no município de Guaratinguetá.

5 – REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo, **As cidades invisíveis**, São Paulo, 1990.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

CORREIA, Telma Barros, Estudos de Cultura Material Art déco e indústria – Brasil, décadas de 1930 e 1940. **Revista** versão On-line ISSN 1982-0267. An. mus. paul. v.16 n.2 São Paulo jul./ dez. 2008.

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010147142008000200003&lng=pt&tlng=pt> Acesso: 25 Junho de 2015 às 14h30.

DOLLFUS, Olivier. **O espaço geográfico**. São Paulo: DIFEL, 1972.

FERREIRA, Aurélio Duarte **Mini Dicionário da Língua Portuguesa**. 8º Ed. Curitiba, Positivo, 2011.

HUMBOLDT, Alexander Von. **Quadros da natureza**. Rio de Janeiro: M. Jackson, 1952.

JENSEN, Arild Holt, **Geografia : Historia Y Conceptos**, 1988.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade, **Fundamentos da Metodologia Científica**, Atlas, 7. ed . 2010.

LYNCH, Kevin, **A Imagem da Cidade**. São Paulo, 2011.

PASSOS, Messias Modesto dos. **Biogeografia e Paisagem**. Programa de Mestrado–Doutorado em Geografia FCT – UNESP Campus de Presidente Prudente–SP Programa de Mestrado em Geografia UEM – Maringá–PR, 1998.

Prefeitura Municipal de Guaratinguetá. Origens de Guaratinguetá
<http://www.guaratingueta.sp.gov.br/novo/index.php?sitesig=PMGUARA&page=PMGUARA_0300_Turismo> Acesso: 10/07/2014 às 14h00

QUEIROZ Antônio Carlos dos Santos; RICCI, Fábio. **Impacto Econômico na Escola Especialista da Aeronáutica no Município de Guaratinguetá**. (Dissertação Mestrado em Planejamento e Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós Graduação do Departamento de Economia, Contabilidade e Administração da Universidade de Taubaté) 2013.

<http://www.bdtd.unitau.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=684> Acesso em 09/07/2015 às 11:52.

RAZABONI, Jacira. Produção Didática-Pedagógica: Análise e Interpretação da Paisagem na Dinâmica Urbana – Maringá-PR 2008. **Artigo**

< <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2127-6.pdf> > Acessado às 23:49 no dia 25 julho 2014

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Paisagem e geografia**. Finisterra, XXXVI, 72, 2001.

STIRNIMANN, Victor-Pierre. **Schlegel, carícias de um martelo** In SCHLEGEL, Friedrich. **Conversa sobre a Poesia e outros Fragmentos**. São Paulo, Iluminuras, 1994.

SIEWERDT, Teresa. **A paisagem em Ana Mendieta: distância, fissura e vestígio**.

Florianópolis, Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Artes Plásticas/UDESC, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 3. ed., São Paulo: Hucitec, 1994.

MERCADO DE TRABALHO NA REGIÃO METROPOLITANA DO VALE DO PARAÍBA E LITORAL NORTE: ESTUDO EM GUARATINGUETÁ

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar o mercado de trabalho e a empregabilidade na Região Metropolitana, destacando a cidade de Guaratinguetá. Trata-se de uma pesquisa exploratória, documental, de abordagem quantitativa sendo que o período pesquisado foi de Janeiro 2014 a Janeiro de 2015. Foi analisado o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados e o Ministério do Trabalho e Emprego. Os resultados evidenciam que, nas cidades pertencentes à Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, na sub-região de Guaratinguetá foi mantido o nível de empregabilidade formal nesse período. Conclui-se que a empregabilidade está em declínio nas sub-regiões 1, 2, 4 e 5. No entanto, a sub-região 3 lidera os números, destacando a cidade de Guaratinguetá e Lorena assim mantendo o mercado de trabalho distinto aquecido.

Palavras-chave: Mercado de Trabalho, Desenvolvimento, Guaratinguetá.

Abstract: The article aims to analyze the labor market and employability in the metropolitan area in highlighting the city of Guaratinguetá. It is an exploratory research, document and quantitative approach are that the investigated period was January 2014 to January 2015. It was considered the General Register of Employed and Unemployed and the Ministry of Labor and Employment. The results show that in the cities of the metropolitan region of the Vale do Paraíba and Litoral Norte in Guaratinguetá subregion was maintained the level of formal employment in this period. We conclude that the decline in employment in this sub-regions 1, 2, 4 and 5. However, the sub-region 3 is leading the numbers in employment highlighting the city of Guaratinguetá and Lorena thus maintaining the heated distinct labor market.

Key-words: Labour Market Development, Guaratinguetá.

1 - INTRODUÇÃO

O presente artigo visa analisar a empregabilidade na região Metropolitana do Vale do Paraíba para a área técnica profissionalizante. Segundo Negri (1988), o Vale do Paraíba foi a região que mais se beneficiou, emergindo indústrias favorecendo o Estado de São Paulo que atualmente contempla “16.178 km² sendo que 6,52 % da área do Estado de São Paulo são 39 municípios, divididos em 5 sub-regiões possuindo 2.264.594 habitantes, destes 5,49 % representam população paulista, 55,6 bilhões de reais de PIB, 5,13 % do total Estadual 94 % de taxa de urbanização” (SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO METROPOLITANO, 2015, p. 24).

O propósito deste trabalho vincula-se à necessidade de estabelecer uma ligação entre o mercado de trabalho regional e a formação profissionalizante. O artigo contempla o estudo relacionado ao perfil dos municípios embasado no conceito de mercado de trabalho e desenvolvimento regional. Segundo Ramos (2007), o ensino profissionalizante permeia segmentos que demandam maiores oportunidades de emprego e renda à região, além da implantação de políticas adequadas entre os municípios, despertando reações que a princípio seriam inviáveis atingir individualmente. Assim, objetiva-se cumprir a criação da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte sendo esta restritamente para o desenvolvimento regional.

2 - METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória, quantitativa e documental. De acordo com Lakatos e Marconi (2010, 15), a “pesquisa exploratória busca levantar informações sobre determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho e mapeando as condições e manifestação desse objeto”. Já Richardson (1989) diz que o método quantitativo caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento dessas pelas técnicas estatísticas desde a mais simples até as mais complexas. Tem-se, como técnica para a coleta de dados, fontes documentais.

Para a elaboração do artigo foram utilizados dados do CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) para contextualizar o comportamento do mercado de trabalho na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte no período de 2014 à 2015. Discutem-se os setores que apresentam dinamismo e áreas distintas de emprego que, conseqüentemente, necessitam de mão-de-obra especializada, conforme Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 – Diversidade Econômica da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte.

Principais Setores, Áreas de Atuação e Empresas	
Setores	Diversidades
Empresas	Johnson & Johnson, Ford, General Motors, Volkswagen, Nestlé, Ericson, Villares, Basf, Monsanto, Avibrás, Mafersa, Liebberr, Basf, Kaiser, LG, Embraer, AGC.
Industrial	Químicas, Metalúrgicas, Papel e celulose, Têxtil e Alimentícia.
Tecnológica	Centro Técnico Aeroespacial (CTA), integrado pelo Instituto Tecnológico Aeronáutico (ITA), Instituto Aeronáutico de Espaço, (IAE) Institutos de Pesquisas Espaciais (INPE).
Turismo	Aparecida destaca-se a Basílica da nossa Senhora Aparecida, Guaratinguetá com o Santuário Frei Galvão, Cachoeira Paulista destaca-se a Canção Nova, Lorena contempla o Santuário de São Benedito. Já Potim, Canas e Roseira predomina-se a agricultura, porém o investindo em indústria, comércio e turismo vêm crescendo.
Turismo-rural	Cunha, Guaratinguetá, Lorena e Piquete destacam-se o turismo rural e o ecoturismo. No Vale Histórico as cidades de: Queluz, Silveiras, Areias, São José do Barreiro, Arapeí e Bananal que no século XIX, sediaram grandes fazendas produtoras de café. Todavia, conservaram toda opulência da época, com intensa procura para o turismo rural e ecoturismo.
Ecologia, Turismo e Pesquisa.	Caraguatatuba, Ubatuba, São Sebastião e Ilha Bela
Educação	Ensino Superior e Tecnológico

Observa-se, no quadro 1, os distintos setores de empregabilidade, as principais áreas de atuação e empresas em que se enquadram a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte.

A Região Metropolitana destaca-se pela diversidade econômica e sua exuberância, formando um quadrilátero entre as cidades de Santos, Campinas, São Paulo e São José dos Campos, chamada Macrometrópole Paulista e abriga dois terços da população paulista. (SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO METROPOLITANO, 2015). A partir deste pressuposto, a pesquisa delimitou-se a estudar as 5 sub-regiões pertencentes à Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, destacando a heterogeneidade, suas

características econômicas, o espaço geográfico e outras características pertinentes a cada sub-região.

3 - RESULTADOS

ANÁLISE DAS SUB-REGIÕES

Ramos (2007, 7) argumenta que são três itens determinantes para o mercado de trabalho: “1º As organizações que regem as diretrizes e intervenções; 2º Desempenho das mesmas diante as mudanças situacionais macroeconômicas delimitando a demanda por trabalho e a 3º capacidade do mercado de trabalho em relação a quantidade e qualidade da força de trabalho” para atender as exigências do mercado de trabalho.

Nesse pressuposto, a Secretaria do Desenvolvimento Metropolitano Paulista(2012, p. 18), através do artigo 2º da Lei complementar 1166 de 09/01/12, promove: I – planejamento regional em prol do desenvolvimento socioeconômico e a melhoria na qualidade de vida e II - cooperação entre o governo, mediante a descentralização, articulação e integração dos órgãos e entidades da administração direta e indireta bom como a atuação na região, visando ao máximo o aproveitamento dos recursos públicos a ela destinado.

A Secretaria de Desenvolvimento Metropolitano Paulista (2012) aponta que, com a preocupação de atrair e estimular o desenvolvimento regional, criou-se a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte dividida entre 39 municípios sendo estes: Caçapava, Igaratá, Jacareí, Jambeiro, Monteiro Lobato, Paraibana, Santa Branca, São José dos Campos, Campos do Jordão, Lagoinha, Natividade da Serra, Pindamonhangaba, Redenção da Serra, Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, São Luiz do Paraítinga, Taubaté, Tremembé, Aparecida, Cachoeira Paulista, Canas, Cunha, Guaratinguetá, Lorena, Piquete, Potim, Roseira, Arapeí, Areias, Bananal, Cruzeiro, Lavrinhas, Queluz, São José do Barreiro, Silveiras, Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba.

As mesmas são representadas por 5 sub-regiões divididas em: 1-São José dos Campos e Jacareí; 2-Taubaté e Pindamonhangaba; 3-Guaratinguetá e Lorena; 4-Cruzeiro e Queluz e 5-Caraguatatuba e São Sebastião, sendo estas, segundo Santos (2008), caracterizadas pela heterogeneidade de mão de obra profissionalizante As áreas, segundo a Secretaria de Desenvolvimento Metropolitano (2012) são: automobilismo, mecânica, pesquisa científica, indústrias têxteis, celulose, borracha e material plástico, pesquisa tecnológica, setor aeroespacial, turismo rural e religioso, setor industrial, comércio, indústria de aço, militar, aeroportos, atividade petroleira e portuária. Conforme o quadro 2 abaixo.

Mercado de Trabalho nas Respectiveas Sub-Regiões	
Sub-Região 1	São José dos Campos, Jacareí e Caçapava, localiza-se no eixo Dutra, apresentam economias diversificadas e dinâmicas. Destacam-se nos setores: de mecânica, automobilismo, pesquisa científica e tecnológica, área aeroespacial, parque Tecnológico, Faculdade de Odontologia (FO) da Usp, além do Inpe, ITA e a Embraer e o Aeroporto de São José dos Campos, administrado pela Infraero. Os demais municípios ao Norte (Igaratá e Monteiro Lobato) e ao Sul da rodovia (Santa Branca, Jambelero e Paraíba) buscam incentivar o turismo e consolidar seus segmentos de maior potencialidade, que, em geral, se concentram no turismo rural, cultural e ecoturismo, divulgando suas fazendas históricas, paisagens naturais, cachoeiras, festas típicas e artesanato, entre outros.
Sub-Região 2	Similar a Sub-região 1, Taubaté e Pindamonhangaba, situados no eixo da Dutra, apresentam economias diversificadas e dinâmicas. Taubaté destaca-se nos setores automobilístico, alimentício e químico; Já Pindamonhangaba destaca-se na agropecuária, com incentivos ao setor industrial. Na porção norte, os municípios serranos de Campos do Jordão, Santo Antônio do Pinhal e São Bento do Sapucaí (estâncias climáticas) promovem o turismo de inverno. Ao sul da Dutra, Tremembé e São Luiz do Paraitinga (estâncias turísticas), ao lado da Redenção da Serra, Natividade da Serra e Lagoinha, são reconhecidas pela qualidade do artesanato local, festas religiosas e ecoturismo.
Sub-Região 3	Destaca-se por abrigar cidades do turismo religioso de visitação nacional, recebendo milhares de romeiros em suas cidades religiosas, como a Estância Turística de Aparecida, Guaratinguetá (Casa de Frei Galvão), Cachoeira Paulista (Canção Nova) e Lorena (Santuário de São Benedito). Somam-se a esses destinos, o turismo rural, cultural e o ecoturismo em Piquete e Cunha. O grande fluxo turístico alimenta a indústria e o comércio. Guaratinguetá e Lorena, contudo, fundamentam seu desenvolvimento no setor industrial e nos Ensinos Superior e Tecnológico. Potim, Canas e Roseira, ao lado da agricultura, vêm incrementando a indústria, o comércio e o turismo.
Sub-Região 4	Além de Cruzeiro e Lavrinhas, com economias baseadas na indústria e comércio de pequeno porte e no turismo ecológico, inclui as cidades do Vale Histórico (Queluz, Silveiras, Arelas, São José do Barreiro, Arapá e Bananal), que, no século XIX, sediaram grandes fazendas produtoras de café. Todavia, conservam toda a opulência da época, com intensa procura para o turismo rural, histórico-cultural e ecoturismo.
Sub-Região 5	Abrange Caraguatatuba, Ubatuba, São Sebastião e Ilhabela, municípios litorâneos de paisagem privilegiada, com belíssimas praias e alto poder de atração da função de veraneio associada à função ecológica e de pesquisa. O Terminal Portuário de São Sebastião, situado estrategicamente no Litoral Norte do Estado de São Paulo, é considerado como a terceira melhor região portuária do mundo. Principais produtos de importação: barrilha, sulfato de sódio, malte, cevada, trigo, produtos siderúrgicos, máquinas e equipamentos e bobinas de fio de aço. No setor de exportação destaca-se: velucos, peças, máquinas e equipamentos e produtos siderúrgicos. Na área do porto organizado existe o Terminal Marítimo Almirante Barroso (Tebar), da Petrobras Transportes S/A – Transpetro, empresa subsidiária da Petrobrás, para óleo, derivados de petróleo e álcool combustível.

Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Metropolitano (2012). Elaborado pelo autor

Observa-se, no quadro 2, o mercado de trabalho e as distintas áreas de empregabilidade e particularidades em que cada sub-região possui. Neste contexto de trabalho, cabe ressaltar a importância do ensino profissionalizante para atender a este mercado diversificado. No entanto, o índice de desemprego vem aumentando para a população, atingindo todos os níveis de escolarização, o que acaba por exceder mão-de-obra para o mercado.

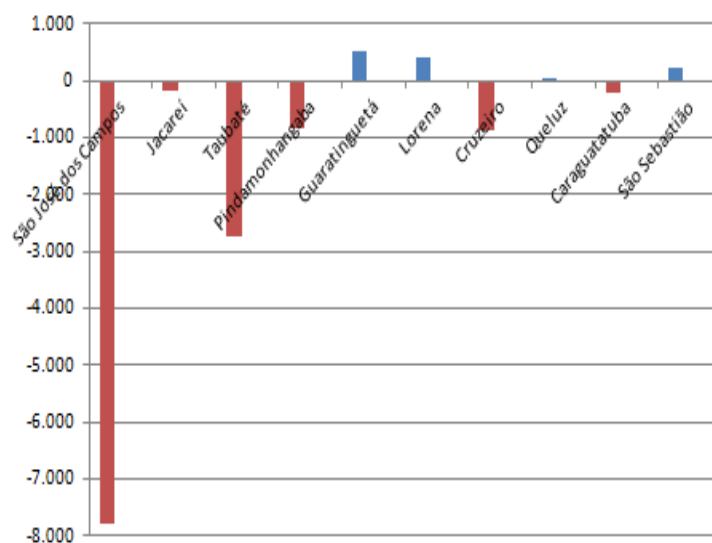
Desta maneira, “a elevação dos níveis de escolaridade em uma perspectiva de estagnação econômica e baixo investimento em tecnologia e precarização do mercado de trabalho”, acaba se mostrando insuficiente para potencializar a geração do trabalho e renda. (POCHMANN, 2004, p. 2). A Tabela 1 demonstra que, entre as empresas formais cadastradas, apresenta variação entre o número de admissões e demissões nas sub-regiões.

Tabela 1- Mercado de Trabalho nas 5 Sub-regiões entre Jan. 2014 a Jan. de 2015

Admissões e Desligamentos nas 5 Sub-regiões Jan. 2014 a Jan. de 2015				
SUB-REGIÃO	Admissões	Demissões	Empresas Formais	Varição Absoluta
1 São José dos Campos	187.082	194.845	386.649	-7.763
Jacareí	20.353	20.506	42.624	-153
2 Taubaté	37.846	40.545	80.882	-2.699
Pindamonhangaba	15.804	16.596	34.221	-792
3 Guaratinguetá	10.667	10.140	28.482	527
Lorena	7.546	7.132	15.838	414
4 Cruzeiro	5.323	6.175	16.629	-852
Queluz	621	565	1.285	56
5 Caraguatatuba	12.278	12.439	19.350	-161
São Sebastião	9.098	8.878	16.795	220

Fonte: CAGED(2015) Elaborado pelo autor

Observa-se, na tabela 1, as empresas legalizadas e os saldos de admissões e demissões sendo estas melhor representadas no Gráfico 1 abaixo.



Fonte: CAGED (2015) Elaborado pelo autor

Observa-se no gráfico 1 que, entre Janeiro de 2014 a Janeiro de 2015, a sub-região 1, representada por São José dos Campos e Jacareí, e a sub-região 2, composta por Taubaté e Pindamonhangaba, apresentaram um *déficit* nas admissões sendo que, na Sub-região 1, foi, respectivamente, (-7.763) e (-53) pessoas e na Sub-região 2, respectivamente, foi de (-2.699) e (-799) pessoas.

Já a sub-região 4, representada por Cruzeiro e Queluz, e a sub-região 5, representada pelas cidades litorâneas de Caraguatatuba e São Sebastião, verificou-se *déficit* parcial nas admissões entre Janeiro de 2014 a Janeiro de 2015. Sendo que a sub-região 4, no mesmo período, apresentava *déficit* na cidade de Cruzeiro de (- 852) pessoas demitidas. Já a cidade de

Queluz apresentou superávit nas admissões de 56 pessoas. A Sub-região 5 representava *déficit* na cidade de Caraguatatuba de (-161) pessoas. A cidade de São Sebastião apresentou superávit nas admissões de 220 pessoas integradas ao mercado de trabalho. No entanto, destaca-se o desenvolvimento da sub-região 3, representada por Guaratinguetá e Lorena, ambas, respectivamente, apresentaram superávit nas contratações de 527 e 414 pessoas inseridas no mercado de trabalho.

Guaratinguetá abrange uma vasta heterogeneidade em produtos químicos, plásticos, produtos para agricultura, química fina, óleo cru, gás natural, materiais pré-pintados, fabricação de escavadeiras sobre esteiras, escavadeira sobre pneus, pás carregadeiras, betoneiras e guindaste de torres, fabricação de aviões, produção de vidros planos, espelhados e vidros automotivos, agricultura, comércio, além da Escola de Especialistas da Aeronáutica que absorve os jovens formados no Ensino Técnico Profissionalizante. As redes hoteleiras também aumentaram significativamente atendendo ao turismo religioso e rural da cidade. O município de Lorena também se encontra em momentos favoráveis, composto pelas empresas de industrialização e comercialização de Pet, embalagens flexíveis, estruturas laminadas, produção alimentícia, fabricação de tubos de aço para condução de petróleo e gás e, recentemente, com a instalação de montadora de ônibus.

Nesse pressuposto, a tabela 2 apresenta as áreas de empregabilidade e a remuneração na sub região 3.

Tabela 2- Remuneração na Sub-região 3

Emprego e Salário na Sub-região 3				
Emprego Formal	Ano	Remuneração R\$		
		Guaratinguetá Lorena	Micro Região	Estado /SP
Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca	2014	904,35	910,10	1.576,09
Indústria	2014	3.594,99	2.834,81	2.979,77
Construção	2014	1.668,65	1.578,59	2.250,68
Comércio Atacadista e Varejista e do Comércio e Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas	2014	1.338,34	1.298,15	1.954,00
Prestação de Serviços	2014	2.275,19	1.948,98	2.682,20

Fonte: SEADE(2015) Elaborado pelo autor

Observa-se, na Tabela 2, que, nas áreas de Agricultura, Pecuária, Produção Florestal e Pesca, o salário ofertado em Guaratinguetá e Lorena é de R\$ 904,35 sendo inferior ao salário ofertado no Estado de São Paulo, destacando-se uma discrepância ao compararmos com o salário do Estado que é maior em R\$ 1.576,09. Já a área industrial observa-se que a Micro Região de Guaratinguetá oferta o valor de R\$ 2.834,81. Este, por sua vez, está equiparado com o salário ofertado pelo Estado de R\$ 2.979,77. No entanto, há um aumento significativo no salário ofertado pelo município de R\$ 3.594,99.

O setor de construção está equivalente em relação à cidade de Guaratinguetá, pois possui R\$ 1.668,65 e a Microrregião 1.578,59, destacando-se o estado de São Paulo que oferta salário maior em R\$ 2.250,68. No comércio (atacado/varejo), os salários também são

equivalentes em Guaratinguetá (R\$ 1.338,34). Na microrregião (R\$ 1.298,15), apresentando uma pequena elevação no Estado de São Paulo de R\$ 1.954,00 e o setor de Prestação de Serviço apresenta uma redução na Microrregião de Guaratinguetá de R\$ 1.948,98, comparando com o Estado de São Paulo (R\$ 2.682,20) e uma leve queda na cidade de Guaratinguetá (R\$ 2.275,19).

Portanto, Guaratinguetá diferencia-se de outras cidades pela sua trajetória histórica e se destaca por ser uma das mais industrializadas de sua microrregião. Por isso, as exigências das organizações por qualificação profissional reflete na educação profissionalizante. Em síntese, a educação profissionalizante precisa responder com agilidade, eficácia e eficiência às demandas pela formação profissional, adequando e apoiando os arranjos produtivos locais.

4 - DISCUSSÃO

Segundo Souza (2009/2011 p. 16) a Região Metropolitana do Vale do Paraíba “exponenciou a localização estratégica do Vale, incentivando e estabelecendo indústrias nacionais e estrangeiras na região contribuindo para o desenvolvimento da Microrregião”. Furtado (1961) concorda com a posição de Souza (2009/2011, p. 96), pois “o grau de desenvolvimento industrial alcançado pela região permite que o abastecimento através de bens de consumo se realize quase totalmente com base na produção interna e que os investimentos se possam efetivar apoiando-se principalmente na oferta interna de equipamentos”. No entanto, segundo Faissal (2005), diz que grandes transformações na empregabilidade estão associadas a determinar mudanças no perfil da mão-de-obra qualificada, interferindo na educação, na formação profissional e suas relações com o desenvolvimento regional. O autor observa que esse panorama reflete na quantidade de pessoas que estão qualificadas para concorrer a uma oportunidade escassa de emprego. No entanto, segundo Faissal (2005), quando o mercado de trabalho caracteriza-se por uma oferta de vaga inferior a procura pelos candidatos, ocorre a acirrada disputa prevalecendo aquele que possui qualificação profissional.

Segundo o IBGE (2015), Guaratinguetá e Lorena vêm apresentando crescimento econômico ao longo dos anos. Essa ascensão econômica, argumenta a Secretaria de Desenvolvimento Metropolitano (2014), que o governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, em 03 de dezembro de 2013, sancionou a Lei passando Guaratinguetá a Estância Turística. A mesma vem se expandindo no setor de turismo religioso e rural, impulsionando a economia da cidade e a da região ao expandir a demanda por mão-de-obra qualificada em vários setores no mercado de trabalho, principalmente entre Guaratinguetá e Lorena. Motivo este que levou ambas as cidades apresentarem um saldo positivo em relação à empregabilidade.

Clemente e Higachi, (2000, p. 1) argumentam que os espaços geográficos são constituídos por relações de natureza “econômica, industrial, serviço, consumo, tributos, investimentos e migração”.

Já Schumpeter (1997, p. 9) argumenta que, neste contexto, “emerge o empresário inovador sendo o mesmo um agente econômico transformando matéria-prima em produto para atender a demanda do mercado” através de combinações eficientes dos fatores de produção, ou a aplicação de recursos tecnológicos promovidos pelas atividades educacionais. Já Cano (2010, p. 8) “explicita que o desenvolvimento significa não só crescimento, mas mudanças estruturais que exigem distintas formas de tributação, de apropriação e distribuição da renda”.

A Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, “representada por 5 sub-regiões, destaca-se pela diversificação econômica. Sendo sua população predominantemente urbana, há o domínio de vários seguimentos produtivos distintos”. (MULLER *apud* RICCI, 2006, p. 42). Porém, somente na sub-região 3, prevalece um índice

positivo nos saldos de empregabilidade devido a sua expansão econômica e social ao longo dos últimos anos, diferenciando das outras 4 sub-regiões.

5 – CONCLUSÃO

As tabelas em questão demonstraram a diversidade econômica na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, Mercado de Trabalho nas 5 Sub-regiões entre Janeiro 2014 à Janeiro de 2015 e a Remuneração na Sub-região 3, sendo possível realizar a análise da evolução entre a empregabilidade e o desligamento. No decorrer dos anos, as funções foram diversificadas e inovadas, atendendo à necessidade da região desenvolvida. Portanto, conforme as tabelas e gráficos citados e apresentados, podemos destacar o declínio da empregabilidade na Sub-região 1, 2, 4 e 5 e somente a sub-região 3 passou a liderar, positivamente, a empregabilidade, destacando as cidades de Guaratinguetá e Lorena.

6 - REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do trabalho e Emprego. **Perfil do município**. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_perfil_municipio/index.php> Acesso em: 27/06/2015 às 11:25

CANO, Wilson. **Uma agenda nacional para o desenvolvimento**. In. Texto para discussão. IE/UNICAMP, n.183, agosto 2010. Acesso: 15/07/2015 às 12h35 .Disponível em: <<http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311433430.CANO1.pdf>>

CLEMENTE, Ademir; Hermes Y. HIGACHI. **Economia e desenvolvimento regional**. São Paulo. Atlas, 2000.

FAISSAL, Reinaldo. **Atração e seleção de pessoas**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. São Paulo: Paz e Terra, 1961

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Pesquisa Nacional por amostra de domicílio** Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: 10/02/2015 às 18:27.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade, **Fundamentos da Metodologia Científica**, Atlas, 7. ed . 2010.

MULLER, S. **Roteiro do café e outros ensaios**. São Paulo: BIPA, 1946.

NEGRI, B. **A internacionalização da indústria paulista (1920 - 1980)**. In. FUNDAÇÃO SEADE . A interiorização do desenvolvimento econômico de São Paulo (1920 - 1980). São Paulo: Fundação SEADE, v.1, n.2, 1988

SOUZA, Felipe. **Cone Leste Paulista: História Desenvolvimento e Folclore 2009/2011**. Disponível em: [HTTP://www.gazetavaleparaibana.com/volume1.pdf](http://www.gazetavaleparaibana.com/volume1.pdf) Acessado em 20/05/2015.

POCHMANN, Márcio. (Org.). **Outra cidade é possível: alternativas de inclusão social em São Paulo**. São Paulo. Ed Cortez, 2003.

RAMOS, Lauro. **O desempenho recente do mercado de trabalho brasileiro**: tendências, fatos estilizados e padrões espaciais. In: Textos para Discussão. Rio de Janeiro: IPEA, 2007.

RICCI, Fábio. **Indústrias têxteis na periferia, origens e desenvolvimento**: o caso do Vale do Paraíba. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SEADE Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. **Site**. Acessado em 14/07/2015 às 17:47 <<http://www.imp.seade.gov.br/frontend/>>

SÃO PAULO. Secretaria do Desenvolvimento Metropolitano. **Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte**. Disponível em: <http://www.emplasa.sp.gov.br/emplasa/conselhos/ValeParaiba/textos/livro_vale.pdf> Acesso em: 20/07/2015

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Editora Abril, 1997

ANÁLISE DE ALTERAÇÕES HEMATOLÓGICA NOS PORTADORES DE HIV/AIDS DECORRENTES DA INFECÇÃO E DO USO DE ANTIRRETROVIRAL EM UM MUNICÍPIO DO INTERIOR PAULISTA

RESUMO

Vinte e cinco anos após o reconhecimento inicial da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) nos Estados Unidos, a doença tornou-se epidêmica em todos os países do mundo (GODMAN,2009).. A introdução dos testes rápidos minimiza a ação das comorbidades e mortalidades em decorrência do diagnóstico tardio da doença pelo HIV na fase de AIDS que, em geral, sofre alterações hematológicas significativas, incluindo anemia, leucopenia e plaquetopenia, dificultando o tratamento das infecções associadas ao início do antirretroviral. A escolha das autoras sob o tema deu-se quando se deparou frequentemente com índice de alterações hematológicas vista em pacientes soropositivos atendidos pelo Serviço de Assistência Especializada (SAE) em decorrência da sua infecção e/ou uso de terapia antirretroviral (TARV).

Palavra-chave: HIV, Hematologia, Antirretroviral

ABSTRACT

Twenty-five years after the initial recognition of acquired immunodeficiency syndrome (AIDS) in the United States, the disease has become epidemic in all countries of the world (GODMAN, 2009) .. The introduction of rapid tests minimizes the action of comorbidities and mortalities due to late diagnosis of HIV disease in AIDS stage that, in general, suffers significant haematological abnormalities, including anemia, leukopenia and thrombocytopenia, complicating the treatment of infections associated with the beginning of the antiretroviral. The choice of the authors on the topic was given when it often came across index hematologic changes seen in HIV-positive patients enrolled in the Specialized Assistance Service (EAS) as a result of their infection and / or use of antiretroviral therapy (ART).

Key-words: AIDS Serodiagnosis, Hematology, Antiretroviral Therapy

1. INTRODUÇÃO

Vinte e cinco anos após o reconhecimento inicial da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) nos Estados Unidos, a doença tornou-se epidêmica em todos os países do mundo. Inicialmente descrita como uma doença principalmente de homossexuais masculinos, rapidamente foi identificada em muitos outros grupos de risco, causada por um agente infeccioso transmitido por atividades sexuais, por via parenteral, por transfusão de sangue, uso de drogas injetáveis, e de forma perinatal de mãe para filho. Investigações iniciais da década de 1980 demonstraram que o agente etiológico da Aids era o vírus da imunodeficiência humana (HIV), que existe em dois tipos, HIV-1 e HIV-2.(GODMAN,2009)

Segundo estimativa realizada pelo Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais de Brasília (BOLETIM EPIDEMIOLOGICO, 2013), aproximadamente 718 mil pessoas vivem com HIV/AIDS no Brasil. Nos últimos 10 anos a taxa de detecção de Aids sofreu uma elevação de cerca de 2%. No entanto, observam-se diferenças significativas entre as 5 regiões. No período 2003 a 2012, dentre as cinco regiões do país, observa-se diminuição de 18,6% na taxa de detecção na Região Sudeste e 0,3% no Sul, enquanto nas demais regiões observa-se um aumento, sendo de 92,7% na Região Norte, 62,8% na Nordeste e 6,0% na Centro Oeste.

A introdução do teste do HIV de maneira universal e consentida representa atualmente uma grande estratégia diagnóstica para identificação precoce dos infectados pelo HIV/AIDS no Brasil bem como as ações de prevenção em todas as faixas etárias com vida sexual ativa. Estas ações minimizaram as comorbidades e mortalidades em decorrência do diagnóstico tardio da doença pelo HIV na fase de AIDS que, em geral, sofre alterações hematológicas significativas, incluindo anemia, leucopenia e plaquetopenia, dificultando o tratamento das infecções associadas ao início do antirretroviral.(MINISTÉRIO DA SAUDE, 2013).

A redução dramática da morbidade e mortalidade associada a doença, se deu pelo grande avanço da terapia antirretroviral (TARV) para o tratamento da AIDS. Os efeitos colaterais têm sido um dos importantes fatores da não adesão à TARV. Um exemplo de efeitos imediatos comum a todas as classes farmacológicas dos inibidores são os decorrentes de intolerância gástrica caracterizada por náuseas, vômito e dor abdominal. Conforme ratificado no Protocolo Clínico de Diretrizes Terapêuticas pelo Ministério da Saúde de 2013, eventos adversos comumente observados após o uso de inibidores de transcriptase reversa análogos de nucleosídeos (ITRN) são: astenia, cefaleia ou insônia. A pancitopenia, macrocitose e mielotoxicidade, pode ser uma das alterações relacionadas ao uso de AZT (Zidovudina) da classe dos ITRN. (REV.BRASILEIRA MEDICINA TROPICAL,2011)

A anemia é comum em indivíduos com infecção pelo HIV assintomático ocorrendo em, aproximadamente, 30% dos casos, e taxas extremamente altas são encontradas naqueles com clínica de AIDS, chegando a 80%. Ela decorre, frequentemente, de causas multifatoriais. A infecção pelo HIV pode apresentar uma ampla gama de anormalidades hematológicas, como o efeito supressivo do próprio HIV, hematopoiese ineficaz, doenças infiltrativas da medula óssea, consumo periférico secundário à esplenomegalia ou desregulação imune e deficiências nutricionais.(REV.BRASILEIRA MEDICINA TROPICAL,2011)

A pneumocistose e a toxoplasmose estão entre as mais frequentes doenças oportunistas nos pacientes com diagnósticos de AIDS, e o tratamento ideal utiliza drogas tóxicas, como as sulfonamidas, trimetopin, pirimetamina, pentamidina.

Entre os medicamentos utilizados para o tratamento das infecções oportunistas e dos cânceres associados ao HIV, vários são mielossupressores, incluindo antivirais como o ganciclovir, foscarnet, cidofovir e agentes antifúngicos, como a flucitosina e a anfotericina B. Muitas vezes é necessário a utilização de grandes números de drogas com interações variadas, ocasionando alterações hematológicas significativas, agravando o quadro clínico e dificultando a interpretação dos eventos adversos. A Tuberculose, Hepatite C e Hepatite B, são três grandes comorbidades que estão associadas á infecção pelo HIV. Embora estas doenças estejam associadas a uma piora importante da morbidade e mortalidade, o seu tratamento determina alterações hematológicas, como a anemia, leucopenia e plaquetopenia, dificultando a manipulação dos medicamentos para o tratamento das comorbidades. (REV. BRAS. HEMATOL. HEMOTER. 2010).

O mais importante no desencadeamento ou piora dos níveis de anemia é a Zidovudina (AZT), pioneira entre os antirretrovirais do grupo inibidores da transcriptase reversa, análogos de nucleosídeos, sendo a droga mais frequente utilizada na composição dos esquemas iniciais da TARV. Embora seja uma droga muito segura, o seu uso deve ser bem controlado, particularmente nos pacientes com hemoglobina inferior a 10 g/dl. Entretanto, os pacientes que iniciam a TARV com drogas mielossupressoras, como a AZT, apresentam boa evolução se as condições basais pré-tratamento forem mais adequadas, particularmente sem a presença de anemia (REV. BRAS. HEMATOL. HEMOTER. 2010)

Outra alteração hematológica sugestiva da infecção pelo HIV, a plaquetopenia, tem sido um achado frequente nesse grupo populacional, agravado devido á outras co-infecções, principalmente em pacientes infectados com o vírus da Hepatite B ou C. Descrita pela primeira

vez por Morris e colaboradores em estudo de homossexuais masculinos sexualmente ativos, tal manifestação foi constatada precocemente em indivíduos assintomáticos pela síndrome da imunodeficiência adquirida – SIDA, muito comum em usuários de drogas injetáveis. Possivelmente o mecanismo imunitário reduz a sobrevivência da plaqueta, em conjunto com a deficiência da produção medular, efeito de drogas antirretrovirais e a presença de infecções oportunistas. A púrpura trombocitopenica, também tem sido relacionada com infecções pelo HIV.(SANTOS, 2012)

A linfopenia, pode ocorrer inicialmente na fase primária da infecção, seguida por linfocitose e atipia linfocitária, neutropenia e pancitopenia transitória. O número de linfócitos TCD4 na fase assintomática, aparece gradualmente em queda, que pode ser mascarado pela linfocitose atribuída a um aumento das células CD8+ .(SANTOS, 2012)

No momento que ocorre a definição do diagnóstico de AIDS, há a linfopenia e, frequentemente, a pancitopenia.(SANTOS, 2012).

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Avaliar a prevalência das alterações hematológicas em pacientes com HIV/AIDS atendidos pelo serviço de Assistência Especializada (SAE) em um município do interior paulista, correlacionando-as com a causa da infecção pelo vírus e/ou uso do antirretroviral.

2.2 Objetivos específicos

Caracterizar as alterações de anemia, leucopenia e plaquetopenia nos portadores de HIV/AIDS, no período de junho de 2015 a maio de 2016.

Enfatizar a importância do conhecimento das desordens hematológicas em pessoas soropositivas, a partir da problematização no âmbito da infecção pelo HIV.

Contribuir para o monitoramento da infecção e auxiliar na tomada de decisão a respeito da intervenção clínica mais adequada nestes pacientes.

3. JUSTIFICATIVA

A escolha das autoras sob o tema deu-se quando se deparou frequentemente com índice de alterações hematológicas vista em pacientes soropositivos atendidos pelo Serviço de Assistência Especializada (SAE) em decorrência da sua infecção e/ou uso de terapia antirretroviral (TARV) Na cidade do interior paulista, não se conhece a situação exata das desordens hematológicas nos portadores de HIV/AIDS.

O estudo proposto por este projeto tem a finalidade de fornecer elementos para contribuir com o aperfeiçoamento das políticas públicas de enfrentamento à epidemia da Aids, a partir do conhecimento tardio da doença que possibilita e contribui a uma deficiência na produção de células hematológicas e, da importância dos pedidos de hemograma com plaquetas nos pacientes com HIV+.

As informações obtidas também serão de grande valia na assistência individualizada e humanizada, oferecendo assim estratégias de acompanhamento hematológico para os portadores de HIV com diagnósticos recentes, bem como, a aqueles que já fazem uso da terapia

antirretroviral altamente ativa que possivelmente sofrerão de desordens hematológicas em decorrência dos efeitos adversos, entre os quais, a supressão de medula óssea e/ou anemia hemolítica evidenciada nesses pacientes.

Em busca de referências científicas sobre o tema, identificamos escassez de informações acerca desse assunto, constituindo assim mais um fator motivante para a realização deste projeto. Por meio dos resultados obtidos, acreditamos na contribuição para um melhor atendimento e cuidado concentrado na população estudada. Espera-se que, assim, os gestores das esferas estaduais e municipais possam refletir sobre os dados e propor ações qualificadoras das estratégias desenvolvidas, no alcance de uma melhor e mais eficiência na atenção às pessoas vivendo com HIV/AIDS.

4. METODOLOGIA

A pesquisa será realizada em um Ambulatório de Especialidades, da Secretaria Municipal de Saúde de um município do interior Paulista, no qual se desenvolve o Programa Municipal de DST/HIV/AIDS e Hepatites Virais, durante o período de junho de 2015 a maio de 2016. Consiste de um estudo descritivo exploratório dos indivíduos cadastrados no programa de DST/HIV/AIDS após diagnóstico positivo para HIV, por intermédio dos parâmetros bioquímicos e hematológicos para análise de alteração de leucócitos, hematócritos e plaquetas em pacientes portadores de HIV/AIDS com diagnósticos recentes para a infecção, bem como, aqueles que já estão em uso de terapia.

A pesquisa investigará os distúrbios hematológicos apresentados em 02 grupos de estudos: um grupo com pacientes portadores de HIV em uso de antirretroviral por um período superior a 03 meses em uso de inibidores de transcriptase reversa não análogos de nucleosídeos (ITRNN), de inibidores de transcriptase reversa análogos de nucleosídeos (ITRN), ou pelo inibidor de protease (IP), por apresentarem uma ampla gama de alterações hematológicas e o segundo grupo, com portadores de HIV com diagnóstico recente da infecção sem uso de TARV.

Serão coletados dados sobre o perfil sócio demográficos (sexo, idade, estado civil, ocupação, hábitos, dependência química, etc.) sobre a infecção HIV/AIDS (tempo de infecção pelo HIV e diagnóstico), o tratamento (uso de vitamina B12 ou ácido fólico, tipo de inibidores, tempo da TARV, etc.), perfil hematológico (contagem de linfócitos TCD4, determinação da carga viral plasmática do HIV, níveis de hematócrito, leucócito e plaquetas).

Será adotado como critério de exclusão: dietas vegetarianas, gestante, medicamentos para co-infecção pela tuberculose e hepatite b e c, uso de anticoagulantes e neoplasias 4-1 Sujeitos, natureza de amostra e amostragem

Os sujeitos de estudo que farão parte da população de interesse serão os portadores de HIV/AIDS cadastrados no Programa municipal de DST/HIV/AIDS de um município do interior Paulista, dentro do período de JUNHO DE 2015 a MAIO DE 2016.

A quantidade da amostra para o Grupo 1, dependerá do número de indivíduos a serem cadastrados no programa de DST/AIDS no período proposto do estudo. Para o Grupo 2, serão coletados um número máximo possível de amostras de sangue dos indivíduos com infecção pelo HIV/AIDS, em uso de antirretroviral de qualquer classe de inibidores de protease.

Para Polit e Beck (2011), amostragem é o processo de seleção de uma porção da população para representar a população inteira e define amostragem por conveniência aquela que envolve o uso das pessoas mais convenientes disponíveis como participantes.

4-2 Procedimento para coleta de dados.

Para a coleta de dados serão utilizadas as seguintes estratégias: A coleta da amostra será

realizada pelas pesquisadoras por meio da coleta de sangue por punção venosa dos usuários cadastrados no SAE após, autorização por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme APENDICE 3 e, aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Teresa D`Ávila (APENDICE 2) A coleta da amostra será realizada antes do início do uso de TARV para grupo 1 e, a cada 30 dias para o grupo 02 por um período de 12 meses entre aqueles que, já se encontram em uso regular de qualquer inibidor de protease. Os dados serão anotados no instrumento próprio elaborado pela pesquisadora conforme APENDICE de forma manual.

4-1 Sujeitos, natureza de amostra e amostragem

Os sujeitos de estudo que farão parte da população de interesse serão os portadores de HIV/AIDS cadastrados no Programa municipal de DST/HIV/AIDS de um município do interior Paulista, dentro do período de JUNHO DE 2015 a MAIO DE 2016.

A quantidade da amostra para o Grupo 1, dependerá do número de indivíduos a serem cadastrados no programa de DST/AIDS no período proposto do estudo. Para o Grupo 2, serão coletados um número máximo possível de amostras de sangue dos indivíduos com infecção pelo HIV/AIDS, em uso de antirretroviral de qualquer classe de inibidores de protease.

Para Polit e Beck (2011), amostragem é o processo de seleção de uma porção da população para representar a população inteira e define amostragem por conveniência aquela que envolve o uso das pessoas mais convenientes disponíveis como participantes.

4-2 2 Procedimento para coleta de dados

Para a coleta de dados serão utilizados as seguintes estratégias:

A coleta da amostra será realizada pelas pesquisadoras por meio da coleta de sangue por punção venosa dos usuários cadastrados no SAE após, autorização por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme APENDICE 3 e, aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Teresa D`Ávila (APENDICE 2)

A coleta da amostra será realizada antes do início do uso de TARV para grupo 1 e, a cada 30 dias para o grupo 02 por um período de 12 meses entre aqueles que, já se encontram em uso regular de qualquer inibidor de protease.

Os dados serão anotados no instrumento próprio elaborado pela pesquisadora conforme APENDICE 4, de forma manual

4.3 Aspectos éticos da pesquisa

O presente estudo seguirá os preceitos estabelecidos pela Resolução nº466/12, de 12/12/2012, do Conselho Nacional de Saúde.

Os aspectos éticos da pesquisa serão resguardados em todos os momentos do estudo, ressaltando-se que a coleta de dados só será iniciada após o consentimento do(a) secretaria da saúde conforme APENDICE 1 e, a aprovação deste projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa. A pesquisa não terá riscos e, o anonimato será respeitado.

5. RESULTADOS

Os resultados laboratoriais do perfil hematológico serão obtidos por análise estatística, por meio do equipamento Abbott Cell Ruby com tecnologia MAPSS (Multi-Anglo Polarizado Separado e Espalhado). Os dados finais coletados serão inseridos, eletronicamente em um banco de dados, no programa software (2010). Para análise de dados, será utilizada a estatística descritiva, para as variáveis categóricas por meio de frequência absoluta relativa.

Assim como média, mediana, desvio padrão, moda, amplitude máxima e mínima para as variáveis numéricas. Tais dados serão apresentados em gráfico, tabelas e na forma descritiva, sendo, em seguida, também comparados e discutidos com base na literatura científica selecionada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretende-se ao final dessa pesquisa destacar algumas ponderações nas questões do uso da terapia antirretroviral para portadores do vírus do HIV que, já vêm apresentando desordens metabólicas decorrente da própria infecção.

7. APÊNDICE

Instrumento para coleta dos dados

NOME _____ (INICIAIS)	Nº _____
SEXO	<input type="checkbox"/> feminino <input type="checkbox"/> masculino
IDADE	<input type="checkbox"/> 10 a 20 anos <input type="checkbox"/> 21 a 30 anos <input type="checkbox"/> 31 a 40 anos <input type="checkbox"/> 41 a 50 anos <input type="checkbox"/> 51 a 60 anos <input type="checkbox"/> 61 a 70 anos <input type="checkbox"/> 71 a 80 anos <input type="checkbox"/> 81 a 90 anos
ESTADO CIVIL	<input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> casado <input type="checkbox"/> separado <input type="checkbox"/> viúvo
OCUPAÇÃO	
HÁBITOS	<input type="checkbox"/> álcool <input type="checkbox"/> tabaco
DEPENDENCIA QUIMICA	<input type="checkbox"/> maconha <input type="checkbox"/> crack <input type="checkbox"/> cocaina <input type="checkbox"/> inalante

TEMPO DE DIAGNÓSTICO PELO HIV	() 1 a 5 anos () 5 a 10 anos () 10 a 15 anos () 15 a 20 anos																								
TEMPO DE USO DE TARV	() menos de 01 ano () 1 a 5 anos () 5 a 10 anos () 10 a 15 anos () 15 a 20 anos () não faz uso																								
CONTAGEM DE LINFÓCITOS T CD4	Células_____																								
DETERMINAÇÃO DE CARGA VIRAL	Nº de cópias:_____Log:_____																								
USO DE VITAMINA B12 / ACIDO FÓLICO	() sim () não																								
TIPO DE INIBIDORES	<table border="0"> <thead> <tr> <th>ITRN</th> <th>ITRNN</th> <th colspan="2">IP</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>() Zidovudina</td> <td>() Nevirapina</td> <td>() Darunavir /r</td> <td>() Ritonavir</td> </tr> <tr> <td>() Abacavir</td> <td>() Efavirenz</td> <td>() Fosamprenavir/r</td> <td>() Tipranavir</td> </tr> <tr> <td>() Didanosina</td> <td>() Etravirina</td> <td>() Indinavir</td> <td>() Saquinavir</td> </tr> <tr> <td>() Lamivudina</td> <td></td> <td>() Lopinavir/r</td> <td></td> </tr> <tr> <td>() Tenofovir</td> <td></td> <td>() Atazanavir</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>	ITRN	ITRNN	IP		() Zidovudina	() Nevirapina	() Darunavir /r	() Ritonavir	() Abacavir	() Efavirenz	() Fosamprenavir/r	() Tipranavir	() Didanosina	() Etravirina	() Indinavir	() Saquinavir	() Lamivudina		() Lopinavir/r		() Tenofovir		() Atazanavir	
ITRN	ITRNN	IP																							
() Zidovudina	() Nevirapina	() Darunavir /r	() Ritonavir																						
() Abacavir	() Efavirenz	() Fosamprenavir/r	() Tipranavir																						
() Didanosina	() Etravirina	() Indinavir	() Saquinavir																						
() Lamivudina		() Lopinavir/r																							
() Tenofovir		() Atazanavir																							
NÍVEIS DE ERITROGRAMA	Hemacias_____ Hemoglobina_____ Hematócrito _____																								
NÍVEIS DE LEUCÓCITOS	Valor:_____																								
NÍVEIS DE PLAQUETAS	Valor:_____																								

REFERÊNCIAS

GOLDMAN, Lee.; Ausiello, Dennis. Cecil Medicina 23ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.p.2961.

Boletim Epidemiológico HIV/AIDS. Ministério da Saúde. Mortalidade por AIDS no Brasil. Ano II, nº01, Dezembro 2013.

OLIVEIRA, O.C.A.; et al. Impacto do tratamento antirretroviral na ocorrência de macrocitose em pacientes com HIV/AIDS do município de Maringá, Estado do Paraná.Revista da sociedade Brasileira de Medicina Tropical, V.35, nº1, p.35-39, jan-fev, 2011.

LEITE, O.H.M.; Alterações hematológicas associadas a infecção pelo HIV, ainda um problema?.Rev. Bras. Hematol. Hemoter. São Paulo, V. 32, nº1, p.3-4, Fev.2010.

DOS SANTOS .V.M., Plaquetopenia grave em pacientes etilista com infecção por vírus da imunodeficiência humana.Brasília Med.,V.49, nº 3, p.198-201, 2012

DAMINELLI, E.N.; et AL.; Alterações hematológicas em pacientes infectados pelo vírus da imunodeficiência humana submetidos á terapia antirretroviral com e sem inibidores de rotease. Florianópolis- SC.; Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia. , V.32, p.3-4., 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para manejo da infecção pelo HIV em adultos; Brasília, 2013; p.49-190.

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual Técnico para o diagnóstico da infecção pelo HIV; Brasília; 2013; p.51

MAÇONARIA: POR TRÁS DE UMA VENDA

Resumo

Este trabalho tem por objetivo estudar a Maçonaria, tendo como participante, Antônio (nome fictício), maçom, de Guaratinguetá, interior de São Paulo. Por meio dele, torna-se possível conhecer algumas características necessárias para tornar-se um maçom, como a obrigação de ser do sexo masculino. Esse material serve de base para a produção de um livro- reportagem, que está sendo produzido para um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da faculdade. No âmbito profissional, o projeto proporciona a prática do Jornalismo por meio de leituras e encontros com o personagem, em que são testadas habilidades para buscar extrair o máximo de informações que o entrevistado tem a fornecer mesmo quando ele não está disposto a fazer isso. O estudo se justifica por se tratar de um assunto restrito aos integrantes dessa ordem e como consequência, desconhecido à sociedade. A fundamentação teórica deu-se à luz de Harwood (2014) e Lima (2009).

Palavras – chave: Maçonaria, Livro- reportagem, Passo a passo para tornar-se um maçom.

Abstract

This work aims to study the Freemasonry, with the participant, Antonio (not his real name), a Mason, of Guaratinguetá, São Paulo. Through it, it becomes possible to know some necessary characteristics to become a Mason, as the obligation to be male. This material is the basis for the production of a ledger report, which is being produced for a Work Course Conclusion (TCC) of college. In the professional, the project provides the practice of journalism by means of readings and meetings with the character, where skills are tested to seek to extract as much information that the interviewee has to provide even when he is not willing to do that. The study is justified because it is a small matter to the members of that order and as a result, unknown to society. The theoretical foundation gave to the light Harwood (2014) and Lima (2009).

Key - words: Masonry, Ledger report, step by step to become a Mason.

INTRODUÇÃO

O jornalismo pode ser praticado por qualquer integrante da sociedade seja na leitura de determinado assunto ou na publicação de vídeos e imagens na internet. No entanto, a função de um jornalista vai além de pesquisar determinada notícia. Ele é responsável em organizar todo o material que possa contribuir no projeto em que está envolvido. Com isso, é possível trabalhar na produção de um material jornalístico que busca atender à sociedade como um todo.

O presente trabalho: **Maçonaria, por trás de uma venda** é um exemplo disso, e tem como foco, apresentar conceitos e características desse grupo maçônico, que irão contribuir para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que estou realizando. O produto em questão, é um livro - reportagem cujo personagem principal, integra essa sociedade secreta. A pesquisa define ainda, como deve ser organizado um material como esse, por meio da linguagem e formato.

Nessa produção, o desafio, é obter a maior quantidade de informações possíveis, relacionadas aos procedimentos internos adotados pelos maçons já que dependendo do conteúdo exposto, pode haver sanções disciplinares adotadas pela Loja Maçônica. A proposta é expor uma reportagem que desperte no leitor em geral, a curiosidade em adquirir conhecimentos, sobre um grupo que não costuma divulgar as práticas do cotidiano que a afetam.

1. MAÇONARIA

Não há um conceito único de Maçonaria, fato esse, que contribui para a complexidade do assunto. No dicionário, ela é definida assim: “Sociedade filantrópica secreta que tem por símbolos os instrumentos do pedreiro e arquiteto”. (AURÉLIO, 2008). Já o historiador Jeremy Harwood, diz: “É uma sociedade universal de amigos que buscam se tornar pessoas melhores. Seus lemas são: companheirismo, integridade e boa cidadania” (HARWOOD, 2014, p. 6).

O “pedreiro” citado acima se justifica pelo fato dos maçons pensarem que ela teria descendência da Idade Média justamente sob a administração dos mestres de obra nas construções das igrejas. Quanto à filantropia, é uma instituição que não visa lucro e que usa parte de suas arrecadações ao bem estar humano independente de sexo, religião ou cultura (HARWOOD, 2014).

Outra teoria diz que a Maçonaria originou-se na Escócia, no século XIV, com os Cavaleiros Templários, grupo militar religioso que escoltava os cristãos na viagem à Terra Santa, após escaparem da França com o fim da Ordem que defendiam. O medo da perseguição teria feito que usassem o nome de Maçons Livres a fim de garantir a sobrevivência.

Já para o estudioso maçônico, Cassard, esse assunto apresenta uma definição mais ampla:

É uma escola de iniciação que não só instrui e desenvolve inteligência, como predispõe o espírito à compreensão do Absoluto. É obra de filósofos virtuosos, cuja ideia era introduzir na sociedade o estudo das ciências e convidar o homem ao exercício de culto simples e sem vislumbre de superstição. Verdadeira escola de sabedoria é a essência de todas as religiões. (CASSARD, apud RIGHETTO, 1993, p.20).

Com base nesse conceito, Armando Righetto, maçom da cidade de Passos, em Minas Gerais, conclui que a Maçonaria pode ser englobada simultaneamente em Templo já que respeita todas as crenças religiosas, escola, local em que se estudam além das ciências, as imagens e oficina onde há a reflexão da mente humana.

A partir das ideias apresentadas, concluímos que ela é um grupo formado por homens que procura desenvolver seus pensamentos por meio da fraternidade, lealdade e igualdade. Sendo assim, essa filosofia seria capaz de trabalhar na mudança do ser humano.

No Brasil, as primeiras Lojas Maçônicas teriam surgido do século XVIII para o XIV, no período colonial, nos estados da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. O compromisso dos maçons nessa época era tornar o país independente dos portugueses. Entre os líderes desse movimento, estavam: José Bonifácio, primeiro Grão – Mestre maçônico (diretor geral) que viria a ser o oficial da Independência e o jornalista Joaquim Gonçalves Ledo (HISTÓRIA, 2015).

Após deixar de ser colônia de Portugal, Dom Pedro I, maçom, que havia substituído Bonifácio no cargo de Grão- Mestre suspende as atividades da Maçonaria no país com o intuito de estabilizar a política local. As sessões só retornariam em 1831, quando o imperador retorna ao país de origem (HISTÓRIA, 2015).

Na libertação dos escravos, a Maçonaria esteve presente inicialmente com Eusébio de Queiroz, que idealizou a lei que extinguiu o tráfico de escravos, em 1850.

No entanto, o problema ainda não havia sido solucionado sendo parte dele, resolvido em 1872, com o surgimento da Lei do Ventre Livre, elaborada pelo Visconde do Rio Branco (maçom), em que as crianças nascidas de escravas, deixariam de ser exploradas. Neste período, as Lojas Maçônicas tentavam arrecadar dinheiro para conseguir comprar e em seguida, libertar os escravos. A alforria viria a ocorrer em 1888, com a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel (HISTÓRIA, 2015).

Além dos já citados, outros nomes conhecidos de nossa história fizeram parte desse grupo, como: Duque de Caxias, Rodrigues Alves (presidente) e Marechal Deodoro (FANTÁSTICO 2010). O escultor Aleijadinho, por exemplo, cujo pai era maçom, usava a formação dos três anjinhos de suas esculturas para se referir de forma discreta à Maçonaria já que a figura formava um triângulo, símbolo Maçônico e tornou-se algo comum em suas obras (NUNES, 2015). Já Rodrigues Alves, foi um dos maçons mais ilustres nascidos na Região do Vale do Paraíba, natural de Guaratinguetá, interior de São Paulo, presidiu o Brasil no período da República Velha de 1902 a 1906 (CARVALHO, 2012).

A Maçonaria esteve presente em outros fatos históricos ocorridos no país, como: Inconfidência Mineira, Proclamação da República. Não é de se estranhar, pois esses eventos relacionam-se a liberdade e igualdade, que são dois, dos três pilares dos maçons (FANTÁSTICO 2010). Esses acontecimentos costumavam ser organizados nas Lojas Maçônicas, nome dado ao local em que se reúnem. Na Inconfidência Mineira, por exemplo, foi representada pelos seguintes indagadores: Tiradentes, Alvarenga Peixoto, Manuel da Costa, Thomas Antônio Gonzaga. Enquanto que na Proclamação da República, todo o primeiro ministério era composto por maçons e quem foi responsável por essa organização: Quintino Bocáiuva, que havia sido Grão – Mestre da Maçonaria (PINTO; MIRANDA; ALLESSI, 2001).

No contexto histórico, os maçons também se fazem presentes nos Estados Unidos, principalmente em 1776, ano da Independência do país e no ano seguinte, na elaboração da constituição. Um dos responsáveis para que esses fatos ocorressem, é: Benjamin Franklin, diplomata e cientista, iniciado em 1732 na Filadélfia e que gerenciou a união das colônias americanas para que se tornassem uma nação livre. Ao todo, oito, em um total de 56 e 13 em um universo de 39, dos que assinaram a “liberdade americana” e a leis que a regeriam, respectivamente, eram maçons.

Até o momento, 15 presidentes norte-americanos foram maçons, entre eles, George Washington, primeiro a comandar o país (1789-1797) e que ingressou na Maçonaria em 1752 sendo declarado Grão-Mestre no ano seguinte. Quando assumiu a presidência, ele fez juramento sobre uma bíblia emprestada pela Maçonaria, a mesma na qual, o ex-presidente (2001-2009) George W. Bush realizou, no entanto, esse, nega que seja maçom (SAGEL; LENCINA, 2015).

A construção da cidade de Washington, que viria a ser a capital dos Estados Unidos, não recebeu esse nome por acaso afinal, ela foi fundada (1790) por quem a idealizou no caso, o primeiro presidente do país. Justamente por essa razão, a cidade apresenta diversos símbolos maçônicos, como o Monumento a G. Washington, a Casa Branca e o Capitólio. Os três juntos formam um triângulo retângulo em que a hipotenusa, é a Avenida Pensilvânia, que liga a residência dos presidentes ao congresso americano. Essa figura acaba representando o esquadro, imagem ligada à Maçonaria. Em 1782, o grupo passou a ser notado no aspecto econômico, mas precisamente nas notas de um dólar. No verso dela, existe uma pirâmide, símbolo maçônico, que é composta por três degraus e há, na parte superior, o que os maçons chamam de: “O olho

que tudo vê”, representando o “Grande Arquiteto do Universo” que no caso, seria Deus (SAGEL; LENCINA, 2015).

Os Estados Unidos receberam no ano de 1885, um presente da França pelo centenário da independência: A Estátua da Liberdade, que foi projetada por Frederic Bartholdi, Gustave Eiffel e Richard Hunt, maçons. Um ano antes, em 1884, a primeira pedra dessa construção foi colocada durante uma celebração maçônica, em Nova York (SAGEL; LENCINA, 2015). Fato esse, comprovado pela mensagem que existe próxima do objeto.

Neste local em 5 de agosto de 1884, a pedra angular da Estátua da Liberdade Iluminando o Mundo foi colocada com uma cerimônia de William A. Brotte, William A. Brodie, Grande Mestre Maçom do Estado de Nova Iorque. Membros da loja maçônica, representantes do Governo dos EUA e da França, oficiais do exército e da marinha, membros de Legações Estrangeiras e cidadãos ilustres estiveram presentes. Esta placa é dedicado aos maçons de Nova York, em comemoração do 100 ° aniversário daquele acontecimento histórico. (HIRAN, 2013)

De acordo com o escritor maçom Kenyo Ismail (2011), existe aproximadamente 1,5 milhão de norte-americanos que integram esse grupo, número que faz com que sejam a nação com a maior quantidade de integrantes no mundo, em um universo de 3 milhões. Em segundo lugar, aparece a Inglaterra perto dos 250 mil e na terceira posição, o Brasil, que apresenta pouco mais de 211 mil maçons distribuídos em 6 mil lojas.

1.1 ARQUITETURA E RITUALÍSTICA

As lendas e rituais costumam ser valorizadas pelos maçons em especial, o Templo do Rei Salomão, em Jerusalém, pois eles o consideram uma referência no rumo arquitetônico (HARWOOD, 2014). Por essa razão, adotam nas construções, símbolos semelhantes, como: colunas e o chão quadriculado, simbolizando a distinção do bem e do mal. A sistemática desse grupo faria que seguisse uma orientação: as Lojas, local onde ocorrem as reuniões dos maçons e que pode ser representada por casas ou edifícios, deveriam estar na direção Oriente e Ocidente já que era assim, que estava localizado o Santuário de Salomão. No entanto, não existem provas que liguem a Maçonaria com esse local, mas o cerimonial baseia-se nele.

Estudiosos bíblicos descrevem o Templo do Rei da seguinte forma:

Ele era cercado por altas muralhas construídas com pedra e madeira, com um pátio interno se estendendo a partir do próprio templo. Ao redor de todo o templo havia câmaras laterais, dispostas em três pisos. A entrada para o mais baixo era no lado sul do templo, com escadas conduzindo ao segundo e terceiro pisos. Não havia acesso direto das câmaras laterais ao templo. (HARWOOD, 2014, p. 68)

Quanto às colunas, são duas e recebem os nomes de Boaz e Jachin tendo três metros de altura, simbolizando força e o poder de Deus. Ambas estão localizadas na entrada do Santuário de Salomão sendo que, Boaz fica à esquerda e Jachin à direita sendo feitas de bronze.

A arquitetura fez com que filosofias, como planejamento e ordem fossem praticadas no cotidiano maçônico juntamente com as atividades que a regem. Ela é tão importante para os maçons, que a adotam com a seguinte definição: “Arquitetura

significa construir de acordo com o projeto e o propósito, e organizar em proporção e simetria.” (HARWOOD, 2014, p. 67).

Assim, que eles padronizaram as Lojas que haviam construído, os locais passaram a ser mobilhados e equipados tendo então, uma formação constante. A respeito da cor, utilizada como pintura nos templos, o azul é a predominante, pois representa amizade e afeição. Outros elementos, que marcam a decoração, são: o esquadro e o compasso, que simbolizam a caridade, o caráter e o amor fraterno, além dos Signos do Zodíaco, que servem para guiar o crescimento do homem maçônico. Esses sinais, não têm qualquer ligação com o horóscopo ou posicionamento dos planetas (HARWOOD, 2014). Para os maçons, eles possuem uma representatividade moral, material e ética.

‘Inseridas na ritualística da Maçonaria, estão os pensamentos hipotéticos originados da arquitetura, como a pedra lapidada utilizável em construções. Os maçons entendem que uma pedra bem trabalhada, representa conhecimento e uma não produzida, ignorância. Por essa razão, existe o seguinte procedimento: “Em algumas Lojas, um aprendiz recém-iniciado é chamado a simbolicamente lascar um pedaço da Pedra Bruta, para indicar que seu aprendizado começou” (HARWOOD, 2014, p. 62).

No entanto, o ritual maçônico foi elaborado em 1720, após a inauguração da primeira loja na Inglaterra. Sendo assim, foram estabelecidos três níveis: Primeiro Grau, chamado de Aprendiz, ou seja, quando a pessoa é iniciada na maçonaria usando uma venda nos olhos, o Segundo Grau é chamado de Companheiro quando o maçom precisa responder algumas perguntas que vão ser feitas a ele e o Terceiro Grau, o Mestre, quando fala as repostas de mais questões e há uma celebração, que lembra as duas fases anteriores (HARWOOD, 2014). Em todos os casos, a cerimônia é presidida pelo Venerável, cargo ocupado por um maçom experiente e que muda todos os anos.

1.2 Passo a passo para tornar-se um maçom

Com o que foi apresentado neste trabalho, é possível notar, que pessoas que ocuparam determinado cargo na sociedade, como D. Pedro I (imperador) e Benjamim Franklin (diplomata), eram maçons e conseqüentemente, possuíam uma condição financeira satisfatória. No entanto, para Antônio, esses não são quesitos fundamentais, no instante do convite a essa irmandade: “A Maçonaria busca homens de boa índole, que honrem seus compromissos e sem problemas externos, sejam eles de ordem financeira ou pessoal”.

Para mim, as informações apresentadas até então, eram pertinentes, mas não completas. Por essa razão, tive a oportunidade de conversar com ele novamente a fim de que fossem mais específicas e obtive os seguintes dados:

- Possuir aprovação da esposa/família;
- Ter uma situação financeira estável, mas não necessariamente ser rico;
- Ser convidado por outro maçom;
- A existência de “quase um conselho” antes da realização do convite;
- Ser do sexo masculino

A maçonaria não tem por objetivo semear a discórdia familiar e por essa razão, a esposa ou família, se solteiro, precisam autorizar o ingresso no grupo. O convite parte de outro maçom, mas antes que seja realizado, há uma reunião entre eles para conhecer mais sobre o possível companheiro e mais um requisito, é ser homem já que as Lojas

Maçônicas de mulheres, apesar de existirem algumas, ainda não são reconhecidas pelo grupo, pois seria necessário mudar o estatuto que as regem para que isso ocorresse.

Essa “espécie de conselho”, citada acima, visava ainda, tirar algumas dúvidas sobre a Maçonaria e esclarecer, a função das mulheres nela além, de checar a aprovação dos familiares. No entanto, esse processo de “entrada” demora alguns meses, em torno de três, pois existe um processo burocrático que envolve a documentação.

2. Livro – reportagem

Na obra, *Páginas Ampliadas*: o livro-reportagem como extensão da literatura, o professor e jornalista Edvaldo Pereira Lima, define o estilo desse trabalho: “O livro-reportagem é o veículo de comunicação impresso não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalísticos periódicos” (LIMA, 2009, p.26).

Com características oriundas do jornalismo, a produção de um livro-reportagem tem como finalidade: informar, orientar e explicar já que o tema escolhido, não costuma ser tão abordado pela mídia. As diferenças dele para os outros considerados comuns são as seguintes: conteúdo, o assunto relaciona-se ao ambiente real e o modo como é trabalhado já que o material possuído tem a montagem e edição do texto com o foco jornalístico apesar de ambos os casos, ser possível ver a presença de fotografias e ilustrações.

O estilo de obra o qual pretendo fazer é o **Livro – reportagem – depoimento**. No caso, ele representa um fato importante do ponto de vista de um personagem, é o ingresso à Maçonaria. Edvaldo Pereira Lima, falou em uma entrevista para o blog: Jornalismo Literário, os requisitos necessários para escrever um material como esse:

“Gostar de escrever, de contar histórias, de descobrir a realidade do mundo, gostar de gente para mergulhar em suas vidas com um olhar compassivo, uma mente alerta e um coração tranquilo” (MATOS, 2013).

Além do gosto pela escrita e em contar histórias, ele reforça:

Muita gente pensa que Jornalismo Literário requer um estilo narrativo “impressionista”, ego-centrado no autor. Nada longe da verdade quanto isto. Demanda você conhecer o legado de várias gerações que foram formando a tradição do Jornalismo Literário, experimentar, descobrir sua voz autoral em meio a isso e então sim, inovar, mas sabendo quais são as balizas e os parâmetros condutores da fascinante aventura que é você escrever histórias reais com sabor, profundidade, consistência, humanização e estilo próprio (MATOS, 2013).

Eduardo Belo (2013) apresenta algumas dicas na hora da produção de um livro-reportagem:

A primeira delas é contar cada fato que ocorre na história procurando detalhar cena a cena. A intenção disso é fazer com que o leitor imagine o ambiente da onde ocorreram os acontecimentos;

Para tornar a leitura mais agradável, é recomendável que não se repita a todo instante, as fontes que estão usadas no trabalho;

A transcrição dos diálogos de maneira detalhada ajuda a deixar o texto mais próximo da realidade;

Com o intuito de que o texto tenha coesão e não fique sem sentido, é importante fazer “ligações” entre um parágrafo e outro;

A última dica é tomar cuidado ao usar expressões que indicam tempo, como: “no ano passado”. Elas são comuns em jornais, meios de comunicação de circulação diária, mas que não fazem sentido em livros, que são materiais que podem ser lidos depois de vários anos.

Material e método

Para a realização desse trabalho, foram realizadas pesquisas em sites da internet, assistidos documentários, como História da Maçonaria no Brasil e as reportagens exibidas no programa Fantástico da Rede Globo sobre: simbologia e fatos históricos maçônicos. Além disso, ocorreram conversas com um integrante da Maçonaria de Guaratinguetá, no interior de São Paulo, que ajudaram a elucidar o tema estudado.

Considerações finais

O principal objetivo deste trabalho foi adquirir conhecimentos sobre a Maçonaria e conceituar o formato e a linguagem que devem empregados ao produzir um livro-reportagem. Ao realizar os estudos com base no livro de Jeremy Harwood: Maçonaria: Desvendando os Mistérios Milenares da Fraternidade: Rituais, Códigos, Sinais e Símbolos Maçônicos foi possível contextualizar como é um templo maçônico.

É importante salientar, que a Maçonaria teve uma função importante na sociedade por meio de acontecimentos históricos, como Independência do Brasil e até mesmo, na inauguração de monumentos que são visitados pela população: a Estátua da Liberdade.

Na conversa com Antônio, conhecemos alguns fatores, que os maçons consideram ao convidar alguém para fazer parte desse grupo, entre eles: o caráter.

Sendo assim, a finalidade do trabalho foi alcançada, tornado-se possível dar continuidade na produção do livro-reportagem, com uma linguagem que traga o leitor para o mais próximo possível da realidade, abordando assuntos e fazendo questionamentos a Antônio, como: a iniciação e as atividades maçônicas que são realizadas pelos maçons.

Referências

AMARIZ, Marlene. **Jornalista**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/profissoes/jornalista/>>. Acesso em: 8 maio 2015.

BELO, Eduardo. **Livro-Reportagem**. 2. ed. - São Paulo: Contexto, 2013

FANTÁSTICO: maçônicas estariam ligadas a fatos históricos do Brasil. Produção de Francisco Regueira. Intérprete: Zeca Camargo. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2010. (1min: 45s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Gd9SzDN4YIk>>. Acesso em: 12 maio 2015.

FANTÁSTICO: O Símbolo Perdido. Realização de Jorge Pontual. Washington: Rede Globo, 2010. (5min: 09s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6W255K-IXeo>>. Acesso em: 30 abril 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Aurélio**, 6 ed. rev. atualiz. – Curitiba: Positivo, 2008.

- HANS, Marcos. **Números e impressões da Maçonaria mundial e regional**. Disponível em: <http://www.freemasonsfreemasonry.com/numeros_maconaria_mundial.html>. Acesso em 7 maio 2015.
- HARWOOD, Jeremy. **Maçonaria: Desvendando os Mistérios Milenares da Fraternidade: Rituais, Códigos, Sinais e Símbolos Maçônicos**. 1ª ed. São Paulo: Madras, 2014.
- HIRAN, Filhos de. **A Estátua da Liberdade e a Maçonaria**. 2013. Notícias do GOEB, Grande Oriente Estadual da Bahia. Disponível em: <<http://goeb.com.br/noticias/goeb/490/a-estatua-da-liberdade-e-a-maconaria/?page=65>>. Acesso em: 27 jul. 2015.
- HISTÓRIA da Maçonaria no Brasil 1**. Música: Hino à Proclamação da República" Por Hinos Nacionais (itunes). [s.i]: Masoneria 357, 2015. (502 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o2jbBoBRhLc>>. Acesso em: 23 jul. 2015.
- HISTÓRIA da Maçonaria no Brasil 2**. Música: Hino à Proclamação da República" Por Hinos Nacionais (itunes). [s.i]: Masoneria 357, 2015. (529 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o2jbBoBRhLc>>. Acesso em: 23 jul. 2015.
- ISMAIL, Kenyo. **Maçonaria brasileira em números**. Disponível em: <<http://www.noesquadro.com.br/2011/04/maconaria-brasileira-em-numeros.html>>. Acesso em 30 abril 2015.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O Livro - Reportagem do Jornalismo e da Literatura**. 4ª ed. Barueri: Manole, 2009.
- MATOS, Jhonatan. **JL Entrevista: “Existe um interesse social por narrativas reais de qualidade”**. 2013. Jornalismo Literário jornalismo de autor, literatura da realidade, new journalism.... Disponível em: <<https://jornalismoliterarioblog.wordpress.com/tag/paginas-ampliadas/>>. Acesso em: 23 jul. 2015.
- NUNES, Barbosa. **CIDADE DE TIRADENTES E AS OBRAS DE ALEIJADINHO**. Disponível em: <[http://www.gobgo.org.br/detalhes_noticia.php?d29a1eac429ca806b8e4cd2a4233480dd29a1eac429ca806b8e4cd2a4233480dd29a1eac429ca806b8e4cd2a4233480dd29a1eac429ca806b8e4cd2a4233480d&idnt=18](http://www.gobgo.org.br/detalhes_noticia.php?d29a1eac429ca806b8e4cd2a4233480dd29a1eac429ca806b8e4cd2a4233480dd29a1eac429ca806b8e4cd2a4233480d&idnt=18)>. Acesso em: 12 maio 2015.
- PINTO, Sidney; MIRANDA, Ademílson José; ALLESSI, Fernando Antônio. **Museu Maçônico Paranaense: Quintino Bocaiúva - Cadeira 42**. 2001. Disponível em: <<http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/AcademiaPML/Patro-42.htm>>. Acesso em: 8 maio 2015.
- SAGEL, Gabriel; LENCINA, Gustavo. **Sociedades Secretas: A Maçonaria na América**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eglpYQuWDqQ>>. Acesso em: 27 jul. 2015.
- SANTIAGO, Emerson. **Governo de Rodrigues Alves**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/governo-de-rodrigues-alves/>>. Acesso em 12 maio 2015.

O CROWDFUNDING NO MERCADO EDITORIAL DO BRASIL: COMO CRIAR BOAS CAMPANHAS PARA MANTER A ATRATIVIDADE DO PROJETO

RESUMO

Este artigo aborda como assunto um novo modelo de negócio para viabilizar a execução de projetos, o *crowdfunding*, que visa arrecadar recursos financeiros, através de campanhas em site especializado em financiamento coletivo. Mais precisamente, aborda neste artigo, a utilização deste novo modelo no mercado editorial. A diferença entre o modelo tradicional já utilizado para a produção e lançamento de uma obra literária e a de moldes do *crowdfunding* é que, antes do processo de produção iniciar, todos os exemplares já estarão vendidos e já se sabe quem são os compradores. A Internet e as mídias sociais acabam se tornando a principal ferramenta e meio de comunicação entre o desenvolvedor do projeto e as potenciais pessoas que podem financiá-lo, permitindo assim, o lançamento de seu livro.

Palavras-chave: Crowdfunding; Financiamento coletivo; Campanhas para arrecadação; Estratégias de marketing.

ABSTRACT

This article discusses how to issue a new business model to create the execution of projects, called crowdfunding, which aims to raise funds, through campaigning website specializing in crowdfunding. More precisely, this article discusses the use of this new model in publishing. The difference between the traditional model already used for the production and launch of a literary work and the crowdfunding model is that, before production starts, all the volumes are already sold and the buyers area all known. The Internet and social networks end up becoming the main communication tool between the project developer and the potential people who can fund it, thus allowing the release of his book.

Key-words: Crowdfunding; Campaigns to collect; Marketing strategies.

INTRODUÇÃO

Com o contínuo avanço da facilidade de acesso a internet no Brasil e com a facilidade de compra de computadores, smartphones, tablets, entre outros, cada vez mais pessoas, principalmente das de classe média e baixa, conseguem estar conectados com o mundo virtual. As empresas e empresários sabendo disso, buscam então cada vez mais investir nas mídias sociais, visando estar sempre próximo a estas pessoas, estudando seu comportamento e interagindo com elas. Ainda devido a essa facilidade de acesso a internet, aparelhos e também com o aumento no número de internautas, surge então como consequência, uma grande oportunidade para se desenvolver novos negócios. Porém, como nem sempre as empresas, grupos ou pessoas possuem recursos financeiros para executar novos projetos, uma nova ferramenta vem ganhando espaço e adeptos: o *crowdfunding*.

O *crowdfunding* é um modelo estratégico de negócio baseado em campanhas, principalmente via internet, onde o responsável pela execução do mesmo, busca atrair pessoas para participarem, sendo essas participações com doações financeiras e em alguns casos, contribuindo também com sugestões para o produto ou serviço a ser desenvolvido. Uma das

vantagens do *crowdfunding* é permitir aos desenvolvedores e empresas, testarem a receptividade de novos produtos e serviços antes mesmo de serem lançados, possibilitando assim, um menor grau de erro e rejeição.

No Brasil, apesar do ritmo de crescimento ser menor se comparado aos Estados Unidos e Europa, já há quem utilize o *crowdfunding* como forma de arrecadar recursos financeiros para executar seus projetos, sendo o modelo de Recompensa o mais utilizado. Vale ressaltar também que, as áreas em que mais possuem interessados em investir, são as áreas relacionadas a projetos artísticos, culturais, sociais, ambientais e com viés empreendedor.

Em se tratando de mercado editorial, no qual será abordado neste artigo, o ritmo de crescimento do *crowdfunding* Brasil é ainda menor, e está começando aos poucos a ser utilizado e procurado por escritores e artistas independentes, para viabilizarem seus projetos. A diferença entre o modelo tradicional para a produção e lançamento de uma obra literária e a de moldes do *crowdfunding* é que, antes do processo iniciar, todos os exemplares já estarão vendidos e já se sabem quem são os compradores. Vale destacar também que, a internet e as mídias sociais, são as principais ferramentas que podem fazer a diferença para quem deseja utilizar o *crowdfunding*.

Por fim, é muito importante, para que se obtenha sucesso no projeto, criar uma boa campanha de *crowdfunding*. É necessário atentar-se a todas as etapas e aos seguintes detalhes que despertarão e manterão o interesse do futuro apoiador/interessado a financiar o projeto: Título da campanha, Recompensa da campanha, Texto e Layout, Mídias sociais, Prazo da campanha e Meta da campanha.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Conceitos de *crowdfunding*

O termo *crowdsourcing* foi cunhado por Jeff Howe na edição de junho de 2006 da Revista Wired. Ele é um modelo de produção que utiliza a inteligência e os conhecimentos coletivos espalhados pela internet, de forma voluntária, para obter ideias, arrecadar dinheiro, e solicitar sugestões e soluções para o desenvolvimento de produtos/serviços. Encontra-se na literatura quatro categorias básicas de *crowdsourcing*: a inteligência coletiva, a criação pelo público, preferências do público e o financiamento coletivo (ou o *crowdfunding*) (HOWE, 2008 apud Monteiro, 2014). O conceito de *crowdfunding* pode ser melhor entendido se separado o nome em *crowd* que, em inglês, significa “multidão”; e *funding*, que significa “financiamento”.

Segundo Maximiliano (2014) esse conceito de financiamento coletivo já existe desde o séc. XVIII onde mercadores irlandeses deram origem a microfinanciamentos para produtores rurais de sua região, como forma de viabilizar suas pequenas produções familiares para serem vendidas nos mercados. A base do microfinanciamento estava na rede de contatos dos mercadores e quem eles indicavam, em uma clara expressão do uso da “rede social” individual para validar as operações (credibilidade do networking). O autor complementa ainda, que no modelo atual, o marco inicial seria o uso da rede social, por uma banda de rock inglesa, para montar sua turnê nos EUA, pedindo a seus fãs norte-americanos doações equivalentes a 60.000 dólares para que os shows fossem viáveis.

O financiamento coletivo (*crowdfunding*) consiste na obtenção de capital para iniciativas de interesse coletivo através da agregação de múltiplas fontes de financiamento, em geral pessoas físicas interessadas na iniciativa. É usual que seja

estipulada uma meta de arrecadação que deve ser atingida para que o projeto seja viabilizado. MAXIMILIANO (2014)

2.1.1. Vantagens do *crowdfunding*

Com a indústria do *crowdfunding*, desenvolvedores e empresas começaram a testar a receptividade de novos produtos e serviços antes mesmo de serem lançados. Com protótipos bem desenhados e funcionais, formatam projetos interessantíssimos e divulgam em sites com essa finalidade, numa busca pela validação da ideia, do conceito, do design. (Maximiliano, 2014)

Segundo Kotler e Keller (2011), a era da informação promete levar a níveis de produção mais precisos, uma comunicação mais direcionada e a uma determinação de preço com base mais consistente. Nesse contexto, o *crowdfunding* permite que as estratégias estabelecidas tenham mais chance de sucesso e seja mais atrativo ao consumidor final.

As pessoas não apoiam projetos de *crowdfunding* porque são obrigadas, elas apoiam porque querem, é uma participação voluntária (BELLEFLAMME *et al*, 2010, apud Monteiro, 2014).

Potenciais apoiadores, por não serem financiadores profissionais, têm menos exigências quanto à qualidade das informações requeridas em comparação com as instituições financeiras (SCHWIENBACHER e LARRALDE, 2010 *apud* Monteiro, 2014). Nesse contexto, o escritor ou o responsável pelo projeto, consegue administrar melhor as informações a respeito do produto.

2.1.2. Os riscos do *crowdfunding*

Maximiliano (2014) divide os riscos em três etapas:

- ✓ **Operacionais:** conseguir explicar aos investidores e ao mercado o que você faz e como serão suas receitas e lucros é basicamente tudo!
- ✓ **Financeiros:** um dos riscos pode ser o excesso de arrecadação, onde se pode ter dificuldade em atender o excedente; outro risco pode ser o excesso de despesas dos projetos.
- ✓ **Legais:** a responsabilidade por projetos ativados e não concluídos ou ainda a convivência com projetos ilegais.

Existem dois aspectos explicados por Monteiro *apud* Agrawal *et. al.* (2013), que são comuns durante o processo da campanha no *crowdfunding*: as informações e ações ocultas inerentes ao projeto. Os apoiadores ficam inertes à campanha, não sabem exatamente das informações necessárias para verificar se o projeto terá continuidade ou não, e quando os projetos seguem adiante podem encontrar dificuldades em receber o material financiado, não sabem se os idealizadores estão sendo capazes de cumprir o que lhes foi prometido.

Também é possível detectar algumas fraudes em campanhas de *crowdfunding*, porém, normalmente não vão adiantes, já que conforme um levantamento realizado pelo Banco Mundial em 2013 há transparência durante o processo de campanha de *crowdfunding*, as pessoas expõem suas dúvidas, desconfia de postagens suspeitas, o que faz com que as fraudes sejam reveladas e sejam excluídas das plataformas. (MONTEIRO, 2014 *apud* WORLD BANK, 2013).

Outro risco que se pode encontrar é o fato do projeto, mesmo obtendo a arrecadação de fundos necessários à sua produção, não consegue ser concluído conforme foi publicitado. A responsabilidade é das plataformas, que neste caso devem levar em consideração questões de logísticas, fiscais, entre outros elementos. (MONTEIRO, 2014 *apud* WORLD BANK, 2013).

Conforme Monteiro *apud* Mollick (2013), apenas 24,9% das plataformas conseguem entregar na data planejada.

2.1.3. Tipos de campanhas de *crowdfunding*

No Brasil, o tipo de campanha mais utilizado, segundo Monteiro *apud* Assis (2014), é o baseado em recompensas, porém abaixo seguem os quatro modelos conhecidos para as campanhas de *crowdfunding*:

- ✓ **Baseado em recompensas:** Neste tipo de campanha os idealizadores exibem seu projeto nas plataformas para captação de recursos. É estabelecido uma meta e um prazo para que se possa atingir o objetivo. Caso essa meta seja atingida os apoiadores receberão recompensas, que podem ser desde a divulgação de seu nome em filmes, participar na criação de produtos, ou até mesmo conhecer os criadores de um projeto. Neste modelo os apoiadores são vistos como clientes especiais, sempre possuem algum benefício por patrocinarem a campanha.
- ✓ **Baseado em doações:** Neste modelo os interessados apoiam causas sociais e filantrópicas, sem esperar algum retorno de suas doações.
- ✓ **Pequenos empréstimos:** No Brasil este tipo de financiamento não está presente devido à sua legislação, porém no exterior é um dos mercados de maior potencial. Pode ser conhecido como um modelo de microfinanças a um empreendedor, onde quem empresta está mais interessado no bem social do que do retorno advindo deste empréstimo.
- ✓ **Compras de ações de empresas nascentes:** Neste tipo de campanha, os apoiadores ajudam a startups a darem início nas atividades de suas empresas e em troca participam dos lucros dos negócios, como sócios deste novo empreendimento.

2.1.4. Modelos de financiamentos de *crowdfunding*

De acordo com Monteiro *apud* Gerber e Hui (2014), as plataformas de *crowdfunding* trabalham com dois modelos de financiamentos: “tudo ou nada” (*all or nothing*) ou “tudo e mais” (*all or more*). No modelo “tudo ou nada”, caso não consiga atingir a meta estabelecida o projeto não será realizado e os valores serão devolvidos aos apoiadores. Porém, é importante que o idealizador verifique as falhas no processo de sua campanha, que continue mantendo contato com os apoiadores, assim poderá melhorar e aperfeiçoar seu produto ou serviço. No modelo “tudo e mais”, mesmo que a meta não seja atingida, os idealizadores angariam os fundos que foram arrecadados.

Monteiro (2014) diz ainda que existem plataformas que trabalham com estes dois modelos de financiamentos.

2.2. O *crowdfunding* no Brasil

No Brasil, diferente do panorama internacional - como nos Estados Unidos e Europa, o ritmo de crescimento do modelo do *crowdfunding* ainda é bem lento (SETTI e CRUZ, 2011).

Conforme levantamento realizado pelo GLOBO, em 2011, 67,7% do total de investimento foi destinado para projetos artísticos, como livros e filmes, enquanto 28,83% ficaram para a criação ou produtos e 3,40% para iniciativas de cunho social (SETTI e CRUZ, 2011).

Uma pesquisa realizada pela Catarse & Chorus (2014) no Brasil, aponta que 52% de seus entrevistados tem interesse em apoiar projetos artísticos e culturais de forma independente,

41% para projetos com viés social e/ou ambiental e 24% com viés empreendedor, que viabilizem novas empresas.

O *crowdfunding*, assim como com qualquer projeto inovador (SETTI e CRUZ, 2011), sofre por conta de entraves relacionados à legislação brasileira (ASSIS, 2014). O site para microempreendedor *Impulso.org.br* teve que ajustar os empréstimos dos apoiadores em doações, para se ajustar às leis do país (SETTI e CRUZ, 2011). Encontra-se todos os modelos de plataformas no país, exceto de empréstimo, pois de acordo com a lei nacional, isso somente deverá ser realizado por instituições financeiras (SETTI e CRUZ, 2011).

De acordo com Papp e Aguilhar (2012), o *crowdfunding* no Brasil se consolidou principalmente como modelo de apoio a projetos culturais, onde a plataforma mais utilizada é o *Catarse*, que cobra em torno de 13% do total que se arrecada para financiar o projeto.

Para Monteiro *apud* Benfeitoria (2014b), as plataformas de *crowdfunding* cobram uma taxa entre 5% a 15% sobre os recursos captados, porém existem plataformas que não cobram nada nenhuma comissão, que é o caso da *Benfeitoria*.

Em 2009, entrou em operação o primeiro site no Brasil no modelo de financiamento coletivo, chamado de *Vakinha*, onde o responsável definia o que gostaria de receber, estipulava o valor, e amigos, parentes, inclusive seus contatos das redes sociais, o ajudavam a atingir essa compra. Porém, segundo Monteiro (2014) *apud* Moreira (2011) e Cocate e Junior (2012), somente em 2011 é que se instalou no Brasil as plataformas de *crowdfunding* como as do exterior.

Segundo o site *Meu Financiamento Coletivo* (2014), que oferece aos possíveis idealizadores de campanhas para financiamentos coletivos, podem arrecadar fundos:

- ✓ ONGs para seus projetos sociais;
- ✓ Ativistas para suas causas;
- ✓ Artistas para lançar seus CDs, DVDs, shows, e outros;
- ✓ Atletas para seus treinos, viagens e competições;
- ✓ Gamers para lançar seus games e jogos;
- ✓ Cineastas para viabilizar seus filmes e webséries;
- ✓ Startups para lançar produtos ou uma nova empresa;
- ✓ Jornalistas e escritores para custear a produção de livros;
- ✓ Estudantes para financiar seus estudos;
- ✓ Clubes para custear a compra de uniformes, competições e outros;
- ✓ Circos para viabilizar espetáculos e suas viagens pelas cidades;
- ✓ Teatro para suas produções teatrais.

2.2.1. O *crowdfunding* no mercado editorial do Brasil

O *crowdfunding* é algo relativamente novo no país, são procurados por artistas independentes para viabilizarem seus projetos, porém o *crowdfunding* para livros ainda parece estar crescendo mais lentamente. (KAYNA, 2013).

A ideia da plataforma para esse tipo de financiamento acontece da seguinte maneira: ela recebe a proposta da campanha do interessado da obra literária, analisa, aprova e coloca disponível na internet para os apoiadores, que deverão por sua vez colaborar em dinheiro, cartão de crédito ou boleto. Caso o projeto atinja a meta necessária para a realização da produção do livro, a editora/plataforma viabilizará a produção e distribuição do mesmo. (SOBOTA, 2014).

A plataforma Bookstart projeta para os próximos 18 meses publicar entre 20 e 25 obras literárias, com uma venda de 1,1 mil exemplares mensais. (SOBOTA, 2014).

Para Breno Barreto, um dos fundadores da *Bookstorming*, em entrevista concedida à Sobota (2014), exemplifica o trabalho do *crowdfunding* neste mercado editorial ao dizer:

“O *crowdfunding* permite apresentar uma ideia que poder ser um sucesso, mas sem riscos: se não funcionar com o público, ninguém perde dinheiro.”

Sobota (2014) ainda afirma que a diferença entre o modelo tradicional para realização de uma obra literária e a de moldes do *crowdfunding* é que antes do processo iniciar todos os exemplares já estão vendidos, já se sabem quem são os compradores. A ideia para financiamento de livros não começou recentemente, pelo contrário, as obras em quadrinhos já possuíam este modelo de ajuda, por meio da plataforma *Catarse*, que conseguiram montar uma estrutura eficiente de *crowdfunding*.

2.2.2. Entendendo o perfil dos apoiadores

A segmentação do mercado, a ideia mais recente para dirigir a estratégia de Marketing, não começa distinguindo as possibilidades do produto, mas distinguindo os grupos de clientes. (KOTLER, 1980).

Conforme aponta a pesquisa realizada pela Catarse & Chorus (2014) no Brasil, numa escala de importância de 1 a 100, seguem os fatores que importam na hora de apoiar um projeto:

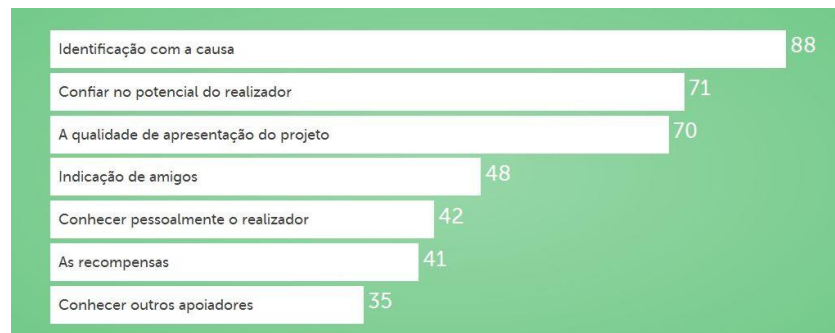


Figura 1 – “Quais fatores importam na hora de apoiar um projeto?”

Fonte: Pesquisa Retrato do Financiamento Coletivo no Brasil 2013/2014 – Catarse & Chorus

Cada vez mais, os consumidores estão em busca de soluções para satisfazer seu anseio de transformar o mundo globalizado num mundo melhor. Os consumidores já não são mais indivíduos isolados, agora estão conectados uns aos outros. Suas decisões não são mais inconscientes; ao contrário, são bem fundamentadas em informações (KOTLER, KARTAJAYA e SETIAWAN, 2010). E estes autores ressaltam também que os consumidores estão não apenas buscando produtos e serviços que satisfaçam suas necessidades, mas também buscando experiências e modelos de negócios que toquem seu lado espiritual.

2.2.3. Etapas para criação de uma campanha

Para se criar uma boa campanha de *crowdfunding* é necessário atentar-se a alguns detalhes importantes que despertarão e manterão o interesse do futuro apoiador/interessado a financiar o projeto (ANDRADE, 2015):

- ✓ **Título da campanha:** deve ser um nome criativo, curto, que chame a atenção do apoiador, pois aparecerá nos sites e nas redes sociais; deve ser capaz de se “vender” automaticamente. O título deve demonstrar o objetivo da campanha e fazer com que o futuro apoiador fique interessado em obter mais informações sobre o projeto.
- ✓ **Recompensa da campanha:** É o diferencial da campanha, nem sempre precisa ser algo físico para se oferecer ao apoiador do projeto, pode ser, por exemplo, uma experiência única com um artista. A recompensa pode ser o fator predominante para o sucesso da campanha.
- ✓ **Texto e Layout:** Deve compreender o texto que defenda a importância do projeto, do por que merece obter as contribuições. É importante dizer também o que será feito com os valores obtidos, deixar a mensagem clara para os leitores dará maior credibilidade ao projeto. Podem-se usar também imagens, gráficos, vídeos, tudo para que enriqueça e deixe a campanha atrativa.
- ✓ **Mídias sociais:** As mídias sociais devem estar explícitas na página da campanha/projeto. É recomendável que se use as mídias sociais no planejamento de marketing mesmo após o lançamento do projeto. O Facebook é um dos canais de mídias sociais mais utilizados pelos idealizadores. Os canais das mídias sociais representam em torno de 90% da arrecadação total de uma campanha.
- ✓ **Prazo da campanha:** O prazo para arrecadação de valores também deve ser estipulado pelo idealizador da campanha, que normalmente não ultrapassa 60 dias. Não deve ser um prazo muito curto, assim o projeto pode não ter tempo para arrecadar os fundos necessários, nem muito longos, pois os possíveis interessados podem deixar para colaborar em outro momento e se esquecem de voltar à página do projeto.
- ✓ **Meta da campanha:** A meta da campanha deve ser um valor realista, que deve incluir os custos para a produção do projeto, custos para produção e envio das recompensas, valor da taxa cobrada pela plataforma de financiamento e taxa percentual para margem de erro. A soma dos custos acima será o mínimo necessário para realizar a produção do projeto.

2.3. Como manter a atratividade da campanha

Segundo Sampaio (2013), para se destacar no panorama geral e ser percebido e absorvido pelo consumidor, um anúncio precisa ser diferente, original, interessante. Depois, para que funcione, é necessário que seu conteúdo seja pertinente ao objetivo de comunicação do anunciante e a forma de transmissão dessa mensagem seja eficiente.

Kim e Mauborgne (2005) aponta que a boa estratégia de uma campanha tem uma mensagem consistente e convincente. Uma boa mensagem não só deve ser clara, mas também anunciar uma oferta verdadeira, para que os clientes não percam a confiança e o interesse.

A grande vantagem da campanha de propaganda é essa integração entre suas peças, evitando canibalização entre as mensagens e concentrando os esforços de comunicação em torno do que é mais importante a ser transmitido e compreendido pelos consumidores. Evidentemente, modernizações, correções de rumo ou ênfases, introdução de novos elementos e outras alterações podem e devem ser periodicamente realizadas. SAMPAIO (2013).

A pesquisa de Catarse & Chorus (2014) revela ainda sobre o porquê de o projeto ter obtido sucesso, conforme indica os fatores abaixo. Observa-se que 22% dos entrevistados acreditam que uma boa campanha de divulgação é fator predominante para que o projeto

consiga atingir seu objetivo.

Boa campanha de divulgação	22%
Amigos e familiares apoiaram em peso	16%
Projeto relevante para um grande número de pessoas	15%
Boas recompensas	12%
Investimento elevado de apoiadores	12%
Projeto saiu na mídia	11%
Auxílio da equipe da plataforma	9%
Outros	3%

Figura 2 – “Por que o projeto foi bem sucedido?”

Fonte: Pesquisa Retrato do Financiamento Coletivo no Brasil 2013/2014 – Catarse & Chorus

Em contra partida, a pesquisa (CATARSE & CHORUS, 2014) informa também que dentre os fatores que fazem um projeto não conseguir ser bem sucedido é justamente o mesmo que o faz ser bem sucedido, ou seja, uma campanha de divulgação insuficiente é responsável por não ajudar na campanha de um projeto de financiamento coletivo, com 22% da opinião dos entrevistados.

Campanha de divulgação insuficiente	22%
Menos pessoas do que eu imaginava de fato apoiaram	19%
Faltaram apoiadores para os maiores valores	9%
O público alvo não conhecia financiamento coletivo	9%
Valor pedido foi muito alto	9%
Pessoas se sentiram inseguras de contribuir com o projeto	8%
Recompensas não eram interessantes	6%
Tema muito específico	5%
Meus apoiadores não conseguiram realizar pagamento online	5%
Outros	6%

Figura 3 – “Por que o projeto não foi bem sucedido?”

Fonte: Pesquisa Retrato do Financiamento Coletivo no Brasil 2013/2014 – Catarse & Chorus

Segundo Santos (2014), a taxa de fracasso dos projetos no Brasil, por não conseguirem atingir a meta estipulada, gira em torno de 40% a 50%.

Para Kayna (2013), dentre os aspectos que diferenciavam um projeto aprovado daquele que não foi financiado, foi destacado que: projetos cadastrados no site sem o devido planejamento, com descrições incompletas – até mesmo sobre o conhecimento dos valores envolvidos, sem plano de divulgação, foram os que pleitearam valores menores para o financiamento do projeto, inclusive alguns não receberam nenhum apoio. Enquanto os projetos que conseguiram ou estão perto de chegar à meta estabelecida tem a seu favor as seguintes características: descrição bem mais detalhada do projeto, recompensas aos apoiadores (como brindes, personalização de exemplares, entre outros) e informações pertinentes sobre a utilização dos valores que estavam sendo solicitados.

Monteiro *apud* Mollick (2013) afirma que o dono do projeto deve manter seus

apoiadores sempre informados sobre todo o processo e a divulgação de cada etapa deve ser divulgada, pois assim os apoiadores terão confiança em seus projetos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de financiamento coletivo, ou *crowdfunding*, vem ganhando mais destaque nos países pela sua abordagem humanizada que vem de encontro com o sentimento de colaboração que permeia a sociedade, é onde apoiadores se encontram com boas ideias que agregam valor à sociedade. No entanto, esse modelo de negócio é uma prática bem antiga, porém, o que aumentou a visibilidade e o acesso à esse negócio foram as mídias sociais, que conseguem alcançar com mais rapidez e assertividade a rede de relacionamento do autor do projeto, assim como outras pessoas com perfil apoiador.

Assim como em outros tipos de negócios, encontram-se vantagens e desvantagens na prática do *crowdfunding*. A nível de dono do projeto verifica-se muitas vantagens no processo, no entanto necessita de um bom projeto e verificação em todas as fases, pois como muitos autores apontam, correções de trajeto e adaptações devem ser feitas para que a campanha mantenha um desenvolvimento linear a fim de atender o tempo e a receita necessária para a validação do projeto. Aos apoiadores é recomendável atenção quanto à legitimidade e aplicação do projeto a ser apoiado e do site onde a campanha se desenvolve.

O sucesso de uma campanha de *crowdfunding* se apoia no planejamento bem estruturado, valores bem estudados, um *start* de campanha eficiente e principalmente uma boa comunicação. Toda informação sobre o projeto deve ser comunicada de forma clara ao público, desde seu acesso como apoiador, as recompensas, e quando e como será o processo de recebimento dessas recompensas.

O *crowdfunding* se apresenta, portanto, como uma oportunidade aos empreendedores e escritores de publicarem suas obras, utilizando como geradores de recursos sua rede de contatos. E quanto maior o envolvimento de seus apoiadores, mais pessoas serão atingidas através das mídias sociais, maximizando o alcance na campanha.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lisa. Como criar uma Campanha de Financiamento Coletivo. Disponível em: <<http://www.meufinanciamentocoletivo.com.br/aprenda/como-criar-campanha-financiamento-coletivo/>>. Acesso em: 07/07/2015.

ASSIS, N. Crowdfunding ainda é muito associado ao assistencialismo, Diário do Comércio. Disponível em: <http://diariodocomercio.com.br/noticia.php?tit=crowdfunding_ainda_e_muito_associado_ao_assistencialismo&id=134623>. Acesso em: 06/07/2015.

CATARSE & CHORUS. Retratos do Financiamento Coletivo no Brasil 2013/2014. Disponível em: <<http://pesquisa.catarse.me>>. Acesso em: 06/07/2015.

COCATE, F. M. e JUNIOR, C. P. *Crowdfunding: estudo sobre o fenômeno virtual*. Volume 15, nº29, São Paulo, Libero, 2012.

HOWE, J. Therise of crowdsourcing. Disponível em <<http://www.wired.com/wired/archive/14.06/crowds.html>>. Acesso em 05/07/2015

KAYNA, Maurem. Crowdfunding para livros. Disponível em <<http://www.mauremkayna.com/crowdfunding-para-livros/>>. Acesso em: 06/07/2015.

KIM, W. Chan; MAUBORGNE, Renée. *A estratégia do oceano azul - Como criar novos mercados e tornar a concorrência irrelevante*. 13ª edição, Rio de Janeiro, Campus-Elsevier, 2005.

KOTLER, Philip; *Livro Marketing - edição compacta*, tradução: H.de Barros. São Paulo, Atlas, 1980.

KOTLER, Philip e KELLER, K. Lane. *Administração de Marketing*. 12ª edição, São Paulo, Pearson, 2011.

MONTEIRO, Monica de Carvalho Penido. Dissertação Crowdfunding no Brasil: Uma análise sobre as motivações de quem participa. Dissertação de Mestrado Profissional Executivo em Gestão Empresarial, da Fundação Getúlio Vargas. 2014. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/13384/Dissertacao%20-%20Monica%20Penido%20Monteiro%20-20Versao%20Final_aprovada.pdf?sequence=1>. Acesso em: 06/07/2015.

PAPP, Ana Carolina; AGUILHAR, Ligia. Financiamento coletivo é nova forma de consumo. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/financiamento-coletivo-e-nova-forma-de-consumo/>>. Acesso em: 06/07/2015.

SAMPAIO, Rafael; *Propaganda de A a Z*. 4ª edição, Rio de Janeiro, Campus, 2013.

SANTOS, Gustavo Luiz Ferreira. Significados da experiência para apoiadores de projetos musicais de crowdfunding: relacionamentos, participação e consumo cultural em tempos de cibercultura e letramento digital. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós- Graduação em Comunicação, Setor de Artes, Comunicação e Design, da Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2014. Disponível em

<<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/35752/R%20-%20D%20-%20GUSTAVO%20LUIZ%20FERREIRA%20SANTOS.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 06/07/2015.

SETTI, R. CRUZ, M. Modelo de financiamento pela web, ‘crowdfunding’ avança no Brasil. Mas há barreiras. Globo.com, Tecnologia. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/modelo-de-financiamento-pela-webcrowdfunding-avanca-no-bra-sil-mas-ha-barreiras-2773332>>. Acesso em: 06/07/2015.

SOBOTA, Guilherme. Plataformas de crowdfunding movimentam mercado editorial. Disponível em:

<cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,plataformas-de-crowdfunding-movimentam-mercado-editorial,1513093>. Acesso em: 06/07/2015.

A LOGÍSTICA REVERSA DAS EMBALAGENS DE CAIXAS DE PAPELÃO E SEU IMPACTO AMBIENTAL

RESUMO

O trabalho tem como proposta inicial, oferecer aos leitores uma visão geral da relação da logística reversa das embalagens de caixas de papelão com o meio ambiente e mostrar alguns benefícios que a reciclagem de papelão traz tanto para o meio ambiente quanto para a empresa que a realiza. Os resultados obtidos foram realizados por meio de sites relacionados ao tema, visita "in loco" a uma empresa do ramo e pesquisas bibliográficas em artigos onde autores escreveram sobre a necessidade das organizações adotarem sistemas sustentáveis de crescimento por meio da logística reversa, minimizando desta maneira o corte de milhares de árvores, que são a matéria-prima para a produção de caixas e embalagens de papelão. Espera-se que esse trabalho possa trazer o conhecimento às pessoas sobre a importância da logística reversa para a sociedade, as empresas e o meio ambiente.

Palavras-chave: logística reversa, reciclagem de papelão, impacto ambiental e meio ambiente.

ABSTRACT

The Working has as an initial proposal , offer readers an overview of the relationship of reverse logistics of cardboard boxes packaging with the environment and Show Some Benefits That Cardboard recycling brings both FOR the Environment As for a company that a Performs . The results obtained Were Achieved in buy media by topic, visit "in loco " the Company A Branch and Bibliographic Research in articles where authors wrote on the need of organizations to adopt Sustainable Systems in Growth Half of reverse logistics , minimizing this way cutting of thousands of trees , that are one matter - one paragraph press boxes Production and cardboard packaging . It is expected que This work MAY bring knowledge to people about the importance of reverse logistics a society, as EO Business Environment.

Key-words: reverse logistics, cardboard recycling, environmental impact and the environment.

INTRODUÇÃO

As legislações ambientais estão cada vez mais rígidas, devido a isso o controle sobre o uso e a responsabilidade dos fabricantes diante dos produtos estão ampliando. Tradicionalmente, os fabricantes não se sentem responsáveis pelos produtos após o seu consumo (DAHER, 2006). A maioria dos produtos que é utilizado, tornam-se lixo sem ser reutilizado, causando grandes impactos ambientais.

Logística reversa entende-se como um processo que agrega à logística tradicional, pois enquanto a última tem o papel de levar produtos de origem dos fornecedores até os clientes intermediários ou finais, a logística reversa completa esse ciclo, onde os produtos já utilizados de diferentes pontos de consumo, retornando até sua origem. No processo da logística reversa, os produtos passam por uma etapa de reciclagem e retornam à cadeia até ser finalmente descartado, gerando o "ciclo de vida do produto". (WILLE, 2012)

A logística reversa agrega valores de diversas naturezas: econômica, como melhoria na competitividade e apreciáveis retornos financeiros, ecológica, preservando e diminuindo os impactos negativos ambientais tais como: menos uso de água e energia, diminuição de lixões e aterros, controle legal, impacto na imagem entre outros.

Neste trabalho é apresentada uma análise da inter-relação entre logística reversa, seu impacto ambiental, e a consciência ambiental.

O trabalho tem como proposta inicial, oferecer aos leitores uma visão geral da relação da logística reversa das embalagens de caixas de papelão com o meio ambiente e mostrar alguns benefícios que a reciclagem de papelão traz tanto para o meio ambiente quanto para a empresa que a realiza. Os resultados obtidos foram realizados por meio de sites relacionados ao tema,

uma visita “in loco” a uma empresa do ramo e pesquisas bibliográficas em artigos onde autores escreveram sobre a necessidade das organizações adotarem sistemas sustentáveis de crescimento através da logística reversa, minimizando desta maneira o corte de milhares de árvores, que são a matéria-prima para a produção de papelão.

Em suma, pode-se observar que a logística reversa é uma ferramenta que pode trazer uma contribuição eficaz para preservar o meio ambiente, principalmente às empresas que têm consciência ambiental e comprometimento social.

1. Logística Reversa

Diariamente, vários produtos, de diversos modelos são lançados e também descartados no meio ambiente. O ciclo de vida dos produtos está cada vez mais reduzido, o que acentua a descartabilidade, obsolescência rápida, pouco uso, entre outros (LEITE, 2009). Perante tais fatos é importante o tratamento adequado destes produtos para que não sejam simplesmente lançados no meio ambiente, mas sim, retornem ao ciclo de negócios, seja para um reaproveitamento, reutilização ou descarte correto.

Nas palavras de Leite (2009) logística reversa é

a área da logística empresarial que planeja, opera e controla o fluxo e as informações logísticas correspondentes, do retorno dos bens de pós-venda e de pós-consumo ao ciclo de negócios ou ao ciclo produtivo, por meio dos canais de distribuição reversos, agregando-lhes valores de diversas naturezas: econômico, de prestação de serviços, ecológico, legal, logístico, de imagem corporativa, dentre outros. (LEITE, 2009, p.17).

O autor acima salienta a possibilidade de agregar valor a produtos que muitas vezes vão para o lixo. Caso a revalorização destes produtos não seja possível, os mesmos devem ser descartados, mas de maneira adequada.

Logística reversa pode ser dividida em duas grandes áreas: logística reversa de pós-venda e pós-consumo. A primeira constitui-se basicamente por aqueles produtos que são devolvidos por razões comerciais, erros em processamento de pedidos, dentre outros. A segunda caracteriza-se por aqueles produtos já adquiridos, utilizados e descartados pelo consumidor, mas que podem retornar ao seu ciclo produtivo, através canais reversos de pós consumo como de reciclagem, de reuso e de desmanche. (https://endeavor.org.br/logistica-reversa/?esvt=-b&esvq=_cat%3Aendeavor.org.br&esvadt=999999---1&esvcrea=66516330805&esvplace=&esvd=c&esvaid=50078&gclid=Cj0KEQjwu-CuBRCQ2byQtMep7e0BEiQABQKlkXr9lqfR3JxTp0GMfgecx4YoMPrbC8ggSmsF4BIUJTMaArIr8P8HAQ)

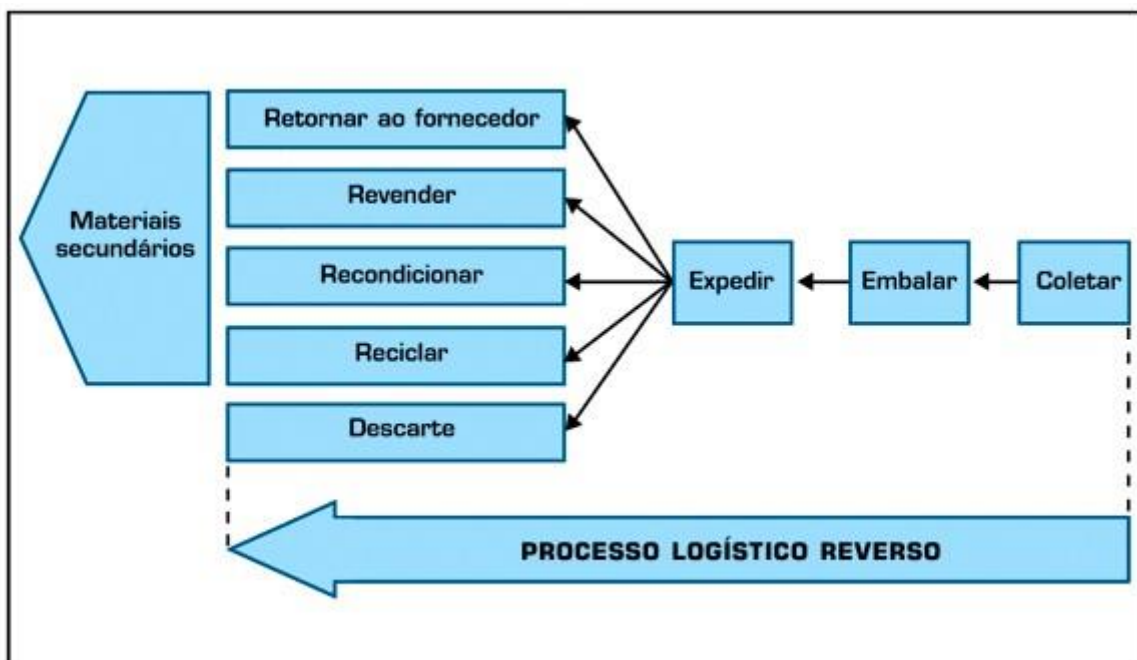
Observa-se que a logística reversa de pós-venda, em conjunto com a de pós-consumo, propicia benefícios à imagem corporativa, competitividade e redução de custos da empresa (LEITE, 2003; LAMBERT, 2009). A Figura 1 resalta como o canal reverso pode agregar valor ao sistema logístico



Fonte: Adaptado de Leite (2003, p. 207)

A figura 2 mostra como funciona o processo de logística reversa.

Os resíduos devem ser coletados embalados e expedidos, para posteriormente serem destinados aos canais reversos de revalorização, tais como: retorno ao fornecedor, revenda, recondicionamento, reciclagem e em último caso descarte, possibilitando seu retorno ao ciclo produtivo e/ou de negócios como materiais secundários.



Fonte: Lacerda (2004)

1.1 Motivos que levam à adoção da logística reversa pelas empresas

São muitas, as razões que motivam a implementação e manutenção do canal logístico reverso. Konstantaras (2010) afirma que a logística reversa tem recebido maior atenção nos últimos anos, devido às rígidas legislações ambientais e às crescentes preocupações ambientais, como também por causa do despertar para a atratividade econômica da reutilização de produtos, em vez de descartá-los.

A adequação às questões ambientais proporcionada pela prática de logística reversa pode adicionar às empresas reflexos positivos e de destaque junto aos clientes. Leite (2009)

afirma que nas últimas décadas observou-se uma maior conscientização dos consumidores no que tange os impactos dos produtos no meio ambiente. Empresas éticas com a sociedade e meio ambiente são valorizadas por consumidores, acionistas de empresas ou de fundos de ações. A existência de leis ambientais pode ser mencionada também como razão para que muitas empresas atuem de forma ambientalmente mais responsável. Muitas leis têm sido publicadas no mundo visando principalmente o controle do excesso do lixo urbano. Castanho e Sacomano Neto (2009) acreditam que a forma mais eficaz para o retorno de produtos para revalorização é por meio de leis e normas. Os autores afirmam que na Alemanha há altos índices de reciclagem devido à existência de leis que tornam o fabricante responsável pelo descarte dos seus resíduos. Kang et al. (2009) afirmam que na União Europeia são obrigatórios o recolhimento e a reciclagem de resíduos.

No que se refere à legislação brasileira, no dia 02 de agosto de 2010 foi sancionada a Lei 12305 instituindo a Política Nacional dos Resíduos Sólidos, que responsabiliza a comunidade, governo e empresas pelos resíduos sólidos produzidos. Entre os vários instrumentos da lei, encontram-se os sistemas de logística reversa (BRASIL, 2010).

A criação de imagem diferenciada ao praticar a logística reversa também pode ser considerada fator motivador da atividade. Conforme Kang et al. (2009) devido à importância das questões ambientais, as pessoas estão mais interessadas no processo de produção sustentável, que contém principalmente reciclagem dos resíduos do produto. Leite (2009) afirma que em recentes pesquisas realizadas no Brasil, a imagem corporativa foi apontada como uma das mais fortes motivações das atividades de logística reversa por empresas de diferentes setores empresariais. Diante da globalização e alta competitividade, as empresas reconhecem que não só a busca pelo lucro é importante, é necessário atender à interesses sociais, ambientais e governamentais, garantindo a lucratividade ao longo do tempo. Devem-se satisfazer diferentes stakeholders – acionistas, funcionários, clientes, fornecedores, comunidade local, governo – que avaliam as empresas sob diferentes perspectivas.

Outra forma de motivação é a redução de custos, Pires (2007) afirma que adquirir novos produtos muitas vezes é mais caro do que o reaproveitamento. Conforme a autora, a redução de custos pode ser percebida na aquisição, manufatura e no descarte de materiais, pois, se um material não for reaproveitado pode gerar custo para ser descartado de modo controlado. Para Leite (2009) há três tipos de custos associados à logística reversa: custos logísticos contabilizados, custos logísticos de gestão e custos intangíveis. Os custos contabilizados são os somatórios dos custos dos canais reversos referentes à transporte, armazenagem, consolidação e sistema de informações aos custos de operações de seleção de destino dos produtos retornados e de redistribuição dos produtos reaproveitados. Os custos logísticos de gestão traduzem-se em custos controláveis, de oportunidade, melhoria, entre outros. Já os custos intangíveis referem-se a custos envolvendo imagem da marca, imagem corporativa e reputação da organização junto à sociedade.

Costa e Valle (2006) colocam que os fatores econômicos da logística reversa podem ser visualizados por meio de ganhos diretos no reaproveitamento de materiais, redução de custo e da adição de valor na recuperação, como também de ganhos indiretos, referentes à antecipação a imposições legislativas, proteção contra a competição de mercado, imagem corporativa associada à proteção ambiental, melhora de relacionamento fornecedor/cliente. Leite (2009) afirma que é importante e necessário que objetivos econômicos sejam visados nas várias etapas reversas, pois a falta de ganho em um ou mais elos da cadeia reversa pode levar à interrupção ou à inexistência de fluxo reverso.

Não são todas as empresas que reconhecem a logística reversa como parte integrante e essencial em relação aos custos da organização. Torna-se difícil determinar o exato montante das atividades de logística reversa já que grande parte das empresas que possuem sistemas

logísticos reversos, não mantêm ou não conseguem mensurar os custos dos mesmos. Uma melhor estruturação dos canais reversos torna-se trabalhosa diante dessa escassez de informações. (CHAVES; MARTINS, 2004).

1.3. Embalagens

Existem vários modelos de embalagens feitas com os mais diversos materiais como: plástico, papel, pano, entre outros no mercado. Elas possibilitam o transporte, proteção e contenção dos produtos. Novaes (2009) afirma que a embalagem é responsável por manter a integridade do produto durante toda a sua trajetória na cadeia de suprimentos; garantindo que o mesmo chegue até o cliente de forma apresentável e em condições de uso.

O canal reverso de embalagens é considerado como um dos mais importantes, devido à revalorização pelo sistema de reciclagem dos materiais constituintes. Conforme dados coletados pela associação Compromisso Empresarial para a Reciclagem (CEMPRE), nos anos de 2000 a 2006 houve um aumento na taxa de reciclagem de vários materiais, entre estes o papelão ondulado que aumentou de 60% para 77% no período. (LEITE, 2009). As embalagens de papelão são muito utilizadas pela indústria. Ser reciclável é uma das características do papelão, o que ressalta a importância deste tipo de embalagem frente à realidade ambiental. (NOVAES, 2009).

1.4. Embalagens de Papelão

Dentre os vários tipos de embalagens utilizadas, as mais comumente encontradas, principalmente para cargas fracionadas, são as de papelão. Dentre o transporte de cargas frágeis, o papelão ondulado veio acrescentar às embalagens mais segurança e prevenção de danos. (NOVAES, 2007)

Conforme informações da Associação Brasileira de Embalagem, a primeira patente de papelão ondulado registraram-se em 1856, pelos ingleses Healey e Allen, que utilizaram este material para o forro de chapéus. Em 1871 constatou-se o primeiro uso conhecido do papelão ondulado para a embalagem de produtos frágeis, como garrafas. O detentor da patente para este fim foi o americano Albert L. Jones. A partir daí começou a produção deste tipo de papelão corrugado em larga escala, principalmente na Europa. Com a necessidade crescente deste tipo de material, tem início na indústria europeia o desenvolvimento de máquinas para a produção industrial. Até que Jefferson T. Ferres da Sefton Cia. Industrial desenvolve a primeira máquina de ondular papelão da Europa; conhecida como ondulateira, para ondular as camadas das folhas entre a parte o miolo e a capa de papelão. Vê-se que a utilização deste tipo de embalagem remonta aos tempos da revolução industrial e só vem crescendo desde então, acompanhando sempre de perto o crescimento do setor de transportes. (ABRE, 2015)

No novo século, as embalagens de papelão acompanharam também as crescentes evoluções tecnológicas industriais. Hoje as embalagens de papelão são feitas com mais rapidez, e com mais qualidade do que no início de sua utilização, e assim, são cada vez mais utilizadas para logística e comercialização. (NOVAES, 2007)

Uma das características inerentes ao papelão, é a possibilidade de reciclagem deste produto, o que demonstra a importância deste tipo de embalagem frente à realidade ambiental em que vivemos. Segundo a Emba-Sold, empresa que fabrica embalagens de papelão ondulado para o mercado nacional e internacional, a embalagem de papelão ondulado é “o elemento que protege o produto durante a movimentação, transporte e armazenagem e possibilita a exposição em sua própria embalagem de transporte”. As embalagens de papelão ondulado são hoje, partes integrantes do produto.

2. Processo de reciclagem de papelão de uma empresa situada em uma região de Minas Gerais

O processo descrito foi aplicado em uma indústria situada na região de Minas Gerais, com três polos industriais onde se recicla, fabrica caixas e embalagens de papelão e depois de finalizado revende as embalagens para grandes empresas. O papelão para reciclagem, ou seja, as “aparas” veêm de empresas de várias regiões do Brasil, mas é de Nova Serrana (MG), maior produtora de calçados do país, que a empresa recebe e revende a maior quantidade de aparas e produtos reciclados.

O processo de reciclagem observado na empresa visitada pode ser descrito da seguinte maneira:

- O estoque de aparas é separado por lotes devido aos diversificados tipos de papelões;



Figura 1: Alimentação de Aparas
Fonte: Próprios autores

- O lote do estoque vai para as esteiras transportadoras;



Figura 2: Esteira transportadora
Fonte: Próprios autores

- O “hidrapulper”, que tem a forma de um liquidificador gigante, desagrega o papel, juntamente com a água industrial onde viram uma massa passando pelos furos;



Figura 3: Hidrapulper
Fonte: Próprios autores

- Os rejeitos que vem junto com as aparas como: pedras, plásticos etc ficam no “hidrapulper” sendo retirados por funcionários da empresa, colocados em caçambas e levados para outro destino;
- A massa passa pelo processo de centrifugação para retirada de impurezas (areia, prego, etc);
- Processo de refino da massa, no qual é adicionado um aditivo para dar a cor castanha do papel;
- A massa vai para a mesa formadora na qual a umidade excedente é retirada por vácuo, passando então para a máquina secadora do papel;



Figura 4: Mesa formadora e secadora de papel
Fonte: Próprios autores

- Na prensa é feita a correção da gramatura do papel;
- O papel passa pelos rolos secadores, chegando até a enroladeira;
- Forma-se o rolo de papel; em bobinas pesando é aproximadamente uma tonelada. Por dia são produzidas 68 toneladas. Para cada tonelada são utilizados 1.200 quilos de papelão, com isso mais de 80 ton/dia são removidos do meio ambiente;



Figura 5: Bobina de papel
Fonte: Próprios autores

- O rolo é transportado pela ponte rolante até a rebobinadeira: processo no qual o papelão é cortado nas dimensões que dependem dos pedidos dos clientes;
- O papel é rebobinado conforme formato da bobina.
- A bobina de papel acabada vai para o controle de qualidade;
- Seguindo para o estoque para ser vendida, ou ainda ir para a cartonagem transformando-se em chapas, a fim de serem industrializadas como caixas.

Na empresa visitada a maior parte do processo segue o procedimento da reciclagem do papel comum. Uma realidade é que o papelão é também um grande vilão quando não descartado corretamente no meio ambiente, pois precisa de água, luz e oxigênio para ocorrer a decomposição. (YAMAOKA; DEZ 2011; Pag.54).

3 Metodologia

Este trabalho foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas, artigos, sites relacionados ao tema, visita “*in loco*”, entre outros. A pesquisa proporcionou maior compreensão da questão da logística reversa e seu impacto ambiental. Ao explorar o tema foi realizada uma pesquisa sobre o processo de reciclagem do papelão, formas de descarte e danos ambientais, os hábitos dos consumidores e sobre a logística reversa nas empresas. A metodologia empregada pretendeu investigar as relações entre os conceitos envolvidos na questão da importância da logística reversa na empresa, a redução de custos e os impactos ambientais.

4. Resultados esperados

Ao explorar o tema foi realizada uma pesquisa sobre a logística reversa e o processo de reciclagem do papelão. Materiais que se tornariam lixo, ou estão no lixo, que são coletados, separados e processados para serem usados como matéria-prima na fabricação de novos produtos. A coleta seletiva de papelão e sua reciclagem podem oferecer ganhos econômicos e ambientais significativos para o país. (Hisatugo, et.al. 2007).

A partir do processo de tratamento, a água é 100% tratada, sendo 80% reaproveitada e 20% é retornada para os rios. A empresa futuramente espera reaproveita-la completamente em 100%.

Para economizar a energia eles utilizam o eucalipto de reflorestamento nas caldeiras para a secagem do papelão e as cinzas da queima da madeira são utilizadas como adubo nas próprias plantações de eucalipto.

Com o crescimento da reciclagem de papelão, espera-se que outras indústrias adotem a

mesma iniciativa.

5 Considerações Finais

O trabalho evidenciou a importância das atividades na reciclagem de papelão e da logística reversa, e se devidamente implementada, pode apresentar impactos positivos para a empresa, nos aspectos econômicos e ambientais.

A pesquisa constatou que, do ponto de vista ambiental, a produção do papelão reciclado traz redução dos custos ecológicos, como menor quantidade de árvores derrubadas e redução considerável de gastos com água em relação à produção de papel virgem. Quanto à disposição final do papelão, menos emissão de gases e redução dos lixões.

A utilização da matéria-prima reciclada pode diminuir os custos de qualquer empresa, por meio da economia com energia elétrica, água, mão-de-obra por utilizar uma matéria-prima já trabalhada, necessitando de um sistema de logística reversa que gerencie esse fluxo.

Conclui-se que a reciclagem do papelão em junção com a logística reversa são alternativas para minimizar a agressão ao meio ambiente e contribuir para a redução de custos nas empresas de embalagens de papelão.

REFERÊNCIAS

ABRE. Programa Brasileiro de reciclagem. São Paulo, 2004. Disponível em: http://www.abre.org.br/meio_pbr.php. Acesso em: 20 ago. 2015.

BRASIL. Lei nº 12305, de 02 de agosto de 2010. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 03 ago. 2010. Seção 1, p. 3.

CASTANHO, S. C. R.; SACOMANO NETO, M. Análise dos canais reversos sob a perspectiva de redes de empresas. Revista Gestão Industrial. Paraná, v. 5, n. 3: p. 21-40, 2009.

CHAVES, G. L. D; MARTINS, R. S. Logística reversa como vantagem competitiva as empresas: discussão teórica e o potencial para a cadeia de suprimentos e alimentos processados. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM LOGÍSTICA, 5, 2004, Fortaleza. Anais eletrônicos... Fortaleza, 2004.

COSTA, L. G.; VALLE, R. Logística reversa: importância, fatores para a aplicação e contexto brasileiro. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 3, 2006, Resende. Anais eletrônicos... Resende: AEDB, 2006. Disponível em: < http://www.aedb.br/seget/artigos06/616_Logistica_Reversa_SEGeT_06.pdf>. Acesso em: 01 set. 2010.

Disponível em: < <http://fateclog.blogspot.com.br/2012/05/logistica-reversa-do-papelapelaio.html>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

Disponível em: https://endeavor.org.br/logistica-reversa/?esvt=-b&esvq=_cat%3Aendeavor.org.br&esvadt=999999---1&esvcrea=66516330805&esvplace=&esvd=c&esvaid=50078&gclid=Cj0KEQjwu-CuBRCQ2byQtMep7e0BEiQABQK1kXr9lqfR3JxTp0GMfgecx4YoMPRbC8ggSmsF4BIUJTMaArIr8P8HAQ> . Acesso em: 26 de ago. 2015

EMBA-SOLD, História do papelão ondulado. Emba-sold, São Paulo, 07 abr. 2007. Disponível em: < <http://www.embasold.com.br/historia.htm> >. Acesso em: 27 ago. 2015.

HISATUGO, Erika; MARCAL JUNIOR, Oswaldo. Coleta seletiva e reciclagem como instrumentos para conservação ambiental: um estudo de caso em Uberlândia, MG. Soc. nat. (Online), Uberlândia, v. 19, n. 2, Dez, 2007.

KANG, S. et. al. The current state of waste reverse logistics in korea and its future. Proceedings of the Eastern Asia Society for Transportation Studies, Vol.7, 2009.

KONSTANTARAS, I. Optimal Control of Production and Remanufacturing in a Reverse Logistics Model with Backlogging. *Mathematical Problems in Engineering*. volume 2010, article ID 320913, 19 pages, 2010.

LAMBERT. *Fundamentals of Logistics Management*. Columbus, McGraw-Hill, 1993. Disponível em: Acesso em: 25 de Outubro de 2009.

LEITE, Paulo Roberto. *Logística Reversa- meio ambiente e competitividade*. São Paulo: Prentice Hall, 2003. *Logística Reversa – Panorama 2004*. Revista Tecnológica, Maio 2004.

LEITE, P. R. *Logística reversa: meio ambiente e competitividade*. 2. ed. São Paulo: Pearson, 2009.

NOVAES, F. A logística reversa das embalagens de caixas de papelão e seu impacto ambiental. *Revista Gestão & Saúde*. Curitiba, v. 1, n. 1, p. 24-35, 2009.

NOVAES, de Flávio. A logística reversa das embalagens de caixas de papelão e seu impacto ambiental. 2007. Disponível em : <<http://www.herrero.com.br/revista/Edicao%201%20Artigo%205.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2015

PIRES, N. *Modelo para a logística reversa dos bens de pós-consumo em um ambiente de cadeia de suprimentos*. Florianópolis: UFSC, 2007.

WILLE, Muller Mariana. **Logística reversa: conceito, legislação e sistema de custeio aplicável**. São Paulo, 2012

YAMAOKA, M. Qual delas é a melhor? **Veja**, n. Especial, dez. 2011.

O CONTO FANTÁSTICO FLOR, TELEFONE, MOÇA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE COMO DESENCADEANTE NA FORMAÇÃO DE LEITORES

RESUMO

A prioridade em formar leitores capazes foi o enfoque deste projeto, priorizando o hábito e a apreciação pela leitura. As características do gênero Conto Fantástico, desperta no educando grande interesse, curiosidade, proporcionando ao leitor uma viagem ao imaginário. O estudo se realizou com base na Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2011) em conjunto com o Instituto Pro Livro, que aponta uma série de fatores que causam o desinteresse, dentre eles as desigualdades sociais, falta de interesse pelos livros e a compreensão dos jovens sobre os benefícios que a leitura traz. Baseando-se em Todorov (1992) e Cesarani (2006) o gênero conto fantástico aflora nos alunos a criatividade e o interesse pelo sobrenatural. A metodologia consiste na pesquisa do conto fantástico, na leitura do Conto Flor, Telefone e Moça de Carlos Drummond de Andrade, e na interpretação do texto no primeiramente e logo com um questionário reflexivo, com intuito de desenvolver nos jovens o interesse por contos, motivando os alunos a desenvolver o hábito de ler e a construção de valores.

Palavras-chave: Gênero Literário, Conto Fantástico, Leitura.

ABSTRACT

The priority in forming readers able was the focus of this project, prioritizing the habit and enjoyment of reading. Gender characteristics Tale Fantastic, arouses great interest in educating, curiosity, providing the reader a journey into imagination. The study was conducted based on reading Pictures Search in Brazil (2011) in conjunction with the Pro Institute book, which points to a number of factors that cause the lack of interest, including social inequality, lack of interest in books and understanding of young people about the benefits that reading brings. Relying on Todorov (1992) and Cesarani (2006) gender fantastic tale touches students' creativity and interest in the supernatural. The methodology consists of the fantastic tale of research, reading Tale Flower, Telephone and Girl of Carlos Drummond de Andrade, and the interpretation of the text at first and then with a reflective questionnaire, aiming to develop young people's interest in stories, motivating students develop the habit of reading and building values.

Key-words: Literary genre; Fantastic tale; Reading.

INTRODUÇÃO

A Leitura possui um papel de grande importância no aprimoramento cultural dos educandos e por meio dela é possível adquirir, aumentar o conhecimento, enriquecer o vocabulário,

aprimorar a gramática e ortografia entre outras habilidades como o raciocínio, sendo assim a necessidade de introduzir métodos que incentivem e aumente o hábito à leitura é primordial.

Recentes pesquisas enfatizam a necessidade do jovem em aumentar seu potencial por leituras e apontam grandes empecilhos que atrapalham os alunos em desenvolver o costume como comprova a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil em conjunto com o Instituto Pro Livro. “A prática de leitura de livros ainda é fortemente relacionada com os fatores escolaridade, classe social e ambiente familiar”. E com base nessa carência de fomento à leitura é proposto esse artigo.

A Pesquisa aponta como uma principal causa às desigualdades sociais que agravam esse aspecto no país e se torna uma barreira na formação de leitores. Sem mencionar outros fatores como a falta de interesse pela a leitura entre os jovens que na maioria das vezes só tem acesso aos livros na escola como uma obrigação dolorosa e não prazerosa como deve ser. Segundo Daniel Pennac o jovem precisa ser estimulado e perceber os benefícios e a gratuidade da leitura por ele mesmo.

Outro aspecto imprescindível é o papel do professor como mediador no processo de ler. Cabe ao professor escolher temas que sejam interessantes e atraentes para os alunos, e o gênero conto fantásticos, por exemplo, possibilita essa abordagem, pois, envolve o jovem por prazer e não obrigado e enfadonho. O gênero conto fantástico aborda características da narrativa, onde o fator que se destaca é a magia: acontecimentos irreais sobrepondo a realidade diferentemente dos contos comuns, despertando interesse e tornando a leitura mais atrativa e interessante ao leitor.

O ato de ler desenvolve nos alunos a possibilidade de entendimento sobre a visão do autor, a maneira que ele entende o mundo, uma comunicação entre leitor, autor e o texto, além de proporcionar outros benefícios como expandir a capacidade de memorizar, adquirir vocabulário, aprender a se expressar de maneira mais correta. O exercício em si da leitura trabalha o cérebro de modo que alimenta a imaginação e induz a criatividade. Cagliari (1997, p 17) fomenta que a principal atividade que deve ser desenvolvida na escola é a leitura, o autor argumenta que é mais importante para a criança saber ler do que escrever.

Invocando Carlos Drummond de Andrade em seu conto Flor, Telefone, Moça, será explorado como uma análise interpretativa, suas características dentro da proposta de gênero fantástico, como os recursos do texto como efeitos do imaginário e ressaltar que esse fator que se mescla ao cotidiano dos alunos e que muitas vezes desconhecem, mas que fazem parte do cotidiano de sua vida como as histórias de terror contadas por alguém da família, filmes no cinema e que inconscientemente aprecia-se e desconhece sua origem, ou que existam autores brasileiros que se utiliza deste tema para escrever suas histórias. São fatores que aproximam os alunos do gênero e que agregam benefícios à sua formação, como uma abrangência de conhecimento em literatura, sendo uma ferramenta que segundo Todorov transporta o leitor ao universo da literatura o condicionando e o atraindo por meio de suas sensações de espanto e admiração contidas no conto.

Outro fator que contribui são as ideias subjetivas contidas na estória do conto, é a possibilidade de se trabalhar com os alunos em sala, pois este oferece uma construção de valores embutidos na narrativa da estória um conceito de moral, trata-se de um elemento reforçador e fundamental que pode ser desenvolvido a partir da leitura, sendo uma conclusão valorosa e construção de pensamento.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Introdução À Leitura

A promoção de práticas que estimulem ao estudante a ler é direcioná-lo para se tornar um ser integral, constituindo de argumentos, raciocínio e conhecimento, pois a leitura é fundamental e por meio dela adquire-se entendimento sobre determinados assuntos que contribuíram para toda a vida. Estimular o intelecto, habilidade e aperfeiçoamentos.

Como primeira abordagem teórica o enfoque e a necessidade de fomento a leitura se incorpora a esse projeto a fim de trabalhar este quesito tão fundamental aos jovens educandos e estudos sobre a importância da leitura no país. Assim afirmado na Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 2011,

(...) “fazer ler”, ou seja, “dar vida aos livros” através de práticas diversas de leitura vai muito além do abastecimento ou aparelhamento das escolas com obras diversas. Neste caso, considerando aquilo que foi iterado nas três edições, as políticas, os programas e as ações na esfera da leitura escolar devem estar voltados à união de esforços, complementaridade de propósitos, coletivização de responsabilidades, etc., no sentido de produzir mudanças substantivas na escola e no magistério, e assim levar a leitura para um patamar superior. (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 2011, p 118).

O livro é uma porta que quando aberta, transporta o leitor para dentro da história, transformando-o em um personagem observador subjetivamente, que recria as imagens da trama em sua mente. Segundo Zoara Fallia.

(...) O livro, como nos ensinaram vários estudiosos, somente ganha vida quando aberto pelo leitor, e traz sempre uma história incompleta, por mais detalhada que seja a narrativa. Nenhuma emoção se transporta para o leitor. Elas são suscitadas e cabe ao leitor com sua subjetividade e referências, recontar para ele mesmo a história. É nessa “recriação “que exercita sua imaginação e suas emoções”“. (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 2011 p 20)

1.2. A leitura no ambiente escolar

Em pleno século XXI, com avanços tecnológicos, escola para todos, mais acessibilidade aos materiais de leitura como jornais, revistas, gibis, livros; pesquisas comprovam que as pessoas, ainda, não possuem o hábito de ler.

“Leitura foi 5ª opção citada (35%) sobre o que fazer no tempo livre; 77% optam pela TV (Jornal Folha de São Paulo, de 29/05/08).”

Retomando a história da Língua Portuguesa, vimos que esta sofreu muitas mudanças durante o seu processo de adequação ao ensino escolar. Antes, o acesso à escola era para uma classe elitizada, com base leitora, porém, já nas décadas de 60 e 70 do século passado quando se universalizou o ensino, houve também um reflexo no ensino da Língua Portuguesa: tinha-se, como dito anteriormente, uma clientela com base leitora e agora a escola estava recebendo pessoas de todas as classes sociais. A partir desse momento, passou-se a refletir sobre o que e como ensinar a Língua Portuguesa nas escolas, pois agora, o alunado era outro, sem base leitora.

É a partir da década de 80, que a Língua Portuguesa, antes comprometida somente com as regras gramaticais, ”o bem falar e o bem escrever”, com modelos textuais prontos para os alunos reproduzirem sem objetivos concretos, vem se remodelar para que os textos expostos em sala de aula sejam visto como um enunciado a ser lido, compreendido, interpretado e discutido, servindo de base para futuras produções textuais.

O texto era estudado em sala de aula em fragmentos sem dar a importância para todo o contexto que o compunha. O texto era apenas um pretexto para o ensino da gramática fazendo com que o aluno não se motivasse para a leitura do mesmo. Esta por sua vez, passava a ser “chata” – não entendiam e não conseguiam “captar” o que o texto trazia. Assim, aos “pedaços” o texto era feito para se ensinar regras gramaticais, mas esqueciam de que a frase dentro do

contexto tem um sentido e fora dele fica sem sentido e de difícil entendimento.

Um dos pontos da Língua Portuguesa, no processo de leitura, será a utilização de textos curtos e longos tais como poemas, contos, crônicas, tiras, romances, novelas, etc.

Hoje ainda, estas práticas de leitura são desenvolvidas em sala de aula, como diz Geraldi (1984):

Quanto à leitura de textos curtos [...] será feita em maior nível de profundidade e corresponderá ao que comumente tem sido chamado de interpretação de textos, com uma diferença: o texto deverá servir de pretexto para a prática de produção de novos textos pelos alunos. Assim, o texto será o primeiro passo para o exercício de produção dos alunos. Lido, interpretado, discutido, sua temática servirá para discussões e produção de um novo texto, produzido pelos alunos. [...] Assim, as temáticas de tais textos, obedecendo aos interesses dos alunos, devem servir também ao professor que, através deles, pode romper com a forma pela qual os alunos interpretam a realidade. (GERALDI, 1984[1981], p. 53-54)

Ler não significa apenas ser um processo de decodificação de grafemas e fonemas, ou seja, ser somente alfabetizado, é ir além é compreender o texto, é interagir com a leitura e seu autor. É isso que o ensino da Língua Portuguesa almeja.

A finalidade principal da escola hoje é formar alunos capazes de exercer a sua cidadania, compreendendo criticamente as realidades sociais e nelas agindo, efetivamente. Para tanto, coloca-se como fundamental a construção da proficiência leitora desse aluno. A leitura acompanha o indivíduo em muitas de suas situações de interação durante a vida. “A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. [...] A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma” (CAGLIARI, 1997, p. 148).

Em diversas situações da vida, diferentes práticas de leituras serão exigidas por parte do leitor e cabe ao professor de Língua Portuguesa elucidar aos alunos quais as práticas que serão exigidas durante o processo de leitura e mostrar a eles que durante o processo de leitura algumas estratégias e procedimentos serão realizados, tais como citados por Solé (1998: p. 35):

- Ativação de conhecimento prévio e seleção de informações;
- Realização de inferências;
- Antecipação de informações;
- Localização de informações no texto;
- Verificação de inferências e antecipações realizadas;
- Articulação de índices textuais e contextuais;
- Redução de informação semântica: construção e generalização de informações;
- Leitura tópica;
- Leitura de revisão;
- Leitura item a item;
- Leitura expressiva.
- Leitura colaborativa
- Leitura em voz alta feita pelo professor o sistema;
- Leitura autônoma e. Leitura de escolha pessoal.

O que o aluno precisa aprender é a ler a palavra, mas não a palavra isolada. É de responsabilidade do professor também ensinar ao aluno a forma adequada de usar a palavra uma vez que ela pode transformá-lo, dar uma nova dimensão à sua consciência, o que acaba por possibilitar-lhe uma reflexão sobre a sua realidade e a maneira de agir sobre ela. É na escola, que o aluno deve saber como recorrer a diferentes materiais impressos para atender a diferentes necessidades.

É então, na década de 80, que as universidades dialogaram com as práticas dos docentes

da rede pública de ensino, almejando que as propostas curriculares acabassem se configurando como um conjunto de procedimentos que poderiam ser ensinados. Estabeleceu-se então, um currículo procedimental, baseado na Psicologia Cognitiva e na Linguística Textual.

Portanto a leitura e também a interpretação de textos devem acontecer em um processo sócio interacional. Para que isso ocorra com eficiência na escola, o professor de Língua Portuguesa deve procurar ser um mediador, ajudando os alunos no descobrimento de quais estratégias devem usar para construir o sentido daquilo que está sendo lido. O professor tem que gostar de ler para despertar o gosto pela leitura; é necessário propor situações diárias de leitura, ler para os alunos de maneira divertida que eles gostem; ter livros em sala de aula ao alcance dos alunos, e não desistir de oferecer livros a eles, mesmo que eles não gostem; além de usar estratégias diferentes para contar histórias.

As atividades de leitura e interpretação de textos devem contribuir para que o aluno leitor leia enxergasse o que não está explicitado, interagindo com o texto e construindo sentido a partir de uma relação estabelecida entre texto, leitor e autor.

2. CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO

Antes de tudo, devemos atentar para o gênero conto, o gênero literário da prosa de ficção, que possui características singulares. O vocábulo “conto”, do latim “*computus*”, significa cômputo, conta. De modo geral, os contos são textos mais curtos que o romance e a novela, ou seja, corresponde a uma narrativa concisa, no qual o tempo, o espaço e o número de personagens são reduzidos. Do mesmo modo, carregam o modelo tradicional da estrutura narrativa, divididos em: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Não obstante, o que distingue um conto fantástico dos outros, é justamente a presença da magia, a qual ultrapassa, notoriamente, os limites humanos e a lógica. Entretanto, no conto fantástico, como no modelo tradicional, prevalece a narrativa de curta, composta de um único episódio singular e representativo, centrada num acontecimento com um número limitado de personagens.

2.1. O Que Seria Então O Conto Fantástico?

O conto fantástico surgiu por volta do séc. XVII na Europa e, nos países latinos americanos a partir do séc. XX, especialmente como uma fuga do período da Ditadura, como uma forma de denunciar a realidade opressiva da época, sendo seu principal foco a construção de um mundo irreal, em situações improváveis e ações que ultrapassem a realidade humana, e aparição de seres sobrenaturais como: vampiros, monstros, fantasmas ou alma penada. O conto fantástico apresenta situações que criam suspense e medo ao leitor, instiga a curiosidade pela trama recheada de fantasia.

O Conto fantástico remete e desperta no leitor o interesse pelo sobrenatural, a própria estrutura da narrativa fantástica prende a atenção o fazendo experimentar a emoção do imaginável. No pensamento de Todorov somos transportados ao amago do fantástico, para um mundo que conhecemos, que diferentemente com acontecimentos inexplicáveis pelas leis naturais. Segundo Ceseranni,

O conto Fantástico envolve fortemente o leitor, leva-o para dentro de um mundo a ele familiar, aceitável, pacífico, para depois disparar os mecanismos da surpresa, da desorientação, do medo. (...) Todavia, esse é também um sinal do forte empenho cognitivo (e não apenas superficial e mecanicamente excitante e estimulador) do fantástico. (CESERANNI, 2006, p.71)

Para Todorov o universo fantástico nasce a partir da hesitação e de três funções que o fantástico desempenha na obra literária que sem não geraria o mesmo impacto de uma forma que se cria as condições propícias para o conto. Afirma que

“ Uma vez localizados neste ponto de vista funcional, é possível chegar a três respostas. Em primeiro lugar o fantástico produz um efeito particular sobre o leitor – medo, horror ou simplesmente curiosidade –, que os outros gêneros ou formas literárias não podem suscitar. Em segundo lugar, o fantástico serve a narração, mantém o suspense: a presença de elementos fantásticos permite uma organização particularmente rodeada de intriga. “Por fim, o fantástico tem uma função a primeira vista tautológica: permite descrever um universo fantástico, que não tem, por tal razão, uma realidade exterior à linguagem: a descrição e o descrito não tem uma natureza diferente”. (TODOROV, 1980, p.50)

3. METODOLOGIA

3.1. A Exploração Do Gênero Literário Na Escola

O projeto será aplicado nas classes de Ensino Fundamental de uma escola pública na cidade de Lorena, São Paulo, sendo direcionando ao nono ano, como necessidade de suprir dificuldades na aprendizagem e relutância à leitura, explorando recursos que o texto fornece.

Primeiramente a sala será organizada em um círculo para que seja feita a apresentação aos alunos do gênero literário conto fantástico, seu surgimento, seu conceito, características da narrativa, por meio de uma aula expositiva, além de uma pequena biografia sobre o autor Carlos Drummond de Andrade sugerindo outras propostas e leitura sobre o mesmo gênero.

Segundo a ideia de Severino o jovem hoje precisa entender que sua aprendizagem é um esforço pessoal, que possibilita seu desenvolvimento para a vida, e o entendimento precisa ser qualitativo e seletivo aplicando-se a todas as áreas do saber.

Após uma introdução do conceito de conto fantástico, será feita uma leitura do texto, com ênfase aos diálogos que facilitem na compreensão do texto e em seus acontecimentos. A leitura foi feita em voz alta pela aplicadora do projeto para estimular a atenção e facilitar o entendimento dos alunos em relação ao texto. Ao final da leitura proferida em voz alta pela aplicadora, os educandos receberão um questionário sobre o texto para trabalharem a interpretação do conto, como segue o modelo abaixo:

1. O título condiz com a história narrada? Justifique
2. Que outro nome você daria ao Conto? Justifique
3. Quais personagens aparecem na trama?
4. Em quais lugares a história se passou?

Em seguida, os alunos responderão algumas questões objetivas do texto em uma roda de conversa, tais como:

1. Que ideia o conto traz?
2. A atitude da personagem foi correta? Que consequências ela sofreu?
3. Que lição do texto pode - se tirar para a vida real?

Para finalizar o projeto, será proposto que os alunos escrevam uma palavra de valor já que o conceito de valor está implícito no conto, dentro de uma flor recortada na cartolina objetivando confecção de um mural, assimilando, dessa forma, o lúdico a ideia de devolver a flor para” A voz “como ficou conhecida no contexto da estória. E esse momento é trabalhado o artístico dentro da trama, agregando a ideia de valor e abrindo a proposta à comunidade a partir da confecção do painel com os trabalhos expostos no pátio central da escola, proporcionando

apreciação e divulgação aos pais, mestres e alunos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta de leitura do conto em sala de aula, de uma escola do interior de São Paulo, na região do Vale do Paraíba, aplicado a nona série do ensino fundamental proporcionou reforço à necessidade de ampliação de leitura, entendimento de texto. Além de proporcionar motivação e construção de valores, requisitos importantes na construção da identidade juvenil.

O projeto de Leitura obteve uma resposta positiva quando aplicada na classe escolar composta por vinte alunos, tendo todos respondidos de uma forma positiva a atividade. No primeiro momento a abordagem da leitura com ênfase do conto despertou interesse na estória em conjunto com a apresentação do material utilizado em uma aula expositiva contendo dados do autor e questionário para interpretação de texto.

A apresentação do conto aos educandos a partir de uma leitura enfocando suas características como, situações irreais que geram curiosidade e atraem o leitor a mergulhar nesse universo fantástico da estória, prendeu a atenção dos alunos instigando sua capacidade de raciocínio.

Também atuou de tal forma a despertar no leitor a emoção e satisfação pela leitura e trabalhando a escrita, o entendimento, e a construção de valores pessoais no educando, atingindo assim os resultados esperados no projeto e a verdadeira intenção de benefício ao aluno que ler desenvolve no jovem, fortalecendo e amadurando a compreensão.

No segundo momento foram solicitados aos alunos que discutissem a ideia do texto que se baseava em não obter coisas alheias, todos os vinte alunos do nono ano, responderam de forma semelhante no critério de valor contribuindo para alcançar o esperado exigido.

Enfatizar a leitura é caminhar na formação de um futuro indivíduo integral munido de capacidades sócio cultural essencial para a vivência em sociedade é o papel do professor

Cultivar o apego aos livros é de suma importância na vida do ser humano e tentar mudar a realidade de desinteresse será uma batalha árdua, porém uma pequena centelha diante da necessidade e dos benefícios que ela traz.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A falta de interesse de muitos jovens na leitura vem sendo uma grande preocupação. Por meio da associação entre ler e desenvolver o hábito, é possível uma melhor interpretação, raciocínio lógico, enriquecimento de vocabulário e criticidade do aluno, são, portanto, essencial que essa aptidão à leitura seja despertada nos educandos.

Este projeto visa estimular seu interesse na leitura utilizando fatores que podem agradar aos jovens, como magia, imaginação, fantasia, presentes no conto fantástico.

A partir da apresentação do conceito de conto fantástico, leitura do conto Flor, Telefone, Moça, de Carlos Drummond de Andrade e aplicação de questões que estimulam uma análise do conto, serão possíveis ensinar um novo gênero literário e propor uma maior aptidão e fortalecimento de seu aprendizado.

Em se tratando de incentivos, toda proposta é válida para combater essa deficiência dos alunos, que prejudica o seu desenvolvimento intelectual, um aluno que lê se torna um adulto mais preparado para enfrentar dificuldades no mundo, pois a leitura fortalece seu entendimento, senso crítico e habilidades, competências, se tornam um cidadão consciente, capaz de se projetar em uma carreira e tornar-se um profissional habilidoso e valioso à sociedade.

O que permeou este artigo foi o interesse de despertar questionamentos de como suscitar nesses jovens o interesse pelos livros e a consciência da importância da leitura em suas vidas.

6. AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos vão para todos que colaboraram com esse projeto como: a orientadora e coordenadora Prof. Me. Neide Aparecida de Oliveira Arruda, a Prof. Dr. Luciane Alvarelli que também direcionou esta pesquisa e representa as Faculdades Integradas Teresa D 'Ávila (FATEA) que proporcionaram a realização desta pesquisa e participação no PIBID, pela CAPES, que investe na formação de docentes. Também a direção e toda a Escola Regina Bartelega, sua coordenadora Ana Paula Mendonça, a Prof.^a Dinorá Uliano que supervisionou todo estudo.

REFERÊNCIAS:

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & Linguística. 10ª edição. São Paulo: Scipione, 1997.

CESERANNI, REMI *O fantástico* editora UFPR p.71,2006.

TAVARES BRAULIO, *Paginas de sombra contos fantástico brasileiros*, editora Casa da Palavra Pag. 21 a 25, 2005.

TEODORO DA SILVA EZEQUIUEL, *Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil*, Editora: Instituto Pro-Livro e Imprensa Oficial p.118, 2011.

TODOROV, TZVERTAN. *Introdução à Literatura Fantástica*. Premia editora S.A, 1980 p.50 1980.

ZOARA FALLIA, *Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil*, Editora: Instituto Pró-Livro e Imprensa Oficial p.20, 2011.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO CONTEXTO DA ALTA HOSPITALAR DE PACIENTE DE UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA.

RESUMO

As unidades de terapia intensiva são locais que o profissional de enfermagem está a todo tempo em contato com o paciente, por essa razão os enfermeiros devem estar preparados para realizar a educação em saúde, pois realizam procedimentos de alto risco e responsabilidade. Com objetivo de analisar artigos que discute a questão da educação em saúde no contexto da alta hospitalar de paciente de unidade de terapia intensiva. Trata se de uma pesquisa exploratória de caráter bibliográfico com base em material já elaborado, constituído por artigos científicos. A busca realizada através dos descritores; Educação em Saúde, Unidade de Terapia Intensiva, Alta do Paciente e Cuidado de Enfermagem, na base de dados da biblioteca virtual de saúde (BVS), respeitando os limites de publicação entre 2005 a 2015, no idioma português. Ficou evidenciado que embora a literatura apresente muitas discussões sobre o planejamento da alta do paciente e a importância do papel do enfermeiro neste processo, a documentação de experiências de enfermeiros brasileiros ainda se mostra escassa.

Palavras-chave: Educação em Saúde, Unidade de Terapia Intensiva, Alta do paciente, Cuidados de Enfermagem.

ABSTRACT

The intensive care units are places that the nursing professional is all the time in contact with the patient, therefore nurses must be prepared to carry out health education, for performing high-risk procedures and accountability. In order to analyze articles that discusses the issue of health education in the context of discharge from the intensive care unit patient. It is an exploratory research bibliographical based on already prepared material, consisting of scientific articles. The search conducted through the descriptors; Health Education, Intensive Care Unit, High Patient and Nursing Care, in the virtual health library database (BVS), within the limits of publication in 2005-2015, in Portuguese. The study revealed that although the literature presents many discussions about planning patient discharge and the importance of the nurse's role in this process, documentation of Brazilian nurses experience still shows scarce.

Keywords: Health Education, Intensive Care Unit, the patient Alta, Nursing.

INTRODUÇÃO

A educação em saúde acontece independentemente do consentimento do indivíduo, através de palavras, gestos, troca de afeto e informações, pelos profissionais de saúde. A educação é entendida como processo de tirar de dentro de uma pessoa algo que já está dentro dela, ou levar para fora da pessoa o que já está presente nela (SILVA; ZANATTA, 2009).

Os benefícios da educação são inúmeros, pois ela lapida as pessoas, preparando-as para melhor exercer seu papel na sociedade (ROCHA, 2007).

A educação em saúde volta-se para transformação que procura libertar o homem, retirar seus véus e fazer surgir uma nova sociedade, mais humana e igualitária.

A educação continuada é um processo dinâmico de ensino-aprendizagem, ativo e permanente destinado a atualizar e melhorar a capacitação de pessoas. (SILVA; ZANATTA, 2009).

Teoricamente o termo Educação em Saúde é tratado sob dois aspectos, ou ainda como termos isolados e não como uma relação entre si. Usualmente defini-se primeiramente a educação, associada à escola, à aprendizagem e, saúde relacionada ao cuidado de si, do corpo, da mente e da doença (HAMMERSCHMIDT; LISBOA, 2005).

A prática de educação em saúde não é uma proposta recente, data do séc.XVIII na Europa, quando eram elaborados panfletos intitulados de almanaques populares onde era difundido o cuidado “higiênico” para gestantes, crianças e medidas gerais de controle de epidemias. Durante muito tempo à estruturação das ações educativas esteve relacionada apenas a ampliação de informações sobre as doenças, salientando os “certos” e “errados” e as formas de prevenção (MACIEL; 2009).

As unidades de terapia intensiva são unidades críticas que comportam pacientes com possibilidades de viver nas quais a enfermagem está prestando cuidados nas 24 horas em todos os dias da semana estabelecendo contato direto com o paciente. Assim esses profissionais precisam estar aptos para oferecer a educação em saúde, uma vez que realizam procedimentos invasivos com alto grau de responsabilidade. Além disso, torna-se necessário que os enfermeiros que atuam nessas unidades saibam se comunicar com os pacientes, pois nem sempre esses estão em condições de relacionar-se. A comunicação vem sendo uma variável importante no cuidado ao paciente crítico, cujo mesmo vem sendo descrito na literatura como um obstáculo a superar, a comunicação é

um importante aspecto, pois tanto contribui para estabelecer um melhor cuidado ao paciente como também contribui para uma excelente prática da enfermagem (BRITO; SILVA; MONTENEGRO; 2012).

As atividades de educação em saúde têm um importante papel a ser desempenhado no que diz respeito à mudança de paradigma, visto que quando se fala sobre o assunto as pessoas pensam em “cuidados pessoais que evitam doença”, dando a idéia que a saúde é um problema individual sendo a educação a forma de se obter a mudança de características individuais, como a não observância de cuidados à saúde necessários a promoção da saúde (HUDAK; GALLO, 2007).

Segundo o Comitê de Especialidades em Planejamento e Avaliação dos Serviços de Educação em Saúde da Organização Mundial de Saúde pontua que:

“O foco de educação em saúde está voltado para a população e para a ação. De uma maneira geral seus objetivos são encorajar as pessoas a: a) adotar e manter padrões de vida saudáveis. b) usar de forma judiciosa e cuidadosa os serviços de saúde colocados à sua disposição, e c) tomar suas próprias decisões, tanto individual como coletivamente, visando melhorar suas condições de saúde e as condições do meio ambiente” (MACHADO; SILVA, 2009).

Também é comum atribuir à educação em saúde á profissionais de saúde, embora devesse ser entendida como uma ação que integra outros profissionais dando uma visão de interdisciplinaridade. A educação em saúde constitui um dos instrumentos utilizados pela enfermagem tanto no modelo assistencial individual, como no modelo de saúde coletiva, onde as preocupações estão direcionadas para o controle da doença como fenômeno coletivo. Todo o contato que enfermagem tem com o usuário do serviço de saúde, estando à pessoa doente ou não, deveria ser considerado uma oportunidade de ensino de saúde. Enquanto a pessoa tem direito de decidir se aprende ou não, a enfermagem tem a responsabilidade de apresentar a informação que irá motivar a pessoa quanto à necessidade de aprender (COLOMÉ; OLIVEIRA, 2008).

Acredita-se que o plano de alta é uma ferramenta para garantir a continuação do cuidado após a hospitalização. O ensino no plano de alta é parte integrante do processo de educação e saúde, incluindo orientações ao paciente e à família acerca do que necessitam saber e compreender, considerando-se os aspectos biopsicosocioespirituais.

Neste contexto, considera-se o tema ainda um grande desafio para os enfermeiros, pois se entende que uma assistência de qualidade deve estar pautada em competências técnico-científicas e ser isenta de riscos aos pacientes, familiares, profissionais e instituições (POMPEU; 2007).

Devido a estas considerações este estudo buscou analisar a produção científica acerca da educação em saúde no contexto da alta hospitalar de paciente de unidade de terapia intensiva.

METODOLOGIA

Para o alcance do objetivo do estudo optou-se pela pesquisa exploratória de caráter bibliográfico que tem como finalidade:

“[...] identificar na literatura disponível as contribuições científicas sobre um tema específico”. Esta modalidade de pesquisa é de cunho qualitativo, descritivo e tem como característica fundamental localizar o que já foi produzido em diversas fontes, confrontando os resultados e é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído por artigos científicos (MALHEIROS; 2007, p81).

A busca bibliográfica foi realizada por meio dos seguintes descritores: Educação em Saúde, Unidade de Terapia Intensiva, Alta do paciente e Cuidados de Enfermagem, na base de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO). Foram selecionados apenas o artigo disponível on-line e na íntegra.

Estabeleceram-se como critérios de inclusão do estudo, artigos de periódicos disponível nas bases de dados acima descritas; idioma de publicação em português; respeitando o período de publicação compreendido entre os anos de 2005 a 2015 com abordagem da temática sobre educação em saúde no contexto da alta hospitalar de pacientes de unidade de terapia intensiva. O critério de exclusão foram estudos e artigos que não estavam disponíveis livremente na íntegra para consulta e estudos irrelevantes para a temática abordada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a combinação dos descritores foram identificadas inicialmente 131 referências. Dentre estas, após seleção por título e resumo condizente com o objetivo deste estudo, foram analisados artigos na íntegra e foram selecionados e incluídos 20 artigos, excluindo assim 111 artigos, seja por repetição nas bases de dados, seja por não contemplarem os critérios de inclusão previamente determinados.

A análise descritiva das referências selecionadas possibilitou tanto a caracterização geral como a análise da temática e síntese dos conteúdos das mesmas.

EDUCAÇÃO EM SAÚDE

A evolução do conhecimento para o autocuidado é a chave para o sucesso na diminuição da morbidade/ mortalidade e dos custos de saúde (ANDRIETA, et al, 2011).

As falhas mais comuns que prejudicam o autocuidado estão relacionadas ao déficit de conhecimento da doença e do tratamento; à falta de apoio ao tratamento e manifestações clínicas da doença; não aceitação da doença; ausência de apoio familiar; discreta melhora dos sintomas; terapêutica medicamentosa complexa; efeitos colaterais dos medicamentos e tratamento prolongado sem possibilidade de cura (SUZUKI; CARMONA; LIMA, 2011).

Na realidade brasileira, a intervenção educativa de enfermagem realizada durante a internação hospitalar traz melhora do conhecimento, do autocuidado e da qualidade de vida para pacientes e seus familiares. A educação em saúde depende de equipe multidisciplinar, que trabalhará com o conhecimento e conscientização sobre a doença, na intenção de que haja adesão ao medicamento e reconhecimento dos sinais e sintomas que indicam a progressão da doença (TEIXEIRA; RODRIGUES; MACHADO, 2012).

Além disso, educar o paciente para o conhecimento da própria doença, a relação entre a terapia farmacológica e o comportamento saudável, podem alterar os índices de re-hospitalização. (SUZUKI; 2011).

PROCESSO DE ALTA HOSPITALAR

Estudos recomendam a necessidade de um processo de alta padronizado para maior eficiência e qualidade do cuidado, com a finalidade de garantir a sequencia da assistência domiciliar, a fim de oferecer aos pacientes informações e recursos necessários para prevenir e evitar reinternações. Nesse processo, deve-se dar ênfase ao processo de alta individualizado a partir da admissão do paciente, envolvendo toda equipe de saúde (BRITO; MONTENEGRO, 2012).

O adequado é que a alta hospitalar seja planejada a partir do momento da internação do paciente, sendo o paciente orientado sobre sua patologia e preparado para o autocuidado. Paciente mais debilitado pode depender de uma terceira pessoa para auxiliá-lo e, nesses casos, um importante dado a ser coletado remonta sobre a figura do cuidador, para que este seja capacitado a prestar ajuda de qualidade ao paciente (COLOMÉ; OLIVEIRA, 2008)

É inevitável a compreensão do paciente, familiar ou cuidador sobre o processo de alta, e deve ser solicitado que expliquem sobre o plano com suas próprias palavras. Além disso, é importante instituir programação de seguimento pós-alta; conciliação do plano terapêutico medicamentoso; revisão sobre como proceder na ocorrência de um problema, orientando sobre qual serviço de atendimento deve procurar; além de fornecer instruções por escrito e realizar seguimento telefônico (TEIXEIRA; RODRIGUES; MACHADO, 2012).

Muitos profissionais acreditam que a orientação no momento da alta consiste no elemento principal desta etapa e deve envolver alguns temas de destaque sobre a saúde e possíveis situações no ambiente domiciliar (SOUZA; LIMA 2015).

O planejamento da alta é uma atividade interdisciplinar que tem o enfermeiro como responsável por fazer o elo entre os profissionais, visando bem-estar e recursos necessários para garantir a segurança do cuidado em domicílio (MACHADO; SILVA 2007).

A literatura aponta que o enfermeiro realiza cuidados e atividades educativas junto ao cliente que costumam não ser documentado, o que dificulta a comunicação na equipe, o acompanhamento do aprendizado do paciente e a visibilidade do trabalho desempenhado pelo enfermeiro. Assim, para a operacionalização da proposta discutida neste trabalho, foi construído um impresso, a partir da literatura consultada, para o

registro de dados que nortearão as decisões quanto ao planejamento da alta hospitalar do paciente. (POMPEU; 2007).

Um estudo nacional sobre orientação de enfermagem na alta hospitalar constatou-se que o processo de alta hospitalar ocorre em locais inadequados para orientação, são fornecidas poucas informações por escrito, há curto tempo para orientação e não são utilizadas estratégias que confirmem a compreensão do paciente quanto às orientações fornecidas, representando aspectos limitadores à efetividade do processo de alta (MIASSO; CASSIANI. 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a literatura apresente muitas discussões sobre o planejamento da alta do paciente e a importância do papel do enfermeiro neste processo, a documentação de experiências de enfermeiros brasileiros ainda se mostra escassa.

A prontidão e segurança do paciente para a alta deve ser resultado de um planejamento que deliberadamente o prepare para tal, sendo avaliados indicadores físicos e psicossociais, que o enfermeiro deve estar apto a investigar e registrar, no intuito de documentar a assistência prestada e para que dados possam ser resgatados e reavaliados, tanto por ele quanto pela equipe multidisciplinar, com o objetivo de favorecer o bem-estar do paciente.

Os estudos analisados nesta investigação indicam que parcerias interdisciplinares e a participação ativa do paciente, familiar ou cuidador contribui na implementação e eficácia do processo de alta hospitalar.

Apesar das características peculiares que permeiam o contexto da unidade de terapia intensiva e por esta ser um setor no qual se realiza um cuidado específico e complexo, destaca-se que não basta dominar o conhecimento junto à alta tecnologia existente nestas unidades, é necessário deter atenção particular no cliente em sua totalidade, para isso, os profissionais devem ser atuantes, aplicar seus conhecimentos e habilidades.

Para fortalecer os resultados apresentados neste trabalho, é necessário o desenvolvimento de novas pesquisas. Torna-se importante um aprofundamento nos modos de como formular um plano de alta, visando a sua aplicação e a análise das repercussões que esse plano alcançou nos pacientes, validar o conhecimento adquirido pelo paciente, apoio da família no plano de alta, elaboração de materiais educativos para

a educação do paciente, além de outros aspectos que podem ser desenvolvidos na investigação científica, para que as evidências sejam incorporadas à prática de Enfermagem, no cuidado do paciente de unidade de terapia intensiva.

REFERÊNCIAS

- Andrietta MP, Moreira RSL, Barros ALBL. Plano de alta hospitalar a pacientes com insuficiência cardíaca congestiva. Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet]. nov.-dez. 2011 [acesso em: 15/05/2015];V19N6:[08 telas]. Disponível em:
- BRITO; C.G. N, SILVA; N.C, MONTENEGRO; L. Metodologia de Paulo Freire no desenvolvimento da educação permanente do enfermeiro intensivista. Rev. Enf. Revista. Set/Dez 2012 V. 16. N° 03 p 317-326 Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/enfermagemrevista/article/view/5182/5188>. Acesso em 25 maio de 2015
- CHIODI; L. C. AREDES; N. D. A. et al. Educação em saúde e a família do bebê prematuro: uma revisão integrativa. Acta Paul Enferm. 2012 V 25 N6 p 969-74. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n6/v25n6a22.pdf>
- COLOMÉ; J.S. OLIVEIRA; D.L.L.C.. A educação em saúde na perspectiva de graduandos de Enfermagem. REV. Gaúcha de Enf, Porto Alegre(RS) 2008 v.29,n.53,p347-353 Disponível em: [file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/6736-20780-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/6736-20780-1-PB%20(1).pdf)
- COLOMÉ; J.S. OLIVEIRA; D.L.L.C.. Educação em saúde: Por quem e para quem? A visai de estudantes de graduação em enfermagem. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2012 Jan-Mar; V 21 N1 p 177-8 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v21n1/a20v21n1.pdf>
- DOMINGUES; F. B. D. CLAUSELL; N. C. ALITI; G. B. A. et al. Educação e Monitorização por Telefone de Pacientes com Insuficiência Cardíaca: Ensaio Clínico Randomizado. Arq Bras Cardiol 2011 V 96 N3 p 233-239 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/abc/v96n3/aop00611.pdf>
- HAMMERSCHMIDT, K. S; LISBOA, M. C. Educação em saúde para pessoas idosas com diabetes mellitus. Rev. Nursing, v 79, n7. 2004, p 36-40
- HUDAK, C.; GALLO, B.M. Cuidados intensivos de enfermagem: uma abordagem holística. 8ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2007.

MACHADO, A.L.; SILVA, M.R.F. Educação em Saúde: instrumento de ação para o enfermeiro no Programa Saúde da Família. *Rev. Nursing*. 2007 v.104. n° 9 p 45-49

MACIEL; M.E.D. Educação em saúde: conceitos e propósitos. *Cogitare Enferm*, Out/Dez; 2009, V14, N4, p 773 -776 Disponível em

<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/16399-56889-3-PB.pdf> Acesso em 25 maio de 2015

MALHEIROS, Bruno Taranto. Metodologia da Pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: LTC, 2011, 2 ed, p. 81 a 85.

MIASSO A. I, CASSIANI; C. S.H.B. Administração de medicamentos: orientação final para alta hospitalar. *Rev Esc Enferm USP* 2005; 39 (2):136-44. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v39n2/03.pdf>

MINAYO; M.C.S.O Desafio do Conhecimento Pesquisa Qualitativa em Saúde. 11ªed São Paulo. Hucitec.2008

Oliveira F. F, Silva R. C. Automedicação na gestação & Educação em saúde: Revisão de literatura. *REENVAP* 2013 V1 N5 p21-32 Disponível em:

<http://publicacoes.fatea.br/index.php/reenvap/article/view/1132>

POMPEO; A. et al. Atuação do enfermeiro na alta hospitalar: reflexões a partir dos relatos de pacientes. *Acta paul. enferm.* , São Paulo, v. 20. n. 3, set. 2007. Disponível em:

http://www.scielo.br/pdf/ape/v20n3/pt_a17v20n3.pdf

RABELO; M. Z. CHAVES; C. M. E. et al. Sentimentos e expectativas das mães na alta hospitalar do recém-nascido prematuro. *Acta Paul Enferm* 2007 V 20 N3 p 333-7 Disponível em:

http://www.scielo.br/pdf/ape/v20n3/pt_a15v20n3.pdf

ROCHA, K.P.W.F. A educação em saúde no ambiente hospitalar. *Rev. Nursing*, v108, n9. 2007, p 216-220

SILVA, A.C.; ZANATTA E.A. Educação em saúde percepção de Biólogos. *Rev. Nursing*, v 131, n12. 2009, p 177-181

SOUZA; L. P. LIMA; M. G. Educação continuada em unidade de terapia intensiva: revisão da literatura. *J Health Biol Sci*. 2015; V3 N1 p 39-45. Disponível em:

<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/137-770-1-PB.pdf>

SUZUKI; V F , CARMONA; E. V. LIMA M H. Planejamento da alta hospitalar do paciente diabético: construção de uma proposta. Rev Esc Enferm USP 2011 V 45 N 2 p 527-532

<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n2/v45n2a31.pdf>

TEIXEIRA; J.P.D. S, RODRIGUES; M.C. S, MACHADO V. B. Educação do paciente sobre regime terapêutico medicamentoso no processo de alta hospitalar: uma revisão integrativa. Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS) 2012 jun; V33. N 2. p186-196. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v33n2/26.pdf> Acesso em 20 de junho de 2015

FOTOGRAFIA DE RUA: UMA ANÁLISE DO COTIDIANO E SUAS MEMÓRIAS

Resumo

Este estudo visa refletir como a fotografia de rua ajuda na construção da história de uma sociedade, bem como desenvolver uma reflexão a respeito da fotografia como um auxílio na criação de memórias para os moradores dos centros urbanos. As ausências de fontes, materiais de pesquisa e informações a respeito da Fotografia de Rua, principalmente em português, expressam a importância deste projeto para os profissionais e entusiastas da área da fotografia, mais especificamente, da fotografia de rua. A fundamentação teórica deu-se à luz de Gibson (2011) e Corrêa (2013).

Palavras-chave: Fotografia; condição humana; memórias; sociedade.

ABSTRACT

This research aims to reflect how the street photography can help during the construction of a society's history, just like to create a reflection about the photography as an aid to create memories to urban center's dwellers. The absence of sources, research materials and information about street photography, especially in Portuguese, express the importance of this project to professionals and enthusiastic in photography, but specifically, street photography. The theoretical foundation was by (2011) and Corrêa (2013).

Key-words: photography; human condition; memories; society.

INTRODUÇÃO

A fotografia tem evoluído ao longo dos anos, desde a sua primeira experiência bem sucedida no início do século XVIII. A imagem criada por Niépce da janela de sua casa foi considerada um divisor de águas na forma de registrar os acontecimentos na história da sociedade. Deste ponto em diante, surgiram os daguerreótipos, calótipos, a fotografia analógica, instantânea e por fim, mais utilizada nos dias de hoje, a fotografia digital.

Com a evolução das câmeras fotográficas e da fotografia em si, também evoluíram as pessoas por trás das máquinas. A vida passou a ser mais rápida e as gerações mais antigas, que possuíam certa disposição para contemplar os frutos da arte de retratar, diferem daquelas que tratam o excesso de imagens produzidas no mundo de hoje, de forma banal. Por razão dessa agilidade, as cenas do dia a dia passam despercebidas diante dos olhos das pessoas.

A fotografia de rua tem se mostrado muito eficiente como forma de contar as histórias das cidades, mas, mais ainda, de seus modestos moradores. O cotidiano desses personagens e as características da época, retratadas através das lentes de diversos fotógrafos ao redor do mundo, têm auxiliado no processo de construção das memórias urbanas da sociedade. É possível registrar a realidade das ruas de forma admirável por meio do olhar, da criatividade e da abordagem feita pelo fotógrafo em todo o espaço urbano.

Ao empregar esse estilo de representação visual diário em grandes metrópoles ou pequenos vilarejos, permite-se criar um acervo cultural e diversificado da história da humanidade que servirá como fundamento para prováveis estudos em diversas áreas acadêmicas futuramente. Sem as imagens captadas por nomes como Henri Cartier-Bresson, Robert Doisneau e a recém-descoberta, Vivian Maier, desde o início da década de 20, não seria possível compreender como o comportamento social se transformou com o passar dos anos.

Aplicando as principais ideias de David Gibson sobre a fotografia de rua às técnicas de produção de vídeo documentário, o presente estudo visa dispor aos amantes da fotografia um novo material audiovisual com conteúdo dinâmico a fim de informar sobre as práticas e os benefícios dessa arte para o entendimento da condição humana. Por meio de entrevistas, depoimentos e seleção de imagens, estruturar o conceito sobre a temática abordada e abrir caminhos para aqueles que desejam deixar a sua marca na história.

Para transmitir um sentimento por meio de uma foto, não bastam técnicas, também é preciso senti-lo.

O trabalho proposto poderá contribuir para a compreensão do tema e promover o interesse das pessoas quanto ao valor dessa arte no desenvolvimento da sociedade moderna, bem como o quanto o fotógrafo de rua pode colaborar para o registro da história e das memórias das cidades.

A escolha do tema deste projeto parte do desenvolvimento e encontro pessoal do autor na profissão de fotógrafo durante o período da Faculdade de Rádio, Tv e Internet. Aliando os conhecimentos adquiridos ao longo dos quatro anos de aprendizado à bagagem adquirida por meio da fotografia, é possível criar um produto com linguagem visual dinâmica, a fim de servir como informação para os amantes dessa arte.

1. FOTOGRAFIA

1.1 A história da fotografia

Desde o início dos tempos, a humanidade busca formas de documentar os acontecimentos do seu cotidiano. Partindo dos homens do período Paleolítico, que contaram suas histórias por meio dos desenhos deixados em paredes, até os celulares de hoje, que captam tudo aquilo que está à volta daquele que o possui, um longo caminho tecnológico, mas principalmente sociológico, foi percorrido.

A fotografia é hoje a maneira mais rápida e fácil de registrar um fato, além de estar acessível à grande parte da população mundial. Contudo, essa agilidade com que as imagens são capturadas, acaba fazendo com que a fotografia em si, perca a sua essência e passe a se tornar algo banal.

Enquanto hoje uma das preocupações dos fotógrafos está em obter uma foto com qualidade de nitidez impecável, até o início do século XVIII a inquietação dos pesquisadores era simplesmente para encontrar uma forma de fixar uma imagem criada por meio da câmara escura, em uma superfície, fosse de tecido, papel ou outros materiais. Diversas pesquisas durante o processo de descoberta de uma forma de reproduzir uma imagem real serviram de base para que Joseph Nicéphore Niépce fosse bem sucedido no que seria considerado a primeira fotografia.

Por volta de 1816, Niépce, motivado por seu interesse na arte da litografia, realizou suas primeiras experiências com a câmara escura. Abandonando os sais de prata, ele passou a utilizar betume – um “revestimento” (camada protetora) para placas de impressão que endurecia sob a ação da luz. Por

volta de 1826-1827, teve sucesso, criando *Vista da janela em Le Gras* em uma placa de estanho (HACKING, 2012, p. 19).

Atualmente, a heliografia de Niépce, como o próprio nomeou seu processo de criação, passaria despercebida por aqueles que não conhecem a sua real origem, especialmente pela falta de nitidez e o alto nível de granulação.



Figura 1 - Vista da janela de Le Gras, Joseph Nicéphore Niépce

O desenvolvimento da tecnologia para reproduzir imagens reais seguiu a cargo de Louis Daguerre, que, apresentando evoluções do procedimento, despertaria o interesse do Estado em adquirir seus direitos e posteriormente tornaria a fotografia pública.

Niépce informou a Sociedade Real de Londres de seu sucesso em 1827, mas foi seu jovem sócio, Louis Daguerre, admitido em 1829, quem desenvolveu as primeiras imagens fotográficas precisas, dando a elas o nome de daguerreótipos, e distribuiu detalhes de seu processo fotográfico em Paris “no interesse das ciências e das artes” em 1939. O Estado, orgulhoso da proeza científica francesa, adquiriu os direitos de monopólio de seu trabalho, mas logo renunciou a eles e declarou a fotografia “aberta para o mundo todo” (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 166).

Também através de uma janela, Daguerre registrou um momento de Paris utilizando a câmara escura. O daguerreotipo em questão, mostra não apenas uma rua de Paris, mas também algumas pessoas que por ali passavam. Apesar do longo período de exposição necessário para que a câmara fixasse a imagem, o que faz com que as pessoas e carruagens não passem de meros borrões, é possível perceber um homem tendo seu sapato engraxado à esquerda da imagem, algo que dificilmente seria notado se Daguerre tivesse utilizado a heliografia de Niépce.

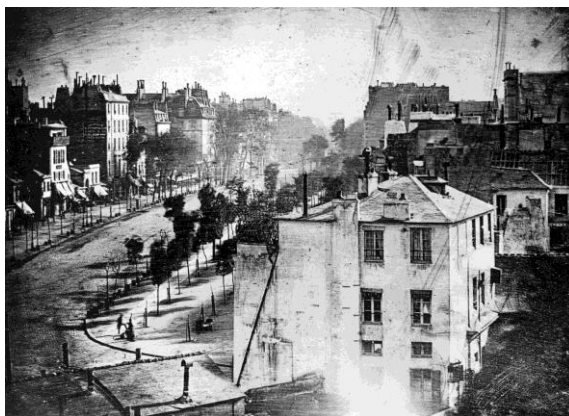


Figura 2 - Boulevard du Temple, Louis-Jacques Mandé Daguerre.

Simultaneamente em Londres, William Henry Fox Talbot, buscou sua própria maneira de criar fotografias, sem saber das conquistas de Niépce e Daguerre. Os “calótipos” eram “imagens mais delicadas do que os daguerreótipos” (BRIGGS; BURKE, 2004) e foram expostos por Talbot após o anúncio da invenção de Daguerre, em Paris.

Anos mais tarde, na década de 1880 nos Estados Unidos, enquanto a fotografia se popularizava e o seu aprimoramento continuava, George Eastman contribuiu com uma das invenções mais famosas para a fotografia: a câmera Kodak. Diferente dos grandes equipamentos e do longo tempo que eram necessários para se produzir os daguerreótipos, a Kodak N° 1 surgiu como uma forma barata, prática e rápida para fotografar, podendo ser utilizada em qualquer lugar e por qualquer pessoa.

As Kodaks eram vendidas com rolos de filmes e faziam 100 em negativo por rolo. Quando este acabava, era enviado para a fábrica Eastman onde eram descarregadas, recarregadas e devolvidas ao consumidor (BRIGGS; BURKE, 2004), fazendo jus ao lema que tinham: “Aperte o botão, nós fazemos o resto”.

Nas palavras de Oliveira (2009, *apud* CORRÊA, 2009, p. 17), “com este sistema de prestação de serviço, Eastman dissemina a fotografia para aqueles que desejavam apenas tirar fotos sem ter que se preocupar com infraestrutura [...], para muitos só interessavam a foto e foi isto que Eastman proporcionou”.

O filme fotográfico desenvolvido naquela época segue sendo utilizado até hoje, entretanto, foram as câmeras que mudaram com o passar dos anos.

[...] de câmeras grandes e pesadas do início do século XX, que davam ao fotógrafo apenas a função de enquadrar e “apertar o botão”, hoje se encontram câmeras compactas, feitas de diferentes materiais (metal, plástico), com maiores possibilidades ao se fazer a foto, através da escolha da lente, do controle de velocidade e abertura de diafragma, que dão ao fotógrafo maior autonomia na hora de fotografar, apesar de dar também maior responsabilidade, pois qualquer erro da parte dos fotógrafos pode acarretar na perda da fotografia. (CORRÊA, 2009, p. 18)

Atualmente, algumas câmeras analógicas continuam ativas nas mãos de fotógrafos profissionais e amadores. Mas a grande maioria das que antes registraram momentos importantes da história, se tornaram artigos valiosos de diversas coleções pessoais e artigos de museu, dando lugar às tecnologias digitais presentes nas câmeras de hoje.

Entre as analógicas e as digitais, surgiram as câmeras instantâneas, sendo a Polaroid a pioneira deste novo método de captura e impressão de fotografia.

A ideia da fotografia instantânea veio da filha de Land, que questionava porque demorava tanto para ver as fotos das suas férias de verão. Land decidiu realizar todo o processo de desenvolvimento da impressão de um negativo e combiná-lo em uma folha só. Ele fez os dois, impressão e negativo, do mesmo tamanho e incluiu um pacote de produtos químicos que seria ativado quando o filme fosse impresso. No momento em que a fotografia fosse removida da câmera, os químicos se espalhariam uniformemente sobre o negativo para criar a imagem. (FRANDOLOSO, 2014)

Tendo como objetivo oferecer a foto impressa em menos de 60 segundos após ter sido tirada, a Polaroid se consolidou no mercado fotográfico por quase 60 anos, perdendo forças no final dos anos 90 com o surgimento das câmeras digitais.

Com o surgimento de aplicativos como o Instagram para smartphones e outros dispositivos do gênero, que possui como princípio a instantaneidade na aquisição das imagens sem a necessidade de revelar do filme, ou descarregar no computador, as portas para as extintas máquinas instantâneas se reabriram e recentemente elas foram relançadas no mercado fotográfico.

A fotografia continuou se popularizando, mas fatores como custo elevado de equipamentos, demora para revelar os filmes e falta de qualidade, fizeram com que houvesse mais um avanço tecnológico na história: o surgimento da fotografia digital.

[...] vivenciamos o surgimento da fotografia digital no final dos anos de 1980, e com ela todo um novo estilo e beleza de se fotografar. Abre-se um novo mundo de possibilidades para os fotógrafos, tanto na forma de se fotografar quanto na manipulação dessa fotografia posteriormente. A fotografia digital pode ser entendida como “a imagem fotográfica numérica, independente de sua forma de captura, se com câmera digital ou analógica e posteriormente digitalizada” (ZAMBONI, 2004, *apud* OLIVEIRA; LEAL, 2011).

A fotografia digital não depende de produtos químicos, da revelação, para ser visualizada. Ela pode ser conferida na hora pelo visor da câmera, possibilitando a repetição da foto, se necessário e a sua edição posteriormente por meio de diversos softwares no computador. Existem profissionais que se opõem às câmeras digitais, por acreditarem que esta tira a autonomia do fotógrafo sobre a captura da imagem e, por serem em sua maioria automáticas, não despertam o interesse nas pessoas em aprender o que é necessário para se criar uma foto.

Com esse fácil acesso das pessoas às câmeras fotográficas, inicia-se o caminho da sociedade rumo ao consumo desenfreado de imagens digitais e dos instantâneos que se conhece hoje. E, assim como o processo de fazer fotografia se transformou, transformaram-se também aqueles por trás das câmeras e os que apreciam seus resultados.

1.2 A velocidade da sociedade diante do que é visual

Cada dia mais é possível perceber a rapidez com que as pessoas estão andando pelas ruas e vivendo suas vidas. De forma mecânica, alguns fazem o percurso casa/trabalho/casa sem perceber o que mudou ao redor. De tal modo que as imagens do cotidiano passam despercebidas e acabam se perdendo diante de seus olhos.

Condicionada pelo ritmo de desenvolvimento das forças produtivas e do trabalho mecânico e cronométrico das máquinas, rodas e êmbolos, a vida é contada em segundos. O tempo, na realidade da vida social e da vida interna

da psique, parece cada vez se reduzir mais aos décimos e centésimos do imediato. No cenário da vida cotidiana, marcada por espasmos, choques e estímulos descontínuos, o tempo presente não é mais uma totalidade, mas uma justaposição de flashes imediatos. (CARVALHO, p. 126-155, 1997)

Com essa celeridade que a vida caminha, a fotografia se apresenta como uma forma de congelar e armazenar o tempo, para que aquele momento possa ser apreciado melhor depois. Como afirma Barthes (1984): “o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. Entretanto, ainda que haja uma contemplação posterior através da imagem, o impacto da cena real no momento do seu acontecimento, dificilmente será refletido da mesma forma.

Isto é percebido na repercussão que os primeiros retratos provocaram na cena familiar, por exemplo. Eles eram encarados como uma forma de arte, por isso, suscitavam um estado de contemplação, ainda que não refletissem a realidade e sim, uma idealização da vida.

A fotografia se popularizou por meio dos retratos de membros da alta burguesia, que queriam ser reconhecidos pelas imagens fieis de suas pessoas, fossem sozinhos ou em família.

Esta atividade se tornou tão popular que, a câmera fotográfica passou a ser chamada de *máquina de retrato* e o ato de fotografar como *tirar um retrato*. Tirar um retrato passou a ser um evento tradicional, era utilizado para registrar os momentos mais importantes da família. Tudo passou a ser documentado através dos retratos, como por exemplo, o casamento, a conquista de um diploma, o nascimento de um filho e até mesmo os acontecimentos da família. (SILVA, 2009, p. 25)

Antigamente, o retrato era praticamente um ritual nos encontros familiares e sempre eram acompanhados por emoções. Ao passo que hoje, apesar das fotos continuarem a serem tiradas, elas estão sendo feitas em excesso e sem a preocupação de transmitir um sentimento.

O digital, desde o seu surgimento na Guerra Fria, tem colaborado com os avanços da humanidade, se fazendo muito presente na transmissão de informações ao redor do mundo em tempo real. É possível perceber que ao longo dos últimos anos as câmeras fotográficas, também presente em celulares e afins, tornaram-se bens de consumo constantes nas mãos das pessoas. Com isso, aumentou-se o número de imagens produzidas e divulgadas diariamente, principalmente em mídias sócias, gerando uma saturação visual e muitas vezes sem conteúdo. A fotografia deixou de ser algo contemplativo, para se tornar algo banal.

Sendo assim, de certa forma, pode-se dizer que a produção exacerbada de fotografias fez com que a mesma acabasse por ser banalizada. Pode parecer extremo, no entanto, para muitos, as fotografias são vistas como veículos visuais que podem ser produzidos por qualquer um que saiba disparar o botão da máquina fotográfica. (KAWAKAMI, 2012, p. 172)

Para um entendimento mais claro, é preciso ressaltar algumas definições: contemplar significa olhar com muita admiração, refletir profundamente, pensar ou meditar, sendo contemplativo aquilo que se deleita na contemplação; e banal é o comum ou ordinário; trivial. (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS).

Considerando a época em que foi expresso o pensamento de Barthes (1984) se faz muito atual:

Vejo fotos por toda parte, como todo mundo hoje em dia; elas vêm do mundo para mim, sem que eu peça; não passam de “imagens”, seu modo de aparição é o tudo-o-que-vier (ou o tudo-o-que-for). Todavia, entre as que foram escolhidas, avaliadas, apreciadas reunidas em álbuns ou revistas, e assim passaram pelo filtro da cultura, eu constatava que algumas provocavam em mim pequenos júbilos [...]; e que outras, ao contrário, me eram de tal modo indiferentes [...]. (BARTHES, 1984, p. 31)

As redes sociais também colaboraram com a disseminação da fotografia de forma a banalizá-la. Ao contrário dos antigos álbuns de família, onde ao rever as fotos em reuniões, reveem-se as vidas e os momentos ali contidos, os álbuns online, apesar de também guardarem suas histórias, tornaram-se espaços para divulgação de status e por possuírem um limite tão grande de arquivamento para imagens que viraram dispositivos de armazenamento.

No que se refere à fotografia como história de família:

Todo núcleo familiar possui um acervo fotográfico, espécie de patrimônio simbólico que assegura um ideal de coesão, pertencimento, identidade e referência. As fotos desse acervo atestam um mundo cada vez mais musealizado, um desejo coletivo de puxar o passado para o presente, a fantasia de um arquivista maluco (HUYSSSEN, 2000, *apud* RENDEIRO, 2010, p.3).

Barthes (1984) se mostra mais uma vez atual ao descrever o comportamento das pessoas com relação à fotografia, que hoje podem ser aplicado às condutas nas redes sociais:

Mostre suas fotos a alguém: essa pessoa logo mostrará as dela: “Olhe, este é meu irmão, aqui sou eu criança”; etc.; a Fotografia é sempre um canto alternado de “Olhem”, “Olhe”, “Eis aqui”; ela aponta com o dedo um certo *vis-à-vis* e não pode sair dessa pura linguagem dêitica. É por isso que, assim como é lícito falar de *uma* foto, parecia-me improvável falar *da* Fotografia. (BARTHES, 1984, p. 14)

A falta de uma filtragem de conteúdo a ser divulgado na internet deixou espaço para o surgimento de dois fatores. Os profissionais não precisam mais recorrer somente às galerias e espaços específicos para divulgar seus trabalhos fotográficos, facilitando seus contatos de serviços; porém, também ficou aberto o caminho para que um público despreparado para lidar com a liberdade de expressão começasse a expor todos os tipos de imagens feitas por eles, independentes do seu conteúdo histórico, artístico ou até mesmo pertinente às páginas da internet.

1.3 A fotografia de rua (street photography)

1.3.1 Conceito

Diferentemente do que sugere o termo, a fotografia de rua não consiste em fotografias das ruas em si, como se vê no Google Maps, por exemplo, mas sim as situações que esse ambiente proporciona. Existem poucas fontes que conseguem explicar precisamente o que ela significa. Para este momento, serão consideradas duas definições:

Genre of photography that can be understood as the product of an artistic interaction between a photographer and an urban public space. It is distinguished from documentary photography in that the photographer is not

necessarily motivated by the evidentiary value or socio-political function of the resulting photographs. Unlike photojournalism, a street photographer's images are not intended to illustrate a news story or other narrative. Instead, their primary goal is expressive and communicates a subjective impression of the experience of everyday life in a city. Thus neither the locale nor the subject-matter defines street photography; it is the photographer's approach to the medium and movement through public space that differentiate street photography from related forms of photography. (OXFORD ART ONLINE, S/D)

De acordo com o Oxford Art Online, de forma objetiva, a fotografia de rua é um gênero da fotografia que pode ser entendido como o produto da interação artística entre um fotógrafo e um espaço público urbano. Possui como objetivo primário expressar e comunicar uma impressão subjetiva da experiência do cotidiano da vida na cidade. Nem o local ou o objetivo a ser fotografado define a fotografia de rua, mas a abordagem do fotógrafo pelo espaço público que diferencia esse modelo de retrato dos outros tipos de fotografia.

A quick description is that street photography is any kind of photography taken in a public space. It is usually of ordinary people going about their everyday lives. Street photography's core value is that it is never set up; this aspect is 'non-negotiable' because the guiding spirit of street photography is that it is real. (GIBSON, 2011, p. 8)

Segundo o pensamento de Gibson (2011), a fotografia de rua é qualquer fotografia tirada em um espaço público, normalmente de pessoas comuns em seus afazeres do dia a dia. Para ele, a ideia principal desse tipo de fotografia é de que nada é combinado, e esse aspecto não é negociável, pois o espírito da fotografia de rua é que é a realidade.

I also don't think that street photography necessarily has to include people. The best street photographs are often photos of people— but you can shoot street photographs of technically anything. I have seen great “street photos” that don't contain any people. However, I think street photography needs to show “humanity”. (KIM, 2013)

De forma pessoal, Kim (2013) acredita que a fotografia de rua não necessita incluir pessoas. Para ele, é possível fazer fotos de tecnicamente tudo, entretanto, elas precisam mostrar a humanidade.

Já Bruce Gilden simplifica esse estilo de fotografia dizendo que “se você consegue sentir o cheiro da rua olhando para a foto, é uma fotografia de rua”.

Tendo por base essas definições, é possível afirmar que esse modelo de representação fotográfica da sociedade é o registro fiel das características humanas nas ruas, em seus momentos únicos na história.

1.3.3 O que buscar na fotografia de rua

Uma vez que se decida sair às ruas em busca de situações para fazer esse tipo de fotografia, é preciso saber o que quer mostrar e onde procurar. Para alguns, as pequenas cidades oferecem bons personagens a serem registrados em suas vielas, para outros, os grandes centros urbanos possuem os melhores assuntos para representar a fotografia de rua. O vai e vem das pessoas pelos lugares criam possibilidades para se presenciar diversas condições da sociedade. Como explica Gibson (2011) a energia da

fotografia de rua varia de cidade para cidade ao redor do mundo. Algumas são mais proeminentes que outras, mas o potencial está sempre lá.

Nessas atmosferas urbanas, alguns elementos são interessantes acrescentar às imagens, a fim de enfatizar a condição humana. Assim, quando as técnicas se unirem ao olhar, irão ajudar a compor uma história por meio das lentes da câmera. Porém, é válido se ater à “diferença entre as fotos que são arranjadas daquelas que são completamente reais” (GIBSON, 2011).

There is also the prospect of adding to a scene, or making it just right. A photographer once told me of his fascination for a poster that had two pigeons in it. Close by where some pigeons so he scattered some bread just below the poster and discreetly stepped back. Two pigeons, one black and one white, in perfect unison with the poster, duly obliged. The photographer got the shoot that he wanted. This is arguably only mild interference, although some photographers might be reluctant to admit to such a deed. (GIBSON, 2011, pág. 15)

Gibson (2011) menciona a possibilidade da adição de elementos à cena. Um fotógrafo contou a ele sobre sua fascinação sobre um pôster que continha dois pombos. Ele havia espalhado pedaços de pão, perto de onde as aves estavam, assim, um pombo preto e outro branco pararam em perfeita harmonia com o pôster na hora certa. O fotógrafo conseguiu o disparo que queria e, apesar dessa parecer uma pequena interferência, alguns fotógrafos se mostram relutantes em admitir tal façanha. Pode ser um problema quando a interferência manipula a ideia da cena real. Um olhar treinado é capaz de tanto identificar qual o melhor ponto para capturar a imagem, quanto perceber se houve algum tipo de influência em sua criação.

Como uma canção, a fotografia necessita de uma composição para transmitir a mensagem desejada para o seu público. Mostrar os gestos das pessoas, suas expressões faciais e corporais, os contrastes entre o novo e o antigo, são alguns dos meios de se transmitir as emoções das ruas. Kim (2013) menciona que “ao ver certas cenas, é possível sentir certo humor. Quando se deparar com uma cena, que evoque algum tipo de emoção, não se deve pensar, apenas fotografar”.

Pensar em fotografia de rua é pensar sobre a vida humana, as condições e os lugares onde ela se passa. O fotógrafo precisa absorver as emoções ali presentes e clicar com o intuito de transmiti-las às outras pessoas por meio de suas imagens.

REFERÊNCIAS

AINSWORTH, Alan. **Approaching Street Photography**. Disponível em <<http://www.alanainsworthphotography.com/approaching-street-photography.pdf>> Acessado em 03 de maio de 2015.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: Nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRIGGS, Asa; Burke, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CAMPANY, David; HACKING, Juliet. **Tudo Sobre Fotografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

CARVALHO, Sérgio Lage T.. **A saturação do olhar e a vertigem dos sentidos**. Revista USP. São Paulo (32), p. 126-155, dez a fev, 1996-97.

CORRÊA, Juliana Rosa. **A evolução da fotografia e uma análise da tecnologia digital**. 2013. Monografia. (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, 2013.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em <<http://www.dicio.com.br/>> Acessado em 25 de maio de 2015.

FRANDOLOSO, Luis Fernando. **Retratos do cotidiano**: o instantâneo fotográfico a partir da Polaroid até o Instagram. Tuiuti: Ciência e Cultura. Curitiba, n. 48, p. 229-241, 2014.

GIBSON, David. **The Street Photographer's Manual**. New York: Thames & Hudson Inc., 2014.

KAWAKAMI, Tatiana Tissa. **A popularização da fotografia e seus efeitos**: Um estudo sobre o a disseminação da fotografia na sociedade contemporânea e suas consequências para os fotógrafos e suas produções. Projética – Revista Científica de Design. Londrina, v.3, n. 1, p. 168 -182, jul. 2012.

KIM, Eric. **What is Street Photography?** 2013. Disponível em <<http://erickimphotography.com/blog/2013/08/07/what-is-street-photography-2/>> Acessado em 03 de maio de 2015.

LEAL, Paulo Roberto Figueira; OLIVEIRA, Lidiane A. de. **O analógico na era digital** – A sociedade Lomográfica. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, 2011.

MEUCCI, Nádia Raupp. **Biografia de Henri Cartier-Bresson**. Disponível em <<http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downloads/2015/05/biografia-de-henry-cartier-bresson.pdf>> Acessado em 21 de maio de 2015.

OXFORD ART ONLINE. **Street Photography**. Disponível em <http://www.oxfordartonline.com/public/page/GAO_free_Street_photography> Acessado em 13 de maio de 2015.

RAMOS, Matheus Mazini. **A Fotografia e o Tempo**: Possibilidades de pensar o tempo via fotográfico: Ponto e interstício. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

RENDEIRO, Márcia Elisa Lopes Silveira Rendeiro. **Álbuns de Família** – Fotografia e Memória; Identidade e Representação. In: XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio – Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Alessandra Alves. **É só mais um click**: da câmera escura a era digital. 2009. Monografia. (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SWEET, Michael Ernest Sweet. **The Street Photography Bible**. [S.l]: Blurb, 2014.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR E A LINGUÍSTICA

RESUMO: O objetivo deste estudo é o de promover uma reflexão sobre a importância do professor alfabetizador em sua formação para o ensino da linguística, nesta fase que merece atenção e deve ser discutida, visto que, as dificuldades na aprendizagem acerca da fala e escrita continuam e pouco se tem feito para solucionar os problemas que acometem a forma de alfabetizar. A alfabetização é apresentada como simples codificação e decodificação do sistema na aprendizagem da leitura e escrita, aprender a ler pressupõe não só decifrar o código escrito, como interpretar e compreender os textos de diferentes gêneros; aprender a escrever envolve não somente o escrito, estabelecendo correspondência entre letra e som, mas estar apto a produzir textos em diferentes situações comunicativas que esse alfabetizando vivencia. A Língua Portuguesa no Brasil apresenta uma grande variedade de dialetos, e estes se diferenciam por cada grupo social, o que faz reforçar o embasamento linguístico na formação do professor alfabetizador, para que o mesmo não assuma uma postura de “certo” e “errado” na alfabetização de seus alunos, sendo a alfabetização um processo de ensino-aprendizagem da língua que tem como objetivo dar ao alfabetizando mais um processo de comunicação verbal, a escrita, desse modo se faz necessário que o professor alfabetizador tenha conhecimento das variações linguísticas.

Palavras-chave: formação do professor alfabetizador. Alfabetização. Linguística.

ABSTRACT: The aim of this study is to promote a reflection on the importance of literacy teacher in your training for language teaching at this stage that deserves attention and should be discussed, given that the difficulties in learning about the speaking and writing remain and little It has been done to solve the problems that affect the form of literacy. Literacy is presented as simple encoding and decoding system in the reading and writing learning, learning to read requires not only decipher the written code, how to interpret and understand texts of different genres; learn to type involves not only writing, establishing correspondence between letter and sound, but be able to produce texts in different communicative situations that literate experiences. The Portuguese language in Brazil presents a wide range of dialects, and these are different for each social group, which makes strengthen the linguistic basis in training literacy teacher so that it does not take a position of "right" and "wrong" literacy of their students, and literacy a language teaching-learning process that aims to give the more literate a verbal communication process, writing, thus it is necessary that the teacher literacy aware of linguistic variations.

Key-words: Training of literacy teacher. Literacy. Linguistics .

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta uma pesquisa bibliográfica acerca do processo de aprendizagem na fase da alfabetização e na formação do professor alfabetizador, pois a alfabetização na esfera educacional é uma fase que merece atenção e deve ser discutida pelos que se preocupam com o caminhar da educação brasileira, visto que há décadas observam-se as mesmas dificuldades de aprendizagem e pouco se tem feito a respeito. (Cagliari, 2010 p.5). Os resultados obtidos não têm sido expressivos na solução dos problemas que acometem a forma de se alfabetizar. O que motivou esta pesquisa foi perceber dificuldades na alfabetização e letramento desses alunos nesta fase, pois pressupõe que estes alunos venham sem conhecimento nenhum da língua materna, o que não é verdade, ele já vem com um dialeto próprio que deve ser respeitado para que o aluno atinja um domínio da língua em suas diversas variedades (dialetos, registros e modalidade oral e escrita). O objeto desta pesquisa foi delinear o estudo da linguística na alfabetização e a formação deste alfabetizador para que haja mudanças significativas no modo de ensinar já que em tese a alfabetização se apresenta como simples codificação e decodificação do sistema na aprendizagem da leitura e escrita, aprender a ler pressupõe não só decifrar o código escrito, como interpretar e compreender os textos de diferentes gêneros; aprender a escrever envolve não somente o escrito, estabelecendo correspondência entre letra e som, mas estar apto a produzir textos em diferentes situações comunicativas que esse alfabetizando vivencia. Segundo Cagliari (2010), ler e escrever são atos linguísticos, no entanto, a criança ao entrar na escola perde toda a consciência que tem da linguagem oral. Assim, se a escola e seu professor alfabetizador não tratam a escrita e a fala adequadamente, a dificuldade para lidar com a leitura e como interpretá-la refletirá para esse aluno no ensino fundamental e médio.

1. ALFABETIZAR – ATO DE ENSINAR A LER E A ESCREVER

Ferreiro (1999, p.47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária”.

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita.

(FERREIRO, 1999, p.23)

A alfabetização inclui várias esferas para que aconteça com competência, e uma delas e não menos importante é a consciência do educador de como se dá o processo de aquisição de letramento e de oralidade deste alfabetizando, que vem em constante evolução no seu processo de desenvolvimento emocional, interacional, e da sua realidade linguística em seu processo de alfabetização. Sem dúvida, a alfabetização é a iniciação mais importante do educando no mundo letrado e falado. O domínio da escrita representa na sociedade maior fonte de poder do

conhecimento humano. No entanto, poucos são os que realmente são considerados competentes na arte da escrita e da leitura. A Língua Portuguesa no Brasil apresenta uma grande variedade de dialetos, e estes se diferenciam por cada grupo social, o que faz reforçar o embasamento linguístico na formação do professor alfabetizador, para que o mesmo não assuma uma postura de “certo” e de “errado” na alfabetização de seus alunos, já que a alfabetização um processo de ensino-aprendizagem da língua que tem como objetivo dar ao alfabetizando mais um processo de comunicação verbal, a escrita. Desse modo se faz necessário que o professor alfabetizador tenha conhecimento das variações linguísticas, visto que os alunos já chegam à escola usando pelo menos a variante familiar da língua. Partindo desse pressuposto, é fundamental formar um usuário competente da língua que seja capaz de usar os diversos recursos de modo adequado na construção de textos para veicular a determinação de significações, produzindo efeitos de sentido pretendidos em situações variadas e específicas de comunicação e, ao mesmo tempo, seja capaz de compreender os sentidos veiculados pelos textos que recebe. Portanto, desenvolver a competência do professor alfabetizador para que possa realizar um ensino efetivo na competência comunicativa desse aluno. É importante ressaltar que não esperamos que a linguística consiga resolver o problema da alfabetização, mas um caminho para que o professor realize seu trabalho sob uma perspectiva linguística que fomente as dificuldades de leitura e de escrita perceptíveis ao longo do processo estudantil dos alunos por meio de avaliações governamentais que avaliam a qualidade de ensino oferecido por Estados e Municípios. Assim este estudo vem reforçar a ideia já difundida por outros autores, sobre a importância da linguística no processo de alfabetização e a formação do professor para que se dê com efetividade a sua proposta de ensino da língua materna. Para Vygotsky,(1993) o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem e pela experiência sociocultural da criança. Partindo desse pressuposto, a linguagem duplica sua importância, pois, além de constituir um instrumento de interação entre os falantes em idade de alfabetização, é um fator que também determina o desenvolvimento psicológico desses iniciantes no mundo letrado. Vygotsky,(1993,p.44) reitera: “O aprendizado é uma das principais fontes de conceitos da criança em idade escolar, e é também uma poderosa força que, direciona o seu desenvolvimento, determinando, o destino de todo o seu desenvolvimento mental”.

Uma criança que entra para a escola já vem com um conhecimento das suas relações sociais e já adquiriu um conhecimento e uma habilidade linguística muito desenvolvida, ou seja, já tem um dialeto, espelho da sua realidade linguística. Para Cagliari, (2010), um dialeto não é simplesmente um uso errado do modo de falar de outro dialeto. São modos diferentes. Esta mesma criança tem outras necessidades que o professor alfabetizador por sua formação tem como obrigação ter conhecimento dos vários níveis que englobam a alfabetização: nível fonético-fonológico, nível sintático-semântico, nível textual, o professor conhecendo essas estruturas e sabendo como aplicá-las fica mais fácil de mediar às dificuldades dos alunos, mas embasado somente nesse conhecimento o professor alfabetizador não realizará um trabalho eficaz, faz-se necessário que ele leve em conta as variações dialetais que seus alunos apresentam, pois uma classe ou comunidade escolar nunca é homogênea no dialeto, há variações históricas, geográficas e sociais, e para tanto, o professor alfabetizador deve conhecer e respeitar a fala dos alunos que irá ensinar, entendendo sua realidade linguística, já que fazem parte de culturas diversas socialmente. Assim esses alunos levam as diferenciações de fala do grupo ao qual pertence que pode ocorrer por características como; idade, sexo níveis de fala ou por registro do que aprendeu com seus semelhantes, registro formal ou coloquial. Os princípios linguísticos irão desenvolver-se a partir do momento em que a criança resolve o problema da forma como a linguagem escrita esta elaborada para extrair significados na cultura.

De acordo com Cagliari (2010, p.15-16)

A escola deve respeitar os dialetos, entendê-los e até mesmo ensinar como essas variedades funcionam comparando-as entre si, ensinando como usar as variedades linguísticas, sobretudo o dialeto padrão (...). A escola desta forma não só ensina o português, como desempenha um papel imprescindível de promover socialmente os menos favorecidos pela sociedade.

Desse modo, o professor alfabetizador contribui para o conhecimento dessas variações linguísticas e estará conduzindo-os para que compreendam o seu mundo e o dos que os rodeiam, desmitificando o estigma de que a cultura e o saber só detêm quem fala o dialeto padrão. O professor necessita ter um conhecimento linguístico para que essa desmistificação aconteça ensinando a seus alunos a verdade linguística, assim, certamente a sociedade aceitará as diferenças linguísticas da comunidade que a compõe. Infelizmente, muitos alfabetizadores estão mais preocupados com a gramática descontextualizada estabelecida pela sociedade, e que ignoram as variantes dialetais, e impõem sem perceber a norma da fala da classe dominante, esquecendo-se do papel fundamental que tem a oralidade e gerando um desconforto aos seus alunos, fazendo-os calarem-se por medo de não enquadrar-se ao que é considerado “correto”.

1.1 A LINGUÍSTICA¹ NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

A chamada educação linguística de que tanto se fala é um conjunto de fatores socioculturais que acompanham um indivíduo e possibilitam desenvolver seu conhecimento sobre a língua materna. A cultura que circula numa sociedade também faz parte de uma língua, suas lendas, mitos e crenças, o que poderíamos chamar de uma ideologia linguística, neste contexto também vemos e não é menos importante o aprendizado das normas gramaticais que fazem parte da educação, a educação linguística que incidem nos grupos sociais nos quais o indivíduo participa. Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que a educação linguística de cada indivíduo começa no início da sua vida na interação com outros indivíduos, família, escola e comunidade em que está inserindo formando um conjunto de dialetos que formam uma sociedade.

A educação em seu momento atual necessita de uma análise no que tange o panorama das relações língua e sociedade, pois ainda há um mal entendido acerca de como se ensina a língua materna respeitando a fala e o dialeto de cada falante. Diante desse fato, é de suma

¹ Como o termo linguagem pode ter um uso não especializado bastante extenso, podendo referir-se a linguagem dos animais até outras linguagens – música, dança, pintura, mímica etc. – convém enfatizar que a Linguística detém-se somente na investigação científica da linguagem verbal humana. No entanto, é de se notar que todas as linguagens (verbais e não verbais) compartilham uma característica importante – são sistemas de signos usados para a comunicação. A Linguística é, portanto, uma parte dessa ciência geral; estuda a principal modalidade dos sistemas sógnicos, as línguas naturais, que são a forma de comunicação mais altamente desenvolvida e de maior uso. (FIORIN, 2004, p.17)

importância que o Educador, professor alfabetizador tenha como cerne a sua formação continuada em busca de aprender a aprender, ou seja, aprender como ensinar a língua materna buscando uma formação integral para que possa ensinar com propriedade inovando sua didática e não morra nas velhas práticas pedagógicas de um ensino mecanizado da tradição normativa da língua, porém para que isso ocorra de modo participativo e com propriedade é necessário que esse professor alfabetizador e de língua tenha formação para tal, para que tenha uma perspectiva pragmática sobre como usa a linguística para ensinar a gramática de modo que o desenvolvimento da proficiência oral e escrita do aluno não seja o único objetivo. Infelizmente muitos graduados em Pedagogia e Letras vêm de um ensino que tem como alicerce a gramática normativa pura, tornando assim o estudante um meio repetidor da doutrina gramatical tradicional. Uma reflexão sobre língua e linguagem fica limitada em geral, a uma disciplina introdutória à linguística, de simples historiografia dessa ciência. Muitos estudantes que se graduam em Pedagogia e vão trabalhar especificamente com a alfabetização, jamais ouviram falar durante sua formação, de pragmática linguística, de conversação, de gramaticalização, de análise do discurso, linguística textual, etc.

Isso tudo acaba resultando em uma inaceitação por parte dos educadores alfabetizadores e do ensino da língua materna dos documentos que regem as políticas de ensino como o PCN de Língua Portuguesa e o PCN do Ensino básico, tendo dificuldade de interagir com a ideia de inovação, de interação com o novo, pois não foram familiarizados com esse tipo de reflexão em sua formação. Para validar essa afirmativa pode-se citar alguns livros didáticos disponibilizados pelo MEC que foram erroneamente interpretados, um deles o livro didático para o ensino da EJA da Editora Global, Coleção Viver e Aprender para uma vida melhor, cujo objetivo era trabalhar as variedades linguísticas e estabelecer um novo modo de se ensinar uma gramática mais reflexiva no que tange a linguística. O livro que traz expressões como “nós pega os peixe” ou “os menino pega o peixe” é o único livro de português que foi distribuído para este segmento de ensino pelo Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLDEJA) do MEC.

Com isso, abre-se um precedente para discussões sem fundamento sobre as propostas oficiais do ensino da língua, a formação desses docentes que ainda por formação não são capazes de assegurar os direitos linguísticos dos sujeitos em formação sem transgredir o seu direito de usar seu dialeto, causando assim um preconceito linguístico.

Vê-se a necessidade de certa urgência na reflexão e ação que sejam capazes de suprir uma demanda social no que concerne o ensino da língua materna, nos cursos superiores de qualquer segmento educacional devendo interferir na formação de seus docentes e na formação de seus licenciados. Os professores sejam eles de qual disciplina for agora generalizando, deve deixar essa concepção prefixada ao longo de sua vida estudantil do certo e do errado, é necessário que haja mudanças significativas para conceber essa postura impregnada mesmo involuntariamente, e não gere mais comportamentos preconceituosos em relação aos diferentes usos da língua e por consequência a seus usuários. Sem dúvida o professor deve sim ensinar a norma padrão, logo no início da alfabetização, digo letramento, pois alfabetizar subentende-se ensinar as letras e letramento não é somente e tão simplesmente ensinar a ler e a escrever, mas criar condições para que a formação desse sujeito seja plena e participativa na sociedade “letrada” na qual ele está inserido e cheio de variedades linguísticas a ser respeitada. Para tanto, o ensino dever ser respeitado em sua pluralidade cultural e linguística, e esse trabalho implica na formação desse docente que deve pautar-se na pedagogia da existência e valorização das características específicas do pensamento, da emoção e da ação do indivíduo, em sua formação deve manifestar-se contra o tradicionalismo que ignora a profundidade da educação e letramento, na busca de ideias e técnicas mais eficientes no letramento de seus alunos tendo como tarefa principal a educação linguística oferecendo propostas teóricas e práticas visando o

interesse e necessidade do aluno adequando, portanto a suas variedades linguísticas sendo norteadoras da primazia na formação desses novos docentes. Cabe às instituições de curso superior enfatizar e despertar em seus licenciandos o reconhecimento e entendimento das especificidades do português brasileiro e no modo de como isso poderá interferir na didática no que diz respeito ao ensino da linguística dos falantes e ou na fala dos sujeitos acerca das variações linguísticas existentes, pois, as especificidades do português brasileiro são pouco e mal reconhecidas e quando mencionadas, destinam-se a condenar os “supostos” erros praticando assim somente o ensino da gramática normativa que vem de longa data a ser o correto em meio a uma sociedade elitista.

Com o domínio de como se processa a aprendizagem e sobre qual modelo deve prevalecer para o pleno desenvolvimento de indivíduos falantes de dialetos diferentes, do português escrito, permitindo ao professor conhecer melhor seus alunos e seu universo linguístico, oferecendo material que não se restrinja às variedades cultas, mas também que não isole as variações linguísticas.

A pesquisa foi embasada na fundamentação teórica de vários autores, dentre eles Cagliari (2010) e Travaglia (1995) que assumem uma concepção clara acerca do assunto.

Para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica para embasar as perguntas feitas por este objeto, tratando-se de uma pesquisa qualitativa para o estudo e análise da prática do professor alfabetizador em sua formação.

2. LEITURA

Muito se tem falado e escrito sobre a importância da leitura na vida do homem, sobre as causas e consequências da falta da leitura numa sociedade letrada que exige um desempenho linguístico no que se refere ao falante. Segundo Cagliari (2010), a alfabetização tem sido uma das fases da educação de um sujeito que mais preocupa, já que há muitas décadas se observam as mesmas dificuldades de aprendizagem. No entanto, os órgãos oficiais, em suas tentativas não têm obtido resultados expressivos na solução dos problemas. Partindo desse pressuposto, deve-se buscar uma formação que capacite o educador para o exercício de suas funções. Mostra-se nesta pesquisa que a capacidade referida diz respeito principalmente à formação técnica do professor alfabetizador.

Segundo Cagliari (2010) o processo de alfabetização tem como objetivo a aquisição do conhecimento, de como o aluno irá situar-se em termos de desenvolvimento cognitivo, emocional e de como evolui o seu processo linguístico durante a alfabetização, para isso o professor terá de ter práticas produtivas para o aprendizado, sem que haja sofrimento e preconceitos linguísticos. As instituições formadoras desses alfabetizadores têm que rever as práticas deste profissional para que tenha domínio da escrita, linguagem para maior fonte de métodos e técnicas.

O professor alfabetizador não deve apenas satisfazer as necessidades do aluno, mas despertar novas necessidades, organizando métodos, conteúdos e modelos, assim faz-se necessário que a formação técnica do professor seja referência. (MEYER;BERTAGNA, 2006).

Vê-se que tem havido muitas pesquisas em Linguística, em Sociolinguística, em Psicolinguística e em Análise do Discurso que têm contribuído para o debate acerca do ensino de língua desde os anos iniciais, no entanto os avanços são tímidos e ainda não avançaram no que tange à formação do professor alfabetizador ao convergir teoria em prática, partindo desse pressuposto, um dos aspectos mais conflitantes na relação entre ensino e aprendizagem nos graus iniciais e os estudos da linguagem e da aprendizagem nas instituições universitárias encontram-se centralizadas na formação dos professores alfabetizadores, ou seja, os futuros

Pedagogos. O currículo na formação de Pedagogos e Profissional de Letras permite apenas análises superficiais acerca das diferentes abordagens sobre o ensino e a aprendizagem da língua, promovendo assim uma disputa entre os defensores de vertentes tradicionais e de vertentes atualizadas.

Poucos são os resultados que alteram os rumos dos estudos da linguagem e aprendizagem dos licenciados em pedagogia, que conseqüentemente trazem para nossas salas de aula.

Evidentemente que esta desarmonia nos cursos de licenciaturas reflete-se nos cursos de formação de professores de Ensino fundamental e Médio, assim vale ressaltar o quanto se faz necessária e urgente uma implementação eficaz das políticas de formação de professores para esta esfera do ensino.²

No que se refere à formação do professor e na construção do conhecimento e da identidade social do mesmo e das maneiras como essa construção de conhecimento e identitária interfere nas práticas discursivas e nas relações sociais, como o professor de escolas públicas se vê como profissional, como vê sua atuação pedagógica na educação e construção do indivíduo em formação global, como entende sua função social no que tange o ensino no contexto sócio-histórico em que pretende atuar são questões que contemplam os objetivos deste estudo fomentando a prática das instituições formadoras de professores alfabetizadores.

RESULTADOS

A pesquisa realizada aborda a falta de preparo de profissionais da educação em sua formação para o uso de técnicas e métodos acerca do uso da linguística na Educação Fundamental e Ensino Médio. O currículo na formação de Pedagogos e Profissional de Letras permite apenas análises superficiais acerca das diferentes abordagens sobre o ensino e a aprendizagem da língua, promovendo assim uma disputa entre os defensores de vertentes tradicionais e de vertentes atualizadas, esta desarmonia nos cursos de licenciaturas reflete-se nos cursos de formação de professores, desse modo, vê-se a necessidade de certa urgência na reflexão e ação que sejam capazes de suprir uma demanda social no que concerne o ensino da língua materna, nos cursos superiores de qualquer segmento educacional devendo interferir na formação de seus docentes e na formação de seus licenciados para que possam atuar com competência exercendo sua função de modo que contribua para o pleno desenvolvimento do sujeito como um todo. É bom lembrar que, no Brasil, as reflexões sobre a problemática dos cursos de licenciatura acerca da formação do profissional de Letras e do Pedagogo, em si é uma crise tão antiga quanto a própria crise na educação atual.

À luz do pensamento dos vários autores citados, a intenção deste trabalho foi o de explicitar a compreensão do que se convencionou dizer de “falta de preparo das instituições para formação de professores acerca do uso da linguística desde os anos iniciais”. O uso que o homem faz da linguagem é uma ação tão natural que não é hábito refletir sobre sua importância e seu poder nas relações e em seu contexto social, visto que a fala apresenta uma variedade de

² Em 2011, o MEC deu início ao Programa de Formação continuada em Alfabetização (PROFA), e atualmente oferece o Pró-Letramento, Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, cujos objetivos mais ampliados englobam a formação do professor do Ensino Fundamental. Muitos Estados e Municípios já fazem parte do programa, no entanto, ainda há muita resistência em aderir ao programa e os que aderem desistem por falta de incentivo do próprio governo ao atrasar o valor da bolsa estipulada para a participação do professor.

dialetos que, devem ser respeitados e contemplados em sala de aula para que o aluno tenha conhecimento da própria língua e seu uso em diferentes contextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a falta de preparo de profissionais da educação em sua formação para o uso de técnicas e métodos acerca do uso da linguística na Educação Fundamental e Ensino Médio, é uma vertente a ser mais aprofundada, apesar de muitos teóricos já abordarem o assunto, ainda não é um tema que altera o que se espera de um curso de licenciatura na formação de professores de língua e pedagogos, mas já mostra uma tendência de pensamento crítico acerca da reformulação que deve ser realizada nas instituições e na formação desses indivíduos que entendendo claramente a ideia e distinção e para que, e como usar a linguística em sua prática pedagógica, não perdendo assim a consciência dos fenômenos da fala.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos.; Preconceito linguístico; O que é, como se faz. São Paulo: Loyola,2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos, Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, 2009 -(Coleção Pensamento e ação na sala de aula).

FIORIN, José Luiz, Introdução à Linguística I Objetos Teóricos. São Paulo: Contexto,2004.

MAIA, Joseane, Literatura na formação de leitores e professores.São Paulo, Paulinas, 2007 – (Coleção literatura e ensino).

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles, Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento. Campinas, Mercado de Letras; Autores Associados, 1994.

MEYER, João F. da Costa Azevedo.; **BERTAGNA**, Regiane Helena. O ensino a ciência e o cotidiano. Campinas, Editora Alinea, 2006.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. Gramática e interação. São Paulo, Cortez, 1995.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Pensamento e linguagem. Trad. de Jeferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

PROJETO DE REFORMA DA PRAÇA MARIA POLIDORO NA CIDADE DE LORENA – SÃO PAULO

RESUMO

Esse artigo propõe um projeto de reforma da Praça Maria Polidoro localizada na cidade de Lorena - SP. A proposta é de transformar um espaço danificado em um local lúdico e de entretenimento para a população. A praça é composta por um conjunto de três mesas de cimento acompanhadas de quatro bancos do mesmo material, dois bancos de madeira, uma quadra poliesportiva, uma área de plantio de mudas, um memorial, e dois postes de luz, todos em um mau estado de conservação. A propositura é de uma praça mais curvilínea, de passagem, com bancos curvos integrados a área de paisagismo, um monumento em flor de lis em homenagem a bandeira da cidade, e em uma extremidade da praça a implantação de três novas mesas com tabuleiro de xadrez embutido, uma lixeira ecológica e outras quatro lixeiras simples em vários pontos de passagem da praça.

Palavras-chave: Proposta; Reforma, Praça, Lorena.

ABSTRACT

This article proposes a project of reform of Maria Polidoro square, located in the city of Lorena – SP. The proposal is transform a damaged space into a ludic and entertainment area for the population. The square is composed by a set of three cement tables backed by four banks of the same material, two wood banks, a multi – sports court, a planting of seedlings area, a memorial, and two pole lights, all of them in a bad state of conservation. The proposal is a more curve square, in passing, with curve banks integrated with a landscaping area, a fleur – de – lis memorial in tribute to the city flag, and in one end of the square the deployment of three new tables with an embedded chessboard, one ecologic bin and other four simple bins in many other points in passing of the square.

Key-words: Proposal; Reform; Square; Lorena.

INTRODUÇÃO

1. HISTÓRICO DA PRAÇA

A praça Maria Conceição de Oliveira, mais conhecida como Maria Polidoro, foi construída na década de 50, entre as ruas Francisco Marques de Oliveira Junior, José F. de Moraes e Getúlio Vargas, na área central da cidade de Lorena – SP. Nessa época, a praça era basicamente constituída de bancos e árvores que a rodeavam, mas no ano de 2000 foram implementados conjuntos de mesas e bancos de cimento, uma quadra poliesportiva, e um canteiro de mudas numa extremidade da praça.

2. SITUAÇÃO ATUAL DA PRAÇA

Atualmente a praça possui praticamente a mesma infraestrutura do ano de 2000, porém, após fazer a visitação durante o dia e a noite, e conversar com os moradores do entorno, detectamos que durante o dia não há muito fluxo de pessoas passando pela praça, e no período noturno a quadra poliesportiva é mais utilizada para atividades ilícitas (consumo de drogas, etc), do que para fins de entretenimento desportivo, comprometendo a segurança dos frequentadores e moradores do entorno da praça. Além disso, a iluminação da praça não é suficiente para suprir sua área com conforto, fazendo com que alguns lugares da praça se

tornem mais escuros; as rampas de acesso a deficientes físicos estão esburacadas; os bancos de madeira, assim como os de cimento e a quadra poliesportiva estão degradados pela ação do tempo e pela falta de manutenção; e as mudas estão precisando de podas e cuidados. A pizzaria localizada em frente à praça tem sofrido com ataques e assaltos frequentes, a praça carece de manutenção e reforma, pois isso pode dissipar esses acontecimentos.



Figura 1 – Foto do canteiro de mudas



Figura 2 – Foto da quadra danificada e rampa de acesso a cadeirantes esburacada



Figura 3 – Foto da vista de uma extremidade da praça



Figura 4 – Foto dos danos na quadra poliesportiva



Figura 5 – Foto da má iluminação no período noturno



Figura 6 – Foto das mesas e bancos de cimento mal conservados

3. METODOLOGIA

Para fazer o levantamento da praça, foram utilizadas duas trenas manuais certificadas pelo Inmetro, uma de 50 metros e outra de 5 metros. Foram locados a praça e todos os equipamentos inseridos nela (bancos, mesas, a quadra poliesportiva, o canteiro e todas as mudas presentes nele). Já que a praça Maria Polidoro é relativamente pequena e estreita, a proposta é demolir a quadra poliesportiva, o canteiro de mudas e substituir os equipamentos e mobiliário da praça. A ideia de implementação é de uma praça lúdica, de encontros, que seja utilizada em qualquer período do dia ou da noite, acompanhando essa ideia propõe-se a criação de um monumento em referência a flor de lis (em referência a bandeira da cidade de Lorena), para atrair a atenção das pessoas que por ali passam – a praça é tida como um local de passagem e até mesmo como uma rotatória – tanto para os moradores do entorno como para os clientes da pizzaria e bares que rodeiam a praça. Os bancos terão um design sinuoso, que interagem com a praça e dá uma ideia de aconchego e movimento, e são integrados com o paisagismo, o qual seguirá o mesmo traçado dos bancos. Os postes atuais serão trocados por outros criados exclusivamente junto a essa proposta, com o design entrelaçado, que além da estética irá proporcionar melhoria para a iluminação noturna. Além disso, serão implementadas três conjuntos novos de mesa com tabuleiro de xadrez e cadeiras, quatro rampas de acesso a cadeirantes (duas em cada extremidade da praça), uma lixeira ecológica e outras quatro lixeiras simples com acabamento em madeira distribuídos pela praça.



Figura 7 – Foto da má iluminação no período noturno

3.1 Monumento Flor de Lis

O monumento foi criado com a forma de uma flor de lis que é símbolo da bandeira da cidade de Lorena, ele mede 3,22 metros de altura e seu comprimento é de 22,88 metros. De coloração cinza/ metálica, ele fica localizado no canteiro central da praça, podendo ser visto de todos os ângulos. Ele será feito a partir de um material plástico (polímero) tratado por um processo de metalização, isso porque pode substituir uma peça metálica com a vantagem de reduzir o peso e o custo de energia associado com as diversas fases da formação do metal e polimento das peças, bem como o custo de transporte. Somando-se a isso, revestimentos metálicos fornecem proteção para o polímero e oferecem resistência mecânica a corrosão, ao aquecimento, ao ultravioleta e aos solventes. A metalização de materiais plásticos tem função estética e permite receber acabamentos diversos, sendo cada vez mais introduzido nos projetos de designers e arquitetos.

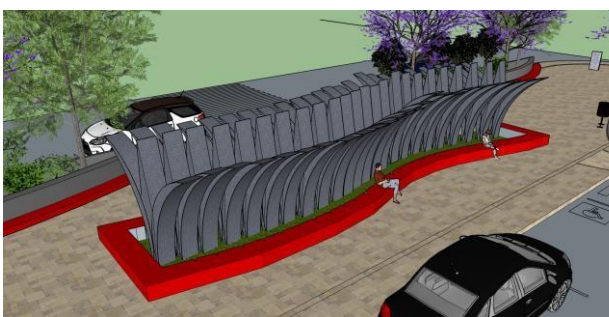


Figura 8 : Monumento flor de lis – Foto do modelo em Sketchup



Figura 9 – Vista do monumento flor de lis – Foto do modelo em Sketchup

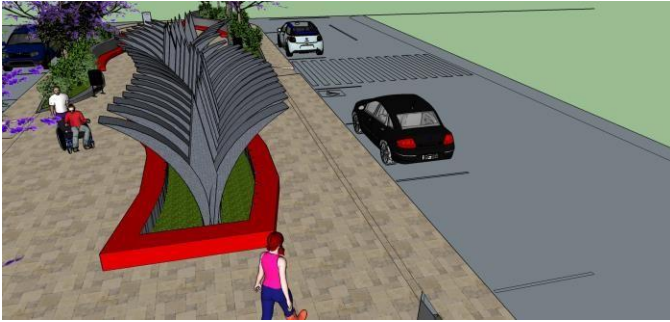


Figura 10 – Vista do monumento flor de lis – Foto do modelo em Sketchup

3.2 Bancos

Para o banco escolhemos a cor vermelha que além de ser uma tonalidade mais vibrante, está presente na bandeira da cidade de Lorena , seu formato em curvas oferecem conforto e harmonizam a composição arquitetônica do local, assim os visitantes da praça podem sentar-se e relaxar em momentos de lazer e descontração do dia a dia.



Figura 11 – Design dos bancos – Foto do modelo em Sketchup

Figura 12 – Vista dos bancos – Foto do modelo em Sketchup

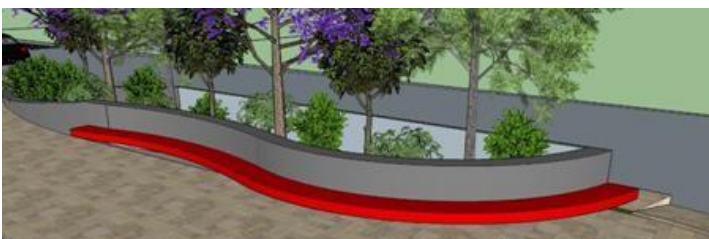


Figura 13 – Vista do banco – Foto do modelo em Sketchup

3.3 Postes

Escolhemos postes com um design moderno projetado exclusivamente para o projeto

em questão, que simbolizam o entrelaçar do antigo com o novo. Os postes têm cerca de seis metros de altura e são formados por quatro lâmpadas que irão melhorar a iluminação da praça.

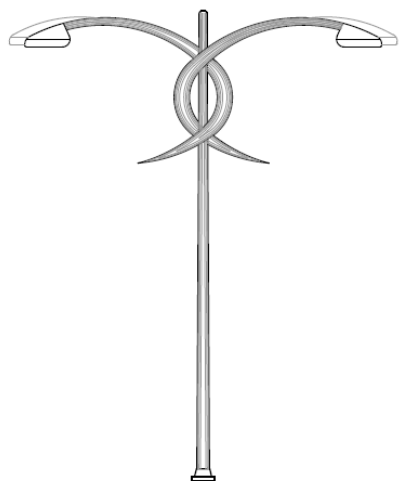


Figura 14 – Poste em vista lateral – Foto do modelo no Autocad 2D



Figura 15 – Foto de um dos postes atuais da praça Maria Polidoro

3.4 Lixeiras

Serão utilizadas quatro lixeiras comuns, revestidas com um design de madeira, que se localizarão em toda a extensão da praça, e uma lixeira ecológica que permanecerá em uma extremidade, perto das mesinhas com tabuleiro de xadrez embutido.



Figura 16 – Modelo de lixeira ecológica – Foto do modelo em Sketchup



Figura 17 – Modelo de lixeira simples com acabamento em madeira – Foto do modelo em Sketchup

3.5 Conjunto de mesas e cadeiras

As mesas ficarão na mesma extremidade da praça que a lixeira ecológica, serão três

conjuntos de mesa, e cada conjunto será composto por uma mesa com tabuleiro embutido em sua superfície acompanhado de quatro cadeiras.



Figura 18 – Conjunto de mesas com tabuleiro de xadrez embutido acompanhado de quatro cadeiras – Foto do modelo em Sketchup

3.6 Piso de concreto permeável

Primeiramente haverá a remoção do concreto de piso defeituoso, que deverá ser feita até que se tenha segurança de alcançar o concreto em boa qualidade. Um apicoamento manual ou mecânico poderá se fazer necessário, para se obter uma profundidade adequada para a nova concretagem (mínimo de 10 cm), tomando o devido cuidado para não danificar a possível armadura (tela metálica) existente. Feito isso, será inserido o concreto permeável ou poroso, que é a última etapa de um sistema de drenagem. Tecnologia ainda incipiente no Brasil, o material vem sendo adotado por construtores para atender ao que as legislações municipais pedem em relação à infiltração e permeabilidade na pavimentação de terrenos. Esse material permite que a água das chuvas passe através dele e seja armazenada nas camadas inferiores, base e sub-base, até ser conduzida ao lençol freático por meio do subleito ou então levada ao sistema de drenagem da cidade. Sem perder espaço de pavimentação, tem-se uma área pronta para absorver precipitações, evitando enchentes e realimentando o aquífero subterrâneo. Podemos obtê-lo nas cores: natural (cinza claro), grafite (cinza escuro), vermelho terracota e amarelo ocre, utilizamos na praça a cor cinza claro.

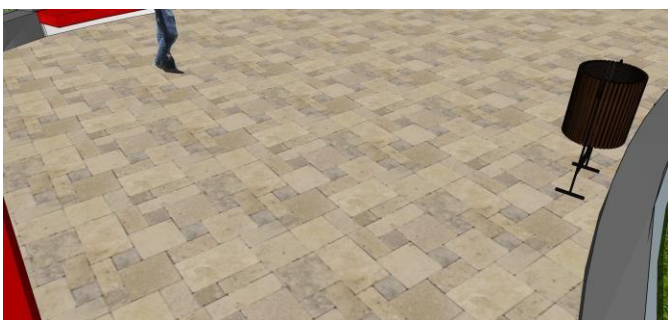


Figura 19 – Piso de concreto permeável – Foto do modelo em Sketchup



Figura 20 – Piso de concreto permeável



Figura 21 – Piso de concreto permeável

4. RESULTADOS

O projeto da praça Maria Polidoro é necessário para que, além dos benefícios estéticos, a praça tenha seu real propósito cumprido, proporcionando lazer para os moradores do entorno, visitantes e clientes dos bares e pizzaria ao seu entorno, e conseqüentemente oferecendo segurança para os mesmos, já que, com uma maior movimentação e visibilidade da praça, o índice de criminalidade poderá diminuir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo oferecer uma proposta de reforma e melhoria de uma praça da região central da cidade de Lorena, uma vez que existe o pouco uso do local, dado ao mau estado de conservação da praça. Tal reforma irá proporcionar um bem estar geral aos moradores, e visitantes da praça, além de melhorias ao comércio nos entornos da praça.

6. AGRADECIMENTOS

Agradeço a professora Bárbara Sparenberg Juliano Nunes, pela orientação e empenho no auxílio da execução desse trabalho. A FATEA e ao Município de Lorena, pela oportunidade de execução do presente artigo. A minha família e amigos que me apoiaram e incentivaram durante a formulação do projeto.

REFERÊNCIAS

Livros: LORENZI, Harry. *Árvores brasileiras – volume 1*. 4ª edição. São Paulo: Plantarum, 2002.

Artigos na internet: TEIXEIRA, Fabricio. Um concreto permeável que pode reduzir os problemas de enchente. Em: update or die, Disponível em,

<http://www.updateordie.com/2015/04/11/concreto-permeavel-pode-reduzir-problemas-de-enchente/>, 30/08/2015.

COSTA, Adriana. Piso drenante. Em: arquitetura e sua própria finalidade, Disponível em, <http://adriarq.blogspot.com.br/search?updated-max=2014-12-16T15:04:00-08:00&max-results=46&reverse-paginate=true&start=6&by-date=false> , 30/08/2015.

FARIAS, Adão. Plásticos (polímeros sintéticos). Em: física e química no cotidiano, Disponível em, <http://adaoreinaldo.blogspot.com.br/2010/11/plasticos-polimeros-sinteticos.html> , 30/08/2015.

GORNI, Antônio. Introdução aos plásticos. Em: recursos básicos sobre plásticos e polímeros, Disponível em, <http://www.gorni.eng.br/intropol.html>, 30/08/2015.

IDENTIDADES POR MEIO DA FOTOGRAFIA: A HISTÓRIA REVIVIDA PELA MEMÓRIA

RESUMO

É notório o fato de que a fotografia é um dos principais estímulos e ferramentas de construção da memória. Um momento congelado pela tecnologia de uma câmera fotográfica é uma representação de uma experiência e um conjunto de sensações vividas. A imagem pronta possui um significado único e singular para cada indivíduo que a analisa. Quem a compõe, quem a registrou e quem observou a cena ou só a fotografia. Um espaço onde a maior parte do dia é vivida possui uma história e uma significância íntima e expressiva para cada um. O Instituto Santa Teresa, instituição de ensino da cidade de Lorena é responsável, além da escola de ensino fundamental e médio, pela Fatea (Faculdades Integradas Teresa D'Ávila), promovendo uma ligação contínua entre os estudantes e o local, dando a oportunidade de dar seguimento aos estudos em uma mesma instituição. Esse e outros aspectos fazem do Instituto um segundo lar para seus alunos. E é por meio deles que este trabalho constrói uma narrativa, a partir da interpretação de fotos fornecidas pelos próprios alunos.

Palavras-chave: Jovens, Fotografia, Escola, Essência, Memória.

ABSTRACT

It is well known the fact that photography is one of the main stimuli and memory building tools. A moment frozen by the technology of a camera is a representation of an experience and a set of vivid sensations. The ready image has a unique and singular meaning to each individual who analyzes. Who composes, who registered and who observed the scene or just the picture. A place where most of the day is lived has a story and an intimate and expressive significance for each. The Institute Santa Teresa, School and the city of Lorraine is responsible, as well as elementary and high school, the Fatea (Integrated Faculty Teresa of Avila), providing a continuous connection between the students and the local, giving the opportunity to follow up the studies in the same institution. This and other aspects make the Institute a second home for their students. And it is through them that this work builds a narrative, from the interpretation of photos provided by the students themselves.

Key-words: Young, Photography, School, Essence, Memory.

INTRODUÇÃO

Quem convive em um ambiente universitário pode observar, com frequência, a entrada de vários alunos, nos cursos de graduação, que têm um percurso escolar desenvolvido na própria instituição. De certa maneira, o caminho percorrido cria uma identidade (bauman, 2005) institucional que o jovem carrega, consigo, para a faculdade. Essa identificação com a instituição gera uma familiaridade maior com o universo acadêmico, que facilita a quebra de algumas barreiras, sempre impostas pela transição de fases (pais, 2009). Nesse sentido, as narrativas das experiências do jovem e os seus respectivos registros fotográficos, podem oferecer elementos suficientes para problematizar a juventude e suas relações com a memória (fischer, 2008;), com a fotografia (barros, 2003), com a escola (dayrell, 2007) com o outro (tuset, 2012) e com as tecnologias (schwertner e fischer, 2012) que envolvem todos esses universos. Nesse sentido, esse projeto propõe reconstruir parte da história do Instituto Santa Teresa, em Lorena, São Paulo, a partir das fotografias que registram os momentos vivenciados pelos alunos na escola, e lançar um olhar sobre a tríade “juventude, fotografia e memória” na relação com a instituição escolar e suas contribuições na formação das identidades e subjetividades contemporâneas.

1. FOTOGRAFIA E MEMÓRIA COMO SIGNOS DO PASSADO

Analisando a vivência por meio de suas delimitações criadas pelos seres humanos, nos primórdios de sua existência, percebe-se o tempo de ação marcado por diferentes divisões como anos, meses, semanas, dias, horas, minutos e segundos. Conseqüentemente, a referência para se precisar um fato é sempre a representação do espaço-tempo, dentro dessas categorias desenvolvidas. Porém, a linha é significativa tênue entre o passado, presente e futuro. As divisões, por mais minuciosas que sejam, acabam perdendo-se na essência da existência em contínuo acontecimento.

A fotografia é capaz de imobilizar momentos e mantê-los eternizados em uma imagem. Uma foto é a representação de algo real, registrado por uma máquina, que realiza desenhos com luz. A fotografia não é o que de fato está nela registrado. Quando observa-se uma foto de uma criança, observa-se um signo representativo de uma criança real. Segundo Barthes (1984, p.15), a fotografia traz com si o seu referente, ambos afetados pelo mesmo congelamento afetivo ou mórbido, fúnebre, no centro do mundo em ação, encontram-se um ao lado do outro.

O que nossos olhos podem ver é apenas uma parte de tudo o que ela pode mostrar. O espectador é apenas testemunha das performances que ela demonstra ao longo dos tempos. E as fotografias são formas de guardar os espetáculos que presenciamos, para contar a história pela qual já se passou ali. Com as fotografias, é possível imaginar uma retrospectiva de tudo pelo qual a cidade passou até chegar no que podemos ter contato atualmente, se erguendo de diversas obras (Tomaz, 2002).

A relação entre fotografia e referente é ilimitada, pois na primeira, em sua análise crua e distante, pode-se identificar apenas o registro figurado de uma vivência real. Logo, tem-se mais uma imagem entre tantas. A partir deste momento, passa a integrar esse processo de análise e composição de valor e significância, as experiências e atribuições de afeto e sensações de quem analisa a fotografia. Quem a registrou possui uma visão, uma lembrança e uma atribuição de valor adquirida não só naquele instante de criação da imagem, mas ao longo de uma vida de experiências e valores. Assim como quem compõe a imagem, quando a observa possui uma outra visão, baseada em seus mesmo aspectos, porém, particulares e únicos.

Baseando-se nessa relação de identificação e atribuição de significância, representatividade e valoração por meio de experiências e vivências individuais, obtém-se, para uma mesma imagem, interpretações e lembranças ilimitadas. As personagens serão sempre convidadas a descreverem e narrarem o registro fotográfico e recontar suas histórias. Uma narrativa que parece ser a única verdadeira e integral sobre o acontecido, que originou o registro imagético (Tomaz, 2002).

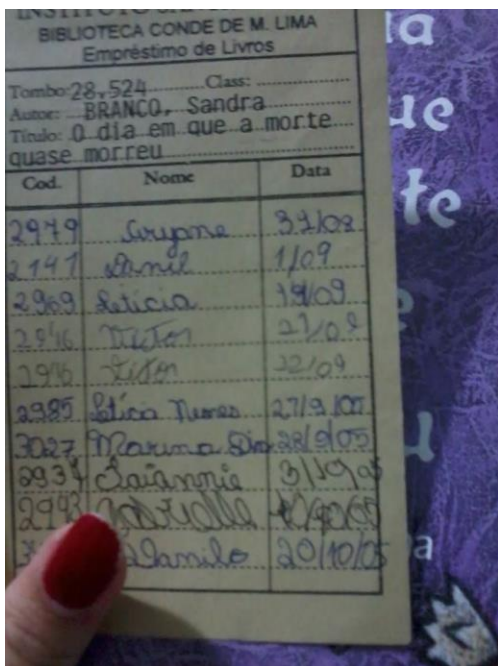
Considerando o contexto apresentado, inclui-se, agora, o contato de jovens com fotografias de seu cotidiano e momentos especiais, sem esquecer-se da intensa relação que essa fase da vida tem com as emoções. A estimulação das lembranças é de suma importância para sua configuração em memória. Os jovens necessitam de liberdade para permitirem um registro intenso e único. É importante visitar o passado e trazer à tona, conceitos, sensações e memórias

para compor um novo registro de um momento próximo do presente vivido. Esse processo não possui liberdade suficiente para delimitar o que deve ou não ser guardado como memória

Em seu interior pode-se encontrar diversas expressões e âmbitos das quais ela tem necessidade de guardar em seu interior. As visões gerais que as pessoas conseguem visualizar se dividem em naturezas históricas, material, artística, comercial, tecnológica, cultural e política. Isso sem utilizar o que a imaginação nos permite criar além de tais definições.

Essa percepção dialética, sempre parcial e sempre refeita, por estar a cidade em constante modificação e porque nossa percepção estaria sempre sendo renovada, qualificaria a complexidade da tentativa de definir, para uma parte que seja de sua forma, um caráter definitivo, uma identidade. O que ela é estaria, assim, sempre por vir e não se revelaria por inteiro. Sua forma, como um organismo vivo, ocultaria e desvelaria, simultaneamente, partes, fragmentos daquilo que ela poderia ser. Expondo, mais uma vez, o caráter dialético de sua existência que se manteria fortemente presente em suas imagens. (TOMAZ, 2002)

Figura 1- Ficha da biblioteca do Instituto, do ano de 2008, apresentando nomes de ex-alunos, encontrada por atual estudante, em 2015.



Cod.	Nome	Data
2979	Guilherme	31/02
2141	Renil	1/09
2909	Helicia	19/09
2916	Tuana	21/09
2916	Lidia	22/09
2385	Elisa Turan	27/3/07
3027	Marina Sim	28/9/05
2934	Cláudia	31/09/05
2948	Marjorie	1/10/05
3011	Alamelo	20/10/05

Fonte: Acervo particular do autor.

1.1. Fotografia e histórias: a relação com a juventude

Os jovens investem constantemente na sua imagem individual, na sua identidade e personalidade, querendo destaque em meio a outros pelo visual, sua comunicação visual com outros jovens e pessoas em geral, isso faz com que muitos deles sejam alvos do consumo constante. Tradicionalmente, a cidadania divide esses jovens entre os incluídos e excluídos dos grupos de valores estabelecidos por eles mesmos, e isso depende muito de sua aparência e forma de pensar com relação aos grupos que encontra. Mas, ao mesmo tempo, a cidadania que reivindica os direitos gerais deles, ainda luta pela inclusão de todos em uma mesma sociedade, o que parece ser muito contraditório (Pais, 2009).

A cidadania pode ser entendida como nos jogos de computadores, em que se constrói e

luta pelo seu espaço dentro daquela sociedade. Os jovens tem uma força de vontade grupal muito rica para isso, dentro de seus interesses, é claro. Mas só se cumpre globalmente, se for cumprida localmente.

Falar em juventude é movimentar-se em um campo ambíguo de conceituação. A juventude se constitui enquanto categoria social, no que tange a definição de um intervalo entre a infância e a vida adulta, apenas no final do século XIX, ganhando contornos mais nítidos no início do século XX. A juventude é uma invenção moderna, sendo, desse modo, tecida em um terreno de constantes transformações (Diógenes, 1998, p. 93).

Com a fluidez que os jovens têm, a luta pela sua própria liberdade, o poder de ir e vir faz com que lutem em diversos âmbitos sociais, mudando os temas, opiniões e, até mesmo, valores. E lutam com manifestações artísticas, muitas vezes incompreendidas.

1.2. O Instituto Santa Teresa e a ligação com seus alunos

O Instituto Santa Teresa é uma instituição de ensino vinculada ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. A escola, de caráter salesiano, tem por objetivos desenvolver atividades educacionais, culturais, assistenciais e beneficentes, além de fomentar a pesquisa científica e dedicar-se à promoção da pessoa humana, sem distinção de raça, sexo, idade, cor, religião, credo político e condição social, regendo-se pelo estatuto social e pela legislação vigente.

Em agosto de 1956, estava elaborado o Estatuto do Instituto Santa Teresa. Em janeiro de 1957, tiveram início as aulas para 4ª e 5ª séries, no prédio da baronesa de Santa Eulália. Em março de 1958, o Instituto passou a ocupar suas instalações ainda inacabadas, na Avenida Peixoto de Castro, no terreno doado pelo Dr. Peixoto de Castro e teve início a 1ª série Ginásial.

Foto 2 – Instalações antigas do Instituto, 2006.



Fonte: Acervo particular do autor.

Acreditando numa educação, baseada nos princípios da razão, da religião e da amorevollezza (amor demonstrado) visando à formação da pessoa humana em sua plenitude, a instituição mantém a Fatea (Faculdades Integradas Teresa D'Ávila), que funciona na mesma unidade que o instituto, oferecendo 15 cursos de graduação, além de 14 especializações e 6 cursos de MBA. A sede do Instituto Santa Teresa agrada a todos os

visitantes pelo seu tamanho e beleza.

A filosofia salesiana e a atmosfera criada dentro da instituição, enfatizando o acolhimento e a preocupação com a formação como pessoa e não somente acadêmica, construiu uma segunda casa para seus alunos e funcionários. Crianças e jovens passam boa parte de seus dias dentro da escola, os jovens principalmente, depois de ingressarem no ensino médio, com uma rotina de estudos mais intensa.

2. METODOLOGIA

2.1. Estudo bibliográfico

Para desenvolvimento e estruturação dessa pesquisa, inicialmente referências bibliográficas foram buscadas para nortear as bases do estudo. As leituras abrangeram desde a compreensão da simbologia e significância da fotografia, até a relação do jovem para com o espaço urbano onde vive.

As vertentes da interpretação humana e social da coletividade e também da formação de memória, relacionada, principalmente, com a composição de lembranças inseridas no contexto da imagem, foram outra pauta analisada no processo de estudo.

Pois o social não se reduz ao coletivo ou ao geral porquanto se encontra nas dobras as mais singulares de cada indivíduo. Tal qual eu a concebo, uma sociologia à escala dos indivíduos responde assim à necessidade histórica de pensar os fatos sociais no seio de uma sociedade em que se sacraliza o indivíduo como maneira eficaz de responsabilizá-lo por seus próprios insucessos. (Lahire, 2013).

Entender a juventude também foi uma preocupação pautada no momento de definição de algumas bibliografias. Os jovens fazem parte de um conceito muito amplo e confuso. São considerados jovens pela idade e outras definições mais complexas e profundas sobre traços de personalidade, do âmbito psicológico. A sociedade para o jovem deve ser pensada de uma forma diferenciada, não que haja discriminação de essência para formação de um todo social, mas a juventude precisa ser entendida em seu todo e interpretada como uma classe que precisa de atenção e visibilidade, pois é uma classe pensante e muito ativa, que quando ouvida de forma integral e interessada pode agregar diferentes valores à obras já existentes.

Neste momento do estudo, constatou-se que o planejamento de políticas públicas para jovens é essencial dentro do desenvolvimento de um coletivo. Pode-se, então, relacionar a metodologia de ensino do Instituto Santa Teresa, instituição de ensino onde o processo de pesquisa se desenvolveu, com a responsabilidade de construção e aplicação de políticas para a juventude. Logo, a escola inseriu a juventude no contexto social amplo, fornecendo bases e conceitos para o entendimento da organização social e seu funcionamento. Dessa forma, cada adolescente criou, em si, uma posição sobre o tema.

A autora Diógenes (2009, p. 12) enfatiza a dificuldade de se promover ações que conscientizem jovens sobre a importância da profissionalização. Para ela, esse é o momento de se estabelecer um contato profundo com o mercado de trabalho.

O desafio é como propiciar ações de profissionalização e oportunidade posterior de absorção de jovens pelo mercado de trabalho e, concomitantemente, promovendo o desenvolvimento integral do sujeito, levando-se em conta os estilos, estéticas e linguagens juvenis. (Diógenes, 2009).

2.2 Estudo de caso

Acompanhando o objetivo da pesquisa, que é construir uma narrativa sobre a história e o valor do Instituto Santa Teresa, atribuído pelos alunos que estudam na escola, um estudo de caso foi realizado na turma do terceiro ano do ensino médio. O processo de estudo deu-se por meio de entrevistas individuais com alguns alunos que se dispuseram a conversar com a estudante de Jornalismo, Geovana Mara, responsável por essa etapa.

Não houve nenhum tipo de distinção ou critério de escolha para a participação dos alunos em relação à pesquisa. O projeto foi apresentado em sala de aula e, no mesmo momento, feito o convite para que os jovens integrassem o estudo. Posteriormente, um grupo de contato foi criado na rede social Facebook para uma maior aproximação entre pesquisadores e os alvos de estudo, e também para ser um facilitador de comunicação entre o grupo.

Nesta etapa, alguns materiais de cunho reflexivo foram compartilhados com os alunos, com o intuito de promover a reflexão sobre a valorização da vida em si, focando na atenção aos pequenos detalhes do cotidiano. Essa introspecção e também reflexão coletiva destaca-se pela importância que tal ato representa perante a proposta da pesquisa. Logo, revivendo fotografias do passado, histórias, sentimentos e lembranças são despertadas.

Histórias, em boa parte dos casos, focando no tradicional da oratória, são contadas por meio de palavras, despertadas por outras palavras. Em prosa ou em verso, as narrativas são predominantemente escritas, compostas por imagens, como mero complemento ilustrativo. No caso desta pesquisa, a imagem é o centro da narrativa. Apresenta-se uma narrativa a partir de uma imagem, e conta-se a mesma por esta imagem e outras que a complementam. Nesta etapa da pesquisa, coloca-se em teste as teorias apresentadas anteriormente sobre a interpretação distinta das fotografias, de acordo com a vivência e a bagagem emocional de cada indivíduo em questão.

Sendo assim, as conversas no grupo da rede social promoveram cinco encontros diferentes, com cinco alunos que se interessaram pela proposta e se ofereceram para participar. Desses encontros, surgiram análises e descobertas distintas que compõem a história do Instituto Santa Teresa.

2.3 A cartografia e o processo de entrevista

Para a realização do estudo de caso, localizado no terceiro ano do ensino médio, do Instituto Santa Teresa, escolheu-se a forma de abordagem, interpretação e análise desenvolvida pela cartografia. De acordo com a pesquisadora Tedesco, a entrevista, dentro de uma análise cartográfica, não busca apenas o conteúdo de uma experiência vivida, mas sim a experiência em si.

A utilização deste método de análise foi essencial para a captura da essência e subjetividade dos valores atribuídos ao Instituto Santa Teresa. O olhar de um pesquisador ao utilizar o método da cartografia precisa ampliar os horizontes das marcações tradicionais e rasas, adotadas no processo de entrevista, e permitir-se mergulhar no conteúdo exposto pelo entrevistado.

A análise profunda inclui observar o comportamento corporal, valorizando gestos e repouso dos membros. O olhar, a respiração, o modo com a fala é colocada e como as ideias se complementam e se juntam para formar o raciocínio. São todos estes pontos cruciais e valiosos da análise cartográfica. É preciso ser atento a todas as demonstrações do corpo, considerando todas as formas e movimentos como uma forma de comunicação. Estabelece-se, então, um laço de relacionamento, mesmo que só durante do processo de entrevista, entre o entrevistado e o entrevistador.

Tratando-se de uma pesquisa onde o sentimental é de suma importância para o desenvolvimento do trabalho, este método permite que a essência de cada participante voluntário do projeto esteja presente no produto da pesquisa, somado ao *feedback* do pesquisador. A cartografia, segundo Tedesco (2013, p. 4), desconsidera a separação entre experiência de vida e vivido.

O primeiro plano refere-se ao que usualmente chamamos “experiências de vida”, que advém da reflexão do sujeito sobre as suas vivências e inclui seus relatos sobre histórias de vida, ou seja, o narrado de suas emoções, motivações e tudo aquilo que o sujeito pode representar como conteúdo vivido. Já a experiência pré-refletida ou ontológica refere-se à processualidade, ao plano da coemergência, plano comum, coletivo de forças, do qual advêm todos os conteúdos representacionais. Esses dois planos não são excludentes, funcionam em reciprocidade.

3 RESULTADO: CARACTERÍSTICAS DA HISTÓRIA APÓS AS ENTREVISTAS

3.1 A definição dos encontros

Para falar sobre a elaboração desta etapa do projeto e como sucederam-se os resultados obtidos, a partir dela, prefiro chamar os encontros para entrevistas de conversa. Cinco alunos do terceiro ano do ensino médio, do Instituto Santa Teresa se disponibilizaram e se ofereceram para participar do projeto. Com eles, foram agendados encontros individuais, em um local e no horário que fosse mais conveniente para os mesmos. Participaram das entrevistas quatro meninas e um menino, sendo três participantes com 17 anos, um com 16 e outro com 18. Esses dados não acrescentam valor à pesquisa.

A todos os participantes foi pedido que separassem fotos do Instituto Santa Teresa durante o tempo que estivessem lá. Essas fotos poderiam ser deles mesmos, dos amigos, fotos em grupo ou apenas do local. Não foi estipulado um número de fotos. A prioridade era dar liberdade ao participante para que o mesmo se entregasse conforme a energia do encontro fluísse.

As imagens foram apresentadas em quase todas as ocasiões digitalmente. Em apenas um encontro, o entrevistado possuía um material impresso, físico, inclusive, o mais antigo registro da instituição. O material utilizado pelo entrevistador era a câmera, para registrar áudio e imagem de apoio para análises posteriores e um bloco de anotações de suma importância, pois os pontos cruciais, observados no momento da entrevista eram anotados ali.

Não havia um tempo limite nem mínimo para os encontros, tudo dependia de como o entrevistador correspondia as orientações subliminares, feitas pelo entrevistador. Assim como não havia roteiro e nem pauta para as entrevistas. A cartografia permite uma liberdade sensitiva crucial para a elaboração deste tipo de projeto.

3.2 O Instituto Santa Teresa pelo afeto dos alunos

Mesmo quando não há um roteiro ou uma pauta a ser seguida em uma entrevista, e mesmo quando os entrevistados se diferenciam por idade e gênero, uma história, quando pura e intensa em sua essência, ela se conta várias vezes, de diferentes formas. E foi assim que os encontros com os alunos se desenvolveram.

O Instituto Santa Teresa é o segundo lar desses alunos. Alunos esses que entraram na escola há mais de 10 anos ou até mesmo para aqueles que têm um ano de vivência na instituição. Ao analisarem as fotos, como por exemplo, a foto do trote do pijama, brincadeira onde todos os alunos do terceiro ano, do ensino médio, foram de pijama para a escola, foi possível notar o conforto que era despertado na memória dos participantes. Esta memória ficou clara ao se repetir em todas as conversas, inclusive por ser a mesma foto apresentada por todos os participantes.

E ao estimular esta lembrança, outras foram surgindo, como o fato de almoçar na escola e passar a tarde toda por lá. Manter contato com os amigos e professores dia todo, assim como conhecer pelo nome os funcionários da casa, e serem conhecidos da mesma maneira. Uma imagem foi capaz de estimular a o conceito de casa e família em todos os participantes, que deixaram, de forma bem clara, o valor que esse contato e essa união representam a eles.

Ainda fazendo parte dessa concepção de casa e lar que a escola possui para os alunos entrevistados, outro ponto fortemente destacado, dessa vez por fotos distintas, porém com a mesma essência, é a participação e integração da família à escola. As fotos responsáveis por esse despertar de consciência foram fotos da Festa da Família, celebração que comemora a união da família; da coroação de Nossa Senhora Auxiliadora e da gincana. Os alunos ressaltam a presença dos pais e familiares na rotina da escola e também nos momentos festivos. Percebe-se o quanto é importante para eles que a família se sinta, também, parte daquela instituição, assim como eles se sentem.

O relacionamento para com professores, funcionários, amigos e companheiros da rotina diária é um ponto destaque para esses alunos. O tratamento carinhoso é visto como importante marca nesses jovens quando, ao analisar uma foto tirada em sala de aula, com os amigos, ou uma foto da gincana da escola, eles se lembram de outras situações, em que essas pessoas citadas anteriormente foram cruciais naquele momento, mesmo com gestos simples.

As minúcias que compõem a formação da identidade de lar, que a escola representa para os alunos entrevistados, surpreendem pela força com que essas emoções são despertadas. Desde o jovem mais sensível e expressivo, até o aluno com obstáculos maiores para a permissão.

Na entrevista, a fala do entrevistado muitas vezes descreve sua vivência numa perspectiva distanciada e desencarnada. Este distanciamento resulta de práticas e formas de vida pautadas na representação, produtoras da separação entre modos de dizer e o dito (expressão e conteúdo). Nesses casos, a entrevista visa intervir, por meio do manejo, para fazer com que os dizeres possam emergir encarnados, carregados da intensidade dos conteúdos, dos eventos, dos afetos ali circulantes. A fala deve portar os afetos próprios à experiência. (Tedesco, 2013, p. 6)

O espaço físico do Instituto é uma marca fortemente presente em seus alunos. O espaço é realmente grande, dispondo de jardins vivos e amplos por toda sua extensão. Dentro da escola existe uma quadra, uma praça e quatro prédios de salas de aula, com escadas de diversos lances, sacadas, janelas enormes, corredores longos e largos, elevadores. Cada construção é de uma determinada época, sendo conservador e moderno, ao mesmo tempo. E essas características históricas fazem parte da lembrança viva desses alunos.

Todos os entrevistados destacaram o apreço que sentem pelo ambiente e como essa característica os encantou. Os jovens entrevistados contaram que passam algum tempo admirando o jardim da escola e que os pais, e outras pessoas da família, admiram o ambiente escolar da mesma forma. Inclusive, o carinho que a família possui para com o Instituto, representa e fortalece consideravelmente a relação desses alunos com a escola.

3.3 Mais que uma escola: Orgulho e família

Percebe-se nos relatos citados anteriormente, e nas emoções colocadas nos registros, que o Instituto Santa Teresa é a segunda casa de seus alunos, é a família que têm no ambiente escolar e está longe de ser apenas a escola. A atmosfera de carinho, cuidado e atenção, criada pelos funcionários, colaboradores e alunos que fazem parte dessa instituição, construiu uma valoração especial.

Os cinco entrevistados expressaram o quanto a escola representa, por sua preocupação individual com os alunos. Todos referiram-se à forma de tratamento. Um dos entrevistados disse ter se surpreendido por ser chamado pelo nome por todos os funcionários e professores,

pois sabia da quantidade de pessoas que trabalham e passam por ali.

A filosofia salesiana, que se preocupa e trabalha pelo bem estar humano e social, fortaleceu o espírito de empatia nos alunos, que se encantam e se emocionam ao falar sobre o assunto. Além da formação acadêmica, eles ressaltam que a formação humana vem em primeiro lugar. Os professores, as freiras e todos que fazem parte da instituição se preocupam e priorizam o bem estar emocional. A relação de compaixão e solidariedade toca, de uma maneira profunda, a construção de caráter e personalidade de cada um.

Os alunos demonstraram orgulho de pertencer a uma instituição que foca o humanismo. O contato com diferentes idades, o respeito mútuo, as obras sociais e a relação próxima entre todos faz com que os ensinamentos de Dom Bosco, e a essência Salesiana sejam um diferencial positivo que energiza a existência e o coletivo entre todos.

Os alunos entrevistados estão no terceiro ano do ensino médio, o ano que marca o fim da vida colegial e o início de uma nova fase: a faculdade. Um momento feito por decisões e mudanças, algumas grandes outras mais inseridas na zona de conforto. Mas o sentimento entre todos os alunos entrevistados é o mesmo: saudade. A saudade já começa a doer a cada lembrança de que o momento vivido é, possivelmente, o último. O terceiro ano do ensino médio realiza a coroação de Nossa Senhora Auxiliadora, na festa de Nossa Senhora. Essa celebração é como um presente aos alunos que estão há tempo na instituição e que estão prestes a se despedirem.

Ao narrarem essa lembrança e olharem a foto deste dia, todos os meus entrevistados se emocionaram. Alguns chegaram realmente às lágrimas, outros seguraram melhor a seriedade, mas foi possível sentir que a formatura, para eles, vai ser como sair de casa.

A continuidade dos estudos na Fatea é desejada por todos, ela só não se concretizará, dentro dos planos que foram apresentados, porque não possui os respectivos cursos que eles querem seguir. Embora todos tenham demonstrado interesse e agido como se essa fosse a solução dos sonhos para continuar a vida. Mas uma promessa foi feita entre eles e o entrevistador, eles jamais vão deixar de visitar esta segunda casa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mudança de “futuros presentes” para “pretéritos presentes” que vem acontecendo nos últimos anos tem apresentado uma valorização excessiva da memória. Com isso, faz-se necessário entender os efeitos desse movimento na construção das identidades. De toda maneira, a convivência em determinado espaço reforça uma identificação com a localidade. A fotografia contribui com sua capacidade de registrar as experiências vividas.

A juventude, na contemporaneidade, tem se apropriado da tecnologia para garantir as inscrições dessas memórias. Com isso, entender o papel dessas novas tecnologias na vida do jovem é uma maneira de problematiza-lo de forma mais consciente. De toda maneira, desembrulhar o invólucro dos fenômenos sociais é um exercício que possibilita experiências duradouras e um reconhecimento de si e do Outro na construção de sociabilidades mais edificantes e relações sociais mais saudáveis.

REFERÊNCIAS

BARROS, Amando M. de. Práticas Discursivas do Olhar: notas sobre a vivência e a cegueira na formação do pedagogo. 2ª Ed. Rio de Janeiro: E-Papers serviços editoriais, 2003.

BAUMAN, Zygmunt; VECCHI, Benedetto; MEDEIROS, Carlos A. (Trad.). Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2005.

DAYRELL, Juarez. “A escola ‘faz’ as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil”. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

DIÓGENES, Glória. “Imagens e narrativas: registros afetivos”. In. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 471-493, jul./dez. 2004

FISCHER, Rosa M. B. Mídia, juventude e memória cultural. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 667-686, out. 2008. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

PAIS, José M. “A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse”. *Saúde Soc.* São Paulo, v.18, n.3, 2009, p. 371-381.

SADE, Christian, CALIMAN, Luciana Vieira. “A entrevista na pesquisa: a experiência do dizer”. In. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 25 – n. 2, p. 299-322, Maio/Ago. 2013.

SCHWERTNER, Suzana F.; FISCHER, Rosa M. B. “Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades”. *Educação em Revista*. Belo Horizonte: v.28, n.01, p.395-420, mar. 2012

TOMAZ, Ana Kalassa El Banae. “Uma cidade entre imagens”. In. *Proj. História*, São Paulo, (24), junho, 2002, p. 431-449.

TUSET, Juan J. “La recuperación de lo outro: Enfoque de las imágenes de la arquitectura”. *DC 24*, vol.11 2012, pp.91-100.

POR LINHAS E BORDADOS: UM ESTUDO DA INDUMENTÁRIA DA MINISSÉRIE AUTO DA COMPADECIDA

RESUMO:

O estudo tem como o objetivo de analisar o figurino da minissérie Auto da Compadecida, adaptação da literatura para a televisão. A justificativa é de valorizar a cultura nordestina por meio do figurino apresentado na minissérie. A fundamentação teórica foi realizada a luz de Boucher, 2012. Metodologia se deu por pesquisas bibliográficas. A elaboração do trabalho é dividida em tópicos, relata-se sobre o figurino das personagens principais, citações das partes principais da minissérie e sobre o figurinista Cao Albuquerque.

Palavras - chave: Figurino, nordeste , Auto da Compadecida e cultura.

ABSTRACT:

The study is to analyze the lines of the miniseries Auto Compadecida which was a literature adaptation for television. Justification is to value the northeastern culture. The theoretical foundation was made light of Boucher, 2012. Methodology by means of literature. The preparation work is divided into topics, it is reported on the costumes of the main characters, quotes of the main parts of the miniseries and the costume designer Cao albuquerque.

Keywords: Costume, northeast, Auto da Compadecida and culture.

INTRODUÇÃO

O figurino é um dos meios de produção audiovisual com suma importância no conteúdo televisivo, juntamente com a contribuição dos acessórios e indumentárias de cada vestuário, de acordo com as características pessoais de cada personagem. O convívio social e a época onde se passa a trama elaborada ou analisada claramente interferem no modo de olhar para o visual e a história abordada no decorrer da peça.

Com base na análise da minissérie "Auto da Compadecida" dirigida por Guel Arraes que relata fielmente os ideais dos escritos de Ariano Suassuna, um folclorista do nordeste brasileiro, assim a trama adaptada para televisão e também para o cinema se tornou parecidíssima com a história literária. As indumentárias foram preparadas especialmente e exclusivamente para abrilhantar ainda mais o enredo.

Os objetivos são de analisar a riqueza do personagem por meio de seu figurino no decorrer das cenas desde o mais sofrido do sertão nordestino até o mais celestial, valorizar a diversidade cultural existente em relação ao nordeste brasileiro por meio do figurino, apurar os detalhes das vestimentas apresentadas e a simbologia que os figurinos trazem para o enredo e entender o processo de uma adaptação literária para a produção em televisão de uma minissérie.

De peça teatral à produção na televisão e no cinema, vale ressaltar que ao criar a identidade cultural, o figurino tem um papel fundamental de signo e comunicação que compõem a linguagem visual da minissérie. Na adaptação da obra *Auto da Compadecida* para a televisão o figurinista da minissérie é o Cao Albuquerque. Com o intuito de relatar o nordeste brasileiro, os trajes no decorrer das cenas gravadas tiveram uma relação com os costumes tanto das características climáticas quanto nos costumes tradicionais da população.

Além do clima regional expressas nos figurinos com uma tonalidade predominante do nordeste que permanece até a metade da minissérie, e nas sequências seguintes durante o julgamento das almas, as cores tem um efeito contrastante com as que já haviam sido apresentadas até aquele momento no decorrer das cenas.

A monocromia de tons neutros presentes nas vestimentas dos personagens que vivem as situações precárias da terra em contraste com o brilho e o exagero do barroco nas personagens celestiais demonstra o poder de julgarem as almas. Por essa cena ser o ápice da trama o efeito do figurino realça o poder divino perante os homens. Esse contraste é para causar um impacto, assim como no Barroco, o exagero é predominante. O efeito surge para causar reflexão no receptor e telespectador sobre a realidade que envolve a trama principal, o julgamento das almas, o poder divino sobre os meros pecadores que são acusados por suas atitudes tomadas no passado enquanto estavam vivas.

A riqueza visual que o figurino dá para o enredo é motivador para aprimorar o conhecimento voltado para o estudo da imagem e para as características de cada personagem analisado.

Com base nessa tendência inserida, o estudo desse caso relatará a importância de observar o nordeste quanto cultura, como contextualização da adaptação literária para o audiovisual e apreciação dos figurinos riquíssimos no seu formato de elaboração que contribui para interpretação do enredo da obra.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. HISTÓRIA DO VESTUÁRIO

Os primeiros trajes começam a ser desenvolvidos desde a época dos homens das cavernas que se vestiam de maneira rudimentar com intuito apenas para aquecer-se do frio, as "roupas" eram produzidas com os couros dos animais que matavam durante a caça e utilizavam assim a pele do mesmo, sem desperdiçar absolutamente nada. Com o passar do tempo, as peças de couro retiradas dos animais despedaçavam e apodreciam devido ao desgaste do produto manuseado que não aguentava o excesso de efeitos naturais como a chuva, o sol e por também ser um material perecível que era mais um motivo que acabava e não colaborava.

Com o decorrer do tempo houve uma evolução nas confecções dos materiais utilizados para acrescentar nas vestimentas.

Após passar a fase da pré-história o período histórico entra e junto dela as vestimentas passam por transformações ao longo dos anos, décadas, séculos, milênios e até os dias atuais passaram por várias mudanças.

O vestuário passou por três grandes fases: do período da antiguidade até ao século XIV em que a roupa não sofreu muitas alterações e perante todas as classes sociais ela possuía a mesma forma. Já a segunda fase situada entre o século XIV até o

século XIX a indumentária se torna ajustável e curta, seguida depois por influência do desenvolvimento industrial, o vestuário começa a sofrer variações constantes nos quais detecta-se a partir daí o surgimento da moda no sentido atual da palavra. Na terceira fase em meados do século XIX que é estendida até os dias de hoje é marcado por um vestuário cada vez menos pessoal, devido ao maquinismo das confecções e com o desenvolvimento das civilizações modernas (BOUCHER, 2012, P.17).

1.1 DA ANTIGUIDADE A EUROPA MODERNA

Ao dividir a evolução do vestuário em 3 fases, François Boucher (1996), Na primeira fase estende-se da Antiguidade ao século XIV. Nessa parte, a roupa sofreu poucas mudanças e não havia caráter nacional definido em todas as classes. A segunda fase situa-se entre o século XIV ao XIX, quando a indumentária se tornou curta e ajustada e se desenvolveu industrialmente. A partir do século XIX, o vestuário adquiriu um caráter tanto pessoal, quanto nacional, começando a sofrer variações constantes. A terceira fase, iniciada em meados do século XIX e que se estende até nossos dias, é marcada pelo surgimento do vestuário cada vez menos pessoal e mais internacional. Com as variações constantes na maneira de se vestir houveram as seguintes etapas: A primeira estende-se da Antiguidade ao século XIV (nessa fase, a roupa sofreu poucas mudanças e não havia caráter nacional definido em todas as classes). A segunda fase situa-se entre o século XIV ao XIX, quando a indumentária se tornou curta e ajustada e se desenvolveu industrialmente. A partir do século XIX, o vestuário adquiriu um caráter tanto pessoal, quanto nacional (começando a sofrer variações constantes, em que se detectou o surgimento da moda). A terceira fase, iniciada em meados do século XIX e que se estende até nossos dias, é marcada pelo surgimento do vestuário cada vez menos pessoal e mais internacional. Com as variações do vestuário os historiadores François Boucher dialoga com a do filósofo Gilles Lipovestky. E Lipovestky defende o aparecimento da moda no século XV, enquanto Boucher propõe que a configuração da moda tenha despontado no século XIX (PEREIRA, 2015, p. 92-93).

Como no período pré-histórico os adereços eram os ossos, dentes de animais, conchas, vértebras de peixes, patas ou garras de animais. Existia alguns corantes naturais e artificiais que eram utilizados nos tecidos e guardados em alguns tubos de ossos e paletas e a tecelagem provinha da lã. Os habitantes dos lugares temperados ou em temperaturas mais quentes o vestuário era voltado para adereços como forma de identificação de facha etária, para chamar a atenção em relação aos ornamentos, mas em ambientes com temperaturas frias o vestuário tinha uma importância maior para manter o corpo aquecido, como se fosse uma camada protetora.

Segundo Boucher (2012, p. 27):

Conclui-se, portanto, a partir de determinadas semelhanças de materiais, técnicas e formas, que, nas épocas Paleolítica e Neolítica na Europa Ocidental, na bacia mediterrânea e na África, as criaturas deviam se vestir quase da mesma maneira, submetidas aos imperativos do clima e de seu modo de vida. Essa similitude devia remontar a bem antes da Idade do Bronze.

No antigo Oriente na região da Suméria os habitantes usavam um vestuário com pele de carneiro como saias, mantos, batas, xales de lã. O Xale quando usadas nas mulheres era enrolado no saiote e sua extremidade puxada até o ombro esquerdo e o braço direito ficava descoberto. Algumas roupas masculinas era um saiote até o meio das pernas com preguinhas na cintura e apertadas no quadril. As peças do tear vertical eram moldadas e enroladas em torno do próprio corpo. No caso, os vestuários mudavam entre os gêneros apenas na maneira de utilizá-los.

Em relação aos países do mediterrâneo ao abordar o Egito percebe-se que o linho é privilegiado por ser leve, fresco, fácil de limpar e devido ao clima semiárido com os trabalhos diários e a necessidade de higiene. Já a lã era considerada impuro pelos sacerdotes egípcios.

As mulheres egípcias vestiam batas muito apreciadas durante dezessete séculos aproximadamente do Antigo até o Médio império, corpetes soltos. A bata usada enrolada ou enfiada. Enrolada de várias formas a bata com xale; túnica, echarpe, mantas e com liberdades no ato de movimentar. Batas, túnicas e peruca eram comuns para ambos os gêneros. Os homens raspavam a cabeça e as mulheres usavam cabelos em trançase no formato de espiral, ao usar as perucas as mulheres deixavam o seu cabelo natural e a mostra. Relacionado ao uso da peruca, tanto homens quanto mulheres usavam, os homens usufruíam da peruca apenas em momentos especiais como em: cerimônias, festas religiosas e compromissos. Maquiagem era feita por um pó de galena cor preta ou crisocola de cor verde para ser usada na parte inferior dos olhos.

A realeza utilizava uma tanga reta e o que o diferenciava dos demais era um rabo de touro artesanal presa no cinto e ficava nas costas. Clero tinha um ritual entre os sacerdotes, deviam se depilar e ter uma alimentação regrada, usar linho, pois alguns alimentos eram considerados impuros.

Entre os séculos III A.C. até VI D.C. o Egito passou por algumas mudanças no vestuário acrescentou-se uma mistura dos costumes de faraó com o cristão, fez surgir assim uma nova civilização.

Segundo Boucher (2012, p.84):

A profusão desses ornamentos e figuras pareceu incompatível com a modéstia cristã depois que o cristianismo se tornou religião oficial: o bispo Astério de Amaseia criticava seus compatriotas do século IV por carregarem as cenas das Sagradas Escrituras nas roupas, e não no coração.

Depois de todas as particularidades vividas em relação ao vestuário dos egípcios, se perderam devido a invasão dos árabes em 64 a.c.

Já no século XVIII os acessórios femininos como o avental são comum para as trabalhadoras e objeto de luxo para as elegantes quando feita em seda e com bordados. Os penteados com cabelos curtos frisados por meio do ferro e um pequeno coque característicos das mulheres, além disso todas usavam chapéu exceto para os trajés de corte.

No século XVIII os trajés masculinos a sobreveste é ampliado e na costura dos quadris possui um feixe de pregas, a veste continua confeccionado por tecido ordinário até as costas, o calção chega até a região dos joelhos.

Segundo Boucher (2012, p. 282):

No Início do século, o traje masculino comporta três elementos principais [...]: uma sobreveste (*justaucorps*), outra de baixo (*veste*), e uma peça para as pernas até o joelho (*culote*). O conjunto dessas três peças constitui o *habit*, usado por todas as classes sociais, com diferenças de tecido ou ornamentação que fazem dele roupa simples ou de cerimônia [...]. Pouco a pouco, difunde-se o costume de designar como *habit* apenas o *justaucorps*, cujo nome desaparece do uso corriqueiro; apenas os alfaiates permanecem fiéis à antiga denominação até cerca de 1770.

Por questões de conforto durante os séculos houve algumas adaptações para as roupas masculinas. Primeiro, o sobretudo, depois o fraque. As perucas foram se aproximando do normal, em que cobrem ou misturam os próprios cabelos com a peruca.

Após a vinda da Revolução Industrial a vida por meio do vestuário é voltado para o campo que contribui para o início do estilo literário do Romantismo. Os homens usam coletes, jaquetas com mangas compridas, punhos envoltos de rendas e as abas afastadas. Em torno de umas três peças do vestuário masculino eram do mesmo tecido. Depois de algum tempo o colarinho começa a subir, os ingleses também deixam de usar jaquetas e passam a usaros fraques que são mais práticos para ser usados em eventos esportivos, sem bolsos e bons para montarias. Alguns sobretudos e casacos são usados para as viagens devido a vida ao ar livre.

Durante esse período em torno de 1740 na Inglaterra, as roupas dos trabalhadores por serem mais práticas se tornam trajes elegantes.

Para as mulheres inglesas os trajes eram abotoados na frente e se abria por meio da saia, corpete ajustado e durante muitos anos o acolchoado fez parte da saia. Os chapéus tinha um modelo simples no início e depois passam a ser elegantes e repletos de adereços em sua volta.

Segundo Boucher (2012, p. 292):

O vestido pragueado nas costas foi denominado *sack* na Inglaterra, sem lá conhecer a mesma voga que na França. Muito rápido, as costas ficaram mais modeladas, alguns modelos se cruzaram na frente e a manga ampla passou a ser cortada em peça única com o corpete. Durante a maior parte do século, a *mantua*, espécie de vestido ajustado no busto com a saia drapejada nas costas, herdada do século XVII, permanece em voga. Por outro lado, por razões práticas, os empréstimos feitos ao vestuário masculino influenciaram a moda francesa. O traje de montaria, composto de *veste*, do colete e da saia, é frequentemente rematado por uma gravata de renda ou um tricórnio.

Nos anos que pertenciam ao período monárquico europeu entre os anos 1798 a 1792, os condes já não usam espadas os trajes são voltados para liberdade e a simplicidade. Os homens usam o habitat abotoado e estreito e o fraque também faz parte do vestuário, colete curto, calça colada. Os tecidos claros e atravessados na cintura por um cinto para as mulheres e as crianças passam a usar roupas simples e práticas não usam mais aquelas roupas iguais as dos adultos no formato infantil.

A Inglaterra em relação a moda feminina possuía muitas características vindas da moda no estilo Francês, cotes simples, tecidos brancos e leves, corpetes franzidos de forma justa no corpo. Uma característica inglesas é do vestido fechado e a parte da frente caída, com o corpete aberto, saias amarradas com pregas.

De 1900 a 1914 as mulheres passam a usar modelos voltados para as roupas de baixo tingidas e como os vestidos não necessitam mais do uso das anáguas visíveis como uma saia e passa a ser usada como parte de baixo.

Segundo Boucher (2012, p. 388-389):

Imperceptivelmente, a partir de 1900, a silhueta se atenua e fica mais leve; a cintura é cada vez menos marcada e ainda são realçadas modas Diretório ou Império. A cauda, e depois a gola, desaparecem. A saia, que modela os quadris, se expande até embaixo como uma corola. O *costume tailleur* é agora universalmente adotado informalmente, e, a partir de 1902, vemos surgir o *costume trotteur* - que não tem mais nada em comum com a tímida tentativa do período anterior -, cuja saia roça no chão ou se afasta dele entre 5 e 6 centímetros. As blusas têm a gola bem alta, e as mangas, primeiro evasês, embutem num punho toda a amplitude que vai do ombro ao cotovelo, e depois deste ao pulso. A linha do corpo, obtida por um espartilho com um corte inédito, é vertical na frente e bem cintada atrás, o que os caricaturistas não deixam de acentuar com certa ferocidade. Sobre os cabelos erguidos bem altos, os grandes chapéus sobem ainda mais com uma touca que cobre, atrás, um pente de buquê de flores.

Já no final de 1915 as mulheres usam o estilo de saias mais curtas em comparação aos anos anteriores, o modelo da silhueta é modificada. Em 1920 até 1939 as roupas femininas tinham uma preocupação com a liberdade, os tecidos são soltos no corpo. Assim como nos modelos de Chanel e Patou criaram modelos de roupas nessa época com gravatas masculinas, casacos retos, os chapéus tem um tamanho menor, rendas perderam aquele status de nobreza. Houve nesse período uma grande evolução visual para as mulheres que viviam nesse contexto histórico. De 1929 até 1947 com a Segunda Guerra Mundial os tecidos tornam-se escassos, passa a ver nesse período um reaproveitamento dos materiais para elaborar as vestes e também os chapéus.

Segundo Boucher (2012, p. 405):

Alguns anos bastarão para o prestígio francês da moda explodir. As saias continuarão retas e os ombros, largos como antes da guerra, até a surpresa do New Look, lançado por Christian Dior em 1947: alongamento da saia, técnica do tecido revestido e, sobretudo, modificação da silhueta feminina fazem parte dos achados que lhe são tributados [...].

Nos anos entre 1947 - 1964 com uma grande variedade de tecido. Houve uma grande influência do cinema no vestuário, o Jeans torna-se uma roupa utilizada nos Estados Unidos. No período de 1960 o uso do jeans, camisa sem gravata e o uso de jaquetas são favorecidas tanto para os homens e mulheres do contexto social da época.

o Jeans no período de 1965-1975 é utilizada por jovens, com um preço acessível, a marca da roupa é colocada na parte de trás do cós, esse modelo possuem bolsos. As camisetas ganham slogan, imagens de estrelas estampadas e a moda passa a não mais identificar as diferenças de classes sociais, pois todos vestiam praticamente o mesmo modelo de roupa.

Até os dias atuais usasse várias misturas de modelos com modas antigas apropriadas de acordo com cada ocasião específica. Assim como tecidos de algodão, cetim, seda ainda são comuns de se ver no vestuário. Túnicas, vestidos, calças Jeans,

camisetas, saias e vários outros trajés nunca saíram de moda desde quando surgiram por meio da sociedade.

12 Os elementos do vestuário

O trabalho do figurinista corresponde a uma série de movimentos que confirma a reciprocidade entre Moda e Arte. As duas formas de expressão são referências do processo de construção da modernidade e se equivalem na medida em que manipulam elementos de ordem estética. As duas possuem um sentido revelador, transformam seus produtos para responder questões temporais, históricas, psicológicas, linguísticas. Elas se inserem em um sistema de signo maior: a cultura. Entender a função de figurinista é buscar os ritmos poéticos de formas e linhas que se cruzam: o ponto, a cor, a superfície e a textura- elementos que evidenciam a materialidade da arte de tecer figurinos. A roupa é transformada em morfema da arte, capaz de produzir uma infinidade de significados, passível de fundamentar inúmeras práticas, aprofundadas em teorias da arte e cultura, da tecnologia de confecção, da antropologia ou da psicologia das personagens. Segundo Roland Barthes, a moda é um dos melhores lugares em que acreditamos poder ler o espírito da modernidade. E o corpo feminino é o primeiro e único nesse mecanismo. As transformações do corpo do ator compõem uma narrativa de inesgotável sentido, em uma perspectiva de corporificação da indumentária, por sua natureza cultural e sua dramaturgia. (ABRANTES, 2012, p. 75).

Assim como o tempo, o espaço e a personagem se envolvem e acabam dependentes para a realização de uma trama a ser gravada, o estudo no momento da elaboração do figurino é crucial para juntar os fatos históricos e preparar a criação e elaboração dos trajés que estão por vir.

Um fator relevante e imprescindível é a roupa criar uma identificação do tempo histórico: se está no presente, passado ou futuro. E até mesmo se o estilo visual é voltado para o inverno, verão, primavera ou outono.

No âmbito artístico e pessoal do ator muitas vezes o figurino é transição do estado de espírito, do real para o interpretativo. Alguns protagonistas e até mesmo figurantes se transformam quando vestem aquela roupa produzida para o seu personagem e a partir daí a arte se completa em um mesmo ser o poder de ser ela mesmapor meio do seu corpo dentro de um personagem.

Segundo Costa (2002, p.38):

O FIGURINO - TAMBÉM chamado vestuário ou guarda-roupa - é composto por todas as roupas e os acessórios dos personagens, projetados e/ou escolhidos pelo figurinista, de acordo com as necessidades do roteiro e da direção do filme e as possibilidades do orçamento. O vestuário ajuda a definir o local onde se passa a narrativa, o tempo histórico e a atmosfera pretendida, além de ajudar a definir características dos personagens.

Ao manipular texturas, cores e materiais diversos, estabelece-se uma estratégia de jogo incerta e secreta, como uma pulsão, que revela a capacidade de se apropriar de uma ideia para torná-la real, em seu cortejo de possibilidades, de conceitos e de sentidos. Em seus desdobramentos de corte, montagem e beneficiamentos. O figurino é

linguagem, é prática social e, inevitavelmente, impregnado de especulações

também

simbólicas. A verbalização do trabalho de figurinista confere uma dimensão mítica aos objetos e formas manipuladas. Há um impulso de descobrir o segredo, por meio dos jogos intertextuais, a projeção da utopia no ato de criar. Essa conexão complexa prende e motiva as trocas simbólicas que se experimenta ao justapor os elementos das colagens. Por consequência, os objetos cênicos, os bordados, os desenhos determinam a inter-relação de muitas estruturas subjacentes. É da ordem da colagem acordar essas estruturas e relativizar os sentidos possíveis (ABRANTES, 2012, p. 78 - 79).

Existem alguns figurinos com o intuito de relatar fielmente a época que se passa a narrativa abordada, outros tem as características em priorizar apenas a beleza do vestuário junto do seu estilo sem se preocupar com a fidelidade do tempo histórico onde se passa a trama, e há aqueles trajes simbólicos que são ainda mais extremos em que sua importância está em priorizar especificamente o estado espiritual e psicológico das personagens.

2.COSTURANDO OS PERSONAGENS: Pecadores x Celestiais

Os personagens celestiais usam trajes destacantes por serem divinos e terem o dom de julgar as almas dos pecadores. A Compadecida interpretada por Fernanda Montenegro, utiliza um manto azul que remete ao céu, representa o elo entre o céu e a terra; maquiagem clara que intensifica a expressão piedosa de mãe perante seus filhos, coroa de rainha e o vestido com adereços característicos do Nordeste brasileiro, ela foi elaborada igual a imagem que estava na igreja onde ocorreu uma das cenas antes do juízo final.

Jesus ou Emanuel como identificado no livro e na minissérie, está representado exatamente como uma pessoa do sertão, com um manto entre as cores branco, marrom e ocre. Está parecido com a imagem do sagrado coração de Jesus, em que a imagem do coração está representado e aparente no lado externo do corpo, junto de uma coroa de espinhos na cabeça e no coração.

Os anjos que saem da parede do cenário típico do barroco, com exageros e muito brilho revela-se o contraste entre o céu e a terra. Indo para o lado oposto dos juízes encontramos o Encourado que possui um traje acinzentado, chifres parecidos com o de um touro, unha compridas

Em relação aos pecadores as indumentárias já não tem o mesmo brilho como a dos seres celestiais. Os personagens João Grilo e Chicó sempre estão usando tons ocre num tecido mais simples que é propício para os trabalhadores suportarem o calor do sertão, os dentes são amarelados.

O bispo e o padre utilizam trajes característicos de suas funções e que ainda são típicos nas tradições religiosas no catolicismo. Já o Severino representa fortemente os trejeitos e o visual do Lampião que realmente existiu e virou o Rei do Cangaço.

As duas mulheres retratadas na minissérie possuem psicológicos completamente diferentes e com isso o visual delas se diferem completamente para enfatizar ainda mais o oposto entre elas. A mulher do padeiro utiliza um corte de cabelo curto e roupas estilo década de 20, com vestidos curtos se comparado aos modelos de vestidos nos anos anteriores a essa década. Já a Rosinha a próxima personagem feminina terrena é delicada, e os trajes são estilos da Idade Média que são vestidos longos, cheio de rendas,

os cabelos compridos soltos e duas mechas de tranças na parte na frente que são presas na parte de trás do cabelo da moça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A análise do figurino da minissérie foram desmembradas para uma melhor observação e explicação durante todo o processo no decorrer da elaboração do trabalho. Os objetivos desse estudo foi alcançado que é de buscar os detalhes ricos no vestuário das personagens que foi desfrutado de forma intensa a partir do vestuário no decorrer das cenas. Pretende-se aprofundar com um maior aprofundamento em um Trabalho de Conclusão de Curso.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Samuel. *Diário do figurinista: O traje de cena*. Fonte: *Diário de pesquisadores: Traje de cena*. - orgs. MUNIZ, Rosane e VIANA, Fausto. - Estação das Letras e Cores, 2012.

ARRAES, Guel. *O Auto da Compadecida*. Globo Filmes – adaptação da obra de Ariano Suassuna, 2000.

BOLCHER, François, [1885-1966]. *História do vestuário no Ocidente: das origens aos nossos dias*. Título original: *Historie Du costume en Occident*. Tradução: André Telles. Nova edição atualizada por S. H. Aufrère, Renée Davray-Piékokolek, pascale Gorguet Ballesteros, Florence Müller, Françoise Tétart-Vittu. Ed. Ampliada por Yvonne Deslandres. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

COSTA, Francisco Araujo da. *O figurino como elemento essencial da narrativa*. Sessões do Imaginário - Porto Alegre - nº 8 - agosto 2002 - semestral - FAMECOS / PUCRS. Fonte: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/25573030/595445500/name/O+figurino+como+elemento+essencial+da+narrativa.pdf>> Acesso: 17/08/15

PEREIRA, Carolina Morgado. *Moda Palavra E-periódico*. - Docente do Curso Técnico Pós-médio de Produção de Moda da FAETEC - Ano 8, n.16, jan-jun 2015. Fonte: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/6363/4416>> Acesso: 24/08/2015

LIPOVETSKY, Gilles. *O IMPÉRIO DO EFÊMERO A moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução Maria Lucia Machado. FONTE: <<http://mail.companhiadasletras.com.br/trechos/80124.pdf>> Acesso: 06/07

ESTUDO INTERDISCIPLINAR DE VIABILIDADE DE APLICAÇÃO DO TIJOLO DE SOLO-CIMENTO NA CONSTRUÇÃO CIVIL: ECONOMIA ALIADA A SUSTENTABILIDADE

RESUMO

O seguinte estudo visa apresentar dois projetos utilizando a técnica construtiva modulada com tijolo de solo-cimento em todas as etapas de construção de uma residência unifamiliar de alto padrão e de uma moradia popular, demonstrando soluções construtivas mais eficientes, econômicas e dentro do princípio da sustentabilidade, e projetos que demonstrem que o uso do tijolo de solo-cimento pode reduzir os gastos na construção civil, seja em casas de médio/alto padrão como também em habitações populares. O aspecto de sustentabilidade resulta do fato de que o tijolo de solo-cimento não é cozido, por isso reduz o impacto relativo ao desmatamento de florestas e a destruição da camada de ozônio por não haver necessidade de queima das peças como nos tijolos convencionais. Este trabalho contempla a interdisciplinaridade dos temas arquitetura e engenharia de materiais. E o intuito deste artigo é demonstrar, após pesquisas, entrevistas e discussões, os benefícios do uso do tijolo de solo-cimento sob a ótica da economia, arquitetura e da engenharia de materiais.

Palavras-chave: Arquitetura; Sustentabilidade; Solo-cimento; Engenharia de Materiais.

ABSTRACT

The following study aims to present two projects using techniques of brick soil cement construction in all stages of a high-end building single-family residence and into popular housing. It presents constructive more cost effectiveness solutions and within the principle of sustainability, the projects demonstrate soil-cement brick use can reduce construction spending whatever in medium / high-end homes as well as in public housing. Sustainability is moreover attempted, by the lack of need to burn, than it reduces environmental impact relative the devastation of forests and ozone layer destruction as in conventional bricks. This work includes interdisciplinary themes of architecture and materials engineering. And the purpose of this article is to demonstrate, after research, interviews and discussions, the soil-cement brick benefits from the economics perspective, architecture and materials engineering.

Key-words: architecture; sustainability; soil cement; engineering materials

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem o intuito de estudar a viabilidade da aplicação do tijolo de solo-cimento na construção civil, visando principalmente criar projetos econômicos aliados à questão da sustentabilidade. A ABNT na norma NBR 12023/92 define o solo-cimento como um produto endurecido, resultante da cura de cimento e água, em proporções estabelecidas através de dosagem, executada conforme a NBR 12253/92 (RIBEIRO, 2013). Segundo ele as proporções ideais variam de acordo com a composição do solo utilizado.

Os blocos de solo-cimento eram usados desde os anos 30 no Brasil para pavimentação de estradas. Nos anos 40, em Petrópolis um conjunto de casas foi construído usando a técnica, mas foi um fato isolado. Foi somente nos anos 70 do século XX que o Eng. Francisco Casanova, formado em química pela UFRJ e após aperfeiçoamento na Europa, trouxe para o Brasil o sistema como forma de remediar déficit habitacional e foi usado pelo antigo BNH¹. O sistema já provava sua qualidade, pois anos antes, foi construída a primeira edificação de porte maior; o Hospital Adriano Jorge em Manaus.

A escolha do tema deu-se pela atual realidade do país e do mundo, onde construções sempre são demandadas, o déficit habitacional não acaba e o meio ambiente está cada vez mais deteriorado pela ação antrópica. O custo-benefício do uso deste material gera maior poder de aquisição às classes menos favorecidas e assim o uso social da terra se realiza. A utilização do tijolo de solo-cimento possui excelente termoacústica como também reduz os custos finais na obra entre 20 e 40% em relação aos tijolos convencionais.

OBJETIVOS

O principal objetivo da presente pesquisa é fazer um comparativo entre as técnicas convencionais de construção e a tecnologia com os tijolos chamados "solo-cimento". Esta técnica será usada em dois projetos, para residências uni familiares. Uma de médio/alto padrão e outra de moradia popular, fazendo um comparativo para as duas com a técnica convencional e mostrar que a técnica é uma excelente escolha para qualquer um dos dois tipos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Elaborar dois projetos arquitetônicos aplicando a técnica de modulação do tijolo ecológico;
- Elaborar planilha de custos para comparar a efetividade da redução de custos pela aplicação do tijolo de solo-cimento;
- Provar a teoria sobre este estudo de caso.

JUSTIFICATIVA

Pesquisas mostraram que, utilizando os tijolos de solo-cimento, é possível reduzir em 40% o valor final da obra.

1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1-Banco Nacional de Habitação.

1.1. História

O estudo científico da técnica do tijolo de solo-cimento teve início em 1935 junto a PCA². Mas nos Estados Unidos desde o século XX, o solo-cimento é muito utilizado na construção civil. O tijolo solo-cimento foi usado, inicialmente, na construção de bases e sub-bases de pavimentos de estradas, e, na década de 40, especificamente em 1948 no Rio de Janeiro, passou a ser empregado em construções. A primeira delas aconteceu na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, na construção das casas do Vale Florido na Fazenda Inglesa. Após isso, em 1953, foi construído o Hospital Adriano Jorge (figura 01) em Manaus, possuindo 10.800 m² e ainda está em utilização (TÉCHNE, 2004).

Nos anos 60, institutos como o IPT³ e a ABCP⁴ pesquisavam e incentivavam a utilização dessa tecnologia nas construções.

Porém, somente na década de 70 com a contribuição técnica sobre os materiais do Eng. Francisco Casanova, que os tijolos passaram a ser amplamente utilizados em habitações pelo antigo BNH, que passou a utilizar os tijolos feitos a partir do solo-cimento nas suas residências.

1.2. Características técnicas e econômicas

Segundo Fernando Teixeira (TÉCHNE, 2004), consultor na área de solo-cimento para construções sustentáveis e econômicas, a técnica do solo-cimento, obtida através da fusão de areia argilosa⁵, água e cimento é uma boa alternativa, sendo a evolução de técnicas retrógradas e sob a ótica da arquitetura, tradicionais no Brasil, como os adobes e o taipa. Estudos realizados pelo IPT e pelo Ceped⁶ comprovaram que o tijolo de solo-cimento possui excelente isolamento termoacústico e também reduz os custos finais na obra entre 20% e 40% em relação aos tijolos convencionais, diz de o engenheiro na reportagem. Ele também afirma que quando o uso do tijolo de solo-cimento passou a ser utilizado em residências, o uso de paredes monolíticas⁷ era o mais usual, porém devido às suas vantagens, passou a ter uma aceitação maior: “Recentemente, processos construtivos que envolvem o uso de blocos modulares com encaixes intertravados estão tendo muita aceitação” explica Teixeira (2004).

Fernando afirma também que “essa nova tecnologia não é muito comum em novas construções, porém, devido às suas vantagens, é uma técnica que deve começar a ser muito utilizada”. O arquiteto Iberê M. Campos, mestrando pela FAU-USP em reportagem digital, para o site “Fórum da Construção” (2013), afirma que o solo-cimento é uma mistura muito resistente, podendo ser utilizada em vários setores da construção civil, como pisos (figura 02), alvenarias (figura 03) e até mesmo em muros de contenção (figura 04). Além de todas essas qualidades, o uso do solo-cimento agiliza a execução e o componente apresenta boa durabilidade e resistência à compressão (FIQUEROLA, 2004), fazendo com que as construções demorem menos para ficarem prontas.

Francisco Casanova (TÉCHNE, 2004) afirma que seu uso evita que florestas inteiras sejam derrubadas, já que para a confecção de tijolos de barro cozidos se faz necessário o uso de

2 -Portland Cement Association.

3-Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo.

4-Associação Brasileira de Cimento Portland.

5-Limpa, sem galhos, sujeiras ou pedras.

6-Centro de Pesquisas e Desenvolvimento.

7 Parede monolítica de solo-cimento é outra técnica construtiva que será citada posteriormente

lenha, que queimada lança resíduos tóxicos na natureza. Tampouco necessita argamassa para a junção dos tijolos, podendo ser utilizada a cola de PVC comum. Apesar de o seu custo ser mais elevado para a fabricação, ela é bem simples, sendo feita no local, sendo mais rápido e feita através de prensas ou manualmente, resultando em um visual atraente e resistente.

A resistência dos tijolos ecológicos pode atingir valores que variam entre 3 e 5 MPa em relação aos tijolos de cerâmica convencionais, valores maiores dos exigidos pela norma 10836/94 da ABNT, como afirma da ECOPRES (2015), fabricante de tijolos ecológicos.

Outros fatores importantes para a economia são sua condição isotérmica e o isolamento acústico que promove, por causa das câmaras estanques de ar que ficam depois de pronto (figura 05), desobrigando da necessidade de uso de aparelhos de ar refrigerado, pois, os furos no seu interior formam câmaras térmicas, evitando a passagem do calor, fazendo com que ele seja menor dentro das construções. Seu sistema construtivo que permite o embutimento das tubulações de abastecimento de água (figura 06) e de conduítes da instalação elétrica (figura 07), sem que seja necessário quebrar para instalar depois de pronto, geram economia. O tijolo de solo-cimento também pode ser reutilizado caso quebre. Basta que ele seja triturado para que possa virar um composto novamente, gerando menos entulho de construção civil e agredindo menos a natureza. O sistema de grautes⁸ permite uma resistência mecânica maior. As colunas, que na maioria dos projetos pode ser feitas dentro do sistema e com o próprio tijolo, são feitas de maneira fácil e rápida, (figura 08), dispensando o uso de caixarias de madeira como fôrmas, além da vantagem da resistência ser maior. Se o projeto assim o exige, e são necessários pilares maiores, o sistema se adapta também (figura 09).



Figura 1: Hospital Adriano Jorge em Manaus/AM.
Fonte: <http://www.cienciaempauta.am.gov.br/>



Figura 2: Pisos de tijolo de solo-cimento.
Fonte: <http://ecomaquinas.com.br/noticias/188>

⁸-Tipo específico de concreto, indicado para preenchimento de espaços vazios dos blocos e canaletas, aumentando a capacidade autoportante.



Figura 3: Alvenaria de tijolo de solo-cimento.
Fonte: <http://www.monteseuprojeto.com.br>



Figura 4: Muro de contenção com tijolos de solo-cimento.
Fonte: <http://www.arquitetaresponde.com.br/>



Figura 5: Câmaras de ar formadas dentro dos tijolos.
Fonte: <http://site.noticiaproibida.org/ideias-sustentaveis.html>

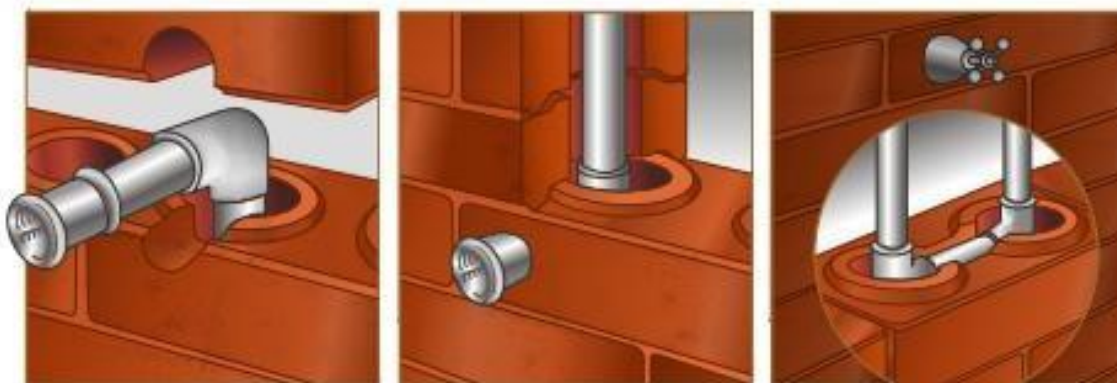


Figura 6: Instalações hidráulicas embutidas no interior dos tijolos.
Fonte: <http://www.monteseuprojeto.com.br/sistema-constructivo-%E2%80%93-tijolo-ecologico-parte-4/>



Figura 7: Instalações elétricas em alvenaria de tijolo de solo-cimento.

Fonte:

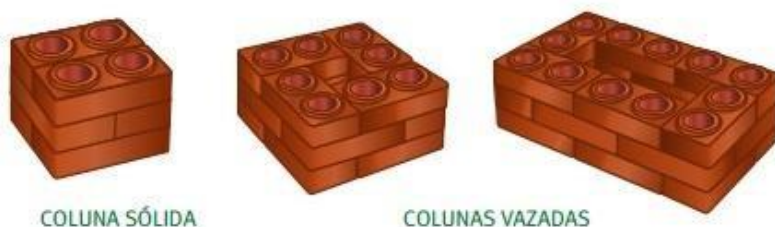
http://www.tijolosolocimento.com.br/2013_06_01_archive.html



Figura 8: Colunas em alvenarias de tijolo de solo-cimento.

Fonte:

<http://www.setorvidreiro.com.br/o-que-procura/detalhe.php?id=426&pg=8>



COLUNA SÓLIDA

COLUNAS VAZADAS

Figura 9: Tipos de coluna de tijolo de solo-cimento.

Fonte: <http://www.terramaxtijolos.com.br/metodo-construtivo.html>

Em suma, a praticidade do tijolo de solo-cimento torna a obra muito mais barata, chegando a 40% de economia (TEIXEIRA, 2014).

De acordo com ele, a utilização dos tijolos feitos a partir do solo-cimento para a construção de casas populares (figura 10) é uma boa alternativa já que assim, é possível utilizar-se de mão de obra não especializada. Neydir Cury defende a ideia de que não é necessário mão de obra especializada. Já em outras pesquisas sobre o tema, os autores defendem que é necessário um treinamento curto de mão de obra, já que se trata de uma técnica construtiva diferente da convencional, segundo reportagem à revista *Téchne*. Segundo a FATEECO⁹, com sede em Juiz de Fora/MG é necessário um curso de especialização, pois a maneira construtiva é um pouco diferente da convencional. Como é fábrica da máquina, no ato da compra dos tijolos é oferecido um curso de fabricação, de modulação e de construção modular. A FATEECO também ressalta que há Universidades Federais que oferecem cursos na área de construção civil modular.

De acordo com a publicação de um artigo relacionado na revista online *e-Xacta* do Centro Universitário de Belo Horizonte (2014), a fabricação pode ser feita por qualquer pessoa, mas sua execução necessita treinamento específico. No caso de construção de moradia

⁹Fábrica de Tijolo EstruturalEcológico.

popular, como acontece na cidade de Uberlândia/MG, na chamada “Ação Moradia”, a entidade que promove o desenvolvimento de comunidades de baixa renda através de diversas ações, com apoio do governo federal inclusive, que repassou recursos através do programa “Imóvel na Planta”, a própria população participou do mutirão de fabricação dos tijolos de solo-cimento e depois participam da construção das próprias casas. As famílias foram orientadas e assistidas por mão de obra qualificada tanto no processo de fabricação dos tijolos como depois na construção das casas. Portanto, apesar de ser possível gerar economia e rapidez na construção e demandar menos tempo de obra há necessidade de certa especialização na técnica, sim.

Apesar de muitas opiniões favoráveis, há profissionais que ainda não concordam com a denominação de sustentável e ecológico e, segundo as pesquisas, há controvérsias sobre o assunto pelo fato de ainda haver a necessidade do uso de cimento e que pelo fato de utilizar a terra para a sua fabricação e, portanto, ainda agredindo a natureza, o que não deixa de fazer sentido.



Figura 10: Construção de casas populares utilizando o tijolo de solo-cimento.

Fonte: <http://ecomaquinas.com.br/noticias/336>

1.3. Vantagens e Desvantagens

Segundo a Ecotijolos (2011), empresa fabricante dos tijolos ecológicos, a utilização do tijolo de solo-cimento possui diversas vantagens. Dentre as principais, a economia de até 50% do custo final da obra em relação aos blocos convencionais de cerâmica, a diminuição de até 30% do tempo final da construção e a economia de até 100% da utilização de argamassa de assentamento. Além disso, nas alvenarias construídas com os blocos ecológicos, as colunas são embutidas em seus furos, fazendo com que o peso das alvenarias seja distribuído sobre as paredes, gerando uma alvenaria estrutural mais segura. A utilização dos tijolos ecológicos também dispensa o uso de 100% de madeira para a confecção de colunas, além do fácil acabamento, da durabilidade maior e da limpeza da obra devido à falta de entulho. (Fonte: <https://ecotijolos.wordpress.com/>).

Segundo a FRAGMAQ, empresa fabricante de prensas hidráulicas, as desvantagens são que sua construção seu uso necessita de pedreiros qualificados, com conhecimento da técnica e que o tijolo de solo-cimento não é muito indicado para locais com climas úmidos ou de maior exposição à umidade. Já o artigo da revista e-Xacta afirma que podem ocorrer patologias nas construções caso haja erro nas dosagens de solo, cimento ou água.

Dependendo do tipo de solo, é inviável a fabricação dos tijolos devido à presença de

substâncias deletérias para o processo de cimentação, como o húmus, cloretos e sulfatos, como também é vetada a fabricação dos blocos em locais úmidos. (RIBEIRO, 2013). A escolha do material e da fábrica da prensa do tijolo deve ser muito bem avaliada. Relativamente é um empreendimento de valor baixo.

1.4. Preços

O custo individual do material é mais alto do que do tijolo convencional. Porém, após a execução, pela técnica adequada, o valor do serviço terminado cai até 40% do valor terminado em relação ao tijolo convencional.

Os tijolos de solo-cimento são encontrados em diversas fábricas e lojas de construção. De acordo com a Leroy Merlin (2015) os tijolos do tipo canaleta custam R\$ 0,75 a unidade, portanto o milheiro sairia em torno de R\$ 750,00 e os tijolos convencionais variam de R\$ 0,52 a R\$ 1,92. Já na Vimaq Prensas (2015), o milheiro dos tijolos varia entre R\$ 750,00 e R\$ 1.100,00, dependendo da dimensão dos blocos e do solo utilizado na fabricação.

Então, levando-se em conta as vantagens economicas geradas pelo seu uso, principalmente pela falta de necessidade do uso de outros materiais, conclui-se que os blocos de solo-cimento são mais viáveis quando se pensa em construir.

Assim, percebemos que a compra do milheiro que fica, em media, R\$ 900,00, e o milheiro de blocos de cerâmica convencionais gira em torno de R\$ 550,00.

O valor das prensas pode variar entre R\$ 5 e R\$ 40 mil reais.

2. CONCLUSÃO

Nos resultados obtidos através de estudos acerca da utilização do tijolo de solo-cimento, é possível perceber que ele se torna a melhor opção quando pensamos em construção. Os tijolos ecológicos têm diversas vantagens que variam entre facilidade, agilidade, resistência e economia. Além dessas vantagens, podemos construir sem que a natureza sofra os impactos gerados pela poluição dos resíduos da construção civil, como entulho de obra e poluição do solo e da água pelo cimento.

Já na questão social, mostra-se também uma excelente escolha para a construção de moradias populares, já que é possível o governo construir mais gastando basicamente o que gastaria utilizando os blocos convencionais, já que não é necessário o uso de ferragem, caixarias, pregos e ferragem.

Em casas de alto padrão, que geralmente são assobradadas, a possibilidade da execução da estrutura com uso dos tijolos de solo-cimento, não atrapalha nenhum partido arquitetônico para vários tipos de projeto, possibilita dar soluções autoportantes em muitos casos dado sua resistência pelo graute e pela armação que se forma com a correta aplicação nas paredes o que gera uma maior resistência nos panos de paredes.

Esta pesquisa pretende contribuir com a disseminação de formas sustentáveis de construção e estes dados até agora mostram-se muito esclarecedores, entretanto, dada a riqueza de possibilidades, pela necessidade de se dar destino ao resíduo sólido da construção civil, e a possibilidade de utilizar-se deste para a fabricação do tijolo, esta pesquisa demanda continuação e aprofundamento, pois devido aos resultados promissores, já apresentados, o campo de estudo ainda é muito vasto.

3. REFERÊNCIAS

CAMPOS, Iberê M.. **Solo-cimento, solução para economia e sustentabilidade**. 2013. Disponível em: <<http://www.forumdaconstrucao.com.br/conteudo.php?a=23&Cod=124>>. Acesso em: 17 mai. 2015.

ECONSTRUÇÃO. **COMPARATIVO: ALVENARIA X TIJOLO ECOLÓGICO**. 2012. Disponível em: <<http://econstrucaolta.blogspot.com.br/2012/03/comparativo-alvenaria-convencional-x.html>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

ECOPRES, **O tijolo ecológico**. Disponível em <<http://www.ecopres.com.br/tijoloecologico.php>> Acesso em 02 jun. 2015.

ECOPRODUÇÃO. **Tijolo ecológico modular: manual prático**. Disponível em <<http://www.ecoproducao.com.br/downloads/cartilha-eco-producao.pdf>> Acesso em 08 jun. 2015.

FIQUEROLA, Valentina. **Alvenaria de solo-cimento**. 2004. Disponível em: <<http://techne.pini.com.br/engenharia-civil/85/artigo286284-1.aspx>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

MIELI, Priscilla Henriques. **AVALIAÇÃO DO TIJOLO MODULAR DE SOLO-CIMENTO COMO MATERIAL NA CONSTRUÇÃO CIVIL**. 2009. 59 f. Monografia (Especialização) - Curso de Engenharia de Materiais, Ufrj, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://monografias.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10003721.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2015.

MOTTA, Jessica Campos Soares Silva. **TIJOLO DE SOLO-CIMENTO: ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS E VIABILIDADE ECONÔMICA DE TÉCNICAS CONSTRUTIVAS SUSTENTÁVEIS**. 2014. 14 f. Monografia (Especialização) - Curso de Engenharia Civil, Unibh, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://revistas.unibh.br/index.php/dcet/article/viewFile/1038/665>>. Acesso em: 10 mai. 2015.

PISANI, Maria Augusta. **UM MATERIAL DE CONSTRUÇÃO DE BAIXO IMPACTO AMBIENTAL: O TIJOLO DE SOLO-CIMENTO**. S.d.. 17 f. TCC - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.aedificandi.com.br/aedificandi/N%C3%BAmero%201/1_artigo_tijolos_solo_cimento.pdf>. Acesso em: 08 jun. de 2015.

VOLPATO. **Qual a origem dos tijolos ecológicos?** 2011. Disponível em: <<http://volpatoconstrutora.blogspot.com.br/2011/05/qual-origem-dos-tijolos-ecologicos.html>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

RIBEIRO, Lincoln Ronyere Cavalcante. **PROCESSO DE PRODUÇÃO E VIABILIDADE DO TIJOLO MODULAR DE SOLO-CIMENTO NA CONSTRUÇÃO CIVIL NO ESTADO DO RN**. 2013. 48 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciência e Tecnologia, Ufersa, Mossoró, 2013. Disponível em: <<http://www2.ufersa.edu.br/portal/view/uploads/setores/270/TCC - BCT/TCC- LINCOLN RONYERE CAVALCANTE RIBEIRO.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

MONTEIRO TIJOLOS: **Dados Técnicos**. 2014. Disponível em: <<http://www.monteirotijolos.com/index-tijolos.htm>>. Acesso em: 27 mai. 2015.

TIJOLO ART. **Vantagens do uso de tijolos ecológicos**. Disponível em: <<http://www.tijolart.com.br/dicas.html>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

FRAGMAQ. **Vantagens e Desvantagens do Tijolo Ecológico**. 2014. Disponível em: <<http://www.fragmaq.com.br/blog/meio-ambiente/vantagens-desvantagens-tijolo-ecologico/>>. Acesso em: 08 mai. 2015.

VIMAQ PRENSAS - Dúvidas. 2013. Disponível em: <<http://www.vimaqprensas.com.br/duvidas/>>. Acesso em: 27 mai. 2015.

NOVAS PERSPECTIVAS PARA A VIDA DO JOVEM DE CACHOEIRA PAULISTA ATRAVÉS DO RÁDIO

RESUMO

O presente trabalho apresenta como resultado um programa radiofônico para auxiliar os jovens de 15 a 24 anos de idade que residem no município de Cachoeira Paulista, em suas escolhas pessoais e profissionais, uma vez que foi constatada através de entrevista com assistente social, a falta de perspectiva desse jovem. Para tanto, foi realizada uma pesquisa com o público-alvo que também norteou a produção de um programa de entretenimento educativo, no formato de revista com 20 a 25 minutos de duração, tratando temáticas sobre cultura, esportes, trabalho e lazer através da Rádio Comunitária presente no município, escolhida por exercer papel fundamental na integração, informação e desenvolvimento dos cidadãos da comunidade.

Palavras-chave: Rádio comunitária; Educação; Jovem.

ABSTRACT

This paper presents results in a radio program to assist young people 15-24 years of age residing in the city of Cachoeira Paulista, in their personal and professional choices, once it has been verified through interviews with social workers, the lack of perspective of this young man. For this purpose, a survey was conducted with the target audience who also guided the production of an educational entertainment program, in magazine format with 20-25 minutes in length, treating themes of culture, sports, work and leisure through Community Radio present at the council, chosen to play a key role in integration, information and development of community citizens.

Key-words: community radio; education; young.

INTRODUÇÃO

Com o surgimento da televisão, na década de 1950, o rádio era cotado para desaparecer, sendo substituído pelo novo veículo de comunicação que acabara de chegar, conforme CÉSAR (2009), entretanto, com o passar do tempo, percebeu-se que o rádio conseguiu se manter graças às suas características que, de acordo com MCLEISH (2001), englobam o baixo custo de produção, a simplicidade, o dinamismo e o alcance. Com a regulamentação das rádios comunitárias, a comunidade pôde ter acesso ao veículo, antes restrito aos grandes grupos de mídia e com programações menos pertinentes à realidade cotidiana dessa comunidade, consoante PERUZZO (1998).

Em entrevista realizada com a assistente social Fernanda Nolasco, superintendente da Rede de Desenvolvimento Social Canção Nova, constatou-se uma baixa perspectiva de futuro

por parte dos mesmos.

Também foi constatada a carência de veículos de comunicação que possam fomentar nesses jovens tal perspectiva.

Através de consultas aos dados referentes ao último Censo realizado, foi definida a faixa etária do público-alvo e elaborada uma pesquisa quantitativa com esse público, com a finalidade de determinar gênero, formato e conteúdo que pudessem atingí-lo.

O tempo de duração do programa foi determinado com base no tempo determinado pela Instituição para a realização de produtos, entre 20 e 25 minutos.

O principal objetivo do projeto é produzir um programa de rádio que ofereça aos jovens de 15 a 24 anos do município de Cachoeira Paulista informações que auxiliem em suas escolhas profissionais e pessoais. Para tanto, é necessário identificar o perfil de ouvinte do público-alvo pré-selecionado, identificar as necessidades do mesmo público e converter em conteúdo a ser exibido através de um programa de rádio. Então elaborar e executar um programa a ser veiculado na rádio comunitária “Alvorada FM”, situada no município.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente pesquisa utilizou-se de literaturas que pudessem nortear a elaboração do produto proposto. COSTELLA (2002) foi referenciado na introdução sobre a história do rádio, de SEPAC (2012) foram trazidas as características do veículo, enquanto o material sobre rádio comunitária foi extraído de BRASIL (1998, 2011, 2013, 2014), como fundamentação legal. PERUZZO (1998), como fundamentação histórica, GIRARDI & JACOBUS (2009) e PRADO (2006), utilizados para salientar as características da rádio Comunitária.

Para COSTELLA (2002), o rádio surgiu a partir da existência do telégrafo sem fio, um sistema de pontos e traços que utilizava sinais eletromagnéticos para se comunicar com as pessoas do mundo todo.

Durante a Primeira Guerra Mundial, os países envolvidos passam a ter o rádio controlado pelo Estado e sua finalidade concentrada em ações militares, excluindo qualquer forma de transmissão pública.

Entretanto, COSTELLA (2002) salienta que vários estudos da época se mostraram úteis para a radiodifusão, pois o conhecimento adquirido ajudou no nascimento das estações radiofônicas.

No Brasil, o rádio começa a fazer parte do conhecimento da sociedade a partir do ano de 1922, onde fora realizada, no Rio de Janeiro, uma exposição sobre o Centenário da Independência. Também onde, diretamente do morro do Corcovado, foi feita a primeira transmissão para cerca oitenta receptores espalhados pela exposição e pela cidade, através da inclusão de alto-falantes.

O rádio possui ao menos dezenove características, conforme SEPAC (2012), dentre as quais destacam-se a construção de imagens, apelando para a imaginação do ouvinte, a capacidade de penetração e individualidade, chegando a milhões de pessoas e falando com todos, mas, ao mesmo tempo com cada indivíduo, a velocidade, a simplicidade, o baixo custo, entre outras.

A Rádio Comunitária tem como base o uso de informações de utilidade pública, a identificação dos problemas e necessidades da população e o trabalho com a prestação de

serviços e com notícias de interesse próprio da comunidade local, conforme PRADO (2006 p.62) e PERUZZO (2013 p.1).

Para PERUZZO (1998, p. 4), “em 1995 o Brasil descobriu as rádios comunitárias, no formato de rádios livres. [...] Elas ousaram iniciar a ‘reforma agrária no ar’, enquanto no Parlamento se discutia propostas de leis para a radiodifusão de baixa potência [...]”, uma discussão que só chegou a um resultado prático em 1998, com a promulgação da lei 9.612, de 19 de Fevereiro - BRASIL (1998), onde foram estabelecidos critérios para a instituição do Serviço de Radiodifusão Comunitária, e em 2011, conforme BRASIL (2011), foi divulgada a normatização para rádios e TVs comunitárias, em anexo à portaria 462 de 14 de outubro.

Segundo GIRARDI e JACOBUS (2009), "as rádios chamadas comunitárias devem ser realmente democráticas. [...] Através das rádios comunitárias, pessoas e vozes que dificilmente são ouvidas nas redes comerciais têm espaço para suas manifestações". Portanto, a uma emissora de rádio ou TV comunitária compete o papel de atender à comunidade como um todo, não devendo servir apenas a um grupo de pessoas ou instituições.

A rádio comunitária que faz jus a este nome é facilmente reconhecida pelo trabalho que desenvolve. Ou seja, transmite uma programação de interesse social vinculada à realidade local, não tem fins lucrativos, contribui para ampliar a cidadania, democratizar a informação, melhorar a educação informal e o nível cultural dos receptores sobre temas diretamente relacionados às suas vidas. (PERUZZO, 2013, p. 1)

Ainda de acordo com PERUZZO (2013), uma rádio comunitária ainda deve possuir uma participação ativa de moradores e representantes de organizações e movimentos sociais da região nos seus processos de implantação, planejamento, gestão e programação.

O presente projeto visa abordar a formação dos jovens e adolescentes do município de Cachoeira Paulista através de um programa educativo desenvolvido para veiculação na Rádio Alvorada FM, emissora de rádio comunitária presente no município.

Para tanto, contou com uma pesquisa de ordem quantitativa com o público-alvo pré-determinado, como forma de determinar gênero e formato de apresentação do produto, bem como faixa de horário para sua veiculação.

2. METODOLOGIA

2.1 Descrição do produto

Trata-se de um programa radiofônico semanal, para o meio comunitário com duração de 20 a 25 minutos, conforme determinado pelo regulamento da faculdade, utilizando o gênero educativo e o formato de revista, bastante comum em programas voltados ao público-alvo e tendo como temáticas centrais esporte, lazer, cultura e trabalho.

Cada temática será abordada uma vez por mês, entretanto, a ordem de exibição das mesmas é aleatória, respeitando apenas a limitação de uma mesma temática não ser abordada por duas semanas consecutivas.

Todos os programas deverão conter uma entrevista, dicas e/ou curiosidades sobre o assunto, espaço para interatividade com os ouvintes e espaço para reportagens e/ou testemunhos de pessoas que usufruem dos benefícios do objeto-tema.

Por estar em uma rádio comunitária, o programa contempla, através de suas externas, a participação do público como produtor de conteúdo, em que entrevistadores ou repórteres podem ser integrantes da comunidade que colaborem com o programa.

O gênero escolhido para o produto é educativo, utilizando o formato presente nas rádios FM da região do Vale do Paraíba que foram mencionadas na pesquisa quantitativa realizada neste projeto, como forma de atração para o público em questão.

As músicas selecionadas para compor o programa estão entre as 10 mais tocadas do gênero na atualidade, conforme consulta às páginas e à programação das rádios mais apontadas pelo público em maio de 2015.

As vinhetas e a forma de locução foram inspiradas nas produções existentes nas rádios Ótima FM e 90,9 FM que são voltadas ao público-alvo determinado.

As rádios tratadas como referência para o desenvolvimento do produto foram as mais citadas pelo público na pesquisa realizada.

2.2 Descrição do processo de criação

A idealização do produto partiu da percepção da necessidade dos jovens de Cachoeira Paulista de receberem informações que possam ampliar os horizontes e perspectivas, uma vez que, sem objetivos maiores, percebeu-se que muitos desses jovens se transformam em pessoas acomodadas e/ou usuários de drogas.

Com base nessa percepção, buscou-se uma fonte com experiência no trabalho com a comunidade de Cachoeira Paulista, especialmente com as faixas etárias que compõem o público-alvo desejado.

Após inúmeras tentativas de agendamento de entrevista com representantes da assistência social do município, todas sem retorno efetivo, optou-se por buscar alguém que, embora não fosse da esfera pública, portanto não fornecendo uma informação oficial, estivesse contextualizado com a realidade presente no município.

Foi realizado, então, contato com a assistente social Fernanda Nolasco, superintendente da Rede de Desenvolvimento Social Canção Nova, mantida pela Fundação João Paulo II e atuante no município com projetos voltados a públicos diversos, dentre os quais, o que se pretendia por público-alvo.

Paralelo às tentativas de entrevista com profissionais da assistência social do município, foi iniciada uma consulta referencial a dados do Censo Demográfico de 2010 no sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2010), no que foi constatada a divisão das faixas-etárias em períodos de 5 anos.

Utilizando a metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, foram escolhidas as faixas que contemplam jovens de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos.

Também através de análise dos resultados gerais da amostra, foi realizada uma pesquisa quantitativa cujos resultados encontram-se dentro de uma margem de erro de 8% para um nível de confiança de 90,5%, ou seja, pesquisando o número total de pessoas (107), em 90,5% das vezes os resultados obtidos serão apresentados dentro de uma margem de 8% para mais ou para menos.

O objetivo da pesquisa em questão foi nortear o produto através de informações extraídas do público-alvo e pertinentes à construção do programa, como o gênero musical de preferência, rádios que costumam ouvir e informações sobre acesso à internet para verificar a possibilidade de interação.

Com base nos resultados apresentados pela pesquisa, foi definida a elaboração de um produto semanal, apresentado na faixa horária matinal, com interação através das redes sociais, enfatizando o “Facebook”, por conta de sua maior penetração no público-alvo.

Também foi constatada a necessidade de realizar um trabalho de divulgação para que o público-alvo, espalhado entre as mais diversas rádios presentes na região, possa ter

conhecimento acerca da atração, seu horário de exibição e sinta-se atraído pelos temas propostos. Assim como as ações de interatividade, a promoção também seria mais maciça nas redes sociais, especialmente o “Facebook”, entretanto, por se tratar de uma rádio comunitária, seria interessante que a estratégia de divulgação envolvesse também a participação de líderes da comunidade, por meio da divulgação boca-a-boca.

3. RESULTADOS

O programa resultante do presente projeto foi concebido com base em programas das rádios 90,9 FM e Ótima FM, cuja programação é mais próxima do público-alvo desejado.

No início, é feita uma breve saudação ao público com uma apresentação da temática tratada no decorrer da atração, chamadas para interação através das redes sociais, seja pedindo músicas ou participando de discussões e promoções, de acordo com o tema do programa veiculado.

Em seguida, o programa vai para a sua primeira inserção musical.

As inserções musicais devem, preferencialmente, possuir relação com o tema tratado no programa, e obrigatoriamente ser atual ou ter relevância na atualidade, atendendo às especificações de gênero determinadas para o programa.

A cada programa, um entrevistado traz informações adicionais sobre o tema, respondendo a questionamentos específicos, realizados pelos apresentadores ou através da participação dos ouvintes nas redes sociais.

Em seguida, o programa faz sua segunda inserção musical e, após essa inserção, terá seu desenvolvimento com um aprofundamento sobre o tema proposto, realizado através de diálogos em estúdio ou de uma reportagem produzida por um integrante da comunidade.

O programa terá, então, sua terceira e última inserção musical.

Na volta da inserção musical, contará com dicas e curiosidades que envolvem o tema em destaque e seu encerramento.

4. ROTEIRO FINAL

Rádio Alvorada FM		
Galera em Ação		29/05
11h às 11h25		2015
Locução: Renilson Gois e Shirley Batista		
Produção: Helder Vendramini, Lucas Santos Renilson Gois		
TEC	VHT ABERTURA NO AR, PROGRAMA GALERA EM AÇÃO!	0'05''

LOC	<p>SAUDAÇÃO LOC1 BOM DIA A VOCÊ QUE ACOMPANHA A RÁDIO ALVORADA, EU SOU RENILSON GOIS E COMIGO, AQUI AO MEU LADO, SHIRLEY BATISTA. SHIRLEY, BOM DIA SEJA MUITO BEM VINDA!</p> <p>LOC2 BOM DIA RENILSON OBRIGADA. BOM DIA A VOCÊ ACOMPANHANDO A NOSSA PROGRAMAÇÃO E, A PARTIR DE AGORA, O PROGRAMA GALERA EM AÇÃO/</p> <p>LOC1 SHIRLEY, NOSSO PROGRAMA HOJE TRAZENDO MUSICA, ENTREVISTA, TESTEMUNHOS E MUITO MAIS/</p> <p>LOC2 É VERDADE, RENILSON, E VOCÊ JÁ PODE PARTICIPAR ATRAVÉS DAS NOSSAS REDES SOCIAIS facebook.com/Galeraemacao, PEDINDO A SUA MÚSICA</p> <p>LOC1 POR FALAR EM MÚSICA SHIRLEY, VAMOS TRAZER NOSSA PRIMEIRA MÚSICA DE HOJE. NOITE ENLUARADA COM FERNANDO E SOROCABA/</p> <p>LOC2 DAQUI POUCO VOLTAMOS NO GALERA EM AÇÃO/</p>	0'53''
TEC	CARIMBO (GALERA EM AÇÃO)	0'02''
TEC	MÚSICA NOITE ENLUARADA- FERNANDO E SOROCABA	5'00''
TEC	CARIMBO (GALERA EM AÇÃO)	0'02''
LOC	<p>LOC1 VOCÊ OUVIU FERNANDO E SOROCABA CANTANDO AQUI NO GALERA EM AÇÃO. E HOJE, SHIRLEY, QUERO APROVEITAR E LEMBRAR QUE VOCÊ PARTICIPA DO PROGRAMA ATRAVÉS DO NOSSO ENDEREÇO ANOTA AÍ HEIN? facebook.com/Galeraemacao</p> <p>LOC2 ISSO MESMO, RENILSON E OLHA, HOJE VAMOS FALAR SOBRE UM PROJETO EM CACHOEIRA PAULISTA QUE JÁ EXISTE HÁ 25 ANOS E TEM COMO OBJETIVO LEVAR AOS JOVENS UMA OPÇÃO PARA SUA FORMAÇÃO HUMANA E SOCIAL, AFASTANDO-OS DOS VÍCIOS, ATRAVÉS DO ESPORTE, CULTURA E LAZER</p> <p>LOC1 ALÉM DISSO, TEREMOS AQUI TAMBÉM, SHIRLEY, ALGUNS TESTEMUNHOS DE MÃES QUE TÊM SEUS FILHOS PARTICIPANDO DO PROJETO, FALANDO DO BEM QUE ELE TÊM FEITO</p> <p>LOC2 E OLHA SÓ, RENILSON, ANTES DA NOSSA ENTREVISTA SABE QUEM VEM CANTANDO AGORA NO NOSSO PROGRAMA? LUAN SANTANA!</p> <p>LOC1 E VOCÊ PODE PARTICIPAR HEIN? facebook.com/Galeraemacao, ESTAMOS ESPERANDO SEU PEDIDO MUSICAL</p> <p>LOC2 CURTE AÍ</p>	2'58''
TEC	MÚSICA TE ESPERANDO - LUAN SANTANA	3'57''
TEC	CARIMBO (GALERA EM AÇÃO)	0'02''

<p>LOC</p>	<p>ENTREVISTA LOC1 PROGRAMA GALERA EM AÇÃO COM VOCÊ ATRAVÉS DA RÁDIO ALVORADA AQUI NO MUNICÍPIO DE CACHOEIRA PAULISTA-SÃO PAULO/ LOC2 PARTICIPE PEDINDO SUA MÚSICA ATRAVÉS DO NOSSO ENDEREÇO, facebook.com/Galeraemacao LOC2 RENILSON, VAMOS PARA NOSSA ENTREVISTA DE HOJE? LOC1 SIM SHIRLEY, E OLHA, HOJE ESTÁ CONOSCO ADEMIR LIMA, IDEALIZADOR DO PROJETO “ALEGRIA DO POVO”, REALIZADO NO MUNICÍPIO DE CACHOEIRA PAULISTA-SP. E ELE NOS CONCEDE ESSA ENTREVISTA POR TELEFONE. JÁ VAMOS CONVERSAR COM ELE, ADEMIR BOM DIA, SEJA MUITO BEM VINDO AQUI AO NOSSO PROGRAMA/ ENTREVISTADO LOC1 ADEMIR, EU QUERIA SABER, QUANDO COMEÇOU O PROJETO E COMO SURTIU A IDEIA ENTREVISTADO LOC1 ADEMIR E, DENTRO DESSE PROJETO NÓS TEMOS A PRÁTICA ESPORTIVA, COMO VOCÊ MESMO COMENTOU. EU QUERIA SABER DE VOCÊ QUAL A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DE ESPORTES NA VIDA DE UM JOVEM E DE UM ADOLESCENTE, JÁ QUE VOCÊS, COM ESSE PROJETO, ACOMPANHAM AÍ VÁRIOS JOVENS E ADOLESCENTES/ ENTREVISTADO LOC1 QUE TIPO DE ATIVIDADE ESPORTIVA O PROJETO OFERECE E QUAIS SÃO OS DIAS, NO CASO, QUE NÓS TEMOS AÍ AS ATIVIDADES VOLTADAS PARA O ESPORTE DENTRO DO PROJETO? ENTREVISTADO LOC1 AGORA, ADEMIR, COMO AS PESSOAS PODEM TER MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O PROJETO E COMO ELAS PODEM AJUDAR ESSA INICIATIVA? QUAIS AS NECESSIDADES QUE HOJE VOCÊ OBSERVA QUE O PROJETO TRAZ? ENTREVISTADO LOC1 E QUAL É O ENDEREÇO NO FACEBOOK QUE AS PESSOAS PODEM ESTAR ENTRANDO E CONHECENDO MAIS SOBRE O PROJETO ADEMIR? ENTREVISTADO LOC1 OK, ADEMIR MUITO OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO E PARABÉNS PELO PROJETO/ ENTREVISTADO</p>	
<p>TEC</p>	<p>CARIMBO (GALERA EM AÇÃO)</p>	<p>0’02’’</p>

LOC	LOC1 ESSA FOI NOSSA ENTREVISTA DE HOJE COM ADEMIR LIMA, IDEALIZADOR DO PROJETO “ALEGRIA DO POVO”, REALIZADO NO MUNICÍPIO DE CACHOEIRA PAULISTA-SP, QUE AJUDA NA FORMAÇÃO DE JOVENS E ADOLESCENTES ATRAVÉS DA DANÇA, MÚSICA E ESPORTE/ LOC2 RENILSON, NÓS TEMOS TAMBÉM O TESTEMUNHO DE ALGUMAS MÃES QUE TÊM SEUS FILHOS BENEFICIADOS PELO PROJETO, E NÓS VAMOS ACOMPANHAR DOIS BREVES RELATOS DE MÃES NESTE MOMENTO/	
TEC	SONORA TESTEMUNHOS	0’46’’
TEC	CARIMBO (GALERA EM AÇÃO)	0’02’’
LOC	LOC2 QUE BOM, OBRIGADA À ROSANA E À BENEDITA, QUE TÊM SEUS FILHOS INSERIDOS NO PROGRAMA/ LOC2 ALÉM DAS MÃES, EXISTEM VOLUNTÁRIOS QUE AJUDAM NO PROJETO, COMO POR EXEMPLO O WESLEY, QUE TRABALHA JUNTO COM O ADEMIR NA FORMAÇÃO DESSAS CRIANÇAS ATRAVÉS DO ESPORTE. VAMOS ACOMPANHAR SUAS PALAVRAS, ONDE ELE FALA O QUE SIGNIFICA PARTICIPAR DO PROJETO/	3’57’’
TEC	SONORA TESTEMUNHO WESLEY	0’13’’
TEC	CARIMBO (GALERA EM AÇÃO)	0’02’’
LOC	LOC2 NÓS AGRADECEMOS AO WESLEY PELAS PALAVRAS, E PARABÉNS PELO TRABALHO VOLUNTÁRIO/ LOC1 SHIRLEY, MAIS MÚSICA? LOC2 SIM, RENILSON, NA LINHA DO TEMPO - VICTOR & LÉO! E VOCÊ CONTINUA PARTICIPANDO DO PROGRAMA.	
TEC	MÚSICA NA LINHA DO TEMPO- VICTOR & LÉO	3’42’’
TEC	VHT DICA DA SEMANA	0’03’’

LOC	<p>DICA DA SEMANA LOC2 DE VOLTA! PROGRAMA GALERA EM AÇÃO E EU TRAGO NOSSA DICA DE HOJE, OLHA SÓ: O ESPORTE É FUNDAMENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS COMO UM TODO, POIS É UM ÓTIMO CAMINHO PARA A ADAPTAÇÃO SOCIAL E, COM A INTERVENÇÃO DAS PESSOAS INDICADAS DESDE O PLANO DA FORMAÇÃO, UMA GRANDE FONTE DE VALORES PARA OS TREINADORES PROFISSIONAIS, O FUNDAMENTAL É O TODO, QUE CONSISTE EM FORMAR BOAS PESSOAS, AFASTADAS DOS VÍCIOS E DOS MAUS COSTUMES</p> <p>LOC1 É ISSO AÍ, SHIRLEY BATISTA, O ESPORTE É MUITO IMPORTANTE EM NOSSAS VIDAS! BEM, ESTÁ ACABANDO ASSIM O NOSSO PROGRAMA DE HOJE, SHIRLEY</p> <p>LOC2 É VERDADE, RENILSON. AGRADECEMOS A SUA PARTICIPAÇÃO AQUI NO PROGRAMA ATRAVÉS, CLARO, DA NOSSA PÁGINA facebook.com/Galeraemacao</p> <p>LOC1 VALEU SHIRLEY</p> <p>LOC2 VALEU RENILSON, O GALERA EM AÇÃO, VAI FICANDO POR AQUI. OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO E ATÉ O PRÓXIMO PROGRAMA...</p>	1'58''
TEC	<p>VHT ENCERRAMENTO ENTREVISTA, REPORTAGEM, DICA DA SEMANA! VOCÊ ACOMPANHOU PROGRAMA GALERA EM AÇÃO!</p>	0'07''

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as leituras bibliográficas realizadas e as consultas com profissionais e populares, considerou-se que o projeto proporcionou uma visão mais ampla da sociedade na qual os autores se inserem, bem como da realidade do município de Cachoeira Paulista.

A produção do programa proporcionou aos autores do projeto desenvolverem técnicas de produção voltadas ao público em questão, bem como buscar novas referências que pudessem acrescentar ao ambiente de rádio Comunitária elementos de rádios comerciais, especialmente no que tange à linguagem da programação.

Como sugestão para trabalhos futuros, propomos a implementação de conceitos de Educomunicação, como treinamento da comunidade para prosseguimento e ampliação do projeto.

REFERÊNCIAS

CÉSAR, Cyro. *Como falar no rádio: Prática de locução AM e FM*. 11ª edição. São Paulo: Summus, 2009. 295 p.

COSTELLA, Antônio F. (A.P). *Comunicação do grito ao satélite: História dos meios de comunicação*. 5ª. São Paulo: Mantiqueira, 2002.

GIRARDI, Ilza; JACOBUS, Rodrigo.(organizadores). *Para fazer Rádio Comunitária com "C" maiúsculo*. Porto Alegre, 2009.

MCLEISH, Robert. *Produção de rádio: Um guia abrangente de produção radiofônica*. 4ª edição. São Paulo: Summus, 2001. 242 p.

PRADO, Magaly. *Produção de rádio: Um manual prático*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. 182 p.

BRASIL. *Decreto nº 2.615 de 3 de junho de 1998*. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2615.htm>. Acesso em: 26 mar. 2015.

BRASIL. *Lei nº 9.612 de 19 de fevereiro de 1998*. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9612.htm>. Acesso em: 26 mar. 2015.

BRASIL. *Portaria nº 197 de 1 de julho de 2013*. Disponível em:
<<http://www.mc.gov.br/portarias/27271-portaria-n-197-de-1-de-julho-de-2013>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

BRASIL. *Portaria nº 462 de 14 de outubro de 2011*. Disponível em:
<<http://www.mc.gov.br/portarias/26285-portaria-n-462-de-14-de-outubro-de-2011>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

PERUZZO, Cicilia. *Participação nas Rádios Comunitárias no Brasil*. 1998. Disponível em:
<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/peruzzo-cicilia-radio-comunitaria-br.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2015.

PERUZZO, Cicilia. *Rádios comunitárias: entre controvérsias, legalidade e repressão*. 2013. Disponível em:
<https://teiasocial.mpf.gov.br/images/f/f7/Radio_comunitaria_controversias_legislacao_e_repressao.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2010: Resultados Gerais da Amostra*. Disponível em:
<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=350860&idtema=87&se arch=sao-paulo|cachoeira-paulista|censo-demografico-2010:-resultados-gerais-daamostra->>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

RETROFIT SUSTENTÁVEL: ADAPTAÇÃO DE EDIFICAÇÕES COM TÉCNICAS SUSTENTÁVEIS

Resumo

O Retrofit é uma técnica crescente no mercado imobiliário que consiste na adaptação e na melhoria de edificações já existentes, é um caminho mais rápido, viável e de menos impacto para que edifícios antigos e clássicos atinjam um padrão sustentável. Essa técnica reduz índices que causam impactos ambientais e também preserva o valor histórico da obra, mantendo o significado das edificações alterando apenas sua eficiência. Por ser nova, é necessário que se apresente como uma opção aos futuros arquitetos e ir além; dar as direções para que estas sejam viabilizadas. Este trabalho visa analisar o retrofit como técnica para reabilitar construções mantendo seus valores e diminuindo impactos ambientais, estudando os aspectos do valor histórico, apresentando programa de necessidades ambientais e disponibilizando algumas técnicas e materiais disponíveis no mercado para aplicação.

Palavras-chave: Retrofit, Restauração, Sustentabilidade.

Abstract

The Retrofit is a growing technique in the housing market that is the adaptation and improvement of existing buildings, is a faster way, viable and less impact to old and antique buildings achieve a sustainable pattern. This technique reduces rates that cause environmental impacts and also preserves the historical value of the work, keeping the meaning of the buildings changing only its efficiency. Because it is new, it is necessary to introduce as an option for future architects and beyond; give directions so that they are feasible. This work aims to analyze the retrofit as a technique to rehabilitate buildings maintaining their values and decreasing environmental impacts, studying aspects of historical value, presenting environmental needs program and providing some techniques and materials available for use .

Keywords: Retrofit, Restoration, Sustainability.

INTRODUÇÃO

Nas grandes cidades o mercado imobiliário tem buscado formas de solucionar a falta de locais para novas edificações. A reforma se apresenta como uma opção viável tanto na área financeira quanto na preservação das características históricas, arquitetônicas e visuais de uma cidade.

A capacidade autossustentável de uma edificação deixou de ser opção para ser necessidade; o esgotamento de recursos é evidente e a arquitetura -desde residencial até industrial- deve visar às causas ambientais e viabilizar a adaptação do modelo atual de construção de modo a reduzir impactos de curto e longo prazo em todas as fases da obra e

após ela; desde o preparo do terreno até o modo como as pessoas se relacionarão com a edificação.

Na união desses dos dois pontos apresentados encontra-se o Retrofit Sustentável; o primeiro termo designa reforma ou restauração com caráter de preservação histórica e renascendo o bem arquitetônico. A sustentabilidade se aplica na inserção de técnicas, métodos e aparelhos que farão com que a edificação reduza os impactos ao meio ambiente. As questões e soluções levantadas foram produzidas a partir de estudo bibliográfico.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O Retrofit

De acordo com Mendonça (2007), etimologicamente a palavra Retrofit vem de “retro” - para trás (latim) e fit - “ficar bem, adaptar” (inglês), logo, readaptar uma edificação “antiga”. Conforme Vale (2006), enquanto restauração visa restituir o imóvel à condição original e reforma introduzir melhorias sem compromisso com as características originais, o retrofit difere-se por conciliar características marcantes da edificação com adequação tecnológica.

Segundo Moura (2008), o crescimento do mercado Retrofit deve-se ao boom imobiliário nos centros urbanos causados pelo déficit de terrenos livres. Vários fatores justificam o uso do processo do Retrofit: aproveitamento da infraestrutura existente no entorno e da sua localização, impacto na paisagem urbana, preservação do patrimônio histórico e cultural, sustentabilidade ambiental, economia e eficiência comparada à demolição seguida de uma reconstrução, oportunidade de negócios para empresas e profissionais da construção civil.

O conceito de Retrofit surgiu no fim da década de 1990 na Europa e nos Estados Unidos, e referia-se a atualização de aeronaves com equipamentos mais modernos e novos que surgiam no mercado. Logo, surgiu na construção civil para designar edificações que seriam modernizadas e atualizadas para, assim, serem mais contemporâneas (BARRIENTOS, 2004).

Os objetivos do Retrofit sustentável são: adaptar o edifício a novos usos, melhorar a qualidade ambiental das áreas internas, aperfeiçoar o consumo de energia em médio e longo prazo, aumentar o valor arquitetônico e econômico de um edifício existente, ou mesmo restaurar o seu valor inicial. Para isso, metodologicamente, a reabilitação tecnológica deve

incluir o tratamento da estrutura, da envoltória, dos espaços internos e dos sistemas prediais de uma maneira integrada (GONÇALVES, 2006). Estruturalmente é necessário estudar a vida útil do edifício, como estabelecido na NBR 5674, é o período de tempo após a instalação em que estas satisfazem ou excedem exigências de desempenho.

Atualmente, o maior projeto de se encontra na Europa. É conhecido como complexo habitacional Park Hill, em Sheffield, o maior do Reino Unido, construído de acordo com os princípios do modernismo após a Segunda Guerra Mundial, na década de 1960. A intenção dessa iniciativa é melhorar o seu desempenho ambiental, restaurar a integridade física do conjunto e, com isso, promover uma maior diversidade social, valorizando o empreendimento e a área urbana (MELO, 2012).

1.2 Restauração

Adota-se como restauração um conjunto de ações desenvolvidas para recuperar a concepção original, momento áureo da época em que a edificação foi planejada ou a imagem desta (VALE, 2006), e tem por base da doutrina a autenticidade. É aplicada em bens tombados ou preservados pelo patrimônio histórico e por isso não aceitam alteração em sua arquitetura (TAVARES, 2011).

De acordo com Barrientos (2004), conhecer o estágio de degradação de uma construção é muito importante para que a requalificação seja capaz de suportar os acréscimos de carga gerada por futuras mudanças no layout, com incorporação de automatismos, e novos partidos de atualização executáveis. Dentre as diversas etapas de um empreendimento de reabilitação, o diagnóstico e estudo de viabilidade se destacam pela importância e por estar diretamente relacionados ao sucesso do empreendimento. Observar o caminho físico percorrido na época da construção e propor as soluções dos possíveis novos caminhos; definição dos subsistemas a serem implantados obedecendo aos padrões nacionais usados nos empreendimentos do mesmo porte; aproveitamento de equipamentos e funções antigas, bastando apenas interligá-los ao novo sistema; documentar em um memorial descritivo todos os procedimentos de modificações ocorridas, e no caso de um bem histórico, realizar também o levantamento dos elementos artísticos móveis e integrados pertencentes àquela edificação, pois faz parte de seu acervo e de sua história.

Croitor (2009) explica que, em determinados momentos do empreendimento, limitações e restrições são impostas por diversas razões: limitações físicas da antiga estrutura;

restrições encontradas pelos profissionais em trabalhar sobre um projeto de outro autor; o senso comum de que somente os empreendimentos “novos” e convencionais têm sucesso; o impacto causado no projeto como a distribuição de cargas da estrutura devido às novas divisões internas; diferença de legislação vigente no momento da elaboração do antigo projeto com a legislação atual; falta de padronização das medidas da edificação existente podendo interferir na execução dos serviços e, por consequência, na produtividade da obra.

Cabem aos gestores da construção civil, em particular aos que irão empenhar-se na recuperação, manutenção e restauração de edifícios, considerarem que os aspectos ambientais de uma construção são tão relevantes quanto os aspectos técnicos e econômicos, considerando que mesmo um Retrofit causaria impacto no meio natural. Assim adotarem uma postura técnica que contribua para minimizar tais impactos utilizando tecnologia limpa e não poluente, que, segundo Adam (2001), utilizadas em pequena ou grande escala possui a possibilidade de ser absorvida pela sociedade como um todo, sendo necessário expandir e produzir novo conhecimento ecológico tendo em vista que os recursos atualmente utilizados são limitados, além de causarem prejuízo aos ecossistemas e sobrevivência humana.

1.3 Materiais e Técnicas

A escolha de uma técnica adequada gera um baixo custo no reaproveitamento de construções, já que são reutilizados diversos tipos de materiais que se encontram no local, assim incluir outras estratégias sustentáveis passivas fazem com que custos em manutenção sejam reduzidos. Alguns sistemas encontrados no mercado atualmente estão listados abaixo.

- **Telhado Verde:** oferece conforto térmico diminuindo formas artificiais de resfriamento, drenagem pluvial (evitando enchentes e alagamentos), isolamento acústico e qualidade estética.
- **Reuso de água da chuva:** reduz custos, é viável, diminui o uso de água da rede pública e não desperdiça um recurso natural. Pode ser destinada a bacia, lavagens de roupa e automóveis, jardinagem.
- **Utilização de energia alternativa- solar:** no Brasil, essa tecnologia esta em crescimento abrangendo cerca de 2% de área coletora. Os benefícios estão em torno da diminuição de agressões ambientais causadas pela construção de hidrelétricas e diminuição em 30% do gasto.

- **Parede Verde:** pode ser aplicada em áreas internas e externas e entre seus benefícios se encontram proteção e isolamento térmico. (DORIGO e CARI, 2014)
- **Sensores de Presença:** são indicados para substituir interruptores tradicionais, pois evitam o desperdício de energia elétrica sem real necessidade de iluminação.
- **Aproveitamento de Iluminação Natural:** através de janelas verticais e zenitais, pátios, lanternas e claraboias é possível reduzir o uso de iluminação artificial.

1.4 Programa de Necessidades Ambientais

Um edifício que sofre suas alterações por meio de um Retrofit deve servir de modelo e assim utilizar materiais ambientalmente corretos atendendo, na medida do possível, as recomendações de Araújo (2004) que, entre outras, são: ser renovável ou não esgotar os recursos naturais; não agredir o meio ambiente e contribuir para a sua melhoria; não contaminar o ar, água ou terra; não gerar resíduos; ser de matéria-prima natural, reciclada ou reciclável; utilizar produtos de alto desempenho ambiental; não consumir grandes quantidades de energia; ter custo competitivo, sendo uma alternativa aos similares convencionais de mercado; contribuir para a consolidação do eco negócio e do mercado verde e contribuir para a educação ambiental dos usuários e vizinhos;

Sempre que possível, os eco materiais devem permitir flexibilidade e adaptabilidade arquitetônica do edifício para futuras reformas, ampliações e alterações de layout, facilitando mudanças com o mínimo custo de materiais e energias. Entretanto, surge como empecilho o risco de comprometer o valor histórico do edifício; seja infringindo leis de tombamento, arriscando o sentimento social da população ligada a ele ou o descaracterizando.

As fachadas tombadas tornam-se um desafio para os arquitetos quando são necessárias intervenções para a atualização tecnológica na edificação. Quando uma edificação é tombada, a princípio, o que se pode realizar é apenas uma restauração e não um Retrofit ou uma renovação predial, entretanto, Prudêncio e Ribeiro (1998) defendem ser adequadas intervenções e usos de materiais diferenciados e fabricados em épocas distintas quando seu uso for para suporte ou complemento.

Ainda segundo eles,

“um material em uma restauração deve ser substituído e/ ou acrescentado se houver necessidade técnica com o objetivo do

restabelecimento da unidade (...) a Carta do Restauro, de 1972, diz que se as intervenções forem indispensáveis, com fim superior de conservação do bem cultural, essas modificações deverão ser realizadas de modo que evitem qualquer dúvida sobre a época em que foram empreendidas e da maneira mais discreta possível” (RIBEIRO et al, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu responder as questões de pesquisa das técnicas para as construções e seus valores históricos, da seguinte forma: conclui-se que a reabilitação de edifícios através do processo do Retrofit crescerá até se consolidar como um setor de grande importância no ramo da construção, além de ser um grande setor para investimentos tecnológicos, científicos e financeiros, uma vez que cresce a cada dia o número de imóveis carentes de reabilitação e atualizações.

A falta de investimento na manutenção e conservação resultou na decadência das edificações ficando clara a necessidade de aumentar a preocupação com a temática ambiental, usar corretamente os recursos através da construção sustentável atendendo às necessidades do mercado alvo, independente do momento pela qual se encontra o setor da construção civil.

Foram apresentadas diversas informações teóricas que proporcionam conhecimentos essenciais e relevantes que comprovaram a importância do assunto proposto: as técnicas do Retrofit como ferramentas para implementação da atualização das edificações.

A postura projetual dentro de um cenário de trabalho tendo como matéria uma arquitetura tombada que necessita ao mesmo tempo de conservação, manutenção e atualização tecnológica, entendendo sempre que a modificação de um edifício não pode ultrapassar o limite de sua autenticidade.

Referências

ABNT. **Associação Brasileira de Normas Técnicas. Manutenção de edificações - Requisitos para o sistema de gestão de manutenção.** NBR 5674, 2012

ADAM, Roberto Sabatella. **Princípios do eco edifício: interação entre ecologia, consciência e edifício.** São Paulo: Aquariana, 2001.

ARAÚJO, Márcio Augusto. **Materiais ecológicos e tecnologias sustentáveis para arquitetura e construção civil: conceito e teoria.** São Paulo: IDHEA, 2004. Apostila.

BARRIENTOS, M. I. G. G. **Retrofit de edificações: estudo de reabilitação e adaptação das edificações antigas às necessidades atuais.** 2004. 189 f. Dissertação (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CROITOR, Eduardo Pessoa Nocetti. **A gestão de projetos aplicada à reabilitação de edifícios: estudo da interface entre projeto e obra.** 2009. 178f. Dissertação (Departamento de Engenharia de Construção Civil) – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2009.

DORIGO, Adriano Lucio; CARI Anna Rhodeni; **“Estudo da viabilidade de realização de retrofit sustentável em edificação existente”.** Estudo apresentado à USJT, São Paulo, 2014.

ECOCASA, **Telhado verde**, disponível em <<http://www.ecocasa.com.br/telhado-verde.asp>>. Acessado em 21 abr. 2015.

FAU/USP, **A Luz do Dia na Arquitetura**, Disponível em <http://www.fau.usp.br/cursos/graduacao/arq_urbanismo/disciplinas/aut0213/Material_de_Apoio/A_Luz_do_Dia_na_Arquitetura_Recomendacoes_para_Projeto.pdf>. Acessado em 21 abr. 2015

GONÇALVES, Joana Carla Soares; DUARTE, Denise Helena Silva – **“Arquitetura sustentável: uma integração entre ambiente, projeto e tecnologia em experiências de pesquisa, prática e ensino”**, Revista Ambiente Construído v.6, n.4, p. 51-81, publicação semestral, Porto Alegre RS, 2006.

MELO, Juliana Jardim Soares e Melo – **“Edificações Sustentáveis Um estudo sobre a integração entre ambiente, projeto e tecnologia”**, Revista Especialize On-Line IPOG, p. 6, Maio, 2012.

MENDONÇA, A. C. U. **Retrofit: Arquitetura Sustentável.** Pontífca Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007

MOURA, Éride. **Retrofit em alta.** Revista Construção Mercado. Editora PINI, edição 81, abril/2008.

PROCEL INFO, **Procel Edifica – Eficiência Energética nas Edificações.** Disponível em: <<http://www.procelinfo.com.br/data/Pages/LUMIS623FE2A5ITEMIDC46E0FFDBD124A0197D2587926254722LUMISADMIN1PTBRIE.htm>>. Acessado em 21 abr. 2015

RIBEIRO, Rosina Trevisan M.; PRUDÊNCIO, W. J. . **As bases éticas da restauração do patrimônio cultural. Arquitetura: pesquisa e projeto.** Coleção PROARQ. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 1998.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. **A preservação do moderno. O caso de Brasília.** In. PESSOA, José et al (orgs). **Moderno e Nacional.** Rio de Janeiro: EdUFF, 2006.

TAVARES, F. M., **Metodologia de diagnóstico para restauração de edifícios dos séculos XVIII e XIX nas primeiras zonas de mineração em Minas Gerais.** Dissertação de mestrado apresentada ao



EIC 2015

Ciência, Ação e Sustentabilidade

XII ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA | X MOSTRA DE PÓS-GRADUAÇÃO
II MOSTRA DE EXTENSÃO

Curso de Mestrado em Ambiente Construído da Faculdade de Engenharia da UFJF, Juiz de Fora, 2011.

VALE, M. S., **Diretrizes para Racionalização e Atualização das Edificações: Segundo o conceito da qualidade e sobre a ótica do Retrofit.** Dissertação de mestrado apresentada a FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

SENADO, **Sustentabilidade das Edificações Utilizando Energia Solar para Aquecimento de Água,** disponível em

<http://www.senado.leg.br/comissoes/cma/ap/AP20100317_Abrava_Mesquita.pdf>. Acessado em 21 abr. 2015.

COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA NA ESCOLA POR MEIO DA MÍDIA

RESUMO

Pensando no compromisso dos educadores em formar cidadãos ativos e inseridos socialmente, o projeto "Semana de mídia na escola" visa introduzir a tecnologia no cotidiano escolar, sobretudo a mídia, para gerar processos de comunicação que ultrapassem os limites da escola, tornando o ensino mais atrativo e fazendo com que o aluno desenvolva a habilidade de "aprender a aprender". Essa semana diferente tem por finalidade apresentar aos alunos os meios de comunicação, por meio do uso das TICs, promovendo construção de saberes e interação com o mundo em um universo infinito de possibilidades.

Palavras-chave: Tecnologia; comunicação; educação; mídia; projeto didático, TICs.

ABSTRACT

Thinking about the commitment of educators to form active citizens and inserted socially, the project "Media Week at school" aims to introduce the technology in everyday school life, especially the media, to generate communication processes that go beyond the school grounds, making education more attractive and causing the student develops the ability to "learn to learn". This different week aims to introduce students to the media, through the use of ICT, promoting construction of knowledge and interaction with the world in an infinite universe of possibilities.

Key-words: Technology; communication; education; media; instructional design, ICT.

INTRODUÇÃO

No mundo globalizado em que vivemos, a tecnologia todos os dias avança tão rapidamente que não conseguimos acompanhar esse ritmo frenético. Seja competição entre nações ou simplesmente o mundo evoluindo, o fato é que tivemos que adaptar nossas vidas aos avanços tecnológicos.

Nas mais diversas áreas, percebe-se o uso das tecnologias da informação e comunicação e da mídia. Mas a maioria das pessoas ainda luta para que essa adaptação aconteça, pois muito se ouve falar, porém pouco as pessoas sabem o que de fato elas são e como funcionam. Quem não se adéqua, acaba por marginalizar-se nessa sociedade da informação.

Os educadores têm o dever de formar cidadãos ativos, inseridos socialmente. Por isso, a educação deve introduzir a tecnologia no cotidiano escolar, sobretudo a mídia, por seu potencial de gerar e de integrar informações para processos de comunicação que ultrapassem os limites das salas de aula. Assim, o ensino torna-se mais eficaz e estimulante, fazendo com que o aluno desenvolva a habilidade de "aprender a aprender".

O projeto aqui proposto visa à promoção da "Semana da mídia na escola" para que os alunos conheçam esses meios de comunicação, fazendo uso das TICs para construção de saberes e interação com o mundo. Dessa forma, por meio da "semana da mídia na escola" pretende-se esclarecer dúvidas sobre o que é mídia e para o que ela serve, propiciando aos alunos uma vivência nesse universo infinito de possibilidades.

Associar tecnologia ao ensino para melhorar a comunicação se faz necessário não só para atender a demanda social e a inclusão do indivíduo, mas, também, para formação de profissionais competentes capazes de colaborar para desenvolvimento do Brasil no cenário mundial.

1. A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

O Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil foi tomado como base para a construção deste item. Este texto, produzido e disponibilizado eletronicamente pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, “aponta uma proposta inicial de ações concretas, composta de planejamento, orçamento, execução e acompanhamento específicos do Programa Sociedade da Informação”, conforme informações do próprio site do Ministério. Dois capítulos nos foram particularmente úteis: o capítulo III, que trata da universalização de serviços para a cidadania e o capítulo IV, sobre a educação na sociedade da informação.

Atualmente, devido à globalização, para um país crescer, principalmente economicamente, faz-se necessário o uso das tecnologias de informação e comunicação, pois com as economias interligadas, os países que conseguirem obter maior número de informações, processá-las, selecioná-las para fazer o melhor uso a seu favor, sem dúvida alguma estarão muito além de outras nações sem esse potencial, pois são essas tecnologias que constituem elos que quebram barreiras espaço-temporais, facilitando a comunicação e comercialização entre países ou blocos econômicos

Por isso, o mercado tem constantemente exigido mão de obra especializada, sobretudo nos setores que mais envolvem tecnologia, para fazer com que as empresas nacionais tenham maior competitividade, que as pequenas e médias empresas se expandam e criem novas oportunidades de emprego, impulsionando a economia do país (TAKAHASHI, 2000).

Mas, para que esses profissionais especializados consigam atingir esses objetivos, eles precisam de uma boa educação e acesso a internet. Ou seja, investimento em tecnologias de informação e comunicação para mudanças curriculares educacionais e para universalização do acesso a rede mundial de computadores.

Cabe ao governo em níveis federal, estadual e municipal assegurar as condições de execução dessas medidas e viabilizar a participação das minorias sociais nesse mundo globalizado, inserindo-os socialmente e diminuindo as diferenças sociais (TAKAHASHI, 2000).

Cabe ao governo ainda, estar ao alcance de todos, disponibilizando informações que fazem parte do cotidiano das pessoas nas áreas da educação, da saúde e social como horários de ônibus, parcelamento de débitos de água, luz ou telefone, vagas em escolas, vagas de estágios, oferta de empregos, prazos para pagamento de impostos, aprovação de novas leis, datas para vacinação, divulgação de campanhas promovendo a saúde e quaisquer outras providências que governo tomar que influenciarão indireta ou diretamente a vida dos cidadãos.

Cabe também, às universidades, ainda segundo o Livro Verde (TAKAHASHI, 2000, p.

10) formar recursos humanos competentes e realizar pesquisas científico-tecnológicas nesse setor, “principalmente para digitalização e preservação artística, cultural e histórica de nosso país”.

Portanto, medidas como essas, que mudarão todo o cenário político, econômico, social e cultural de um país, precisam ser tomadas urgentemente, sobretudo em países emergentes como o nosso, para manter uma posição de competitividade econômica no cenário internacional.

2. TECNOLOGIAS DA EDUCAÇÃO

Nos últimos anos, a tecnologia avançou de tal forma que mal tivemos tempo de refletir sobre seu uso para melhoria do nosso cotidiano, especialmente no que se refere à educação. Até mesmo porque a escola sempre priorizou o tradicional e todas as mudanças que tivemos foram lentas e enfrentaram muita resistência por aqueles que a constroem, os educadores. Todas as teorias educacionais, a tradicional, a escola-nova, a progressista, a libertária, a

libertadora, crítico social, etc, sofreram resistências.

Moran (2007) acredita que a escola tem dado mostras de resistência às mudanças. Ainda predominam “os modelos de ensino focados no professor” em detrimento dos que focam a aprendizagem. O risco, adverte ainda Moran (2007), é que na tentativa de avanço isso se reproduza no modelo que insere as tecnologias como recursos.

Por isso, o profissional da educação deve repensar sua postura e não repetir o mesmo erro de seus antecessores, o de não inovar, pois no mundo globalizado a tecnologia é uma exigência para inserção social e o dever do professor é formar cidadãos ativos, construtores de seu próprio conhecimento para intervenção eficiente no ambiente em que vive.

Mas, segundo Lévy (1993), não devemos usar a tecnologia de qualquer maneira, mas, acompanhar a mudança de postura da sociedade que questiona os modelos tradicionalistas, principalmente com relação aos papéis do professor e do aluno, porque atualmente não cabe mais o medo da máquina, pois se exige que o professor crie a possibilidade de que o aluno seja autor de seu próprio conhecimento, tendo acesso a toda informação possível em todos os meios, principalmente na rede mundial de computadores.

Para tanto, alunos e professores precisam dominar os recursos tecnológicos para agir, interagir e construir conhecimento, tendo consciência de que é um ser inacabado que se encontra numa busca constante de ser cada vez mais.

Dessa forma, o computador, a internet e a informação por meios desses dispositivos e outros não podem mais serem negados e sim trabalhados, como afirma Valente (1998): "o computador deve ser utilizado como um catalisador de uma mudança do paradigma educacional", ou seja, o instrucionismo cede lugar ao construcionismo e que o professor deixa de ser o centro da aprendizagem e o aluno passa a ser o protagonista, construindo o seu próprio conhecimento.

Para alcançarmos tudo isso e avançarmos ainda mais não basta que simplesmente que repensemos nossa postura como educadores e construtores da história da educação em nosso país, que nos atualizemos e transformemos os lugares onde trabalhamos, precisamos divulgar nossos resultados obtidos para que aos poucos todo o Brasil esteja inovado e modernizado.

É o que propõe Moran (2007) com o uso das redes eletrônicas, que a escola se abra para o mundo, divulgando projetos e pesquisas de seus professores e alunos para que terceiros possam avaliar essas práticas positiva ou negativamente e, dessa forma, ajudar outras escolas a encontrarem seus próprios caminhos.

Portanto, esse projeto é uma pequena contribuição para esse avanço necessário da educação, pois precisamos encontrar caminhos para uma aprendizagem moderna, que segundo Lévy (2000, p. 167), será inevitável, porque

... em algumas dezenas de anos, o ciberespaço, suas comunidades virtuais, suas reservas de imagens, suas simulações interativas, sua irresistível proliferação de textos e de signos, será o mediador essencial da inteligência coletiva da humanidade. Com esse novo suporte de informação e de comunicação emergem gêneros de conhecimento inusitados, critérios de avaliação inéditos para orientar o saber, novos atores na produção e tratamento dos conhecimentos.

3. ASPECTOS DE LEGISLAÇÃO

Na última década, o Brasil tem procurado atingir os padrões de qualidade de ensino para se destacar no cenário internacional e quem sabe conseguir fazer parte de grupos seletos da

economia mundial.

Para tanto, desenvolveu documentos importantes, como a Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional, que regulamenta todos os níveis de ensino no país, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, que reformulou todo esse nível de ensino e, no que se refere aos aspectos filosóficos do currículo, os Parâmetros Curriculares Nacionais tanto para o Ensino Fundamental como para o Ensino Médio. Os parâmetros estabelecem os conteúdos mínimos necessários a serem abordados pelos sistemas de ensino e as metodologias adequadas a serem desenvolvidas pelos professores, trazendo reflexões sobre práticas pedagógicas adequadas, entre outros documentos.

Façamos reflexões sobre esta legislação vigente em nosso país sobre a educação, dando ênfase ao ensino médio no qual as tecnologias de informação e comunicação têm espaço.

3.1 A LDB

A Constituição de 1988 em seu artigo 208, inciso II garante “a progressiva extensão a obrigatoriedade e gratuidade ao Ensino Médio” como dever do Estado. A Emenda Constitucional nº14/96 alterou esse inciso da Constituição, sem prejudicar sua intenção, universalizando o Ensino Médio gratuito (BRASIL, 2000).

Mas, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, atribuiu uma nova identidade ao Ensino Médio ao determinar que este seja parte da Educação Básica (art.21).

Assim sendo, esta etapa final da Educação Básica tem o dever de fazer com que o aluno desenvolva competências para inserir-se socialmente, integrando seu projeto individual, seja no mundo do trabalho ou dando prosseguimento aos seus estudos em níveis mais complexos, ao projeto da sociedade em que vive, aprimorando seus valores éticos, adquirindo pensamento crítico e autonomia intelectual. Ou seja, ser um cidadão.

É nesse Ensino Médio renovado que as tecnologias são imprescindíveis, pois numa sociedade em que a informação e os meios para consegui-la são essenciais, a educação não poderia deixar de incorporá-las, priorizando então, o desenvolvimento da capacidade de pesquisar, de buscar informações, analisá-las e selecioná-las. E o meio mais eficaz para viabilizar isso é a mídia e suas tecnologias.

Para tanto, a escola terá que romper com o tradicionalismo e abrir as portas para a revolução tecnológica, a revolução do conhecimento, investindo na formação docente e proporcionando ao aluno a oportunidade de construir seu conhecimento, utilizando a tecnologia para atividades produtivas e nas relações sociais.

Portanto, a nova LDB conferiu ao Ensino Médio uma nova identidade, reconhecendo a importância do desenvolvimento de competências essenciais na sociedade atual. Estas competências adquiridas com ajuda das TICs e da mídia podem ser atendidas eficazmente, tanto o professor quanto o aluno, facilitando processos coletivos de aprendizagem e, por fim, melhorando a qualidade da educação brasileira.

3.2 As diretrizes e os parâmetros

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) foram instituídas em 26 de junho de 1998 pela Resolução nº3 da Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação.

Os três princípios que regem as diretrizes são:

- estética da Sensibilidade que valoriza a descoberta do mundo e da própria identidade, por meio dos sentidos, incentivando a criatividade, a curiosidade, a invenção, colocando em pauta valores esquecidos pela sociedade capitalista, como a sutileza, a delicadeza e a qualidade do

que somos e do que fazemos, buscando o aprimoramento constante, aprendendo a conviver com a diversidade e tornando-se responsável pela liberdade que se tem, para conviver com o inusitado, o imprevisível, sendo capaz de se adaptar e tomar decisões responsáveis calcadas no conhecimento ;

- política da Igualdade que é baseada nos direitos humanos e nos deveres e direitos do cidadão, com o intuito de construir identidades que busquem a equidade no acesso a bens e serviços, que convivam respeitando-se mutuamente, que exercitem a solidariedade, a responsabilidade de viver em sociedade na qual todos são iguais perante a lei e o Estado, garantindo a todos a oportunidade de exercer realmente a cidadania;
- ética da Identidade que procura dar condições, por meio da sensibilidade e da igualdade, de construção de identidades e de respeito à identidade do outro, privilegiando o aprender a ser, a autonomia, que só é conquistada na convivência com o outro, com si mesmo, mediada por todos os tipos de linguagem, adquirindo conhecimentos do mundo físico e social, conhecendo a verdade, desenvolvendo a habilidade de tomar decisões acertadas, não se deixando enganar, superando a dicotomia: mundo da moral e o mundo da matéria.

Desta forma, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio contemplam as quatro premissas apontadas pela UNESCO como pilares da educação contemporânea, o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver e o aprender ser, pois adquirindo conhecimentos acerca do mundo, desenvolvendo habilidades para o enfrentamento de situações imprevisíveis, convivendo com outro, respeitando a individualidade e a diversidade, é sem dúvida alguma aprender a ser, é construir identidade e alcançar a autonomia na sociedade da informação.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais são um material de apoio para planejamento de aulas, para reflexão da prática pedagógica, para análise de material didático e para elaboração de projetos e de currículos escolares, pois além de explicitarem todos os conteúdos a serem abordados em sala de aula, trazem reflexões sobre o processo ensino-aprendizagem e a prática pedagógica.

Cabe lembrar, que no documento dos PCNs para o Ensino Médio está expresso as bases legais de sua construção: a LDB e as DCNEM, documentos cuja reflexão pelos docentes é indispensável. E é neste material para o Ensino Médio que encontramos como direito social a convivência com todas as possibilidades que as tecnologias de informação e comunicação oferecem (BRASIL, 1999, p. 132-134), pois o aluno deve ter acesso a todos os tipos de linguagens, principalmente a mais nova delas, a informática, e, utilizar-se das tecnologias não só na escola, mas, em quaisquer contextos. E ainda, entender o impacto que essas tecnologias têm no mundo globalizado, quando bem utilizadas, aproximando pessoas, interligando economias, solucionando problemas, etc.

Portanto, mesmo com tantas dificuldades, o Brasil tem dado mostras de preocupação com o ensino, tem elaborado documentos como estes para melhorar a educação, não só para quem aprende como para quem ensina e, com os princípios das diretrizes e os conteúdos dos parâmetros, os educadores podem modernizar a educação brasileira e alcançar os índices desejados para uma educação de qualidade, contribuindo eficientemente para o progresso do país.

4. MÍDIA

Definir mídia não é simples, mas pode-se ter a idéia de que mídia são as ferramentas, canais ou caminhos para transmitir informações ou dados para atingir um público alvo. As pessoas tendem a associar só publicidade e propaganda com mídia e se esquecem de que esses recursos podem transmitir informações para diversas finalidades, com um longo alcance e em

pouco tempo.

Com uma sociedade mergulhada em tecnologia hoje, a mídia tem sua função social, sua função comercial e ainda afeta as pessoas no que diz respeito ao que elas pensam sobre si mesmas e o modo como percebem as outras pessoas. Afinal, o que não falta atualmente são paradigmas para beleza, arte, cultura, sucesso, status, etc.

Participar de um grupo social, ter reconhecimento, comprar as melhores marcas, vestir-se bem, ter o melhor carro, o maior número de informações, muito conhecimento, entre tantos outros dados fornecidos pela mídia, é essencial para inserir alguém socialmente. E, para tanto, entender o que é mídia, saber dos recursos tecnológicos disponíveis e vivenciar de modo atuante torna-se indispensável.

Pensar em mundo sem TV, computadores, celulares, tablets, internet, redes sociais e tantos outros meios é impossível. Esse aparato todo mudou o modo de organização das pessoas e como elas buscam informações. Ainda que o jornal, a revista, o telefone fixo, a TV analógica ainda forneçam dados num caminho só de ida (mídia analógica) e atinjam uma grande massa, a mídia eletrônica por meio de TV digitais, celulares e a internet além de se propagar de forma veloz (marketing viral), possibilita um feedback em tempo real às empresas e a oportunidade de alcançar seu público de maneira mais acertada e personalizada.

Por meio do Facebook, do Twitter, do e-mail e etc, encontram-se as comunidades online que são os grandes alvos da publicidade que incentiva cada vez mais o consumo. Essas comunidades têm acesso a bens e serviços via internet de maneira, rápida, simples e convincente. Até a psicologia tem colaborado de forma inovadora para tudo isso acontecer.

Por esses motivos e tantos outros, não há como pensar educação alheia a tecnologia. O homem, por natureza, é um ser social. Precisa se comunicar e a comunicação hoje faz uso das mídias e ferramentas tecnológicas. Há a necessidade de incorporar isso à rotina educacional para que os alunos tornem-se membros dessa sociedade de fato, podendo transformar a realidade e contribuir para o progresso da nação.

Len Masterman (1993) aponta sete razões para ensinar mídia:

1. O consumo elevado das mídias e a saturação a qual chegamos;
2. A importância ideológica das mídias, notadamente através da publicidade;
3. A aparição de uma gestão da informação nas empresas (agências de governo, partidos políticos, ministérios e etc.);
4. A penetração crescente das mídias nos processos democráticos (as eleições são antes de tudo eventos midiáticos);
5. A importância crescente da comunicação visual e da informação em todos os campos (fora da escola, que privilegia o escrito, os sistemas de comunicação são essencialmente icônicos);
6. A expectativa dos jovens a serem formados para compreender uma época (que sentido há em martelar uma cultura que evita cuidadosamente as interrogações e as ferramenta de seu tempo?);
7. O crescimento nacional e internacional das privatizações de todas as tecnologias da informação (quando a informação se torna uma mercadoria, seu papel e suas características mudam).

Portanto, o que não faltam são motivos para que por meio das TICs (tecnologia da informação e comunicação) e a mídia sejam ensinadas, estudadas e inseridas na escola, pois “A noção de educação para as mídias abrange todas as maneiras de estudar, de aprender e de ensinar em todos os níveis [...] e em todas as circunstâncias, a história, a criação, a utilização e a avaliação das mídias enquanto artes práticas e técnicas, bem como o lugar que elas ocupam na sociedade, seu impacto social, as implicações da comunicação midiática, a participação e a modificação do modo de percepção que elas engendram, o papel do trabalho criador e o acesso às mídias.” (UNESCO, 1984).

5. PROJETO DIDÁTICO

Afinal, o que é um projeto? Envolve a antecipação de algo desejável que ainda não foi realizado, traz a idéia de pensar uma realidade que ainda não aconteceu. O processo de projetar implica analisar o presente como fonte de possibilidades futuras (FREIRE e PRADO, 1999).

Tal como vários autores sugerem, a origem da palavra projeto deriva do latim *projectus*, que significa algo lançado para a frente. A idéia de projeto é própria da atividade humana, da sua forma de pensar em algo que deseja tornar real, portanto o projeto é inseparável do sentido da ação (ALMEIDA, 2002).

Dessa forma, pensar em projetos é pensar em algo que eu possa realizar, tornar possível. É planejar algo, buscando resolver problemas para alcançar objetivos. Ou seja, elaborar projetos didáticos exige uma colaboração entre direção, coordenação, docentes e alunos, a comunidade escolar inteira, por meio de uma série de etapas que resulte em algo concreto.

Assim sendo, um bom projeto deve ser bem planejado. Observar a realidade dos alunos, os problemas existentes, isto é, fazer uma avaliação diagnóstica, e propor algo realmente útil é imprescindível. Visto isso, decide-se o tema e inicia-se o planejamento.

Cabe lembrar que o mais importante de um projeto é que o aluno é o construtor do seu saber, ele é ativo e não passivo, e o professor é apenas o mediador. Portanto, dentro do planejamento se faz necessário pensar em atividades que serão executadas por ele e que proporcione uma interação com o tema, uma contextualização de ações, propiciando uma vivência para que o educando desenvolva de fato habilidades e adquira competências. Ele precisa pensar, analisar, refletir, tomar decisões, ser crítico e, o principal, superar os desafios propostos.

Faz-se necessário ainda, pensar em recursos não só humanos, mas materiais, principalmente se o projeto envolver mídia e suas tecnologias, pois a geração atual sabe lidar com todo esse aparato, respira isso e colocar em um projeto qualquer tecnologia exige que de fato ela tenha significado. Os objetivos são importantíssimos. Afinal, eles respondem a pergunta mais importante de um projeto: o que vamos alcançar? E não se pode esquecer que será por meio deles que também faremos a avaliação final. Por isso, pensar em objetivos muito subjetivos não é muito bom, porque é preciso ver esses resultados e, algumas vezes, comprová-los. Elaborar os objetivos é refletir sobre o que de fato queremos atingir, concretizar, tornar possível e, com isso, não podemos almejar algo que esteja dentro das possibilidades dos alunos e da escola.

O próximo passo é a execução. O aluno produz, o docente faz a mediação, a coordenação dá todo o suporte pedagógico necessário e a direção viabiliza todos os recursos, equipamentos, salas, professores, outros funcionários, e se necessário, autorizações para pesquisas “in loco” junto aos responsáveis. Durante esse processo ainda, a depuração também precisa acontecer. Isso está dando certo sim ou não? Precisa mudar? O quê? Redirecionar, aprimorar, aperfeiçoar, se for preciso.

Depois de todo esse trabalho, o aluno vai apresentar os resultados e se faz necessário um

público. Do que adiantaria fazer um trabalho e guardá-lo? Assim sendo a escola precisa organizar isso, por meio de exposições, seminários, para todos, por sala, no pátio, no auditório, enfim, a escola tem que possibilitar esse compartilhamento de aprendizado, essa troca de saberes.

E por último, mas não menos importante, a avaliação deve acontecer em dois níveis: com os alunos e entre professores, coordenadores e gestores.

Em suma, o projeto didático é um meio eficaz para um ensino contextualizado, para um aprendizado real, para a construção de saberes. Na sociedade moderna, ele se faz necessário para formar de fato um cidadão atuante, crítico e capaz de mudar a realidade em que vive, experimentando o mundo dentro da escola.

6. SEMANA DA MÍDIA NA ESCOLA

Para atender a demanda da sociedade moderna, que vive a era da tecnologia, esse projeto justifica-se por trazer o universo da mídia e das tecnologias da informação e comunicação para o ambiente escolar, por meio da “semana da mídia na escola”, esclarecendo dúvidas sobre o que é mídia e para que ela serve, quais ferramentas são utilizadas hoje para comunicação, entre outras, para proporcionar ao aluno uma vivência nesse universo infinito de possibilidades para que este possa ter uma formação contextualizada, tornando-se um cidadão crítico capaz de transformar sua realidade.

Objetivos:

Objetivo geral: Promover a “semana da mídia na escola”. Objetivos específicos:

1. Construir conceito de mídia;
2. Aproximar os meios de comunicação da realidade escolar;
3. Propiciar vivência no universo midiático.

Tema: “Semana da mídia na escola”.

Local: Escolas que ofereçam curso de ensino médio.

Duração: Três semanas.

Recursos Humanos: Gestores, coordenadores, professores, funcionários e profissionais que tenham conhecimento nas seguintes áreas: publicidade e propaganda, jornalismo, desenho industrial, web, marketing digital, informática, artes (atores, bailarinos, cantores).

Recursos Materiais: A escola ficará responsável por disponibilizar os materiais necessários aos profissionais de acordo com a necessidade das atividades a serem desenvolvidas.

Etapas Primeira etapa

- Providenciar os convites aos profissionais que tenham conhecimento nas áreas de publicidade e propaganda, jornalismo, desenho industrial, web, marketing digital, informática, artes (atores, bailarinos, cantores) para que esses possam elaborar palestras

que serão realizadas durante a “Semana da mídia na escola”, com temas diversos, desde “Televisão: uma faca de dois gumes”, “A invenção da imprensa e o valor da informação”, “Rádio x Tecnologia, uma reflexão sobre o uso dessas mídias”, até “A jornada histórica do telefone”, “Mídia e o contexto escolar”, “Literatura: o mundo visto com outros olhos” e “Dança, teatro e cinema: a arte comunica”, por exemplo. Cabe ressaltar aqui que seria interessante se esses profissionais fizessem uso de recursos midiáticos durante suas palestras, como som, data-show para exibir imagens, vídeos, etc. Podem trazer objetos se quiserem e até propor dinâmicas para interagir com os alunos.

- Se a escola julgar importante fazer o convite para grupos de teatro ou dança para se apresentarem durante o evento, deve fazer nesta etapa.
- Os professores de educação física e artes devem proporcionar aos alunos de todas as séries oficinas de teatro, canto e dança, visando à comunicação, para transmitir a comunidade escolar por meio de apresentações informações, podendo ser uma cena de filme, um comercial para a TV, um coral, coreografias em que o corpo expresse sentimentos, tendo por base a mídia (ferramentas, canais ou caminhos para transmitir informações ou dados para atingir um público alvo), tendo duas semanas para ensaios que antecedem a “Semana da mídia na escola”.
- Os professores que ficarão responsáveis por cada turma (pode ser o professor representante) deverão desenvolver oficinas de acordo com o tema da palestra que for dada por dia. Por exemplo: se o tema fosse TV, pode-se criar um comercial para esse veículo, criar uma cena para uma novela, produzir notícias para jornal, entre outros.

Segunda etapa

- Professores de todas as disciplinas, sobretudo os de língua portuguesa, devem orientar os alunos em pesquisas sobre os vários canais de comunicação, como o rádio, a tv, o cinema, a internet, revistas e jornais, para que eles possam confeccionar murais por toda a escola. Seria conveniente que um desses murais tivesse o cronograma da “Semana da mídia na escola”.
- A comunidade escolar pode trazer objetos relacionados ao tema para confeccionar também um “Cantinho da mídia” tais como: rádio, TV, revistas, jornais, telefones, computadores, programas impressos de espetáculos de dança, teatros, cartazes de filmes, vídeo-cassete, DVD, antigos e atuais. Nesse local, seria interessante que uma TV ou um data-show permanecesse ligado transmitindo comerciais, filmes, novelas, jornais, espetáculos de dança, clipes de música antigos ou não, para que os alunos possam ter contato com esse universo midiático nos dias que antecedem a “Semana da mídia na escola” e durante a semana.
- Para a “Semana da mídia na escola” o cronograma já deve ter sido criado com as atividades organizadas de acordo com as possibilidades da escola, no que diz respeito a horários, espaços, apresentações, etc. Porém, para melhor execução, sugerimos o seguinte cronograma, tendo como base o período da manhã, mas a escola pode adaptar para os demais períodos.

- Encerrado o evento, professores, coordenadores e gestores devem se reunir, assim que possível, como por exemplo, no horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC) para fazer uma avaliação do projeto, verificando se os objetivos foram alcançados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existe mais a possibilidade da escola e a tecnologia andarem separadas quando a gente pensa em um mundo onde a interação entre as pessoas e a informação compartilhada acontecem de maneira dinâmica e quase instantânea. Seria incoerente pensar em construir conhecimento em um local que não usa a mídia e todos os seus recursos tecnológicos, quando todo esse aparato permeia nosso cotidiano de maneira tão natural e os educandos os conhecem e fazem uso deles diariamente.

É dever do professor e de toda equipe escolar se adequar as demandas sociais no que diz respeito à comunicação e à tecnologia para formar pessoas que farão o uso consciente desses recursos, gerando e trocando informações para de fato produzir saberes.

Não se pode pensar uma educação diferente e moderna, minimizando a Tv, o rádio, o celular, o computador, o teatro, a dança e tantos outros canais de informação apenas a conceitos e exemplos, mas é necessário instrumentalizar os alunos para o uso de todos esses recursos e fabricar produtos midiáticos no ambiente escolar.

Espera-se, portanto, que com a aplicação do projeto toda a comunidade escolar tenha se mobilizado em prol do conhecimento no que diz respeito à mídia e as TICs, conceituando mídia, conhecendo seus recursos, agregando ao ambiente escolar a tecnologia, abrindo as portas da escola para outros profissionais, desenvolvendo outras atividades pós-evento e aplicando esse aprendizado na vida dentro da escola e fora dela, entendendo a realidade, atuando no meio e ponderando o uso de todos esses recursos, pois só assim atenderemos a demanda dessa sociedade tecnológica, conscientizaremos os profissionais da educação sobre a necessária atualização de suas aulas e formaremos cidadãos críticos, despertos e inseridos socialmente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. Escola em mudança: experiências em construção e redes colaborativas de aprendizagem. In ALONSO, M.; ALMEIDA, M. E. B.; MASETTO, M. T.; MORAN, J. M.; VIEIRA, A. **Formação de gestores escolares para utilização de tecnologias de informação e comunicação**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2002.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 08 nov. 2014.
- _____. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. **PCN+: ensino médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC: SEMTEC, 2002.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília:
- FREIRE, F.M.P e PRADO, M.E.B.B. Projeto pedagógico: pano de fundo para escolha de software educacional. In: VALENTE, J. A. (Org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: Nied-Unicamp, 1999. MEC/SEMTEC, 1999.
- _____. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: 34, 1993.
- _____. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 2000.
- MASTERMAN, Len. ¿Por qué? In: La enseñanza de los medios de comunicación. Madrid: Ediciones de la Torre,

1993.

MORAN, José Manoel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2007.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em

<<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/18940.html>>. Acesso em: 08 nov. 2014. VALENTE, José

Armando. Por que o computador na educação? In: _____(Org.).

Computadores e conhecimento: repensando a educação. Campinas: Unicamp, 1998.

A língua estrangeira e utilização no mercado de trabalho: uma experiência no ensino médio

RESUMO

O presente artigo debruça-se sobre propostas importantes a serem desenvolvidas em sala de aula, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, que são a base para a pesquisa na área da educação pública. Este estudo se justifica pela dificuldade dos alunos em pensar na possibilidade de dar continuidade aos estudos devido à falta de motivação. Deste modo, o presente artigo tem como objetivo promover a conscientização dos estudantes, tendo como objeto de pesquisa alunos do terceiro ano do ensino médio, fazendo com que busquem um futuro promissor, tendo em vista a importância da Língua Inglesa para o mercado de trabalho. Este trabalho fundamenta-se em autores como Vigotsky (1936/2006), Bzuneck (2009), Schutz (2003) e Bohoslavsky (1971/1991). Esses se referem respectivamente sobre como ocorre o aprendizado dos adolescentes, motivação e orientação profissional.

Palavras-chave: Parâmetros Curriculares Nacionais; Língua Inglesa; Mercado de Trabalho; Profissões.

ABSTRACT

This article focuses on important proposals to be developed in the classroom, according to the National Curriculum Parameters, which are the basis for research in the area of public education. This study is justified by the difficulty of students to think about the possibility of continuing their studies due to lack of motivation. Thus, this article aims to promote awareness of students, with the object of research students of the third year of high school, causing them to seek a promising future in view of the importance of English for the labor market. This work is based on authors such as Vygotsky (1936/2006), Bzuneck (2009), Schutz (2003) and Bohoslavsky (1971/1991). These refer respectively occurs on learning of teenagers, motivation and guidance.

Key-words: National Curriculum Parameters; English Language; Labor Market; Professions.

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou trabalhar as profissões de maneira que houvesse aproximação do aluno com o seu objeto de estudo. Neste caso, o tema levou-os a refletir acerca do futuro profissional por meio de palestras que funcionaram como um impulso motivacional. O problema de pesquisa foi justamente o de entender o educando de forma que pudéssemos fazê-lo refletir sobre a escolha e busca pela profissão. O foco deste projeto é a orientação vocacional.

A escolha da carreira apresenta-se como um processo em que as variáveis implicadas são diversas e complexas. Entre os fatores envolvidos no maior ou menor sucesso e adequação da escolha vocacional estão os fatores psicológicos, familiares, educacionais, sociais, econômicos e políticos. No que se refere às variáveis psicológicas envolvidas no processo, pode-se destacar: interesses, habilidades, traços de personalidade, valores e expectativas individuais em relação ao futuro profissional e a maturidade para realizar a escolha da atividade de trabalho.

E, assim como em qualquer empreendimento, fica claro a escolha, quando se sabe precisamente o objetivo a alcançar, é este a bússola norteadora que indicará os caminhos a serem percorridos. Conforme a teoria de Bzuneck (2009), o motivo é aquilo que nos impulsiona para o alcance dos objetivos determinados.

O presente artigo baseia-se na fundamentação dos PCN (1999), o qual mantém a comunicação em foco, o indivíduo deve torna-se apto a lidar com situações do meio social em que vive, e não apenas aprender no automático de vãs repetições, sem entendimento algum. O educador deverá refletir sobre a atuação dos educandos em sala de aula, e ajuda-los a expressar

isso, despertando-os a compreender que a língua inglesa é essencial para relações de sucesso no mundo globalizado. Segundo a teoria de Vygotsky, a fase da adolescência envolve o descobrimento dos verdadeiros interesses, o indivíduo é estimulado por isso. Para Schutz (2003), o desejo de satisfazer uma necessidade é que gera motivação, com isso, sabendo que o inglês é a “língua universal”, espera-se que o jovem dê a devida importância pelo fato de melhores propostas profissionais.

De acordo com Bohoslavsky (1971/1991), a identidade ocupacional tem relação com a pessoal, e a melhor maneira de se obter êxito é compreendendo melhor as habilidades.

Logo, as palestras de profissionais, atuantes no mercado, trouxe o esclarecimento das dúvidas referentes às profissões. Os profissionais palestrantes foram chamados depois da descoberta da preferência dos alunos por meio de questionários.

Considera-se que o aprendizado da língua inglesa é um projeto de integração global que tem como meta a formação de indivíduos críticos-reflexivos, aptos a discutirem a importância do ensino de outra língua junto com a realidade em que se encontram. O conhecimento de uma língua além do seu idioma materno possibilita a interação no mundo globalizado.

1. A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA DE ACORDO COM OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

No âmbito dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a disciplina de Língua Estrangeira adquire a importância como qualquer outra. Por meio dela o educando aproxima-se de várias culturas e se integra do mundo globalizado. O compromisso do educador vai além de aproximar, a ele ainda compete a reflexão, contribuindo assim para formação de indivíduos que atuem plenamente na sociedade e que busquem formas de atuação no mundo.

Segundo os PCN, a aquisição da Língua Estrangeira Moderna (LEM) não está ligada unicamente a ser capaz de compreender e de produzir enunciados gramaticalmente corretos. É preciso conhecer e empregar as formas de combinar esses enunciados em contextos de comunicação. O foco é a comunicação, portanto o indivíduo tem de se encontrar em situações reais dentro de sala de aula, de modo que entenda a importância da língua, passando assim por novas experiências desenvolvendo capacidades e habilidades.

Há algum tempo, o Inglês foi adotado como idioma do mundo globalizado e os educandos devem compreender essa importância para o mercado de trabalho, vislumbrando assim um futuro promissor.

É por meio da língua que um povo constrói sua cultura, suas tradições e conhecimentos. Sendo assim, se um indivíduo se aproxima e conhece novas realidades, será capaz de desenvolver o senso crítico e analisar seu entorno social, tornando-se capaz de atuar na sociedade criando suas próprias oportunidades.

“Entender-se a comunicação como uma ferramenta imprescindível no mundo moderno, com vistas à formação profissional, acadêmica ou pessoal, deve ser a grande meta do ensino de Línguas Estrangeiras Modernas no Ensino Médio” (BRASIL, 1999, p. 62).

O domínio da língua está diretamente relacionado com a participação social do indivíduo e é por meio dela que o homem se comunica, constrói sua visão de mundo e tem acesso à informação.

O fenômeno da globalização não poderia ter deixado de influenciar o ensino e a aprendizagem de inglês, uma vez que essa é a língua usada na comunicação entre povos e culturas que se considerem adeptos ou até vítimas desse processo, tendo inclusive adquirido status de língua franca e/ou língua global. Nos dias de hoje, há mais falantes não nativos do que nativos da língua inglesa, sendo ela falada por mais de um bilhão de pessoas, sem restrições de fronteiras geográficas (LEFFA, 2002)

A aprendizagem da língua tornou-se imprescindível, principalmente para quem almeja um futuro profissional. Este também é um ponto considerável que deve ser despertado nos alunos.

2. A ADOLESCÊNCIA E OS INTERESSES: PONTO CRUCIAL PARA O EDUCADOR E O ENSINO

Como pontua Vygotsky (1931/2006) a adolescência pode ser caracterizada como um período de transição, no qual o indivíduo distancia-se pouco a pouco das atrações/necessidades que o mobilizam na infância e o levam em direção a seus interesses, de natureza social, que doravante o guiarão. O adolescente nesta fase da vida é desafiado por caminhos que o façam descobrir seus reais interesses. Por esse viés, a linguagem assume um papel crucial para o seu amadurecimento como sujeito social crítico.

Em relação a formação crítica do indivíduo e atrelado ao papel do educador como um seujeito agente na formação crítica deste indivíduo, Freire (1996, p. 90 e 91) preconiza que:

É preciso por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindia da formação científica séria e da clareza política dos educadores e educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. [...] Daí o caráter desesperançoso, fatalista, antiutópico de uma tal ideologia em que se forja uma educação friamente tecnicista e se requer um educador exímo na tarefa de acomodação ao mundo e não na de sua transformação. Um educador com um pouco de formador, com muito mais de treinador, de transferidor de saberes, de examinador e destreza.

Em suas palavras o autor (FREIRE, 1996, p. 90 e 91) destaca a real importância da criticidade por um viés na educação, haja vista que a formação do indivíduo crítico perpassa os valores de uma formação perspicaz. Ao longo de sua jornada, o indivíduo desenvolve-se e forma conceitos. Estes se iniciam na infância e vão se transformando no decorrer da vida. É na adolescência que atinge o seu maior potencial. Vygotsky salienta que é a partir desse momento que não serão mais as ações que vão mobilizar os interesses do adolescente e sim os conceitos. Chega-se então a um ponto chave para o desenvolvimento dos adolescentes: os interesses.

2.1 A motivação como peça fundamental da Aprendizagem do Ensino da Língua Inglesa

O fator afetivo denominado de motivação vem sendo assunto de discussões entre vários estudiosos na área da Linguística Aplicada no que diz respeito à aprendizagem de língua estrangeira, devido ao seu poder de influenciar o comportamento e desempenho dos aprendizes. Compreender a língua inglesa como fenômeno mundial, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso. Hoje em dia a língua inglesa é uma língua internacional. A língua que une povos, que é usada em viagens, negócios, empresas, internet, estudos, e para outras mais finalidades, enfim, a língua inglesa é a língua da comunicação em todo o mundo. A aquisição dessa língua inglesa são benefícios internos e externos, pois, a aprendizagem desse idioma desenvolve a rapidez no raciocínio, a construção da personalidade, o conhecimento e o respeito por outras etnias, raças e culturas.

Antes de tratarmos da importância da motivação como peça fundamental da Aprendizagem do Ensino da Língua, vamos traçar um caminho de compreensão do quem vem a

ser a motivação.

Para Böck (2008, p.17), a motivação é uma força interna propulsora que leva o indivíduo a praticar uma ação. Bzuneck (2009, p.9), por sua vez, tem um conceito semelhante, quando afirma que “a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar o curso.” Com base em nossas afirmações, podemos entender que é a motivação que vai determinar o nosso comportamento como indivíduos em uma sociedade, pois a partir de um motivo interno somos impulsionados a irmos em direção ao alcance dos nossos objetivos.

De acordo com esses dados, é possível compreender que a motivação é um fator fundamental nas nossas escolhas, no nosso progresso, disposição e qualidade na execução de algo, tornando-se um elemento indispensável para o desenvolvimento humano, no que diz respeito a sua vida pessoal e profissional. Pois, como o próprio termo (motivo + ação) diz é preciso um motivo para a prática de uma ação.

Schütz (2003), afirma: “Se a motivação se origina no desejo de se satisfazer uma necessidade, não havendo necessidade, não haverá motivação”. Diante deste contexto a importância do inglês para o mercado de trabalho é um grande fator motivacional, para que o educando se interesse a aprender esta língua global.

Os tipos de motivações existentes são: Motivação Intrínseca, Motivação Extrínseca e Motivação e Aprendizagem de Língua Inglesa (LI).

A respeito da Motivação Intrínseca Campos afirma que:

A motivação intrínseca é inerente ao objeto da aprendizagem, à matéria a ser aprendida, à atividade a ser executada não dependendo de elementos externos para atuar na aprendizagem. Derivando-se da satisfação inerente à própria atividade, está sempre presente e é eficiente. (2010, p.117)

Desse modo, o indivíduo busca enfrentar desafios apenas pela satisfação pessoal que a aprendizagem lhe proporciona.

A motivação extrínseca refere-se à busca da aprendizagem como meio de alcançar um objetivo, recompensas ou evitar algum castigo.

Segundo Lowes e Target (1998, p.24), “A motivação extrínseca é o tipo que é produzido pela promessa de algum tipo de recompensa externa.” Sendo assim, muitas pessoas aprendem o Inglês, porque isso melhorará suas perspectivas de emprego.

Miccoli (2010, p.34) afirma que “A aprendizagem é um processo socialmente situado que se desenvolve por meio de interações que envolvem o estudante em relação consigo, com o professor e com outros estudantes ampliando a concepção de aprendizagem.” E quando se trata da aprendizagem de língua estrangeira é exigido mais esforço por parte do aprendiz, uma vez que a língua a ser aprendida não é a sua língua materna e, na maioria dos casos, esse aluno não está inserido em um contexto que facilite o processo de aprendizagem.

Neste projeto buscamos fazer uso de todas as ferramentas motivacionais.

3.A IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

A Orientação Profissional auxilia as pessoas no momento da escolha ou redefinição da profissão. Ela não serve apenas aos alunos do Ensino Fundamental e Médio. Serve também para adultos que não estão satisfeitos com a profissão e pretendem investir numa nova carreira ou, mesmo satisfeitos, querem progredir na carreira. Existem reorientações até mesmo na aposentadoria.

A orientação profissional é de fundamental importância na vida dos adolescentes, pois é nesse momento que eles se encontram em um grande conflito interior, por conta das perdas geradas pela puberdade, sendo assim surgem os questionamentos e inseguranças em meio às escolhas profissionais.

O processo de escolha da profissão tem saliência na adolescência, ainda que esta etapa seja conhecida como uma fase turbulenta e de indefinição da própria identidade. Assim, quando toda a situação é de indecisão, cobra-se do adolescente a escolha profissional com o peso de ser, a princípio, para toda a vida (BOHOSLAVSKY, 1971/1991).

Esta vem possibilitar ao orientando uma reflexão no que diz respeito a uma escolha vocacional que, em consonância com seu mundo interno e externo, possibilite uma vida mais satisfatória e produtiva.

Segundo Bohoslavsky (1971/1991), todo conflito surgido em relação à escolha de uma maneira de ser através de algo que se decide fazer (ocupação), expressa uma não integração de diversas identidades. Só quando essas identificações se integram - ou seja, quando o adolescente elabora os lutos que a ele impõe a vida adulta - e tais identificações perdem o caráter defensivo ou protetor original, o adolescente pode alcançar sua identidade ocupacional. Sendo assim, o autor afirma que a identidade ocupacional está diretamente relacionada à pessoal, portanto, o conhecimento contextual, os vínculos estabelecidos e o autoconhecimento são fundamentais na escolha profissional do indivíduo.

A Orientação Profissional serve não apenas para nortear o campo profissional a ser seguido, mas também como uma oportunidade de autoconhecimento, de alinhamento entre habilidades/características pessoais e profissionais, do sentido/significado do trabalho para o ser humano, da relação trabalho e projeto de vida.

Relacionar projeto de vida e identidade significa expor as diversas relações estabelecidas pelo homem em sua trajetória de vida. Sendo assim, o passado e o presente são dimensões que preparam o futuro. Segundo Soares:

O projeto é, ao mesmo tempo, o momento que integra em seu interior a subjetividade e a objetividade e é, também, o momento que funde num mesmo todo, o futuro previsto e o passado recordado. Pelo projeto, se constrói para si um futuro desejado, esperado. (2002, p. 76)

Frank Parsons é considerado como o fundador da orientação profissional. No início do século XX foi o pioneiro na integração teórica e técnica com o intuito de facilitar para que as pessoas escolhessem suas profissões. Ele também visava uma melhora na sociedade, através de um projeto político, propôs mudanças para o desenvolvimento social focando a atenção em grupos desfavorecidos como imigrantes, mulheres e pessoas de baixa renda. Seu trabalho era realizado em duas etapas: a primeira era um questionário para autoanálise com 116 questões e a segunda etapa era agendada uma entrevista individual onde eram discutidos os resultados. Dependendo dos resultados alguns testes poderiam ser aplicados (SANTOS, 2012).

Segundo Andrade, Meira e Vasconcelos (2002), para que o jovem não se sinta cada vez mais confuso é importante que ele busque orientações precisas, pois se esse trabalho não for realizado corretamente pode abrir margens para informações sem fundamentos verdadeiros, causando mais dificuldades e incertezas ainda. E, pelo fato do jovem se sentir pressionado na fase que antecede os vestibulares pode ocorrer distorções cognitivas, seja pelo medo de fracassar ou por uma escolha mal elaborada (GONZAGA, 2011).

4. A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE

LÍNGUA INGLESA

O estudo da Língua Inglesa ocupa uma posição de destaque no currículo secundário brasileiro e no aprimoramento do conhecimento e da cultura de alunos independente do grau de ensino. Este contribui para capacidades de observação, dedução, leitura, e convívio social quando há interação com indivíduos de outros lugares do mundo.

A Língua pode ser considerada um meio de intercessão mundial, os fatos importantes que acontecem no mundo são propagados em inglês para todas as nações. Nenhuma outra língua pode ser equiparada com o inglês, pois este se tornou uma porta de sucesso para o mundo globalizado. Entretanto muitos países não falantes da língua inglesa acabam prendendo-se mais a sua própria cultura e deixam de buscar e obter conhecimento sobre outras.

Com isso, o aumento da exportação de produtos dos países centrais influencia nos países subdesenvolvidos, gerando tendências, contribuindo para o incentivo às culturas superiores. Os EUA se sobressaem ao restante, além de mais falante do Inglês é o mais poderoso, por consequência a humanidade tem se tornando a cada dia mais “americanizada”. Desse modo, a associação de Língua Estrangeira a Língua Inglesa é inevitável, ser fluente em inglês é sobressair aos demais, assim como os EUA é em relação ao restante do globo.

METODOLOGIA

Este estudo se deu em uma escola estadual do município de Lorena – SP, tendo como objeto de pesquisa 17 alunos do 3º ano do ensino médio, desenvolvendo o tema “Profissões”, que está presente no Caderno do aluno, material didático utilizado pela rede pública de ensino do estado de São Paulo. O levantamento de dados foi feito por meio de pesquisa quantitativa e qualitativa. A primeira fase do projeto consistiu na aplicação de um questionário visando descobrir quais eram os interesses profissionais dos estudantes ao concluírem o ensino médio.

Com base nesses dados, foram organizadas palestras com profissionais da área militar (bombeiros) e da área do direito (advogado, ex-aluno da escola).

Nessas palestras os profissionais relataram toda sua trajetória para alcançar seus objetivos, ressaltando experiências típicas de seu campo de atuação. Ao fim da palestra os convidados relatavam a importância do estudo e que diferença isso fez na vida deles. Isso motivou os alunos a cursarem um ensino superior ou técnico. Os alunos também tinham espaço para questionar, tirando assim qualquer dúvida que surgisse.

O projeto apresentado continua em andamento e mais profissionais virão. Porém, para mensurar os resultados de pesquisa e saber a opinião dos alunos sobre o que já foi realizado foi aplicado um segundo questionário. Eles relatam que as experiências têm sido bastante positivas e que têm planos para o futuro: seguir carreira militar, cursar pedagogia, arquitetura, foram algumas das respostas dadas pelos alunos.

Eles também refletiram acerca da importância da Língua Inglesa, considerando-a indispensável para uma carreira de sucesso e veem como positiva a parceria entre a escola e os alunos que fazem parte do PIBID.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação do projeto denominado "Profissões" apontou que, de fato, muitos dos estudantes sentiam-se desmotivados em seguir seus estudos e estavam indecisos a respeito de qual carreira escolher. Ao analisar aquilo que os alunos responderam no último questionário aplicado até

agora, identificou-se que o projeto tem sido de grande valia para que muitas dúvidas sejam esclarecidas e tem sido importante para ajudá-los na escolha de uma profissão. Desse modo, o objetivo principal do Projeto foi atingido, pois por meio das palestras os alunos receberam orientação vocacional e foram estimulados a seguir seus estudos.

Notou-se também que houve uma valorização maior por parte dos alunos no aprendizado da Língua Inglesa. Como também foi observado nas respostas do questionário, eles foram capazes de assimilar que busca de emprego e domínio de Inglês estão estreitamente ligados. Nisto outra meta do trabalho foi cumprida: Correlacionar o que é ensinado na escola com aquilo que se encontra fora dela, mais precisamente no mercado de trabalho.

Durante a realização dos trabalhos identificou-se um problema: um pequeno número de estudantes que compunham a classe de aplicação do projeto e participaram das palestras, foi transferido para outro período, desse modo não foi possível coletar sua opinião a respeito do projeto.

Como os resultados obtidos até agora foram positivos e corresponderam as expectativas, espera-se prosseguir com o Projeto, traçando estratégias para melhor orientá-los e motivá-los, trabalhando sempre a importância da Língua Inglesa no futuro profissional do jovem estudante.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. M. de; MEIRA, G. de J. M.; VASCONCELOS, Z. B. de. 2002. *O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932002000300008&script=sci_arttext> Acesso: 21 de Agosto 2015

BRASIL. Ministério da Educação e Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias*. Língua estrangeira moderna. Brasília: MEC, 1999.

_____. Apostila de didática de Inglês - Ministério da Educação e Cultura - Campanha de aperfeiçoamento e difusão do Ensino Secundário. In. FILHO, M. A. *O ensino de inglês no curso secundário brasileiro e Os objetivos do ensino do inglês*. 1ª ed. s/a. Brasília – DF.

BÖCK, V. R. *Motivação para Aprender Motivação para Ensinar*. Reencantando a Escola. Porto Alegre: Cape, 2008.

Bohoslavsky, R. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes. 1991. (Original publicado em 1971)

BZUNECK, J. A. A Motivação do Aluno: Aspectos Introdutórios. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. (orgs). *A Motivação do Aluno. Contribuições da Psicologia Contemporânea*. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.9-36.

CAMPOS, D. M. de S. *Psicologia da Aprendizagem*. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 1ª ed. 1996. 1ª digitalização. Coletivo sabotagem, 2002. Disponível em <http://www2.uesb.br/pedh/wtcontent/uploads/2014/02/pedagogia-da-autonomia.pdf> acesso em 01 jul 2014

GONZAGA, L. R. V. *Relação entre vocação, escolha profissional e nível de stress*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC, Campinas, 2011.

LOWES, R. & T. *Francesca. Helping students to learn*. London: Richmond, 1998.

MICCOLI, L. Experiências Individuais: Uma Visão Sociocultural da Aprendizagem. In: _____ *Ensino e Aprendizagem de Inglês: Experiências Desafios e Possibilidades*. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística

Aplicada, Vol.2. Campinas: Pontes, 2010, p.33- 56.

SANTOS, A. dos. *Gênero em processo de Orientação Profissional*. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SOARES, D. H. P. (2002). *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.

SHÜTZ, R. *Motivação na aprendizagem de línguas*. 2003[online] Disponível em: Acesso em: 16 de agosto de 2009.

FLUENCY IN ENGLISH: UMA EXPERIÊNCIA ENTRE OS CURSOS DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA E LETRAS

RESUMO

Considerando-se a importância do estudo de língua estrangeira na formação dos alunos dos cursos de Letras e Pedagogia, este trabalho tem por objetivo analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas com dois grupos de alunos de atividade de monitoria denominada Fluency in English no que tange a produção oral em língua inglesa. Como fundamentação teórica utiliza a Teoria Sociointeracionista de Vygotsky e a abordagem de linguagem como ação por meio da Teoria dos Atos de Fala de Austin. O *corpus* selecionado consta de atividades interativas situadas em contextos reais de comunicação. Os resultados são de cunho qualitativo por meio de reflexões do professor-pesquisador. Trata-se, portanto, de uma pesquisa-ação.

Palavras-chave: Língua Inglesa, interação, abordagem comunicativa, aprendizagem significativa

ABSTRACT

Taking the importance of the study of a foreign language in the education background of Language and Literature and Pedagogy students' into consideration, this paper aims at analysing the pedagogical didactic developed with two groups of students in a monitoring activity named Fluency in English concerning the oral production in English language. As theoretical fundamentation it makes use of Vygotsky's Socioconstrutivist Theory and the approach of language as action according to Austin's Speech Acts Theory. The *corpus* chosen is made of interactive activities placed in real contexts of communication. The results are of qualitative nature through reflections of a researcher-professor. It means, then, an action-research.

Key-words: English Language, interaction, communicative approach, meaningful learning

INTRODUÇÃO

O presente artigo debruça-se sobre práticas de ensino-aprendizagem de língua estrangeira (LE) em uma faculdade particular do Vale do Paraíba, interior do estado de São Paulo, por meio de atividades de monitoria para os cursos de Licenciatura em Letras e Pedagogia. O estudo considera a importância de competências em LE e a necessidade de atividades pautadas em contextos reais que propiciem o desenvolvimento de habilidades comunicativas. A Teoria Sociointeracionista de Vygotsky surge como base para esta pesquisa, tendo como conceitos-chave a ideia de que a aprendizagem decorre do social, sendo o homem em contato com o ambiente e também do conceito de mediação. Apresenta-se também a Teoria de Atos de Fala de Austin e seus pressupostos de atos locutório, ilocutório e perlocutório. Assim, esse é um trabalho de acompanhamento do processo de aquisição da linguagem que culmina em uma análise qualitativa das práticas desenvolvidas à luz das teorias empregadas e reflete sobre novos direcionamentos nas práticas do professor-pesquisador. Este trabalho, desse modo, esboça práticas baseadas na interação e no conceito de aprendizagem colaborativa, contribuindo para a construção de uma comunidade aprendente.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Mudanças na visão ensino-aprendizagem

A mudança da visão de ensinar e aprender tem sido tema de muitos estudos nos últimos anos e isso afeta o campo de estudo de língua estrangeira. Essa mudança foi descrita em uma reportagem da revista Nova Escola em que a pesquisadora Celani (2009) diz: "Já baseamos as aulas em tradução e em gramática, mas hoje sabemos que cabe ao professor analisar a turma para atuar bem." Essa afirmação fortalece a ideia de que a ação mediadora do professor é um vínculo primordial para a construção de novos saberes. A escola deve ser o veículo capaz de integrar e preparar seus alunos para uma vivência real do que é experimentado. O Governo, por meio de suas OCEM (Orientações Curriculares para o Ensino Médio), aponta:

[...] o ensino de Línguas Estrangeiras voltado somente para o aspecto lingüístico do idioma não educa. Ele educa, mas contribui para uma outra formação, aquela que entende que o papel da escola é suprir esse indivíduo com conteúdo, preenchendo-o com conhecimentos até que ele seja um 'ser completo e formado'. Quando falamos sobre o aspecto educacional do ensino de Línguas Estrangeiras, referimo-nos, por exemplo, à compreensão do conceito de cidadania, enfatizando-o. (OCEM, 2006, pag. 91).

Desse modo, nota-se o valor dos aspectos sócio-histórico-culturais no ensino e na formação do educando, já que a habilidade comunicativa deve pautar-se na cidadania, no ser humano crítico e participativo em seu contexto. É em seu contexto que o aluno apropria-se de novos saberes. Assim, entende-se que o ensino da língua está intimamente ligado aos modelos culturais de uso da linguagem. Tratando-se do professor de Inglês, Gee (1986) sugere que:

"[...] o professor de inglês não está apenas ensinando gramática, nem mesmo letramento, mas sim as práticas discursivas de grupos dominantes, práticas essas que podem ferir as práticas e valores, e a identidade [...] de aprendizes que venham de outros grupos socioculturais. (GEE, 1986, p. 720)."

Entende-se aqui que a aprendizagem de língua traz consigo uma bagagem complexa que envolve aspectos humanos e não apenas de habilidade. Valoriza-se, então, o ensino capaz de construir valores e identidade, não apenas conteúdos linguísticos.

1.2. Processos de desenvolvimento da aprendizagem

A educação passa há algum tempo por um panorama em que tendências isoladas não são únicas, existe uma influência mundial, existe o olhar de compartilhamento e inovações pedagógicas. Esse processo de globalização tende a se expressar por reformas educativas, defendidas como alternativas para alcançar a transformação cultural. Segundo Vieira (2006, p. 24), "[...] uma nova agenda está presente: exigências de expansão do sistema educacional, de mais e melhor escolaridade, de organização eficiente, de escolas eficazes, de professores bem treinados". Vieira aponta os pilares em um processo de aprendizagem. Surge, aqui, o espaço para o diálogo. Surgindo esse espaço, surge a interação necessária para valorização de seu corpo de alunos. É importante tornar público o texto do aluno, o resultado final do processo de trabalho e para isso acontecer é importante a relação professor-aluno. Segundo Vygotsky (1988), o conhecimento não está sendo visto como uma ação do sujeito sobre a realidade, assim

como no construtivismo e sim, pela mediação feita por outros sujeitos. Para o autor, o sujeito não é apenas ativo, mas interativo, porque forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais. É na troca com outros sujeitos e consigo próprio que se vão internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência. Portanto, é papel do docente provocar avanços nos alunos e isso se torna possível com sua interferência no aprendizado. O desenvolvimento mental só pode realizar-se por intermédio do aprendizado. Existem pelo menos dois níveis de desenvolvimento identificados por Vygotsky (1988): um real, já adquirido ou formado, que determina o que o aprendiz já é capaz de fazer por si próprio, e um potencial, ou seja, a capacidade de aprender com outra pessoa. Vygotsky (1988) também destaca as contribuições da cultura, da interação social e a dimensão histórica do desenvolvimento mental, ele sustenta que a inteligência é construída a partir das relações do homem com o meio.

1.3. O ensino de Língua Inglesa como língua estrangeira

De modo significativo, este trabalho entende que a linguagem, quando considerada de maneira abstrata, distante e desvinculada de seus contextos socioculturais e de suas comunidades de prática, pode resultar em prejuízos graves nos âmbitos humano e pedagógico. Essa é a razão que conduz à concepção de letramento como prática sociocultural. O processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras como prática social pelo olhar de uso do recurso linguístico e como uma perspectiva metodológica contemporânea é uma das maiores preocupações do ensino de línguas. De acordo com as ideias de Larsen-Freeman (2000), a relevância da problemática do ensino de línguas está no reconhecimento de uma interdependência entre a língua e a comunicação, pois sabe-se que de acordo com o modo que os princípios forem aplicados e interpretados em sala de aula, assim será a participação dos alunos. Por esse ponto de vista, entende-se o professor como norteador do ensino e responsável por garantir o fluxo de aprendizagem de seus alunos. Porém não se deve considerar o ensino como igualitário, já que nenhum grupo de estudos apresenta homogeneidade. Desse modo, Almeida (2003) reforça que a aprendizagem decorre das interações, ou seja, das relações estabelecidas em ações do pensamento humano acompanhadas de reflexões sobre resultados e produção de significados. Portanto, as condições para a aprendizagem devem ser capazes de proporcionar ao aluno tanto a possibilidade de interagir com objetos de aprendizagem como a convivência com a diversidade cultural e de ideias que possibilitam a sua expressão de pensamento; mas ao mesmo tempo é necessário dispor-se ao diálogo, ouvir o outro, além de exercer a sua autoria e o trabalho de produção cooperativa. Isso tudo faz parte de uma aprendizagem interativa. Desse modo, este trabalho refere-se à interação de aprendizagem social, que é concretizada a partir dos diálogos de colaboração e cooperação, como fundamental na construção desse conhecimento mediado. Belloni (2003) elucida que através da interação social busca-se problematizar o saber, contextualizar os conhecimentos, colocá-los em perspectiva para que haja apropriação destes e utilizá-los em outras situações de aprendizagem.

1.4. A concepção de linguagem dialógica em Bakhtin

A concepção interacional (dialógica) da linguagem passa por um entender de que os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais e o texto é visto como o próprio espaço de interação. Não basta agora pensar que o texto tem sentido, passa-se a entender que o texto faz sentido. Isso indica que o sentido é construído. Desse modo, há lugar no texto para uma gama

de implícitos dos mais variados tipos, apreendidos quando existe um pano de fundo que é o contexto sociocognitivo de quem participa da interação. O texto passa a ser visto como veículo de vai além da “captação” de representações mentais e surge como suporte para a recriação, para o repensamento e para funções sociais.

Destaca o pensador russo: “as relações dialógicas são absolutamente impossíveis sem relação lógica e concreto-semântica, mas são irreduzíveis a estas e têm especificidade própria.” (BAKHTIN, 1997, p. 184). Esclarece, portanto, que o estudo da língua como relação lógica carece de abordagem enunciativa e que o estudo do discurso a partir das relações dialógicas é irreduzível à logicidade. Observa-se, sob esse enfoque, que as relações dialógicas são apreendidas discursivamente, na língua enquanto fenômeno integral concreto, sem que se desprezasse as relações lógicas. Logo, a tensão entre relações dialógicas e lógicas indica que a linguagem somente tem vida na comunicação dialógica, comunicação de sentidos, que constitui o seu campo de existência.

Os sentidos, a partir da abordagem dialógica, projetam-se como efeitos, sendo assim, irreduzíveis a uma só possibilidade, apesar de em determinados contextos enunciativos haver sentidos predominantes. Com isso, os efeitos de sentidos existem a partir de construções discursivas, das quais o sujeito “não é a fonte de seu dizer”, uma vez que se constitui, de modo dinâmico, com a instituição histórico-social. Em outras palavras, o sujeito e os sentidos constroem-se discursivamente nas interações verbais na relação com o outro, em uma determinada esfera de atividade humana.

1.5. de linguagem em Austin

Filósofo da Universidade de Oxford, Austin foi o criador da Teoria dos Atos de Fala. Seus estudos procuram refletir acerca da possibilidade de explicar questões, exclamações e sentenças que esboçam comandos, desejos e concessões. Tem por base as suas publicações em 1962 com o título *How to do things with words* (Austin, 1990), concebendo a linguagem como atividade construída pelos interlocutores, ou seja, é impossível discutir linguagem sem considerar o ato da linguagem, o ato de estar falando em si – a linguagem não é somente descrição do mundo, mas ação.

Austin (1990) faz importante distinção de dois casos enunciativos: enunciados constativos e enunciados performativos. Os de caso constativo descrevem um estado das coisas e, assim, submetem-se ao critério de verificabilidade. Isto é, podem receber rótulos de verdadeiro ou falso. Na prática, são enunciados conhecidos como afirmação e/ou relatos. Um exemplo de enunciado constativo é a seguinte sentença: A mosca caiu na sopa. Neste caso, não há prática de ações, apenas um relato do ato ocorrido. Concernente aos enunciados performativos, não estão submetidos ao critério de verificabilidade, uma vez que não descrevem e nem constata. Um exemplo de enunciado performativo: Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Nessa sentença, somente proferindo “Eu te batizo” é que o padre pode batizar alguém e isso traz a performatividade. Tais contrastes de enunciados levaram Austin a trabalhar na separação dos níveis das ações linguísticas, dividindo os atos de fala em locutório, ilocutório e perlocutório. O ato locutório trata da efetivação de um significado referencial e predicativo, é uma proposição que diz alguma coisa sobre “eu”. Ex: Que almoço saboroso! O ato ilocutório é o modo que o sujeito utiliza para informar, ameaçar, adicionando vozes à sentença original. Ex: Que dia lindo! (pode ser uma ameaça para cobrar alguma promessa de passeio quando o dia estivesse agradável). O ato perlocutório se refere ao efeito do ato ilocutório sobre os sentimentos e ações dos interlocutores. No exemplo acima para o ato ilocutório, a realização da promessa de passeio seria o ato perlocutório.

Os atos de fala podem trazer ambiguidade, expressando tanto uma promessa quanto uma ameaça e, assim, falantes costumam se basear em indícios explicitados no texto ou percebidos na relação entre os interlocutores. Diz-se, então, que os atos da linguagem ocorrem concomitantemente, sendo relativos ao contexto da fala e às pessoas que falam, interpretáveis com amplitude por vezes difícil de ser descrita nos limites da análise linguística.

2. METODOLOGIA

O estudo foi realizado com alunos de ensino superior nos cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia de uma instituição particular de ensino do Vale do Paraíba, no estado de São Paulo. A pesquisa de campo iniciou-se com observações do ensino de inglês e partiu para uma proposta de atividades em grupo que visavam à interação e possibilidade de atividades lúdicas.

2.1 Atividade das imagens

Os alunos foram dispostos em grupos de 5 e 6 para a realização da atividade. Primeiramente, o professor expôs uma figura de uma cidade famosa – Rio de Janeiro – e usou a estrutura de frase “there is... in Rio”, “There are... in Rio” e perguntou aos alunos o que eles entenderam. Prontamente, disseram que se tratava de lugares para se visitar na cidade. O professor confirmou e encorajou os alunos dizem “Ótimo, vocês estão bons” e seguiu para a exposição de *hints* (dicas) na lousa exibindo as formas do verbo *There be* para falar de lugares. Solicitou, então que os alunos fizessem uma lista de lugares a partir das próximas imagens de cidades famosas, como Londres, Paris, Nova Iorque, Moscou e Orlando. Os alunos trabalharam em grupo e rapidamente surgiram com uma listagem. Foi solicitado, então, que o grupo reportasse para a classe e um *boardstorm* foi realizado. Os alunos em um modelo de rodízio reportaram as atividades e fizeram uso das estruturas utilizadas em classe.

2.2. Atividade da música

A letra da música “What’s your sign” de Des’rece foi apresentada aos alunos e havia algumas lacunas na música. As lacunas deveriam ser preenchidas com as palavras de uma tabela fornecida pelo professor. No início da atividade, o professor dividiu a turma em grupos e trabalhou a pronúncia das palavras. Havia palavras de sons similares, como “*star*” e “*are*” e a proposta inicial era que os alunos, após conhecimento e prática das palavras, colocassem-as em pares de acordo com as similaridades de sons. Essas mesmas palavras seriam usadas para preenchimento das lacunas. Em seguida, a música foi reproduzida e os alunos, de forma individual, tentaram preencher os espaços. O exercício foi repetido por 3 vezes e, após, os alunos se dispuseram em grupo para comparar os resultados. Para finalizar, uma última reprodução da música foi realizada e o exercício corrigido.

2.3. Atividade do texto

O professor forneceu aos alunos um texto sobre a cantora Madonna e pediu aos alunos

para buscar informações básicas de compreensão, tais como sobre quem o texto falava, que informações sobre carreira e vida da cantora eram apresentadas. Entretanto, algumas palavras não existiam, foram apenas criadas pelo professor. Esse fato causou estranhamento para os alunos (que não sabiam da não-existência das palavras) e certo fator cômico ao ler palavras de sons bem diferentes do que conhecemos na grande mídia. Porém, os alunos foram capazes de decifrar o conteúdo do texto em grupo. Ao final da proposta, o professor perguntou quais as palavras pareciam mais diferentes e explicou que foram criadas. Os alunos então perceberam que tais palavras não modificaram profundamente o conteúdo principal do texto. Ao final, as palavras reais substituíram as palavras criadas.

2.4. Game das cartas

Foram utilizadas cartas de baralho comum para a realização das atividades. Os alunos foram dispostos em grupos de 4 e 5 durante todo o procedimento. O professor explicou que cada número das cartas corresponderia a uma palavra estudada e solicitou o vocabulário dos alunos. Em seguida, explicou tudo na lousa. As cartas de valete, dama e rei também corresponderam a uma palavra. A proposta do jogo era conseguir formar grupos dos quatro nipes de cartas, ou seja, o número 1 de copas, paus, ouro e espada. Assim, os alunos embaralharam as cartas e deram 4 delas para cada componente do grupo. O professor explicou como jogariam: cada participante deverá escolher um colega e perguntar por uma carta usando a palavra correspondente, mas apenas poderia perguntar sobre uma carta que tivesse na própria mão. Por exemplo, o aluno A tem uma carta número 2 que corresponde à palavra *culture*, ele escolhe um aluno B e faz a pergunta “*Do you have culture?*” (Você tem *culture*?) Se o aluno B possuir a carta, responderá “*Yes, I do*” (Sim, eu tenho), entregando-a ao colega; no caso de negativa, dirá “*No, I don’t. Go fish!*” (Não tenho, vá pescar!). Caso o aluno B tenha duas cartas *culture*, deverá entregar as duas. O game termina quando os grupos de cartas forem formados e vence o aluno com o maior número de cartas.

3. RESULTADOS OBTIDOS

Desenvolver práticas socioculturais é, sem dúvida, uma pedagogia que potencializa as capacidades e habilidades de um grupo de estudo. Tal pensamento inicial foi comprovado através da metodologia vivenciada. As atividades com práticas de comunicação associadas à imagem e fala trouxeram segurança e suporte para expor o conhecimento prévio dos alunos frente ao idioma, e tal resultado é visto de forma imediata, uma vez que os alunos se integram ao modelo aplicado. A música com prática de *listening* trabalhou as competências auditiva e de raciocínio lógico, uma vez que os alunos usaram de estratégia de similaridade de som para agrupar as palavras e, em seguida, trabalhar na música. O texto com palavras inventadas foi capaz de evidenciar o fator lógico e reflexivo sobre a aprendizagem, evidenciando que a aquisição de língua ocorre por etapas e que a reflexão sobre a prática é primordial para desenvolver caminhos para cada estilo de aprendizagem. Assim sendo, Os alunos foram capazes de refletir sobre a própria prática, momento intrapessoal na construção de saberes. Ao chegar na atividade das cartas os alunos expuseram o vocabulário aprendido e conseguiram passar cerca de 40 minutos apenas produzindo em inglês e fazendo uso de estratégias de lógica, memorização, atenção e prática auditiva. Essas produções exploraram a capacidade de criação e foram capazes de abrir espaço para a vivência da língua em situações lúdicas de aprendizagem significativa. Vale ressaltar que as práticas aqui desenvolvidas valorizaram o trabalho em grupo

como ponto de partida para contextualização, colocando os alunos em discussão e partindo para a prática individual, momento de reflexão sobre as situações vivenciadas e sobre estratégias utilizadas. O professor atuou na mediação das atividades, deixando ao aluno o papel de atuar e apreender significados das ações estabelecidas em aula. O feedback das atividades conta de análise qualitativa, passando pelos campos da interação, afetividade e conforto na sala de aula de língua estrangeira.

4. CONCLUSÃO

Em suma, as práticas desenvolvidas atuaram como reflexão para o professor-pesquisador em sua atuação e indicaram alguns nortes para o seguimento do projeto de monitoria. Os dados de cunho qualitativo expuseram que fatores humanos estão intimamente ligados à aprendizagem. Desse modo, a interação e o trabalho em grupo como ponto de partida foram cruciais para a criação de vínculos e o conforto de se discutir tópicos para a seguinte socialização. Pontua-se, assim, que o fator de afetividade e construção de um ambiente colaborativo de aprendizagem deve ser o alvo de toda a comunidade aprendente. É assim que os alunos se enxergam como produtores e ativos no processo de ensino-aprendizagem, sentem-se atuantes e modificadores no percurso das atividades. Isso reporta os princípios sociointeracionistas expostos por Vygotsky. As atividades lúdicas propuseram diferentes níveis de interação com o texto, sendo ele escrito ou oral. Propôs-se uma dialogia com o texto por meio de uma visão de que o sentido não está pronto, mas é socialmente construído na interação leitor-texto e leitor-leitor. Essa abordagem abre espaço para a abordagem de linguagem como ação, exposto por Austin. Os alunos trabalharam fortemente no campo de atos ilocutórios, explorados com suporte na semântica vivenciada na prática de contextualização, início de todas as atividades ministradas. Assim, o modelo de atividades seguiu o padrão de preparação, performance dos alunos e reflexão sobre a prática, o que traz para os alunos a vivência de língua estrangeira em abordagem comunicativa.

REFERÊNCIAS

Livros

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. *Criando situações de aprendizagem colaborativa. Internet e formação de educadores a distância*. São Paulo: Avercamp, 2003.

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer – palavras e ações*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2ª edição. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados, 2003.

DUARTE, Rosália. *Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LARSEN-FREEMAN, Diane. *Teaching Techniques in English as a Second Language*. Oxford. Oxford University Press, 2000.

OCEM, Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Secretaria de Educação Básica. Volume 2. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

VIERA, Sofia Lerche. *Políticas de formação em cenário de reforma*. In: VEIGA, I. P.; AMARAL, A. L. (Org.).

Formação de professores: políticas e debates. 3ª edição. Campinas: Papirus, 2006.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente*. 2ª edição. São Paulo. Martins Fontes, 1988.

Artigos na internet

CELANI, Maria Antonieta Alba. Professores e Formadores em Mudança: Relato de um Processo de Reflexão e Transformação da Prática Docente. *In* Mercado de Letras. Disponível em:
<http://agora-espacoreflexivo.blogspot.com.br/2011/05/teoria-socio-interacionista-lev.html>. Acesso em 15/08/2015

ACESSIBILIDADE EM AMBIENTE HOTELEIRO PARA PÚBLICO IDOSO

RESUMO: O presente estudo analisa o mercado turístico no Brasil, pontuando os consumidores que mais se destacam no cenário atual. Além disso, discorre sobre o crescimento do público idoso, suas características e projetos elaborados para essa parcela da população utilizando normas governamentais. O objeto de pesquisa foi a Pousada Divina Misericórdia, que realizou adequações em sua estrutura para possibilitar melhores condições de acessibilidade e mobilidade para esse público em suas instalações.

Palavras-chave: Turismo; Mercado sênior; Acessibilidade; Pousada Divina Misericórdia.

ABSTRACT: This study analyses the tourist industry sector in Brazil, prompting consumers who stand out in the current scenario. In addition, it discusses the growth of the elderly as a target, its characteristics and projects designed for this population using governmental regulations. The object of research was the “Pousada da Divina Misericórdia” (Divine Mercy Inn), which made adjustments to their structure to enable better accessibility and mobility to the public at their facilities.

Keywords: Tourism; Senior Market; Accessibility; Divine Mercy Inn.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, no Brasil, monumentos, vias, transportes e órgãos públicos não oferecem em sua totalidade condições de acessibilidade favoráveis a pessoas com mobilidade reduzida. O mesmo ocorre em construções privadas, mas esse cenário, a partir de determinações federais, mesmo que lentamente, está mudando.

No turismo, adaptações em meios de hospedagem, destinados a essa parcela da população, podem refletir resultados positivos a curto e médio prazo, visto que a parcela idosa da população no país está em largo crescimento e contribuindo de maneira expressiva para o setor.

Então, para atender às necessidades desses hóspedes que compõem a maior porcentagem de turistas em Cachoeira Paulista, cujo destino se enquadra no segmento cultural com vertente religiosa, a Pousada Divina Misericórdia realizou adequações físicas possibilitando acessibilidade e mobilidade no estabelecimento, a fim de se destacar no mercado local, como poderá ser constatado no decorrer deste trabalho.

2 CRESCIMENTO DO TURISMO

O turismo é composto por empresas de transportes, cadeia hoteleira, restaurantes, destinos turísticos, entre outros diversos elementos. Com o decorrer do tempo serviços foram aperfeiçoados e aparelhos turísticos foram modernizados, colaborando para a redução significativa do custo total das viagens e impulsionando o desenvolvimento da atividade.

Comprovando que o turismo necessita de todos esses agentes e que eles mantenham uma inter-relação, segundo CASTELLI (2001, p. 4) entende-se turismo como:

[...] o deslocamento interno e externo que independentemente da motivação busca benefícios, caracteriza-se pela prestação de serviços planejados e com permanência no núcleo por mais de 24 horas e menos de um ano sem interesse de fixar residência, com a utilização de equipamentos específicos (hotalaria e agência) e complementares (sinalização e estrada), visando à preservação do meio.

Destinos turísticos planejados possuem melhor infraestrutura para a recepção de turistas, além de dispor de serviços qualificados e aparelhos apropriados para a região. O resultado satisfatório do investimento é refletido no fluxo turístico, na movimentação monetária e satisfação do público. Atualmente o Brasil presencia um bom cenário do desenvolvimento da atividade, pois, de acordo com Banco Central, “[...] as despesas de turistas estrangeiros, registradas em abril de 2011, aumentaram 17,3% em relação ao mesmo período do ano passado, e chegaram a US\$540 milhões”.

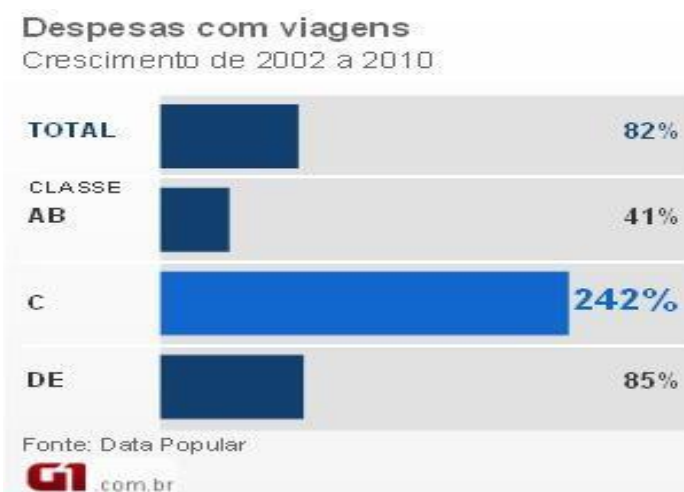
Para o presidente do Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur), Mário Moysés, “Este aumento demonstra que o Brasil tem ampliado sua presença no turismo mundial e está cada vez mais qualificado e competitivo em relação a outros destinos turísticos”. Para ele esses dados são resultado do trabalho de promoção internacional desenvolvido e da constante melhoria na qualidade dos destinos, atrações e serviços turísticos oferecidos no nosso país.

Outro meio de avaliação do crescimento do turismo no Brasil, utilizado pelo Ministério do Turismo, são os desembarques nacionais e internacionais, apurados pela Infraero (Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária). E os brasileiros também têm colaborado com bons números para o desenvolvimento da atividade no país. Segundo análises no ano de 2011 constatou-se que:

Durante o mês de maio, os desembarques de voos nacionais regulares e não regulares chegaram a 6,37 milhões. A marca corresponde a uma variação positiva de 25,45% em relação ao mesmo período do ano passado, representando o melhor mês maio da série histórica, iniciada na década de 90. **Cresce número de desembarques domésticos.** Disponível em:

<http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20110628.html> Acesso em: 28 jun. 2011.

No período entre 2002 e 2010 o mercado turístico “tem correspondido por aproximadamente 3,6% do PIB nacional. Desse total, 85% são receitas geradas pelo turismo doméstico.” Esses dados, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), podem ser explicados pelo aumento salarial e facilidades em crédito para pessoas físicas. O quadro a seguir explana como esses benefícios se refletiram no mercado.



Quadro 1- Despesas com viagens
Fonte: G1 economia, 2011.

Com o crescimento da participação da classe C no setor, as operadoras e agências de viagens proporcionaram opções de pagamentos mais flexíveis. Uma característica desse público é que grande parcela está começando a viajar pela primeira vez de avião, o que explica grande parte das informações anteriores sobre voos domésticos.

Outro público em crescimento no Brasil é o turismo da terceira idade, ou como o próprio público nomeou, “turismo da melhor idade”. Com o aumento da expectativa de vida o comportamento das pessoas está mudando, mas essa parcela mercadológica será estudada em detalhes no capítulo seguinte.

3 CRESCIMENTO DO SEGMENTO SÊNIOR

Os avanços da medicina moderna permitiram melhores condições de saúde à população com idade mais avançada, tanto que se tornaram o grupo etário de maior crescimento no Brasil. Com dados do Censo o IBGE anunciou que:

Em 1996, eram 16 idosos para cada 100 crianças; em 2000, eram quase 30 idosos para 100 crianças. Em termos regionais, a Região Sudeste tem o maior percentual de pessoas com mais de 60 anos: 10,2%. E o menor cabe à Região Norte: 6,3%. A maioria dos idosos brasileiros vive nas grandes cidades: 81% deles estão nas áreas urbanas. As

capitais com a maior proporção de idosos são Rio de Janeiro (12,8%) e Porto Alegre (11,8%).

A vez da terceira idade. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/noticias/terceira_idade.html> - Acesso em: 2 de jul. de 2011.

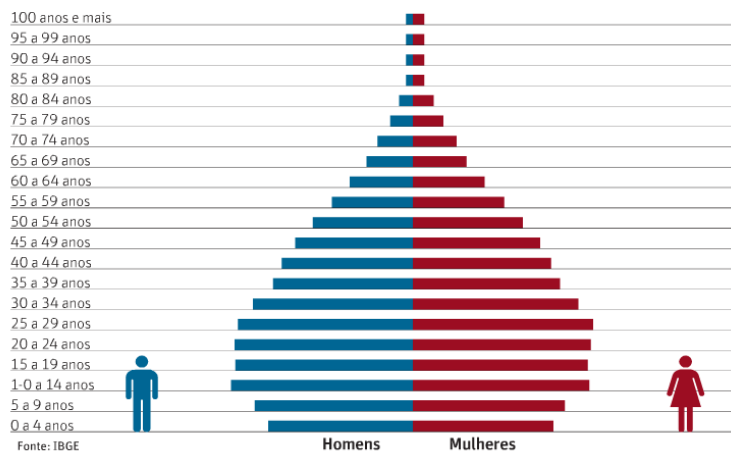
A concentração demográfica desses cidadãos deve-se a projetos de atividades físicas, acompanhamento da saúde, instrução sobre os direitos dos idosos e estruturas urbanas destinadas a essa parcela da população, acarretando no desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida encontradas nessas cidades. Um exemplo dessa preocupação foi a criação da Secretaria Especial de Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida (SESQV) da prefeitura do Rio de Janeiro, oriunda do projeto federal PLANTAR (Plano Técnico de Articulação da Rede de Promoção dos Direitos da Pessoa Idosa). Essa parceria entre governo federal e o município do Rio de Janeiro visa integrar as ações e as políticas públicas voltadas aos cidadãos da terceira idade e posteriormente implantar os resultados positivos obtidos no restante do país.

Outro dado interessante sobre essa parcela da população é a pirâmide etária brasileira publicada pelo IBGE referente ao Censo 2010. Ela retrata com clareza o cenário nacional atual, como é possível visualizar no quadro a seguir.

ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Em no máximo 40 anos, a pirâmide etária brasileira será semelhante à da França hoje

PIRÂMIDE ETÁRIA BRASIL 2010



Fonte: IBGE

Quadro 2: Pirâmide Etária no Brasil

Fonte: <http://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2010/12/16/piramide-etaria-brasileira/>

Resultado da melhoria da qualidade de vida e avanços medicinais para a população, nota-se que a exemplo de países desenvolvidos cresce gradativamente o número de pessoas que atingem a marca dos cem anos e que a maior concentração etária está compreendida entre 10 e 34 anos, o que demonstra longevidade para as atividades voltadas para esse setor. Outro ponto a ser analisado é a porcentagem feminina de idosas, que supera a masculina. Os motivos não são aqui revelados, mas se tomarmos como base pesquisas anteriores, os motivos que levam a essa situação são: os acidentes no trânsito, violência urbana envolvendo homens quando jovens e o acompanhamento médico que as mulheres realizam com maior frequência, se comparadas aos homens ao longo de toda vida.

Além de viver mais, os idosos brasileiros também obtiveram melhoria de renda nos últimos dez anos. Mais de 80% das pessoas acima de 60 anos ganham ao menos um salário e a grande maioria recebe aposentadoria e pensões, segundo o IBGE, ou seja, com essa parcela da

sociedade saudável, com dinheiro, tempo livre para fazer diversas programações e se tornando cada vez mais independente, despertou o interesse do *trade* turístico, recebendo a partir de então mais atenção e com isso novos investimentos.

O crescimento desse grupo significa que milhões de consumidores estão à disposição do mercado. Com intenção de atendê-los o projeto *Viaja Mais* foi criado pelo Ministério do Turismo proporcionando facilidades, tais como:

- Redução de preço em passagens
- Desconto em estadia durante a baixa temporada
- Facilidades exclusivas de pagamento

As facilidades não são impostas ao *trade*, mas empreendimentos privados são incentivados a aderir, e esse esforço do Mtur (Ministério do Turismo) tem dado resultados, operadoras como *CVC* e *Trip* são exemplos do envolvimento das empresas no projeto. Também para a rede hoteleira essas facilidades são benéficas, pois ajudam a movimentar a atividade fora da alta temporada e para esse público essas vantagens representam mais viagens durante o ano, basta observar dados mundiais sobre o segmento para constatar que ele é bastante lucrativo.

[...] nos Estados Unidos, esse público responde por 80% do total das viagens domésticas no país. Na Europa, de cada seis turistas, um já passou dos 60 anos. No Brasil, a participação é bem menor, mas não deixa de ser um volume considerável, cerca de 20%, o que significa 9 milhões de idosos viajando todo ano.

Renovando Sempre. Disponível em:

<<http://www.brasilviagem.com/materia/?CodMateria=55>> Acesso em: 10 de jul. 2011.

Para atender bem esse ou qualquer outro tipo de público é necessário respeitar suas características particulares, então no capítulo a seguir será mostrado como o marketing se aplica e beneficia as relações existentes no mercado entre prestadores de serviços e consumidores.

4 MARKETING COM FOCO NO CLIENTE

O marketing é dinâmico devido às constantes mudanças, tem por essência identificar continuamente as necessidades, prever situações, para trabalhar em prol do cliente e atender suas expectativas, detectar tendências e corresponder aos desafios do mercado.

No marketing pode-se lançar mão de conhecimentos para atender às duas latentes necessidades mercadológicas, que são:

- Necessidades primárias – Constituídas pelas necessidades que precisamos atender para sobrevivência, como vestimenta e alimentos.
- Desejos – Transcendem os itens básicos mínimos para sobrevivência, como comprar um instrumento musical ou um pacote turístico.

“Um conceito que pauta essas necessidades é de Kotler (2006, p. 4): Marketing é um processo social e gerencial pelo qual indivíduos e grupos obtêm o que necessitam e desejam através da criação, oferta e troca de produtos de valor com outros”. Baseada nessa citação já se identifica a relação de troca e também a de valor para que se tenha acesso ao produto e ao serviço.

Para definir o público-alvo é preciso estudar alguns fatores, começando pelo macroambiente, para se ter uma noção geral do cenário; dentro dele é interessante identificar onde o produto ou serviço se enquadra. O interessante é desenvolver algo que se encontre em uma megatendência, que provém de mudanças sociais, econômicas e tecnológicas que influenciam o mercado por pelo menos de sete a dez anos, ao contrário de uma tendência ou modismo que possui ciclo menor. Geralmente valores investidos nesse tipo de negócio são altos e requerem pesquisas confiáveis. No ambiente demográfico o objeto de estudo principal é a população, pois essa é à força de maior movimentação do mercado.

Afinal, os mercados são compostos de pessoas. Entre os aspectos de extremo interesse para os profissionais de marketing estão o tamanho e a taxa de crescimento da população de diferentes cidades, regiões e países; a distribuição das faixas etárias e sua composição étnica; os graus de instrução; os padrões familiares, e as características das diferentes regiões, bem como as movimentações entre elas. (KOTLER, 2006, p. 78)

Com base nos dados apresentados nos capítulos anteriores, ou seja, o crescente populacional de idosos no Brasil e a expansão do turismo de modo geral, quando cruzados se enquadram em uma atividade de megatendência, tornando o desenvolvimento da atividade viável. Pesquisas do governo comprovam essa constatação, pois na tentativa de diminuir a sazonalidade no turismo brasileiro, houve o lançamento do *Viaja Mais Melhor Idade*. O projeto trabalhou com a meta de vender cerca de sete mil pacotes, mas o resultado alcançou o número de nove mil negócios fechados. Na mesma pesquisa realizada pela Quorum foi revelado que “[...] a terceira idade ainda tem muitos desejos a realizar e conhecer o Brasil é o mais relevante deles, com 58%”, enquanto o segundo maior interesse atingiu 33% entre os entrevistados.

No que tange a interesse por viagens, em suma os destinos que envolvam a busca de benefícios para a saúde, procura de fontes de energia e vitalidade, integração com o meio ambiente, além da busca de novas culturas e que supram as necessidades religiosas são os mais procurados. O turismo religioso é bem explorado em todo país por meio de eventos, construções arquitetônicas e historicamente, por ter ligação no desenvolvimento da maioria das cidades brasileiras.

A população brasileira, como mostram os dados disponibilizados pelo IBGE, é composta majoritariamente por católicos, podendo ser conferido na tabela a seguir.

Tabela 1

Distribuição percentual da população residente, por religião – Brasil – 1991/2000

Religiões	1991 (%)	2000 (%)
Católica Apostólica Romana	83,0	73,6
Evangélicas	9,0	15,4
Espíritas	1,1	1,3
Umbanda e Candomblé	0,4	0,3
Outras religiosidades	1,4	1,8
Sem religião	4,7	7,4

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991/2000.

Como mostra a tabela, nesses nove anos aconteceu uma queda no número de católicos, mas se comparados com os evangélicos e as demais religiões ou até mesmo se todas as outras porcentagens de religiões forem somadas, ainda assim há uma larga distancia entre a quantidade de fiéis católicos e os não católicos.

No cenário nacional, destinos turísticos religiosos são destaque, e a Basílica de Nossa Senhora Aparecida sempre foi vista como referência. Localizada ao norte do estado de São Paulo, na região do Vale do Paraíba, somente este ponto turístico recebe anualmente 10 milhões de visitantes, mas um projeto do Ministério do Turismo pretende mudar o perfil do turista e

umentar os dias de permanência na região. “Com a criação do circuito, nossa intenção foi transformar esse visitante em turista, ampliando o período de permanência na região”, explica João Gilberto de Oliveira, gestor da Associação dos Guias do Circuito Turístico Religioso (AGCTUR). A estimativa é de que cerca de 2 milhões de romeiros visitem também Guaratinguetá, Lorena e Cachoeira Paulista.

Com a integração das cidades envolvidas no projeto, o turista visitará grande parte do Vale do Paraíba fazendo o circuito religioso. Como principais benefícios para as cidades, os turistas irão movimentar a economia da região e contribuir na descentralização das visitas de um determinado ponto turístico. E como benefício particular, eles conhecerão entre outras atrações a Basílica da padroeira do Brasil (Basílica de Nossa Senhora Aparecida), a Igreja de Frei Galvão, Santuário da Nossa Senhora da Cabeça, além da comunidade católica Canção Nova.

Na sede da comunidade católica Canção Nova (CN), localizada em Cachoeira Paulista, são realizados eventos religiosos de grande porte, mensalmente são promovidos encontros como kairós, aprofundamento e acompanhamento. O público de maior visitação é composto por pessoas da terceira idade, salvo o período de férias, em que a faixa etária é menor.

Nesta cidade, com um atrativo de grande interesse, se encontra o público que viaja com maior frequência no Brasil, mas para que eles permaneçam por um período maior é necessário oferecer hospedagem com qualidade. Então, detectado esse filão no mercado, com o público-alvo definido e o posicionamento da empresa bem claro, adequações em estruturas e serviços devem ser feitas para se obter vantagem competitiva, pois é notório que na cidade de Cachoeira Paulista existem estabelecimentos carentes de infraestrutura básica para atender esse público, tornando-os inadequados para recepção dos turistas.

Estabelecimentos hoteleiros podem se beneficiar muito com o segmento sênior no Brasil, de fato o investimento na qualidade é fundamental, visto que serão pequenos detalhes que farão a diferença. Atividades de entretenimento no espaço do hotel sempre são bem-vindas, já que esse público gosta de atividades em grupo. No próximo capítulo será apresentado um exemplo desse tipo de acomodação.

5 ADEQUAÇÕES PARA MOBILIDADE NA POUSADA DIVINA MISERICÓRDIA

A Comunidade Canção Nova, ao longo de sua existência, foi atraindo cada vez mais fieis para participar de seus encontros, com isso a necessidade de hospedagem na cidade de Cachoeira Paulista ficou cada vez mais latente. Os moradores por sua vez começaram a acolher esses peregrinos em suas casas, pois na cidade não existia nenhum meio de hospedagem. No início as casas foram sendo transformadas em pousadas, ainda com ar de informalidade, mas nos últimos oito anos, com a criação do GAP (Grupo de Apoio às Pousadas), e posteriormente da Associação dos Proprietários de Meios de Hospedagem de Cachoeira Paulista, a atividade tem recebido incentivos para se desenvolver de forma profissional e com qualidade.

A Pousada Divina Misericórdia é um empreendimento familiar que teve início em julho de 2009. Assim como os demais empreendimentos hoteleiros da cidade, a estrutura física inicial da pousada surgiu de adequações realizadas em uma casa já existente próxima da comunidade. Nesses dois anos em atividade a estrutura já foi reformada outras vezes e passou por uma ampliação. Segundo o proprietário da Pousada da Divina Misericórdia, Sr. Antônio Jorge Guedes, “Nessas mudanças sempre foram levadas em consideração facilidades de locomoção necessárias para o público-alvo, que são caravanas compostas em sua maioria por idosos”.

Atualmente não existem normas arquitetônicas específicas para idosos, ao contrário do que acontece para pessoas com deficiências, então neste empreendimento as normativas para

pessoas deficientes serviram como base para as adequações necessárias. Com as transformações que a pousada sofreu, ela se enquadrou também na Lei Geral do Turismo n.º 11.771/08, de 17 de setembro de 2008, de que todos os meios de hospedagem devem oferecer 3% (três por cento) das unidades habitacionais (UHs) para pessoas com deficiências ou mobilidade reduzida. Entendem-se pessoas com mobilidade reduzida como:

*[...] aquela pessoa que, não se enquadrando no conceito de pessoa com deficiência, tenha, por qualquer motivo, dificuldade de movimentar-se permanente ou temporariamente, gerando redução efetiva da mobilidade, flexibilidade, coordenação motora e percepção: os idosos, a gestante, a criança de colo, os que têm excesso de peso etc.”. **Acessibilidade no Setor Hoteleiro.** Disponível em: < http://www.abih-sc.com.br/detalhe.php?cd_article=884&cd_secao=121&menu=INFORMA%C7%D5E%20GERAIS> Acesso em: 30 de jul. 2011).*

As adequações feitas, às vezes, não necessitaram de grandes investimentos, mas de atenção dedicada aos clientes. Abaixo está a relação das principais alterações na estrutura física e da disposição dos objetos da pousada:

- Rampa de acesso: Foi construída uma rampa de acesso na entrada das instalações;
- Porta dupla: A entrada de hóspedes é realizada pela porta dupla, larga o suficiente até para um cadeirante;
- Decoração simplificada: Em toda a pousada não existem obstáculos no chão como tapetes ou qualquer outro tipo de revestimento, o hall de entrada é amplo e não contém objetos decorativos dispostos de forma aleatória, proporcionando fácil deslocamento aos hóspedes;
- Área de circulação: A área de circulação na maioria dos quartos atende aos hóspedes idosos;
- Barras e apoios: Nos banheiros foram instaladas barras de apoio ao lado do vaso sanitário e dentro do box, auxiliando na segurança desse ambiente geralmente úmido;
- Piso áspero: No box o piso é antiderrapante;
- Distâncias respeitadas: A distância entre os objetos como vaso sanitário e nicho de papel higiênico foram respeitadas; e
- Armários adequados: Os armários nos apartamentos possuem altura mediana adequada para esse público, evitando com que eles façam esforço.

Com as alterações realizadas o empreendimento passa a ter um diferencial diante da concorrência e, se souber potencializar o uso desse atributo na divulgação do produto, pode conquistar mais mercado e possivelmente torna-se referência no *trade* da região, devido às suas instalações. Por consequência os serviços prestados também seguem padrões de qualidade para bem receber esses turistas.

No mercado, para atender cada vez melhor seu cliente, é necessário que se esteja atualizado, acompanhando tendências e adquirindo ferramentas viáveis para auxiliar nessa missão e principalmente ouvindo e realizando seus desejos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O segmento sênior está em franco crescimento, mas atualmente sofre com as carências do mercado, pois são poucas as empresas no geral que voltaram suas atenções para esse

segmento. Então, as organizações que começarem a investir desde já nesse público de imediato terão disponíveis muitos consumidores, visto que existe um grande mercado e poucos concorrentes. Futuramente, poderão se tornar referência na área eleita e ter aumento no número de clientes, já que a população idosa está crescendo cada vez mais no Brasil.

No turismo investimentos já estão sendo realizados para atender esse público; a diversificação de eventos está sendo uma boa opção, pois os idosos têm demonstrado interesses nos mais diversos tipos de programação, e atividades que envolvem relacionamento com o meio ambiente, ainda que seja de modo tímido, também já estão sendo realizadas. A hotelaria representada por *resorts*, principalmente da região Nordeste, já proporciona atividades recreativas em grupos específicos para esses hóspedes, e até mesmo pacotes de finais de semana temáticos.

Como essa parcela da população é tendenciosa ao turismo cultural, para atendê-la bem é necessário que se avaliem medidas de acessibilidade e mobilidade em monumentos históricos, para que essa visitação possa acontecer de forma tranquila e segura. Como foi mostrado ao longo do trabalho, meios de hospedagem devem oferecer conforto, segurança e atendimento com qualidade, e o respeito com as pessoas com mobilidade reduzida podem ser percebidos desde a estrutura física do estabelecimento até os serviços prestados. Estendendo esse ato ao âmbito público, condições de circulação em via pública seriam um bom exemplo do que ainda pode ser melhorado no Brasil.

Então, pode-se concluir que o segmento sênior no Brasil ainda vai se expandir consideravelmente, e por isso muitas melhorias devem ser feitas para que a qualidade seja alcançada e este mercado se torne sólido, pois esse grupo de pessoas requer cuidados especiais.

REFERÊNCIAS

CASTELLI, Geraldo. **Turismo: atividade marcante**. 4.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

GUEDES, Antônio Jorge. **Proprietário da Pousada Divina Misericórdia**. Entrevista concedida a Jordana Cassia Guedes, Cachoeira Paulista, 01 jul. 2011.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing**. 12.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

SITES:

Acessibilidade no Setor Hoteleiro. Disponível em: <http://www.abih-sc.com.br/detalhe.php?cd_article=884&cd_secao=121&menu=INFORMA%C7%D5ES%20GERAIS> Acesso em: 30 de jul. 2011.

A vez da terceira idade. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/noticias/terceira_idade.html> Acesso em: 2 de jul. de 2011.

Distribuição percentual da população residente, por religião – Brasil – 1991/2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/censo2000_amostra/gerais.html> Acesso em: 27 de jul. de 2011.

Classe C aquece turismo e ajuda a impulsionar alta do PIB. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2011/06/classe-c-aquece-turismo-e-ajuda-impulsionar-alta-do-pib.html>> Acesso em: 29 jun. 2011.

Consumo na terceira idade com tudo em cima. Disponível em: <<http://www.mundodomarketing.com.br/10,3768,consumo-na-terceira-idade-com-tudo-em-cima.htm>> Acesso em: 25 jul. 2011

Cresce número de desembarques domésticos. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20110628.html> Acesso em: 28 jun. 2011.

Gasto de turistas estrangeiros no Brasil cresce 17,3 % Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/geral_interna/noticias/detalhe/20110526.html> Acesso em: 29 jun. 2011.

Ministério do Turismo vai escolher destinos-modelos Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/economia-e-financas/ministerio-do-turismo-vai-escolher-destinos-modelo/46367/>> Acesso em: 17 jul. 2011.

Projeto PLANTAR entra em sua segunda fase Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/sesqv/exibeconteudo?article-id=877092>> Acesso em: 19 jul. 2011.

Renovando Sempre. Disponível em: <<http://www.brasilviagem.com/materia/?CodMateria=55>> Acesso em: 10 de jul. 2011.

TRAGÉDIA DE ELÓA: A AUTORREGULAÇÃO ÉTICA DO JORNALISMO NACIONAL

Resumo

O mais longo cárcere privado da história policial do estado de São Paulo contou com a atuação desastrosa de alguns meios de comunicação nacionais. A sucessão de erros éticos cometidos durante a grande cobertura do “Caso Eloá” colocam em discussão acadêmica ideais fortemente ligados aos veículos midiáticos. A partir de um estudo de caso será elaborado um artigo científico envolvendo o sensacionalismo dentro do jornalismo, com a finalidade de agregar e reforçar conceitos que evidenciem as reais características da notícia e a necessidade de se colocar em prática conceitos aprendidos academicamente. A influência direta ou indireta da atividade jornalística dentro do âmbito social auxiliará na criação bem embasada de respostas e posições que delimitam e denotam o papel da mídia enquanto transmissora de informações, uma construção que se mantém entre a linha tênue entre o parcial e o imparcial.

Palavras-chave: sensacionalismo; ética; notícia; Caso Eloá; valor-notícia; jornalismo.

Abstract

The longest false imprisonment of police history of the state of São Paulo had the disastrous actions of some national media . The succession of ethical mistakes made during the Great coverage " If Eloá " put on academic discussion , ideals strongly linked to media vehicles . From a case study will produce a book - entry involving sensationalism in journalism , in order to aggregate and reinforce concepts that demonstrate the real news of the characteristics and the need to put into practice concepts learned academically. The direct or indirect influence of journalistic activity within the social framework will assist in well based creation of answers and positions that define and denote the media's role as transmitting information , a building that remain between the fine line between partial and impartial.

Keywords: sensationalism ; ethics; news ; If Eloá ; news value ; journalism.

INTRODUÇÃO

O jornalismo é utilizado por vezes pela imprensa cotidiana de modo irresponsável. Os temas são tratados e trabalhados por uma perspectiva unilateral, beirando a imparcialidade, por ora descabida aos veículos, o que os torna rótulos midiáticos dos produtos sensacionalistas produzidos e oferecidos pelos mesmos à massa.

Pedroso (2001) define o gênero sensacionalista dentro do jornalismo como “modo de produção discursivo da informação de atualidade, processado por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação ou reprodução do real social”, estabelecendo ainda regras que definem esta prática e o modo de produção deste tipo de discurso de informação no jornalismo diário.

Para Angrimani (1994) o termo “sensacionalista” é pejorativo e convoca a uma visão negativa do meio que o tenha adotado. Segundo o autor, um noticiário sensacionalista tem credibilidade discutível.

Estes produtos direcionados ao telespectador brasileiro por meio de ramificações de atividades do jornalismo (impresso, digital e audiovisual), abordam em sua maioria temas polêmicos como homicídios, latrocínios e corrupções políticas. Mas o que faz desta prática uma atividade irresponsável não é o tema trabalhado, e sim o modo como é organizado e apresentado ao público. As notícias seguem o imediatismo imposto circunstancialmente pelas práticas geradas no meio, o que as tornam superficiais, por vezes imparciais e guiadas por um viés

dedutivo, isto é, desprovido da verdade e orientadas por verossimilhança. Todas estas situações remetem aos meios de comunicação, que adotam este tipo de prática, a um afastamento dos conceitos empregados as mídias “sérias”.

O “valor-notícia” dos fatos, o que determina a publicação da informação, pode variar segundo Sodré (2009), de acordo com o lugar decorrente do fato, do nível de reconhecimento social das pessoas envolvidas, das circunstâncias da ocorrência, da sua importância pública e da categoria editorial do meio de comunicação. Partindo da afirmação de Ted Turner, o fundador do primeiro canal de notícias, a CNN (Cable Network News), de que na era da globalização deslocou-se o tempo do passado “aconteceu” para algo que “está acontecendo”, pode se dizer que a tecnologia agregada aos meios comunicacionais proporcionou ao jornalismo uma aproximação temporal entre mensagem, canal e receptor. Utilizando como exemplo a ferramenta virtual, internet, é facilmente possível visualizar o contato imediatista do público com os acontecimentos tanto nacionais quanto internacionais.

Por se tratar de uma prática que interfere diretamente na vida tanto do telespectador quanto do grupo de pessoas envolvidas no conteúdo midiático, o jornalismo ganha a responsabilidade de se manter imparcial e verídico. A realidade do jornalismo brasileiro faz ideais como estes ficarem amortecidos dentro das listas de prioridades estabelecidas pelos grandes veículos.

Noticiários nacionais trouxeram durante meses a tona casos como o escândalo da Escola Base no ano de 1994, o assassinato da pequena Isabela Nardoni no ano de 2008, e recentemente, em 2014, o escândalo envolvendo as opiniões e ideias disseminadas pela jornalista da emissora de televisão SBT, Raquel Sherazad. Todos estes casos foram trabalhados de modo massificado, causando impacto social e reações coletivas diversificadas, mas foi à tragédia de Eloá, ocorrida em 2008, que colocou a imprensa nacional no banco dos réus no julgamento do caso em 2012.

O mais longo cárcere privado da história policial do estado de São Paulo, contou com a atuação desastrosa de alguns meios de comunicação nacionais. Um deles foi o programa “A Tarde é sua”, apresentado por Sonia Abrão, que em sua cobertura do caso chegou a entrevistar o jovem Lindemberg, que mantinha a ex-namorada Eloá e uma amiga dela, Nayara Rodrigues, em cativeiro, para tentar negociar sua rendição.

O ato foi questionado pela imprensa nacional, e agregado a várias outras abordagens de outros veículos midiáticos. Mas a advogada de defesa de Lindemberg foi quem utilizou o fato para associar o nervosismo do jovem ao trágico desfecho do caso, que culminou na morte de Eloá e nos ferimentos de Nayara.

Em editorial para o site Observatório da Imprensa, o jornalista Alberto Dines sublinhou que a imprensa deve ter acesso a qualquer evento público, mas a cobertura jornalística não pode interferir no desenrolar de um acontecimento. “A liberdade de informar tem condicionamentos de ordem moral e social que não devem ser violados para que não se justifiquem as limitações ao acesso de informações. Não se trata de uma questão teórica, é concreta, faz parte do dia-a-dia de qualquer Redação”. Para Dines (2012), esta ligação criada pela advogada de que a superexposição do criminoso pode ter exacerbado a sua paranoia e ajudado a criar um “clima” que levou ao trágico desfecho, pode ser pertinente.

A partir destes casos, será desenvolvido um artigo científico envolvendo a irresponsabilidade do jornalismo, com a finalidade de agregar e reforçar conceitos que evidenciem as reais características da notícia. O formato é propício para a reunião de fatos e entrevistas para melhor análise das ações do jornalismo diário na cobertura de grandes casos.

De acordo com a consciência da importância da comunicação para o desenvolvimento e seguimento social, levando em conta a importância dos meios de comunicação na vida da população brasileira é necessário que se estabeleça o valor da mídia em sociedade para se enraizar uma conscientização coletiva dentro e fora dos meios de comunicação social, para que

se crie um parâmetro capaz de definir até onde o jornalismo pode e deve chegar em seu exercício pleno.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. 1.1. A Prática Discursiva do Acontecimento

Ao longo do período de construção histórica dos pilares que constituem a informação dentro da ciência humana do jornalismo, criaram-se critérios lógicos que prezam pelo interesse do receptor e também do emissor na assimilação e elaboração textual de conteúdo. Ainda que os teóricos digam como ela deve ser, mas não como ela realmente é, de acordo com Erbolato (1991), baseado na frase de autoria própria (“se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas, se um homem morde um cachorro, é notícia”) o ex-editor do *The New York Sun*, inscreveu segundo Sodré (2009) uma fórmula adequada   prática profissional dos jornalistas que   orientada pelo valor de excepcionalidade, raridade ou ruptura do padrão rotineiro de expectativas quanto aos fatos sociais.

A partir da instaura o de tais fórmulas na tradi o das reda o dos maiores jornais internacionais, foi agregada a primeira grande expressão presente ordenadamente dentro dos meios físicos comunicacionais, a qualifica o de um conteúdo enquanto o “valor-notícia”. Este valor sustenta-se por meio de exigências prioritárias que obrigatoriamente devem existir dentro de uma sugestiva notícia. São estes requisitos: atualidade, proximidade, impacto e interesse público. Segundo Sodré (2009), dentro destes supostos critérios lógicos, outras terminologias são possíveis, como relevância e intensidade, por exemplo. Outros valores que foram identificados na obra de Sodré (2009) foram: “(...) frequência, amplitude, clareza ou falta de ambiguidade, relevância, consonância/conformidade, imprevisibilidade (raridade), continuidade, composi o, referência a na o de elite, referência a pessoas de elite, referência a pessoas (personifica o) e referência a algo negativo”.

Estes requisitos que agregam “valor-notícia” aos fatos, mesmo que basicamente utilizados ao longo dos séculos nas reda o dos jornais internacionais, podem variar, segundo Sodré (2009), de acordo com o lugar decorrente do fato, do nível de reconhecimento social das pessoas envolvidas, das circunstâncias da ocorrência, da sua importância pública e da categoria editorial do meio de comunica o. As terminologias sofrem secundariamente altera o, devido   imprecisão conceitual da denota o de notícia no mundo do jornalismo. Esta falta de objetividade  , para Sodré (2009), causada pela dificuldade inerente a critérios internos da prática profissional.

A falta de defini o guia as opera o jornalísticas baseadas no instinto comunicacional. Grandes jornais, como o *The New York Times*, desvelaram conceitos de como se fazer notícia em uma tentativa pragmática de questionamento ao que ela realmente  . Porém, Beltrão (2006)   quem a define com base nos ideais de arb rio profissional:

(...) Notícia   a narra o dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo da atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem. (BELTRÃO, 2006, p.82).

Com as tecnologias utilizadas em favor dos meios de comunica o, as informa o com imediatismo constitutivo e circula o instantânea vincularam ao meio uma evidente necessidade de praticidade na elabora o e sele o por parte dos tradicionais produtores de texto jornalístico, e uma percep o aguçada do que pode ser considerado ou não notícia.

Partindo do pressuposto de Sodré (2009), de que a notícia “é o relato de algo que foi ou será inscrito na trama das relações cotidianas de um real-histórico determinado”, e da afirmação de Ted Turner, o fundador do primeiro canal de notícias, a CNN (Cable Network News), de que “na era da globalização deslocou-se o tempo do passado “aconteceu” para algo que “está acontecendo”, pode se dizer que a tecnologia agregada aos meios comunicacionais proporcionaram ao jornalismo uma aproximação temporal entre mensagem, canal e receptor.

Utilizando como exemplo a ferramenta virtual internet, é facilmente possível visualizar o contato imediatista do público com os acontecimentos tanto nacionais quanto internacionais. Mas estes agentes facilitadores da propagação generalizada de conteúdo não se restringem tão pouco à imprensa escrita, mas também a imprensa televisiva. Para Ford (1999), o desenvolvimento tecnológico tem permitido não apenas que se registre um acontecimento em todos os seus aspectos, tanto auditivos como visuais, cinésicos e proxêmicos, ainda que a partir de distâncias físicas consideráveis (microfones direcionais, zooms, infravermelhos etc.), mas também que este seja transmitido simultaneamente a qualquer parte do globo em tempo real.

1.2. O Surgimento do Repórter e da Reportagem

No período de circulação dos primeiros jornais, a partir do ano de 1609, os primeiros jornalistas, segundo Lage (2011), “se incumbiam de difundir as ideias burguesas da época, décadas mais tarde, os aristocratas utilizavam deste meio para divulgar casamentos, viagens de príncipes e festas da corte”. Nesse período criou-se dentro do jornalismo a imagem do publicismo. A informação imparcial estava longe de existir enquanto conceito, e não se esperava dos jornais nada além de orientações e interpretações parciais.

Depois do período publicista, os conceitos que guiavam o jornalismo antigo passaram por reformas. Lage (2011) identificou o século XIX europeu como o período dessas mudanças. O jornalismo dessa época é considerado de um lado educador, de outro sensacionalista. Reformado no período da Revolução Industrial, a vertente educativa é explicada de acordo com a ampliação do contingente populacional à sociedade industrial.

Para Lage (2011) “essa mudança no panorama social implicava em mudanças radicais de comportamentos e das compreensões das relações humanas”. Os trabalhadores do campo tornaram-se os das fábricas e indústrias. A servidão havia sido diluída pelo regime de salários, e a vizinhança conhecida e estável tornou-se uma multidão de estranhos que compartilhavam ideias parecidas e ao mesmo tempo divergentes. Segundo Lage (2011) “o jornal ensinava às pessoas o que ver, o que ler, como se vestir, como se portar – e mais: exibia, como numa vitrina, os bons e, para escândalo geral, os maus hábitos dos ricos e dos poderosos”.

A partir dessas transições do jornalismo nasceu a reportagem e a profissão de repórter. O jornalismo deixa seu lado educador-sensacionalista para tornar-se jornalismo-testemunho. De acordo com Lage (2011) a informação deixou de ser apenas ou principalmente fator de acréscimo cultural ou recreação para tornar-se essencial à vida das pessoas.

A partir destas atribuições o repórter é definido por Lage (2011) como “a pessoa que está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, a fim de selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante”.

1.2. Construção da Mensagem Informativa no Jornalismo

A partir do desenvolvimento dos jornais e do repórter foi construída historicamente uma estrutura de componentes complexos que interferem diretamente na realidade de análise e constatação do jornalismo. Medina (1978) categoriza, nas fases de decodificação do material

jornalístico (pauta, angulação, captação, narrativa e edição), composições das mais variadas.

No processo de “fabricação da consciência do jornalista”, Medina (1978), identifica três tendências: nível pessoal, nível grupal e nível social, e as problemáticas na utilização delas: apreensão do real, captação de dados e o processo de finalização do fato, isto é, do “acontecimento transformado em notícia”. Para Coração (2012), é certo que tal técnica – atrelada a prática jornalística – sustenta-se em um conjunto narrativo. Medina (1978) situa o texto em um paradigma muito próximo da criação literária, ao verificar os aspectos de um “ritmo narrativo”, à medida que são realizados os registros dos acontecimentos.

Para Coração (2012) a objetividade do conteúdo jornalístico é banalizada muitas vezes, equivocadamente, devido à busca do jornalismo pela “realidade mais pulsante”, mais concreta que parece evidenciar vestígios de uma observação mais individualizada, atrelada aos ditames do nível pessoal.

“É evidente que a notícia como uma entidade decorrente de um comportamento jornalístico objetivo, define constantemente, a narrativa dos acontecimentos. Em sua “formulação estilística”, o jornalismo apreende não só códigos da autoconsciência subjetiva do jornalista (exercendo traços íntimos com o universo da profissão e da sociedade), mas também abarca elementos de uma “argumentação demonstrativo” (informativa, opinativa, “ficcional”) que faz da narração dos acontecimentos verificáveis do cotidiano diário, elo de ação de um “narrador extremamente centralizada na sua lógica diante da vida.” (CORACÃO, 2012, p. 55)

O jornalista é considerado um narrador comunicacional que utiliza da identificação do real, como instrumento decisivo para uma “dramatização” do universo temático. Traquina (2005), na tentativa de justificar as construções noticiosas dos acontecimentos, evidenciou teorias a cerca do jornalismo.

A primeira teoria seria a do espelho, na qual o jornalismo funciona como um simulador da realidade social, um termômetro observacional, que faz do próprio campo jornalístico (as regras, as técnicas) seu motor de análise. A segunda é a teoria organizacional, na qual defende a ideia de que as relações íntimas entre o exercer jornalístico e a ordem empresarial são os motores de entendimento deste enfoque teórico. A teoria de ação política se define quando ocorre uma “fabricação” noticiosa, condicionada a fatores de leituras de mundo e da “realidade” vivida. Outra teoria é a construcionista, na qual a atividade jornalística é um “contar de estórias”. A teoria estruturalista pretende investigar as diversas “camadas” do fator noticioso: seus condicionantes textuais, linguísticos e sociais, decifrar os “fabricantes primários” do acontecimento. E por último, a teoria interacionista, que investiga a relação do jornalista com os processos de fragmentação de seu trabalho rotineiro e de sua ação profissional.

1.3. Reportagem

A notícia é a narração de um fato ocorrido recentemente de modo sucinto e objetivo, de forma complementar. A reportagem é a exploração de um conteúdo em todas as suas faces. Para Pessa (2009) “a reportagem aborda as origens, implicações e desdobramentos do fato, bem como apresenta os personagens envolvidos nele, humanizando-os”. Sodré (1986) a denota como “uma extensão da notícia e, por excelência, a forma-narrativa do veículo impresso”.

O principal diferencial entre estes conceitos comuns ao jornalismo é a interpretação dos fatos. Enquanto um se abstém de um olhar particular a cerca dos fatos, o outro procura avaliá-los em sua totalidade. O fato por si só deixa de ser o foco único e individual para os acontecimentos anteriores, posteriores e motivacionais, se passarem a ser trabalhados de forma narrativa, buscando segundo Lima (2004), “preencher os vazios informativos deixados pela notícia de modo multiangular”.

O autor das reportagens é um jornalista e o leitor deste tipo de conteúdo, cidadão. O escritor enquanto jornalista deve preocupar-se em oferecer conteúdos de interesse do público e que tenham relevância social. Diante destes requisitos a escrita de um texto do gênero reportagem perde a superficialidade e passa a ter a necessidade de satisfazer as exigências do leitor. A exposição dos fatos por si só não basta, fontes e a avaliação de terceiros (especialistas, autoridades, dados, índices, documentos) integram o texto, de modo que se crie uma “fotografia do mundo”.

2. O SENSACIONALISMO E A COMUNICAÇÃO

O sensacionalismo é um conceito frequentemente empregado pelos telespectadores, leitores ou críticos para qualificar os meios de comunicação escritos ou orais, que cometem deslizes e exageros de forma intencional, mais precisamente para atrair maior destaque, comoção ou apreensão para a informação dada.

Pedroso (1983) define as regras do sensacionalismo e esse gênero como um “modo de produção discursivo da informação de atualidade, processado por critérios de intensificação e exagero gráfico, temático, lingüístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação ou reprodução de real social”.

Pedroso (1983) define o sensacionalismo dentro de práticas jornalísticas não somente na linguagem, mas também nos temas tratados. “A falta de contextualização de temas com a política, economia, sociedade, cultura, ou qualquer outro assunto de interesse popular e a ligação dos mesmos a discursos trágicos, eróticos, violentos, ridículos ou fantásticos são demonstrações da presença deste tipo de prática.”

Para Marcondes Filho (1989), “a imprensa sensacionalista, como a televisão, o papo no bar, o jogo de futebol, serve mais para desviar o público de sua realidade imediata do que para voltar-se a ela, mesmo que fosse para fazê-lo adaptar-se a ela”. Segundo o escritor, este tipo de prática não se presta a informar, muito menos a formar, e sim, fundamentalmente satisfazer as necessidades instintivas do público, valendo-se de formas sádica, caluniadora e ridicularizadora das pessoas.

As várias definições de sensacionalismo existentes, para Angrimani (1994), se convergem tornando o termo suscetível a seguinte definição:

Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso. Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato. Em casos mais específicos, inexistente a relação com qualquer fato e a “notícia” é elaborada como mero exercício ficcional. O termo “sensacionalista” é pejorativo e convoca a uma visão negativa do meio que tenha adotado. Um noticiário sensacionalista tem credibilidade discutível. (ANGRIMANI, 1994, p. 16)

A linguagem editorial sensacionalista é, de acordo com Angrimani (1994), a do clichê. Por não admitir distanciamento, neutralidade e por buscar o envolvimento, a intenção deste tipo de narrativa é a de fazer o público se chocar. Fazer com que as pessoas se entreguem às emoções e vivam com os personagens. Com uma linguagem editorial marcante, o sensacionalismo não admite moderação.

3. O CASO ELOÁ

Um dos cárceres privados de maior duração da história da televisão brasileira, o Caso Eloá tornou-se nacionalmente conhecido durante a intensa cobertura realizada pela mídia. Após um conturbado relacionamento de aproximadamente 3 anos com Eloá Pimentel, Lindemberg Alves, inconformado com o término definitivo do namoro, invadiu a casa da jovem, no Conjunto Habitacional do Jardim Santo André, na capital paulista, e a fez refém por mais de cem horas.

As equipes de reportagem de todas as emissoras locomoveram-se rapidamente até o local onde narravam minuciosamente cada movimento do seqüestrador, Lindemberg, das vítimas, Eloá, Nayara, Vitor e Iago, e do Capitão do GATE, Adriano Giovaninni. As negociações eram acompanhadas por milhares de brasileiros pelos noticiários nacionais, que com uma vasta informação e detalhes do caso, envolveram-se de tal modo, que se viam curiosos e aflitos a cerca do desfecho do cárcere.

Com a exploração de inúmeras vertentes do fato, jornalistas utilizaram-se da linguagem informacional para manter os telespectadores informados. A narrativa clichê do sensacionalismo moderno mostrou-se presente de modo massificado pelas emissoras. À medida que o caso se estendia o público era instigado. O noticiário exigia o envolvimento emocional do telespectador.

Durante os cinco dias de cárcere a imagem do sequestrador foi explorada pela mídia da forma mais espetacularizada possível. O jovem, ciente de sua aparição constante nos meios de comunicação, mostrava-se cada vez mais consciente de seus atos e dominador da situação. Liso telefonava para o GATE com autonomia e fazia ameaças e reivindicações que explicitavam o seu desequilíbrio emocional. Segundo consta na obra de Campos (2008), o rapaz mantinha-se o dia todo ligado a canais de televisão e se assistia durante as transmissões. O autor o denominava por diversas vezes como “o rei”, por sua personalidade mandona e inconsequente.

Na corrida pelo furo de reportagem, repórteres conhecidos de várias emissoras ignoraram regras éticas básicas da profissão de jornalista pela audiência. De acordo com Campos (2008), a equipe de produção da Rede Bandeirantes de Televisão, assim como a de outras emissoras, conseguiu no terceiro dia de seqüestro, os números dos telefones que eram usados por Lindemberg para realizar as negociações.

A apresentadora Sonia Abrão, como prometido em seu programa, realizou o contato com o sequestrador ainda durante o desenrolar do caso. Fugindo de seu verdadeiro ofício, Sonia tentou convencer Liso, utilizando de diálogos sentimentalistas, a se render. Luiz Guerra, o primeiro a conversar com o jovem, identificou-se falsamente como amigo da família para iniciar o diálogo. Desconfiado da ligação, Lindemberg questionou o repórter que logo desmentiu. Em um bate papo vago, Guerra, sem preparo e treinamento, estabeleceu uma negociação com o rapaz, que ao vivo foi prosseguida por Sonia Abrão.

Apesar da tentativa de mostrar-se a frente das outras emissoras por ter conversado com exclusividade com o sequestrador, Sonia não sabia que acabava de cometer um atentado a integridade da profissão, que historicamente é conhecida pela seriedade e imparcialidade.

4. METODOLOGIA

O artigo trará depoimentos de um psicólogo, psiquiatra, jurista, professores e jornalistas. O produto trabalhará a ótica e interpretação de jornalistas de conhecimento nacional, fazendo com que o leitor, a partir de várias opiniões e versões do fato, forme sua opinião. Pesquisas bibliográficas foram realizadas para a conceituação dos temas: sensacionalismo, valor-notícia, lead e ética.

Os personagens que estão presentes no artigo científico foram entrevistados

presencialmente ou via e-mail sobre os principais temas que nortearam o estudo do “Caso Eloá”. Foram estabelecidas questões coletivas que independentemente da profissão, posicionamento em sociedade e habilidades conceituais do entrevistado, foram aplicadas de forma generalizada.

Os jornalistas Cláudio Nicollini, Tony Bleid, Simone Menochi, João Carlos auxiliaram no desenvolvimento de questões ligadas a prática diária das grandes redações, citando a importância da apuração da informação dentro do jornalismo e da discussão do sensacionalismo dentro do meio acadêmico e das grandes redações.

O professor Robson Bastos e os coordenadores dos cursos de jornalismo da UNITAU, FATEA e FCN, respectivamente, Maurílio Prado, Jefferson Moura e João Rangel ajudaram na compreensão da importância do jornalismo acadêmico para o desenvolvimento de conceitos éticos dentro da profissão.

O psiquiatra Marco Antônio Vitti auxiliou juntamente com uma psicóloga, no estudo do receptor dentro do processo de comunicação do jornalismo e das pessoas ligadas publicamente as notícias. Responderam a questões como a influência dos conteúdos na vida do telespectador e como ele reage a tantas informações recebidas diariamente, seja pela televisão, internet ou rádio.

O jurista e o advogado contribuíram para discussões voltadas ao “Caso Eloá” e os procedimentos da imprensa durante a cobertura do caso. Os profissionais avaliaram os erros cometidos e as reflexões destes erros juridicamente, ou seja, se são passíveis de acusações e condenações por parte da justiça. Clóvis de Barros Filho, jornalista e advogado, explanou sobre conceitos éticos dentro dos principais meios de comunicação.

5. RESULTADOS

O sensacionalismo mesmo sendo um conceito reconhecido por todos os profissionais de comunicação como presente em alguns conteúdos midiáticos sofre divergência não quanto a sua conceituação, e sim quanto a sua aplicabilidade. O termo é ainda hoje visto como pejorativo, devido a sua banalização estabelecendo aversão ao público e aos jornalistas. Mas de fato no Brasil, durante esta convergência informacional entre a televisão, o rádio, o impresso e a internet, esta prática tem sido cada vez mais questionada junto à necessidade da interiorização de valores éticos em toda a extensão profissional, ou seja, da academia até as grandes redações.

Não há como reverter o sensacionalismo se não com conhecimento e popularização. O sensacionalismo hoje é visto como erro e não como um vício da profissão. Jornalista bom ainda é o curioso, o que busca um ângulo diferente, que quer intervir no fato, no trabalho da polícia, na privacidade do outro, quando na realidade o jornalista bom é o que tem capacidade de questionar eticamente ordens e imposições do meio. Durante entrevista, Sodré comentou que os valores-notícia atribuídos a certos tipos de conteúdo refletem a prática sensacionalista desde o início do processo comunicacional. Para Sodré os jornais acreditam firmemente que as pessoas têm necessidade de ver o extraordinário, quando na verdade elas têm necessidade de trabalhar, se alimentar, se reproduzir. A curiosidade alheia é condicionada a necessidade devido à falta de percepção das reais buscas da sociedade.

Em suma, o jornalista em formação e os das grandes redações não devem se questionar acerca dos erros na grande cobertura do “Caso Eloá”, e sim, quanto aos efeitos que estes erros geram socialmente. O erro deve ser o ponto de partida para a mudança. Mas a essência curiosa do jornalista deve prevalecer. Conhecer conceitos não deve limitá-lo a questionamentos. Muniz Sodré deixou o sensacionalismo para segundo plano quando declarou certa vez que ele deveria chegar até a liberdade e privacidade do outro. O sensacionalismo é um conceito que ultrapassa limites. A Ética é a discussão de limites, e é ela que deve ser posta em prática e discutida. O

jornalismo pode evoluir, mas para isso há necessidade que os profissionais sejam incentivados a reflexões sociais, capazes de fazê-los reconhecer que a mesma ética que rege uma nação, deve ser a que rege a comunicação.

Referências

ALVES, Cida. FREITAS, Carolina. HUBERMAN, Bruno. **Lindemberg Alves é condenado a 98 anos de prisão.** Disponível em <www.veja.abril.com.br/noticia/brasil/lindemberg-alves-e-condenado-a-98-anos-e-10-meses-de-prisao/> Acesso em 9 maio 2015.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue.** São Paulo: Sumus, 1994.

BELTRÃO, L. **Teoria e prática do jornalismo.** São Paulo: Omnia, 2006.

CAMPOS, Márcio. **A tragédia de Eloá: Uma sucessão de erros.** São Paulo: Landscape, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2006.

CORAÇÃO, Cláudio. **Repórter-cronista em confronto.** São Paulo: Annablume, 2012.

CUNHA, Gustavo Ximenes. **A construção da narrativa em reportagens.** Tese de Pós-Graduação. UFMG/MG – 2013.

DINES, Alberto. Editorial: **A imprensa no banco dos réus.** Disponível em <www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-imprensa-no-banco-dos-reus/> Acesso em 5 maio 2015.

ERBOLATO, M.L. **Técnicas de codificação em jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 1991.

FORD, A. **La marca de labestia – Información, desigualdades e infoentretenimento em la sociedade contemporânea.** [s.l.]: Norma, 1999.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** São Paulo, Ática, 2011.

MARCONDES FILHO, *Ciro.* **O Capital da Notícia.** São Paulo: Ática, 1989.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

PEDROSO, Rosa Nívea. **A Produção do Discurso de Informação num Jornal Sensacionalista**. Rio de Janeiro, UFRJ/ Escola de Comunicação, 1983.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo, Contexto, 2006.

QUEIROGA, Antônio. **O cidadão antes do consumidor**. Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da200520032.htm>> Acesso em 26 de agosto de 2015.

SAMPAIO, Tede. **Jornalismo e ética na cobertura de sequestros: deslizos éticos cometidos pela mídia na cobertura do caso Eloá**. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0717-1.pdf>> Acesso em 2 de agosto de 2015.

SOARES, Joarle Magalhães. **Como é que os acontecimentos se tornam notícia? Um estudo dos valores-notícia no Jornal Nacional**. Disponível em <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/JoarleMagalhaesSoares.pdf>> Acesso em 21 de agosto de 2015.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____.; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005, Volume I.

PLANEJAMENTO URBANO E PLANO DE MOBILIDADE URBANA: O QUADRO ATUAL NA REGIÃO METROPOLITANA DO VALE DO PARAÍBA E LITORAL NORTE

RESUMO

Os Planos de Mobilidade Urbana são uma obrigatoriedade estabelecida pela Lei Federal 12.587/12, como um compromisso dos municípios e possuem um prazo para sua efetivação. Este trabalho visa compreender o caráter técnico e conceitual das orientações direcionadas à confecção dos Planos de Mobilidade Urbana no Brasil. Haja vista que ele será exigido, busca compreender suas orientações técnicas e os instrumentos e ações que definem objetivos para o futuro das cidades. Trata-se de um olhar para a identificação da intercessão dos Planos de Mobilidade Urbana e o Planejamento Estratégico das cidades e suas integrações. Busca esclarecer os principais desafios para a execução e implementação de um plano e traça uma possível perspectiva futura.

Palavras-chave: Planejamento urbano; Plano de Mobilidade Urbana; Região Metropolitana do Vale do Paraíba.

ABSTRACT

The Urban Mobility Plans are a requirement established by Federal Law 12.587/12, as a commitment by municipalities and have a deadline for its execution. This work aims to understand the technical and conceptual character of guidelines aimed at preparation of Urban Mobility Plans in Brazil. Given that it will be required, seeks to understand its technical guidance and tools and actions that set goals for the future of cities. It is a look to identify the intercession of Mobility Plans and Urban Strategic Planning of cities and their integrations. Seeks to clarify the main challenges for the execution and implementation of a plan and outlines possible future perspective.

Key-words: Urban Planning; Urban Mobility Plan; Metropolitan Region of Vale do Paraíba.

INTRODUÇÃO

O presente artigo discute as relações do planejamento urbano estratégico, planos de mobilidade urbana no Brasil e a necessária integração entre os municípios. Entende-se a brevidade da determinação da Política Nacional de Mobilidade Urbana no sentido da determinação do Plano de Mobilidade Urbana, portanto não busca entender as consequências de sua ação, e sim seu caráter técnico, conceitual e orientativo. Busca compreender os instrumentos e ações que definem objetivos para o futuro das cidades, visto que a mobilidade é parte do desenvolvimento e deve ser planejada junto a outros aspectos do planejamento urbano.

Leva em consideração a concepção de planejamento urbano estratégico integrado e colaboram com a sua compreensão: Lopes (1998), Castells e Borja (1996), Rolnik (2006), Pontes (2010) e Maricato (2000). A legislação nacional vigente é evidenciada trazendo o debate da Constituição Federal no artigo 182, Estatuto da cidade e a Lei 12.587. Justifica-se conhecer as orientações para os planos, suas propostas e limitações, pois parte deles é a concretizado gerando as mudanças que se busca na sociedade. Identificam-se os desafios da execução e implementação do plano de mobilidade urbana e a contribuição para um desenvolvimento sustentável que estes podem proporcionar. Busca listar os principais desafios encontrados para a execução e implementação de um PlanMob (Brasil, 2007).

1. PLANEJAMENTO URBANO ESTRATÉGICO

A teoria do planejamento urbano das cidades sofreu transformações que foram impulsionadas pelo desenvolvimento da sociedade e a produção do espaço, no sentido de planejar a cidade para atender às novas demandas. Segundo Lopes (1998), as primeiras teorias do planejamento público surgiram no início do século XVIII, com a ideia de que o

conhecimento tecnológico poderia ser usado para o desenvolvimento da sociedade.

Ao final do século XX, as grandes mudanças na sociedade e a globalização, geraram uma nova reestruturação da sociedade e era necessário criar mecanismos de controle e gestão. O planejamento foi visto com o objetivo de disciplinar através de comando, regulamentos e incentivos. Em decorrência, as pessoas foram envolvidas nos processos, de modo que compreendessem e projetassem ações através de conversações recíprocas (Lopes, 1998).

A partir dos anos 60, os procedimentos estratégicos tornam-se processos no planejamento das cidades. Inicia-se com a escolha das decisões, definindo a missão, oportunidades e estratégias de como atingir a este objetivo e finaliza com o controle e medição do processo. Nos anos 80, o planejamento estratégico começou a ser intensamente utilizado no setor público e urbano. Um dos pontos mais importantes do planejamento estratégico das cidades é a cooperação público-privada (Lopes, 1998).

O planejamento atual mais difundido no Brasil é o modelo estratégico. O “planejamento estratégico”, implantado primeiramente em Barcelona, vem sendo divulgado por autores como Castells e Borja, como um modelo de solução para as cidades. É baseado em técnicas de planejamento empresarial, que combinam objetivos de crescimento econômico ao desenvolvimento urbano.

Castells e Borja (1996) apontam que as cidades da América Latina estão em condições para a implantação deste modelo. Pois passaram por um processo de democratização e descentralização dos Estados, oferecendo maior legitimidade aos governos locais; tiveram uma abertura econômica permitindo que agentes econômicos busquem uma cidade atraente, funcional e com infraestrutura moderna, com a garantia de qualidade de vida e segurança pública. O planejamento urbano estratégico é definido como um plano de ação que tem como desígnio a definição de objetivos estratégicos que permitam ganhos de competitividade em um mundo globalizado (Lopes, 1998).

Sob outra perspectiva, Rolnik (2006) aponta que a descentralização, aliada a competição entre cidades, enfraqueceu os poderes locais e reforçou o poder de grandes corporações. Há muitas críticas em relação ao planejamento estratégico das cidades. A principal é no que diz respeito ao marketing urbano, com aproximações ideológicas de uma empresa lucrativa. Neste modelo fica evidente a impossibilidade de todas as cidades terem um desenvolvimento com igualdade, visto que elas se tornam concorrentes entre si pelo capital externo. Portanto, verifica-se ser um modelo excludente.

Maricato (2000) coloca o momento atual como um tempo de crise e a busca de uma nova matriz teórica para o planejamento, pois é necessário para assegurar justiça social e reposição dos pressupostos ambientais e naturais para o assentamento humano. Apesar das críticas, o planejamento urbano estratégico, é o mais comentado e utilizado como o modelo de planejamento contemporâneo (Lopes, 1998; Castells e Borja, 2006). Na realidade do desenvolvimento da sociedade que evolui para mudanças em ritmo acelerado, não é possível aceitar modelos definitivos, pragmáticos e tecnicistas. Portanto, com suas ressalvas e falhas na aplicação, sua flexibilidade permite a avaliação, refinamento e adaptação de diferentes realidades.

3. PLANEJAMENTO INTEGRADO E MOBILIDADE URBANA

O crescimento acelerado das cidades no último século fez com que os centros urbanos alcançassem o espaço rural, chegando às divisas municipais que se interligaram, processo chamado de conurbação. Assim, surgiram as regiões metropolitanas, uma rede conectada, com problemas comuns que ultrapassam os limites territoriais.

Desta forma, o planejamento urbano se tornou ainda mais complexo e a integração

regional passa a representar dois papéis antagônicos: o de objetivo e o de pré-requisito para o planejamento urbano. O planejamento territorial também deve ser integrado nos âmbitos municipal e regional (intermunicipal e interestadual), elaborado de forma participativa, respeitando as peculiaridades regionais e considerando os graves problemas existentes em regiões metropolitanas (Pontes, 2010).

A ênfase das políticas na expansão do sistema viário, ao invés de investimentos na melhoria de transporte público, faz com que o dilema da mobilidade urbana piore. Os usuários de transporte público acabam adquirindo veículos procurando amenizar os transtornos individuais, o que acarreta uma situação ainda mais calamitosa para a coletividade (Gakenheimer, 1999).

A reversão desse quadro exige a coordenação de ações governamentais de forma a assumir a política urbana e superar a cultura de fragmentação da gestão, que separa as políticas (habitação, saneamento ambiental, mobilidade). Assim, as políticas de mobilidade urbana devem estar integradas com as demais políticas de planejamento urbano, com a finalidade de proporcionar o acesso amplo e democrático ao espaço urbano de maneira sustentável (MCIDADES, 2006).

O Planejamento Integrado deve se integrar ao nível de municípios e região e também aos diversos órgãos setoriais envolvidos no planejamento urbano. Desta forma o planejamento integrado deve ser eficiente para garantir melhores condições de mobilidade urbana, apresentando-se por tanto como um importante indicador dessas condições.

Assim, a mobilidade deve ser pensada de forma integrada, por meio do estabelecimento de cooperação nas políticas públicas. É certo que os entes federativos, especialmente os das metrópoles, devem se relacionar cooperativamente, integrando o planejamento, os procedimentos e a gestão do transporte público, como a melhor forma estrutural para se gerenciar a mobilidade de uma sociedade em rede. Assim, a mobilidade urbana configura-se como um problema complexo e extenso que atinge as cidades e regiões metropolitanas. A solução para se alcançar um desenvolvimento sustentável e integrado é a cooperação (Calili, 2014).

4. PLANOS DE MOBILIDADE URBANA

Em 2012, foi criada a Lei 12.587 (Brasil, 2012), que institui as diretrizes da Política Nacional de Mobilidade Urbana, a coloca como instrumento da política de desenvolvimento urbano, que trata o artigo 182 da Constituição Federal. Esta aponta o Plano de Mobilidade Urbana como instrumento de efetivação da política e sua obrigatoriedade nos municípios acima de 20.000 habitantes e todos os demais obrigados à elaboração do Plano diretor, sendo que ambos devem ser integrados e compatíveis

O Ministério das Cidades no intuito de facilitar a elaboração dos Planos de Mobilidade criou o caderno PlanMob com o objetivo de contribuir para a disseminação do debate das políticas públicas de transporte e de circulação urbanas. O PlanMob é “um conjunto sistematizado de informações sobre os elementos que constituem o planejamento da mobilidade, sobre métodos de trabalho e sobre processo de planejamento” (Brasil, 2007, p.5).

Na orientação do processo de elaboração do plano o documento aponta as etapas para sua concretização, conforme figura 1. Neste sentido, o PlanMob é um caderno orientativo para a construção de Plano de Mobilidade das cidades. E caracteriza-o como um plano de ação, que deve ser constituído para tratar da mobilidade urbana de forma a gerar ações práticas. Ou seja, o PlanMob visa a ser um instrumento de planejamento e gestão de ordem metodológica e operacional.

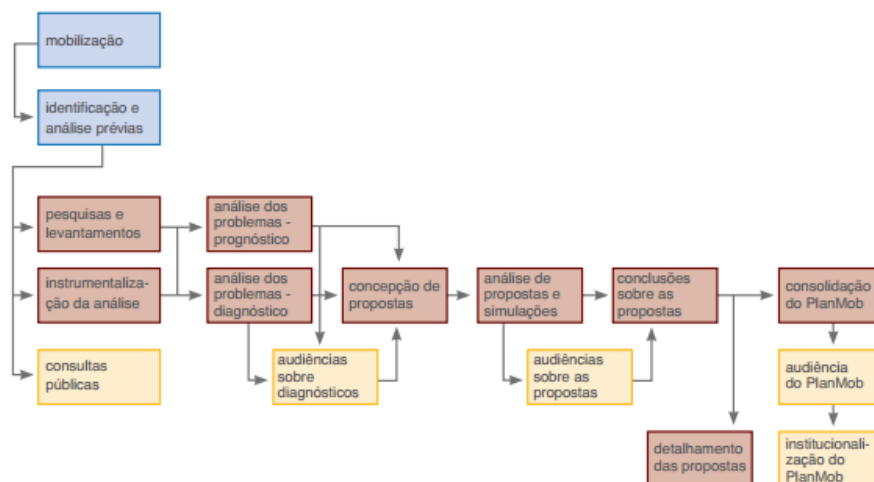


Figura 1: Etapas de Elaboração do PlanMob. Fonte: PlanMob p. 147 (Brasil, 2007)

A partir desta determinação o Brasil passa por uma fase inédita nas questões de mobilidade urbana. Segundo o estudo do IBGE (2012), referente aos dados da política de transporte existentes nos municípios, as prefeituras possuem baixa atuação na gestão do trânsito e na maioria se limitam a administrar a tarifa dos serviços de ônibus, respondendo aos problemas de mobilidade de forma pontual. O mesmo documento aponta que apenas 3,8% dos municípios brasileiros possuíam algum tipo de Plano Municipal de Transporte, e mais 3,9% estavam em processo de elaboração, sendo que o percentual é maior nas cidades de grande porte.

Aponta-se uma lacuna na integração dos planos entre as cidades, até mesmo regiões metropolitanas, as quais os movimentos entre cidades são mais intensos e complexos. Apesar de ser uma política nacional, não é possível observar a efetiva integração dos planos entre as cidades, ou mesmo um plano de mobilidade regional. Sendo esta, uma demanda que ficaria por conta de empresas que gerenciam as regiões metropolitanas.

5. DESAFIOS

Ao identificar a obrigatoriedade de produzir o PlaMob o município encontra a necessidade de traçar um diagnóstico da situação, através de inventários e pesquisas de comportamento na circulação e de ofertas e demandas. Vários fatores interessam para a caracterização da situação do espaço urbano e de circulação: o porte da cidade, a inserção na rede de cidades, as características morfológicas e urbanas, caráter específico, como cidades industriais, dormitórios, turísticas ou históricas (Brasil, 2007).

O atual sistema de transporte público, privado e modos não motorizados devem ser compreendidos. Os atores sociais que participam da mobilidade urbana possuem condições e especificidades particulares. Conforme, eles agem e interferem no espaço urbano e de circulação de maneiras diferentes. As condições sociais, como questões de renda, idade, gênero geram diferentes deslocamentos e necessidades especiais.

A efetiva implementação do plano nas cidades deve prever que as variantes que atuam na cidade são interdependentes. Os atores sociais devem estar envolvidos. Os agentes e gestores públicos implicados com os compromissos assumidos no plano direcionam atenção, recursos, fiscalização e ação para a concretização das diretrizes estabelecidas. A transparência por parte dos gestores e como direito da população é um aspecto a ser considerado nesta inter-relação. O setor privado deve operar sua prestação de serviço a partir de um acordo entre as partes

estabelecidas no plano. Ou seja, deve ser um acordo consensual que haja um objetivo confluyente e com benefícios para a população.

Os fluxos entre municípios provenientes de movimentos pendulares padrões das populações residentes, transporte de mercadorias, turismo, polos de atração são desafios a serem enfrentados de forma conjunta. Eixos viários de importância municipal, regional e nacional são questões que interferem na mobilidade de vários municípios concomitantemente, logo devem ser tratados de modo conjunto.

A disponibilidade de recursos é outro fator importante e um grande desafio para o desenvolvimento do plano. A identificação das possíveis fontes de financiamento para que o plano gere projetos exequíveis, com cronogramas associados aos orçamentos em pequeno, médio e longo prazo. A viabilidade tem como objetivo atender aos órgãos financiadores, como BNDES, BID e BIRD, e deve estar associada a uma avaliação técnica, socioeconômica e financeira, com hierarquização de propostas (Brasil, 2007). Se este fator não for levado em consideração o Plano tende a ser engavetado e inviabilizado.

A adoção do PlanMob é determinada a partir de uma política macronormativa do país, que estabelece o plano como determinante e orientativo de outros planos. Deste modo, é preciso gerar legislações a partir de planos diretores das cidades e até mesmo planos diretores específicos, como por exemplo um “plano diretor da bicicleta” ou um “plano diretor de estacionamento”, que possuem um olhar mais específico, para determinado assunto. Esta é uma etapa que não fica clara na proposta do PlanMob, portanto um desafio ainda maior, visto que supera a obrigatoriedade, mas que pode complementar e fornecer maior efetividade ao plano de mobilidade urbana.

5.1 Questões de sustentabilidade

A situação do sistema viário pode incentivar ou retrain iniciativas de se movimentar em modos não motorizados. A qualidade das vias; o dimensionamento em relação a densidade populacional que circula no local; as características hierárquicas de organização do tráfego em preferências sequenciais para pedestres, ciclistas, transportes coletivos e individuais, interferem na qualidade e segurança daqueles que circulam pelo local. As condições de segurança pública, investimentos em infraestrutura e serviços, o planejamento funcional das cidades, interferem nas opções individuais de deslocamentos cotidianos (Vasconcellos, 2000).

A perda de tempo no trânsito, maior consumo e custo de combustíveis não renováveis, o estresse, o aumento da poluição atmosférica, estão em desacordo com um desenvolvimento sustentável. Entende-se que as opções de escolha do modal são pessoais e individuais, no entanto na maioria delimitadas pelas condições da cidade e região, que por sua vez são determinadas por decisões e estratégias políticas. Opções sustentáveis favorecem as escolhas individuais alinhadas à mobilidade sustentável. A integração equilibrada e integrada, em âmbito municipal e regional, de todos os modos de transporte, com ênfase ao transporte público e estímulos a modos não motorizados, contribuem para esta circunstância.

As questões de sustentabilidade são indispensáveis na elaboração de um plano de mobilidade urbana. Os planos devem estar comprometidos com a eficiência energética em estímulo a uso de fonte de energia renováveis e a redução da poluição atmosférica.

5. A MOBILIDADE URBANA NAS REGIÕES METROPOLITANAS

Em 12 de janeiro de 2015, foi instituído o Estatuto da Metrópole, lei nº 13.089 com o intuito de estabelecer “...diretrizes gerais para o planejamento, a gestão e a execução das funções públicas de interesse comum em regiões metropolitanas e em aglomerações urbanas

instituídas pelos Estados,...”(Brasil, 2015).

Incrementa um avanço no campo do planejamento urbano integrado, no seu Art. 10º, afirma o dever das regiões metropolitanas contarem com plano de desenvolvimento urbano integrado. Cada município deverá compatibilizar o seu plano diretor a este plano da unidade territorial urbana. A lei supracitada define metrópole como:

“espaço urbano com continuidade territorial que, em razão de sua população e relevância política e socioeconômica, tem influência nacional ou sobre uma região que configure, no mínimo, a área de influência de uma capital regional, conforme os critérios adotados pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE” e região metropolitana “aglomeração urbana que configure uma metrópole” (Brasil, 2015).

Um de seus princípios é a busca do desenvolvimento sustentável (Art. 6º inciso VII) mas não delimita nenhuma ação direta em relação à mobilidade urbana. A lei nº 13.089 não prevê a integração dos planos de mobilidade urbana, prejuízo presente no âmbito da legislação. Poderia ter sido contemplado nesta política e abordado de forma direta orientando a integração da mobilidade na unidade territorial urbana.

Nas regiões metropolitanas, há uma grande concentração populacional e forte interligação entre os municípios. Assim, é importante que se estabeleça o plano de mobilidade ligado de forma cooperativa, isto é, uma gestão associada estabelecendo relações entre os governos, tendo em vista que os efeitos da cooperação são mais benéficos que os isoladamente determinados, e na maioria das vezes os problemas são comuns, comunicáveis e transcendem os limites territoriais de cada ente federado (Calili, 2014).

A mobilidade pendular coloca-se como um fenômeno característico das grandes aglomerações, quando se observa um aumento da complexidade socioespacial. Pode-se pensar que boa parte desse fenômeno estaria associada à valorização diferencial do espaço urbano que, no Brasil, tem tido ao longo das últimas décadas, sua lógica e regulação fortemente orientadas pela iniciativa privada sem a necessária intervenção pública, fato que acaba por prejudicar fortemente a população de mais baixa renda (Maricato, 2002).

A regionalização do cotidiano implica necessariamente o aumento da mobilidade da população. O sistema, implantado no mercado de trabalho pelo setor industrial, terminou por induzir também a mobilidade nas áreas de comércio, nos serviços, no ensino e no lazer.

Entretanto, diante dos argumentos analisados, percebe-se que o maior desafio das regiões metropolitanas em relação à mobilidade urbana é o planejamento estratégico integrado, uma vez que embora as cidades sejam próximas geograficamente, existem distâncias enormes em relação às condições sociais econômicas e ambientais de cada uma. E mais do que isso, existe uma barreira muito difícil de ultrapassar que é a cooperação entre os governos e governantes, com o objetivo de promover o desenvolvimento regional, melhorando as condições através de políticas conjuntas, sem privilegiar interesses próprios, buscando o bem comum.

7. REGIÃO METROPOLITANA DO VALE DO PARAÍBA E LITORAL NORTE

A RMVPLN é uma das cinco regiões metropolitanas do estado de São Paulo, formada pela união de 39 municípios agrupados em cinco sub-regiões. A Figura 3 mostra o mapa da região com as cidades que a compõem e sua localização no estado de São Paulo.

Segundo a EMPLASA (2012), com 16.179,95 km² a RMVPLN é a mais extensa região metropolitana do Estado de São Paulo. Sua área territorial corresponde a 32,41% da Macrometrópole Paulista e a 6,52% do estado. É a terceira maior região metropolitana do Estado em número de habitantes, com 2.264.594 moradores em 2010. Essa população representa 5,49% da população estadual. Sua taxa de crescimento anual no período 2000/2010

foi de 1,29%, valor acima do registrado pela macrometrópole (1,15%) e estado de São Paulo (1,10%). O produto interno bruto da região em 2010 era de R\$ 61.698.187.890,00, o que corresponde a 4,96% do PIB estadual.

A RMVPLN está dividida em cinco sub-regiões conforme demonstrado pela tabela 1, que também destaca as cidades que tem maior representatividade em cada uma das Sub-regiões, com maior disponibilidade de equipamentos urbanos.

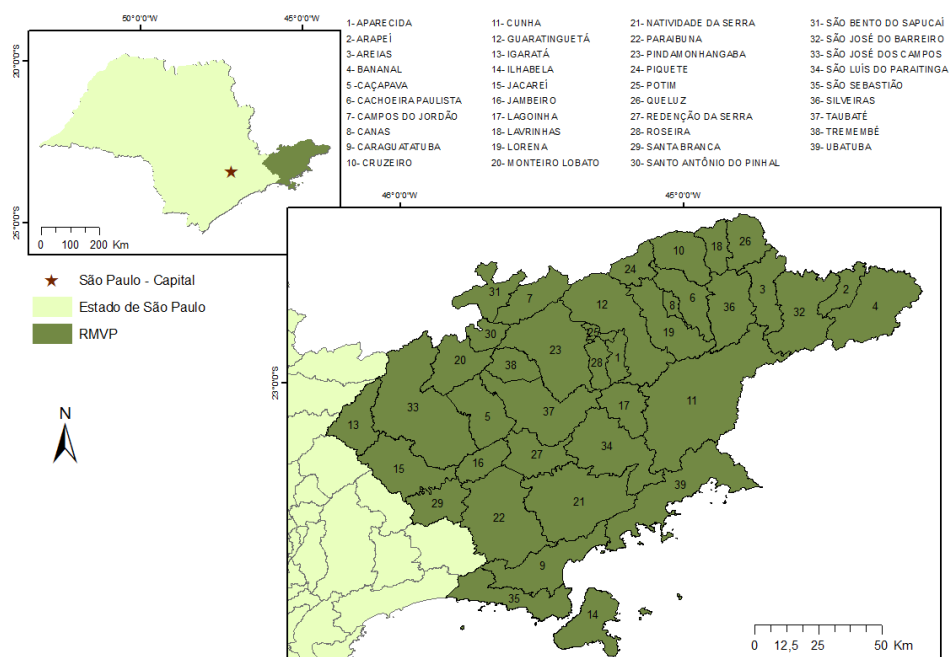


Figura 3: RMVPLN e sua localização no estado de São Paulo Fonte: (IBGE, 2013)

Em relação às centralidades e aos pólos geradores de viagem, existentes na RMVPLN que atraem a população e geram os movimentos pendulares, a região destaca-se como grande centro urbano estadual, dispõe de um amplo polo industrial, automobilístico e mecânico e abriga empresas e instituições de pesquisas no setor, como o Petrobras, DCTA, Inpe, Embraer, Ambev, Ford, Yakult, Volkswagen, Johnson & Johnson, Comil, BASF, AGC Vidros, Liebherr e GM.

Tabela 1: Sub-regiões

1ª Sub-região	Caçapava, Igaratá, Jacareí, Jambuí, Monteiro Lobato, Paraibuna, Santa Branca e São José dos Campos
2ª Sub-região	Campos do Jordão, Lagoinha, Natividade da Serra, Pindamonhangaba, Redenção da Serra, Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, São Luís do Paraitinga, Taubaté e Tremembé
3ª Sub-região	Aparecida, Cachoeira Paulista, Canas, Cunha, Guaratinguetá , Lorena, Piquete, Potim e Roseira
4ª Sub-região	Arapeí, Areias, Bananal, Cruzeiro , Lavrinhas, Queluz, São José do Barreiro e Silveiras
5ª Sub-região	Caraguatatuba , Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba

Fonte: (Emplasa, 2012)

Ademais, a região possui muitas universidades como USP, UNESP, UNIFESP, ITA, UNISAL, FATEA, FATEC, UNITAU, UNIVAP e UNIP. A região também conta com um grande centro de comércio e serviços e sedia bases das forças armadas (EEAR e Exército).

Além disso, cabe ressaltar o papel de destaque do turismo religioso na região.

Verifica-se pela análise da Figura 4, que a maioria dos equipamentos urbanos existentes na região dispõe-se ao longo da Rodovia Presidente Eurico Gaspar Dutra, BR 116, rodovia que liga as duas maiores regiões metropolitanas do país: São Paulo e Rio de Janeiro, destacando-se o fato de que a RMVPLN se encontra em posição estratégica, o que possibilita e privilegia o desenvolvimento econômico regional. Desta forma, cabe aos municípios, cooperando entre si e com o estado, realizarem de forma integrada o planejamento das políticas adotadas em todos os setores de planejamento, buscando o desenvolvimento regional.

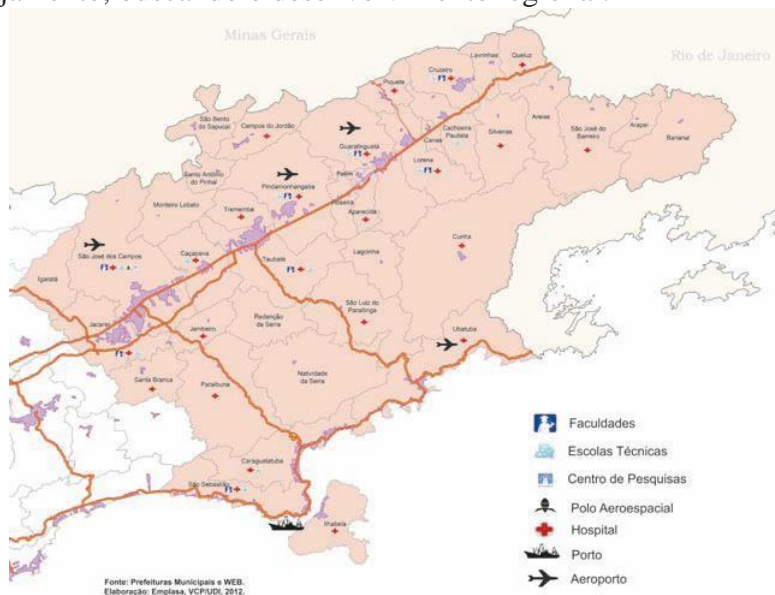


Figura 4: Equipamentos Urbanos da RMVPLN. Fonte: EMPLASA, 2012.

7.1. O Planejamento de Transportes e Mobilidade Urbana na RMVPLN

Em relação à mobilidade urbana, por ser esta uma região bastante extensa e com uma grande diversidade entre os municípios que a compõem, torna-se ainda mais complexo o planejamento integrado de políticas que apresentem soluções para as demandas relacionadas ao transporte que aumentem a qualidade de vida da população regional.

De acordo com a EMPLASA (2012), a região possui intensas relações funcionais ao longo da Via Dutra e vias transversais: Rodovias dos Tamoios e Oswaldo Cruz, que permitem acesso aos Portos de São Sebastião e Santos, e as Rodovias Monteiro Lobato e Floriano Rodrigues Pinheiro, que fazem ligação a Campos do Jordão e Sul de Minas Gerais. Além de importantes conexões com a Região Metropolitana de São Paulo – Rodovia Carvalho Pinto / Ayrton Senna e com a Região Metropolitana de Campinas – Rodovia Dom Pedro I. Verifica-se também na RMVPLN a presença da ferrovia MRS – Logística S/A (antiga Central do Brasil), importante meio de transporte para o escoamento de minérios e outros produtos no eixo Rio de Janeiro/São Paulo.

A multipolarização exercida pelos municípios de Jacareí, São José dos Campos, Taubaté e Guaratinguetá, configura o que pode ser denominado urbanização em “colar”. Vale destacar a grande conurbação entre seus municípios, de Jacareí até Taubaté e de Aparecida até Lorena, além de manifestar tendência de conurbação entre os municípios de Caraguatatuba e São Sebastião, no Litoral Norte (EMPLASA, 2012).

Conforme identificado por Costa (2008), o domínio planejamento integrado tem como tema a integração regional, que possui como indicador a existência de consórcios intermunicipais de infraestrutura e serviços de transportes. Sendo assim, neste quesito a

RMVPLN tem tido alguns progressos, em 2013 a EMTU/SP (Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos de São Paulo), responsável pela fiscalização e regulamentação dos transportes públicos metropolitanos de baixa e média capacidade, assumiu a administração do transporte coletivo intermunicipal, que na região é realizado por ônibus.

Em 2014 o Governo do Estado de São Paulo anunciou a contratação de estudos e do projeto funcional para dois corredores intermunicipais de ônibus que vão beneficiar a população de seis municípios da RMVPLN e também autorizou a assinatura da ordem de serviço para contratação de Pesquisa Origem-Destino nos 39 municípios que compõem a RMVPLN. Os resultados da pesquisa OD servirão como subsídio para o planejamento de sistemas de transporte público e melhorias na mobilidade na região. O objetivo do levantamento é conhecer o padrão de deslocamento, em razão das características socioeconômicas, da população dos 39 municípios que compõem a RMVPLN, mapear a localização espacial dos polos de produção, a motivação de viagens (emprego, escola etc.), além de fornecer informações para formulação de políticas públicas de planejamento urbano e de transporte.

Como alternativas para a melhoria nas condições de mobilidade urbana, o governo do estado tem projetos de implantação de 21,9 km de BRT, ligando as cidades de Jacareí a São José dos Campos e a construção do Corredor de Integração do Vale do Paraíba, com 63km de extensão, passando pelas cidades de São José dos Campos, Caçapava, Taubaté, Tremembé e Pindamonhangaba.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do levantamento teórico e dos dados levantados, chega-se à conclusão de que a mobilidade urbana é um fator determinante da qualidade de vida da população e que para ser construída de maneira sustentável e democrática é necessário o planejamento estratégico integrado entre os vários setores do planejamento urbano, possibilitando a complementação entre eles.

A partir das determinações relacionadas na Lei 12.587 (Brasil, 2012) e orientadas no PlanMob (Brasil, 2007), entende-se que a Política de Mobilidade Urbana esta compactuada com as diretrizes e características do planejamento urbano estratégico, indicando ser mais um instrumento como plano de ação orientativo para planejar as cidades. Este instrumento possui o intuito de corroborar com o desenvolvimento urbano sustentável e possui a necessidade de ter complementações nas suas especificidades. No entanto, no aspecto da integração entre as cidades não há previsão da implantação de um plano de ação conjunta.

Admite e incentiva a participação popular com caráter democrático e a indução do comprometimento através da mudança comportamental. Além do mais, possui princípios determinados pela política federativa, no entanto possibilita a autonomia municipal em identificar as particularidades sociais e espaciais, próprias de cada cidade.

A Lei nº 12.587 (Brasil, 2012) não explicita em como o governo federal irá avaliar a qualidade dos planos, mesmo tendo um processo orientativo do PlanMob, não exige um cumprimento de todos os itens ou demais necessários. Portanto conclui-se que o processo ainda possui lacunas e que possivelmente a lei precisará de regulamentações complementares.

Outro aspecto que merece maior atenção é a futura integração dos planos entre os municípios, que possuem fluxos pendulares, regiões metropolitanas, integrações estaduais e federais. Esta questão poderá ser incorporada a partir da Lei nº 13.089 que prevê a diretrizes gerais para o planejamento das funções públicas de interesse comum em regiões metropolitanas, porém a legislação não determina diretamente as questões de mobilidade urbana sustentável.

Os Planos como obrigatoriedade atual designada aos municípios, estão em fase de implementação e entende-se que a prática dos planos como ação concreta está em uma etapa remota, iniciada apenas em algumas cidades. As intencionalidades são positivas e verificar o resultado é imprescindível para os ajustes. Estas discussões podem motivar outros estudos teóricos e contribuir para as cidades com a integração entre o Planejamento Estratégico e Integrado, que pensa a cidade de forma sistêmica, global e conectada ao Plano de Mobilidade Urbana que é uma nuance da cidade, mas que interfere e se relaciona com outros aspectos sociais.

O Plano de Mobilidade Urbana é uma ferramenta de orientação política que no momento de sua implementação prática poderá transformar positivamente o cenário da mobilidade urbana e da configuração do espaço urbano do Brasil. As atuações prevêm e poderão incrementar questões de mobilidade urbana e desenvolvimento sustentável com a participação popular. A partir desta determinação, constata-se um quadro promissor e otimista, que considerando a hipótese de possuir viabilidade técnica e financeira poderá gerar uma maior qualidade de vida, inserida nos conceitos de sustentabilidade.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao CNPQ, à FAPEMIG e a CAPES pelo apoio financeiro concedido aos projetos que subsidiaram o desenvolvimento deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Lei Federal 10.257**. Estatuto da cidade. 2001
- BRASIL. **Lei Federal 13.089**. Estatuto da Metrópole. 2015
- BRASIL. Ministério das Cidades. **Política Nacional de Desenvolvimento Urbano**. Caderno Midades Desenvolvimento Urbano. Novembro, 2004.
- BRASIL. Ministério das Cidades. **Política Nacional de Mobilidade Urbana Sustentável**. Caderno Midades Mobilidade Urbana. Novembro, 2004. Disponível em <http://www.ta.org.br/site2/Banco/7manuais/6PoliticaNacionalMobilidadeUrbanaSustentavel.pdf>
- BRASIL. Ministério das Cidades. **Caderno PlanMob: para orientação aos órgãos gestores municipais na elaboração dos Planos Diretores de Mobilidade Urbana**. Brasília. 2007.
- BRASIL. **LEI Nº 12.587**, DE 3 DE JANEIRO DE 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112587.htm> . Acesso em: 26 de outubro. 2013.
- CASTELLS, Manuel e BORJA, Jordi. **As cidades como atores políticos**. São Paulo, Novos Estudos CEBRAP nº45, julho/1996. p.152-166.
- CALILI, Simone. **A cooperação intergovernamental nas regiões metropolitanas como possível solução para a mobilidade urbana sustentável e democrática: os fatores jurídicos e sociológicos para sua efetivação**. Escola Superior Dom Helder Câmara. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte.2014.
- EMPLASA. Empresa de Planejamento Metropolitano. Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte. Disponível em: http://www.emplasa.sp.gov.br/emplasa/conselhos/ValeParaiba/textos/livro_vale.pdf Acesso em: 01 de dezembro. 2014
- GAKENHEIMER, Ralph. **Urban mobility in the developing word**. Transportation Research. Part A33, p. 671-689. 1999.
- IBGE. **Cidades**. 2010. Disponível em: < <http://cod.ibge.gov.br/2AJ>>. Acesso em 30 de dezembro. 2013.
- LOPES, R. **A cidade intencional: o planejamento estratégico de cidades**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- IBGE. **Pesquisa de informações Municipais. Perfil dos Municípios Brasileiros**. 2012
- MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. 2 ed. Petrópolis. Editora Vozes. 2002.
- SILVA, Fernando Nunes. **Políticas Urbanas para uma mobilidade sustentável: do diagnóstico às propostas**. In: GeoInova 10, p. 157-174, 2004.
- PONTES, Tais Furtado. **Avaliação da Mobilidade Urbana na Área Metropolitana de Brasília**. Tese de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília. Brasília/DF. 2010
- ROLNIK, Raquel. **A construção de uma política fundiária e de planejamento urbanos para o país – avanços e desafios**. Políticas Sociais- acompanhamento e análise. IPEA. Fevereiro, 2006 p. 199 a 210
- VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara. **Transporte urbano nos países em desenvolvimento: reflexões e propostas**. 3. Ed. São Paulo. Annablume. 2000.

UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ORAL EM LÍNGUA INGLESA

RESUMO

Durante as aulas de Língua Inglesa (doravante LI) em cursos de Idiomas, temos percebido que cada aluno apresenta necessidades específicas, em se tratando das atividades de compreensão auditiva. Enquanto uns trabalham em harmonia com esta habilidade, outros enfrentam obstáculos na compreensão dos áudios para a realização das atividades, até mesmo, em alguns casos, na execução das tarefas que são propostas como extensão do que estão estudando. Richards (2008) menciona como principal problema encontrado pelos aprendizes a velocidade do discurso falado, o qual não pode ser controlado pelo ouvinte. Nessa mesma perspectiva, Helsegen (2003) também defende a ideia de velocidade do discurso como um problema, entretanto, o autor menciona ainda outros fatores que dificultam a aprendizagem da compreensão oral: o número de vozes no áudio, o quão claro elas estejam para o ouvinte, o número de inferências e a consistência de informações. É a partir dessa problemática que este estudo objetivou investigar meios de se aplicar áudios em aulas de línguas e sugerir a elaboração de uma sequência didática. Para tanto, foram feitos estudos acerca do ensino-aprendizagem de LI numa perspectiva sócio-construtivista e de propostas de trabalho com a compreensão e produção oral em Línguas Estrangeiras. Esta é uma pesquisa bibliográfica, cujo produto é a elaboração de uma sequência didática para o ensino-aprendizagem da compreensão e produção oral em LI.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem de LI, Compreensão Oral, Sócio-construtivismo, Sequência Didática.

ABSTRACT

During English Language classes (EFL) in Language Courses, we have noticed that each student has specific needs, in the case of listening activities. While some learners work in harmony with this ability, others face barriers to understand the audios so as to perform the activities, even so, in some cases, in the tasks execution that are proposed as an extension of what they are studying. Richards (2008) mentions as a main issue seen by students the speed of the speech, which cannot be controlled by the listener. In this perspective, Helgesen (2003) also defends the idea of the speed of speech as a problem, however, the author mentions other factors that challenge the learning of listening: the number of voices in the audio, how clear they are to the listener, the number of inferences and the consistence of information. And it is from this problem that this study aimed at investigating means to apply audios in language classes and suggesting the construction of a didactic sequence. Therefore, studies were done about the EL teaching-learning in a socio-constructivist perspective and of work proposals with listening and speaking in Foreigner Languages. This is a bibliographical essay, whose product is a didactic sequence planning to listening and speaking in EL teaching-learning.

Key-words: Listening, Foreign Language Teaching, Speaking, Didactic Sequence.

INTRODUÇÃO

Muitos alunos apresentam alguma dificuldade na compreensão de áudios em sala de aula de Línguas Estrangeiras (doravante LE). Isso possivelmente acontece devido a algumas razões específicas: tanto barreiras internas, tais como dificuldades de compreensão, problemas auditivos, déficit de atenção, quanto barreiras externas, como, por exemplo, acústica da sala, ruídos externos (HELSEGEN, 2003). Ao tratar das barreiras internas, Richards (2008) menciona como principal problema encontrado pelos aprendizes a velocidade do discurso falado, o qual não pode ser controlado pelo ouvinte.

Nessa mesma perspectiva, Helsegen (2003) também defende a ideia de velocidade do discurso como um problema, entretanto, o autor menciona ainda outros fatores que dificultam a aprendizagem da compreensão oral: o número de vozes no áudio, o quão claro elas estejam para o ouvinte, o número de inferências e a consistência de informações. Além disso, Richards

(2008) preconiza em seus estudos sobre o ensino da produção e compreensão oral que o discurso falado tem características bem diferentes do discurso escrito. O primeiro acontece geralmente em tempo real e, o ouvinte tem de processar a informação recebida ineditamente, muitas vezes sem ter chance de ouvi-la novamente.

Durante as aulas de Língua Inglesa (doravante LI) em cursos de Idiomas, temos percebido que cada aluno apresenta necessidades específicas, em se tratando das atividades de compreensão auditiva. Enquanto uns trabalham em harmonia com esta habilidade, outros enfrentam obstáculos na compreensão dos áudios para a realização das atividades, até mesmo, em alguns casos, na execução das tarefas que são propostas como extensão do que estão estudando.

E é a partir desta problemática que este estudo objetivou investigar meios de se aplicar áudios em aulas de línguas a fim de promover uma aprendizagem que ajude o aluno a superar as barreiras internas, tão comuns nos grupos para os quais tenho lecionado.

Para tanto foi planejada uma sequência didática, a qual será baseada na proposta de Richards (2008) para o desenvolvimento de atividades de compreensão oral. O pesquisador argumenta em seus estudos duas sequências didáticas as quais devem atender dois objetivos distintos: a) como compreensão e b) como aquisição. A primeira sequência tem como objetivo trabalhar somente a habilidade de compreender aquilo que é dito. Já a segunda, o aprendiz é exposto a uma situação de compreensão para a realização de alguma outra tarefa, muitas vezes de produção oral. Além disso, seguindo as orientações dos documento que organizam e norteiam o ensino de LE à luz de uma aprendizagem de linguagem sociointeracionista.

1. O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Os documentos que norteiam e organizam o ensino-aprendizagem de LE pressupõem que este processo deva centrar-se no engajamento discursivo do aluno, que por estar junto com alguém, considerar seus posicionamentos na cultura, história e sociedade. Nessa perspectiva, alunos e professores, protagonistas neste cenário constroem juntos conhecimentos sobre a LE. O objetivo dessa abordagem é que os aprendizes sejam capazes de criar uma consciência cidadão (Brasil, 1998 E 2002).

Há três objetivos principais por trás do aprendizado de LE: o linguístico, o cultural e o educacional. Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (Brasil, 1998) (doravante OCEM), um idioma deve ser aprendido levando em conta seus valores sociais, culturais, políticos e ideológicos. Deve-se ensinar um idioma estrangeiro ao mesmo tempo em que se cumprem outros compromissos, como a contribuição para a formação de indivíduos como parte de suas preocupações educacionais, i.e., o ensino-aprendizagem de LE deve ser centrado no engajamento discursivo do aprendiz, e por ser construído junto a alguém, considera-se seu posicionamento na cultura, história e sociedade. Matias da Silva (2007) apoiando-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Línguas Estrangeiras (doravante PCN-LE) explica que o ensino-aprendizagem de LE deve transformar o aprendiz em cidadão capaz de compreender e ser compreendido, além de apto a agir em um mundo social e autônomo em suas escolhas. Morim (apud Brasil, 2006, p.11) acredita que o ensino deve ser estimulado de forma que se preocupe com “uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajudar a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar livre e aberto”.

Para alcançar esses objetivos, ensino-aprendizagem de uma LE ocorre levando em consideração quatro aspectos importantes: a construção social do conhecimento, a interação, a

reflexão e o papel da LM.

O primeiro deles, a construção do conhecimento, que ocorre a partir das interações sociais das atividades das quais o aprendiz participa, tendo como mediadora deste processo a linguagem. Vygotsky (1934/2005) define a linguagem como sendo o meio pelo qual as pessoas expressam significados quando interagem com outros. A linguagem, segundo Castro e Romero (2006), transforma pensamentos e ações e em última análise, identidades.

Aluno e professor compartilham juntos da construção do conhecimento a partir de um processo denominado interação, a qual se concretiza em aprender de forma a estar com alguém em “um mundo social, em um contexto histórico, cultural e institucional” (Brasil, 2006, p.41) e reproduz ao indivíduo novos pensamentos como efeito de seu conhecimento espontâneo combinado aos seus novos conhecimentos. Segundo Vygotsky (1934/2005), os conhecimentos espontâneos são aqueles adquiridos ao longo de vida, já os científicos são aqueles aprendidos em âmbito escolar. Ambos os conhecimentos desenvolvem-se juntos, se conectam e influenciam ao outro constantemente.

Há ainda a reflexão como aspecto essencial não só na aprendizagem da língua-alvo, mas também, no desenvolvimento de processos de produção e análise. Matias da Silva (2007, p.221) à luz dos PCN-LE (Brasil, 1998) menciona que para aprender uma LE “além do domínio de processos de natureza cognitiva, é preciso que o aluno tenha conhecimentos de natureza metacognitiva em relação ao que está aprendendo e como.” Quanto melhor o aluno controlar o que está fazendo ao aprender uma LE, melhores serão os resultados adquiridos. Em suma, a reflexão tem papel crucial na conscientização das regras implícitas que administram a interação em sala de aula, as quais são cruciais para o desenvolvimento de uma reflexão crítica não somente sobre os conhecimentos construídos pelo assunto, bem como de como os aprendizes podem mobilizar as habilidades necessárias para usá-los no mundo conscientemente. Os alunos, então, têm maior consciência sobre o porquê e o para quê de estarem participando do processo.

A Língua Materna (doravante LM) tem também primordial papel na construção do engajamento discursivo do aprendiz de LE. Segundo de Oliveira (2005, p. 83), apoiando-se em estudos vygotkianos, a LM oferece suporte na aprendizagem de LE. A autora ainda completa que a LM confirma ao aprendiz 'a tradução do significado do item lexical, a tradução da compreensão da estrutura, além da mudança de código por desconhecimento do item, e mudança de código no pedido de assistência.' Acima disso, os alunos sempre retornam à LM para compreender melhor itens lexicais da LE.

No entanto, para que isso seja entendido, deve-se primeiramente definir o que é a LM na aprendizagem de uma LE. Segundo Dubois (1973, apud DELIBO, 1999 / OLIVEIRA, 2005), a LM é o instrumento pelo qual o indivíduo começa a se comunicar com o mundo exterior, sendo esta, a língua falada no país de origem do falante. No que diz respeito ao processo citado, Castro (apud Vagner Matias da Silva) a dependência em questão ocorre a partir do momento que o desenvolvimento da segunda língua traz consigo a “consciência das operações linguísticas” da primeira, fazendo-se necessário para o sucesso da segunda língua certo grau de maturidade da LM.

A autora ainda explicita essa dependência mútua ao destacar as desorientações nos aspectos linguísticos, semânticos e sociolinguísticos da língua em questão enfrentados pelos alunos, os quais podem constituir uma barreira que deve ser rompida. Para isso, ele recorre ao sistema linguístico de sua LM para que haja processamento e produção da segunda língua, assim apoiando-se amplamente em processos cognitivos que foram adquiridos durante o processo de

aprendizagem daquela língua.

Entre os benefícios de se aprender uma língua estrangeira, os PCN-LE (Brasil, 1998, p.15) mencionam os seguintes:

aumenta o conhecimento sobre a linguagem que o aluno construiu sobre sua língua materna, por meio de comparações com a língua estrangeira em vários níveis; possibilita que o aluno, ao se envolver nos processos de construir significados nessa língua, se constitua em um ser discursivo no uso de uma língua estrangeira.

O ensino-aprendizagem de LE em uma abordagem sócio-interacionista, então, possibilita que seja construindo um processo no qual os participantes sejam os protagonistas, cuja linguagem seja o instrumento crucial na construção social do conhecimento e na reflexão dos processos cognitivos e metacognitivos.

2. A COMPREENSÃO ORAL EM LE

Compreensão Oral (doravante CO) “é um processo ativo e com propósito de encontrar sentido no que ouvimos” (HELGESEN, 2003, p.24). É considerada uma forma de linguagem receptiva, pois o ouvinte da informação deve ir além dos signos produzidos oralmente, e processá-los, uma vez que a linguagem, instrumento crucial na construção do conhecimento (VYGOTSKY, 1934/2005), utilizada na interação tem sempre um propósito a ser atingido, respeitando as condições de produção social, cultural, política e histórica em que está inserida (BAKHTIN, 1992).

Ao contrário do que se pensa, o processo de compreensão oral não é completamente passivo, já que o participante da interação deve captar a mensagem e transformá-la em informação baseada em seu conhecimento prévio. Segundo Vygotsky (1934/2005), isso acontece porque durante a construção social do conhecimento os indivíduos mobilizam dois aspectos cognitivos: o científico e o espontâneo. O primeiro refere-se aos conhecimentos acadêmicos, i.e., estudos adquiridos durante a vida escolar. O segundo é aquele que evidencia nossas experiências de vida, o empírico. Segundo o autor, os dois processos cognitivos, durante as interações sociais, influenciam-se e modificam-se mutuamente, transformando-se em um novo conhecimento.

Nessa mesma perspectiva, Richards (2008, p.1) pontua que, por meio do desenvolvimento das habilidades auditivas, o aprendiz pode construir conhecimentos sobre a LE, pois tal processo pode fornecer informações cruciais que os participantes recebem durante a aprendizagem. Ao lançar luz à complexidade de como a CO é verificada em relação à compreensão e aprendizagem de LE, Richards (2008, p. 1) levanta o seguinte questionamento: “Como a atenção à Língua que o aprendiz ouve pode facilitar sua aprendizagem?” Segundo o autor,

esse questionamento dá margem à discussão do papel do perceber (grifo do autor) e da reflexão crítica, além de como esses dois aspectos podem ser parte do processo no qual os alunos conseguem incorporar novo vocabulário, novas estruturas no desenvolvimento de sua competência comunicativa (RICHARDS, 2008, p.1).

Para abrir a discussão sobre como a compreensão oral pode contribuir para a compreensão e aprendizagem de LE, Richards (2008, p.3) apresenta, primeiramente, em seus estudos sobre o processo ensino-aprendizagem desta habilidade, as características do discurso falado. Segundo o autor é necessário que o professor leve em consideração, antes de tudo, quais são as características e peculiaridades do discurso falado, para então elaborar uma sequência didática que apresente os elementos necessários para compreensão e aprendizagem da LE.

A primeira peculiaridade que Richards (2008, p.3) pontua é a diferença entre a compreensão do discurso falado e escrito, o que soma um número de dimensões ao processo de como o aprendiz

processa o discurso. Dentre as diferenças, o autor menciona que o ouvinte deve compreender a oralidade simultaneamente a sua produção, e muitas vezes não tem chance de ouvi-la novamente. Outra diferença está na velocidade em que é produzida embora varie consideravelmente. A segunda característica é que a oralidade geralmente não é planejada e frequentemente reflete os processos de sua construção tais como hesitação, formas reduzidas, repetições, etc. A terceira trata da descrição da estrutura do discurso falado, o qual é considerado linear. Enquanto o discurso escrito é organizado em orações subordinadas, o falado é feito por meio de orações coordenadas. A quarta peculiaridade é o fato de que o texto falado depende do contexto em que é produzido. Para sua compreensão imediata, os participantes têm que dividir o mesmo contexto social, político, histórico e cultural. A última característica trata da variação linguística. O texto oral pode ser produzido com diferentes sotaques, pode ser da norma culta padrão ou não, regional, nativo ou não, entre outros.

Nos últimos anos, estudiosos da Linguística Aplicada (GOH, 2009; RICHARDS, 2008; HELGESEN, 2003) estão dando uma atenção especial à Compreensão Oral, seja por sua diversidade linguística ou pela dificuldade que muitos alunos encontram, além de ser uma maneira eficaz de prever atividades de Produção Oral, que por sua vez, é útil para expandir o que os aprendizes de LI ouviram. Goh (2003, p.1), por exemplo, argumenta que a “Compreensão Oral é uma maneira eficaz de fornecer entradas para o aluno na aprendizagem de LI por ser decisiva para seu sucesso nos estudos, negócios, carreira e relações pessoais”. Helgesen (2003, p.31) pontua a importância das atividades de CO em cursos de Inglês, uma vez que proporcionam uma grande variedade de tarefas para o desenvolvimento da compreensão da linguagem. Nessa mesma perspectiva, Holden (2009, p. 90) acrescenta que “a CO pode oferecer uma rica e variada experiência, onde o aprendiz pode ouvir a uma variedade de entonações, vozes, sotaques, assuntos e emoções.” A autora argumenta que “esse tipo de contextualização acústica equivale aos recursos visuais do livro didático: imagens, cor e layout.” E ainda acredita „que todos esses fatores contribuem de forma rica para a aprendizagem de LI ao tornarem o que se ouve mais real e interessante.“

Quando se pensa em Compreensão Oral, Richards (2008, p. 3) destaca duas finalidades: Compreensão ou Aquisição, os quais são denominados, respectivamente, produto e processo por Goh (2003, p.1).

Em Compreensão, o ouvir se baseia na ideia de que sua função principal é facilitar o entendimento do discurso falado. Por sua vez, Compreensão Oral como Aquisição, vai além do simples fato de compreender a língua em todos os níveis (morfológico, sintático, funcional, etc). Este tipo de compreensão utiliza-se do entendimento de todas as informações fornecidas para que o aluno seja capaz de realizar uma tarefa.

Para entender como o processo de Compreensão funciona, Richards (2008, p.1) atenta-se a dois processos: de baixo para cima (bottom-up) e de cima para baixo (top-down). Enquanto no primeiro as informações contidas no conteúdo são a base para encontrar sentido numa mensagem, no segundo, há o uso do conhecimento prévio para a decodificação do texto.

Em de baixo para cima, a compreensão é analisada através de diferentes níveis - sons, palavras, orações, frases, textos – até que a mensagem seja decodificada. Por outro lado, de cima para baixo faz o caminho contrário, i.e., o aluno necessita compreender o contexto ou ter uma ideia mais próxima de quais significados o enunciado pode ter em diferentes contextos em que ele foi produzido. Richards (2008, p. 8) acredita que “muito do nosso conhecimento do mundo consiste em nosso conhecimento sobre situações específicas”. Segundo o autor esses dois processos podem ser combinados durante o desenvolvimento tanto da audição como compreensão quanto para aquisição.

Como o objetivo deste trabalho é investigar as percepções de alunos ao processo de aprendizagem da compreensão auditiva, em uma instituição de ensino de Inglês cujo material

adotado tem como base o desenvolvimento da produção oral, daremos especial atenção à Compreensão Oral como Aquisição, em que as atividades de compreensão Oral são somente parte de um desenvolvimento linguístico, onde se deve alcançar um resultado ao final, particularmente na realização de uma tarefa que visa a produção oral.

Para Richard (2008, p.1), essa visão de Compreensão Oral “fornece entradas necessárias para um desenvolvimento futuro de proficiência da segunda língua”. Richards (2008, p.12) argumenta que a

Compreensão Oral tem como meta extrair significado de mensagens. – Para tanto, o aprendiz deve ser ensinado a usar ambos os processos de baixo para cima e de cima para baixo para entender mensagens.

Richards (2008, p.14) também diz “que a função de atividades auditivas é facilitar a aquisição da segunda língua”. Nesse contexto, ele completa que “os textos de compreensão oral são usados como base para atividades de produção oral, fazendo uso de atividades de percepção e atividades de reestruturação” as quais darão ao aprendiz a oportunidade de perceber como se usa a língua em diferentes contextos comunicativos.

Sobre o ensino de CO, combinando ambos os processos de baixo para cima e de cima para baixo, Richards (2008, p.10) acredita que “a compreensão Oral no mundo real necessita de ambos.”. Além disso, o autor pontua que “(...) a extensão a que cada um dominará depende da familiaridade do ouvinte com o tópico e contexto de um texto, a densidade da informação num texto, o tipo de texto, e o propósito do leitor sobre a atividade”.

Para desenvolver o trabalho de compreensão auditiva, ambos os processos devem contemplar atividades que consistem em três passos muito presentes nos materiais de ensino atualmente: “pre-listening”, while-listening e post-listening.

No que diz respeito ao “pre-listening”, Richards (2008, p.10) sugere o desenvolvimento de atividades que venham preparar os aprendizes para a audição. Neste momento, o conhecimento prévio é fundamental para que o aluno consiga antever o que possivelmente será tratado no desenvolvimento da compreensão oral. Ao ativar o conhecimento prévio, o participante da interação social está apoiando-se nos conhecimentos espontâneos para compreender os científicos (VYGOSTSKY, 1934/2005). Richards (2008, p.10) argumenta que nesta fase da sequência didática, o trabalho com predições e revisão de vocabulário-chave contribuem para a preparação do aluno para os dois processos. Já o “while-listening”, a próxima fase da sequência didática, tem como proposta a compreensão do texto oral por meio de atividades que sejam desenvolvidas à luz dos processos “bottom-up” and “top-down”. A última fase da sequência didática, o “post-listening”, tipicamente envolve uma resposta à compreensão e pode requerer do aprendiz uma opinião sobre o tópico. É neste momento que, segundo o autor, é apresentada a tarefa em que os aprendizes deverão desenvolver com base nas informações construídas a partir do exercício de compreensão - “input”. Segundo Richards (2008), além do conteúdo temático recebido, as estruturas organizacionais e linguísticas são modelos para que o aprendiz possa utilizar para desenvolver a tarefa.

O desenvolvimento de atividades de compreensão oral, então, vai muito além de uma simples decodificação e reconhecimento de fonemas, léxico e estruturas linguísticas. É um processo pelo qual os aprendizes podem criar significados, pois são inseridos em um contexto cultural de utilização de linguagem (RICHARDS, 2008). Para tanto, o professor ao preparar as atividades deve considerar elementos característicos da linguagem a ser trabalhada, para que então, por meio de dois processos – “bottom-up” e “top-down” – construa uma sequência didática.

A seguir, apresentamos a sequência didática.

3. A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A partir dos estudos sobre o ensino da compreensão e produção oral (Goh, 2009; Richards, 2008; Helsegen, 2003) e fundamentados na perspectiva vygotskiana de aprendizagem de linguagem sociointeracionista, apresentamos a sequência didática.

Nome da lição: Food

Conteúdo: Descrição de comidas locais.

Objetivo:

- Os alunos serão capazes de utilizar o vocabulário específico para descrever textura, sabor e aparência de determinados alimentos.

Idades: média de 21 anos.

Tempo estimado: 2 horas.

Desenvolvimento

Pre-listening

1ª Etapa:

O objetivo será aula será apresentado aos alunos. A partir disso, os alunos serão requisitados que escrevam o que eles esperam aprender e assim trabalhar com suas previsões, conforme Richards (2008) e os PCN-LE (Brasil, 1998) sugerem.

2ª Etapa: Será apresentado aos alunos o vocabulário específico da lição, (*I tastes sweet/spicy/salty/sour, It's soft/hard/chewy/crunchy, It smells terrible/terrible, etc.*) por meio de exemplo visual, e então, os alunos deverão ler as descrições dos alimentos para checar o entendimento. A seguir, o áudio é reproduzido para que o aprendiz possa verificar a pronúncia e o vocabulário. Após isso, os alunos serão indagados a responder sobre o vocabulário e sobre outros alimentos específicos, como por exemplo: *Can you name another sweet food? Can you name something chewy?*

Após essa apresentação, os alunos participarão de uma atividade em que terão de descrever, utilizando o vocabulário aprendido anteriormente, alimentos reais. Para tanto, os alunos terão os olhos vendados, e então, o professor mediará a participação dos alunos, pedindo-lhes que descrevam o alimento que estão provando. Assim será feito com todos os alunos até que todos tenham participado, ou que as opções acabem. Toda esta atividade terá como objetivo prepará-los para o áudio que virá a seguir, conforme preconizado por Richards (2008).

While-Listening

Os alunos receberão uma folha com alguns discursos em que as pessoas descrevem diferentes alimentos. Os alunos deverão ouvir o áudio referente aos discursos e então assinalar a alternativa correta. Ex: It's (soft/**hard**/chewy) and it tastes (**sweet**/spicy/sour). Ao ouvirem uma segunda vez, os alunos deverão associar as frases com imagens mostradas pelo professor: Ex: It's (soft/**hard**/chewy) and it tastes (**sweet**/spicy/sour). R: rapadura. Corrigir as questões com os alunos e retirar possíveis dúvidas. Reproduzir o segundo áudio mais uma vez e pedir aos alunos responderem quais dos alimentos nas figuras eles gostariam de experimentar, e o porquê. Encorajá-los a falar o máximo possível em inglês.

Post-listening

Após todas estas atividades, pedir aos alunos que escrevam três comidas típicas da região onde vivem. Eles deverão escrever suas características, texturas, do que são feitos e sabores. Em seguida, formar duplas para que eles encenem uma conversa em que falam sobre esses alimentos um ao outro.

CONSIDERAÇÕES

O trabalho com sequências didáticas possibilita ao professor um olhar mais crítico acerca das possibilidades de aprendizagem dos alunos. Esta sequência, particularmente, permitiu-nos compreender a importância de construir um contexto de aprendizagem real, uma vez que os alunos vivenciarão situações reais de uso da linguagem para atingir o objetivo da lição. Ao desenvolver atividades em que o aluno se torna protagonista, a nossa intenção é possibilitar meios para que o aprendiz possa estabelecer estratégias cognitivas e metacognitivas, para compreender como a construção social do conhecimento tem um papel primordial no processo de aprendizagem. Além disso, percebe-se que em todas as tarefas pressupõe-se que os alunos estabeleçam a interação, conforme os PCN-LE (Brasil, 1998) preconizam.

Temos consciência de que este estudo não termina aqui. Outros poderão ser realizados a partir deste e contribuir com os estudos na área de ensino-aprendizagem de Línguas Estrangeiras.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias. vol 1 Brasília: MEC;SEMTEC; 2006.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiros e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF; 1998.

CASTRO, Solange T. Ricardo de; ROMERO, Tania Regina de Souza. A Linguagem na formação do educador. In: CASTRO, Solange T. Ricardo de e SILVA, Elizabeth Ramos (Org.) *Formação do profissional docente: Contribuições de pesquisas em lingüística Aplicada*. Taubaté: Cabral, 2006.

DE OLIVEIRA, Neide Aparecida Arruda. Diga Sim ao Português nas Aulas de Inglês; Aparecida – SP: Editora Santuário, 2005.

GOH, Cristine C. M. Ensino da Compreensão Oral em Aulas de Idiomas / Cristine M. C. Goh; tradução Rosana Sakugawa Ramos Cruz Gouveia. - - São Paulo; Special Book Service Livraria, 2003.

HELGESEN, Listening. In: NUNAN, David (org.). *Practical English Teaching*. New York: McGrawHill, 2003.

HOLDEN, Susan. O Ensino de Língua Inglesa nos Dias Atuais; São Paulo: Special Book Service Livraria, 2009.

MATIAS DA SILVA, Vagner. Representações de Alunos do Ensino Médio Sobre as Dificuldades na Aprendizagem de Inglês com Base no Gênero Textual Folder Turístico. In: SILVA, Elisabeth Ramos da; ABUD, Maria José Milharezi e CASTRO, Solange T. Ricardo de. *Representações Docentes e Discentes em Contextos Educativos*. Taubaté: Cabral; 2010.

RICHARDS, Jack C. *Teaching Listening and Speaking: From Theory to Practice*; USA: Cambridge University Press, 2008.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

APAGÃO DA ARQUITETURA EM HABITAÇÕES POPULARES BRASILEIRAS.

RESUMO:

Neste trabalho será apresentada uma análise crítica sobre a reprodução desenfreada dos conjuntos habitacionais na década de 1960 ou popularmente conhecida, Minha Casa Minha Vida (MCMV), que é uma parceria entre o Governo Federal, Estados, municípios, movimentos sociais e empresas, que tem como objetivo diminuir o déficit habitacional brasileiro. O artigo tem a intenção de expor as falhas tanto social como financeiramente do programa citado, tendo em vista a falta de planejamento estrutural e urbanístico das habitações, fazendo com o que o leitor tenha uma visão ampla, porém não tendenciosa em relação aos governos que tiveram à frente do mesmo. Na segunda parte, o foco do trabalho será voltado para o fator relacionado aos gastos feitos com as habitações e propostas de melhoria para o programa, tendo em vista a utilização de arquitetos para o desenvolvimento da mesma. Em suma, serão expostas soluções e melhorias de acordo com a realidade do país.

Palavras-chaves: Habitação, Minha Casa Minha Vida, Governo Federal

ABSTRACT

This work presents a critical analysis of the rampant reproduction of housing in the 1960s or popularly known, Minha Casa Minha Vida (MCMV), which is a partnership between the Federal Government, states, municipalities, social movements and companies, which has aims to reduce the housing deficit. The article intends to expose both socially and financially failure of that program, given the lack of structural and urban planning of housing, causing what the reader has a broad view, but not biased towards governments that had in front of it. In the second part, the focus of the work will be focused on the comparative factor between Brazilian and foreign social housing, given the use of architects for its development. In short, solutions and improvements will be exposed in accordance with the country's reality.

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo na dissertação a seguir é uma análise dos conceitos de habitação popular voltado para famílias de baixa renda no Brasil, abordando especialmente a falta de estrutura e precariedade do planejamento arquitetônico para o programa MCMV.

Primeiramente, podemos citar que o lar é uma necessidade básica do ser humano e que o mesmo vai muito além de um teto com quatro paredes. Além de ser um direito fundamental, garantido pela própria Constituição Federal, de 1988, em seu artigo 5. Segundo o nº 11, do então Pacto Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (PIDESC) está contido que, os países que ali assinaram com os termos, como o Brasil, tem o reconhecimento que toda indivíduo tem direito a uma qualidade de vida adequada tanto para si quanto para sua família, isso inclui vestimentas, moradias e alimentação.

Todavia, o artigo XXV da Declaração Universal dos Direitos Humanos, datada de 1948, consigna que “toda pessoa tem o direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e sua família bem-estar e saúde, inclusive alimentação, vestuário e habitação...”.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pouco mais da metade dos municípios brasileiros possuem, plano de habitação popular. Porém a mesma precisa ser mais do que um programa de governo, necessita ser uma política de Estado. O consagrado MCMV, engatilhado por construções padronizadas e de larga escala que ignora a pluralidade das famílias de baixa renda e que certamente reforça a segregação dentro das cidades é atualmente o maior programa habitacional já criado no país, o mesmo é uma parceria do Governo Federal, Estados e municípios e tem como principal parceira da Caixa Econômica a MRV Engenharia. O programa utiliza de diversos benefícios como subsídios de até 25mil com baixas taxas de juros e até 360 camufláveis meses (30 anos) para pagar. O real objetivo de uma política habitacional é favorecer o desenvolvimento social, porém a mesma não contribui para que pessoas de níveis sociais diferentes venham a dividir o mesmo espaço, uma simples imagem aérea de tais áreas é autossuficiente para explicar que MCMV não faz cidade, tal modelo desestrutura cidades existentes e coage o morador a viver afastado da cidade, dificultando o acesso à cultura.

A urbanização brasileira pode ser ponderada ao intenso crescimento populacional do país, e o acentuado processo migratório que continua a deslocar enormes bolsões populacionais para a região Sudeste, posteriormente para outras regiões. Segundo o Censo de 2010 do IBGE, mostra que por volta de 35% da população não habitava na cidade onde nasceu, sendo que 14% (26,3 milhões de pessoas) moravam em outro estado. São Paulo (8 milhões de pessoas), Rio de Janeiro (2,1 milhões), Paraná (1,7 milhão) e Goiás (1,6 milhão) seguem acumulando a maior quantidade de pessoas residentes que não nasceram lá. No tempo em que, Minas Gerais (3,6 milhões de pessoas), Bahia (3,1 milhões), São Paulo (2,4 milhões) e Paraná (2,2 milhões) foram os estados com os maiores volumes de população natural que foi morar em outros estados ou cidades. No que se refere à migração entre países, em 2010, o país recebeu 268 mil imigrantes internacionais, 86 % a mais do que no ano 2000 (143,6 mil). Os principais países de origem dos imigrantes foram os EUA (51,9 mil) e Japão (41,4 mil). Constatou-se que o Brasil está recebendo de volta muitos brasileiros que estavam residindo no exterior. Do total de imigrantes internacionais, 174,6 mil (65,0%) eram brasileiros e estavam retornando; já em 2000, foram 88 mil imigrantes internacionais de retorno, 61,2% do total dos imigrantes.

METODOLOGIA

A metodologia do trabalho é baseada no desenvolvimento de um conjunto habitacional Brasileiro. O programa na área urbana é dividida por 3 (três) faixas de renda mensal: Até R\$1.600,00 (faixa 1), até R\$3.275,00 (faixa 2) e até R\$5.000,00 (faixa 3). O conjunto habitacional MINHA CASA MINHA VIDA (MCMV) surgiu em 2009 e já construiu 1,7 milhões de unidades habitacionais. O programa iniciou após um estudo elaborado com base em pesquisas bibliográficas e levantamento de informações referentes ao Déficit e demanda habitacional. O método utilizado para aquisição de uma unidade habitacional é:

Primeiro passo é fazer o seu cadastro e de acordo com sua faixa salarial familiar você será incluído em um dos programas da MCMV, conforme abaixo:

- 1) Habitação Urbana
- 2 Habitação Rural
- 3) Minha Casa Minha Vida através de sorteios.

O método usado para o financiamento no 1º caso você será indicado pelo Governo ou por entidades organizadoras, no 2º caso o trabalhador rural terá o apoio da caixa para o financiamento para aquisição de material para construção do seu imóvel e no 3º caso você entrará no sorteio do Governo, após ter se cadastrado no programa, sendo que este é necessário cumprir algumas exigências como:

- Não possuir nenhum financiamento
- Não possuir nenhum imóvel
- Não ter utilizado o FGTS para financiar algum imóvel nos últimos 5 anos.
- Não ter restrições de crédito.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A ideia inicial do programa Minha Casa Minha Vida é muito boa e ambiciosa, construir milhões de moradias para famílias de baixa renda, visando combater o déficit habitacional, os efeitos colaterais do resfriamento da economia produzidos pela famosa crise mundial e é também uma política anticíclica que objetiva aumentar os investimentos na área da construção civil, garantindo a geração de empregos e consequentemente renda. Porém, a mesma deveria ter sido estudada com as prefeituras, especialmente no que diz respeito à questão do zoneamento das regiões, de fato as zonas centrais por estarem inseridas em locais próximos à centros comerciais ou avenidas principais são as mais valorizadas, sendo assim, os proprietários deixam seus terrenos valorizando por anos, sem se preocuparem com uma lei de cobrança dobrada de IPTU pela prefeitura. O governo não aplicando tal cobrança nas prefeituras deixa uma verdadeira desordem, um caos, e quem sai privilegiado é o interesse privado que apenas constrói casas, fazem o que desejam, colocando famílias de baixa renda em zonas afastadas da cidade, tornando precárias, obrigando as mesmas a atravessarem toda a cidade às vezes, seja por motivos de trabalho ou até mesmo o próprio lazer. O resultado final da construção de milhões de apartamentos de baixa qualidade nas periferias é a favelização, Cidades de Deus, Cidade Tiradentes e tirando o fato de que os gastos para o estado são pesados, pois o obriga a gastar milhões em obras. E o setor público tem que gastar montanhas de verbas para fazer com que o transporte público chega nesses locais, porém não consegue levar trabalho ao mesmo. Ao equacionar todas as ressalvas, nota-se que o custo é muito alto.

Outra ressalva não menos importante além do de zoneamento, é que mais do que quantidade ou metas, o MCMV precisa de qualidade estrutural. Pois muitos quando vão ser entregues já vem com problemas de trincas, problemas elétricos, com falta de alguma tubulação ou até mesmo sem tubulação, problemas na rede hidráulica entre outros. Conta a moradora Camila Luquini, da cidade de Taubaté, no estado de São Paulo, que esperou pouco mais de dois anos para pegar a chave de seu apartamento e começar a viver na tão sonhada casa própria, porém esta alegria durou muito pouco, seu apartamento veio com graves problemas elétricos, por exemplo quando acendia qualquer lâmpada da residência seu disjuntor desarmava.

Um fator a ser considerado também é de como o gasto com a construção é camuflado. Um prédio do MCMV, custa em média 70 mil reais, e o morador tem o subsídio do governo e mais 360 meses para pagar. Mas existe algo chamado Índice Nacional de Custo da Construção (INCC), que não é abordado como deveria pelas construtoras para seus clientes, ressaltando que são apartamentos para a classe menos favorecida, o mesmo foi criado pela Fundação Getúlio Vargas com o intuito de saber a queda ou aumentos nos custos de construções habitacionais no país. É uma taxa que o morador irá pagar mensalmente para construtora ao longo do tempo da construção, porém, este INCC chega para os moradores em um custo muito elevado, com boletos em média de 700 reais. Fazendo um breve pensamento, como o Governo Federal deixa isto acontecer, pensando em uma família que ganha três salários mínimos, o que atualmente dá uma média de 2.300 reais. Como esta família irá pagar mensalmente boletos com preços que dão aproximadamente um terço do valor da sua renda mensal! ? Fora a parcela do financiamento, vestimenta, alimentação, transporte entre outros custos.

No ano de 2012, a Caixa Econômica Federal (CEF) realizou um concurso público com 120 vagas para arquitetos em todo o país. Estes profissionais seriam utilizados no intuito de gerenciar as construções de novas agências, mais precisamente voltado para o programa habitacional. Mas até o atual momento do ano de 2015, não existem arquitetos responsáveis pela construção de qualquer apartamento do MCMV.

Os resultados encontrados para solucionar estes problemas seriam que os terrenos que tivessem o interesse para o programa do MCMV, deveriam ser previamente catalogados pelas prefeituras e as mesmas darem incentivos fiscais para as construtoras ou terceiros para que pudessem vender seus terrenos, localizados em bairros com maior integração social para que ali pudessem ser construídos os consagrados apartamentos, não causando a segregação de moradores. Além do que, o governo poderia incentivar as prefeituras a levarem infraestrutura urbana para os locais aonde já existem estes apartamentos, desenvolvendo ruas, marginais, praça, iluminação adequada, tornando aquele bairro um local agradável para convivência dos moradores e não uma zona periférica da cidade. Outra responsabilidade do Governo Federal seria uma forte e bem planejada avaliação antes de qualquer entrega de condomínios do programa e forcarem as construtoras, através de lei a explicar para os moradores sobre o INCC e oferecer uma forma mais moderada de pagamentos para estas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o que se propõe é uma boa arquitetura para lugares periféricos, o que não é nada fácil, pois como situam em lugares afastados, a distância se torna um forte opositor. O primeiro a se fazer é a criação de um sistema viário que seja legível, de conexão e mobilidade. Posteriormente a inserção de novos elementos para coincidir amigavelmente com a periferia. O trabalho do arquiteto urbanista é inserir urbanidade nos locais, para que o morador, de fato não se sinta excluído ou rejeitado. O que antes era assunto de sociologia e política, hoje em algumas escolas de arquitetura a questão „periferias“ já se encontra incluída. Não há uma equação exata do como mudar uma favela, cada uma é única e sendo única, cada uma trás sua própria fórmula de resolução. Uma zone periférica do Rio de Janeiro é completamente diferente de uma em São Paulo, ou na Bahia. Paraisópolis (SP) é um exemplo, tem transporte interno próprio, televisão e rádio locais, mas ao adentrar no local, está em outro lugar, não na cidade formal. Na teoria, as moradias padronizadas apresentadas nos programas que são implementados no Brasil, endossam as necessidades mínimas em habitabilidade das famílias que se beneficiam do mesmo. Porém o que se contata é que tais moradias não suportam estrutura para abrigar as famílias, tanto pela infraestrutura quanto pelo fato de serem padronizadas.

Sendo assim, tais famílias que residem nas habitações não escolhem as casa onde vão viver, simplesmente se socorrem nas mesmas pelo fato de não terem possibilidade de morarem em outros locais.

AGRADECIMENTOS

À Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, pela oportunidade concedida ao primeiro congresso realizado pelo grupo que vos apresenta.

Ao professor André Benine, que nos encorajou e nos mostrou a importância do aprofundamento do tema.

Ao aluno Luís Fernando, que facilitou o entendimento do processo de um artigo, sendo atencioso e didático.

Aos professores, funcionários e colegas de turma da FATEA, pela atenção, contribuição e paciência.

Muito Obrigado.

REFERÊNCIAS

<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/minha-casa-minha-vida-gera-exclusao-diz-arquiteto-7104.html>

http://www.folhape.com.br/cms/opencms/fohape/pt/Projetos/GOLPE/ECONOMIA_2.html

<http://construcaomercado.pini.com.br/negocios-incorporacao-construcao/155/artigo312927-2.aspx>

<http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/2b.pdf>

<http://www.caubr.gov.br/?p=41487>

<http://www.archdaily.com.br/br/category/habitacao-de-interesse-social>

<http://www.engenhariacivil.com/edificios-habitacao-social-construidos-contentores>

<http://www.ibge.gov.br/home/>

http://www.unfpa.org.br/Arquivos/pacto_internacional.pdf

<http://www.caixa.gov.br/>

<http://www.MRV.com.br>

<http://www.pac.gov.br/minha-casa-minha-vida>

http://www.sedhab.df.gov.br/mapas_sicad/conferencias/programa_minha_casa_minha_vida.pdf

A DEFICIÊNCIA MECÂNICA DO CONCRETO POROSO E SEU FORTALECIMENTO COM APLICAÇÃO DE NANOTUBOS DE CARBONO.

Resumo

Os alagamentos, a cada dia têm se tornado situações cotidianas de pessoas que vivem em áreas urbanizadas. A falta de um bom planejamento urbano permite o aparecimento desse problema, tendo com uma das principais causas a impermeabilização do solo que impede a infiltração da água da chuva no solo, causando um pico de vazão da água não infiltrada, o que por sua vez gera o escoamento superficial intenso causando os alagamentos. Os meios tradicionais de escoamento artificial são deficientes e ainda não foi concebido um sistema de drenagem viável que suporte um volume de água maior que o nível previsto para uma máxima pluviométrica. Nesse contexto surgem como uma possível solução, os pavimentos permeáveis, dispositivos dotados de estrutura permeável que facilitam a infiltração da água no solo, diminuindo a vazão para os sistemas de drenagem, sua aplicação, porém é limitada a locais sem grande acesso de pessoas, o que inviabiliza o objetivo de sua principal função que é retardar o tempo de alagamento em grandes centros urbanos. Para isso, esse trabalho pesquisa a aplicação de Nanotubos de Carbono ao concreto poroso buscando aumentar a resistência mecânica do pavimento permeável e viabilizar condições para sua aplicação em escala.

Palavras-chave: Alagamentos; Pavimento Permeável; Concreto Poroso; Nanotecnologia; Nanotubo de Carbono.

Abstract:

The flooding, every day have become everyday situations of people living in urbanized areas. The lack of a good urban planning allows the appearance of this problem, with taking one of the main causes soil sealing, which prevents the infiltration of rainwater into the ground, causing a peak flow of non-infiltrated water, which in turn generates intense runoff causing flooding. Traditional means of artificial drainage are deficient and has not yet designed a workable drainage system that supports a volume of water greater than the expected level for a maximum rainfall. In this context emerged as a possible solution, permeable pavements, devices equipped with permeable structure that facilitate water infiltration into the soil, reducing the flow to drainage systems, their application, but is limited to places with little access to people, which prevents the object of their main function is to slow the flooding of time in large urban centers. For this reason, the research work the application of Carbon Nanotubes porous concrete seeking to increase the mechanical strength of the permeable paving and enabling conditions for its application range.

Keywords: Flooding; Permeable pavement; Porous concrete; nanotechnology; Carbon Nanotube.

INTRODUÇÃO

Com o atual mundo em desenvolvimento, problemas causados pela concentração populacional em grandes cidades levam a cada vez mais ao aumento de áreas urbanas impermeáveis, justaposto a conseqüente interferência humana no ciclo hidrológico.

Como resultado, o aumento de alagamentos tem provocado a degradação proeminente da qualidade das águas, o aumento dos vetores patogênicos de transmissão de doenças e poluição, bem como prejuízos econômicos a toda população.

Isso tem obrigado à adoção de medidas que busquem a eliminação dos efeitos produzidos pelas chuvas intensas. Soluções criadas como redes de drenagem são incapazes de resolver todo o problema, pois visam apenas transferir a água de um ponto para outro.

A utilização de dispositivos que possibilitem a infiltração aumentando o tempo de retardo de escoamento superficial já se faz presente na literatura; o uso de pavimento permeável é dito como uma das principais soluções para o problema.

Contudo o seu uso não se aplica para grandes centros urbanos com grande quantidade de tráfego, isso se dá pela elevada quantidade de poros na estrutura do concreto poroso, uma vez que a vida de fadiga do concreto permeável diminui com o aumento da quantidade de poros ou vazios na estrutura. (KLAIBER E LIE, 1982).

Entretanto uma solução racional para a eficiência desse dispositivo de infiltração em locais com grandes concentrações populacionais é a incorporação de materiais que ao serem adicionados à mistura do concreto poroso apresentam maior resistência à fadiga quando comparadas as misturas sem adições.

Para tal solução, a aplicação de NTCs ao concreto poroso é uma solução que aparenta ser viável do ponto de vista técnico, uma vez que, os NTCs podem desempenhar papel parecido com o dos cabos de aço, atuando como elemento de protensão do concreto em escala nanoscópica. (LADEIRA, 2009)

Com isso, este trabalho estuda o efeito da adição dos NTCs ao concreto poroso, analisando as propriedades mecânicas desse importante instrumento de infiltração.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. URBANIZAÇÃO E DRENAGEM

Enquanto inundações e enchentes são problemas naturais que acontecem há milhares de anos, como no caso do rio Nilo e outras grandes bacias hidrográficas, os alagamentos são problemas causados pela urbanização descontrolada. São acúmulos momentâneos de água em determinados locais por deficiência no sistema de drenagem provocados por chuvas intensas em áreas total ou parcialmente impermeabilizadas.

O desenvolvimento urbano brasileiro tem produzido aumento significativo na frequência das inundações, na produção de sedimentos e na deterioração da qualidade da água. (TUCCI, 1993)

A afirmação de Tucci se justifica, porque o resultado de uma urbanização não planejada ou mal planejada resulta na impermeabilização do solo através de telhados, ruas, calçadas e pátios, entre outros.

Com a impermeabilização a água que infiltrava no solo passa a escoar pelos condutos, aumentando o escoamento superficial. O volume que escoava lentamente pela superfície do solo e ficava retido pelas plantas, com a urbanização passa a escoar no canal, exigindo maior capacidade de escoamento das seções.

O mais preocupante é que o escoamento de águas pluviais sempre ocorrerá independentemente de existir ou não sistema de drenagem adequado. A qualidade desse sistema é que determinará se os benefícios ou prejuízos à população serão maiores ou menores. (SMDU, 2012)

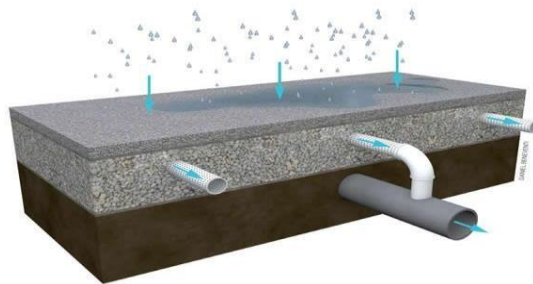
Segundo a Secretaria municipal de Desenvolvimento Urbano da cidade de São Paulo (SMDU, 2012, p.16), —quando o sistema de drenagem não é considerado desde o início da formulação do planejamento urbano, é bastante provável que esse sistema, ao ser projetado, revele-se ao mesmo tempo de alto custo e ineficiente.

1.2. PAVIMENTO PERMEAVEL

O pavimento permeável é uma estrutura que contribui para a redução do escoamento superficial, uma vez que, é dotado de uma estrutura porosa que permite a infiltração da água no solo, o que provoca o amortecimento de vazões e conseqüente redução na probabilidade de eventos como os alagamentos urbanos.

O pavimento permeável beneficia os processos hidrológicos que são alterados durante a urbanização, uma vez que criam artificialmente as condições que a água da chuva encontraria em uma área não urbanizada, com o solo impermeabilizado.

Figura 1: Detalhe Ilustrativo da Pavimentação de Concreto Poroso



Fonte: Revista Infraestrutura Urbana 13 (abril/2012)

As vantagens para a utilização do concreto poroso como pavimento permeável varia desde o retardamento do escoamento superficial reduzindo a probabilidade de alagamentos, a minimização do efeito da hidroplanagem.

Entretanto, o maior fator que impede a utilização desse tipo de pavimento permeável é a sua função estrutural, uma vez que quanto maior a permeabilidade do concreto (necessária para o escoamento das águas) menor a resistência mecânica do pavimento, que justifica a importância de se estudar métodos que melhorem as propriedades mecânicas do concreto poroso sem influenciar nas propriedades de condutividade hidráulica.

1.3. NANOTECNOLOGIA APLICADA AO CONCRETO

A nanotecnologia vem proporcionando a melhoria de diversos materiais utilizados no cotidiano. A nanotecnologia fundamenta-se na ideia que as propriedades das substâncias mudam quando reduzidas a escalas muito pequenas. GARCIA diz que:

Em escala nanométrica (10^{-9} m), os materiais invariavelmente, apresentam comportamento muito distinto de suas conhecidas propriedades físicas e químicas em escalas maiores principalmente no que tange à sua reatividade química, resistência mecânica e comportamento sob ação da luz. (Garcia, 2011, p.13)

Segundo o mesmo autor, propriedades como resistência mecânica, ópticas e magnéticas são influenciadas quando reduzidas o tamanho de materiais para escala nanométrica.

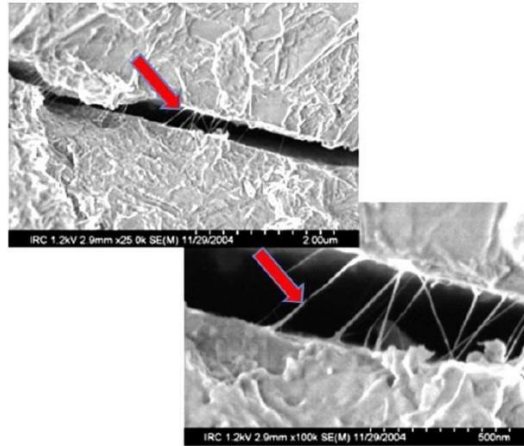
Dentre as nanopartículas mais utilizadas para estudo estão os Nanotubos de Carbono (NTCs) e a Nanosílica, a aplicação desses nanomateriais a compostos cimentícios vem demonstrando que as propriedades mecânicas em argamassas de cimento referentes a resistência a compressão vem aumentando significativamente (MARCONDES,2012)

De acordo com Li et al. (2004) esse aumento da resistência é explicado por três fatores:

- Quando uma pequena quantidade de nanopartículas é uniformemente dispersa na pasta de cimento, as nanopartículas agem como uma ponte de ligação forte ao cimento hidratado e, também, contribui para a hidratação do cimento devido a sua alta atividade, o que é favorável para a resistência mecânica;
- As nanopartículas presentes entre os produtos hidratados irão impedir o crescimento de alguns cristais, como o $\text{Ca}(\text{OH})_2$ (hidróxido de cálcio), o que favorece a resistência mecânica;
- As nanopartículas preenchem os poros da pasta de cimento, tornando-a mais densa e aumentando a resistência, de modo similar ao efeito da sílica ativa.

Segundo MAKAR et al. (2005) acredita-se que a aplicação de nanotubos de carbono ao cimento proporcione uma maior resistência a este, uma vez que quando adicionando em proporções corretas os NTC's ao concreto são criadas pontes de aderência que influenciam no controle da fissuração conforme a imagem a seguir:

Figura 2: Micro fissura na pasta de cimento com a presença dos NTCs agindo como pontes de aderência



Fonte: Makar *et al.* (2005)

1.4. NANOTUBOS DE CARBONO

Os nanotubos de carbono (NTCs) são cilindros formados por átomos de carbono com aproximadamente 3 nanômetros de diâmetro por 1000 nanômetros de comprimento. Eles surgiram a partir de pesquisas realizadas pelo físico japonês Sumio Iijima no início da década de 90.

Segundo MARCONDES, (2012) os NTCs são formados apenas por elementos de carbono em um arranjo hexagonal, os quais se enrolam em forma de cilindro. Para o Centro de Informações de Tecnologia Nuclear (CDTN) a ligação carbono-carbono é a mais forte encontrada na natureza.

Para CHAIPANICH *et al.* (2010) a estrutura dos nanotubos de carbono possui uma resistência muito alta que na teoria é cerca de 100 vezes maior que a do aço e sete vezes mais leve.

A forma de como o Nanotubo de Carbono é estruturado diz muito sobre suas propriedades. Segundo LI *et al.* (2005) os NTCs podem ser condutores metálicos ou semicondutores dependendo de sua estrutura .

MARCONDES, (2012) diz que:

Há vários modos de ligação dos átomos de carbono para a formação dos nanotubos de carbono e é essa forma de ligação a responsável pelo desempenho do material e, conseqüentemente, pela melhoria em suas propriedades. Sob o ponto de vista da geometria, propriedades importantes dos NTCs são determinadas pelo seu diâmetro e pela sua quiralidade, ou seja, pela forma como os hexágonos de átomos se orientam em relação ao eixo do tubo. (Marcondes, 2012, p.38)

Segundo ZARBIN (2007) existem duas formas estruturais para o nanotubo de carbono: os de parede simples (com uma única folha de grafeno enrolada sob si para formar um tubo cilíndrico) e os de paredes múltiplas (com varias folhas de grafeno enroladas em forma de tubo)

Atualmente os métodos para sintetizar os nanotubos de carbono são pela pirólise de eletrodo de grafite em atmosfera controlada de hélio (método de arco de corrente), pelo método de deposição de vapor químico (Chemical Vapour Deposition – CVD), pela decomposição do monóxido de carbono em altas pressões e altas temperaturas (HiPCO - High Pressure CO conversion) e pelo método de ablação a laser.

2. OBJETIVOS

Atualmente no contexto bibliográfico brasileiro pouco se desenvolveu em relação a utilização do concreto permeável pesquisas que abordassem as propriedades desses importantes instrumentos de infiltração quando modificados alguns de seus principais constituintes.

Acredita-se que quando modificado a forma de produção desse dispositivo de infiltração muitas vantagens de cunho econômico e social são geradas aos seus usuários.

Assim, devido à falta de pesquisas em nível nacional que considerem o efeito que a incorporação de novos materiais possa gerar ao concreto poroso, esse trabalho tem como objetivo geral investigar através de levantamentos bibliográficos a possível viabilidade da aplicação de Nanotubos de Carbono ao concreto poroso e preparar tecnicamente uma literatura base para futuros trabalhos práticos.

3. METODOLOGIA

Este trabalho baseou-se na pesquisa bibliográfica, realizando levantamento de literatura necessário à fundamentação teórica do estudo, como é habitual em investigações científicas.

A partir de uma extensa revisão bibliográfica e de informações já existentes, após identificar a viabilidade da aplicação dos Nanotubos de Carbono ao concreto poroso, preparou-se baseado através de documentos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) um programa experimental (impossível de ser resumido nesse documento devido a quantidade paginas existentes) para auxiliar futuramente pesquisas praticas em laboratório.

O programa experimental que consiste desde a escolha e análise do material até testes mecânicos e hidráulicos baseou-se nas seguintes normas técnicas:

- NBR 5738: Concreto - Procedimento para moldagem e cura de corpos-de-prova - Procedimento
- NBR 7211: Agregados para concreto – Especificação.
- NBR 7222: Concreto e argamassa — Determinação da resistência à tração por compressão diametral de corpos de prova cilíndricos – Método de ensaio.
- NBR 7583: Execução de pavimentos de concreto simples por meio mecânico.
- NBR 10786: Concreto endurecido - Determinação do coeficiente de permeabilidade à água – Método de ensaio.

Assim, prospectou-se um sistema conceitual a partir da aplicação de nanotubos de carbono aos pavimentos permeáveis que servisse como um dispositivo de infiltração eficiente em locais com trafego pesado, visando uma eficiência técnica desse dispositivo de infiltração.

4. RESULTADOS E CONCLUSÃO

Após a análise da literatura e baseado nas afirmações de MARCONDES, (2012) concluiu-se que a aplicação do nanotubo de carbono ao concreto poroso é uma solução viável para a aplicação em grande escala do pavimento permeável. Devido ao seu tamanho minúsculo,

tais partículas contribuem para o preenchimento de vazios e poros da pasta de cimento tornando-a mais densa e conseqüentemente, aumentando a resistência mecânica do concreto poroso.

Segundo MARCONDES, (2012) a dispersão uniforme de uma pequena quantidade de nanopartículas a pasta de cimento, faz com que pontes de ligações fortes sejam relacionadas ao cimento hidratado, contribuindo para a hidratação do cimento e impedindo o crescimento de alguns cristais na pasta cimentícia, favorecendo a resistência mecânica.

Embora não seja utilizado em grande escala devido ao seu elevado custo, o uso dos NTCs pode ser uma possível solução eficaz para favorecer a aplicação do pavimento permeável em grandes centros urbanos. Isso porque já existe a possibilidade da síntese dos NTCs durante a própria fabricação do clínquer (cimento), que aumenta as chances futuramente da aplicação dessa tecnologia ao concreto poroso por um preço acessível.

A partir das informações levantadas até agora, espera-se que em futuras fases experimentais de pesquisas com a aplicação dos NTCs ao concreto poroso constata-se um aumento nas propriedades mecânicas do concreto poroso, especialmente na resistência a tração na flexão e por compressão diametral.

Acredita-se que o coeficiente de permeabilidade do pavimento continue contínuo e permita que a água infiltre em sua superfície e diminua o escoamento superficial da água reduzindo as chances de alagamento em grandes centros urbanos.

REFERENCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 5738**: Concreto - Procedimento para moldagem e cura de corpos-de-prova - Procedimento. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 7211**: Agregados para concreto – Especificação. Rio de Janeiro, 2005.

_____. **NBR 7222**: Concreto e argamassa — Determinação da resistência à tração por compressão diametral de corpos de prova cilíndricos – Método de ensaio. Rio de Janeiro, 2011.

_____. **NBR 7583**: Execução de pavimentos de concreto simples por meio mecânico. Rio de Janeiro, 1986.

_____. **NBR 10786**: Concreto endurecido - Determinação do coeficiente de permeabilidade à água – Método de ensaio. Rio de Janeiro, 1989.

CHAIPANICH, A. *et al.* Compressive strength and microstructure of carbon nanotubes–fly ash cement composites. **Materials Science and Engineering: A**, v. 527, p. 1063–1067, 2010.

GARCIA, Marcus Vinicius Dias. **Síntese, caracterização e estabilização de nanopartículas de prata para aplicações bactericidas em têxteis**. 2011 89p. Dissertação (Mestrado em Engenharia) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Química. Campinas, São Paulo 2011.

KLAIBER, F.W.; LEE, D. Y. **The Effects of Air Content, Water-Cement Ratio and Aggregate Type on the Flexural Fatigue Strength of Plain Concrete**. ACI SP-75, American Concrete Institute, Farmington Hills, p. 142-148, 1982.

LADEIRA, L. O. *et al.* **Process for the Continuous, Large-Scale Synthesis of Carbon Nanotubes on Cement Clinker, and Nanostructured Products**. WO/2009/132407 - PCT/BR2009/000119, 30/04/2009.

LI, H.; XIAO, H. G.; OU, J. P. Microstructure of cement mortar with nanoparticles. **Science Direct Composites**, [Local], p. 185-189, 2004.

MAKAR, J.; MARGESON, J.; LUH, J. Carbon nanotube / cement composites – early results and potential applications. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONSTRUCTION MATERIALS: PERFORMANCE, INNOVATIONS AND STRUCTURAL IMPLICATIONS, 3., 2005, Vancouver. **Anais...** Vancouver: ConMAT, 2005. Disponível em: <<http://www.irc.nrc-cnrc.gc.ca/ircpubs>>. Acesso em: 29/07/2015.

MARCONDES, Carlos Gustavo Nastari. **Adição de nanotubos de carbono em concretos de Cimento portland – absorção, permeabilidade, Penetração de cloretos e propriedades mecânicas**. 2012 143p. Dissertação (Mestrado em Engenharia) Universidade Federal do Paraná, Setor de Tecnologia. Curitiba, Paraná 2012.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano. **Manual de Drenagem e Manejo de Águas Pluviais**: gerenciamento do sistema de drenagem urbana. São Paulo: SMDU, 2012.

TUCCI, C.E.M., 1993. **Controle de Enchentes**, in: Tucci, C. (org). Hidrologia ciência e aplicação. Porto Alegre: Ed. da Universidade: ABRH cap 16, p621-658.: 952p.

ZARBIN, A. J. G. Química de nano materiais. **Quim. Nova**, São Paulo, v. 30, n. 6, p. 1469-1479, 2007.

PLANEJAMENTO E REESTRUTURAÇÃO DA MARCA CARVÃO FLORA

RESUMO

A empresa Carvão Flora atuante no mercado há 11 anos no ramo de beneficiamento, empacotamento e distribuição de carvão vegetal para churrasco, se viu na necessidade de reestruturar sua marca, criar alternativas para o seu crescimento e ampliação no mercado, aplicando técnicas do marketing e planejando melhor suas ações para melhor posicionar-se no mercado. A fundamentação teórica foi realizada a luz de CORRÊA (2008), LUPETTI (2000), SANT'ANNA (2008) e KOTLER;ARMSTRONG (2003).

Palavras-chave: Carvão; Planejamento; Marca.

ABSTRACT

The Carvão Flora company active in the market for 11 years in the processing industry, packaging and distribution of charcoal, saw the need to restructure their mark, creating alternatives for growth and expansion in the market by applying marketing techniques and planning better their actions to better position itself in the market. The theoretical foundation was made light of Correa (2008), Lupetti (2000), SANT'ANNA (2008) and Kotler, Armstrong (2003).

Key-words: Charcoal; Planning; Mark.

INTRODUÇÃO

O Carvão Flora é uma empresa de carvão vegetal para churrasco que tem sua distribuição no território do Vale do Paraíba e Histórico, abrangendo as cidades de Guaratinguetá, Lorena, Cruzeiro, Piquete, Cachoeira Paulista e Vale Histórico na sua totalidade. A marca existe no mercado há 11 anos, e foi fundada sem planejamento ou qualquer estudo de mercado, e atualmente com seu crescimento teve a necessidade de trabalhar melhor esses aspectos mercadológicos.

Esse trabalho pretende renovar o conceito da marca Carvão Flora, criando uma nova identidade, tanto visual quanto em toda sua estrutura criando um planejamento e modificando sua atuação no mercado, pois está muito aquém das suas principais concorrentes que trabalham melhor suas marcas, perdendo assim espaço no mercado.

Por meio de todo estudo realizado para a conclusão desse trabalho, pretendemos aprimorar as técnicas estudadas durante os quatro anos de curso, como também alcançar êxito no crescimento da empresa e gerar um novo conceito para o mercado de carvão vegetal, visando não somente lucro, mas a preocupação com a sustentabilidade e a responsabilidade ambiental que o Carvão Flora tem, criando uma nova visão e mostrando os valores da empresa.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A Marca

A marca Carvão Flora foi introduzida no mercado em 2004 sem uma identidade visual, planejamento mercadológico e de marketing, dificultando o desenvolvimento e trabalho de

crescimento em outras regiões, marcando presença apenas em pontos de venda ao redor da distribuidora. Ao longo dos 11 anos de trabalho a direção da empresa percebeu que havia uma necessidade de expandir e explorar novos mercados, decidindo assim relançar a marca reformulando-a por completo.

Segundo Corrêa (2008), lançar a marca é algo que exige muito trabalho, muita análise e dedução objetiva para encontrar uma ideia que a distinga das demais e faça sentido para o público que irá comprá-la.

Por ter concorrentes fortes na região a marca se tornou apenas uma opção entre eles. Para se destacar entre as demais e tornar-se a primeira em vendas é importante realizar um trabalho minucioso fazendo com que o Carvão Flora seja primeira opção na mente dos consumidores.

Corrêa (2008) afirma que uma marca bem trabalhada fica registrada na cabeça do consumidor atribuindo qualidades importantes segundo seu ponto de vista. São essas qualidades percebidas que garantem a compra do produto, ao longo de toda uma vida, independente do maior ou menor grau de atividade publicitária.

A nova identidade facilitará todo o processo para o desenvolvimento das ações realizadas futuramente visando uma integração entre fornecedor e consumidor.

1.2. Empresa e Produto

A empresa Celso de Siqueira Mota M.E. tem por nome fantasia Carvão Flora atua no mercado no ramo de beneficiamento, empacotamento e distribuição de carvão vegetal para churrasco, produto esse usado para uso em residências e estabelecimentos comerciais como restaurantes, churrascarias e lanchonetes, disponíveis em embalagens nos tamanhos de 2,5kg, 5kg e 25kg, o preço estabelecido aos canais de distribuição são de R\$3,50 para o pequeno, R\$7,00 o intermediário e R\$30,00 o grande. A matéria prima para obtenção do carvão vegetal é o eucalipto, madeira essa replantada com seu corte feito de maneira legal. As principais características do produto são qualidade e preço, e essas duas qualidades unidas o torna bem competitivo no mercado. Os pontos positivos que destacam além dos referidos anteriores ainda inclui a madeira replantada, e trazendo com ela o principal ponto negativo que é de ser poluente.

1.3. Mercado e Consumidor

As regiões em que a empresa mantém seus clientes são Vale do Paraíba, área de Guaratinguetá à Queluz, e Vale Histórico em sua totalidade. Tem como sazonalidade natal, ano novo e datas comemorativas.

O perfil do consumidor é normalmente em sua maioria homens, com classe social B, C e D, na faixa etária de 18 a 50 anos, com escolaridade variando entre o ensino fundamental ao superior, com indeterminadas ocupações profissionais. Normalmente essa compra é feita para ocasiões festivas, reuniões de amigos e outras comemorações, e adquirem o produto em bares, açougues, pequenos e grandes mercados.

1.4. Distribuição e Preço

A distribuição é feita por um representante da empresa nos pontos de venda, para o aumento das vendas poderia aumentar esses pontos, encontrar outros canais, ampliar em o mercado em demais cidades ainda não explorada pela empresa.

O preço do produto se comparado com a concorrência é mais baixo, e esse preço é

estabelecido pela empresa, sem nenhuma regulamentação de órgãos, então se tem uma linha de lucro adicionada as despesas e se obtém o valor do produto.

1.5. Razões da compra do produto

As razões que levam a compra são tanto racionais como emocionais, e o consumidor adquire o produto por ser um melhor custo benefício do mercado, com o retorno de não conter nenhum imprevisto no seu churrasco.

1.6. Concorrência

Os principais concorrentes diretos são Carvão Místico, Carvão Búfalo e Carvão Pinhal, que os preços variam entre R\$3,50 a R\$4,00 e atuam na mesma região como ponto positivo desses pode destacar a qualidade e maior alcance na distribuição, e como fraco o atendimento inadequado. Temos também concorrentes indiretos como churrasqueiras elétricas e grills que são usados principalmente por moradores de apartamentos ou quem pretende fazer pequenos churrascos optam pela utilização desses produtos ao invés da forma tradicional.

1.7. Projeção de Receita

Com base no ano de 2014 a empresa forneceu seguintes dados:

Renda Bruta: Média mensal de R\$ 35 mil reais.

Total anual aproximadamente R\$ 420 mil reais.

1.8. Sustentabilidade

O carvão vegetal, por ter sua matéria prima extraída da natureza, é visto como prejudicial ao meio ambiente, pois além de ser um produto poluente, tanto no seu processo de produção quanto na sua utilização, é visto também como uma grande forma de desmatamento na extração de sua matéria prima.

No Brasil, a atividade carvoeira tem tido como características: a devastação de florestas nativas, o uso de trabalho análogo à condição de escravo e a poluição do ar gerada pelos primitivos fornos de alvenaria, os quais emitem grandes quantidades de fumos, representando uma significativa fonte de poluição e contaminação ambiental. (SANTOS; HATAKEYAMA; 2012)

A busca e consolidação de uma imagem de empresa socialmente responsável, faz com que o meio empresarial busque formas de melhorar seu relacionamento com o meio ambiente e a sociedade, de modo a contribuir para o desenvolvimento social e econômico, do qual depende para sua sobrevivência. (FORMENTINI; OLIVEIRA; 2003)

Tendo em vista a consciência ambiental da empresa, foi decidido criar um selo demonstrando a visão sustentável e comprovando que a matéria prima utilizada é extraída na sua totalidade de replantio de eucalipto.

O eucalipto é uma das melhores opções para a produção de carvão vegetal, devido à rusticidade, produtividade e às características da madeira. Os reflorestamentos de eucalipto, planejados e manejados adequadamente, produzem árvores de troncos retos, uniformes e madeira com massa específica adequada para a obtenção de carvão de boa qualidade. (PINHEIRO, 2006).

Esse selo será um diferencial para a marca e terá destaque em sua embalagem, enfatizando a responsabilidade ambiental e agregando um novo conceito sobre o produto.

1.9. Posicionamento

A empresa busca em primeiro lugar a satisfação dos clientes oferecendo produtos de alta qualidade com um valor agradável, tanto aos revendedores, quanto ao consumidor final.

Sant'Anna (2008), diz que para ter sucesso em nossa sociedade supercomunicada é necessário que a empresa crie uma posição na mente do comprador em potencial.

Com o objetivo de ser a primeira na mente dos consumidores ao pensar em carvão, a empresa vem desenvolvendo um projeto sustentável, no qual utiliza apenas madeira de replantio, tornando se na região a única a possuir um selo de sustentabilidade.

Esse selo além de agregar um valor e um diferencial ao produto deve estabelecer um vínculo de fidelização com seus clientes, se portando como uma empresa ecologicamente correta o Carvão Flora pretende ser referência em sustentabilidade no mercado do carvão vegetal.

1.10. Planejamento de Campanha

O planejamento consistirá em estabelecer estratégias, custos e formas de aplicações, de campanha, para a reintrodução da marca no mercado, buscando maior solidez e assim ampliando sua atuação abrindo novos canais de distribuição, tornando um produto de referência.

Segundo Corrêa (2008), o planejamento de comunicação parte do pressuposto de que já exista um planejamento de marketing. No caso do planejamento, todo esse estudo já existe. Com base nele e a partir dele, será elaborada a estratégia de comunicação. Com isso já começamos a partir da coleta das informações já existente, usando-as para basear todo plano e campanha.

As estratégias adotadas para criação das campanhas incluirá o conceito de sustentabilidade com cunho institucional, aumentando a credibilidade, despertando interesse do consumidor, não só pelo produto, mas pelo conceito que a marca representa.

É aconselhável que o anunciante expresse o seu ponto de vista sobre a campanha. A sua expectativa sobre o que deveria ser feito deve ser analisada para, então, aceitá-lo ou não, como diz Corrêa (2008).

Mantendo a sustentabilidade como foco principal da campanha, serão criadas fontes mais específicas de exploração como o replantio da matéria prima e o descarte correto dos detritos que restam do processo produtivo.

Assim definindo todos os métodos a serem seguidos para obtenção de informações para confeccionar um planejamento coeso com os valores da empresa.

1.11. Estratégias de Campanha

A empresa tem como meta ser vista pelos clientes como uma marca que tem consciência ambiental e preza a sustentabilidade. As estratégias adotadas para a criação da campanha seguiram esse conceito.

Primeiramente será criada uma nova identidade visual para a marca, reformulando as embalagens. Serão utilizadas as cores principais, preto e vermelho, que também estarão presentes em todo e qualquer material promocional e de divulgação.

O reposicionamento na marca trará mais solidez e assim abrirá caminho para a exploração de novos mercados, expandindo sua distribuição em cidades do Vale do Paraíba, que ainda não atuam.

Segundo Lupetti (2000), ao trabalhar a estratégia de reposicionamento a empresa deve

ter em mente que as pessoas não estão buscando produtos e sim comprando solução para algum problema existente.

Partindo dessa afirmação a empresa busca que seus clientes tenham em mente, que quando precisarem de carvão vegetal a opção ecologicamente sustentável e que não denigre o ambiente está na compra do Carvão Flora, o único com selo de sustentabilidade.

Esse selo será aplicado na nova embalagem, e terá um destaque por ser na cor verde, e de tamanho significativo, com o objetivo de chamar atenção do cliente, e diferenciar o produto perante a concorrência, com isso também criar um valor a marca Carvão Flora.

As estratégias adotadas para criação das campanhas incluirá o conceito de sustentabilidade com cunho institucional, aumentando a credibilidade, despertando interesse do consumidor, não só pelo produto, mas pelo conceito que a marca representa.

A utilização do selo também se aplicará ao material de campanha, assim como também as cores institucionais da empresa, mantendo sempre o vínculo da mesma identidade em todos os produtos.

Nos pontos de venda, serão colocados expositores, feitos de material ecológico. Esses expositores darão destaque ao selo de sustentabilidade e a nova identidade visual. Esse tipo de investimento será um diferencial para a empresa, pois nenhuma de suas concorrentes utiliza expositores exclusivos em estabelecimentos comerciais que revende seus produtos.

Mantendo a sustentabilidade como foco principal, serão apresentadas ao consumidor por meio de campanhas institucionais, como é realizado o processo de extração da madeira até chegar ao consumidor, comprovando a veracidade da origem do carvão extraído de madeira replantada, especificamente eucalipto de acordo com as leis ambientais.

2. PESQUISA

Para conhecer melhor o público no qual a empresa atende, foi elaborada uma pesquisa na qual saberemos o enfoque da campanha e a quem se destacarão as ações propostas.

2.1. Métodos

Foi elaborada uma pesquisa quantitativa, que será aplicada durante os dias 15, 16 e 17 de Julho de 2015, em pontos de venda que comercializam o Carvão Flora, nas cidades de Cruzeiro, Cachoeira Paulista e Canas.

Foram escolhidas 11 questões que abordam, idade, escolaridade, sexo, renda e preferências na hora de realizar a compra do carvão.

A pesquisa foi recomendada por três professores mestres, do curso de comunicação. As questões propostas serão todas fechadas, e os pesquisados deverão assinar um termo de consentimento antes de respondê-lo.

Por meio dos resultados apresentados em forma de gráficos, teremos a definição de público alvo e das estratégias a serem adotadas pela campanha.

2.2. Questionário de Pesquisa

1. Sexo

- () Masculino
- () Feminino

2. Faixa Etária

- () até 17 anos
- () 18 a 25 anos

- 26 a 29 anos
- 30 a 35 anos
- acima de 36 anos

3. Escolaridade

- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior

4. Renda Mensal

- Até um salário mínimo (R\$ 778,00)
- De 1 a 3 salários mínimo
- De 3 a 5 salários mínimo
- Acima de 5 Salários mínimo

5. Você compra carvão?

- Sim
- Não (Caso a resposta seja não, vá para a questão N° 10)

6. Para qual dessas ocasiões você mais compra carvão?

- Churrascos de fim de semana
- Festas de Aniversário
- Uso Comercial

7. Com qual frequência você costuma comprar carvão?

- Semanalmente
- Quinzenalmente
- Mensalmente

8. Qual critério você utiliza para a compra do carvão?

- Preço
- Marca
- Qualidade
- Localização

9. Você tem alguma marca preferida de carvão?

- Sim
- Não

10. Qual o motivo de não comprar carvão?

- É um produto poluente
- Não utilizo
- Tenho churrasqueira elétrica
- Geralmente é comprado por outras pessoas da minha casa

11. Quais marcas de Carvão você conhece?

- Carvão Flora

- () Carvão Búfalo
- () Carvão Pinhal
- () Carvão Místico

3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A partir do resultado da pesquisa e definição do público-alvo a ser explorado será desenvolvida uma estratégia de marketing que resultará numa reformulação total da marca, começando pela criação de uma nova identidade visual assim sendo necessária renovação de embalagens.

A nova identidade visual será baseada nas cores preta e vermelha, que são as predominantes na marca, mantendo uma ligação com a embalagem anterior e um laço com os clientes que já estão acostumados com as cores.

Um manual de marca será desenvolvido determinando as cores, fontes e identidade, que deverá ser aplicada em todo e qualquer material relacionado à marca Carvão Flora, como o objetivo de manter toda comunicação alinhada, desde cartões de visitas ao material de campanha todos seguirão as normas descritas no manual a ser criado.

Será desenvolvido um selo de responsabilidade ambiental comprovando a veracidade da origem do carvão extraído de madeira replantada, especificamente eucalipto de acordo com as leis ambientais.

Esse selo será aplicado na embalagem, tendo destaque por ser na cor verde, e de tamanho significativo, buscando chamar atenção do cliente, dar destaque ao produto diante da concorrência e também agregar valor a marca Carvão Flora.

A utilização do selo também se aplicará ao material de campanha impresso, como flyers, banners, e cartazes, colocados nos pontos de venda e na sede da distribuidora.

Nos pontos de venda, serão colocados expositores, feitos de material ecológico, dando destaque ao selo de sustentabilidade e a nova identidade visual. O expositor será também outro diferencial para a marca, pois a concorrência, não utiliza desse tipo de ferramenta.

Para a campanha em rádio, serão criados spots que devem ser veiculados, no mês de Dezembro, quando ocorrerá o lançamento da nova identidade da marca, assim também teremos um comercial de trinta segundos para a TV, com ênfase em destacar o novo conceito do Carvão Flora.

O trabalho para mídia digital será através do Facebook, será criada uma página onde além de apresentar a marca de uma forma completamente diferente e não usada por nenhum concorrente da região. A página terá conteúdo diário, dirigido ao público alvo da marca, e também explorará o conceito de sustentabilidade. Futuramente haverá a criação de um canal no YouTube com vídeos semanais, a princípio o conteúdo será especificamente com dicas para churrasco.

METODOLOGIA

Inicialmente foi realizada uma pesquisa sobre a história da empresa, desde sua fundação até a sua situação atual. Posteriormente foi desenvolvida uma pesquisa para conhecer os consumidores da empresa e definir qual público-alvo será utilizado nas campanhas que serão desenvolvidas futuramente. Para defender as estratégias adotadas para esse artigo foram utilizados livros específicos de publicidade e artigos que apresentavam conceitos de sustentabilidade e história do carvão vegetal.

CONCLUSÃO

O planejamento proposto para a Empresa Carvão Flora está adequado à realidade atual de empresa, e as estratégias nele utilizadas, deverão suprir suas necessidades neste momento. Tendo como objetivo mostrar que é a Carvão Flora é uma empresa com consciência ambiental, as peças que serão desenvolvidas de acordo com o que foi estabelecido até essa etapa do projeto, terão seu resultado estimado assim que forem colocadas em prática.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Roberto. *Planejamento de Propaganda*. 10.ed. Global. São Paulo, 2008

FORMENTINI, M., OLIVEIRA, T. M. *Ética e responsabilidade social – repensando a comunicação empresarial*. Disponível em: <<http://www.portal-rp.com.br/bibliotecavirtual/responsabilidadesocial/0189.htm>> Acesso em: 19 maio de 2015

LUPETTI, Marcélia. *Planejamento de Comunicação*. São Paulo, Futura, 2000

PINHEIRO, P. C. C. *A produção de carvão vegetal: teoria e prática*. Belo Horizonte, 2006.

SANTOS, S. F. O. M., HATAKEYAMA, K. *Processo sustentável de produção de carvão vegetal quanto aos aspectos: ambiental, econômico, social e cultural*. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65132012000200011&script=sci_arttext> Acesso em 09 de Maio de 2013

SANT'ANNA, Armando. *Propaganda: Teoria - Técnica - Prática*. 7.ed. Cengage Learning. São Paulo, 2008

AVALIAÇÃO DA ECOEFICIÊNCIA NA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE EFLUENTES DE UMA EMPRESA DE BORDAS MELAMÍNICAS DO VALE DO PARAÍBA.

RESUMO

Ecoeficiência é uma produção mais limpa, com melhor aproveitamento da matéria prima, reciclagem de resíduos e racionalização no consumo de água e energia. Neste trabalho será analisada uma estação de tratamento de efluentes de uma empresa de médio porte com suas dependências situadas no Vale do Paraíba, especializada na produção de bordas melamínicas, bordas de PVC, formas e papéis melamínicos decorativos. Ao aumentar sua produção a empresa deu início à geração de maior quantidade de efluentes, porém a empresa não planejou um investimento na ampliação de sua estação de tratamento, deixando de suportar essas grandes quantidades de efluentes, ocasionando problemas relacionados ao tempo de tratamento dos mesmos, não obtendo êxito na adoção de medidas eco eficientes em seus processos.

Palavras-chave: Ecoeficiência, Produção e Efluentes.

EVALUATION OF ECOEFFICIENCY IN EFFLUENTS TREATMENT PLANT OF A COMPANY OF EDGES MELAMINES OF “VALE OF PARAÍBA”.

ABSTRACT

Ecoefficiency is a cleaner production, with better utilization of raw material, waste recycling and rationalization in the consumption of water and energy. In this work it was analyzed effluents treatment plant of a midsize company, with its dependencies situated in the “Vale of Paraíba”, specialized in the production of PVC edges, decorative molds and melamine paper. With the increasing of its production the company initiated the generation of larger amount of effluent. However, the company did not plan an investment in extension of its effluents treatment plant, and failed to support these large amounts of effluents, causing problems related to time of treatment of the same. It did not succeed in adopting of measures eco-efficiency in its processes.

Key Words: Ecoefficiency, Production, Effluents.

1 Introdução

A ecoeficiência tem tomado uma grande proporção nas relações de mercado dos dias atuais. A necessidade de economizar tempo, matéria prima, mão de obra e principalmente recursos naturais, tem levado as empresas tanto de manufatura quanto de serviço, a repensarem seus métodos de trabalho e seus processos produtivos. A sociedade capitalista urbano-industrial e seu atual modelo de desenvolvimento econômico e tecnológico têm causado crescente impacto sobre o ambiente, e a percepção desse fenômeno vem ocorrendo de maneiras diferentes por ricos e pobres. (PHILIPPI, et al. 2005, p.176).

Objetiva-se com esta pesquisa, apresentar um estudo de caso sobre a estação de tratamento de efluentes (ETE) de uma empresa fabricante de bordas melamínicas no Vale do Paraíba, mostrando como ela é atualmente e como poderia ser caso visse a reestruturar sua ETE e inovar tecnologicamente para a realização de possíveis melhorias em seu processo de reutilização de efluentes.

Apresenta-se como relevância social, a percepção das necessidades de aperfeiçoamento dos processos, juntamente com a economia de recursos naturais, para que não haja grandes prejuízos ao meio ambiente que por sua vez atingem diretamente a sociedade causando grandes transtornos devido à contaminação dos rios, mares, solo e conseqüentemente do ar em decorrência da evaporação de produtos químicos.

Além dos patogênicos de natureza biológica, a água pode ser contaminada por matéria inorgânica, como é o caso dos metais pesados (cobre, mercúrio, entre outros), este último podendo ser assimilado e acumulado pelo organismo de vários animais, inclusive do ser humano. (PHILIPPI; et al. 2005, p.176).

No âmbito científico, observa-se que produzir de maneira a causar menos impactos, passou de uma simples questão ambiental onde, as indústrias sofrem uma grande pressão em relação à degradação do meio ambiente, para um processo de diferencial competitivo. As empresas que procuram melhorar seus processos aplicando uma política de sustentabilidade ganham a frente em relação às demais que, continuam a produzir de forma a agredir a sociedade com a poluição do meio ambiente e desperdício de materiais que poderiam ser revertidos em novos produtos.

Observa-se que nos países mais ricos, que a sociedade local, por meio de seus representantes, pressiona as empresas e governo para que realizem investimentos que resultem em melhorias ambientais, tais como o tratamento de águas usadas, melhoria dos processos produtivos com menor emissão de poluentes, desenvolvimento de tecnologias mais limpas, etc. (MOURA, 2011, p. 31).

A redução de custos e o aumento da visibilidade das indústrias no mercado juntamente com a repercussão dos países frente aos seus possíveis investidores, não se dão somente pela diminuição de resíduos e reaproveitamento de matéria prima ou de produtos recicláveis, se dá também a flexibilidade das empresas em se adaptarem a novas situações e novas políticas de mercado.

Partindo deste contexto, podemos verificar que a eco-eficiência não pode ser vista apenas como um modelo de produção verde onde para muitos, o foco é somente a preservação ambiental. As empresas que nos dias de hoje não procuram se adequar as questões socioambientais, perdem muito em relação as que já estão se adaptando e também seus processos e produtos, o que hoje aumenta a competitividade de forma auxiliar na evolução mercantil e consequentemente dos países e pessoas.

2 Referencial Teórico

Sustentabilidade na estação de tratamento de efluentes.

Em razão de diversas atividades desenvolvidas pelo ser humano, principalmente aquelas que relacionadas à produção de bens de consumo a partir da transformação e do processamento dos recursos naturais, as indústrias são grandes consumidores de água. (MIERZWA; HESPANHOL, 2005, p. 14).

A água é um recurso natural essencial, seja como componente de seres vivos ou como meio de vida de várias espécies vegetais e animais, como elemento representativo de valores sociais e culturais, seja como fator de produção de bens de consumo e produtos agrícolas. (PHILIPPI, et al. 2005, p.176).

A responsabilidade ambiental é demonstrada por meio de práticas produtivas “mais limpas”, do extrativismo sustentável dos recursos naturais, também incluindo-se a questão do consumo de água. (MOURA, 2011 P. 59)

O volume das águas nos rios é de cerca de 0,00009% da disponibilidade de água na biosfera. São os rios de onde o ser humano subtrai a maior parte da água para seu consumo e para outros usos nobres. E nesses mesmos rios o homem lança seus efluentes poluídos, quer de natureza doméstica, quer de origem industrial. Por isso, tem especial importância a forma com que os nossos efluentes são tratados e a maneira como os dispomos no meio ambiente, em razão da grande possibilidade de se estar prejudicando o uso das águas receptoras. (PHILIPPI, et al. 2005, p. 184).

Os efeitos resultantes da introdução de poluentes no meio aquático dependem da natureza do poluente introduzido, do caminho que esse poluente percorre no meio e do uso que se faz do corpo de água. (BRAGA, et al. 2005 p. 82)

As atividades industriais geram efluentes com características qualitativas e quantitativas bastantes diversificadas. Dependendo da natureza do processo industrial, seus efluentes podem conter elevadas concentrações de matéria orgânica, sólidos em suspensão, metais pesados, compostos tóxicos, microrganismos patogênicos, substâncias teratogênicas, mutagênicas, cancerígenas etc. (PHILIPPI, et al. 2005, p. 186).

Os líquidos por sua vez, precisam ser tratados para que atinjam a composição química e condições de ser descartado para cursos d'água, resultando também, desse processo, um certo volume de resíduos sólidos. (MOURA, 2011 P. 325).

Uma das maneiras mais simples de estimar, pelo menos qualitativamente, a composição do efluente gerado por um processo industrial é pelo conhecimento e avaliação das matérias-primas e insumos que os sistemas produtivos utilizaram o que reforça ainda mais a importância de se conhecer o processo produtivo detalhadamente, desde o recebimento e a preparação da matéria-prima até as etapas de processamento e operações complementares. (MIERZWA; HESPANHOL, 2005, p. 81)

Não é necessário que a água existente no manancial apresente, em estado bruto, o padrão de qualidade exigido para fins de abastecimento público. Há varias maneiras de alterar suas características para torná-la com as exigências do consumidor e da saúde pública. (BRAGA, et al. 2005, p. 108).

Segundo Mierzwa e Hespanhol (2005), a escolha da tecnologia mais adequada para o tratamento de efluentes, vai depender dos tipos de contaminantes que deverão ser minimizados ou eliminados e para tanto, uma análise detalhada das características do deverá ser realizada.

Essa complexidade e multidisciplinaridade causada pelo rápido desenvolvimento tecnológico, traduzido notadamente pelo aumento na utilização dos recursos naturais e na síntese industrial de novas substâncias, requer que a questão da saúde seja tratada de forma integrada com os fatores ambientais e as questões econômicas. A melhora da qualidade da saúde ambiental estará necessariamente ligada ao desenvolvimento de processos ecologicamente sustentáveis. (BRILHANTE; 1999, p. 19)

A água utilizada em algumas etapas dos processos produtivos pode, quase sempre, ser empregada para outros fins na empresa antes de ser descartada. (MOURA, 2011, p. 277).

O gerenciamento adequado dos efluentes é importante para minimizar impactos ambientais, o que exige a adoção de procedimentos específicos de coleta e tratamento. (MIERZWA; HESPANHOL, 2005, p. 67).

Verifica-se que a proteção ambiental passou a ser uma necessidade das pessoas e clientes da empresa e que, para sobreviver, as organizações estão se estruturando para atender melhor a estes aspectos, criando áreas específicas para atuar interna e externamente em melhorias de desempenho ambiental [...] (MOURA, 2011 P. 59).

Graças ao ciclo hidrológico, a água é um recurso renovável. Quando reciclada por meio de sistemas naturais, é um recurso limpo e seguro que é, pela atividade filantrópica, deteriorada e níveis diferentes de poluição. Entretanto, uma vez poluída, a água pode ser recuperada e reusada para fins benéficos diversos. A qualidade da água utilizada e o objeto específico do reuso estabelecerão os níveis de tratamento recomendados, os critérios de segurança a serem adotados e os custos de capital e de operação e manutenção. (BRAGA, et al. 2005 p. 108).

3 Metodologia da Pesquisa

O presente estudo fundamenta-se como pesquisa de caráter exploratório e descritiva. Nesse sentido, a pesquisa exploratória atende aos objetivos propostos, uma vez que se busca avaliar a implementação de melhorias ou inovações sustentáveis no processo de fabricação. A realização da pesquisa exploratória foi suportada por levantamento de dados bibliográficos sobre o tema, os quais contribuíram para o desenvolvimento da fundamentação teórica assim como, pesquisas de artigos e monografias na *internet*, “com o desenvolvimento da rede mundial de computadores, o acesso a sites, ‘buscadores’ e outros mecanismos *online* ampliaram a fonte de informações de um modo revolucionário.” (SILVAE e SILVEIRA, 2009, p. 157). Além disso, para atender aos objetivos e ao problema de pesquisas propostos, o estudo faz uso da pesquisa descritiva por meio de estudo de caso, que permitiu evidenciar oportunidades de aplicabilidade de inovações, embora incrementais, no consumo sustentável de água, vinculado no processo de fabricação em uma empresa do segmento de papel. Estudo de caso trata-se de um objeto bem restringido (individual) sobre o qual se levanta o maior número de informações possíveis. (SILVAE e SILVEIRA, 2009, p. 157).

4. Estudo de caso

A empresa, objeto do presente estudo, é atuante no segmento de papel e localizada na região do Vale do Paraíba, no Estado de São Paulo. É classificada como de médio porte, emprega cerca de 250 funcionários e seus produtos são destinados tanto para o mercado interno, quanto para o mercado internacional, em especial para o atendimento das demandas do mercado moveleiro. A empresa faz uso de alta tecnologia para processamento de papel que possibilita obter produtos de elevado valor agregado. A sua linha de produtos constitui-se por fitas de borda melamínicas, bordas de PVC, formas e papéis melamínicos decorativos. A transformação das fitas de borda melamínicas ocorre por meio da utilização de vernizes, pigmentos e resinas que impregnam o papel e o tornam resistentes com diferentes texturas e variedades. Os papéis melamínicos também recebem tratamento semelhante, porém na forma de painéis ou laminados com elevada resistência à umidade, atritos e riscos. Destaca-se que os papéis utilizados são especiais com fins decorativos e com diferentes graus de impregnação de resinas, moldes e resistências. Quanto às bordas de PVC (policloreto de vinila), origina-se a partir do petróleo, e utilizado pela indústria moveleira para diferentes aplicações.

No processo de fabricação de seus produtos, a empresa utiliza vários produtos químicos como: álcool, formol, resina acrílica, resina ureia, catalisador, tintas caseínas e etc. Porém, nestes últimos anos, devido a grandes investimentos no sistema produtivo a empresa, que antes produzia mensalmente em torno de 500.000 mts² de papel, passou a produzir em média 1.000.000 mts² de papel ao mês, praticamente dobrando seu faturamento e expansão de mercado.

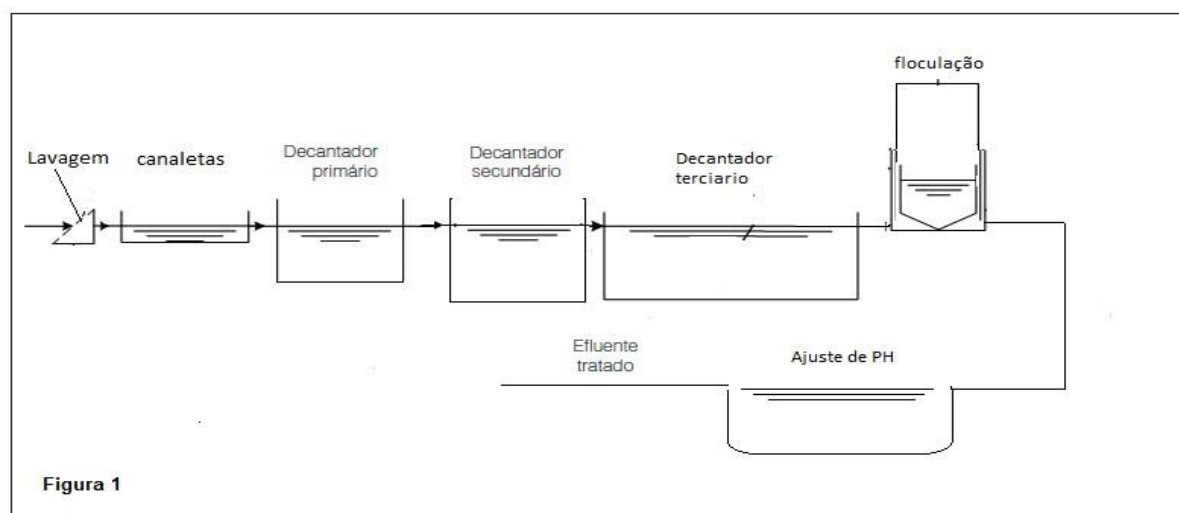
Para o alcance dos resultados desejados, a unidade de pesquisa na empresa está associada à sua Estação de Tratamento de Efluentes – ETE. As informações foram obtidas por meio de observação e entrevista com profissionais atuantes em estações de tratamento de água de diversas empresas, pesquisas bibliográficas e análise em estudos de caso de empresas que obtiveram sucesso dentro do processo de tratamento de efluentes.

4.1 Resultados e Discussão

A empresa estudada possui licença concedida pela Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental – CETESB para extração de água subterrânea (poço artesiano). A água possui um papel fundamental, sendo utilizada para refrigeração e tratamento superficial nas lavagens de máquinas e peças, bem como limpeza. Na empresa, a quantidade de água utilizada é tratada e devolvida ao meio ambiente, em especial retornada para o Rio Paraíba do Sul. Destaca-se que a empresa segue os parâmetros e limites a ser obedecidos, tanto para padrão de emissão (efluentes líquidos) como para padrão de qualidade (corpos hídricos receptores), constam do regulamento da Lei nº 997, de 31 de maio de 1976, do Estado de São Paulo, aprovado pelo Decreto nº 8.468, de 8 de setembro de 1976 (SÃO PAULO, 1976), e também da Resolução Federal nº 357 (BRASIL, 2005).

Em atendimento às necessidades de fabricação, a estação de tratamento de efluente possui capacidade de 2m^3 de tratamento ao dia. Nesse caso, a empresa adota o sistema aberto de tratamento de efluentes, ou seja, as tecnologias utilizadas se caracterizam como sendo final-de-tubo ou final de processo.

No processo atual de tratamento a empresa, consiste em canaletas para recolhimentos dos efluentes líquidos, sendo que posteriormente são conduzidas para tanques de decantação, para a retirada das partes sólidas em um tratamento primário, seguindo para o processo final de tratamento, com floculação e a adequação do PH aceitável exigido pela Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental - CETESB e dispersão para a natureza. Como apresenta a figura abaixo:

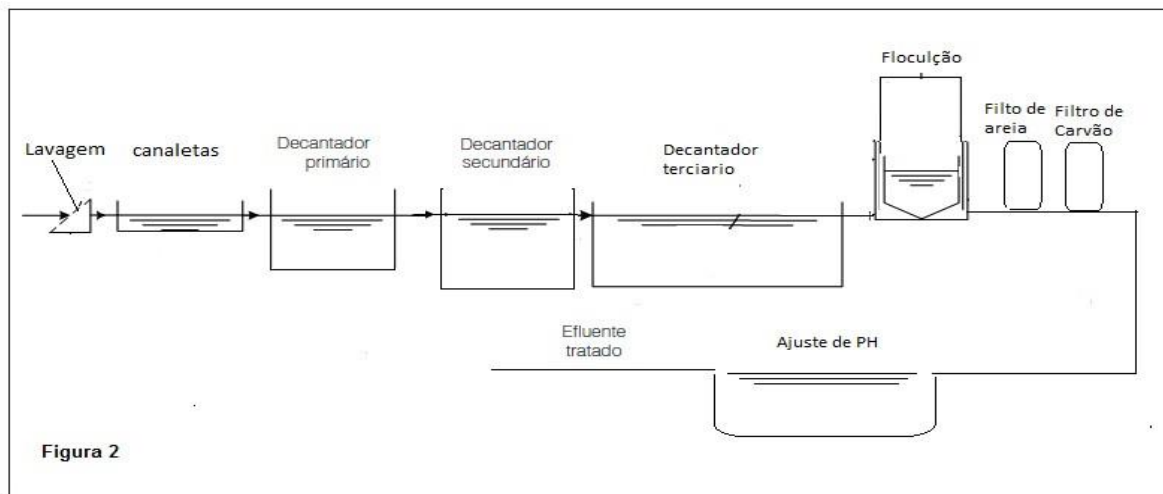


Fonte: Os autores

Na análise do processo atual de tratamento de efluente foi verificada a existência de algumas não conformidades como, por exemplo, o processo de filtragem que consta no espaço físico esta desativada, ocorre que a água não é filtrada e acarreta o retorno do efluente para o meio ambiente com maior número de impureza. Devido ao aumento de volume produzido, gerou-se outro problema revelado na análise feita, a saturação da ETE, esta operando com a capacidade de tratamento no limite ou até mesmo em alguns dias não suporta a quantidade de resíduo gerado, havendo a necessidade de descarte da parte excedente no meio ambiente. A estação de tratamento de efluentes não sofreu nenhuma ampliação e nem mesmo foi adequada para suportar o aumento na geração de efluentes.

Nessa perspectiva, o atual processo se configura como sendo de tecnologia de controle que busca evitar a geração de efluentes líquidos que contaminem o ambiente natural, conforme padrões prévios. Trata-se de um sistema que não altera os processos ou nem avança para novas possibilidades. No entanto, como será demonstrado a seguir, torna-se possível à empresa sair de uma posição reativa em termos de ecoeficiência para uma posição proativa, em que se utiliza de tecnologias de prevenção baseada num sistema fechado para uso da água e com isto, eliminaria parte dos custos financeiros e ambientais pela captação do recurso.

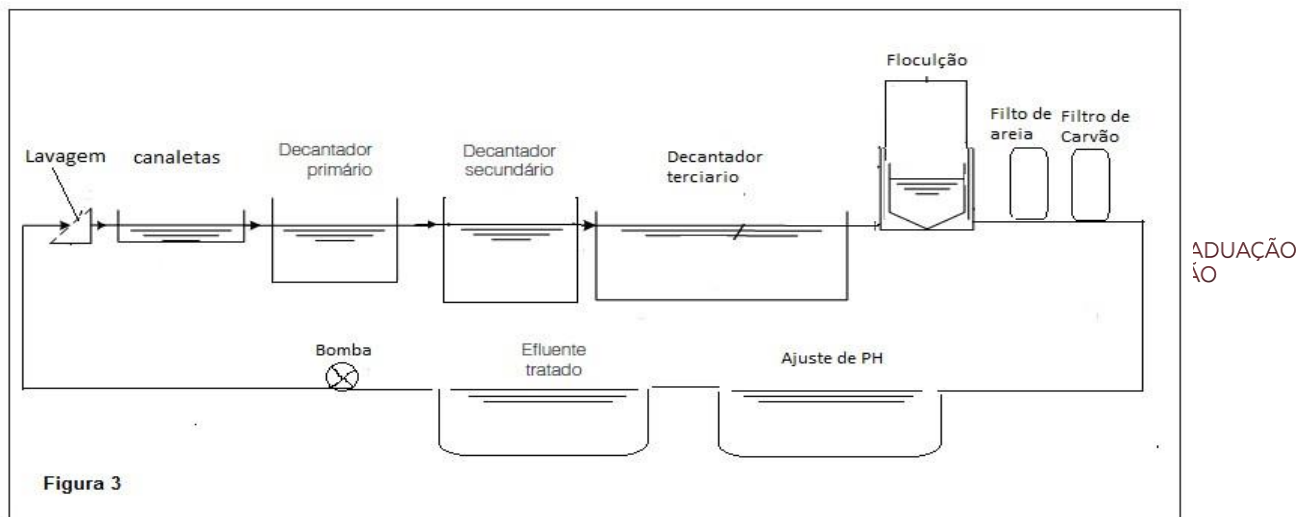
A seguir será observado que o estudo propõe concepção de projeto de reaproveitamento do efluente industrial usado pela empresa. Nesse caso, o presente trabalho visa demonstrar o real funcionamento da estação de tratamento da água de maneira correta e segura na qual foi projetada e construída para que a empresa possa agregar valor à sua marca e também contribuir para redução dos custos, por meio do reaproveitamento da água tratada que no atual processo não é utilizado. Como apresenta a figura 2:



Fonte: Os autores

Visando a ecoeficiência em direção à sustentabilidade, a empresa também pode optar-se pelo reuso da água que agora é devolvida aos rios, através de um circuito fechado, que bombeará a água de volta para seu processo de lavagem, possibilitando gerar economia na sua utilização, evitando a degradação do meio ambiente e gerando autonomia em relação ao reabastecimento.

Observando a figura 3, verifica-se um circuito fechado que é dividido pelos processos de decantação, primário, secundário e terciário onde, a água decanta os resíduos mais pesados. Após, a água passa pela floculação onde é retirado o restante dos resíduos sólidos que por sua vez passa pelos filtros de areia e carvão. Realizados estes processos, é ajustado o nível de PH e a água já está pronta para reutilização.



Fonte: Os autores

Com o auxílio de uma bomba, a água será sugada para uma caixa d'água para seu reaproveitamento na área de lavagem de peças e máquinas como mostra a figura 3.

Ressalta-se que o processo atual faz com que a empresa corra risco de ser punida pela legislação, que pode acarretar na interdição, pelo não cumprimento das normas.

O tratamento de efluente deve ser bastante eficiente com a finalidade de garantir a qualidade da água para o reaproveitamento na fábrica além de preservar a integridade dos rios, lagos e mares, e principalmente da população em seu entorno. Muitas empresas já adotam o reuso de efluentes em suas dependências para lavagem de pátios, descargas de sanitários, manutenção de jardins, lavagem de veículos e etc. Além de gerar uma grande economia, preserva o meio ambiente e a instituição pode agregar valor ambiental a sua marca e consequentemente se apresentar de forma sustentável perante seus possíveis investidores.

Considerações Finais

Conforme foi objetivado, o estudo de caso apresentou que apesar da crescente conscientização ainda existem barreiras a serem ultrapassadas, principalmente quando se trata de questões financeiras. A empresa estudada, mesmo com o crescimento da demanda e consequentemente do lucro se preocupou apenas em investir em mão de obra e equipamentos, porém, a estação de tratamento de efluentes, que foi calculada para atender a demanda anterior de produção, permaneceu com a mesma capacidade, tornando-se então ineficiente e prejudicial à natureza, com risco de contaminação dos recursos naturais por descarte de água contaminada. Sugeriu-se então, a reutilização da água tratada nos processos de lavagem de máquinas, limpeza do espaço de trabalho e afins e desta maneira, evitaria a contaminação e a empresa se tornaria mais sustentável, além da grande contribuição para a sociedade de modo geral. Conforme relevância social verificou-se a necessidade de aperfeiçoamento dos processos industriais e tecnológicos diminuindo o impacto ambiental que por sua vez atinge diretamente a sociedade. No âmbito científico, observou-se que produzir de maneira sustentável nos últimos anos, tornou-se primordial nas organizações e indústrias, onde o equilíbrio ecológico deixou de ser discutido apenas nas ONG's, conferências e órgãos de ensino, e passou a fazer parte cada vez mais do cotidiano de todos.

O que antes era um diferencial para a boa reputação das empresas, hoje passa a ser indispensável regulamentado por normas e exigido por lei.

REFERÊNCIAS

- BRILHANTE, Ogenis Magno; CALDAS, Luiz Querino de A. **Gestão e avaliação de risco em saúde ambiental**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- Introdução à engenharia ambiental** – 2º. Ed Vários autores. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005
- JR. PHILIPPI, Arlindo; PELICIONI, FOCESI, Maria Cecília; Editores. **Educação ambiental e sustentabilidade**. Barueri – São Paulo: Manole, 2005.
- MIERZWA, José Carlos; HESPANHOL, Ivanildo. **Água na indústria: uso racional e reúso**. São Paulo: Oficina de Textos, 2005
- MOURA, Luiz Antônio Abdalla de Moura. **Qualidade e gestão ambiental**. Belo Horizonte - MG: Del Rey, 2011.
- SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos**. Petrópolis - RJ: Vozes 2009.

DESENVOLVIMENTO DO MARKETING EMPRESARIAL POR MEIO DAS FERRAMENTAS DE QUALIDADE NUMA EMPRESA DO SETOR METAL MECÂNICO

RESUMO

Muitas empresas, não estando preparadas e bem estruturadas para enfrentar a competitividade do mercado compreendem, cada vez mais, a real necessidade de fazer um produto de melhor qualidade que, ao mesmo tempo, impõe redução de custo e satisfação do cliente. Tais desafios devem ser enfrentados pelo sistema organizacional e seus colaboradores. No entanto, sabe-se que há gestores com experiência que não detêm nenhum tipo de conceito de gestão da qualidade, ou ferramentas da qualidade. Com base nessa afirmação, o presente trabalho tem como proposta apresentar as ferramentas da qualidade, suas principais funções de melhoria, sua implantação e seus benefícios para a empresa. O trabalho evidenciará o que se pretende alcançar com a pesquisa. Também serão delimitadas, através dos objetivos específicos, as ações que contribuíram para se atingir o objetivo geral que é analisar o cenário atual de marketing existente na empresa do setor metal mecânico, de forma a melhorá-lo por meio da aplicação das ferramentas da qualidade. Assim como, abordar a importância da qualidade e do marketing como estratégia para obter clientes verdadeiramente satisfeitos e impactados pela eficiência dessas duas ferramentas, tendo como pontos cruciais, a sobrevivência da organização no futuro e identificação de adequadas ferramentas da qualidade já utilizadas no Sistema Organizacional, propor uma ferramenta da qualidade a fim de avaliar o impacto da sua utilização para o marketing de toda cadeia produtiva da empresa. Sabendo que, cada empresa deve encontrar um plano para a sobrevivência e/ou crescimento no mercado, que faça o melhor sentido diante de sua situação atual, a relevância do estudo é desenvolver ou manter um alinhamento estratégicos de marketing visando as oportunidades de crescimento em um mercado em mutação.

Palavras chave: analisar o marketing, ferramentas de qualidade, competitividade.

Abstract

Many companies, not being prepared and well structured to meet market competitiveness comprise increasingly real need to make a better quality product at the same time imposes cost reduction and customer satisfaction. Such challenges should be addressed by the organizational system and its employees. However, it is known that there are experienced managers who do not have any concept of quality management or quality tools. Based on that statement, this paper aims to present the quality tools, its main enhancement functions, its implementation and its benefits for the company. The work will highlight what you want to achieve with the research. Will also be defined by the specific objectives, the actions that contributed to

achieving the overall goal is to analyze the current situation of existing marketing company in the mechanical metal sector in order to improve it through the application of quality tools. As well as address the importance of quality and marketing as a strategy for truly satisfied customers and impacted the efficiency of these two tools, with the crucial points, the survival of the organization in the future and identification of appropriate quality tools already used in Organizational System, propose a quality tool to assess the impact of their use for marketing the entire production chain. Knowing that each company must find a plan for survival and / or growth in the market that make the most sense in your current situation, the relevance of the study is to develop or maintain a strategic alignment of marketing targeting growth opportunities in a changing market.

Keywords: analyze the marketing, quality tools, competitive.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a conduta do cliente mudou no que se refere à fidelidade. Se a organização não concede o que ele procura da forma que ele quer, com a qualidade que lhe satisfaça, simplesmente ele buscará outra organização que possa atendê-lo, à luz de suas necessidades. Do ponto de vista de MOURA (2004, p.21), pode-se cometer um equívoco de achar que é bobagem acompanhar tendências do mercado, considerar que o cliente nunca altera suas preferências; uma vez que ele seleciona um produto de certa marca ou de empresa, permanecerá sempre com ele.

Mudança é algo inerente ao ser humano que desde sua concepção passa por várias transformações. O marketing é um estudo, uma ferramenta e uma ciência, que tem como objetivo o desenvolvimento empresarial no mercado e das pessoas que estão ligadas a ele, considerando a mudança como uma etapa de transformação necessária.

Para que isso aconteça, os profissionais de qualidade têm à sua disposição, inúmeras ferramentas, alguma das quais serão apresentadas ao longo dessa pesquisa.

Este tema pode ser pertinente, devido ao número elevado de empresas que abrem as portas no início de um ano para fechá-la no início do ano seguinte. O tema será explorado neste trabalho, como uma forma de alerta aos profissionais em posição de gestão, pois existem organizações sérias que buscam de modo contínuo o aperfeiçoamento de seus produtos e serviços, pois têm a percepção e a certeza de que outras também o fazem.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Esta seção abordará diferentes conceitos do termo qualidade e marketing e seus fundamentos, levando em consideração o contexto empresarial. Nesta etapa da pesquisa pretende-se citar e apresentar contribuições de autores conceituados, salientando como cada um define os termos utilizados no embasamento teórico, contribuindo para o desenvolvimento do presente estudo.

3.1 CONCEITOS DE QUALIDADE E SEUS FUNDAMENTOS

Segundo Mello (2010, p.4), “o conceito de qualidade está diretamente ligado a três fatores: redução de custo, aumento de produtividade, satisfação dos clientes”. Em outras palavras o autor quis dizer que qualidade é fazer o melhor, com o menor custo, oferecer ao consumidor produtos que equivalem as suas expectativas ou as superem.

Esta é maneira que a organização deve encarar a venda de produtos, e estrategicamente fazer-se disso o seu grande diferencial, não menos importante no que relaciona à prestação de serviços também. Esta importância da qualidade é ressaltada por Hargreaves (2005, p.14, grifos nossos):

Satisfazer um cliente resulta, na maioria das vezes, em ter um cliente fiel como freguês, palavra pouco usada ultimamente, mas que traduz bem essa emoção de fidelidade. Além disso, o cliente satisfeito torna-se um divulgador da qualidade do serviço. O que, aliás, é ótimo para a imagem e o marketing da empresa. O que pode mais satisfazer o cliente além de bons preços? É verdade que o item preço tem um apelo muito forte junto ao cliente, porém, a qualidade dos serviços prestados é decisiva.

A importância, todavia, não implica, somente, as vantagens que se obtêm através da aplicação da gestão da qualidade, mas de fato mostra, por intermédio de alguns aspectos que a elaboração do trabalho é de extrema relevância.

3.2 EVOLUÇÕES DA QUALIDADE

A evolução da qualidade ao longo do tempo passou por três grandes fases. Era da Inspeção, era do controle e era da qualidade.

A qualidade passou a ser muito importante para as organizações a partir da chegada da produção em larga escala (produção em massa), com início na década de 20 a qualidade passa a

ser vista como uma função gerencial, distinta de outras funções da organização (LUCINDA, 2010, p. 5).

No decorrer da história, a qualidade é marcada por determinados padrões que passam a definir as chamadas eras da qualidade (Lucinda, 2010, p. 5):

Carvalho (2006, p. 5) exemplifica que TaiichiOhno, um dos idealizadores do modelo Toyota de produção, conhecido como produção enxuta ressalta que o conceito de melhoria contínua era fundamental no modelo Japonês, na busca pela perfeição KAIZEN, de acordo com o que advogava MaasakiImai.Kaoru Ishikawa teve também um fundamental papel no modelo japonês com a formulação do CWCQ e na disseminação das setes ferramentas da qualidade, que viriam a ser amplamente utilizadas pelos Círculos de Controle de Qualidade (CCQs), como ficaram conhecidos os grupos de melhoria, e atualmente ainda em uso em inúmeras organizações.

Com Crescente globalização da economia e acirramento da competição pelos mercados consumidores “em meio à expansão da globalização surgiu o modelo normativo ISO (International Organization for Standardization) para área de Gestão da qualidade a série 9000, Sistemas de garantia da qualidade”.

3.3 Qualidades no contexto empresarial

Em uma organização, como dito outrora, a qualidade é indispensável para sua eficiência e eficácia em um mercado tão competitivo. Todos de um setor responsável por algo devem trabalhar em união de modo que garantam o melhor resultado possível. Cada pessoa é responsável pelo produto final, seja realmente um produto ou, simplesmente, um serviço a ser prestado.

Conforme Aaker (2007, p.150), enfatizando que “a vantagem competitiva é um elemento (ou uma combinação de elementos) da estratégia empresarial que fornece uma vantagem importante sobre concorrentes existentes e futuros”. Em meio a um mercado que vários concorrentes oferecem, praticamente o mesmo produto e/ou serviço, a diferença está na qualidade e em procedimentos que agreguem valor aos mesmos.

3.4 Ferramentas da qualidade

A seguir, serão apresentadas algumas das principais ferramentas da qualidade, por exemplo: Kanban, Just in time, Controle Total de Qualidade, Kaizen e ISO 9000.

3.4.1 Kanban

O KANBAN teve origem no Japão e desde então tem se mostrado de vital importância para que o fluxo de produção seja mais constante tanto no Japão quanto no ocidente.

De acordo com Ohno (1997, p. 44-45 apud TUBINO, 1999, p. [85]) “foi desenvolvido na década de 60 pelos engenheiros da Toyota Motors, com o objetivo de tornar simples e rápidas as atividades de programação e controle e acompanhamento de sistemas de produção em lotes”.

Para Moura (2004, p.128) o kanban mostra informações do controle com eficiência do estoque e alcança o objetivo da empresa de produzir através do “*Just in time*”. Desta forma surgiu o “*Just in time*” através da ferramenta de qualidade KANBAN.

3.4.2 JUST IN TIME

O sistema de produção Just-in-time, que teve origem na Toyota Motor Company sob liderança de Taichi Ohno, tem como finalidade a extinção de todos os tipos de atividades de que não acrescenta valor, objetiva também, na aquisição de um sistema de produção enxuta suficientemente tolerante e acondicionado as oscilações de pedidos dos clientes (IMAI, 2000, p. 17), o surgimento dessa ferramenta foi em função do desafio de superar as dificuldades de espaços enfrentadas pela empresa.

Segundo Moura (2004 p.160) o JUST IN TIME mostra a redução de custo através do espaço, diminuindo os estoques, melhorando o fluxo de produção, reduzindo desperdícios e retrabalhos, e permite que se tenham menos gastos no que tange o uso incorreto da tecnologia.

O JUST IN TIME pode ser definido como um sistema de manufatura cujo objetivo é aperfeiçoar os processos e procedimentos através da redução contínua de desperdícios.

Os desperdícios atacados podem ser de várias formas:

Desperdícios
• desperdício de transporte
• desperdício de superprodução
• desperdício de material esperando no processo
• desperdício de processamento

• desperdício de movimento nas operações
• desperdício de produzir produtos defeituosos
• desperdício de estoques

Quadro 2: Desperdícios da utilização do *just in time*

Fonte: Lubben (1989, p. 8)

Além da obrigação de eliminar os desperdícios citados a filosofia JIT padroniza algumas metas, que servem de balizamento e controle do processo, são elas:

Benefícios
• Zero defeito;
• Tempo zero de preparação (setup);
• Estoque zero;
• Movimentação zero;
• Quebra zero;
• Lead time zero;
• Lote unitário de fabricação (uma peça).

Quadro 3: Benefícios do just in time

Fonte: Lubben (1989, p. 8)

3.4.3 Controle total de qualidade (CTQ)

Esse conceito, e seus princípios, surgiram pela primeira vez em maio de 1957, na revista *Industrial Quality Control*, e seu elaborador foi o Dr. Armand V. Feigenbaum. O conceito central deste sistema é que, a qualidade do produto é um resultado da participação de todos os setores da empresa, sem exceção. Certamente que cada um possui seu nível de alçada de responsabilidade e decisões no Controle Estatístico do Processo ou, também, Controle Estatístico de Qualidade.

Segundo Lubben (1989, p.49) diz que “consiste em determinar a *capacidade do* processo, monitorar seu resultado, estratificar alterações e permitir alterações corretivas, sua meta é assegurar que o resultado da produção seja o desejado”.

3.4.4 Melhoria contínua-KAIZEN

Segundo Lubben (1989, p7) "É uma atitude gerencial de desenvolver ao longo de toda organização a consciência de sempre procurar uma oportunidade de reduzir o

desperdício e a ineficiência que estejam presentes no sistema de manufatura”. Esse aspecto não é um sistema, mais sim uma atitude de sempre querer organizar e melhorar seu local de trabalho. Esse termo tem sido bastante utilizado no Brasil, sendo sempre confrontado deixando de lado a forma antiga de não se inovar. O KAIZEN pode ser de ajuda em qualquer empresa, pois não busca exatamente o resultado mais sim o processo. Mais certamente o resultado será melhor, pois sempre ira inovar, mudando sempre para uma melhoria continua mudando a forma de se trabalha, para fins de achar um fluxo perfeito de trabalho, e buscando sempre o aprimoramento e inovação.

3.4.5 ISO 9001

É a Organização Internacional de Normalização, com sede em Genebra, na Suíça. Foi criada em 1946 e tem como associados organismos de normalização em cerca de 160 países.

Imai (2000, p. 64) descreve que atualmente, tornou-se vital para qualquer empresa tentar obter a certificação nacional ou internacional de normas ISO 9000, caso deseje permanecer no negócio e obter confiança de seus clientes e fornecedores. Assim como, pode se dizer, que a ISO facilita o comércio e favorece boas práticas de desenvolvimento tecnológico.

3.5 MARKETING:

Pretende-se apresentar nessa seção fundamentos e conceitos de marketing, evolução do marketing e interação do marketing com a qualidade, onde poderá proporcionar base mais segura ou até mesmo mudanças de pensamentos equivocados sobre o que é o marketing.

3.5.1 Fundamentos e conceitos de marketing

De acordo com Cobra (2009, p. XVII introdução), a expressão anglo-saxônica procede do latim “mercare”, que definia a pratica de comercializar produtos na antiga Roma. Enquanto tudo que se produzia era vendido ou comprado, não havia necessidade de um empenho a mais nas vendas. Somente no século passado constatou-se a necessidade do marketing, tanto que foi criado nos EUA na década de 1940. Em outras palavras a demanda era maior que a oferta e não havia tanta concorrência

O Mill (2001, p.184), discursa também sobre o assunto, ressaltando que:

O marketing é, em primeiro lugar, uma forma de pensar sobre o que exatamente poderá satisfazer a necessidade maior do cliente. Em segundo, a

implicação prática de que uma empresa não pode satisfazer todas as pessoas ou todas as suas necessidades. Deverá ser feita escolha sobre os segmentos de mercado que vão ser localizados.

É possível espreitarmos uma analogia entre as duas definições dos autores; na primeira definição notamos que marketing exige planejar antes de qualquer coisa, e na segunda definição é evidente que marketing é definido como o procedimento o qual será feito para garantir a satisfação do cliente.

Las Casas (2009, p.15) define “marketing é a área do conhecimento que engloba todas as atividades concernentes às relações de trocas orientadas para a criação de valor dos consumidores, visando alcançar determinados objetivo”. O marketing exige de todas as pessoas a habilidade de autodidatismo, ou seja, a capacidade de estar sempre aprendendo e se atualizando com novos meios e técnicas de um contexto contemporâneo.

3.5.2 Evolução do marketing

Em relação à evolução do marketing é importante destacar o processo de mudanças e a ênfase da comercialização, que com o passar do tempo passou por fases importantes como:

Evolução do Marketing
Era da Produção: nesta etapa, a demanda era maior que a oferta. A produção era quase artesanal, e os clientes eram inquietos e desejosos por produtos e serviços. Com a revolução Industrial surgiram as primeiras empresas aplicando a administração científica de Taylor. Em consequência disso a produção aumentou e a disponibilidade de recursos eram fator determinantes na comercialização.
Era das Vendas - 1930: Nessa época surgiu os primeiros sinais de oferta excessiva, devido ao desenvolvimento da produção em série adotados pelos fabricantes. Então, a oferta passou a dominar a demanda e os produtos acumulavam-se em estoques. Deste modo algumas empresas começaram a valer-se de técnicas de vendas bem mais enérgicas e a ênfase na comercialização das empresas dessa época era totalmente concentrado as vendas.

Era do Marketing - 1950: Os empresários passaram a perceber que vendas a qualquer custo não era uma forma de comercialização equivocada. As vendas não eram constantes. A prioridade era a conquista e a manutenção de negócios a longo prazo, conservando relações permanentes com a clientela. Por isso, nessa época passou a existir uma valorização maior do consumidor, onde os produtos eram vendidos de acordo com a constatação dos desejos e as necessidades do cliente.

Era do Mercado - 1990: segundo Las Casas (2009, p. 13) a satisfação aos desejos e necessidades dos consumidores pela aplicação do conceito de marketing não correspondia mais como forma de se obter vantagem competitiva. Aparece então uma diversidade de propostas, em que a prioridade da empresa era o de atender não somente os consumidores, mas também os concorrentes além de instituições do mercado.

Quadro 4: Evolução do Marketing

Fonte: (Las Casas, 2009 p.8)

3.5.3 Interações do marketing empresarial e qualidade industrial

Segundo Mill (2001, p.185), o marketing não basicamente divulgar um produto, mas sim um envolvimento de diversas partes:

O marketing é muito mais do que simplesmente anunciar ou promover uma venda. O marketing envolve o desenvolvimento de um conceito, produto ou serviço, por meio de seu preço, de sua promoção e distribuição às pessoas. Isso só funciona se houver uma troca entre o comprador (o indivíduo) e o vendedor (a organização) que beneficie ambos. O comprador recebe algo de valor e a organização obtém receita. (MILL, 2001, p.184).

O autor Butterfield (2005, p.121) mostra que, “A propaganda não constituía apenas um custo, mas um fator que auxiliava a gerar lucros para a empresa.”

Para o marketing ser empregado é necessário que haja uma competitividade entre organizações fabricantes do mesmo produto. O investimento empregado para a realização da propaganda da entidade é uma grande arma para torna-se uma das

maiores, pois envolve a imagem da empresa mostrando suas aplicações e divulgando-as de forma planejada para a sociedade.

Las Casas (2009, p. 298) disserta a respeito de promoção do produto:

Abrange as atividades que suplementam as vendas pessoais e a propaganda coordenando-as e ajudando a torná-las efetivas. Ela é uma intervenção de apoio que deve estar relacionada com as demais estratégias de composto do marketing.

A divulgação do produto fabricado pela organização é de fundamental importância para que se obtenham resultados positivos nas vendas. Percebe-se que as empresas focadas na publicidade ou na imagem de seu produto, certamente, vendem mais, pois no ato da compra o consumidor compara as características e as variações dos produtos fabricados pelas concorrentes e opta por aquele que transpassa a ele toda qualidade visual e todo o *status*, ou seja, reconhecimento de mercado.

4. METODOLOGIA

O presente tópico define a metodologia do projeto de pesquisa, abordando os procedimentos conforme a pesquisa será realizada, sendo este um estudo aplicado dentro de uma empresa, através de uma investigação literária aliada a uma pesquisa de campo com mediação dos pesquisadores.

Pretende-se fazer aplicação de questionários quali-quantitativos com a finalidade de coletar o máximo de informações possível e realizar um levantamento dos possíveis problemas no sistema organizacional relacionado à qualidade e marketing da empresa.

Será aplicada dentro da empresa e terá como finalidade fazer um levantamento dos possíveis problemas no sistema organizacional relacionados à qualidade e marketing. Após isso, alinhar as informações por meio das ferramentas de qualidade, utilizando-as para uma melhor solução do problema, visando desenvolvimento do processo.

A pesquisa será aplicada numa microempresa de modelagem em uma cidade do estado de São Paulo com, aproximadamente, 80 mil habitantes. Foi escolhida essa empresa de molde pelo seu lugar estratégico que se localiza entre três estados; São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, além de ter um acesso rápido à rodovia Presidente Dutra que liga diretamente Rio de Janeiro e São Paulo, além de ter seu principal cliente bem perto de si mesmo.

A pesquisa iniciou-se por um estudo bibliográfico, analisando variados autores, seus conceitos e suas opiniões acerca do tema a ser explorado. Serão utilizados também, sites, artigos, revistas e questionários que fornecerão dados e informações que viabilizarão o desenvolvimento do projeto.

Será realizada uma pesquisa de campo por meio de visitas quinzenais à empresa para conhecer as estratégias de marketing já utilizadas pela empresa e buscar formas de apresentação de possíveis melhorias por meio de ferramentas de qualidade.

A coleta será feita por meio de entrevistas ou questionários com perguntas sobre:

- 1 - Surgimento da empresa;
- 2- Principais fornecedores e clientes;
- 3- Estratégias de marketing adotadas pela empresa;
- 4- Ramo de atuação

6 Resultados Esperados

A partir do estudo apresentado será possível observar a importância de um bom planejamento no uso das ferramentas de qualidade e conjunto com o marketing para alinhar, direcionar e estruturar eficientemente a possível estratégia da empresa em estudo.

Após o levantamento de dados será possível identificar o processo da empresa no seu dia a dia de trabalho, mostrando onde estão seus pontos fortes e fracos, e com isso veremos se há um declive e com isso analisar uma nova proposta de marketing.

Espera-se das ferramentas de qualidade um alinhamento e direcionamento do marketing proporcionando para a empresa um novo conceito, e com isso ser visto pelos seus clientes e fornecedores como melhor opção no mercado, sendo reconhecido como uma empresa com marca forte.

A proposta do estudo é agregar conhecimento aos investidores da empresa, além de propor para os clientes melhores serviços por meio utilização das ferramentas de qualidade em união ao marketing.

O trabalho, através da pesquisa, mostrará as principais tendências de clientes para uma melhor busca de mercado através do *marketing* usando as ferramentas adequadas como; busdoor, cartão de visita, e-mail, site, flyer, folder, visitas de satisfação do cliente, melhorias na logo marca. Também apresentando uma análise

organizacional mostrando aonde a empresa vai bem e aonde a empresa precisa melhorar trazendo assim uma análise exata sobre seu plano de negócio.

Como uma ideia de desenvolver o plano de marketing da empresa por meio das ferramentas de qualidade tem-se projetado desenvolver um estudo visando ter um menor custo e uma maior lucratividade.

REFERÊNCIAS

AAKER, D. A. **Administração estratégica de mercado**. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. 7.ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

BARBARÁ, S. (Org.). **Gestão Organizacional e Estratégica da Qualidade**. In: _____. **Gestão por Processos: fundamentos, técnicas e modelos de implementação: foco no sistema de gestão da qualidade com base na ISO 9000:2000**. 2.ed. Rio de Janeiro: Qualitymarc, 2006.

BUTTERFIELD, L. **O Valor da Propaganda: vinte maneiras de fazer a propaganda funcionar para a sua empresa**. São Paulo: Cultrix, 2005.

CARVALHO, M. M. de. **Histórico da Gestão da Qualidade**. In: _____. PALADINI, E. P. (Coord.). **Gestão da Qualidade: teoria e casos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. Cap.1, p.[1]-24.

COBRA, M. **Administração de Marketing no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

CORRÊA, H.L; GIANESI, I. G. N. **Just-in-time, MRP II e OPT: um enfoque estratégico**. São Paulo: Atlas, 1993.

DANTAS, E. B. **Marketing descomplicado**. São Paulo: Senac, 2010.

GRIMM, K. E. & NEEDHAM, M. D. Moving Beyond the “I” in Motivation - Attributes and Perceptions of Conservation Volunteer Tourists. **Journal of Travel Research**, v. 51, n. 4, p. 488-501, 2011.

HARGREAVES, L. **Qualidade em prestação de serviços**. 2. ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2005.

IMAI, M. **Gembakaizen: estratégias e técnicas do kaizen no piso de fábrica**. São Paulo: IMAM, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). **Censo de 2010: características da população e dos domicílios: resultados do universo**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/default_caracteristicas_da_populacao.shtm>. Acesso em: 21 mar. 2015.

KOOS, S. What drives political consumption in Europe? A multi-level analysis on individual characteristics, opportunity structures and globalization. *Acta Sociologica*, v. 55, n. 1, p. 37-57, 2012.

KOTLER, P.; ARMSTRONG, G. **Princípios de marketing**. Tradução de Cristina Yamagami. Revisão técnica de Dilson Gabriel dos Santos. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. Tradução de: *principles of marketing*.

LAS CASAS, A. L. **Marketing: conceitos, exercícios, casos**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LUBBEN, R. **Just-in-time: uma estratégia avançada de produção**. São Paulo: MC Graw Hill, 1989.

LUCINDA, M. A. **Qualidade: fundamentos e práticas para o curso de graduação**. Rio de Janeiro: Brasport, 2010.

MAGALHÃES, A. L. **Empreendedorismo na Era do Conhecimento**. Guaratinguetá: FATEC, 2001.

MELLO, C. H. P. (Cons. Téc.). **Gestão da qualidade**. São Paulo: Pearson Education, 2011.

MCKENNA, R. **Marketing de Relacionamento: estratégias bem-sucedidas para a era do cliente**. 25 e.d. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

MILL, C. R. **Resorts Administração e Operação**. São Paulo: Bookman, 2001.

MOURA C. **Gestão de Estoques**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, Ltda., 2004.

TUBINO, F. D. **Sistemas de produção: a produtividade no chão de fábrica**. Porto Alegre: Bookman, 1999. Reimpressão 2004.

CONJUNTO HABITACIONAL DESENVOLVIDO A PARTIR DE CONTAINERS

RESUMO

Este artigo apresenta uma solução para o problema mundial da falta de habitações, tendo o container como uma solução para suprir o déficit habitacional e ao mesmo tempo reutilizar um componente de grande tamanho e inutilizado após seu uso industrial. Foi realizada uma pesquisa sobre a utilização do container para a construção de residências, sobre o que deve ser feito para melhor ajustá-lo para uma habitação adequada. A pesquisa foi feita para que o container possa aproveitar os recursos naturais como energia solar e água da chuva o máximo possível; o telhado verde para usar suas vantagens em cada habitação. Assim todo o projeto foi pensando no viés sustentável foi pensado para uma habitação coletiva utilizando o container como a matéria prima principal.

Palavras-chave: habitação coletiva, container, sustentabilidade.

ABSTRACT

This article shows a solution to a global problem of the absence of housing, having in the container one of the best solutions to supplement this absence and at the same time reuse one oversize component unusable after its industrial use. It was done a research about the use of the container to the construction of residences, about what must be done to better adjust it to an appropriate housing. Another research was done to explore the natural resources such as solar energy and the rainwater; and the green roof to use its advantages in each house. After the research, a sustainable project was thought to a collective housing using the container as the main raw material.

Key words: collective housing, container, sustainable.

1. INTRODUÇÃO

Diante de uma demanda crescente por novas habitações, os containers surgem como uma solução, pois têm um potencial imenso para suprir o déficit habitacional mundial, pois são fáceis de serem manipulados e transportados por diversos meios como guindastes e podem ser inseridos em qualquer meio desde que sejam feitos o estudo e o planejamento corretos ao meio que for inserido, assim este projeto tem como objetivo reutilizar containers que muitas vezes seriam inutilizados. A partir de sua fácil manipulação nos permite desenvolver varias com figurações tanto horizontalmente como verticalmente.

A casa container se adequa a qualquer projeto, pois sua estrutura é resistente e suporta grandes cargas. Para a arquitetura permite modulariedade e grande flexibilidade, dado que as dimensões são padronizadas e as peças são facilmente encaixáveis entre si, o que facilita a construção e montagem permitindo diversos projetos com uma variedade de formato com apenas um material, além do tempo de construção ser de 60 a 90 dias para ficar pronta em comparação a uma casa de alvenaria que o tempo de construção é bem maior que pode durar de 6 a 12 meses de construção.

A ideia do projeto não e só desenvolver moradias com containers recicláveis, mas sim reutilizar um material que seria simplesmente descartado, mas que possui uma vida útil longa, utilizá-lo para resolver um problema global que abrange diversos países desenvolvidos e pobres, para estancar um déficit habitacional mundial, desenvolvendo um projeto que traga qualidade de vida e possa causar o menor impacto ambiental possível, criando um novo modo de se pensar na reutilização de materiais que seriam inutilizados, mas com grande potencial arquitetônico habitacional, agregando valor ao espaço o nos permitido a exploração de outros recursos para a sua aprimoração.

2. OBJETIVO

Este projeto tem como base a reutilização de containers para a construção de habitação coletiva sustentável, reutilizando materiais recicláveis que muitas vezes seriam descartados incorretamente em lugares impróprios poluindo o meio ambiente. Tendo como matéria prima principal containers, pois possuem um potencial arquitetônico imenso que podem ser explorados de diversas maneiras, pois possuem alta resistência e durabilidade. Reutilizando estes containers para desenvolver moradias adequadas agregando valor e trazendo qualidade de vida aos seus usuários e tendo um visual atrativo, dando qualidade à moradia, pensando na sustentabilidade, empregando telhado verde, sistema de captação de água da chuva e energia solar através de placas fotovoltaicas e aquecedor solar de água, assim desenvolvendo moradias com qualidade de vida, autossustentável, que podem ter mais de uma função e podem ser empregadas em qualquer meio.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O container é um equipamento utilizado para o transporte de cargas foi criado como uma solução para o transporte de mercadoria em grandes quantidades de uma maneira eficaz para facilitar o transporte marítimo. O seu tamanho e resistência foram fatores determinantes para a expansão da construção naval e do transporte marítimo em massa, facilitando o comércio mundial de mercadorias entre continentes pelo mar o que não ocorre com outro meio de transporte, pois não permite o mesmo volume de transporte de mercadorias que os containers. [SOUZA, 2015]

A montagem de componentes construtivos para a construção civil a partir de resíduos industriais nos mostra um potencial construtivo imenso reutilizando estes resíduos. A construção civil busca novos métodos construtivos para projetar habitações de baixo custo com qualidade, o container surge como uma solução de barateamento de habitações pelo seu baixo grau de investimento. [ALMEIDA, 2014]

O desenvolvimento deste projeto parte da ideia do reaproveitamento e reutilização de containers que são descartados depois de 15 anos de uso pela indústria, empresas de transporte e portos, fazendo com que os containers se tornem um estorvo sendo descartado muitas vezes incorretamente em locais inapropriados, ocupando espaços em transportadoras e portos poluindo visualmente os espaços e se tornando um

elefante branco inutilizável para eles, por mais que a vida útil dos containers seja de 100 anos, mas no caso da indústria esta vida útil de utilidade dos containers é apenas de 8 a 15 anos, o que mostra que os containers possui uma vida útil longa mais pouca utilizada e explorada pelo mercado. [PAULA, 2012]

A construção da casa container faz-se de modo simples, pois dispensa o uso de matérias primas comuns para a construção de casa de alvenaria, pois é necessário apenas o uso do concreto para construção da fundação da casa, assim dando estabilidade de nível ao container. Neste projeto, utilizaremos quatro containers de 20' de 5,90 m de comprimento, 2,438 m de largura e 2,38 m de altura cada uma contendo uma área total de aproximadamente 14,38 m². [SOUZA, 2015]

A base para a fixação dos containers se darão de modo que os containers possam ser conectados entre si e as casas possam ser conectas entre elas formando um conjunto habitacional de seis unidades e assim por diante, conforme a necessidade de cada lugar que poderá variar. Pois a fundação em concreto permitirá que os containers fiquem a 60 cm do solo, assim formando uma bolsa térmica de ar, permitindo um isolamento térmico natural, para reforçar este isolamento será passada uma tinta impermeabilizante para reforçar a impermeabilização da parte de baixo do container a fim de assegurar possíveis danos na parte inferior da estrutura do container como corrosão, além de permitir a drenagem naturalmente da água por debaixo. Também facilitará a instalação hidráulica e elétrica entre os containers que serão passados por conduites nas paredes dos containers. [PAULA, 2012]

O container nos mostra seu potencial sua funcionalidade e sua capacidade de utilização podendo ser utilizado para diversas funções. A casa container precisa de um estudo adequado para seu desenvolvimento, tendo um estudo prévio de viabilidade a partir da ideia criada levando se em conta vários fatores determinantes como conforto ambiental, ergonomia, solução construtiva, método construtivo, sustentabilidade, local a ser inserido, entre outros fatores determinantes para poder desenvolver um projeto adequado atendendo a todas as necessidades estabelecidas. [PAULA, 2011]

4. METODOLOGIA

Para realização do projeto foram discutidos todos os aspectos do desenvolvimento, criação, problemáticas e soluções para o tema abordado. Após o levantamento de todas as variantes como: problemáticas, custos, interesse social, tempo de execução, vantagens e desvantagens, foi traçado um panorama geral do tema. Posteriormente a fim de concretizar o plano de pesquisa foram realizadas visitas em estabelecimentos construídos a partir de containers, Pesquisa dos mais diversos aspectos construtivos, todas as formas de sustentabilidade que podem ser empregadas.

Neste projeto, utilizaremos telhado verde, pois um dos benefícios é um excelente isolante térmico, diminuindo o calor interno da residência e melhora da qualidade do ar e as ilhas de calor, assim dando mais conforto interno, a aplicação do telhado verde se dará na sacada permitindo uma área verde, será aplicado o telhado verde intensivo, pois comporta plantas de nível médio e de grande porte em uma estrutura de 15 cm a 40 cm, que suporta uma carga entre 180 kg/m² e 500 kg/m². Seu método construtivo se dá por uma camada impermeabilizante, camada drenante, camada filtrante, membrana de proteção contra raízes, solo e vegetação. Seu modo de execução exige mão de obra qualificada, pois precisa ser feito corretamente a fim de evitar danos em caso de má execução, pois determina a forma de drenagem ou a necessidade de barreira para conter o fluxo de água. Após o preparo da cobertura, se aplica a terra e as espécies dos vegetais adequados. Sua manutenção é simples dependendo da espécie escolhida, pois influencia na manutenção que pode ser feita uma ou duas vezes por ano.

As placas fotovoltaicas para a captação de energia solar neste projeto será off grid e tie grid, o que permitirá que possamos vender energia para a empresa de distribuição e possamos armazenar energia em baterias. A placa foto voltaica escolhida é de silício com uma área de 40 m² que gerará 500 KW/h mês por habitação. Além de possuir uma cisterna para a captação de água da chuva para ser utilizada para irrigar plantas, em privadas e lavar o quintal e o carro. Cada casa container possuirá um aquecedor de água solar, conforme a necessidade de cada família. O projeto contará com abertura lateral cruzada projetada para permitir a livre circulação do ar pelos espaços, permitindo que o ambiente fique fresco e bem ventilado devido à necessidade de um ambiente arejado.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Analisando a atual situação do mercado imobiliário atual, nos quesitos déficit residencial, confiamos que por todos os pontos analisados uma casa container seria uma boa alternativa para sanar tais problemáticas. Outro ponto que favorece muito tal investimento (tanto de fundos particulares como governamental) é a possibilidade de melhorar a qualidade de residências oferecidas no momento atual. A preocupação com o meio ambiente e a qualidade de vida dos moradores teria uma melhora significativa.

Figura 01: Casa projetada a partir de container



Fonte: evolutionempresas.com.br, 2014.

A partir desta foto pode se perceber como de da o método construtivo da casa container que da se de modo simples, mas exige mão de obra qualificada.

No Brasil, não é comum a utilização de container em comparação a outros países, mas, no entanto, a procura pelo material vem crescendo muito nos dois últimos anos, fazendo com que os preços dos containers reciclados suba de 3 mil para 6 mil.

Os containers vêm sendo utilizados em grande escala em países desenvolvidos de uns tempos para cá para a construção de casa e de habitações coletivas como, por exemplo, a habitação coletiva do arquiteto Holandês Mart de Jong, o SpaceBox na Universidade de Utrecht em 2005 na Holanda, que serve de moradia

para os estudantes da universidade, o que mostra um potencial incrível pelo seu baixo custo e fácil aplicação.

A casa container não utiliza o mesmo número de matérias convencionais para a construção das moradias, economiza material de construção em comparação à casa de alvenaria que desperdiça duas caçambas de lixo contra um saco de lixo da casa container. Para elaboração do projeto, tem que ser levado em conta todas as variáveis, pois é preciso que o projeto agregue valor à sociedade e ao meio inserido e que seja de baixo custo à população.

Os containers serão fixados entre si por soldagem, dando a fixação adequada. Para a garagem que funcionará nos vãos livres entre os containers, será colocado piso intertravado permitindo que a água possa penetrar no solo assim fazendo com que toda a base de sustentação da casa seja permeável. O revestimento dos containers será conforme a necessidade de cada lugar que forem instalados, pois tem que ser adequado à região, neste projeto será utilizada madeira de origem certificada, geralmente com origem em florestas controladas, pois é um excelente isolante térmico tanto para o interior quanto para o exterior da edificação, mas neste caso iremos utilizar em algumas partes no interior e exterior preservando algumas partes dos containers para ficar aparente o aço na parte externa. Os containers já possuem um isolamento térmico de fábrica, pois o aço é um excelente condutor térmico, a madeira será aplicada em cada ponto específico. Todo o container será recortado em pontos estratégicos para a colocação de paredes de vidro, além de todas as janelas e portas ser de vidros translúcidos, permitindo utilizar o máximo possível à iluminação natural do dia, os vidros serão próprios permitindo que a luz entre nos ambientes, mas possa diminuir a radiação solar.

A ligação do térreo com o primeiro andar será feita por escada ao gosto do usuário, podendo ser em caracol ou em outros formatos em diversos materiais como ferro, aço e madeiras, assim como a decoração do interior da residência.

6. CONCLUSÃO

A casa container foi uma solução encontrada para o problema da habitação coletiva no Brasil e no mundo, devido a grande vida útil e descarte muitas vezes inapropriado do container pelas indústrias após 15 anos, garantindo assim a sustentabilidade. Por diversos motivos essa solução é uma das melhores para resolver o problema mundial das habitações coletivas, pela redução do tempo de construção e materiais, por serem de fácil manipulação e encaixe. Outros motivos que tornam os containers apropriados para esse tipo de projeto é a estética dos mesmos quando adaptados para uma residência e a redução em 35% no custo total da habitação se comparado à moradia convencional.

A sustentabilidade também está presente em outras partes do projeto, está previsto o telhado verde nas sacadas que possui diversas vantagens para uma habitação. Como a melhora do isolamento térmico e acústico da edificação, a diminuição da poluição, melhorando assim a qualidade do ar. A captação da energia solar também está prevista para o projeto, através de placas fotovoltaicas será feita a captação e o armazenamento da energia solar, para posteriormente ser vendida para empresas e utilizada para aquecer a água necessária para a habitação. Outro sistema que promove a sustentabilidade no projeto é a captação da água da chuva através de cisternas que armazenarão esta água para o uso individual das habitações, sua aplicação será quando a água necessária não precise ser potável.

Serão utilizados quatro containers com uma área de 31,08m² cada um, e para uma boa fixação dos containers os mesmos serão soldados. Os vãos livres das habitações serão aproveitados como garagem. Madeira será utilizada no interior e exterior para um melhor isolamento térmico da residência. Os vidros utilizados serão translúcidos para o aproveitamento da luz natural, mas ao mesmo tempo com uma radiação solar menor. O interior será definido de acordo com o gosto pessoal do morador.



EIC 2015

Ciência, Ação e Sustentabilidade

XII ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA | X MOSTRA DE PÓS-GRADUAÇÃO
II MOSTRA DE EXTENSÃO

REFERENCIAS

Disponível em: < <[http:// evolutionempresas.com.br/](http://evolutionempresas.com.br/)> Acesso 19 de agosto de 2015

Disponível em: < [http:// infohab.org.br /> Acesso em 21 de agosto de 2015. PAULA, 2011](http://infohab.org.br/)

Disponível em: < [http:// monografias.urfn.br /> Acesso em 20 de agosto de 2015.](http://monografias.urfn.br/)

[SOUZA, 2015]

Disponível em: < <http://infohab.org.br/>> Acesso em 22 de agosto de 2015.

[ALMEIDA, 2014]

Disponível em: < [http:// infohab.org.br /> Acesso em 21 de agosto de 2015. PAULA, 2012](http://infohab.org.br/)

AS TRANSFORMAÇÕES NA GRADE DE PROGRAMAÇÃO DA REDE GLOBO: UMA REFLEXÃO BASEADA NO CONTEXTO HISTÓRICO

RESUMO

O trabalho busca promover uma reflexão sobre as mudanças ocorridas na grade de programação da Rede Globo, ao longo de seus 50 anos, de acordo com contexto histórico e social temporal. O estudo dividirá a trajetória da emissora em cinco décadas e classificará as mudanças da grade de programação de acordo com os conhecimentos em categorias, gêneros e formatos. Os cinco capítulos que encabeçaram a reflexão terão como temas principais: Os programas populares (1965-1975), Ditadura Militar (1975-1985), Programas Infantis (1985-1995), O Novo Humor (1995-2005) e Interatividade (2005-2015). Cada capítulo trará o seu tema base, como foi apresentado, explorando e justificando sua implementação, trazendo também dados de como este gênero é tratado atualmente dentro da emissora e o porque de tais situações, levando em consideração sempre o contexto histórico temporal. O trabalho ainda busca mostrar a chegada, instalação e desenvolvimento da televisão no Brasil e também, em especial, dados da história da Rede Globo, a emissora que encabeçará o estudo.

Palavras-chave: Rede Globo; Reflexão; Contexto Histórico; Gêneros; Formatos; Grade de Programação.

ABSTRACT

The work seeks to promote a reflection on the changes in the Globo TV program schedule, throughout its 50 years, according to temporal historical and social context. The study divides the trajectory of the station in five decades and categorizes changes the program schedule according to the knowledge into categories, genres and formats. The five chapters that led the reflection will have as main themes: the popular programs (1965-1975), military dictatorship (1975-1985), Kids Program (1985-1995), The New Humor (1995-2005) and Interactivity (2005-2015). Each chapter will bring your theme basis, as presented, exploring and justifying their implementation, also bringing data like this genre is currently treated within the station and because of such situations, taking into account always the temporal historical context. The work also seeks to show the arrival, installation and development of television in Brazil and, especially, given the history of Rede Globo, a station that will head the study.

Key-words: Rede Globo ; reflection ; Historical context; genres ; formats; Programming grid.

INTRODUÇÃO

A televisão brasileira vem sofrendo constantes mudanças. Dia após dia as grandes redes buscam sempre satisfazer o gosto da população criando novos gêneros e, principalmente, novos formatos. Há aquelas ideias que têm êxito e outras que simplesmente desaparecem. Há também aquelas que sofrem várias transformações até que se atinjam pontos satisfatórios no IBOPE.

Entretanto, com tantas mudanças na grade de programação, são poucas as referências bibliográficas que justificam o porquê delas ocorrerem e que acompanham essa trajetória importantíssima. Com isso, os estudantes, e até mesmo os já especialistas na área, sofrem com a falta de uma reflexão sobre o assunto.

Tendo como principal justificativa destas mudanças o contexto histórico, o estudo busca traçar um paralelo da história cinquentenária da rede Globo, com as transformações sociais, políticas e econômicas do país. Classificando sempre os programas analisados de acordo com

suas categorias, gêneros e formatos, a reflexão proporcionará conhecer muitas produções que já foram extintas, mas observar e refletir outras que ainda são renovadas e adaptadas de acordo com o contexto histórico. Surge então o seguinte questionamento: ao longo do contexto histórico, a rede Globo sofreu grandes transformações em sua grade de programação nestes 50 anos? Quais as mudanças que obtiveram êxito? Quais não obtiveram uma audiência significativa?

Estes questionamentos em um dado contexto social e histórico promovem reflexões ao longo deste trabalho monográfico.

METODOLOGIA

Uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico sobre as mudanças ocorridas na grade de programação da Rede Globo em seus 50 anos de história, relacionando-as com o contexto histórico e classificando-as de acordo com as categorias, gêneros e formatos.

Para este estudo foram consultadas obras referenciadas como 'História da Televisão Brasileira' de Sérgio Mattos, 'Os Desafios da Comunicação Social no Brasil' do Congresso Nacional de Comunicação, 'Glória in Excelsior' de Álvaro de Moya, 'Chatô: O Rei do Brasil' de Fernando Morais, 'A Ditadura Militar no Brasil' de Maria José de Rezende, 'A Fantástica História de Silvio Santos' de Arlindo Silva e 'Ninguém Faz Sucesso Sozinho' de A. A. A. de Carvalho Tuta, que relatam a história da televisão brasileira.

Em seguida, as obras 'O Livro do Boni' de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho e 'O Campeão de Audiência' de Walter Clark e Gabriel Priolli, que subsidiou também a história da televisão brasileira, mas me deram maior base para a história da tevê Globo.

Para os capítulos sobre categorias, gêneros e formatos foi usado 'Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira' de José Carlos Aronchi de Souza.

Esta reflexão trará as principais mudanças na grade de programação da Rede Globo, que este ano está completando 50 anos, portanto o trabalho irá dividir-se em cinco capítulos principais, onde será mostrado as principais mudanças de cada década justificando-as de acordo com o contexto histórico da época e classificando-as em seus formatos, gêneros e categorias.

Cada capítulo trará, de acordo com o contexto histórico, um marco principal, que irá justificar as mudanças mais marcante na grade de programação da emissora naquela década.

1ª Década (1965-1975) - Programas Popularescos

Com o fracasso da emissora nos seus primeiros seis meses, Roberto Marinho (proprietário da Rede Globo) contratou Roberto Montoro para alavancar as vendas da empresa. Junto com Roberto Montoro veio Walter Clark, especialista na área de programação. Clark reestruturou toda a grade da emissora, e alavancou-a para o sucesso. Em grande parte desta primeira década, a Rede Globo recheou sua grade de programação com programas voltados para à massa com formatos de baixo custo, que não tinham como prioridade a qualidade, e apresentadores popularescos. Este gênero alavancou a emissora e marcou esta primeira fase, porém ao final desta década já foi sendo deixado de lado e o "Padrão Globo de Qualidade" começou a ser implementado.

2ª Década (1975-1985) - Regime Militar

A Ditadura Militar começou a registrar seus índices mais altos de censura em 1975. A Rede Globo teve novelas restritas e formatos de programas modificados para que o conteúdo não fosse vetado pelo militarismo da época. Um exemplo característico desta mudança de formato dentro dos programas foi registrado no programa feminino TV Mulher. O programa matutino que ficou no ar por 6 anos, contava com a participação de uma sexóloga, a Marta Suplicy. A participação da sexóloga, que agora se dedica a vida política, sofreu repressões e

grandes protestos para que o quadro saísse do ar.

3ª Década (1985-1995) - Enfoque Infantil

As manhãs da emissora deixam de apresentar o programa TV Mulher e passam a investir na apresentadora infantil Xuxa Meneguel. O novo gênero matutino da emissora, trouxe também o fim da série Sítio do Pica Pau Amarelo, formato infantil consagrado mundialmente. Destaques também nesta linha para TV Colosso e os programas com a apresentadora Angélica. Outra novidade foi o show Criança Esperança, que ainda acontece na emissora e arrecada fundos para investimentos em projetos sociais infantis no Brasil.

4ª Década (1995-2005) - O novo Humor

Em 1995 deixam de ser exibidos os programas humorísticos Escolinha do Professor Raimundo e Os Trapalhões, programa este com 18 anos na emissora. No ano seguinte estreia Sai de Baixo, também do mesmo gênero, porém com formato totalmente novo. Anos antes havia sido estreado Casseta & Planeta Urgente, que já contava com um formato novo em relação aos tradicionais do mesmo gênero na emissora. Mais tarde estreia também o programa Zorra Total, que a pouco tempo sofreu uma reformulação, mas continua no ar pela Rede Globo. Nesta década a emissora também contou com inúmeras séries voltadas para o humor, como Os Normais e a reformulada A Grande Família.

5ª Década (2005-2015) - Interatividade

Começa a ser pensado em formatos que obtenham uma intervenção direta do telespectador. Um dos mais importantes programas desta nova fase foi o Big Brother Brasil. Dali em diante a emissora precisou cada vez mais implementar este novo formato em sua grade. Hoje vários programas possuem a interatividade dentro do seu contexto, alguns outros trazem a interatividade com o público como carro chefe.

Cada capítulo trará o seu tema base, como foi apresentado, explorando e justificando sua implementação, trazendo também dados de como este gênero é tratado atualmente dentro da emissora e o porque de tais situações, levando em consideração sempre o contexto histórico temporal.

1. A História da Rede Globo

A Rede Globo foi inaugurada oficialmente em 26 de abril de 1965 no Rio de Janeiro. A transmissão foi feita pelo canal 4 e apresentou o programa Uni DuniTê. O novo canal brasileiro, na época, contava com vários equipamentos modernos, com instalações adequadas. porém pequenas, em comparado com as outras emissoras de TV do estado.

Todo o ambiente de primeira linha que a Globo usufruía logo no começo de sua história, era fruto de um acordo feito com uma empresa americana chamada *Time-Life*. Roberto Marinho, por meio deste acordo, teve acesso à cerca de 6 milhões de dólares, e oferecia a Time-Life 45% de todos os lucros auferidos pelo funcionamento da TV Globo. O acordo foi muito polêmico no país, pois na época o governo proibia por lei qualquer pessoa ou empresa estrangeira de possuir participação em uma empresa brasileira de comunicação. Mais tarde, em 1969, a emissora se prescindiu da participação direta dos Estados Unidos, porém o canal já havia se beneficiado do dinheiro e da experiência administrativa.

Mesmo com todo o auxílio da Time-Life os primeiros meses de operação do canal não foram felizes, pois se gastou muito dinheiro e o lucro foi zero. Em alguns meses as despesas foram 4 vezes maiores que a receita, e Roberto Marinho passou a considerar a troca da equipe original da empresa.

A primeiras das novas contratações foi a de Roberto Montoro, um profissional muito competente na área de vendas, o homem adequado para resolver os principais problemas da emissora. Porém, Montoro comunicou à Roberto Marinho que só iria para a TV Globo se

pudesse levar Walter Clark consigo. Walter Clark era funcionário fundamental da TV Rio na década de 50, especialista na área de programação. A TV Globo, na época, não estava com problemas grandes na área de programação, porém a contratação de Walter Clark mudou a história da emissora.

A Globo não tinha um grande problema de programação, a minha especialidade, embora também não pudesse alardear aos quatro ventos que possuía as melhores atrações da TV brasileira nem que elas estavam arranjadas da melhor forma possível, nos horários adequados. O Montoro, entretanto, insistiu com a Globo que só aceitaria o convite se eu fosse junto. Assim, eles acabam atirando no que viram para acertar no que não viram, porque eu me dispus a conversar. (CLARK, PRIOLLI, 1991, p.159)

Ao entrar na TV Globo, Walter Clark se deparou com um enorme desafio, alcançar índices de audiência o mais rápido possível, sem quase nenhuma verba. A solução que ele achou foi apostar em programas popularescos, trazendo ícones da rádio Globo e colocando no ar projetos simples, de baixo custo, mas que trouxeram resultados. Um dos sucessos foi a Sessão das Dez, que o próprio Walter Clark cita em O Campeão de Audiência (1991, p.172);

Para aproveitar o bom lote de longas-metragens que tínhamos e que eram pessimamente programados, inventei a Sessão das Dez, a primeira de todas elas, com filmes todos os dias. Não havia nenhum filme inédito e, por isso, eu precisava de alguma coisa marcante, especial. Então peguei a Célia Biar, com aquele jeito fresco que ela tem, pus uma vasta piteira em sua mão e um gato no colo, o famoso Zé Roberto. Ela virou uma apresentadora chiquíssima, uma dondoca que estava em casa com o espectador, preparando-se para ver o filme. Dava lá umas informações, fazia um charme e o filme rolava. Foi um sucesso tão grande que o Zé Roberto virou até música de carnaval.

No final de 1965 a Globo lançou o slogan "Ano Novo, Ano Globo" que era usado em todos os intervalos, bombardeando os telespectadores da época. Já em fevereiro de 1966, a Globo deu seu primeiro passo para o sucesso. A cidade do Rio de Janeiro recebeu chuvas tão fortes que barracos deslizaram os morros e pessoas foram arrastadas pela enxurrada. A emissora então resolveu instalar câmeras nas marquises de seu prédio e transmitir tudo o que acontecia com a cidade. Quase sem perceber, o canal virou líder de uma campanha de recolhimento de cobertores, alimentos e remédios, a SOS Globo. O canal ficou 3 dias transmitindo apenas a catástrofe que acontecia no Rio, e em março cobriu o carnaval na cidade. Daí em diante a emissora ganhou um carinho especial dos cariocas.

No dia 14 de julho de 1969, no mesmo dia que O Teatro Paramount, da TV Record pegou fogo, um incêndio também atingiu a TV Globo São Paulo. As chamas começaram logo após o término do Programa Silvio Santos. Na época a Embratel já operava comercialmente o link micro-ondas, o que levou a Globo centralizar produção no Rio de Janeiro. Mais tarde a TV Bandeirantes também foi incendiada.

Na época os grupos de esquerda foram os principais suspeitos de ocasionar os incêndios, tudo para que a população parasse de assistir as telenovelas e shows musicais, sucesso das emissoras, e se atentasse à Ditadura que se instalava no país. As emissoras passaram por momentos de verdadeiro terror.

Depois do incêndio da Bandeirantes, a coisa virou filme de guerra. O Boni mandou distribuir revólveres para todo mundo na Globo e cada um andava com o seu pendurado na cintura. [...] Montamos uma equipe armada até os dentes para proteger o transmissor, no Pico do Jaraguá. (CLARK, PRIOLLI, 1991, p.208)

Em 1969 a Globo precisava de um programa diário que entrasse ao vivo em vários

estados, a fim de estimular outras emissoras a se afiliarem à Rede. Com mais afiliadas, podia-se oferecer aos anunciantes a audiência de outras regiões, aumentando os valores dos comerciais, assim surgiu o Jornal Nacional.

O mundo inteiro estava na edição inaugural: China, Estados Unidos, Líbia, Paquistão. Os destaques do Brasil eram o aumento da gasolina, o depoimento do Guarrincha sobre o acidente que matou a mãe de Elza Soares, as obras de alargamento da praia de Copacabana e o gol do Pelé, de número 979, garantindo nossa vaga na Copa de 1970, no México. Mesmo censurado, o JN era dinâmico. Ao terminar a edição, um grito de alívio do Armando: - O Boeing decolou! (OLIVEIRA SOBRINHO, 2011, p. 243)

Em 1971 a Globo enfrentou mais um incêndio, desta vez no Teatro Globo no Rio de Janeiro. Este incêndio foi de menor proporção, atingiu apenas o auditório e todas as fitas foram salvas. Walter Clark lembra que quando chegou ao local, e Boni lhe informou que pouco havia acontecido, ele não escondeu a euforia, "A alegria foi tanta que nós dois nos abraçamos e ficamos pulando, eufóricos, diante do incêndio. O Jornal Nacional gravou a cena, exibiu e ninguém entendeu, mais uma vez a alegria dos dois malucos." (CLARK, PRIOLLI, 1991, p.229). Após o ocorrido o seguro pagou à Globo uma quantia altíssima, e a emissora passou a usar um outro teatro, com uma estrutura muito melhor.

Em 31 de março de 1972 a Globo fez a sua primeira transmissão à cores. Esta transmissão foi praticamente obrigatória, pois o governo pressionou para que esta ocorresse o mais rápido possível, indo contra o planejamento das emissoras, que consideravam esperar mais um pouco para essa revolução. No último dia de março de 1972, foi ao ar o Festival da Uva de Caxias do Sul e logo após um especial chamado Meu Primeiro Baile, com Glória Menezes e Marcos Paulo. Fora isso, outros programas foram surgindo lentamente na grade da TV a cores.

Em 1975 a emissora começa a sentir com mais intensidade a censura federal que era implantada no país nos anos da Ditadura Militar. A primeira versão da novela Roque Santeiro foi vetada quando já haviam sido gravados quase 20 capítulos, dando um prejuízo de 500 mil dólares para a emissora. Mais tarde também foi vetada a novela Despedida de Casado, de Walter George, uma trama de história simples, sem muitos motivos para tal veto. Os efeitos da censura sob a emissora foi sentido pelos telespectadores e, principalmente, por toda a equipe Globo.

Durante toda o tempo da censura, nós nos equilibramos na corda bamba entre a tragédia e a comédia. As situações normalmente eram sérias, agrediam os profissionais envolvidos, eram uma violência moral que marcava, feria. Mas também aconteciam episódios insólitos, patéticos, que expunham com cruza a mediocridade dos caras que se envolviam no esquema de repressão. (CLARK, PRIOLLI, 1991, p.258)

Em 1977 Walter Clark é demitido da TV Globo por Roberto Marinho. O caso ganhou capítulos tanto na biografia de Walter Clark, quanto na de Boni. A relação entre os dois, no final da carreira de Clark na Globo, estava complicada. Ambos tinham profunda admiração pelo trabalho um do outro, porém levavam estilos de vida completamente diferentes. Boni afirma isso no final de seu capítulo "Onde há fumaça, há fogo: a saída de Walter Clark"

Eu nunca deixei de reconhecer a importância do Walter na criação da Rede Globo e quero enfatizar que ele foi o ponto de partida para tudo. Na Verdade, sempre tivemos uma relação carinhosa, mas havia entre nós um abismo em nossos estilos de vida e de comando. Os atritos geravam uma fumaça constante. E onde há fumaça, há fogo.(OLIVEIRA SOBRINHO, 2011, p.331)

Walter Clark, apesar de sua inúmeras críticas ao comportamento de Boni e Roberto

Marinho, cita ambos em praticamente toda a sua trajetória. Hora com amor, hora com rancor.

O Boni, para demonstrar toda a extensão de sua solidariedade, me confortou com palavras animadoras. - É até melhor assim, Walter. Agora você faz uma nova televisão e leva a gente para trabalhar contigo.

Palavras textuais dele. A minha grande amizade por esse cara, o carinho que eu sempre tive por ele, o respeito, o apoio, o prestígio, toda a força que eu lhe dei sempre que pude, terminavam naquela espantosa demonstração de cinismo. Mas assim é a vida... (CLARK, PRIOLLI, 1991, p.299)

No final de sua carreira de 11 anos dentro da Rede Globo, Clark sentiu que a emissora estava assentindo demais às regras dos militares, além de estar indo contra seus parceiros de longa data, atitudes inadmissíveis para ele. Com o temperamento difícil, não precisou de muito tempo para que os conflitos de interesses viessem à tona, do modo Clark, sempre na capa das mídias. A Globo seguiu sem Clark, para infelicidade da ética na Televisão Brasileira.

Em 1977 estreou na Globo Renato Aragão com o programa "Os Trapalhões". No começo o programa exibiu um humor muito abrangente, mas com o passar do tempo ele foi se concentrando nas crianças. Renato Aragão virou um grande ícone dentro da Rede Globo, e comanda até os dias atuais o show beneficente Criança Esperança.

Em 1978 a novela Dancin' Days foi um grande sucesso na Globo. Transmitida no horário das 20 horas, a trama aproveitou o sucesso das danceterias do Rio de Janeiro na época e junto com a novela emplacou o disco com a trilha sonora internacional, que vendeu 1,4 milhão de cópias. O figurino da telenovela também arrebatou o Brasil, "As roupas criadas por Marília Carneiro e as meias coloridas de Sônia Braga viraram coqueluche na época" (OLIVEIRA SOBRINHO, 2011, p.343), lembra Boni. Em 1982 a crítica italiana concedeu o Prêmio de Asa de Ouro do Sucesso à novela.

Em 1979 a Rede Globo começa a produzir e transmitir suas próprias séries, com o objetivo de substituir os seriados importados. Um dos primeiros projetos foi inspirado no romance "Jorge, um brasileiro", de Oswaldo França Júnior. O texto estava em produção e serviria como modelo para um seriado que contava a história de dois caminhoneiros. Antônio Fagundes e Stênio Garcia criaram os personagens Pedro e Bino, e surgiu Carga Pesada.

Em 1985 a Globo deixou de exibir o Programa Infantil "Sítio do Pica-Pau Amarelo", que estava no ar desde 1977 na emissora. O programa havia sido considerado pela Unesco como melhor programa infantil do mundo. O Sítio começou a ser exibido muito antes, em 1952 na TV Tupi, e depois passou a ser transmitido pela TV Bandeirantes em 1967. Um ano após seu fim, surgiu o "Xou da Xuxa" com Xuxa Meneghel, apresentadora que veio da TV Manchete. O programa estreou com índices de audiência jamais vistos no horário matinal da grade. Mais tarde, em 1992, Xuxa alegou estar cansada do programa diário, e para suprir o horário foi criado por Boninho, filho do Boni, a TV Colosso. Em 1996 também surgiu a apresentadora infantil Angélica, e seu programa Angel Mix.

Nas eleições de 1989 a Globo foi acusada de manipular o debate entre os candidatos Lula e Collor, a presidência do Brasil no 2º turno. O debate ganhou duas edições, uma para o Jornal Hoje e outra para o Jornal Nacional, as duas polêmicas, porém a do Jornal Nacional foi a que teve mais repercussão, acusada de privilegiar o candidato Collor. O PT, partido de Lula, chegou a mover uma ação contra a emissora no Tribunal Superior Eleitoral. O partido queria que novos trechos do debate fossem apresentados no Jornal Nacional antes das eleições, como direito de resposta, mas o recurso foi negado. Os responsáveis pela edição do Jornal Nacional afirmaram, tempos depois, que usaram o mesmo critério de edição de uma partida de futebol, na qual são selecionados os melhores momentos de cada time. Segundo eles, o objetivo era que ficasse claro que Collor tinha sido o vencedor do debate, pois Lula realmente havia se saído

mal. Depois do ocorrido novas normas para equipe de Jornalismo, é o que relata o site Memória Globo.

Mas o episódio provocou um inequívoco dano à imagem da TV Globo. Por isso, hoje, a emissora adota como norma não editar debates políticos; eles devem ser vistos na íntegra e ao vivo. Concluiu-se que um debate não pode ser tratado como uma partida de futebol, pois, no confronto de ideias, não há elementos objetivos comparáveis àqueles que, num jogo, permitem apontar um vencedor. Ao condensá-los, necessariamente bons e maus momentos dos candidatos ficarão fora, segundo a escolha de um editor ou um grupo de editores, e sempre haverá a possibilidade de um dos candidatos questionar a escolha dos trechos e se sentir prejudicado.

Por causa do ocorrido, Roberto Marinho afastou Armando Nogueira da direção da Central de Jornalismo da Globo, em seu lugar assumiu Alberico de Sousa Cruz, que mais tarde foi substituído por Evandro Carlos de Andrade. Atualmente Ali Kamel é o Diretor Geral de Jornalismo e Esporte da Globo.

Em 1992 estreia na Globo o primeiro programa no formato interativo, o Você Decide. O formato foi um sucesso tão grande que logo foi vendido para mais de dez países.

"Você Decide" estreou em 1992, tornando-se um sucesso imediato, pois o público participava, interferindo, através de votação por telefone ou em praça pública ao microfone da emissora, na escolha do desfecho das polêmicas histórias encenadas. O sucesso foi tanto que a emissora passou a exportar o formato do programa e não o produto acabado. Em março de 1993, a Globo já tinha vendido o "Você Decide" para onze países, entre eles a Alemanha, Espanha e Suécia, mantendo negociações com mais sete. Ao comprar o pacote, o cliente ganha direito de copiar a concepção do programa, gravando sua própria versão com atores locais, e leva os scripts dos episódios já veiculados no Brasil, que podem ser aproveitados integralmente ou modificados. (MATTOS, 2002, p.125)

Em 1996 a Rede Globo inaugura o PROJAC, o Projeto Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Um centro de produções de 1.300.000 metros quadrados, que vinha sendo construída desde 1992. Em outubro do mesmo ano, a Globo também inaugura a Globo News. Um canal exclusivo com 24 horas de notícias, que também transmite o telejornalismo da Rede Globo.

No dia 25 de novembro de 1997, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, deixou a Rede Globo. Apesar de continuar como consultor da mesma até 2001, Boni não ocupou mais a cadeira de vice-presidente de operações na emissora. Ele foi substituído com Marluce Dias da Silva. Boni, praticamente, finaliza seu livro quando finaliza sua trajetória na Rede Globo.

O Resumo da ópera é que valeu apenas. O que conta em qualquer empreendimento é o sucesso. E, da minha parte, tenho a certeza e a tranquilidade de que deixei a marca do sucesso com minha contribuição à Rede Globo. (OLIVEIRA SOBRINHO, 2011, p.451)

Em 1998 a Rede Globo e a Rede Record fazem as primeiras demonstrações de transmissão de TV em alta definição no Brasil. Neste período a Globo já cobria quase 100% dos lares brasileiros, com 107 afiliadas espalhadas por todo o país.

Em 18 de outubro de 1999 estreia o Mais Você, com Ana Maria Braga, e um ano mais tarde o programa Caldeirão do Huck, com Luciano Huck, ambos ainda presentes na grade de programação da Rede Globo.

Em 2002 a Globo atinge uma das maiores audiências da história da emissora, com pontos de 85 e picos de 92 no IBOPE. A transmissão trazia os jogos da Copa do Mundo do Japão, onde o Brasil conquistou o seu Pentacampeonato. Apesar de muitos jogos serem transmitidos na madrugada, por conta do fuso horário, a audiência se manteve alta do começo

ao fim do campeonato.

Em 29 de janeiro de 2002 estreia o Big Brother Brasil, o mais significativo reality show da casa. O primeiro reality show da Globo foi "O Limite", apresentado por Zeca Camargo em 2000. O programa fez sucesso, mas foi com o BBB que a Globo consolidou o formato no Brasil. O formato do programa ainda é muito discutido, sempre se questiona seu conteúdo e valores. Hoje, já em sua décima quinta edição, sua audiência vem diminuindo drasticamente. Nos primeiros anos a média era de 60 pontos no último programa da temporada, hoje não passa de 28.

Em 6 de agosto de 2003 falece, aos 98 anos, o presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, vítima de um edema pulmonar. Em pronunciamento oficial, na época, a família do jornalista se disse "consternada" e afirmou que Roberto Marinho tinha uma "vida reta, dedicada ao trabalho e, fundamentalmente, ao desenvolvimento do Brasil". A Rede Globo ficou à encargo de seus três filhos, Roberto Irineu, José Roberto e João Roberto.

Em Janeiro de 2005 a Globo entra para o Guinness Book como a maior produtora de Telenovelas no mundo e em 2006 a Globo lança o portal de notícias G1.

Em abril de 2007 a Globo inaugura sua nova sede na cidade de São Paulo: o Edifício Jornalista Roberto Marinho, situado na Vila Cordeiro. Em Julho do mesmo ano acontece o Pan Americano na cidade do Rio de Janeiro, aproximadamente 100 horas de programação esportiva foram exibidas na grade da Globo e mais de 700 profissionais foram envolvidos nas transmissões.

No dia 2 de dezembro de 2007, uma reportagem do Fantástico feita por Glória Maria e o repórter cinematográfico Lúcio Rodrigues no Alto Xingu, inaugurou as transmissões em HDTV na televisão brasileira. A reportagem mostrou a festa do pequi, fruta de cor amarela adorada pelos índios Kamaiurás. No mesmo dia, Glória Maria anunciou seu afastamento da televisão por dois anos para se dedicar a projetos pessoais.

Na Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, surge o programa Central da Copa apresentado por Tiago Leifert, um programa esportivo que cobre eventos ligados à Seleção Brasileira e Copas do Mundo. O programa foi novamente apresentado na copa de 2014 no Brasil e nos intervalos entre as copas apareceu o Corujão do Esporte programa que conta com a participação de atletas, artistas e personalidades para comentar o noticiário esportivo, o programa é exibido durante a madrugada. No mesmo ano outro avanço dado pela Central de Esportes da Globo foi um aplicativo multimídia para tablets chamado Coração Centenário.

Em 2012 estreia no horário nobre da Globo a novela Avenida Brasil de João Emanuel Carneiro, o folhetim foi um dos maiores sucessos da história, não só no Brasil, mas também em outros 124 países onde também foi exibida. A trama se baseava na vingança de Nina contra a personagem Carminha, mas as inúmeras sub tramas também foram dignas do grande sucesso da novela.

Em junho de 2012 estreou o programa Encontro com Fátima Bernardes. Fátima esteve à frente da bancada do Jornal Nacional por quase 14 anos, porém decidiu arriscar em um programa de auditório. A atração substituiu a tradicional TV Globinho nas manhãs diárias da Rede Globo. O programa ainda é uma incógnita, não marcando números significativos no IBOPE. Fátima Bernardes sempre lembra do JN, inclusive em um depoimento ao site Memória Globo.

Eu tive o privilégio de cobrir os grandes assuntos nacionais e internacionais. Cresci muito profissionalmente. Vi o JN também se transformar. Vi nossa bancada passar a receber convidados que seriam entrevistados por nós. Impossível descrever a emoção, a tensão, a responsabilidade de entrevistar ao vivo, diante dos ouvidos e olhos atentos de milhões de telespectadores, os candidatos à presidência do Brasil. Saí do estúdio sempre que a notícia exigiu. Vi o Brasil ser penta no futebol. Logo eu que amo esse esporte. Sempre tive consciência de que estava trabalhando no mais importante

telejornal do Brasil, no mais visto. Eu fui muito feliz e, o melhor, eu sabia. Eu só posso agradecer, muito, pelo carinho com que os telespectadores sempre me recebem por onde quer que eu passe. A torcida para que a minha vida pessoal e profissional dê certo. Eu sinto isso nos olhares, nos sorrisos, nos abraços e beijos que ganho pelas ruas.

Em março de 2013 a Globo apresentou o primeiro "Vem_á", um programa em formato de show que apresenta as novidades que farão parte da grade de programação da emissora naquele ano. O show foi gravado em São Paulo.

Em janeiro de 2014 a Rede Globo investe em plataformas paralelas à televisão, criando o portal Gshow, que reúne páginas de novelas, séries, programas de variedades e reality shows da Globo, além de conteúdos exclusivos para a internet. A criação destes tipos de plataforma é de suma importância hoje em dia.

Em abril de 2014 a Rede Globo estreou os novos cenários do Fantástico, onde o estúdio e redação passam a estar integrados em um espaço de 500 metros quadrados, onde os jornalistas também trabalham no dia a dia; do Jornal Hoje, um projeto que começou em 2012 e mobilizou profissionais de inúmeras áreas da Rede Globo; e do Jornal da Globo, que apresentou seu novo cenário, com modernos recursos gráficos que valorizam as características editoriais voltadas para economia e hard news.

Em dezembro de 2014 o jornalismo da Rede Globo ganhou mais um aliado, o "Hora Um da Notícia". O folhetim é exibido de segunda a sexta, às 5 horas da manhã e tem como apresentadora Monalisa Perrone. O jornal substituiu o tradicional Globo Rural, que passou a ser exibido somente aos domingos.

No atual ano de 2015 a emissora comemora seus 50 anos. Com isso, ganhou atrações especiais. Um deles é o projeto "Luz, Câmera, 50 anos" que rerepresentará em formato de telefilme 12 obras que foram sucesso na história da emissora. Dentre eles O Canto da Sereia, Dalva e Herivelto: uma Canção de Amor, Anos Dourados, Maysa: Quando Fala o Coração, Presença de Anita, entre outros.

A Globo hoje é a maior emissora de Televisão do Brasil, e uma das maiores do mundo, implantou o "Padrão Globo de Qualidade", copiado e estudado até hoje, devida à sua enorme importância. Toda o seu trabalho não foi construído por apenas uma ou outra pessoa, mas sim por uma equipe que perdurou por muitos anos. Hoje, outros nomes, diferentes daqueles de seus primeiros anos, comandam a eterna "Vênus Platinada", eles reinventam a TV todos os dias, porém usufruem até hoje da promessa feita por Walter Clark a Roberto Marinho em 1965, "Vou fazer para o senhor uma estrutura que vai resistir aos tempos, a mim e ao senhor" (CLARK, PRIOLLI, 1991, p. 161), os dois se foram e a estrutura ainda permanece.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este projeto ainda está em processo de estudo, portanto os resultados ainda não foram concluídos. Porém, posso concluir, por hora, que a Rede Globo desempenha um papel de suma importância no cenário televisivo mundial. Colher informações para desenvolver uma reflexão sobre tal, traz resultados surpreendentes e de imenso peso na área comunicacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho descrito neste projeto de Iniciação Científica é uma reflexão que está sendo elaborada para ser apresentada em dezembro de 2015 como trabalho de conclusão de curso. As pesquisas e informações que foram apresentadas aqui, foram resumidas e ainda não possuem

resultados e discussões formuladas, pois o trabalho ainda não foi finalizado. Em suma, o tema em questão é muito interessante e resultará em uma reflexão importante para os estudiosos do meio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, por hora, a minha orientadora e meus amigos, especialmente aos que estudam comigo e estão passando por este mesmo processo de conclusão de curso, juntos iremos concluir mais esta etapa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANNENBERG, Alexandre. COSTA, Hélio in **Os Desafios da Comunicação Social no Brasil**. Brasília, 2006. 340 p.

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004. 196 p.

CLARK, Walter; PRIOLLI, Gabriel. **O Campeão de Audiência: Uma Autobiografia**. São Paulo: Best Seller, 1991. 420 p.

GLOBO, G1. **Fátima Bernardes comandará novo programa e Patrícia Poeta assume JN**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/12/fatima-bernardes-comandara-novo-programa-e-patricia-poeta-assume-jn.html>> Acesso em: 11 maio 2015

GLOBO, Memória. **Debate Collor x Lula**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula.htm>>. Acesso em: 10 maio 2015

GLOBO, Memória. **Fantástico - HDTV**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/fantastico/fantastico-hdtv.htm>> Acesso em: 11 maio 2015

GLOBO, Memória. **Globo 50 anos**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/mostras/globo-50-anos.htm>>. Acesso em: 10 maio 2015

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira: Uma visão econômica, social e política**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 247 p.

MORAIS, Fernando. **Chatô, O rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 489 p. Disponível em: <https://uniforjornal.files.wordpress.com/2014/02/chatc3_b4-o-rei-do-brasil1.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2015.

OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio de. **O Livro do Boni**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011. 463 p.

REZENDE, Maria José de. **A Ditadura Militar no Brasil: Repressão e Pretensão de Legitimidade**. Londrina: Eduel, 2013. 398 p. Disponível em: <http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/ditadura_militar.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2015.

S. PAULO, Folha de. **Roberto Marinho morre aos 98 anos no Rio**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/foalha/brasil/ult96u52046.shtml>> Acesso em: 10 maio 2015

VEJA, Revista. **'Big Brother Brasil': reality show chega à 11ª edição**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/televisao/big-brother-brasil-reality-show-completa-dez-anos/>> Acesso em: 11 maio 2015

DE PROJETOS ARQUITETÔNICOS E URBANÍSTICOS PARA UM BAIRRO - JARDIM SUSTENTÁVEL.

RESUMO

O projeto do Bairro-Jardim tem como objetivo a criação de um bairro sustentável planejado, com infraestrutura sob o conceito ecológico relativo à captação de energia solar, captação de água da chuva e reuso. O Bairro-Jardim, possui em sua planta urbanística áreas destinadas ao comércio, institucionais, áreas para entretenimento, lazer, provido de acessibilidade e farta arborização.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo – Sustentabilidade – Planejamento – Qualidade d vida.

ABSTRACT

The project Quarter - Garden aims to create a sustainable neighborhood planning , infrastructure with an ecological concept on the capture of solar energy, water capture and reuse rain . The Town - Garden, owned plant in its urban areas intended for trade , institutional, areas for entertainment , leisure, provided accessibility and abundant trees .

Key-words: Architecture and Urbanism – Sustainability – Planning – Quality of life.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe o projeto para o Planejamento Urbano sob a ótica de Haword e com uma adaptação conceitual para a arquitetura residencial de loteamentos populares inseridos no programa “MINHA CASA MINHA VIDA” com um forte viés sustentável, o que justifica este trabalho, pois, até meados do século XX acreditava-se que os recursos naturais eram inesgotáveis. Essa realidade não existe. Hoje o mundo se encontra, segundo Fletcher e Grose (2011) “em um período de crise marcado pela escassez de recursos naturais”.

O projeto Bairro-jardim é um empreendimento sustentável que foi proposto pela autora e tem como finalidade, a criação de um novo modelo de negócio urbanístico-arquitetônico, sob o conceito de economia solidaria. Entre as características do projeto, as soluções sustentáveis promovem condição para a captação de recursos para produzir loteamentos de residências unifamiliares populares com maior qualidade arquitetônica e urbanística e é, em regra, destinado a trabalhadores de classe média baixa, cuja renda não ultrapassa 2 salários mínimos, o que caracteriza o estrato 1 do programa MINHA CASA MINHA VIDA e que não possuam casa própria.

Essa é uma demanda populacional da RMVP - Região Metropolitana do Vale do Paraíba no estado de São Paulo e especificamente em Lorena, representa um auxílio importante para sanar o déficit habitacional de aproximadamente 4100 habitações entre estrato 1UM e 2 DOIS na cidade.

A proposta é pertinente porque a solução habitacional vigente é de baixa qualidade, pequena e desconexa e deslocada da infraestrutura urbana estabelecida, gerando sempre pouca qualidade de vida e incentivo à especulação imobiliária. Este tema é foco de estudos diversos e não é tema específico deste.

OBJETIVO

O projeto do Bairro-Jardim tem como objetivo a criação de um bairro sustentável planejado, com infraestrutura sob o conceito ecológico relativo à captação de energia solar e captação de água da chuva e reuso. O Bairro-Jardim, possui em sua planta urbanística áreas destinadas ao comércio, institucionais, áreas para entretenimento, lazer, provido de acessibilidade e farta arborização.

JUSTIFICATIVA

Gardels (2007) disse que a partir da Revolução Industrial a natureza passou a ser vista como um recurso, e que este era tido como inesgotável. A abundância caracterizou o conceito de progresso que é expansão e crescimento ilimitados, mas em meados do século XX já se sentia a presença da ameaça da escassez, mormente a demanda sobre os componentes fósseis, largamente empregados na geração energética em todo o planeta. A economia sentiu essa escassez como crise.

Esta crise é o resultado de se estar cada vez mais abusando da natureza, e vivendo como se ela fosse propriedade do ser humano. Para Ausubel, co-fundador da ONG Bioneers (2007), a confusão que causa tanto malefício à natureza, parte da ilusão de que homem e natureza estão dissociados. O autor afirma que mais do que fazer parte, as pessoas são a natureza.

A natureza é vista como um exemplo a se seguir por ser sustentável, renovável e não

produzir desperdício. De acordo com Lee (2012) sem desperdício nem manutenção.

Como podemos usar os conhecimentos da ciência e da tecnologia, juntamente com o conhecimento da cultura e das mudanças culturais para criar uma cultura que interaja com a ciência e com o mundo que nos rodeia de uma forma sustentável? (HARTMANN, 2007).

O projeto proposto tem como objetivo suprir as necessidades das famílias de classe média baixa, pois são famílias que possuem uma quantidade grande de moradores em que as casas propostas existentes para essas famílias não comportam, pois são pequenas, sendo assim necessárias casas maiores.

Devido o custo de energia se encontrar muito alto, propõe-se que as casas possuam energia fotovoltaica, diminuindo o custo mensal dessas famílias, pois o custo do equipamento será pago em menos de 3 anos, permitindo assim 22 anos de energia sem custo.

METODOLOGIA

O método utilizado para a criação do bairro será o de cidade-jardim de Haword. Conforme ele, a combinação de cidade-campo é a perfeita, pois junta todas as vantagens de uma vida urbana, cheia de oportunidades e entretenimento, com a beleza e os prazeres do campo; situação típica da maioria das cidades da RMPV. Aliada a criação deste bairro sob aquele conceito haverá a elaboração de projetos arquitetônicos em duas tipologias, que utilizarão tecnologia e mecanismos sustentáveis no sistema elétrico – painéis fotovoltaicos e no sistema hidráulico, de captação, reuso e tratamento de esgoto.

O projeto será implantado com projeto paisagístico para aumentar a qualidade do meio ambiente.

1.1. Caracterização mundial

Para Souza (1999), a concepção de Cidade Jardim surgiu com Theodor Fritsch, em 1896, onde esta área correspondia a um conjunto de habitações denominadas Kolonie. Estas habitações eram projetadas sobre terrenos financeiramente acessíveis de propriedade de certo da sociedade (Estado, Comunidade, Sindicato, etc) de modo que não havia especulação imobiliária a atendia a classes sociais populares. Foi lançado, em 1896, em Leipzig, a “Cidade do Futuro”, cujo projeto propunha soluções para uma nova cidade, onde o uso do solo seria administrado pela comunidade e a saúde e o conforto dos cidadãos seriam prioritários.

Ainda no século XIX, na Inglaterra, surge o modelo urbanístico de Cidade Jardim baseado nas ideias de Ebenezer Howard com possibilidade de planejar o futuro de grandes cidades, em especial, Londres. Neste período, o modo de vida urbano de Londres passava por uma grande desorganização socioespacial. Nessa época, sua população era de aproximadamente de 2,3 milhões de habitantes. A classe operária possuía precárias condições de trabalho, baixo salário e prolongadas jornadas de trabalho. As habitações populares situavam-se em ruas estreitas, mal ventiladas e iluminadas. Possuíam alta densidade populacional e um sistema de higiene precário, sendo que eram inexistentes as áreas de lazer.

Na época, o empresário Robert Owen instala em New Lamark, na Inglaterra, uma fábrica de fiação com modernos maquinários e providencia melhorias salariais, diminuindo a jornada de trabalho e completamente as atividades da indústria com o lazer. Surge, então, a Cidade Jardim. Segundo Howard.

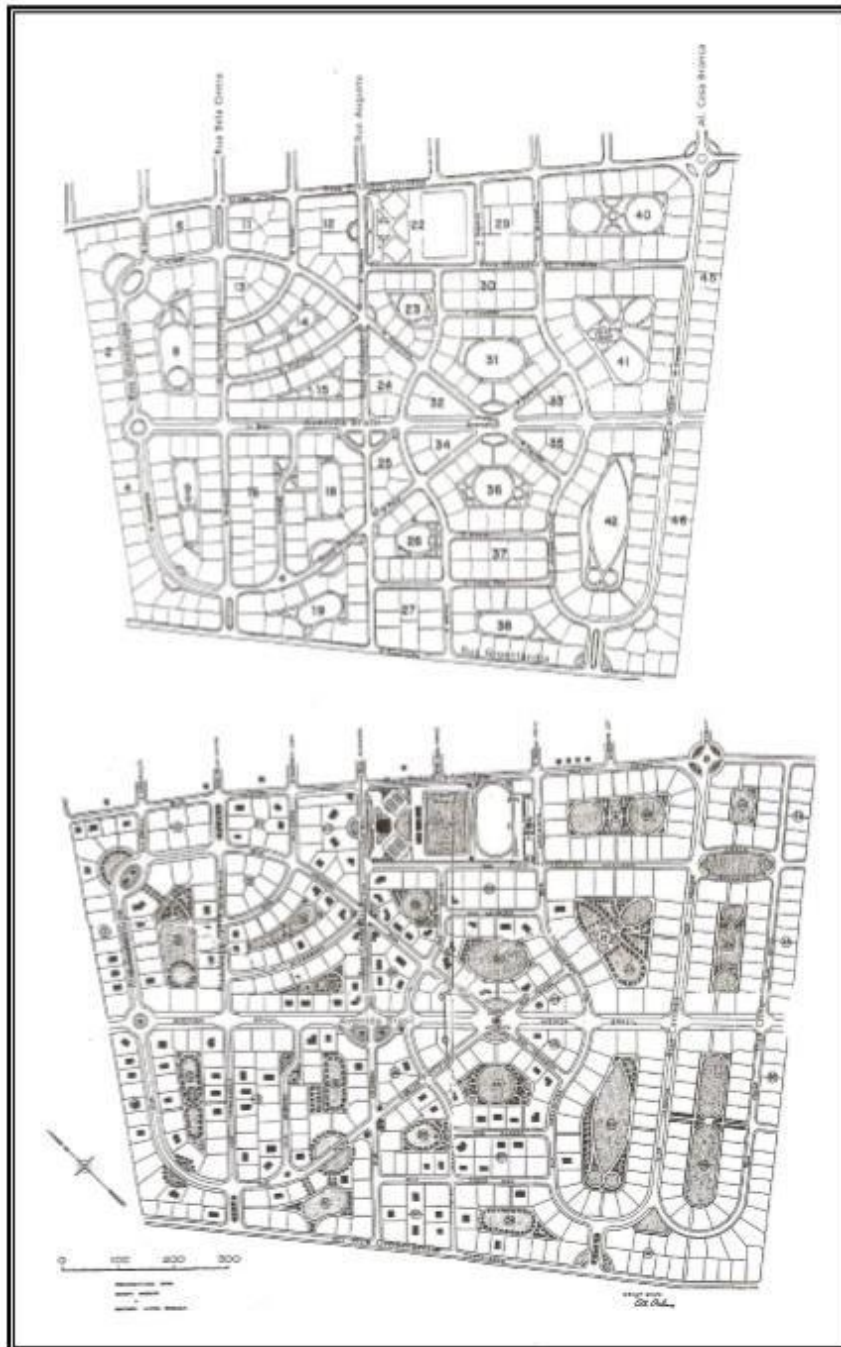


Figura 2 - Distrito e Centro da Cidade Jardim - Século XIX
Fonte: PIRES et al. Howard, 2010, p.81

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Projeto estará implantado em uma área a ser urbanizada com 98.425m², localizada no bairro Parque das Rodovias entre o eixo da Rodovia BR 459 sentido Piquete e a Rodovia Oswaldo Junqueira Ortis sentido Canas, essa área foi escolhida pois é uma área muito bem localizada e de expansão urbana em que ainda não possui um planejamento urbano adequado em seu entorno.

2.1. O Programa Habitacional atual: Residências

Existe um programa do Governo Federal “Minha Casa Minha Vida”, de financiamento de habitações, pela a Caixa Econômica Federal para famílias com a renda de até R\$ 1.600,00. Esse empreendimento é realizado por uma construtora contratada pela Caixa, que se responsabiliza pela entrega dos imóveis concluídos e legalizados; as casas possuem 02 quartos, sala, cozinha, banheiro, e área de serviço.

No entanto, a solução habitacional vigente é de baixa qualidade, pequena e desconexa e deslocada da infraestrutura urbana estabelecida gerando sempre pouca qualidade de vida e gerando incentivo à especulação imobiliária. E o que poderia ser um bom empreendimento e trazer uma nova realidade para essas famílias, acabam gerando uma dificuldade ainda maior, pois são famílias simples que muitas vezes não possuem um meio de transporte e que para pagar uma conta ou até comprar um remédio teriam dificuldade devida à distância.

2.2. Características do Empreendimento e a Legislação

O Projeto Bairro-jardim receberá em média de 800 moradores. A gleba será desmembrada e os lotes destinados à edificação serão locados de acordo com o posicionamento do sol, para que o sol da manhã bata nos quartos e o sol da tarde nas áreas do banheiro, cozinha e lavanderia (area molhada da casa). De acordo com a lei 6.766 de 19 de dezembro de 1979, novas vias serão locadas, pois a existente não atende as necessidades do loteamento, então, serão criadas avenidas nas areas de maior fluxo do loteamento com ciclovias atendendo às características das cidades-jardim, sendo um canteiro verde na divisão da ciclovia para a avenida com 0,5 metros, mantendo assim a segurança dos ciclistas; na separação entre a divisão de sentido da avenida um canteiro verde com 1 metro possuindo uma arvore quaresmeira a cada 5 metros de distancia.

Em Letchworth os arquitetos têm com objetivo o desenho informal das ruas, as casas formando blocos isolados entre si recuados do alinhamento do terreno, com jardins fronteiros, os passeios com gramas, arbustos e arvores, assim com o sistema de ruas secundarias de acesso em “cul de sac”. Este conjunto de normas rigorosas irá acentuar a ideia de convívio com a natureza, propiciando um ambiente agradável e acolhedor. (PIRES et al. Howard, 2010, p.85)

De acordo com as exigencias de calçadas do estado de São Paulo lei 13.646 de 2003, com o contexto de cidade jardim as calçadas possuirão 1,30 metros de area concretada e 1,20 de area verde contendo uma arvore para cada residencia construida, utilizando-se sempre o verde para manter o equilíbrio harmônico do campo, totalizando 2,50 m de largura de calçadas.

A cidade jardim forma um agrupamento humano equilibrado, usufruindo das vantagens do campo e da cidade, evitando as diferenças entre ambos. Esta procura do campo como lugar privilegiado para a instalação das cidades equilibradas, já evidenciaria a utopia de Thomas More. (PIRES et al. Howard, 2010, p.80).

As nascentes e águas correntes serão mantidas com um recuo da área de APP de 30 metros de acordo com lei nº 10.932 de 3/08/2004.

Por ser um bairro afastado do centro da cidade e possuir mais de 10 lotes, atenderá as normas da lei 6.766 de 19 de dezembro de 1979, serão destinadas areas de centro comercial

para suprir todas as necessidades dos moradores e assim gerando emprego aos mesmos. O centro comercial ficará localizado na área central do empreendimento, facilitando o acesso para todo do loteamento. Juntamente com o centro haverá uma praça segundo Howard com a utopia de uma cidade harmoniosa, com o descanso em uma area mais agitada e um parque favorecendo o lazer a todos, tornando uma area movimentada e segura intregando o ambiente construido com a área plantada.

“No Brasil, o pensamento de Ebenezer Howard influenciou mais nas melhorias dos ambientes residenciais em vez da organização espacial idealizada.” (Pires, 2010).

Os lotes possuirão a dimensão de 250 m² sendo 10 metros de largura por 25 metros de profundidade, atendendo o mínimo exigido pela lei 6.766. Estes possuirão essa dimensão devido às necessidades para a construção das residências que estão sendo planejadas em duas tipologias, totalizando 108,30 m² uma e 100 m² outra:

- Tipologia 1

4 quartos, 2 banheiros, lavabo, Lavanderia, Cozinha, Sala de televisão, Área de luz.

- Tipologia 2

3 quartos, 2 banheiros, lavabo, Lavanderia, Cozinha, Sala de televisão, Área de luz.

As casas terão um trabalho de paisagismo nas varandas, pois o verde compõe a estética e aumenta o bem estar e trazendo o conforto que buscamos do campo.

2.3. Sistema Elétrico – o diferencial.

Devido ao imenso potencial no alto índice de radiação solar, utilizar-se-á energia eletro voltaica nas ruas e casa do bairro. Os sistemas fotovoltaicos só geram eletricidade durante as horas de sol; o maior consumo residencial acontece depois das horas de sol. A regulamentação vem justamente resolver esse problema. Durante o período de geração, os sistemas Fotovoltaicos conectados à rede injetam potencial elétrico na rede de distribuição (fazendo o “relógio de luz” girar ao contrário), criando “créditos energéticos” que podem ser ‘resgatados’ nos períodos de pouca ou nenhuma insolação (inclusive à noite).

Será necessário um conjunto de painéis que gere 833WATTS hora para cada casa. O sistema deverá ter no mínimo tal capacidade. Par se obter tal quantidade de energia, faz-se a associação de vários painéis que, uma vez interligados, fornecerão a potência necessária. Com quatro painéis de 250 wp será suficiente para a casa completa.

Para diminuir o custo da instalação da iluminação pública e ter um bairro autossustentável em iluminação, será instalado lâmpadas do tipo “All-in-One”¹ de última geração. As luminárias possuem painéis solares, baterias ecológicas (Lítio), sensor de presença, timer programado.

O mais importante é que:

- Não precisam de eletricidade;

¹ Explique all in one

Sistema de iluminação independente, ou seja, em apenas um único ponto.

- Não precisam de instaladores, podem ser mudadas assim que a cooperativa aumenta;
- Não precisam de manutenção para a comunidade;
- Não queimam (LED).

Os postes das ruas de entrada a cada 50 metros, nas partes residências serão locados um poste a cada duas residências, o valor de cada poste é de R\$ 2.900,00 por unidade.

A municipalidade, por sua vez, é controlada de perto pelos habitantes. Seu grau de empreendimento e dimensão dependerá exclusivamente da vontade dos munícipes em pagar maiores ou menores contas de participação e crescerá à razão direta da eficácia e honestidade com que é levada a cabo atuação municipal. (PIRES et al. Howard, 2010, p.82)

Desta forma a opção de projetar uma habitação de melhor qualidade e tamanho não fica na ilusão de que não há um mercado a ser contemplado e não observar as questões financeiras do empreendedor que visa naturalmente o lucro, mas os sistemas sustentáveis geram renda e pode vir a ser moeda de incentivo ao empreendedor e de parcerias, para, mantendo a qualidade de habitação, continuar a ter o lucro que viabiliza a manutenção de seu negócio de construtora.

CONCLUSÃO

O estudo deste artigo, proporciona um caminho a ser seguido e estudado diante de um novo conceito residencial e urbano, uma nova implementação de política pública para a cidade, tornando indispensável à percepção e a valorização.

REFERÊNCIAS

FLETCHER, Kate; GROSE, Lynda. “Moda & Sustentabilidade: design para mudança.” São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

HOWARD, Ebenezer. “Cidades-Jardim do amanhã”. São Paulo: HUCITEC, 1996.

PIRES, Cláudia Luisa Zeferino. “A cidade jardim e seus espelhos: paisagens e suas geografias”. Cláudia Luisa Zeferino Pires – Porto Alegre: UFRGS/PPGEA, 2010

SEGAWA, Hugo. “Prelúdio da Metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX.” São Paulo: Atelie Editorial, 2000.

SOUZA, Célia. “A Cidade Jardim: entre o discurso e a imagem – uma reflexão sobre o urbanismo de Porto Alegre.” Porto Alegre: UFRGS, 1999. Mimeo.

LEE, Dora. “Biomimetismo: Invenções Inspiradas Pela Natureza.” São Paulo: Melhoramentos, 2012

DEMIERRE, Martin. “instalações fotovoltaicas Terra Prometida”, 2015.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Norma de calçada. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/calçadas/index.php?p=37447>. Acesso em: 15 jun. 2015.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Norma de calçada. Disponível em:

app.serra.es.gov.br/portal/cartilha_calçada.pdf
Acesso em: 15 jun. 2015

GARDELS, Nathan. *The 11th Hours. Documentário. Warner Independent Pictures*. Nadia Conners, Leila Conners Petersen. Estados Unidos, 2007. (95 min)

HARTMANN, Thom. *The 11th Hours. Documentário. Warner Independent Pictures*. Nadia Conners, Leila Conners Petersen. Estados Unidos, 2007. (95 min)

O JORNALISMO COMO MEDIAÇÃO ENTRE FICÇÃO E REALIDADE NA TELENOVELA “AMOR À VIDA”

RESUMO

As telenovelas estão presentes diariamente na vida dos brasileiros. Seus acontecimentos, histórias e tramas, trazem consigo o peso da realidade vivida pela sociedade. Ao se comparar telenovela e jornalismo, identificar-se-ão vários tipos de discursos utilizados nestes dois formatos distintos, mas que se somam a cada dia, em uma parceria constante. A forma como o fato é apresentado em um telejornal e o mesmo assunto em uma novela, torna-se o principal foco e assemelha-se constantemente com a realidade.

Palavras-chave: telenovela; jornalismo; sociedade; realidade; ficção.

ABSTRACT

Telenovelas are present in the daily lives of brazilians. Its events, stories and plots, bring with them the weight of reality lived by society. When comparing soap opera and journalism, will identify various types of speeches used in these two different formats, but they add up every day in a steady partnership. The way the fact is displayed on a television news and the same subject in a novel, the main focus becomes and resembles constantly with reality.

Key-words: telenovela ; journalism; society; reality; fiction.

INTRODUÇÃO

Todos os dias, ao ligarmos os aparelhos de televisão em nossos lares, nos deparamos com diversos fatos e acontecimentos na sociedade que muitas vezes nos deixam entristecidos, alegres, e, sobretudo, reflexivos.

Os telejornais cada vez mais estão recheados de problemas sociais que fazem a sociedade repensar suas atitudes e se tornar um ser humano melhor. Essa é a função básica do jornalismo: informar e formar cidadãos conscientes e críticos.

As novelas são as companheiras diárias de várias pessoas, que se deixam envolver pela história apresentada, que se identificam com as personagens, torcem pela mocinha e desprezam o vilão. Tramas envolventes que são capazes de mudar formas de pensamento e atitudes dos telespectadores, a partir do problema exposto na ficção. Reações estas, que impactam a sociedade e a leva a pensar na realidade na qual está inserida.

As telenovelas, desde antigamente, têm servido de apoio para que essa compreensão de mundo fique mais clara para o telespectador. Elas utilizam de uma linguagem de fácil compreensão, discursos voltados à realidade de quem está assistindo; diferentemente do jornalismo, que segue a linha básica do lead, daquelas seis perguntas extremamente importantes que devem ser respondidas de forma rápida e direta ao público: Quem? Fez o quê? Como? Quando? Onde? Por quê?

Daí em diante vale ressaltar que problemas sociais como a violência contra idosos, mulheres, homofobia, dependência química, religiosidade e comportamento, estão cada vez mais presentes nas ficções promovendo um olhar crítico e reflexivo sobre a sociedade. A partir de determinadas questões sociais, muitas vezes noticiadas pelo jornalismo, é que a dramaturgia ganha enredos, personagens e tramas.

Essas questões, como a homofobia, serão cuidadosamente discutidas neste artigo, o qual se trata de uma análise das notícias apresentadas pelo jornalismo e a telenovela “Amor à Vida”,

exibida pela Rede Globo em 2013.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. A Telenovela Brasileira

A telenovela de modelo brasileiro, talvez latino-americano, é uma história contada por meio de imagens televisivas, com diálogo e ação, uma trama principal e muitas subtramas que se desenvolvem, se complicam e se resolvem no decurso da apresentação. (PALLOTTINI, 2012, p. 54).

A telenovela, segundo Aronchi (2004, p. 120) é “o gênero favorito e mais popular [...]” e que atrai milhões de telespectadores diariamente para a frente da televisão, depois de um dia exaustivo de trabalho. São inúmeras histórias que de certa forma, remontam a realidade e tornam a ficção um gênero cada vez mais próximo do real.

No Brasil, a tradição de assistir à telenovela se passa de pai para filho. São gerações que todos os dias sentam no sofá depois do jantar e juntos assistem a mais um capítulo da fiel companheira trama. São divisões de sentimentos, escolha da melhor personagem, da mais bonita ou a mais desprotegida aos olhos do autor. Aquele vilão (tecnicamente denominado antagonista) que durante toda trama envolve, machuca e trapaceia a vida do protagonista, ou simplesmente herói ou mocinha.

Telenovela é sim uma arte brasileira, popular, como o nosso samba e o nosso carnaval, capaz de, num curto espaço de tempo, arrebatá-la toda uma população que, na sua grande maioria, se mantém distante da ribalta artística. (FERNANDES, 1994, p. 21).

É bom, sempre lembrar, que a telenovela, assim como basicamente todos os programas de televisão, são descendentes do rádio, onde tudo começou. As radionovelas eram a companhia das pessoas em suas casas, até a chegada deste advento da tecnologia: a televisão.

A grande popularidade do folhetim influenciou os demais meios gêneros da literatura e os meios de comunicação. No rádio, o folhetim também deixou sua marca nos programas de ficção. Na década de 1940, os Estados Unidos levaram as histórias seriadas ao rádio, mas foi em Cuba, por volta de 1935, que começaram a surgir as radionovelas. (ARONCHI, 2004, p. 121).

O dia a dia das personagens, roupas, gestos, costumes e gostos, trazem o telespectador mais próximo do irreal e o coloca frente a diversas situações em que ele mesmo (o telespectador) se identifica e vivencia.

A televisão, por sua vez, utilizou-se de fórmulas consagradas do seu antecessor eletrônico. Nos Estados Unidos, o sucesso das radionovelas estimulou a adaptação dessa linguagem para a TV, que batizou suas séries televisivas de soap opera. [...] O alto retorno publicitário fez as empresas exportarem o gênero para a América Latina. (ARONCHI, 2004, p. 122).

A começar pelo folhetim, com suas peças teatrais em textos literários, foi o grande influenciador das novelas, primeiramente no rádio, até chegar em imagens para o telespectador. Nos Estados Unidos, as *soap opera* (nome vindo das indústrias de sabão que patrocinavam as produções), foram as pioneiras do gênero no mundo inteiro. Eram textos que vinham das radionovelas.

No Brasil, as novelas percorreram caminho semelhante ao das soap operas americanas, com algumas inovações. O sucesso da radionovela no Brasil desde 1941 refletiu-se nas produções televisivas seriadas. (ARONCHI, 2004, p. 122).

Com este início, o Brasil passa a vislumbrar um novo gênero televisivo que mais tarde, resultaria em seu campeão de audiência, nas emissoras do país. Isso explica o fato dos brasileiros gostarem tanto deste formato e passam a se dedicar quase que inteiramente à história, deixando de lado suas preocupações, afazeres e até o trabalho, para acompanhar de perto, os desfechos das tramas exibidas.

A primeira telenovela que oficialmente foi transmitida no Brasil se chamava *Sua Vida me Pertence* e foi transmitida na época pela saudosa TV Tupi em São Paulo, mas não tinha a periodicidade de capítulos diários.

A partir de 21 de dezembro de 1951, no ar às terças e quintas, às 20 horas, com 15 capítulos de vinte minutos de duração cada um, em cenários imitando uma casa, *Sua Vida me Pertence* é considerada a primeira novela brasileira (ainda não-diária) e foi apresentada pela TV Tupi, de São Paulo, com Walter Foster e Vida Alves fazendo o par principal. (ALENCAR, 2004, p. 19).

Com Tarcísio Meira e Glória Menezes, em *2-5499 ocupado*, pela TV Excelsior, a telenovela passou a ser transmitida diariamente e desde então, passa a fazer parte da vida dos brasileiros. A trama se passou no horário das 19h e contou a paixão de uma presidiária com um rapaz que ligou por engano para o presídio onde estava presa. Daí em diante, o amor impossível entra nas histórias ficcionais da televisão, fazendo muito sucesso e durando até hoje. Quem não torce por aquele amor entre duas pessoas de realidade opostas? Às vezes é o rico com o pobre, o católico e o evangélico e também, mais recentemente, a paixão entre duas pessoas do mesmo sexo. Não importa a forma como se apresenta, e sim o que o público vai impor dali em diante.

Os textos das novelas, por mais nacionais que fossem, escondiam um pequeno detalhe: eram importados de outros países. A Argentina, por exemplo, foi a responsável pela chegada da primeira telenovela diária ao Brasil. As adaptações foram feitas por uma autora brasileira e assim surgiu o primeiro contato de todos os dias da ficção com a realidade, representada pelos telespectadores, que na época já se apaixonaram pela história das personagens principais.

Em 1963, vai ao ar a primeira novela diária: *2-5499 Ocupado*, adaptação de Dulce Santucci, do original argentino *0597 Ocupado*, de Alberto Migré, com Tarcísio Meira e Glória Menezes nos papéis principais. Assim como o texto, o diretor e produtor também era importado: Tito di Míglío. Inclusive, um dos maiores sinais de que a telenovela havia ultrapassado a fronteira da Argentina para ficar no Brasil foram as constantes reclamações de um morador de Porto Alegre, cujo número de telefone era idêntico ao da novela. (ALENCAR, 2004, p. 20).

Suas tramas, histórias paralelas, personagens carismáticos, interesseiros, loucos e diferentes, fazem com que as pessoas vejam o produto como espelho de suas próprias vidas, conflitos e problemas.

“Alô?!”

“2-5499, bom dia.”

“Perdoe-me, foi engano”

Começou assim a primeira história de amor da telenovela diária da televisão brasileira. O cenário principal era um presídio de mulheres. Nele, Glória Menezes fazia uma presidiária que trabalhava como telefonista. Sua sorte mudou quando

atendeu um telefonema discado por engano. Do outro lado da linha estava Tarcísio Meira, que, enlevado por um magnetismo inexplicável, se apaixonou pela voz da presidiária. Enquanto ela (também apaixonada!!!) procurou no máximo impedir uma aproximação. (FERNANDES, 1994, p. 35).

Na década de 70, a Rede Globo inovou e colocou no ar *Meu Pedacinho de Chão*, de Benedito Ruy Barbosa, estreando o horário das 18h na emissora. No elenco estavam Renée de Vielmond, Maurício do Valle e Nilson Condé. Nos anos 80 foi ao ar, também pela Globo, a segunda versão de *Roque Santeiro*, de Dias Gomes, no horário das 20 horas. A saudosa Viúva Porcina (Regina Duarte) e o Sinhozinho Malta (Lima Duarte) encantaram e encheram de alegria a casa dos telespectadores. A trama de *Vale Tudo*, que foi ao ar em 1988, mexeu com o público, principalmente pelo assassinato da famosa Odete Roitman, personagem de Beatriz Segall. No elenco também estavam Lilian Cabral, Daniel Filho e Regina Duarte.

A partir de 1990, foram inúmeros sucessos da teledramaturgia que passaram pela televisão. Destacam-se *Rainha da Sucata* (Rede Globo), de Silvio de Abreu, com Regina Duarte e Glória Menezes. Na extinta TV Manchete, *Pantanal* se tornaria a nova estatística para a novela, onde a natureza era a protagonista, no pantanal mato-grossense. Com os atores Cláudio Marzo, Cássia Kiss, Cristiana Oliveira e Paulo Gorgulho, ela foi ao ar em março de 1990, no horário das 21h30.

O período também foi marcado por *remakes* de obras que fizeram sucesso na televisão, como a segunda versão de *Mulheres de Areia* (Rede Globo), desta vez com Glória Pires no papel de gêmeas, além de Guilherme Fontes e Marcos Frota. Em 1994, *A Viagem* também foi ao ar pela segunda vez, trazendo Cristiane Torloni e Antônio Fagundes nos papéis principais e abordava como tema principal, a vida após a morte, segundo a ordem espírita. Nesta mesma época, mais precisamente em abril de 1995, a Rede Globo começou a exibir no horário das 17h30, a novela *Malhação*, destinada ao público jovem.

Os anos 2000 chegam, e com ele, muitas expectativas para o cenário dramaturgo no Brasil. Sucessos como *Laços de Família*, marcou a história da telenovela no país. Histórias quase que reais, demonstravam os problemas sociais, como a Leucemia; ambas demonstradas no horário nobre da televisão.

Atualmente várias novelas já marcaram a história do gênero no Brasil, como *Avenida Brasil*, de João Emanuel Carneiro, exibida pela Rede Globo em 2012 e no elenco trazia a inesquecível Carminha, personagem de Adriana Esteves e Tufão, papel de Murilo Benício na trama que foi ao ar no horário das 20 horas.

Em 2013, a Rede Globo estreou a telenovela *Amor à Vida*, de Walcyr Carrasco, e abordou um problema social importante, que já virou manchete em vários telejornais: a homofobia. O casal homossexual Félix e Niko, interpretados por Mateus Solano e Thiago Fragoso, respectivamente, conquistaram o público com o carisma e a perspectiva de que uma vida entre duas pessoas do mesmo sexo se torna possível e o amor que rompe barreiras e dificuldades.

Amor à Vida caiu no gosto dos telespectadores e foi alvo de críticas ao final da trama que foi ao ar no horário nobre da emissora. No seu último capítulo, exibido em janeiro de 2014, o então casal Félix e Niko, protagonizaram um beijo gay entre dois homens, visto que o SBT, em 2011, demonstrou a cena com duas mulheres na novela *Amor e Revolução*. O fato se tornou notícia em vários jornais impressos, televisivos, nas redes sociais e claro, na boca do povo. Há quem aprove e há quem não.

Um fato interessante é que o então beijo gay entre dois homens, não foi o primeiro na história da televisão no Brasil. A extinta TV Manchete, exibiu em 1990, a primeira cena deste tipo. “Na verdade, o primeiro beijo gay ocorreu há 21 anos, na minissérie “Mãe de Santo”,

exibida pela extinta TV Manchete. Em cena estavam os atores Raí Bastos e Daniel Barcelos (...).” (GREGNAIN, 2011).

1.2 O Jornalismo e a Notícia

O principal objetivo do jornalismo é a apresentação de notícias. É para saber o que está acontecendo que uma pessoa compra um jornal, liga a televisão para assistir ao telejornal ou, ainda, sintoniza o rádio em algum programa de notícia em vez de música. E são os jornalistas que escolhem o que noticiar, definem como fazer isso ou, simplesmente decidem que não vale a pena divulgar uma informação. (CRUZ NETO, 2008, p. 17).

Todos os dias, milhares de pessoas, depois que chegam de seus respectivos trabalhos, geralmente fora de casa, gostam de assistir aos inúmeros telejornais que são transmitidos ao vivo por grandes emissoras. Geralmente são em duas edições. A primeira, de forma regional, trazendo os principais assuntos que acontecem ao redor do telespectador, que o afeta diretamente. Depois, a nível nacional, ele conhece e acompanha o desenrolar de vários fatos que estão acontecendo em tempo real no Brasil e também mundo à fora. Juntando todas estas fontes de informação, que se dá na hora e no local, denominamos de Jornalismo Factual.

O jornalismo é hoje atividade especializada e tenderá a ser cada vez mais. Permitir a participação do público através de cartas aos jornais ou telefonemas às emissoras é boa estratégia, embora a maioria das pessoas não se motive para esse tipo de intervenção. Mas a organização social já canalizou a informação para fontes primárias a que o cidadão comum não tem nem poderia ter acesso. Quem duvida, tente ler um Orçamento da República, o *paper* sobre uma novidade em astronomia; vá ao palácio e procure interrogar o príncipe. (LAGE, 2006, p. 52).

Dentre as várias definições de Jornalismo, a de Vladimir Hudec no seu livro *O que é jornalismo?* Chama a atenção:

Por jornalismo, entendemos conjunto de materiais escritos ou impressos, falados ou visuais muitas vezes em combinações, que, de uma forma documental, descrevem a realidade atual, especialmente universal, e que através da multiplicação por diversos meios de comunicação social têm impacto sobre um público diferenciado. (HUDEC, 1978).

Tudo que acontece de novo, de independentemente da forma como a notícia se apresenta, tudo em um telejornal é factual.

O factual dentro do telejornal se apresenta nas notícias. Elas são as responsáveis em atrair o telespectador para assistir ao produto jornalístico que está sendo exibido naquele horário. As manchetes, principalmente, são as grandes chamadoras de audiência. Elas fazem com que quem assiste fique acompanhando o desenrolar de toda história para chegar à sua conclusão.

As notícias são a matéria-prima do jornalismo, pois somente depois de conhecidas ou divulgadas é que os assuntos aos quais se referem podem ser comentados, interpretados e pesquisados, servindo também de motivo para gráficos e charges. (ERBOLATO, 1991, p. 49).

Estas notícias são um dos vieses que fomentam a criação dos autores de telenovela. Muitos problemas sociais que afetam um grande número de pessoas pode se tornar temas para a novela. Tais questões como a violência doméstica, contra a mulher, crianças e idosos. A

violência sexual, a homofobia e a corrupção de políticos, são temas muito interessantes e que se abordados de forma como a educar o telespectador, serão muito bem vistos pelos telespectadores.

1.3 A Realidade e a Ficção

Essas telenovelas mostram que a vida cotidiana vai sendo incorporada de modo mais abrangente e concreto na sua convivência com a prostituição, o homossexualismo, a droga, a pedofilia (preferência sexual por crianças), o crime, a violência urbana, com os bolsões de miséria que proliferam sob a forma de favelas dominadas por traficantes que submetem trabalhadores e induzem jovens e crianças ao vício e à criminalidade, num ambiente onde as instituições não funcionam e a sociedade não se sente responsável. (MOTTER, 1998, p. 90).

Dentro de toda essa estrutura de notícia, podemos enxergar a presença delas dentro das telenovelas. Um dos critérios apontados foi o interesse comum. Isso se dá quando determinado fato consegue alcançar o maior número de pessoas possível.

Interessa-se, de forma mais específica, por analisar discursivamente o processo pelo qual a notícia passa a ser parte do espetáculo televisivo, ao ser integrada como um tema de discussão à ficção da telenovela, bem como a transposição de temas tratados pelo jornalismo para cenas de telenovelas. (DELA-SILVA, 2008, p. 88).

Todo esse processo da construção da notícia está diretamente ligado à fonte da notícia que é a população. Ela é a grande responsável por trazer para dentro da televisão e dos telejornais, as grandes manchetes que nos chamam atenção quando se assiste a um produto jornalístico de grande audiência. Os fatos apresentados fomentam a criatividade dos autores e se tornam belas obras ficcionais que marcam a história da televisão e das telenovelas. Não é difícil encontrarmos grandes produções como “Laços de Família”, de Manoel Carlos, exibida nos anos 2000 pela Rede Globo e que trazia a questão de transplante de medula. O respeito pela diversidade sexual em “Mulheres Apaixonadas”, também de Manoel Carlos, que foi ao ar em 2003 pela Globo.

(...) fatos jornalísticos noticiados pelo telejornal são retomados pelos personagens da narrativa de ficção, e situações fictícias vividas por personagens da telenovela dão origem a pautas para o noticiário, de forma a retomar discursos em circulação na sociedade, em determinado momento histórico. (DELA-SILVA, 2008, p. 88).

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa de cunho bibliográfico tem como principal intenção analisar as notícias que nortearam e fomentaram o roteiro da telenovela “Amor à Vida” e que são encontradas em telejornais diários de maior audiência nacional.

Para saber se o público identifica estas informações na telenovela, uma pesquisa de caráter quantitativo será realizada com os alunos de Comunicação Social das Faculdades Integradas Teresa D’Ávila, a fim de descobrir esta percepção.

Em um universo total de 325 alunos dos cursos de Comunicação, sendo 95 de Jornalismo, 111 de Publicidade e Propaganda e 119 de Rádio, TV e Internet, o número necessário da amostra para uma pesquisa com 95% de confiabilidade seria 141 entrevistas, atingindo assim 5% de margem de erro, tanto para mais, quanto para menos.

O total de alunos entrevistados foi 142.

Ao todo, são 12 perguntas, sendo 10 fechadas e duas abertas:

1. Em qual dos cursos de Comunicação Social da FATEA você está matriculado?
(A) Jornalismo
(B) Rádio, TV e Internet
(C) Publicidade e Propaganda
2. Em qual ano está?
(A) 1º
(B) 2º
(C) 3º
(D) 4º
3. Você assistiu, ainda que parcialmente, à telenovela “Amor à Vida”, de Walcyr Carrasco, exibida pela Rede Globo em 2013?
(A) Sim
(B) Não
4. Se sim, você identifica preconceito homofóbico com relação às personagens Félix (Matheus Solano) e Niko (Thiago Fragoso), dentro da história?
(A) Sim
(B) Não
5. Da lista a seguir, você consegue identificar fatos jornalísticos (factuais) nas telenovelas?
(A) Morte por traição
(B) Assaltos à mão armada
(C) Roubos de carros
(D) Acidentes automobilísticos
(E) Acidentes de avião
(F) Sequestros
(G) Prostituição em agência de modelos
(H) Prostituição em geral
(I) Crimes por vingança
(J) Corrupção
(K) Problemas relacionados ao mercado financeiro
(L) Futebol
(M) Saúde
(N) Assunto polêmico como: aborto
(O) Assunto polêmico como: homossexualidade (preconceito)
(P) Outros.
6. Como você percebe isso?
7. Na novela “Amor à Vida”, a revelação da preferência sexual de Félix a seu Pai, personagem de Antônio Fagundes, foi extremamente conturbada e agressiva. Você acredita que a homofobia também está presente dentro de casa, com a família?
(A) Sim
(B) Não

8. Nos últimos anos, a violência e a intolerância à orientação sexual das pessoas vem sendo manchetes de jornais e revistas. Você acredita que os autores de telenovela utilizam disso para expor de maneira ficcional em suas tramas?
(A) Sim
(B) Não
9. Como você vê este tipo de assunto sendo abordado nas telenovelas?
(A) Péssimo
(B) Bom
(C) Regular
(D) Importante
10. Porque escolheu a opção acima?
11. A teledramaturgia brasileira está colaborando com o crescimento da sociedade expondo essa realidade nas novelas?
(A) Sim
(B) Não
12. Existem limites para que tais assuntos e ações sejam veiculados em horários específicos?
(A) Sim
(B) Não

3. RESULTADO

Para expressar os resultados da pesquisa, serão analisadas três perguntas (de 9 à 11):

Pergunta 09: Como você vê este tipo de assunto sendo abordado nas telenovelas?

Este tipo de assunto, no caso da pesquisa, a homofobia, nos últimos tempos vem ganhando mais espaço dentro da dramaturgia, de forma que se divida opiniões sobre a relevância de sua abordagem de forma tão exposta como é hoje em dia. Certos temas incomodam uma parcela da sociedade, muitas vezes conservadora.

O resultado desta pergunta já desmancha certos tabus sobre a relevância da homofobia dentro das novelas. Já não se preocupa tanto certos assuntos sendo exibidos nas tramas, como “Amor à Vida”.

O resultado mostra que 32% dos entrevistados, com 45 respostas, acreditam ser “regular” a forma como esta realidade é exposta nas telenovelas. Quem julga como “importante” são 27%, com 39 alunos que responderam.

Na contramão, há quem não goste e esses são representados por 25% dos entrevistados, com 36 pessoas que responderam ser “péssimo” essa exposição. Mas também, os que julgam ser “bom”, somam 12%, com 17 alunos que assinalaram a resposta. Nulos são 4%, com 5 pessoas que não responderam.

Com esta percepção, o tema ainda divide opiniões sobre sua importância dentro das telenovelas. Mas num todo, em uma visão geral, já superou a visão moralista e preconceituosa que há tempos cegava as pessoas e as fazia inibir o que realmente acontece ao seu lado e também, às vezes, dentro da sua própria casa.

Pergunta 10: Porque escolheu a opção acima?

Esta é outra questão dissertativa que ajudou a vislumbrar melhor todos os aspectos da pesquisa. Nesta questão, o entrevistado(a) teria que justificar o motivo da escolha da pergunta anterior, sobre a avaliação do tema homofobia ser apresentado nas telenovelas. Assim como na outra pergunta aberta, houve inúmeros comentários, elogios e também críticas.

A maioria dos alunos responderam que este tipo de assunto precisa se adequar melhor em questão de horários, pois deixaria de existir um respeito com relação à quem assiste e talvez tais atos e ações expostos abertamente na trama poderia ferir a dignidade da família e até mesmo incitar o telespectador a agir daquela forma. Outros, no entanto, rebatem esta afirmação e acha interessante que todos saibam como o homossexual é tratado dentro da sociedade onde vive. Neste ponto, um fator interessante é que a formação social preocupa a maioria que respondeu ao questionário. A alegação é que embora o preconceito tenha diminuído e muito, ainda há aqueles que fingem não enxergar o que está nítido e é uma realidade presente no dia-a-dia de todos.

Há também aqueles que acham exagero demais a exibição de tais assuntos nas novelas, que os autores tratam o tema com muita polêmica e como se fosse a única coisa preocupante que existisse. Porém, não existe rejeição com o tema por parte desta parcela e sim uma preocupação com relação às formas como são abordados, como cenas de beijo entre pessoas do mesmo sexo, carícias e demonstrações de afeto.

É interessante destacar que alguns homossexuais responderam a pesquisa e justificaram sua resposta deixando alegações interessantes, como que uma pessoa não escolhe ser gay durante sua trajetória de vida e sim por vários fatores, como que ela nasce com aquele espírito, e intimamente não se trata de um fator genético e hormonal. Um dos exemplos citados foi que se uma pessoa tivesse que escolher entre ser homossexual ou não, em meio a uma sociedade banalizada que mata os gays a pedradas e com muita violência, ninguém escolheria este tipo de orientação. Se formos analisar superficialmente tomando como exemplo o nosso cotidiano, isso tudo faz sentido e seria um problema a mais para o governo tentar resolver.

O respeito à diversidade também foi comentado, focando o lado educativo. No contraponto de alguns que acham péssimo por causa da imagem da família, outros alegam que é preciso educar desde pequeno. Acham interessante mostrar que aquilo que está sendo exibido existe e que é normal, não é nada de outro mundo e muito menos bizarro. Essa realidade já foi e vivemos hoje em um mundo praticamente sem fronteiras, na comparação com o passado.

Pergunta 11: A teledramaturgia brasileira está colaborando com o crescimento da sociedade expondo essa realidade nas novelas?

Nesta pergunta, busca-se entender o que o telespectador vê de bom nos assuntos sociais como a homofobia sendo expostos nas telenovelas hoje em dia. Com este foco, fica mais fácil e nítido de perceber como o factual alimenta a ficção e gera ideias entre os autores, que a partir daí, buscam várias formas e jeitos diferentes de abordar determinado tema em suas tramas.

O resultado apresenta que 73% dos entrevistados, com 96 alunos, acreditam nesta colaboração com a sociedade, de ao menos tentar formar cidadãos mais conscientes e também informar o público sobre tal fato, no caso, a homofobia.

Contrários à esta opinião, estão os que não concordam com a afirmação e 27% dos alunos, representados por 36 respostas, não acham de bom modo o que a teledramaturgia faz todos os dias.

Com este resultado, percebe-se que os telespectadores acreditam que os autores, através de suas histórias, estejam colaborando com o crescimento da sociedade como um todo, envolvendo vários aspectos como ético, civil, moral, etc, abordando assuntos e temas que

muitas vezes não ganham destaque devido sua grande polêmica e que certamente geraria desconforto ao público.

4. CONCLUSÃO

Como forma de análise geral de toda a pesquisa, o interessante de se observar é que as pessoas conseguem identificar os fatos jornalísticos dentro das novelas e que as duas coisas estão interligadas e se trançam perfeitamente. Embora essas visões sejam das mais variadas formas e totalmente distintas, é possível enxergar a importância de temas e assuntos de relevância social serem retratados de forma ficcional dentro das tramas. Seja de forma educativa, apelativa, caricata, não importa. Todos conseguem fazer essa identificação.

Depois de tanto analisar e buscar entender opiniões diversas, observa-se de que nada é banal, menos importante ou não é interessante. A telenovela já passou por várias fases e momentos que marcaram sua história.

Em suma, conclui-se que a pesquisa foi totalmente satisfatória e que conseguiu demonstrar seu principal objetivo que é o reconhecimento do factual no ficcional e também o que isto colabora para o crescimento da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Mauro. **A Hollywood Brasileira: Panorama da telenovela no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2004.

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

CRUZ NETO, João Elias da. **Reportagem de Televisão: Como produzir, executar e editar**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. O telejornal e a telenovela: o discurso realidade-ficção. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 87-98, jun. 2009. ISSN 1984-6924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p87/10225>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de Codificação em Jornalismo: Redação, Captação e Edição no Jornal Diário**. 5. ed. Ática: Petrópolis, 1991.

FERNANDES, Ismael. **Memória da Telenovela Brasileira**. 3 ed. Brasiliense, 1994.

HUDEC, Vladimir. **O que é jornalismo?** Portugal: Caminho, 1978.

LAGE, Nilson. **A Estrutura da Notícia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira: Uma visão econômica, social e política**. 4 ed. Vozes, 2009.

MOTTER, Maria Lourdes. Telenovela: arte do cotidiano. **Comunicação & Educação, Brasil**, n. 13, p. 89-102, dez. 1998. ISSN 2316-9125. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36828>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de Televisão**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Expressão heteróloga e caracterização bioquímica de uma endoglucanase GH12 não-específica de *Aspergillus terreus* linhagem NIH2624

Resumo

As celulases da família 12 das Glicosil Hidrolases (GH12) desempenham um importante papel na degradação da celulose e desconstrução da parede celular das plantas, sendo amplamente utilizadas em bioprocessos industriais. Visando contribuir para uma melhor compreensão dessa classe de enzimas, o presente trabalho descreve uma secreção de alto rendimento de uma endoglucanase GH12 de *Aspergillus terreus* (AtGH12), a qual foi clonada e expressa em *Aspergillus nidulans* linhagem A773. A proteína expressa apresenta 219 resíduos de aminoácidos com peso molecular de 24 kDa e ponto isoelétrico de 4,25, calculados a partir do programa ProtParam (<http://www.expasy.ch/>). AtGH12 foi purificada em uma única etapa de filtração em gel, resultando em um rendimento final de 9,4 mg/L. A temperatura e o pH ótimos da enzima foram 55 °C e 5,5 respectivamente, tendo grande atividade sobre β-glucano e xiloglucano, além de também ser ativa em glucomanana e CMC. A enzima retém a sua atividade até a temperatura de 60 °C. AtGH12 é fortemente inibida por Cu²⁺, Fe²⁺, Cd²⁺, Mn²⁺, Ca²⁺, Zn²⁺ e EDTA, enquanto que K⁺, Tween, Cs⁺, DMSO, Triton X-100 e Mg²⁺ aumentam a atividade enzimática. O gene que codifica a enzima AtGH12 foi clonado e expresso em *A. nidulans* linhagem A773 com êxito e esta foi bioquimicamente caracterizada. As características bioquímicas da enzima levantadas indicam grande potencial para aplicações biotecnológicas.

Palavras-chave: Glicosil Hidrolases, Endoglucanases, Expressão Heteróloga, GH12, *Aspergillus*, Celulose

Abstract

The cellulases from Glycoside Hydrolyses family 12 (GH12) play an important role in cellulose degradation and plant cell wall deconstruction and are widely used in industrial bioprocesses. Aiming to contribute toward better comprehension of these class of the enzymes, this report describes a high-yield secretion of a endoglucanase GH12 from *Aspergillus terreus* (AtGH12), which was cloned and expressed in *Aspergillus nidulans* strain A773. The expressed protein consists of 219 amino acids with a molecular weight of 24.0 kDa and isoelectric point of 4.25, calculated through the program ProtParam (<http://www.expasy.ch/>). AtGH12 was purified in a single gel filtration step, resulting in a final yield of 9.4 mg/L. The optimal temperature and pH of the enzyme were 55 °C and 5.5 respectively, which has high activity against β-glucan and xyloglucan and is active toward glucomannan and CMC. The enzyme retained activity up to 60 °C. AtGH12 is strongly inhibited by Cu²⁺, Fe²⁺, Cd²⁺, Mn²⁺, Ca²⁺, Zn²⁺ and EDTA, whereas K⁺, Tween, Cs⁺, DMSO, Triton X-100 and Mg²⁺ enhanced the enzyme activity. The encoding gene of AtGH12 was successfully cloned and expressed in *A. nidulans* strain A773 and biochemically characterized. The enzyme biochemical characteristics can be potentially attractive for biotechnological applications.

Keywords

Glycoside Hydrolases, Endoglucanases, Heterologous Expression, GH12, *Aspergillus*, Cellulose

INTRODUÇÃO

Materiais lignocelulósicos de plantas são abundantes e renováveis, provendo valiosos substratos para diversas aplicações industriais como biocombustíveis de segunda geração, químicos verdes e fármacos (Himmel, Ding et al. 2007). Devido à complexa composição polimérica da biomassa (celulose, hemicelulose, pectina e lignina), a desconstrução enzimática eficiente de materiais lignocelulósicos é um processo mediado por um amplo conjunto de enzimas (Lynd, Weimer et al. 2002, Wang, Squina et al. 2011). Enzimas produzidas por microrganismos lignocelulolíticos, capazes de processar esse tipo de material estão sendo usadas em aplicações industriais.

A celulose é o carboidrato mais abundante na natureza e representa aproximadamente 20-50% da massa da parede celular dos vegetais. Sua estrutura consiste em um polissacarídeo linear de unidades repetidas de D-glicose ligadas por ligações glicosídicas do tipo β -1,4, encontrada principalmente na forma de microfibrilas cristalinas, assim como na forma amorfa (McCann and Carpita 2008), sendo o polissacarídeo mais desafiador em se desconstruir na parede celular vegetal. O esquema clássico de degradação fúngica da celulose inclui a ação sinérgica de um complexo celulolítico, consistindo em três principais tipos de enzimas: endo-1,4- β -glucanases (EC 3.2.1.4), as quais clivam as ligações internas da cadeia de celulose, celobiohidrolases (EC 3.2.1.91 e EC 3.2.1.176), as quais clivam respectivamente a extremidade redutora e a não-redutora da cadeia de celulose, formando moléculas de celobiose, estas sendo posteriormente hidrolisadas pelas β -glicosidases (EC 3.2.1.21) (Brink and Vries 2011). Entretanto, a recente descoberta das famílias de enzimas de atividade 9 e 10 (AA9 e AA10), que são cobre-dependentes, as mono-oxigenases líticas de polissacarídeos (LPMOs), mostra que o mecanismo clássico de degradação da celulose deve estar incompleto (Li, Beeson et al. 2012).

As endo-1,4- β -glucanases podem ser agrupadas em pelo menos 12 famílias de glicosil hidrolases (GH5, GH6, GH7, GH8, GH9, GH12, GH44, GH45, GH48, GH51, GH74 e GH124 – www.cazy.org), baseado em sua sequência e estrutura tridimensional (Segato, Berto et al. 2014). Essas enzimas são amplamente usadas para sacarificação enzimática de materiais lignocelulósicos em combinação com enzimas pertencentes a outras famílias.

Fungos filamentosos secretam em seu hábitat natural uma grande quantidade de enzimas, incluindo celulasas, hemicelulasas, proteases, esterases e proteínas com atividade auxiliar. Essas enzimas estão envolvidas na degradação de biopolímeros a seus blocos monoméricos, fazendo desses organismos recursos ricos e valiosos para a pesquisa

de novas enzimas industriais (Visser, Joosten et al. 2011). Atualmente, celulasas fúngicas são amplamente usadas em diversas aplicações biotecnológicas e industriais, como detergentes, produtos têxteis, papel, vinho e alimentos (Bhat and Bhat 1997, Bhat 2000). Assim, enzimas microbianas são economicamente importantes e ambientalmente amigáveis, fazendo-se necessário um maior conhecimento sobre suas propriedades (Li, Wang et al. 2012). No gênero *Aspergillus*, estão presentes quatro famílias de endoglucanases (GH5, GH7, GH12 e GH45), algumas com e outras sem CBMs (Segato, Damasio et al. 2014). Enzimas GH12 não possuem CBMs, o que limita sua habilidade em se ligar com a celulose cristalina, devido à escassa adsorção ao substrato (Vlasenko, Schulein et al. 2010, Prates, Stankovic et al. 2013). A família GH12 precisa ser melhor caracterizada, sendo sua função específica na degradação da parede celular de plantas ainda não muito clara (Payne, Knott et al. 2015).

O presente estudo descreve a bem-sucedida clonagem, expressão heteróloga e secreção em *Aspergillus nidulans* linhagem A773 (Goncalves, Damasio et al. 2012) de um gene completo codificante de uma endo-1,4- β -glucanase da família de glicosil hidrolases 12 (GH12) amplificado a partir do DNA genômico de *Aspergillus terreus* linhagem NIH2624 (*Aspergillus Comparative Database* – Broad Institute). O estudo inclui a investigação bioquímica da enzima e a análise de sua especificidade de substrato.

MATERIAIS E MÉTODOS

Análises das Sequências em Aspergillus

O gene não caracterizado ATEG_09894 (GenBank: XP_001218516) do genoma de *A. terreus* NIH2624 foi identificado, comparado e analisado, usando dados do *Aspergillus Database* e o alinhamento da sequência de aminoácidos foi empreendido com o Geneious Software (Kearse, Moir et al. 2012).

Materiais, linhagens de microrganismos, plasmídeos e condições de cultivo

Todos os produtos químicos eram de grau para biologia molecular, obtidos da Thermo-Scientific (USA) ou Sigma-Aldrich (USA), incluindo a maltose usada como indutor. Os oligonucleotídeos foram adquiridos da *Integrated DNA Technology* (USA). Os substratos avicel PH-101, carboximetilcelulose (CMC), laminarina de *Laminaria digitata*, xilana de madeira de faia e goma de alfarroba foram obtidos da Sigma-Aldrich (USA); konjac manana, arabinana de beterraba sacarina, arabinogalactana de lariço, galactomanana, β -

glucano de cevada, arabinoxilano de trigo, arabinano desramificado, liquenana, 1,4- β -D-manano, xiloglucano, xilana de espelta, arabinoxilano de centeio e celohexaose foram adquiridos da Megazyme (Ireland).

O *Aspergillus terreus* linhagem NIH 2624 foi gentilmente provido pelo Prof. Dr. Rolf A. Prade da *Oklahoma State University*, Stillwater, OK, USA. *A. terreus* foi cultivado em meio básico definido (Goncalves, Damasio et al. 2012) suplementado com 1% glicose a 37 °C. *A. nidulans* linhagem A773 (*pyrG89*; *wA3*; *pyroA4*) foi adquirido do *Fungal Genetic Stock Center* (FGSC, St Louis, MO) e foi cultivado em meio mínimo como descrito anteriormente (Segato, Damasio et al. 2012). One Shot[®] TOP10, células competentes de *E. coli* (Invitrogen) foram utilizadas na propagação do plasmídeo e na clonagem do produto da reação em cadeia da polimerase (PCR). O vetor contendo o gene *pyrG* (pEXPYR) (Goncalves, Damasio et al. 2012) foi usado para a expressão da AtGH12 em *A. nidulans* A773.

Clonagem da sequência da AtGH12

Para a extração do DNA genômico, o micélio de *A. terreus* foi crescido em meio básico com glicose, colhidos das placas e congelados em nitrogênio líquido, antes de serem macerados em um almofariz, seguindo do tratamento com 600 μ l de solução de extração de DNA genômico (10% 0.5M EDTA e 1% SDS). A suspensão foi aquecida a 68 °C por 10 min e centrifugada a 13.000g por 10 min. Um volume de 40 μ l de solução de acetato de potássio 5M foi adicionado ao sobrenadante, misturado por inversão e deixado no gelo por 10 min. A mistura foi novamente centrifugada a 13.000g por 10 min, e o sobrenadante foi transferido para 1 ml de etanol 95% (v/v) gelado. O DNA foi peletizado por centrifugação e lavado duas vezes em etanol 70% (v/v) gelado, seco ao ar e guardado em água livre de DNase.

A sequência codificante da AtGH12 foi analisada pelo programa *SignalP* 4.1 Server (Center for Biological Sequence Analyses – CBS) (Petersen, Brunak et al. 2011). O programa identificou 45 nucleotídeos codificando um peptídeo sinal composto por 15 aminoácidos, o qual foi omitido na construção final pela escolha apropriada dos *primers*. O gene foi amplificado a partir do DNA genômico do *A. terreus* pela reação em cadeia da polimerase (PCR), usando *Phusion*[®] *High-Fidelity DNA Polymerase* (New England Biolabs). Os oligonucleotídeos AtGH12F (5' – **GGGTTGGCACAGGAGCTCTGCGAGCAATATGG** – 3') e AtGH12R (5' – **GTCCCGTGCCGGTTATGCCACACTAGCAGACCACT** – 3'), contendo os sítios

para Clonagem Independente de Ligase (LIC), destacados em negrito, foram usados nessa etapa. Para gerar um plasmídeo de expressão, o fragmento amplificado de 660 bp foi inserido no vetor pEXPYR, também amplificado por PCR, com os primers pEXP-LICF (5' – **CCGGCACGGGACTTCTAGTGATTTAATAGCTCCATGTCAACAA** – 3') e pEXP-LICR (5' – **GCCAACCCTGTGCAGACGAGGCCGCTCAGGGCGAGTAG** – 3'), contendo a sequência correspondente ao LIC para montar e clonar o gene AtGH12 na orientação correta (Aslanidis and de Jong 1990, Goncalves, Damasio et al. 2012).

Expressão heteróloga e purificação da AtGH12

Depois da clonagem do fragmento LIC-AtGH12 amplificado no vetor LIC-pEXPYR e confirmação pelo sequenciamento de nucleotídeos, a construção foi transformada em *A. nidulans* linhagem A773, como descrito por Tilburn et al (Tilburn, Scazzocchio et al. 1983). Os transformantes positivos foram isolados por sua capacidade de crescer na ausência de uracila e uridina e $10^7 - 10^8$ spores/ml de transformantes positivos selecionados foram inoculados em meio mínimo suplementado com 2% maltose, distribuídos em 500 ml sobre bandejas e incubados (estacionário) a 37 °C por 2 dias. O tapete de micélio foi levantado com uma espátula e descartado, e o meio foi coletado e concentrado por ultra-filtração (membrana com corte de 10.000 Da Amicon Stired-cell), seguindo-se uma troca de tampão por fosfato 50 mM pH 6,5 e a concentração final de proteína foi quantificada pelo método de Bradford (Bradford 1976). A produção da AtGH12 foi monitorada por SDS-PAGE (Shapiro, Viñuela et al. 1967), e a atividade hidrolítica em β -glucano de cevada (Segato, Berto et al. 2014) foi medida pela produção de açúcares redutores, usando o reagente ácido dinitrosalicílico (DNS) (Miller 1959).

A enzima foi purificada por cromatografia, usando-se uma coluna Superdex G-75 (GE Healthcare Life Science) equilibrada com o mesmo tampão da enzima em um ÄKTA Purifier 10 System (GE Healthcare Life Science). As frações de proteína foram coletadas e monitoradas por atividade de endoglucanase, usando-se 50 μ l de solução β -glucano (Megazyme) 0,5% (m/v) em tampão fosfato e 1 μ g de AtGH12 purificada. A mistura foi incubada por 15 min a 50 °C. A reação foi interrompida pela adição de 100 μ l de DNS e fervida por 5 min. A solução foi analisada em um espectrofotômetro no comprimento de onda de 540 nm para a quantificação de açúcares redutores (Miller 1959). As frações contendo atividade de endoglucanase foram agrupadas e concentradas novamente em um Amicon (com 10.000 Da de corte).

Caracterização da Enzima

A atividade enzimática foi medida por método colorimétrico, usando β -glucano e xiloglucano como substratos, e os açúcares redutores foram determinados de acordo com o procedimento de Miller, como descrito acima (Miller 1959). A reação, consistindo em 50 μ l de substrato em água (0,5% m/v), 40 μ l de tampão fosfato 50 mM pH 6,5 e 10 μ l de solução enzimática, foi incubada em banho a 50 °C por 30 min. Uma unidade de atividade enzimática foi definida como a quantidade de enzima que produz 1 μ mol de açúcares redutores por minuto. Para determinar o pH e a temperatura ótimos, a reação enzimática foi conduzida a diferentes valores de pH em tampão citrato-fosfato-glicina (pH 2.0–10.0) e numa extensão de temperatura de 30 – 80 °C (Cota, Alvarez et al. 2011). As constantes cinéticas da AtGH12 foram determinadas usando β -glucano e xiloglucano (0,1–10 mg ml⁻¹) como substratos em pH e temperatura ótimos. O conteúdo proteico foi mensurado pelo método de Bradford (Bradford 1976).

RESULTADOS

Análise da Sequência da endoglucanase GH12 de A. terreus

O gene ATEG_09894 revela 833 nucleotídeos de comprimento, contendo dois introns com 70 e 60 pares de bases, possuindo 705 nucleotídeos após seu processamento. A sequência de aminoácidos transcrita do gene da GH12 de *A. terreus* foi analisada pelo BLASTp (<http://blast.ncbi.nlm.nih.gov>) e revelou significativa identidade com outras endoglucanases presentes nos genomas de *A. terreus* (60% com ATEG_05519 e 66% com ATEG_07420), *A. oryzae* (59% com AOR_1_194014), *A. niger* (56% com ANI_1_398124), *A. fumigatus* (64% com AFUA_7G06150), *A. flavus* (59% com AFLA_138380), *A. clavatus* (69% com ACLA_007820) e *T. reesei* (54% com BAA20140), conforme visualizado no alinhamento feito no Geneious Software (Figura 1) (Kearse, Moir et al. 2012).

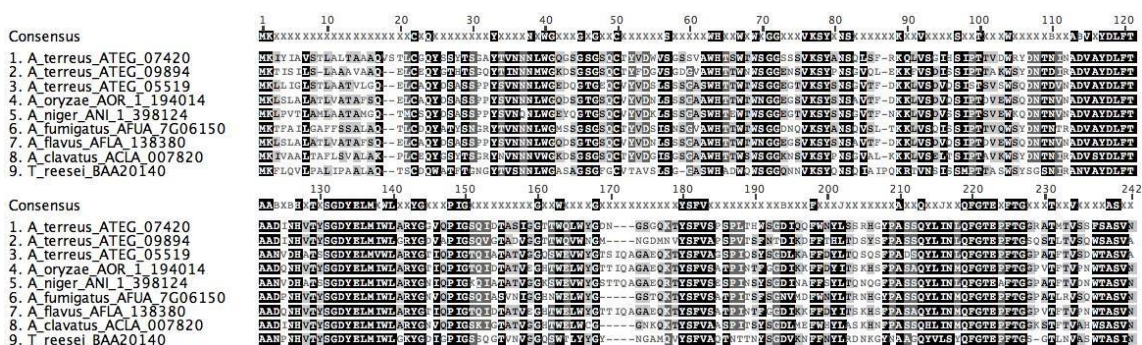


Figura 1: Alinhamento da sequência de aminoácidos da AtGH12 de *A. terreus* (ATEG_07420) com duas outras de *A. terreus* (ATEG_09894 e ATEG_05519), *A. oryzae* (AOR_1_194014), *A. niger* (ANI_1_398124), *A. fumigatus* (AFUA_7G06150), *A. flavus* (AFLA_138380), *A. clavatus* (ACLA_007820) e *T. reesei* (BAA20140).

Expressão e secreção da GH12 recombinante em *A. nidulans*

O gene que codifica a endoglucanase AtGH12 foi amplificado a partir do DNA genômico do *A. terreus* usando PCR (Figura 2A), revelando uma banda com aproximadamente 660 pares de base, devido à exclusão do peptídeo sinal. O gene foi fundido ao vetor LIC-pEXPYR, o qual permite a expressão da proteína dirigida pelo promotor da glucoamilase e secreção baseada na sequência nativa recombinante do peptídeo sinal da glucoamilase (Segato, Damasio et al. 2012). O plasmídeo foi introduzido por meio da transformação integrativa no genoma do *A. nidulans* linhagem A773 e os transformantes foram selecionados em meio mínimo contendo piridoxina sem uracila e uridina. Os integrantes auxotróficos selecionados foram submetidos à indução em meio de cultivo com 2% de maltose, com a produção e secreção da AtGH12 analisadas em 15% SDS-PAGE (Figura 2B).

A ORF (*Open Reading Frame*) do gene da AtGH12 de *A. terreus* consistia em 705 nucleotídeos, codificando 234 resíduos de aminoácidos foi analisando usando o SignalP Server (<http://www.cbs.dtu.dk/service/SignalP>), e um potencial peptídeo sinal da AtGH12, predito dos aminoácidos 1 a 15 (Petersen, Brunak et al. 2011). Portanto, a proteína madura consiste em 219 aminoácidos com massa molecular calculada em 24,0 kDa e ponto isoelétrico calculado 4,25 (<http://www.expasy.ch>).

AtGH12 foi purificada em uma única etapa de filtração em gel, resultando em um rendimento final de 9,4 mg de proteína pura por litro de meio de cultura (Figura 2C). A sequência da enzima foi alinhada ao longo de toda sua extensão pelo ClustalW (Chenna 2003), indicando uma estrutura primária conservada.

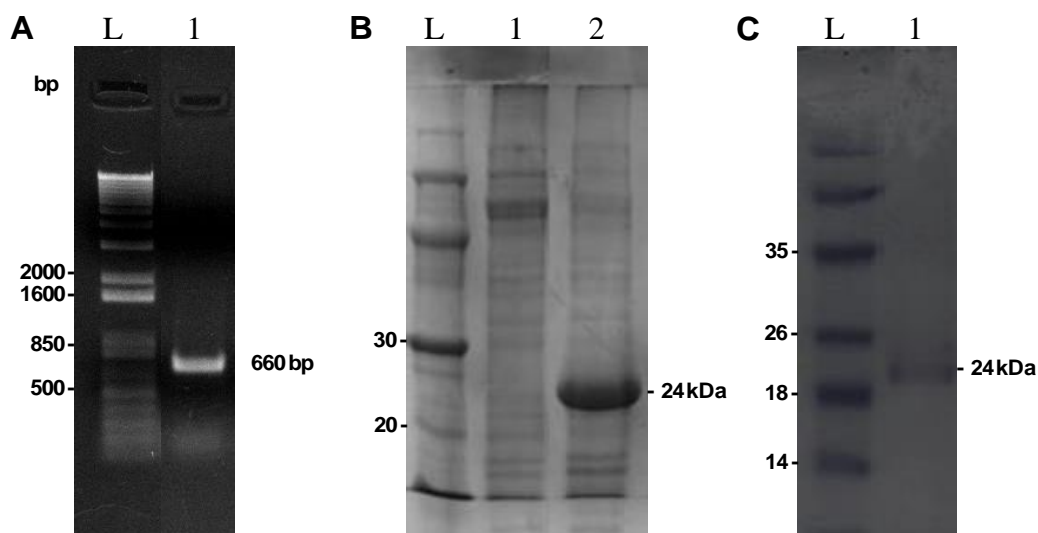


Figura 2: Expressão e secreção em *A. nidulans*: (A) L - DNA ladder; 1 – produto do PCR do gene AtGH12 do DNA genômico *Aspergillus terreus* genomic DNA; (B) L – Massa molecular; 1 – *Aspergillus nidulans* A773 transformado com um plasmídeo pEXPYR vazio; 2 – *A. nidulans* A773 transformado com plasmídeo pEXPYR carregando o gene AtGH12. Os transformantes foram crescidos por dois dias em meio mínimo contendo 2% de maltose. (C) 12% SDS-PAGE depois Superdex G-75 column.

Caracterização Bioquímica

A temperatura ótima da AtGH12 foi 55 °C (Figura 3A) e pH ótimo 5,5 (Figura 3B), usando 1% β -glucano de cevada como substrato. A enzima retém mais de 50% da sua atividade em temperaturas de 45 a 60 °C. De acordo com estudos anteriores, endoglucanases fúngicas mostram grande faixa de temperaturas (40 a 75 °C) e pHs (2,0–8,0) ótimos (Vlasenko, Schulein et al. 2010, Damasio, Rubio et al. 2014). Além disso, os resultados de estabilidade térmica (Figura 3C) indicam que a enzima recombinante foi totalmente estável ao calor (até 60 min) e reteve sua atividade em temperaturas de até 60 °C. Entretanto, a enzima perde sua atividade após 20 min quando incubada a 70 °C. Os valores de K_m e V_{max} para a AtGH12 foram determinados usando β -glucano de cevada e xiloglucano de tamarindo (2,214 mg/ml e 562 U/mg; 12,81 mg/ml e 277,4 U/mg respectivamente). A especificidade de substrato da enzima recombinante foi determinada usando um painel com 14 substratos solúveis e insolúveis (Tabela 1). A AtGH12 foi capaz de hidrolisar β -glucano de cevada e xiloglucano de tamarindo com atividade específica de 684,8 e 406,8 U/mg de proteína respectivamente e numa extensão menor em glucomanana de konjak e CMC, revelando preferências por carboidratos contendo monômero de glucana (Tabela 1).

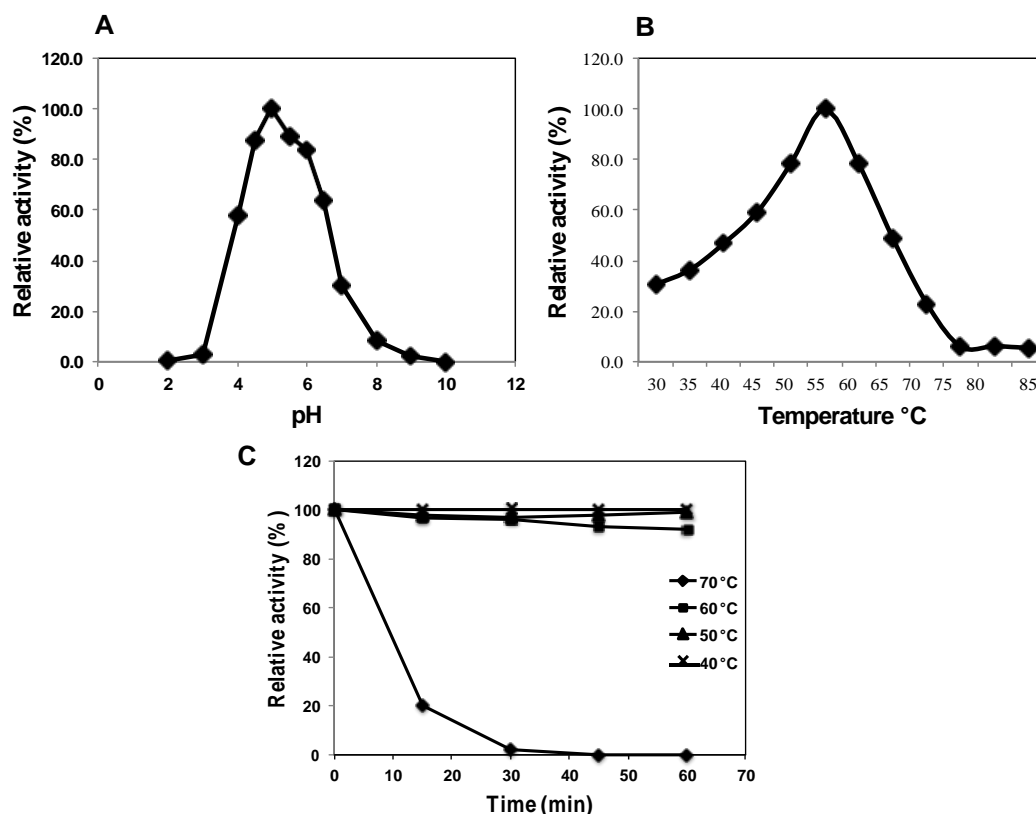


Figura 3: Efeito de pH (A), temperatura (B) e estabilidade térmica (C) da endoglucanase recombinante AtGH12 purificada.

Tabela 1: Especificidade de substrato da endoglucanase heteróloga GH12 de *A. terreus*.

Substrate (0.5%)	Relative activity (%)
β -glucan	100.0
Xyloglucan	45.1
Konjac mannan	8.6
CMC	1.4
Larch arabin galactano	0.6
Laminarin	0.4
Wheat arabinoxylan	0.3
Xylan from beechwood	0.3
Debranched arabinan	0.3
Galactomannan	0.2
Locuste bean gum	0.1
Arabinan from sugar beet	0.1
Rye arabinoxylan	0.0
Xylan from oat belt	0.0

A influência de íons metálicos e outros químicos na atividade relativa da AtGH12 é mostrada na Tabela 2. Esses resultados mostram que a atividade da AtGH12 é fortemente inibida por Cu^{2+} , Fe^{2+} , Cd^{2+} , Mn^{2+} , Ca^{2+} , Zn^{2+} e EDTA, enquanto K^+ , Tween, Cs^+ , DMSO, Triton X-100 e Mg^{2+} aumentam a atividade da enzima.

Tabela 2: Efeito de íons metálicos e agentes químicos sobre a endoglucanase heteróloga de *A. terreus*.

Chemical	Relative activity (%)
No addition	100.0
KCl (50mM)	112.2
Tween (0,5%)	110.6
CsCl (50mM)	109.6
DMSO (0,5%)	107.6
Triton X-100(0,5%)	105.2
MgCl ₂ (0,5%)	103.1
ZnSO ₄ (10mM)	94.6
CaCl ₂ (10mM)	90.5
MnCl ₂ (10mM)	56.9
EDTA(50mM)	57.9
FeCl ₃ (10mM)	30.4
CuSO ₄ (10mM)	27
CdCl ₂ (50mM)	16.5

DISCUSSÃO

No presente estudo, a endoglucanase da família GH12 do fungo filamentoso *A. terreus* (AtGH12) foi expressa e secretada com sucesso como proteína heteróloga extracelular de alto nível em *A. nidulans* linhagem A773, possibilitando sua análise bioquímica. O genoma de *A. terreus* contém pelo menos três endoglucanases da família GH5, duas das quais contêm Módulos de Ligação à Celulose (Cellulose Biding Module - CBM) no C-terminal; duas endoglucanases da GH7, uma com CBM e outra sem, e três endoglucanases da família GH12, nenhuma das quais possui CBM (Segato, Damasio et al. 2014). *A. terreus* é um importante fungo filamentoso, frequentemente encontrado em resíduos agrícolas e materiais celulósicos, nos quais possui considerável eficiência de desconstrução (Segato, Berto et al. 2014). Aqui investigamos uma endoglucanase da família GH12 codificada pelo genoma do *A. terreus* NIH2624.

As Glicosil Hidrolases (GHs) são relacionadas em famílias que exibem dois mecanismos diferentes de catálise para hidrolisar ligações glicosídicas, retenção e inversão. A GH12 de *A. terreus* segue o mecanismo de dupla troca, levando à retenção da configuração do carbono anomérico depois da clivagem do substrato (Henrissat 1991, Sandgren, Stahlberg et al. 2005). AtGH12 demonstra elevada atividade em β -glucano e xiloglucano, revelando que a enzima é uma glicosil hidrolase não-específica. Resultados similares são descritos para GH12s de *Aspergillus aculeatus*, *Aspergillus fumigatus*, *Myceliophthora thermohila* e do basidiomiceto *Gloeophyllum*

trabeum, confirmando que enzimas dessa família têm atividade num conjunto diverso de polissacarídeos (Vlasenko, Schulein et al. 2010, Miotto, de Rezende et al. 2014).

Os perfis de temperatura e pH da AtGH12 têm um leve caráter acidofílico, uma vez que ela retém 60% de sua atividade a 55 °C e pH 4,0 e a estabilidade térmica para uma hora a 60 °C e pH 5,5. Em conclusão, AtGH12 é uma enzima com temperatura ótima de 55 °C e pH ótimo igual a 5,5, sendo similar a outras GH12s caracterizadas (Damasio, Ribeiro et al. 2012, Narra, Dixit et al. 2014). Em complemento aos efeitos de pH e temperatura, a influência de diferentes soluções iônicas foi avaliada. AtGH12 demonstrou um aumento de atividade de pelo menos 12,2% na presença de KCl, em 10,6% na presença de Tween e em 7.6% na presença de DMSO.

Em resumo, a AtGH12 foi clonada e expressa com sucesso em *A. nidulans* linhagem A773 e bioquimicamente caracterizada. As características bioquímicas da enzima podem ser potencialmente atrativas para aplicações biotecnológicas.

Agradecimentos

Este trabalho teve o suporte da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências

Aslanidis, C. and P. J. de Jong (1990). "**Ligation-independent cloning of PCR products (LIC-PCR).**" Nucleic Acids Res **18**(20): 6069 - 6074.

Bhat, M. K. (2000). "**Cellulases and related enzymes in biotechnology.**" Biotechnology Advances **18**: 355 - 383.

Bhat, M. K. and S. Bhat (1997). "**Cellulose degrading enzymes and their potential industrial applications.**" Biotechnology Advances **14**(3): 583 - 620.

Bradford, M. (1976). "**A rapid and sensitive method for the quantitation of microgram quantities of protein utilizing the principle of protein-dye binding.**" Analytical Biochemistry **72**: 254.

Brink, J. and R. P. Vries (2011). "**Fungal enzyme sets for plant polysaccharide degradation.**" Applied Microbiology and Biotechnology **91**(6): 1477-1492.

Chenna, R. (2003). "**Multiple sequence alignment with the Clustal series of programs.**" Nucleic Acids Research **31**(13): 3497-3500.

- Cota, J., T. M. Alvarez, A. P. Citadini, C. R. Santos, M. de Oliveira Neto, R. R. Oliveira, G. M. Pastore, R. Ruller, R. A. Prade, M. T. Murakami and F. M. Squina (2011). "**Mode of operation and low-resolution structure of a multi-domain and hyperthermophilic endo-beta-1,3-glucanase from *Thermotoga petrophila*.**" Biochem Biophys Res Commun **406**(4): 590-594.
- Damasio, A. R., L. F. Ribeiro, L. F. Ribeiro, G. P. Furtado, F. Segato, F. B. Almeida, A. C. Crivellari, M. S. Buckeridge, T. A. Souza, M. T. Murakami, R. J. Ward, R. A. Prade and M. L. Polizeli (2012). "**Functional characterization and oligomerization of a recombinant xyloglucan-specific endo-beta-1,4-glucanase (GH12) from *Aspergillus niveus*.**" Biochim Biophys Acta **1824**(3): 461-467.
- Damasio, A. R., M. V. Rubio, L. C. Oliveira, F. Segato, B. A. Dias, A. P. Citadini, D. A. Paixao and F. M. Squina (2014). "**Understanding the function of conserved variations in the catalytic loops of fungal glycoside hydrolase family 12.**" Biotechnol Bioeng **111**(8): 1494-1505.
- Goncalves, T. A., A. R. Damasio, F. Segato, T. M. Alvarez, J. Bragatto, L. B. Brenelli, A. P. Citadini, M. T. Murakami, R. Ruller, A. F. Paes Leme, R. A. Prade and F. M. Squina (2012). "**Functional characterization and synergic action of fungal xylanase and arabinofuranosidase for production of xylooligosaccharides.**" Bioresour Technol **119**: 293-299.
- Henrissat, B. (1991). "**A classification of glycosyl hydrolases based on amino acid sequence similarities.**" Journal of Biochemistry **280**: 309-316.
- Himmel, M. E., S. Y. Ding, D. K. Johnson, W. S. Adney, M. R. Nimlos, J. W. Brady and T. D. Foust (2007). "**Biomass recalcitrance: engineering plants and enzymes for biofuels production.**" Science **315**(5813): 804-807.
- Kearse, M., R. Moir, A. Wilson, S. Stones-Havas, M. Cheung, S. Sturrock, S. Buxton, A. Cooper, S. Markowitz, C. Duran, T. Thierer, B. Ashton, P. Meintjes and A. Drummond (2012). "**Geneious Basic: an integrated and extendable desktop software platform for the organization and analysis of sequence data.**" Bioinformatics **28**(12): 1647-1649.
- Li, C. H., H. R. Wang and T. R. Yan (2012). "**Cloning, purification, and characterization of a heat- and alkaline-stable endoglucanase B from *Aspergillus niger* BCRC31494.**" Molecules **17**(8): 9774-9789.
- Li, X., W. T. t. Beeson, C. M. Phillips, M. A. Marletta and J. H. Cate (2012). "**Structural basis for substrate targeting and catalysis by fungal polysaccharide monooxygenases.**" Structure **20**(6): 1051-1061.
- Lynd, L. R., P. J. Weimer, W. H. van Zyl and I. S. Pretorius (2002). "**Microbial Cellulose Utilization: Fundamentals and Biotechnology.**" Microbiology and Molecular Biology Reviews **66**(3): 506 - 577.
- McCann, M. C. and N. C. Carpita (2008). "**Designing the deconstruction of plant cell walls.**" Curr Opin Plant Biol **11**(3): 314-320.
- Miller, G. L. (1959). "**Use of Dinitrosalicylic Acid Reagent for Determination of Reducing Sugar.**" Analytical Chemistry **31**(3): 426 - 428.

- Miotto, L. S., C. A. de Rezende, A. Bernardes, V. I. Serpa, A. Tsang and I. Polikarpov (2014). **"The characterization of the endoglucanase Cel12A from *Gloeophyllum trabeum* reveals an enzyme highly active on beta-glucan."** PLoS One **9**(9): e108393.
- Narra, M., G. Dixit, J. Divecha, K. Kumar, D. Madamwar and A. R. Shah (2014). **"Production, purification and characterization of a novel GH 12 family endoglucanase from *Aspergillus terreus* and its application in enzymatic degradation of delignified rice straw."** International Biodeterioration & Biodegradation **88**: 150-161.
- Payne, C. M., B. C. Knott, H. B. Mayes, H. Hansson, M. E. Himmel, M. Sandgren, J. Stahlberg and G. T. Beckham (2015). **"Fungal cellulases."** Chem Rev **115**(3): 1308-1448.
- Petersen, T. N., S. Brunak, G. von Heijne and H. Nielsen (2011). **"SignalP 4.0: discriminating signal peptides from transmembrane regions."** Nat Methods **8**(10): 785-786.
- Prates, E. T., I. Stankovic, R. L. Silveira, M. V. Liberato, F. Henrique-Silva, N. Pereira, Jr., I. Polikarpov and M. S. Skaf (2013). **"X-ray structure and molecular dynamics simulations of endoglucanase 3 from *Trichoderma harzianum*: structural organization and substrate recognition by endoglucanases that lack cellulose binding module."** PLoS One **8**(3): e59069.
- Sandgren, M., J. Stahlberg and C. Mitchinson (2005). **"Structural and biochemical studies of GH family 12 cellulases: improved thermal stability, and ligand complexes."** Prog Biophys Mol Biol **89**(3): 246-291.
- Segato, F., G. L. Berto, E. Ares de Araujo, J. R. Muniz and I. Polikarpov (2014). **"Expression, purification, crystallization and preliminary X-ray diffraction analysis of *Aspergillus terreus* endo-beta-1,4-glucanase from glycoside hydrolase family 12."** Acta Crystallogr F Struct Biol Commun **70**(Pt 2): 267-270.
- Segato, F., A. R. Damasio, R. C. de Lucas, F. Squina and R. Prade (2014). **"Genomics Review of Holocellulose deconstruction by *Aspergilli*."** Microbiology and Molecular Biology Reviews **1**(1): 1 - 30.
- Segato, F., A. R. Damasio, R. C. de Lucas, F. Squina and R. Prade (2014). **"Genomics review of holocellulose deconstruction by *Aspergilli*."** Microbiology and Molecular Biology Reviews **78**(4): 588 - 613.
- Segato, F., A. R. Damasio, T. A. Goncalves, R. C. de Lucas, F. M. Squina, S. R. Decker and R. A. Prade (2012). **"High-yield secretion of multiple client proteins in *Aspergillus*."** Enzyme Microb Technol **51**(2): 100-106.
- Segato, F., A. R. Damasio, T. A. Goncalves, M. T. Murakami, F. M. Squina, M. d. L. T. M. Polizeli, A. J. Mort and R. Prade (2012). **"Two structurally discrete GH7-cellobiohydrolases compete for the same cellulosic."** Biotechnology for Biofuels **5**(21): 12.
- Shapiro, A. L., E. Viñuela and J. V. Maizel (1967). **"Molecular weight estimation of polypeptide chains by electrophoresis in SDS-polyacrylamide gels."** Biochemical and Biophysical Research Communications **28**: 815 - 820.

Tilburn, J., C. Scazzocchio, G. G. Taylor, J. H. Zabicky-Zissman, R. A. Lockington and R. W. Davies (1983). "**Transformation by integration in *Aspergillus nidulans*.**" Gene **23**: 205 - 221.

Visser, H., V. Joosten, P. J. Punt, A. V. Gusakov, P. T. Olson, R. Joosten, J. Bartels, J. Visser, A. P. Sinitisyn, M. A. Emalfarb, J. C. Verdoes and J. Wery (2011). "**Development of a mature fungal technology and production platform for industrial enzymes based on a *Myceliophthora thermophila* isolate, previously known as *Chrysosporium lucknowense* C1.**" Industrial Biotechnology **7**(3): 213 - 223.

Vlasenko, E., M. Schulein, J. Cherry and F. Xu (2010). "**Substrate specificity of family 5, 6, 7, 9, 12, and 45 endoglucanases.**" Bioresour Technol **101**(7): 2405-2411.

Wang, H., F. Squina, F. Segato, A. Mort, D. Lee, K. Pappan and R. Prade (2011). "**High-temperature enzymatic breakdown of cellulose.**" Appl Environ Microbiol **77**(15): 5199-5206.

TRATAMENTO DE ESGOTO SANITÁRIO: UMA SOLUÇÃO SIMPLES E ECOLÓGICA DE INTERESSE SOCIAL

RESUMO

A constituição Federal prevê por Lei o direito a infraestrutura urbana para todos os cidadãos, buscando a saúde e o bem estar da população. O projeto visa analisar o texto de interesse da Lei de saneamento básico, bem como as normas ABNT para construção de fossas ecológicas. Com essa visão propõe-se para o Bairro do Horto Florestal, em Lorena –SP, a construção de tanques de evapotranspiração para o processamento adequado das águas sanitárias. Os tanques de evapotranspiração consistem no tratamento das águas negras, provenientes de vasos sanitários, a partir de decomposição microrgânica. Essa decomposição gera nutrientes para o crescimento das plantas acima do tanque, sendo aconselhadas plantas com folhas largas, como bananeiras, ainda oferecem a possibilidade de frutos. A proposta é de fazer uma campanha para a construção de fossas ecológicas na região analisada, sendo de simples execução, e ainda conscientizar a população atingida da importância desse tratamento tanto para seu bem estar quanto para a preservação da área florestal em que se encontram.

Palavras-chave: Direito, Infraestrutura Urbana, Água sanitária, Tanque de Evapotranspiração

ABSTRACT

The Federal Constitution support by law the right of urban infrastructure to all citizens, looking for health and wellbeing of population. The project aims to analyze the text of interest of the Lay of Basic Sanitation, as the standards of ABNT for the construction of ecological tanks to the adequate processing of sanitary water. With this objective is propose to the Horto Florestal neighborhood, in Lorena – SP, the construction of evapotranspiration tanks to the right treatment of residual water. The Evapotranspiration tanks consists on treatment of black water from toilets, based on microorganical decomposition. This decomposition generate nutrients for the growth of the plants above the tank, being advised the planting of vegetation with broadleaf, like banana, it provides the possibility of fruits. The propose is to campaign the construction of ecological tanks, of simple execution, and still aware the population the importance of the treatment for them wellbeing as for the preservation of forest area that they live.

Key-words: Right, Urban Infrastructure, Residual Water, Evapotranspiration Tank

1. INTRODUÇÃO

A lei 11.445 de 05 de janeiro de 2007 define as diretrizes nacionais de saneamento básico para a sociedade, entretanto, na situação de país subdesenvolvido que o Brasil se encontra, esse saneamento de direito do cidadão não se encontra disponível em todas as localidades. Em regiões mais carentes há falta desses elementos essenciais para o bem estar do ser humano, em especial o tratamento de esgoto, que em geral é uma infraestrutura urbana faltante em regiões mais afastadas em pequenas ou grandes cidades.

Pensando nesse problema vem sendo desenvolvidos tanques sépticos, como o tanque de evapotranspiração, conhecido como TEvap. É um sistema simples, tendo possibilidade de ser montado por cada morador em suas casas.

Será estudada a maneira de montagem do tanque, seu funcionamento, todo o processo biológico por trás do tratamento das águas amarelas, e a partir daí será proposta uma campanha para conscientização da população quanto à necessidade e instrução para instalação do TEvap no Bairro do Horto, na cidade de Lorena – SP.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Lei de Saneamento Básico

A saúde foi caracterizada como direito fundamental com a Lei federal de 1988, como um dos direitos sociais, no artigo 6º, Capítulo II, título II.

O Artigo 96 da constituição federal estabelece que “garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”. Estando descrito em lei, o direito fundamental se tornou um direito público e portanto um dever do Estado. A saúde alcançou uma noção de meio ambiente protegido e saneamento sanitário obrigatório. A necessidade do tratamento de esgoto sanitário passou a ser visto como uma prevenção e proteção da saúde. Assim os serviços de saneamento vincularam-se à saúde e à dignidade humana, considerado um dos mais importantes serviços públicos.

Segundo o Art. 23 “É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios(…)” no capítulo IX “promover programas de construção de moradias e a melhoria das condições habitacionais e de saneamento básico”. Entretanto, a instituição de tarifas, preços públicos antes de qualquer execução deve observar prioridade para atendimento, mas tentar ampliar acesso para localidades e cidadãos de baixa renda, levando em consideração os recursos necessários para investimento (Lei Federal, 1988).

2.2. Norma para tratamento de esgoto tradicional

Para que a implantação do projeto seja viável, é de extrema importância que as condições que as normas técnicas fixa para a elaboração sanitária, sejam cumpridas, apesar do TEvap ser uma fossa alternativas cuidados citados nas normas devem ser essenciais no planejamento e na execução do projeto, será usada norma de comparação do sistema tradicional e do alternativa.

a) Condições Especificas (dimensionamentos e disposições)

Para o dimensionamento é necessário estimar segundo o item 5 da NBR 9648, a vazão inicial e final da rede de captação, conforme a população usuária, sendo considerada com o menor valor de 1,5l/s em qualquer trecho, devem ser construídas poços de visitas (PV), que ajudam na observação e serviços necessários, no caso do TEvap, são instalados canos de PVC salientes acima do solo, porém não correspondem as dimensões de PVs tradicionais. Podem ser instaladas as caixas de passagem também (CP), para a limpeza do trecho, porém o sistema TEvap não possui.

b) Estações de tratamento de esgoto Sanitário (ETE)

Além da captação o Sistema de fossa alternativa TEvap, faz o tratamento do esgoto, pois não há um transporte secundário dos resíduos. A Norma que fixa as condições exigíveis para a elaboração de projeto de fossa sanitária alternativa é a NBR.

Segundo a citação do item 3.4 da NBR 12209, o ETE consiste em um conjunto de unidades de tratamento, equipamentos, órgãos auxiliares, acessórios de sistemas de utilidades cuja a finalidade é a redução das cargas poluidoras do esgoto sanitário e condicionamento da matéria residual resultante do tratamento. Para a implantação é necessário mecanismos como de regulagens e medições de fluxo, e deve conter uma altura de lamina mínima de água, o sistema TEvap não possui esses itens, por ser um método alternativo, deve-se também ter uma relação de massa de demanda bioquímica para se obter as dimensões, segundo a norma, diferente do sistema TEvap, o lodo formado é descartado conforme o excesso, já no sistema de evapotranspiração (TEvap), não há evacuação.

Para todos os processos, redes coletoras, de tratamento, utilizando os métodos tradicionais ou Alternativos, é necessário que a impermeabilização da área seja muito bem executada para que não haja poluição do solo e dos lençóis freáticos. É inadmissível que haja locais, em que o despejo dos resíduos é inadequado, e as edificações não usufruem de uma

captação e tratamento de esgoto adequado, por isso fossas alternativas solucionariam problemas de saneamento como estes.

2.3. Tanque de Evapotranspiração

O esgoto doméstico tem uma composição que muda de acordo com o volume de água e o hábito de seus usuários. Os efluentes que compõem o esgoto doméstico podem ser classificados em dois tipos: águas cinza e águas negras.

As águas cinza são provenientes do chuveiro, pias, lavanderias e banheira; maior volume do esgoto doméstico tem um tratamento simples para caso haja o reuso dessa água (RIDDERSTOLPE 2004).

As águas negras são as águas residuais, provenientes dos vasos sanitários, contêm fezes, urina e papel higiênico, necessitando então de um tratamento mais complexo para reduzir sua carga de micro-organismos e agentes biológicos. Alguns elementos químicos e nutrientes desses resíduos biológicos são facilmente absorvidos pelas plantas, criando assim, maneiras alternativas de tratar esse tipo de água (ESREY, 1998).

O tanque de evapotranspiração (TEvap) é uma técnica desenvolvida e é usada em projetos de diversas países diferentes, com potencial para aplicação no tratamento domiciliar de água negra em zonas urbanas (PAMPLONA & VENTURI, 2004).

O TEvap (Figura 1) consiste em um tanque impermeabilizado, com diferentes camadas de substrato e plantado com espécies vegetais de crescimento rápido e alta demanda por água, de preferência com folhas largas. O sistema recebe a água negra, que passa por processos naturais de degradação microbiana da matéria orgânica, mineralização de nutrientes, a absorção e evapotranspiração da água pelas plantas. Sendo assim, um sistema fechado que transforma os resíduos humanos em nutrientes e trata a água negra de forma limpa e ecológica, sendo esta, retorna ao ambiente na forma de vapor através da transpiração das folhas (LARSSON, 2003).

Figura 1 – Esquema 3D do TEvap

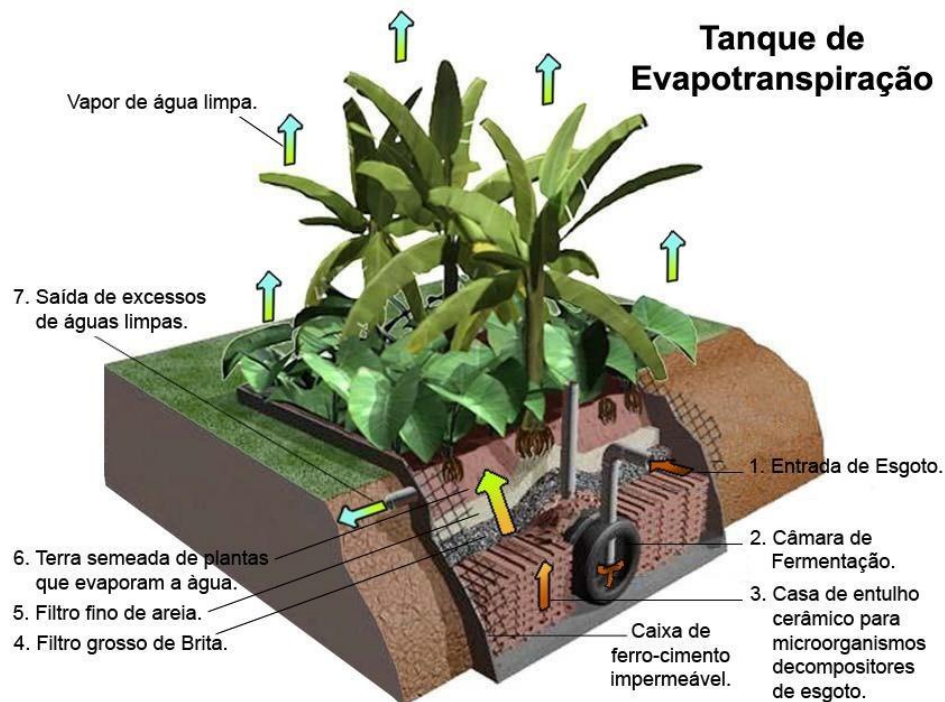


Fonte: GEPEC, 2009

A instalação do TEvap segundo a NBR 13969 (1997), cita as adequações para a construção do tanque:

- a) Orientação em relação ao sol – como a evapotranspiração depende em grande parte da incidência do sol, o tanque deve ser orientado para o Norte (no hemisfério Sul) e sem obstáculos, como árvores altas próximas ao tanque, tanto pra não fazer sombra, como para permitir ventilação.
- b) Dimensionamento – pela prática, observa-se que 2m³ de tanque para cada morador é o suficiente para que o sistema funcione sem extravasamentos. A forma de dimensionamento da bacia, como já foi mencionada, é largura de 2m e profundidade de 1m. O comprimento, então, é igual ao número de moradores na casa.
- c) Tanque – pode-se construir o tanque de diversas maneiras, mas visando a economia, o método mais indicado de construção das paredes e do fundo é o ferro-cimento. Isso permite que as paredes fiquem mis leves, levando menor quantidade de material. O ferro-cimento é uma técnica de construção com grade de ferro e tela de “viveiro” – diâmetro de 15 mm – coberta com argamassa. A argamassa da parede deve ser de duas (2) partes de areia, por uma (1) parte de cimento; e a argamassa do piso deve ser três (3) partes de areia por uma (1) parte de cimento, com espessura de 2 cm. Pode-se usar uma camada de concreto sob (embaixo) o piso, caso o solo não seja muito firme.
- d) Câmara Anaeróbica – Depois de pronto o tanque e assegurada a sua impermeabilidade vem a construção da câmara fazendo o uso de pneus usados e entulho de obra. A câmara é composta do duto de pneus e de tijolos inteiros alinhados ou cacos de tijolos, telhas e pedras, colocados até a altura dos pneus. Isto cria um ambiente com espaço livre para a água e beneficia a proliferação de bactérias que quebrarão os sólidos em moléculas de nutrientes.
- e) Tubo de inspeção e camadas porosas de materiais – deve-se afixar o tudo de inspeção (100 mm de diâmetro), penetrando a câmara de pneus. São colocadas também as camadas de brita (10 cm), areia (10 cm) e solo (35 cm) até o limite superior do tanque. Procura-se utilizar um solo rico em matéria orgânica e de aspecto mais arenoso que argiloso.
- f) Proteção e tubo extravasamento – como tanque não tem tampa, para evitar alagamento pela chuva, a superfície do solo do tanque tem que ser abaulada, mais alta no centro, acima do nível da borda, coberto com palhas; todas as folhas que caem das plantas e as aparas de gramas e podas são colocadas sobre o tanque para formar um colchão por onde a agua da chuva escorre para fora do sistema. Para evitar escoamento superficial da agua da chuva para dentro do sistema, é aberta uma vala ao redor do tanque, com 25 cm de profundidade ou é colocada uma borda (cerda de 10 cm de altura) de tijolos ou blocos de concreto ao redor do TEvap para que esta fique mais alta que o nível do terreno; impedindo que a água proveniente do terreno escorra para o interior do tanque. O tubo deve ser posicionado 10 cm abaixo da superfície do solo do tanque.
- g) Plantio – algumas espécies recomendadas para introdução do TEvap são: ornamentais como copo-de-leite (*Zantedeschia aethiopica*); maria-sem-vergonha (*Impatiens walleriana*); lírio-do-brejo (*Hedychium coronarium*); caeté banana (*Heliconia spp.*) e junco (*Zizanopsis bonariensis*).
- h) Disposição de deflúvio – o tubo de drenagem, de 50mm de diâmetro será conectada a um canteiro de infiltração e de evapotranspiração ou a uma vela de infiltração para disposição final do efluente extravasado.

Figura 2 – Corte Esquemático do TEvap



fonte: Portal Ecoeficiente

2.4. Funcionamento biológico do Tanque de Evapotranspiração

Segundo Gabialti (2008), o funcionamento biológico do TEvap pode ser descrito da seguinte forma: o esgoto a ser tratado entra pela câmara, localizada na parte inferior do tanque, passando pelas camadas de material cerâmico e pedras, onde ocorre a digestão anaeróbia do efluente. A camada de material cerâmico poroso é naturalmente colonizada por bactérias que realizam a decomposição. Com o aumento do volume de esgoto no tanque, o conteúdo preenche também as camadas superiores, de brita e areia, até atingir a camada de solo. Durante esse trajeto, o esgoto é mineralizado e filtrado, através de processos aeróbios de decomposição microbiana. As raízes das plantas localizadas nas camadas superiores se desenvolvem em busca de água e nutrientes disponibilizados pela decomposição da matéria orgânica. Através da evapotranspiração, a água é eliminada do sistema e volta para a atmosfera, enquanto os nutrientes presentes são removidos através da sua decomposição integração à biomassa das plantas.

A manutenção do sistema consiste na colheita de frutos, retirada do excesso de mudas, partes secas de plantas e podas. Os principais processos físicos, químicos e biológicos envolvidos no funcionamento do TEvap são precipitação e sedimentação de sólidos, degradação microbiana anaeróbia, decomposição aeróbia, movimentação da água por capilaridade e absorção de água e nutrientes pelas plantas. Abaixo estão descritas as principais partes do processo:

a) Digestão anaeróbia

A digestão anaeróbica, que ocorre na parte inferior do tanque, é um processo do qual diversos grupos de microorganismos trabalham na decomposição da matéria orgânica em compostos mais simples, como gás carbônico, água, metano, gás sulfídrico e amônia, além de novas bactérias. De acordo com, o processo ocorre em dois estágios. No primeiro estágio, os

compostos orgânicos complexos como carboidratos, proteínas, e lipídios são fermentados e biologicamente convertidos em materiais orgânicos mais simples. No segundo estágio, ocorre a conversão dos ácidos orgânicos, gás carbônico e hidrogênio em produtos finais gasosos, como metano e o gás carbônico (GABIALTI, 2008).

Nos processos anaeróbicos a formação de metano é medida como demanda química de oxigênio, sendo removida na fase líquida, pois o metano apresenta baixa solubilidade na água. No entanto, o metano emitido para a atmosfera é um dos principais agentes do chamado efeito estufa. Existe a possibilidade de parte do metano produzido na zona anaeróbia no TEvap ser consumido ao passar pela camada de solo do tanque, devido à presença de bactérias metanotróficas, as quais promovem a oxidação do metano na presença de oxigênio (GABIALTI, 2008).

b) Processos aeróbios

Assim que o efluente entra no leito do tanque, passa dos processos anaeróbios para processos aeróbios de degradação da matéria orgânica. A massa microbiana envolvida nos processos aeróbios é constituída por bactérias e protozoários, sendo que as bactérias têm a maior presença e importância nos sistemas de tratamento de esgotos. A conversão aeróbia da matéria carbonácea consome oxigênio do meio, gerando gás carbônico, água e energia. Em ambiente aeróbio, os compostos orgânicos nitrogenados passam pelo processo de nitrificação, no qual a amônia é convertida em nitrito e, em seguida, em nitrato. O nitrogênio na forma de nitrato pode ser absorvido pelas raízes das plantas presentes no tanque (GABIALTI, 2008).

c) Evapotranspiração

A parte superior do TEvap deve apresentar condições de insaturação em água. Nessa porção do tanque, a água continua ascendendo até a superfície, por capilaridade, que é a interação dos fenômenos de coesão entre as moléculas de água e de adesão das mesmas em relação às partículas do solo, preenchendo seus poros menores. Também ocorre o fenômeno de adsorção da água pelas partículas do solo, que são carregadas eletricamente. Com a absorção da água do solo pelas raízes das plantas, estabelece-se uma diferença de potencial entre as regiões próximas às raízes e as regiões mais distantes. Como a água procura espontaneamente estados mais baixos de energia, ela se move em direção às raízes. Em condições climáticas propícias – radiação solar, vento e umidade do ar abaixo da saturação – o potencial da água na parte aérea da planta é menor do que nas raízes, o que provoca a translocação da água dentro da planta, em direção às folhas, passando dessas para a atmosfera, fenômeno chamado de evapotranspiração (GABIALTI, 2008).

3. METODOLOGIA

A metodologia teve como curso o estudo teórico, a escolha da região, o diagnóstico do problema, e a criação de uma proposta para resolução do problema. Baseando-se no direito à saneamento básico, observou-se no bairro do horto florestal em Lorena-SP a ausência desse sistema de saneamento.

Figura 3 – Localização do Bairro do Horto Florestal na cidade de Lorena - SP



Fonte: Maps Google

O projeto tem caráter qualitativo e visa estudar uma alternativa de fácil acesso para o tratamento de resíduos sanitários na região.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em visita ao bairro do Horto Florestal, constatou-se o descarte incorreto do esgoto sanitário por habitantes, e ainda por órgãos de saúde público.

Figura 4 – Trecho do Rio Coatinga nos fundos de órgão de Saúde Público da Região



Fonte: Acervo Pessoal

Com aproximadamente mil habitantes, as casas estão localizadas dentro da zona de amortecimento da flora. No quintal de muitas casas está o rio Coatinga (Figura 5), afluente do rio Paraíba, no qual o descarte é feito.

Figura 5 – Trecho do Rio Coatinga passando entre as Casas



Fonte: fatea.com

Não há qualquer infraestrutura no que diz respeito ao tratamento de esgoto sanitário.

Figura 6 – Descarte Inadequado de Esgoto

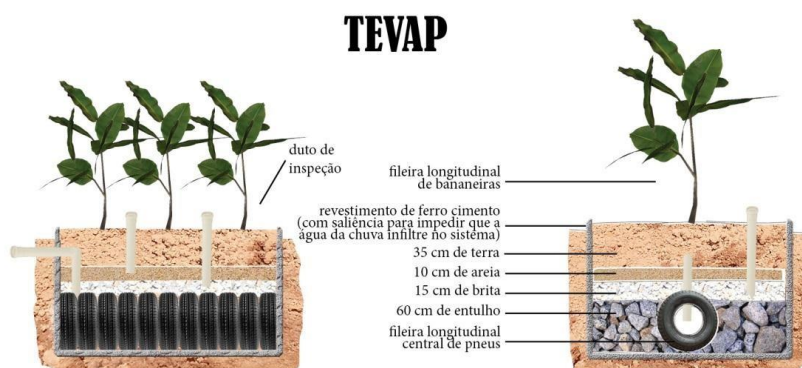


Fonte: Acervo Pessoal

Visando essa precariedade e todos os riscos tanto para os habitantes, quanto para a flora e a fauna da cidade, propõe-se a construção de tanques de evapotranspiração no quintal das casas, ou ainda em regiões para fazer um tratamento coletivo, unindo o esgoto de duas ou três habitações unifamiliares.

A execução da construção do tanque de evapotranspiração é relativamente simples, podendo ser montado pelos próprios moradores com auxílio da prefeitura, sendo entregues folhetos explicativos (Figura 7) e materiais necessários. E junto a isso transmitir à população a importância da preservação da flora e da fauna, e o mal que a falta do tratamento de esgoto pode trazer para a saúde humana e interferir no bem estar.

Figura 7 – Modelo de Folheto Explicativo para construção do TEvap



Passo a passo



1. cave uma vala de 5,0 x 2,0 m de superfície e 1,20 m de profundidade

O Tanque de Evapotranspiração (TEVAP) serve para dar um destino adequado às águas negras.

Deve-se destinar ao tanque apenas os resíduos provenientes do vaso sanitário.

Não se pode jogar papel higiênico, absorvente, fralda etc no vaso sanitário.

O número máximo de domicílios servidos por um tanque é dois. Aumentar essa quantidade não vai alterar o tempo de funcionamento do TEVAP proporcionalmente, e sim fazê-lo transbordar.



2. com a tubulação que vai despejar o esgoto no sistema já instalada, fixe a tela de estuque com grampos



3. faça um revestimento de cimento; espere o cimento curar por 7 dias antes de dar continuidade ao processo.



5. coloque a camada de brita, instale o primeiro duto de inspeção e cubra com uma manta (importante para não misturar os materiais), e em seguida coloque a areia e o segundo duto de inspeção.



4. preencha a vala com a camada de entulho permeada por uma fileira longitudinal de pneus. A tubulação do esgoto deve cair no centro desta fileira.



6. finalize cobrindo com terra e plantando as mudas de banana

Fonte: PRAXIS

5. CONCLUSÃO

O estudo do bairro mostra a falta de investimento em infraestrutura quando se trata de regiões mais carentes, e ainda como a falta de conscientização do mal que a falta de saneamento pode trazer tanto para as pessoas quanto para a fauna e a flora.

Após análise se leis e normas, observa-se a importância da infraestrutura de direito de qualquer cidadão. A proposta de construção do Tanque de Evapotranspiração visa a proteção da flora e da fauna, do bem estar dos habitantes utilizando-se de meios ecológicos, e junto a isso explanar para a população a importância disso para suas vidas e para gerações posteriores.

6. REFERÊNCIAS

- ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 13969. *Tanques Sépticos*.
- ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 12209. *Elaboração de Projetos Hidráulico-Sanitários de Estações de Tratamento de Esgotos Sanitários*.
- ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 9648. *Estudo de concepção de sistemas de esgoto sanitário*.
- CONSTITUIÇÃO FEDERAL. *LEI N° 11.445*, de 5 de janeiro 2007.
- ESREY, S.A.; GOUGH, J; RAPAPORT, D; SAWYER, R; SIMPSON-HÉBERT, M; VARGAS, J; WINBLAD, U. *Saneariamiento Ecológico*, tr. da edição em inglês Ecological Sanitation. Agencia Sueca de Cooperación para el desarrollo Internacional - SIDA, Estocolmo, 1998.
- GALBIATI, A. F.; *Tratamento Domiciliar de Águas Negras Através de Tanque de Evapotranspiração*. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Centro de Ciências Exatas e Tecnologia - Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Ambientais. Campo Grande, MS, 2009.
- LARSSON, S. *Short-rotation Willow Biomass Plantations Irrigated and Fertilised with Wastewaters*. European Commission. DG VI, Agriculture. Svalöv, Sweden, 2003.
- LOREIRO, PAULA. *Estudo de Tanque de Evapotranspiração para o Tratamento Domiciliar de Águas Negras*. Campo Grande – MS, 2009.
- PAMPLONA, S.; VENTURI, M. *Esgoto à flor da terra*. Permacultura Brasil. Soluções ecológicas, 2004.
- RIDDERSTOLPE, P. *Introduction to greywater management*. Stockholm Environment Institute - SEI, Uppsala, 2004.
- POTRATZ, VANDERLEI DOMINGOS. *Implantação de um Sistema de Tratamento de Esgoto Domiciliar por Evapotranspiração no Parque Nacional do Iguaçu – Foz do Iguaçu/PR*, 2010.

Contos: Instrumento para formação dos discentes

Resumo

O presente estudo de gêneros textuais, amplamente desenvolvido por meio de pesquisas acadêmicas, volta-se para o contexto amplo, uma vez que influenciam jovens e crianças em sua formação pessoal. Todo texto é composto por tipos de discurso, ou seja, formas de organização linguística tratando a discussão à cerca dos contos em contrapartida as interferências que eles podem causar nas mentes dos estudantes. Nesse contexto em que se veem os textos empiricamente realizados associados a atividades cotidianas do indivíduo percebe-se a importância de se investigar a linguagem utilizada em seus caracteres significativos, que singularizam a temática dos gêneros textuais. O objetivo deste estudo é utilizar o gênero textual conto, para ativar a criatividade do aluno. A fundamentação teórica ocorreu à luz de Bakhtin (1997). A metodologia aplicada foi de cunho bibliográfico.

Palavras-chave: Gêneros textuais, formação pessoal, organização linguística e contos.

Abstract

This study of genres, largely developed through academic research, turns to the broader context, since they influence children and young people in their personal development. All text is composed of types of discourse, that is, forms of linguistic organization dealing discussion to bristle tales on the other hand the interference they can cause in the minds of students. In this context in which they see the texts made empirically associated with daily activities of the individual realizes the importance of investigating the language used in its significant characters, which single out the theme of genres. The theoretical basis was the light of Bakhtin (1997). The applied methodology was a bibliographical nature.

Keywords: Genres, personal training, linguistic and tales organization.

Introdução

A linguagem pode ser vista sob dois ângulos: como conhecimento, bem como instrumento social. Fala e escrita, como formas de manifestações linguísticas, muitas das vezes ocorrem em ambientes sociais distintos. Devido às suas próprias formas textuais e genéricas, fala e escrita diferem quanto as suas estruturas e funções características fazendo com que, no âmbito do ensino, haja uma estreita ligação entre linguagem e cognição.

Bakhtin (1992) concebe a linguagem como um fenômeno social, histórico e ideológico, no qual define o enunciado como uma “verdadeira unidade de comunicação verbal.” Tais características estruturam de maneira específica cada gênero, mas ambas são limitadas de acordo com as trocas verbais presentes no diálogo. Por meio das práticas sociais, ou mediações comunicativas cristalizam na forma de gênero. O gênero discursivo organiza nossa fala da mesma maneira em que disponibiliza as formas gramaticais. Aprendemos então a moldar nossa fala. Segundo Bakhtin (1992), se não existissem gêneros e se não os dominássemos, tendo que criá-los pela primeira vez no processo da fala, comunicação verbal seria quase impossível.

Diante dessa interação que os estudiosos conscientizam-se de habilidades e dos diversos tipos de compreensão utilizados nos contextos sociais, estruturando suas próprias estratégias e planos de ensino aprendizagem; a aprendizagem visa, portanto, escolher determinados textos, onde os conteúdos seguem os padrões linguísticos apropriados aos gêneros discursivos.

Fundamentação Teórica

O estudo amplamente desenvolvido por meio de diversas pesquisas, tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre em gênero textual, facilitando a compreensão, buscando o sentido básico para produção no centro dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), sugerem que o trabalho com texto seja realizado na base dos gêneros, sendo eles orais ou escritos.

Os gêneros textuais servem de ferramentas linguísticas concretas. Tais circunstâncias torna-os fenômenos heterogêneos em relação à sua forma de uso gerando a expressão, que os gêneros são modelos comunicativos e influenciáveis. Pois, muitas vezes, servem para criar expectativa no interlocutor e direcioná-lo para uma determinada reação. Operam prospectivamente, abrindo o caminho da compreensão, como mesmo afirmou Bakhtin (1997).

Em situações orais, os interlocutores discutem sobre gênero de texto, as diversas observações visam esclarecer conceitos como também apontar diversidade e possibilidade de observação. Ter em mente a questão da oralidade e escrita no contexto atribui aos mesmos, modalidades formais e informais presentes na vida cotidiana.

No ensino de maneira geral, inclusive em sala de aula, de modo particular, pode-se tratar dos gêneros na perspectiva, levar os alunos a produzirem ou analisarem eventos linguísticos dos mais diversos, identificando as características do gênero. É um exercício que, além de instrutivo, permite a prática de produção textual.

Cresce, no mundo contemporâneo, a conscientização sobre a importância da linguagem. Em nossa época, temos recorrentes como 'capitalismo tardio', 'globalização', 'conhecimento', 'informação', 'texto' e 'discurso' nos remetem a uma dinâmica social baseada em duas questões básicas que se interconectam: os movimentos de aderência ou de resistência ao sistema econômico consagrado no ocidente, cujo objetivo maior é o acesso aos recursos e bens econômicos e cuja última vertente é a visão globalizada e globalizante de um mundo sem fronteiras culturais ou aduaneiras; as possibilidades de nos engajarmos no discurso da contemporaneidade-ou de resistirmos e transformarmos esse discurso-que consagra o acesso aos bens culturais, informação e, em última instância ao conhecimento, como a atual moeda corrente. (MEURER; MOTTA-ROTH, 2002, p.9,10)

Nesse contexto de trocas materiais e culturais, a busca pelas informações e uso desta para a construção do conhecimento, a linguagem se torna um sistema mediador de todos os discursos. Em função dessa mediação a ação de agir e construir, aumenta a necessidade e importância em novas práticas educacionais relativas ao uso de diferentes gêneros textuais e aos requisitos de um letramento adequado nos atuais contextos.

Segundo Meurer, Motta-Roth (2002,p.10)

Tão grande é a importância do conhecimento crítico sobre práticas discursivas e sociais, que estudiosos do discurso, como o linguista britânico Norman Fairclough (1993,p.142), afirmam que esse tipo de conhecimento ‘está se tornando um pré-requisito para a cidadania democrática’. Entretanto, e como também observa Fairclough, a maioria das pessoas não tem ideia do poder e do impacto da linguagem no mundo contemporâneo e, conseqüentemente, a formação relativa ao uso de textos e sua interação com o contexto onde ocorrem deve se tornar uma prioridade na escola. (MEURER; MOTTA-ROTH,2002,p.10)

A vida social exige que cada indivíduo desenvolva habilidades comunicativas, as quais possibilitem a interação participativa e crítica no mundo. Tais habilidades são exercitadas quando se elabora uma ‘solicitação formal’, oral ou escrita a um banco ou síndico do seu condomínio; um ‘anúncio pessoal’, escrito ou gravado para publicar em sites ou jornais; ou uma ‘carta do leitor’, entregue a um jornal ou revista. Em todos esses contextos há atividades que são representadas por meio da linguagem, papéis desenvolvidos pelos interlocutores que se estabelecem pela linguagem.

Segundo Meurer; Motta-Routh (2002,p.11), esses três aspectos básicos, sobre o que, com quem e como se fala, definem o contexto, ao mesmo tempo em que dependem dele para que uma determinada ação seja desenvolvida, por meio de uma atividade humana. Ao ter essas ações realizadas em um determinado tempo e espaço, a linguagem se constitui como gênero. “A partir de Bakhtin (1986), gênero é pensado como um evento recorrente de comunicação em que uma determinada atividade humana, envolvendo papéis e relações sociais, é medida pela linguagem.”

Os gêneros discursivos são estudados para que se possa haver o entendimento do que acontece quando se usa a linguagem para interagir em grupos sociais. Bakhtin afirma que é por meio dos gêneros discursivos que se dá a comunicação verbal, surgindo assim das necessidades comunicativas da esfera de atividade humana. Essas que são ambientes como a esfera jornalística, publicitária e acadêmica, e quando estes gêneros são enunciados se estabilizam por meio dos falantes, sendo considerados como “enunciados relativamente estáveis”. Bakhtin afirma que todo enunciado tem sua própria característica, sendo único e irrepetível, apesar de que alguns são parecidos em o tema, composição e estilo.

Segundo Bakhtin, os gêneros são classificados em primários, que são aqueles que transitam na esfera do cotidiano e são os mais simples; e os secundários, que estão presentes nas esferas de criação ideológica, sendo mais complexos e formais. Estudos feitos por Charles Bezman (2006) afirmam que abordar os gêneros textuais são tipos de ato de fala das pessoas e sobre o modo em que elas realizam esse ato. Nesses processos sociais de comunicação as pessoas tentam compreender umas as outras, para que possam realizar as atividades e compartilhar significados, e deste modo, as pessoas dão forma às atividades sociais.

“Os estudos que Mikhail Bakhtin desenvolveu sobre os gêneros discursivos considerando não a classificação das espécies, mas o dialogismo do processo comunicativo está inseridos no campo dessa emergência.” (Brait;p.152)

Gêneros Textuais

Discursivo

De maneira bem ampla, notam-se esses modos de organização de discurso como um correlato verbal ou escrito de uma prática social com uma estruturação específica, que nascem diante das necessidades, ou seja, não se realizam como formas típicas da comunicação. Gêneros discursivos não são frutos de invenções individuais. Nas formas socialmente maturadas em práticas a posição central de Bakhtin (1997), trata os gêneros como atividades enunciativas “relativamente estáveis”.

A frase é uma entidade de língua, e de linguística. A frase é uma combinação possível de palavras, não é uma enunciação concreta. A mesma frase pode ser enunciada em circunstâncias diferentes; não mudará de identidade para o linguista, mesmo que, pelo fato dessa diferença, nas circunstâncias, mude de sentido. (TODOROV, 1980)

“Um discurso não é feito de frases, mas de frases enunciadas, ou, resumidamente, de enunciados.” (Todorov;p.47). Segundo Todorov, a interpretação é determinada por dois lados, um é a frase que se enuncia e o outro é a própria enunciação. Esta enunciação inclui quem fala, o que se fala e para quem se fala, além de conter o tempo e lugar. “Ainda em outros termos, um discurso é sempre e necessariamente um ato de fala.”

Conto

O conto é um gênero produzido em ambientes diversificados criando um universo de seres e acontecimentos fictícios envolvendo as mais variadas temáticas, retratando a vida por meio da arte. É provável que neste contexto as relações sejam norteadas por parâmetros de rigidez, em virtude das atividades rotineiras de cada indivíduo, presentes em situações socioculturais. O conto é conceituado como um gênero textual por sua organização particular quando analisado em seus aspectos narrativos próprios.

A composição discursiva do gênero conto, em linhas gerais, podem ser conceituado com os seguintes elementos: enredo, um único conflito e clímax, uma história com poucas personagens, tempo e espaço reduzidos e um desfecho.

A palavra conto deriva do termo latino “computus”, que significa “conta”, que faz referência a uma narrativa breve e fictícia. O conto apresenta um pequeno grupo de personagens e um argumento não muito complexo. Podemos definir o conto em dois tipos, o conto popular que é associado a narrativas tradicionais, que são transferidas de geração em geração, o que pode acabar obtendo várias estruturas um mesmo conto; e o conto literário, que está associado ao conto moderno, ou seja, são relatos concebidos por escrito e transferidos da mesma forma. A diferença que existe entre esses dois tipos de conto é que a maioria dos contos populares não apresenta um autor diferenciado, já no conto literário, o autor sempre costuma ser conhecido.

No Dicionário da Língua Portuguesa, podemos encontrar como definição do conto, que o mesmo também pode se referir ao relato indiscreto de um sucesso, à narração de um sucesso falso, ou seja, uma mentira ou um boato. O que se encaixa perfeitamente a alguns contos, pois estes possuem personagens e acontecimentos fictícios.

Pelo conto trabalhar com a imaginação de quem o escreve, esta acaba sendo uma atividade enriquecedora para se realizar com os discentes, pois estes se sentem livres para escrever aquilo que lhes vier a cabeça. Podem imaginar e escrever histórias que não são reais e que apenas existem em suas mentes, exercitando assim sua criatividade. E com sua criatividade em ação, terão mais prática em imaginar situações e terão uma facilidade maior ao escrever textos, sendo eles fictícios ou não.

Considerações Finais

Como resultados, o gênero conto, pode-se dizer que é um trabalho configurado extraordinariamente, pois oferece situações corriqueiras do cotidiano. Mas é necessário focar na exploração da forma escrita, a maior relevância dos gêneros textuais, pois está localizada no campo da Linguística Aplicada. Com efeito, uma observação mais apurada revela que essa variedade não corresponde apenas á realidade analítica.

Enfim, os gêneros textuais aparecem nas seções centrais, porém mais aprofundada . Frisar a ideia de se trabalhar com gêneros discursivos é uma forma de ensino, direcionada e fundamentada na proposta oficial dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1997, 31p.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: Conceitos-Chave**. (org.).2.ed;São Paulo; Editora Contexto;2005. 223p.

CONCEITO DE CONTO. Disponível em: <http://conceito.de/conto>
Acessado em 28 agosto 2015

DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 2005, 229p.

GÊNERO DISCURSIVO/TEXTUAL. Disponível em:
<https://sites.google.com/site/estudosdeletramento/genero-discursivo-textual>
Acessado em 28 agosto 2015

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée. **Gêneros textuais**. São Paulo, Editora de Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), 2002. 316p.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros dos discursos**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1980. 305p.

Voluntariado: O amadurecimento do jovem com o trabalho voluntário

Resumo: O objetivo deste projeto é mostrar a importância do trabalho voluntário a jovens do terceiro ano do ensino médio, tanto para vida profissional quanto para a pessoal. O voluntariado é essencial para o currículo, para auxiliar com experiências para o primeiro emprego e para criar novas oportunidades aos jovens. Além disso, ações voluntárias focam a importância de valores como ética e cidadania e estimula a solidariedade. Para realização deste estudo, a fundamentação teórica ocorreu à luz de Sberga (2001). A metodologia aplicada foi de forma teórica e prática com coleta de dados por meio de questionário composto por 3 perguntas. Os resultados mostraram que os discentes dos terceiros anos do ensino médio compreenderam os objetivos que este projeto proporcionou a eles.

Palavras-chave: Voluntariado, profissional, currículo, experiência e crescimento pessoal.

Abstract: The objective of this project is to show the importance of the volunteer work for young people from high school, showing to the students that this is very important for their professional and personal life. The volunteering has relevance to the curriculum, helping with experiences to the first job, creating new opportunities to young people. Besides that, volunteer actions focus on the importance of ethics and citizenship values, encouraging solidarity. For this study, the theoretical foundation was the light of Sberga (2001). The methodology applied was theoretical and practical, bibliographic imprint with data collection through a questionnaire consisting of 3 questions. The results showed that the students of third years of high school understood the objectives that this project has provided to them.

Keywords: Volunteer, professional, resumé, experience and personal growth.

INTRODUÇÃO

A experiência ao realizar um trabalho voluntário é enriquecedora, independentemente da faixa etária, pois permite a inserção num contexto que na maioria das vezes não é o mesmo em que o voluntário pertence.

A sensação de prazer, a satisfação e realização ao ajudar o outro, o sorriso e a alegria é muito gratificante. O trabalho voluntário, além de ajudar no crescimento pessoal, conta muito para um currículo.

A experiência de realizar um trabalho voluntário para o currículo é muito enriquecedora, pois quem participa de trabalhos voluntários é muito bem visto. Isso mostra que a pessoa decidiu trabalhar em algo que ajude a sociedade por vontade própria. Demonstrando preocupação e solidariedade com as pessoas que precisam de ajuda, além de demonstrar sua autonomia e dedicação ao elaborar projetos e seu esforço, ao coloca-los em prática. Ou seja, o trabalho voluntário desperta muitas qualidades e habilidades, valoriza quem já as possui e até mesmo, revela outras.

Ter contato com quem precisa de uma atenção ou de um auxílio é muito gratificante, pois no final de tudo, recebe-se o resultado e apesar de vir lentamente, ele chega de forma muito proveitosa.

É enriquecedor, não somente para o currículo, mas para o bem estar de quem ajuda por vontade própria, seja de forma emocional, educacional, psicológica, profissional ou apenas amigável. Pois a partir dessa ajuda, um vínculo é criado entre ajudante e ajudado, em que as experiências trocadas são colocadas em prática em qualquer momento ou situação.

O voluntariado pode ser considerado como um lazer, porém um lazer que deve ser levado a sério, pois ao indivíduo possui dois tempos, o tempo conquistado e o tempo livre. O tempo conquistado é aquele tempo em que o indivíduo ocupa com suas obrigações cotidianas; e o tempo livre, aquele em que, como o próprio nome diz, é ocupado para descansar. Porém, nos dias de hoje esse tempo livre para algumas pessoas vem sendo ocupado para dedicar-se aos outros com o trabalho voluntário, sendo ele realizado de uma forma séria, mesmo sendo um lazer, como afirma o professor Robert Stebbins, da Universidade de Calgary, no Canadá. Ser voluntário é doar seu tempo, trabalho e talento para causas de interesse social e comunitário e com isso melhorar a qualidade de vida da comunidade.

REFERENCIAIS TEÓRICOS

Ser voluntário coincide com o fato de buscar um modo mais verdadeiro de ser cidadão, não só com o país, mas com o mundo. Ser voluntário é deixar-se desafiar pelo escândalo do sofrimento e injustiça, enfrentando este desafio, mostrando que o voluntariado não é sinônimo de busca de sucesso e sim, generosidade e eficácia em ações, resolvendo os problemas do sofrimento e da injustiça.

De acordo com a Lei nº 9.608/98 o trabalho voluntário é caracterizado como uma atividade não remunerada prestada por uma pessoa física a uma entidade pública de qualquer natureza, ou a uma instituição privada de fins não lucrativos que tenham objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive de mutualidade.

O voluntariado nasceu no contexto dos países de Primeiro Mundo, ou seja, os países mais desenvolvidos, a favor da população necessitada dos países de Terceiro Mundo, os menos desenvolvidos. Primeiramente a atividade era em tempo parcial, sendo realizada depois de um empenho profissional, no próprio território, depois se tornou uma atividade em tempo integral, sendo realizada em país subdesenvolvido ou em desenvolvimento, por um período limitado. Este foi definido como um trabalho internacional, pois surgiu da iniciativa da consciência da globalidade dos problemas humanos, a partir disso houve a conscientização de que é dever de todos se empenharem para tentar resolver tais problemas, sendo solidário com os outros, por mais que não sejam conhecidos, pois ser solidário é isso, ajudar quem precisa, mesmo sem ter um contato mais próximo.

Assim, o voluntariado internacional foi concebido como uma organização não governamental com o intuito de cooperação na construção do ser humano, no resgate de sua cidadania e cultura, em vista de auxiliar o crescimento do desenvolvimento dos países subdesenvolvidos. O voluntariado internacional propôs uma nova cultura, priorizando os valores da dedicação, participação, disponibilidade e solidariedade para com os outros, implicando com uma nova concepção de trabalho, sem remuneração e valorizando a nova concepção de tempo, priorizando-o como um novo recurso disponível para a própria autorrealização, além do desenvolvimento e libertação dos outros cidadãos.

Novas propostas foram surgindo com o tempo, na qual o voluntariado deveria florescer nos próprios países subdesenvolvidos, para haver a experiência dos nascimentos de organizações de voluntariado que fossem capazes de atender a todas as necessidades locais, com seus próprios recursos, boa vontade e competência. Pois com isso, pode-se compreender que sem ajuda dos habitantes locais, não é possível obter um trabalho voluntário que tenha um bom resultado ao final.

Diante desses aspectos, a concepção sobre o voluntariado também mudou, pois nem sempre precisa ser um profissional capacitado para ser um voluntário, precisa apenas ter como meta a vontade de ajudar ao próximo, ser solidário para aqueles que necessitam, não apenas de necessidades básicas, mas afeto e psicológico.

Desta forma, a definição do voluntariado internacional se ampliou, não permanecendo apenas com a ideia fixa de intensificar a situação econômica dos países subdesenvolvidos, mas também na construção da cultura da solidariedade e ética pública. Sendo assim, o voluntariado se tornou um preferencial na atividade de educação para o desenvolvimento e formação da consciência.

O processo de uma nova concepção de voluntariado também vem se verificando no Brasil. Por muitos séculos, o voluntariado assumiu formas e características assistencialistas de beneficência, identificando-se com obras de caridade em favor dos menos favorecidos, ou voltadas para socorrer populações que, devido a diversas causas de calamidades naturais, doenças, abandono, empobrecimento, permaneciam em situações de extrema dificuldade e miséria, necessitando de alguém que as ajudasse com campanhas ou ações de 'boa vontade'. Esse tipo de ação solidária também foi repensado, e hoje se incorpora um tipo de voluntariado mais aberto para a promoção da cidadania responsável e da construção do bem comum. (SBERGA,2001)

O trabalho voluntário como expressão e valorização nacional, nos meios de comunicação e apoio empresarial, é uma conquista recente no Brasil, mas sua existência já dura cinco séculos. Segundo pesquisadores, o marco inicial dessa atividade no Brasil foi em 1543, com a fundação da Santa Casa de Misericórdia, na vila de Santos, capitania de São Vicente. Nessa instituição, o trabalho voluntário era conduzido por religiosos católicos.

Voluntariado jovem

Grande parte dos jovens vem se engajando no serviço voluntário. A cultura juvenil disponibiliza a eles uma pluralidade de experiências e escolhas, porém muitos se mostram constrangidos ou manipulados pela sociedade capitalista. Mas quando o jovem tem o apoio e a presença de um adulto em sua vida, ele se sente motivado a fazer escolhas que modificarão sua via naquele momento ou o resto dela.

Tendo o apoio de um adulto em suas escolhas, o jovem se sente motivado. E isso ocorre com o trabalho voluntário também, o jovem se sente importante ao ajudar o próximo, pois é na atuação concreta, no ato realizado, que o amadurecimento pessoal e educacional ganham vida.

O voluntariado se apresenta, hoje, como uma das respostas às muitas necessidades, insatisfações, contradições, incertezas, buscas e esperanças que atravessam a vida do jovem. Nasce de um certo modo de viver a condição juvenil, em que para sair da sua rotina entediante ou para viver a vida de forma mais profunda, o jovem sente a exigência de exprimir-se diversamente. (SBERGA, 2001)

Com a realidade sociocultural em que os jovens vivem, o voluntariado se apresenta como um espaço alternativo não só para a interação social, mas também um compromisso com a cidadania, além da responsabilidade, conhecer a si mesmo, descobrir suas potencialidades, descobrindo seu dom em ajudar ao próximo.

A proposta do voluntariado é exigente e comprometedora, mas por outro lado é uma experiência que, para muitos jovens, se torna insubstituível, porque lhes restitui o sentido da própria existência, fazendo-os descobrir as próprias qualidades e dignidade, além de despertá-los para a prioridade das grandes questões sociais e da participação cidadã responsável. (SBERGA,2001)

O voluntariado juvenil tem como objetivo oferecer ao jovem uma experiência preparatória, educativa voltada para a formação pessoal e profissional. O jovem se capacitada com as atividades solidárias realizadas, amadurecendo. Pois o trabalho voluntário o torna capacitado a trabalhar em prol da sociedade, uma vez que, o voluntário aprende a trabalhar em grupo e a ser solidário com o próximo.

MATERIAL E MÉTODO

No primeiro semestre, as pesquisadoras conheceram as turmas dos terceiros anos do ensino médio e o caderno do aluno de inglês. Com algumas reuniões e análise dos assuntos que seriam estudados, houve o planejamento de qual projeto poderia ser construído. Com algumas discussões de experiências vividas pelas pesquisadoras e pelas futuras experiências que enriqueceriam a vida pessoal de cada aluno, foi decidido o tema a ser trabalho no projeto, Voluntariado, o primeiro assunto do caderno do aluno.

Com o assunto decidido, as pesquisadoras acompanharam as aulas das duas turmas, enquanto elaboravam a cronograma do projeto. No dia 11 de maio, a primeira atividade a ser realizada foi a “Crossword” sobre profissões, em inglês. Com a duração de duas aulas para cada turma, primeiramente foi feita a explicação da atividade, que seria em dupla, havendo a tradução das frases, identificação das profissões e encaixamento das profissões em inglês na cruzadinha. Logo depois, houve a correção e avaliação dos discentes sobre a atividade e no que ela os ajudou em relação à matéria estudada em sala de aula.

No dia 18 de maio, as duas turmas presenciaram a apresentação de slides sobre Voluntariado, elaborada pelas pesquisadoras. Nesta, foram tiradas algumas dúvidas sobre o que é e como funciona o trabalho Voluntário, assim como também houve troca de experiências com aquelas que já trabalharam voluntariamente.

Durante o mês de maio, as pesquisadoras entraram em contato com uma ONG de São Paulo, a Makanudos de Javeh, para o agendamento de uma palestra que foi marcada para o dia 1º de junho, na escola E.E. LCP, com um dos representantes da ONG, Felipe Antunes. A palestra teve como foco, o assunto sugerido pela professora supervisora, “Motivação/Capacitação”, e se tornou um bate papo bem descontraído, na qual os discentes se interagiram e se mostraram bem interessados no assunto, além de se sentirem valorizados pela presença do Felipe Antunes.

Com a parte teórica realizada no primeiro semestre, no segundo semestre os discentes presenciaram a parte prática. No mês de julho, uma das pesquisadoras entrou em contato com a coordenadora do Instituto Santa Teresa (IST), para agendar dois dias para que os alunos do LCP pudessem colocar em prática o Voluntariado com os alunos do período integral do IST, com a faixa etária de 7 a 10 anos. Tendo todas essas informações necessárias, foi discutido com a sala, a opinião dos discentes sobre este projeto e quais tipos de atividades poderiam ser elaboradas e colocadas em prática nesse trabalho. Os discentes do LCP, sob orientação das pesquisadoras e professora supervisora, dividiram-se em grupos e elaboraram atividades recreativas, que têm como foco o trabalho em equipe, raciocínio lógico e rápido, jogos de tabuleiro, dinâmicas, teatro interativo, jogos educativos em inglês e esporte.

Por fim, com todas as atividades organizadas e os jogos em inglês confeccionados pelos próprios alunos, nos dias 19 e 21 de agosto, o 3ºA e o 3ºB, respectivamente, marcaram presença na quadra poliesportiva do Instituto Santa Teresa, das 9h às 11h. Com saída do LCP às 8h e chegada às 8h30m ao IST para que pudessem organizar os materiais e os locais para as oficinas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir do projeto elaborado pelas pesquisadoras, a realização das atividades foi positiva. Através da coleta e análise do questionário aplicado nos terceiros anos do ensino médio, 52 alunos o realizaram. Destes 52, 44 classificaram o projeto como ótimo, 7 como bom e 1 como regular. A pergunta sobre o desejo em participar de um grupo voluntário foi surpreendente, pois 38 responderam que sim, enquanto 2 disseram que não e 12 que não sabiam se gostariam.

Durante o período de dois semestres, com o auxílio da professora supervisora e a disposição dos discentes dos terceiros anos, tanto a parte teórica quanto a prática trouxeram resultados satisfatórios. Houve a participação de todos os alunos em ambas as atividades.

Na parte prática, na qual foram monitores das oficinas criadas por eles, a realização do trabalho foi mais intensa. Alguns alunos - grupo do 3ºB - elaboraram jogos educativos em inglês, outros organizaram atividades tais como: teatro de fantoche, futebol, queimada, bandeirinha, jogos de tabuleiro e skate.

O fato de terem sido monitores, fez com que os alunos se sentissem responsáveis pelas crianças do período integral do IST. Isso conferiu autonomia e auxiliou o protagonismo juvenil.

CONCLUSÃO

Baseado no questionário aplicado e em todas as atividades realizadas, ao final desse projeto, as pesquisadoras alcançaram seus objetivos, os quais visavam mostrar a importância do trabalho voluntário para os discentes, para que eles identificassem a riqueza que possuímos gratuitamente ao ajudar os outros.

Visto a resposta de alguns alunos, percebemos que outros objetivos foram alcançados, como a formação pessoal do indivíduo que participa de trabalhos voluntários. Pois segundo Sberg (2001), a ação voluntária leva o indivíduo que a pratica passar por processo de formação pessoal, ou seja, amadurecimento. Verificamos claramente esse resultado em uma resposta coletada de dois alunos dos terceiros:

“Para mim foi uma grande experiência, nunca tive uma experiência assim. Aprendi a ser mais responsável cuidando das crianças e a trabalhar em grupo. Foi uma experiência que eu precisava para eu sair da escola mais amadurecido e com mais responsabilidade.”

“O projeto do PIBID foi muito legal e teve uma grande participação no aprendizado da sala. Ao contrário de outros projetos que só vem um dia, aplicam e vão embora. Esse projeto envolveu todo mundo, fazendo todos interagirem e adquirirem algum aprendizado. Tanto a Letícia quanto a Mayara são muito motivadas e estão fazendo um ótimo trabalho neste projeto. Adorei participar de tudo e participaria novamente, pois elas uniram o aprendizado em sala com diversão, sem perder o foco nos estudos e nas matérias. Isso foi muito importante.”

As crianças do IST também se mostraram muito felizes e satisfeitas em participar das oficinas, o que colaborou para o sucesso do projeto. Provando também que o trabalho voluntário é compensatório para ambas as partes.

REFERÊNCIAS

Coletânea de textos. **Sonhando juntos**. Coordenação Milú Villela, São Paulo, 2001.186p.

SBERGA, Adair Aparecida. **Voluntariado Jovem: Construção na identidade e educação sociopolítica**. São Paulo, Editora Salesiana, 2001.262p.

RESUMO

Este artigo tem como intuito trazer um conhecimento sobre o que é sustentabilidade e qual o seu papel na sociedade, também aplicar o planejamento de um espaço pequeno e o uso de móveis reaproveitados utilizando madeiras como o palete e o compensado, o uso do pneu e da lona com criatividade para a construção de puffs, os caixotes encontrados em feiras e mercados tendo assim muitas opções para criar um ambiente harmônico e bonito. O uso da horta hidropônica usando meios mais econômicos de bombeamento da água citando quais as vantagens deste tipo de plantação com relação a qualidade das hortaliças e uso hídrico, preço aproximado de mercado e o procedimento de montagem e uso. Será apresentado como o projeto foi elaborado, a sua definição e objetivo visando trazer uma melhoria de vida e consciência a comunidade, pois eles terão exemplos de intervenções simples e menos custosas que podem ser implantadas em suas casas levando em consideração a ideia central, a sustentabilidade .

Palavras-chave: sustentabilidade, horta hidropônica, móveis sustentáveis, palete, reutilização.

ABSTRACT

This article has the intention to bring a knowledge of what is sustainable and what is their role in society also apply planning a small space and the use of recycled furniture using wood as the pallet and plywood, the use of tire and Canvas creatively to build puffs, the crates found in fairs and markets having so many options to create a harmonious and beautiful environment. The use of hydroponic garden using more economical means of pumping water citing the advantages of this type of planting in relation to quality of vegetables and water use, approximate market price and the assembly procedure and usage. Will be presented as the project was designed, its definition and purpose in order to bring a better life and consciousness the community because they will have examples of simple interventions and less costly that can be deployed in their homes taking into account the central idea, sustainability.

Key-words: sustainability, hydroponic garden, sustainable furniture, pallet reuse.

1- INTRODUÇÃO

Muito se fala em sustentabilidade e o seu objetivo, sabe-se que reciclar é reviver, a renovação, dar vida reaproveitando materiais . Termo usado para intervenções na sociedade visando suprir as necessidades sociais e ambientais sem prejudicar as futuras gerações, fazendo uso de materiais econômicos e inteligentes que não agridem a natureza e contribuam para que novas restaurações sejam feitas e se mantenham sozinhos. Esta contribuição para a falta de desperdício vem ganhando espaço em nossa sociedade de modo que as pessoas vem se conscientizando cada vez mais da necessidade de reciclar, garantindo assim um futuro melhor.

Pode-se encontrar varias ações relacionadas a sustentabilidade tal como a exploração dos recursos vegetais de florestas e matas de forma controlada, garantindo o replantio sempre que necessário, preservação total de áreas verdes não destinadas a exploração econômica, ações que visem o incentivo a produção e consumo de alimentos orgânicos, pois estes não agridem a natureza além de serem benéficos à saúde dos seres humanos, o uso de fontes de energia limpas e renováveis (eólica, geotérmica e hidráulica) para diminuir o consumo de combustíveis fósseis. Esta ação, além de preservar as reservas de recursos minerais, visa diminuir a poluição do ar, atitudes voltadas para o consumo controlado de água, evitando ao máximo o desperdício. Adoção de medidas que visem a não poluição dos recursos hídricos, assim como a despoluição daqueles que se encontram poluídos ou contaminados.

Hoje com uma gama de informações, as pessoas tem acesso a muitas possibilidades na aplicação de recursos reutilizáveis e partindo deste princípio pode-se encontrar meios criativos com uso de materiais que trazem a possibilidade para a produção de móveis como uma mesa, sofá, *puffs* e estantes.

O projeto traz como proposta a reutilização desses materiais e explica a importância e a funcionalidade de cada item e seu desenvolvimento.

2. O PROJETO

2.1. Horta hidropônica

O cultivo hidropônico é muito utilizado para ambientes com espaço reduzido como apartamentos e, ou casas que não tenham quintal. A horta pode ser colocada em qualquer canto, seja vertical ou horizontal. Uma de suas vantagens é a qualidade das hortaliças por não precisar do uso de venenos, deve -se citar também a que este tipo de cultivo requer uso menor da água, menos irrigação diminuindo o desperdício hídrico.

Entretanto a plantação hidropônica tem um custo elevado por seu sistema de bombeamento, dependendo de um gerador próprio. No mercado encontra-se algumas opções de bombas para o cultivo, podendo variar os valores de acordo com o tipo de sistema. Um sistema econômico é a bomba de aquário: é necessário que tenha 2 metros de subida d'água e fique submersa. A bomba serve para fazer com que a água circule por todo os canos fazendo com que os nutrientes adicionados se movimentem. Nesse caso sugerimos a bomba Submersa Sarlo Better 1000a 1000 L/h.110v. Segue a tabela1 e figura1 com dados e demonstrações.

preço do produto:	R\$ 70
Vazão:	400L á 1.000L / hora (com regulagem)
Consumo:	15 watts
Coluna d'Água:	2,0 metros (subida de água)
Fixação:	Ventosas SIM
Dimensões:	(Comp. x Larg x Alt): 5 x 4 x 7 cm
Voltagem disponível:	110V

Tabela1 - Fonte: Cotação realizada no comércio local



Figura 1 - Fonte: blog Caras PanelaTerapia

Para a montagem da horta é necessário:

- Canos PVC de três polegadas;
- Encaixes de PVC para fazer ligações com as outras partes;
- T de PVC para usá-los como sustentação para os canos em horizontal;
- Tampão de PVC para tampar as aberturas que os T deixam;
- Aproximadamente um metro de mangueira;
- Um tambor para colocar a água;
- Uma bomba de aquário com uma mangueira que leve a água até o cano mais alto;
- Um adaptador;
- Serra Copo 27mm;
- Para os canos pvc de 75 mm para fase final é utilizado o adaptador e um serra copo de 50 mm (adaptador de serra copo de 50 mm);
- Os canos ficam com espaçamento entre os furos de 10cm.

Para a solução é preciso:

- 2 recipientes
 - 283,5g de nitrato de sódio;
 - 283,5 g de nitrato de cálcio;
 - 283,5 g de sulfato de potássio;
 - 425 g de superfosfato;
 - 142 g sulfato de magnésio (sais de Epsom);
 - 28 g sulfato de ferro;
 - 1 colher de chá de sulfato de manganês;
 - 1 colher de chá de ácido bórico;
 - 1/2 colher de chá de sulfato de zinco;
 - 1/2 colher de chá de sulfato de cobre AlmoFariz e pilão;
 - Saco de plástico (opcional);
 - Rolo de macarrão (opcional).

Combina-se o nitrato de sódio, nitrato de cálcio, sulfato de potássio, superfosfato e sais de Epsom em um recipiente limpo em seguida o sulfato de ferro, sulfato de manganês, ácido bórico, sulfato de zinco e sulfato de cobre em um recipiente separado e, para finalizar vede ser amassado com o pilão.

Com as misturas combinadas é dissolvido uma colher de chá da mistura final em um litro de água e trinta ml dessa solução para cada doze litros de água. Também pode ser adicionado 1/2 colher de chá para cada quatrocentos litros de água descartando o pó restante que não é usado dentro de 24 horas, pois ele perde suas propriedades após esse período. Segue a figura 2 do projeto finalizado:

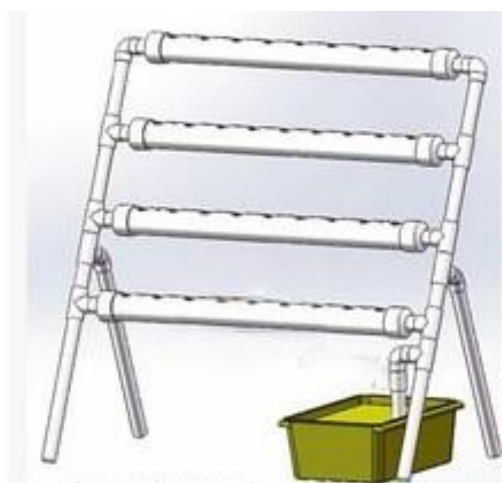


Figura 2 - Fonte: site de compras Aliexpress

2.2. O uso de material reciclável.

Pode-se encontrar na natureza muitos recursos que podem ser aproveitados e reaproveitados infinitamente, tal como a madeira, ela oferece muitas opções para a restauração de um móvel antigo ou até mesmo sua reutilização para algo totalmente novo. Encontra-se no mercado alguns tipos onde se destaca o palete (do inglês pallet), sendo de madeira, plástico ou metal, é utilizado na movimentação de caixas de peixes no mercado, supermercados, galpões de transportadoras, varejo em geral. O palete é encontrado em diferentes preços e qualidade, por se tratar de um material em foco no momento, ele pode variar de R\$10,00 até aproximadamente R\$ 80,00 a unidade, variando em qualidade, peso do produto e loja.

Paleta de madeira: utilizado para a montagem de móveis, sua madeira geralmente é o eucalipto ou pinus, por ter um preço mais acessível que as outras. Seguindo a foto demonstração (figura 3).



figura 3(fonte: palletmasters.com.au)

Com o quadro do mercado econômico em crise, tem-se pensado muito no uso dos peletes um dos mais importantes da atualidade, especialmente pelo fato de que eles exercem um papel realmente decisivo na economia de muitos países, e isto inclui o Brasil, já que são pelos portos que são escoadas praticamente todas as principais riquezas do país.

Não se pode esquecer que se deve pesquisar a procedência dele antes de comprar ou ganhar, pois pode ter sido utilizado para transporte de agrotóxicos ou outros produtos nocivos à saúde, antes de reaproveitar é necessário lixar e tratar contra praga, fungos e bactérias, hoje felizmente já existem produtos impermeabilizantes ecologicamente corretos, sem produtos tóxicos. A madeira quando não esta impermeabilizada absorve a umidade e acaba empenando ou até mesmo apodrecendo.

Vantagens:

- Seu preço acessível e, ou muitas vezes podendo ser encontrados gratuitamente em fábricas, sempre atentando-se ao estado da madeira;
- Eles são duráveis e fortes, difícil de se danificar; Apresentam versatilidade;
- Racionalização do espaço de armazenagem;
- Redução de acidentes pessoais.

Desvantagens:

- Paletes de madeira podem desenvolver fungos e bactérias se não tratados corretamente;
- São difíceis de limpar.

Pneu: usado para montagem de puffs, cadeiras e mesas bem criativas, pode-se criar móveis bem interessantes com o uso do pneu. A reutilização, recauchutagem e reciclagem são importantes alternativas para a destinação final de pneus velhos. Eles podem ser utilizados inteiros ou picados, por meio de distintas aplicações. Figura 3.



Figura4(fonte: elo.com.br)

Aglomerados: as portas com preenchimento de baixa densidade tem sido uma opção sustentável e possui muitos fatores interessantes, como por exemplo seu isolamento térmico e acústico. Seu material é resistente a umidade, mais leve e homogêneo. O material tem certificação FSC, e é produzido a partir de matéria-prima renovável, proveniente de florestas plantadas de pinus. (fonte: Atitude Sustentável)

Caixotes: pode-se fazer vários móveis e objetos, prateleiras, estantes, mesas, mini horta, banco, fruteira e tudo o que a imaginação desejar, podendo ser pintados ou até mesmo usados na madeira original dependendo do estado. Da mesma família dos pallets, os caixotes de frutas já há algum tempo são transformados em peças de decoração com foco na funcionalidade. Há quem crie prateleiras e até mesas.

3. PROPOSTA DO PROJETO.

O título passa a idéia ecológica alegre de que pode-se fazer um futuro vivo e leva as pessoas a conscientização de uma forma singela e infantil, facilitando o entendimento das crianças e por se tratar de um projeto voltado a escola infantil, se apresenta dentro da pretensão.

Desenvolvimento do título "Colorindo o Futuro"

Colorindo: cor, escola, criança, alegria

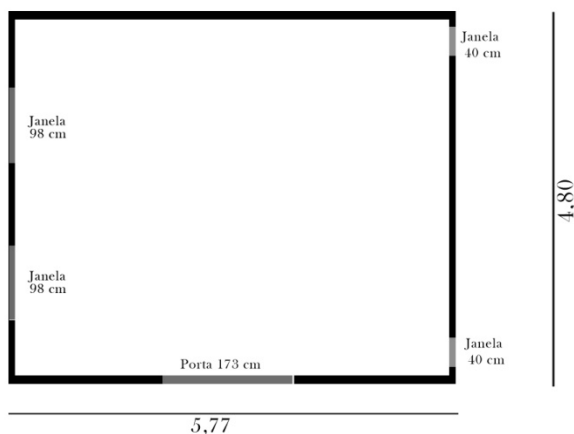
Futuro: sustentabilidade

"Quando um aluno escolhe a cor do lápis para colorir seu desenho, ele dá sentido ao seu desenho" por Milene Almeida.

3.1. Escola favorecida. A Escola Padre João Renaudin de Ranville, na Vila Cristina (Ponte Nova), em Lorena. Ensino fundamental, a escola possui:

- 7 salas de aulas
- Sala de diretoria
- Sala de professores
- Laboratório de informática
- Quadra de esportes coberta
- Cozinha
- Banheiro dentro do prédio
- Sala de secretaria
- Refeitório
- Despensa
- Pátio descoberto
- Área verde
- Casa do caseiro (local da proposta de intervenção)

Pesquisa *in loco*



Croqui do local

Casa antes de iniciar a reforma:



Foto de Milene Almeida

2.2. Intervenção com aplicação dos móveis sustentáveis e horta hidropônica.

Pretende-se fazer uma biblioteca, brinquedoteca e laboratório na casa sugerida para que as crianças possam aproveitar um ambiente agradável aprendendo o que é sustentar. Conseguindo muitos materiais com arrecadação em lojas e fábricas que tenham paletes, aglomerados, pneus, PVC e lonas para doação. Será colocado uma mesa em forma de U para o aproveitamento do espaço de aproximadamente três metros de largura utilizando o aglomerado, estantes feitas de caixotes para os livros, baú de palete para os brinquedos e na parte externa coberta três puffs de pneu com mesinha central de palete.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do projeto impõe a aprendizagem aos alunos e aos familiares permitindo o acesso a reutilização de materiais para que possam aplicar em suas casas e ensinar outras pessoas da comunidade, desta maneira, aos poucos todos vão se familiarizando com a sustentabilidade e as diversas possibilidades que ela apresenta, não somente na arquitetura, mas em toda a sociedade. A arquitetura sustentável tem sido uma grande aliada a educação, pois nos remete a conscientização de que reaproveitar é dar vida de forma criativa e econômica.

A sustentabilidade ecológica é necessidade da vida no planeta terra, significando que se deve preservar os recursos naturais para poder utilizá-los no futuro. Por isso encontrar meios alternativos respeitando a natureza é a melhor maneira de garantir que tudo se mantenha em ordem, é preciso aplicar a sustentabilidade no dia a dia. Ou seja, a sustentabilidade ecológica é um ciclo de uso da matéria prima encontrada na Terra, utilizar os recursos de hoje pensando no dia de amanhã.

A sociedade tem papel fundamental na intervenção e cultura da vida terrena e precisa entender que para preservar as nações futuras temos de iniciar a preservação hoje, para garantir que os recursos naturais permaneçam, e assim a raça humana pode continuar a viver, todos lutando juntos e construindo um futuro mais seguro e mais colorido.

REFERÊNCIAS

EBERSPACHER, Gisele. **Portas com preenchimento de baixa densidade são alternativa sustentável.** Disponível em : Atitude Sustentável "www.atitudesustentavel.com.br" / Acesso em 15 de maio de 2015

ECOD, Redação. **Possibilidades de uso para os pneus reciclados.** Disponível em : EcoD "www.ecodesenvolvimento.org" / Acesso em 23 de junho de 2015

OELKE, Orivaldo João. **O que é um pallet e para que serve?** Disponível em : Portal Metálica Construção Civil "www.metalica.com.br" / Acesso em 15 de maio de 2015.

NEDER, Lúvia. **Pallets e caixas de frutas estimulam decoração de olho na sustentabilidade.** Disponível em : O Globo "www.oglobo.com" / Acesso em 22 de agosto de 2015.

STAMPF, Míriam. **Vantagens e desvantagens do cultivo hidropônico na horta.** Disponível em : Faz fácil "www.fazfacil.com.br" / Acesso em 22 de agosto de 2015.

Redação Ciclovivo. **Estufa móvel é ideal para plantio hidropônico em cidades.**

Disponível em: <http://ciclovivo.com.br/noticia/estufa-movel-e-ideal-para-plantio-hidroponico-em-cidades> Acesso em: 8 abril de 2015

Tudohidro. **Hidropônia em casa, como fazer?**

Disponível em: <http://tudohidroponia.net/hidroponia-em-casa-como-fazer/>
Acesso em: 8 abril de 2015

Tudohidro. **O que é Hidropônia?.**

Disponível em: <http://tudohidroponia.net/o-que-e-hidroponia/>
Acesso em: 8 abril de 2015

FURLANI, P.R.; SILVEIRA, L.C.P.; BOLONHEZI, D.; FAQUIN, V. Cultivo hidropônico de plantas. Campinas: Instituto Agronômico, 1999. 5p. **História da Hidropônia.**

Disponível em: <http://tudohidroponia.net/historia-da-hidroponia/>
Acesso em: 8 abril de 2015

Atitudes Sustentáveis. **Sustentabilidade ecológica.**

Disponível em: <http://www.atitudessustentaveis.com.br/artigos/sustentabilidade-ecologica/>
Acesso em: 12 agosto de 2015

O USO DA WEB COMO FERRAMENTA INTERATIVA EM SALA DE AULA NO ENSINO SUPERIOR

RESUMO

O objetivo deste estudo é promover uma reflexão do uso da WEB como ferramenta de ensino e aprendizagem em sala de aula no ensino superior. É notório a utilização da tecnologia na área educacional, tendo em vista a diminuição de custos referentes ao material impresso, a rapidez na comunicação entre educador e educandos e a comodidade de oferecer ferramentas assíncronas.; por estes motivos este estudo se justifica. A fundamentação teórica ocorreu à luz de Silva (1998) e Delors; Eufrásio, 1998.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação, Tecnologia, Web, Ferramentas e Educação.

ABSTRACT

The aim of this study is to promote a discussion of the use of the web as a teaching and learning tool in the classroom in higher education. It is well known the use of technology in education, with a view to reducing costs related to printed material, the speed of communication between teacher and students and offer the convenience of asynchronous tools .; For these reasons this study is justified. The theoretical foundation was the light of Silva (1998) and Delors; Eufrásio 1998.

KEY-WORDS: Communication, Technology, Web, Tools and Education.

INTRODUÇÃO:

Tendo em vista que o panorama educacional atual do Brasil, que mostra que o desinteresse pela escola, a necessidade de trabalhar, a dificuldade de acesso à escola dentre outros motivos, grande parte dos jovens não conclui o ensino médio.

Dados do Censo da Educação Superior divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep) mostram que o crescimento do número de matrículas foi inferior em relação ao censo anterior. No ano passado, no entanto, mais de 7,3 milhões de pessoas ingressaram no ensino superior, o que corresponde a um aumento de 3,8% na comparação com 2012. O panorama aponta também que diminuiu o número de formandos, a primeira queda foi em 2003.

Será o mesmo desinteresse entre os alunos do ensino médio e na graduação? A proporção de alunos que terminam a faculdade em relação aos que entram é de 36% e o índice tem retraído nos últimos cinco anos.

Este estudo tem como objetivo relatar que o uso de ferramentas da web em sala de aula pode aproximar o educador do educando. Os aplicativos de internet se tornam fortes aliados para pesquisas, informações, interatividade entre tantos outros benefícios.

O ser humano, desde o início de sua história, tem a necessidade de se manter ativo, descobrir e entender o novo, por meio de signos, e a tecnologia tem possibilitado ampliar esses significados. Estudiosos afirmam que a troca interativa de informações das novas mídias e a distribuição em massa de dados tem propiciado maior comunicação e entendimento do meio. A partir daí esta pesquisa começa a ganhar corpo para comprovar o quanto a tecnologia e os meios digitais de comunicação e interação podem transformar a realidade em sala de aula.

1. AVANÇOS DA WEB

A necessidade do homem em se manter conectado com o novo vem desde os primórdios. Já no século XV a humanidade iniciou o processo de mutação com seu meio, devido a interconexão globalizada, bem como as revoluções marcantes na história política, econômica e das comunicações na época. Inicia-se o fenômeno das transformações. Foi no fim da idade média em que os seres humanos conheceram a Revolução Industrial e a partir daí houve uma mudança de comportamento, onde obrigou as pessoas a se adaptarem com o novo, apresentado na metade do século XX.

Com a automatização destas últimas operações graças à informática, o trabalho humano tende a desloca-se cada vez mais para o “inautomatizável”, ou seja, a criatividade, a iniciativa a coordenação e a relação”... “A revolução demográfica é uma dimensão capital do processo de metamorfose em curso”... “A quintuplicação, ou mais, da população somente no século XX, representa, sobre todos os aspectos, um acontecimento excepcional da aventura humana. Esta explosão demográfica foi acompanhada pelo desenvolvimento, também extraordinário, das migrações sazonais ou temporárias, dos deslocamentos de população e da mobilidade humana em geral. (SILVA, 1998, p. 39)

Partindo desta teoria, o filósofo Pierre Lévy relaciona o desenvolvimento da comunicação paralelo aos transportes, por exemplo, o transporte físico pela transmissão de mensagens; o telegráfo e o avanço das ferrovias; o automóvel e o telefone; bem como o rádio, a televisão, os satélites, os computadores e os ciber espaços.

O telefone móvel, o computador portátil, a conexão sem fio à internet, em breve generalizados, mostram que o crescimento da mobilidade física é indissociável do aperfeiçoamento das comunicações. (SILVA, 1998, p.39)

Apesar dos avanços históricos, ainda nem todos os usufruem na atualidade. Sendo assim, a educação pode ou deveria levar às escolas da rede municipal, estadual ou particular disserí-los os meios e mídias à grade curricular, utilizando mecanismo de forma a tornar as reconexões mais próximas dos alunos que as frequentam. No entanto, o ensino no Brasil tem se mostrado estagnado à nova realidade, o que quer dizer pouco desenvolvimento enquanto, assim como no período da Idade Média, o homem deixava sua zona de conforto para acompanhar os recomeços da Revolução Industrial.

Jacques Delors e José Carlos Eufrásio, no livro “Educação: um tesouro a descobrir” lamentam o insucesso escolar praticado no país e o classifica como “irreversível”, dando origem à marginalização e a exclusão social.

O universo escolar tem se tornado desgastante às novas gerações. Na era digital, é preciso que os alunos em questão sejam motivados ao ensino, ao conteúdo e as disciplinas impostas pela grade curricular.

Por isso é necessário que os sistemas educativos se adaptem a essas novas exigências: trata-se, antes de mais nada, de repensar e ligar entre si as diferentes sequências educativas, de as ordenar de maneira diferente, de organizar as transições e diversificar os percursos educativos. Assim se escapará ao dilema que marcou profundamente as políticas de educação: selecionar multiplicando o insucesso escolar e o risco de exclusão, ou nivelar, por baixo, uniformizando os cursos, em detrimento da promoção dos talentos individuais. (DELORS; EUFRÁSIO, 1998, p. 16)

Para dinamizar esta realidade, novos recursos podem ser utilizados pelos professores, tais como as ferramentas de web.

De acordo com reportagem “Número de usuários de internet aumenta 11% em um ano no país”, publicada pela revista Exame, da editora Abril, em 1º de novembro de 2012, o número de internautas tem saltado significadamente de um ano para o outro.

O número de usuários ativos de Internet em domicílios continua a crescer no Brasil, segundo o Ibope Nielsen Online. Do total de 67,8 milhões de pessoas com acesso em casa, 42,1 milhões foram usuários ativos em setembro. Em relação ao mês anterior, o crescimento foi de 1,4%; e de 11% sobre os 37,9 milhões de setembro de 2011. Usuário ativo é a pessoa com dois anos ou mais de idade que usou pelo menos uma vez em setembro o computador com Internet.

Os dados ganham ainda mais força ao considerar o público jovem (de 15 a 24 anos) com acesso a internet já ultrapassa a casa dos 20 milhões, sendo que 80% deles mantêm perfil em redes sociais, de acordo com Claudia Tozetto, do portal IG São Paulo, de outubro de 2013.

Uma pesquisa recente, divulgada pelo portal Aprendiz, do Uol, afirma que a web pode ser utilizada para criar uma interatividade entre alunos e professores, inclusive em sala de aula, mantendo-se conectados às mídias. “O uso da Internet para o aprendizado é uma realidade. A pesquisa mostra que os jovens têm mais facilidade para realizar trabalhos escolares e atividades propostas em sala de aula”. a diretora presidente da Fundação Telefônica Vivo, Gabriella Bighetti.

E essa tese é reconhecida pelos próprios alunos. Para 70% dos jovens, o bom professor entende de internet e tecnologia, segundo pesquisa realizada pelo Ibope (Instituto Brasileiro de Pesquisas e Estatísticas) e pelo Instituto Paulo Montenegro. “Somente 2% dos professores usam a internet em sala de aula”, Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br).

1.1 .WEB 2.0

Mas a promessa era de mudança com a chegada da Web 2.0, nome dado à segunda geração de serviços que são ofertados pela internet graças ao avanço da tecnologia. A Web 2.0 considerada por vários especialistas como uma revolução na rede mundial de computadores e por outros como apenas uma mera evolução, integra vários recursos e ferramentas que facilitam e muito os trabalhos educacionais.

Criada em 2004 pela empresa americana O’Reilly Media, essa tendência fortaleceu o uso de aplicativos, o que fez aumentar a quantidade de informações que constam na rede.

Estamos falando de dinamismo e por isso, já que os adeptos têm aumentado em instantes, a importância de levá-los (mecanismos) para sala de aula. Porém quem se animou com a Web 2.0, ainda precisa se interar da Web 3.0. Nada mais é do que a terceira geração dos adeptos à internet, mas com a evolução mais personalizada do seu público.

No entanto, é indispensável a preparação dos educadores para que o uso das ferramentas da web seja dosado corretamente, para que o educando não perca o censo crítico e o prazer de trabalhar ativamente os projetos e disciplinas práticas.

As ferramentas que podem ser utilizadas em sala de aula são:

- DropBox: acesso aos arquivos do Google Docs e PDFs.
- Google Drive: Acesso a arquivos como vídeos, fotos e documentos em geral do Google Docs.
- ISSUU: Simula um livro ou revista digital.
- INFOGR.AM: permite infográficos interativos.
- Wordpress: criar um site com layout pré-definido.
- Edcanvas: utilizada para organizar ideias e conteúdos.
- KeepVid: ferramenta para baixar vídeos do Youtube, por exemplo.
- Go! Animate: animação e histórias em quadrinhos.
- Prezi: slides criativos
- SlideShare: compartilhamento de apresentações.
- Record MP3: gravação e compartilhamento de áudio.
- Paper.li: conteúdo em forma de revista.
- Gloster EDU: expressão criativa de conhecimentos e habilidades dentro e fora da sala de aula.
- ANIMOTO: permite criar vídeos usando imagens e sons salvos no computador
- SurveyMonkey: criação e aplicação de questionários.

1.2. USO DAS FERRAMENTAS E O PROFESSOR

Para comprovar o que proposto inicialmente, quanto ao uso da web em sala de aula, optamos em realizada de forma ilustrativa uma pesquisa exploratória de cunho bibliográfico, no qual foi elaborado um questionário, com três perguntas fechadas e uma aberta, para os professores do curso de pós-graduação em Educomunicação da Fatea (Faculdades Integradas Teresa D'Avila), Lorena, São Paulo. Optou-se em deixar uma questão de forma aberta para que os professores pudessem passar suas experiências em sala de aula com o uso de novas ferramentas. Diante disso avaliamos que de uma maneira geral que o uso da web em sala de aula é observado por todos como uma forma de criar uma interação e participação efetiva dos alunos:

O questionário foi encaminhado, via e-mail, para os sete professores do curso, no qual apenas dois não responderam. Os professores entrevistado estão nomeados por números.

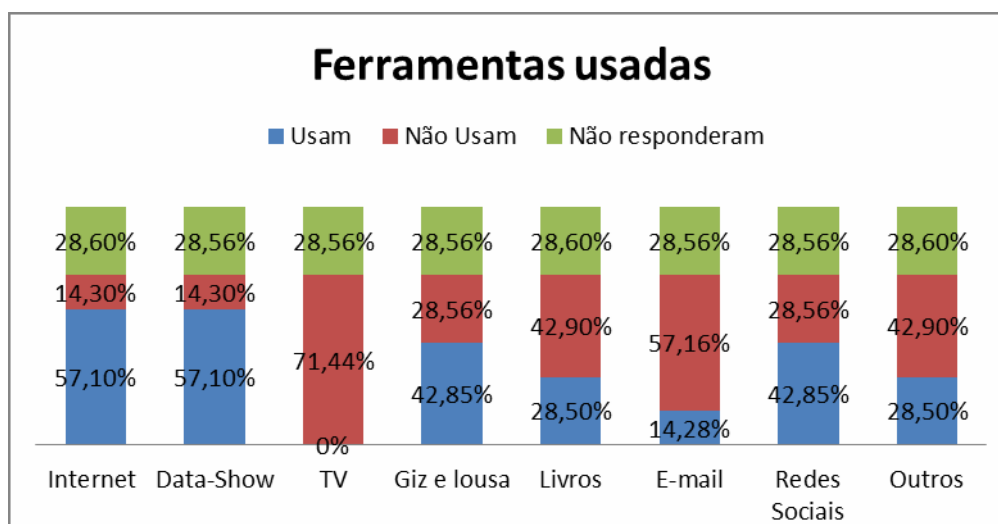
1.3. ANALISE DOS DADOS

Questão um - Você acredita no potencial transformador do uso da tecnologia e novas mídias em sala de aula?



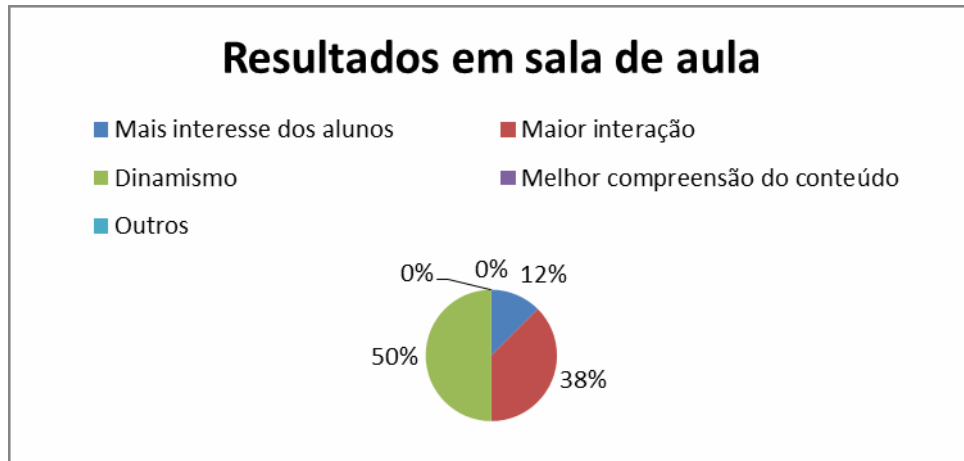
Ficou comprovado pela análise deste gráfico que 100% dos professores entrevistados acreditam que o uso da web tem o poder transformador em sala de aula.

Questão dois - Qual ferramenta você utiliza?



Nesta questão foram oferecidas ferramentas de web e uso tradicional em sala de aula para avaliar a opção do professor. Isto comprova uma mescla entre o uso de ferramentas tecnológicas como internet e o data show que despontaram como opções mais utilizadas em 50% dos casos. Porém ainda o recurso TV é a primeira opção para 70% dos entrevistados.

Questão três - Quando utiliza essas ferramentas, você observa:



É perceptível que nesta questão em que se discute os resultados quanto o professor utiliza as ferramentas de web em sala de aula, que 50% dos entrevistados observam que a aula ganha dinamismo e para 38% há assim uma maior interação.

Questão Quatro - “Qual retorno concreto ao introduzir essas ferramentas em aula?”,

Professor 1 – “Facilidade de compreensão e interação com os alunos”;

Professor 2 – “O aluno ao invés de copiar, ele presta a atenção”;

Professor 3 – “Percebe-se que com essa inserção em utilizar os meios de comunicação no dia a dia em sala de aula proporciona o enriquecimento do conteúdo. A atividade passa a ser significativa e com a efetiva participação na realização dos exercícios propostos, que são próximos da realidade dos alunos (não tornando-os como algo obrigatório, "chato", "massante"; e sim como algo prazeroso, instigante, fazendo a busca por mais e mais informações), torna-os autônomos e conscientes”;

Professor 4 – “O conteúdo se torna mais claro e objetivo, por mostrar vários exemplos, simulações, etc”;

Professor 5 – “Poder oferecer uma quantidade maior de material de referência aos alunos em diversos suportes (vídeo, áudio e texto) que podem ser acessado de modo rápido, pessoal e sem acumular material físico, além de poder relacioná-los com outras fontes de pesquisa (links) e permitir um aprofundamento acadêmico e prático com mais autonomia por parte dos alunos”.

Com esta questão aberta é possível afirmar que o dinamismo e interatividade são pontos destacados pelos professores, quando questionados sobre o retorno dos alunos ao utilizarem de novas tecnologias em sala de aula. A possibilidade de ampliar os conteúdos pesquisados criando vários pontos de vistas, a partir de um tema central foi citada pelos entrevistados.

1.4. DIAGNÓSTICO DA PESQUISA

Esta pesquisa reforça o que já foi proposto. O uso da web como ferramenta em sala de aula no ensino superior é de potencial importância. Visto isto na primeira questão quando 100% dos professores entrevistados apontam no potencial transformador que o uso da tecnologia e novas mídias oferecem em sala de aula.

O uso da internet é o comum entre os entrevistados, no qual 50% utiliza de alguma maneira, a rede para aprimorar o estudo e dinamizar as aulas.

Por fim, ficou claro que o uso das tecnologias dinamizam as aulas e aproximam o aluno do professor. A nova era digital obriga que os docentes estejam antenados com as novas ferramentas, já que os alunos em sua grande maioria respiraram este novo ar tecnológico. Por isso, podemos concluir efetivamente a pesquisa pela fala do professor 3, na quinta questão, que apontou a inserção dos meios tecnológicos no dia a dia em sala de aula como um mecanismo de enriquecimento do conteúdo, no qual deixa a atividade mais significativa, participativa e mais próxima da realidade dos alunos.

1.5. E A EDUCAÇÃO À DISTANCIA

Surgindo como um facilitador na interação aluno- professor as ferramentas de Web podem ser o grande canal de ensino aprendizagem, utilizados por alunos que optaram com cursos oriundos da modalidade de ensino a distância, o conhecido EaD.

A EaD é o tipo de aprendizagem em que o aluno e o professor estão separados fisicamente, o que a distingue do ensino presencial. Em EaD, ocorre uma separação geográfica e espacial entre o aluno e o professor, e mesmo entre os próprios alunos, ou seja, eles não estão presentes no mesmo lugar. (VALENTE e MATTAR, 2008).

Os nossos computadores estão migrando para a web, e os professores, alunos e instituições precisam entrar nesse novo mundo. Com a correria do dia a dia, onde ficamos cada vez mais horas no trabalho, seja em qualquer área de conhecimento, a opção por cursos técnicos, tecnólogos, graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado e de línguas cresce a cada ano. Uma reportagem da Revista Exame on-line intitulada “Ensino a distância no Brasil pode dobrar em 5 anos” é o reflexo deste crescimento e o uso das ferramentas de web caminham nesta mesma proporção, já que os alunos utilizam diretamente ferramentas da rede para dar prosseguimento ao estudo.

Os dados do Censo da Educação Superior mostraram que o EaD no Brasil encerrou 2012 com 1,2 milhão de alunos matriculados, ante um total de 7 milhões do sistema total.

“A modalidade ganhou força com a popularização da banda larga no país, e agora uma nova geração de jovens nascidos em um ambiente cem por cento digital abre novas perspectivas” (SCHINCARIOL, 2014)

Seja pelo uso das plataformas digitais oferecida pela instituição de ensino ou por ferramentas propostas pelos docentes, a Web é o principal elo entre o aluno e o professor que está a quilômetros de distância, levando conhecimento em vários cantos do mundo em apenas um clique.

Algumas das principais tecnologias utilizadas nos cursos de EaD são: AVA (Ambientes Virtuais de Aprendizagem), Vídeo Aula, Áudio e Vídeo Conferência, Chats e Fóruns, Bibliotecas virtuais, e agora as tão utilizadas redes sociais como o facebook.

A utilização destas tecnologias e os métodos de ensino utilizados na EaD possibilitam a troca de experiências entre os alunos, professores e tutores. Para os alunos o uso destes recursos tecnológicos trás a possibilidade de buscar informações por conta própria, desenvolvendo a autonomia. O aluno cria sua rotina de trabalho, ou seja, tem a comodidade de assistir às aulas, realizar atividades, contribuir com coletas, esclarecer dúvidas e consultar materiais de estudo em qualquer horário e lugar. Para os professores a utilização destas ferramentas deixam as dinâmicas e as mesmas ficam disponíveis para qualquer aluno que desejar acessá-las novamente, com isso, aqueles que perderam alguma aula ou não entenderam algum conteúdo poderão revisá-los quando necessário.

Enfim, a tecnologia só vem reforçar o aprendizado, seja o tradicional, em sala de aula presencial como o a distância.

1.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as pesquisas bibliográficas e análise da pesquisa realizada, podemos concluir que o uso das ferramentas da web em sala de aula, são indispensáveis para deixar o dia a dia escolar mais dinâmico, atrativo e interativo. Chamar a atenção do aluno se tornou um desafio a ser vencido pelos educandos. No entanto, é preciso dedicação e investimentos para efetivo resultado, tanto às escolas, universidades e instituições de ensino – ao trabalharem com laboratórios e equipamentos tecnológicos - como aos professores – que ainda engatinham quanto à capacitação profissional.

O uso da internet já está inserido no contexto social do aluno.

O educador precisa conseguir ao menos identificar a maneira como um conteúdo pode e deve ser trabalhado para se tornar atrativo e enxergar os ganhos na grade curricular. Lidar com tecnologia e ferramentas da internet é falar a mesma língua com os estudantes que hoje vivenciam a era digital.

Não se atualizar e se capacitar o profissional, em curto prazo, vai estar aquém das exigências do mercado, enquanto as instituições de ensino ainda têm de entender que a educação precisa ganhar nova forma para acompanhar as gerações futuras em igual ritmo.

Apesar do desempenho de alguns, a maioria ainda sofre com a falta de investimentos e incentivos do próprio governo federal. É desanimador encontrarmos salas de aula sem carteiras e lousa. O uso das ferramentas citadas neste artigo parece estar longe da educação ideal que sonhamos para o futuro do país.

Sendo assim, é necessário fazer um bom uso das novas tecnologias para que o resultado final seja satisfatório e não frustrante, tanto para o educador quanto para o educando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIARINI FILHO, Antonio Roberto. Aprender e ensinar linguagens no universo da tecnologia. Editora Plêiad, série Comunicação na Contemporaneidade, São Paulo, 2012.

DELORS, Jacques e **EUFRÁSIO**, José Carlos. Educação: um tesouro a descobrir, São Paulo: Cortez, 1998.

GABRIEL, Martha. Marketing na era digital: conceitos, plataformas e estratégias. São Paulo: Novatec Editora Ltda, 2010.

SANTAELLA, Lucia. Cultura das Mídias. São Paulo: Experimento, 2003.

SILVA, Juremir Machado da, A revolução Contemporânea em Matéria de Comunicação, Revista FAMECOS, Porto Alegre, 1998. Páginas de 37 a 49.

SCHINCARIOL, Juliana. “Ensino a distância no Brasil pode dobrar em 5 anos”. São Paulo: Abril, 2014. Revista Exame on line, disponível em <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/ensino-a-distancia-no-brasil-pode-dobrar-em-5-anos>. Acesso em 02/06/2014.

VALENTE, C.; **MATTAR**, J. Second Life e Web 2.0 na educação: potencial revolucionário das novas tecnologias. São Paulo: Novatec, 2008.

IDOSO INSTITUCIONALIZADO- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM.

RESUMO

Tendo em vista o crescimento da população idosa atualmente no País e os desafios e dificuldades trazidos com essa fase, muitas famílias buscam a Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), como uma alternativa viável. A ILPI é uma moradia especializada, cujas funções básicas são proporcionar assistência gerontogeriatrica, conforme a necessidade de seus residentes. Este trabalho tem por objetivo conhecer a produção relacionada ao papel do enfermeiro na assistência ao idoso institucionalizado. Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, do tipo revisão bibliográfica com abordagem qualitativa. Como resultados foram encontrados 20 artigos relacionados à busca empreendida, embora apenas dez atendessem aos critérios de inclusão, com isso podemos perceber que o cuidar envolve não somente o “ser profissional”, mas o “ser humano”, é necessário então uma assistência qualificada e apoio total do enfermeiro para que o idoso viva essa fase do envelhecimento com qualidade, sem a perda de seus valores.

Palavras-chave: Enfermagem; Cuidados de Enfermagem, Idoso, ILPI.

ABSTRACT

Given the growth of the elderly population currently in the country and the challenges and difficulties brought by this stage, many families seek the institution for the aged (ilpi) as a viable alternative. Ilpi is a specialized housing, whose basic functions are to provide geriatric care, as the need for its residents. This work aims to understand the production related to the role of nurses in the care of institutionalized elderly. It is an exploratory and descriptive study, the type literature review with qualitative approach. as results were found 20 articles related to the undertaken search, although only ten met the inclusion criteria, with this we can see that the care involves not only "be professional", but the "human being", then you need a qualified assistance and total support nurse for the elderly living this aging phase with quality, without losing their values

Key-words: Nursing; Nursing care, Elderly, ILPI.

INTRODUÇÃO

O aumento da proporção de idosos na população é um fenômeno mundial tão profundo que muitos chamam de "revolução demográfica". No último meio século, a expectativa de vida aumentou em cerca de 20 anos. Se considerarmos os últimos dois séculos, ela quase dobrou, e de acordo com algumas pesquisas, esse processo pode estar longe do fim.

Estima-se que essa população esteja, além dos 17 milhões de habitantes, ocupando destaque entre as dez maiores populações envelhecidas do mundo. A população brasileira ultrapassa os 180 milhões de habitantes e, destes, mais de 9% têm 60 anos ou mais. As projeções demográficas para o ano de 2025 indicam uma população de 32 milhões de idosos, representando quase 15% da população total brasileira. As estimativas apontam ainda que, de 1990 a 2025, a população idosa crescerá 2,4% ao ano, contra 1,3% de crescimento anual da população total (SILVA, SANTOS, 2010).

O envelhecimento é considerado como um processo cumulativo, que se torna irreversível, universal, não-patológico, onde ocorre uma deterioração do organismo maduro, podendo incapacitar o indivíduo a desenvolver algumas atividades. Assim, refere que a velhice não significa doença e muitas pessoas conservam a saúde até a idade avançada (TIER, FONTANA, SOARES, 2004-2005). A lei 8.842/94 e o Estatuto dos Idosos 2004 consideram

idosa, a pessoa que se encontra na faixa etária a partir de 60 anos.

A fragilização no processo de envelhecimento podem acarretar em diversos fatores biológicos, psicológicos e sociais que levam o idoso a um estado de maior vulnerabilidade e ao maior risco de declínio funcional, sofrer quedas, hospitalização e morte (LISBOA, CHIANCA, 2012).

Sendo assim, em consequência das alterações que ocorrem no processo de envelhecimento populacional, somada à diminuição gradativa na capacidade da família em prestar os cuidados necessários aos seus membros idosos, a redução da fecundidade, as mudanças na nupcialidade e a crescente participação da mulher – tradicional cuidadora – no mercado de trabalho, requer que o Estado e o mercado privado dividam com a família as responsabilidades no cuidado com a população idosa. (CAMARANO, KANSOS, 2010).

Com isso ocorre um aumento na demanda das pessoas por Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Para poder atender todas as necessidades dos idosos, as instituições precisam adaptar seu ambiente físico, ter equipamentos de apoio, programas adequados ao atendimento realizado e plano de trabalho a ser executado por profissionais qualificados. (LENARDT, 2006).

Sua origem está ligada aos asilos, inicialmente dirigidos à população carente que necessitava de abrigo, frutos da caridade cristã diante da ausência de políticas públicas. Na literatura existem muitas denominações para ILPIs, entretanto para a Anvisa, ILPIs são instituições governamentais ou não-governamentais, de caráter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania (CAMARANO, KANSOS, 2010).

A Portaria nº 810/1989 foi a primeira a definir as Normas e Padrões de Funcionamento de Casas de Repouso, Clínicas Geriátricas e outras instituições para idosos. Ela define como deve ser a organização da instituição, a área física, as instalações e os recursos humanos (ARAÚJO, SOUZA E FARO, 2010).

A Anvisa estabeleceu a partir da resolução nº 283, de 26 de setembro de 2005, ao Regulamento técnico para o funcionamento das instituições de longa permanência para idosos, foram estabelecidos três modalidades a I destinada a pessoas idosas independentes, mesmo que requeiram uso de equipamentos de autoajuda, modalidade II destinada a pessoas idosas com dependência funcional em qualquer atividade de autocuidado como alimentação, mobilidade, higiene e que necessitem de auxílios e cuidados específicos e a III destinada a pessoas idosas com dependência que requeiram assistência total, com cuidados específicos, nas atividades de vida diária (LOPES, 2008).

Dentre essas modalidades elas podem receber o nome de abrigo, asilo, casa-lar, casa de repouso ou república, podem ser públicas privadas ou filantrópicas, de pequeno porte que atende até 15 idosos, médio porte que atende de 16 a 49 vagas e de grande porte que dispõe de 50 vagas ou mais para prestar assistência aos idosos.

Toda instituição deve manter um prontuário médico para cada idoso, onde devem constar todas as informações sobre seu estado de saúde. Nesse prontuário as informações devem estar descritas de forma clara e precisa atualizadas, assinadas e datadas pelo profissional que realizou o atendimento. Os responsáveis pela ILPI também devem garantir que os idosos residentes tenham acesso às vacinas obrigatórias de acordo com a legislação vigente.

A ILPI assume papel de uma nova família, e para muitos, a única, a que mantém laços afetivos. As vivências das pessoas idosas se dão de forma diferente daquelas que ocorrem no seio familiar, porém dependendo de como a função é desempenhada, torna-se igualmente significativa.

O enfermeiro é um dos trabalhadores inseridos no contexto da multidisciplinaridade na ILPI. Ele desenvolve suas atividades com a pessoa idosa, por meio de um processo de cuidar

que consiste em olhar essa pessoa, considerando os aspectos biopsicossociais e espirituais vivenciados por ela e por sua família.

O profissional deve conhecer o processo de envelhecimento para: determinar ações que possam atender integralmente as necessidades expressas e não expressas do idoso residente, tentando manter ao máximo os princípios de autonomia e independência; capacitar a equipe de enfermagem a fim de habilitá-los a executar as ações do cuidado à pessoa idosa com sensibilidade, segurança, maturidade e responsabilidade.

Quando o enfermeiro atua junto à pessoa idosa residente em uma ILPI, esse trabalhador tem condições de tornar esse cuidado/atendimento/assistência mais humanizado, acolhedor, avaliativo, integral, podendo contribuir para melhoria da qualidade de vida do idoso institucionalizado. (LOPES, 2008).

A participação de profissionais de saúde na assistência ao idoso institucionalizado auxilia na limitação da capacidade do idoso, pois o enfermeiro almeja a recuperação precoce e previne a evolução da perda funcional. A avaliação do enfermeiro é um instrumento necessário e prático para a implementação de ações terapêuticas e avaliativas que visem promover a qualidade de vida do idoso institucionalizado.

Faz-se imprescindível a capacitação dos futuros trabalhadores da enfermagem, por meio de programas de treinamento específicos para o cuidado ao idoso. Além da necessidade das instituições de ensino proporcionar aos acadêmicos, disciplinas voltadas ao envelhecimento, para que futuramente os mesmos ofereçam um cuidado diferenciado e individualizado, que possa ser utilizado como ferramenta de enfrentamento ao abandono (SOUZA, et al 2012).

OBJETIVO

Identificar qual o papel do enfermeiro na assistência ao idoso institucionalizado.

JUSTIFICATIVA

Tendo em vista que se trata de um tema de muita importância, pois a população de idosos se expandiu gradativamente, necessitando de cuidados especializados que se adequam a suas características e necessidades. Além disso, a pesquisa poderá subsidiar e auxiliar com seus resultados, os enfermeiros que trabalham ou pretendem assistir idosos institucionalizados.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, do tipo revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa.

A amostra foi composta por artigos publicados e disponíveis na íntegra, em português, entre 2004-2015.

Os dados foram coletados pela pesquisadora por meio de busca nas bases eletrônicas de dados Pubmed, Lilacs, Dedalus, Bireme e Scielo utilizando os descritores enfermagem, Instituição de Longa Permanência, idoso, cuidados de Enfermagem.

Foram critérios de exclusão, a falta do artigo na íntegra online e a completa ausência dos descritores citados anteriormente.

Os artigos foram lidos e examinados. Aqueles que atendiam aos objetivos propostos foram incluídos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 20 artigos relacionados à busca empreendida, embora apenas 10 atendessem aos critérios de inclusão, apresentados a seguir:

Tabela 01: Artigos referentes ao tema.

Título	Autor	Ano
Avaliação do grau de independência de idosos residentes em instituições de longa permanência	Maria Odete Pereira Hidalgo de Araújo, Maria Filomena Ceolim.	2006
As instituições de longa permanência para idosos no Brasil.	Ana Amélia Camarano e Solange Kanso.	2010
Diagnostico de enfermagem em idosos de instituição de longa permanência.	Daniel Nunes de Oliveira, Terezinha de Fatima Gorreis, Marion Creutzberg, Beatriz Regina Lara dos Santos.	2008
O idoso institucionalizado e a cultura de cuidados profissionais.	Maria Helena Lenardt, Mariluci Haustsh Willig, Scheilla Cristina da Silva, Adriano Yoshio Schimbo, Ana Elisa Casara Tallmann e Glauca Harume Maruo.	2006
Situação de saúde e grau de dependência de pessoas idosas institucionalizadas	Marinês Aires, Adriana Aparecida Paz, Cleci Terezinha Perosa.	2009
Proposta de um instrumento de avaliação da saúde do idoso institucionalizado baseado no conceito do conjunto de dados essenciais em enfermagem.	Rita de Cássia Ribeiro, Rita de Cássia Ribeiroi, Heimar de Fatima Marini.	2009
Refletindo sobre idosos institucionalizados.	Cenir Gonçalves Tier, Rosane Teresinha Fontana, Narciso Vieira Soares.	2004

O papel do enfermeiro na instituição de longa permanência para idosos.	Silvana Sidney Costa Santos, Bárbara Tarouco da Silva, Edison Luiz Devos Barlem, Russilene da Silva Lopes.	2008
A instituição de longa permanência para idosos e o sistema de saúde.	Marion Creutzberg, Lúcia Hisako Takase Gonçalves, Emil Albert Sobottka, Beatriz Sebben Ojeda.	2007
Trajetória das instituições de longa permanência para idosos no Brasil.	Claudia Lysia de Oliveira Araujo Luciana Aparecida de Souza Ana Cristina Mancussi e Faro.	2010

Fonte: O autor.

Segundo Kanso (2010) a redução da fecundidade, as mudanças na nupcialidade e a crescente participação da mulher – tradicional cuidadora – no mercado de trabalho. Requer que o Estado e o mercado privado dividam com a família as responsabilidades no cuidado com a população idosa. Diante desse contexto, uma das alternativas de cuidados não-familiares existentes corresponde às instituições de longa permanência para idosos (ILPIs).

Soares (2004) compreende que na maioria das vezes, os idosos são asilados contra sua própria vontade, tornando-se, desta maneira uma espécie de “prisioneiros” da instituição. Grande parte dos familiares após a institucionalização de seu idoso, não retorna mais à instituição, para visitá-los, delegando os cuidados do idoso, a profissionais, muitas vezes, despreparados e desqualificados para a função.

Araújo (2010) afirma que o cuidar é um exercício constante, baseado nas necessidades do idoso, atender as demandas que vão surgindo no decorrer do processo de institucionalização e que necessitam ser aprendidas no enfrentamento do cotidiano e sendo orientadas por profissionais capacitados como o enfermeiro. O enfermeiro é fundamental no processo do cuidar e para uma melhor qualidade de vida no envelhecimento

Para Oliveira (2008) a institucionalização pode apresentar-se como uma opção em decorrência de múltiplos aspectos dentre os quais o abandono pela família, à falta de recursos financeiros, falta de parentes próximos, ausência de cuidadores e incapacidade física dos idosos. A presença do enfermeiro em ILPIs é obrigatória, refletindo diretamente na qualidade de assistência nas necessidades básicas do idoso.

Também se posicionou diante ao fato Lenardt (2006) em seu estudo que diz que a equipe necessariamente multiprofissional deve apoiar-se em atividades de cuidado, construindo um modelo em que resgate a dimensão da manutenção da capacidade funcional do idoso. A vigilância à saúde do idoso requer atenção e acompanhamento contínuos mediante as práticas de saúde promocionais, preventivas e curativas, combinando os saberes profissionais específicos da geriatria/gerontologia e os populares do idoso institucionalizado.

Já para Ceolim (2007) os cuidadores na instituição de longa permanência parecem não estimular as capacidades dos idosos ainda capazes de desenvolver as atividades básicas e

instrumentais da vida diária. O estímulo à autonomia e independência do idoso institucionalizado é condição para a manutenção da sua independência física e comportamental.

Segundo Ribeiro (2009) a elaboração de um instrumento de coleta de dados essenciais de enfermagem, com informações confiáveis, é uma ferramenta importante neste cenário, uma vez que o número de idosos no Brasil cresce vertiginosamente e as Instituições de longa permanência, se apresentam para o futuro como importante equipamento social de atenção a essa população.

Lopes (2008) retrata que o principal requisito para o enfermeiro que quer trabalhar em ILPI é conhecer o processo de envelhecimento para: determinar ações que possam atender integralmente as necessidades expressas e não expressas do idoso residente, tentando manter ao máximo os princípios de autonomia e independência; capacitar a equipe de enfermagem a fim de habilitá-los a executar as ações do cuidado à pessoa idosa com sensibilidade, segurança, maturidade e responsabilidade.

Segundo Creutzberg (2007) a equipe multidisciplinar se ocupa com os processos de atenção à saúde aos idosos institucionalizados, respondendo pelas demandas cotidianas de cuidado. Mesmo assim, a relação com os serviços de saúde é inevitável, uma vez que, em diversos momentos, há a necessidade de exames diagnósticos, referência a especialidades ou hospitalização. Em geral, somente nas situações de alterações do estado de saúde, os idosos são conduzidos aos serviços de saúde.

Diante do tema Aires (2009) afirma que o trabalho da enfermagem geronto-geriátrica nas ILPIs direciona-se para os cuidados específicos aos idosos, por meio de uma abordagem contextualizada e individualizada, considerando as múltiplas dimensões do processo de envelhecimento.

CONCLUSÃO

O crescimento da população idosa em nosso país é cada vez maior nos últimos tempos. Mediante os artigos estudados, observamos que muitos idosos são institucionalizados, necessitando serem assistidos integralmente. A fase do envelhecimento requer total atenção e cuidado da equipe multiprofissional em seu ambiente de trabalho, já que na maior parte das vezes, o idoso é institucionalizado contra a sua própria vontade.

A estrutura familiar vem se modificando ao longo dos tempos, com a introdução da mulher no mercado de trabalho, o fato da mesma optar por ter filhos mais tarde ou até mesmo não ter fez com que as famílias por não terem tempo, disposição para cuidar dos seus idosos acabam optando pela institucionalização.

Vale lembrar que O envelhecimento não é sinônimo de doenças pois muitos idosos chegam a terceira idade com um estado de saúde exemplar.

O cuidar envolve não somente o “ser profissional”, mas o “ser humano”, tratando o idoso não como uma pessoa qualquer, inválida; mas como alguém que já passou por todas as fases da sua vida e que hoje necessita de cuidados mais específicos, uma assistência qualificada e apoio total do enfermeiro para que ele viva essa fase do envelhecimento com qualidade, sem a perda de seus valores.

“Envelhecer é uma dádiva que deve ser encarada não como uma perda de habilidades,

mas como uma oportunidade para transmitir o conhecimento adquirido ao longo da vida.”. O enfermeiro tem papel fundamental na assistência ao idoso institucionalizado, pois ele atua desenvolvendo atividades que incentivem a autonomia e independência desse idoso, sempre respeitando suas características e individualidades. São realizados cuidados de maior complexidade e que exijam maior conhecimento científico, o enfermeiro atua em quatro funções distintas: administrativa/gerenciamento, cuidativa, educativa e ensino, pesquisa.

O processo de cuidar exige um olhar específico considerando os aspectos biopsicossociais, espirituais do idoso residente, sua família e amigos. Porém os profissionais em sua maioria não tem uma formação específica em gerontogeriatría, mais alegam possuir conhecimentos adquiridos ao longo dos anos d atuação na assistência aos idosos institucionalizados. Diante disso é necessária uma melhor capacitação dos futuros trabalhadores da enfermagem, por meio de programas de treinamento específicos para o cuidado ao idoso. Além da necessidade das instituições de ensino proporcionar aos acadêmicos, disciplinas voltadas ao envelhecimento, para que futuramente os mesmos ofereçam um cuidado diferenciado e individualizado, que possa ser utilizado como ferramenta de enfrentamento ao abandono.

REFERÊNCIAS:

AIRES, M; PAZ, A, A; PEROZA, T, L. **Situações de saúde e grau de dependência de pessoas idosas institucionalizadas.** Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS) 2009 set;30(3):492-9.

ARAÚJO, O, L, C; SOUZA, A, L; FARO, M,C,A. **Trajetória das instituições de longa permanência para idosos no Brasil** 2009.

CAMARANO, A, A; KANSOS, S. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. R. bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 233-235 jan./jun. 2010.

CEOLIM, F, M; ARAÚJO, H, P, O, M. **Avaliação do grau de independência de idosos residentes em instituições de longa permanência.** Rev Esc Enferm USP 2007; 41(3):378-85.

CREUTZBERG, M. et al. **A instituição de longa permanência para idoso e o sistema de saúde.** Rev Latino-am Enfermagem 2007 novembro-dezembro; 15(6)

LENARDT, H, L. et al. **O idoso institucionalizado e a cultura de cuidados profissionais.** Cogitare Enferm 2006 mai/ago; 11(2):117-23.

LOPES,R,S et al. **O papel do enfermeiro na instituição de longa permanência para idosos.** Rev enferm UFPE on line. 2008 jul./set.; 2(3):291-99

OLIVEIRA, D, N. et al. **Diagnósticos de enfermagem em idosos de instituição de longa permanência.** Revista Ciência & Saúde, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 57-63, jul./dez. 2008.

RIBEIRO, C, R; MARIN, F, H. **Proposta de um instrumento de avaliação da saúde do idoso institucionalizado baseado no conceito do conjunto de dados essenciais em enfermagem.** Rev Bras Enferm, Brasília 2009 mar-abril; 62(2): 204-12.

SILVA, T, B; SANTOS, C, S, S. **Cuidados aos idosos institucionalizados - opiniões do sujeito coletivo enfermeiro para 2026.** Acta paul. enferm. vol.23 no.6 São Paulo 2010.

TIER, C, G; FONTANA, R, T; SOARES, N, V. **Refletindo sobre idosos institucionalizados.** Rev Bras Enferm, Brasília (DF) 2004 maio/jun;57(3):332-5

COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA NA ESCOLA POR MEIO DA MÍDIA

RESUMO

Pensando no compromisso dos educadores em formar cidadãos ativos e inseridos socialmente, o projeto "Semana de mídia na escola" visa introduzir a tecnologia no cotidiano escolar, sobretudo a mídia, para gerar processos de comunicação que ultrapassem os limites da escola, tornando o ensino mais atrativo e fazendo com que o aluno desenvolva a habilidade de "aprender a aprender". Essa semana diferente tem por finalidade apresentar aos alunos os meios de comunicação, por meio do uso das TICs, promovendo construção de saberes e interação com o mundo em um universo infinito de possibilidades.

Palavras-chave: Tecnologia; comunicação; educação; mídia; projeto didático, TICs.

ABSTRACT

Thinking about the commitment of educators to form active citizens and inserted socially, the project "Media Week at school" aims to introduce the technology in everyday school life, especially the media, to generate communication processes that go beyond the school grounds, making education more attractive and causing the student develops the ability to "learn to learn". This different week aims to introduce students to the media, through the use of ICT, promoting construction of knowledge and interaction with the world in an infinite universe of possibilities.

Key-words: Technology; communication; education; media; instructional design, ICT.

INTRODUÇÃO

No mundo globalizado em que vivemos, a tecnologia todos os dias avança tão rapidamente que não conseguimos acompanhar esse ritmo frenético. Seja competição entre nações ou simplesmente o mundo evoluindo, o fato é que tivemos que adaptar nossas vidas aos avanços tecnológicos.

Nas mais diversas áreas, percebe-se o uso das tecnologias da informação e comunicação e da mídia. Mas a maioria das pessoas ainda luta para que essa adaptação aconteça, pois muito se ouve falar, porém pouco as pessoas sabem o que de fato elas são e como funcionam. Quem não se adéqua, acaba por marginalizar-se nessa sociedade da informação.

Os educadores têm o dever de formar cidadãos ativos, inseridos socialmente. Por isso, a educação deve introduzir a tecnologia no cotidiano escolar, sobretudo a mídia, por seu potencial de gerar e de integrar informações para processos de comunicação que ultrapassem os limites das salas de aula. Assim, o ensino torna-se mais eficaz e estimulante, fazendo com que o aluno desenvolva a habilidade de "aprender a aprender".

O projeto aqui proposto visa à promoção da "Semana da mídia na escola" para que os alunos conheçam esses meios de comunicação, fazendo uso das TICs para construção de saberes e interação com o mundo. Dessa forma, por meio da "semana da mídia na escola" pretende-se esclarecer dúvidas sobre o que é mídia e para o que ela serve, propiciando aos alunos uma vivência nesse universo infinito de possibilidades.

Associar tecnologia ao ensino para melhorar a comunicação se faz necessário não só para atender a demanda social e a inclusão do indivíduo, mas, também, para formação de profissionais competentes capazes de colaborar para desenvolvimento do Brasil no cenário mundial.

1. A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

O Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil foi tomado como base para a construção deste item. Este texto, produzido e disponibilizado eletronicamente pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, “aponta uma proposta inicial de ações concretas, composta de planejamento, orçamento, execução e acompanhamento específicos do Programa Sociedade da Informação”, conforme informações do próprio site do Ministério. Dois capítulos nos foram particularmente úteis: o capítulo III, que trata da universalização de serviços para a cidadania e o capítulo IV, sobre a educação na sociedade da informação.

Atualmente, devido à globalização, para um país crescer, principalmente economicamente, faz-se necessário o uso das tecnologias de informação e comunicação, pois com as economias interligadas, os países que conseguirem obter maior número de informações, processá-las, selecioná-las para fazer o melhor uso a seu favor, sem dúvida alguma estarão muito além de outras nações sem esse potencial, pois são essas tecnologias que constituem elos que quebram barreiras espaço-temporais, facilitando a comunicação e comercialização entre países ou blocos econômicos

Por isso, o mercado tem constantemente exigido mão de obra especializada, sobretudo nos setores que mais envolvem tecnologia, para fazer com que as empresas nacionais tenham maior competitividade, que as pequenas e médias empresas se expandam e criem novas oportunidades de emprego, impulsionando a economia do país (TAKAHASHI, 2000).

Mas, para que esses profissionais especializados consigam atingir esses objetivos, eles precisam de uma boa educação e acesso a internet. Ou seja, investimento em tecnologias de informação e comunicação para mudanças curriculares educacionais e para universalização do acesso a rede mundial de computadores.

Cabe ao governo em níveis federal, estadual e municipal assegurar as condições de execução dessas medidas e viabilizar a participação das minorias sociais nesse mundo globalizado, inserindo-os socialmente e diminuindo as diferenças sociais (TAKAHASHI, 2000).

Cabe ao governo ainda, estar ao alcance de todos, disponibilizando informações que fazem parte do cotidiano das pessoas nas áreas da educação, da saúde e social como horários de ônibus, parcelamento de débitos de água, luz ou telefone, vagas em escolas, vagas de estágios, oferta de empregos, prazos para pagamento de impostos, aprovação de novas leis, datas para vacinação, divulgação de campanhas promovendo a saúde e quaisquer outras providências que governo tomar que influenciarão indireta ou diretamente a vida dos cidadãos.

Cabe também, às universidades, ainda segundo o Livro Verde (TAKAHASHI, 2000, p. 10) formar recursos humanos competentes e realizar pesquisas científico-tecnológicas nesse setor, “principalmente para digitalização e preservação artística, cultural e histórica de nosso país”.

Portanto, medidas como essas, que mudarão todo o cenário político, econômico, social e cultural de um país, precisam ser tomadas urgentemente, sobretudo em países emergentes como o nosso, para manter uma posição de competitividade econômica no cenário internacional.

2. TECNOLOGIAS DA EDUCAÇÃO

Nos últimos anos, a tecnologia avançou de tal forma que mal tivemos tempo de refletir sobre seu uso para melhoria do nosso cotidiano, especialmente no que se refere à educação. Até mesmo porque a escola sempre priorizou o tradicional e todas as mudanças que tivemos foram lentas e enfrentaram muita resistência por aqueles que a constroem, os educadores. Todas as teorias educacionais, a tradicional, a escola-nova, a progressista, a libertária, a

libertadora, crítico social, etc, sofreram resistências.

Moran (2007) acredita que a escola tem dado mostras de resistência às mudanças. Ainda predominam “os modelos de ensino focados no professor” em detrimento dos que focam a aprendizagem. O risco, adverte ainda Moran (2007), é que na tentativa de avanço isso se reproduza no modelo que insere as tecnologias como recursos.

Por isso, o profissional da educação deve repensar sua postura e não repetir o mesmo erro de seus antecessores, o de não inovar, pois no mundo globalizado a tecnologia é uma exigência para inserção social e o dever do professor é formar cidadãos ativos, construtores de seu próprio conhecimento para intervenção eficiente no ambiente em que vive.

Mas, segundo Lévy (1993), não devemos usar a tecnologia de qualquer maneira, mas, acompanhar a mudança de postura da sociedade que questiona os modelos tradicionalistas, principalmente com relação aos papéis do professor e do aluno, porque atualmente não cabe mais o medo da máquina, pois se exige que o professor crie a possibilidade de que o aluno seja autor de seu próprio conhecimento, tendo acesso a toda informação possível em todos os meios, principalmente na rede mundial de computadores.

Para tanto, alunos e professores precisam dominar os recursos tecnológicos para agir, interagir e construir conhecimento, tendo consciência de que é um ser inacabado que se encontra numa busca constante de ser cada vez mais.

Dessa forma, o computador, a internet e a informação por meios desses dispositivos e outros não podem mais serem negados e sim trabalhados, como afirma Valente (1998): "o computador deve ser utilizado como um catalisador de uma mudança do paradigma educacional", ou seja, o instrucionismo cede lugar ao construcionismo e que o professor deixa de ser o centro da aprendizagem e o aluno passa a ser o protagonista, construindo o seu próprio conhecimento.

Para alcançarmos tudo isso e avançarmos ainda mais não basta que simplesmente que repensemos nossa postura como educadores e construtores da história da educação em nosso país, que nos atualizemos e transformemos os lugares onde trabalhamos, precisamos divulgar nossos resultados obtidos para que aos poucos todo o Brasil esteja inovado e modernizado.

É o que propõe Moran (2007) com o uso das redes eletrônicas, que a escola se abra para o mundo, divulgando projetos e pesquisas de seus professores e alunos para que terceiros possam avaliar essas práticas positiva ou negativamente e, dessa forma, ajudar outras escolas a encontrarem seus próprios caminhos.

Portanto, esse projeto é uma pequena contribuição para esse avanço necessário da educação, pois precisamos encontrar caminhos para uma aprendizagem moderna, que segundo Lévy (2000, p. 167), será inevitável, porque

... em algumas dezenas de anos, o ciberespaço, suas comunidades virtuais, suas reservas de imagens, suas simulações interativas, sua irresistível proliferação de textos e de signos, será o mediador essencial da inteligência coletiva da humanidade. Com esse novo suporte de informação e de comunicação emergem gêneros de conhecimento inusitados, critérios de avaliação inéditos para orientar o saber, novos atores na produção e tratamento dos conhecimentos.

3. ASPECTOS DE LEGISLAÇÃO

Na última década, o Brasil tem procurado atingir os padrões de qualidade de ensino para se destacar no cenário internacional e quem sabe conseguir fazer parte de grupos seletos da

economia mundial.

Para tanto, desenvolveu documentos importantes, como a Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional, que regulamenta todos os níveis de ensino no país, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, que reformulou todo esse nível de ensino e, no que se refere aos aspectos filosóficos do currículo, os Parâmetros Curriculares Nacionais tanto para o Ensino Fundamental como para o Ensino Médio. Os parâmetros estabelecem os conteúdos mínimos necessários a serem abordados pelos sistemas de ensino e as metodologias adequadas a serem desenvolvidas pelos professores, trazendo reflexões sobre práticas pedagógicas adequadas, entre outros documentos.

Façamos reflexões sobre esta legislação vigente em nosso país sobre a educação, dando ênfase ao ensino médio no qual as tecnologias de informação e comunicação têm espaço.

3.1 A LDB

A Constituição de 1988 em seu artigo 208, inciso II garante “a progressiva extensão a obrigatoriedade e gratuidade ao Ensino Médio” como dever do Estado. A Emenda Constitucional nº14/96 alterou esse inciso da Constituição, sem prejudicar sua intenção, universalizando o Ensino Médio gratuito (BRASIL, 2000).

Mas, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, atribuiu uma nova identidade ao Ensino Médio ao determinar que este seja parte da Educação Básica (art.21).

Assim sendo, esta etapa final da Educação Básica tem o dever de fazer com que o aluno desenvolva competências para inserir-se socialmente, integrando seu projeto individual, seja no mundo do trabalho ou dando prosseguimento aos seus estudos em níveis mais complexos, ao projeto da sociedade em que vive, aprimorando seus valores éticos, adquirindo pensamento crítico e autonomia intelectual. Ou seja, ser um cidadão.

É nesse Ensino Médio renovado que as tecnologias são imprescindíveis, pois numa sociedade em que a informação e os meios para consegui-la são essenciais, a educação não poderia deixar de incorporá-las, priorizando então, o desenvolvimento da capacidade de pesquisar, de buscar informações, analisá-las e selecioná-las. E o meio mais eficaz para viabilizar isso é a mídia e suas tecnologias.

Para tanto, a escola terá que romper com o tradicionalismo e abrir as portas para a revolução tecnológica, a revolução do conhecimento, investindo na formação docente e proporcionando ao aluno a oportunidade de construir seu conhecimento, utilizando a tecnologia para atividades produtivas e nas relações sociais.

Portanto, a nova LDB conferiu ao Ensino Médio uma nova identidade, reconhecendo a importância do desenvolvimento de competências essenciais na sociedade atual. Estas competências adquiridas com ajuda das TICs e da mídia podem ser atendidas eficazmente, tanto o professor quanto o aluno, facilitando processos coletivos de aprendizagem e, por fim, melhorando a qualidade da educação brasileira.

3.2 As diretrizes e os parâmetros

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) foram instituídas em 26 de junho de 1998 pela Resolução nº3 da Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação.

Os três princípios que regem as diretrizes são:

- estética da Sensibilidade que valoriza a descoberta do mundo e da própria identidade, por meio dos sentidos, incentivando a criatividade, a curiosidade, a invenção, colocando em pauta valores esquecidos pela sociedade capitalista, como a sutileza, a delicadeza e a qualidade do

que somos e do que fazemos, buscando o aprimoramento constante, aprendendo a conviver com a diversidade e tornando-se responsável pela liberdade que se tem, para conviver com o inusitado, o imprevisível, sendo capaz de se adaptar e tomar decisões responsáveis calcadas no conhecimento ;

- política da Igualdade que é baseada nos direitos humanos e nos deveres e direitos do cidadão, com o intuito de construir identidades que busquem a equidade no acesso a bens e serviços, que convivam respeitando-se mutuamente, que exercitem a solidariedade, a responsabilidade de viver em sociedade na qual todos são iguais perante a lei e o Estado, garantindo a todos a oportunidade de exercer realmente a cidadania;
- ética da Identidade que procura dar condições, por meio da sensibilidade e da igualdade, de construção de identidades e de respeito à identidade do outro, privilegiando o aprender a ser, a autonomia, que só é conquistada na convivência com o outro, com si mesmo, mediada por todos os tipos de linguagem, adquirindo conhecimentos do mundo físico e social, conhecendo a verdade, desenvolvendo a habilidade de tomar decisões acertadas, não se deixando enganar, superando a dicotomia: mundo da moral e o mundo da matéria.

Desta forma, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio contemplam as quatro premissas apontadas pela UNESCO como pilares da educação contemporânea, o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver e o aprender ser, pois adquirindo conhecimentos acerca do mundo, desenvolvendo habilidades para o enfrentamento de situações imprevisíveis, convivendo com outro, respeitando a individualidade e a diversidade, é sem dúvida alguma aprender a ser, é construir identidade e alcançar a autonomia na sociedade da informação.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais são um material de apoio para planejamento de aulas, para reflexão da prática pedagógica, para análise de material didático e para elaboração de projetos e de currículos escolares, pois além de explicitarem todos os conteúdos a serem abordados em sala de aula, trazem reflexões sobre o processo ensino-aprendizagem e a prática pedagógica.

Cabe lembrar, que no documento dos PCNs para o Ensino Médio está expresso as bases legais de sua construção: a LDB e as DCNEM, documentos cuja reflexão pelos docentes é indispensável. E é neste material para o Ensino Médio que encontramos como direito social a convivência com todas as possibilidades que as tecnologias de informação e comunicação oferecem (BRASIL, 1999, p. 132-134), pois o aluno deve ter acesso a todos os tipos de linguagens, principalmente a mais nova delas, a informática, e, utilizar-se das tecnologias não só na escola, mas, em quaisquer contextos. E ainda, entender o impacto que essas tecnologias têm no mundo globalizado, quando bem utilizadas, aproximando pessoas, interligando economias, solucionando problemas, etc.

Portanto, mesmo com tantas dificuldades, o Brasil tem dado mostras de preocupação com o ensino, tem elaborado documentos como estes para melhorar a educação, não só para quem aprende como para quem ensina e, com os princípios das diretrizes e os conteúdos dos parâmetros, os educadores podem modernizar a educação brasileira e alcançar os índices desejados para uma educação de qualidade, contribuindo eficientemente para o progresso do país.

4. MÍDIA

Definir mídia não é simples, mas pode-se ter a idéia de que mídia são as ferramentas, canais ou caminhos para transmitir informações ou dados para atingir um público alvo. As pessoas tendem a associar só publicidade e propaganda com mídia e se esquecem de que esses recursos podem transmitir informações para diversas finalidades, com um longo alcance e em

pouco tempo.

Com uma sociedade mergulhada em tecnologia hoje, a mídia tem sua função social, sua função comercial e ainda afeta as pessoas no que diz respeito ao que elas pensam sobre si mesmas e o modo como percebem as outras pessoas. Afinal, o que não falta atualmente são paradigmas para beleza, arte, cultura, sucesso, status, etc.

Participar de um grupo social, ter reconhecimento, comprar as melhores marcas, vestir-se bem, ter o melhor carro, o maior número de informações, muito conhecimento, entre tantos outros dados fornecidos pela mídia, é essencial para inserir alguém socialmente. E, para tanto, entender o que é mídia, saber dos recursos tecnológicos disponíveis e vivenciar de modo atuante torna-se indispensável.

Pensar em mundo sem TV, computadores, celulares, tablets, internet, redes sociais e tantos outros meios é impossível. Esse aparato todo mudou o modo de organização das pessoas e como elas buscam informações. Ainda que o jornal, a revista, o telefone fixo, a TV analógica ainda forneçam dados num caminhar só de ida (mídia analógica) e atingirem uma grande massa, a mídia eletrônica por meio de TV digitais, celulares e a internet além de se propagar de forma veloz (marketing viral), possibilita um feedback em tempo real às empresas e a oportunidade de alcançar seu público de maneira mais acertada e personalizada.

Por meio do Facebook, do Twitter, do e-mail e etc, encontram-se as comunidades online que são os grandes alvos da publicidade que incentiva cada vez mais o consumo. Essas comunidades têm acesso a bens e serviços via internet de maneira, rápida, simples e convincente. Até a psicologia tem colaborado de forma inovadora para tudo isso acontecer.

Por esses motivos e tantos outros, não há como pensar educação alheia a tecnologia. O homem, por natureza, é um ser social. Precisa se comunicar e a comunicação hoje faz uso das mídias e ferramentas tecnológicas. Há a necessidade de incorporar isso à rotina educacional para que os alunos tornem-se membros dessa sociedade de fato, podendo transformar a realidade e contribuir para o progresso da nação.

Len Masterman (1993) aponta sete razões para ensinar mídia:

1. O consumo elevado das mídias e a saturação a qual chegamos;
2. A importância ideológica das mídias, notadamente através da publicidade;
3. A aparição de uma gestão da informação nas empresas (agências de governo, partidos políticos, ministérios e etc.);
4. A penetração crescente das mídias nos processos democráticos (as eleições são antes de tudo eventos midiáticos);
5. A importância crescente da comunicação visual e da informação em todos os campos (fora da escola, que privilegia o escrito, os sistemas de comunicação são essencialmente icônicos);
6. A expectativa dos jovens a serem formados para compreender uma época (que sentido há em martelar uma cultura que evita cuidadosamente as interrogações e as ferramentas de seu tempo?);
7. O crescimento nacional e internacional das privatizações de todas as tecnologias da informação (quando a informação se torna uma mercadoria, seu papel e suas características mudam).

Portanto, o que não faltam são motivos para que por meio das TICs (tecnologia da informação e comunicação) e a mídia sejam ensinadas, estudadas e inseridas na escola, pois “A noção de educação para as mídias abrange todas as maneiras de estudar, de aprender e de ensinar em todos os níveis [...] e em todas as circunstâncias, a história, a criação, a utilização e a avaliação das mídias enquanto artes práticas e técnicas, bem como o lugar que elas ocupam na sociedade, seu impacto social, as implicações da comunicação midiática, a participação e a modificação do modo de percepção que elas engendram, o papel do trabalho criador e o acesso às mídias.” (UNESCO, 1984).

5. PROJETO DIDÁTICO

Afinal, o que é um projeto? Envolve a antecipação de algo desejável que ainda não foi realizado, traz a idéia de pensar uma realidade que ainda não aconteceu. O processo de projetar implica analisar o presente como fonte de possibilidades futuras (FREIRE e PRADO, 1999).

Tal como vários autores sugerem, a origem da palavra projeto deriva do latim *projectus*, que significa algo lançado para a frente. A idéia de projeto é própria da atividade humana, da sua forma de pensar em algo que deseja tornar real, portanto o projeto é inseparável do sentido da ação (ALMEIDA, 2002).

Dessa forma, pensar em projetos é pensar em algo que eu possa realizar, tornar possível. É planejar algo, buscando resolver problemas para alcançar objetivos. Ou seja, elaborar projetos didáticos exige uma colaboração entre direção, coordenação, docentes e alunos, a comunidade escolar inteira, por meio de uma série de etapas que resulte em algo concreto.

Assim sendo, um bom projeto deve ser bem planejado. Observar a realidade dos alunos, os problemas existentes, isto é, fazer uma avaliação diagnóstica, e propor algo realmente útil é imprescindível. Visto isso, decide-se o tema e inicia-se o planejamento.

Cabe lembrar que o mais importante de um projeto é que o aluno é o construtor do seu saber, ele é ativo e não passivo, e o professor é apenas o mediador. Portanto, dentro do planejamento se faz necessário pensar em atividades que serão executadas por ele e que proporcione uma interação com o tema, uma contextualização de ações, propiciando uma vivência para que o educando desenvolva de fato habilidades e adquira competências. Ele precisa pensar, analisar, refletir, tomar decisões, ser crítico e, o principal, superar os desafios propostos.

Faz-se necessário ainda, pensar em recursos não só humanos, mas materiais, principalmente se o projeto envolver mídia e suas tecnologias, pois a geração atual sabe lidar com todo esse aparato, respira isso e colocar em um projeto qualquer tecnologia exige que de fato ela tenha significado.

Os objetivos são importantíssimos. Afinal, eles respondem a pergunta mais importante de um projeto: o que vamos alcançar? E não se pode esquecer que será por meio deles que também faremos a avaliação final. Por isso, pensar em objetivos muito subjetivos não é muito bom, porque é preciso ver esses resultados e, algumas vezes, comprová-los. Elaborar os objetivos é refletir sobre o que de fato queremos atingir, concretizar, tornar possível e, com isso, não podemos almejar algo que esteja dentro das possibilidades dos alunos e da escola.

O próximo passo é a execução. O aluno produz, o docente faz a mediação, a coordenação dá todo o suporte pedagógico necessário e a direção viabiliza todos os recursos, equipamentos, salas, professores, outros funcionários, e se necessário, autorizações para pesquisas “in loco” junto aos responsáveis. Durante esse processo ainda, a depuração também precisa acontecer. Isso está dando certo sim ou não? Precisa mudar? O quê? Redirecionar, aprimorar, aperfeiçoar, se for preciso.

Depois de todo esse trabalho, o aluno vai apresentar os resultados e se faz necessário um

público. Do que adiantaria fazer um trabalho e guardá-lo? Assim sendo a escola precisa organizar isso, por meio de exposições, seminários, para todos, por sala, no pátio, no auditório, enfim, a escola tem que possibilitar esse compartilhamento de aprendizado, essa troca de saberes.

E por último, mas não menos importante, a avaliação deve acontecer em dois níveis: com os alunos e entre professores, coordenadores e gestores.

Em suma, o projeto didático é um meio eficaz para um ensino contextualizado, para um aprendizado real, para a construção de saberes. Na sociedade moderna, ele se faz necessário para formar de fato um cidadão atuante, crítico e capaz de mudar a realidade em que vive, experimentando o mundo dentro da escola.

6. SEMANA DA MÍDIA NA ESCOLA

Para atender a demanda da sociedade moderna, que vive a era da tecnologia, esse projeto justifica-se por trazer o universo da mídia e das tecnologias da informação e comunicação para o ambiente escolar, por meio da “semana da mídia na escola”, esclarecendo dúvidas sobre o que é mídia e para que ela serve, quais ferramentas são utilizadas hoje para comunicação, entre outras, para proporcionar ao aluno uma vivência nesse universo infinito de possibilidades para que este possa ter uma formação contextualizada, tornando-se um cidadão crítico capaz de transformar sua realidade.

Objetivos:

Objetivo geral: Promover a “semana da mídia na escola”.

Objetivos específicos:

1. Construir conceito de mídia;
2. Aproximar os meios de comunicação da realidade escolar;
3. Propiciar vivência no universo midiático.

Tema: “Semana da mídia na escola”.

Local: Escolas que ofereçam curso de ensino médio.

Duração: Três semanas.

Recursos Humanos: Gestores, coordenadores, professores, funcionários e profissionais que tenham conhecimento nas seguintes áreas: publicidade e propaganda, jornalismo, desenho industrial, web, marketing digital, informática, artes (atores, bailarinos, cantores).

Recursos Materiais: A escola ficará responsável por disponibilizar os materiais necessários aos profissionais de acordo com a necessidade das atividades a serem desenvolvidas.

Etapas

Primeira etapa

- Providenciar os convites aos profissionais que tenham conhecimento nas áreas de publicidade e propaganda, jornalismo, desenho industrial, web, marketing digital, informática, artes (atores, bailarinos, cantores) para que esses possam elaborar palestras

que serão realizadas durante a “Semana da mídia na escola”, com temas diversos, desde “Televisão: uma faca de dois gumes”, “A invenção da imprensa e o valor da informação”, “Rádio x Tecnologia, uma reflexão sobre o uso dessas mídias”, até “A jornada histórica do telefone”, “Mídia e o contexto escolar”, “Literatura: o mundo visto com outros olhos” e “Dança, teatro e cinema: a arte comunica”, por exemplo. Cabe ressaltar aqui que seria interessante se esses profissionais fizessem uso de recursos midiáticos durante suas palestras, como som, data-show para exibir imagens, vídeos, etc. Podem trazer objetos se quiserem e até propor dinâmicas para interagir com os alunos.

- Se a escola julgar importante fazer o convite para grupos de teatro ou dança para se apresentarem durante o evento, deve fazer nesta etapa.
- Os professores de educação física e artes devem proporcionar aos alunos de todas as séries oficinas de teatro, canto e dança, visando à comunicação, para transmitir a comunidade escolar por meio de apresentações informações, podendo ser uma cena de filme, um comercial para a TV, um coral, coreografias em que o corpo expresse sentimentos, tendo por base a mídia (ferramentas, canais ou caminhos para transmitir informações ou dados para atingir um público alvo), tendo duas semanas para ensaios que antecedem a “Semana da mídia na escola”.
- Os professores que ficarão responsáveis por cada turma (pode ser o professor representante) deverão desenvolver oficinas de acordo com o tema da palestra que for dada por dia. Por exemplo: se o tema fosse TV, pode-se criar um comercial para esse veículo, criar uma cena para uma novela, produzir notícias para jornal, entre outros.

Segunda etapa

- Professores de todas as disciplinas, sobretudo os de língua portuguesa, devem orientar os alunos em pesquisas sobre os vários canais de comunicação, como o rádio, a tv, o cinema, a internet, revistas e jornais, para que eles possam confeccionar murais por toda a escola. Seria conveniente que um desses murais tivesse o cronograma da “Semana da mídia na escola”.
- A comunidade escolar pode trazer objetos relacionados ao tema para confeccionar também um “Cantinho da mídia” tais como: rádio, TV, revistas, jornais, telefones, computadores, programas impressos de espetáculos de dança, teatros, cartazes de filmes, vídeo-cassete, DVD, antigos e atuais. Nesse local, seria interessante que uma TV ou um data-show permanecesse ligado transmitindo comerciais, filmes, novelas, jornais, espetáculos de dança, clipes de música antigos ou não, para que os alunos possam ter contato com esse universo midiático nos dias que antecedem a “Semana da mídia na escola” e durante a semana.
- Para a “Semana da mídia na escola” o cronograma já deve ter sido criado com as atividades organizadas de acordo com as possibilidades da escola, no que diz respeito a horários, espaços, apresentações, etc. Porém, para melhor execução, sugerimos o seguinte cronograma, tendo como base o período da manhã, mas a escola pode adaptar para os demais períodos.

- Encerrado o evento, professores, coordenadores e gestores devem se reunir, assim que possível, como por exemplo, no horário de trabalho pedagógico coletivo (HTPC) para fazer uma avaliação do projeto, verificando se os objetivos foram alcançados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existe mais a possibilidade da escola e a tecnologia andarem separadas quando a gente pensa em um mundo onde a interação entre as pessoas e a informação compartilhada acontecem de maneira dinâmica e quase instantânea. Seria incoerente pensar em construir conhecimento em um local que não usa a mídia e todos os seus recursos tecnológicos, quando todo esse aparato permeia nosso cotidiano de maneira tão natural e os educandos os conhecem e fazem uso deles diariamente.

É dever do professor e de toda equipe escolar se adequar as demandas sociais no que diz respeito à comunicação e à tecnologia para formar pessoas que farão o uso consciente desses recursos, gerando e trocando informações para de fato produzir saberes.

Não se pode pensar uma educação diferente e moderna, minimizando a Tv, o rádio, o celular, o computador, o teatro, a dança e tantos outros canais de informação apenas a conceitos e exemplos, mas é necessário instrumentalizar os alunos para o uso de todos esses recursos e fabricar produtos midiáticos no ambiente escolar.

Espera-se, portanto, que com a aplicação do projeto toda a comunidade escolar tenha se mobilizado em prol do conhecimento no que diz respeito à mídia e as TICs, conceituando mídia, conhecendo seus recursos, agregando ao ambiente escolar a tecnologia, abrindo as portas da escola para outros profissionais, desenvolvendo outras atividades pós-evento e aplicando esse aprendizado na vida dentro da escola e fora dela, entendendo a realidade, atuando no meio e ponderando o uso de todos esses recursos, pois só assim atenderemos a demanda dessa sociedade tecnológica, conscientizaremos os profissionais da educação sobre a necessária atualização de suas aulas e formaremos cidadãos críticos, despertos e inseridos socialmente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. Escola em mudança: experiências em construção e redes colaborativas de aprendizagem. In ALONSO, M.; ALMEIDA, M. E. B.; MASETTO, M. T.; MORAN, J. M.; VIEIRA, A. **Formação de gestores escolares para utilização de tecnologias de informação e comunicação**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2002.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 08 nov. 2014.
- _____. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. **PCN+: ensino médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: FREIRE, F.M.P e PRADO, M.E.B.B. Projeto pedagógico: pano de fundo para escolha de software educacional. In: VALENTE, J. A. (Org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: Nied-Unicamp, 1999. MEC/SEMTEC, 1999.
- _____. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: 34, 1993.
- _____. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 2000.
- MASTERMAN, Len. ¿Por qué? In: La enseñanza de los medios de comunicación. Madrid: Ediciones de la Torre,

1993.

MORAN, José Manoel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2007.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em

<<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/18940.html>>. Acesso em: 08 nov. 2014.

VALENTE, José Armando. Por que o computador na educação? In: _____(Org.).

Computadores e conhecimento: repensando a educação. Campinas: Unicamp, 1998.

USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS POR CRIANÇAS – UM ESTUDO DE CASO

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar que há riscos no desenvolvimento cognitivo e psíquico do uso em excesso de dispositivos móveis (celulares, smartphones e tablets) por crianças. Buscando por respostas a nossa problematização, contamos com os textos e estudos de BECKER (2014), LEMOS (2014), OLIVEIRA (2003), SACCOL, SCHLEMMER e BARBOSA (2010), e dados importantes sobre o desenvolvimento infantil no Referencial Curricular da Educação Infantil. Esse uso indevido é prejudicial no desenvolvimento escolar, por causarem problemas de relacionamentos interpessoais e interferência nos resultados acadêmicos. Os resultados da pesquisa de campo indicam que os excessos recorrentes cometidos pelas crianças, a mudança de comportamento e humor priorizados por meio das análises do tempo de uso. Após o resultado, serão adequados os limites de tempo para cada faixa etária, os jogos e aplicativos adequados, afirmando que a presença de pais e responsáveis nunca foi tão importante e necessária como agora.

Palavras-chave: Dispositivos móveis, Crianças e Família

ABSTRACT

This article aims to show that there are risks in cognitive and psychological development of excessive use of mobile devices (cell phones, smartphones and tablets) for children. Searching for answers to our questioning, we have the texts and studies BECKER (2014), LEMOS (2014), OLIVEIRA (2003), SACCOL, SCHLEMMER and BARBOSA (2010), and important data on child development in Referential Curricular Education Children. This misuse is harmful in the school development, to cause problems in interpersonal relationships and interference in academic results. The field survey results indicate that the applicant's excesses committed by children, the change in behavior and mood prioritized through analysis of usage time. After the result, the time limits for each age group will be adequate, games and suitable applications, stating that the presence of parents and caregivers has never been so important and necessary as now.

Key-words: Mobile devices, Children, Family

INTRODUÇÃO

O artigo busca apresentar que a utilização em excesso de dispositivos móveis (celulares, smartphones e tablets) por crianças é prejudicial no desenvolvimento cognitivo e psíquico, causando o afastamento social; perda da criatividade; redução da concentração; dores no pescoço; ombros e costas; assim como problemas prematuros de visão e aumento de peso corporal. Conforme Becker adverte:

“Novas doenças surgem. A chamada síndrome de “demência digital”, causada pelo uso excessivo da tecnologia e telas, tem sido relatada em crianças em idade escolar. Elas apresentam uma perda nas habilidades cognitivas e na memória. Em adolescentes, temos a FOMO (fear of missing out, ou medo de perder) – um tipo de ansiedade social que faz o jovem não se desligar da rede social por um minuto. Obesidade, sedentarismo, insônia, agressividade, hiperatividade e problemas de atenção já são velhos conhecidos relacionados ao excesso de telas”. (2014)

Essa superexposição é nociva também para o desenvolvimento escolar, pois causam problemas de relacionamentos interpessoais, interferência nos resultados acadêmicos, aumento do tempo para obter o mesmo nível de reconhecimento, dificuldade de lidar com alterações emocionais. De fato, essa navegação tira das crianças seu elemento natural: o brincar, o interagir com amigos e adultos ‘ao vivo’ e de usar brinquedos comuns que não sejam os digitais.

Por não serem necessários fios para acessar internet ou jogos, sua praticidade e portabilidade tornaram sua popularização notável. Não somente oferece um conjunto de possibilidades como interação com colegas, compartilhar ideias, trocar informações e experiências. Porém não é isso que anda preocupando médicos, cientistas e pesquisadores, e sim os jogos e aplicativos interativos viciantes. Conforme prefácio de Saccol; Schlemmer e Barbosa (2010) “hoje temos mais de três bilhões de telefones celulares no mundo, superando qualquer tecnologia prévia, inclusive os telefones fixos, rádio e televisão”.

Segundo dados da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) revelam que:

“O Brasil, no mês de julho de 2014, alcançou a marca de 276 milhões de celulares. Este número é superior ao pouco mais de 200 milhões de habitantes no país, de acordo com os resultados do IBGE de agosto de 2014; a popularização do uso de aparelhos móveis, presentes nas mais variadas faixas etárias.” (LEMOS, 2014. p. 76).

O correto seria que os pais prestassem uma atenção maior ao que os filhos usam nos dispositivos, assim como o que acessam pela internet do mesmo. Sentar ao lado de seus filhos para acompanhar a experiência com esse eletrônico, a fim de ajudar e explicar quais os aplicativos são permitidos e o que melhor favorecem seu aprendizado e desenvolvimento. Os pais também têm que impor limites e horários de uso para seus filhos. A criança não pode ter acesso livre, e somente utilizar os aplicativos referentes à faixa etária correspondente.

Parte dos pais tentam silenciar seus filhos, suas reclamações e ‘birras’, mantendo-os ocupados e quietos o tempo todo e presenteiam elas com estes dispositivos, porém é preciso fazer com que a criança saia do vazio dos aplicativos e jogos digitais, que olhem pela janela e possam ver que há um mundo para conhecer, para aprender a usar sua imaginação e viver. É necessário deixar que os filhos se frustrem a não ter sempre o que querem, para que quando crescerem não se decepcione com as incertezas da vida de adulto.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. Desenvolvimento Infantil

O artigo vem apresentar como o desenvolvimento da criança vem sendo prejudicado mediante o uso em excesso de dispositivos móveis sem a orientação devida. E esse aumento de tempo em tablets ou smartphones, afasta a criança do convívio com outras crianças e até mesmo dos adultos. O problema maior é que a criança não brinca mais em parques, quintais, com jogos, entre outros; e o brincar é parte importante do desenvolvimento da lateralidade, estruturação espacial, coordenação motora, entendimento de seu próprio corpo – tudo isso a criança aprende no brincar. A essa consideração, Oliveira fala em seu livro sobre o esquema

corporal da criança:

“O desenvolvimento de uma criança é resultado da interação de seu corpo com os objetivos de seu meio, com as pessoas com quem convive e com o mundo onde estabelece ligações afetivas e emocionais”. (2003, p. 47)

Ao passar por cima ou por baixo de objetos, ao ver o que se tem ao redor, ao notar diferentes ambientes. Sem esse brincar, essa movimentação pelo ambiente que vive, ela se isola do mundo e seu desenvolvimento psicomotor (muito importante também para a aprendizagem) é prejudicado. Conforme Oliveira:

“[...] essa etapa, é dominada pela experiência vivida pela criança, pela exploração do meio, por sua atividade investigadora e incessante. Ela precisa ter suas próprias experiências e não se guiar pelos do adulto, pois é nessa prática pessoal, pela exploração que se ajusta, domina, descobre e compreende o meio”. (2003, p. 58)

E o que é ser criança nos dias de hoje? Como saber o que educar e o que ensinar? Como estamos pontuando, a família é que dá a base segura a criança. Sem essa base, o certo e o errado, o controle das coisas que se promove, de guiar às novas experimentações, nas descobertas; e são os familiares e adultos que a cercam que podem auxiliar ou prejudicar esse desenvolvimento. Segundo o Referencial Teórico Curricular da Educação Infantil vol. I:

“A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais.” (1998, p. 20)

Educar a criança não significa somente lhe ensinar o alfabeto, as cores, as formas e a escrever. A criança aprende e se desenvolve em brincadeiras com o próximo, de forma orientada para que contribuam para o desenvolvimento e das relações interpessoais; “[...] atitude básica de aceitação, respeito e confiança. [...] a educação poderá auxiliar o desenvolvimento corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.” (REFERENCIAL TEÓRICO CURRICULAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p. 23).

Os dispositivos móveis podem servir como ferramentas de auxílio para a educação, desde que usado de maneira pensada e com objetivos claros. Há escolas que já trabalham para sanar deficiências ou usam de maneira colaborativa, os dispositivos móveis; porém são atividades voltadas e ponderadas para aquele momento.

1.2. Dispositivos Móveis

Os dispositivos móveis estão cada vez mais sofisticados e permite o acesso a WEB sem fio, jogos, aplicativos, contatos. Pensando nesse contexto, os fabricantes se enfrentam pela disputa de um ambiente competitivo que se abre para quem colocar no mercado, o produto mais atraente, interativo e versátil.

Quando falamos de dispositivos móveis, para este artigo nos referimos a smartphones, tablets e celulares.

SMARTPHONES – é um computador de mão para a realização de tarefas básicas com acesso a telefonia móvel e internet. Há grande variedade de fabricantes e modelos, com diversidade nos sistemas operacionais.

TABLETS – é um computador portátil de tamanho pequeno, de fina espessura e com tela sensível ao toque. Prático e portátil, mais destinado para fins de entretenimento que para uso profissional.

CELULARES – é um aparelho de comunicação por ondas eletromagnéticas que permite a transmissão de voz e dados utilizáveis em uma área geográfica.

Essa facilidade de ter em mãos a qualquer hora do dia, essa facilidade da portabilidade, que traz o maior risco, pois até mesmo na hora das refeições (certos pais só conseguem alimentar seus filhos mediante os dispositivos) e em horas de lazer, a criança não se desgruda do aparelho. Fazemos nossas as palavras de Becker:

“A portabilidade tornou o mercado de vídeos, jogos e filmes / TV onipresente e 100% acessível na vida das crianças. **O uso excessivo – já evoluindo para o compulsivo muitas vezes** – que vem se agravando nos últimos anos, é perigoso e muito tóxico para a saúde física e mental da criança. Me angustia ver crianças de 4 anos longe do aqui - agora, mergulhados na permanente virtualidade e distração dos tablets e smartphones em restaurantes, consultórios, carros, elevadores, e até em parques, praças e passeios na natureza”. (2014, grifo nosso)

1.3. A facilidade e o problema

A criança não pode clamar pela atenção dos pais, que os mesmos querendo ganhar um tempo para seus próprios afazeres, abandonam seus filhos com o aparelho eletrônico pelo simples fato de mantê-la calma e em silêncio. Os jogos e aplicativos devem ser liberados mediante orientação e haver explicação para que fim ele esteja sendo necessário naquele momento. “É importante ressaltar que esse conhecimento é provisório, pois tanto os dispositivos móveis quanto as práticas de aprendizagem evoluem a passos largos” (SACCOL; SCHLEMMER; BARBOSA, 2010, p. 34).

O que se deve priorizar é o tempo de uso, o com que idade pode iniciar o uso e como utilizá-lo. Deve-se adequar o limite de tempo para cada idade, os jogos e aplicativos também devem ser investigados e somente aqueles que são mais adequados para cada faixa etária. E é exatamente esse limite de tempo que vai evitar que as crianças tenham problemas sérios ao qual descrevemos anteriormente; conforme Becker adverte:

Então, as recomendações:

- A distância é sua amiga. Afaste a radiação de si e de seus filhos. Calcula-se que mantendo o telefone celular a 15 cm do ouvido diminuimos em milhares de vezes o risco.
- Quando ligado e não em uso, o telefone não deve ser mantido perto no corpo. O melhor lugar para um telefone celular é a bolsa ou a mochila.
- Limite o tempo de tela de seus filhos (e o seu). Para os menores de **2 anos**, o recomendado é **zero**. Sabemos que isso é inviável, mas faça o possível para chegar perto.
- Para os mais velhos procure **limitar o tempo a duas horas por dia**. Acredite: é

possível. Ofereça opções.

- Designe “momentos – sem - tela” na rotina de casa (refeições, hora de brincar com brinquedos de verdade, ler livros, contar histórias, jogar);

- Designe “áreas – sem - tela”: uma boa ideia é limitar o acesso ao computador, TV e tablets às áreas comuns. TV no quarto é o veneno supremo”. (2014, grifo nosso)

Essas intervenções devem ocorrer para construir o conhecimento da criança a fim de propiciar seu próprio ponto de vista. As crianças são um livro aberto, nós é que fornecemos o que é bom ou ruim para elas; que ensinamos a discernir o que é o certo e o errado – para tanto precisamos ter esse conhecimento para ser transmitido.

2. METODOLOGIA

Os participantes do estudo receberam todas as informações sobre a pesquisa. O que nos motivou, por ser de um assunto relevante e atual, mas pouco comentado em redes sociais ou em jornais.

Será garantido o anonimato dos participantes; a garantia de não haver quaisquer sanções ou prejuízos pela não participação ou pela desistência a qualquer momento; o direito de resposta às dúvidas; a inexistência de qualquer ônus financeiro aos participantes.

Realizamos um estudo de caso através de um mapeamento realizado com o auxílio dos pais e/ou responsáveis, onde acompanharemos três (03) crianças com idades entre quatro (04) e dez (10) anos, em suas próprias casas. Foi dividido em duas tabelas. Uma tabela são os dados mais importantes das crianças, outra como pesquisa diária de uso.

O desenvolvimento e conteúdo da tabela vieram de questões levantadas em diálogos entre as autoras daquilo que se queria ter conhecimento do dia-a-dia das crianças que tem acesso a esses dispositivos.

Esse mapeamento teve a duração de quarenta e cinco dias, com início no mês de julho e término no mês de agosto. Foi escolhido esse período, pois é o mês de férias das crianças das escolas e os primeiros dias de retorno às aulas. Queremos mapear principalmente no período de descanso. É um período com a qual a criança fica dispersa com grande tempo livre sem brincadeiras direcionadas e a maior parte do dia, nesses dispositivos móveis. E os primeiros dias de retorno à escola (no caso das crianças que a frequentam) que pode causar certas implicações no humor por conta da desadaptação aos eletrônicos.

Faremos um levantamento de quando ganharam o dispositivo móvel ou se usa o dos pais. Qual sua utilização nas mãos da criança. Com o que brinca e quais aplicativos usa. Idade; série escolar; se já tem algum problema de visão; como é a alimentação; qual o relacionamento com outras crianças; se tem atividade extra (esportes); se assiste à televisão, quais programas assistem e tempo de permanência. Se os pais ficam por perto. Qual a rotina diária da criança. Se gosta de ler e pintar. Se brinca com outras crianças. Qual nível de resposta a brincadeiras comuns ao dia-a-dia infantil. Analisaremos como estão o desenvolvimento e aprendizado das mesmas. Também serão avaliados os sentimentos da criança (zangada, alegre, triste, impaciente, focada...).

Também montamos uma tabela de correspondência ao uso de dispositivos móveis para

que fossem colocados diariamente os seguintes requisitos:

- Dia do uso;
- Hora de início do uso;
- Comportamento antes do uso (se estava bem, se fez birra...);
- Qual aplicativo usou;
- Tempo de permanência no dispositivo;
- Clima naquele dia (se estava chuvoso...);
- Alimentação naquele dia;
- Comportamento ao fim do uso (se fez birra quando teve que parar de utilizá-lo).

Nessa tabela, contamos com a ajuda dos pais, pois não tem hora marcada para a utilização do aparelho e para a pesquisa. Do mesmo modo, não queríamos reprimir a ação normal da criança para não afetar o resultado; afinal quando tem pessoas estranhas por perto, as crianças tendem a não agir como seria normalmente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Das crianças envolvidas no estudo, todas possuem seus próprios dispositivos móveis. Fora do horário da escola, o uso em maioria, é liberado e sem direcionamento correto dos aplicativos e do tempo de uso.

A criança ‘M.E.’ de 10 anos tem uma irmã mais nova (que igualmente possui um dispositivo móvel), possui um *smartphone*, contas em redes sociais como o facebook e whatsapp. Esses são os dois aplicativos que mais utiliza. Apesar de acessar também os aplicativos youtube e editor de fotos.

Estuda no 6º ano do ensino fundamental, faz aulas de dança como atividade extra, fora do horário de escola. Sai para brincar poucas vezes na rua com crianças da mesma faixa etária. Passa a maior parte do tempo dentro de casa no *smartphone*.

Dos dias que fizeram parte do estudo de caso, alguns deles nos chamaram atenção. Pois nos dias que permaneceu mais de trinta (30) minutos no aparelho no período da noite (entre 18h e 21h), antes do uso estava tranqüila, mas não se alimentou direito e ao final do uso, estava bem nervosa.

A criança ‘A.L.’ de 4 anos possui um tablet e utiliza do dispositivo no período da noite. Tem uma irmã mais velha. Não frequenta a escola. Não tem problemas de visão e geralmente se alimenta bem. Gosta de brincar com crianças da mesma faixa etária e é um pouco tímida. Não faz atividades extras. Não gosta de ler livros. Não gosta de jogos do tipo tabuleiro. Gosta de assistir a televisão. Gosta de desenhar e pintar.

Sempre que liga o tablet para ‘brincar’, fica em média uma (01) hora. Na maioria das vezes, utiliza o aplicativo do youtube para ver vídeos. Quando fica no dispositivo, se alimenta de normal a pouco, e sempre termina o uso está de agitada a muito agitada. E demora para dormir.

A última criança ‘B.C.’, é menino e também tem 4 anos. Frequenta o jardim I de uma

escola particular. Não tem problemas de visão e se alimenta bem. Não tem irmãos, mas brinca com crianças de três a cinco anos de idade. É falante, alegre e ansioso. Porém quando quer algo, fica irritado, persistente, chora muito e briga. Pratica futebol como atividade extra. Gosta de ver livros, mas tem que ser livros do tipo 3D ou de sensações (aqueles que passamos a mão). Assiste aproximadamente a duas (02) horas de televisão por dia; canais educativos para a idade. Gosta de desenhar e pintar. Ganhou o tablet no natal de 2014 dos pais. Os jogos foram selecionados pelos pais, apropriados para a idade – de colorir e de cuidar de bichinhos.

Dos quarenta e cinco dias do cronograma, apenas vinte e dois (22) dias a criança mexeu com o tablet. O horário é sempre no período da manhã e de duas a três horas por dia (tempo de duração da bateria). Desses dias, apenas em três seu comportamento alterou de normal para agitado ou irritado. Sendo que em um dia, ele estava doente, então essa irritação pode vir da falta de ânimo causado pela doença.

Nas avaliações dos resultados, e conforme as leituras feitas para o referencial, crianças com menos de dois (2) anos, não deveriam ter acesso a dispositivos móveis, pois ainda está em desenvolvimento o seu psicossocial e desenvolvimento motor. O desenvolvimento do cérebro é determinado por estímulos ambientais ou pela falta dele. Permanecer em frente às telas não fará bem na aprendizagem da fala e aumentará as chances de ter problemas de visão sem necessidade e antes do tempo.

Crianças de três a cinco anos (3 – 5), a utilização deve ser restrita, permanecer o mínimo o possível, de trinta (30) minutos a uma (01) hora por dia. Mas sempre com supervisão do responsável e em jogos e aplicativos próprios para a idade. O conteúdo não dirigido pode causar agressividade.

E de seis a dezessete anos (6 – 17), essa restrição poderia passar para até duas (02) horas diárias. A utilização excessiva restringe os movimentos resultando em atraso do desenvolvimento corporal, com possibilidade de adquirir diabetes e obesidade. Problemas com a memória e diminuição da concentração. E sem o monitoramento dos pais, as crianças passam períodos essenciais de sono nas telas, privando do descanso e prejudicando as notas escolares.

Conforme o referencial teórico anteriormente descrito, há sim uma influência na vida das crianças depois do uso dos dispositivos móveis. As duas crianças que o uso é liberado, não têm restrições de aplicativos, e não tem supervisão – sempre ficam agitadas e irritadas após o uso. Já a criança que tem horário adequado para uso, com jogos apropriados, sempre está com o comportamento normal e gosta de fazer outras coisas.

Também é importante salientar que não é bom o uso de dispositivos móveis no período da noite próximo ao horário da criança ir para a cama; já que fica agitado e não é bom para o descanso ir dormir após passar por agitações.

Sugerimos que os pais tenham tempo de estar com seus filhos com atividades programadas próprias para eles e sem outras preocupações. Saia de casa, leve as crianças ao teatro, ao cinema, ao museu, exposições, shows, à roda de brincadeiras. Desfrute da natureza – parques, praças, bosques, praias, cachoeiras, florestas. Criando laços com seus filhos que ele vai levar por resto da vida, e sempre se lembrará de como foram bons pais ao dar um tempo para eles. Converse, troca de olhares, afeto, cuidado, abraços, beijo, brincadeira, jogos, risos, histórias. Apresentará o direito a vida, a ser, a conviver; e as crianças guardarão na memória

esse tempo que passaram na presença com elas.

CONCLUSÃO

Concluimos que o uso excessivo de dispositivos móveis é sim prejudicial para o desenvolvimento bio-psico-social da criança. Alcançando problemas de retenção de informações, concentração, prejuízo no sono, baixo rendimento escolar, agitação e agressividade.

O acompanhamento dos pais e/ou responsáveis em sua utilização é essencial e necessário. São os pais que vão estabelecer as regras de utilização, limites de tempos, fazer acordos e verificar quais os aplicativos são os apropriados para cada faixa etária. Também são os pais que devem ficar atentos, direcionar e conversar sobre o uso das redes sociais e de sistemas de buscas na internet. Mesmo dentro de casa, as crianças não estão 100% seguros dos hackers e de assédio sexual.

Com esse estudo, podemos perceber que estão surgindo novas preocupações e doenças causadas pela utilização excessiva de telas e que elas não só causam problemas ao corpo e a mente, como também em nível de relacionamento com o próximo. E provamos com as vivências pesquisadas que obesidade, diabetes, retenção de informações, distúrbios do sono são as primeiras preocupações, porém essa utilização sem restrições, sem informações, já tem grande influência no comportamento da criança, prejudicando seu convívio com quem está perto.

Pudermos ver que a criança não quer mais conversar e não sabe como manter um diálogo, às vezes, não sabe responder a perguntas simples que fazemos. Não quer mais sair ao ar livre para brincar em grupo. Não sabe dividir brinquedos e seguir regras simples em 'brincadeiras de rua', assim como também, não quer seguir regra alguma que ela se sinta prejudicada.

Conseguimos demonstrar que mesmo com uma pequena população, os riscos citados no referencial teórico se mostraram verdadeiros.

REFERÊNCIAS

BECKER, Doutor Daniel. Tecnologia: mais uma vez, cuidado com o excesso. Alerta importante. Em: **Pediatria Integral**. Postado em 29 ago 2014. Disponível em: <<http://pediatriaintegral.com.br/tecnologia-mais-uma-vez-cuidado-com-o-excesso-alerta-importante/>>. Acesso em: 29 ago. 2015.

BRASIL, *Secretaria da Educação Fundamental*. **Referencial curricular para a educação infantil**: volume I introdução. Brasília: MEC; 1998.

LEMOS, Igor Lins. Cyberpsicologia: Comunicação Viciante. **Psique Ciência e Vida**. São Paulo, n. 106, p. 76-77. 2014.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade**: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico. 8ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2003

SACCOL, A.; SCHLEMMER, E.; BARBOSA, J. **m-learning e u-learning**: novas perspectivas da aprendizagem móvel e ubíqua. São Paulo: Pearson Education, 2010.

A PERCEPÇÃO DA MULHER EM RELAÇÃO À VIVÊNCIA DO CÂNCER DE MAMA E COLO DE ÚTERO

RESUMO

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, o câncer de mama e de colo de útero são as principais neoplasias entre as mulheres, tanto em incidência como causa de morte. Considerada uma doença com grande potencial de ameaça à vida, integridade e funcionalidade corporais, o câncer caracteriza-se como uma das doenças culturalmente mais temidas, já que nos remete imediatamente a ideia de uma terapêutica radical e mutiladora, a mudanças na rotina de vida e à forte expectativa de morte.

Com a finalidade de contribuir na investigação de determinantes promotores desta situação, é necessário a identificação e avaliação da percepção da mulher com câncer de mama ou colo de útero em relação ao seu estado de saúde, suas condições de vida e o desenvolvimento do câncer; buscando entender o processo saúde-doença, relacionando-os aos fatores de risco, a importância da prevenção, ao acesso ao diagnóstico precoce e ao tratamento.

Palavras chave: Câncer, Mulher, Quimioterapia

ABSTRACT

According to the World Health Organization, breast cancer and cervical cancer are the main among women in both incidence and cause of death. Considered a disease with great potential threat to life, bodily integrity and functionality, the cancer is characterized as one of the culturally most feared disease because it immediately reminds us of the idea of a radical and mutilating therapy, changes in routine life and the strong expectation of death. In order to contribute to the investigation of determinants promoters of this situation, the identification and evaluation of the perception of women with breast cancer or cervical relative to your state of health is required, their living conditions and the development of cancer; seeking to understand the health-disease process, relating them to risk factors, will importance of prevention, access to early diagnosis and treatment.

Key Words: Cancer, Woman, Drug Therapy

1.INTRODUÇÃO

As neoplasias são a segunda causa de morte na população brasileira acima de 50 anos e primeira causa de internação hospitalar. O aumento da incidência da doença acompanha a transição demográfica do país e está diretamente relacionada ao aumento da expectativa de vida. (INCA, 2006)

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, o câncer de mama e de colo de útero são as principais neoplasias entre as mulheres, tanto em incidência como causa de morte. Mas, estes tipos de câncer têm comportamento epidemiológico diferente. O câncer de colo de útero é mais comum nas regiões menos desenvolvidas, que respondem por 85% do total de casos mundiais e 87% do total de óbitos por essa doença (WHO, s/d).

No Brasil, segundo dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA, 2011), a incidência e o óbito por câncer de colo de útero são maiores nas regiões Norte e Nordeste, sendo que a primeira é a única região do país em que a mortalidade supera a morte por câncer de mama. Em 2012, 18.430 novos casos de câncer de colo de útero foram diagnosticados no país e 4.800 óbitos ocorreram por esta causa, correspondendo a uma taxa de mortalidade ajustada para a população mundial de 4,66 óbitos para cada 100mil mulheres, valor intermediário entre os países em desenvolvimento, mas considerado alto se comparado a países desenvolvidos.

O aumento da incidência de câncer de mama no Brasil, é acompanhado do aumento da mortalidade, o que pode ser atribuído, principalmente, a um diagnóstico tardio e à instituição de terapêutica tardiamente e nem sempre adequada. No entanto, há de se ter cuidado com a generalização das hipóteses, dada a extensa dimensão territorial do país e suas acentuadas diferenças regionais, seja nos aspectos culturais, sociais e/ou econômicos, seja na ocorrência das patologias e na distribuição dos fatores de risco associados a essas diferença e também na

estrutura e organização do sistema de saúde, incluindo o acesso ao sistema e também a sua gestão e organização no que tange à coleta de dados que alimentam os sistemas de informação.

Considerada uma doença com grande potencial de ameaça à vida, integridade e funcionalidade corporais, o câncer caracteriza-se como uma das doenças culturalmente mais temidas, já que nos remete imediatamente a ideia de uma terapêutica radical e mutiladora, a mudanças na rotina de vida e à forte expectativa de morte. (SHERMAN, 1994)

O câncer de mama é a neoplasia que causa mais receio entre as mulheres, devido ao grande número de novos casos, alterações na sexualidade, ao tipo de tratamento, dor, ansiedade, baixa autoestima e disfunções da feminilidade. (BRASIL MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002), (CANTINELLI, CAMACHO, SMALETZ, GONSALES, BRAGGITTO, RENNÓ, 2006)

O câncer e seu tratamento ainda envolvem um fator de extrema importância: a alteração da imagem corporal, vivenciada de forma veemente pela população feminina. (OLIVEIRA, et. al 2010)

O desenvolvimento desta doença proporciona a experiência da passagem por três etapas que se sobrepõem: o recebimento do diagnóstico de estar com câncer (sentido como algo de natureza negativa), a realização de um tratamento longo e agressivo, e a aceitação de um corpo marcado por uma nova imagem com a necessidade de aceitação e convivência com a mesma. (SILVA, ALBUQUERQUE, LEITE, 2010).

Considerando os indicadores sociais e econômicos, bem como a rede de saúde (pública e privada) disponível no Estado de São Paulo e, em particular, no Vale do Paraíba Paulista e Litoral Norte, deveríamos ter indicadores mais favoráveis. Neste Estado, há maior registro de casos de câncer de mama, sendo o terceiro em taxa de mortalidade, após Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Com a finalidade de contribuir na investigação de determinantes promotores desta situação, é necessário a identificação e avaliação da percepção da mulher com câncer de mama ou colo de útero em relação ao seu estado de saúde, suas condições de vida e o desenvolvimento do câncer; buscando entender o processo saúde-doença, relacionando-os aos fatores de risco, a importância da prevenção, ao acesso ao diagnóstico precoce e ao tratamento.

2. OBJETIVO

Conhecer a percepção da mulher em relação a vivência do câncer de mama e colo de útero

3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de campo, descritivo, exploratório com abordagem quanti-qualitativo.

O estudo foi realizado em 6 cidades do Vale do Paraíba, Estado de São Paulo, sendo estas:

Cunha, Guaratinguetá, Lorena, Piquete, Queluz e Silveiras. A população foi constituída por mulheres acometidas pelo diagnóstico de câncer de mama ou de colo de útero, que aceitaram participar do estudo, assinando o termo de consentimento. Teve como critérios de inclusão ter diagnóstico clínico de câncer de mama e ou de colo de útero e estar ou ter concluído o tratamento (quimioterapia, radioterapia ou cirurgia).

A abordagem às estas mulheres foi realizada no Hospital Regional de Taubaté, após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital e Comitê de Ética e Pesquisa da Fatea, Lorena. As participantes foram convidadas a participar após receberem todos os

esclarecimentos sobre a pesquisa e após a leitura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a coleta de dados foi constituído um questionário de 04 blocos. A pesquisa tem 30 questões, sendo 06 fechadas e 24 abertas. O primeiro bloco de perguntas refere-se à caracterização socioeconômica e domiciliar. O segundo bloco, aborda a satisfação com as condições de vida. O terceiro bloco refere-se aos hábitos e atitudes relacionados à saúde e o quarto bloco sobre os caminhos percorridos na busca da saúde, cartografa o sistema de saúde usado, desde o adoecer, até o diagnóstico, tratamento e a percepção da mulher sobre a doença e sua vida.

Para este trabalho analisamos as respostas referentes ao primeiro e quarto bloco. Os dados coletados na entrevista foram transcritos e inseridos na plataforma on line Google® Docs, exportado para Microsoft EXCEL e analisados pela técnica de similaridade temática da análise de conteúdo de Bardin.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo foi realizado de maio até agosto de 2015, no domicílio das participantes na cidade de Cunha, Guaratinguetá, Lorena, Piquete, Queluz e Silveiras, totalizando 08 (oito) mulheres, na faixa etária de 31 a 57 anos. A faixa etária predominante entre as participantes foi de 50 a 60 anos (62,5%).

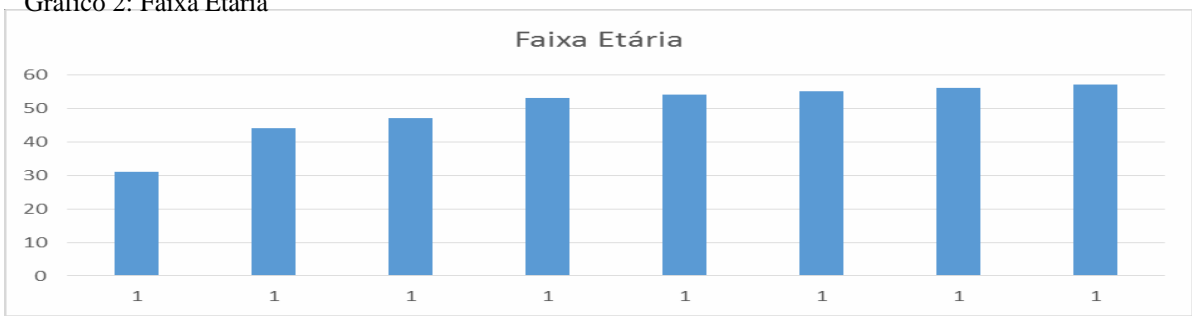
Entre as entrevistadas 4 (50%) possuíam parceiro fixo e 4 (50%) não possuíam parceiro fixo. Quanto a religião 3 (37,5%) são evangélicas e 5 (62,5%) são católicas. A escolaridade das mulheres variou entre alfabetizada ao ensino superior completo. Estudos comprovam que quanto mais anos de estudo do indivíduo, maiores as competências e habilidades dos mesmos para o alcance de satisfação com a vida e de equilíbrio dos afetos, já que se trata de um fator de proteção associado ao bem-estar psicológico (NERI, 2001).

Gráfico 1: Escolaridade



Fonte: Os autores

Gráfico 2: Faixa Etária



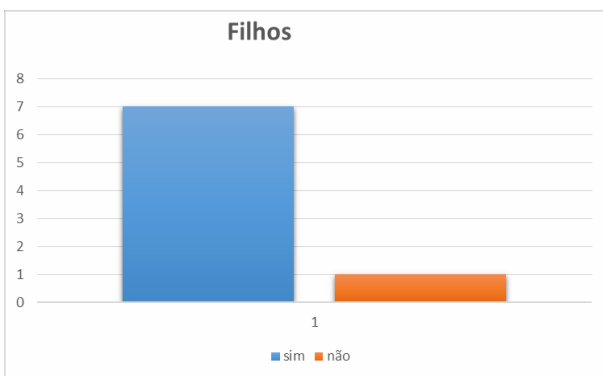
Fonte: Os autores

Gráfico 3: Religião



Fonte: Os autores

Gráfico 4: Filhos

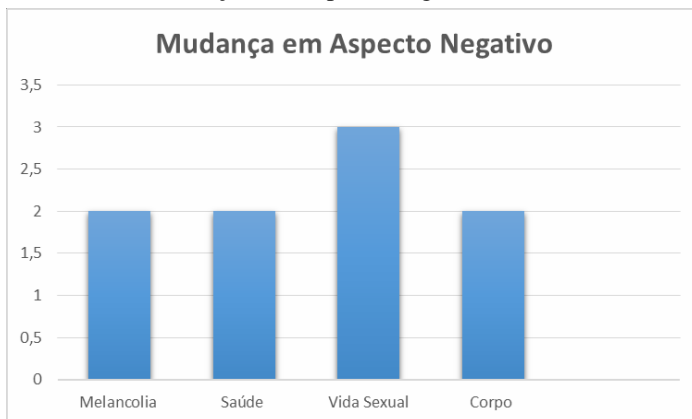


Fonte: Os autores

Em relação a presença de filhos, a média é de 87,5% com filhos.

Questionadas sobre possíveis transformações após o câncer as respostas foram analisadas de forma em que o impacto na vida das entrevistadas foram negativos ou positivos.

Gráfico 5: Mudanças em Aspecto Negativo



Fonte: Os autores

O aparecimento de melancolia foi citado duas vezes. A moradora 002 de Cunha relata com a frase: “não sei se o remédio que a gente toma, qualquer coisinha eu chorava, ai o médico disse que realmente deixa mesmo”

A mudança na saúde vista como um aspecto negativo foi citada duas vezes, a frase “A saúde eu fiquei bem abalada. Por que se queira ser forte... Tem dia que a gente está bem e tem dia que não.”, da moradora 001 de Guaratinguetá mostra que alguns procedimentos são mutiladores e transformam a condição física e emocional. (OLIVEIRA, GUIMARÃES, 2015). Como aponta OLIVEIRA E GUIMÃRES (2015) esses procedimentos podem causar náuseas, vômitos, queda de cabelo, fraqueza, palidez, sangramento, diarreia, prisão de ventre, fadiga, alterações da pele e unhas.

A vida sexual foi citada 03(três) vezes como uma mudança negativa.

Os tratamentos para o câncer de mama ou de colo de útero muitas vezes podem ser agressivos e outras vezes acarretar sequelas físicas que podem refletir na vida sexual. A mastectomia por exemplo altera a aparência, a sensibilidade e a funcionalidade das mamas. A dissecação dos linfonodos axilares pode ocasionar o linfedema, com comprometimento da simetria corporal e movimentação do braço. A quimioterapia, radioterapia e terapia hormonal podem acarretar efeitos colaterais como náuseas, vômitos, fadiga, alopecia, menopausa induzida, redução da lubrificação vaginal, redução da excitação sexual, dispaurenia e anorgasmia. (White, 2004; Panjari e col., 2011).

A moradora 002 de Cunha, ilustra a mudança negativa com a frase “Depois da cirurgia não tive mais relação sexual, por medo[..]”

Registra-se com a moradora 001 de Piquete a interferência medicamentosa no desejo sexual “Não tenho vergonha por causa do seio. Só que o Tamoxifeno® diminui a libido. Agora não! Agora já tá voltando, mas digamos que hoje eu tenha uma relação sexual, daqui três dias já não consigo ter orgasmo.”

Cabe ressaltar que houveram respostas em que a vida sexual não sofreu mudanças, como diz a moradora 001 de Guaratinguetá: “Na vida sexual tudo normal, graças a Deus. Tem um amigo que perguntou... “Nossa e agora?” Eu falei: “E agora O QUÊ? Não faz diferença nenhuma [a falta da mama]. Meu marido é uma pessoa divina. Ele não me deixa inibida. É normal.”

A percepção que a mulher tem sobre o apoio do parceiro é considerada uma peça chave que favorece o enfrentamento da doença e a adaptação da vida sexual após os tratamentos, mesmo quando há alterações no corpo da mulher. (SANTOS, SANTOS, VIEIRA, 2014).

O câncer e seu tratamento ainda envolvem um fator de extrema importância: a alteração

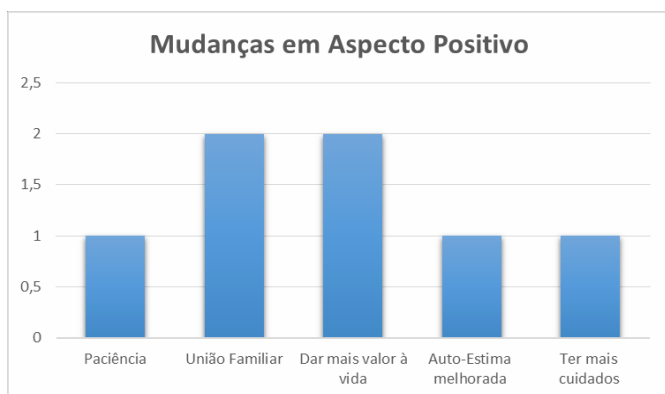
da imagem corporal, vivenciada de forma veemente pela população feminina. (OLIVEIRA, et. al 2010).

A mudança no corpo de forma negativa também é citada duas vezes.

“Embora está caindo meus dentes, cêis tão vendo [...] Foi sexta agora... Eu estava conversando e... *tum...* saiu na minha mão. [...] O peito? Um menor que outro.” O relato mostra como o tratamento modifica a aparência.

Além das cirurgias modificarem o corpo, o tratamento quimioterápico induz o aparecimento de náuseas e vômitos, lesão de esôfago, fraturas, má nutrição, desequilíbrio hidro-eletrolítico e acido-básico resultando em outras particularidades que alteram a saúde e corpo da mulher. (BALLATORI, 2003)

Gráfico 6: Mudanças em Aspecto Positivo



Fonte: Os autores

Além das mudanças encaradas de forma negativas, as entrevistadas citam que há transformações positiva em suas vidas.

Paciência é citada uma vez, especificamente na fala da moradora 001 de Cunha:

“Paciência. Tinha dia que nem eu aguentava eu. Eu era estessada.

Aprendi ser mais gente, né? Eu era muito ignorante. Qualquer coisa arranjava rolo. Eu me doia por pouca coisa.”

A citação de União familiar (2 vezes), mostra que os laços familiares podem se estreitar após a doença: “Em relação à família, a gente já era bem unida e depois ficou mais.”

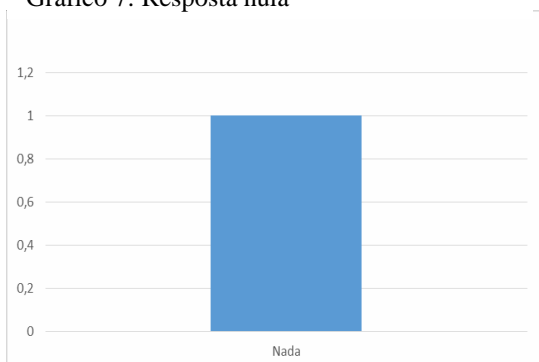
Dar Mais valor à vida, foi citada duas vezes.

A melhora da autoestima aparece na fala da moradora 002 de Lorena: “Eu era muito insegura, eu me achava muito feia, incapaz, me achava burra... Eu achava que ninguém me queria (a voz estremece). [...] Eu achava que não era capaz de fazer faculdade. Eu era rejeitada, humilhada. Eu deixava isso tomar conta de mim.

Eu sempre falei que eu tinha 4 sonhos. Ter alguém, ser enfermeira e outros dois... que não lembro agora. Troquei o sonho de ter alguém por me curar. Mas sempre quis ser enfermeira. Mas não me achava capaz”

Aprender a se cuidar melhor foi citado apenas uma vez.

Gráfico 7: Resposta nula



Fonte: Os autores

A moradora 001 de Queluz relata nada ter mudado: “Nada. Só que a vida da gente tá sempre melhorando mais né?”

Perguntadas a respeito do apoio recebido ‘Família’ aparece 06(seis) vezes nas respostas. SALES (2003), relata a experiência de ambivalência nos pacientes acometidos por câncer, pois ao mesmo tempo em que o portador de câncer se sente angustiado ao perceber que sua rotina traz sofrimento para seus familiares, sentem-se também aliviados e alegres por tê-los ao seu lado.

É notado que o tratamento interfere no cotidiano não somente da paciente, mas também na estrutura e rotina de uma família. (SHERMAN, 1994)

“Meu maior apoio foi a família.”

“As minhas cunhadas, mãe, família no geral.”

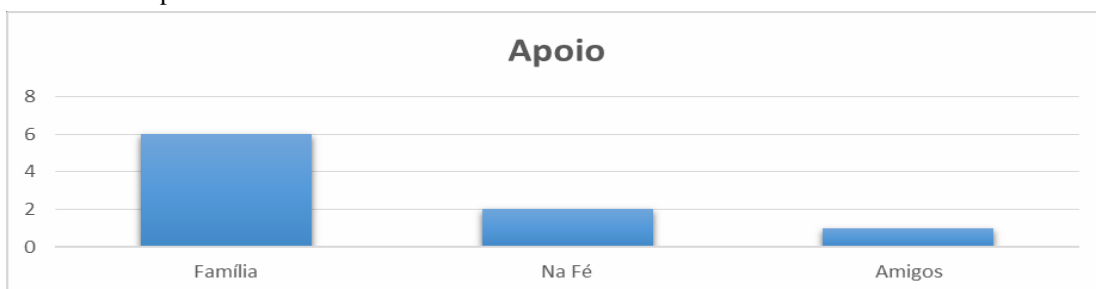
“A família é o maior apoio. E minha sogra...”

“Meu maior apoio, graças a Deus minha família, meus fios tudo me apoiando, se sente mais segura né? Meu marido também...”

A fé é uma questão muito comentada e de extrema importância nas falas das entrevistadas envolvidas. O estudo de GUERREIRO & COLS (2015) conclui que a espiritualidade pode ser uma forma de estratégia de enfrentamento do paciente perante o câncer, já que cada paciente poderá atribuir significado diferente à sua luta. E que a fé, minimiza o seu sofrimento e aumenta a esperança de cura durante o tratamento. Porém, pontualmente nessa questão a fé foi citada duas vezes.

“Na fé. Em Deus mesmo. “Senhor a Cruz é grande. Mas o Senhor me ajuda a carregar”.

Gráfico 8: Apoio

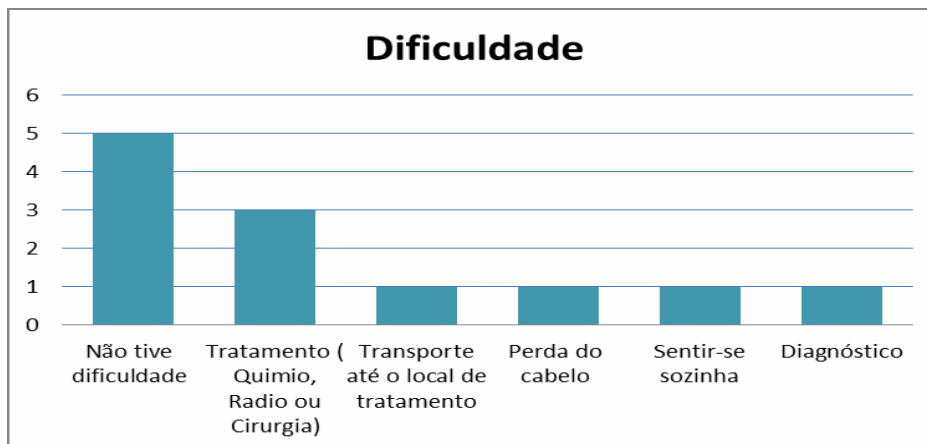


Fonte: Os autores

As dificuldades referidas foram: o transporte até o local de tratamento relato por uma moradora 002 de Piquete “A única coisa que pega, é acordar as 04 para ir pra Taubaté, chego

muito cansada sem ânimo pra nada”. Segundo um estudo realizado por Monteiro et al (2004) sobre a perspectiva do paciente oncológico, afirma-se que 50% considera enfrentar dificuldades para a realização do tratamento em relação ao transporte oferecido pelo SUS.

Gráfico 9: Dificuldade



Fonte: Os autores

A moradora 001 de Piquete relata que “A maior dificuldade foi na hora que recebi a notícia. A pior coisa é quando você fala carcinoma invasivo.” E segundo PISONI (2012) a mulher enfrenta diversas situações durante o descobrimento do câncer, primeiramente o impacto do diagnóstico o que a leva a inúmeros pensamentos negativos, tendo em vista que a maioria das vezes o câncer tem mal prognóstico, sendo encarado para algumas mulheres como sinônimo de morte.

E quando diagnosticado a fase do câncer a paciente passa por barreiras e mudanças passíveis por causa do tratamento, e frente a essas barreiras que precisam ser vencidas estão os efeitos colaterais da quimioterapia, radioterapia e a cirurgia que por ser um tratamento sistêmico pode apresentar efeitos adversos como: alopecia, ansiedade, náuseas, vômitos, fadiga, alterações renais e digestivas. Estes efeitos variam de paciente para paciente, dependendo do tipo e da combinação de drogas no caso da quimioterapia. (PISONI;2012) Podemos observar essas dificuldades pela resposta de 3 moradoras e a fala da moradora 002 de Cunha “maior dificuldade era que não podia sentir cheiro de nada, minhas panelas, produto de limpeza e quando passava a semana começava a melhorar tinha que fazer quimio de novo “ai meu Deus”.

Segundo Pereira e Rosenhein (2006) a alopecia é um dos efeitos colaterais do tratamento quimioterápico, que pode trazer maior sofrimento mais do que a própria cirurgia, pois, no contexto social, a perda do cabelo mostra o diferente, o não belo, a pessoa inquestionavelmente adoecida, e culturalmente é normal que o gênero feminino exiba cabelos longos e bonitos, fato este que dificulta a aceitação da alopecia tanto pela mulher quanto pela sociedade. Moradora de Guaratinguetá 001 “O cabelo... Falaram... Corta... A *quimio* que a senhora vai fazer vai cair. Na terceira semana caia demais.... Eu comia cabelo, caia no travesseiro. Eu ia tomar banho caia. Eu pegava aquele monte de cabelo assim.... Minha filha mais velha pegou eu no quarto chorando “Mãe o que está acontecendo?” “Olha aí o que tá acontecendo, olha meu cabelo na toalha, olha aí que não sei o quê, aquela coisa toda, né?” ... Cada monte que saia na minha mão era um sofrimento. Então vamos sofrer uma vez só, né? Vamos tirar tudo. Chorei.”

Obtivemos cinco vezes a resposta “Eu não tive dificuldade” - da moradora Cunha 001. Que afirmam o apoio da família que trouxe encorajamento, a coragem e esperança.

E a falta desse apoio seja família, cônjuge ou amigos próximos segundo Vasconcelos e Neves (2010) traz dificuldade na aceitação e enfrentamento dessas barreiras. Fala da moradora de Lorena 002 “Minha maior dificuldade foi andar, andar sozinha, o medo de andar sozinha. É difícil... A dor...”

5. CONCLUSÃO

Percebemos que a família recebe destaque nas respostas, sendo citadas tanto como um fator de mudança como fator de apoio (mais até do que Deus, fé e religião como apoio). O fortalecimento dos laços familiares foi muito importante para amenizar o sofrimento quando estas mulheres precisavam. Os relacionamentos com a família parecem terem se tornado mais consolidados, constituindo fonte de apoio, segurança e estabilidade emocional para a maioria das mulheres.

Normalmente, toda a família mobiliza-se para acolher, confortar, cuidar e acompanhar a mulher em sua trajetória com o câncer. Interessante, notar que cunhadas e sogras são lembradas como fonte de apoio. A vida sexual parece ser uma mudança importante para estas mulheres, mas a conclusão é que apesar da mudança ocorrer de forma negativa, ela ainda pode não fazer diferença, ou falta.

As mulheres passam a ter uma visão diferente do que é vida após o câncer.

Dão mais valor à esta, aos familiares, aos cuidados pessoais e buscam apoio na fé para enfrentar a frase do tratamento. Ainda apesar do estigma do cabelo, e a queda de cabelo ser mencionada, nota-se que apesar de traumatizante, e as cenas de alopecia estarem vívidas na memória, a falta de cabelo foi apontada como dificuldade apenas uma vez. Entre tantas outras dificuldades, parece ficar difícil pinçar apenas uma, e o resultado da luta contra o câncer é não apontar dificuldades e sim o apoio.

Compreendemos que o caminho do câncer é um momento de muitas mudanças na vida das mulheres, que não são passageiras, podendo ser estas positivas ou negativas. E que a presença da família torna este caminho menos difícil.

REFERÊNCIAS

NERI, A. L. Velhice e qualidade de vida na mulher. In A.L. Neri (Org.), *Desenvolvimento envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas* (pp.161-200). Campinas: Papirus. (2001).

OLIVEIRA P. E., GUIMARÃES S. M. F. Vivências e práticas de cuidado de mulheres em processo de tratamento de câncer. *Ciênc. saúde coletiva* [Internet]. 2015 July [cited 2015 Aug 29]; 20(7): 2211-2220. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000702211&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015207.18022014>.

Santos Daniela Barsotti, Santos Manoel Antônio dos, Vieira Elisabeth Meloni. Sexualidade e câncer de mama: uma revisão sistemática da literatura. *Saude soc.* [Internet]. 2014 Dec [cited 2015 Aug 29]; 23(4): 1342-1355. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902014000401342&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902014000400018>.

WHITE, C. A. Body images in oncology. In: CASH, T. F.; PRUZINSKY, T. *Body image: a handbook of theory, research, and clinical practice*. London: Guilford, 2004. p. 379-386.

PANJARI, M.; BELL, R. J.; DAVIS, S. R. Sexual function after breast cancer. *The Journal of Sexual Medicine*, Wormerveer, v. 8, n. 1, p. 294-302, 2011.

BALLATORI E, ROILA F. Impacto of nausea and vomiting on quality of life in cancer patients during chemotherapy. *Health Qual Life Outcomes*. 2003;1:46.

OLIVEIRA, C L et. al. CÂNCER E IMAGEM CORPORAL: PERDA DA IDENTIDADE FEMININA *Rev. Rene*, vol. 11, Número Especial, 2010. p. 53-60.

INCA, Instituto Nacional de Câncer. A situação do câncer no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Câncer; 2006.

INCA, Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Estimativa 2012: incidência de câncer no Brasil, Coordenação Geral de Ações Estratégicas, Coordenação de Prevenção e Vigilância. – Rio de Janeiro : Inca, 2011.118 p.

World Health Organization, WHO. Global can 2012: estimated cancer incidence, mortality and prevalence worldwide in 2012.

SHERMAN, JR. Aspectos psicossociais do câncer. In: Love RR, organizador. Manual de oncologia clínica da União Internacional contra o Câncer. 6ª ed. Nova Iorque: Springer-Verlag; 1994. p. 598-605.

BRASIL, Ministério da Saúde. 2006. *Diretrizes Operacionais: Pacto Pela Vida, em Defesa do SUS e Gestão*. Brasília, DF:MS. Série A. Normas e Manuais Técnicos/ 2.ª edição. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/editora>. Acesso em 04 ago. 2011.

SILVA C, ALBUQUERQUE V, LEITE J. Qualidade de Vida em Pacientes Portadoras de Neoplasia Mamária Submetidas a Tratamentos Quimioterápicos. *Revista Brasileira de Cancerologia* 2010; 56(2): 227-236.

SALES CA. O cuidado no cotidiano da pessoa com neoplasia: compreensão existencial (tese). Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2003.

GUERRERO G. P., ZAGO M. M. F., SAWADA N. O., Pinto Maria Helena. Relação entre espiritualidade e câncer: perspectiva do paciente. *Rev. bras. enferm.* [Internet]. 2011 Feb [cited 2015 Aug 29] ; 64(1): 53-59. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000100008&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672011000100008>.

MOLINA M. A. S., MARCONI S. S.. Mudanças nos relacionamentos com os amigos, cônjuge e família após o diagnóstico de câncer na mulher. *Rev. bras. enferm.* [Internet]. 2006 Aug [cited 2015 Aug 29] ; 59(4): 514-520. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000400008&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672006000400008>.

MONTEIRO A et al. O paciente oncológico- uma perspectiva sobre a valorização do indivíduo em seus aspectos bio-psico-social Universidade do Vale do Paraíba.São José dos Campos; 2004

PISONI A.C . Dificuldades vivenciadas por mulheres em tratamento para o câncer de mama. Universidade regional do noroeste do estado do rio grande do sul.Unijui; 2012.

VASCONCELOS, P M; NEVES, J B. Importância do apoio familiar à mulher submetida à cirurgia para tratamento da Neoplasia Mamária. *Revista Enfermagem Integrada – Ipatinga: Unileste-MG-V.3-N.1-Jul./Ago.* 2010.

PEREIRA, S G; et al. Vivências de cuidados da mulher mastectomizada: uma pesquisa bibliográfica. *Revista Brasileira de Enfermagem REBEn*. 2006

ELABORAÇÃO DE UM INSTRUMENTO DO PROCESSO DE ENFERMAGEM BASEADO NA TEORIA DE DOROTHEA OREM

RESUMO

No Brasil a assistência ambulatorial às pessoas portadoras do vírus do HIV é realizada em diferentes serviços do Sistema Único de Saúde. O enfermeiro assume um papel importante na assistência ao portador de HIV e de outros DSTs, ele atua na prevenção e tratamento. O enfermeiro assume também a responsabilidade pela coleta de dados destes pacientes. O objetivo deste estudo é elaborar um instrumento de coleta de dados a ser aplicado na primeira etapa do Processo de Enfermagem baseado na Teoria de Dorothea Orem. O instrumento desenvolvido para nortear coleta de dados na consulta de enfermagem com pacientes portadores de HIV/AIDS trata-se de um questionário dividido em cinco partes e composto de perguntas objetivas e discursivas com base na teoria de Orem que auxiliarão o enfermeiro a compreender o grau de dependência do paciente para com a equipe e família no desenvolver de suas atividades práticas de autocuidado.

Palavras-chave: HIV, Coleta de Dados, Teoria de Enfermagem.

ABSTRACT

In Brazil, outpatient care to people living with the HIV virus is held in different services of the unified health system. The nurse plays an important role in assisting the person living with HIV and other STDs, it acts on prevention and treatment. The nurse also takes responsibility for collecting data from these patients. The aim of this study is to develop a data collection instrument to be applied in the first stage of the nursing process based on the theory of Dorothea Orem. The instrument developed to guide data collection in nursing consultation with patients with HIV/AIDS it is a questionnaire divided into five parts and composed of objective and essay questions based on Orem's theory that will help nurses to understand the degree the patient's dependence on the team and family in developing their practice of self-care activities.

Key-words: HIV, Data Collection, Nursing Theory.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil a assistência ambulatorial às pessoas portadoras do vírus do HIV é realizada em diferentes serviços do Sistema Único de Saúde: unidades básicas de saúde, ambulatórios de especialidades, ambulatórios de hospitais, serviços exclusivos para doenças sexualmente transmissíveis (DST) e AIDS. Em 2007, 636 serviços foram listados (BAPSTELA e Cols., 2007).

Trabalha-se a assistência ao portador de HIV e ao paciente acometido por outras DSTs. Funcionando como meio do primeiro contato do paciente portador do vírus (não ou potencial portador), o paciente e sua família contam com a equipe de saúde, atrelados à ESF que vem investindo na promoção da saúde da população e na prevenção de doenças sexuais, alcançando resultados importantes para a Saúde Coletiva e o país.

Ressaltasse que o trabalho do enfermeiro além de gerencial inclui a promoção da saúde: através de palestras e workshops dentro e fora destes serviços, aconselhamento particular e distribuição de itens de prevenção. Inclui também a admissão de pacientes nas unidades (Anamnese e exame físico) e acompanhamento destes.

De acordo com a metodologia de atendimento supracitada se optou por elaborar um instrumento de coleta de dados acerca da Teoria Geral do Autocuidado de Dorothea Orem, que trabalha o sistema de apoio e educação e autocuidado com o objetivo de criar uma coleta de dados direcionada às essas unidades de saúde.

2. OBJETIVO:

Elaborar um instrumento de coleta de dados a ser aplicado na primeira etapa do Processo de Enfermagem baseado na Teoria de Dorothea Orem.

3.MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa descritiva. Para este estudo foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a Teoria Geral do Autocuidado de Dorothea Orem, teoria esta, elencada para fundamentar o instrumento da primeira etapa do processo de enfermagem para o atendimento da consulta de enfermagem com pacientes portadores de HIV/AIDS.

O instrumento de coleta de dados foi elaborado com o objetivo de tornar o conhecimento do enfermeiro acerca da capacidade de autocuidado do paciente.

4. RESULTADOS E DISCUSÃO

4.1 Biografia:

Nascida em Baltimore, Maryland, Orem na década de 30 obteve um diploma de Enfermeira pela Escola de Enfermagem Del Province Hospital em Washington, D.C. Orem obteve experiência em Enfermagem, serviços privados (tanto em Home Care, como em hospitais), pediatria, com adultos, urgência e emergência e foi professora de ciências biológicas (TOMEY, 2003).

Em 1970, Orem começou a dedicar-se à sua própria firma de consultoria. O primeiro livro publicado por Orem foi: *Enfermagem: Conceitos da Prática* em 1971. Enquanto se era preparado e revisado *A Formalização do Conceito em Enfermagem: Processo e Produto* (OREM, 1972, OREM, 1979).

4.2 A Teoria

Teoria é um agrupamento de ideias, proposições, hipóteses estudadas cientificamente, ou seja, trata-se de conteúdos extensos ou não que venham normatizar princípios e regras do próprio conhecimento, sendo assim teorias podem ser influenciadas por experiências observadas ou aprendidas. (PAIM, et al., 1998)

As teorias organizam formalmente o conhecimento da enfermagem como profissão. Apresentam um conjunto de conceitos que, inter-relacionados, formam uma maneira de ver o mundo da enfermagem e desenvolver a sua prática (PAIM, et al., 1998)

Os conceitos e suas definições são essenciais para a compreensão de uma teoria, a qual além de alterar o modo de pensar, saber e fazer enfermagem e guia o agir do enfermeiro no cuidar (GEORGE, 1993).

O propósito de uma teoria é apresentar uma visão sistematizada de um fenômeno e para isso deverá apresentar um grupo de conceitos, suas definições e a articulações entre eles de forma a consistir em uma construção sobre um determinado fenômeno (ZAGONEL, 2006).

4.3 Metaparadigma

Orem define a enfermagem como: "Um serviço de saúde especializado, distinguindo-se de outros serviços humanos por ter seu foco de atenção nas pessoas com incapacidades para a

contínua provisão de quantidade e qualidade de cuidados em um momento específico, sendo eles reguladores de seu próprio funcionamento e desenvolvimento".

Segundo Orem, "Deve-se salientar a fundamental importância da família no cuidado em saúde, pois ela interfere positiva ou negativamente nos seus membros, sendo responsável por cumprir as orientações recebidas pelos profissionais. O sistema familiar deve ser visto como parte de um supra sistema mais amplo, a comunidade, que é formada por muitos subsistemas. Sendo assim, a mudança de um membro afeta todos na família e vice-versa".

"Seres humanos diferem de outras coisas vivas por sua capacidade (1) de refletir acerca de si mesmos e de seu ambiente, (2) de simbolizar aquilo que vivenciaram, e (3) de usar criações simbólicas (ideias, palavras) no pensamento, na comunicação e no direcionamento de esforços para realizar e fazer coisas que trazem benefícios a si mesmo e aos outros".

Orem apoia a definição de saúde da Organização Mundial da Saúde, como o do de bem-estar físico, mental e social e não simplesmente a ausência de enfermidade ou doença. Ela declara que "os aspectos físicos, psicológicos, interpessoais e sociais da saúde são inseparáveis no indivíduo".

4.4 A Teoria do Autocuidado

A teoria do autocuidado de Orem engloba o autocuidado, a atividade e a exigência terapêutica de autocuidado. O autocuidado é a prática de atividades iniciadas e executadas pelos indivíduos em seu próprio benefício para a manutenção da vida e do bem-estar. A exigência terapêutica de autocuidado constitui a totalidade de ações de autocuidado, por meio do uso de métodos válidos e conjuntos relacionados de operações e ações (FOSTER & JANSSENS, 1993).

Para OREM (1980), o autocuidado é a prática de atividades que o indivíduo inicia e executa em seu próprio benefício, na manutenção da vida, da saúde e do bem-estar.

Como finalidade, as ações, que, seguindo um modelo, acrescentam de maneira específica, na integridade, nas funções e no desenvolvimento humano. Esses propósitos são expressos através de ações denominadas requisitos de autocuidado (TORRES, et. al., 1999).

São três os requisitos de autocuidado ou exigências, apresentados por Orem: universais, de desenvolvimento e de desvio de saúde.

Os universais são ligados aos processos de vida e à manutenção da integridade da estrutura e funcionamento humanos. São comuns a todos os seres humanos durante todas as fases do ciclo vital, como exemplo, as atividades de rotina (TORRES, et. al., 1999).

Os requisitos de desenvolvimento são as expressões especializadas de requisitos universais que foram particularizados por processos de desenvolvimento, associados a algum evento; por exemplo, a adaptação a um novo trabalho ou adaptação a mudanças físicas. (TORRES, ET. AL., 1999).

O de desvio de saúde é exigido em condições de doença, ferimento ou moléstia, ou ser consequência de medidas médicas para diagnosticar e corrigir uma condição (TORRES, et. al., 1999).

Portanto, a teoria do autocuidado de Orem segundo LUCE et al. (1990), tem como propósito básico, a crença de que o ser humano tem habilidades próprias para poder realizar o cuidado de si mesmo, e que pode se beneficiar com o cuidado da equipe de enfermagem quando apresentar incapacidade de autocuidado causado pela falta de saúde.

4.5 A Teoria do Déficit do Autocuidado

Segundo FOSTER & JANSSENS (1993), a teoria de déficit de autocuidado constitui a essência da teoria de Orem, quando a enfermagem passa a ser um princípio a partir das necessidades de um adulto, e quando o mesmo acredita ser incapaz ou limitado para realizar autocuidado contínuo e eficaz. Esses cuidados podem ser oferecidos pela enfermagem quando

[...] as habilidades para cuidar sejam menores do que as exigidas para satisfazer uma exigência conhecida de autocuidado [...] ou habilidades de autocuidados ou de cuidados dependentes excedam ou igualem às exigidas para satisfazer a demanda atual de autocuidado, embora uma relação futura de deficiência possa ser prevista devido as diminuições previsíveis de habilidades de cuidado.(FOSTER & JANSSENS, 1993, p.92).

Orem aponta cinco métodos de ajuda, segundo os autores citados: 1) agir ou fazer para o outro; 2) guiar o outro; 3) apoiar o outro (física ou psicologicamente); 4) proporcionar um ambiente que promova o desenvolvimento pessoal, quanto a tornar-se capaz de satisfazer demandas futuras ou atuais de ação; e 5) ensinar o outro (TORRES, et. al., 1999).

4.6 A Teoria dos Sistemas de Enfermagem

O sistema de enfermagem planejado pelo profissional, segundo FOSTER & JANSSENS (1993), está apoiado nas necessidades de autocuidado e na capacidade do paciente para a realização de atividades de autocuidado. Para satisfazer os requisitos de autocuidado do indivíduo, Orem identificou três classificações de sistemas de enfermagem que são os seguintes: o sistema totalmente compensatório, o sistema parcialmente compensatório e o sistema de apoio-educação.

O sistema de enfermagem totalmente compensatório é interpretado pelo indivíduo incapaz de empenhar-se nas ações de autocuidado. O enfermeiro, através de ações, vai atuar na ação limitada do paciente tentando satisfazer o autocuidado do mesmo, equilibrando sua incapacidade para a atividade de autocuidado através do apoio e da proteção ao paciente (TORRES, et. al., 1999).

O sistema de enfermagem parcialmente compensatório está representado por uma situação que, tanto o enfermeiro, quanto o paciente, executam medidas ou outras ações de cuidado que envolvem tarefas de manipulação. Através de sua ação, o enfermeiro consegue algumas medidas de autocuidado pelo paciente, nivela suas limitações de autocuidado atendendo o paciente conforme o exigido. O paciente consegue realizar algumas medidas de autocuidado, equilibrando suas atividades e aceita atendimento e auxílio do enfermeiro (TORRES, et. al., 1999).

O sistema de enfermagem de apoio-educação ocorre quando o indivíduo consegue executar, ou adere o aprendizado de medidas de autocuidado terapêutico, equilibra o exercício e desenvolvimento de suas atividades de autocuidado, e o enfermeiro pode considerar esse indivíduo um agente capaz de se autocuidar (TORRES, et. al., 1999).

4.7 O Processo de Enfermagem de OREM

O processo de enfermagem de Orem segundo FOSTER & JANSSENS (1993, p.98) “é um método de determinação das deficiências de autocuidado e a posterior definição dos papéis da pessoa ou enfermeiro para satisfazer as exigências de autocuidado”.

O processo de enfermagem proposto por OREM (1980) compreende 3 passos. Para este trabalho, usamos apenas o passo 1.

Passo 1 - fase de diagnóstico e prescrição, que determina as necessidades ou não de cuidados de enfermagem. O enfermeiro realiza a coleta de dados do indivíduo. Os dados específicos são reunidos nas áreas das necessidades de autocuidado, de desenvolvimento e de desvio de saúde do indivíduo, bem como, o seu inter-relacionamento. São também coletados dados acerca dos conhecimentos, habilidades, motivação e orientação da pessoa.

Dentro do passo 1, o enfermeiro buscará responder: (OREM, 1985):

- A) Quais as exigências do cuidado terapêutico atualmente e futuramente?
- B) O paciente possui alguma deficiência que comprometa as atividades do autocuidado?
- C) Em caso afirmativo, qual é esta deficiência e porquê ela existe?
- D) O paciente deve evitar o seu autocuidado para seu próprio bem?
- E) Qual o potencial do paciente para realizar suas ações do autocuidado em um período de tempo ainda por vir?
- F) Ele tem capacidade de aprender o autocuidado, aumentar sua capacidade?
- G) Qual o potencial do paciente de incorporar de modo eficaz e sólido medidas (inclusive novas) aos sistemas de autocuidado e vida cotidiana?

4.8 O Instrumento para Coleta de Dados

O instrumento desenvolvido para nortear coleta de dados na consulta de enfermagem com pacientes portadores de HIV/AIDS trata-se de um questionário dividido em cinco partes e composto de perguntas objetivas e discursivas com base na teoria de Orem que auxiliarão o enfermeiro a compreender o grau de dependência do paciente para com a equipe e família no desenvolver de suas atividades práticas de autocuidado.

Primeira parte: Identificação e Histórico de Enfermagem: no primeiro momento é abordado questões sociodemográfica, epidemiológicas e clínica.

Segunda Parte: Requisitos de Autocuidado Universais: Segundo os requisitos de autocuidado universais expostos por Orem que estão associados com os processos da vida e com manutenção da integridade da estrutura e do funcionamento humano, foram elaboradas questões sobre: água, alimentação, eliminação e excreção, atividade e repouso, sexualidade, solidão, risco à vida, bem -estar humano.

Terceira parte: Requisitos de autocuidado de desenvolvimento: Refere-se aos eventos ou situações novas que ocorrem na vida humana, porém com propósito de desenvolvimento e, para o seu cumprimento, necessitam-se dos requisitos de autocuidado universais, foram abordados questionamentos relacionados a doença como: sentiu necessidade de ocultar o diagnóstico? Percebeu alterações em seu corpo após o diagnóstico? A doença trouxe mudanças no seu estilo de vida?

Quarta parte: Requisitos de Autocuidado por Desvio de Saúde: Referiu-se aos cuidados ou tomadas de decisão em relação ao problema de saúde diagnosticado com o propósito de recuperação, reabilitação e controle.

Quinta parte: É destinada ao Enfermeiro, para colocação de seus achados relacionados aos déficits de autocuidado do paciente e então diagnosticá-lo segundo a classificação internacional NANDA e intervir com as prescrições de enfermagem adequadas a assistência prestada baseada em NIC.

4.9 Instrumento para a coleta de dados baseado na Teoria de Orem direcionado a pacientes portadores de HIV/AIDS.

1º Histórico de Enfermagem/Identificação

Nome: _____ Idade: _____ D.N / / ____
Sexo () F () M Estado Civil: _____ Sorologia do parceiro: _____
Nº de filhos: _____ Sorologia dos filho(s): _____ Escolaridade: _____
Ocupação: _____
Renda Familiar mensal: _____ salários mínimos.

Dados Clínicos

Ano do diagnóstico da infecção pelo HIV : _____
Modo de exposição: () Sexual () Sanguínea () Drogas Injetáveis () Não sabe

Exames Realizados

CD4+ () Não () Sim Data: / / ____ Resultado: _____
Carga Viral : () Não () Sim Data: / / ____ Resultado: _____
Sintomas referidos no atendimento: _____

Sinais Vitais e Antropométricos

Peso (kg) _____ Altura (m) _____ PA: _____ mmHg T: _____ °C
Pulso: _____ bpm R: _____ irm

2º Requisitos de autocuidado Universais: (água, alimentação, eliminação e excreção, atividade e repouso , sexualidade , solidão , risco à vida, bem -estar humano)

Hidratação e alimentação

- a) A quantidade de líquido que ingere diariamente, considera adequada? () Sim () Não
Por quê? _____
- b) Os tipos de alimentos presentes em sua alimentação diária, os considera suficiente? () Sim () Não
Por quê? _____
- c) Apresenta dificuldade para alimentar-se? () Sim () Não
Qual? _____
- d) Quem prepara suas refeições? _____

e) Faz suas próprias compras no supermercado? () Sim () Não Por quê?

Respiração

a) Uso de aparelho respiratório () Sim () Não Qual? _____ Quem faz a higiene do mesmo? _____

b) Dispneia: () Sim () Não Frequência: _____

c) Outros problemas respiratórios: () Sim Qual? _____ () Não

Eliminação e Excreção

a) Dificuldade em Urinar? () Sim Qual? _____ () Não

b) Mudança na consistência da Urina () Sim Qual? _____ () Não

c) Frequência das evacuações: () 1 vez ao dia () a cada dois dias () 2 vezes por semana () 1 vez por semana () Mais de uma vez por dia, especificar _____

d) Consistência das fezes () pastosas () diarreicas () endurecidas

e) Como locomove-se até o banheiro? () deambulando () com auxílio de equipamentos () acompanhante

f) Para sentar ao sanitário necessita de auxílio? () Sim Qual? _____ () Não

g) Por quem é realizada a higiene? _____

Equilíbrio entre atividades e descanso

a) Dorme quantas horas no intervalo de 24hs? _____ (horas/dia _____ horas/noite)

b) Considera suas horas de sono suficientes para o repouso? () Sim () Não Por quê? _____

c) Necessita de medicamentos para dormir? () Sim Qual? _____ () Não

d) Realiza atividades físicas () Não () Sim: () Diariamente () 3x semana () 1 -2x semana Com orientação: () Sim () Não

Tipo de exercícios: _____ duração: _____ Quando iniciou: _____

e) Atividades de Lazer? () Sim () Não Tipo e tempo dedicado ao lazer: _____

f) Por quem é realizada a limpeza da casa: _____

g) Necessita de auxílio para locomoção entre os cômodos: () Sim () Não

h) Necessita de auxílio para levantar e deitar a cama: () Sim () Não

Equilíbrio entre solidão e interação social

a) Quantas pessoas moram com você? _____

b) Participa de atividades sociais? () Sim () Não

Quais? _____

Prevenção de risco à vida e ao bem-estar:

a) Fumante? () Sim () Não N° de cigarros por dia: _____

b) Ingera bebida alcoólica? () Sim () Não Quantidade? _____

c) Faz uso de preservativos durante as relações sexuais? () Sim () Não

3º Requisitos de Autocuidado Desenvolvimentais:

a) Sentiu necessidade de ocultar o diagnóstico? () Sim () Não

Por quê? _____

b) Percebeu alterações em seu corpo após o diagnóstico? () Sim () Não

Quais? _____

c) A doença trouxe mudanças no seu estilo de vida? () Sim () Não

Quais? _____

4º Requisitos de Autocuidado por Desvio de Saúde:

a) Presença de doenças oportunistas: () Sim () Não

Quais? _____

b) Houveram internações após o diagnóstico? () Sim () Não

Por quê? _____

c) Acompanhamento médico: () Mensal; () outro: _____

() Comparece nas datas agendadas () Somente quando está apresentando mal-estar () outros motivos : _____

d) Como locomove-se até as consultas: _____

e) Apresenta facilidade ou dificuldade para cumprir as receitas médicas? _____

f) Faz uso de ARV ? () Sim () Não Há quanto tempo? _____

Quem administra seus medicamentos? _____

g) Faz acompanhamento com outro tipo de profissional? () Sim Qual? _____ ()

Não Por quê? _____

5º parte

DÉFICITS DE AUTICUIDADO IDENTIFICADOS:
DIAGNÓSTICOS DE ENFERMAGEM
PRESCRIÇÕES DE ENFERMAGEM
Assinatura/COREN

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante este estudo apresentado podemos ressaltar a necessidade de implementar na sistematização da assistência de enfermagem ao portador do HIV/aids, o referencial teórico do autocuidado de Orem, pois proporciona uma percepção dos indivíduos, de seus aspectos orgânicos, psicoafetivos, sociais, culturais e espirituais, levando o enfermeiro a identificar e investir na capacidade para o autocuidado destes pacientes (CAETANO, PAGLIUCA, 2006).

Para aplicação de Teoria do Autocuidado é necessário ter os requisitos preconizados pela Teoria de Orem (sistema de apoio-educação). Requer paciência e dedicação para acompanhar o tempo até início dos resultados (CAETANO, PAGLIUCA, 2006).

A compreensão mais detalhada da vida do paciente portador de HIV/AIDS abordada pelo instrumento de coleta de dados possibilita um desenvolvimento de estratégias e ações mais amplas, buscando transformações necessárias para uma vida de melhor qualidade, seja no coletivo, a comunidade ou individual.

7. REFERÊNCIAS

CAETANO J.A. PAGLIUCA L.M.F. Autocuidado e o portador do HIV/aids: sistematização da assistência de enfermagem. Rev Latino-am Enfermagem, maio-junho 2006.

FOSTER, P.C.; JANSSENS, N.P. D.E.O. In: GEORGE, J.B. et al. Teorias de Enfermagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. Cap. 7, p. 90-107.

GEORGE, J. B. et al. Teorias de enfermagem: dos fundamentos para à prática profissional. 4..ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p.12.

GEORGE, J. B. Teorias de enfermagem: os fundamentos para a prática profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LUCE, M. et al. O preparo para o autocuidado do cliente diabético e família. Rev. Bras. Enfermagem, Brasília, v. 1, n. 1/2/3/4, p. 36-49, jan./dez. 1990.

OREM, D.E Guia de Desenvolvimento da Educação da prática para a Enfermagem. Washington, DC US Departamento de As´de, Educação, 1959.

OREM, D.E. Hospital de Serviço de Enfermagem: Aálise da Divisão do Hospital e Instituição de Serviços do Estado de Endiana. Indianopolis, IN Divisão do Hospital e Serviço Instituição,

OREM, D.E. Nursing Development Conference Group Concepts formalization in nursing: Process and product (2ºed). Boston, 1979.

OREM, D.E. Nursing Development Conference Group. Concepts formalization in nursing: Process and product. Boston, 1972.

POLIT, D.F.; HUNGLER, B.P. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. Cap. 8, p. 163-198: Métodos de coleta de dados.

TORRES, G.de V.; DAVIM, R.M.B.; NÓBREGA, M.M.L.da. Aplicação do processo de enfermagem baseado na teoria de OREM: estudo de caso com uma adolescente grávida. Rev.latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 47-53, abril 1999.

MEDIDAS PREVENTIVAS CONTRA OSTEOPOROSE/OSTEOARTRITE AO IDOSO: REVISÃO DE LITERATURA.

RESUMO

Atualmente com o declínio da taxa de fecundidade (1,2) vem ocorrendo um grande envelhecimento populacional. O Brasil no início do século XX passou de forma rápida e intensa por esse processo de envelhecimento, que trará um desafio ao século XXI, cuidar em 2025 de uma população de mais de 30 milhões de idosos. (LINDOLPHO MDC et al; 2012) . (LARARETTI CM et al; 2008). OBJETIVO: Conhecer as medidas preventivas de osteoporose, osteoartrite ao idoso. METODOLOGIA: Trata-se de um trabalho de cunho exploratório descritivo com abordagem qualitativa por meio de revisão de literatura. RESULTADOS E DISCUSSÃO: Foram encontrados 8 artigos científicos sobre a temática, acessados na base de dados Scielo e Bireme. Foram utilizados 7 artigos, disponíveis online e texto completo. CONCLUSÃO: Para que o idoso possa ter um processo de envelhecimento saudável, evitando doenças que possam influenciar nas questões econômicas, sociais e psicológicas. Faz-se necessário a adoção de medidas preventivas que podem ser orientadas por enfermeiros e sua equipe com o propósito da promoção em saúde.

Palavras-chave: Osteoporose; Osteoartrite; Prevenção; idoso.

ABSTRACT

Currently the decline in the fertility rate (1.2) there has been a large aging population. The Brazil in the early twentieth century passed quickly and intensely by this aging process, which will bring a challenge to the twenty-first century, in 2025 to take care of a population of over 30 million seniors. (Lindolpho MDC et al, 2012). (LARARETTI CM et al, 2008). OBJECTIVE: To know the preventive measures for osteoporosis, osteoarthritis the elderly. METHODOLOGY: This is a descriptive exploratory work with a qualitative approach through literature review. RESULTS AND DISCUSSION: There were eight scientific papers on the subject, accessed in Scielo and Bireme database. 7 articles, available online and full text were used. CONCLUSION: For the elderly can have a healthy aging process, preventing diseases that may influence the economic, social and psychological issues. It is necessary to adopt preventive that can be targeted by nurses and their team with the purpose of health promotion.

Keywords: Osteoporosis, Osteoarthritis, Prevention, elderly.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente com o declínio da taxa de fecundidade (1,2) vem ocorrendo um grande envelhecimento populacional. O Brasil no início do século XX passou de forma rápida e intensa por esse processo de envelhecimento, que trará um desafio ao século XXI, cuidar em 2025 de uma população de mais de 30 milhões de idosos. (LINDOLPHO MDC et al; 2012).

Esse fenômeno de transição demográfica é decorrente ao fato da redução da mortalidade geral, em especial a infantil, diminuição das taxas de fecundidade e ao aumento das taxas de sobrevivência e expectativa de vida.

O perfil da morbidade (doenças) e a causa de óbitos da população sofreram profundas mudanças durante o acompanhamento da transição demográfica e transição epidemiológica, que repercutiu na área da saúde (4,5). E com a criação da Política Nacional de Saúde do Idoso em 1999, que visa à promoção do envelhecimento saudável, melhoria ao máximo da capacidade funcional, prevenção de doenças e a recuperação da saúde dos acometidos e a reabilitação daqueles com capacidade funcional restringida. Em razão de que há um aumento das comorbidades, durante o processo de envelhecimento, pois muitas dificuldades surgem nesse processo, dificuldades estas que podem ser evitadas por meio do acompanhamento sequencial dos idosos. A prevenção das doenças em pessoas idosas envolve a identificação dos

riscos elevados dos pacientes em desenvolverem determinadas enfermidades. Neste sentido, as metas para promoção da saúde do idoso, incluem a redução da mortalidade prematura, causadas por enfermidades crônicas e agudas; mantê-los independente funcionalmente; aumentando a expectativa de vida e sua qualidade. Mas, estas metas não serão alcançadas, se não existir uma maneira de atingi-las. Deste modo, se faz necessário um trabalho preventivo nos diferentes níveis em que se encontra o idoso: prevenção primária, secundária e terciária. Neste contexto, a prevenção primária consiste em impedir o surgimento da doença, como por exemplo, a vacinação da população.

A prevenção secundária envolve detectar e prevenir doenças em estágio inicial, antes dos sintomas aparecerem. A prevenção terciária inicia após o diagnóstico de uma patologia e envolve o controle da doença para minimizar seus sintomas e complicações. 13 Entre as patologias que acometem mais os idosos está a osteoporose e a osteoartrite pelas suas consequências significativas à saúde como a dependência e perda da autonomia.e também repercussões tanto a nível a social, psicológico e econômico. (LARARETTI CM et al; 2008).

Portanto, fazer um estudo das medidas preventivas a clientela idosa sobre quais os riscos para desenvolverem osteoporose e osteoartrite e como conhecer as estratégias de ação primária, por meio de ações de orientações do enfermeiro e sua equipe , consistirá em um benefício, que se refletirá na saúde pública. (LINDOLPHO MDC et al; 2012)

1.1 O tecido ósseo normal

Os osteoblastos, os osteócitos e os osteoclastos são três tipos celulares multifuncionais que constituem os ossos. O primeiro tipo celular deriva-se das células osteoprogenitoras da medula óssea e se localiza na superfície das trabéculas, no canal de Havers do tecido ósseo osteônico e no perióstio, e tem como função principal a síntese da matriz óssea não mineralizada (aposição óssea) que é constituída por colágeno tipo I, por proteínas não colagênicas (fibronectina, tenascina e osteopontina), por proteínas l-carboxiladas (osteocalcina e proteína Gla) e por proteoglicanos (sulfato de condroitina), dentre outros. Cerca de 70% da matriz óssea são mineralizados logo após a sua síntese e o restante sofre mineralização gradual.(Ocarino; 2006).

Conforme a matriz óssea é sintetizada, os osteoblastos ficam envolvidos pela mesma e passam a ser chamados osteócitos. Células essas que têm como função manter a viabilidade do tecido ósseo e reabsorver a matriz e os minerais do osso pela osteólise osteocítica, mecanismo de reabsorção profunda, essencial para manter constantes os níveis de cálcio extracelulares. Os tipos celulares denominados osteócitos se alojam em lacunas no interior do tecido ósseo mineralizado e se comunicam com outros osteócitos e osteoblastos através de projeções intercanaliculares, as junções gap. As junções de gap são canais intramembranosos formados por proteínas conhecidas como conexinas (Cx) que promovem uma comunicação entre o citoplasma de duas células vizinhas, permitindo a passagem de metabólitos, íons e moléculas sinalizadoras intracelulares, sendo o cálcio e o AMPc. (Ocarino; 2006)

As células multinucleadas derivadas, os osteoclastos, são gerados através da fusão dos precursores das células mononucleares hematopoéticas com diferenciação dependente dos fatores liberados pelas células da linhagem osteoblástica. Os osteoclastos estão localizados na superfície das trabéculas e dos canais de Havers e no perióstio, alojados nas lacunas de Howship. Tendo como função principal, quando ativado, a promoção e a reabsorção óssea por osteoclasia. (Ocarino; 2006)

E quando esse processo de renovação óssea e cálcio não funcionam de forma correta origina a deficiências na sua estrutura como: osteoporose e osteoartrite. (LINDOLPHO MDC et al; 2012)

1.2 OSTEOPOROSE

Das doenças ósseas, é a mais prevalente no mundo. Sua principal consequência é a fratura óssea. (SAMBROOK, COOPER, 2006)

A prevalência da doença em mulheres acima dos 80 anos é de 50%. Com o envelhecimento populacional, a incidência de fraturas, dor e incapacidade relacionados à osteoporose está aumentando. Os idosos que residem em casas de longa permanência, na maioria das vezes apresentam baixa densidade mineral óssea (DMO) e por isso correm risco de fraturas ósseas. Há uma estimativa de que em 2040 os gastos com fraturas de quadril irá se duplicar nos EUA, devido ao envelhecimento projetado nesta população. (NOF, 2008)

Os homens idosos também correm risco aumentado de osteoporose e fratura óssea, 33% das fraturas de quadris ocorrem nos homens, e tendem a ser mais letais se comparadas às das mulheres idosas. (EBELING, 2008).

Os idosos absorvem menos cálcio da alimentação e o excretam mais facilmente pelos rins, causando uma deficiência de cálcio no organismo. Os indivíduos idosos precisam consumir cerca de 1.200mg de cálcio por dia. (NOF, 2008).

Fisiopatologia

A osteoporose é consequência da diminuição da massa óssea, deterioração da matriz óssea e diminuição da força óssea. A perda relacionada com a idade ocorre após se alcançar a massa óssea máxima. A renovação óssea encontra-se alterada; o processo de reabsorção óssea mantida pelos osteoclastos é maior que a formação óssea realizada pelos osteoblastos. Isto devido a diminuição da calcitonina que inibe a reabsorção óssea a promove a formação do osso. Outros fatores, como a diminuição do estrogênio (que inibe a absorção óssea) e o aumento do hormônio paratireoideio que resulta em aumento da renovação óssea, também fazem parte do processo. Com isso, os ossos se tornam porosos e frágeis, aumentando a suscetibilidade à quebra. (NOF, 2008; BRUNNER, 2010)

1.3 OSTEOARTRITE

Doença Articular Degenerativa (Osteoartrite)

A AO (osteoartrite) é a mais comum das incapacidades das doenças articulares. Pode ser classificada como primária de forma idiopática, e em secundária resultante de lesão articular ou doença inflamatória prévia, porém a distinção entre estas nem sempre é clara. (Brunner, 2010).

Com frequência a AO, começa na terceira década de vida, visto que a capacidade cartilagem articular de resistir a microfraturas com pequenas cargas repetitivas diminui com a idade. Em torno dos 40 anos de idade, 90% da população apresentam alterações articulares degenerativas, contudo ainda sem sintomas aparentes. A prevalência da AO, está entre 50% a 80% concentrada no indivíduo idoso. (GANZ, CHANG, ROTH, ET AL., 2006).

Fisiopatologia

A AO poder ser resultado de muitos fatores, que quando combinados resultam no aparecimento da doença. Afeta a cartilagem articular, o osso subcondral e a sinóvia. Os fatores combinados incluem a degradação de cartilagem, enrijecimento ósseo e inflamação reativa da sinóvia. Uma lesão mecânica pode ser o surgimento inicial da doença, seguida de fatores genéticos e hormonais. (BRUNNER, 2010)

Para KLIPPL ET AL(2008) a idade aumentada, obesidade e uso repetitivo, deformidade

anatômica, lesão articular prévia e suscetibilidade genética são fatores de risco para o OA.

2. OBJETIVO

Conhecer as medidas preventivas de osteoporose, osteoartrite ao idoso.

4. METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho de cunho exploratório descritivo com abordagem qualitativa por meio de revisão de literatura.

No primeiro instante foi realizada uma leitura exploratória de todo material selecionado (leitura rápida que objetiva verificar se a obra consultada é de interesse do trabalho). Em seguida realizada uma leitura seletiva (leitura mais aprofundada das partes que realmente interessam) e então feito o registro das informações extraídas das fontes em instrumento específico (autores, ano, método, resultados e conclusões).

Na última etapa ordenamos as informações contidas nas fontes, que possibilitassem a obtenção do objetivo deste estudo.

E para construção da discussão deste estudo foram utilizadas as categorias que emergiam a etapa anterior foram analisadas e discutidas a partir do referencial teórico relativo à temática do trabalho.

Durante a construção deste trabalho houve o comprometimento em citar os autores utilizados no estudo respeitando a norma brasileira regulamentadora 6023 que dispõe sobre os elementos a serem incluídos e orienta a compilação e produção de referências. Os dados coletados foram usados exclusivamente para pesquisa científica.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 11 artigos científicos no período de 2006 a 2015 sobre a temática, acessados na base de dados Scielo e Bireme. Foram utilizados 10 artigos, disponíveis online e texto completo. Como os seguintes descritores aplicados: osteoartrite, osteoporose, prevenção, idoso. E 6 livros que abordam o tema.

Para seleção das fontes, foram considerados como critérios de inclusão os artigos que abordassem medidas de prevenção das patologias comuns citadas: Osteoartrite e osteoporose na faixa etária idosa. E de exclusão aqueles artigos que não abordassem a temática da pesquisa.

Tabela 1: Artigos

Título	Autores	Ano
Prevalência de quedas e fatores associados em idosos	Cruz DTR et al	2012
PREVALÊNCIA DE DIAGNÓSTICO AUTO-REFERIDO DE OSTEOPOROSE	MARTINI LA ET AL	2006
Consenso Brasileiro de Osteoporose	Dr Neto et al	2011
Cartilha educativa: Convivendo com a osteoporose	Gomes et al	2009

A prevenção da osteoporose levada a sério: uma necessidade nacional	Lararetti CM et al	2010
A consulta de enfermagem como ferramenta de promoção da saúde e prevenção da osteoporose na mulher idosa	Lindolpho MDC et al	2012
Envelhecimento e saúde da pessoa idosa. Brasília	Ministério da Saúde.	2007
Osteoporose	Domiciano DS;Pinheiros MM	2011
Efeito da atividade física no osso normal e na prevenção e tratamento da osteoporose	Ocarino MN. Serakides R	2006
Avaliação da magnitude da desvantagem da osteoartrite na vida das pessoas:	Cunha M; Faustino	2015
Crítérios clínicos de avaliação da osteoartrite.	Zembrzuski JCH	2011

Fonte: Os autores

Artigos utilizados: negrito preto. Artigo não utilizado: negrito vermelho.

Nos artigos analisados vimos que Gomes (2009), Lindolpho (2012) e Ministério da Saúde. Envelhecimento e saúde (2009) concordam que o emagrecimento é um fator importante para diminuir o risco da AO, o qual indica o quanto os exercícios físicos com menores impacto articular, é benéfico para uma melhor e maior qualidade de vida e conseqüentemente aumentar a longevidade. Com esses dados e informações o número de idosos que praticam atividade física, a pratica dos exercícios pode retardar a evolução das alterações ósseas e Domiciano (2010) reforça a questão da atividade física dizendo que os exercícios físicos são de fundamental importância para a prevenção e tratamento da perda óssea. As primeiras observações do papel benéfico da atividade física sobre a massa óssea surgiram a partir dos relatos, em estudos transversais, de maior densidade óssea em atletas do que em sedentários, bem como do papel deletério da imobilização prolongada.

Exercícios regulares com impacto, incluindo musculação, e com adequada intensidade e duração são os mais recomendados para indivíduos de risco. Recomendam-se 40 minutos por dia, pelo menos quatro vezes por semana. Em contrapartida, exercícios sem impacto, como os realizados na água e em bicicleta, são de menor importância para estimular a formação óssea.

Em geral, os exercícios influenciam positivamente o equilíbrio, mobilidade, coordenação, resistência muscular, reduzindo o número e a gravidade das quedas e da incapacidade física. A prevenção de quedas também deve ser implementada para otimizar a redução do risco de fraturas. Medidas simples como modificação de fatores de risco ambientais, como relacionados com a mobília, tipo de piso, iluminação adequada e retirada de tapetes, são de fundamental importância. A melhora do equilíbrio, acuidade visual e auditiva e força muscular são fundamentais para a prevenção das quedas. A reabilitação vestibular pode ser útil em pacientes com tonturas e quedas frequentes (caidores crônicos). O uso de protetores de quadril tem sido eficaz em diminuir o risco de fratura em pacientes idosos, uma vez que podem amortecer o impacto após a queda. E segundo Cintra 2009 e Cruz (2012) verificou-se que idosos que não se exerciam atividades físicas acabam atingindo uma maior taxa de quedas.

A maneira mais eficaz de evitar a osteoporose/osteoartrite é a prevenção que pode ser iniciada através de hábitos alimentares como segundo Domiciano (2010) A primeira medida é a

orientação para aumentar a ingestão dietética. Nos pacientes que não conseguem otimizar o consumo, como questões de paladar e intolerância à lactose, a suplementação está indicada. que deve ser orientado desde a infância com alta ingestão em cálcio, com o avanço da idade é preciso se atentar ao consumo excessivo do frequente consumo de proteínas (principalmente carne), fumo, álcool e café, exames preventivos, o completo bem estar físico e mental também se tornam grandes recursos para combater a doença, a exposição adequada ao sol, como foi mencionado por Zembrusk (2011).

E Dr. Neto da Unicamp (2011) ressalta a importância da prática de exercícios físicos deve ser cada vez mais incentivada, a orientação e prevenção de quedas e traumas como a atenção de simples coisas como andar no escuro pela casa, evitar tapetes soltos, é necessário ter cuidados simples ao dia a dia porém que fazem toda a diferença na vida da população, principalmente a idosa.

6. CONCLUSÃO

Ficou evidente para os pesquisadores que a necessidade de melhor educação sobre osteoporose/osteoartrite e o desenvolvimento de programas específicos para corrigir deficiências no conhecimento dessa doença é presente, para que o idoso possa ter um processo de envelhecimento saudável, evitando doenças que possam influenciar nas questões econômicas, sociais e psicológicas. Faz-se necessário a adoção de medidas preventivas que podem ser orientadas por enfermeiros e sua equipe. As prevenções adotadas neste trabalho estão relacionadas às doenças: osteoartrite e osteoporose, doenças de grande importância entre os idosos, dado o fato que pode acarretar à incapacidade.

O idoso deve praticar atividades físicas, estar em dia com os exames e consultas, buscar o equilíbrio nutricional, ter hábitos de vida saudáveis.

Sugere-se que para desenvolvimento de atividades educativas aos idosos, os profissionais da saúde envolvam-se cada vez mais na construção de atividades no combate a osteoporose e osteoartrite, como também a realização de pesquisas na área, e o conhecimento da clientela atendida como forma de qualificar e direcionar o atendimento e assistência prestada de forma mais humanizada.

Entretanto há um elo para auxílio tanto do enfermeiro no momento da orientação quanto para o idoso no cumprimento destas medidas, é a família. E com este estudo foi nos apresentado que o grande desconhecimento tanto por parte da família quanto pela a do paciente á esses cuidados básicos de prevenção, é o compromete ainda mais a dependência dos pacientes.

E através da leitura de estudos anteriormente realizados vimos a dor estava associada com a estatura, com alguns locais onde a doença pode atingir, os mais comuns são joelhos e mãos mas também pode vir a ocorrer especificamente no pescoço, coluna lombar e ombros, trazendo impacto no cotidiano das pessoas o impacto que a OA pode vir a gerar no dia-a-dia é a baixa da qualidade. (Mirando; 2015)

E essa baixa qualidade de vida e baixa pré-disposição a trabalhar ocasionada pela dor vinda dessas patologias numa população em constante crescimento, devido à transição demográfica que ocorreu no Brasil no século XX , o processo de envelhecimento populacional, refletirá em problemas na economia no país, vindo que esta população idosa precisa estar presente no mercado de trabalho para garantir a sua condição de vida adequada, devido o aumento da expectativa de vida, portanto se faz necessário conhecer e aplicar e as medidas preventivas da osteoporose e da osteoartrite, que resultará no controle do impacto global, não só para a qualidade de vida dos idosos como para o desenvolvimento econômico do país.

(Mirando; 2015)

AGRADECIMENTOS

A Deus e a Deusa por terem nos dado força para superar às dificuldades e manter a serenidade e paciência durante os conflitos para construção deste trabalho. À Instituição pelas oportunidades que nos proporciona além de um ambiente criativo e amigável. Agradeço a todos os professores por nos proporcionar e nos orientar aos desafios com conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional. Nossos singelos muito obrigado aos familiares e amigos de sala e irmãos na amizade que fizeram parte e sempre estarão presentes em nossas vidas. E por fim a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da construção deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- Cruz D T; Ribeiro LC; Vieira MT; Teixeira MTB; Bastos RR; Leite ICG. “Prevalência de quedas e fatores associados em idosos”. Ver. Saúde Pública; 46(1): 138-146, fev. 2012
- Cunha M; Faustino A; Alves C; Vicente V; Barbosa S; “Avaliação da magnitude da desvantagem da osteoartrite na vida das pessoas: estudo MOVES / Assessing the magnitude” Rev. bras. reumatol; 55(1): 22-30, Jan-Feb/2015.
- Domiciano DS; Pinheiros MM. ”Osteoporose” Universidade Federal de São Paulo Departamento de Reumatologia. Rev Bras Med; 68(5)maio 2011.
- Dr. Neto JFM et al. Consenso Brasileiro de Osteoporose. Sociedade Brasileira de Reumatologista. Unicamp; 2011.
- Ebeling, P. R. . Osteoporosis in men. New England Journal of Medicine, 2008. 358(14), 1474–1482.
- Ganz, D. A., Chang, J. T., Roth, C. P., et al. (2006). “Quality of osteoarthritis care for community-dwelling older adults. Arthritis and Rheumatism”. 2006. 55(2), 241–247.
- Gomes GAO, Cintra MJDD, Neri ALG, Sousa MLR. “Cartilha educativa: Convivendo com a osteoporose – Sociedade Paulista de Reumatologia. Comparação entre idosos que sofreram quedas segundo desempenho físico e número de ocorrências”. Rev. Bras. de Fisioter. 2009; 13(5): 430-7.
- Karpoff, S. & Labus, D. Portable diagnostic tests. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins. 2008
- Klippel, J. H., Stone, J. H., Crofford, L. J., et al. “Primer on the rheumatic diseases (13th ed.). New York: Springer.(2008)
- Lararetti CM, Eis SR, Neto JFM. “A prevenção da osteoporose levada a sério: uma necessidade nacional.” Arq. Bras. Endocrinol. Metab. [Periódico na internet]. 2008 jun. [Acessado em 2015 Agosto]; 52(4):712-13. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/abem/v52n4/a2_0v52n4.pdf .
- Lindolpho MDC; Valente GSC ; Mello LP; Gomes HF; Sá SPC; Gomes FB.” A consulta de enfermagem como ferramenta de promoção da saúde e prevenção da osteoporose na mulher idosa”. R. pesq.: cuid. fundam. online 2012. abr./jun. 4(2):2988-97.
- Ministério da Saúde. “Envelhecimento e saúde da pessoa idosa”. Brasília, 2007, n.19.
- National Osteoporosis Foundation (NOF). “Clinician’s guide to prevention and treatment of osteoporosis. Washington, DC: Author , 2008.

Ocarino MN. Serakides R. "Efeito da atividade física no osso normal e na prevenção e tratamento da osteoporose" *Rev Bras Med Esporte* vol.12 no.3 Niterói May/June 2006

Sambrook, P. & Cooper, C. (2006). Osteoporosis. *Lancet*, 367(9527), 2010–2018

Singh, J. A., Hodges, J. S., Toscano, J. P., et al. (2007). Quality of care for gout in the U.S. needs improvement. *Arthritis and Rheumatism*, 57(5), 822–829.

Zembruski JCH. "Critérios clínicos de avaliação da osteoartrite." Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Licenciatura. 2011

ANÁLISE VERBOVISUAL: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM UMA PROPAGANDA DE ABSORVENTE DE 1953.

RESUMO

O presente artigo tem como tema a representação da mulher na propaganda de absorvente. Para tanto, este trabalho analisou as construções de sentidos atribuídos em um anúncio da empresa Modess publicada na Revista *Seleções do Reader's Digest* em janeiro de 1953. Os meios de comunicação refletem, reforçam e reconstróem os discursos sociais, objetiva-se analisar a construção verbovisual do anúncio de modo a identificar essas representatividades intrínsecas a época e o contexto social ao qual pertence. O trabalho é realizado à luz de Bakhtin (1990) e o Círculo, com considerações sobre enunciado, enunciação e gêneros. Contribuem também Rossi (2002) com apontamentos sobre o discurso publicitário e Farina (2007), com a psicodinâmica das cores em Comunicação. Após a interpretação do objeto de estudo, verificou-se que a representação da figura feminina no discurso midiático, em especial o publicitário sofreu grande mudança nas últimas décadas. Este estudo mostra-se como uma alternativa à interpretação realizada de forma menos detalhada comumente feita pelo público alvo de um anúncio publicitário.

Palavras-chave: análise, absorvente, gêneros, discurso, publicidade.

ABSTRACT

This article focuses on the representation of women in the absorbent propaganda. Therefore, this study examined the construction of meanings attributed to a Modess company announcement published in the magazine Reader's Digest in January 1953. The media reflect, reinforce and reconstruct the social discourse, the objective is to analyze the verbovisual building ad to identify these intrinsic representativeness the time and social context to which it belongs. The work is done in the light of Bakhtin (1990) and the Circle, with consideration of utterance, enunciation and genres. They also contribute Rossi (2002) with notes on the advertising discourse and Farina (2007), with the psychodynamics of color in communication. After the interpretation of the subject matter, it was found that the representation of the female figure in media discourse, especially the advertising has undergone major change in recent decades. This study shows up as an alternative to the interpretation carried out in less detail commonly done by target audience is an advertisement.

Key-words: analysis, absorbent, genres, speech, advertising.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos o ser humano tem encontrado na comunicação uma maneira de se relacionar e se distinguir do outro. Os meios de comunicação, em especial as propagandas, refletem, reforçam e por vezes reconstróem os discursos sociais. Brito (2004) salienta que os anúncios publicitários não atuam hoje somente na venda de produtos ou serviços, mas dedicam-se também a propagação de ideias. Assim, influenciam diretamente em questões sociais, culturais, educacionais e até mesmo éticas.

Nesta perspectiva, os recursos persuasivos intrínsecos ao discurso publicitário não só são capazes de intencificam esteriótipos, como podem criar e disseminar novas representações públicas da imagem de determinado grupo ou pessoa.

Ao observar determinado anuncio, pode-se identificar vestígios que indicam o contexto socio-histórico ao qual este pertence ou uma breve apreensão das características comportamentais, costumes e/ou hábitos de um povo.

Nas palavras do canadense filósofo e teórico da comunicação Marshall Mc Luhan:

"Os historiadores e arqueólogos descobrirão um dia que os anúncios de nossa

época constituem o mais rico e mais fiel reflexo cotidiano que uma sociedade jamais forneceu de toda uma gama de atividades". (Apoud: CARVALHO, 1998).

Logo, as propagandas sofrem influência direta do meio ou organização social a qual pertencem, e mutuamente exercem uma intervenção na sociedade de maneira, por assim dizer, dialógica.

Em suma, a publicidade, bem como a própria cultura, vive uma relação intrínseca com o contexto social sendo portanto mutáveis e capazes de se reformularem. Desta forma, são “respostas” do homem ao contexto cultural em que está imerso.

Para Santaella (2003), a cultura comporta-se sempre como um organismo vivo e, sobretudo, inteligente, com poderes de adaptação imprevisíveis e surpreendentes.

A partir destas considerações, será apresentada a fundamentação teórica deste artigo, onde a análise se baseia.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Enunciado, enunciado concreto e enunciação

Há muito tempo o processo de troca de informações é objeto de estudo. Para Bakhtin, filósofo russo que dedicou parte de sua vida aos estudos da linguagem, tendo desenvolvido vários conceitos a cerca do tema e influenciado muitos outros pesquisadores contemporâneos, este processo de comunicação, acontece baseado em enunciados. Brait, teórica que acompanha a linha de pensamento bakhtiniano, (2005, p.63) afirma: “O enunciado, nessa perspectiva, é concebido como uma unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado”.

A criação de enunciados pode ser definida como enunciação. Brait (2005, p.64) afirma que este ato modifica o enunciado: “deixa marcas da subjetividade, da intersubjetividade, da alteridade que caracterizam a linguagem em uso”. Na perspectiva bakhtiniana, a linguagem é concebida a partir de um ponto de vista histórico, cultural e social, e, para que seja compreendida, deve-se levar em conta ainda a comunicação como um todo e os sujeitos que a envolvem. Sobre este processo, a autora explana:

Nessa perspectiva, o enunciado e as particularidades de sua enunciação configuram, necessariamente, o processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal que integram a situação e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto maior histórico, tanto no que diz respeito a aspectos (enunciados, discursos, sujeitos, etc.) que antecedem esse enunciado específico quanto ao que ele projeta adiante. (BRAIT, 2005, p.67)

Neste cenário é apresentado o enunciado concreto. Este teria uma relação muito próxima com o enunciado e possui a capacidade de estabelecer diálogos com o contexto histórico-social do momento em que foram divulgadas, o que abre possibilidades para diversas interpretações.

Bakhtin, ao formular sua teoria, afirma:

O enunciado existente, surgido de maneira significante num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de “enunciação”, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. (BAKHTIN, 1990, p.86)

Desta forma, merece destaque o anúncio publicitário, que é uma possibilidade de utilização da língua. Sua organização através do conteúdo temático, estilo e construção composicional classifica-o como um gênero discursivo.

1.2 Gêneros discursivos

Todo enunciado apresenta um tema a ser tratado, organizado de forma única e irrepetível. Este é determinado não só pelas formas linguísticas, como as palavras, sons e entoações, mas igualmente pelos elementos não verbais da situação.

Compondo um enunciado, Bakhtin faz menção ao *estilo*, assim definindo-o:

Chamamos estilo a unidade constituída pelos procedimentos empregados para dar forma e acabamento ao herói e ao seu mundo e pelos recursos, determinados por esses procedimentos, empregados para elaborar e adaptar um material. (BAKHTIN, 1997, p. 227)

As palavras e imagens empregadas não são neutras. Ao selecionar e fazer uso destes itens na construção de um anúncio, a equipe de publicitários dá a elas um tom valorativo, reforçando a ideia de que nenhuma comunicação é imparcial.

Tema, estilo e construção composicional quando unidos, apresentam ao leitor um novo conceito sugerido apresentado por Bakhtin, o gênero discursivo:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN 1990, p.262)

Neste cenário, pode-se perceber que a extensão e a diversidade dos gêneros discursivos é imensa, pois os processos de comunicação da humanidade são múltiplos, e de tempos em tempos ganham novas formas, principalmente à medida que a tecnológica da comunicação evolui, apresentando novas possibilidades.

Ainda Segundo Bakhtin (Apud ROSSI, 1992, p. 279): “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Logo, a propaganda é um dos gêneros discursivos no qual a linguagem se manifesta.

1.2.1 Gênero discursivo publicitário

Primeiramente faz-se necessário, ainda que de forma sucinta, que estabeleçamos o que entende-se por propaganda, segundo a American Marketing Association (AMA):

Propaganda é a veiculação de anúncios e mensagens persuasivas em tempo ou espaço comprado em qualquer canal de comunicação de massa por empresas, organizações sem fins lucrativos, agências governamentais, e indivíduos que buscam informar e/ou

persuadir os membros de um determinado mercado-alvo ou público sobre seus produtos, serviços organizações ou ideias. (Apud MOORE e PAREEK, 2008, p.109).

Dentro dos estudos da linguagem propostos por Bakhtin e o Círculo, os anúncios publicitários podem ser consideradas enunciados concretos, possuindo a capacidade de estabelecer diálogos com o contexto histórico-social do momento ao qual pertencem, e estão abertos a diversas interpretações.

Para Lopes-Rossi:

O discurso da publicidade e da propaganda caracteriza-se, em um de seus aspectos pela concisão da linguagem. Por isso, toda campanha publicitária tem uma “proposição básica” ou seja, um argumento central que será usado como ferramenta de transmissão do tema da campanha publicitária, seja ela para vender um produto ou conscientizar sobre um tema social (ROSSI, 2002, p80).

A forma com que cada equipe de publicidade compõe um anúncio não é “por acaso”. Todos os elementos são selecionados de forma criteriosa a fim de que o enunciado concreto alcance êxito comunicacional, sobretudo para vender um produto ou propagar uma ideia. Para tal, a propaganda faz uso de diversos recursos persuasivos capazes de atrair e cativar a atenção do leitor/público.

1.3 Recursos persuasivos

Existem diversos recursos de propriedade persuasiva, atingindo de forma diferente cada um, isto varia conforme público, mídia e outras premissas da comunicação.

A cor é um dos principais recursos publicitários utilizados para atrair a atenção do público, está presente em praticamente todos os anúncios que utilizam de estímulos visuais. Nas palavras de Farina (1975, p.83): “A cor tem a capacidade de captar rapidamente e sob um domínio emotivo a atenção do consumidor”.

Quanto ao uso da cor na publicidade, Farina também afirma:

Criar no consumidor uma necessidade estimulá-lo numa conduta nova através da aquisição, fazê-lo sentir motivado por algo que não o leve a futuros arrependimentos, criar nele necessidades artificiais como compensação de desejos insatisfeitos, informá-lo pela motivação da existência de bons produtos e serviços merecedores de sua aquisição consistem, na realidade, matéria prima ideal para o moderno processo de comunicação publicitária. (FARINA, 1975, p.83).

Outro elemento que merece destaque, capaz de transmitir credibilidade a uma determinada marca e estimular a venda é o garoto propaganda. Moore e Pareek definem o garoto propaganda como:

Personagem-símbolo: mostra uma figura da cultura popular ou uma autoridade respeitada endossando o produto. Se o público confiar no personagem-símbolo, o endosso será digno de crédito”. “testemunho- Semelhante à mensagem do personagem- símbolo, exceto pelo fato de que, em vez de celebridade paga, o portavoiz da mensagem é um usuário comum que realmente se beneficiou do uso do produto” (MOORE e PAREEK, 2008, p.111).

Moore e Pareek (2008, p.111) ainda citam as promoções como uma forma de cativar o

público alvo de um anúncio: “são incentivos de curto prazo que estimulam os consumidores a efetuarem a compra”.

A partir destas considerações teóricas, a sequência deste artigo dedica-se a análise do objeto de estudo sugerido.

2. ANÁLISE DO CORPUS

O objeto de análise deste artigo é um anúncio de absorvente da extinta marca Modess (pertencente à época ao grupo Jhonson & Jhonson) publicado na edição número 132 da revista *Seleções do Reader's Digest* em janeiro de 1953.

**Eu sou
secretária
do gerente...**

(preciso estar sempre em forma!)

Uma posição invejável e um ótimo chefe (mas exigente!). É necessário estar sempre alerta e bem disposta. Por isso, confio em Modess para meu conforto “naqueles dias”. Modess é super-absorvente e adapta-se tão bem ao corpo! De concepção moderna, Modess é higiênicamente feito para ser usado uma vez e jogado fora.

Com Modess, use o cinto elástico Modess - ajustável e com triângulo anatômico, para maior segurança e conforto.

Grátis!
Para você ou sua filha!
Um interessante livreto de 25 páginas que ajuda as mulheres

ANITA GALVÃO-Dept. MMMM -36-C. P. 5030-S. Paulo
Desejo receber um exemplar de “Ser quase Mulher... e ser feliz”.

Nome _____ N.º _____

Figura 1 – Anúncio Modess na ed. 132 da revista *Seleções do Reader's Digest* – jan. 1953

A leitura ocidental se dá de forma linear, da esquerda para a direita e de cima para baixo,

assim, a partir da noção da estrutura aristotélica dos discursos (que consiste em *exórdio*, *narração*, *provas* e *peroração*), repetidas vezes o primeiro elemento disposto nesta ordem funciona como o *exórdio*. Ou seja, é responsável por atrair a atenção e estabelecer diálogo.

Neste estudo destaca-se a frase "Eu sou secretária do gerente...", não só essa colocação já demonstra forte caráter de uma sociedade onde para a figura feminina o cargo de secretária é objeto de desejo, como as reticências cumprem a função de dirigir os olhos do leitor para o prosseguir da peça. Almeja-se concluir o raciocínio já estabelecido até a continuação do enunciado e complementar o exórdio: "preciso estar sempre em forma!".

Nesse tramite, o olhar do leitor depara com a ilustração de uma mulher jovem rodeada por equipamentos escriturários redigindo algo sobre a escrivãzinha. Os aparelhos e a própria mulher ao tom de grafite enaltecem a predominância do azul em sua roupa. Conforme Freitas (2007, p.07), a cor azul desperta uma associação material ligada ao frio, mar céu, gelo, águas tranquilas e ainda feminilidade; relevante dizer ainda que a mesma autora propõe associações afetivas para esta cor, são essas: verdade, afeto, paz, serenidade e fidelidade.

Fica evidente o uso dessa cor para sugerir a ideia de uma trabalhadora compromissada e feminina. O desejo de Modess é reforçar o tom de veracidade e testemunho ao anúncio publicitário.

No elemento conseguinte ao exórdio, a *narração*, encontra-se uma descrição mais detalhada do assunto, agora que o anúncio tem a atenção do leitor. Em um breve parágrafo a empresa apresenta os seguintes dizeres: "Um posição invejável e um ótimo chefe (mas exigente!). É necessário estar sempre alerta e bem disposta. Por isso, confio em Modess para meu conforto 'naqueles dias' "(sic). Esta fala reafirma a apresentação inicial da personagem, dando maior grau de detalhes com intuito de aproximar e envolver o público.

Na continuação deste parágrafo encontraremos as *provas*: "Modess é super-absorvente e adapta-se tão bem ao corpo! De concepção moderna, Modess é higiênicamente feito para ser usado uma vez e jogado fora". As provas tem a função de embasar as afirmações qualitativas feitas a respeito do produto, de modo como o seu próprio nome sugere comprovar o discurso. Chama a atenção que no final deste trecho a propaganda tem uma função de explicar ainda que o produto deve ser descartado após o uso.

Domingues (2003) explica que, mais do que persuadir a propaganda tinha o objetivo de ensinar o funcionamento dos produtos, agindo de forma "educativa". Outro aspecto desta peça que reforça essa postura encontra-se logo abaixo do parágrafo citado anteriormente e apresenta uma cinta a ser utilizada com o Modess, demonstrando o quanto o produto ainda era rudimentar em contraposição aos modelos existentes hoje, estabelecendo principalmente uma preocupação em explicar seu uso às consumidoras.

Os dizeres no campo inferior da peça publicitária trazem a palavra "grátis", em destaque das demais como chamariz para um livreto de dicas com o suposto intuito ajudar as mulheres. De apelo emotivo, ele propõe que o conteúdo serve tanto para mãe como para a filha, forte indício que as marcas já influenciavam o papel de matriarca ao educar e ensinar as moças que certamente, assim como a mãe guardavam certo pudor a conversar sobre a menarca.

Esta parte do anúncio seria destacada numa espécie de um cupom a ser enviado não para a empresa, mas para o garota propaganda: Anita Galvão, personagem elaborado para criar empatia com as consumidoras, dando conselhos. A Johnson & Johnson, numa estratégia de marketing, criou a figura da conselheira Anita Galvão, personagem de anúncios em revistas femininas a quem as mulheres deveriam enviar, por carta, suas indagações. Anita na verdade nunca existiu, mas muitas consumidoras acreditavam piamente no contrário – tanto que, não raro, enviavam-lhe longas missivas confidenciando problemas pessoais ou conjugais. A prestativa mulher, que “se aposentou” em meados dos anos 60, era encarnada por um grupo de seis pedagogas.

Por fim, a *peroração* tem como princípio retomar a ideia inicial da peça de forma a estabelecer uma retórica, muitas empresas tendem a apresentar sua marca no final, assinando o anúncio. Neste caso, talvez o intuito da marca tenha sido expor o produto para facilitar o reconhecimento na hora da compra, esta propaganda traz como último elemento disposto na parte inferior direita uma caixa de Modess.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura da linguagem verbovisual do anúncio de Modess publicado em janeiro de 1953 permitiu reconhecer um tom valorativo presente nesta peça. Identificar todos os elementos que constituem este anúncio possibilita uma compreensão mais ampla do que o mesmo busca dizer.

Além de buscar motivar a consumidora a adquirir o produto, a análise deste anúncio publicitário possibilitou verificar como se dava a representação da mulher na publicidade ao apresentar uma caracterização do seu público alvo, marcada pelo contexto sócio histórico em que foi divulgado.

Até então a mulher era vista como a “rainha do lar” numa sociedade predominantemente machista e costumeiramente ocupava cargos tidos como inferiores. Com o decorrer dos anos passou a adquirir voz e maior espaço como hoje, ocupando outras frentes de trabalho.

Por fim, esta análise mostra-se como uma alternativa à interpretação realizada de forma menos detalhada que comumente acontece pelo público leigo. Entender o que as linguagens verbal e visual revelam possibilita ao leitor um ato mais consciente frente aos enunciados espalhados nos diversos veículos de comunicação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAUTIER, E. *Pratiques langagières, pratiques sociales: de la sociolinguistique à la sociologie du langage*. Paris: L’Harmattan, 1995.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

BRITO, E. V. Diferentes leituras do discurso publicitário no contexto escolar. In: Eliana Vianna Brito. (Org.). *Escola e Mídia Impressa: diferentes leituras*. 1ªed. Taubaté: Cabral Editora, 2004, v. 1, p. 47-62.

CARVALHO, Nelly de. *Publicidade: a linguagem da sedução*. S. Paulo: Ática, 1998.

CITELLI, Adilson. *O texto argumentativo*. São Paulo: Scipione, 1994.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2005.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. 6ª ed. São Paulo: Blucher, 2011.

MOORE, K. PAREEK, N. *Marketing*. São Paulo: Ática, 2008.

ROSSI, Maria Aparecida da Graça Lopes. *Gêneros Discursivos no Ensino de Leitura e Produção de Texto*. 2002, Taubaté – SP: Cabral Editora e Livraria Universitária.

SANTAELLA, L. B. *Da cultura das mídias às cibercultura: o advento do pós-humano*. Revista Famencos; Porto Alegre, nº 22, quadrimestral, p. 23-32, dezembro, 2003.

CRÔNICA ARGUMENTATIVA: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA

Resumo

Este estudo visa abordar a crônica argumentativa como meio de aprimorar a escrita dos alunos de 1º ano do ensino médio de uma escola pública e expor suas ideias de maneira coerente. A fundamentação teórica ocorreu à luz de Bakhtin(1992) e Lopes Rossi (2002). Tendo-se em vista que o gênero discursivo escolhido crônica desenvolve o senso crítico e é de fácil compreensão. Espera-se que os alunos com dificuldade de expressão, ao realizar atividades como: leitura, apreciação, interpretação, debate e posteriormente a produção de crônicas, tornem-se aptos a expor seus pensamentos de forma eficaz. Para tanto, elaborou-se uma sequência didática abordando o trabalho em sala de aula com este gênero discursivo.

Palavras-chave: gêneros discursivos, crônica, escrita.

Abstract

This study aims to address chronic argumentative as a means of improving the writing of the 1st year high school students from a public school and express their ideas in a coherent manner. The theoretical basis was the light of Bakhtin (1992) and Lopes Rossi (2002). Having in mind that chronic chosen discursive genre develops critical sense and is easy to understand. It is expected that students with limited expression when performing activities such as reading, appreciation, interpretation, debate and subsequently the production of chronic, become able to expose their thoughts effectively. To this end, it elaborated a didactic sequence addressing the work in the classroom with this discursive genre.

Keywords: genres, chronic, writing.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a dificuldade dos alunos em expressarem seu ponto de vista, surgiu a necessidade deste estudo. Este trabalho aborda a análise interpretativa da crônica, tendo em vista a importância de se trabalhar com os gêneros discursivos em sala de aula, pois melhora a capacidade leitora e escritora dos alunos. A seguir será apresentada a fundamentação deste trabalho à luz do pensamento de Bakhtin (1992), Marcuschi (2008) e Lopes Rossi (2002). Posteriormente a metodologia a ser desenvolvida em uma escola pública da cidade de Lorena e os resultados esperados com a realização do projeto.

Fundamentação Teórica

1- A importância dos gêneros discursivos

O estudo sobre gêneros discursivos tornou-se, hoje em dia, mais frequente e presente em diversas áreas como, por exemplo, a literatura, a sociologia, a ciência, a tradução e a linguística, e permite que esse estudo seja cada vez mais multidisciplinar, uma vez que é possível analisar o texto, a língua e a sociedade, pois os gêneros discursivos são a representação do cotidiano, ou seja, como a língua é usada em diferentes contextos.

Para Marcuschi (2008) o estudo dos gêneros discursivos nos mostra como a sociedade funciona, por exemplo, por que as pessoas escrevem uma monografia de final de curso quase da mesma maneira? Por que todas as resenhas seguem uma mesma estrutura? Por que, em uma empresa, os memorandos possuem um mesmo formato em comum?

Porque, segundo o autor à luz de Bhatia (1997, p.629), em cada situação, as pessoas escrevem com a finalidade de atingir algum objetivo. Por exemplo, uma monografia é escrita com a finalidade de se obter uma nota, um texto publicitário é feito com a finalidade de vender algum produto, por isso, cada gênero possui sua estrutura, forma e conteúdo.

Esse aspecto tático da construção do gênero, sua interpretação e uso é provavelmente um dos fatores mais relevantes para dar conta de sua popularidade atual no campo dos estudos do discurso e da comunicação. (BHATIA, 1997, p.629)

Um gênero discursivo, ou gênero textual são os diferentes tipos de texto existentes em situações de comunicação na sociedade. Cada um possui sua própria característica, seu objetivo e seu estilo. Alguns exemplos de gêneros discursivos são: bilhete, reportagem, notícia, horóscopo, lista de compras, resenha, carta eletrônica, bate papo virtual, receita culinária, crônica, bula de remédio, entre outros.

Segundo Marcuschi (2008), a ideia central de gêneros discursivos é a comunicação verbal, ou seja, estamos expostos a uma grande variedade de gêneros discursivos na sociedade, e quando temos o domínio de algum deles, significa que entendemos o objetivo específico pelo qual ele foi criado em uma determinada situação social.

O que difere um gênero textual de outro é a sua funcionalidade. O que importa nos estudos da atualidade não é identificar quantos gêneros existem, mas sim explicar e entender a sua circulação na sociedade.

O autor afirma também que os gêneros nos auxiliam na inserção social no dia a dia, pois permitem a comunicação humana.

Para Marcuschi (2008), quando se trata de trabalhar os gêneros discursivos em sala de aula, é difícil decidir qual deles estudar, ou escolher determinado gênero por ser mais importante que o outro. Ele diz que os próprios PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) demonstram certa dificuldade quando chegam nesse momento de escolha de gêneros discursivos para serem trabalhados nas escolas, pois alguns gêneros são utilizados pelas pessoas na escrita, como é o caso de um bilhete, de uma carta e de um bate-papo virtual, ao mesmo tempo que outros são utilizados pela maioria das pessoas apenas na leitura, como é o caso de uma notícia de jornal, pouco praticado pelos cidadãos, porém lidos por todos.

Portanto, é preciso identificar quais gêneros são formais e quais são informais, quais são mais fáceis e quais apresentam certa dificuldade, quais são de uso mais privado e quais são de uso público, e assim por diante.

Existem muito mais gêneros discursivos escritos do que falados, e isso se dá pela *“diversidade de ações linguísticas que praticamos no dia a dia na modalidade escrita”* (MARCUSCHI, 2008, p. 207), e isso faz com que possamos entender melhor o funcionamento social da língua.

Segundo Lopes-Rossi (2002), o tradicional método de ensino de redação das escolas –

narração, descrição e dissertação - é um tema discutido na área de Linguística, e pode ser considerado inadequado, tendo em vista: a artificialidade das situações e dos temas de redação, ou seja, o aluno tem o dever de cumprir uma exigência do professor; a falta de objetivo do aluno, pois o que importa para ele é tirar nota; a falta de um real leitor, ou seja, ninguém mais lerá o texto exceto o professor; e a falta de acompanhamento do educador, uma vez que esse se comporta apenas como um “corretor de texto”, entre outras.

A autora afirma que se o objetivo é desenvolver a habilidade comunicativa dos alunos e ampliá-la, essa metodologia clássica é considerada inadequada, tendo como base o conceito bakhtiniano de gênero discursivo. Pois, atualmente nenhuma pessoa precisa escrever uma narração, uma dissertação ou uma descrição igual se aprende na escola, mas pode precisar sim, narrar um fato ocorrido no seu dia, descrever o que está sentindo, algum sintoma ou um objeto, e argumentar-se é uma necessidade, e percebe-se isso em anúncios publicitários, em resenhas e críticas, e essa ação “constitui o ato lingüístico fundamental”, como afirma Koch (1984, p.19). Portanto, ela conclui que uma mudança necessária para as escolas deve basear-se no conceito de gênero discursivo de Bakhtin (1992).

Para Bakhtin, gênero discursivo está ligado a formas textuais específicas em determinado lugar e em diferentes situações onde ocorre a interação social. Por exemplo, uma carta, uma propaganda, um bilhete, uma notícia, um email, um poema, uma crônica, entre outros. Sabe-se que cada gênero discursivo possui sua característica específica e uma delas é a organização textual, ou seja, como esse texto é organizado, quais são os recursos gráficos utilizados nessa escrita, qual a sua idéia e função na sociedade, pra quem ele é escrito? Quando? Como? Por quê? Onde é encontrado?

A partir dessa análise, para que o aluno seja uma pessoa ativa na produção de textos, o professor deve desenvolver nele a competência comunicativa, ou seja, ensiná-lo como se comportar e se comunicar em diferentes contextos de interações sociais e como praticar essa habilidade utilizando um gênero discursivo.

2- Trajetória e definição de crônica

A crônica nasceu no momento do descobrimento do Brasil, na carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal D. Manuel.

A palavra crônica surgiu do latim *Chronica*, significando basicamente relatos de acontecimentos em ordem cronológica.

Os primeiros cronistas podem também ser considerados historiadores, pois eles relatavam acontecimentos de sua época e outros eventos em ordem cronológica.

Há quem diga que Fernão Lopes, por relatar muito bem a história de Portugal e a vida na corte lusa, foi o primeiro cronista português.

Esse gênero já foi denominado como folhetim no século XIII, porém a partir do século XIX a crônica passa por mudanças. Deixa-se de limitar apenas aos fatos cronológicos e aprende a observar pequenos detalhes sociais, elementos do dia-a-dia e enfatiza-os, sempre com a preocupação estética do texto.

Na segunda metade do século XIX Machado de Assis muda e revoluciona a concepção de crônica. Volta o seu olhar aos pequenos detalhes do cotidiano, à rua, às pessoas.

Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade, ambos cronistas, tiveram como objetivo a ampliação da visão do leitor diante da realidade, daquilo que estava acontecendo a sua volta. Há uma frase de Machado de Assis em que ele diz que os cronistas são como os beija-flores: “gostam de pular de um assunto ao outro”. E é por meio do formato da crônica que

eles conseguiram envolver o leitor.

A crônica tem da literatura a estética do texto, o olhar para a condição humana, o lado espontâneo e sensível para demonstrar outras visões do tema factual. Quanto à linguagem, a crônica jornalística é marcada pelo diálogo que equilibra o coloquial e o literário. Com o toque de lirismo reflexivo, o cronista capta o instante e registra-o. (JORGE DE SÁ, 2002, p.11)

Escrever uma crônica é relatar um fato do cotidiano ou algo ocorrido, que de alguma maneira leve o leitor a uma reflexão.

Há uma relação forte entre a crônica e o jornalismo, afinal esse gênero se fortaleceu através do chamado folhetim, textos nos rodapés dos jornais unindo literatura e jornalismo.

A precisão e objetividade presentes nos textos jornalísticos tornaram-nos muito frios, e é nesse ponto que a crônica aparece, como uma forma de quebrar essa situação, criar liberdade para o escritor, inovar a escrita nesse meio, porém sem perder o senso crítico. Portanto, a crônica tem a sua particularidade estética, na qual jornalismo e literatura se encontram.

Castro e Galeno (2002, p.141) afirma que “O característico da verdadeira crônica é valorização do fato ao tempo em que se vai narrando. O cronista, ao relatar algo, nos dá sua versão do acontecimento; põe em sua narração um toque pessoal.”

A crônica está presente no jornalismo como um meio de quebrar a tensão provocada por tantas notícias. Ela quer levar o leitor à reflexão e também quer agradá-lo. Antônio Prata afirma que para escrever uma crônica não é preciso ter uma história, como se tem em um romance, por exemplo, e compara a crônica com uma lupa que, quando colocada em uma superfície é possível perceber alguns detalhes; quando colocada em uma planta, é possível ver as células dessa planta; quando colocada em um tapete, veremos células diferentes das vistas anteriormente. Ou seja, escrever uma crônica é saber detalhar um assunto igual ao que se faz por meio de uma lupa.

Ele afirma também que a melhor crônica é aquela que é escrita no momento que se teve a ideia, sem um pensamento prévio da história, pois quando se pensa em um tema, é como se o destino já estivesse traçado, diferentemente do momento que surge a ideia, pois ali você escreverá de acordo com a sua emoção, é ela que irá te conduzir. “A crônica é fazer um grande comentário sobre coisas aparentemente pequenas.” (ANTONIO PRATA, 2014)

A partir da década de 1930, o gênero crônica adquiriu uma nova roupagem, passando por uma escrita mais dissertativa até uma mais descritiva, ou então uma crônica política, humorística ou até mesmo esportiva tanto que as décadas seguintes, 1940 e 1950 foram intituladas como “anos dourados” desse gênero.

Outra característica da crônica está na agilidade com que ela é escrita. Este fato ocorre porque na maioria das vezes não é disponibilizado tanto tempo para o cronista produzir um texto que dialogue de forma simples e direta com o público, de maneira informal se comparado a outros textos de cunho jornalístico.

Considerando como quiser, literatura ou jornalismo, a crônica alcançou visibilidade nos meios impressos de comunicação, agradando muito ao público, afinal trata-se de um texto coeso, de fácil compreensão, escrito, na maioria das vezes, em terceira pessoa e expressando o pensamento do autor.

Fazer uma crônica não leva mais do que o tempo de passar um café. Seja pelo coador de pano, seja pela máquina de expresso italiano. O processo é praticamente o mesmo pra ambos: basta ir derramando porções de realidade borbulhante sobre o pozinho de criatividade que empana os olhos e ver a crônica escorrer pronta, como se fosse o fio de café preto caindo na xícara. (CHAPOLA E LUCAS ROSSI, 2014, p. 51)

3- A crônica e seu estilo

A crônica sofreu algumas mudanças com o decorrer dos anos, adquirindo seu espaço de forma simples e coloquial, mas mantendo em sua essência uma liricidade quase que poética do dia a dia.

Apesar de ter seu início nos textos históricos, a crônica não adotou a grandiosidade das histórias épicas. A crônica aparece de forma diminuta, mais humana e próxima do leitor.

Vemos na crônica uma relação muito próxima entre o autor e o leitor. Ela é como uma conversa entre amigos de longa data que se encontram para ter seus curtos momentos de prosa diária.

E a crônica se fixa, ganha novos ares e uma dinâmica que só o modernismo seria capaz de lhe dar. A tal caminhada de Drummond é justamente o que aconteceu com os textos. Eles têm pés no passado de Machado de Assis, João do Rio e José de Alencar, mas ganham novas caras. Sabino, por exemplo, trouxe velocidade ao texto. Os poetas – Bandeira e Drummond -, uma fina ironia que já traziam em suas poesias. Rubem Braga, bom, esse é um caso à parte. Trouxe poesia e beleza às crônicas. E assim, o gênero foi se transformando. É claro que sem tirar os pés da Biblioteca Nacional. (CHAPOLA E LUCAS ROSSI, 2014, p. 68)

4- Sequência didática

Uma sequência didática, segundo Dolz, Schneuwly e Novêraz (2004, p 97) é a organização das atividades propostas em uma determinada sequência a fim de que seja facilitada a compreensão sobre determinado gênero discursivo, o que gera ao aluno um melhor domínio na área e conseqüentemente uma produção escrita mais eficaz.

Em sua idéia teórica central, Dolz & Schneuwly (1998:64) baseiam-se no seguinte pensamento bakhtiniano, que afirma que “Para possibilitar a comunicação, toda sociedade elabora formas relativamente estáveis de textos que funcionam como intermediários entre o enunciador e o destinatário, a saber, gêneros.

E exploram os gêneros metaforicamente, afirmando que eles são como instrumentos que possibilitam a comunicação e a aprendizagem.

É um instrumento semiótico constituído de signos organizados de maneira regular; este instrumento é complexo e compreende níveis diferentes; é por isso que o chamamos por vezes de ‘megainstrumento’, para dizer que se trata de um conjunto articulado de instrumentos à moda de uma usina; mas fundamentalmente, trata-se de um instrumento que permite realizar uma ação numa situação particular. E aprender a falar é apropriar-se de instrumentos para falar em situações discursivas diversas, isto é, apropriar-se de gêneros (1998, p. 65).

A sequência didática é realizada em quatro etapas. Na primeira delas é feita a apresentação da situação, neste caso o estudo da crônica, na qual os alunos entrarão em contato com a situação, e para isso cabe ao pesquisador fazê-la de modo bem definido e

preparar os textos a serem trabalhados.

A segunda etapa seria a produção inicial, em que os alunos realizariam uma produção escrita em torno do gênero que está sendo trabalhado, a fim de que o professor possa ter uma primeira visão sobre o aprendizado e entendimento dos alunos.

A terceira etapa trata a respeito dos módulos, onde o professor e o pesquisador trabalharão em cima das dificuldades que os alunos tiveram na etapa anterior, visando a melhoria da produção escrita.

A quarta e última etapa é a produção escrita final dos alunos, onde poderão escrever sem aquela dificuldade que tiveram anteriormente, pois esta já foi trabalhada nos módulos. Para Dolz et AL (2004) a elaboração de uma sequência didática é fundamental, pois possibilitará que o aluno se expresse sem dificuldade em uma determinada situação, em cada gênero discursivo.

Metodologia

Como material de trabalho para essa pesquisa utilizar-se-ão textos da cronista e advogada Ruth Manus. A autora foi pensada e selecionada devido à sua característica jovem de escrever crônicas, pois ela relata sobre temas que ocorrem praticamente 100% na vida de alguém: amizade, relacionamento, comportamentos em determinada situação, entre outros.

Também foi elaborada uma sequência pedagógica tendo em vista os seguintes itens:

- a) **Objetivo:** Desenvolver o senso crítico na leitura e escrita do gênero discursivo crônica.
- b) **Conteúdo:** Apresentação do gênero discursivo crônica; Apresentação do autor escolhido e das obras que serão analisadas; Análise das crônicas propostas e noções de semântica para melhor entendimento do texto.
- c) **Ano:** 1º Ano do ensino médio
- d) **Tempo estimado:** 10 aulas.
- e) **Desenvolvimento:**

Na primeira etapa perguntaremos aos alunos como eles se relacionam com o gênero discursivo crônica. O que conhecem? Se conhecem, quais cronistas costumam ler?

Em seguida, baseando-se na primeira etapa da sequência didática, será feita a apresentação do gênero discursivo crônica aos alunos, como e quando surgiu e quais as definições que alguns escritores fazem sobre esse tipo de texto.

Após o entendimento dessa etapa, serão levados três textos da cronista Ruth Manus:

1º) Era uma vez um lindo reino pisoteado por um gigante bruto

(RUTH MANUS, 19 Agosto 2015);

2)A difícil tarefa de não sacanear quem te ama

(RUTH MANUS,05 Agosto 2015);

3)Quando foi a última vez que você fez algo pela primeira vez?

(RUTH MANUS, 20 Maio 2015)

A partir da apresentação e leitura feita pelo professor em voz alta desses textos o foco passa a ser a interpretação e em seguida o debate. O pesquisador juntamente com o professor analisará cada texto com os alunos e verificará se existe alguma palavra de difícil compreensão;

identificará a estrutura empregada nos textos, em um deles, por exemplo, a autora escreve em versos, já um outro é em forma discursiva; o tema abordado e a crítica feita pela escritora.

Após a compreensão dos alunos de todos esses elementos será proposto um debate em torno do mesmo tema tratado em cada texto, ou seja, como são três textos, serão feitos três debates. A sala será dividida ao meio em dois grupos, um concordando com a autora e o outro discordando e é nesse momento que, mesmo que alguns alunos estejam em um lado oposto no qual se posiciona sobre determinado assunto é que se começa a verificar o senso crítico que eles possuem e conseqüentemente a desenvolvê-lo, pois transmitirão aquilo que pensam por meio da fala, se concordam ou discordam da autora e se acham que é um tema que vale a pena ser tratado hoje em dia, e se acharem que não, qual assunto eles abordariam se tivessem que escrever uma crônica?

Essa parte é a segunda etapa da sequência didática, porém ao invés de escrita, será realizada oralmente, onde o professor perceberá e estudará a compreensão dos alunos a respeito do posicionamento crítico, como ele expressou sua opinião por meio da fala.

Após ter sido feito isso, entra a terceira etapa, momento em que o professor elencará as dificuldades encontradas pelos alunos na hora do debate e explicará melhorias para que o comportamento deles diante dessa situação seja aperfeiçoado.

Na quarta etapa, após toda a compreensão do gênero discursivo, a interpretação de alguns exemplos dessa escrita e o debate sobre determinados temas, que realizaremos a proposta escrita para os alunos, na qual eles ficarão livres para escolher o tema que queiram abordar.

O professor e pesquisador auxiliarão durante todo o processo de escrita tirando dúvidas dos alunos e fazendo correções nos textos.

Deixar-se-á bem claro que a opinião e crítica dos alunos presentes em seus textos não serão lidas apenas pelo professor e pesquisador, mas sim, publicadas e lidas por outras pessoas em uma Academia Jovem de Letras.

O produto final será a elaboração de uma crônica com a temática livre e apresentação e leitura da mesma na Academia Jovem de Letras de Lorena.

Resultados esperados

Espera-se que tendo como base o estudo de um determinado gênero discursivo, o entendimento e uma análise interpretativa desses textos, o aluno tenha mais facilidade na hora de escrever, pois já estará familiarizado à estrutura e à característica daquele tipo de texto, e a partir o processo de escrita torna-se mais fácil. E tendo como proposta final de um texto a leitura e apreciação por outras pessoas, além do professor, em um lugar acadêmico, faz com que o aluno sinta que aquela sua produção será importante para alguém e para a sociedade, e não apenas um objeto para se conseguir uma nota.

Referências

CAMPOS, João; NIGRO, Flávio e RODELLA, Gabriela. *Português a arte da palavra 9ºano*. São Paulo: Editora AJS Ltda, 2009.

CHAPOLA, Ricardo e ROSSI, Lucas. *Crônica: o jornalismo de short*. São Paulo: Patuá, 2014.

MANUS, Ruth. Era uma vez um lindo reino pisoteado por um gigante. *In: Estadão* Disponível em: <http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/ruth-manus/>, acesso em 23 de agosto de 2015.

MANUS, Ruth. A difícil tarefa de não sacanear quem te ama. *In: Estadão* Disponível em: <http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/ruth-manus/>, acesso em 23 de agosto de 2015.

MANUS, Ruth. Quando foi a última vez que você fez algo pela última vez. *In*: Estadão Disponível em: <http://vida-estilo.estadao.com.br/blogs/ruth-manus/>, acesso em 23 de agosto de 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROSSI, Maria Aparecida Garcia Lopes. *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos*. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

SILVEIRA, Livia Maria de Oliveira. *A estrutura textual das crônicas jornalísticas do cronista Mathew Shirts*. Lorena-SP: Faculdades Integradas Teresa D'ávila, 2007.

PROPOSTA DE SEQUENCIA DIDÁTICA PARA GÊNERO DISCURSIVO ENSAIO

RESUMO

Esse trabalho pretende demonstrar que a falta de leitura prejudica a produção de gêneros discursivos mais complexos, tais como o ensaio. Numa sociedade em que cada dia lê-se menos, como demonstrado por pesquisas recentes, é um enorme desafio produzir tipos discursivos de qualidade. Por demandar grande quantidade de estudo e leitura, o gênero Ensaio foi escolhido para essa pesquisa. A teoria do gênero discursivo de Bakhtin foi escolhida para a proposta de aplicação da pesquisa, na qual os alunos do segundo ano do curso de Letras das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila seriam apresentados ao gênero escolhido por intermédio da leitura do mesmo. Após a leitura, seria proposto que os estudantes produzissem um ensaio com um tema de sua escolha. Em seguida, a análise dos textos aconteceria. Visto que a leitura é essencial para a escrita de um bom ensaio, espera-se encontrar textos rasos e de qualidade baixa, pois o hábito da leitura tem-se provado cada vez menos importante para a sociedade.

Palavras-chave: Ensaio, Gênero Discursivo, Leitura, sequência didática

ABSTRACT

The present article intends to demonstrate that the lack of reading damages the production of more complex speech genres, as the essay. In a society in which every day we read less and less, as demonstrated by recent researches, it is an enormous challenge to produce speech genres with quality. As it demands a big quantity of study and reading, the essay was the chosen genre for this study. The theory of Speech Genres by Bakhtin was designated to the application, in which second-year students of Letters and Literature in the Faculdades Integradas Teresa D'Ávila would be presented to the elected speech genre, by reading it. After the reading, they would be asked to produce an essay with a theme designated by them. Then, the analysis of the texts would be done. Being reading an essential part of writing a good essay, the texts are expected to be shallow and low quality, because reading habits are becoming less important to the society.

Key-words: Essay, Speech Genres, Reading.

INTRODUÇÃO

O ensaio é um gênero discursivo difícil de ser classificado: embora seja essencialmente dissertativo, transita facilmente entre o artístico e o científico. Por ser tão dúbio talvez este seja um dos gêneros mais difíceis de ser trabalhado em sala de aula. Certamente é desafiador convencer alunos a estudar e analisar profundamente um assunto que seja digno de ser transmitido em um ensaio. Por essa razão os estudantes da graduação estejam mais aptos a estudar e reproduzir o gênero discursivo escolhido. Ainda assim é esperado que eles encontrem dificuldades para produzir um texto de qualidade, tanto pela complexidade quanto pela dedicação exigida pelo mesmo, já que o hábito de ler torna-se cada vez mais incomum entre os jovens, até mesmo entre aqueles que estudam no ensino superior. Tendo isso em vista, o presente trabalho pretende demonstrar que a falta de leitura irá prejudicar a criação de gêneros discursivos, sobretudo aqueles que são fruto de estudos aprofundados.

Sendo um gênero textual multifacetado, o ensaio que merece uma atenção especial para ser produzido. Ao abordar assuntos que podem variar de temas cotidianos como a situação do país a questões de cunho filosófico, científico ou espiritual, é fácil perder-se no enorme leque de possibilidades que vem com o texto.

Acredita-se então que o ensaio seja ideal para despertar nos alunos de graduação uma consciência maior para a escrita e também chamar a atenção para a importância do estudo e da leitura no momento de produzir gêneros discursivos.

É possível também tratar de diversos aspectos linguísticos durante o estudo do ensaio, motivo pelo qual ele seria melhor aproveitado num curso como o de Letras, que tem o texto como um de seus objetos de estudo.

1. Definição de Ensaio

A palavra ensaio pode sugerir algo que está inacabado, aquele que precede o original, o oficial. Para Lopes (2002), um exemplo disso é o ensaio de uma peça de teatro, pois antes da mesma entrar em cartaz, muitos ensaios são necessários para que todos estejam prontos para estrear. Um ensaio literário para a autora carrega, então, traços subjetivos que não estão associados com uma sistematização e para escrever esse gênero é preciso deixar de lado, pelo menos por momentos, a formalidade e os padrões tradicionais.

Nem por isso escrever um ensaio é apenas narrar fatos e descrever situações: “é expressar seus próprios sentimentos, pensamentos, opiniões.” (LOPES, 2002). É passar para o papel tudo aquilo que passar pela sua mente e que deseja ser expresso em palavras. Um verdadeiro ensaísta terá como características marcantes deixar-se levar pelo fluxo da inspiração e falar sobre ideias que nascem da alma. Ele não se incomodará com comparações e críticas que certamente virão, pois tudo que foge à rotina e ao padrão tradicional incomoda aqueles que colocam barreiras frente à manifestação do inconsciente.

Não se trata de uma tarefa fácil escrever um ensaio: é algo difícil e trabalhoso. Lopes afirma que não basta o escritor servir-se de papel, lápis e borracha se ele não possuir dentro de si algo que o faça romper certas barreiras. Barreiras estas que “que impedem que ideologias e opiniões sejam incorporadas à obra de forma natural e descompromissada com o “certo” ou o “errado”. “ (LOPES, 2002)

De acordo com Gripp (2002) pode-se dizer que com o desenvolvimento da literatura, outros gêneros desenvolveram-se além dos que já previamente existiam como a epopéia e a tragédia. Entre eles encontravam-se o romance, a lírica, o conto, o ensaio entre outros. Hoje em dia essas noções estão intrinsecamente ligadas ao estudo da teoria de gêneros, que é impossível estudar literatura sem conhecê-la.

Então é de costume que definamos “o romance como um texto em prosa de longa-duração temporal; o conto como um texto, também em prosa, de curta duração temporal; a lírica, em verso, com forte presença de um eu central, e o ensaio como um “texto, geralmente em prosa, livre, que versa sobre um determinado assunto sem esgotá-lo, reunindo pequenas dissertações menos definitivas que um tratado”, segundo Houaiss.” (GRIPP, 2002, p 11)

Descrever e definir um gênero discursivo como o ensaio, em sua totalidade e realidade, é uma tarefa complicada. Nascido das mãos de Montaigne - filósofo e moralista Francês que viveu no século XVI, eles propunham-se a ser um exercício de liberdade: eram devaneios, divagações reunidas num livro chamado *Essais*, dissertações sobre todos os assuntos que seu autor pudesse imaginar. Montaigne diz:

Ensaio: novo gênero em que a pena do autor é deixada à vontade, guiada pelo senso comum, misturando instinto com experiência, circulando pelos temas diversos, sem compromissos com a autoridade mas sim com a liberdade” (ENSAIO EM ARTES apud MONTAIGNE, 2011, p. 15)

Enquanto ao procurar pela definição dada por um dicionário, encontramos uma

explicação um tanto mais crua sobre o ensaio: “Ensaio: dissertação sobre determinado assunto, mais curta e menos metódica do que um tratado formal e acabado” (ENSAIO EM ARTES apud MONTAIGNE, 2011, p. 15)

É de suma importância lembrar que Montaigne era um aristocrata francês que foi devidamente seduzido por ideais modernos de rompimento com as rígidas normas que aspiravam alcançar seres superiores com a sua literatura. O ensaio é, portanto “um gênero literário que é rebento da mentalidade moderna” (HORTA, p 16). Ele contém a mentalidade renascentista: dotada de individualismo e espírito crítico.

Para escrever o seu novo e revolucionário gênero textual, Montaigne isolou-se numa torre e começou a interpretar o mundo e expor sua visão da realidade em seus textos. *Essays* foi inovador, pois transformou a digressão em uma arte. A partir daí o ensaio toma forma: ele é, segundo Horta (2002) “um passeio por idéias e temas variados, que nunca encerra em si uma visão acabada do mundo, mas um sublime contemplar.”

Todos os temas tratados pelo ensaio são aqueles que estão presentes na cultura humana há milênios. São aqueles dramas que persistem, mas são ditos de formas distintas, sejam elas num carregado debate acadêmico ou numa conversa de boteco. Ou, como disse Francis Bacon, a palavra é nova, mas a coisa é antiga. É também curioso notar que o ensaio, por ser flexível e pessoal, adapta-se aquilo que o mundo moderno pede, ou seja, é adaptável. Por exemplo, não importa quão polêmica a coluna de Diogo Manardi seja em uma semana, ela já será esquecida na próxima edição, ao contrário do que acontece com a gloriosa *Ilíada*. Nada deve impedir que o autor mude de ideia na semana seguinte, pois Montaigne disse “poucas convicções se baseiam em fundamentos tão firmes que não tenham de ser modificados ao longo do tempo”.

É difícil concluir uma definição de ensaio pois o próprio tema parece deixar aberto: ao ensaiar, sempre se deixa algo não concluído, aberto a possibilidades e almeja-se conseguir algo realmente significativo. Por isso este é um gênero fascinante: pode-se ter o máximo de rigor com o máximo de liberdade. Tudo é questão de dosar ambos e criar então a mistura perfeita de expressividade e conhecimento, para ter então um grande ensaio.

1.1 Ensaio como gênero:

Segundo Paviani (2009), em seus *Essays* escritos em 1580, Montaigne afirma que escreve para deixar traços de suas ideias e de seu caráter para si mesmo, parentes e amigos. Seu objetivo era o de conservar o seu conhecimento através de seus escritos. Em seu livro II, cap X, o autor reafirma que seu texto não é resultado do estudo, mas das faculdades naturais, que não é produto da sabedoria, mas da fantasia e que deve-se ater à forma como a matéria é tratada, mas não a matéria em si. Montaigne não se atenta a citações ou a creditar autores.

Ele não se inspira nas citações. Usa-as para corroborar o que diz. Não se preocupa com a quantidade, mas com a qualidade delas. Quanto às comparações e aos argumentos, declara que, muitas vezes, omite voluntariamente o nome dos autores. Enfim, ele quer que os críticos apressados, que vivem apoiados nos escritores, insultem Plutarco e Sêneca ao criticar suas idéias. Quer esconder sua fraqueza sob as grandes reputações. Pois, saber reconhecer a própria ignorância é garantia de possuir a faculdade de julgar. (PAVIANI, 2009, p. 2)

Montaigne buscava nos livros um passatempo prazeroso. Embora comente obras de Ovídio, Boccaccio, Rabelais e outros, ele fazia-o com base em seu ponto de vista, não pretendendo fazer de seus comentários análises intelectuais. Paviani (2009) observa, portanto que não há pretensão da verdade em Montaigne, mas sim uma exposição de argumentos com

seu ponto de vista. As leituras que faz são consideradas deleites e meio de instrução.

Assim percebe-se que o ensaio como gênero textual, vem ao mundo pelas mãos de Montaigne sob o signo da humildade, não pretendendo ser um gênero superior, mesmo que não se descuide da análise rigorosa e aguda.

1.1.1 O ensaio nos dias de hoje e nos dias de ontem

Embora o ensaio como gênero textual no século XVI, Paviani (2009) afirma que outros autores anteriores elaboraram textos com características de ensaio. Um exemplo óbvio seriam os escritos de Aristóteles ou os de Plutarco, mesmo que entre eles existam diferenças. Paviani (2009) comenta:

Por isso, a história do gênero depende do conceito de ensaio que pode ser definido de diversos modos. Se, de um lado, o conceito de ensaio pode ter origem empírica, a partir de alguns textos considerados exemplares, com características e padrões fornecidos pela tradição. De outro lado, o conceito de ensaio, no sentido mais rigoroso, depende de um quadro referencial teórico, sistemático e coerente, que o define enquanto tal. (PAVIANI, 2009, p.2)

É comum, portanto, observar outros autores, que na história da produção filosófica, literária e científica, impuseram características ensaísticas aos seus textos. Paviani (2009) cita então John Locke (que escreveu *Ensaio acerca do entendimento humano*, mais de um século depois de Montaigne ter feito seus ensaios e afirma que seu texto foi elaborado com liberdade de pensamento e como um passatempo, com a matéria sendo tratada de modo descontínuo).

[...] o ensaio continua hoje sendo uma forma aberta de expor o pensamento. Afinal, o ensaio, mesmo o quando expõe uma teoria, nunca o faz de maneira doutrinal e dogmática. Ele não tem a pretensão de oferecer conteúdos acabados. Limita-se a coordenar idéias, pontos de vistas. Mas, sendo livre, cultiva o rigor, coincidindo ou não sua forma com a exposição filosófica ou com a expressão literária, e, ainda, com a escrita científica. (ADORNO apud PAVIANI, 2009, p.3).

O ensaio hoje ainda é amplamente cultivado na crítica literária e artística, bem como na ciência e na filosofia. Ele pode até mesmo invadir outros gêneros textuais e ser uma nova possibilidade textual. De fato, desde os escritos de Pascal, Galileu, Espinosa e de centenas de outros autores, o ensaio é o único gênero textual que permite que o seu leitor transite do filosófico para o artístico e vice e versa, mesmo que o faça de modos e intensidades diversas.

2. Características do Ensaio:

É uma tarefa no mínimo complexa desvendar as características do ensaio, já que essas envolvem um número considerável de conceitos difíceis de classificar, definir ou até mesmo distinguir. De acordo com Paviani (2009), podemos usar dois métodos de busca, que são:

Uma, de caráter teórico, pretende elaborar o conceito de ensaio, a partir da matéria desenvolvida sobre o assunto por especialistas, de diferentes áreas. Outra, também teórica, mas tendo a experiência como ponto de partida, pretende examinar alguns textos considerados, pela maioria dos autores, como ensaios. Essas duas alternativas, no entanto, podem se completar mutuamente e, assim, talvez chegar a um determinado consenso sobre a natureza e as funções do ensaio como gênero textual. (PAVIANI,

Todo esse trabalho, porém, é meramente descritivo e explicativo, não tendo um caráter normativo. Uma vez que um objeto de estudo seja cultural e não objeto da natureza, o objetivo será observar o que ocorre. Concluí-se assim que definir o ensaio como gênero textual seja parecido com a tentativa de definir a arte, a cultura, a educação e outros. Em linhas gerais, de acordo com o autor, podemos encontrar no ensaio, essas características e outras mais:

- a) O ensaio é uma investigação, um estudo, uma reflexão. Tem em suas linhas uma ideia de proposta, de algo que não está totalmente concluído, o que combina com a palavra ensaio.
- b) O estudo é formalmente desenvolvido. Os padrões serão mais ou menos formais e o ensaio será sempre elaborado, não sendo espontâneo ou caótico. Mesmo assim, é menos rígido que um tratado.
- c) Como texto, o ensaio pode ser de natureza filosófica, científica ou literária. Ele é, entre todos os gêneros textuais, o que melhor transita entre essas áreas do saber.
- d) A exposição do assunto deve ser lógica, mesmo que a linguagem seja poética. O ensaio irá expor a matéria com racionalidade.
- e) O Rigor na argumentação é característica indispensável no ensaio. Mesmo apresentando-as de diversas formas, a argumentação e a demonstração devem estar presentes.
- f) Os estilos de interpretação e de julgamento pessoal sempre estão aliados ao rigor da argumentação. O ensaio não é subjetivo mas também não abole a subjetividade.
- g) Há uma maior liberdade de expressão, coisa que a maioria dos gêneros não possui. Isso consiste em poder defender uma posição sem documentos, apoio empírico ou outros recursos.
- h) Tendo vista o extenso conjunto de características requeridas para um ensaio, é notável que o autor deva ter informação cultural e maturidade intelectual. É um gênero difícil de elaborar pois exige sutileza e equilíbrio.

É evidente para Paviani (2009) que essas características gerais não esgotam as infinitas possibilidades de um ensaio como gênero textual, mas quando estudadas, servem para esboçar seu perfil e para diferenciar o ensaio de artigos científicos, das teses, das resenhas, dos tratados, das monografias e de outros tantos gêneros de textos.

Em conclusão, o ensaio é um gênero textual que atende tanto os autores experientes, densos, originais e profundos e os autores principiantes, pois estes últimos nem sempre possuem o domínio técnico dos gêneros científicos, e o ensaio permite experiências em seu conteúdo. Para Paviani “É o texto daqueles que preferem a liberdade de expressão, mesmo sabendo que jamais podem abdicar do rigor.”. Como o nome já diz, ensaiar algo já contém a ideia de tentar alcançar algo definitivo, muitas vezes por meio da tentativa e erro, portanto, nos dias de hoje, o ensaio é um texto que ainda mantém padrões e mesmo assim continua a cumprir com sua função prática sócio histórica de promover comunicação e expressão dos interesses filosóficos, artísticos e científicos. O ensaio é, enfim, um gênero textual que embarca a escrita em seus usos históricos e culturais de formas diversas, de simples a complexas.

2. Gênero discursivo:

Lopes-Rossi (2002) diz que o tradicional ensino de redação nas escolas vem sendo posto

em discussão por inúmeras pesquisas na área de Linguística, desde o início dos anos 80. A forma convencional de ensinar já não funciona e vários problemas como organização textual, coesão, coerência, uso de clichês e problemas gramaticais surgem quando é exigido que os alunos produzam um texto. Pode-se fazer um paralelo dessa situação com o que aconteceu no ENEM do ano de 2014, aonde 529 mil alunos zeraram a redação dissertativa exigida pela prova. Essa situação demonstra que pedir para que os alunos escrevam dissertações, narrações ou descrições fora do contexto, não os prepara para escrever uma redação numa prova que exige tema e opinião num contexto real, como é o caso da prova do ENEM.

A autora retorna a apontar problemas nas condições de produção de redação nas escolas e alguns deles são: a artificialidade das situações de redação, a descaracterização do aluno como sujeito no uso da linguagem, a artificialidade dos temas propostos, falta de objetivos de escrita por parte do aluno, falta de um real leitor para o texto a ser produzido, falta de um acompanhamento do professor durante a elaboração do texto e a falta de ânimo do próprio professor em relação à correção de um exercício cuja a eficácia até mesmo ele questiona. Diante de todos esses problemas, que ainda somam-se com a dependência que o professor tem do livro didático é de se esperar que os alunos apresentem muitos problemas e pouco interesse em escrever.

Propõe-se então, definir claramente a diferença entre o ensino baseado em narração, descrição e dissertação e o ensino baseado em gêneros discursivos. Ela diz que o primeiro trata os textos como fórmulas abstratas e não como elementos de comunicação. Isso se prova por que sabemos que na vida real não temos muito ou mesmo nenhum contato com narrações (elas não se fazem necessários no nosso dia-a-dia): talvez tenhamos que narrar algo que aconteceu a alguém, mas isso irá transformar-se em notícia de jornal, boletim de ocorrência, relatório. Também não precisamos fazer descrições no cotidiano, e se fizermos elas serão em anúncios de classificados, escrituras de imóveis, diálogo com médicos etc. A argumentação, que se encaixa no texto dissertativo, é um pouco diferente pois está presente em todo o tipo de discurso, especialmente em relatos de pesquisa científica, currículo e anúncios, que tem caráter argumentativo. Conclui-se então que não se deve limitar os textos a fórmulas ou esquemas, como é feito pela perspectiva de modos de organização do discurso, pois isso acaba por descaracterizá-los.

Escrever bem, diz a autora, não é apenas questão de inspiração. Pesquisas demonstram que muito mais importante é ter um bom trabalho de planejamento e organização textual. Mesmo assim, não é o suficiente ensinar alunos utilizando-se apenas dos métodos de organização do discurso, pois estes ficam restritos a sala de aula e sujeitos a apreciação somente do professor, sem possibilidades de circulação social, o que pode ser frustrante. Prova-se então que é necessária uma mudança na concepção de como se ensina e aprende a produzir textos e é nesse momento em que o conceito de gênero discursivo, criado por Bakhtin mostra-se uma alternativa interessante. Esse ensino pauta-se principalmente no sócio interacionismo, na teoria enunciativa e na linguística textual. Lopes-Rossi começa então uma descrição mais detalhada dos gêneros discursivos.

2.1 Gêneros discursivos: definição e características

Bakhtin foi um filósofo russo que começou seus estudos sobre a linguagem na década de 20, século XX. É de sua autoria o conceito de gênero discursivo, que se refere a formas típicas de enunciado, sejam falados ou escritos, que se realizam em condições e com finalidades específicas nas diferentes situações de interação social. Bakhtin acreditava principalmente que era importante considerar o processo linguístico, a comunicação em si, e via a língua como algo concreto, fruto da interação social. Esses gêneros discursivos se dividem em orais (como

conversas, piadas, provérbios, entrevistas, palestras, aulas, missas etc) e em escritos (como carta, requerimentos, procuração, notícia, reportagem, crítica de cinema, conto, romance etc). Ambos os tipos são existentes em nossa sociedade. Esses mesmos gêneros ainda se dividem entre primários (aqueles que ocorrem em situações cotidianas) e em secundários (que ocorrem em situações de comunicação mais complexas, em áreas jurídicas, científicas, etc). É importante mencionar que os gêneros discursivos, por serem parte da sociedade, podem modificar-se com o tempo.

Todos os gêneros de discurso têm suas características típicas que incluem formas de linguagem adequadas, e no caso dos gêneros orais, até mesmo comportamento físico adequado. Para que o gênero do discurso tenha êxito, ele submete-se a certas condições tais quais: uma finalidade, um estatuto de parceiros legítimos, um lugar e um momento adequados a ele e uma organização textual – pois cada gênero se organiza de uma maneira típica. Ainda sobre essa organização textual, é importante mencionar que alguns gêneros são mais rígidos do que outros nessa questão, devido a convenções sócio historicamente estabelecidas. Mesmo assim, por mais que existam gêneros que tem permissão para a flexibilidade, eles mantêm certas características básicas que os definem e, que se não respeitadas, podem causar rejeição nos meios em que eles deveriam circular, mesmo que o conteúdo ofertado seja adequado.

É importante lembrar também que, no ensino atual, não devemos considerar importante apenas o texto verbal na organização textual: é preciso também levar em conta todos os elementos não verbais que compõem os gêneros discursivos, tais como a forma e o tamanho das letras, fotos, divisões do texto, cores, etc. Além disso, temos também as características discursivas que não são visíveis, que se referem às condições de produção e circulação do gênero discursivo em questão na sociedade. Essas geralmente respondem perguntas do tipo: Quem escreve (em geral) esse gênero? Com que propósito? Onde? Quando? Como? Etc.

Para produzir um texto de sucesso, deve-se ter um nível de conhecimento do gênero de discurso que não inclui apenas o gênero discursivo em si, mas também seus elementos não-linguísticos e as características discursivas. Isso permitirá a escolha vocabular adequada, o uso correto dos recursos linguísticos e não linguísticos, a seleção de informação mais eficiente, a determinação do tom e do estilo culturalmente esperados e a identificação das condições de êxito para a produção de um determinado gênero. É essa competência comunicativa (que deve incluir não só os conhecimentos referentes ao léxico e à estrutura da língua, mas também os conhecimentos específicos de cada gênero discursivo) que deve estar desenvolvida num aluno, para que ele possa ser capaz de agir com um sujeito ativo na produção de textos.

2.2 Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos

Levando em consideração tudo que foi exposto a respeito dos gêneros discursivos, é mais que natural que os PCN tenham tomados os mesmos como objetos de ensino. Para fornecer então esse domínio do funcionamento da linguagem necessário ao processo de produção textual, o professor tem que criar condições nas quais o aluno aproprie-se dessas características discursivas e linguísticas, em situações de comunicação real. E fazem-no utilizando-se de projetos pedagógicos que tenham como objetivo o conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos.

É importante lembrar que nem todos os gêneros são adequados para a produção escolar. Nesses casos, o professor pode optar por apresentar tais gêneros apenas em atividade de leitura. Já na produção escrita, é preciso que exista a leitura antes da escrita para que os alunos possam se apropriar das características do gênero que produzirão.

A autora segue o artigo dando exemplos de projetos de produção escrita, inclusive o de elaborar jornal e revista – que os alunos do curso de Letras das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila (FATEA) fazem, por meio do folhetim Lorenianas, em seu segundo ano de faculdade. Além desse projeto, existem ainda muitos outros exemplos excelentes e facilmente aplicáveis em escolas. A autora ressalta que deve haver planejamento pedagógico, pois são atividades que

ocupam bastante tempo e que são formadas por vários passos que levam a um objetivo final. Esses passos geralmente são: a leitura do gênero discursivo escolhido, para o conhecimento de suas características, o segundo passo seria então a produção escrita do gênero e nessa etapa estão incluídas a organização, a produção, a revisão, entre outras e por fim temos a divulgação ao público, que depende da forma de circulação típica do gênero. Durante a revisão de texto, que ocorre na segunda etapa, o professor pode aproveitar o “gancho” do assunto para inserir aulas de análise lingüística de aspectos específicos da gramática normativa, dependendo da dificuldade que os alunos apresentem na elaboração do gênero escolhido.

Outro ponto que aparece no texto é a consciência que o professor deve ter, para saber que o desenvolvimento da escrita é um processo lento e longo, que deve ser adaptada de acordo com as possibilidades do aluno e que deve ser ensinada “em espiral”, que significa que os gêneros discursivos devem ser produzidos diversas vezes, em diversos níveis de escolaridade e com exigências crescentes.

2.3 A seleção de gêneros discursivos para a prática pedagógica

Lopes-Rossi (2002) relata que a existência de infinitos gêneros discursivos pode causar indecisão ao professor. Ela afirma ainda que não há gênero certo ou errado, melhor ou pior de trabalhar-se mas apenas que o professor deve selecionar o gênero considerando fatores como idade dos alunos, suas habilidades lingüísticas, suas necessidades de conhecimento para uma efetiva participação social e para seu crescimento intelectual, a ocorrência de eventos que possibilitem a produção de textos e sua circulação dentro e fora da escola. É importante então balancear as possibilidades da produção do gênero com as necessidades de aprendizagem de um ponto de vista sócio cultural.

Para que escolha-se um gênero discursivo a ser trabalhado em sala de aula, a autora sugere que o professor leve em consideração o domínio de gêneros discursivos que circulam na esfera social relativa a cada curso. Por exemplo, um aluno de direito estará interessado em aprender gêneros como petição, procuração, processo e outros da esfera jurídica.

A autora segue dando enfoque em algumas esferas de agrupamento de gêneros, propostos por diversos autores. Os PCN tem as seguintes esferas: esfera literária (que inclui

cordel, canção, crônica, novela etc), a esfera de imprensa (com a notícia, entrevista, depoimento, entre outros), a esfera de divulgação científica (que inclui seminários, exposições, esquema, resumo, artigo e outros) e a esfera da publicidade (que é a propaganda). Dessa forma, se o professor julgar que todo um agrupamento de gêneros atende a seu propósito pedagógico, ele pode trabalhar com uma sequência de vários gêneros do mesmo grupo.

Lopes-Rossi encerra dizendo que a percepção do professor em conjunto com suas possibilidades de criação de um contexto adequado, irá guiá-los nas escolhas que devem fazer. Além disso, a experiência sempre os ensinará e inspirará para outros projetos.

3. A sequência didática

Os autores Dolz, Schneuwly e Novèrraz (2004) definem a sequência didática como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. De acordo com eles, esse procedimento pedagógico possibilita que o aluno domine melhor um gênero de texto, o que irá permitir que o mesmo escreva ou fale de um modo mais adequado dada cada situação de comunicação, facilitando também o aprendizado de práticas de linguagens novas que sejam difíceis de dominar.

De acordo com Dolz et al (2004) uma sequência didática é composta de quatro passos: a) apresentação da situação; b) produção inicial; c) módulos e d) produção final.

A apresentação da situação, segundo os autores, tem como objetivo apresentar o projeto como um todo, que será realizado na produção final, e também preparar os alunos para a sua primeira produção do gênero escolhido. Para Dolz et al (2004) essa produção acontece em duas fases, sendo a primeira apresentar um problema de comunicação bem definido e a segunda

preparar o conteúdo dos textos que serão produzidos. A primeira dimensão deve responder perguntas relativas ao gênero escolhido, como qual será ele, a quem a produção do mesmo dirige-se, quem participará da produção etc. A segunda dimensão deve propor especificamente os conteúdos constitutivos do gênero a ser trabalhado.

Quando se chega então na segunda etapa da sequência didática, a primeira produção de texto por parte dos alunos deve acontecer. Dolz et al (2004, p. 101) mencionam que nesse momento “os alunos tentam elaborar um primeiro texto oral ou escrito e, assim, revelam para si mesmos e para os professores as representações que tem dessa atividade.” É, portanto, nessa parte em que o professor tem uma visão mais clara do que os alunos já sabem e onde eles podem chegar.

A terceira etapa, dos módulos, tem como objetivo trabalhar com os problemas que aparecerão na primeira produção e também oferecer aos alunos o apoio que eles precisam para superá-los. Segundo os autores é importante responder questões relacionadas as principais dificuldades que serão abordadas. É também reforçada a ideia de que os desafios apresentados serão diferentes de acordo com o gênero escolhido e que o professor deve preparar os aprendizes para tal situação.

Na quarta etapa, acontece então a produção final, que irá possibilitar que os alunos coloquem em prática tudo aquilo que aprenderam.

A sequência didática é crucial, segundo Dotz et al (2004). Quando usada para trabalho com gêneros textuais em sala de aula ela permite que os alunos escrevam, ou falem da maneira mais adequada para cada situação.

Em suma, a ideia dos estudiosos da sequência didática é que ela ocorra da seguinte forma: apresentação da situação (onde explora-se a função social do gênero); produção inicial (o diagnóstico para o professor no que diz respeito aos conhecimentos linguísticos e discursivos de seus alunos); os módulos (onde o professor lida com os aspectos discursivos e linguísticos específicos do gênero que escolheu) e a produção final.

4. A proposta de sequência didática do Ensaio

Dado que o gênero ensaio apresenta uma maior complexidade, sugere-se que ele seja trabalhado com alunos da graduação, mais especificamente do segundo ano do curso de Letras. A primeira parte da sequência será apresentar aos alunos sobre o projeto de criar um ensaio que será incluído no projeto anual de produzir um folheto que contém diversos gêneros textuais escritos pelos alunos.

Em seguida, será perguntado aos alunos se eles imaginam que tipo de texto seja um ensaio, para ter ideia do que eles já conhecem do gênero que será trabalhado.

O terceiro passo será trazer diversas revistas onde o gênero ensaio está presente, tais como *Veja*, *Época*, entre outras. Os alunos irão se reunir em grupos para discutir o que eles consideram que sejam as partes do ensaio e comparar características dos diversos modelos que possuem em mãos.

Os alunos então produzirão a primeira tentativa de ensaio. Os textos serão corrigidos pela professora e as dificuldades apresentadas pelos alunos serão levantadas.

Agora os ensaios que os alunos leram nas revistas serão analisados mais detalhadamente, serão definidas as partes de um ensaio, o tipo de linguagem utilizada, o rigor e a análise sobre o assunto em questão. Os alunos também lerão alguns ensaios de Montaigne, selecionados previamente pelo professor, como forma de ter mais referência na construção de seu ensaio.

Então os alunos realizariam a sua produção final do ensaio, que seria revisada e se necessário, reescrita para a publicação no folheto.

CONCLUSÃO

Ao propor um estudo aprofundado e a criação de um ensaio, já se sabe que problemas poderão ser encontrados, afinal o ensaio contempla diversos caminhos a serem explorados e o presente trabalho propôs-se a apresentar uma das muitas possíveis direções a tomar quando se tem um gênero tão completo e fascinante como este para explorar.

Dar maior atenção a um gênero que está entre os menos citados nas universidades é um importante passo para que alunos de graduação encontrem uma maneira de escrever com mais naturalidade e com maior paixão e dedicação. O ensaio é o gênero que melhor serve a esse propósito pois seu rigor, aliado a liberdade de sua forma, é o maior aliado daqueles que começam a escrever e precisam de flexibilidade, mas ele também serve aqueles que já dominam plenamente a escrita e já começam a fazer dela uma brincadeira.

O ensaio é proposto como uma prática de escrita e como um meio de estimular que essa seja feita com o máximo de paixão e rigor aliados. E se esse padrão for seguido, não teremos nada além de bons e prazerosos textos para ler.

REFERÊNCIAS

DELL'ISOLA, Regina Lúcia (Org.) *Ensaio em arte final*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. 2002. 72 p. Disponível em <<http://150.164.100.248/vivavoz/data1/arquivos/ensaiosafinal-site.pdf>>. Acesso em 22 jun. 2015

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (Orgs.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução Roxane Rojo e Glaís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p 95-128

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia (Org). O desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção de textos a partir de gêneros discursivos. In: *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária. 2002. 183 p.

PAVIANI, Jayme. O ensaio como gênero textual. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDO DE GÊNEROS TEXTUAIS. V., 2009, Caxias do Sul. *Anais eletrônicos...*Caxias do Sul: UCS, 2009. Disponível em <http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/o_ensaio_como_genero_textual.pdf>. Acesso 10 de jul. 2015

ASSÉDIO MORAL: AS CONSEQUÊNCIAS DE UMA CONDUTA ANTIÉTICA PARA A SAÚDE DO TRABALHADOR

RESUMO

O presente artigo aborda as consequências do assédio moral para a saúde do trabalhador sob o aspecto psicológico, físico e social. Foi realizado um levantamento teórico e estatístico exploratório sobre o tema, para melhor compreensão das implicações desse fato e promover a conscientização que tal conduta antiética advinda de superiores e/ou de colegas de trabalho, causa danos à dignidade e à integridade do trabalhador além de influenciar negativamente no ambiente de trabalho.

Palavras-chave: Assédio moral; Saúde do trabalhador; Ética profissional.

ABSTRACT

This article discusses the consequences of bullying for the health of the worker under the psychological aspect, physical and social. A theoretical survey and exploratory statistics on the subject was conducted to better understand the implications of this fact and raise awareness that such conduct arising unethical upper and / or co-workers, causes damage to the dignity and worker's integrity and influences negatively in the workplace.

Key-words: Bullying; Worker's health; Professional ethics.

INTRODUÇÃO

O assédio moral surge em consequência de uma realidade hostil e gananciosa usada pelos agressores para humilhar, desestimular e se livrar de suas vítimas, por inúmeras razões inaceitáveis: raça/etnia, sexo, orientação sexual, deficiências, idade, dentre outras.

Independente da tipologia do assédio moral (descendente, ascendente, horizontal e misto), constata-se que todos sofrem consequências decorrência dessa prática antiética. Para o assediado 03 (três) dimensões são seriamente afetadas: a) dimensão social; b) dimensão física; e c) dimensão psicológica. Algumas consequências para o empregador são: a) custos com indenizações; b) dano à imagem; c) diminuição da competitividade; d) baixa qualidade nos produtos e/ou serviços oferecidos; e) aumento de empregados inaptos e conseqüentemente, elevado índice de absenteísmo por razões de doenças; e outras citadas posteriormente.

Desse modo, observa-se que o assédio moral é uma prática prejudicial à saúde além de afetar a satisfação, a produtividade e a desenvoltura do assediado e refletir na organização/instituição empregatícia.

1. ÉTICA PROFISSIONAL

Ser ético é basicamente aprender a agir sem prejudicar os demais, pensando também na felicidade e alegria de viver, ou seja, ética é aquilo que pertence ao caráter.

Ética enquanto reflexão sobre a moral propicia que se confira aos valores e condições de: normas, princípios ou padrões sociais, de natureza econômica, moral, religiosa, artística, científica, política, profissional e legal. (GUIMARÃES *et al*, 2009, p.98).

A ética profissional começa com a reflexão e deve ser iniciada antes da prática profissional. As Instituições de Ensino Superior (IES) têm um papel fundamental em preparar seus discentes através da disciplina de Ética Profissional, para a cidadania e para a preservação de valores como igualdade, tolerância e dignidade no desempenho profissional ético e buscar

através da conscientização e da informação reduzir os casos de assédio moral, independente do nível hierárquico que venham a ocupar.

2. ASSÉDIO MORAL

O primeiro a apresentar estudos com trabalhadores foi o psicólogo alemão Heinz Leymann em 1996, identificando comportamentos violentos os quais eram expostos durante um longo período de tempo, classificando-os de psicoterror. Nos países da América Latina, o assédio moral destacou a partir do estudo da psicóloga francesa Marie Hirigoyen em 1998, o qual logo que publicado foi distribuído no Brasil.

Segundo Leyman (1996), o assédio moral é toda a comunicação antiética ou hostil, contra um ou mais indivíduos com uma duração frequente (no mínimo uma vez por semana) e durante um longo período de tempo (no mínimo de seis meses), na qual resulta em considerável sofrimento psicológico, físico e social para a vítima.

Hirigoyen (2005, p.65) ainda acrescenta sobre o assédio moral:

Por assédio moral em um local de trabalho temos que entender toda e qualquer conduta abusiva manifestando-se, sobretudo, por comportamentos, palavras, atos, gestos, escritos, que possam trazer dano à personalidade, à dignidade ou à integridade física ou psíquica de uma pessoa, pôr em perigo seu emprego ou degradar o ambiente de trabalho.

O assédio moral ocasiona atos cruéis que afetam a vítima moral e/ou fisicamente em virtude das diversas ações que o agressor ou agressores cometem, como por exemplo: humilhações, agressões verbais, piadas maldosas, isolamento, apelidos, entre outras atitudes.

Na vítima incide um abalo tanto na autoestima quanto na confiança em si próprio e o sentimento de impotência perante esses ataques deliberados e corriqueiros, causa-lhe irreparáveis consequências em seu perfil profissional, acarretando queda de rendimento e posteriormente, sua demissão.

Soares (2006, p.41) afirma:

O assédio moral no trabalho refere-se a um conjunto de ações violentas (de natureza psicológica e/ou física) infligidas, de maneira frequente, por um (a) ou mais trabalhadores (a)s contra, principalmente, um (a) outro (a) trabalhador (a), com o objetivo de isolá-lo (a), desestabilizá-lo (a) e/ou difamá-lo (a) e por fim, excluí-lo (a) do contexto de trabalho, podendo lhe causar consideráveis danos de natureza física, afetiva, cognitiva e/ou social.

Percebe-se que a principal característica do assédio moral são as constantes agressões que a vítima sofre, provocando uma desestabilização emocional e física. Sobre isso, Peli e Teixeira (2006, p.27) corroboram:

O Assédio Moral se caracteriza pela atitude insistente e pela ação reiterada, por período prolongado, com ataques repetidos, que submetem a vítima a situações de humilhação, de rejeição, vexatórias, discriminatórias e constrangedoras com o objetivo de desestabilizá-la emocional e psiquicamente, quase sempre com severos reflexos na saúde física e mental.

3. O QUE NÃO É ASSÉDIO MORAL

É relevante salientar o que não é assédio moral, pois, conflitos acontecem no ambiente profissional e o empregado pode pensar equivocadamente que está sofrendo assédio moral quando na verdade não está.

Alkimin (2008, p.55) afirma:

Uma situação de conflito também não se confunde com assédio moral, pois, quando se instala um conflito, os protagonistas buscam uma situação de igualdade em razão de um ataque e um imediato contra-ataque, sendo declarado e imediatamente revidado. Ao passo que no assédio moral o ataque é oculto, silencioso, a ponto de manipular a vítima, rompendo com seu equilíbrio e capacidade de pronta reação.

Algumas circunstâncias devem ser excluídas do contexto de assédio moral, porque são próprias das organizações modernas. Pode citar, como exemplos: a) estresse; b) pressão de um chefe exigente ou perfeccionista; c) tensões e incidentes isolados, dentre outros.

Sobre o estresse Peli e Teixeira (2006, p.60) afirmam:

Não se pode, também, confundir as situações típicas de estresse como Assédio Moral. O estresse advém mais da sobrecarga de trabalho, de pressões profissionais, das más condições do ambiente de trabalho ou da falta de perspectivas, fato que normalmente recai indiscriminadamente sobre um grupo ou uma pessoa, mas que não tem a caracterização de inculpar culpa, humilhar, desmoralizar e/ou desestabilizar o empregado.

De acordo com Hirigoyen (2002) faz necessário analisar alguns acontecimentos e não denominá-los por assédio moral, como: agressões pontuais, cometidas em um momento de descontrole por uma das partes envolvidas, além das imposições profissionais, como transferências, mudanças de função, previstas no contrato de trabalho, críticas construtivas e avaliações de trabalho, também não consistem em assédio moral.

Uma circunstância que descaracteriza o assédio moral, Barreto (2006a) salienta quando em ambientes profissionais, ocorre uma possível arrogância, caracterizada pela ausência de cortesia e amabilidade de um superior ou de outro empregado, também não é considerada como assédio moral, porque tal comportamento é inerente desse tipo de profissional.

4. AS TIPOLOGIAS DO ASSÉDIO MORAL

A tipologia do assédio moral consiste em: a) descendente (quando um superior agride moralmente seu subordinado); b) ascendente (quando o abuso parte do subordinado para o superior); c) horizontal (desencadeado por pessoas do mesmo nível hierárquico); e d) misto (desencadeado por várias pessoas de hierarquias diferentes). A seguir, apresenta-se as tipologias do assédio moral e suas características.

4.1. Assédio vertical descendente

Segundo estudos (Hirigoyen, 2002; Barreto, 2005), o assédio vertical descendente é a forma mais comum de assédio moral, quando um superior que detém o poder de comando busca delimitar o espaço de poder.

“Por meio de atos de deprecição, falsas acusações, insultos e ofensas, atingem a dignidade, a identidade e a saúde do trabalhador, degradando as condições de trabalho e as relações interpessoais” (GUIMARÃES; RIMOLI, 2006).

Soares (2006, p.42) conceitua o que é assédio vertical descendente:

O assédio moral descendente (ou vertical) ocorre em situações nas quais um (ou mais) trabalhador que se encontra em uma posição que lhe confere certo nível de poder dentro da escala hierárquica assedia moralmente um outro (ou mais) trabalhador que se encontra subordinado direta ou indiretamente a ele.

O assédio vertical descendente faz com que a vítima fique em desespero e se encontre desamparada, pois ela se vê acuada, sem ter a quem pedir ajuda, tendo assim consequências muito mais graves para a saúde física e mental.

Hirigoyen (2002, p.112) confirma:

A experiência mostra que o assédio moral vindo de um superior hierárquico tem consequências muito mais graves sobre a saúde do que o assédio horizontal, pois a vítima se sente ainda mais isolada e tem mais dificuldade para achar a solução do problema.

Conforme Guedes (2003) existem dois motivos para se cometer assédio vertical descendente: a) o assédio moral estratégico; b) assédio moral por abuso de poder.

O assédio moral estratégico é usado para induzir um funcionário considerado um incômodo a demitir-se. Trata-se de uma estratégia de renovação de pessoal, trocando funcionários mais velhos por mais novos, diminuindo assim a faixa salarial. Também serve para diminuir o quadro de funcionários diminuindo assim os custos. Esta estratégia do tipo vertical é classificada na terminologia anglo-saxônica de *bossing*.

O assédio moral por abuso de poder ou também conhecido por *bullying* ou *harassment* acontece quando o superior hierárquico, diante de uma ameaça real ou potencial, que o subordinado representa, usa arbitrariamente de seu poder de mando, seja por motivos políticos, pessoais, inveja ou diferença de idade.

4.2. Assédio vertical ascendente

De acordo com Hirigoyen (2002) e Guedes (2003) o assédio moral ascendente é mais raro que o descendente, pois acontece quando a agressão é direcionada dos subordinados para o superior hierárquico, e é o caso de violência psicológica praticada por um ou vários subordinados contra um superior hierárquico.

Várias causas favorecem para que o assédio vertical ascendente aconteça como, por exemplo, a falta de comunicação entre o subordinado e o superior e a inveja causada quando alguém de fora ou um colega é promovido sem a autorização ou o consentimento dos demais.

Guedes (2003, p.37) corrobora

A violência de baixo para cima geralmente ocorre quando um colega é promovido sem a consulta dos demais, ou quando a promoção implica um cargo de chefia cujas funções os subordinados supõem que o promovido não possui méritos para desempenhar.

Alkimin (2008, p.65) também aponta outro fator importante para o surgimento do assédio moral vertical ascendente

Normalmente, esse tipo de assédio pode ser praticado contra o superior que excede nos poderes de mando e que adota posturas autoritárias e arrogantes, no intuito de estimular a competitividade e rivalidade, ou até mesmo por cometer atos de ingerência pelo uso abusivo do poder de mando.

4.3. Assédio horizontal

Outro tipo de assédio acontece quando um (ou vários) colega comete o assédio moral com o companheiro do mesmo nível hierárquico em virtude de discriminação sexual, racial, religiosa e a xenofobia.

Guedes (2003) destaca os frequentes casos de humilhação e assédio moral por motivos de racismo e xenofobia sofridos pela população nortista e nordestina que emigra para regiões Sul e Sudeste em busca de novas oportunidades de emprego.

Alkimin (2008) afirma que em virtude da concorrência, muitas empresas exploram a competitividade visando um melhor rendimento de seus funcionários e conseqüentemente um maior lucro, todavia a concorrência em demasia pode causar o assédio moral entre colegas, pois com seu concorrente debilitado emocionalmente, fica mais fácil superá-lo.

4.4. Assédio Misto

Quando o empregado se vê vítima de assédio moral por várias pessoas de hierarquias diferentes, neste caso se caracteriza o assédio misto.

Hirigoyen (2002, p.114) destaca

Mesmo se trate de uma história muito particular, é raro um assédio horizontal duradouro não ser vivido, depois de algum tempo, como assédio vertical descendente, em virtude da omissão da chefia ou do superior hierárquico. (...) Quando uma pessoa se acha em posição de bode expiatório, por causa de um superior hierárquico ou de colegas, a designação se estende rapidamente a todo o grupo de trabalho. A pessoa passa a ser considerada responsável por tudo que dê errado.

O assédio misto é considerado o mais cruel porque a vítima é literalmente, cercada de assediadores. Outros que não participam destes assédios, omitem-se devido ao temor de se tornarem vítimas ou de perderem o emprego.

“Assistir à humilhação do outro desperta o medo... O resultado é nefasto para todos os trabalhadores, pois representa dor para o humilhado e o medo para o coletivo” (BARRETO, 2006, p.15).

É bom salientar que estes acontecimentos tendem a diminuir ou mesmo destruir o trabalho em equipe, pois diante de tais fatos, os empregados adotam o “cada um por si”, e a ideia que a equipe valoriza cada indivíduo e permiti que todos façam parte de uma mesma ação, de forma coesa para alcançar os objetivos traçados, além de possibilitar a troca de conhecimento e experiência, se torna um abismo profissional.

Para Hirigoyen (2002), quando acontece o assédio misto, é necessário identificar o agressor principal, que é o iniciador do processo, dos que são conduzidos pelas circunstâncias a ter comportamentos hostis, pois depois que o iniciador é identificado e punido, os demais ficam desestimulados a continuar com os ataques.

5. CONSEQUÊNCIAS DO ASSÉDIO MORAL

A extensão da prática do assédio moral rompe os limites de espaço entre assediador e sua vítima. A vítima se vê tão exposta, que perde o seu ponto de referência para qualquer atitude mais centrada, pois não se espera que seja alvo de tal situação. Por outro lado, o agressor ao agir com atitudes antiéticas, ignora a sua responsabilidade perante a organização que investe no capital humano e que almeja melhores condições no ambiente de trabalho a fim de promover crescimento, destaque e estabilidade no mercado com a participação efetiva de seus colaboradores; e a prática do assédio moral é a contramão para se alcançar tal propósito.

Em seguida, apresenta-se as consequências para as vítimas, para o empregador e para a sociedade em geral com maiores detalhes.

5.1. Consequências para as vítimas

As consequências para as vítimas refletem em 03 (três) dimensões: a) dimensão social (isolamento, desapareço dos vínculos familiares, desatenção da responsabilidade como pai, filho, esposo, perdas de relacionamentos com amigos, problemas matrimoniais e divórcio, dependência a drogas como o álcool e a toxicomanias); b) dimensão física (cansaço, nervosismo, distúrbios do sono, enxaqueca, distúrbios digestivos, dores na coluna, hipertensão arterial, enfermidades de pele como herpes, ataques de asma, palpitações cardíacas, dermatites, perda de cabelo, dores articulares e musculares, perda de peso); e c) dimensão psicológica (apatia, irritabilidade, crises de choro, depressão, dificuldades para concentrar-se, ansiedade, reações de evasão, medo, insegurança, falta de iniciativa, melancolia, mudanças de humor, pesadelos constantes, falhas na memória, sede de vingança, perda da autoestima e suicídio).

Santos (2003, p.143) delinea as consequências físicas, psicológicas e sociais resultantes desta conduta repressora

As consequências das vítimas de assédio moral estão diretamente ligadas com fatores que se relacionam com a intensidade e a duração da agressão. As consequências específicas em curto prazo são o estresse e a ansiedade combinado com um sentimento de impotência e humilhação. Destes prejuízos decorrem perturbações físicas: cansaço, nervosismo, distúrbios do sono, enxaqueca, distúrbios digestivos, dores na coluna, etc. Diga-se que tais consequências seriam uma autodefesa do organismo a uma hiperestimulação que, ao longo prazo pode dar lugar ao choque, à ansiedade, ou até mesmo a um estado depressivo.

5.1.1. Consequências sociais

O assédio moral causa muitos danos psíquicos nas vítimas como o estresse. A pessoa se vê irritada por ser alvo de contínuos ataques, descontando sua raiva geralmente nas pessoas mais próximas de seu ambiente social, quase sempre em amigos e familiares.

Segundo Barreto as frequentes ameaças, intimidações, constrangimentos e humilhações vindas de superiores hierárquicos transformam o ambiente de trabalho em lócus de desprazer, tristeza e sofrimento, assim “Muitas vezes, esses conflitos se estendem ao ambiente familiar ou mesmo às relações com amigos, reproduzindo, à distância, as humilhações sofridas no ambiente de trabalho” (BARRETO, 2006, p.40).

Em outros casos, as vítimas ficam deprimidas pois, passam a viver em mérito ao medo ou à preocupação de ser humilhada e injustiçada no trabalho. Com isso elas passam a deixar seu círculo social de lado, evitando sair com amigos ou com a família resultando em desestabilidade da vida familiar e da vida social.

Segundo Guedes (2003) a segurança econômica e a possibilidade de sempre melhorar a renda é fator de grande importância na estabilidade emocional e na saúde do homem. Na medida em que essa segurança faltar, o sujeito se desespera. A relação familiar se arruína quando se torna a válvula de escape da vítima que passa a descarregar sua frustração nos membros da família.

O assédio moral ainda pode levar o homem a busca por drogas lícitas e ilícitas. Barreto (2006) apresenta um estudo onde aponta que 63% dos homens que sofrem de assédio moral têm um desencadeamento ao alcoolismo.

5.1.2. Consequências físicas (psicossomáticas)

Quando o estresse, a preocupação, o medo, o sentimento de vingança, a tristeza ou os diversos outros traumas psicológicos, são muito duradouros e/ou extremos a mente passa a transmitir para o corpo os malefícios de tal estado e variaram de acordo com o tempo em que a vítima vem sofrendo o abuso.

Santos (2003) afirma que as consequências às vítimas de assédio moral estão diretamente ligadas com fatores que se relacionam com a intensidade e a duração da agressão.

As consequências específicas em curto prazo são o estresse e a ansiedade combinado com um sentimento de impotência e humilhação. Destes prejuízos decorrem perturbações físicas: cansaço, nervosismo, distúrbios do sono, enxaqueca, distúrbios digestivos, dores na coluna, etc.

Guedes (2003) e Hirigoyen (2005) ainda acrescentam como consequências físicas a hipertensão arterial, os transtornos do sono e as enfermidades de pele como herpes.

5.1.3. Consequências psicológicas (psicopatológicas)

O assédio moral é um abuso cruel que afeta diretamente a saúde mental da vítima devido as constantes humilhações e provocações que ela recebe do assediador. Segundo Hirigoyen (2002) são poucas as agressões que causam distúrbios psicológicos graves e consequências ao longo prazo tão destruturantes quanto o assédio moral. Quando a vítima começa a sofrer o assédio moral ela tende a se sentir injustiçada, anestesiada, com dificuldade para raciocinar, numa espécie de empobrecimento e aniquilamento parcial de suas faculdades mentais. Em outros casos, afirma à autora, a vítima se sente envergonhada, angustiada, desamparada, enganada, explorada, desrespeitada e ferida. Com isso a vítima perde sua autoestima e dignidade surgindo à vergonha pela submissão ao assediador. Outras vítimas buscam vingança e a reabilitação de sua dignidade.

A autora afirma ainda que, quando o assédio moral se estende por muito tempo e ultrapassa o estresse inicial, a vítima tende a se encontrar com um esgotamento psíquico na qual ocorrem consequências como ansiedade generalizada, distúrbios psicossomáticos, estados depressivos e transtorno de estresse pós-traumático, num grau mais extremo. Complementa que os estados depressivos estão ligados ao esgotamento pelo excesso de estresse. Com isso a vítima fica apática, com dificuldade de concentração, fortes sentimentos de culpa, desinteresse pela vida e ideia de suicídio.

Outros autores também apontam consequências do assédio moral para a saúde mental.

Barreto (2006) aponta falhas na memória, crises de choro, depressão, sede de vingança, perda da autoestima e suicídio devido aos ataques constantes que sofre em seu local de trabalho, demonstrando a seriedade com que este assunto deve ser tratado, e completa

Não se pode ser saudável quando predomina o medo que submete e aprisiona. Quando o homem prefere a morte á perda da dignidade, percebe-se muito bem como a saúde, trabalho, emoções, ética e significado social se configuram num mesmo ato, revelando o lado patogênico da violência moral. Assim a humilhação constitui risco a saúde. (BARRETO, 2006. p.209).

5.2. Consequências para o empregador e a sociedade

Uma das principais consequências são as perdas financeiras que o Estado tem que arcar com o tratamento médico às vítimas do assédio moral.

Oliveira e Terrin (2008, p.9) afirmam que

No tocante à política de saúde, os custos de tratamento de patologias oriundas do processo de assédio moral são bastante significativos (...). Com relação aos custos com a previdência social, além das licenças médicas mais longas, observa-se também as aposentadorias precoces por invalidez, que geram um aumento de despesas ao Estado (...).

Entende-se que o assédio moral afeta diretamente a assistência social do país, pois causa uma demanda de trabalhadores debilitados física e emocionalmente a aposentar-se mais cedo, sem mencionar as vagas dos leitos de hospitais que são preenchidos por trabalhadores vítimas deste abuso, na qual deviam estar trabalhando normalmente.

Para Freitas (2007) e Freitas *et al* (2008) o preço do assédio moral é pago por todos. Segundo eles os acidentes de trabalho, o aumento nas despesas médicas e benefícios previdenciários, a elevação no número de suicídios, as aposentadorias precoces, a desestruturação familiar e social das vítimas, a perda dos investimentos sociais feitos em educação e a formação profissional impactam nos custos finais dos produtos e serviços.

Oliveira e Terrin (2008, p.9) afirmam “E o assédio moral afeta a empresa e o trabalhador, corroendo a produtividade e a própria imagem do empreendimento, repercutindo negativamente ao Estado, por conseguinte”.

O assédio moral interfere diretamente nos resultados esperados e as perdas podem ser significativas. Outra questão é a falta de estímulo do empregado, razão pelo absentismo seguido da perda do emprego e maior rotatividade de pessoal.

Pamplona Filho (2006) ratifica que a ausência do empregado, principalmente se este for especializado, e sem possibilidade em substituí-lo de imediato traz grande impacto para a equipe de colaboradores.

O mesmo autor ainda destaca que com o conhecimento pelos demais empregados, da existência do processo de assédio moral não apurado e não punido, gera insegurança e intranquilidade no ambiente de trabalho, especificamente naqueles que estão em semelhantes condições pessoais e funcionais ao empregado assediado.

“Com a conscientização cada vez mais acerca do fenômeno do assédio moral, a tendência é que este fator figure como importante ponto de prevenção e repressão das práticas de *mobbing*” (SILVA, 2005, p.62).

É imprescindível a conscientização e a preocupação dos empregadores e da sociedade em geral em suprimir o assédio moral das relações profissionais.

6. PANORAMA ATUAL DE ASSÉDIO MORAL

Para o levantamento estatístico sobre o tema, para uma representação mais significativa nota-se uma dificuldade em dados mais abrangentes, pois muitas pesquisas limitam-se a uma classe específica de ocupação ou de uma empresa/instituição. Entretanto, em todas as pesquisas constata-se o assédio moral tanto descendente quanto o assédio moral horizontal. É uma lamentável realidade, na maioria dos casos, não ocorre denúncia e quando acontece, a vítima sofre represália e até demissão; e o agressor, continua ocupando o mesmo cargo hierárquico e sem nenhuma punição.

Em recente pesquisa realizada no final de maio/2015, pela Vagas.com (líder no mercado de *e-recruitment* no Brasil), com quase cinco mil pessoas (4.975 profissionais de todas as regiões do país), mostrou que 52% dos entrevistados já sofreram algum tipo de assédio. E ratifica a observação anterior, quando a maioria das pessoas (87%) não denunciaram o assédio e continuaram trabalhando normalmente, por receio de sofrer algum tipo de punição. Constatou-se que 20% das pessoas que sofreram e denunciaram foram demitidas e 17% sofreram represália e relatam (74,6% dos denunciadores) que infelizmente, nada aconteceu com o agressor. A pesquisa também mostrou que

84% dos assédios são cometidos por um nível hierárquico mais elevado do que da vítima.

Uma campanha do Ministério Público do Trabalho do Estado de São Paulo (MPT/SP) iniciada em julho/2015, com anúncios em TV, rádio e jornal nos principais veículos de comunicação alerta para a necessidade de respeito no local de trabalho e já surtiu efeito, porque mais que dobrou o número de denúncias de assédio moral: em apenas um mês, o aumento foi de 125%, sendo que as principais reclamações são:

transferir o trabalhador de setor para isolá-lo ou colocá-lo de castigo, fazer brincadeiras de mau gosto ou críticas ao trabalhador em público, atribuir erros imaginários ao trabalhador, ou dar-lhe instruções erradas, com o fim de prejudicá-lo, submetê-lo à humilhações públicas e em particular, impor horários injustificados, forçar sua demissão, proibir de ir ao banheiro, entre outros. (MINISTERIO PÚBLICO DO TRABALHO, 2015).

Em todo o país são mais de 5.700 inqueritos, e as vítimas aguardam um resultado favorável para amenizar o sofrimento vivenciado no ambiente de trabalho e dar continuidade em sua trajetória profissional com o sentimento que a justiça foi feita com a punição de seus agressores.

A denúncia pode ser feita nos sindicatos, no MPT ou no Ministério do Trabalho e Emprego, entre outros. O empecilho para a luta contra o assédio moral é a obtenção de provas contra o agressor, pois isso, o MPT recomenda que antes de denunciá-lo, reúna gravações, fotos ou documentos que comprovem o assédio, além de buscar testemunhas. Somente assim, esse quadro poderá reverter em favor ao assediado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo averigua-se quanto o assédio moral é lesivo aos empregados no desempenho profissional além de refletir na saúde, em virtude da exposição às implicações dessa conduta antiética por parte de superiores e/ou de colegas de trabalho.

As Instituições de Ensino Superior (IES) têm um papel fundamental em preparar seus discentes para o desempenho profissional ético em todos os níveis hierárquicos e que não venham exercer condutas antiéticas, como por exemplo, o assédio moral.

De acordo com os levantamentos estatísticos recentes nota-se altos índices de assédio moral em vários segmentos empregatícios, e por inúmeras abordagens: humilhações, agressões verbais, piadas maldosas, isolamento, apelidos, dentre outras.

Uma dificuldade encontrada durante o estudo foi abordar dados e informações referentes ao âmbito nacional, pois muitos dados são limitados a uma classe empregatícia ou a uma região geográfica. Em virtude disso, o autor sugere pesquisas mais abrangentes para melhor discernimento das práticas que caracterizam o assédio moral das que não caracterizam como tal e a conscientização de superiores, de empregados e da sociedade em geral em suprimi-lo das relações profissionais.

REFERÊNCIAS

ALKIMIN, Maria Aparecida. **Assédio Moral na relação de emprego**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2008.

BARRETO, Marco Aurélio Aguiar. **Temas atuais na Justiça do Trabalho**: teoria e prática. São Paulo: IOB Thomson, 2006.

BARRETO, Margarida Maria Silveira. **Violência, saúde e trabalho**: uma jornada de humilhações. 2. ed. São Paulo: EDUC-FAPESP, 2006.

_____. **Assédio moral: a violência sutil. Análise epidemiológica e psicossocial no trabalho no Brasil.** 2005. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica – PUC, São Paulo, 2005.

FREITAS, Maria Ester. **Quem paga a conta do assédio moral no trabalho?** RAE-eletrônica: São Paulo, 2007.

FREITAS, Maria Ester; HELOANI, Roberto; BARRETO, Margarita. **Assédio moral no trabalho.** São Paulo: Cengage Learning, 2008.

GUEDES, Márcia Novaes. **Terror psicológico no trabalho.** São Paulo: LTr, 2003.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves *et al.* Aspectos éticos da organização da informação. In: GOMES, Henriette Ferreira; BOTTENCUIT, Aldinar Martins; OLIVEIRA, Maria Odaisa Espinheiro de (org.). **A ética na sociedade, na área de informação e da atuação profissional: o olhar da filosofia, da sociologia, da ciência da informação e da formação e do exercício do profissional do bibliotecário no Brasil.** Brasília, DF: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2009.

GUIMARÃES, Liliana Andolpho Magalhães; RIMOLI, Adriana Odalia. *Mobbing* (assédio psicológico) no trabalho: uma síndrome psicossocial multidimensional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 02, p.183-192, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000200008>. Acesso em: 23 ago. 2015.

HIRIGOYEN, Maria France. **Assédio Moral: a violência perversa no cotidiano.** 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Mal-estar no trabalho: redefinindo o assédio moral.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

VAGAS PROFISSÕES. **Acontece no mercado: assédio ronda o mundo corporativo.** Disponível em: <<http://www.vagas.com.br/profissoes/acontece/no-mercado/assedio-ronda-o-mundo-corporativo/#sthash.bfoN4378.dpuf>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

LEYMANN, Heinz. The content and development of mobbing at work. **European journal of work and organizational psychology**, v.15, n.2, p.165-184, 1996.

SÃO PAULO (Estado). Ministério Público do Trabalho. **MPT em São Paulo lança campanha contra assédio moral.**

Disponível em: <<http://www.prt2.mpt.gov.br/252-mpt-em-sao-paulo-lanca-campanha-contra-assedio-moral>> Acesso em: 25 ago. 2015.

OLIVEIRA, Lourival José; TERRIN, Kátia Alessandra Pastori. Assédio Moral no trabalho: Propostas de prevenção. **Revista de Direito Público**, Londrina, v.2, n.2, p.3-24, 2007.

PAMPLONA FILHO, Rodolfo. Noções conceituais sobre assédio moral na relação de emprego. **Revista LTr**, São Paulo, v.70, n.9, p.1079–1089, 2006.

PELLI, Paulo Roberto; TEIXEIRA, Paulo Rodrigues. **Assédio Moral: uma responsabilidade corporativa.** São Paulo: Ícone, 2006.

SANTOS, Luciany Michelli Pereira. O dano à integridade psíquica e moral decorrente de assédio moral e violência perversa nas relações cotidianas. **Revista de Ciências Jurídicas/Universidade Estadual de Maringá**, Maringá, v.1, n. 1, p. 143, 2003.

SILVA, Jorge Luiz Oliveira. **Assédio moral no ambiente de trabalho.** Rio de Janeiro: Editora e Livraria do Rio de Janeiro, 2005.

SOARES, Leandro. Queiroz. **Assédio moral no trabalho e interações socioprofissionais: ou você interage do jeito deles ou vai ser humilhado até não aguentar mais.** 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília – UNB, Brasília: 2006.

ESTRATÉGIA DE MARKETING NA DELL COMPUTER

Resumo

A competitividade causada pela globalização leva as grandes empresas repensarem em suas estratégias e público-alvo. A velocidade e a facilidade de acesso as novas tecnologias faz com que diferenciais competitivos sejam procurados rapidamente para a atualização e diferenciação de serviços para a satisfação dos clientes. A Dell pensando nessas questões investiu em sua logística e superou seus concorrentes num período de tempo curto. A metodologia do presente estudo utilizou-se de pesquisa bibliográfica em livros, revistas, jornais e sites confiáveis da Internet. Conclui-se que a estratégia de marketing da Dell Computer possui um diferencial que tem garantido a sobrevivência da empresa no decorrer dos anos.

Palavras-chave: estratégia; marketing; logística; técnicas;

Abstract

The competitiveness caused by globalization takes in large companies rethink their strategies and target audience. The speed and ease of access to new technologies makes competitive advantages to be quickly searched for upgrading and differentiating services to customer satisfaction. Dell thinking about these issues invested in its logistics and outperformed its competitors in a short period of time. The methodology used in this study is a bibliographic research in books, magazines, newspapers and reliable Internet sites. It concludes that the Dell Computer marketing strategy has a differential that has ensured the survival of the company over the years.

Keywords: strategy; marketing; logistics; technology;

INTRODUÇÃO

A Dell baseou sua estratégia de diferenciação no sistema de logística, e conseguiu atingir sua meta e se tornar a maior empresa de desktops dos Estados Unidos. Com a utilização de sofisticados sistemas logística, a Dell conseguiu reduzir seus estoques, reduzir os custos de distribuição fazendo uso da internet, além de aumentar o nível de customização de seus produtos, fornecendo seu computador pessoal em 48 horas, comprado pela web. Esses fatores são de suma importância, pois, com a redução de estoques e a distribuição direta com o cliente permite a Dell uma flexibilidade e uma agilidade quase inigualável no setor, colocando-a em vantagem perante sua concorrência direta. Além disso, a DELL pratica ainda menores preços, o que não significa baixa lucratividade sobre a produção. (CAETANO, José Roberto, revista exame, ed.711 pág 190).

Este trabalho procura apresentar uma visão geral sobre as estratégias de marketing que a empresa Dell criou no decorrer de sua história e sua atuação no setor tecnológico.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 História Dell Computer

Conforme Dell Computer (2015), a história da Dell se apresenta da seguinte forma:

1984: Michael Dell fundou a companhia enquanto ainda estudava na Universidade do Texas, com somente mil dólares. No início foi chamada de PC's Limited.

1985: Fabricou seu primeiro computador com design próprio, o TURBO PC. Que continha processadores Intel 8088 com velocidade de 8MHz. A Dell então colocou anúncios em revistas de informática americanas para venda direta aos consumidores, além da possibilidade do consumidor escolher a sua configuração.

Somente no primeiro ano, a companhia teve US\$ 6 milhões brutos de entrada.

1987: a PC's Limited começou a operar também no Reino Unido. Nos quatro anos seguintes, 11 outros países também foram alcançados.

1988: a empresa adota o nome de Dell e suas entradas aumentam de US\$ 130 milhões para US\$ 180 milhões no primeiro dia de oferta pública de suas ações.

1989: A Dell ingressou na revolução da computação móvel com seu primeiro notebook, o 316LT.

1990: a Dell tentou vender seus produtos indiretamente através de supermercados e lojas de computadores, porém o sucesso foi muito tímido e a empresa voltou o foco no seu bem sucedido modelo de vendas diretas ao consumidor.

1991: As vendas internacionais cresceram mais que o dobro pelo terceiro ano consecutivo.

1992: Em 1992, a revista Fortune incluiu a Dell Computer Corporations na sua lista das 500 de maiores companhias do mundo.

1993: Estreia dos notebooks Dimension e OptiPlex™ para consumidores e usuários empresariais.

1996: A empresa iniciou as vendas online em 1996, definindo os padrões para o comércio eletrônico a nível mundial.

1999: Em 1999, a empresa ultrapassou a Compaq e se tornou a maior vendedora de PC's nos Estados Unidos.

2003: Expandimos o nosso portfólio de produtos com impressoras da marca Dell e entramos oficialmente no mercado de bens de consumo eletrônicos para nos tornarmos a única fonte para os nossos clientes.

2004: A partir de 2004 a companhia expandiu seus produtos para multimídia e entretenimento com o lançamento de televisores, handhelds e jukeboxes digitais. No fim de 2004, a companhia anunciou a construção de uma nova fábrica no estado americano da Carolina do Norte.

2005: Em fevereiro de 2005, a Dell apareceu em primeiro lugar no ranking das "Empresas mais admiradas", publicado pela revista Fortune.

2008: Introduzimos os notebooks Dell Latitude™ E-family, redefinindo a computação empresarial móvel com vida útil de bateria inovadora e melhorias no design orientadas por opiniões do usuário final.

2009: A Dell entra no mercado dos telefones inteligentes com o Mini 3i da China Mobile

2012: Dell é uma das primeiras a oferecer dispositivos touch equipados com Windows 8 que combinam uma excelente experiência de usuário com a segurança e as capacidades de gerenciamento que as empresas necessitam indefinidamente.

1.2 Marketing

Segundo Kotler (1998), marketing é um processo social e gerencial pelo qual indivíduos e grupos obtêm o que necessitam e desejam através da criação, oferta e troca de produtos de valor com os outros.

Ainda conforme o autor, esta definição baseia-se nos seguintes conceitos centrais: necessidades, desejos e demandas; produtos (bens, serviços e idéias); valor, custo e satisfação; troca e transações; relacionamentos e redes; mercados; empresas e consumidores potenciais.

Este conceito tem sido expresso de maneiras sugestivas:

- a) Atender as necessidades de forma rentável;

- b) Encontrar desejos e satisfazê-los;
- c) Amar o consumidor não o produto;
- d) Fazer o gosto do consumidor;
- e) O cliente é o chefe;
- f) As pessoas em primeiro lugar;
- g) Parceiros no lucro.



Imagem 1: Modelo de marketing segundo Kotler..

1.3 Estratégia de Marketing

Segundo Kotler e Keller (2006), a estratégia é um plano de como chegar lá. Cada empresa tem que ter metas e planos de ação para se manter presente no mercado.

A Dell investiu em sua logística e se baseou na venda direta de seus produtos aos consumidores. Com essa estratégia, a empresa reduziu seus estoques e aumentou o seu capital.

Também ultrapassou seus concorrentes e teve grande vantagem competitiva com o uso da internet como meio de vendas. Todos esses fatores deram a Dell uma flexibilidade e agilidade quase inigualável no setor. Além disso, ela consegue ter menores preços e rapidez de entrega.

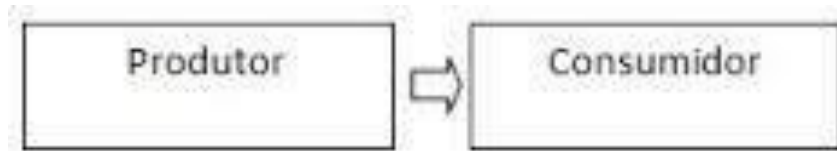


Imagem 2: Modelo utilizado pela Dell de venda direta ao consumidor.

2. METODOLOGIA

A metodologia aplicada no artigo em questão é a pesquisa bibliográfica realizada por meio de pesquisas diretamente no site da empresa Dell Computer e em outros sites, bem como revistas online e blogs.

As imagens presentes na pesquisa também foram pesquisas na internet de acordo com o assunto tratado e discutido em cada tópico no intuito de trazer a parte visual do artigo, para que assim o leitor possa se identificar com o tema abordado.

Foi usado como referencia as aulas de marketing ministradas para o curso de administração nas Faculdades Integradas Tereza D'Ávila. Onde pode-se aprofundar os conceitos e vários exemplos de estratégias para que as empresas se destaquem no mercado em que elas estão inseridas.

3. RESULTADOS

A Dell revolucionou o mercado tecnológico com a sua estratégia de marketing que permitia a venda direta de seus produtos ao consumidor. Michael Dell acreditava que qualquer pessoa podia ter um computador pessoal. E investiu ao longo dos anos em novas tecnologias e inovação em seus produtos. Tudo isso com preços competitivos e sem acumular estoque, já que eles produzem somente à demanda e com os critérios dos consumidores que fazem todo esse processo via internet.



Imagem 3: Primeiro computador pessoal lançado pela Dell Computer intitulado Turbo PC, onde já começou a estratégia de venda direta ao consumidor.

Com o passar dos anos a empresa se tornou muito bem sucedida e estava entre as melhores companhias do mundo. Apareceu também no ranking das empresas mais admiradas.

Em 1999 se tornou a maior vendedora de computadores dos Estados Unidos da América.

E em 2012 foi umas das primeiras empresas a disponibilizar o Windows 8 que combinam uma excelente experiência de usuário com a segurança e as capacidades de gerenciamento que as empresas necessitam.



Imagem 4: Dell XPS Duo 12 – Windows 8

Todas essas estratégias transformaram o investimento de Michael Dell um sucesso. Pois, sua popularidade é tão grande que a empresa esta presente em 180 países, com mais de 108.800 funcionários.

E segundo a Isto é, Dinheiro, em 2013 a companhia teve um capital movimentado em cerca de U\$\$ 25 bilhões.

CONCLUSÃO

A DELL, baseada na cidade texana de Round Rock, é a terceira no mercado dominando aproximadamente 25% das vendas mundiais de computadores pessoais, atrás apenas da Lenovo e da HP. Com mais de 180 mil funcionários, 9 fábricas principais, 60 centros de suporte técnico, produtos comercializados em 180 países ao redor do mundo, a empresa faturou em 2013 aproximadamente US\$ 57 bilhões.

A DELL é a líder mundial em vendas no segmento de monitores. Mais de 10 milhões de pequenas empresas, no mundo inteiro, utilizam as soluções e serviços da empresa.

A DELL também serve mais de 95% das empresas listadas na Fortune 500, todos os governos do G20, todos os governos estatais dos Estados Unidos e quase toda a agência federal dos Estados Unidos.

A DELL oferece os servidores com melhor desempenho, inovação e mais fácil gestão da indústria, sendo fornecedora líder de servidores x86 na América do Norte e na região Ásia-Pacífico. Além disso, seus produtos estão presentes em mais de 60.000 pontos de venda de grandes varejistas no mundo inteiro. A empresa vende mais de 15 milhões de computadores anualmente.

A DELL é hoje a provedora de computadores número um no mundo para grandes corporações e para o setor público.

Referências

Dell Computer, Disponível em: <http://www.dell.com/learn/br/pt/brcorp1/about-dell-company-timeline?c=br&l=pt&s=corp&cs=brcorp1> acessado 28/08/2015 as 14h30.

CAETANO, José Roberto, Revista Exame, ed.711 página 190

CAETANO, Rodrigo, Revista IstoÉ Dinheiro, Disponível em:

<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/negocios/20150129/dell-mostra-caminho/226734.shtml>, Acessado em 31/08/2015 as 23h30

/

<http://tecnologia.uol.com.br/album/2012/09/14/primeiros-pcs-e-laptops-de-grandes-fabricantes-valem-ate-r-755-mil-para-colecionadores.htm#fotoNav=1>

CAMPI, Monica, Blog Info, Disponível em:

<http://www.info.abril.br/noticias/blogs/gadgets/tablets/dell-anuncia-tablets-com-windows-8> Acessado em 31/08/2015 as 23h30

KOTLER, P. Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1998.

KOTLER, Philip. KELLER, Kevin Lane, Administração de marketing. Tradução Mônica Rosenberg, Cláudia Freire, Brasil Ramos Fernandes. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

NASCIMENTO, Wesley. Blog Administradores Na Net, Disponível em:

<http://administradoresnanet.blogspot.com.br/2014/05/voce-sabe-quais-sao-os-conceitos.html> , acessado em 01/09/2015 as 13h50

PLANO DE MARKETING PARA A ACADEMIA DESPORTIVA MANTHIQUEIRA

RESUMO

A Academia Desportiva Manthiqueira é um clube de futebol situado na cidade de Guaratinguetá no interior do Estado de São Paulo. O clube nasceu de uma escolinha de futebol e em 2014 completou 10 anos de idade. Este artigo tem como objetivo, além de conhecer a equipe que está em crescente no Vale do Paraíba, desenvolver um plano de marketing.

Para o desenvolvimento do plano de marketing do Manthiqueira foi necessária a leitura de livros que abordam o referente tema, além de estudo de seus concorrentes na cidade de Guaratinguetá e demais equipes que se encontram no Vale do Paraíba, além de uma entrevista com Luis Paulo Rosenberg, referência em marketing esportivo no Brasil.

A Academia Desportiva Manthiqueira possui seus valores internos bem definidos, porém precisa de um novo posicionamento para atrair torcedores, o que pode ser resolvido expondo mais esses valores.

PALAVRAS-CHAVE: Plano de marketing, marketing esportivo, posicionamento de marca.

ABSTRACT

The Sports Academy “Manthiqueira” is a football club located in Guaratingueta in the state of São Paulo. The club emerged from a soccer school and completed 10 years of age in 2014. This article aims, besides knowing the team that is growing in the Paraíba Valley, develop a marketing plan.

For the development of “Manthiqueira” marketing plan was required reading books on the related subject, and study your competitors in the city of Guaratingueta and other teams that are in the Paraíba Valley, as well as an interview with Luis Paulo Rosenberg, a reference in sports marketing in Brazil.

The Sports Academy “Manthiqueira” has its well-defined inner values, but need a new positioning to attract fans, which can be solved exposing more these values.

KEYWORDS: Marketing plan, sports marketing, brand positioning.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema o desenvolvimento de um plano de marketing para uma equipe de futebol, no caso, a Academia Desportiva Manthiqueira, equipe que tem sua sede na cidade de Guaratinguetá no interior do Estado de São Paulo. O trabalho abordará a história do marketing no futebol brasileiro, sempre observando possíveis táticas já usadas anteriormente que terão serventia para a construção do plano de marketing da Academia Desportiva Manthiqueira.

No ano de 2014 o Brasil sediou a Copa do Mundo e podemos ver como é a relação dos outros países com o esporte, não só na maneira de praticar, mas, também na maneira de gerir, dando-se muita importância à organização e planejamento, atraindo espectadores e parceiros financeiros, fortalecendo suas equipes e a qualidade do espetáculo, sendo tratado não só como esporte, mas como uma forma de entretenimento altamente lucrativa.

A cidade de Guaratinguetá teve problemas com outra equipe municipal que mesmo tendo alcançado alguns momentos de sucesso no campeonato paulista, o campeonato estadual mais forte do país, não permaneceu na cidade. Por se tratar de um clube-empresa, a equipe de Guaratinguetá mudou de cidade e de nome, tornando-se o Americana. Porém, poucos anos depois a equipe voltou a sua cidade inicial e resgatou seu antigo nome, mas gerando desconfiância nos munícipes e torcedores de que poderia sair de Guaratinguetá novamente.

A Academia Desportiva Manthiqueira possui um termo em seu estatuto que garante a sua permanência na cidade perpetuamente e isso pode ser um fator muito importante a se usar para fidelizar torcedores.

Temos como foco aumentar a visibilidade da equipe, atraindo novos torcedores, logo, com maior quantidade de pessoas acompanhando o Manthiqueira, podemos criar estratégias para vender a imagem da equipe para patrocinadores que dariam ajuda financeira para poder usufruir da imagem da Academia Desportiva Manthiqueira.

1. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do artigo de construção de um plano de marketing esportivo, é necessário conhecer melhor o marketing e o marketing esportivo, para isso foram estudados livros que abordam o assunto.

Foi conhecida a história do marketing esportivo no Brasil, sobretudo no futebol, sabendo de como a Copa União de 1987 aproximou os clubes da televisão, pois antes, os clubes imaginavam que a televisão afastaria o lucro, pensando que com os jogos sendo transmitidos, os torcedores não iriam aos estádios.

Conhecida a história do marketing esportivo no Brasil e alguns casos de sucesso, o time do Manthiqueira foi estudado assim como seus concorrentes, sobretudo seus valores e posicionamento atual a fim de usar seus pontos fortes e as oportunidades de mercado a seu favor.

Para auxiliar o desenvolvimento do projeto, foi realizada uma entrevista com Luis Paulo Rosenberg, ex-vice Presidente do Sport Club Corinthians Paulista, referência em marketing esportivo no Brasil após ações que geraram lucros milionários à equipe paulista. Com o conhecimento e as dicas obtidas na entrevista, foi possível traçar as estratégias para o plano de marketing da Academia Desportiva Manthiqueira.

2. HISTÓRICO ACADEMIA DESPORTIVA MANTHIQUEIRA

A Academia Desportiva Manthiqueira surgiu em 2005 como evolução do trabalho realizado pela escolinha de futebol do São Caetano no município de Guaratinguetá, porém, o clube registrou sua filiação a FPF (Federação Paulista de Futebol) somente no ano de 2010, dando início à sua profissionalização.

A profissionalização do futebol do Manthiqueira aconteceu no mesmo período em que a direção executiva do Guaratinguetá Futebol Ltda., clube empresa da cidade de Guaratinguetá, anunciou a mudança de sede para o município de Americana, tornando-se o Americana Futebol Ltda. O estatuto social do Manthiqueira foi alterado com uma cláusula que impede a mudança de município. A medida foi utilizada como forma de ganhar a confiança da comunidade guaratinguetaense, que passou a ter descrédito com clubes-empresa e, em particular, com o Guaratinguetá após a sua transferência.

Em 2011, o clube disputou pela primeira vez a Segunda Divisão, considerada a última na estrutura do futebol profissional no Estado de São Paulo, desde então, participa das edições da competição.

O clube se destaca em algumas particularidades, como por exemplo, o seu comando técnico. A equipe possui Nilmara Alves como sua treinadora, sendo assim a primeira treinadora mulher a comandar uma equipe de futebol profissional masculina no Brasil. O mascote do Manthiqueira é um cavalo, em virtude da história da cidade de Guaratinguetá, marcada pelos tropeiros e cavaleiros que cruzavam o Vale do Paraíba

Paulista. Além disso, um diferencial da Academia Desportiva Manthiqueira é sua cartilha de boa conduta, onde se encontram alguns itens como ‘malandragem proibida’, onde os atletas são proibidos de cavar ou simular faltas, e ‘técnico não deve cantar jogada’, dando total liberdade ao atleta realizar a jogada da forma que melhor achar, não podendo haver interferência de seus superiores.

Suas cores são o laranja e preto, uma homenagem que o presidente do clube Geraldo Margelo Oliveira resolveu dar a Seleção Holandesa de 1974, conhecida como *Carrossel Holandês*, a quem apreciava o futebol apresentado.

Depois do anúncio da profissionalização da equipe, foi divulgado que a presença do "th" no nome seria uma homenagem do presidente da equipe, Dado Oliveira, ao time para o qual torce, o Corinthians.

A equipe possui centro de treinamento próprio, localizado a 8 minutos do centro da cidade de Guaratinguetá, em uma área de 35.000 m² com capacidade para alojar 42 atletas, possui também dois campos de futebol, sendo um com medidas oficiais, além de possuir os melhores equipamentos para o treinamento e condicionamento físico dos atletas. Para a realização das partidas, equipe faz uso do Estádio Municipal Professor Dario Rodrigues Leite, com capacidade para 14.900 torcedores. O primeiro jogo da equipe aconteceu no dia 07/05/2011, Manthiqueira 1 x 0 União Mogi, gol do atacante Welder aos 30 minutos do primeiro tempo.

Atualmente a equipe disputa a segunda fase da segunda divisão do campeonato paulista.

3. ANÁLISE SWOT

3.1Pontos Fortes

Possui valores bem vistos diante da sociedade, boa imagem, situado numa cidade que valoriza o esporte, seu estatuto que valoriza os torcedores, possui centro de treinamento próprio com grande capacidade para manter seus atletas e já tem sua marca desenvolvida.

3.2.Pontos fracos

Pouco conhecido, obtém menos sucesso dentro de campo do que seu rival da mesma cidade, ainda não possui títulos como seus concorrentes, não possui muita verba, está sem um patrocínio máster, não tem estádio próprio, rede social (Facebook) sem uma identidade organizada, demora nas respostas para contato com o público, não vende produtos licenciados.

3.3.Oportunidades

Desconfiança da torcida com seu principal rival, mídia espontânea gerada por meio de valores apresentados pela equipe, empresas podem querer associar sua imagem aos valores da equipe, patrocínios pontuais podem ser conseguidos em jogos mais importantes.

3.4.Ameaças

A crise do mercado pode afastar parceiros financeiros, insucesso dentro de campo pode gerar uma diminuição do apoio dos torcedores, a ausência de exposição na

mídia não atrai patrocinadores, desconfiança do torcedor por ser uma equipe nova e com pouca tradição.

3.5. Conclusão

Após a realização da Análise Swot da equipe da Academia Desportiva Manthiqueira podemos concluir que ele possui pontos fortes que podem muito bem serem trabalhados para a fidelização dos torcedores como se fosse uma empresa, de acordo com Rosenberg (2015), O maior desafio que qualquer empresa tem é fidelizar o seu cliente, mais difícil do que ganhar, é mantê-lo. Portanto, os pontos fortes e oportunidades devem ser usados da melhor forma para que possa ser possível contar com os torcedores sempre.

4. DEFINIÇÃO DE PÚBLICO-ALVO

Independente da área de atuação de qualquer empresa que fornece um serviço ou vende um produto é de extrema importância a definição de um público-alvo, a partir dele é que os profissionais de marketing pensarão quais serão as ações a serem tomadas para que se atinja maiores lucros ou quaisquer outro objetivos pré-definidos.

Com equipes de futebol não é diferente, apesar de suas arquibancadas serem frequentadas por pessoas que se diferem em sua idade, sexo ou profissão, para o marketing ainda é importante definir um perfil a ser atingido em sua comunicação.

Sabe-se que atualmente a situação financeira do Brasil não é boa e isso afeta todas as áreas, inclusive o futebol. A área financeira deve ser levada em consideração no momento de definir o público. A opinião mais comum é a de que torcedor bom é aquele que consome, portanto, aquele torcedor que compra ingressos e produtos do clube é o mais visado a compor o público-alvo.

Aquele que muito consome tenta se manter sempre bem informado, exigente e se mantém acerca das novidades da equipe, portanto é necessário que o clube se fortaleça em todas as áreas de contato possíveis pois todas podem, se bem utilizadas, colocar os torcedores cada vez mais próximos da equipe.

Após a definição do público-alvo é determinante saber o que falar e como falar, de acordo com Rosenberg (2015) o grande desafio do marketing é imprimir na alma do seu torcedor qual é a imagem que ele quer que o torcedor tenha do clube.

Se os torcedores não enxergam a equipe da maneira que a equipe deseja, é necessário investimento em ações de marketing para que essa situação possa ser transformada. O desafio para a equipe de marketing é conhecer cada vez mais o comportamento do seu público-alvo para que suas ações possam ser cada vez mais precisas, atingindo os objetivos desejados.

No caso da Academia Desportiva Manthiqueira, a intenção é usar os valores internos da equipe para atrair os torcedores. Como o Manthiqueira tem seus valores baseados no respeito e na disciplina, o público-alvo será a família que frequenta os jogos, crianças que são apresentadas ao esporte por seus pais e que só tendem a achar positivas as ações da equipe, segundo Rosenberg (2015), ele (torcedor) gosta de ver o clube associado com as questões que ele considera importante, seja ecologia, filantropia ou combate a obesidade.

Para isso as ações definidas pelo marketing serão realizadas tanto off-line como eventos e ações no estádio, quanto online em seu site oficial e suas redes sociais, com o objetivo de fidelizar seus torcedores e que as ações sejam compartilhadas nas redes sociais.

5. PLANO DE MARKETING

O plano de comunicação explica quais serão os objetivos e estratégias traçados pelo marketing, criação e mídia, de maneira detalhada e com embasamento em informações coletadas a respeito do cliente, no caso, a Academia Desportiva Manthiqueira.

A equipe do Manthiqueira tem apenas 10 anos desde sua fundação. Ela surgiu como uma evolução de uma escolinha de futebol da cidade de Guaratinguetá no interior do Estado de São Paulo, porém, tornou-se profissional apenas 5 anos depois, em 2010.

A equipe se diferencia das demais por cláusulas inusitadas em seu estatuto, como punir jogadores que simulam faltas ou que não praticam o *fair-play*. Essa prioridade ao respeito e ao *fair-play* serviu como foco principal para o desenvolvimento do novo posicionamento da equipe.

O clube possui uma bela estrutura para alojar seus atletas, com capacidade para 42, tem potencial, porém ainda não possui o destaque necessário para seu crescimento. Há a necessidade de expor seus valores internos para conquistar a aproximação dos torcedores e investidores. Para isso é necessário conhecer o clube, e seus concorrentes.

O briefing é uma ferramenta que resume a situação do cliente, apontando seus defeitos e qualidade e ajuda a dar uma visão melhor para que se possa dar continuidade ao projeto.

Para organizar as informações do clube e seus concorrentes, foi desenvolvido um briefing, nele detectamos que seu principal concorrente é outra equipe de futebol da cidade de Guaratinguetá, o Guaratinguetá Futebol LTDA, um clube empresa que recentemente obteve sucesso na primeira divisão do campeonato paulista, mas que por se tratar de um clube empresa passou por problemas financeiros mudou-se para a cidade paulista de Americana. A equipe retornou à sua cidade de origem, mas causa desconfiança nos torcedores da cidade e não vem passando por uma boa fase dentro de campo.

Essa desconfiança dos munícipes com o Guaratinguetá Futebol LTDA pode ser um motivo para que os mesmos adotem o Manthiqueira, gerando assim uma união entre equipe e torcedores.

Algo que coopera no crescimento de uma equipe é a comercialização de produtos licenciados, e isso já não é nenhuma novidade. O Manthiqueira ainda não possui uma linha de licenciados, e a correção e o desenvolvimento disso também é um dos objetivos do plano de marketing.

A escolha de quais produtos produzir deve sempre levar em consideração a situação financeira, portanto uma equipe do interior não deve repetir os feitos de clubes grandes nessa área, pois esses já possuem uma marca consolidada em mercado nacional e torcedores que não se importam em pagar caro em algo que levará as cores e o escudo do seu time. Já no caso do Manthiqueira serão feitos produtos que podem ser consideradas lembranças, levando as cores e o escudo do clube, mas que não tenham um valor elevado, possuindo produtos com uma faixa de preço entre R\$ 3,00 e R\$ 120,00.

O principal ponto de venda de produtos será no Buriti Shopping Guará, pois além de ser o principal ponto de comércio da cidade, possui grande fluxo de pessoas não só de Guaratinguetá, mas também de cidades vizinhas. Quiosques nos locais de jogos também são opções para a comercialização que também servirão como pontos de divulgação, assim como todas as plataformas digitais.

Apesar da desconfiança dos moradores de Guaratinguetá como time de mesmo nome significar uma oportunidade para o crescimento da equipe, a crise financeira pode

ser um empecilho para a venda de produtos e principalmente para o fechamento de contratos de patrocínio uma vez que a equipe não conta com grande exposição no maior veículo de mídia, a televisão.

O futebol é um esporte apreciado pelos mais diversos tipos de pessoas porém quando se realiza um plano de marketing, é essencial a escolha de um público-alvo, pois é com foco nele que as ações de marketing serão desenvolvidas. No caso do Manthiqueira, os escolhidos são as famílias que frequentam o estádio. Se esse público não vê a equipe da maneira que ela havia planejado, é necessário investimento em ações de marketing.

O posicionamento é necessário em qualquer tipo de empresa, inclusive um clube de futebol, ele parte dos objetivos e intenções e coopera na definição das estratégias.

O Manthiqueira tem um posicionamento definido, mas necessita usá-lo de maneira que atraia mais pessoas para perto dele, para isso é preciso divulgar mais seu conceito, buscando sucesso primeiro com os torcedores da cidade, e se obtido, buscar os torcedores de cidades vizinhas.

Mesmo sabendo das dificuldades em se conseguir patrocinadores atualmente por conta de desconfiança no retorno financeiro por parte dos investidores, o marketing visa reverter essa situação.

A organização da área comunicacional tem papel fundamental no marketing e na aproximação dos torcedores com o clube, isso contribui na geração de mídia espontânea o que pode servir como atrativo para parcerias financeiras.

Atualmente o clube já possui redes de contato, mas ainda é insuficiente diante das várias opções e que só aumentam a cada dia. É necessário encontrar torcedores onde quer que eles estejam e ali criar uma afinidade, uma aproximação e corresponder às suas expectativas.

Para dar vida aos objetivos do posicionamento, o setor de criação deve sempre fazer uso das cores institucionais, no caso, o preto e o laranja, quem são cores que quando bem combinadas se tornam de alto impacto, além de uma linguagem descontraída, usando o approach emocional, adaptando-se a cada meio escolhido mas sempre mantendo a identidade.

A mídia terá como função propagar as criações nos meios escolhidos, site, Facebook, Instagram, Youtube, e Web rádio. Cada uma terá sua linguagem e frequência de atualizações já previamente definidos.

Não só a quantidade de peças divulgadas nas mídias sociais já está programada como também o cronograma de ações para o ano todo, abrindo com o lançamento do novo site, passando pelo lançamento dos uniformes de jogo e linha casual de roupas e fechando em dezembro com jogos beneficentes para arrecadação de alimentos e distribuição de brinquedos para crianças carentes, dentre outras atividades que acontecerão ao longo do ano.

Como o foco da comunicação é online, o resumo financeiro expõe quanto será gasto durante um ano seguindo a programação desenvolvida previamente, mostrando quanto custará à equipe o desenvolvimento de um novo site, hospedagem e domínio, manutenção da página do Facebook e Instagram, desenvolvimento e edição de dois vídeos por semana no canal da equipe no Youtube e mensalidade de uma Web Rádio exclusiva para notícias e transmissão dos jogos.

Referências

BALTAR, Marcelo. **Futebol brasileiro é o 3º que mais arrecada com patrocínios em camisas.** 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2011/01/futebol-brasileiro-e-o-3-que-mais-arrecada-com-patrocínios-em-camisas.html>> Acesso em: 17 de Maio de 2015.

BETING, Mauro. **Copa União 1987 e clube dos 13 – A linha do tempo e do dinheiro.** 2011. Disponível em: <<http://blogs.lancenet.com.br/maurobeting/2011/02/25/copa-uniao-1987-e-clube-dos-13-a-linha-do-tempo-e-do-dinheiro/>> Acesso em: 17 de Maio de 2015.

CALIXTA, Mauro Tavares. **A força da marca – Como construir e manter marcas fortes.** Habra. São Paulo, 1998.

Copa União. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e7W3ggpR6Hc>> Acesso em: 17 de Maio de 2015

GOLDSTEIN, Paulo Henrique Gherardi. **Captação e Ativação de Patrocínios: Captar um patrocínio esportivo e ativa-lo trazem benefícios ao patrocinador?.** 2011.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing.** 14. ed. Pearson education. 2012.

MANDELLI, Frederico. Revista Sport Target. 2010.

MARTINS, Gabriella Vicente. **Plano de Assessoria de Comunicação para o Vila Nova Futebol Clube.** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/163131396658762320264892845473082430880.pdf>> Acesso em 20 de Agosto de 2015.

NOGUEIRA, Claudio. **Zeros à direita, Marketing & Mídia no esporte.** iVentura, Rio de Janeiro, 2010.

O clube. Disponível em <http://www.manthiqueira.com.br/manthiqueira_clube.php> Acesso em: 20 de Maio de 2015.

RODRIGUES, Daniel. **A importância do Marketing Esportivo nos Clubes.** 2007. Disponível em: <<https://villanovense.wordpress.com/2007/04/20/a-importancia-do-marketing-esportivo-nos-clubes/>> Acesso em: 29 de Março de 21015

ROSENBERG, Luis Paulo. **Entrevista.** 23/06/2015. São Paulo. Entrevista concedida a José Rafael da Silva e Renan Ribeiro de Souza.

SBRIGHI, Cesar A. **Como conseguir um patrocínio esportivo - Um plano de sucesso no marketing esportivo.** 1.ed. Phorte. 2006.

TELLES, Renato. **Posicionamento e reposicionamento de marca – Uma perspectiva estratégica e operacional nos desafios e riscos.** 2004.

UOL Esporte. **Pérolas do baú: Vasco usou logo do SBT na final de 2000 para provocar a Globo.** 2011. Disponível em: <
<http://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2011/11/30/perolas-do-bau-vasco-usou-logo-do-sbt-na-final-de-2000-para-provocar-a-globo/>> Acesso em: 17 de Maio de 2015.

OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS ADVERSATIVOS NO GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA DE RUBEM BRAGA

RESUMO

Este estudo visa analisar a linguagem textual do cronista brasileiro Rubem Braga. O presente artigo apresenta um estudo sobre os operadores argumentativos adversativos referentes à crônica do escritor: "Sobre o amor, etc.". Consiste em um levantamento dos elementos estruturantes da linguagem, verificando o que o autor escolhe empregar em sua narrativa. Os resultados foram obtidos por meio da leitura do texto de Rubem Braga supracitado e em seguida a análise do estilo do escritor brasileiro. O objetivo deste estudo é evidenciar o uso correto que Rubem faz com as conjunções dentro de um texto e contexto, tomando como exemplo esta crônica, tendo em vista a dificuldade dos alunos de interpretar textos e utilizar corretamente as conjunções. As teorias de Koch (2000), Jorge de Sá (1985) e Pereira (2004) nortearam este trabalho.

Palavras-chave: operadores argumentativos adversativos, análise, crônica.

ABSTRACT

This study aims to analyze the writing stylistics of the Brazilian chronicler Rubem Braga. The current article presents a case study on one chronicle of the writer: "About love, etc." It consists in a survey of structural elements and language, besides the study of the method in which the author chooses to use in his narrative. The results will be obtained by means of the reading of Rubem Braga's texts and thereafter the analyzes of his style. The main goal of this work is to show the correct use that the author chooses with those conjunctions inside a text and a context, using this chronicle as an example, owing to the students' difficulties to interpret texts and use the conjunctions correctly. The theories of Bakhtin (2013), Jorge de Sá (1985) e Wellington Pereira (2004) guided this article.

Key-words: adversative argumentative operators, analyzes, chronicle.

INTRODUÇÃO

A crônica é um gênero discursivo famigerado particularmente por sua narrativa curta e veiculada à imprensa. De acordo com Sá (1985, p. 10), a crônica é procurada por leitores sem tempo, que leem nos intervalos da rotina cotidiana: no meio de transporte, na sala de espera, dentre outros momentos de espera. Semelhantemente, o cronista utiliza-se desta urgência para produzir seus textos. Para Jorge de Sá (1985, p.10), "À pressa de escrever, junta-se a de viver. Os acontecimentos são extremamente rápidos, e o cronista precisa de um ritmo ágil para acompanhá-los."

1. A CRÔNICA E SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

A princípio, o significado da palavra crônica, segundo Wellington Pereira (2004, p. 16) estava relacionado intrinsecamente à ideia de tempo cronológico demarcado. "Todo esforço de enunciação de alguns fatos, só terá legitimidade se estiver ordenado sob a cronologia dos fatos sociais." (PEREIRA, 2004, p.16). No seu início, a crônica foi exercida apenas como um relato sucinto de eventos, de acordo com os costumes dos povos da época, em uma ordem cronológica de acontecimentos, reordenando valores

sociais. A palavra "ethos" estava associada à criação da crônica. Porém, os significados avançam esta síntese de costume de um povo. (PEREIRA, 2004, p.16).

Para Wellington Pereira (2004, p. 16), a primeira noção de crônica estava estritamente ligada à organização dos fatos cronologicamente. Sendo assim, ela nasce mais direcionada à legitimação de um processo de anunciação do que enunciação. Apenas um relato dos acontecimentos era exposto, sem que houvesse uma interpretação abrangente. Portanto, um texto poderia ser considerado crônica se existisse apenas o tempo linear predominante em sua narrativa.

Segundo Jorge de Sá (1985), a carta de descobrimento de Pero Vaz de Caminha é a criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, visto que ele relata com uma fidelidade indiscutível, concreta e detalhada ao rei de Portugal, os dias em que passaram na terra recém-descoberta na presença dos índios.

Nos primórdios da crônica, ela estava presa à fluidez do tempo de cada sociedade. Desta forma, sua extensão semântica era pobre. Mas é com este sentido de relato histórico que a crônica atravessa os séculos e assume características mescladas: ora relato histórico, ora ficção literária, embora com um único objetivo de evidenciar as relações humanas com o tempo em que vivem, adequando-se a tradição.

Portanto, no século XII, assumindo a condição de relato histórico com traços de ficção, a crônica constrói um conceito amplo tornando-se uma narrativa no plano da denotação e conotação e conseqüentemente tendo seu significado ampliado novamente. (Pereira, 2004).

No século XVI, a noção de crônica encontra-se com mais uma confusão semântica. Para Pereira (2004), a escrita e o caráter informal do gênero ensaio e a valorização da linguagem coloquial empobrecem novamente a definição de crônica pois para alguns ensaístas deste mesmo século, a crônica servia de acessório para o ensaio. "O ensaio é um breve discurso, um compêndio de pensamento, experiência e observação." (PEREIRA, 2004 apud COUTINHO, p.118). O ensaísta não capta o tempo e os temas presentes nele, mas enfatiza um estilo próprio, na construção da narrativa mais próxima da linguagem coloquial. O ensaio tem algumas características como a ênfase na oralidade, tom pessoal existente nos textos e sem estrutura clássica a ser seguida, desta maneira, sendo vista por alguns estudiosos como um modelo seguido similarmente pelos cronistas. (PEREIRA, 2004 apud COUTINHO, p.118).

Para Pereira (2004), considerar a crônica como um apêndice para o ensaio é retirar a pluralidade de significados presentes na narrativa. Mesmo em seu sentido denotativo, histórico, o cronista busca enriquecer esteticamente o texto ao tentar agrupar elementos estruturais. Por conseguinte, o conceito de crônica como acessório para a produção de um texto ensaísta foi refutado. No século XIX, o conceito de crônica amplia-se novamente. O cronista deste século busca absorver os ideais do mundo moderno. Por esta razão, seu texto não é limitado e o cronista procura obter uma singularidade estética no exercício da crônica. Além disso, abandona a fidelidade do tempo determinado; a partir deste século o foco é a relação com o mundo moderno. (PEREIRA, 2004, p.23). Para este autor, "o elemento privilegiado na construção do texto será a enunciação, a capacidade de narrar fatos ocorridos em um mundo no qual a memória vai se distanciando do fazer e da experiência vivida pelos homens." (p.24). O cronista deste

período histórico é infiel à razão e eleva a imaginação, fazendo com que o ato de enunciar possa transitar entre a História e a ficção literária. A partir do advento do Romantismo, a crônica ganha liberdade em sua estética sendo classificada com gênero literário, extrapolando as margens de seu conceito puro. Passa a ter ênfase na linguagem literária e não mais na ordem cronológica dos acontecimentos. "Na ótica literária, a crônica consegue conjugar várias formas de expressão no mesmo espaço textual." (PEREIRA, 2004, p.25).

2. A CRÔNICA NO ESPAÇO JORNALÍSTICO

De acordo com Wellington Pereira (2004), o gênero crônica passou de simples organizador de eventos temporais para recriação de relatos do dia-a-dia, em nível significativo de conotação, enunciando as particularidades dos fatos sociais. Jorge de Sá (1985) destaca que o cronista capta tudo aquilo que não é habitual de depreender, e a partir disso, explora as potencialidades da língua, que resulta em múltiplas significações em uma construção frasal, despertando no leitor uma paisagem que outrora obscura.

Com o advento do Romantismo, a crônica torna-se um gênero literário embora haja controvérsias visto que ela mantém uma relação com outras linguagens dentro do texto jornalístico, colocando em confronto com "gêneros maiores" da literatura. Para assegurar a legitimidade do texto, o cronista precisa demonstrar seus dotes poéticos e ficcionistas. Dessa forma, a crônica será reconhecida a partir de sua natureza literária. (Pereira, 2004).

Ainda baseando-se em Pereira (2004, p. 30) a crônica passa a garantir sua singularidade estética quando empresta valores conotativos aos eventos sociais. Nesta linha de raciocínio, é possível afirmar que este gênero recupera expressões de pequenos fatos, coloca-as fora de um tempo determinado e parte para a reflexão. De acordo com Pereira (2004, p.31) o cronista enfim, consegue ultrapassar os limites colocados pela denotação e conotação e dessa forma, a crônica é capaz de ir além dos referenciais do texto jornalístico e das narrativas literárias.

Por ser um texto que aceita várias formas de manifestações estéticas, a crônica determina rupturas dentro da linguagem jornalística, instaurando novos conceitos e relações com os gêneros ligados ao jornalismo, e não se limitando a expor opiniões ou informações. O cronista explica suas representações do mundo ao leitor a partir da articulação de várias linguagens. (PEREIRA, 2004.).

Em 1836, com o Romantismo, a crônica sofre novamente uma mudança. Há uma relação dos textos com o espaço determinado para a veiculação dos jornais. A crônica é encontrada nos rodapés dos jornais.

Assim, a partir do Romantismo, a crônica foi crescendo de importância, com características próprias e cor nacional cada vez maior." O cronista se constitui em um narrador preocupado em causar rupturas no manejo da linguagem, fazendo com que a prática da crônica seja uma pluralidade de significados. (PEREIRA, 2004 apud MELO, p. 49).

A crônica jornalística foi consolidada no século XIX, graças ao desenvolvimento da imprensa. A crônica passa a ter uma função intermediária no jornal pois anuncia as

notícias e reelabora os enunciados para que se aproximem das formas da literatura romântica.

Entretanto, a crônica não é mais um gênero jornalístico. O cronista dentro deste espaço de informação, torna-se um artista porque empresta seu talento para construir um outro universo de significados para interpretar os fatos sociais. (PEREIRA, 2004, p.43).

Ainda no século XIX, a crônica impulsiona e adquire autonomia estética e o jornal desta mesma época torna-se a porta de entrada para escritores estreados. Os cronistas passam a observar o cotidiano e dele retiram a matéria-prima para seus textos. Sendo assim, a literatura começa a fazer parte do jornal e grande parte dos escritores brasileiros apostam nesta indústria. (PEREIRA, 2004, p.46).

Para Wellington Pereira (2004) há uma relação intrínseca entre jornal e crônica e esta última ganha independência no espaço jornalístico, pois não mais estava presa à fragmentação do folhetim. Os cronistas reestruturam os enunciados, ampliam os significados dos fatos sociais e oferecem ao leitor a capacidade de interpretá-los.

É a partir das crônicas de Machado de Assis publicadas na *Gazeta de Notícias* que é possível observar como a crônica instaura uma nova relação entre o jornalismo e a literatura, obtendo uma autonomia estética entre os demais gêneros jornalísticos. O escritor brasileiro demonstra que por trás das informações existe um conjunto de eventos sociais que formam "uma sociedade invisível, um entroncamento dos textos jornalísticos, discriminada no exercício da má retórica de alguns jornalistas da época." (PEREIRA, 2004, p.70). Naquela época, o jornal era um catalisador de diferenças e da marca da fragmentação da sociedade. Machado de Assis faz com que o jornal ganhe novo sentido, dando voz para fatos e pessoas que são excluídas de suas páginas. (PEREIRA, 2004, p.74).

Para Pereira (2004, p.74) Machados de Assis critica o empobrecimento da linguagem dos jornais por conta do uso de retórica e procura através de suas crônicas demonstrarem ao leitor a função do cronista: ampliar a capacidade de percepção dos acontecimentos sociais de forma crítica. O cronista brasileiro Machado de Assis, preocupou-se então em trazer uma nova dimensão ao jornal enquanto veículo formador de opinião, para tentar interpretar novos significados sociais, provocando uma separação na medida em que suas crônicas não eram escritas e regidas pela normatização da linguagem dos jornais do século XIX. (PEREIRA, 2004).

3. A CRÔNICA CONTEMPORÂNEA

"No Brasil, a crônica é a ampliação dos significados da informação." (PEREIRA, 2004, p.123). Segundo Pereira (2004), no século XX, os cronistas começam a conviver com uma nova forma de organização da linguagem nos espaços jornalísticos. A partir deste momento, o caráter doutrinário predominante desde então no jornalismo perde força e dá lugar a ordenação de vários níveis de linguagem que pudessem melhor caracterizar e refletir o percurso do homem na sociedade.

O papel do cronista brasileiro contemporâneo não é simplesmente transgredir algumas normas linguísticas, mas verificar as formas de organização da informação para que

seus referentes possam ser ampliados através da crônica. O escritor busca ler as relações sociais e captar o discurso dos variados segmentos sociais. (PEREIRA, 2004, p. 140).

Pereira (2004, p.142,143) cita que a crônica é a voz, é a estetização do real, operando significados superiores ao grau da linguagem do jornalismo. Cria um novo tempo narrativo no interior dos jornais e acrescenta relações semânticas que enriquecem a linguagem do jornalismo opinativo. O narrador-cronista recria o tempo da linguagem jornalística e cria novos significados para sobreviver à rigidez das técnicas que transformam o jornal em um espelho dos fatos da sociedade.

4. TIPOS DE CRÔNICA

Segundo uma pesquisa realizada por Eloisa Moura (2008) tomando por referência MARTINS (1997) para a construção de um artigo, há quatro tipologias referentes à crônica; Crônica - conto: quando a crônica evidencia o aspecto narrativo e o cronista passa a ser apenas o narrador de um episódio ou fato. Crônica - humorística: caracteriza-se por satirizar acontecimentos e situações, fazendo com que o leitor deleite-se ao ler. O cronista faz um jogo de palavras que resulta no humor. Crônica - poema: estão presentes nas crônicas o lirismo e a sonoridade das palavras. Evidencia-se um momento de intimidade do poeta/cronista. Crônica - reportagem: neste tipo de crônica, o escritor transcende os fatos sociais e transforma-os em textos literários. Uma simples notícia transforma-se em um texto reflexivo.

5. RUBEM BRAGA COMO CRONISTA

Lembrado como um dos melhores cronistas brasileiros, Velho Braga, como o próprio autor se nomeou em muitas de suas crônicas, estando ainda na casa dos vinte anos, não se considerava um artista, como podemos observar nas palavras do próprio Rubem em um depoimento ao Jornal da Tarde, em 1972: "Sempre fui apenas jornalista...Escrever para mim sempre foi uma coisa ligada ao jornal (...)"

O que Rubem não sabia, ou pelo menos fingia não saber, era da sua capacidade de fazer o leitor, por meio de sua linguagem simples e semelhante a uma conversa entre amigos, ler a sua própria história dentro de cada crônica.

Nas palavras de Sá (1987, p.12): "(...) o escrivão do cotidiano compõe um claro caminho, através do qual o leitor reencontra o prazer da leitura e - mesmo que não o perceba - aprende a ler na história "inventada" a sua própria história."

Rubem Braga valorizava o que para muitos era insignificante, banal, vazio de reflexões e irrisório: o cotidiano. Braga explorava pequenos detalhes que passavam despercebidos aos olhos das pessoas, como a natureza e suas peculiaridades, o comportamento feminino, a mudança das estações e juntava essa percepção de mundo à sua maneira fraternal de encarar o homem e a vida para escrever suas crônicas.

A figura paterna também era algo que Rubem fazia questão de glorificar. Segundo Sá (1987, p.16): "(...) no caso específico de Rubem Braga, o pai é o homem decidido, forte, o braço direito que nos suporta, o ombro de amigo onde pousamos a mão nas horas de angústia (...)."

Mesmo não se considerando um artista, Rubem Braga transmitia o aconchego que todo leitor espera de uma obra: a possibilidade de se projetar para as páginas do livro (ou do jornal), lendo e vendo a si mesmo em personagens que, no caso dele, nada tem de fictício. São o mais real retrato da vida como ela é.

Segundo Tufano (1978, p.211) Rubem Braga conversava com seus leitores, como todo bom e velho amigo, sendo deste modo considerado o melhor cronista brasileiro, revelando um agudo senso de observação para extrair dos fatos cotidianos toda sua carga lírica e humana.

METODOLOGIA

Este estudo é de cunho bibliográfico. A crônica de Rubem Braga escolhida para análise é "Sobre o amor, etc.". Serão analisados os operadores argumentativos adversativos com presença bastante significativa em sua crônica. Rubem utiliza conjunções tais como "mas" e "porém", no decorrer de seu texto supracitado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Koch (1999), a conjunção é um mecanismo que vai tecendo a estrutura de um texto e a este fenômeno, dá-se o nome de coesão textual. A coesão acontece quando a interpretação de algum elemento depende de outro. Portanto, para Koch (1999) a coesão é a relação semântica entre um elemento do texto e outro elemento crucial para seu entendimento e interpretação.

O quadro abaixo revela em quantidade numérica do uso destas conjunções:

Conjunções	Quantidade
MAS	8
PORÉM	3

A presença da conjunção "mas" decorre no texto de Rubem com certa frequência. Isto acontece logo no primeiro parágrafo: "*É tão perto do Rio a Paris! Assim é na verdade, mas acontece que raramente vamos sequer a Niterói.*"; em seguida, no final do segundo parágrafo: "*Poderemos falar, falar, para nos correspondermos por cima dessa muralha dupla; mas não estaremos juntos...*"; no terceiro parágrafo a conjunção também aparece: "*...agora seria feliz em saber que em outro ponto da cidade ela também vira. Mas isso não aconteceu.*"; assim como no quarto: "*Será um louco apenas na medida em que o amor é loucura. Mas terá toda razão, essa feroz razão furiosamente lógica do amor*"; no quinto parágrafo: "*Têm razão, mas não tem paixão.*"; no final do sexto parágrafo: "*...a criança devia correr ao sol, mas Joana devia estar aqui para vê-la, ao nosso lado.*" e em mais uma parte: "*Bem; mais tarde contaremos a Joana que fazia sol e vimos uma criança tão engraçada e linda que corria entre os canteiros querendo pegar uma borboleta com a mão. Mas não estaremos incorporando a criança à vida de Joana*";. Rubem utiliza mais uma conjunção "mas" no penúltimo parágrafo: "*...nós também despejamos nosso saco de emoções e novidades; mas para um sentir a mão do outro precisam se agarrar ambos a qualquer velha besteira..*".

De acordo com Koch (2000, p. 35), "mas" é um operador que contrapõe argumentos orientados para conclusões contrárias, do mesmo modo o "porém" que aparece três vezes neste texto de Rubem: "...há centenas de céus extraordinários e esquecemos da maneira mais torpe os mais fantásticos crepúsculos que nos emocionaram. Ele porém, na véspera, estava dentro de uma sala qualquer...". No penúltimo parágrafo da crônica: "já não se trata mais de amizade, porém de necrológio." E há a presença desta conjunção no último parágrafo também: "De onde concluireis comigo que o melhor é não amar; porém aqui, para dar fim a tanta amarga tolice, aqui e ora vos direi a frase antiga: que é melhor não viver."

Segundo Ducrot (1984), existe um argumento possível (p): "É tão perto do Rio a Paris!" que leva a uma conclusão R na mente do leitor. Em seguida, por conta da colocação do operador "mas", aparece o argumento decisivo (q) que se opõe a conclusão R, levando a uma conclusão ~R (não R): "mas, acontece que raramente vamos sequer a Niterói", ou seja, seria possível diminuir as distâncias, mas o fato real é que nada acontece a não ser a permanência no mesmo lugar.

Na segunda sentença em que aparece este operador, uma análise semelhante a anterior pode ser considerada. Existe um argumento possível (p): "Poderemos falar, falar, para nos correspondermos por cima dessa muralha dupla;" e nota-se que é viável a comunicação por cima dessa muralha, levando o leitor a concordar com tal afirmação. Ao inserir o operador adversativo "mas", esta conclusão prévia não é mais válida, visto que após a inserção do operador, o argumento decisivo (q), vem em seguida: "mas não estaremos juntos...". Ou seja, a comunicação poderá ser realizada entre as pessoas (conclusão R) a que o autor se refere no texto, porém, não será uma comunicação presencial, não estarão juntos (conclusão ~R).

O próximo operador vem embutido nesta seguinte frase: "...agora seria feliz em saber que em outro ponto da cidade ela também vira. Mas isso não aconteceu.". Novamente, um argumento possível (p) aparece na frase ao concluir previamente que a personagem da crônica ficaria feliz de saber que em algum outro lugar da cidade, ela também vira o crepúsculo que Rubem cita anteriormente, o que leva o leitor a acreditar nisto (conclusão R). Em seguida, está evidente com o operador "mas" que para a decepção do narrador, aquilo não aconteceu (conclusão ~R).

Ducrot (apud KOCH, 2001) recorre à metáfora da balança para ilustrar o uso do mas nas frases a fim de evidenciar o esquema argumentativo. Segundo ele, o argumento A é colocado em um lado da balança. Neste estudo, esta frase seria: "Será um louco apenas na medida em que o amor é loucura" com o qual não se engaja. Em seguida, coloca-se do outro lado da balança, o argumento B: "Terá toda razão, essa feroz razão furiosamente lógica do amor." É neste argumento que faz com que a balança incline nesta direção, ou seja, o que o autor realmente tinha a intenção de dizer é o que representa na balança B. O operador "mas" adquire o significado pleno de oposição.

A quinta frase que contém o operador "mas", pode também ser colocada na ilustração da balança de Ducrot (2001). Na balança A, o argumento possível: "Têm razão.". Depois, coloca-se o argumento decisivo na balança B: "não tem paixão." que juntamente com o operador argumentativo mas irá incliná-la a favor desta conclusão.

A próxima análise a ser feita é do seguinte trecho da obra: "...a criança devia correr ao sol, mas Joana devia estar aqui para vê-la, ao nosso lado..." É possível explicá-la da seguinte maneira:

P

q

R: A criança deveria correr ao sol. Mas ~R: Joana não estava lá para vê-la correr.

p: ...a criança devia correr ao sol... MAS q: ...Joana devia estar aqui para vê-la, ao nosso lado.

Em que p é o argumento possível que leva a conclusão R. Com o "mas" e o argumento decisivo (q), o leitor chega a conclusão ~R, a de que Joana não estava presente para ver a criança correr.

O próximo trecho escolhido para análise nos mostra mais uma vez que Rubem Braga utiliza o operador argumentativo corretamente. Temos um argumento a ser colocado na balança A: "mais tarde contaremos a Joana que fazia sol e vimos uma criança tão engraçada e linda que corria entre os canteiros querendo pegar uma borboleta com a mão" com a qual não se engaja e transforma-se em um argumento possível. O operador adversativo traz um argumento decisivo que será colocado na balança B e que sairá em evidência por ser esta a conclusão que o leitor mais se engajará: "Mas não estaremos incorporando a criança à vida de Joana." Ou seja, o que o escritor intenciona neste trecho é mostrar que eles precisam contar à Joana tudo que aconteceu com a criança, porém sem a necessidade ou obrigação de inserir a criança na vida de Joana.

Para finalizar a análise do operador argumentativo "mas" bastante presente na crônica, ilustra-se da seguinte maneira a frase: "...nós também despejamos nosso saco de emoções e novidades; mas para um sentir a mão do outro precisam se agarrar ambos a qualquer velha besteira..".

P (argumento possível)

R: Nós também despejamos nosso saco de emoções e novidades,

MAS

q (argumento decisivo)

~R: para sentir a presença de outra pessoa é preciso se atentar e se recordar das velhas lembranças e memórias.

Afim de inserir operadores argumentativos diferentes, Rubem Braga também utiliza de uma outra conjunção, o "porém", que aparece três vezes no decorrer do texto. A análise do primeiro trecho que aparece, pode ser feita de maneira similar ao "mas". O argumento possível que levará o leitor a criar uma conclusão possível em sua leitura é: "...há centenas de céus extraordinários e esquecemos da maneira mais torpe os mais fantásticos crepúsculos que nos emocionaram." Ou seja, existem inúmeras coisas que

conseguem nos emocionar, como o escritor exemplifica utilizando o crepúsculo. Ao citar um dos personagens, utiliza o "porém" para dizer que não são todas as pessoas que são capazes de absorver os momentos que trazem emoção: "Ele, porém, na véspera, estava dentro de uma sala qualquer...", colocando para os leitores um argumento decisivo que leva a uma conclusão contrária à anterior e decisiva.

Mais um trecho em que esta mesma conjunção está presente e abriga a mesma ideia de oposição de argumentos. Temos uma ideia inicial que deixa o leitor pensar que ainda há mais um argumento de oposição por vir "Já não se trata mais de amizade,". Para finalizar a ideia, Rubem insere o "porém" e o que a amizade realmente significa: "de necrológico" ou seja, apego as coisas do passado. Existe o argumento possível (p) que leva a uma conclusão (R), entretanto, com o "porém" e um argumento decisivo (q) a conclusão final é $\sim R$, ou seja, traz uma conclusão diferente embora seja a que o leitor mais aceitará.

No último parágrafo da crônica, Rubem finaliza suas ideias e sua escrita com o operador porém para concluir todo o texto. Segue a mesma linha de pensamento das outras análises. O argumento possível é colocado no prato A da balança de Ducrot (2001): "De onde concluireis comigo que o melhor é não amar;" ao qual o leitor tende a considerar como a conclusão final. O próprio escritor previamente conclui com este argumento, mas utilizará do "porém" para trazer à tona outro argumento, o decisivo: "porém aqui, para dar fim a tanta amarga tolice, aqui e ora vos direi a frase antiga: que é melhor não viver." Conclui-se que é mais viável não viver do que não amar.

Rubem Braga ao tecer partes de seu texto com estes operadores argumentativos adversativos propõe uma oposição de argumentos em todos eles. Ele introduz em seu discurso um argumento possível para chegar a uma conclusão, e em seguida, com o uso da conjunção, opõe um argumento decisivo para uma conclusão contrária à anterior que tende a ser mais aceita no final da argumentação. Além disso, ele utiliza de maneira correta estes dois operadores argumentativos adversativos, não fugindo de suas funções dentro do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os operadores argumentativos adversativos são características marcantes nesta crônica do escritor em questão. Koch (1999, p. 22) define que as conjunções permitem estabelecer relações significativas e específicas entre elementos ou orações do texto. Tais relações são assinaladas por marcadores formais que correlacionam o que está para ser dito àquilo que já foi anteriormente. Para ele, um mesmo tipo de relação pode ser expresso por uma série de estruturas semanticamente equivalentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, Rubem. *Melhores Crônicas*. São Paulo: Global Editora, 2013. 320 p.
- FRANCHETTI, Elias; PERCORA, Alcidez. *Rubem Braga: Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- GURPILHARES, Marlene; AZEVEDO, Lúcia; KOSMA, Eliana. *A Gramática numa Abordagem Discursiva*. Lorena: Editora Lighthouse, 2015. 116 p.
- KOCH, I. G. Villaça. *A Coesão Textual*. 12. ed. São Paulo: Editora Contexto, 1999. 75 p.
- KOCH, I. G. Villaça. *A Inter-ação pela Linguagem*. 5.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2000. 115 p.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PEREIRA, W. *Crônica: A arte do útil e do fútil*. Editora Calandra, 2005. 190 p.
- SÁ, J. A *Crônica*. 3.ed. São Paulo: Editora Ática, 1987. 94 p.
- TUFANO, Douglas. *Estudos de Literatura Brasileira*. 2.ed. São Paulo: Editora Moderna, 1978.

A TRADUÇÃO DA PEÇA *HENRIQUE IV*, DE WILLIAM SHAKESPEARE, POR PÉRICLES EUGÊNIO DA SILVA RAMOS

RESUMO

A presente pesquisa, em andamento, busca trazer a conhecimento alguns fragmentos (entre elas: ato 3, final da cena 1 e início da cena 2, 1ª parte da obra) da tradução feita pelo poeta-tradutor lorenense Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919-1992) da peça *Henrique IV*, de William Shakespeare, e que se encontra em forma de texto manuscrito. Os manuscritos shakesperiano estão presentes no Acervo Péricles Eugênio da Silva Ramos, situado como parte da Biblioteca Conde Moreira Lima, na Fatea. Assim, o objetivo deste estudo é propor uma decifração do texto, como forma de recuperar o trabalho de tradução, e, ao mesmo tempo, divulgar o rico material presente no acervo pessoal do poeta. A base teórica para o estudo são textos que trabalham conceitos vinculados à crítica genética, e um dos textos bases é o volume de artigos *Crítica e coleção*, organizado por Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda.

Palavras-chave: Péricles Eugênio da Silva Ramos; William Shakespeare; Manuscritos; *Henrique IV*.

ABSTRACT

This research, in progress, seeks to bring the knowledge some fragments (among them: Act 3, final scene 1 and beginning of the scene 2, Part 1 of the work) of the translation by lorenense poet-translator Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919 -1992) of the play *Henry IV*, William Shakespeare, and which is in the form of manuscript written text. The Shakespearean manuscripts are present in the Acervo Péricles Eugênio da Silva Ramos, situated as part of the Library Conde Moreira Lima, on Fatea. The objective of this study is to propose a deciphering the text, in order to recover the translation work, and at the same time, disseminate the rich material present in the personal collection of the poet. The theoretical basis for the study are texts that work concepts linked to genetic criticism, and one of the foundation texts is the volume of articles *Crítica e coleção* organized by Eneida Maria de Souza and Wander Melo Miranda.

Key-words: Péricles Eugênio da Silva Ramos; William Shakespeare; Manuscript; *Henry IV*.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, em andamento, busca trazer a conhecimento alguns fragmentos (entre eles: ato 3, final da cena 1 e início da cena 2, 1ª parte da obra) da tradução feita pelo poeta-tradutor lorenense Péricles Eugênio da Silva Ramos (1919-1992) da peça *Henrique IV*, de William Shakespeare (1564-1616), que se encontra em forma de texto manuscrito. Os manuscritos shakespearianos estão presentes no Acervo Péricles Eugênio da Silva Ramos, situado como parte da Biblioteca Conde Moreira Lima, na Fatea/Lorena.

O objetivo deste estudo é propor uma decifração do texto, como forma de recuperar o trabalho de tradução, e, ao mesmo tempo, divulgar o rico material presente no acervo pessoal do poeta.

Este trabalho foi composto por várias etapas de desenvolvimento, não descartando a necessidade de uma continuação, constituindo-se, o mesmo, a primeira parte da pesquisa. O convite para participar do projeto veio por intermédio de dois professores, tendo como foco a análise e reflexão da obra de Péricles Eugênio.

Segundo Barbara Heliadora (2000), Shakespeare, em *Henrique IV* – primeira parte escrita provavelmente, de acordo com ela, em 1596, e a segunda parte no final deste mesmo ano ou início de 1597, sendo esta última publicada em 1600 - coloca em cena como o poder afeta aqueles que o possui, e, conseqüentemente, como esse fato se reflete na qualidade do governante. Shakespeare escreve a peça em um momento conturbado de severa censura política na Inglaterra. Sendo conhecedor de muitas obras teatrais da Idade Média, vê no moralismo, criado pelo teatro religioso, o conflito frontal entre o bem e o mal, retratando no personagem Hal – filho de Henrique IV e futuro Henrique V – a luta pela sua redenção. O poeta inglês inovou ao apresentar na peça as duas faces de um mesmo reino, não somente a parte dominante, mas também o lado das classes mais baixas (SHAKESPEARE, 2000, págs. 5-6).

1. METODOLOGA

Primeiramente, foi realizada a leitura da peça *Henrique IV*, na tradução de Barbara Heliadora (1923-2015), considerada a maior autoridade na obra de Shakespeare no Brasil, para o conhecimento da história. Em um segundo momento, mediante o recebimento de duas páginas do manuscrito, digitalizadas, fez-se a decifração e digitação de seu conteúdo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em nossa pesquisa, teremos como base teórica, o estudo de textos que trabalham conceitos vinculados à crítica genética, utilizando como base e aparato crítico-teórico para o estudo do acervo de Péricles Eugênio a obra *Crítica e coleção* organizada por Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda. Esta obra contém vários artigos relacionados às investigações atuais sobre arquivos, acervos e museus.

Alguns pontos da obra *Crítica e coleção* serão destacados abaixo, pois julgamos ser relevantes para o andamento da pesquisa.

De acordo com SCHNEIDER (2011), um dos aspectos do uso do acervo, principalmente dos livros, se concentra no que Valéry Larbaud afirmou certa vez a Jean Paulhan: “O essencial da biografia de um escritor consiste na lista dos livros que ele leu, todo resto é apenas pipi na cama dos grandes homens”. Sainte-Beuve, num mesmo sentido acrescenta: “Não há biografia para um homem de letras: sua biografia não é senão a bibliografia completa de suas obras” (SCHNEIDER, 2011, p. 22). Ambas as citações estão presentes no artigo “O outro eu” de Michel Schneider.

Em seu artigo “Rosa residual” Eneida Maria de Souza utiliza uma passagem do livro *O homem encadernado* de Maria Helena Werneck, que analisa biografias de Machado de Assis, para alertar sobre o cuidado com o distanciamento histórico entre autor e analista, e a preocupação em se permanecer na esfera da textualidade, que é o modo como pretendemos focar nossa pesquisa.

O biógrafo, impotente para se aproximar do corpo distante, torna-se um leitor movido pelo interesse histórico. Mas, ao sair em busca da verdade histórica, encontra a natureza implacável ou indiferente, sem nenhum vestígio da presença do homem que procura. Depara-se, quando muito, com os locais de peregrinação, delimitados como

reserva de signos da vida a serem preservados, transformados em pontos de turismo cultural. Assim, o que resta ao biógrafo, na maioria das vezes, é mergulhar na esfera da textualidade. (SOUZA, 2011, p. 53).

Os grifos deixados pelo poeta em livros constituem outro ponto para uma análise, pois eles preservam uma infinidade de referências que dialogam com a própria obra do escritor.

Miguel Sanches Neto afirma que “todo autor no exercício íntimo e, por isso, livre da leitura, está também escrevendo a sua obra. É uma escrita feita de citações, de pedaços dos outros, e forma um grande mosaico das intensidades experimentadas pela leitura” (NETO, 2011, p. 72).

E partindo dos pressupostos acima pretendemos utilizar os manuscritos de Péricles Eugênio da Silva Ramos como forma de reativar uma esfera particular de sua obra, aquela inconclusa, mas não por isto, menos viva dos manuscritos.

3. O ESCRITOR

Péricles Eugênio da Silva Ramos nasceu em Lorena, estado de São Paulo, no dia 24 de outubro de 1919, vindo a falecer no dia 14 de maio de 1992 na cidade de São Paulo. Foi poeta, tradutor, ensaísta, crítico literário e professor. Estudou ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, formando-se em 1943. Atuou na área jornalística, e obteve vários cargos na esfera pública paulista.

Como escritor publicou cinco livros de poesias, sendo eles: *Lamentação floral* (1946), *Sol sem tempo* (1953), *Lua de ontem* (1960), *Futuro* (1968) e *Noite da memória* (1988), e ainda à José Olympio Editôra fez em 1972 o lançamento do livro, *Poesia quase completa*, que consiste na reunião dos quatro primeiros livros do poeta.

Traduziu obras de autores renomados, tanto em verso como em prosa. Segundo Junqueira (2012), o maior destaque vai para a tradução dos sonetos (1953), do *Hamlet* (1976) e d’A *tragédia de Macbeth* (1966) de William Shakespeare. Há também em língua inglesa, a tradução dos poemas de Lord Byron (1989), W. B. Yeats (1987), Shelley (1995) e John Keats (1985). Em língua espanhola, destacou os poemas de Góngora (1988); do francês, os poemas de François Villon (1986); e das línguas clássicas (grego e latim), a tradução de uma antologia (1964) de poemas dos principais poetas gregos e latinos, e das *Bucólicas* (1982) de Virgílio (JUNQUEIRA, 2012, p. 20).

Na tradução em prosa destacam-se obras como: *Anatomia da crítica* de Northrop Frye, *Moby Dick* de Herman Melville, *Os melhores contos de James Gould Cozzens* e a novelacurta *Cavalo pálido, cavaleiro pálido* de Katherine Anne Porte (JUNQUEIRA, 2012, p. 20).

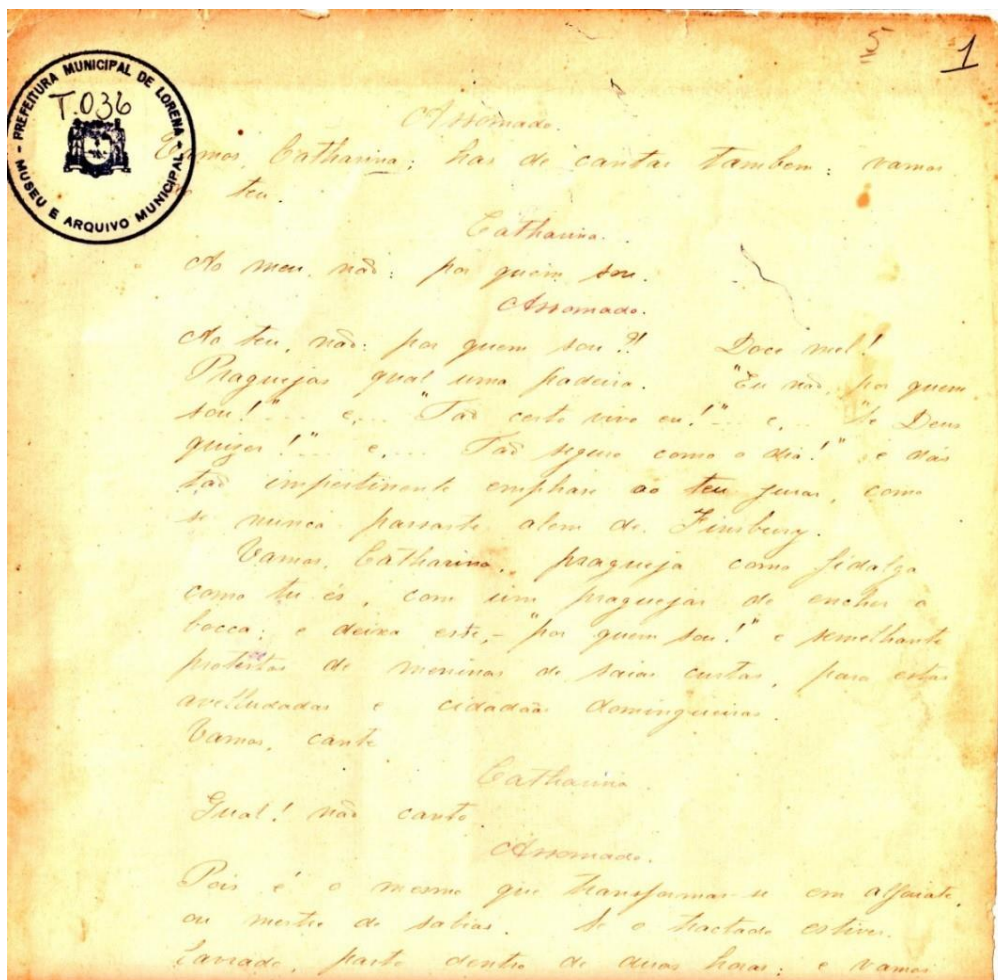
Junqueira (2012) afirma que a crítica de Péricles Eugênio também é uma característica forte em sua carreira literária, tendo muitos de seus textos publicados em suplementos literários e artigos de jornais. Em livros, os destaques são *O amador de poemas*, *O verso romântico e outros ensaios* e *Do barroco ao modernismo*, obra que lhe valeu o Prêmio Jabuti de crítica literária em 1968 (JUNQUEIRA, 2012, p. 20).

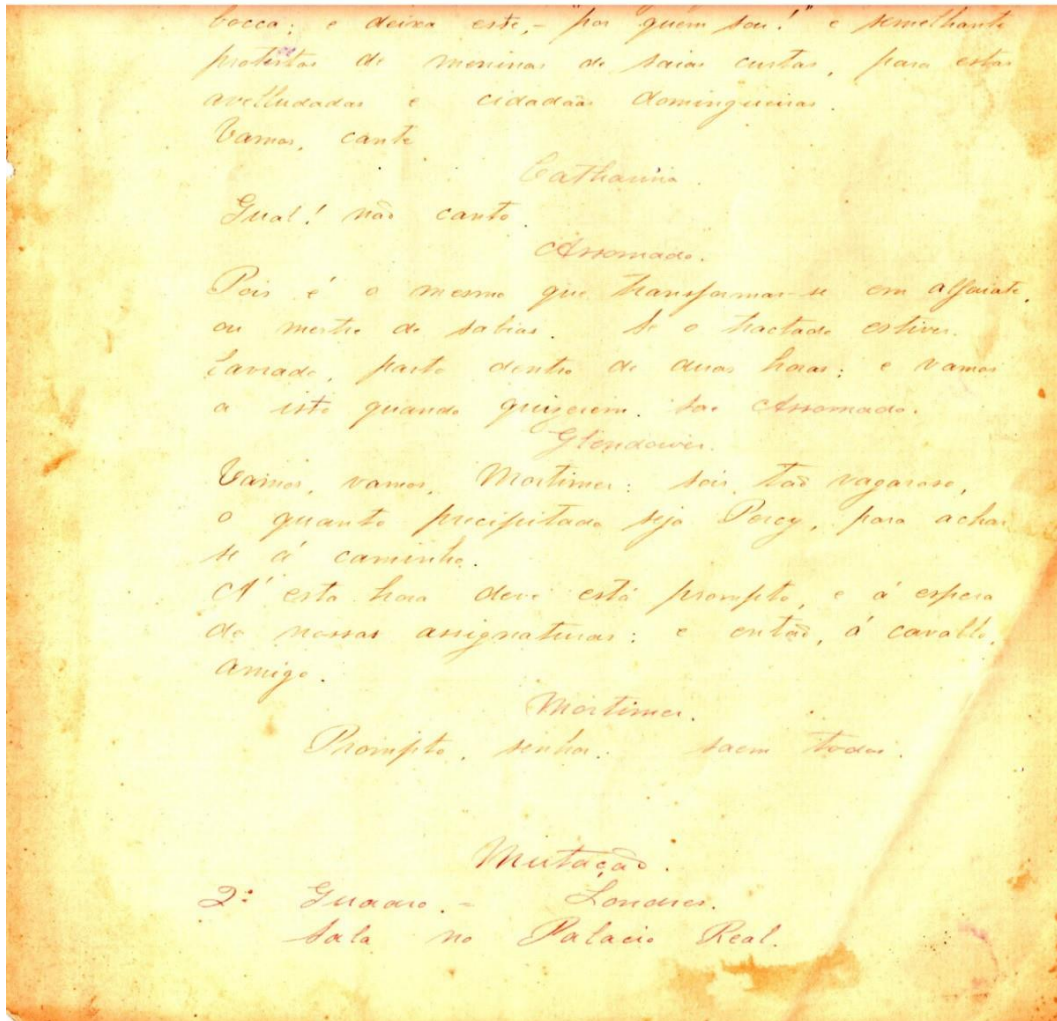
4. ANÁLISE DO MANUSCRITO DE PÉRICLES EUGÊNIO DA SILVA RAMOS

Este trabalho teve como objeto de análise duas páginas da tradução de *Henrique IV – I* do manuscrito deixado no acervo pessoal de Péricles Eugênio, sendo as mesmas situadas no Ato 3, final da cena 1 e início da cena 2, da obra de William Shakespeare.

Durante a leitura de uma das páginas foi notada a presença de lacunas no texto. A hipótese que foi levantada é a possibilidade delas terem sido deixadas para uma possível inclusão de palavras.

Outro ponto a ser ressaltado, é a excelente conservação do texto que permanece bem preservado, apesar da folha/suporte possuir uma cor amarelada e algumas manchas devido ao tempo, porém nada que pudesse comprometer a leitura. A caligrafia de Péricles Eugênio é legível em vários pontos da referida página, como poderá ser observado nas gravuras abaixo. Note que são necessárias duas imagens para compô-la, pois no processo de digitalização não foi possível, devido ao tamanho da mesma, torná-la uma única imagem.





Apesar da grafia do escritor ser legível, houve situações que impediram uma perfeita compreensão de letras e palavras, como por exemplo, a letra “p” que devido ao formato assemelhava-se ao “q” ou ao “j”. O reconhecimento destas, muitas vezes, foi identificado em outras palavras no decorrer do texto.

Outro ponto que causou dúvida foram nomes de lugares que permaneceram em inglês, como, por exemplo, “Finsbury”, que devido à letra cursiva do tradutor só foi possível identificar em uma comparação com outra tradução da peça no mesmo ponto da história. Ainda, há palavras que foram escritas com características que lembram moldes antigos, como as seguintes:

- Hás;
- Quizer; (com a letra “z”).
- Emphase;
- Bocca; (com duas letras “c”).
- Avelludadas; (com duas letras “l”).
- Cidadãõs; (com duas letras “a”, e uma com o acento circunflexo).
- Tractado;
- Quizerem; (com a letra “z” novamente).
- Prompto;
- Assignaturas;

XII

- Cavallo (com duas letras “l”).

A transcrição foi realizada primeiramente, após a leitura, manualmente, a fim de buscar uma perfeita uniformidade com o manuscrito de Péricles Eugênio, e para ser identificada qualquer incoerência na compreensão. A transcrição consiste em uma cópia que busque ser fiel ao original do manuscrito. Para que se possa ter um melhor aproveitamento do material. Abaixo, está a transcrição da página referida acima:

Transcrição da página/objeto de análise:

	<u>5</u>	1
Assomado.		
Vamos ,Catharina ; has de cantar também : vamos (aos) teu .		
Catharina.		
Ao meu, não : por quem sou .		
Assomado.		
Ao teu, não : por quem sou ?!	Doce mel !	
Praguejas qual uma padeira.	“Eu não , por quem sou !”... e, ... “Tão certo vivo eu!”... e, ... “Se Deus quizer !”... e, ... Tão seguro como o dia !” e dás tão impertinente emphase ao teu jurar , como se nunca passaste alem de Finsbury .	
Vamos Catharina , pragueja como fidalga como tu és , com um praguejar de encher a bocca ; e deixa (esse) , - “por quem sou !” e semelhante protestas de meninas de saias curtas , para estas avelludadas e cidadaãs domingueiras .		
Vamos , cante .		
Catharina .		
Qual ! não canto .		
Assomado .		
Pois é a mesma que transformar – se em alfaiate , ou mestres de sabias . Se o tractado estiver . Lavrado , parto dentro de duas horas ; e vamos a isto quando quizerem . Sai Assomado .		
Glendower .		
Vamos , vamos , Mortimer : sois tão vagaroso , o quanto precipitado seja Percy , para achar se á caminho . Á esta hora deve está prompto , e á espera de nossas assignaturas : e então , á cavallo, amigo .		
Mortimer .		
Prompto ,senhor .	saem todos .	
Mutação .		
2 ° Quadro .	Londres	
Sala no	Palacio	Real .

XII

Em uma comparação com o texto original, percebe-se que a transcrição tem excesso de espaço, isso foi devido à adaptação feita para se manter o formato estético do manuscrito.

Há duas palavras entre parênteses, cujas, não foi possível uma identificação precisa, devido em uma, ter um carimbo com os seguintes dizeres: “Prefeitura Municipal de Lorena – Museu e Arquivo Municipal” e no seu centro a inscrição, feita provavelmente a caneta, “T.036”. Em uma leitura aprofundada em outras partes do texto, tem-se a hipótese de ser a grafia = “aos”. A segunda palavra a causar dúvida é o pronome demonstrativo “esse”, que devido a uma rasura pode ser lido como “este”.

No lado superior direito da folha, estão os números “5” com um grifo duplo embaixo e o número “1” mais reforçado no referido canto. Surge a hipótese, de que ambos os números, tenham sido usados para demarcar a página, seja pelo escritor/tradutor, ou por alguém que tenha cuidado de seu acervo. Ainda na parte superior da mesma, são observados vários riscos imperfeitos, que se destacam da cor da fonte utilizada por Péricles. Na linha número 11 do manuscrito, na frase transcrita abaixo, percebem-se duas palavras, “ao” e “teu” em destaque na frase, que possuem marcas de terem sido reforçadas pelo poeta durante a tradução de Henrique IV. O mesmo se percebe na linha 13, no final do nome Catharina, também destacado abaixo.

Linha 11:

“[...] tão impertinente emphase **ao teu** jurar , como [...]”

Linha 13:

“[...] Vamos **Catharina** , pragueja como fidalga [...]”

São observados, os nomes de dois personagens presentes no texto de Péricles Eugênio que se diferenciam em comparação com a tradução de *Henrique IV – I* de Barbara Heliodora. Na tradução do escritor, ele utiliza os nomes Catharina e Assomado, para se referir, na tradução de Barbara, a Lady Percy e Hotspur, estando Heliodora mais próxima do original em inglês de Shakespeare.

5. RESULTADOS

Algumas palavras do vocabulário usado por Péricles Eugênio da Silva Ramos possuem características distintas às utilizadas por Barbara Heliodora no mesmo trecho da peça shakespeariana. Para uma melhor análise, segue abaixo o texto de Péricles Eugênio formatado de maneira *corrida*.

Henrique IV – Willian Shakespeare **Tradução: Péricles Eugênio da Silva Ramos** **Peça I – Ato III – Cena I**

[...]

Assomado: Vamos, Catharina; has de cantar também: vamos (aos) teu.

Catharina: Ao meu, não: por quem sou.

Assomado: Ao teu, não: por quem sou?! Doce mel! Praguejas qual uma padeira. “Eu não, por quem sou!”... e, ... “Tão certo vivo eu!”... e, .. “Se Deus quizer!”... e, ... Tão seguro como o dia!” e dás tão impertinente emphase ao teu jurar, como se nunca passaste alem de Finsbury.

Vamos Catharina, pragueja como fidalga como tu és, com um praguejar de encher a bocca; e deixa (esse), - “por quem sou!” e semelhante protestas de meninas de saias curtas, para estas avelludadas e cidadãas domingueiras.

Vamos, cante.

Catharina: Qual! não canto.

Assomado: Pois é a mesma que transformar-se em alfaiate, ou mestres de sabias. Se o tractado estiver.

Lavrado, parto dentro de duas horas; e vamos a isto quando quizerem. Sai Assomado.

Glendower: Vamos, vamos, Mortimer: sois tão vagaroso, o quanto precipitado seja Percy, para achar se á caminho.

Á esta hora deve está prompto, e á espera de nossas assignaturas: e então, á cavallo, amigo.

Mortimer: Prompto, senhor. Saem todos.

Abaixo, se encontra o mesmo trecho, traduzido por Barbara Heliodora.

Henrique IV – Willian Shakespeare

Tradução: Barbara Heliodora

Peça I – Ato III – Cena I

[...]

Hotspur: Silêncio. Ela esta cantando.

(Aqui a moça canta uma canção galesa.)

Vamos, Kate, quero uma canção sua, também.

Lady Percy: Minha, não, palavra.

Hotspur: Minha, não, palavra! Querida, suas juras são como as de mulher de confeitiro – “Você, não, eu juro!” ou “Por minha vida!” e “Que Deus me ajude!” e “Pela luz do dia!”...

Só garante com gaze as suas juras,

Como se nunca saísse de casa.

Jura-me, Kate, como a dama que é,

Algo de encher a boca, e deixa esse “Palavra!”

E tantos outros protestos enfeitados

Para enfeites de roupa de domingo.

Vamos, cante.

Lady Percy: Não vou cantar.

Hotspur: É melhor caminho para virar alfaiate ou ensinar

Passarinho a cantar. Os contratos só ficam prontos daqui a

Duas horas, então venha comigo, se quiser.

(Sai.)

Glendower: Lord Mortimer, o senhor é tão lento

Quanto o Lord Percy queima pra partir:

Deve estar tudo escrito: é só selar

E, depois, a cavalo!

Mortimer: Com prazer!

(Saem.)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o desenvolvimento de uma análise mais profunda sobre a tradução feita por Péricles Eugênio, se faz necessário o conhecimento do contexto histórico e social em que Shakespeare escreveu sua obra, para que em um segundo momento, analisando o contexto de Péricles Eugênio, possa se elaborar uma reflexão mais concisa sobre aspectos semânticos e gramaticais presente em seu texto.

XII

O texto apresentado ainda se encontra em inícios de análise, assim como os manuscritos se encontram em processo de digitalização. O intuito deste artigo foi servir uma primeira amostra do rico material que se encontra no Acervo Péricles Eugênio da Silva Ramos. Embora nas transcrições acima, o texto ainda se mostre lacunar, com a decifração de todos os manuscritos da peça *Henrique IV* feitos por Péricles Eugênio podemos ter uma grande parte da peça traduzida. Contudo, sem saber se a tradução estaria perto uma possível versão final elaborada pelo autor, ou se ainda um primeiro esboço. Que a sequência da pesquisa nos dê respostas mais claras.

7. REFERÊNCIAS

JUNQUEIRA, João Francisco Pereira Nunes. *Uma revisão da poesia de Péricles Eugênio da Silva Ramos: o ritmo como fator construtivo*. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/94174/junqueira_jfjn_me_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 21 de agosto de 2015.

MIRANDA, W. M., SOUZA, E. M. de, (Orgs). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SHAKESPEARE, William. *Henrique IV – I*. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000.

ARTE E POÉTICA DA VIDA E OBRA DO ARTISTA PLÁSTICO MESTRE MESSIAS NEIVA: UMA REFERÊNCIA DE LUTA PELO EMPODERAMENTO SOCIAL.

Este projeto de investigação nasceu na região de Angra dos Reis, Paraty e Mangaratiba/RJ onde, procurou-se conhecer atores sociais, indivíduos engajados no processo de transformação social e promoção da cidadania através da educação, artes, cultura, música, teatro, dança e tecnologias, a fim de promover o empoderamento social. O artista plástico, Mestre Messias Neiva, foi o grande tesouro achado, e tornou-se o objeto desta pesquisa. Nascido na década 1920, filho de escravos, um homem de alma gentil e nobre, dotado de um espírito alegre, criativo e perspicaz, nunca aceitou as imposições e infortúnios. Ao contrário, escreveu uma história de luta por liberdade, igualdade, e dignidade, quesitos negados a um afrodescendente de sua época. Tornou-se um artista plástico de renome nacional e internacional, participando de exposições de suas obras na França, Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Japão, Canadá entre outros países. Todo o sofrimento enfrentado não se transformou em amargura ou lamento, mas sim, em devolutiva e contribuição social, sendo idealizador de importantes projetos no campo das artes e cultura. O objetivo desta pesquisa é investigar a vida do artista plástico, evidenciando a sua trajetória de lutas e conquistas, resgatando a memória social e elaborando a sua biografia.

Palavras-chave: Sociedade, Tecnologia, Arte, Memória Social, Empoderamento.

This research project was born in the region of Angra dos Reis, Paraty and Mangaratiba / RJ where we tried to meet social actors, individuals engaged in the process of social transformation and promotion of citizenship through education, arts, culture, music, theater, dance and technologies in order to promote social empowerment. The artist Master Messiah Neiva, was the great treasure trove, and became the object of this research. Born in the 1920s, the son of slaves, a man of gentle and noble soul, endowed with a cheerful, creative and insightful spirit never accepted the charges and misfortunes, unlike wrote a history of struggle for freedom, equality and dignity denied questions an Afro-descendant of his time. Became an artist of national and international reputation participating in exhibitions of his works in France, England, USA, Germany, Japan and other countries. All the suffering faced not turned into bitterness or regret, but in devolutiva and social contribution, and creator of important projects in the field of arts and culture. The purpose of this research is to investigate the life of the artist, showing its path of struggle and achievements, rescuing the social memory and preparing his biography.

Key-words: Society, Technology, Arts, Social Memory, Empowerment

INTRODUÇÃO

A proposta de investigação nesta pesquisa é resgatar a memória social, delineando a história e influência da vida do Mestre Messias Neiva, contada através de suas obras de arte e poesias e devolutiva social, realizado através do Ateliê e Espaço Cultural Mestre Messias Neiva, espaços esses de formação não formal, que oferecem diversos cursos profissionalizantes, para atender à demanda social e dar condição de acesso à formação à população mais carente e de baixa renda, principalmente adolescentes e jovens que, por falta de oportunidades, acabam ingressando na prostituição e tráfico de drogas.

A Cidade de Conceição de Jacareí é o segundo distrito de Mangaratiba, ficando situada entre o município de Angra dos Reis a 133 quilômetros da capital do Rio de Janeiro. Nessa pequena cidade de três mil habitantes as atividades econômicas giram em torno do comércio, turismo e transportes marítimos, sendo um lugar com um grande fluxo de turistas oriundos da Baixada Fluminense, que chegam por meio de transporte público, o qual é acessível e barato. Recebe também um enorme contingente de turistas estrangeiros que ficam hospedados em resorts, hotéis e pousadas da região.

A classificação desta pesquisa é de cunho etnográfico, baseado na observação e maneira de se conhecer a sociedade ou a cultura, para culminar na sua reconstituição. A inquietação que moveu o espírito investigativo foi identificar a relação entre a comunidade e o ilustre morador e encontrar as respostas para algumas indagações como: será que os moradores sabiam de sua existência e conheciam a sua história? Quantos já haviam visitado o ateliê e apreciado as obras de arte? Será que as escolas sabiam que na cidade tinha um ateliê a ser visitado, onde os professores poderiam levar seus alunos e apreciar telas que já foram expostas em diversos lugares do mundo? E quais os motivos de o ateliê não estar na rota do turismo de Mangaratiba? E o que faz o Centro Cultural Messias Neiva, como catalisador de mudança social?

No discorrer do artigo, a problematização será respondida com as devidas pontuações e resultados obtidos. Tendo como objetivo dessa pesquisa etnográfica abordar a questão social do artista, a sua formação e uma breve biografia do mesmo. Sabe-se que tudo passa pela arte, pois as coisas que temos no mundo antes de existirem foram sonhadas. Em um país em que a educação e cultura não são valorizados, demanda um forte espírito de coragem para não deixar morrer a alma poética. Respaldo em Rollo May (1982) para definir a coragem de criar:” *Ou será que, devemos lançar mão de toda a coragem necessária para preservar nossos sentimentos, nossa consciência e responsabilidade ante a mudança radical? Participar conscientemente, mesmo em*

pequena escala, da formação da nova sociedade?”(p.8)

A transmissão oral imposta pela colonização e escravidão aliadas à moral e à fé cristã foram motivos de impedimento ao acesso da população brasileira à escola. Neste contexto os afrodescendentes, desde os tempos do Brasil colônia sofreram com a exclusão social e a falta de oportunidades a acessos a bens culturais. O Mestre Messias Neiva nasceu no ano de 1925, e sua família era extremamente pobre, segundo relatos do artista sua mãe pedia esmolas para sustentar os filhos. Desde o nascimento enfrentou privações diversas, sua trajetória foi marcada por muitos desafios, a começar por seus cinco anos de idade, quando foi entregue a tia paterna juntamente com a irmã.

Um recorte cronológico da vida do artista será apresentado, para descrever fatos interessantes, e muitos deles contados através de pintura em telas, outras em forma de poesias e poemas. Coletar a história oral é coletar a história de vida de um indivíduo, e isto é um instrumento privilegiado que abre novos campos de pesquisa. Desta forma, a relevância deste trabalho é inquestionável, pois amplia de forma prática e contundente os conceitos estudados no curso de Tecnologia, Sociedade e Formação de Professores, criando um paralelo entre a sociedade de 1925 e a do Século XXI, com a transmissão oral de alguém que retrata com propriedade os aspectos sociais do Brasil em tempos idos. *“(…) quer saibamos ou não, quer aceitemos ou não, somos parte da história, e todos desempenhamos nela um papel.” (BORGES, 2005,p.48,).*

Pela riqueza histórica e detalhes delineados, esta pesquisa questiona as razões do Mestre Messias Neiva, tão representativo e com marca registrada no Brasil e exterior, ocupando a cadeira de diversas Academias de Letras e Artes, não ser conhecido e valorizado pelos órgãos oficiais de Mangaratiba, tanto em nível do turismo cultural, quanto na valorização da cultura local, visto que suas telas não são visitadas e estudadas pelos programas escolares e para o cidadão comum.

Para respaldar a presente pesquisa etnográfica, houve um primoroso trabalho de cinco meses de pesquisa de campo. A busca pelo objeto de pesquisa se deu entre os meses de agosto e setembro de 2014, e o encontro com o mesmo, aconteceu num evento artístico e cultural, uma Gincana de Artistas Plásticos do Rio de Janeiro, presentes para pintar em telas, as paisagens da praia de Conceição de Jacareí/Mangaratiba/RJ e finalizando o acontecimento, houve uma exposição no ateliê do Mestre Messias Neiva. Desta forma, ocorreu o primeiro contato com o artista plástico e daí por diante, quinzenalmente cumpriu-se uma roteiro de entrevistas,

conversas, filmagens, fotografias, passeios, solenidades vivenciando e mergulhando num universo cultural riquíssimo para elucidar a história, a fim de produzir a sua biografia.

1- A QUESTÃO SOCIAL DO ARTISTA

A década de 1920 é o período chamado de entre guerras (1919-1939) e, especialmente no Brasil, o Estado Novo de Getúlio Vargas. Buscando resgatar a memória social do artista com o intuito de reescrever detalhes e beleza de uma época com poucos registros, fez-se necessário ouvir relatos e depoimentos tendo em vista escrever a sua história. Um fato curioso, é que o artista nasceu quatro anos depois da morte da Princesa Isabel (1921). E da Libertação dos escravos em 24/05/1888, até o seu nascimento, havia apenas 37 anos. Seus bisavós e avós nasceram no cativo e experimentaram a dureza da escravidão. Messias celebra seu nascimento fora da escravatura e que lhe traz muito orgulho de ser filho da liberdade, diz ele:

Para mim, liberdade é mais do que um símbolo que carrego no coração. Talvez seja por eu ser descendente de cativos. Daí esse amor tão grande por Liberdade. O mundo inteiro, sem distinção de raça, cor ou religião, anseia por ela. Às vezes, até confundo a liberdade da qual eu falo, com o nome do lugar onde nasci, seja lá como for: Carabuçú, Liberdade, Bom Jesus... Agradeço ao meu Bom Jesus por ter nascido lá.(p,86)

Messias Neiva, nasceu em 21/12/1925 na Fazenda da Liberdade, em Carabuçú, município de Bom Jesus de Itabapoana/ES. Filho dos lavradores José Flauzino e Sebastiana Neiva. Em 1932, passava pelas fazendas algumas caravanas recrutando homens com alguma espécie de dívida com a sociedade, para lutar como soldado na Revolução de São Paulo, também conhecida como Revolução Constitucionalista. Quem sobrevivesse no combate, em troca receberia a liberdade e continuaria como soldado do governo. Como a revolução durou apenas três meses, e tendo ele chegado ao fim da mesma, o Sr. José Flauzino logo partiu para a Revolta Mineira (1935). Assim o Sr. Quinca Moreira, perdera definitivamente seu melhor enxadeiro do eito de café.

Neste interim dona Sebastiana e seu novo companheiro juntamente com os quatro filhos deixaram a Fazenda Liberdade mudando-se para o povoado conhecido como Córrego da Chica,

com uma vida de extrema pobreza, a moradia era plantada às margens do córrego, um casebre de pau-a-pique coberto de sapê e desprovido de água, luz e benfeitorias básicas para oferecer o mínimo de conforto à família. *“A história é filha de seu tempo”*. (Borges, p.56,2005) Delineando a história, percebe-se dois marcos que foram os divisores de água na vida do artista plástico entre a fase da infância e da adolescência, sendo em 1930, aos cinco anos de idade, seus tios maternos Juquinha e Pitica foram visitar sua mãe e por insistência dele em ir embora com os tios, a mãe permitiu, aliás, não apenas ele, mas também sua irmã Jacira. com os tios, a mãe permitiu, aliás, não apenas ele, mas também sua irmã Jacira. Afirma o artista:

“Eu não sabia que jamais voltaríamos aquele barraco, que mais parecia um ninho de amor e felicidade. Pois embora desprovido de água, luz e demais conforto, era ele o palácio dos nossos sonhos. Mesmo sendo um único cômodo, seguido de uma varanda, erguido com pau- a -pique e coberto com sapê” (NEIVA, 2002, p27).

Aproximadamente aos 12 anos de idade encontrou pela última vez a sua mãe, que ao viajar quase 500 km a pé, ao ver os filhos, foi tomada de tamanha emoção que desmaiou, o encontro foi breve, mas intenso e cheio de demonstração de amor, uma verdadeira nuance de derradeira despedida, o que realmente o foi. As marcas indeléveis desse encontro deixou registrado em sua mente e coração as últimas palavras de sua mãe: *“Nunca se esqueça de sua mãe. quando você crescer me procure.”* (p.32). Segundo o artista, nunca teve a oportunidade de reencontrar sua mãe, pois a mesma sofria com ataques epiléticos e de tempo em tempo, saía de casa sem destino, ficando desaparecida, até que um dia sumiu e nunca mais foi encontrada, embora os parentes a tenham procurado. Declara: *Eu tenho uma tristeza em relação a minha história familiar que foi muito intranquila e acidentada, meu pai abandonou minha mãe e nos tirou dela, no amor um homem constrói uma família e no desamor a destrói.”*

Em 1940, foi levado por recrutadores para o Rio de Janeiro, a fim de trabalhar em construções. Ao desembarcar na cidade maravilhosa, o adolescente pobre e simples, tomado de encanto e êxtase pela beleza da cidade. Todavia sua trajetória foi mais difícil do que podia imaginar. Seu primeiro emprego como operário foi em Vargem Pequena (Zona Oeste/RJ), trabalhava num campo pantanoso levando água para os homens que fabricavam tijolos num sol escaldante.

Radicou em Duque de Caxias/RJ por mais de cinquenta anos. Sua disposição para o trabalho sempre foi algo notável, na época como não havia novas tecnologias para a impressão

gráfica, usou seu talento artístico e começou a pintar faixas para as lojas do comércio, como para propagandas políticas. Assim foi despontando no ramo e sendo reconhecido como o melhor pintor de letras da região, o que logo abriu oportunidades de outros tipos de pinturas, chegando a ser intitulado “Pintor dos Anjinhos” uma das principais características de seus quadros.

1- A FORMAÇÃO DO ARTISTA: DA A ARTE INGÊNUA À ARTE CLÁSSICA

Desde a infância denotava uma inteligência privilegiada, sendo chamado de menino prodígio, demonstrado pelas habilidades para arte e articulação para recitar e compor poesias, sem contar o espírito alegre e sagaz que a todos conquistava. Ressalta o artista, que ao ingressar na escola sempre desenhava em seus cadernos as imagens de bois, vacas e outros animais da fazenda. Na visão do educador Paulo Freire, a criança é um sujeito de cultura e ganha erudição dos conhecimentos através das vivências dos conteúdos de mundo, presentes em seu contexto.

Messias Neiva trabalhou na cidade de Duque de Caxias/RJ, destacou-se como pintor de letreiros e por seu talento teve a oportunidade de ingressar no Liceu de Artes e Ofício do Rio de Janeiro (1949-1950), onde recebeu a formação culta em desenho, que o capacitou no campo da arte. Teve como mestres os ilustres pintores, Levino de Araújo Vasconcelos Fânzeres (1884-1956), famoso por pintar crepúsculos, sendo um renomado paisagista e Augusto José Marques Júnior, diretor e professor ocupando a cadeira de anatomia na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. No Liceu foi aluno destaque, recebendo a Primeira Menção Honrosa (1950) a entrega do título honorífico foi no Teatro João Caetano.

Estudou na Colmeia dos Pintores, fundado por Levino Fânzeres em 1916, chegando a ser professor de desenho de letras, ganhou a medalha de prata de primeiro lugar em desenho sólido (1951), entregue na Associação dos Jornalistas/RJ. Com a devida formação acreditou em seus sonhos e fundou o primeiro Ateliê de Pintura em Duque de Caxias, sendo o primeiro professor a dar aula de artes (1960). Seu ateliê estava localizado próximo à fortaleza do lendário Tenório Cavalcanti, o conhecido “homem da capa preta”, o que possibilitou a amizade com sua filha Maria do Carmo Forte, assim juntos fizeram uma exposição em Copacabana/RJ na galeria da atriz Neusa Amaral.

A princípio, dos 13 aos 24 anos sua arte foi considerada NAIF, segundo a Enciclopédia Itaú Cultural pelo vocabulário artístico, a arte NAIF é o sinônimo de arte ingênua, original e/ou

instintiva produzida por autodidatas que não tem formação culta no campo das artes.

Como pintor clássico ou semi-clássico, Mestre Messias dedicou a sua vida à arte, por seu talento excepcional, o reconhecimento do seu talento ficou evidente, sendo convidado para diversas exposições no Brasil e exterior. Saindo do âmbito nacional em 1961 viajou para Atlanta/EUA e em Nova York administrou aulas de pintura em diversos locais e universidade, inclusive no Colégio Exchange, recebeu uma carta de agradecimento pela contribuição à cultura norte-americana.

Expos suas telas no Canadá, França, Alemanha, Japão entre outros países. Na década de 70 trabalhou na Praça General Osório em Ipanema/RJ, juntamente o amigo e pintor Romanelle, depois de alguns anos montou seu ateliê na av. Nossa Senhora de Copacabana, onde até hoje mantem a sua galeria de arte. Por sua perspicácia e inteligência, usou seu lado de publicitário, fez o marketing de seu trabalho, procurando divulgá-lo, onde tivesse pessoas que apreciavam obras de arte. Em toda história de sua vida, nunca cruzou os braços ou se deixou vencer pelas dificuldades, afirma Messias que pintou mais de duzentas telas para comprar a sua propriedade em Conceição de Jacareí (1984), onde fixou residência e montou seu ateliê definitivo. Ao lembrar-se de sua trajetória, relatou o sonho de fazer uma devolutiva e contribuição social, como forma de agradecimento por tudo que conquistou através da arte. Sua filha Shirley Neiva junto com os atores sociais e políticos de Mangaratiba se engajaram para realizar o sonho do pai. Desta forma em 08/06/2015 foi inaugurado o Espaço Cultural Mestre Messias Neiva. Em julho/2015 os órgãos oficiais da Costa Verde, fizeram uma reformulação do Guia Cultural da Costa Verde, incluindo o ateliê do artista que está registrado na página 158.

Em 07/08/2015 a Fundação Mário Peixoto inaugurou a criação do Salão Nacional Messias Neiva de Artes Visuais no Museu de Mangaratiba. No evento o artista fez um discurso citando grandes nomes de artistas que contribuíram para a cultura de Mangaratiba, e a sua gratidão por receber o reconhecimento de sua arte ainda em vida. Recebeu das mãos do prefeito e da presidente da cultura uma homenagem e logo após a inauguração de sua sala.

1- RESULTADOS, DISCUSSÕES

Para proceder a presente análise, utilizou-se como parâmetro, diversas referências bibliográficas, como também um roteiro de entrevistas, gravações de vídeos e fotografias.

Respaldo na análise das entrevistas, depoimentos, vídeos, fotos, e livro de poesia acerca da vida do artista foram reunidos os devidos registros, o que possibilitou fazer um recorte cronológico criando uma linha de tempo com os principais fatos de sua vida, o qual foi descrito na seção número 1 sob o título de: A questão social do artista, que descreve desde o nascimento (1925) até a idade adulta, quando mudou-se do Espírito Santo para o Rio de Janeiro. Na seção 2: A formação do artista: Da arte ingênua à arte clássica, relata desde a condição de pintor NAIF à pintor semiclássico, sua formação no Liceu de Artes e Ofício do Rio de Janeiro e nas Escola Nacional de Belas Artes(1950).Descreve também o ápice de seu reconhecimento como artista plástico aos 89 anos, o que não é comum acontecer, pois a maioria dos pintores, só tiveram reconhecimento após a morte. Entre tantos momentos memoráveis, como exposições em vários países do mundo, recebimento de medalhas e títulos honoríficos, o que mais lhe trouxe alegria foi ganhar uma sala com seu nome e obras no Museu de Mangaratiba (Fundação Mário Peixoto).Importante ressaltar que através de ações comunitárias e políticas, aconteceu a inauguração do Espaço Cultural Messias Neiva em 08/06/2015, local este, que atualmente oferece treze cursos, entre eles muitos profissionalizantes, a fim de contribuir com a melhoria de vida da comunidade de Conceição de Jacareí/RJ. Outra data marcante foi a inclusão do Ateliê Mestre Messias Neiva na rota do Turismo da Costa Verde (07/2015).Tudo isto, veio contribuir para a divulgação do nome do artista não somente na comunidade local, mas em toda região da Costa Verde, que abrange: Muriqui, Mangaratiba, Angra dos Reis e Paraty. Assim todo cidadão comum pode visitar suas obras, se aproximando da arte e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para fechar a pesquisa e escrever a biografia do artista fez-se uma linha do tempo dos principais momentos da vida de Messias Neiva. Todos os dados são registros verídicos gravados através de vídeos e fotografados no ateliê Mestre Messias Neiva e após esta pesquisa etnográfica todo conteúdo foi doado, passando a compor o acervo do artista, inclusive esta investigação científica.

A priori, resgatar a memória social do artista foi necessário identificar e levantar as fontes de consulta sistematizando dados e informações que geraram o texto que é a substância expressa deste trabalho. Alguns vieses foram identificados, os quais abarcam a questão da arte e cultura, que perpassam pela falta de apoio e valorização na sociedade brasileira, e somente

através dos movimentos sociais e seus atores, é que tem sido possível dar voz e fazer valer a cultura local e elevar seus artistas, que em alguns casos tem maior reconhecimento internacional em detrimento ao nacional.

Outro ponto faz alusão à luta do negro contra o preconceito, tanto na sociedade do século XX e XXI. O legado que o Mestre Messias Neiva deixa para as gerações, está expressa em suas obras, onde comunica com o público, a esperança e fé na democracia, assim além de ser o pintor dos “anjinhos”, em sua pintura pode-se contemplar personagens de cor branca e negra, como símbolo que é possível viver com respeito e igualdade.

“Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano. (MORIN, 2005 p.47)

REFERÊNCIAS

- ALIENDE, Felipe; CONDEMARIN, Mabel. **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- BOMTEMPO, Luiza. **AMAE Educando**. Belo horizonte, ano 37, n.321, p.41-44, março, 2004.
- BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 4.ed. São Paulo: Makron Books, 1994.
- CURY, Constantino. **Dicionário de artistas plásticos brasileiros**. 1ª ed. São Paulo: Cury Arte Brasil, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.
- GADOTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1999. GEBARA, Ana Elvira.
- GARDNER, Howard. **Mentes que mudam: a arte e ciência de mudar as nossas ideias e as dos outros**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- JÚNIOR, Marques: **Do desenho de modelo-vivo e seus problemas. Tese de concurso**. Escola Nacional de Belas Artes, 1950.
- LAJOLO, Marisa. **Palavras de encantamento**. São Paulo: Moderna, 2001.
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed.rev.ampl. São Paulo: Atlas, 1991.
- MAY, Rollo. **A coragem de criar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- NEIVA, Messias. **O Piralho**. Rio de Janeiro, 2002.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. **Guia Cultural da Costa Verde**. Rio de Janeiro, 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 10 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.

SILVA, José Maria da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos : normas e técnicas**. 4 ed. Juiz de Fora: Tempo, 2006.

O WEBDOCUMENTÁRIO COMO FONTE DE ESTUDO PARA ALUNOS DO CURSO DE SEGURANÇA DO TRABALHO

RESUMO

O estudo busca evidenciar a importância de produções audiovisuais, com apoio de mídias digitais para aprendizado de alunos de cursos técnicos. Com ênfase no curso de segurança do trabalho o artigo se justifica a partir da necessidade de apresentar situações que sirvam de aprendizado para os alunos, utilizando tecnologias disponíveis para potencializar o desenvolvimento de novas ideias, a fim de incentivar profissionais e tornar aptos os estudantes para o mercado de trabalho. A metodologia realizou-se por meio de pesquisas bibliográficas à luz de Bauer (2011).

Palavras-chave: Webdocumentário, Profissões Perigosas, Curso Técnico e Segurança do Trabalho.

ABSTRACT

The study seeks to demonstrate the importance of audiovisual productions, with support of digital media for learning technical courses students. With an emphasis on work safety course the article is warranted from the need to present situations that serve as learning for students using available technologies to enhance the development of new ideas in order to encourage professionals and students become able to the labor market. The methodology took place through literature searches the light Bauer (2011).

Keywords: Webdocumentário: Dangerous Professions, Technical Course and Safety

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o Ministério da Previdência Social (2011), registrou-se no país, em 2011, cerca de 711.164 acidentes e doenças do trabalho entre trabalhadores assegurados. Estes números chamam atenção para vários fatores: a saúde pública no Brasil, a medidas preventivas a doenças ocupacionais e acidentes no trabalho, a aplicação das Normas Regulamentadoras de Segurança e Saúde no Trabalho e o respeito ao limite de cada trabalhador.

Profissões insalubres e de alta periculosidade mesmo sendo serviços assegurados não são muito disputadas no mercado de trabalho atualmente, por causa do perigo que muitas profissões proporcionam e a total desvalorização da sociedade perante esses trabalhadores.

Nos Cursos Técnicos em Segurança no Trabalho é de extrema importância o estudo destes temas e conceitos pertinentes à atividade laboral, ao meio ambiente no trabalho, às profissões insalubres e de alta periculosidade. O desenvolvimento deste estudo e seu aperfeiçoamento também depende de práticas, levando o aluno a vivenciar a situações de conflito e a treiná-lo para medidas preventivas e protetivas a rotina de trabalho do trabalhador.

A partir disso, nota-se a importância em desenvolver produtos audiovisuais, capazes de exemplificar a rotina de um profissional de risco, da ação de medidas de segurança dos órgãos fiscalizadores e executivos, como, por exemplo, o Ministério do Trabalho, o Ministério da Previdência Social e entre outros órgãos.

Por meio de um webdocumentário, pode-se levar informação aos estudantes, implementando aulas e contribuindo para suprir dúvidas que possam ter surgido em aulas teóricas sobre o tema em questão e tem como finalidade a transmissão de valores, conceitos e conhecimento do tema .

Logo, este artigo tem como foco estudar a importância em se produzir conteúdos de análise para os estudantes do curso de segurança do trabalho, afim de potencializar o ensino, sabe-se que os cursos técnicos e profissionalizantes são portas de entrada para o mercado de trabalho, e é de extrema importância preparar os alunos para enfrentar os obstáculos e caminhos que encontraram pela frente.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL

A sociedade brasileira tem passado por várias mudanças, ocasionadas por fatores econômicos, ambientais e mercadológicos, que por sua vez atuam no processo organizacional do país, a partir disso, a educação pode ser considerada como uma grande ferramenta de planejamento para se construir um país, com diversos tipos de profissionais habilitados para as mais variadas situações. Dessa forma, é possível ter profissionais capacitados para lidar com as mudanças e necessidades existentes de uma nação.

De acordo com uma pesquisa realizada em 2014 pela Confederação Nacional da Indústria (CNI, 2014 apud PORTAL, 2014) relata que 90% dos entrevistados acreditam que pessoas com formação no Ensino Técnico têm mais chances de se posicionarem melhor no mercado de trabalho do que as que se formaram apenas com Ensino Médio. Essa pesquisa nos dá base de que os brasileiros têm se informado melhor em relação à educação profissional no Brasil e têm entendido que a educação abre portas para outras experiências.

Historicamente, a educação profissional tem uma longa trajetória, existem indícios de que surgiu em 1809 com a criação do Colégio das Fábricas, pelo Príncipe Regente, futuro D. João VI. Desde então, a partir do século XIX, foram surgindo

instituições privadas, que tinham como objetivo alfabetizar e ensinar ofícios da época para crianças pobres e órfãs.

[...] a formação de trabalhadores e cidadãos no Brasil, constituiu-se historicamente a partir da categoria dualidade estrutural, uma vez que havia uma nítida demarcação da trajetória educacional dos que iriam desempenhar funções intelectuais e instrumentais, em uma sociedade cujo desenvolvimento das forças produtivas delimitava claramente a divisão entre capital e trabalho traduzida no taylorismo-fordismo como ruptura entre as atividades de planejamento e supervisão de um lado, e de execução por outro. (ESCOTT, Clarice Monteiro. MORAES, Márcia Amaral Correa. apud KUENZER, 2007, p.27).

A educação profissional tomou forças no Brasil a partir do ano de 1909, quando a industrialização começava a se estabelecer, neste mesmo ano é assinado um decreto sob a jurisdição do Ministério de Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio que deveriam ser criadas 19 escolas de aprendizes para ensino profissional, primário e gratuito. No ano de 1930, o Ministério da Educação e Saúde Pública passou a supervisionar as escolas e, a partir daí, o desenvolvimento industrial foi-se expandindo, impulsionando a criação de novas escolas profissionais públicas e especializações de novas escolas industriais, a fim de aperfeiçoar os trabalhadores para se construir um país melhor.

2.2 LINGUAGEM MUDIÁTICA NA EDUCAÇÃO

As ferramentas midiáticas podem ser usadas atualmente como meio de transmissão de conhecimento, a partir do acesso e barateamento de grande parte do aparato tecnológico é possível disseminar conhecimento e cultura para toda sociedade. Por meio de alguns veículos de comunicação pode-se trabalhar com distintos âmbitos na educação, vários são os estudos realizados a fim de inserir meios pedagógicos aliados a ferramentas midiáticas que visam potencializar o aprendizado do aluno.

As mídias alternativas configuram-se em processos de produção midiática que se identificam com processos de resistência, e podem configurar-se como possibilidades de transformação social, e mesmo de subversão das relações de produção e recepção (SOUZA; OLIVEIRA, 2012, p.40).

A linguagem desenvolvida pelo ser humano é uma linguagem recheada de símbolos e signos que decodificados resultam no processo de comunicação, com o decorrer dos anos, a transmissão de informação passou por um processo de evolução até

chegar aos dias atuais. Para facilitar a transmissão de conhecimento, pode-se substituir a linguagem oral, que é facilmente deformada e com o passar dos anos sofre alterações, pelo uso de mecanismos que podem perpetuar a representação da realidade ou da informação que deseja transmitir.

“A linguagem midiática fornece símbolos, mitos e recursos que contribuem na formação de uma cultura representativa de um grande número de indivíduos” (SOUZA; OLIVEIRA, 2012, p.18).

Educomunicação é o termo usado para exemplificar o uso da comunicação e os meios que ela disponibiliza para produzir canais de aprendizagem para o aluno, este termo busca estudar a importância da utilização de mídias no contexto educacional. A partir de estudos realizados, Gaia (2001) chegou à conclusão que o uso de mídias em salas de aula promove maior aproveitamento das matérias. A fim de transformar a informação midiática em conhecimento educacional, por meio da educomunicação é possível estimular debates e alimentar culturalmente o educando.

Na Teoria Educacional, durante muito tempo a força dos textos da mídia foi ignorada pela escola, sendo tais textos relegados à área do entretenimento. Esse quadro foi mudado, porque a atuação cada vez mais onipresente de alternativas midiáticas na vida dos estudantes fez com que a escola revisse algumas questões e passasse a trabalhar a partir de novos conceitos, como medialidade e intermedialidade (GAIA, 2001, p.34).

3 CONCEITO DE INTERNET

Atualmente, cerca de 48% dos brasileiros usam a Internet regularmente, segundo dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (PBM, 2015 apud PORTAL, 2014) divulgada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Essa porcentagem representa quase a metade do nosso país, além disso, o percentual de pessoas que usufruem da Internet todos os dias cresceu cerca de 26% no ano de 2014 (PBM, 2014 apud PORTAL, 2014) para 37% no ano de 2015 (PBM, 2015 apud PORTAL, 2014), os números mostram que esse é um crescente desenvolvimento e tende a evoluir com o decorrer dos anos.

A internet é um conjunto de redes de computadores que funcionam interligados pelo mundo inteiro, tendo em comum o conjunto de protocolos e serviços, de tal forma que os usuários, a ela conectados, podem usufruir serviços de informação e comunicação de alcance mundial (NPPI, 2004, p.26)

O excesso e a agilidade na informação, nos dias de hoje, é possível graças a Internet, criada na década de 60 pela agência norte-americana *Advanced Research and Projects Agency* (ARPA – Agência de Pesquisa e Projetos Avançados), segundo Ferrari (2004), com a finalidade de conectar os computadores para pesquisa de informações que beneficiassem a comunicação emergencial entre o serviço militar dos Estados Unidos da América (EUA) caso o país fosse atacado..

Na *Web*, pode-se encontrar qualquer tipo de material, desde vídeos, fotos, arquivos, documentos, áudios e músicas que são normalmente disponibilizados em *sites*, *blogs* e plataformas *on-line*. Por meio do acesso privado ou público, é possível fazer *downloads* desse tipo de materiais, pode-se utilizá-la tanto para o lazer quanto para o trabalho, a Internet tem feito parte da vida de muitas pessoas neste mundo, é possível se manter conectado 24 horas por dia, antenados nas informações e acontecimentos pelo mundo a fora.

O processo de informatização acarretou uma outra maneira do homem se relacionar com o mundo. O homem terá de dar conta, agora, de um mundo cada vez mais virtual, mais rápido, e mais globalizado (NPPI, 2004, p.25).

Contudo várias questões foram alavancadas com a ascensão da Internet, alguns mercados foram abalados como, por exemplo, o fonográfico em decorrência a disponibilidade de arquivos em MP3 de forma gratuita, tornando assim o número de vendas menor, os jornais impressos também foram estremecidos pelos portais de notícias *on-line*, em decorrência a praticidade de se acessar sem custos as notícias do dia a dia de qualquer região. Pode-se dizer que a Internet também abalou os meios de comunicação: ela dividiu o público da TV e do rádio, modificando assim não só um mercado, mas uma sociedade que aceitou de forma relativamente “fácil” toda agilidade e praticidade que a Internet proporciona.

4. CLASSIFICAÇÃO DE WEBDOCUMENTÁRIO

As novas tecnologias podem ser consideradas responsáveis por criar um novo formato audiovisual, a partir da necessidade de se produzir documentários com conteúdos interativos e participativos a fim de melhor informar e prender a atenção dos internautas, um público relativamente distinto em relação aos telespectadores encontrou-se no webdocumentário um novo formato para potencializar a compreensão de aspectos referentes ao mundo em que vivemos.

Segundo Bauer (2011), em decorrência do barateamento dos equipamentos de captação e edição de imagens tornou-se mais cômodo produzir conteúdos para Internet, essa facilidade trouxe para os dias de hoje mais autores capazes de colocar em prática seus projetos audiovisuais.

O meio de comunicação que mais se pode esperar interação nos dias de hoje é a Internet e grande parte dos webdocumentários tem essa característica, interatividade e dinamismo, que influenciam o internauta a opinar acerca do conteúdo apresentado e a cultivar pensamentos críticos.

A hipertextualidade é uma característica que assume presença nos webdocumentários promovendo autonomia ao internauta. Entende-se por hipertexto os links da Internet que o encaminham para páginas que possuem mais informações sobre o tema proposto no webdocumentário, esse hipertexto tem a capacidade de apresentar ao internauta ângulos distintos referentes à informação transmitida.

Já a hipermídia segue o mesmo sistema do hipertexto, capaz de levar o internauta a navegar por distintas mídias, por exemplo: vídeos, gráficos, sons e imagens que podem ser acessados a qualquer momento. Esses recursos facilitam a pesquisa de informações para os internautas.

A mídia digital, nascida graças aos avanços tecnológicos e à solidificação da era da informação, consegue atingir o indivíduo digital, um único ser com suas preferências editoriais e vontades consumistas, um cidadão que cresceu jogando videogame e interagindo com o mundo eletrônico. Os jovens entre 18 e 25 anos são hoje os potenciais consumidores da mídia interativa. São eles que se sentem atraídos por um amplo leque de recursos vão desde compras *on-line*, *home-banking*, jogos, entretenimentos, até um acesso direto às oportunidades de pesquisa e educação à distância. (FERRARI, 2004, p.53)

O estilo narrativo não linear é usado com mais frequência, a partir da ideia de interatividade nos webdocumentários, vê-se a importância da não linearidade em suas produções, dar autonomia ao internauta para escolher o início, o meio e o fim dos trechos que deseja assistir, o leva a diferenciar do modelo linear que normalmente é seguido pelo cinema e a TV, em que o conteúdo é consumido em uma respectiva ordem.

A não linearidade é, então, resultado da convivência e inter-relação de pequenos trechos narrativos lineares, por meio dos quais o internauta faz seu caminho. Quando se lembra que, de acordo com Murch, no cinema “o trabalho de edição não é tanto o de colar pedaços, mas muito mais o de achar o caminho” (2004:15), fica evidente que, nos projetos webdocumentais interativos, o internauta assume, em parte, o papel de montador/editor (BAUER, 2011, p.93).

Vários países no mundo têm produzido webdocumentários e, segundo Spinelli (2013), os produtores de maior destaque atualmente são a França e o Canadá e no Brasil as maiores produções são realizadas pela Agência Brasil que existe desde 2013 e é mantida pelo governo, já o *site* Webdocumentário produzido pela *Cross Content*, uma produtora brasileira, disponibiliza informações de pesquisa para webdocumentários nacionais e internacionais.

Para se estruturar um webdocumentário é preciso estudo e pesquisa acerca do tema que será abordado, o contato com a realidade do tema é imprescindível, trabalhar o desenvolvimento narrativo do roteiro webdocumentário a fim de se ter uma lógica narrativa, obter conhecimento referente à parte técnica: captação de imagens de acordo com o assunto proposto, escolha dos sons e imagens para *inserts* das respectivas cenas e organizar as informações midiáticas que envolveram o webdocumentário fazem parte dessa estruturação do produto.

Nota-se que para a produção de um webdocumentário é necessário grande apoio das mídias digitais, elas irão caracterizar o formato diferenciando-os dos documentários, o webdocumentário visa tratar de forma criativa as experiências e busca apresentar seu conteúdo de forma não linear, ele utiliza da linguagem documental e modifica-o para a Internet. O experimentalismo é a palavra mais usada quando se envolve a produção de webdocumentários, pois, ainda não existem teorias e nem conceitos comprovados acerca dessa mídia, porém vários estudos são realizados para aperfeiçoamento do mesmo.

5. O TÉCNICO EM SEGURANÇA DO TRABALHO

O Ministério do Trabalho (2015) quantificou de janeiro a março de 2015 mais de mais de 26.000 ações fiscais em Saúde e Segurança do Trabalho no Brasil, que se resumem na ação de fiscalizações realizadas pelos profissionais da área a fim de saber se as empresas e trabalhadores têm cumprido com suas leis e deveres. Foram quantificados mais de três milhões de trabalhadores, os auditores-fiscais do trabalho fizeram 16.545 notificações, autuaram 25.902 empresas e 1.108 foram embargadas (interditadas). Foram analisados pelos auditores 398 acidentes.

Todo esse processo foi realizado e avaliado por profissionais da área de Segurança do Trabalho que atuam com ações de prevenção a vida dos trabalhadores,

eles também avaliam o controle de riscos ambientais, Normas Regulamentadoras (NRs), desenvolvem ações de conscientização e fiscalização no uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) e Equipamentos de Proteção Coletiva (EPC) essenciais para obras, fábricas e empresas. O mercado de trabalho tem colocações amplas para este tipo de profissional, eles podem atuar em empresas públicas e privadas, indústrias, hospitais, mineradoras, área rural e construção civil.

A Previdência Social (2014, apud CARDOSO, 2015) no Ceará contabilizou que cerca de R\$ 10,7 milhões foram gastos em 2014 com trabalhadores acidentados, as despesas com salário de aposentados, auxílio-doença e auxílio-acidente chegaram a beneficiar, em média 11,7 mil trabalhadores cearenses no ano passado.

Dessa forma nota-se a importância de um profissional da área para ajudar a gerenciar esses fatores, que afetam em muito a economia e o desenvolvimento do país. Considera-se que acidente no trabalho é a doença adquirida no ambiente de trabalho, por causa do ambiente de trabalho e no trajeto da residência ao trabalho estes tipos de agravos devem sempre ser analisados pelo profissional de Segurança no Trabalho, pois o acidentado ou doente não é o único prejudicado, a empresa chega a perder o trabalho que o indivíduo poderia estar oferecendo e a família que se sustenta com o trabalho do acidentado ou doente também pode ser prejudicada.

5.1 PROFISSÕES DE RISCO E AS NORMAS REGULAMENTADORAS

(N

R) A necessidade de evoluir faz parte da vida do homem moderno, e um dos melhores meios para conseguir uma significativa evolução é com muito trabalho duro. Alguns trabalhos podem ser desgastantes e outras profissões perigosas, mas são de grande importância para que a evolução no mundo dê continuidade. Em algumas profissões é necessário um cuidado maior para o desenvolvimento de cada tarefa para que o profissional não coloque em risco sua integridade física e mental.

As profissões podem ser classificadas como ato ou ação de trabalho que requer retribuição econômica, a palavra ocupação pode melhor classificá-la, uma profissão pode ser regulamentada por normas administradas pelo Ministério do Trabalho ou conselhos e comissões que denominam requisitos necessários para se exercer a profissão perante a sociedade, avaliando competências e especialidades que compõem o trabalho.

De acordo com a professora da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e psicóloga Juliana Camilo (2014, p.1), em sua publicação no Blog Radar do Emprego no Jornal *online* Estadão, nota-se que diversas são as profissões de risco existentes no Brasil, por exemplo: operários de fábricas ou da construção civil, *motoboys*, eletricitas de alta tensão, policiais, pilotos de avião, engenheiros de plataforma petrolífera, mineradores e vários outros são profissionais que trabalham em situações de risco físico e mental.

O risco profissional se dá a partir do momento em que o trabalhador está exposto a situações em que pode contrair doenças, patologias ou lesões que o impossibilitará de prover o sustento próprio e de sua família. A partir das Normas Regulamentadoras (NR), é possível entender como é caracterizado a exposição do trabalhador de risco, a Norma Regulamentadora de número 15 (NR-15) fala sobre os limites de tolerância que os trabalhadores podem passar pelas atividades ou operações insalubres, ou seja, ela define o tempo de exposição prejudicial à saúde do trabalhador, e fornece informações dos níveis de ruídos, vibrações, tipos de reagentes químicos, inalação de reagentes químicos, contato com minérios ou produtos químicos cancerígenos, contato com pacientes com doenças infectocontagiosas e entre outros fatores que podem expor o trabalhador a situações que são consideradas insalubres, a partir disso o trabalhador é assegurado a um percentual de acréscimo no salário de acordo com seu nível de exposição a insalubridade entre baixo, médio e máximo variando entre 10% a 40% de adicional.

As Normas Regulamentadoras de Segurança e Saúde no Trabalho no Brasil são registros organizados pelo órgão público Ministério do Trabalho, onde são formuladas leis de incentivo, segurança e saúde dos trabalhadores promovendo inspeções de trabalho avaliativas para empregador e funcionário, visando o cumprimento de seus direitos e deveres de acordo com as normas regulamentadoras da profissão exercida.

O combate ao trabalho informal é uma das ações que as Normas Regulamentadoras de Segurança e Saúde no Trabalho buscam minimizar no mercado de trabalho, o trabalho informal é toda aquela ocupação em que o trabalhador não tem respaldo sobre seus direitos, por exemplo, trabalhos sem o registro na carteira de trabalho não garantem alguns benefícios como salário de renda fixa, férias pagas, hora extras, licença maternidade, décimo terceiro, Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e entre outros.

Contudo é de grande valor que os órgãos fiscalizadores responsáveis, como o Ministério do Trabalho e a Organização Mundial do Trabalho, promovam devidas condições de trabalho seguindo as Normas Regulamentadoras (NR) a fim de sistematizar os direitos e deveres do trabalhador que também deve contribuir para a prevenção de acidente no ambiente de trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que diversas são as profissões de risco existentes no mundo, leis e decretos foram promulgados para que os direitos e deveres desses profissionais sejam cumpridos, servindo para assegurar-los contra acidentes ou doença ocupacional adquiridas no ambiente de trabalho.

Notamos que grande parte dos profissionais que correm diversos riscos para manter a qualidade de vida da sociedade intacta são desvalorizados pela própria sociedade, e simplesmente pelo fato de não terem conhecimento sobre a rotina do profissional ou por não terem contato com profissionais que lidam com tarefas de risco a vida.

A falta de informação sobre quem são esses profissionais, o que eles fazem e como o trabalho deles tem influência em nossas tarefas diárias, são questões e aspectos que podem ser resolvidos com a produção de um web-documentário, onde informações básicas sobre a rotina e as condições de trabalho desses profissionais podem transformar a visão que algumas pessoas da sociedade possuem, em relação a profissionais que trabalham em situações de risco todos os dias de sua vida para manter organizados e ativos, atividades do cotidiano do homem moderno.

Com tudo os órgãos fiscalizadores responsáveis por cobrar a devida segurança para esses profissionais muitas das vezes não cumpre com sua tarefa de fiscalizar e punir empresas e patrões que não proporcionam ao trabalhador a devida segurança mínima e necessária para realização de seu serviço. Muitas vezes não é só necessário o apoio material, pois doenças ocupacionais podem ser decorrentes da pressão que certas profissões exigem do trabalhador.

Em suma o desenvolvimento de um web-documentário capaz de expor a realidade entre as profissões de risco no Brasil, levando informação aos que não conhecem o trabalho desses profissionais e alertando os próprios profissionais sobre seus direitos e

deveres, nos levam a procurar também os responsáveis por prevenir acidentes ou doenças ocorridas pelo trabalho, concluindo assim um produto midiático com ação educacional e informativa para a sociedade.

7.REFERÊNCIAS

BAUER, Marcelo. **Os webdocumentários e as novas possibilidades da narrativa documental**. 2011. Disponível em: <<http://webdocumentario.com.br/webdocumentario/index.php/para-saber-mais/livros-e-textos-sobre-webdocumentarios-estao-disponiveis-online/>>. Acesso em: 12 de março. 2015.

CAMILO, Juliana. **Carreira em profissões de risco**. 2014. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/blogs/radar-do-emprego/2014/07/09/carreira-em-profissoes-de-risco/>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

CARDOSO, Antônio. **Gastos da Previdência com acidentes de trabalho ultrapassam R\$ 10 milhões no Ceará**. Disponível em: <<http://www.cearaagora.com.br/site/2015/04/gastos-da-previdencia-com-acidentes-de-trabalho-ultrapassam-r-10-milhoes-no-ceara/>> .Acesso em: 30 de Abril de 2015.

ESCOTT, Clarice Monteiro. MORAES, Márcia Amaral Correa. **História da educação profissional no Brasil: as políticas públicas e o Novo cenário de formação de professores nos institutos federais de Educação, ciência e tecnologia**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GAIA, Rossana Viana. **Educomunicação & Mídias**. Maceió: EDUFAL, 2001.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Normas Regulamentadoras de Segurança e Saúde no Trabalho**. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/legislacao/normas-regulamentadoras-1.htm>>. Acesso em: 25 maio 2014.

NPPI, EQUIPE DO NÚCLEO DE PESQUISAS DE PSICOLOGIA EM INFORMÁTICA - PUC/SP. **Psicologia e Informática: O ser humano diante das novas tecnologias**. São Paulo: Oficina do Livro, 2004.

PORTAL BRASIL. **Brasileiros apostam na educação profissional para abrir portas ao mundo do trabalho**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/02/brasileiros-apostam-na-educacao-profissional-para-abrir-portas-ao-mundo-do-trabalho>>. Acesso em: 01 maio 2015.

PORTAL Brasil. **Cerca de 48% dos brasileiros usam internet regularmente**. 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/cerca-de-48-dos-brasileiros-usam-internet-regularmente>>. Acesso em: 17 maio 2015.

SOUZA, Sandra Maria Loureiro; OLIVEIRA, Maria Olivia. **Educação e cultura midiática**. Salvador: EDUNEB, 2012.

SPINELLI, Egle Muller. **Webdocumentário: implicações dos recursos tecnológicos digitais na composição estrutural e narrativa do formato**. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2013.

O ENSINO DE INGLÊS BASEADO NO ESP

Resumo

Tendo em vista que os cursos de inglês para fins específicos (ESP) estão presentes no Brasil há cerca de quatro décadas e, partindo de nossas observações de que ainda é desconhecido por muitos professores ou, mesmo que conhecido, ainda não seja utilizado por grande parte deles, buscamos investigar se alguns dos professores que atuam em diferentes escolas públicas, particulares e em escolas de idiomas, nas cidades de Guaratinguetá e Lorena- SP conhecem a metodologia e a utilizam em sala de aula. Com base nessa análise colocamos que mesmo em situações onde o inglês geral é ensinado, podemos utilizar princípios do ESP.

Palavras-chave: inglês para fins específicos (ESP), ensino- aprendizagem e análise de necessidades.

Abstract

Considering that the English courses for specific purposes (ESP) are present in Brazil for nearly four decades and, from our observations that it is still unknown to many teachers, or even known, is not yet used by most of them, we aim to investigate whether some of the teachers who work in different public schools, private and language schools in the cities of Guaratinguetá and Lorena- SP know the methodology and use it in their classrooms. Based on this analysis we place that even in situations where the general English is taught, we can use the ESP principles.

Keywords: English for Specific Purpose (ESP), teaching and learning and Needs Analysis.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a aprendizagem de inglês tem se tornado cada vez mais necessária. Incluindo a área profissional, comunicação nos negócios, e muitas outras áreas que requerem a fluência no idioma tido hoje como língua franca devido a seu vasto uso e abrangência.

Holden (2009, p.13) aponta que: “Hoje, o inglês talvez seja o principal exemplo de um idioma global. É usado para transmitir informações em áreas como ciência e tecnologia, nas artes e no mundo do trabalho. É por isso que os pais ficam tão interessados em que seus filhos o aprendam. Os alunos também percebem que o inglês é mais que uma matéria escolar: é importante para o futuro sucesso deles.”.

Barreto (2005, p. 1) comenta que o inglês é o idioma mais falado como língua oficial nas transações multinacionais, sendo que esta passa a ter um enorme poder na área de comércio exterior, no diálogo via internet, e em muitas outras situações.

Considerando a grande importância da língua, muitos cursos fazem promessas milagrosas quanto à aprendizagem de inglês em curto tempo e utilizam abordagens

diversas, sendo que as abordagens teóricas parecem ganhar ênfases diferentes dependendo da época. A moda já foi trabalhar com o método audiolingual, por muito tempo foi defendido não usar o Grammar Translation nas aulas e de repente todos defendem a abordagem comunicativa, talvez isso nunca acabe. Acredita-se que usar apenas uma dessas abordagens não é a solução, mas adequá-las para as turmas para quem leciona pode ajudar muito, pois um dos grandes prejudicados com tudo isso são os alunos, que muitas vezes acabam sendo cobaias desses processos e métodos. Outro participante, que geralmente se vê perdido nesse processo são as escolas e as universidades, pois muitas vezes não sabem qual teoria ou abordagem utilizar.

O ESP (inglês para fins específicos) não está preso a nenhuma teoria e método, por isso pode ser um grande auxiliar no ensino do novo idioma.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção divide-se em três partes. A primeira parte traz o conceito de inglês geral, mais especificamente, como ele é trabalhado, a segunda parte apresenta o conceito de inglês para fins específicos e a última parte aborda a análise de necessidades.

1.1 Conceito de Inglês Geral

Os cursos de inglês geral, normalmente, comprometem-se em desenvolver as quatro habilidades básicas: ler, falar, escrever e ouvir. Regra geral o professor que ministra o curso adota um material didático para trabalhar durante as aulas.

Na maior parte das vezes o aluno não expõe suas expectativas e necessidades de aprendizagem.

Inglês para Fins Gerais, segundo Holmes (1981, p. 2) são cursos de língua com objetivos muito longe de serem alcançados ou não são dedicados às necessidades dos aprendizes.

Oliveira (2009, p. 22) enfatiza que:

“se não houver uma função clara, um objetivo claro, para a aprendizagem, não se pode justificar a manutenção de uma língua estrangeira no currículo das escolas públicas”.

Reforça-se que não há justificativa para o ensino de inglês sem objetivos claros para escola pública nem para qualquer outro curso. É necessário saber aonde se quer chegar com o idioma quando se inicia sua aprendizagem.

Neste sentido Paiva (2005) cita Ventura afirmando que:

“O inglês é uma epidemia que contamina 750 milhões de pessoas no planeta. Essa língua sem fronteiras está na metade dos 10.000 jornais do mundo, em mais de 80% dos trabalhos científicos e nos jargões de inúmeras profissões, como a informática, a economia e a publicidade” (PAIVA, 2005, p. 10).

O inglês já alcançou muitas pessoas e muitas áreas essenciais de estudo e ramo profissional, dessa forma é necessário estudá-lo. Porém, focar na área de necessidade do aluno quanto ao idioma ao invés de ensinar um pouquinho de cada habilidade e área pode ser um facilitador. O ensino de inglês geral não descarta análise da necessidade do aluno, nem o emprego do ESP.

1.2 Conceito de Inglês para fins específicos

O inglês para fins específicos (ESP) ou (LSP – *Languages for Specific Purposes*) objetiva ensinar línguas estrangeiras para sanar as necessidades específicas do aprendiz (VIAN JUNIOR, 1999).

Corroborando a ideia Hutchinson e Waters (1987, p.18 e19) afirmam que “Se visto de forma adequada, é uma abordagem de aprendizagem de língua baseada nas necessidades do aprendiz.”.

Ressalta-se que o ESP não pode ser entendido como um método de ensino (como, por exemplo, o Construtivismo, o método Tradicional, o TPR- Total Physical Response-, ou algum outro), mas como uma abordagem que se baseia nas necessidades do aprendiz, onde as motivações e necessidades do aluno são o ponto de partida para a elaboração do curso.

O que diferencia o ensino do inglês geral e o ESP é que o ESP foca na necessidade de aprendizagem do aluno, pois ao considerar o que ele quer aprender a aprendizagem ganha mais sentido e a motivação também aumenta.

Assim como Swales (1992) e Dudley-Evans (2004), Vilaça (2003, p.57) afirma que “o que se busca com o ESP é a preparação do aluno para que ele utilize este idioma como instrumento para a realização de tarefas específicas que lhe são necessárias”. No ESP o estudante de inglês apresenta suas necessidades e anseios quanto a aprendizagem, por isso objetiva-se descobrir o motivo pelo qual os alunos precisam do inglês para depois formar o curso.

Considerar as necessidades dos alunos segundo Robinson (1991, p. 1), é observar “língua, pedagogia e conteúdo específico de interesse dos alunos”.

No ESP levar em consideração a necessidade do aluno é elemento fundamental. Segundo Dudley-Evans e St John (1998, p.121), “a análise das necessidades é o processo de estabelecer o quê” e o como “de um curso”.

De acordo com Hutchinson e Waters (1987, p.55-58), as necessidades alvo estão divididas em: necessidades (*needs*), lacunas (*lacks*) e desejos (*wants*). E são esses itens que devem nortear o trabalho do professor que se propõe a utilizar o ESP.

Nas faculdades e cursos técnicos onde o inglês é essencial para leitura e escrita de artigos, apresentação e/ ou participação em congressos e é necessário ministrar aulas de inglês em curto tempo com assuntos muito específicos das diferentes áreas, seria muito interessante direcionar o ensino do inglês para a área específica de cada curso focando na necessidade de aprendizagem do aluno. Isso o ESP possibilita, pois segundo Hutchinson & Waters, “o objetivo do ensino de Inglês Instrumental é capacitar os alunos a realizar tarefas em uma situação-alvo” (1987, p. 12).

1.3 Conceito de análise de necessidades

Em um curso de línguas para fins específicos é necessário considerar o motivo que leva o aluno a procurar aprender o idioma, assim como quais são seus desejos e necessidades quanto a essa aprendizagem.

Dudley-Evans & St. John (1998, p. 121) definem análise de necessidade como “o processo em que se estabelece o que e como de um curso”.

Percebe-se de acordo com os autores que analisar as necessidades do aluno constitui-se uma etapa muito importante do processo de ensino-aprendizagem, pois somente se houver o mapeamento das necessidades dos alunos é que será possível atingi-las.

De acordo com Holmes “se a necessidade dos alunos é ler, então não há razão para não começarmos com a leitura” (1981, p. 8).

De acordo com Ramos et al (2004, p. 19) a análise de necessidades possibilita “a oportunidade de identificar objetivos imediatos, bem como aqueles que devem ser atingidos a médio e longo prazo”.

Percebe-se que considerar as necessidades do aluno deve consistir na parte central da preparação de um curso baseado no ESP, pois são as necessidades dos alunos que irão direcionar o caminho do curso.

Ainda segundo Ramos et al. (2004, p. 21) “o processo de análise de necessidades não é definitivo e sim contínuo, o que também se aplica aos instrumentos utilizados”.

O curso de ESP deve preocupar-se em mapear as necessidades dos alunos para atendê-las, pois há pontos específicos que precisam ser trabalhados para que o aluno atinja seu objetivo de aprendizagem. Além disso, é necessário considerar que durante o andamento do curso o professor talvez tenha que redirecionar seu caminho para atender as necessidades de aprendizagem do aluno, pois elas podem sofrer alterações no decorrer do curso.

Hutchinson & Waters(1987, p. 12) em poucas palavras acentuam a importância da análise de necessidades quando afirmam que “o objetivo do ensino de Inglês Instrumental é capacitar os alunos a realizar tarefas em uma situação-alvo”.

Acreditamos que essa abordagem possa contribuir para o ensino de inglês nas escolas públicas, particulares, de idiomas, cursos livres, entre outros, pois ela considera os interesses e desejos de aprendizagem do aluno, aproximando dessa forma a realidade e desejo do aprendiz, em geral, à aprendizagem que se espera que ele alcance.

2. ANÁLISE DE DADOS

Esta seção discute os dados coletados por meio do questionário respondido por cinco professores com idades entre vinte e cinco e quarenta anos que atuam na área do ensino de inglês em média de cinco a quinze anos em diferentes escolas, sendo que todos trabalharam em escolas públicas, dentre eles alguns trabalham em escolas particulares e dois deles também atuam em escolas de idiomas. Todos os professores entrevistados graduaram-se em Letras com habilitação em Inglês, e ministram aulas nas cidades de Guaratinguetá e/ ou Lorena- SP. Esses professores atuam no ensino fundamental, médio e cursos de diversos níveis nas escolas de idiomas. O questionário é composto por três perguntas: 1)Você conhece o ensino de inglês baseado no ESP?, 2) Se sim, você já usou essa abordagem? Onde? 3) Se você conhece, onde aprendeu sobre ela? Esse questionário foi respondido a pedido do docente que realizou esta pesquisa. Durante toda a análise procurou-se estabelecer um constante diálogo com a pergunta de pesquisa e a fundamentação teórica.

De acordo com VILAÇA (2003, p.57) “o que se busca com o ESP é a preparação do aluno para que ele utilize este idioma como instrumento para a realização de tarefas específicas que lhe são necessárias”.

Considerando que o ensino de inglês por meio do ESP é uma excelente estratégia, os trechos apresentados abaixo permitem uma observação de como professores do idioma estão em contato com ele.

Quadro 1 - Você conhece o ensino de inglês baseado no ESP?

<i>a) Não, não conheço e nunca ouvi falar sobre.</i>
<i>b) Não conheço.</i>
<i>c) Conheço sim.</i>
<i>d) Conheço esse método.</i>
<i>e) Sim.</i>

Quadro 2 – Se sim, você já usou essa abordagem?

<i>a) Nunca utilizei.</i>
<i>b) Não.</i>
<i>c) Nunca utilizei.</i>
<i>d) Não.</i>
<i>e) Nunca.</i>

Quadro 3 - Se você conhece, onde aprendeu sobre ela?

<i>a)-</i>
<i>b)-</i>
<i>c) Aprendi enquanto fazia o TCC.</i>
<i>d) Na faculdade.</i>
<i>e) Na faculdade.</i>

Quadro 4 - Se você conhece o ensino baseado no ESP, por que não o utilizou?

<i>a)-</i>
<i>b)-</i>
<i>c) Por falta de oportunidade mesmo.</i>
<i>d) Não trabalhei em escola que utilizasse esse método.</i>
<i>e) Ensino Fundamental e Médio só usamos o inglês geral.</i>

Observa-se que 40% dos professores entrevistados não conhece o ensino baseado no ESP. Verifica-se que 100% dos entrevistados nunca o utilizou e que os que conhecem essa abordagem a aprenderam na faculdade. Isso mostra que apesar do ensino utilizando o ESP já estar no Brasil desde o século XVI (Strevens apud Swales, 1988) infelizmente, há vários professores que não o conhecem, ou não tem consciência de como essa abordagem pode ajudar em sala de aula mesmo onde adota-se um livro didático para o ensino do inglês geral. O ESP permite ao docente direcionar seu

trabalho. Ele não elimina nenhuma habilidade, nem desmerece os livros didáticos, porém valoriza aquilo que o aluno deseja aprender. E isso pode ser um ponto a favor do docente, pois ele continua cumprindo aquilo que é exigido pelo sistema escolar onde trabalha, mas agora direcionando o foco das atividades para aquilo que o aprendiz necessita.

CONCLUSÃO

Este trabalho propôs analisar e discutir sobre o ensino do inglês geral e o ensino do inglês para fins específicos, que está centrado na necessidade dos alunos, e verificar se professores de inglês conhecem e já ensinaram o idioma baseado no ESP.

Para tanto foi confeccionado um questionário em que os professores responderam perguntas diretas sobre seu conhecimento, contato e utilização do ensino baseado no ESP. Percebeu-se que a maioria dos professores não utiliza essa abordagem, alguns por não conhecerem e outros por falta de oportunidade de utilizá-la acabam trabalhando em suas aulas com o ensino de inglês geral.

Observou-se por meio da análise dos dados que há ainda professores que não conhecem o ESP, mesmo ele estando no Brasil por mais de quatro décadas. Ao refletir sobre o ESP e o inglês geral percebe-se que aquele possibilita a aprendizagem do idioma focando naquilo que o aluno necessita aprender, e isso é um facilitador, pois há objetivo na aprendizagem.

Quando o professor tem definido as necessidades de aprendizagem, acredita-se que a aquisição do idioma ocorra de forma mais rápida e eficiente, pois ele tem o objetivo claro do que precisa ensinar e até onde precisa caminhar com o aluno. Dessa forma defendemos que mesmo cursos que não são de ESP, ou seja, os cursos de inglês geral podem usar os princípios utilizados no ESP, para beneficiar suas aulas, uma vez que o ensino com essa abordagem não desmerece nenhuma habilidade, nem descarta o uso de materiais didáticos, mas permite ao professor direcionar seu trabalho e valoriza a necessidade e interesse do aluno.

Scheyerl (2010, p. 131) afirma que:

“a eficácia pedagógica dependerá principalmente da ação desenvolvida em sala com os alunos, pois é o professor quem tem a posição privilegiada de negociar, sugerir, incentivar e orientar as mudanças necessárias para que o processo de aprendizagem, como um todo, funcione de modo harmônico e produtivo”.

Acredita-se que para a área de ensino-aprendizagem, esta pesquisa permite a reflexão e conscientização sobre a importância do ensino de inglês utilizando a abordagem ESP, mesmo em aulas que não tem essa abordagem como foco principal, pois utilizar o ESP é considerar as necessidades e interesses do aluno, é focar mais as aulas naquilo que além de ser necessário, o motiva a aprender, e isso pode ser feito em aulas de inglês geral ou de inglês para fins específicos.

REFERÊNCIAS

- BAILEY, David A. J. Como aprender inglês: o método secreto utilizado pelos americanos e japoneses para aprender outros idiomas. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/970392/comoaprenderingles>>. Acesso em: 29 mai. 2008.
- BARRETO, Antônio Ivan R. Globalização e língua franca. Disponível em: <http://www.estacio.br/rededelettras/numero17/postudo_extudo/texto02.asp>. Acesso em: 08 jul. 2015.
- Dudley-Evans, T., & St. John, M.J. (1998). *Developments in English for specific purposes: a multi-disciplinary approach*. Cambridge University Press.
- Holmes, J. (1981). What do we mean by ESP? Working papers nº 2. Projeto Ensino de Inglês Instrumental em Universidades Brasileiras.
- Hutchinson, T., & Waters, A. (1987). *English for specific purposes: a learning-centred approach*. Cambridge University Press.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral.(2009).Ensino de língua estrangeira para jovens e adultos na escola pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa. Conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola. p. 21-30.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes e.(2005).Projeto AMFALE: aprendendo com memórias de falantes e aprendizes de línguas estrangeiras. Belo Horizonte: UFMG. Disponível em:<http://www.veramenezes.com/nosprofessores.htm> (link indisponível, ver com o autor). Acesso em 23/12/2010.
- Ramos, R.C.G., Lima-Lopes, R.E., & Gazotti-Vallim, M.A. (2004). Análise de necessidades: identificando gêneros acadêmicos em um curso de leitura instrumental. *The ESPECIALIST*, 25 (1), 1-29.
- . (2004). Gêneros textuais: uma proposta de aplicação em cursos de inglês para fins específicos. *The ESPECIALIST*, 25 (2), 107-129.
- SCHEYERL, Denise.(2009).Ensinar língua estrangeira em escolas públicas noturnas. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). *Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa. Conversas com especialistas*. São Paulo: Parábola. p.125-139.

SWALES, J.M. Episodes in ESP: A source and reference book on the development of English for Science and Technology. New York: Prentice-Hall, 1988.

DIFUSÃO DO MÉTODO DE OVULAÇÃO BILLINGS ENTRE ACADÊMICAS DE UMA FACULDADE PRIVADA DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

RESUMO

Inserir o Método de Ovulação Billings (MOB) como método comportamental de planejamento familiar, responsável pela regulação natural da fertilidade. Estudo de campo, exploratório, quantitativo que objetivou identificar o nível de conhecimento sobre o método e taxa de uso entre as acadêmicas de uma faculdade privada e, orientar sobre prática e benefícios do mesmo. Compuseram a amostra 196 alunas regularmente matriculadas no 1º ano de todos os cursos de ensino superior da instituição que estivessem em idade reprodutiva acima de 18 anos, mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Os dados foram coletados por meio de formulários impressos e analisados através do Programa Microsoft Excel. Do total, 167 (85,2%) desconheciam o MOB, apenas 29 (14,7%) tinham tal instrução. Porém, 81,1% das entrevistadas manifestaram interesse em conhecê-lo. Verificou-se que o conhecimento a respeito do MOB ainda é precário e sua taxa de uso quase inexistente, resultado da desinformação dos profissionais de saúde sobre a real eficácia e correta aplicabilidade.

Palavras-chave: Ovulação, contracepção, Método de Billings, muco cervical, planejamento familiar.

ABSTRACT

Introduce Billings Ovulation Method (MOB) as a behavioral method of family planning, responsible for the natural regulation of fertility. Field research, exploratory, quantitative study aimed to identify the level of knowledge about the method and rate of use among the students from a private, and advise them about the practice and benefits of this method. The research included 196 female students over 18 years old and regularly enrolled in the 1st year of all courses in the institution, by signing a consent term. Data were collected using paper forms and analyzed using the Microsoft Excel program. The results of the research shows that, 167 (85.2%) did not know about MOB, only 29 (14.7%) had such knowledge. However, 81.1% of the students expressed interest in learning the method. The research shown that the knowledge of the MOB is still precarious and the amount of people that use it is almost nonexistent, as a result of lack of information by health professionals of true effectiveness and correct applicability.

Keywords: ovulation, contraception, Billings method, cervical mucus, family planning.

1. INTRODUÇÃO

Toda mulher tem direito ao planejamento familiar, assim como a receber informações a respeito de métodos e técnicas para regulação da fecundidade ou prevenção da gravidez. Dessa forma, o planejamento familiar é parte integrante do conjunto de ações de atenção à mulher, dentro de uma visão de atendimento global e integral à saúde (BRASIL, 1996).

Aproximadamente 58,5 milhões da população brasileira é composta por mulheres em

idade reprodutiva, ou seja, de 10 a 49 anos. Esta faixa etária representa 65% do total da população feminina no Brasil (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004), configurando um segmento social importante para a elaboração de políticas de saúde (SILVA, et.al, 2010).

Uma importante vantagem oferecida pelos métodos de planejamento familiar natural consiste no fato de que os mesmos dependem, para garantir eficácia, da cooperação prática entre marido e mulher (BILLINGS, E., 1980). No Brasil, em 2006, 67,8% das mulheres utilizavam algum método contraceptivo, com a pílula anticoncepcional ocupando o primeiro lugar (22,1%), seguida pela esterilização feminina (21,8%) e o preservativo masculino (12,9%), enquanto os métodos naturais de planejamento familiar correspondiam a apenas 0,8% (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009).

Os métodos naturais de planejamento familiar ou métodos comportamentais de planejamento familiar são técnicas para obter ou evitar a gravidez mediante a auto-observação de sinais e sintomas que ocorrem no organismo feminino ao longo do ciclo menstrual. Baseando-se na identificação do período fértil da mulher, o casal pode concentrar as relações sexuais nesta fase, caso deseje obter uma gravidez, ou abster-se de ter relações sexuais, caso deseje espaçar ou evitar a gravidez (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

A compreensão da utilização dos sintomas do fluxo vaginal para reconhecer a fertilidade, como é aplicado no Método de Ovulação Billings, foi conseguida depois de mais de 30 anos de investigação intensa. Ainda assim, o método só foi desenvolvido após uma completa avaliação dos métodos de planejamento familiar natural disponíveis no final dos anos 1950, inclusive o método do ritmo e o uso da temperatura corporal basal, descobrindo que nenhum deles poderia competir em eficácia e aceitabilidade com a recentemente desenvolvida pílula anticonceptiva (BROWN, 2009).

O Método da ovulação, Método Billings ou Método de ovulação Billings (MOB) é um método natural de planejamento familiar responsável pela regulação natural da fertilidade. É baseado inteiramente nos sintomas de fertilidade e infertilidade observados na vulva durante o ciclo menstrual (BILLINGS, M., 2010). Ele permite à mulher identificar seus sinais naturais da fertilidade, dessa forma empoderando-a a usar o método para conseguir a gravidez, evitar a gravidez e/ou monitorar sua saúde reprodutiva (BILLINGS LIFE, 2015).

O MOB é considerado um método de grande flexibilidade visto que, se torna aplicável em qualquer fase reprodutiva, incluindo menopausa, amamentação e mulheres em período de adaptação ao abandono da contracepção hormonal (BILLINGS & BILLINGS, 2003). A irregularidade de ciclos também não impede o uso do método. Isso porque avaliará seus sinais de fertilidade ciclo por ciclo ao invés de fazê-lo por uma rígida regra baseada no calendário (BILLINGS & WESTMORE, 1983).

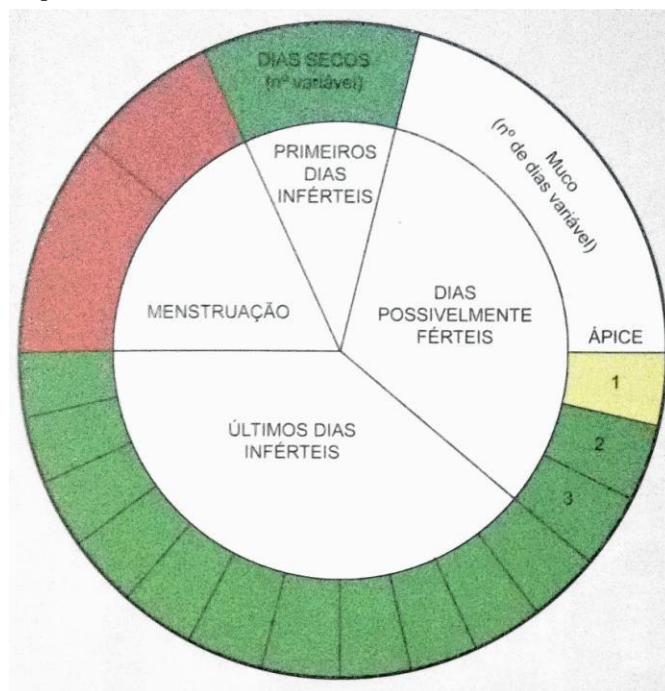
Para garantir a eficácia do método, é necessário manter um gráfico com o registro diário da aparência do muco e a sensação que este provoca na vulva, podendo assim, a mulher identificar seus períodos de infertilidade e fertilidade, além do momento da ovulação. A maioria das mulheres consegue captar rapidamente seu padrão único, no entanto, um instrutor capacitado do Método de Ovulação Billings pode garantir a correta interpretação do gráfico (BILLINGS LIFE, 2015). Portanto, para que seja assegurada a confiabilidade do método, um gráfico e um instrutor tornam-se indispensáveis.

Após o fim do período menstrual, o organismo feminino não revela nenhuma perda

vaginal, o que representa os “dias secos”. O desaparecimento da sensação de secura é reconhecido quando o muco começa a se fazer presente, aumentando em quantidade gradativamente até se tornar visível. À medida que a ovulação se aproxima, há modificação de seu aspecto e da sensação produzida por sua presença. Quanto mais próximo o período de ovulação, mais escorregadio e elástico este se torna, nesta etapa, geralmente com coloração transparente. Uma sensação lubrificante é a indicação mais importante do ápice de fertilidade, verificando-se a ovulação logo em seguida, geralmente no dia seguinte. Em suma, se a intenção do casal for evitar a concepção, dias seguros para relações sexuais são os dias secos antes da ovulação, e qualquer dia a partir do quarto dia depois do sintoma ápice até o fim do ciclo (BILLINGS, J., 1978).

A figura 1 ilustra o ciclo menstrual e o padrão mucoso de fertilidade e infertilidade.

Figura 1 – O Ciclo Menstrual
O padrão mucoso de fertilidade e infertilidade



(BILLINGS & WESTMORE, 1983).

O método da ovulação, entre outras vantagens, possui baixo custo, facilitando a adesão da população menos abastada. (BILLINGS, E., 1980), apresenta importantes benefícios sociais na promoção da fidelidade e harmonia matrimonial e encoraja relacionamentos monogâmicos entre os casais sexualmente ativos, que é a educação essencial requerida para reduzir a epidemia da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) (UCHIMURA, et. al, 2011). Quando aplicado corretamente, o Método Billings proporciona 97,9% de eficácia em 12 meses (FEHRING, et. al, 2007).

A oposição ao Método de Ovulação Billings veio de pessoas que o confundiram com o método de ritmo, popularmente chamado “tabelinha”, ou de pessoas a quem faltou informação correta e experiência para ensiná-lo com sucesso. Essa oposição estimulou as contínuas investigações científicas e as várias provas que estabeleceram sem dúvida a

validade do método (BILLINGS & WESTMORE, 1983).

Diante do exposto, é importante que o enfermeiro perceba a importância de sua atuação durante o planejamento familiar, com o intuito de informar e instruir as usuárias, quanto a um método alternativo e natural, desviando dos métodos tradicionais químicos e mecânicos. Dessa forma, o presente estudo tem como justificativa, levar a população feminina a conhecer o Método da ovulação como estratégia contraceptiva natural, e portanto inofensiva e, adotá-lo em seu cotidiano, diminuindo os efeitos colaterais causados por outros métodos artificiais.

2. OBJETIVOS

Objetivo geral: Analisar a difusão do Método da Ovulação Billings entre acadêmicas de uma Faculdade Privada do Interior do Estado de São Paulo.

Objetivos Específicos: Identificar o nível de conhecimento sobre o MOB e frequência de uso entre acadêmicas em fase reprodutiva e orientar sobre a prática do mesmo e seus benefícios, em uma Faculdade Privada do Interior do Estado de São Paulo.

3. METODOLOGIA

O estudo de campo, de natureza exploratória com abordagem quantitativa analítica foi realizado em uma Faculdade Privada do interior paulista. O local do estudo foi definido por opção da pesquisadora por conta de sua receptividade a ser alvo de pesquisas acadêmicas e por ser de fácil acesso à autora do estudo.

Fizeram parte da coleta de dados, 254 estudantes no período de junho a julho de 2015. Entretanto, deste total, 58 foram excluídas por não contemplarem os critérios de inclusão. Assim sendo, participaram da amostra, 196 acadêmicas regularmente matriculadas no 1º ano de todos os cursos de ensino superior ministrados na instituição.

Os critérios de inclusão exigiam que a acadêmica estivesse em idade reprodutiva acima de 18 anos, fosse aluna regularmente matriculada na instituição e aceitasse participar do estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Após autorização formal da Instituição, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética da FATEA para apreciação, obtendo parecer favorável sob nº 015502/2015. Uma vez aprovado o projeto pelo Comitê de Ética, foi agendada com a Coordenação da Instituição a data para a coleta dos dados. Nesta ocasião, todas as alunas que atenderam aos critérios de inclusão foram informadas quanto aos objetivos do estudo e, as que concordaram em participar da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi garantido a todas o seu anonimato; a garantia de não haver quaisquer sanções ou prejuízos pela não participação ou pela desistência, a qualquer momento; o direito de resposta às dúvidas; a inexistência de qualquer ônus financeiro à participante.

Como instrumento de coleta de dados foram utilizados formulários impressos constando de 14 questões fechadas de múltipla escolha relacionadas à idade, estado civil, orientação sexual, religião, número de gestações, número de filhos vivos, desejo de engravidar futuramente, método contraceptivo atual, satisfação com o método atual, contato

prévio com o MOB e desejo de conhecê-lo.

Foi realizado um levantamento de dados por meio de formulários que foram distribuídos às participantes, solicitando que as mesmas respondessem os dados requisitados. Caso a entrevistada manifestasse interesse em conhecer o MOB, esta receberia orientações e explicações gerais sobre o mesmo, sendo enfatizado que a prática não poderia ser realizada imediatamente, visto que tornar-se-ia necessário um treinamento prévio.

Toda coleta de dados foi realizada pela autora do estudo.

Os resultados foram inseridos em uma planilha do programa Microsoft Excel, agrupados e analisados objetivamente.

4. RESULTADOS

A população do estudo foi constituída de 196 mulheres, com a faixa etária variando entre 18 a 47 anos, com predomínio de 100 (51%) acadêmicas com idade entre 20 e 29 anos. A grande maioria se declarava heterossexual (93,3%), solteira (80,6%). A religião predominante foi a católica (58,6%).

As acadêmicas referiram ter vida sexualmente ativa (61,7%), apesar disso, a maior parte delas nunca havia engravidado (78,5%) nem tampouco tido filhos (82,6%). Não foi identificada nenhuma gestação em curso (0%), entretanto, mais da metade das estudantes manifestou desejo de gravidez futura (69,8%).

A seguir, os dados sobre os métodos contraceptivos usados pelas participantes.

Tabela 1 - Métodos contraceptivos usados pelas entrevistadas.

	N	%
Nenhum	69	(35,2)
Preservativo	26	(13,2)
Pílula anticoncepcional	58	(29,5)
Dupla proteção	19	(9,6)
Laqueadura	4	(2,0)
MOB	1	(0,5)
Outros	7	(3,5)
NR*	12	(6,1)
Total	196	(100,0)

* Não Responderam

Como podemos observar na tabela 1, o método contraceptivo mais popular entre as estudantes foi a pílula anticoncepcional (29, 5%), precedida pelo preservativo masculino (13,2%), 19 (9,6%) mulheres optaram pela dupla proteção proporcionada pela associação da pílula anticoncepcional com o preservativo masculino, e ainda, uma pequena proporção (2,0%) havia realizado laqueadura. Não obstante, uma proporção considerável alegou não

fazer uso de nenhum método (35,2%) e apenas 1 (0,5%) acadêmica referiu fazer uso do MOB.

Quando questionadas a respeito da satisfação com o método usado atualmente, 122 (62,2%) afirmaram estarem satisfeitas, enquanto 14 (7,1%) afirmaram não estarem satisfeitas. O restante (30,6%) não respondeu sobre a satisfação por não fazer uso de nenhum método ou, porque não respondeu a questão anterior.

Do total das mulheres, 167 (85,2%) não conheciam previamente o método da ovulação Billings, apenas 29 (14,7%) tinham tal conhecimento e somente 1 (0,5%) fazia uso do método. Das que já haviam tido algum contato com o MOB, 11 (5,6%) havia sido por sistemas de telecomunicação, enquanto 4 (2%) por orientação médica e 2 (1%) por divulgação da Igreja Católica. O restante não somou população significativa. Ainda assim, uma grande massa (81,1%) apresentou interesse em conhecer o método, conforme mostra a tabela 2 a seguir:

Tabela 2 - Conhecimento e interesse pelo MOB.

Variáveis		N	%
Contato prévio com o MOB	Sim	29	(14,7)
	Não	167	(85,2)
	Total	196	(100,0)
Meio	Igreja	2	(1,0)
	Literatura	1	(0,5)
	Médico	4	(2,0)
	Palestra	1	(0,5)
	PPF*	1	(0,5)
	Telecomunicação	11	(5,6)
	NR**	176	(89,7)
Total	196	(100,0)	
Interesse pelo MOB	Sim	159	(81,1)
	Não	35	(17,8)
	NR**	2	(1,0)
	Total	196	(100,0)

*Programa de planejamento familiar

** Não responderam

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, as informações analisadas no presente estudo permitiram apresentar algumas representações negativas sobre o método da ovulação Billings.

A grande maioria das entrevistadas não dispunha de prévio conhecimento sobre o método, no entanto, manifestaram interesse em conhecê-lo. Tal fato, mais uma vez torna evidente a realidade de que o método Billings não é tão preconizado quanto poderia, tendo em vista seus inúmeros benefícios não somente para a mulher como para o casal.

Por outro lado, dentre as estudantes que já tinham algum conhecimento sobre o método, observou-se certo preconceito a respeito.

O problema geralmente destaca-se na forma como as informações são repassadas, e na falta de motivação e oportunidade para que os casais ao menos tentem iniciar o método. Crenças errôneas em torno da abstinência são, com frequência, repassadas à sociedade rotulando o método da ovulação como um método preditivo, limitante e de baixa confiabilidade. Somado a um quadro de profissionais da área da saúde com praticamente ausência total de informações, a taxa de uso torna-se quase insignificante.

Tal situação poderia ser revertida e seria de grande valia para o poder público, investir em instrutores capacitados que ensinassem o MOB a população, visto que o mesmo, por ser um método de baixo custo, satisfaz a todas as classes sociais. Além do que, ao contrário de outros métodos contraceptivos, não provoca dano algum à saúde reprodutiva, o que traria grande contribuição na contradição dos problemas de saúde pública.

6. REFERÊNCIAS

BILLINGS LIFE. More than fertility: Safeguarding your reproductive health with the Billings Ovulation Method™. Termo *In Billings Life*, Official Site of The Billings Ovulation Method™. Disponível em: <http://billings.life/en/>. Acessado em 30 ago. 2015

BILLINGS, Evelyn et. al. *Novo método para o controle da natalidade: O Método da Ovulação - Atlas. Padrões de Muco na fertilidade e infertilidade*. 2. ed., São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

BILLINGS, Evelyn; BILLINGS, John. *Ensinando o método da ovulação Billings: variações do ciclo e saúde reprodutiva*. Tradução Magda GBR de Múelenaere Corrêa. 4ª Edição. São Paulo: Paulus, 2003.

BILLINGS, Evelyn; WESTMORE, Ann. *O Método Billings: Controle da Fertilidade sem drogas e dispositivos artificiais*. Tradução Guilherme Gibbons. São Paulo: Paulus, 1983.

BILLINGS, John. *Novo método para o controle da natalidade: O Método da Ovulação - Como engravidar ou evitar a gravidez por meio de uma técnica segura, eficaz e moralmente aceitável*. 3. ed., São Paulo: Edições Paulinas, 1978.

BILLINGS, Mentor. O Método Billings. Termo *In Billings Method*, Disponível em: http://www.billingsmethod.org/index_pt.html . Acessado em 24 mai. 2014

Brasil. *Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996* - Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9263.htm . Acessado em 24 mai. 2014

BROWN, James. *Estudos sobre a Reprodução Humana: Atividade Ovariana, Fertilidade e o Método de Ovulação Billings*. Tradução Heloisa Pereira e Patrícia Juruena. São Paulo: Editora Canção Nova, 2009.

FEHRING, Richard et.al. Efficacy of cervical mucus observations plus electronic hormonal fertility monitoring as a method of natural family planning. Termo *In* Journal of Obstetric, Gynecologic, and Neonatal Nursing, Disponível em:
http://epublications.marquette.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1009&context=nursing_fac .
Acessado em 26 mai. 2014

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Assistência em Planejamento Familiar: Manual Técnico. Termo *In*: Biblioteca Virtual em Saúde, Disponível em:
<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/0102assistencia1.pdf> . Acessado em 24 mai. 2014

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher - PNDS 2006: Dimensões do processo reprodutivo e da saúde da criança. Termo *In*: Biblioteca Virtual em Saúde, Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnds_crianca_mulher.pdf .
Acessado em 24 mai. 2014

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: princípios e diretrizes. Termo *In* Biblioteca Virtual em Saúde, Disponível em:
bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher2.pdf . Acessado em 27 ago. 2015

SILVA, Carolina de Mendonça Coutinho et. al. A repercussão da histerectomia na vida de mulheres em idade reprodutiva. Termo *In* Escola Anna Nery, Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452010000100012&lng=en&nrm=iso .
Acessado em 27 ago. 2015

UCHIMURA, Nelson Shozo et. al. Conhecimento, aceitabilidade e uso do método billings de planejamento familiar natural. Termo *In* Revista Gaúcha de Enfermagem, Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472011000300012 . Acessado em 26 mai. 2014

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: UMA PROPOSTA DE ENSINO UTILIZANDO A LITERATURA DE CORDEL EM SALA INCLUSIVA

RESUMO

Um dos maiores desafios da sociedade é a educação inclusiva. Logo, o presente estudo esclarece frequentes dúvidas de como trabalhar com a inclusão de alunos com deficiência intelectual no ensino regular. Portanto, a pesquisa a seguir tem a finalidade de abordar a importância de conhecermos o comportamento do aluno DI e mostrar que é possível preparar atividades que atenda as necessidades dos alunos com ou sem deficiência.

Palavra-chave: Inclusão escolar; Deficiência intelectual; Sequência Didática para sala inclusiva.

ABSTRACT

One of the biggest challenges facing society is inclusive education. Therefore, the present study clarifies frequently asked questions on how to work with the inclusion of students with intellectual disabilities in mainstream education. Therefore, the following research aims to address the importance of knowing the DI student's behavior and show that it is possible to prepare activities that meets the needs of students with or without disabilities.

Key-word: School inclusion; Intellectual disabilities; Teaching sequence for inclusive room.

INTRODUÇÃO

O tema deste artigo é sobre a prática pedagógica diante do desafio da inclusão, especificadamente, o processo de inclusão de alunos com deficiência intelectual na escola regular. Para o desenvolvimento do trabalho, busca-se responder ao questionamento: é possível uma atividade que atendam todos os alunos de uma sala inclusiva da rede regular de ensino?

O artigo objetiva-se também analisar como está o papel do professor diante desse desafio, que se refere a uma escola para todos, sem exclusão, pois a escola deve preparar o aluno para viver com a diversidade, considerando que todos são diferentes.

No rumo da investigação a pesquisa se organiza em três momentos. O primeiro momento recorre um pouco da história e a definição do termo educação inclusão e integração, como suporte para a discussão. O segundo momento, tende apontar aspectos sobre as deficiências intelectuais e como trabalhar com cada uma delas. Por fim o terceiro momento traz-se uma sequência didática para se aplicar em sala inclusiva, mostrando que é possível desenvolver atividades suprimindo as necessidades de todos os alunos.

1. O QUE É INCLUSÃO ESCOLAR?

1.1 A Educação Inclusiva

O termo “educação inclusiva” nada mais é que a necessidade educacional de atender à diversidade dos alunos nas escolas mais próximas. Portanto, uma escola inclusiva aceita todos os alunos, independente de suas necessidades.

A inclusão sugere que a escola se ajuste a todos os alunos que desejam matricular-se em sua localidade, de forma que o aluno com necessidades especiais se ajuste a escola. Segundo a UNESCO “*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*” (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) “aquelas que possuem necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola normal, a qual deve acomodá-las dentro de uma pedagogia centrada na criança, capaz de atender às necessidades”.

Uma escola inclusiva é o reflexo da vida social, dessa forma, se os estudantes vivem essa experiência desde cedo, terão mais facilidade a vencer o preconceito.

Segundo José Pacheco (2006, apud GARTNER e LIPSKY, 1987) Tudo começou no sec. XX, de maneira que os movimentos inclusivos ganharam força na metade de 1980, onde se tornou uma política aceita internacionalmente (movimento reformista), de maneira que todas as crianças têm direito a ser educadas em escolas, apesar de suas deficiências. Os primeiros movimentos voltados ao atendimento aos portadores de deficiência surgiram na Europa e se transformou em medidas educacionais que foram expandidas para outros países, inclusive o Brasil. Assim, a “Educação de deficientes” passou a fazer parte da política Brasileira, ressaltando o primeiro período aos anos de 1854 a 1956, caracterizado por iniciativas oficiais e particulares isolados. Já em 1957 a 1993, foram marcadas por iniciativas oficiais de abrangência nacional, onde o atendimento aos portadores de deficiência é assumido a nível nacional pelo Governo Federal.

1.2 Processo de integração e inclusão

Segundo Paula, Silva, Falcão e Pinho (2010, apud MANTOAN, 2008,) “A Educação Inclusiva tem por objetivo entender e reconhecer o outro dentro de suas possibilidades” partindo desse princípio, é importante ressaltar a diferença entre integração e inclusão.

Houve uma distorção de ideias, tanto que, existiram movimentos de pais de alunos (sem deficiências) que não admitiam o processo da inclusão, alegando a inferioridade da qualidade de ensino, pois acreditavam que a retardação dos conteúdos trabalhados em sala de aula seria necessária para que os alunos (com deficiência) acompanhassem os conteúdos trabalhados, sendo assim, seus filhos seriam prejudicados.

A Integração e a inclusão são palavras que por muitas vezes são usadas como sinônimos, sendo causador de polêmicas, provocando as corporações de professores e profissionais da saúde que atuam no atendimento às pessoas com deficiências.

Segundo o dicionário Luft (2006, p.450), a expressão integração refere-se ao ato integrar, fazer parte de um todo, ou seja, onde os alunos poderão ficar na escola regular somente se acompanhar os ritmos da turma. Esse processo acontece dentro da estrutura educacional, que faz com que o aluno tenha a oportunidade de transitar dentro do sistema escolar, sendo uma inserção parcial, da classe regular ao ensino especial. Mas

nem todos os alunos ditos “especiais” cabem nas turmas regulares de ensino, pois existe uma seleção dos que estão aptos à inserção, nesses casos são indicados currículos e avaliações especiais, para compensar as dificuldades de aprender. Ela pode ser entendida como “especial”. Portanto, a escola não muda totalmente e sim os alunos terão que mudar para se adaptar a ela.

Já a Inclusão refere-se ao ato incluir, implicando mudança, de maneira que a escola regular atende as diferenças do aluno sem discriminar, sem trabalhar a parte, sem regras para avaliar, ou seja, sem excluí-los, pois a exclusão escolar é manifestada de várias maneiras, que quase sempre é cometida pela ignorância dos alunos, pais e até mesmo da escola, diante dos “padrões”. A inclusão mostra que devemos conviver com as diferenças e que todos os alunos (sem exceção) devem frequentar às salas de aula do ensino regular. Implicando também uma mudança de perspectiva educacional, atingindo não só os alunos com deficiência, mas sim, todos os demais.

O radicalismo da inclusão vem de fato exigir uma mudança. Transformando a concepção tradicional, alterando as ideias do ensino especializado e exigindo mudanças na formação dos professores e gestores, buscando formas de planejamentos. Por lei, o professor não pode se recusar a lecionar em uma classe inclusiva, mesmo que a escola não ofereça estrutura adequada.

Concluindo, o objetivo da integração é inserir o aluno ou um grupo que anteriormente já foi excluído, já a inclusão, totalmente o contrário, é não excluir ninguém, desde o começo da vida escolar.

2. ADEQUAÇÃO

2.1 A escola e/ou família

As escolas inclusivas estão em processo de adequação para que todos os alunos recebam uma educação de qualidade. Segundo Certeza o objetivo da adequação:

(...) precisa ser construída gradualmente por professores, alunos, comunidade, familiares e educadores (...) até os anos de 1970, o sistema educacional brasileiro seguia o modelo de integração. Todos os estudantes deveriam seguir o mesmo método pedagógico, avançar no mesmo ritmo e ser avaliados da mesma forma (...) no modelo inclusivo, os alunos com e sem deficiência devem conviver nas mesmas escolas e salas, aprendendo com suas diferenças e ajudando-se mutuamente a desenvolver suas potencialidades. (CERTEZA, L, 2010)

Já na perspectiva de Dutra, a adequação é de total responsabilidade dos pais:

“Pais que participam das tarefas escolares de seus filhos identificam melhor onde e como podem intervir para tornar a aprendizagem mais eficiente e construtiva. Logo, filhos de pais atenciosos demonstram maior possibilidade de ajuda ao outro no ambiente escolar. Famílias que caminham junto à escola reconhecem sua parte na aprendizagem dos filhos, possibilitando-lhes autoconfiança e generosidade a aprendizagem por meio das diferenças que podem nos impulsionar a compreender a limitação do outro (...) dessa forma a família contribui com a escola e repassa suas percepções para que o processo de ensino e aprendizagem tenham, a cada dia maior sentido. (DULTRA, R, 2012)

Há quem acredita que a adequação se dá a flexibilização nas escolas inclusivas, principalmente na organização didática. Disse-o muito bem Alonso, quando afirma:

“(...) é preciso que se reflita sobre os possíveis ajustes relativos à organização didática. Qualquer adaptação não poderá constituir um plano paralelo,

segregado ou excludente. As flexibilizações e/ou adequações da prática pedagógica deverão estar a serviço de uma única premissa: diferenciar os meios para igualar os direitos, principalmente o direito à participação (...), além disso, para que o projeto inclusivo seja colocado em ação, há necessidade de uma atitude positiva e disponibilidade do professor para que ele possa criar uma atmosfera acolhedora na classe. A sala de aula afirma ou nega o sucesso ou a eficácia da inclusão escolar, mas isso não quer dizer que a responsabilidade seja só do professor. O professor não pode estar sozinho, deverá ter uma rede de apoio, na escola e fora dela, para viabilizar o processo inclusivo.” (ALONSO, D. ,2013)

As citações deste capítulo mostram como a adequação é complexa. Portanto, todos têm um papel importante para uma educação eficaz.

3. DEFICIÊNCIAS

3.1 As diferenças

Desde o início dos tempos as pessoas com necessidades especiais são vistas como diferentes. Sendo assim, todas as deficiências utilizam para seu aprendizado ferramentas básicas, ou seja, para os alunos com deficiência auditiva é indispensável a Língua Brasileira de Sinais (Libras); para os alunos com deficiência visual o braile; para os alunos com limitação física adaptações no ambiente. E para alunos como deficiência intelectual?

Há um longo processo, pois os professores devem primeiro entender as dificuldades dos estudantes com limitação de raciocínio e desenvolver formas criativas para auxiliá-lo na aprendizagem. Sendo assim, vamos entender o que é e como funcionam as deficiências.

3.2 Deficiência Mental e/ou Deficiência Intelectual

Há uma confusão quanto à definição da deficiência Mental e intelectual. Sendo assim Pimentel aponta aspectos da deficiência intelectual:

“A deficiência intelectual pode ser caracterizada como um déficit cognitivo que se traduz em dificuldades de adaptação ao entorno do qual a pessoa faz parte. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM IV – associa a deficiência intelectual a dificuldades em, pelo menos, duas das seguintes áreas: comunicação, autocuidado, vida doméstica, habilidades sociais/ interpessoais, uso de recursos comunitários, autos-suficiência, habilidades acadêmicas, trabalho, lazer, saúde e segurança”. (CARVALHO; MACIEL, 2003, apud, PIMENTEL ANO, p.44)

Para a Organização Mundial de Saúde a deficiência mental:

“(…) é uma variação importante no desenvolvimento intelectual. Ela pode originar certas limitações em diversas capacidades da pessoa. Os fatores ambientais, no entanto, podem afectar o grau do desempenho individual em diferentes domínios da vida.” (OMS, 2003 p. 195).

Portanto, ambos dos termos apontam as mesmas características, uma denominando a outra, o que explica Jardel.

Para entender a diferença entre doença mental e deficiência intelectual é necessário que se compreenda os seguintes aspectos: A doença mental pode ser entendida como um conjunto de comportamentos e atitudes capazes de produzir danos na performance global do indivíduo, causando impactos na sua vida social, ocupacional, familiar e pessoal. Segundo a Organização

Mundial de Saúde, não é possível se construir uma única definição deste conceito uma vez que o entendimento de saúde mental também está associado à construção de critérios subjetivos, pautados em valores e diferenças culturais. Em 1995 a Organização das Nações Unidas – ONU, altera o termo deficiência mental para deficiência intelectual, com o objetivo de diferenciá-la da doença mental (transtornos mentais que não necessariamente estão associados ao déficit intelectual). Portanto, a pessoa com deficiência intelectual caracteriza-se por ter um funcionamento intelectual significativamente inferior à média. (JARDEL, F. 2015)

3.3 Entendendo as deficiências intelectuais.

As DIs (Deficiências intelectuais) manifestam-se antes dos 18 anos de idade e seu diagnóstico não é fácil, pois engloba fatores genéticos e ambientais.

São considerados DIs os TGD (Transtornos Globais do Desenvolvimento) que englobam a Síndrome de Down, Autismo, Síndrome de Asperger, Síndrome de Williams e Síndrome de Rett. Portanto, vamos entender suas características e como trabalhar com elas.

A Síndrome de Down é uma alteração caracterizada pela presença de um terceiro cromossomo. Suas características vão além do déficit cognitivo, pois também têm dificuldades na comunicação. Na sala de aula, é necessário que o professor repita várias vezes para compreensão, pois o portador da síndrome demora um pouco mais para compreender. É necessário que a linguagem verbal seja simples, em forma de comando, sempre o reforçando-o. O ideal é utilizar ilustrações grandes e chamativas para prender a atenção. É muito importante que o professor seja firme, para mostrar que existem regras e que deverá cumprir como todos os demais.

O autismo é um transtorno com influência genética causada por defeitos em várias partes do cérebro, como o corpo caloso (que faz a comunicação entre dois hemisférios), a amígdala (que tem funções ligadas ao comportamento social e emocional) e o cerebelo (lobos frontais). Suas características são as dificuldades a interação social e comportamento (movimentos estereotipados), atraso na fala e agressividade. Na sala de aula o professor deverá criar situações que possibilitem a interação dando instruções claras e evitando atividades longas. O autista não gosta de mudanças, sendo assim avise quando a rotina mudar, pois as alterações no dia-a-dia não são bem-vindas, podendo haver agressividade.

A síndrome de Asperger é semelhante ao autismo, o que se difere é que a Síndrome Asperger tem o aparecimento da linguagem no período normal, mas geralmente sente-se confuso. Em sala de aula o professor deverá usar o mesmo método utilizado para a aprendizagem de um aluno com autismo.

A Síndrome de Williams é a desordem no cromossomo 7. Suas características são dificuldades motoras e a orientação espacial; há um interesse grande por música, sendo assim, em sala de aula o ideal é desenvolver atividades com músicas para chamar a atenção do aluno.

A Síndrome de Rett é uma doença genética que, na maioria dos casos atinge as meninas. Sua características são a regressão no desenvolvimento, movimentos estereotipados e perda do movimento das mãos (entre 6 e 18 meses), a comunicação se faz pelo olhar. Em sala de aula, o professor deverá criar estratégias para que esse aluno possa aprender, tentando estabelecer sistemas de comunicação, muitas vezes essa criança com essa síndrome necessitam de equipamentos especiais para caminhar e se comunicar.

3.4 Síndrome de Down: A síndrome mais encontrada na sala de aula.

Segundo a Revista Ciranda da Inclusão (2012, p.10) “De todos os Bebês que nascem com algum tipo de síndrome, 91% são Downs”. Portanto, entre as síndromes, a Down é a mais encontrada na realidade em sala de aula.

O IBGE 2000 apresenta números expressivos de pessoas com deficiência intelectual em todas as regiões do Brasil, totalizando aproximadamente 2,5 milhões de pessoas. No norte não foram registrados casos de DI, no Nordeste foram registrados 32% dos casos, no Sudeste 40% dos casos, no Sul 14% dos casos e no Centro-oeste 7% dos casos. Portanto, vale ressaltar que o Sudeste é a região que mais apresenta casos de deficiência intelectual no Brasil, dentre eles, a Síndrome de Down.

A síndrome de Down é facilmente reconhecida, pois têm características físicas frequentes, como: face achatada e larga; olhos com pregas epicânticas como o povo mongol, tanto que essa síndrome inicialmente foi chamada de mongolismo devido à semelhança; baixa estatura e mãos curtas. Algumas pessoas com a Síndrome têm essas características extremas e outras leves, dependendo da quantidade de células agredidas na alteração de cromossoma.

No ambiente escolar, o aluno com Down tem a mesma capacidade de aprender como os demais bastam o empenho e a paciência dos professores para trabalhar com eles, não excluindo e subestimando-o sua capacidade.

O professor é a “peça chave” para o desempenho desses alunos, portanto, deve estar preparado para recebê-los, pois os Downs aprendem em um ritmo diferente dos outros. Pode não ser muito fácil, pois sua personalidade é forte; nem todos são iguais, muitos são extremamente dóceis, outros agressivos, alguns muito interessados em atividades escolares e outros dispersos, dessa forma, fica claro, que suas atividades e avaliações deverão ser diferenciadas.

4. PROPOSTA DE ENSINO

4.1 A cooperação

Em suma, percebemos que a prática de sala de aula quando se trata de uma sala inclusiva, tem-se um empenho maior do professor, para atender as necessidades de todos os alunos utilizando estratégias para obter um bom resultado em sua aprendizagem. De acordo com a experiência e sabedoria de José Pacheco, uma das estratégias é a cooperação:

“(…) as escolas sentiam que a aprendizagem cooperativa era uma maneira importante de melhorar a inclusão. (...) O ensino em equipe está ligado ao sucesso, ponto em que as necessidades dos alunos viram muito. Os benefícios aparecem em maior diversidade de estratégias e dão aos alunos uma melhor qualidade e quantidade de atenção”.(PACHECO, J, 2006, p. 45-46)

A estratégia de cooperação é utilizada por diversos professores em diversas situações. A Revista Brasileira de Informática na Educação fala sobre a cooperação embasada por Vygotski, chamada de “teoria do par mais capaz”, que visa à aprendizagem colaborativa usando pares de pessoas com desenvolvimento cognitivo distinto, onde o sujeito mais desenvolvido possa ajudar e proporcionar experiências ao companheiro de maneira que o seu nível de aprendizagem aumente.

Sendo assim, criei uma sequência didática sobre o “Gênero Textual Cordel” com base nesta, para ser trabalhada em uma sala Inclusiva, uma sequência que atende todas as necessidades dos alunos com e/ou sem deficiência intelectual.

4.2 A importância de trabalhar Gêneros textuais em sala inclusiva.

Na didática, o professor ao trabalhar com textos e tendo a reflexão dos discursos dos estudantes, da literatura e da mídia, tem sido obrigado a se colocarem questões relativas às classificações dos discursos e textos. As ações e linguagem se consolidam discursivamente dentro do gênero do discurso, como um processo de decisão.

Ao reconhecer as variedades de gêneros, existem arquétipos e tipos discursivos. Baseado em Bronckart, Brandão faz distinção entre eles. “Os arquétipos discursivos se definem essencialmente pela maneira como estão ancorados na situação de produção, isto é, em relação ao referente, de um lado, e em relação à interação social, de outro” (BRANDÃO, 2000, p. 26).

O trabalho com os gêneros em sala inclusiva é excelente devido à categorização dos textos, fazendo parte das atividades cognitivas espontâneas, assim explica Erlich.

“(…) desvios entre leitores lentos e rápidos não ocorrem somente por capacidades desiguais de decifração e/ou por um domínio desigual do tema abordado no texto lido, mas igualmente por diferenças sensíveis de construção, sob o controle de esquemas textuais prototípicos, de uma representação organizada e hierarquizada do conteúdo semântico do texto. Numerosos trabalhos sobre a produção escrita confirmam o papel de tais esquemas disponíveis na memória de longo termo sobre as atividades de planificação e de visão”. (ERLICH, apud BRANDÃO, 2000, p. 22)

Dessa forma, a citação acima mostra a importância de se trabalhar os Gêneros textuais com dos leitores e escritores considerados não proficientes.

Para Bakhtin (apud BRANDÃO, 2000, p. 37)

“(…) quando um indivíduo fala/escreve ou ouve/lê um texto, ele antecipa ou tem uma visão do texto como um todo acabado justamente pelo conhecimento prévio do paradigma dos gêneros a que ele teve acesso nas suas relações de linguagem”.

Os Gêneros devem ser trabalhados de uma forma codificada, sócio historicamente, ou seja, codificada por uma cultura, enquanto a materialidade linguística manifestada em diferentes formas de textualização.

Portanto, ao apresentar ao aluno as leituras das estratégias discursivas dos diferentes gêneros, o professor estará contribuindo para formar cidadãos no seu sentido pleno.

4.3 Cordel em sala inclusiva

Podemos dizer que a literatura de cordel vinculam-se com a tradição medieval, pois tinham a atividade de contar histórias na comunidade.

O cordel se estabelece em um gênero intermediário entre escrita e oralidade, fazendo uma ponte entre duas culturas: popular e literária.

No Brasil, a literatura de cordel originou-se no Nordeste, mas devido às correntes migratórias foi se expandindo, chegando ao Sudeste do país. Atualmente o cordel mantém enquanto narrativa característica de origem, assim como a função de ensinamento e função social educativa.

O interesse pela literatura de cordel veio da beleza e da necessidade da valorização da cultura nordestina. A aplicação do gênero em uma sala inclusiva faz com que aluno com deficiência intelectual em processo de cooperação com o par mais capaz, trabalhe em um mesmo nível. A preparação das xilogravuras faz com que trabalhe a

coordenação motora e aflora a criatividade de cada indivíduo. A apresentação é o produto final, narrada e/ou cantada ajudam no entendimento. Logo, mostra que o gênero cordel cumpre todas as necessidades dos alunos DIs, ou seja, alunos com síndrome de Down, Autismo, síndrome de Asperger, síndrome de Williams e síndrome de Rett.

4.4 Sequência Didática: Conhecendo o gênero literatura de Cordel

Sempre ao apresentar atividades diferenciadas é necessário que o cronograma seja passado e repassado aos alunos com dias de antecedência, para que não haja rejeições aos alunos com deficiência intelectual que não gostam de mudanças, geralmente os autistas.

1º PROCEDIMENTO: (atividade feita oralmente, necessária a repetição toda vez em que se for falar sobre cordel)	Exploração do conhecimento do aluno e acréscimo de informações sobre o contexto sócio histórico da produção do cordel: O que é cordel? Onde surgiu? Em que linguagem é escrita? Quantos versos podem ter em uma estrofe? Precisa ter rimas? Precisa ter figuras? Como é feito essas figuras? Depois de feito, como pode ser apresentado? Como deve ser exposto ao público?
2º PROCEDIMENTO: Contato com a escrita da Literatura de Cordel	Leitura da literatura de cordel de João Cabral de Melo, José Lins do Rego e Guimarães Rosa, para que os alunos possam conhecer o gênero com a leitura de uns dos maiores escritores cordelista nordestinos.
3º PROCEDIMENTO: Contato com o áudio da Literatura de Cordel	Apresentação do áudio de um dos maiores cordelista do Brasil, Luiz Gonzaga.
4º PROCEDIMENTO: Produção do poema	1º Escolha da Dupla (a escolha deverá ser feita pelo professor, visando à teoria do par mais capaz); 2º Escolha do tema (cada dupla escolherá um tema de sua preferência); 3º Cada dupla deverá elaborar uma história utilizando as regras já discutidas no 1º procedimento.

4.5 Sequência Didática: Produzindo cordel.

Objetivo final do projeto: a produção de histórias de cordel em sala inclusiva. O Cordel deverá ser feito em folha de papel colorido A4.

Módulo 1:
LEITURA PARA CONHECER O GÊNERO CORDEL:
Várias leituras de cordéis, para apropriação das características típicas do gênero discursivo, de acordo com a sequência didática “Conhecendo literatura de cordel”.



Módulo 2

PRODUÇÃO DA CAPA DO CORDEL DE ACORDO AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: Há uma série de procedimentos utilizados em uma produção de cordel, mas devidos condições óbvias, as xilogravuras (pedaço de madeira para entalhar um desenho) será feito em bandejas de isopor.

PROCEDIMENTO:

Cada dupla após fazer seu desenho, passará para a bandeja de isopor utilizando uma caneta, marcando-a bem fundo.

Com a tinta guache preta, pintará todo o isopor que será pressionado na folha A4.



Módulo 3

DIVULGAÇÃO AO PÚBLICO: será feito uma exposição dos cordéis para toda a comunidade. Sendo assim, de acordo com a forma típica de circulação do gênero cordel, será exposto em um varal feito de barbante com os cordéis feitos pelos alunos penduradas em prendedores de roupa, para fácil acesso aos leitores. Além disso, será feita apresentações sobre alguns, em forma de narração e/ou música para a divulgação dos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar uma escola inclusiva é pensar em uma escola justa e democrática, que inclua a todos, sem discriminação, independente de sexo, idade, religião, origem étnica, raça, e principalmente deficiência, seja ela física ou intelectual.

Percebe-se que a inclusão cresce a cada ano e o desafio de garantir uma educação de qualidade para todos acompanha esse crescimento. O sistema de inclusão permite que os alunos convivam com as diferenças e se tornem cidadãos solidários.

Por fim, devemos garantir que o motivo de incluir alunos com necessidades especiais na rede regular de ensino, não seja apenas à interação; o professor é uma “peça” fundamental, pois é ele quem deverá se empenhar para criar estratégias e garantir uma educação de qualidade; uma educação que possa aprimorar os conhecimentos suprimindo as necessidades intelectuais e motoras dos alunos com e sem Deficiência.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Daniela. “Os desafios da Educação inclusiva: foco nas redes de apoio”, In: *Nova escola*. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/palavra-especialista-desafios-educacao-inclusiva-foco-redes-apoio-734436.shtml?page=4> , acesso em: 14 de janeiro de 2015.

BARREIROS, IRELAND, Debora, Timothy. *Tornar a educação inclusiva*. Brasília, Editora Anped. 2009

BRANDÃO. Helena. *Gênero do discurso na escola*. Vol. 5, São Paulo, Editora Cortez, 2000.

CARVALHO, JESUS. Edilson, Paulo. “Educação, trabalho e inclusão socioeconômica: Um estudo analítico sobre a inserção de pessoas com necessidades educativas especial mental na sociedade e no mercado de trabalho”. In: *Revista Nacional de Tecnologia assistiva*. Julho, 2011. P.9-13

- FRIZANCO, HONORA; Mary, Marcia. "Síndrome de Rett". *In: Ciranda da Inclusão*. Ano 2, n.13. Dez. 2010.p. 4- 10
- FRIZANCO, HONORA; Mary, Marcia. "Uma questão de inclusão". *In: Ciranda da Inclusão*. Ano 2, n.13. Dez. 2010.p. 4- 10
- FRIZANCO, HONORA; Mary, Marcia. "Deficiência intelectual e as variedades nos tempos de aprendizagem". *In: Ciranda da Inclusão*. Ano 2, n.14. Fev. 2011.p. 8-16
- FRIZANCO, HONORA; Mary, Marcia. "Síndrome de Down: uma lição de Vida". *In: Ciranda da Inclusão*. Ano 3, n.25.fev. 2012 p. 4- 15
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo, Editora Moderna, 2003.
- MARTIM, Carla Soares. "Deficiência intelectual". *In: Nova escola*. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/aprender-superar-511027.shtml?page=2> . acesso em: 15 de abril de 2015.
- PACHECO, José. *Caminhos para a inclusão. Um guia para o aprimoramento da equipe docente*. São Paulo, Editora Artmed, 2006.
- PAULA, SILVA, FALCÃO, PINHO, Brena, Élide, karlianne, Marília. "Pedagogia das diferenças. Um olhar sobre a inclusão". *In: Só pedagogia*. Disponível em: <http://www.pedagogia.com.br/artigos/pedagogiainclusao/> acesso em 24 de Julho de 2015
- PESSOTTI, Isaias. *Deficiência mental: da superstição à ciência*. São Paulo. 1984.
- RODRIGUES, Cintia. " Deficiência intelectual Mente estimulada", *In: Nova escola*. Disponível em: http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/educacao/conteudo_477522.shtml. Acesso em 30 de Agosto de 2015
- RODRIGUES, David. "Eu ensino. Tu aprendes?". *In: Presença pedagógica*. Vol. 20, n118, jul./ago. 2014.p. 33-34
- STAINBACK; STAINBACK, Susan, Willian. *Inclusão-Um guia para educadores*. Porto Alegre, Editora Artmed, 1999.
- VALENTIM e OLIVEIRA, Fernanda e Anna. "Avaliação da aprendizagem e deficiência intelectual na perspectiva de professores do ensino comum" *In: Diálogo da Educação*, vol.13, n.40, set./dez. 2013, p 851-871.

A FILOSOFIA NA GRAMÁTICA TRADICIONAL

Resumo

No ensino de língua portuguesa, o problema da conceituação é de fundamental importância, porque as gramáticas misturam os critérios: sintático, semântico e morfológico. Por outro lado há uma influência muito grande da filosofia nos conceitos gramaticais, devido à própria origem da gramática, ou seja, ela nasceu dentro da filosofia. O primeiro gramático era um filósofo. Sendo assim, este trabalho tem por objetivo mostrar em algumas gramáticas as marcas da filosofia. Como fundamentação teórica mostramos o percurso histórico das gramáticas e a influência do contexto. O corpus selecionado consta de algumas gramáticas representativas da língua portuguesa, nas quais analisamos as marcas filosóficas, em algumas de suas partes. Concluindo, foi possível observar que as gramáticas analisadas apresentam influência da filosofia, embora escritas em épocas diferentes.

Palavras-chave: língua portuguesa; gramáticas; filosofia; percurso histórico; marcas filosóficas.

Abstract

In Portuguese language teaching, the problem of conceptualization is of fundamental importance because the grammars mix criteria: syntactic, semantic and morphological. On the other hand there is a very big influence of philosophy in grammatical concepts, due to the very origin of grammar, meaning she was born within philosophy. The first grammarian was a philosopher. Thus, this work aims to show in some grammars brands of philosophy. As theoretical basis showed the historical path of grammars and the influence of context. The selected corpus consists of some representative grammars of the Portuguese language, in which we analyze the philosophical brands in some of its parts. In conclusion, it observed that the grammars have analyzed the influence of philosophy, although written at different times.

Keywords: Portuguese; grammars; philosophy; historical development; philosophical marks.

INTRODUÇÃO

A gramática tradicional tem suas origens na gramática grega, tendo assim forte influência filosófica em seus conceitos. Os estudos gramaticais foram iniciados com os filósofos que estudavam o assunto de forma indireta, e continuando com os estóicos que

tornaram esses estudos independentes, e com os alexandrinos que tinham preocupação literária. Na Idade Média, os escolásticos tiveram influência da filosofia aristotélica, retomando a ideia de um sistema filosófico universal. No século XIX surge a gramática comparativa tendo como objetivo identificar as famílias de línguas e mostrar ser a mudança linguística um processo regular. No século XX Noam Chomsky criou a gramática gerativa, considerando suas regras como universais linguísticos.

Este trabalho irá mostrar a presença da filosofia nas gramáticas, pois há uma grande influência filosófica nos conceitos gramaticais. Será feito um percurso histórico analisando algumas gramáticas ao longo do tempo.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A origem da gramática

Foi na Grécia, por volta do séc. V a.C., que os estudos linguísticos foram iniciados como ramo da filosofia, sendo desenvolvidos pelos romanos, pelos trabalhos especulativos da Idade Média e pelo estudo normativo dos gramáticos dos períodos subsequentes, constituindo a chamada “gramática tradicional”.

O estudo gramatical na Grécia Antiga é constituído de três períodos principais: (1) período iniciado com os filósofos pré-socráticos e os primeiros retóricos, continuando com Sócrates, Platão e Aristóteles; (2) o período dos estóicos; e (3) o período dos alexandrinos. No primeiro período, a língua não era uma preocupação independente, sendo estudada por filósofos de maneira indireta. Quanto a Aristóteles, também não escreveu um tratado sobre a língua, e seu pensamento linguístico está difundido em sua obra retórica e lógica. A ele deve-se, a criação das “categorias de pensamentos”, sendo também chamadas categorias aristotélicas, que deram origem às partes do discurso.

Mas só a partir da escola estóica é que a língua passou a ser tratada em obras independentes. Segundo os estóicos, os estudos linguísticos eram partes da filosofia.

1.2 Introdução: o período Helênico e Helenístico na Grécia Antiga

A civilização helênica surgiu nos tempos homéricos aproximadamente de 1200 a 800 a.C, segundo Burns (1971). Os helenos eram uma raça mista que falava uma língua de filiação

indo-europeia. Em relação à literatura, afirma Burns (1971) que os gregos homéricos eram um povo pré-literário cujas produções intelectuais não iam muito além do desenvolvimento de cantos populares, baladas e pequenas epopeias cantadas e levadas de uma aldeia e outra. Grande parte desses poemas foi reunida na *Ilíada* e na *Odisséia*, que constituem ricas informações sobre os ideais e os costumes dos tempos homéricos, e veio a lume sob a forma escrita no século IX a.C.

13 A Literatura na civilização Helenística

A helenística é significativa pela luz que lança sobre a fisionomia dessa civilização. Grande parte de seus escritos eram pobres em originalidade ou em profundidade de pensamento; os nomes de pelo menos 1100 autores já foram catalogados, e outros mais são adicionados todos os anos. Grande parte do que escreviam era de pouca qualidade, contudo, houve obras bem acima da mediocridade e umas poucas que alcançaram os mais altos padrões estabelecidos pelos gregos.

14 A filosofia na civilização helenística

As primeiras e mais importantes filosofias helenísticas foram o epicurismo e o estoicismo, ambas surgidas mais ou menos em 300 a.C. Seus fundadores foram Epicuro e Zenon.

Para a história da linguística, a mais importante escola filosófica é a dos estóicos. Os estóicos trabalharam em vários campos que já tinham sido cultivados por Aristóteles, mas em alguns pontos de filosofia e retórica desenvolveram seus próprios métodos e doutrinas.

15 Os filósofos alexandrinos e a origem da gramática

“O período dos alexandrinos se destacou dos dois anteriores neste ponto: sua preocupação com a língua era literária, e não filosófica ou lógica, e seu estudo linguístico era parte de seu estudo literário” (Lobato, 1986: 78). Esses estudiosos tinham o propósito de tornar acessíveis aos contemporâneos as obras de Homero e a preocupação com o “uso correto” da língua, para preservar o grego clássico de corrupções. Esses estudos foram desenvolvidos em Alexandria, grande centro cultural da época. Com isso, os estudiosos foram denominados “alexandrinos”.

16 A gramática na Idade Média

A Filosofia medieval teve seu apogeu nos séculos XII e XIII, quando floresceu a filosofia escolástica, que é o resultado da integração da filosofia aristotélica no pensamentocristão, por diversos pensadores (São Boaventura, Alberto o Magno, São Tomás de Aquino, Duns Scoto). Por influência da filosofia aristotélica, os escolásticos retomaram a ideia de um sistema filosófico universal, procurando reduzir todas as ciências a um conjunto de proposições independentemente verdadeiras (i.e. a verdade dessas proposições poderia ser demonstrada dedutivamente a partir de um certo número de princípios de base, válidos universalmente).

1.7 A gramática no período do Renascimento

Segundo Lobato (1986) o estudo gramatical na Renascença foi de novo um aliado da literatura, pois seu objetivo era o de tornar acessível a literatura clássica e ajudar na aprendizagem do latim clássico. No século XVI surgiu um grande número de gramáticas em todo o mundo, tomando por base as gramáticas greco-romanas. Nessa época, foi publicada a primeira gramática portuguesa (Grammatica de linguagem portuguesa), de Fernão de Oliveira [1536], a gramática de João de Barros [1540] e as gramáticas das línguas vernáculas.

No século XVII são retomadas as especulações filosóficas no âmbito dos estudos linguísticos. Na França; a “Grammaire Générale et Raisonné” (Gramática Geral e racional) publicada em 1660 pelos gramáticos de Port Royal (V. Lancelot & Arnauld). Em Portugal; a Grammatica Philosophia de Língua Portuguesa, de Jerônimo Soares Barbosa (1737-1816), foi publicada no século XVIII em Lisboa.

1.8 O século XIX: a gramática comparada

No século XIX, o método denominado comparativo foi objeto de estudos altamente especializados. A esse tipo de estudo é comum atribuir-se o rótulo de gramática (ou filologia) comparada ou de linguística histórica. A preocupação com a origem das línguas, sua semelhança, a etimologia das palavras é bem anterior, mas só a partir da descoberta do sânscrito, em fins do século XVIII, é que os estudos comparativistas passaram a ter o objetivo de identificar as famílias de línguas e mostrar ser a mudança linguística um processo regular.

As gramáticas desse período priorizam a palavra, enfatizando a sua origem, formação, sentido e relações. No Brasil, um exemplo de gramática histórica é a de Eduardo Carlos

Pereira (1935), que assim conceitua: “Grammática histórica da língua portuguesa é o estudo da origem e evolução do português no tempo e espaço”.

1.9 A gramática nos séculos XX e XXI

No século XX temos os estruturalismos linguísticos: europeu e americano, cujos representantes são: Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky, respectivamente.

O estruturalismo europeu prega a linguística imanente, o estudo da língua por si mesma. O representante do estruturalismo americano, Chomsky, criou a Gramática Gerativa, partindo do pressuposto que suas regras são universais linguísticos.

A teoria chomskyana está identificada com a corrente filosófica do racionalismo, que tem sustentado que os fundamentos da linguagem são inatos no homem. A língua é vista como um sistema, ela parte da observação de que todo conceito é determinado por outros do mesmo sistema e nada significa por si só.

No Brasil, a Gramática Gerativa eclodiu nas décadas de 70-80, através das adaptações ao Português, por estudiosos brasileiros, entre os quais destacamos Koch e Silva (1983). É o ensino da análise sintática pelo modelo, arbóreo, bastante comum nos livros didáticos da época.

1.10 A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB)

Ainda no final do século XX havia a confusão terminológica e para colocar ordem, o Ministro da Educação e Cultura, Prof. Dr. Clóvis Salgado da Gama, designa uma comissão para elaborar um projeto que simplifique e unifique a terminologia gramatical. A comissão foi constituída por cinco professores catedráticos do Colégio Dom Pedro II, que nessa época era frequentado pelos filhos da elite carioca, sendo o Rio de Janeiro a capital brasileira. Os cinco professores designados foram: Antenor Nascentes (Presidente), Clóvis do Rego Monteiro, Cândido Jucá Filho, Carlos Henrique da Rocha Lima (Secretário) e Celso Ferreira da Cunha.

Nesse período há também a discussão entre os gramáticos, pois uns queriam manter a adoção de autores de prestígio a fim de manter a hegemonia do uso padrão e outros queriam considerar as variações linguísticas portuguesas e brasileiras. Vencemos primeiros.

1.11 A fase pós – NGB

Essa fase prima pela diversidade de pontos de vista, em que alguns gramáticos buscam

somar os avanços dos estudos linguísticos para situar o papel da gramática na sociedade linguística, ainda que as regras gramaticais mantenham-se fiéis à tradicionalidade da gramática normativa, e outros estão preocupados com a instituição escolar, e dessa forma, a gramática é apresentada como uma disciplina.

Evanildo Bechara é um dos gramáticos representativos da facção que busca articular a teoria gramatical com as novas experiências da ciência linguística, situando o papel da gramática, que envereda por esse caminho na década de 1960.

1.12 Conclusão do percurso

Concluindo esse percurso histórico, foi possível constatar semelhanças e diferenças das gramáticas ao longo do tempo. A principal semelhança entre elas são a ligação com a filosofia, pois os estudos linguísticos são de ramo filosófico. Por mais que a gramática tenha tido sua independência a partir da escola estoica, sua essência é filosófica.

As diferenças entre as gramáticas devem-se às maneiras como se desenvolveram, sendo filosóficas, literárias e comparativas.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa estritamente bibliográfica, prescindindo de pesquisa de campo. É, portanto de abordagem qualitativa, uma vez que não emprega dados estatísticos como centro do processo de análise.

Como referencial teórico utilizamos, entre outras, as obras:

GURPILHARES e OLIVEIRA [2011], sobre gramática e sociedade.

NEVES [1987], sobre a vertente grega da gramática tradicional.

O tratamento qualitativo justifica-se por uma opção do pesquisador, apresenta-se de uma forma adequada para poder entender a relação de causa e efeito do fenômeno e conseqüentemente chegar à sua razão. Para essa pesquisa, o problema ou hipótese só pode ser investigado por uma metodologia qualitativa.

Assim, a pesquisa qualitativa tem como objetivo situações complexas ou estritamente particulares. As pesquisas que utilizam a abordagem qualitativa possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese-problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos

sociais, apresentar contribuições para o processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permite, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos.

A abordagem qualitativa nos leva a uma série de leituras sobre o assunto da pesquisa, para efeito da apresentação de resenhas, ou seja, descrever pormenorizadamente ou relatar minuciosamente o que os diferentes autores ou especialistas escrevem sobre o assunto e, a partir daí, estabelecer uma série de correlações para, ao final, darmos nosso ponto de vista conclusivo.

3. ANÁLISE DO CORPUS

Embora essa pesquisa esteja ainda em andamento apresentamos, a seguir, alguns exemplos que atestam a influência da filosofia na gramática tradicional:

A) Na estrutura da gramática

A gramática tradicional, excetuando a 1ª, de Dionísio da Trácia (séc. II a. C.), que não contemplava a sintaxe, todas apresentam:

A1) Fonética/Fonologia

A2) Morfologia

A3) Sintaxe

A4) Semântica: algumas apresentam uma parte denominada “Estilística”, que trata do sentido.

A1) Fonética / Fonologia

Em Neves (1987, p. 123/ 124) encontramos: “... a análise do significante em seus componentes mínimos não é um fenômeno isolado na tentativa do conhecimento grego, pois se prende às teorias dos filósofos materialistas sobre o mundo físico. Eles dividiam até o infinito a substância, para nele isolarem os elementos que são correlatos das letras na linguagem, quando não se confundem explicitamente com elas. As letras seriam comparadas a átomos fônicos. Epicuro, por sua vez, pensava que as coisas podiam ser decompostas em elementos ínfimos, considerados como assimiláveis às letras do alfabeto.

Vê-se que a Fonética/Fonologia se assentam em bases filosóficas, conforme exposto.

A2) Morfologia

A morfologia é o estudo das classes de palavras, as quais, inicialmente foram chamadas “partes do discurso”, posteriormente “categorias de palavras” e, atualmente, classes de palavras.

Inicialmente, coube a Platão a distinção entre substantivo e verbo.

Aristóteles, além de acrescentar ao nome e ao verbo uma classe nova, a das conjunções, determinou uma série de distinções que perduram até hoje, reconhecidas como categorias aristotélicas.

Benveniste (1976) elenca as dez categorias criadas por Aristóteles e que deveriam dar conta de explicar o mundo real:

1ª – substância ou essência; 2ª – o quanto; 3ª – o qual; 4ª – o relativamente a quê; 5ª – o onde; 6ª – o quando; 7ª – o estar em posição; 8ª – o estar em estado; 9ª – o fazer; 10ª – o sofrer.

Para o mesmo autor: a 1ª se refere aos substantivos; 2ª, 3ª e 4ª às formas de qualificar; 5ª e 6ª relativas a lugar e tempo; as quatro seguintes são categorias verbais.

A3) Sintaxe

As bases filosóficas da sintaxe assentam-se nas propostas de Platão e Aristóteles.

Os nomes, para Platão, eram as palavras suscetíveis de funcionar como sujeito numa oração, e os verbos, suscetíveis de denotar a ação ou a qualidade expressa pelo predicado. Assim, a classe dos verbos era constituída pelos elementos denominados verbos e adjetivos.

Na esteira da posição assumida por seu mestre (Platão), Aristóteles lançou os fundamentos da gramática grega: vendo a língua através da lógica, desenvolveu o estudo lógico da linguagem, que prevaleceu até o advento da linguística propriamente dita. Fez a primeira distinção nítida sobre as partes do discurso: (substantivos, verbos e partículas). Em outras palavras, como afirma Mattos e Silva (1989), estabelecida a distinção entre substantivo e verbo por Platão, estava aberto o caminho para uma compreensão analítica de estruturação da linguagem como representação do pensamento.

E é desde essa época – e perdura até nós – que se estabelece como princípios de análise a frase declarativa, considerada por Aristóteles o discurso primeiro. É nele que se explicita a relação entre o que o verbo designa e o que ele, verbo, propõe ou predica, ou seja,

está aí definida a proposição, que afirma ou nega um predicado ao sujeito, ou diz se o sujeito existe ou não.

Sendo assim observamos, a partir do exposto, que: a definição das mais importantes classes gramaticais, “substantivos” e “verbos”, foi feita sobre fundamentos lógicos, isto é, como constituintes de uma proposição; em segundo lugar, que o que hoje chamamos verbos e adjetivos pertenciam a uma mesma classe.

Parece possível concluir que, enquanto a discussão platônica: natureza x convenção, conforme expusemos, levou a futuras posições essenciais da Linguística contemporânea, as pesquisas de Aristóteles dariam margem a reflexões sobre a linguagem em outra direção: a constituição da gramática (Leroy, 1977). Sua intenção foi elaborar, com base na teoria das proposições e dos juízos, uma teoria da frase.

A filosofia aristotélica distinguia conceitos (como “seres”, “ações”, “qualidades”, “quantidade”), juízos (associação predicativa de dois conceitos) e raciocínio (associação de juízos sob a forma de premissas e conclusão).

Exemplos: associando-se o conceito “pássaro” [ser], a “voar” e a “todo” [quantidade], formula-se um “juízo”, que pode ser o ponto de partida de um raciocínio:

- Todo pássaro voa (premissa maior).
- o pardal é um pássaro (premissa menor).
- logo, o pardal voa (conclusão).

Trata-se do silogismo.

Portanto, “a origem dos estudos gramaticais no Ocidente se confunde com essas reflexões. A teoria aristotélica dos conceitos – ou categorias – se tornaria o fundamento da distinção entre as classes de palavras (substância / substantivo, etc.), e a estrutura do juízo como associação predicativa de dois conceitos (proposição) serviria de base à definição do objeto da sintaxe” (Azeredo, 1990, p. 16).

Enfatizemos que a proposição é sempre uma oração declarativa, afirmativa ou negativa.

Associados os dois conceitos na proposição, o termo sobre o qual se declara algo é o sujeito, e a declaração mesma, o predicado.

A análise gramatical, sendo derivada da análise lógica, passou a chamar sujeito e predicado às partes centrais fundamentais de qualquer construção centrada no verbo, fosse ou não, proposição, e a dar-lhes as mesmas definições que recebiam dos lógicos: sujeito – ser sobre o qual recai uma declaração; predicado – tudo aquilo que se declara do sujeito.

Em razão do exposto, inicialmente a análise sintática denomina-se análise lógica em razão da sua origem na lógica aristotélica.

4. RESULTADOS

Conforme exposto anteriormente, esta pesquisa ainda está em andamento, e nos exemplos apresentados na análise do “corpus” foi mostrado a influência da filosofia na gramática tradicional.

Os resultados foram alcançados e na análise apresentada percebe-se com clareza a presença da filosofia nos conceitos gramaticais.

5. CONCLUSÃO

O objetivo proposto nesta pesquisa foi alcançado uma vez que, alguns conceitos analisados em algumas gramáticas mostraram a influência da filosofia nos principais conceitos como: a fonética / fonologia, morfologia e sintaxe.

Concluindo, os resultados obtidos foram relacionados aos objetivos propostos corroborando a nossa hipótese.

REFERÊNCIAS:

GURPILHARES, Marlene Silva Sardinha; OLIVEIRA, Carlos Alberto de. *Gramática e sociedade*. Revista Ângulo, 2011, N°127, pp. 20 – 24.

NEVES, Maria Helena de Moura, *A Vertente Grega da Gramática Tradicional*. Brasília, Editora Hucitep, 1987, pp. 123 – 24.

CONHECIMENTO DE ENFERMAGEM NO PROCESSO DE DOAÇÃO DE SANGUE E SERVIÇO DE HEMOTERAPIA

RESUMO

A hemoterapia é um ramo da saúde de grande importância, que utiliza vários recursos materiais e humanos, produz serviços e produtos e visa o atendimento ao cliente. É um segmento onde os profissionais de saúde exercem sua prática, desempenhando um importante papel, que vai desde o atendimento ao paciente, seja ele o doador ou o receptor, até o desenvolvimento de pesquisas que envolvam essa área. Devido a estas considerações este estudo buscou analisar a produção científica acerca da importância do conhecimento da doação de sangue. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura nacional. O objeto de estudo foi composto por artigos publicados e indexados nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) no período de 2010 a 2015. O enfermeiro deve compreender as necessidades de cada paciente e atendê-los de forma humanizada e individualizada, tendo habilidade para lidar com diferentes tipos de situação.

Palavras Chave: Doadores de sangue, Conhecimento, Banco de sangue, Serviço de Hemoterapia.

ABSTRACT

The blood therapy is a branch of health importance, which uses various materials and human resources, produces goods and services and aims to customer service. It is a segment where health professionals exercise their practice, playing an important role, ranging from patient care, whether the giver or the receiver, to the development of research involving this area. Due to these considerations this study investigates the scientific literature about the importance of blood donation knowledge. An integrative review of national literature was made the object of study was composed of published and indexed articles in the Virtual Library databases in Health (BVS) in the period 2010 to 2015. The nurse should understand the needs of each patient and answering machine the humanized and individualized, and ability to handle different types of situations.

Keywords: Blood Donors, Knowledge, Blood Bank, Hematology Service.

INTRODUÇÃO

O sangue é de extrema importância para a manutenção da vida, pois não existe uma substância que possa substituí-lo totalmente, e se, perdido em excesso pode levar ao óbito. A única forma de se conseguir sangue para uma transfusão é a partir do ato de

solidariedade de pessoas, que se dirigem aos hemocentros para realizarem a doação (FREIRE, VASCONCELOS, 2013; RODRIGUES, REIBNITZ, 2011).

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a porcentagem de doadores deve ser cerca de 3 a 5% do total de habitantes do país. Porém, no Brasil, apenas 2% da população é doadora de sangue por ano. Esse número reduzido, deve-se à falta de informação sobre a importância de doar; falta de motivação; mitos que envolvem o processo de doação e tabus sobre a doação (MOURA, et.al, 2006).

A hemoterapia é um ramo da saúde de grande importância, que utiliza vários recursos materiais e humanos, produz serviços e produtos e visa o atendimento ao cliente. É um segmento onde os profissionais de saúde exercem sua prática, desempenhando um importante papel, que vai desde o atendimento ao paciente, seja ele o doador ou o receptor, até o desenvolvimento de pesquisas que envolvam essa área (ALMEIDA, et.al, 2011).

A primeira transfusão de sangue registrada na história foi em 1492, onde três jovens coletaram sangue e o deram para o Papa Inocêncio VIII, na tentativa de curá-lo de uma doença renal crônica, porém, os quatro morreram. Pelo fato de ter ocorrido várias mortes e complicações, devido às transfusões, estas foram proibidas por um período de aproximadamente 150 anos. No Brasil, o primeiro serviço de hemoterapia foi criado em 1942, no Rio de Janeiro, no Hospital Fernandes Figueiras, sendo o ponto de partida para que se inaugurassem outros serviços de hemoterapia no país (VIEIRA, 2012).

Em 1900, o pesquisador austríaco Karl Landsteiner descobriu o grupo sanguíneo ABO, fornecendo bases científicas para compreender a compatibilidade sanguínea entre as pessoas. A partir de então a transfusão de sangue e hemocomponentes passou a ser uma tecnologia amplamente utilizada nos cuidados da medicina moderna (CARVALHO, 2014).

É complexo o contexto dos bancos de sangue, visto que ali estão inclusas as crenças, saberes, costumes e valores que levaram o candidato à doação se mobilizar e valorizar a vida (RODRIGUES, 2013).

O setor responsável pelo cadastramento dos candidatos voluntários à doação de sangue é o Banco de Sangue. Nesse local são realizadas as etapas de coleta,

fracionamento do sangue e a preparação dos hemocomponentes. Esse serviço tem suas atividades regulamentadas pelo Ministério da Saúde, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), e é supervisionado pela Vigilância Sanitária Estadual, abrangendo todos os processos, desde a captação de candidatos até a transfusão (BARBOSA, 2009).

A transfusão de sangue se faz necessárias em várias situações, entre elas: acidentes de trânsito, queimaduras graves, anemia profunda, pacientes hemofílicos ou com distúrbios de coagulação e outras situações de emergência. A transfusão é feita com o intuito de aumentar a oxigenação no sangue, restaurar o volume de sangue perdido, corrigir distúrbios de coagulação e melhorar a imunidade do organismo (FRANCO; ERDTMANN; CÉZARO, 2008).

De acordo com a resolução nº 306/2006, do Conselho Federal de Enfermagem, o enfermeiro em hemoterapia tem como atribuição, entre outras, assistir de forma integral os doadores, receptores e familiares; promover ações de prevenção, educação e cuidado entre receptor e doador; realizar a triagem para avaliação de doadores e receptores; e supervisionar a equipe de enfermagem (SILVA, et. al, 2014)

Os profissionais de enfermagem desempenham um papel muito importante nas etapas da doação de sangue, porque estabelecem um vínculo e uma relação de confiança com os doadores. Logo, faz-se necessário que o processo de doação seja mais discutido durante a formação dos enfermeiros, a fim de que ampliem e desenvolvam melhor sua responsabilidade perante o paciente (NASCIMENTO, et.al, 2015).

Dessa forma, interessa no presente estudo investigar o conhecimento sobre o processo de doação de sangue. Acredita-se que, com base nos resultados dessa investigação, sejam identificados indicadores que possam sensibilizar novos doadores.

Devido a estas considerações este estudo buscou analisar a produção científica acerca da importância do conhecimento da doação de sangue.

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão integrativa da literatura nacional, que segundo Souza (2010), é um método que proporciona a síntese de conhecimento, a incorporação e a aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática. O objeto de estudo foi

composto por artigos publicados e indexados nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) no período de 2010 a 2015, combinando os descritores: Doadores de Sangue, Banco de sangue, Conhecimento, Serviços de Hemoterapia.

Os critérios adotados para a inclusão de artigos foram: estudos que abordassem a temática conhecimento acerca da doação de sangue; artigos publicados em periódicos nacionais indexados nas bases de dados já citadas, artigos publicados no idioma português e publicação sobre o tema nos últimos 5 anos. A coleta foi realizada no primeiro semestre de 2015, por meio de busca eletrônica (pesquisa em internet).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a combinação dos descritores nas bases de dados citadas, foram identificadas inicialmente 336 referências. Dentre estas, após seleção por título e resumo condizente com o objetivo deste estudo, foram analisados os artigos na íntegra e foram selecionados e incluídos 6 artigos, excluindo assim 329 artigos, seja por repetição nas bases de dados, seja por não contemplarem os critérios de inclusão previamente determinados.

A análise descritiva das 7 referências selecionadas possibilitou tanto a caracterização geral como a análise temática e síntese dos conteúdos das mesmas.

Tabela 1 Descrição dos artigos localizados nas bases de dados da biblioteca virtual de saúde (BVS)

TÍTULO,	AUTOR (ES),	OBJETIVO (S),	PRINCIPAIS RESULTADOS	CONCLUSÕES
O enfermeiro e o contexto em reações transfusionais	COSTA, JE; CABRAL, AMF; SIMPSON, CA	Procura, a partir da observação em procedimentos hemoterápicos, dar condições ao profissional de saúde, o enfermeiro, para que possa intervir em alterações que possam decorrer durante o processo hemoterápico, com	Contextualização da atuação dos enfermeiros nas práticas de hemoterapia.	A partir da reflexão sobre a posição dos contextos do enfermeiro nas práticas de hemoterapia, deve-se reorganizar posturas e cuidados nas formas de lidar com o usuário do sangue.

		foco nas reações transfusionais.		
Atuação do enfermeiro em serviço de hemoterapia	SCHÖNINGER, N; DURO, CLM	Analisar a atuação do enfermeiro no serviço de hemoterapia de um hospital universitário.	Na triagem, o enfermeiro desenvolve ações de acolhimento, informando aos usuários a respeito da doação, onde a equipe age em um objetivo em comum. O enfermeiro se sente valorizado, e uma forma de adquirir contínuas habilidades e competências para o trabalho da enfermagem nos serviços de hemoterapia é a	As enfermeiras recebem e selecionam os candidatos à doação e gerenciam as transfusões de pacientes internados. A educação em saúde é parte integrante do acolhimento para que o enfermeiro perceba o indivíduo na sua totalidade. Sugere-se a realização de novos estudos sobre o trabalho do enfermeiro em serviços de hemoterapia quanto ao acolhimento e seleção dos doadores, tendo em vista seu papel educativo.
Perfil dos candidatos inaptos para doação de sangue no serviço de hemoterapia do hospital Santo Ângelo, RS, Brasil	ROHR, JI; BOFF, D; LUNKES, DS	Analisar o perfil dos candidatos à doação e selecionar o melhor possível, com o intuito de atender à demanda dos produtos hemoterápicos, através de triagem clínica, identificando, assim, os candidatos inaptos à doação.	505 pacientes inaptos à doação no hospital Santo Ângelo, Rio Grande do Sul. Desses, 62% eram homens e, em ambos os gêneros, o maior número de inaptos tinha ensino médio completo e idade entre 18 e 23 anos. As principais causas de inaptidão foram multiplicidade de parceiros sexuais e comportamento de risco para homens, e baixo hematócrito para as mulheres.	O perfil do candidato inapto à doação tende a ser homem entre 18 e 23 anos, com ensino médio completo e doador espontâneo. Deve-se atentar para outros motivos de inaptidão, como: pessoas expostas a material potencialmente contaminado, usuários de droga e candidato vacinado recentemente.
O cuidado de enfermagem aos doadores de sangue – a perspectiva da integralidade	SANTOS, NLP; STIPP, NAC; SILVA, ALA; MOREIRA, MC; LEITE, JL	Analisar a lógica que opera no campo do cuidado de enfermagem aos doadores de sangue.	Destacar o modelo biomédico vigente na micropolítica local em tensa relação com a proposição da integralidade como eixo norteador do cuidado na macro política de saúde no campo do cuidado de enfermagem aos doadores de sangue.	Possibilidade de transição entre as tecnologias de saúde, com propostas do que é possível, no espaço micro político, onde as enfermeiras encampem os pressupostos do SUS tendo a integralidade como eixo norteador nas relações e nas práticas cotidianas do cuidado.
Conhecimento dos meandros da doação de sangue: implicação	SILVA, GEM; VALADARES, GV	Discutir os significados apreendidos pelos não doadores de sangue, considerando o contexto e as	Gerou duas categorias de análise: “percebendo a questão do sangue” e “refletindo sobre as campanhas de doação	Foi base para o conhecimento sobre a doação de sangue, juntamente com as crenças culturais e valores de cada um. Portanto,

s para a atuação do enfermeiro na hemoterapia		consequências para a atuação de enfermeiro na hemoterapia.	de sangue”. Observou-se que o ambiente do não doador é composto pelo contato com o outro e com as informações que este possa alcançar, inclusive a mídia.	todos esses aspectos devem ser considerados pelo enfermeiro que atua na captação de doadores.
Competências da enfermeira para triagem clínica de doadores de sangue	PADILHA, DZ; WITT, RR	Identificar as competências da enfermeira para triagem de doadores de sangue, dentre as preconizadas pelo Conselho Internacional de Enfermagem.	Foram observadas 25 entrevistas de cinco enfermeiras do serviço de Hemoterapia Unidade Banco de Sangue de um hospital universitário de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Foram identificadas 6 competências da área prática profissional, ética e legal e 11 da área provisão e gerenciamento do cuidado. Essas competências contribuem para o preparo e prática das enfermeiras generalistas na realização da triagem de doadores de sangue.	Fortalece a importância da triagem clínica, como cuidado de enfermagem para o doador, no momento em que realiza promoção à saúde, além de assegurar ao receptor a qualidade do sangue a ser transfundido. As competências identificadas contribuem para a definição dos elementos essenciais da profissão dos profissionais de saúde.

A descrição dos grupos sanguíneos ABO e Rh foram descobertos por Karl Landsteiner em 1900, fazendo com que a transfusão de sangue se tornasse um processo mais seguro, tanto para o doador quanto para o receptor. Ao longo da história, importantes marcos foram decisivos para modificar conceitos e incorporar novas técnicas (RAMOS, FERRAZ, 2010; ROHR; BOFF; LUNKES, 2012).

Para que o sangue ofereça menos risco na hora da transfusão, o Ministério da Saúde, determina que o candidato à doação passe por triagem clínica e sorológica, realizando testes necessário à segurança do processo de transfusional, armazenamento e preparação para transfusões (ROHR, BOFF, LUNKES, 2012; SANTOS et. al, 2013).

O serviço de hemoterapia presta assistência hemoterápica, recolher doadores, processar o sangue e realizar testes de segurança, armazenar e preparar as transfusões. Os hemocentros, serviços de hemoterapia e bancos de sangue, são de extrema

importância, pois além de realizar muitos tratamentos, atendem pacientes que necessitam de uma reposição sanguínea para sobreviver. Conforme determinações legais, é necessário um serviço de hemoterapia em um hospital, para que esse possa funcionar (SCHÖNINGER, DURO, 2010; SANTOS, et. al, 2013).

O enfermeiro que atua na parte de captação de doadores deve promover ações para acessar a pessoa, e fazer com que ela se torne efetiva e rotineira. Os profissionais que realizam a triagem devem estar familiarizados com o questionário utilizado, sendo necessário, que o enfermeiro adquira e coloque em prática ações específicas desta área (SILVA, VALADARES, 2015; PADILHA, WITT, 2011).

Na prática, muitos enfermeiros não dão devida importância para o procedimento de transfusão e seus devidos riscos. Por essa razão faz-se necessário que os profissionais acolham o paciente e executem de forma humanizada a relação interpessoal enfermeiro-paciente (ARAÚJO, FELICIANO, MENDES, 2011; COSTA, CABRAL SIMPSON, 2011).

CONCLUSÃO

Diversas questões estão envolvidas para a dificuldade de captação de novos doadores, entre elas a falta de captação de informação a respeito da doação de sangue e todos os passos que envolvem esse procedimento, e também a cultura do próprio sujeito.

No serviço de hemoterapia, tem-se observado grandes problemas, no que diz respeito à atuação do profissional de enfermagem com o paciente eu utiliza o serviço da área de hemoterapia.

O enfermeiro deve compreender as necessidades de cada paciente e atende-os de forma humanizada e individualizada, tendo habilidade para lidar com diferentes tipos de situação.

Portanto, o que se espera é que o estudo possa contribuir para o melhor entendimento sobre o processo de doação de sangue, e que os profissionais de enfermagem dessa área adquiram habilidades para aprender a lidar com os mais

diversos tipos de pacientes e situações que possam encontrar em serviços de hemoterapia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rodrigo Guimarães do Santos; MAZZO, Alessandra; MENDES, Isabel Amélia Costa; TREVIZAN, Maria Auxiliadora; GODOY, Simone de. **Caracterização do atendimento de uma Unidade de Hemoterapia.** In: *Revista Brasileira de Enfermagem*. Vol. 64, n.6. 2011, nov/dez, p. 1082-1086.

ARAÚJO, Fábila Michele Rodrigues de; FELICIANO, Kátia Virginia de Oliveira; MENDES, Marina Ferreira de Medeiros. **Aceitabilidade de doadores de sangue no hemocentro público do Recife, Brasil.** In: *Ciência e Saúde Coletiva*. Vol. 16, n.12. 2011, p. 4823-4832.

BARBOSA, Sharon Oliveira Barros; BALMANT, Miriã Freitas; NARDIN, Jeanine Marie; LIDANE, Kárita Cláudia Freitas. **Do doador ao receptor: o ciclo do sangue.** In: *Cadernos da Escola de Saúde*. n.2. 2009. p. 1-10.

CARVALHO, Vitor de Brito. **Avaliação da viabilidade para implantação do setor de fracionamento de sangue no serviço de hemoterapia da maternidade Frei Damião no complexo de saúde Cruz das Armas, em João Pessoa – PB/BR.** 2014. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Farmácia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

COSTA, João Evangelista da; CABRAL Ana Michele de Farias; SIMPSON, Clélia Albino. **O enfermeiro e o contexto em reações transfusionais.** In: *Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental*. Ed. Supl., 2011, dez, p. 269-277.

FRANCO, Patricia; ERDTMANN, Bernadete Kreutz; CÉZARO, Darléa de. **A importância da doação de sangue e formação de novos doadores em Palmitos, SC.** In: *UDESC em ação*. Vol. 2, n. 1. 2008.

FREIRE, Ana Cláudia de Souza; VASCONCELOS, Hérica Cristina Alves de. **Doação de sangue: conhecimento, prática e atitude de acadêmicos de enfermagem de uma instituição do interior do Ceará.** In: *Revista Mineira de Enfermagem*, Vol.17, n.2. 2013 abr/jun, p.296-303.

MOURA, Adilene Sobreira de; MOREIRA, Camila Teixeira, MACHADO, Caroline Antero; NETO José Ananias Vasconcelos; MACHADO, Maria de Fátima Antero Sousa. **Doador de sangue habitual e fidelizado: fatores motivacionais e adesão ao programa.** In: *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*. Vol.19, n.2. 2006, p. 61-67.

NASCIMENTO, Andressa Arruda do; ILHA, Silomar; MARZARI, Carla Kowalski; DIEFENBACH, Grassele Denardini; BACKES, Dirce Stein. **Cuidado de Enfermagem no processo de doação de sangue: percepção dos profissionais e dos doadores.** In: *Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro*. Vol. 5, n. 1. 2015 jan/abr, p. 1497-1504.

PADILHA, Débora Zmuda; WITT, Regina Rigatto. **Competências da enfermeira para a triagem clínica de doadores de sangue.** In : *Revista Brasileira de Enfermagem*. Vol. 64, n. 4. 2011, mar/abr, p. 234-240.

PEREIRA, Rosane Suely May Rodrigues; REIBNITZ, Kenya Schimidt; MARTINI, Jussara Gue; NITSCHKE, Rosane Gonçalves. **Doação de sangue: solidariedade mecânica versus**

solidariedade orgânica. In: *Revista Brasileira de Enfermagem*. Vol. 63, n. 2. 2010, mar/abr, p. 322-327.

RAMOS, Vanderlei Ferreira; FERRAZ, Fabiana Nabarro. **Perfil epidemiológico dos doadores de sangue no hemonúcleo de Campo Mourão-PR no ano de 2008.** In: *Revista Saúde e Biologia*. Vol. 5, n.2. 2010, jul/dez, p. 14-21.

RODRIGUES, Luanda Lira. **Elementos motivacionais para a doação de sangue.** 2013. 99f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

RODRIGUES, Rosane Suely May Rodrigues; REIBNITZ, Kenya Schmidt. **Estratégias de Captação de Doadores de Sangue: uma revisão integrativa da literatura.** In: *Texto Contexto Enfermagem*, Vol.20, n.2. 2011 abr/jun, p.384- 391.

RORH, Jarbas Ivan; BOFF, Daiane; LUNKES, Daniéle Sausen. **Perfil dos candidatos inaptos para doação de sangue no serviço de hemoterapia do hospital Santo Ângelo, RS, Brasil.** In: *Revista de Patologia Tropical*. Vol. 41, n.1. 2012, jan/mar, p. 27-35.

SANTOS, Nereida Lúcia Palko; STIPP, Marlucci Andrade Conceição; SILVA, Ana Lúcia Abrahão da; MOREIRA, Marléa Chagas; LEITE, Josete Luzia. **O cuidado de enfermagem aos doadores de sangue – a perspectiva da integralidade.** In: *Escola Ana Nery*. Vol.17, n. 4. 2013, set/dez, p. 661-667.

SCHÖNINGER, Neise; DURO, Carmen Lúcia Mottin. **Atuação do enfermeiro em serviço de hemoterapia.** In: *Ciência, Cuidado e Saúde*. Vol. 9, n. 2. 2010, abr/jun, p. 317-324.

SILVA, Gilce Erbe de Miranda; VALADARES, Gláucia Valente. **Conhecendo os Meandros da Doação de Sangue: Implicações para Atuação do Enfermeiro na Hemoterapia.** In: *Revista Brasileira de Enfermagem*. Vol. 68, n. 1. 2015, jan/fev, p. 32-39.

SOUZA, M.T, SILVA, M.D, CARVALHO R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Einstein. 2010; 8(1):102-6.

SILVA, Karla Fabiana Nunes da; BARICHELLO, Elizabeth; MATTIA, Ana Lúcia de; BARBOSA, Maria Helena. **Condutas de enfermagem adotadas diante dos eventos adversos à doação de sangue.** In: *Texto Contexto Enfermagem*. Vol. 23, n. 3. 2014, jul/set, p. 688-695.

VIEIRA, Marina da Silva. **Conhecimento da equipe de enfermagem sobre hemoterapia.** 2012. 34f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Univates, Lajeado, 2012.

QUALIDADE DE VIDA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DO IDOSO INSTITUCIONALIZADO

RESUMO

A longevidade é uma realidade dos tempos atuais, porém traz consigo a necessidade de adaptação pelas perdas que vão ocorrendo ao longo da vida. Assim, o idoso se vê compelido a reconstituir seus vínculos, a buscar formas de viver seu cotidiano, sem contar mais com as redes de apoio familiar, buscando esse apoio em Instituições de longa Permanência. O trabalho tem como objetivo avaliar a qualidade de vida dos idosos de Instituições de Longa Permanência por meio de Revisão Bibliográfica. Trata-se de um estudo do tipo exploratório e descritivo do tipo revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa. Por meio dos estudos foi possível observar que a família é fundamental para manter o equilíbrio emocional e afetivo dos idosos sendo assim é de extrema importância que seja adotado cuidados básicos com a saúde em Instituições de Longa Permanência para Idosos, ampliando a aquisição positiva para a qualidade de vida no ponto de vista físico, mental e social.

Palavras-chave: Idoso, Saúde do idoso, Qualidade de Vida, Saúde do Idoso Institucionalizado.

ABSTRACT

Longevity is a reality of modern times, but brings with it the need to adapt the losses that occur throughout life. So the old finds himself compelled to replenish their ties, to seek ways to live their daily lives without rely more on the family support networks, seeking such support in Long Staying Institutions. The study aims to evaluate the quality of life of older people in long-stay institutions through Literature Review. It is a study of exploratory and descriptive literature review of the type of qualitative approach. Through studies it was observed that the family is critical to maintaining the emotional and affective balance of older people and thus is of utmost importance to be adopted basic healthcare in for the Aged institutions, increasing positive asset to the quality of life in the physical mental and social point of view.

Key-words: Elderly, Old age peoples, Quality of Life, Health of Institutionalized Elderly.

INTRODUÇÃO

A qualidade de vida é uma dimensão complexa para ser definida e sua conceituação, ponderação e valorização vêm sofrendo uma evolução, que por certo acompanha a dinâmica da humanidade, suas diferentes culturas, suas prioridades e crenças. Para Romano (1993), qualidade de vida é mais que simplesmente a ausência ou presença de saúde, abrangendo também educação, saneamento básico, acesso a serviços de saúde, satisfação e condições de trabalho, além de outros aspectos.

A preocupação especificamente com qualidade de vida na velhice ganhou relevância nos últimos 30 anos. Isso se deu em função do crescimento do número de idoso e da expansão da longevidade, que passou a ser compartilhada por um maior número de indivíduos vivendo em sociedade. Além disso, houve um aumento da sensibilidade dos pesquisadores para o estudo científico do assunto, que se refere ao aumento de publicações (NERI, 2000).

A longevidade é uma realidade dos tempos atuais, porém traz consigo a necessidade de adaptação pelas perdas que vão ocorrendo ao longo da vida. Viver mais significa ver seus entes queridos serem tirados do convívio pela morte, pela mudança para lugares longínquos ou pelo

distanciamento que a vida moderna provoca, com o seu individualismo e hedonismo.

Assim, o idoso se vê compelido a reconstituir seus vínculos, a buscar formas de viver seu cotidiano, sem contar mais com as redes de apoio familiar. O idoso pode ser forçado a aprender a conviver com aqueles totalmente desconhecidos, após longa trajetória de vida convivendo com aqueles com quem mantinha laços de amizade e consanguinidade, deixando para trás seu estilo de vida pessoal e de viver seu cotidiano. É nesse contexto que o residente em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) reconstitui o seu cotidiano, no qual se faz funcionar “todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias”.

O envelhecimento da população e o aumento da sobrevivência de pessoas com redução da capacidade física, cognitiva e mental estão requerendo que os asilos deixem de fazer parte apenas da rede de assistência social e integrem a rede de assistência à saúde, ou seja, ofereçam algo mais que um abrigo. Para tentar expressar a nova função híbrida dessas instituições, a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia sugeriu a adoção da denominação Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Entretanto, na literatura e na legislação, encontram-se referências indiscriminadamente a ILPIs, casas de repouso, clínicas geriátricas, abrigos e asilos. Na verdade, as instituições não se autodenominam ILPIs. Para a Anvisa, ILPIs são instituições governamentais ou não-governamentais, de caráter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania.

Há algumas décadas, havia poucos idosos em nossos país e o cuidado com as pessoas idosas e dependentes se dava, historicamente, no contexto familiar. Com o envelhecimento populacional, as mudanças no tamanho e na conformação das famílias, aliadas a saída da mulher que, culturalmente assumia a responsabilidade pelos cuidados com os mais velhos, para o mercado de trabalho, a institucionalização de idosos tem sido objeto de preocupação do poder público e dos profissionais de saúde, da assistência social que lida com idosos fragilizados (GIOVANNI, 2009).

O envelhecimento da população e o aumento da sobrevivência de pessoas com redução da capacidade física, cognitiva e mental estão requerendo que os asilos deixem de fazer parte apenas da rede de assistência social e integrem a rede de assistência à saúde, ou seja, ofereçam algo mais que um abrigo (CAMARANO, KANSO, 2010).

Filomena (2006, p.2) “Sabe-se que à medida que o ser humano envelhece, muitas tarefas do cotidiano, consideradas banais e, portanto, de fácil execução, vão paulatinamente e muitas vezes de forma imperceptível, tornando-se cada vez mais difíceis de serem realizadas, até que o indivíduo percebe que já depende de outra pessoa para tomar um banho, por exemplo.”

Com isso o envelhecimento traz riscos de doenças, invalidez, viuvez, isolamento, dependendo dos casos pode ter até chance para a morte, a solidão é um dos fatores principais, pois muitos idosos vivem longe dos familiares ou as vezes estão ao seu lado mas não basta está só ao lado, idosos precisam de aproximação, de carinho, de atenção, isso que leva eles muitas vezes por vontade própria a ser internado em instituição de longa permanência, pois nas instituições eles tem esses fatores.

À medida que a população envelhece, aumenta a procura por instituição para idosos e o Brasil não está estruturalmente preparado para receber essa demanda. Os estudos sobre institucionalização dos idosos são poucos e não avaliam com profundidade o tema, sendo que grandes partes de idosos institucionalizados são por problemas de miséria e abandono, e em segundo lugar, por problemas mentais e físicos, além de contar com o número reduzido de vagas nas ILPIs 2 (FREITAS, SCHEICHER 2010).

O relacionamento entre os idosos institucionalizados é um fenômeno complexo, porque depende da disposição e expectativas deles, bem como de condições externas que favorecerão

ou não a formação de vínculos afetivos. Todavia, a interação entre os idosos institucionalizados nem sempre é harmônica. Esse relacionamento pode ser conflituoso, pois se observa que a grande maioria dos residentes é desprovida de interesse na construção de novos laços de amizade. Percebe-se, na prática, que os residentes com um maior tempo de institucionalização sentem-se ameaçados pelos mais novos, como se estes invadissem seu espaço. Assim, faz-se imprescindível o preparo de ambos para o convívio em ambiente comum (ARAÚJO, 2007).

O enfrentamento do processo de envelhecimento por parte do idoso se expressa de diferentes maneiras, tendo em vista que, em geral, é quando não possui alternativa ou recurso que se faz necessário recorrer a uma instituição. Alguns idosos aprovam a condição de institucionalizados, em decorrência da falta de recursos financeiro próprios ou de familiares. Outros vêm sua condição como marginalização, abandono e rejeição, prostrando-se a espera da morte, sem ter expectativas e desafios (BOECHAT, 2006).

O envelhecimento bem-sucedido não é um privilégio ou sorte, mas um objetivo a ser alcançado por quem planeja e trabalha para isso, sabendo lidar com as mudanças que efetivamente acompanham o envelhecer.

OBJETIVO

Avaliar a qualidade de vida dos idosos de Instituições de Longa Permanência por meio de Revisão Bibliográfica.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo exploratório e descritivo do tipo revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa.

A amostra foi composta por artigos publicado na integra em português entre 2000-2015.

Os dados foram coletados pelos pesquisadores por meio de busca na base de dados eletrônicas Scielo e Oasis, utilizando os descritores Idoso, Saúde do idoso, Qualidade de Vida e Saúde do Idoso Institucionalizado. Foram critérios de Exclusão a falta de artigo na integra online e a completa ausência dos descritores citados anteriormente.

Os artigos foram lidos e examinados, aqueles que atendiam aos objetivos opostos foram incluídos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 20 artigos relacionados à busca, embora apenas 15 atendessem aos critérios de inclusão, apresentados a seguir:

Tabela 01: Artigos referentes ao tema.

Título	Autor	Ano
Qualidade de vida de idosos em instituição de longa permanência	Luciano Magalhães Vitorino, Lisiane Manganelli Girardi Paskulin, Lucila Amaral Carneiro Vianna.	2012

Avaliação da qualidade de vida de idosos que recebem cuidados domiciliares	Josiane de Jesus Martins, DulcinÈia Ghizoni Schneider, Francyne Lee Coelho, Eliane Regina Pereira do Nascimento, Gelson Luiz de Albuquerque, Alacoque Lorenzini Erdmann, Fabiana Oenning da Gama.	2009
Envelhecimento ativo e qualidade de vida.	Joana Alexandra Sousa Silva	2015
Humanizar o habitar na terceira idade.	Joana Raquel da Silva Pereira	2015
Qualidade de vida relacionada à saúde dos idosos do estudo sabe	Keila Cristianne Trindade da Cruz	2012
A qualidade de vida em idosos institucionalizados	Neuza Martelo Fernandes	2013
A instituição de longa permanência para idosos e o sistema de saúde.	Marion Creutzberg; Lúcia Hisako Takase Gonçalves; Emil Albert Sobottka; Beatriz Sebben Ojeda.	2007
Qualidade de vida em idosos.	Clarissa Marcelli Trentini	2004
Refletindo sobre idosos institucionalizados.	Cenir Gonçalves Tier, Rosane Teresinha Fontana, Narciso Vieira Soares.	2004
Trajatória das instituições de longa permanência para idosos no Brasil.	Claudia Lysia de Oliveira Araujo Luciana Aparecida de Souza Ana Cristina Mancussi e Faro.	2010
O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas	Marcelo Pio de Almeida Fleck.	2000
A saúde sob o olhar do idoso institucionalizado: conhecendo e valorizando sua opinião	Renato Campos Freire Júnior, Maria de Fátima Lobato Tavares	2005
As instituições de longa permanência para idosos no Brasil	Ana Amélia Camarano, Solange Kanso	2010

Motivações para o ingresso dos idosos em instituições de longa permanência e processos adaptativos: um estudo de caso	Maria Eliana Peixoto Bessa, Maria Josefina da Silva	2008
Instituições de Longa permanência para Idosos (ILPI)	Helena Akemi Wada Watanabe, Vera Maria Di Giovanni	2009
Envelhecimento e qualidade de vida de idosos institucionalizados	Deusdedit Lima Lima, Maria Alice Vieira Damaceno de Lima, Cristiane Galvão Ribeiro	2010

Fonte: O autor.

Segundo Vianna (2012) as mudanças na pirâmide populacional são acompanhadas por incrementos na ocorrência de morbidade e incapacidades. Mesmo que leis brasileiras assegurem maior direito ao idoso na sua família e comunidade, muitos dependerão de cuidados em instituição de longa permanência para idosos (ILPI), devido a fatores culturais, fragilidade no arranjo familiar e disponibilidade de serviços alternativos

Para Gama (2009) a promoção do envelhecimento saudável é tarefa que envolve a conquista de qualidade de vida e o amplo acesso a serviços que possibilitem o enfrentamento das questões do envelhecimento, com base no conhecimento disponível vital, também, ampliar a consciência sobre a saúde e o processo de envelhecimento, ao mesmo tempo fortalecendo e instrumentalizando a população idosa em suas lutas por cidadania e justiça social. Saúde e envelhecimento são indicativos de qualidade de vida.

O aumento da proporção de idosos com incapacidades e fragilizados, nas capitais brasileiras, a redução da disponibilidade de cuidado familiar e transferências intergeracionais no contexto urbano, a inexistência de serviços de apoio social e de saúde, o alto custo do cuidado domiciliar, moradias com espaço físico reduzidos e estruturas com riscos para quedas e a violência contra o idoso são considerados fatores de risco para a institucionalização. (OJEDA, 2007)

O desenvolvimento de uma escala de QV para idosos é especialmente importante tendo em vista especificidades deste grupo etário, bem como o aumento da proporção de idosos na população mundial (TRENTINI, 2004).

Segundo Soares (2004) devido ao envelhecimento podem ocorrer riscos de doenças, invalidez, viuvez, isolamento e em certos casos até chances para a morte. A solidão do idoso nos tempos atuais está relacionada às alterações que ocorrem na família de hoje. Para fornecer apoio emocional aos idosos, não basta apenas estar ao seu lado, é necessária a aproximação não apenas física dos filhos e amigos, mas que estes sejam capazes de amparar e suprir as necessidades afetivas e sociais do idoso.

Araújo (2010) afirmou que o número de asilos no Brasil vem crescendo assustadoramente, é de extrema importância conhecer melhor este segmento de

institucionalização para idosos. As instituições asilares constitui a modalidade mais antiga e universal de atenção ao idoso fora de sua família, mas têm como inconveniente conduzi-lo ao isolamento e à inatividade física e mental. Cuidar envolve afeto e disponibilidade emocional e física, como também condições materiais, financeiras e suporte do Estado.

O envelhecimento demográfico é uma realidade de crescimento emergente que acarreta importantes desafios sociais e económicos e que, em Portugal, tenderá a exponenciar se consideradas as tendências apresentadas para lá de meados do século. Assumindo-se perante tal facto que são necessárias reformas – institucionais e de mentalidades – referentes ao entendimento e ao tratamento que socialmente se dá aos idosos, designadamente pela inscrição de políticas de EA e de QDV que, mais do que linhas da modernidade, se constituem como imperativos de humanidade (SOUSA, SILVA, 2015).

Segundo Pereira (2015) O envelhecimento da População um tema global, atual e pertinente, no sentido de adequar e melhorar a resposta relativamente à Qualidade de Vida de uma população mais velha, a presente investigação aborda a questão do Habitar na Terceira Idade. A Habitação influencia o bem-estar dos indivíduos obtendo benefícios a nível dos aspectos físicos e psicológicos sendo assim necessário desenvolver, ou rever, formas de ocupação do espaço que acompanhem e sejam apropriadas às atuais necessidades de um novo perfil social.

Para Cruz (2012) A qualidade de vida relacionada à saúde (QVRS) é uma forma utilizada para avaliar a saúde das pessoas bem como detalhes subjetivos de suas vidas. Esta pesquisa teve por objetivo avaliar a QVRS dos idosos do Estudo SABE por meio do SF-12 e de variáveis que contemplem as características peculiares dessa faixa etária.

A institucionalização surge a necessidade de aumentar a eficácia dos cuidados prestados nesta etapa da sua vida em que a decadência física é incontornável e melhorar a sua qualidade de vida. O conceito de qualidade de vida engloba diversos factores como os ambientais, a saúde, a satisfação, a auto-estima, encontrando-se também relacionada com a percepção que o indivíduo tem perante a vida, no contexto cultural e no respectivo sistema de valores (FERNANDES , 2010).

Fleck (2000) em seu estudo onde o grupo WHOQOL tem trabalhado para desenvolver medidas que avaliem a qualidade de vida dentro de uma perspectiva internacional em que os diferentes países e culturas possam influenciar desde a elaboração dos conceitos que norteiam a elaboração das questões que farão parte do instrumento até sua validação. As aplicações desses instrumentos são amplas e incluem não somente a prática clínica individual, más também a avaliação de efetividade de tratamentos e de funcionamento de serviços de saúde. Além disso, podem ser importantes guias para políticas de saúde.

Tavares (2005) o objetivo central de seu trabalho foi identificar a percepção que aquele idoso tem de sua saúde. Identificando-o como sujeito histórico, ao levar em consideração sua cultura, sentimentos e questionamentos, poder-se-ia, a partir desse conhecimento, instruir as práticas de saúde na perspectiva da promoção da saúde, contribuindo com um aporte concreto e efetivo para reorganização da atenção. Além de contribuir como primeiro passo para a superação da interdição do diálogo que em geral acontece no cotidiano das instituições e serviços de saúde.

O envelhecimento populacional está ocorrendo em um contexto de grandes mudanças sociais, culturais, econômicas, institucionais, no sistema de valores e na configuração dos arranjos familiares. Para o futuro próximo, espera-se um crescimento a taxas elevadas da população muito idosa (80 anos e mais), como resultado das altas taxas de natalidade observadas no passado recente e da continuação da redução da mortalidade nas idades avançadas. No entanto, a certeza do crescimento desse segmento populacional está sendo acompanhada pela incerteza das condições de cuidados que experimentarão os longevos (KANSO 2010).

Segundo Silva (2008) a longevidade é uma realidade dos tempos atuais, porém trás consigo a necessidade de adaptação pelas perdas que vão ocorrendo ao longo da vida. Viver mais significa ver seus entes queridos serem tirados do convívio pela morte, pela mudança para lugares longínquos ou pelo distanciamento que a vida moderna provoca, com o seu individualismo e hedonismo

(GIOVANNI, 2009) em seu estudo, a legislação brasileira, é dever da família, da comunidade o cuidado com as pessoas idosas. Idosos sem rede familiar de apoio e em situação de vulnerabilidade podem ser atendidos em instituições do tipo asilar, como o Ministério do Desenvolvimento Social, "preconiza, oferecendo-lhes serviços nas áreas social psicológica, médica, de fisioterapia, de terapia ocupacional e outras atividades específicas para este segmento social. (MDS - Programa de atenção à pessoa idosa).

Segundo (RIBEIRO, 2010) o estudo demonstrou diferença na qualidade de vida quanto ao sexo, visto que os homens se avaliam melhor e possuem melhor bem-estar psicológico, por possuírem mais sentimentos positivos, aproveitarem mais a vida e terem mais poder de concentração que as mulheres.

CONCLUSÃO

No envelhecimento devemos preservar a autonomia e independência para tomadas de decisão do indivíduo, e permitir a integração social, priorizando sua cidadania e dignidade. É de extrema relevância conhecer o processo de envelhecimento, a partir de uma visão multidimensional, a fim de entender e avaliar as necessidades principais, e prevenir ou adiar o início da perda de capacidade funcional. Por meio dos estudos foi possível observar que os domínios da qualidade de vida citados nos artigos pesquisados que são: capacidade funcional, limitação por aspectos físicos, dor, estado geral de saúde, vitalidade, aspectos sociais, aspectos emocionais e saúde mental, os idosos entrevistados entre os estudos consideram sua qualidade de vida boa, mas para que venham a ter uma melhor qualidade de vida e conseqüentemente melhor saúde e bem estar social é de extrema importância que seja adotado cuidados básicos com a saúde, ampliando a aquisição positiva para a qualidade de vida no ponto de vista físico, mental e social. Foi observado que muitos idosos, não recebem o que precisam em sua família e por isso acabam indo procurar uma instituição de longa permanência, pois lá eles encontram uma qualidade de vida melhor, rodeados de carinho, atenção onde fazem amizade com outros idosos e faz para seu ego para sua vida.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Odete Pereira Hialto; COLIM, Maria Filomena. **Avaliação do grau de independência de idosos residentes em instituições de longa permanência.** Revista ESC Enfermagem USP, 2007; 41(3); 378-85.

BESSA, Maria Eliana Peixoto; SILVA, Maria Josefina da. **Motivações para o ingresso dos idosos em instituições longa permanência e processo adaptativos:** Um estudo de caso. Revista Texto Contexto, Florianópolis, 2008 Abril – Junho; 17(2); 208-65.

CAMARANOL, Ana Amélia; KANSOLL, Solange. **As instituições de longa permanência para idosos no Brasil.** Revista Brasileira de Estudo de População, Volume 27 nº1, São Paulo – Janeiro/Junho 2010.

TRENTINI, Clarissa Marcelli. **Qualidade de Vida em Idoso.** Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Março de 2004.

VITORINO, Luciano Magalhães; PASKULIN, Lisiane Manganelli Girardi; VIANNA, Lucila Amaral Carneiro. **Qualidade de vida de idoso em instituição de longa permanência.** Revista Latino – Dezembro 2012.

MARTINS, Josiane de Jesus; SCHNEIDER, Dulcineia Ghizoni; COELHO, Francyne Lee; NASCIMENTO, Eliane Regina Pereira; ALBURQUERQUE, Gelson Luiz; ERDMANN, Alacoque Lorenzini; GAMA, Fabiana Oenning; **Avaliação da qualidade de vida de idosos que recebem cuidados domiciliares** Revista Acta Paulista de Enfermagem, vol.22 , Florianópolis, 2009.

PEREIRA, Joana Raquel da Silva; **Humanizar o Habitar na Terceira Idade,** Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Arquitectura e Urbanismo, Porto, Janeiro de 2015.

CREUTZBERGI, Marion; GOLÇALVEZ Lúcia Hisako Takase, SOBOTTKA, Emil Albert OJEDA, Beatriz Sebben **A instituição de longa permanência para idosos e o sistema de saúde.** Revista Latino-am Enfermagem 2007 novembro-dezembro.

TIER, Cenir Gonçalves; FONTANA, Rosane Teresinha; SOARES, Narciso Vieira; **Refletindo sobre idosos institucionalizados.** Revista Bras Enferm, Brasília (DF) 2004 maio/jun.

ARAÚJO, Claudia Lysia de Oliveira; SOUZA, Luciana Aparecida; FARO, Ana Cristina Mancussi; **Trajetória das instituições de longa permanência para idosos no Brasil,** 2009.

SILVA, Joana Alexandra Souza; **Envelhecimento Ativo e Qualidade de Vida.** 2015. 212 f Universidade de Fernando Pessoa.

CRUZ, Keila Cristianne Trindade, **Qualidade de vida relacionado a saúde do idosos do estudo SABE,** 2012 . 175 f Enfermagem, Unicamp

FLECK, Marcelo Pio de Almeida, **O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas,** Rio Grande do Sul, Ciência & Saúde Coletiva v. 5 (1) p. 33-38, 2000.

CAMPOS, Renato Freire Junior, TAVARES, Maria de Fátima Lobato, **A saúde sob o olhar do idoso institucionalizado: conhecendo e valorizando sua opinião,** Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.9, n.16, p.147-58, set.2004/fev.2005.

CAMARANO, Ana Amélia, KANSO Solange, **As instituições de longa permanência para idosos no Brasil,** Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 233-235 jan./jun. 2010

PEIXOTO Maria Eliana Bessa , SILVA Maria Josefina, **Motivações para o ingresso dos idosos em instituições de longa permanência e processos adaptativos: um estudo de caso,** Florianópolis, 2008 Abr-Jun; 17(2): 258-65.

AKEMI, Helena Wada Watanabe, GIOVANNI, Vera Maria Di, **Instituições de longa permanência para Idosos (ILPI)**, Boletim do Instituto de Saúde, v.47 Abril 2009.

Born T & Boechat NS. **A qualidade dos cuidados ao idoso Institucionalizado. In Tratado de Geriatria e Gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.768-77.

LIMA, Deusdedit, Maria, DAMACENO Alice Vieira de Lima, GALVÃO Cristiane Ribeiro, **Envelhecimento e qualidade de vida de idosos institucionalizados**, Passo Fundo, v. 7, n. 3, p. 346-356, set./dez. 2010

O DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE ESCRITA EM LÍNGUA INGLESA: CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS, REDE DE SIGNIFICAÇÕES, E CONTEXTOS DE PESQUISA

RESUMO

O foco deste trabalho é a representação do conhecimento sobre o desenvolvimento da habilidade linguística da escrita em um contexto do processo de ensino e aprendizagem formal e regular do idioma Inglês como Língua Estrangeira (LE). Objetiva-se a construção de uma “rede de significações” (MACHADO, 2004) acerca de aspectos histórico-culturais, sócio-cognitivos e didático-pedagógicos, concernentes à compreensão e produção do texto escrito em Língua Inglesa (LI), configurados a partir da visão de autores que exploraram o tema, em profundidade, no âmbito da Linguística Aplicada; e na perspectiva de um grupo de professores de Inglês, cujo exercício de reflexão crítica sobre a intervenção pedagógica no campo da expressão escrita acontece em momento privilegiado, durante etapa do próprio processo de formação docente continuada e de aperfeiçoamento profissional — ao longo da realização de um curso de especialização *lato sensu* —, o que permite situar a problemática da proficiência escrita no campo prático, referida ao cenário contemporâneo do ensino de LI.

Palavras-chave: Representação do conhecimento; Escrita em Língua Inglesa; Estratégias de Ensino-aprendizagem.

The development of writing skills in English as foreign language: building concepts, web of meanings and research contexts.

ABSTRACT

This work focuses on the development of the linguistic ability in writing English Language in the formal and regular context of learning English as a foreign language. It is relevant in this study the representations built around teaching and learning of writing process, from the perspective of students-teachers in a certification course of teaching and learning English in an institution of higher education process.

Key-words: Writing skills; Representing knowledge; Teaching and Learning Strategies.

INTRODUÇÃO

Este artigo demarca uma etapa de pesquisa empreendida pelo autor no campo do ensino e da aprendizagem em Língua Inglesa (LI), e discute a representação do conhecimento sobre o desenvolvimento da habilidade linguística da escrita, apropriada em um contexto da aprendizagem formal e regular do idioma Inglês como Língua Estrangeira (LE). Objetiva-se destacar concepções e significados construídos com vistas ao estudo da produção textual, e à análise e interpretação das ações pedagógicas voltadas à competência comunicativa obtida com a prática da escrita.

Problematiza-se, preliminarmente, a construção da “rede de significações” (MACHADO, 2004, p. 131) acerca de aspectos concernentes à compreensão e produção do texto escrito em LI, cuja tessitura é configurada a partir da visão de autores que investigaram o tema no âmbito da Linguística Aplicada (SÁNCHEZ, 2006; BORGES, 2010; FERREIRA, 2011; FIGUEIREDO, 2012; D’ESPÓSITO, 2012; VILLAS BOAS, 2014), e na perspectiva de um grupo de professores de Inglês, cujo exercício de reflexão crítica sobre a intervenção pedagógica no campo da expressão escrita acontece em momento privilegiado, durante etapa do próprio processo de formação docente continuada e de aperfeiçoamento profissional — ao

longo da realização de um curso de especialização *lato sensu* —, o que permite situar a problemática da proficiência escrita no campo prático, referida ao cenário contemporâneo do ensino de LI, denotando fatores de sua pedagogia peculiar.

Enfatiza-se neste trabalho a discussão do arcabouço conceitual com relação ao tema, que será estruturante da visão sistêmica sobre a produção do texto escrito em LE como objeto de pesquisa. Trata-se de condição necessária, e elemento de base, para a interpretação do ideário que se aproxima de perceber o produto resultante da escrita, seja em Língua Materna (LM) ou em LE, como um artefato especial da cultura, com potencialidades, limitações, e “implicações cognitivas” (OLSON, 1997), específicas:

Em um sentido importante, nossa literatura, nossa ciência, nosso direito e nossa religião constituem artefatos da escrita. Vemos a nós mesmos, vemos nossas ideias e nosso mundo em termos desses artefatos. Em consequência, vivemos não tanto no mundo quanto no mundo tal qual ele é representado nesses artefatos. [...] O tema da escrita tem a ver com as propriedades especiais e peculiares desses artefatos, com esse mundo de papel, com sua força e suas limitações, com seus usos e abusos [...] e tem a ver com os tipos de competência e com as modalidades de pensamento e percepção que intervêm na abordagem e exploração desse mundo de papel (OLSON, 1997, p. 10).

No que concerne aos objetivos da presente argumentação, OLSON (1997) descortina concepções norteadoras da tarefa de elucidar como a representação do pensamento na forma escrita interfere nos processos cognitivos, do ponto de vista da elaboração de conceitos, com impacto na dinâmica das funções intelectuais envolvidas na organização do conhecimento formal. Esse aspecto infere consequências para a modelagem de padrões discursivos propostos para a linguagem oral, fator considerado relevante para o ensino e para a aprendizagem sistemática do segundo idioma, como será visto mais neste artigo.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para dimensionar as representações sobre estratégias de ensino-aprendizagem, envolvendo a habilidade em questão recorre-se ao balizamento teórico de alguns estudos linguísticos (CASTRO, 1998, 2007; BASSO, 2001; ROMERO, 2007). Propõe-se como metodologia a utilização do princípio de “mapeamento” (BIEMBENGUT, 2003; MACHADO, 2004; SÁNCHEZ, 2006), no intuito de promover técnicas de representação do conhecimento em ambientes de aprendizagem colaborativa, discutindo critérios de aplicação do princípio indicado, o seu alcance e as suas possibilidades, do ponto de vista epistemológico, para a pesquisa educacional. Busca-se caracterizar contextos diferenciados de pesquisa sobre a própria prática de ensino, com vistas a desvelar processos de aquisição e produção do conhecimento desenvolvido por indivíduos e grupos. Para a formação de professores, esta pesquisa vai ao encontro da necessidade de “pensar de uma maneira transdisciplinar” (ALVARELI, 2014, p. 53):

O pensamento transdisciplinar, fundamentado na complexidade, exige que a docência seja repensada de um modo mais articulado, integrado e competente, evitando a reprodução, ou continuidade de um modelo de ensino de natureza tradicional. [...] É importante atentar-se para as necessidades e peculiaridades dos diferentes tipos de professores a serem formados, suas necessidades mais prementes, o tempo e a disponibilidade dos interessados em formação docente e também para novos referenciais

teóricos relacionados com os novos paradigmas da ciência (ALVARELI, 2014, p. 53-54).

As considerações feitas, com vistas ao tema, privilegiam tópicos sobre metodologias de ensino-aprendizagem; multidisciplinaridade, transdisciplinaridade e projetos; e construção de meios reflexivos, no que concerne à formação para o exercício da docência em LI, conteúdos estes que foram debatidos nas disciplinas e no conjunto das atividades do curso de especialização em ensino-aprendizagem em Língua Inglesa já referido.

O ponto de vista epistemológico deste trabalho fundamenta-se no referencial sócio-interacionista, considerando a ideia de que “a linguagem fornece os conceitos e as formas de organização do real que constituem a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento” (OLIVEIRA, 1992, p. 80-1).

O referencial apresentado conduz a exploração da escrita em Língua Inglesa na dimensão mais ampla das mediações simbólicas, “através dos recortes do real operados pelos sistemas simbólicos” (OLIVEIRA, 1992, p. 23-33) disponíveis; e não de um modo mais estreito, vista como forma/fórmula pré-concebida de comunicação, exercitada distante da concepção da escrita como prática social do âmbito da linguagem, e limitada, nos espaços do ensino do idioma — sob “intencionalidades didáticas” que denotam acentuado viés reducionista e simplificador — à experiência de realizar a tarefa de reprodução instrumental e fragmentária de frases ou modelos de textos, aspecto que demarca acentuada falha, caracterizada na vertente pedagógica da prática do ensino da LE.

Sustenta-se, inicialmente, que procurar conhecer o desenvolvimento de processos e a obtenção de resultados decorrentes da aplicação da competência escrita, (seja em língua materna ou no segundo idioma), pressupõe entendê-la como um vértice na dimensão da cultura humana (cf. OLSON, 1997). Uma vez percebida assim, a escrita, por sua relevância como meio de expressão e representação de ideias, registro e preservação do pensamento, passa a demandar espaço e tratamento próprios, no conjunto das práticas e metodologias definidas para o ensino de uma Língua Estrangeira, como se pretende argumentar aqui; e, mais ainda, para a expansão da dimensão cognitivo-afetiva da ação educacional, quando se trata da formação de professores em espaços de trabalho colaborativo, na construção crítica do conhecimento.

A partir do pressuposto de que o tema de pesquisa explora referenciais teóricos vinculados ao conceito de “complexidade” (MORIN, 1991, 2008; TESCAROLO, 2003; D’ESPOSITO, 2012; ALVARELI, 2014;), este artigo assume o caráter de uma abordagem que ambiciona, por um lado, “uma reorientação básica no pensamento científico e em suas metodologias” (TESCAROLO, 2003, p. 29) – com esse entendimento, pretende-se a investigação sistemática de um cenário complexo como são, de fato, os problemas e ambientes de natureza educacional e escolar, aos quais se referem os citados autores. Por outro lado, tenta-se escapar das ilusões de um “ideal científico que marcou o pensamento moderno” (TESCAROLO, op. cit., p. 33), cujos princípios de busca pela objetividade absoluta o aproximam de constituir-se, na “capacidade de manipular o mundo, supostamente permitindo prognósticos seguros, cuja confiabilidade representa o fundamento do poder da técnica na civilização (...)” (ibid.).

1.1. Problemas em discussão

Ao inquirir o conjunto de aspectos vinculados ao tema da escrita em Língua Inglesa, empreendendo a análise do próprio percurso formativo como estudante do idioma considerado, este autor identifica significativas dificuldades envolvendo a aquisição da

habilidade em questão, cujo bom nível de domínio, denotaria o uso proficiente da língua estrangeira. Tal condição, exposta à luz de estudos multidisciplinares dirigidos à pesquisa sobre a formação de docentes e da “formação de competências no idioma Inglês”, revela-se bastante resistente à superação, por alunos e professores, como evidenciam os resultados de expressivos levantamentos e estudos críticos acerca dessa problemática conduzidos na área de Linguística Aplicada (cf. BARBOSA 2007; FIGUEIREDO, 2012; SÁNCHEZ, 2006; D’ESPOSITO, 2012).

Trata-se, portanto, de dar relevo às relações entre elementos da teoria e da prática, focalizando os processos de ensino, e as representações, seja a respeito do que se afirma acerca da competência da escrita em Língua Inglesa, ou do que dela se nega, quando se dá pouca importância ao domínio da comunicação escrita nesse idioma — habilidade tratada muitas vezes como objeto distante do sujeito que aprende ou ensina uma Língua Estrangeira, em cuja cultura ele não se inscreve, ou nela apenas se manifesta sem os recursos da grafia, sem deixar registros para avaliação continuada sobre os conhecimentos linguísticos e demais componentes do idioma.

Objetiva-se, em essência, caracterizar uma chave “crítico-reflexiva” (ROMERO, 2007, p. 211), para acesso e discussão de fenômenos do campo educacional, abrangendo esquemas conceituais, significados socioculturais, e desdobramentos teórico-práticos, implicados na apropriação do domínio da linguagem escrita, e na sua utilização, como uma técnica e uma tecnologia em si mesma, acompanhando a linha de pensamento definida por Olson (1997).

Por seu largo espectro, a investigação da produção da linguagem escrita, no processo de ensino da Língua estrangeira, (estudo de aspectos sócio-cognitivo-afetivos, em relação ao ensino e à aprendizagem que contempla o trabalho de professores e alunos com o texto escrito em LI), admite ser valorizada como significativo, necessário, e estratégico instrumento de “reflexão e intervenção”, segundo assinala Castro (1998):

Tendo-se em mente as concepções de linguagem como instrumento de reflexão e de transformação e como o próprio local de construção do conhecimento em um processo que envolve controle, negociação, compreensão e conflitos, é crucial e urgente, portanto, buscar a transformação das formas de pensar dos próprios professores dos alunos de Letras, através, por exemplo, de uma estratégia que tenha a linguagem como o próprio instrumento de intervenção. Da mesma forma, é importante que o exame das possíveis transformações encontradas seja igualmente feito através da linguagem. (CASTRO, 1998, p. 249)

Prefigura-se, portanto, delinear os elementos conhecidos sobre obstáculos enfrentados e possibilidades que se abrem na busca de se atingir um nível adequado para o domínio da habilidade escrita. Tem-se em vista compreender esses elementos no contexto das análises e reflexões que aferiram o problema da expressão escrita em LI, percebido nos percursos de formação de sujeitos interessados em “aprender-ensinar” o idioma estrangeiro.

1.1.2. Escrita em LE – “*the writing task*” e a formação de conceitos

Este tópico parte da seguinte pergunta, como primeira interpelação para quem estuda o tema: o que é a escrita em LE, no ensino do idioma Inglês?

Não seria cabível arriscar uma resposta a essa questão sem a delimitação prévia da perspectiva, os princípios metodológicos, e os fundamentos didático-pedagógicos pensados para abranger os principais aspectos envolvidos no desafio nela implícito: o de descortinar uma epistemologia da prática a qual a escrita no idioma Inglês se refere, capaz de dar conta

dos significados de base, inerentes ao conhecimento dessa habilidade em particular, no escopo da ação de ensinar e do esforço de aprender o idioma estrangeiro em foco. Esse ponto de partida possibilitaria a organização de uma visão de conjunto sobre elementos do conhecimento teórico, prático e processual que resulta no texto escrito, produzido de modo sistemático em LE.

Aquela pergunta investe fundamentalmente na escrita como objeto de investigação, interrogando as estratégias e os meios empregados, as disposições e motivações de professores e alunos, e os objetivos almejados com essa prática. Ela contempla além do olhar dirigido às inconsistências e descontinuidades com relação ao tema, com possibilidade de perspectiva que se espera generalizante e integradora. Arrisca-se trilhar um caminho pouco usual, conforme aponta o trabalho de levantamento conceitual sobre textos produzidos em LI/LE realizado por Sánchez (2006):

Os aprendizes de línguas estrangeiras e segundas línguas ao concluírem os estudos, tanto nas escolas de línguas quanto na escola pública ou na universidade, têm um nível razoável de expressão oral e muito pouco desenvolvida a expressão escrita. Por outro lado, existe uma forte rejeição dos alunos a escrever e uma preferência pela expressão oral. Por sua vez, os professores de línguas sabem que esse é um assunto impopular entre os aprendizes pela dificuldade intrínseca do escrever e, entre os professores, pela ausência de informação organizada e completa sobre a produção de textos em L2. [...] De fato, a maior parte da produção científica sobre a questão está focalizada em algum aspecto concreto, o que dificulta atingir essa ideia geral. É por isso que os professores precisam de uma revisão em profundidade e abrangente que sirva de embasamento na tomada de decisões com relação à prática docente (SÁNCHEZ, 2006, p. 4-5).

Nesta proposta de trabalho, as descontinuidades e contradições interessam particularmente ao enquadre da “complexidade” (MORIN, 1991), quando esse autor observa as dificuldades a respeito da aparente desordem verificada nos modos de pensar e na interpretação da realidade que se vale da lógica complexa:

Na visão clássica quando aparece uma contradição num argumento, é um sinal de erro [...] Ora, na visão complexa, quando se chega por vias empírico-rationais às contradições, isto significa não um erro, mas o atingir de uma camada profunda da realidade que, justamente porque é profunda, não pode ser traduzida para a nossa lógica (MORIN, 1991, p. 82).

Nessa linha de argumentação, as concepções discutidas neste texto dizem respeito ao estudo, em profundidade, de percursos formativos em desenvolvimento, e compreende a reflexão crítica, em contextos dinâmicos de pesquisa, sobre a aquisição de competências e habilidades vinculadas ao domínio da expressão escrita em Língua Inglesa (LI) — percebida como uma forma particular de comunicação socialmente instituída, (que neste artigo serve de aspecto essencial de análise para o pesquisador-autor) — com especial foco de atenção ao modo como tais competências e habilidades encontram definição e representação, visando propósitos de intervenção pedagógica.

O esquema a seguir (Figura 1) procura identificar as principais dimensões do trabalho proposto, envolvendo a linha temática, o campo conceitual em construção, as estruturas e atividades de pesquisa em processo:

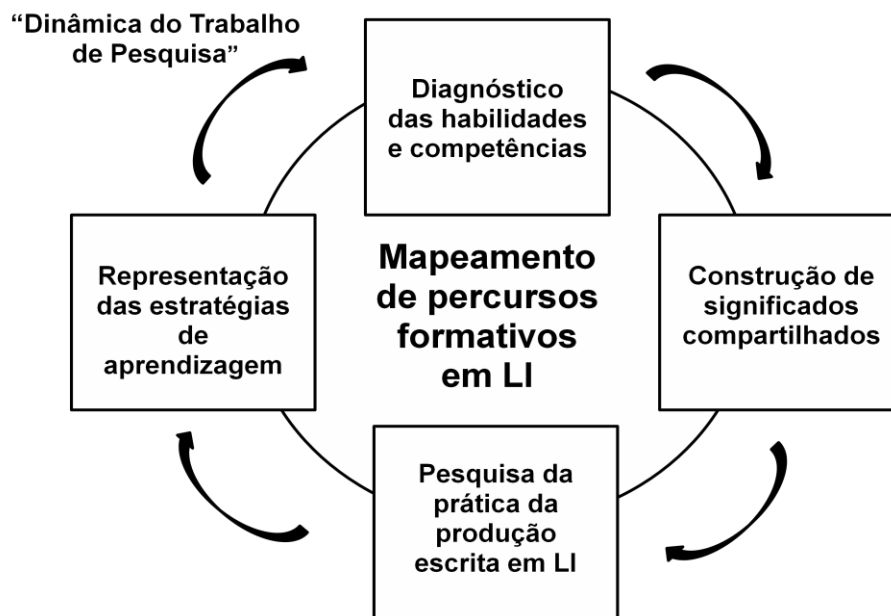


Figura 1 – representação da dinâmica do trabalho de pesquisa sobre escrita em LI.

A figura 1 representa a dinâmica da pesquisa em diferentes momentos que são trazidos à consideração neste trabalho. O tema não se fecha a novos aportes teóricos. As dimensões da representação do conhecimento sobre a habilidade da escrita em LI são desdobramentos obtidos a partir de discussões desenvolvidas em grupo e da crítica dos exercícios de produção textual, no decorrer do curso de especialização. “O mapeamento em uma pesquisa não se restringe a mero levantamento de dados” (BIEMBEMGUT, 2003, p. 297). Como decorrência dessa diretriz metodológica, foi proposta a elaboração do “Mapa Conceitual da Pesquisa da Habilidade Escrita em LI”, explorando suas limitações e possibilidades, como prática no domínio crítico-reflexivo, no âmbito da disciplina “Didática”.

O princípio metodológico que preside este trabalho é o da “representação do conhecimento” (MACHADO, 2004, pp. 115-45); do “mapeamento” (BIEMBEMGUT, 2003; SÁNCHEZ, 2006), entendido como a construção de uma “rede de significados” (MACHADO, id.), cuja dinâmica de elaboração procura dar conta de um campo temático complexo, que envolve a “incorporação de relações vivenciadas e valorizadas no contexto em que se originam na trama de relações em que a realidade é tecida” (MACHADO, 2004, p. 145), para o autor citado, “em outras palavras: trata-se de uma contextualização” (id., *ibid.*).

2. METODOLOGIA

Para este trabalho, o levantamento de dados transcorreu ao longo das disciplinas do curso que trataram das metodologias do ensino de Inglês com Língua Estrangeira; práticas didático-pedagógicas; e da aprendizagem, compreensão e produção escrita em LI, e foi baseado na observação e no registro das intervenções de docentes e discentes, concernentes ao tema. Trata-se de um curso de especialização *lato sensu*, na área do ensino e da aprendizagem do idioma Inglês como Língua Estrangeira, oferecido em Instituição de Ensino Superior (IES) localizada em município do Estado de São Paulo, na região do “Vale do Paraíba”. O autor é

também aluno do referido curso. O perfil do curso e dos participantes será preservado neste texto, considerando os critérios para inscrição e julgamento do trabalho no evento acadêmico do “XII Encontro de Iniciação Científica (EIC 2015), X Mostra de Pós Graduação, II Mostra de Extensão”.

Para atender ao princípio de mapeamento de conceitos essenciais sobre o tema da escrita em LI foi desenvolvido um primeiro “mapa conceitual” (NOVAK & CAÑAS, 2008; SANCHEZ, 2006), como “uma ferramenta para organizar e representar o conhecimento” (SÁNCHEZ, 2006, p. 29), de modo a perceber os enfoques particulares dos participantes sobre questões, pressupostos, e possíveis caminhos de investigação nesta pesquisa.

A construção do “mapa conceitual da pesquisa da habilidade escrita em LI” (Fig. 2) foi consequência da dinâmica dos debates e de atividades teórico-práticas conduzidas em sala de aula, abordando a formação docente, as metodologias de ensino peculiares à LE, tecnologias aplicadas ao processo de ensino aprendizagem, e ao estudo de projetos interdisciplinares, multidisciplinares, e transdisciplinares em LI/LE.

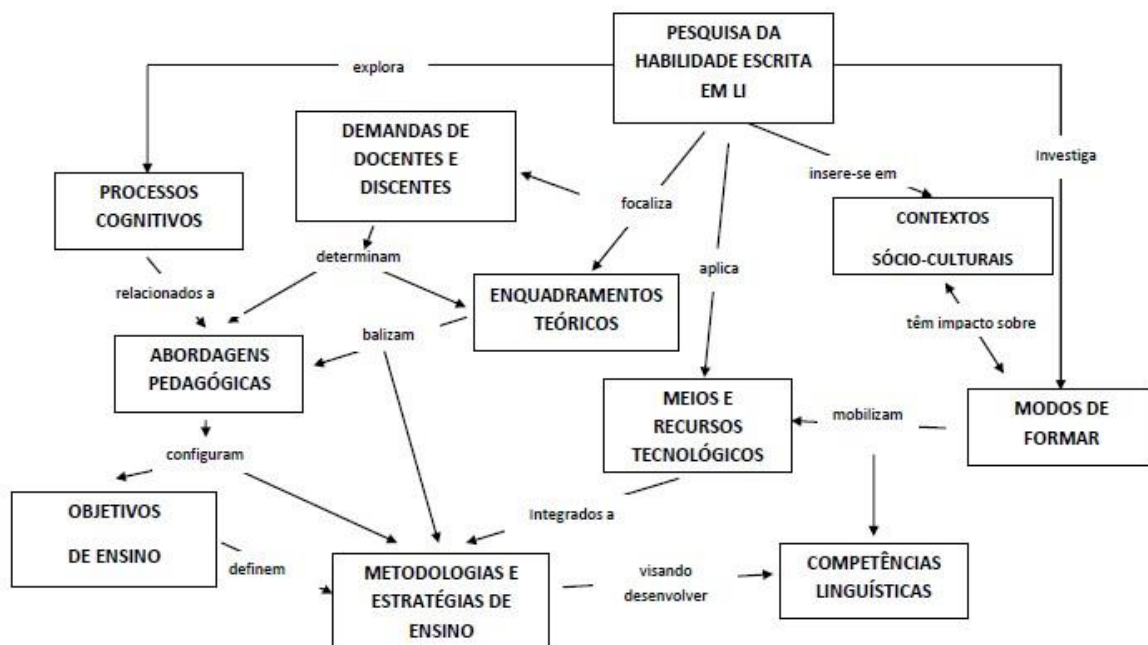


Figura 2 – Mapa Conceitual da Pesquisa da Habilidade Escrita em LI

Trata-se, ainda, de uma primeira aproximação. A finalidade desta etapa foi a de configurar uma estrutura conceitual de aspectos e elementos de pesquisa em correlação, cotejados ao referencial teórico referido anteriormente, estabelecendo-se um sistema de representação do conhecimento. As setas conectam conceitos entre si, as expressões que explicam o modo como as correlações se estabelecem são decorrentes da interpretação e julgamento dos participantes quanto à relevância dos conceitos, considerados em um dado contexto de discussão, tornando explícitos os critérios de classificação e organização das informações, e orientando rumos investigativos. Como exemplo, segue-se a tentativa de explorar a correlação entre modos de formar e contextos sócio-culturais da pesquisa em LI.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O tema da escrita em LI/LE, além da multiplicidade de abordagens e perspectivas, parece carecer, ainda, de tratamento que tome o contexto nacional brasileiro em primeiro plano, inclusive levando-se em conta as visões teóricas sobre o problema desenvolvidas por pesquisadores que dele se ocupam no quadro da realidade educacional do Brasil, como afirma Figueiredo (2012):

As abordagens teóricas atuais sobre a escrita [em LE] assumem diversas perspectivas – linguística, cognitiva, social e afetiva – através das quais podemos ora focar no texto escrito, ora no escritor, ora no contexto, ou, simplesmente, analisar o amálgama formado pelo colorido de todas essas variáveis. [...] Há certos assuntos ainda pouco investigados, como, por exemplo, as crenças de professores e alunos relacionadas à escrita, ao erro e à correção. Observamos, também, que muitos estudos sobre a escrita, realizados no Brasil, não fazem referência a outros trabalhos realizados no país, preferindo os autores citar trabalhos realizados no exterior. Esse fato enfraquece a possibilidade de traçarmos teorias sobre a escrita que levem em conta o contexto brasileiro. (FIGUEIREDO, 2012, 316-7)

Conceitos acerca de escrita, ensino-aprendizagem, cognição e afetividade entrelaçam-se nas abordagens que focalizam a questão acima, quando se analisa a escrita pela vertente do processo de sua produção, ou do produto que se obtém, nas práticas pedagógicas que exploram essa forma de linguagem. Entretanto, caberia interrogar, da assertiva anterior, se é justificável desacoplar processo e produto, na prática da atividade orientada, no momento privilegiado da pedagogia da escrita em LE, quando interagem professor e aluno.

Enfrentando-se esse campo de questionamentos, poderia ser proposta a concepção de um conjunto articulado de “conceitos em relação” combinado a diretrizes pedagógicas e pressupostos didático-metodológicos, para servir de representação do conhecimento sobre *o que e o como* ensinar e aprender, no contexto da atividade da escrita em LI; respeitando-se, em meio a tanto, as demandas de alunos e as expectativas de professores, quanto a ritmos, motivações e demais interesses de ensino e aprendizagem. É possível se chegar a uma representação visual básica desse conjunto conceitual complexo, que sintetizaria fundamentos sobre a prática da escrita a empreender, obtida consensualmente na interação professor-aluno, no processo de construção de “mapas conceituais dinâmicos” (NOVAK; & CAÑAS, 2014), para fazer convergir, no ensino da produção textual o plano dos aspectos formais linguísticos e o plano da expressão criativa do texto — de modo logicamente estruturado —, configurando assim a dimensão cognitivo-afetiva, na prática pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A chave crítico-reflexiva, cuja proposta de modelagem constava na introdução deste trabalho, representa-se no desenho reticulado, no mapeamento de conceitos, cuja conformação sugere que se investiguem níveis do campo complexo das teorias psicológicas, (de viés sócio-cognitivo), pedagógicas, (em perspectiva histórico-cultural) e linguísticas (linguagem como estéticas em processo), que fundamentam o estudo de problemas atinentes ao pensamento e às mediações simbólicas, estabelecidas nos domínios da linguagem escrita e no estudo da sua produção.

Para o ensino da LE a escrita é veículo de produção de significados compartilhados, expressão que assume mais relevância quando verificada no exercício da produção textual que incorpora princípios de trabalho colaborativo, envolvendo aluno e professor. Não se trata de

procurar a realização de algum tipo de criação em conjunto da qual participam um escritor aprendiz e seu leitor crítico, mas do desenvolvimento de um modo de pensar sistemático a respeito do texto a ser elaborado, como forma solidária e consciente de aquisição de conhecimento estruturado, (explorado no âmbito da linguagem verbal escrita, e esta como um meio de representação de si mesmo, do outro e da realidade social na qual se situam).

REFERÊNCIAS:

ALVARELI, Luciani Vieira Gomes. “Formação de Professores e a complexidade: diálogo para uma nova compreensão sobre a função docente”. *Ângulo*, Nº 136: jan.-mar. p. 45-56. 2014.

BARBOSA, Selma M. A. Dias. “*Perfis variados de competência linguístico-comunicativa numa LE (Inglês) e seu impacto no ensino de Línguas.*” Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Brasília, 2007. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10482/2138>>. Acesso em 4 de novembro de 2014.

BASSO, Edcleia Aparecida. “*A Construção Social das Competências necessárias ao professor de Língua Estrangeira: entre o real e o ideal*”. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2001. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000252316>. Acesso em 4 de agosto de 2014.

BIEMBENGUT M. Salett. Mapeamento como princípio metodológico para a pesquisa educacional. *In: MACHADO, N. J. & CUNHA, M. O. (Org.) Linguagem, Conhecimento, Ação: ensaios de epistemologia didática.* – São Paulo: Escrituras Editora, 2003. – (Coleção Melhoramentos; 23).

BORGES, E. F. V. Metodologia, abordagem e pedagogias de ensino de língua(s). *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 13, n. 2, p. 397-414, 2010. Disponível em: <<http://revistas.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/62>>. Acesso em: 15 de agosto de 2015.

BORGES, E. F. V. e PAIVA, PAIVA, V. L. M. O. Por uma abordagem complexa do ensino de línguas. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.14, n.2, p. 337-356, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://revistas.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/31>>. Acesso em 15 de agosto de 2015.

CASTRO, Solange Terezinha Ricardo de Castro. “Aspectos sócio-afetivos que interferem na construção da identidade do professor”. *In: SILVA, E. R. et al. (Org.). Cognição, Afetividade e Linguagem.* – Taubaté – SP; Cabral Editora e Livraria Universitária, 2007. p. 187-208.

D’ESPOSITO, Maria Eugênia Witzler. “**Prática escrita em língua inglesa: um curso online para professores da rede pública estadual, sob a perspectiva da complexidade**”. 2012. 328 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Área de concentração: Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. São Paulo, 2012. Disponível em:

<http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=13920>. Acesso em 22

de maio de 2104.

FERREIRA, M. M. O livro didático importado de inglês e o ensino da escrita. *The imported english textbook and the teaching of writing* Ling. Aplic., Trab. Ling. Aplic., Campinas, 50(1), Jan./Jun. 2011.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. Uma revisão das pesquisas sobre a escrita em L2/ LE: em busca de temas e metodologias. *Polifonia*, Cuiabá, MT, v. 19, p. 301-332, jan/jul 2012.

MACHADO, N. J. *Educação: Projetos e Valores*. – 5ª ed. São Paulo: Escrituras, 2004. “Coleção ensaios transversais”).

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa, Instituto Piaget, 1991.
. *Restricted complexity, general complexity*. MORIN, Edgar. *Restricted complexity, general complexity. Colloquium Intelligence de la complexité: épistémologie et pragmatique*, Cerisy-La-Salle: 26 Junho, 2005. Disponível em: <http://arxiv.org/abs/cs/0610049>. Acesso em: 5 de julho de 2015.

NOVAK, Joseph D. & CAÑAS Alberto J. *The Theory Underlying Concept Maps and How to Construct and Use Them. Technical Report IHMC CmapTools 2006-01 Rev 01-2008*. Disponível em www.ihmc.us. Acesso em: 22 de agosto de 2014.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: de La Taille, Y.; Oliveira, M. K.; Dantas H. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus editorial, 1992.

OLSON, David R. *O Mundo no Papel – as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

SÁNCHEZ, Maria Pilar Isabel Blecua. “O Ensino da Produção de Textos Escritos em L2/LE: uma Perspectiva Terminológica”. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10482/6394>. Acesso em: 8 de agosto de 2014.

ROMERO, T. R. S. A Dimensão Afetiva no Processo de Reflexão Crítica. In: SILVA, E. R.; UYENO E. Y.; ABUD M.J.M. (orgs.), *Cognição, Afetividade e Linguagem*. Taubaté, SP: Cabral Editora (2007).

TESCAROLO, R. A Complexidade e o Magistério da Ação. In: MACHADO, N. J. & CUNHA, M. O. (Org.) **Linguagem, Conhecimento, Ação**: ensaios de epistemologia didática. – São Paulo: Escrituras Editora, 2003. – (Coleção Melhoramentos; 23).

VILLAS BOAS, I. F. *Process Writing in a Product-Oriented Context: Challenges and Possibilities*. Produção textual como um processo em um contexto centrado no produto: desafios e possibilidades. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 463-490, 2014.

PERFIL DOS PACIENTES QUE REALIZARAM TESTE RÁPIDO DE HEPATITES B E C EM UMA UNIDADE DE ESF DO INTERIOR PAULISTA

RESUMO

As hepatites virais são doenças provocadas por diferentes agentes etiológicos, com propensão maior de infectar o tecido hepático, que apresentam características epidemiológicas, clínicas e laboratoriais semelhantes, porém com características que diferem um vírus do outro. **Metodologia:** Foi feita uma análise das fichas do mês de Abril até a 1ª quinzena do mês de Agosto, nas quais foram colhidos os dados: idade, sexo, estado civil, uso do preservativo durante e resultados reagentes e não reagentes para as Hepatites B e C. Que posteriormente foram analisados, contabilizados e dispostos em forma de tabelas. **Resultados:** Foram analisadas um total de 64 fichas do período de 1º de Abril de 2015 à primeira quinzena do mês de Agosto. A procura maior foi do sexo masculino, a população que mais realizou o teste rápido na unidade pertencia à faixa etária entre 41 e 70 anos, que representou 62,5%. Obtivemos como maioria pessoas casadas, que representaram 48,4% do total. Das 64 pessoas 45 não usavam preservativos durante as relações sexuais e 16 fizeram teste, porém não tem vida sexual ativa a mais de um ano. Dentre os testes realizados, apenas 2 deram positivos para Hepatite C. **Conclusão:** Tendo em vista os aspectos considerados nesse estudo concluo que está havendo uma crescente procura pelo teste rápido na unidade escolhida, sendo assim uma forma de rastreamento eficaz. A partir dos resultados obtidos, proponho desenvolvimento de estratégias para atingir um número maior de pessoas que se enquadrem ao grupo de risco.

Palavras-chave: Hepatite, atenção primária à saúde, teste rápido.

ABSTRACT

Viral hepatitis is a disease caused by different etiological agents with greater propensity to infect the liver tissue, which present epidemiological, clinical and laboratory characteristics similar, but with characteristics that differ from a virus other. **Methodology:** an analysis of monthly records of April to the 1st half of August, in which the data was gathered was made: age, sex, marital status, condom use during and reagents results and non-reactive for Hepatitis B and C. What were subsequently analyzed, recorded and arranged in tables. **Results:** We analyzed a total of 64 chips from the period 1 April 2015 to the first half of August. The greatest demand was male, the population held more rapid testing in the unit belonged to the age group between 41 and 70 years, which accounted for 62.5%. We obtained as most married people, which accounted for 48.4% of the total. 64 of 45 people did not use condoms during sex and 16 were tested, but do not have active sex lives of more than one year. Among the tests, only 2 were positive for hepatitis C. **Conclusion:** In view of the aspects considered in this study conclude that there has been a growing demand for quick test in the chosen unit, making it a form of effective tracking. From the results, we propose development strategies to achieve a greater number of people that fit the risk.

Keywords: hepatitis, primary health care, rapid test

INTRODUÇÃO

As hepatites virais são doenças provocadas por diferentes agentes etiológicos, com propensão maior de infectar o tecido hepático, que apresentam características epidemiológicas, clínicas e laboratoriais semelhantes, porém com importantes características que diferem um vírus do outro.(BRASIL, 2009)¹

A classificação das hepatites virais é universal, sendo que a magnitude dos diferentes tipos varia de região para região. No Brasil, também há grande variabilidade regional na prevalência de cada hepatite.(BRASIL 2009)¹

São doenças silenciosas que nem sempre apresentam sinais e sintomas, mas podem ocasionar: cansaço, febre, mal-estar, tontura, enjojo, vômitos, dor abdominal, pele e olhos amarelados, urina escura e fezes claras.²

Essas doenças podem ser classificadas, de acordo com as formas de contágio, em dois grupos: no primeiro, encontram-se as hepatites A e E, que são transmitidas de modo fecal-oral, cujo mecanismo de infecção está relacionado às condições socioeconômicas, de saneamento básico e de higiene pessoal. Porém a hepatite E é mais frequentes na Ásia e na África.³

O segundo grupo, o das hepatites B, C e D, é de transmissão sanguínea, da mãe para o feto durante gravidez e parto (transmissão vertical), através de relações sexuais ou por meio de procedimentos cirúrgicos, odontológicos, transfusão de sangue/hemoderivados e hemodiálise em que não se aplicam as normas de biossegurança adequadas e mais rigorosas. As hepatites B, C e D ainda podem ocorrer em consequência do compartilhamento de material contaminado para uso de drogas, higiene pessoal ou colocação de tatuagens e piercings (materiais perfuro cortantes) .³

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), 2 bilhões de pessoas no mundo já tiveram contato com o vírus da hepatite B (VHB) sendo que 350 a 400 milhões são portadores do mesmo, compreendendo aproximadamente 5% da população mundial. O risco de se tornar crônico, após a infecção, é de 90% em recém nascidos de mães com o antígeno "e" doVHB (HBeAg) positivo, 25% a 30% em crianças menores de 5 anos, e menos de5% a 10% em adultos.Portadores crônicos possuem risco acrescido de 15% a 40% de desenvolver cirrose,descompensação hepática e carcinoma hepatocelular (HCC), resultando em 1 milhão de mortes por ano.⁴

Estima-se que aproximadamente 3% da população mundial estejam infectados pelo vírus da hepatite C (HCV), o que representa cerca de 170 milhões de pessoas com infecção crônica e que correm o risco de desenvolver as complicações da doença. De acordo com a OMS, o Brasil é considerado um país de endemicidade intermediária para hepatite C, com prevalência da infecção situada entre 2,5% e 10%. Entretanto, estudos de base populacional e com doadores de sangue revelam prevalências inferiores às estimadas, colocando o Brasil como de baixa endemicidade.⁴

As equipes de atenção básica a saúde têm um papel muito importante no diagnóstico e no acompanhamento das pessoas portadoras – sintomáticas ou não – de hepatites. Para que

possam executar esse papel, é necessário que as equipes estejam aptas a identificar casos suspeitos, realizar o teste rápido para as hepatites B e C existentes nas unidades e solicitar exames laboratoriais complementares adequados e realizar encaminhamentos a serviços de referência dos casos indicados.(BRASIL, 2009)¹

O Ministério da Saúde disponibiliza, para a triagem da hepatite B, o teste VIKIA – HBsAg da empresa BioMérieux Brasil S/A. Os teste rápidos utilizam a tecnologia imunocromatográfica, (formato ICT ou lateral flow), que permite a detecção de antígeno do HBs no soro, plasma ou sangue total do paciente.⁴

E para a triagem da hepatite C, o teste IMUNO RÁPIDO HCV da empresa Wama Diagnóstica. É um teste de determinação qualitativa do anticorpo anti-HCV, também utiliza o método imunocromatográfico usando antígenos sintéticos e recombinantes imobilizados na membrana para identificação seletiva de anti-HCV em amostras de soro ou sangue total.⁴

JUSTIFICATIVA

As unidades de Estratégia de Saúde da Família, são as principais portas de entrada do paciente na rede de atendimento do SUS. Devido ao forte vínculo formado entre a população e a unidade, torna-se uma ótima fonte para se identificar o perfil dos usuários que procuram determinado serviço de saúde.

As hepatites virais ainda não são tão divulgadas e a população ainda tem pouco conhecimento quanto à forma de contágio e prevenção. Porém a procura pelos testes rápidos na unidade, que tem agenda aberta todas às quartas-feiras, me chamou a atenção.

Devido a este fato, despertou o interesse de saber qual o perfil das pessoas que estão procurando este serviço e, através dos dados, contribuir com a responsável pela equipe técnica da unidade para o planejamento de ações educativas e de prevenção das hepatites B e C para o grupo de risco que faz parte da área de abrangência da ESF.

OBJETIVO

Traçar o perfil dos pacientes que procuraram a ESF para realização do teste rápido.

MÉTODO

1-Tipo: Pesquisa de campo descritiva, com abordagem quantitativa.

2- Local: Foi realizada em uma unidade de ESF localizada em uma cidade do Vale do Paraíba, SP.

3- Sujeitos da Pesquisa: Foram utilizadas as fichas preenchidas pela Enfermeira da unidade durante a coleta de dados do paciente na realização do teste rápido.

4-Procedimentos éticos e de coleta de dados: Mediante a autorização da enfermeira da unidade, foi feita uma análise das fichas do mês de Abril até a primeira quinzena do mês de Agosto, nas quais foram colhidos os seguintes dados: idade, sexo, estado civil, uso do

preservativo durante as relações sexuais e resultados reagentes e não reagentes para as Hepatites B e C. Que posteriormente foram analisados, contabilizados e dispostos em forma de tabelas por meio do programa de computador Microsoft Excel.

5- Análise de Dados: Os dados foram contabilizados e dispostos em forma de gráficos por meio do programa de computador Microsoft Excel.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisadas um total de 64 fichas do período de 1º de Abril de 2015 à primeira quinzena do mês de Agosto, e os resultados obtidos estão separados por tópicos: sexo, faixa etária, estado civil, uso de preservativos durante as relações sexuais, número de testes realizados. E os resultados obtidos foram os seguintes:

SEXO

A tabela abaixo representa a quantidade de pessoas de ambos os sexos que realizaram o teste rápido. Que surpreendeu pela quantidade de homens foi superior há quantidade de mulheres.

Tabela 1

SEXO	
Masculino	40
Feminino	24
TOTAL	64

FAIXA ETÁRIA

De acordo com a tabela demonstrativa podemos observar que a população que mais realizou o teste rápido na unidade estava dentro da faixa etária entre 41 e 70 anos, que representou 62,5%. Este resultado vem de encontro com o perfil das pessoas cadastradas na unidade, que tem como maioria pessoas idosas.

Tabela 2

FAIXA ETÁRIA	
15-20	1
21-30	9
31-40	6
41-50	15
51-60	15
61-70	10
71-80	7
81-90	1

ESTADO CIVIL

Obtivemos como maioria as pessoas casadas, que representaram 48,4% do total.

Tabela 3

ESTADO CIVIL	
Casado (a)	31
Solteiro (a)	21
Viúvo (a)	5
Separado (a)	7

USO DE PRESERVATIVO DURANTE AS RELAÇÕES SEXUAIS

Das 64 pessoas 45 não usavam preservativos durante as relações sexuais e 16 pessoas fizeram teste, porém não tem vida sexual ativa a mais de um ano.

Tabela 4

USO DE PRESERVATIVO	
SIM	3
NÃO	45
SEM PARCEIRO	16

NÚMERO DE TESTES REALIZADOS

Dentre todos os testes realizados, apenas 2 deram positivos para Hepatite C. Essas pessoas estão sendo assistidas pela equipe da unidade .

Tabela 5

NÚMMEROS DE TESTES REALIZADOS	
Reagentes HEP. B	0
Reagentes HEP. C	2
Não Reagentes	62

CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos considerados nesse presente estudo concluo que está havendo uma crescente procura pelo teste rápido na unidade escolhida, sendo assim uma forma de rastreamento eficaz. E a partir dos resultados obtidos, proponho desenvolvimento de estratégias para atingir um número maior de pessoas que se enquadrem ao grupo de risco.

REFERÊNCIAS

1- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica- Hepatites Virais: O Brasil está atento. 3ª Edição. Brasília – DF, 2009.

2- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-sao-hepatites-virais>, Acesso em: 20/08/2015.

3- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Hepatites Virais: Desafios para o período de 2011 a 2012. Disponível em: http://www.aids.gov.br/sites/default/files/Metas_hepatites.pdf. Acesso em: 20/08/2015.

4- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Manual de treinamento para teste rápido hepatites B (HBsAg) e C (anti-HCV).Brasília- DF, 2011.

O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA CRÍTICA POR MEIO DO GÊNERO DISCURSIVO: CARICATURA

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma sequência didática que auxilie na leitura e na interpretação do gênero discursivo: caricatura. A dificuldade que existe em ler e interpretar as imagens relacionando-as com o contexto justifica esta pesquisa. Este estudo pretende, então, ressaltar a importância da leitura e interpretação, relacionando o texto com o contexto para uma interpretação eficaz desse gênero. Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre gêneros discursivos e caricaturas, a qual iremos reunir os jovens em uma roda de conversa e explorar o que eles possuem de conhecimento sobre o assunto e em seguida mostrar-lhes o real contexto do gênero discursivo. A fundamentação teórica se deu por meio de Bakhtin (1992) e Lopes-Rossi (2012). Se a finalidade da caricatura é ter os rostos identificados, não há justificativa para correr-se o risco de não serem por falta de uma legenda. Sem a compreensão pelos leitores, a caricatura é um mero desenho, que nada significa.

Palavras-chave: Gêneros discursivos, Caricatura, Leitura.

ABSTRACT

This work aims at presenting a didactic sequence to assist in reading and interpretation of the discursive genre: caricature. The difficult it is to read and interpret the images relating them to the context justifies this research. This study aims to then emphasize the importance of reading and interpretation, relating the text to the context for effective interpretation of this kind. Initially a literature search on discursive and caricatures genres was held, which will bring together young people in a conversation wheel and explore what they have knowledge about it and then show them the real context of the discursive genre. The theoretical basis was through Bakhtin (1992) and Lopes-Rossi (2012). If the purpose of caricature is to have the identified faces, there is no justification to run the risk of not being for lack of a legend. Without understanding by readers, the caricature is a simple design that means nothing. You need to read cartoons, mainly students. With this work we want to give subsidies to this study an achievable goal.

Key- words: Discursive Genres, Caricature, Reading.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como principal objetivo conceituar e analisar caricaturas em jornais, revistas e também as presentes na internet. É preciso saber ler caricaturas porque sua riqueza em mensagem crítica é enorme e trata-se de uma imagem que pode ser compreendida em sua totalidade e pode valer por mil palavras. Normalmente, são poucas pessoas que conseguem compreender a caricatura e o contexto em que ela ocorre, pode referir-se ao momento político do país, às personalidades da atualidade e os assuntos mais importantes ou preocupantes do momento, por exemplo, sendo assim, aqueles que são atualizados e bem informados é que consegue interpretá-las da maneira adequada.

Voltada para a sala de aula, a caricatura, um gênero discursivo jornalístico, seria um auxílio para a construção do apreço a leitura, o desenvolvimento do senso crítico, ou seja, analisar as entrelinhas que a frase da caricatura expressa, pois nem sempre o que ali está realmente significa, haverá um sentido extra, e essa é uma característica da caricatura e que muitos deixam passar, fazendo assim com que ela perca seu real sentido e importância. Juntamente ligando com o desenho, que chama atenção dos adolescentes que vivem num mundo de divertimento, assim as duas unidas auxiliam com o aprendizado extrovertido porém muito significativo. Em uma pesquisa podemos afirmar que a maioria das pessoas que possui a

facilidade de interpretar a caricatura por inteiro são pessoas atentas e cultas, e ainda se tiverem acesso ao assunto tratado nela. Por isso o intuito desse estudo é qualificar os jovens para que treinem seu lado crítico, treinem seu entendimento na língua e também no desenho, façam a leitura completa da caricatura auxiliando no presente e claramente no futuro, como adultos pensantes e críticos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. A importância da leitura

Por que ler livros? De fato, temos que concordar que esta é uma questão bem atual e difícil de ser respondida até mesmo no meio de educadores. Na 3ª pesquisa da Fundação Pró-livro, Zoara Failla (2012), relatou que se deparou com essa pergunta de um jornalista e refletiu por um tempo antes de responder.

‘Segundo ela, temos que começar pela importância do acesso ao conhecimento, afinal o livro é o depósito de tudo quanto os homens já pensaram. Mas não podemos nos esquecer que na internet também se encontra de tudo. O ponto é diferenciar informação de conhecimento, a internet nos atualiza e nos informa sobre diversos acontecimentos já à leitura crítica nos torna seres de opiniões diferentes de mundo nos proporcionando conhecimento.

A leitura de literatura, ganha vida quando examinado pelo leitor, o ato de ler compreender e recontar a si mesmo, exercita-se o pensamento crítico e expande horizontes. Quando crianças, somos despertados pela magia das leituras infantis, isso não deveria se esvaír com o passar do tempo ao contrário devia ser um progressivo crescimento de curiosidade, lembrando que o livro já foi ameaça por seu poder libertador vindo dos manuscritos para as prensas simbolizou uma revolução social.

Dessa forma, a leitura como uma habilidade é essencial não só para o acesso ao conhecimento, mas também à cultura e à formação de crianças e jovens pensantes e decididos a trilhar novos caminhos.

2. Gêneros discursivos

De acordo com Bakhtin (1992), os gêneros discursivos são formas típicas de enunciados – falados ou escritos – que se realizam em condições e com finalidades específicas nas diferentes situações de interação social. É também uma prática pedagógica voltada ao desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos para com a produção de textos, além de auxiliar no aprendizado da leitura.

Visto que para a produção de textos, primeiro haverá a necessidade de uma

compreensão com o que será tratado, nesse caso, a leitura é de extrema importância. Os gêneros discursivos abrangem os textos verbais, mas também abrangem os elementos não verbais, seriam eles: uma conversa, uma entrevista, uma palestra, uma aula, uma missa, entre outros.

Apesar de serem gêneros não verbais a presença textual estará presente, ao formular uma entrevista por exemplo, existirá um roteiro, e o mesmo estaria na forma textual. Desse modo a autonomia do aluno no processo de leitura e produção textual se dará pelo domínio da linguagem em situações comunicativas, por meio dos gêneros discursivos, a fim de que as práticas de linguagem estejam inseridas nas atividades dos alunos e transforme-os em leitores críticos. Bakhtin, (1992) "*Estética da criação verbal*", dedica um capítulo à reflexão sobre a heterogeneidade de gêneros discursivos produzidos por e em uma sociedade complexa como a nossa e os fatores (de natureza vária, linguística e extralinguística) que influem e confluem na constituição deles.

3. Caricaturas

Este trabalho tem por objetivo conceituar e discorrer sobre caricaturas. O intuito é diminuir a dificuldade do leitor em relacionar o texto não verbal com o contexto. Consideramos este o primeiro passo para que se comece a compreendê-lo.

É fato que apesar de utilizarem uma outra linguagem - a do desenho- caricaturas não deixam de ser gênero opinativo do Jornalismo. E não é gênero de menor importância, ao contrário, estão no mesmo patamar, e, aliás, na mesma página, de editoriais, comentários e artigos. É preciso saber ler caricaturas porque sua riqueza em mensagem crítica é enorme; trata-se de uma imagem que se compreendida em sua totalidade pode valer por mil palavras.

A caricatura é certamente um supremo tribunal. Já dizia Ramón Columba "*ante ela se inclinam os próprios juizes e as autoridades da nação*". Ela põe em julgamento as personalidades ali representadas, ela censura e ridiculariza. Da mesma forma a charge: ela sentencia e mostra os fatos pelo ângulo da indignação e da ironia. No desenho, as atitudes duvidosas dos donos-do-poder são divulgadas sem qualquer tentativa de suavização ou de imparcialidade. Esse é o espaço para a crítica e para os juízos de valor.

Infelizmente poucas são as pessoas que compreendem caricaturas em sua totalidade. Elas dependem do contexto em que ocorrem. Referem-se ao momento político do país e às personalidades da atualidade. Assim, somente aqueles que estão bem informados é que conseguem interpretá-las. Ao final do trabalho propomos uma sequência didática sobre essa importância do contexto para ser aplicada em uma próxima etapa da pesquisa.

É preciso saber ler caricaturas, principalmente, alunos. Com este trabalho desejamos dar subsídios para fazer desse estudo uma meta alcançável. Segundo o Dicionário Etimológico, a origem semântica da palavra caricatura vem do italiano 'caricare', cujo significado é carregar, exagerar, o que na caricatura corresponde a ridicularizar, criticar, satirizar.

Melo (2003, p.167) considera duas definições para caricatura: a caricatura propriamente dita, aquele desenho no qual se reproduz à figura humana com traços exagerados; e a caricatura genérica. A última, por sua vez, engloba a charge, o *cartoon* e o *comic*. Para este autor:

Especificamente, a caricatura é a representação da fisionomia humana com características grotescas, cômicas ou humorísticas" (...) "Retrato humano ou de objetos que exagera ou simplifica traços, acentuando detalhes ou ressaltando defeitos. Sua finalidade é suscitar risos, ironia. Trata-se de um retrato isolado (...) "Genericamente ,

significa a forma de expressão artística através do desenho que tem por fim o humor. (MELO, 2000, p. 167).

A primeira obra dedicada ao estudo sistemático da caricatura é, de acordo com Herman Lima, “Rules for Drawing Caricatures, with Essay on ComicPainting”, do capitão Francis Grose, lançada em 1788 em Londres. Grose vê a caricatura como um dom perigoso, como uma espécie de tribunal que julga, sem compaixão, quem é objeto dela:

A arte da caricatura é geralmente considerada como um dom perigoso, mas próprio a tornar seu possuidor mais temido do que estimado; (...) ela é um dos elementos da pintura satírica e que, como a poesia desse gênero, é talvez empregada com maior êxito em vingar a virtude e a dignidade ultrajadas, apontando os culpados ao público, único tribunal a que eles não podem fugir; ou fazendo tremer à simples idéia de ver suas loucuras, seus vícios, expostos à ponta acerada do ridículo. (Francis Grose 1788 apud Herman Lima 1963, p. 5).

Francis Grose não é o único que compara a caricatura a um tribunal, Ramon Columba a denomina “*Supremo tribunal*”, pois, “*ante ela se inclinam os próprios juízes e as autoridades da nação*”. Na caricatura, o grande júri é formado pelos leitores, o caricaturista é o temido promotor e a sentença é a opinião pública.

Segundo Melo (2003, p.164) “A introdução da caricatura à imprensa explica-se pela conjugação de dois fatores sócio-culturais: o avanço tecnológico dos processos de produção gráfica e a popularização do jornal como veículo de comunicação coletiva”. Quando fala em avanço tecnológico, Melo se refere à invenção do processo de litografia, que proporcionou a reprodução de desenhos nas páginas dos jornais. Um dos pioneiros na técnica foi o jornal francês La Caricature, que na década de 1830 publicou desenhos para complementar sua escrita verbal. Quanto à popularização do jornal, Melo faz alusão à época em que o jornal foi conquistando um maior público e aumentando sua tiragem. Mas nesse contingente amplo havia grupos que não tinham acesso a níveis superiores de educação. Assim, o desenho das caricaturas era para eles um grande atrativo.

O teórico Robert de La Sizeranne, citado na obra de Herman Lima, divide a história da caricatura em três fases de evolução:

Simbolista, no princípio, quando os egípcios recorriam aos animais para simbolizarem o caráter de suas vítimas, tais como os leões e as gazelas que representavam reis e concubinas; deformante, até a Renascença, quando a palavra italiana caricare dava medida exata de sua finalidade de então; e característica, nos tempos atuais... Quando verdadeiros artistas se dedicaram à caricatura. (SIZERANNE apud HERMAN LIMA, 1963, p. 19).

Considerando essa classificação de Sizeranne, pode-se dizer que a caricatura só passou a existir no Brasil na sua terceira fase. Mas é errôneo considerar esta uma fase homogênea. Tantos foram os estilos que surgiram desde o início que é possível afirmar que cada caricaturista teve um estilo exclusivo. De acordo com Herman Lima, “o nosso primeiro caricaturista não foi nenhum dos nossos grandes fazedores de bonecos (...) Foi homem, não do lápis, mas da pena, Frei Vicente do Salvador” (HERMAN LIMA apud MELO, 2003, p. 165). Ainda na mesma página, Melo conclui a citação de Herman Lima com uma observação: “No Jornalismo, porém, um dos pioneiros da nossa caricatura foi o Padre Lopes Gama, que editou em Pernambuco o jornal O Carapuzeiro”(MELO, 2003, p. 165).

Voltando a definição de Melo (2003, p. 167) afirma que a finalidade da caricatura é suscitar risos, ironia. Herman Lima, no entanto, não considera a caricatura como um desenho do

ridículo, cujo fim é incitar o riso. Para ele, a caricatura é uma arte autêntica, uma arte de caracterizar, que pode levar ao riso ou ao rancor, à alegria ou à tristeza.

No correr dos tempos, quando firmado seu domínio de arma das mais poderosas na imprensa, pela universalidade do seu alcance, a caricatura não fez mais do que acrescer sua alta significação como arte autêntica (...) É que a caricatura não é somente, como entendia os italianos que lhe lançaram a moda na era do renascimento – o ‘ritratoridicolodicuisiansiesagerati i difetti’”. É ainda, até de preferência, como assimila muito bem Robert de La Sizeranne, a arte de ‘caracterizar. (HERMAN LIMA, 1963, p. 5-6).

Para reforçar sua posição quanto ao riso não ser a finalidade dos desenhos caricatos, Herman Lima cita Paul Gautier:

A caricatura não tem por objeto principal fazer rir. Isto é tão certo que há caricaturas lúgubres.” (...) “Há caricaturas tristes mesmo, mas ainda porque se pode dizer que a caricatura que a caricatura é triste por inspiração, é triste no fundo, ainda mesmo que faça rir com a ajuda do exagero, desde que a sátira deve se deter sobre o lado vil das coisas (...) Longe de ser um testemunho da alegria, o próprio exagero caricatural não é senão um meio nas mãos do artista para exprimir seu rancor. De fato, os caricaturistas são, como todos os autores cômicos, naturalmente inclinados a humores negros. (GAULTIER apud HERMAN LIMA, 1963, p.20).

Segundo Herman Lima (1963, p. 15), “não é a caricatura que torna os homens ridículos: eles é que são ridículos por si mesmos, quando o são, nem há força que os livre disso”. Para ele a caricatura é um espelho, portanto, se é ridícula ou grotesca é porque os fatos e as pessoas que ela representa são assim.

O caricaturista surpreende o aspecto grotesco dos seres, das coisas e dos fatos, porém, além disso, faz com que o espelho onde vemos reproduzidos fatos, coisas e seres, em todo o seu ridículo ou em toda a sua infâmia, sirva, também, no dia de amanhã, para tornar a reproduzi-los belos, harmoniosos e fortes”(Herman Lima, 1963, p. 15).

Sitwell(Apud HERMAN LIMA, 1963, p. 16)corrobora que “As caras que nos mostram {as caricaturas} muitas vezes nos parecem à primeira vista as faces dum delírio, mas, depois num horror gradativo, descobrimos que podemos encontrá-las todos os dias nas ruas e nos jornais”. Para concluir esse conciso estudo sobre as caricaturas, citamos Silvio Lago, cujo trecho, pela amplitude da definição, dispensa comentários:

A missão dos caricaturistas é alguma coisa de mais alto e decisivo do que refletir aspectos ridículos ou obter assombrosas semelhanças fisionômicas com a maior graça e simplificação possíveis (...) isso não seria bastante para a verdadeira importância da caricatura. Arte, isso, tão sutil e objetiva, reflete os momentos contemporâneos com uma exatidão, com um instinto heróico e uma consciência instintiva da vida futura que, a seu lado, qualquer das belas-artes se amesquinham, e a literatura se confessa envergonhada de seus artifícios retóricos. (LAGO apud HERMAN LIMA, 1963, p. 15).

Seguem abaixo alguns exemplos de caricaturas:

Fonte: Jornal Lance, 2002 por Gustavo Duarte



Fonte:
<http://tvcultura.cmais.com.br/millor/morre-millor-ferna-ndes>, 28/03/12.

METODOLOGIA

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre gêneros discursivos e caricaturas, a qual iremos reunir os jovens em uma roda de conversa e explorar o que eles possuem de conhecimento sobre o assunto e em seguida mostrar-lhes o real contexto do gênero discursivo. Em seguida, serão selecionadas as caricaturas de acordo com a atualidade do país juntamente com textos explicativos, presentes em revistas e jornais fazendo com que eles realizem uma análise e leitura para uma melhor compreensão do que futuramente irão concluir. Para treino do que foi exposto para os alunos, eles deverão produzir em grupos alguns desenhos e consequentemente o texto pertencente ao desenho sobre algum determinado assunto que esteja sendo discutido também na atualidade. Após esse momento, iremos realizar uma exposição para outros colegas da escola fazendo uma interação e assim influenciando a imensa e variada produção de diferentes tipos de textos. Para finalizar foi elaborada a sequência didática.

Duração: 20 horas/aula

Público-alvo: Turma de 2º ano A com 27 alunos

Disciplina: Língua Portuguesa e Artes

Conteúdos: Desenho, produção e interpretação de histórias, charge, noção de sequência e organização de textos e assuntos atuais.

Habilidades e competências:

- Fazer com que os alunos possam se envolver em grupo, tendo a capacidade de formar novas histórias autorais sobre assuntos apresentados e discutidos em sala de aula;
- Analisar a capacidade de cada um para o desenvolvimento da escrita, desenho, suas interpretações e seu senso crítico;
- Desenvolver as habilidades artísticas para a formação dos desenhos.

Estratégias: Utilização de revistas, jornais, dicionários, textos relacionados a caricatura, folhas e materiais artísticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, chegamos ao seguinte consenso quanto à caricatura: além do desenho, ela precisa contextualizar os leitores, ou através de um dos editoriais, ou de um texto-legenda específico para esse fim. Se a finalidade da caricatura é ter os rostos identificados, não há justificativa para correr-se o risco de não o serem por falta de uma legenda. Sem a compreensão pelos leitores, a caricatura é um mero desenho, que nada significa.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos vão para todos aqueles que colaboraram para que esse artigo acontecesse como a orientadora: Prof^a Me. Neide Aparecida de Oliveira Arruda, a Prof^a Dr. Luciani Alvarelli que também direcionou essa pesquisa e representa as Faculdades Integradas Tereza D'Ávila. Aos nossos amigos Tiago Felipe e Erika Carvalho. Pela participação no PIBID da CAPES, que investe na formação dos docentes. Aos nossos pais e familiares pelo apoio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, H. *O Riso*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

Dicionário Etimológico, Acesso em 29/08/2015, às 16h32. Disponível em: <http://www.dicionarioetimologico.com.br/>

GAULTIER, Paul. *Lê Rise et la Caricature*, apud LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1963.

GROSE, Francis. *“Rules for Drawing Caricatures, with Essay on Comic Painting”* apud LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1963.

LAGO, Sílvio. apud LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1963.

LIMA, Herman. *Historia da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1963.

MELO, José Marques de. *Jornalismo Opinativo: Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro*. São Paulo: Editora Mantiqueira, 2003.

NERY, João Elias. *Charge e Caricatura na Construção de Imagens Públicas*. São Paulo: PUC/SP, 1998.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. São Paulo: Ática, 1992.

SIZERANNE, Robert de La. apud LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1963.

SITWELL apud LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1963.

WISNIK, José M. *Ilusões Perdidas* apud NOVAES, Adauto. *Ética*. São Paulo: Cia das Letras.

LITERATURA: ARTE CAUSADORA DE METANOIA

Tiago Felipe Miguel Souza Oliveira
Neide Aparecida Arruda de Oliveira

Faculdades Integradas Teresa D'Ávila

tiagofelipephn@gmail.com
mnoliveira@gmail.com

RESUMO

Diante de uma sociedade influenciada pela mídia, de jovens conduzidos a caminhos distantes do que realmente foi sonhado para seu futuro, a poesia de encontrar um sentido nos estudos tornou-se raro. Para isso, é preciso de estratégias que motive um despertar emocional, provocando, assim, um desejo possível de mudança de comportamento e até mesmo de mente. A finalidade principal é oferecer meios relacionados diretamente com a realidade vivenciada pelos alunos. Apresentar recursos que auxiliem compreensíveis assimilações estimulando propriamente a prática, utilizando a música e a poesia periférica para incitar um desejo em compreender o real sentido de uma arte. Espera-se obter um efeito significativo positivo visando a transformação, boa conduta, boas maneiras, uma relação mais ativa, envolvendo-se em questões políticas e sociais. Portanto, criar laços de intimidade com a leitura é desfrutar da mais bela e pura forma de sonhar, produzindo especialmente um anseio pela gana de realizar o impossível.

Palavras-chave: Literatura; Arte; Sonhar; Neurociência; Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

Ahead a society influenced by the media, youth driven to distant paths that was actually dreamed for your future, poetry to make sense in the studies has become rare. For this, we need strategies that motivate an emotional awakening resulting thus a possible desire to change behavior and even of mind. The main purpose is to provide ways related directly with the reality experienced by students. Provide resources to assist understandable assimilation properly stimulating the practice, using music and poetry from periphery to incite a desire to understand the real meaning of an art. It is expected to have a positive significant effect aiming at the transformation, good conduct, good manners, a more active relationship, engaging in political and social issues. So create intimate ties to reading is enjoy on the most beautiful and pure form of dreaming, producing especially a craving for desire to achieve the impossible.

Key-words: Literature; Art; Dream; Neuroscience, Teaching-Learning.

INTRODUÇÃO

A arte desloca-se no mundo acompanhado de seus acontecimentos de acordo com sua época. É uma maneira de exprimir o que cada um pensa, sente, tem de mais precioso em seu íntimo. Transpõe as experiências da vida, do dia-a-dia, além de ser uma rica fonte de informações, capaz de dar sentido aos muitos caminhos que, muitas vezes por medo, inseguranças, falta de oportunidades, descasos sociais, são bloqueados no consciente.

Busca-se propriamente conservar a integridade dos homens, procurando, providenciando tornar-se o alimento necessário para que nele, como humano, se concretize o sentido “ser”. Tendo a capacidade de humanizar, transformar, precisa-se uma atenção voltada em como utilizar novas estratégias de ensino-aprendizagem, com um olhar relevante à formação educacional e social.

Este projeto tem, como cerne, sugerir e dar caminhos ao aluno de uma maneira mais

ligada às realidades em que convivem, propondo derivadas formas de enxergar a sociedade em que estão inseridas. Nota-se a decadência da educação brasileira, a falta de interesse pela instrução da parte dos professores em relação ao gosto pela vida, pelos mistérios em que estamos vivendo.

O objetivo principal é propor uma nova forma de contemplar o encanto de uma viagem pelas fantasias, onde o medo, a falta de sonho, as indiferenças não existem. A carência afetiva muitas vezes desestabiliza o psicológico de uma criança e, por isso, entender o que acontece com o estudante desmotivado e buscar novas técnicas – motivacionais, reflexivas – é necessário para tornar o ambiente de ensino e aprendizagem significativo para ambos.

Diante de tais dificuldades, a intenção é, como cita Paulo Freire (criar meios de compreensão de realidades políticas e históricas que deem origem a possibilidade de mudança – p. 49, 2014). Tem-se em mente que seja esse nosso papel, desenvolver métodos de trabalho que permitam aos alunos, pouco a pouco, revelarem sua própria identidade.

Com um olhar voltado à realidade, é nítida a falta de interesse pela busca incansável dos sonhos, devido à falta de conhecimento, de incentivo da parte dos pais, a falta de professores criativos que despertem a vontade e curiosidade pela poesia da vida. Visando uma transformação social e também pessoal, apresentar conteúdos que estão diretamente ligados ao cotidiano e sequer nota-se a presença de tal.

A leitura tem a capacidade de provocar uma nova perspectiva de futuro, criar laços de esperança por meio da Literatura e Poesia faz com que o aluno acredite em si, naqueles que estão ao seu redor. Entender que estamos ligados a essa arte – diretamente ou não – é vislumbrar a beleza de uma nova aventura, tal como a princesa do conto de fadas, o autor dobra-se sobre nós, toca-nos de leve com suas palavras e, de quando em quando, uma lembrança escondida se manifesta, uma sensação ou um sentimento que não saberíamos expressar revela-se com uma nitidez surpreendente.

Convivendo com jovens e sabendo das precariedades que estão adaptados, ao presenciar esses alunos falarem a respeito da leitura, percebe-se que a leitura de livros tem para eles algumas vantagens específicas que diferenciam de outras formas de lazer. Compreendo que por meio dela, mesmo aquela aleatória, eles podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização.

Percebe-se que ela os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades além das que estão acostumados, a sonhar. A encontrar um sentido, algumas probabilidades de respostas para tantas perguntas que cercam seus tormentos psicológicos. A encontrar uma forma de mover-se no tabuleiro social, onde muitas vezes não existe nenhuma noção do que é ou o que seja. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E, principalmente, o essencial, fazer pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro.

Existe a esperança de que a leitura, em particular a de livros, de poesia, pode ajudar os jovens a serem mais independentes e não apenas objetos de discursos repressores ou paternalistas. E que ela pode representar uma espécie de caminho que leva de uma atitude um tanto rebelde à cidadania.

Como todas as outras artes, a Literatura reflete as relações do homem com o mundo e com os seus semelhantes. O fato de perder a capacidade de sonhar faz com que o ser humano se perca na procura do real sentido de viver, deixando à mercê do acaso as situações confiadas a si, fazendo-se escravo de uma mentalidade insegura.

A habilidade de ler é um processo que tem início bem antes dos anos escolares. No primeiro ano de vida o convívio com as pessoas moldam na criança a compreensão dos fonemas da sua atual situação. Aprender a ler é uma tarefa complexa que exige várias habilidades, entre elas, é claro, o conhecimento dos símbolos da escrita e a sua correspondência com os sons da linguagem.

Na prática, o professor defronta-se com muitos desafios, mas talvez a tarefa mais difícil seja lidar com as dificuldades da aprendizagem. O estudante que não presta atenção na aula, ou que está sempre atrapalhando a turma com brincadeiras impertinentes ou provocações. Aquele que não para quieto, ou que tem facilidade em determinada disciplina, mas falha em outras. O aluno que se comunica bem, mas escreve com letras ilegíveis ou ainda aquele que é campeão no futebol, mas só tira notas baixas. Todos são motivos que preocupam.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. O cérebro e o processo de aprendizagem

Como bem conhecemos, o nosso cérebro está dividido em dois hemisférios: o hemisfério direito e o hemisfério esquerdo e cada um deles controla o lado oposto do nosso corpo. Ou seja, a grande maioria das pessoas acostumou-se a pensar e a agir de acordo com o raciocínio lógico, linear, sequencial, deixando de lado suas emoções, a intuição, a criatividade, a capacidade de ousar soluções diferentes das quais estão acostumadas.

De fato, o cérebro raramente mantém uma atenção contínua e de alto nível. Assim, essa verdadeira atenção externa só pode ser considerada em um nível alto e constante só por um curto tempo, em geral mais ou menos 10 minutos. Isso demonstra o valor de uma aprendizagem focada em atividades difusas, tal como uma reflexão.

As emoções são a base para muitos discernimentos. Sua importância biológica e seu procedimento pelas estruturas nervosas, bem como suas relações com a cognição e a aprendizagem:

As emoções são fenômenos que assinalam a presença de algo importante ou significante em um determinado momento na vida de um indivíduo. Elas se manifestam por meio de alterações na sua fisiologia e nos seus processos mentais e mobilizam os recursos cognitivos existentes, como a atenção e a percepção. Além disso, elas alteram a fisiologia do organismo visando uma aproximação, conforto ou afastamento e, frequentemente, costumam determinar a escolha das ações que se seguirão. (COSENZA/GUERRA, 2011, p. 75)

Desse modo, procurar trabalhar ambos os lados do cérebro dos alunos é essencial para o crescimento de suas habilidades, sendo de total importância o equilíbrio emocional e racional. Usando apenas o lado esquerdo, deixamos de usufruir dos benefícios contidos no lado direito, como a imaginação criativa, a serenidade, visão de mundo mais interessante, capacidade de síntese e a facilidade de memorizar.

Por meio de técnicas variadas podemos estimular o hemisfério direito do cérebro e buscar a interação entre os dois hemisférios, equilibrando o uso de tais potencialidades. Assim, temos a capacidade de controlar alguns de nossos comportamentos, fazendo-nos diferentes em relação ao meio em que estamos inseridos:

As emoções, portanto, são importantes para os seres humanos da mesma forma que para os outros animais. Contudo, diferentemente deles, somos capazes de tomar consciência desses fenômenos, podemos identificá-los e rotulá-los. Além disso, somos capazes de aprender a controlar algumas de nossas reações emocionais de acordo com as conveniências sociais. De fato, as emoções não são, por si mesmas, boas ou más como muitas vezes nos querem fazer acreditar, mas a forma como lidamos com elas pode fazer a diferença em nossas relações sociais. (COSENZA/GUERRA, 2011, p. 81)

Portanto, ter a consciência de que nosso cérebro controla nossas emoções, nossas habilidades e tem a eficiência de criar inúmeros bloqueios que dificultam a ação do pensamento, que é força criadora, atrapalhando o processo de aprendizagem. A emoção interfere no processo de retenção de dados. É preciso motivação para aprender. A atenção é fundamental, o cérebro se transforma em contato com o meio onde está. A formação da memória é mais concreta quando a nova informação é associada a um conhecimento prazeroso.

Motivar tornou-se uma prática esquecida pela maioria dos que estão à frente dos alunos. Cumprem apenas seu dever de professor, esquecem que um ser humano não se faz apenas com conhecimento, mas com exemplos, com palavras que estimulam a uma incessante inquietação, que faz questionar.

De tal forma, alcançar a emoção, motivação, atenção, plasticidade cerebral e a memória. Quanto mais emoções contêm em determinada atividade, mais será gravado no cérebro. Segundo NOVA ESCOLA (2012), estudos comprovam que no cérebro existe um sistema dedicado à motivação e à recompensa. Quando o sujeito é afetado positivamente por algo, a região responsável pelos centros de prazer produz uma substância chamada *dopamina*. A ativação desse elemento gera bem-estar, que mobiliza a atenção da pessoa e reforça o comportamento dela em relação ao objeto que o afetou.

Segundo Piaget (1968), prestamos atenção porque entendemos, ou seja, porque o que está sendo apresentado tem significado e representa uma novidade. Se há um desafio e se for possível estabelecer uma relação entre esse elemento novo e o que já se sabe, a atenção é despertada. O cérebro se modifica em contato com o meio durante toda a vida. Assim, mudam dependendo das experiências pelas quais se passa. Ativando, assim, a memória, que tem uma grande facilidade de reter ideias, sensações, impressões adquiridas anteriormente.

1.2. Utopia tornando-se possível

Junto às emoções, carregamos sonhos pessoais, aqueles que muitas vezes lutamos a vida inteira para realizá-los. A falta de incentivo tornou-se escassa, não é mais valorizado quem sonha alto. A carência cria barreiras, impedindo de encontrar forças para vencer as impossibilidades que situações diversas e difíceis são causadas pela falta de conhecimento.

Dar caminhos para conhecer as possibilidades de se concretizar um sonho, para entenderem que o que é tachado de utopia, nada mais é que um obstáculo colocado pela vida para que, tendo que passar por esse momento, tenha um crescimento pessoal e social.

Sabendo de sua competência, aceitar como um dever:

Nunca falo da utopia como uma impossibilidade que, às vezes, pode dar certo. Menos ainda, jamais falo da utopia como refúgio dos que não atuam ou [como] inalcançável pronúncia de quem apenas devaneia. Falo da utopia, pelo contrário, como necessidade fundamental do ser humano. Faz parte de sua natureza, histórica e socialmente constituindo-se, que homens e mulheres não prescindam em condições normais, do sonho e da utopia. As ideologias fatalistas são, por isso mesmo, negadora das gentes, das mulheres e dos homens. (FREIRE, 2014, p. 77)

Paulo Freire (2014) mostra-nos a necessidade imprescindível que o ser humano tem de não dispensar os sonhos e as utopias. São elas causadoras de um futuro promissor, lugar onde não existe nada, a não ser as possibilidades de tudo se concretizar. Educar é fazer sonhar. É tirar os jovens de onde eles estão, da mesmice que estão acostumados a viver e ouvir.

Tudo isso cria certo desespero, pois, de fato, vivemos em uma sociedade completamente imediatista, consumista, pregando uma falsa ideologia. Não existe mais os exemplos de como

carecemos do amanhã para desenvolver nossas habilidades, nossos dons, sonhos e utopias. Por não conseguir conquistar o que almeja logo de início, abandonamos como se fosse realmente impossível de se realizar.

Procurar formas de sair da rotina, correr riscos para fazer acontecer, sonhar junto com os jovens, mostrando que eles também são capazes de lutar por uma vida digna de ser reconhecida como uma batalha vencida com dignidade. Formar humanos, conduzindo a uma plena consciência da essência do “ser”.

Tudo isso visando à libertação dos jovens, uma pequena fonte de transformação que pode levá-los onde quiserem. Fazer-se entender o valor da liberdade, da democracia, formar atitudes de quem recusa a acomodação e não deixa morrer em si o gosto de “ser gente”, que o mundo deteriora com suas doutrinas.

Realizar tais mudanças requer tempo:

Todo amanhã, porém, sobre o que se pensa e para cuja realização se luta, implica necessariamente o sonho e a utopia. Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem a sua concretização. (FREIRE, 2014, p. 77)

Por medo de que algo saia do trilho, saindo do seu controle na vida, interrompe o progresso e a realização de determinado sonho. Ficando, assim, sem saber o que fazer, para onde ir, e é nesse momento que bloqueamos diversas possibilidades. Quando isso acontece, o mais certo é abrir o coração e a mente e partir em busca da novidade.

Com certa frequência as pessoas sentem-se insatisfeitas e decepcionadas com variadas situações. E, geralmente, isso só causa mais danos emocionais. É nesse momento que se deve enxergar tudo diferente, até porque, é esse “desconforto” que nos move e faz com que busquemos algo melhor. Se não fosse esse sentimento, ficaríamos estagnados diante de qualquer situação.

Depois de sentir esse “desconforto”, o segundo passo é o desejo de crescer. É necessário refletir sobre a situação atual e planejar onde se deseja chegar. E para tudo isso é preciso calma, paciência, tempo. Afinal, não é do dia para o outro que mudamos nossos comportamentos. Exige força de vontade e, principalmente, incentivo.

1.3. Literatura e transformação

A literatura nos concede muito, mas não garante nada. A literatura não promete felicidade, ventura alguma – pelo menos não do tipo clássico, ou seja, o tipo imaginário – e não nos oferece garantias de finais felizes, nada disso. Ela nos amplifica a vista da casa, nos mostra o outro por completo – igual e diferente de nós – e solicita que nos comparemos a ele, que nos analisemos e, de alguma forma, desenvolvamos reformas internas.

O leitor é trabalhado pela sua leitura mesmo sem saber disso. Existe um diálogo entre o leitor e o texto, algo íntimo que apenas ambos vivenciam. Assim, encontra palavras, imagens, para as quais dava outros significados, cujo sentido escapava, não somente ao autor do texto, mas ainda àqueles que se esforçavam em impor uma única leitura autorizada.

O ato de ler não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, altera, reemprega, insere variante, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo. Escritor e leitor edificam-se um ao outro; o leitor transporta a obra do escritor, e o escritor desloca o leitor, às vezes revelando nele um outro, diferente do que acreditava ser.

Dessa forma, construir-se a si próprio:

Porém, a habilidade desigual para servir-se da linguagem não pressagia somente uma posição mais ou menos elevada na ordem social. A linguagem não pode ser reduzida a um instrumento, tem a ver com a construção de nós mesmos enquanto sujeitos falantes. Quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo. Enquanto o oposto, a dificuldade de simbolizar, pode vir acompanhado de uma agressividade incontrolada. Quando se é privado de palavras para pensar sobre si mesmo, para expressar sua angústia, sua raiva, suas esperanças, só resta o corpo para falar: seja o corpo que grita com todos seus sintomas, seja o enfrentamento violento um corpo com outro, a passagem para o ato. (PETIT, 2008, p. 71)

Não cabe apenas a sociedade incitar a mudança. Como professor, além de levar conhecimentos, informações, é preciso ensinar o jovem a “ser”.

Segundo Paulo Freire (2014), existem alguns princípios que são universais e que devem ser debatido e analisados no processo de alfabetização, no procedimento de ler o mundo e de entender sua realidade. O indivíduo construtor do mundo deve ser orientado a refletir sempre sobre valores como solidariedade, responsabilidade social, valores pessoais e justiça. É por meio da reflexão sobre estes valores que o sujeito poderá explorar a si mesmo e à realidade na qual se insere e, conseqüentemente, poderá analisar e construir sua própria identidade.

Quando se reflete sobre a necessidade de uma alfabetização que liberte, é preciso, antes de tudo, pensar em quem será o portador desse processo, quem será este professor. Apenas um indivíduo muito comprometido e consciente de seu papel conseguirá ensinar a leitura da palavra de forma que esta leve a uma busca permanente da leitura do mundo.

Alfabetizar é, acima de tudo, desenvolver, expandir um ser crítico. Assim, para tal, só alfabetiza bem, só liberta o seu aluno, aquele que consegue, antes de tudo, ser duro consigo mesmo, entender seus limites e, o mais difícil, reconhecer-se como alguém que não é dono do saber; pois este se (re) constrói a cada instante.

A poesia tem a capacidade de nos fazer olhar para a vida diferente, tanto aos educadores quanto aos alunos:

Precisamos poetizar o pedagógico. Na verdade, reconhecer o poético no pedagógico: a ser descoberto, despertado, desenvolvido. Sem poesia, muitos continentes de vida e de linguagem permanecem apenas latentes, não se tornam vir-a-ser. Sem a dimensão poética, muito do que realmente somos e podemos ser não se transforma em história vivida, em atos de criação do texto da própria existência. Não se trata de cultivar ilusões, os tempos são de crise devastadora. Exatamente por isso, temos necessidade de renascimentos. Para o trabalho de parto, precisamos de muitas anamneses, de esquecer muitos esquecimentos. (ANTÔNIO, 2008, p. 20)

Alfabetizar não se resume, portanto, exclusivo ao feito de ensinar a ler e a escrever, mas também e essencialmente, ao ato de encaminhar o indivíduo para o exercício da cidadania. Nestas circunstâncias, pode-se atestar que há uma alteração qualitativa tanto para aquele que ensina, quanto para aquele que aprende. Desta maneira, Freire (2014) reforça o papel do educador como instrumento crucial no ato de alfabetizar, no ato de conduzir à reflexão do mundo em que se vive e de si mesmo. Nesta ação, o educador está essencialmente responsabilizado pela alfabetização independente, que liberta o indivíduo da alienação que o modelo cultural do dominador impõe, sem muitas chances de questionamento. O educador precisa estar consciente de que a sua verdade não é necessariamente a verdade de seu educando. É preciso respeitar o livre-arbítrio; algo fácil de compreender, porém difícil de praticar.

Como cita Antônio (2008), necessitamos de muitas recordações para estarmos sempre ressurgindo como novos indivíduos. Sem a poesia, muitas transformações de vida e de

linguagem conservam-se escondidas. Devido à falta de estrutura familiar, escolar, muitos jovens deixam de tornarem-se quem realmente são e deixam de lado a capacidade de serem aquilo que sempre sonharam. Para encontrar uma maneira de trazer à tona toda essa força de quem pode ser o que quiser, é necessário muito trabalho, estar na realidade desses jovens e ter a consciência que é algo que talvez dure muito tempo.

METODOLOGIA

Trabalho árduo o de fazer um jovem dos dias atuais se interessar pela leitura. O medo que muitos têm dessa palavra está claramente estampado na forma em que se expressam, tanto no ato de escrever como no ler. Mudar essa mentalidade, dar esperança para uma transformação radical de pensamento, uma motivação além do que já estão acostumados, algo mais ligado às suas realidades e vivências.

Levar até os jovens o que eles querem e precisam aprender de uma forma realista, fazendo esse elo entre o que ele próprio tem experimentado em sua vida pessoal com a vida e textos de autores próximos e conhecidos que eles não têm a capacidade de reconhecer como artista ou até mesmo como um poeta. Ligando essas existências parecidas, torná-los capazes de um pensamento mais otimista em relação à sociedade, ao mundo, as pessoas que estão em sua volta.

Existem diversas formas de se chegar aos ouvidos. E para com os jovens, nada mais justo que falar diretamente sua linguagem. Muitas vezes pode não ser um português correto, mas a ideia em si expressada é eficazmente bem elaborada e de fácil entendimento. As estratégias para chegar à uma aproximação, até o momento que existir a liberdade de ambas as partes. Professor e aluno jamais devem ser vistos como alguém acima, que só fala e da ordem e, os alunos, os súditos, que só obedecem, ouvem e praticam o que ensinam.

Em uma roda de conversa pode-se obter muito mais atenção da parte dos alunos. Expondo suas ideias, pensamentos, sonhos, levando ao seu conhecimento que outros também passaram e ainda passam por isso, e mesmo assim estão buscando uma vida digna de ser reconhecida no final. O que julgam impossível, para jovens sonhadores não existe essa palavra.

As músicas que trazem mensagens de esperança, de projetos futuros, de realidade verdadeira, que eles sabem e presenciam quase todos os dias, nas drogas, na violência, na sociedade em geral, tem o dom de despertar uma certa inquietação, de que algo está errado e que precisa ser feito. Esse desejo de mudança parte do momento em que ele entende que o mundo muda quando ele começa a mudar, a fazer diferente.

Literatura e poesia são sublimes por terem essa capacidade de transformar o ser humano, leva-lo a lugares jamais imaginados, pensar em coisas jamais refletidas, sentir algo jamais identificado. Viajar para abundantes terras sem sair do lugar.

As letras de músicas e poesias que vêm da periferia têm muito que ensinar e fazer refletir a respeito de sociedade, vida, mundo. A experiência de muitos jovens da escola pública vem de bairros periféricos, sem muita instrução, lugares para entretenimento, exemplos de pessoas que ali estiveram e que hoje estão em outra qualidade melhor de vida.

Portanto, por meio de exemplos históricos e exemplos práticos em contato direto com os alunos, seja em uma roda de conversa, ou em grupos, devido aos gostos, diversificando as propostas a serem trabalhadas, apresentar uma nova forma de ver a arte que em certo ponto eles desconhecem por não terem tido a oportunidade de um contato maior com ela.

No fim de cada dinâmica, propor aos alunos uma pequena troca de ideias, relatando suas experiências com o conteúdo do que foi apresentado, dando o livre arbítrio de expressarem à vontade, sem repressão nem julgamentos. O bloqueio de início é certo, mas com o tempo,

muitos vão identificando com o outro e assim, soltando suas emoções e entendendo que o outro também é igual a ele, feito de carne, osso, sentimentos e emoções.

Finalizando com um questionário, coletando informações que podem ser apresentadas a eles num futuro próximo, comparando a evolução, o crescimento de sua vontade em ser alguém melhor, lutando pela vida digna, correta, olhando para os dois lados da moeda, querendo o certo para os dois lados, e, principalmente, no avanço como leitor e estudante.

O mundo carece de pessoas que fazem a diferença. Por meio dessa arte, portas e comportas se abrem, produzindo uma realização pessoal inexplicável, mesmo passando por dificuldades que a própria vida coloca no caminho de nossa história que passa tão rápido e muitas vezes nos perdemos entre atalhos e armadilhas. Conhecer o mundo é importante, o que ele nos oferece e o que podemos obter devido aos nossos esforços, mas necessário é fazer conhecer a si, nossas competências e habilidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como uma flor precisa ser cuidada, receber água e sol todos os dias para crescer disposta, e mais do que tudo, é indispensável o tempo para que aconteça toda a transformação, com os jovens não deixa de ser diferente. Espera-se que com tais motivações a busca pela mudança aconteça, mesmo que lentamente, fazendo brotar a esperança e uma nova concepção de existência.

Existem três propósitos diferentes para compreender a importância do hábito de ler, são eles: ler por prazer, ler para estudar, ler para informar-se.

Por meio da leitura feita com prazer, é possível desenvolver a criatividade, introduzindo-se no mundo da imaginação, desenvolvendo a escuta lenta, enriquecendo o vocabulário, envolvendo linguagens diferenciadas, criando suas próprias histórias, etc.

A leitura direcionada aos estudos é a mais solicitada pelos professores desde o início do ensino fundamental, apesar de muitos não estarem aptos para desenvolverem em seus alunos tal hábito. O diferencial faz toda a diferença no despertar emocional dos jovens.

A leitura em execução, aprendendo na prática e com descontração, é uma das melhores formas de adquirir informações. O maravilhoso seria aprender todos os tipos de textos, informativos, artigos científicos, livros didáticos, romances, poesia.

Aprendizagem depende da saúde de cada sujeito e não só do funcionamento cerebral. Depende também de fatores relacionados à comunidade, família, escola, meio ambiente em que vive o aprendiz e à sua história de vida. Professores e pais devem compartilhar as observações acerca das etapas e características do processo de ensino e aprendizagem do aluno e, se necessário, encaminhar a profissionais de saúde. A dificuldade de aprendizagem tem fundamento multifatorial e, assim, a abordagem deve ser multidisciplinar.

Portanto, é preciso um olhar mais atento, voltado para trabalhar mais o real, a realidade, buscar a atenção em cima do que se quer tratar, de forma concreta, em um diálogo informal, sem pressão. A procura pela aprendizagem existe, o interesse também, mas muitas vezes está bloqueado ou ainda escondido. É preciso fazer um esforço para trazer ao campo pedagógico as inovações e conclusões mais importantes dos últimos anos na área da ciência e da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação é caracterizada por um processo que envolve aprendizagem. A aprendizagem é mediada pelas propriedades estruturais e funcionais do sistema nervoso, especialmente do cérebro. Os conhecimentos neurocientíficos avançaram muito nas últimas

décadas e chegaram ao público leigo por meio da divulgação científica. Os educadores se reconheceram como mediadores das mudanças neurobiológicas que caracterizam a aprendizagem.

Logo, alguns desses que desprezam a união da neurociência à educação não descartam a probabilidade de que ela ainda possa contribuir com a sala de aula. De tal modo, analisou-se que as correntes de pensamentos positivos superaram as negativas.

Então, diante do que foi apresentado, obtivemos como resultado que a neurociência cognitiva está claramente relacionada com a compreensão dos processos cognitivos verificou-se que estes dados comprovam a importância de tais ciências nos processos educativos.

Esperança é uma das palavras mais sublimes do dicionário. É o sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que almeja. Confiança de que mesmo dia após dia preguem que o mundo vai mal, que as pessoas são más, que não vale a pena lutar para a realização dos sonhos, acreditar apenas que os valores se perderam no caminho.

Isso pode e deve ser resgatado, os princípios da educação precisa estar estampado nas portas das escolas, motivando também os professores a buscarem uma mudança de comportamento, fazendo reflexões pessoais, encontrar maneiras de trabalhar, até mesmo formas de ensino diferente.

Antigamente acreditava que apenas duas coisas poderiam mudar o ser humano: no caso do homem, uma mulher e Deus, no caso da mulher, um homem e Deus. Hoje tenho a certeza de que a Literatura também tem esse grandioso poder de transformação. Colocar-se nas histórias, embarcando em aventuras piratas, em romances com as princesas, investigações policiais, tudo isso leva a uma busca incansável por uma ligação entre o real e o irreal, sentindo-se vivo a todo instante.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, S., *A menina que aprendeu a ler nas lápides e outros diálogos de criação*. Piracicaba: Biscalchin Editor: 2008.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. *Estratégias de ensino-aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CANDIDO, A., *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

COSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. *Neurociência e educação – como o cérebro aprende*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ENGELS, M., *Sobre Literatura e Arte*. São Paulo: Global Editora, 1979.

FREIRE, P., *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio histórico*. São Paulo: Scipione, 1991.

PETIT, M., *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução: Celina Olga de Souza – São Paulo: Editora 34, 2008.

PINTO, M., *O Cérebro Humano – Conceitos Básicos*. Disponível em:

<<https://psicologiaparaofuturo.wordpress.com/2012/08/02/o-cerebro-humano-conceitos-basicos/>> Acessado em 09/08/2015

PIAGET, J. *Fazer e compreender*. São Paulo: Melhoramentos; EDUSP, 1968.

TESSARO, G. Melhore a atividade cerebral derrotando o bloqueio criativo. Disponível em <<http://www.minhavidacom.br/bem-estar/materias/11725-melhore-a-atividade-cerebral-derrotando-o-bloqueio-criativo>> Acessado em 09/08/2015

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*, 4ª edição. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1991.

QUALIDADE DE VIDA, ASPECTOS SOCIODEMOGRÁFICOS E CLÍNICOS DE PESSOAS COM FERIDAS CRÔNICAS

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, analítica e transversal realizada em Unidades Básicas de saúde, Estratégia da Saúde e um Hospital filantrópico das cidades de Itajubá e Pouso Alegre. O objetivo da pesquisa foi caracterizar o perfil sócio demográfico e clínico de pacientes com feridas crônicas e avaliar a qualidade de vida de pacientes com feridas crônicas. Para a coleta de dados empregou-se dois instrumentos, sendo o instrumento com dados sóciodemográficos e clínicos e o Índice de Qualidade de Vida Ferrans e Powers – Versão Feridas (IQVFP-VF), utilizado para avaliar a qualidade de vida. A amostra do estudo contou com a participação de 200 pacientes com feridas crônicas de etiologias variadas. Os resultados evidenciaram que pacientes com feridas crônicas apresentaram boa qualidade de vida, sendo que os idosos com mais filhos apresentam melhor qualidade de vida.

Palavras-chave: Ferimentos e lesões, Qualidade de vida, Enfermagem, Úlceras das pernas.

ABSTRACT

This is a quantitative, analytical and cross-sectional survey carried out in basic health units, health strategy and a philanthropic hospital in the cities of Itajubá and Pouso Alegre. The objective of the research was to characterize the profile demographic and clinical partner of patients with chronic wounds and assessing the quality of life of patients with chronic wounds. to collect data we used two instruments, being the instrument with sociodemographic and clinical data and the quality of life index Ferrans and Powers -Wounds Version (IQVFP-VF), used to assess the quality of life. The study sample included the participation of 200 patients with chronic wounds of various etiologies. The results showed that patients with chronic wounds showed good quality of life, and the elderly with more children have better quality of life.

Key-words: Wounds and injuries, quality of life, Nursing, ulcers of the legs.

INTRODUÇÃO

Atualmente no Brasil as pessoas com alterações na integralidade da pele, constituem um sério problema de saúde pública contribuindo para gastos elevados nos cofres públicos (WAIDMAN et al., 2011). Brito (2013), afirma que apesar dos cuidados adequados prestados a esses pacientes, o número de portadores de úlceras crônicas cresce a cada dia devido ao novo perfil da sociedade brasileira. A população está vivendo mais, porém não possui hábitos de vida saudáveis, o que favorece o aumento da incidência de casos de úlceras crônicas.

Pereira, Jarnalo e Rocha (2012) afirmam que as úlceras crônicas podem ser encontradas tanto em ambiente hospitalar quanto na comunidade e são definidas como aquelas em que o processo cicatricial é demorado e atingem no mínimo uma das camadas da pele. Sua reparação tecidual excede seis semanas. (MARKOVA, 2012). Elas ocorrem devido a traumas físicos, químicos, mecânicos ou uma afecção clínica (SMANIOTTO, 2012; BRITO, 2013).

A sua cicatrização é um processo longo e existem alguns fatores que a retardam, tais como infecções, irritações locais, imunodeficiência, hipertensão, má circulação, diabetes mellitus e estado nutricional precário (VILAS BOAS et al., 2013). Mediante esses fatores, podemos classificar como os principais tipos de úlcera crônicas as de etiologia venosa, arterial, úlcera por pressão e proveniente do diabetes. (DOMINGUES, 2013).

Todos esses tipos de úlceras citados acima enquadram-se num grupo de doenças

crônicas e levam os pacientes ao desgaste constante, tanto de ordem física quanto emocional. (WAIDMAN et al., 2011), interferindo de forma negativa na qualidade de vida dos pacientes.

1 METODOLOGIA

1.1 Cenário do estudo

O presente estudo contou com a colaboração de nove Unidades Básicas de Saúde (UBS) e oito Estratégias da Saúde da Família (ESF) da cidade de Itajubá, situada no sul de Minas Gerais. Junto a participação do Hospital Samuel Líbano, uma entidade privada situada na cidade de Pouso Alegre-MG.

As cidades foram escolhidas devido a dois fatores, em primeiro lugar porque são vistas como referências em assistência em saúde para os municípios que se situam ao redor das cidades escolhidas e em segundo lugar, porque são de fácil acesso para as pesquisadoras. Ambas as cidades escolhidas para este estudo, possuem em comum uma unidade que presta assistência a pacientes com feridas de diferentes etiologias.

Em Itajubá, os dados foram coletados no Centro de Atendimento de Enfermagem II - Unidade de Lesão de Pele “Enfermeira Isa Rodrigues de Souza” e nas UBS e ESF. Já em Pouso Alegre, os dados foram colhidos no Núcleo de Assistência em Enfermagem (NAEnf); ambos são extensões da Escola de Enfermagem Wenceslau Braz da cidade de Itajubá-MG.

O NAEnf se encontra dentro das instalações do Hospital Samuel Líbano que é uma entidade Universitária, privada e filantrópica. O NAEnf é um ambulatório que tem como objetivo atender pacientes com feridas de várias etiologias assim como a Unidade de Lesão de Pele situada em Itajubá.

Todo atendimento oferecido pelas instituições já citadas, é direcionado a indivíduos da macrorregião e esse atendimento é realizado por intermédio de enfermeiras responsáveis e por alunos da graduação de enfermagem da Universidade do Vale do Paraíba.

1.2 Desenho metodológico

O presente estudo será de abordagem quantitativa analítica e transversal. Participaram do estudo 200 pacientes com feridas crônicas de diferentes etiologias, úlceras provenientes do diabetes, úlceras por pressão, úlceras vasculogênicas: arterial e venosa.

A amostragem foi não probabilística, com o seguinte critério de inclusão: indivíduos com feridas crônicas há mais de seis semanas cadastradas ou não nas Unidades de atendimentos.

Como critério de exclusão, adotamos a incapacidade de compreensão e comunicação verbal efetiva, Assim, aplicamos um instrumento denominado Questionário de Avaliação Mental, utilizado para avaliar a orientação temporo-espacial e a memória para os fatos tardios.

Para Pereira (2007) as amostras não probabilísticas são aquelas onde os indivíduos foram escolhidos de forma aleatória, acidentalmente. Sendo assim, o presente estudo tem como critérios de elegibilidade para a participação deste estudo, o paciente com ferida crônica de diferentes etiologias com seis semanas ou mais. Como critérios de exclusão, foram excluídos os pacientes que apresentaram incapacidade de compreensão e comunicação verbal.

1.4 Procedimentos para coleta de dados

Para a realização da coleta de dados, o estudo contou com a colaboração das enfermeiras

que realizaram uma lista com os nomes dos pacientes que atendiam os critérios de elegibilidade.

Após o contato as enfermeiras e com os pacientes envolvidos na pesquisa, a coleta de dados se procedeu em alguns casos no domicílio do paciente e em outros, nas próprias instituições envolvidas.

A coleta de dados foi realizada por uma das pesquisadoras por meio da aplicação dos questionários em forma de entrevista. Inicialmente, os participantes responderam questões do questionário relacionadas a avaliação mental, pois, caso a pontuação mínima obtida nesta etapa não fosse alcançada este paciente era excluído das seguintes etapas.

Logo, a coleta de dados seguiu-se as seguintes etapas: Convite à pessoa para participar do estudo; Agendamento de dia, hora e local; para esclarecimentos quanto ao estudo e entrevista; Esclarecimento sobre o estudo considerando os objetivos e o TCLE; Obtenção da anuência da pessoa; Assinatura ou aposição de impressão digital direita do polegar; Aplicação do questionário de Avaliação Mental; Aplicação dos demais questionários (questionário de características sociodemográficos e clínicas e IQVFP-VF).

1.4 Instrumentos de dados

Os dados foram coletados por meio de dois instrumentos, o primeiro avaliou as características sociodemográficas e clínicas dos participantes. O segundo instrumento utilizado foi o questionário de avaliação da qualidade de vida Ferrans e powers (IQVFP-VF).

Segundo Yamada e Santos (2007) o instrumento IQVFP-VF possui aspectos fundamentais relacionados aos indivíduos que possuem úlceras. O instrumento se constitui de 35 itens que estão agrupados da seguinte forma: 19 questões dizem respeito sobre saúde e funcionamento; 5 questões são de caráter socioeconômico e 7 questões estão relacionados com o psicológico e espiritual deste paciente.

O questionário deste instrumento é dividido em duas partes, a primeira é referente à satisfação que o paciente tem com a vida. As respostas variam de muito insatisfeito a muito satisfeito, sendo a pontuação de 1 a 6. A segunda etapa, refere-se a importância que cada indivíduo dá a sua vida e as alternativas variam de nenhuma importância à muito importante (YAMADA; SANTOS, 2007).

Nessa segunda etapa, a pontuação também varia de 1 a 6 pontos; este instrumento contém cinco escores sendo que, cada domínio possui um destes escores. A pontuação gerada pelo instrumento varia de zero que significa a pior qualidade de vida possível, e trinta que significa a melhor qualidade de vida (YAMADA; SANTOS, 2007).

1.6 Análise dos dados

Os dados foram inseridos no programa Microsoft Office Excel 2007 com auxílio do software estatístico SAS versão 9.2.

Para as informações sociodemográficas e clínicas, foi utilizada a análise descritiva e para as variáveis contínuas e frequência relativa e absoluta para as variáveis categóricas.

As correlações entre as variáveis quantitativas e a variável qualidade de vida (índice de Qualidade de Vida Ferrans e Power- Versão Feridas) foram realizadas por meio do coeficiente de correlação de Spearman (Pagano e Gauvreau, 2004). Este coeficiente é não-paramétrico e varia de -1 a 1, onde valores mais próximos de -1 indicam uma relação negativa ou inversa entre as variáveis, valores próximos a 1 uma relação positiva e valores próximos a 0 indicam ausência de correlação.

As comparações que envolviam as variáveis categóricas com duas categorias com

relação à variável qualidade de vida foi realizadas por meio do teste t de Student não pareado (Pagano e Gauvreau, 2004), para as variáveis que apresentaram distribuição Normal e por meio do teste de Mann-Whitney para as variáveis que não apresentaram distribuição Normal. As comparações envolvendo variáveis categóricas com mais de duas categorias foram realizadas por meio do modelo de Anova (Pagano e Gauvreau, 2004), para as variáveis cujos pressupostos do modelo foram atendidos e por meio do teste de Kruskal-Wallis, seguido do pós-teste de Dunn, para as variáveis cujos pressupostos do modelo de Anova não foram atendidos.

Para todas as análises foi considerado um nível de significância igual a 5% e o software estatístico SPSS versão 9.2 para a realização das mesmas.

1.7 Ética da pesquisa

O presente estudo obedeceu aos preceitos estabelecidos pela resolução nº 196/96, de 16/10/1996; do Ministério da Saúde, que trata da ética da pesquisa envolvendo seres humanos. Foram respeitados os aspectos éticos relacionados com anonimato total do entrevistado, sua privacidade e autonomia de aceitar ou não a participação no estudo.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi informado e esclarecido ao participante e posteriormente, solicitado a sua assinatura.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) com o parecer consubstanciado número 44175.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 Características sociodemográficas e clínicas dos participantes do estudo

A média de idade encontrada dentre os participantes do estudo foi de 59,00 (DP = 14,00), sendo que 62% prevaleceu o sexo feminino, com situação conjugal de casados representado por 42,5%. Em relação ao nível de escolaridade dos participantes do estudo, 48,5% apresentavam o ensino fundamental e no quesito renda salarial predominou-se de 1 a 2 salários mínimos, ou seja, 62,5% dos integrantes do presente estudo.

Referente às informações clínicas dos participantes evidenciou-se que 45% apresentam úlceras de etiologia venosa, sendo que a média relacionada ao de tempo e número de ferida foram de 34,7 (DP=65,02) e 1,5 (Dp= 0,96), respectivamente.

Os resultados das características sociodemográficas e clínicas da pesquisa são similares aos obtidos em um estudo desenvolvido por Araujo et al. (2010). Em seu estudo o autor evidenciou que 71% dos indivíduos com feridas crônicas pertenciam ao gênero feminino, apresentando média de idade de 59 anos.

Lucas, Martins e Robazzi (2008) justificam que a classe feminina apresenta varizes em membros inferiores que persistem por muitos anos, logo, a etiologia das úlceras crônicas destas mulheres está relacionada com a presença destes vasos dilatados que evoluem com o passar dos anos e se tornam úlceras crônicas venosas.

Outros prováveis fatores que estão presentes no aparecimento de úlceras crônicas no sexo feminino seriam: o uso prolongado de anticoncepcionais, fatores hormonais, gestação e à existência de menor massa muscular (PRAZERES; SILVA, 2009).

No que se refere ao estado civil, predominou-se a situação conjugal de casados, visto que, os entrevistados deste estudo ainda agregam valores ao casamento. Para Martins, Rodrigues e Mesquita (2012), o estado civil é uma variável de grande influência quando nos

referimos a QV. Os pacientes casados que convivem no mesmo lar que os seus familiares e dividem suas vivências e sentimentos com seus cônjuges, quando avaliados no quesito QV apresentam escore moderado se comparados com aqueles que vivem sozinhos.

Apesar dessa relação do cônjuge com a QV dos participantes não ser evidente em nosso estudo, vale enfatizar que o apoio familiar proporciona ao paciente o sentimento de diluição do problema, logo, os mesmos relatam melhora frente à doença devido à ferida ser vista como um problema familiar e não só do indivíduo (LUCAS; MARTINS; ROBAZZI, 2008).

O nível escolar do presente estudo se iguala aos resultados encontrados por Fiusa (2006). Este autor aponta que 72,7% dos pacientes com feridas crônicas atendidos em ambulatórios apresentam escolaridade correspondente ao ensino fundamental completo.

O autor destaca que esta variável é de suma importância quando o assunto se trata de QV, visto que, quanto maior o nível de escolaridade melhor será a aceitação e a compreensão do tratamento e das medidas de autocuidado a serem adotadas. Farias et al. (2014) justifica que a baixa escolaridade compromete o tratamento das feridas uma vez que a carência de assimilação das instruções prejudica os cuidados. Tal afirmativa se opõe aos resultados encontrados neste estudo, já que a escolaridade não apresentou correlação com a variável QV.

Contudo, enfatizamos que se mente é capaz de receber, recordar, analisar e aplicar novas informações recebidas, a recuperação do paciente é rápida, logo, este se torna capaz de identificar as causas etiológicas de sua ferida e o mesmo sabe o que esperar do tratamento recebido (FARIAS et al., 2014).

A renda mencionada pelos participantes foi de um a dois salários mínimos. resultado contradiz a literatura encontrada, pois, na maioria dos estudos realizados, a renda mencionada é inferior a 1 salário mínimo.

O fator econômico é sem dúvida um importante indicador de QV, pois, é através da renda que as pessoas conseguem comer, vestir, investir na sua própria educação e de seus filhos, garantir recursos para saúde, comprar remédios e fazer tratamentos que não são disponibilizados pelo SUS (FARIAS et al., 2014). Porém, no presente estudo a renda não influenciou na qualidade de vida.

2.2 Qualidade de vida dos pacientes com feridas crônicas e correlação dos dados sociodemográficos e clínicos.

Dos dados referentes ao questionário relacionado à QV dos participantes, o escore total obtido foi de 21,6 (DP=3,4). Observa-se que a dimensão saúde e funcionamento apresentou pior resultado (19,7). Em contra partida, a dimensão psicológica e espiritual foi o item avaliado que apresentou melhor resultado quando nos referimos à QV dos participantes (24,8).

A correlação da qualidade de vida considerando as variáveis número e tempo de feridas não evidenciaram diferenças significativas, considerando o valor $p < 0,005$. Relacionado à idade, indivíduos com mais idade apresentaram melhor qualidade de vida em relação aos mais jovens. Quanto ao número de filhos, os participantes com maior número de filhos relataram melhor qualidade de vida

Já a comparação da variável qualidade de vida considerando as variáveis sexo, renda e escolaridade não apresentaram diferenças significativas. Referente ao tipo de úlcera, pacientes com úlcera de etiologia arterial relataram pior qualidade de vida comparada a outras úlceras crônicas

É crescente no atual cenário de produção científica, estudos voltados para a prevalência de feridas crônicas em idosos, tal fato estaria ligado ao aumento da expectativa de vida e número de anos vividos, já que a ferida tende a pendurar por anos quando não tratada de forma

adequada (EVANGELISTA et al., 2012).

Este aumento na expectativa de vida pode ser compreendida em duas vertentes: a primeira se refere a queda da fecundidade, isto é, estamos vivendo no mundo onde a preocupação com a geração de novos indivíduos decaem a cada dia. A segunda hipótese se baseia na redução da taxa de mortalidade, pois, a expectativa de vida está relacionada com a melhora nas condições gerais, principalmente no acesso aos serviços de saúde (ZORTEA et al., 2015).

Outro fator importante a ser ressaltado é que, o idoso na atualidade, como mostra os resultados do estudo aceita melhor o convívio com a úlcera crônica. A justificativa para este fato se refere ao aumento da capacidade de resiliência frente a este problema de saúde pública. Resiliência é frequentemente referida como o processo que explica a “superação” de crises e adversidades em indivíduos, grupo e organizações (YUNES, SZYMANSKI, 2001; YUNES, 2001; TAVARES, 2001)

Sendo assim, os idosos estão mais ativos e participativos no meio social o que contribui para sua QV. A resiliência os permite evitar vários tipos de comportamento, sendo o principal deles o isolamento.

Ferreira, Santos, Maia (2012), afirmam que o idoso é capaz de perceber a presença de ameaças e de riscos inerentes advindos da velhice, todavia, os idosos com boa capacidade de resiliência conseguem se desenvolver de forma normal evitando patologias, complicações ou sequelas que a ferida crônica possa trazer à sua independência. O idoso resiliente participa de forma ativa em seu tratamento e consegue minimizar os sinais e sintomas referentes a sua ferida crônica.

De maneira geral, a pesquisa evidenciou que a QV das pessoas com feridas crônicas foi classificada como boa. Este resultado se iguala ao obtido por Salomé, Ferreira (2012) que após 12 meses acompanhando 50 pacientes portadores de feridas crônicas de etiologia venosa obtiveram escore semelhante para a QV. O envelhecimento saudável associado à longevidade e a resiliência podem contribuir com a compreensão dos resultados obtidos neste estudo.

Ao analisarmos as dimensões avaliadas pelo instrumento utilizado neste estudo, evidenciou-se que a dimensão saúde e funcionamento foi a que apresentou pior escore dentre as demais dimensões investigadas. Esta faceta se justifica pelo fato do paciente portador de úlcera crônica ser visto pela sociedade como alguém incapaz de se auto cuidar e principalmente de trabalhar (MELO et al., 2011).

Segundo os mesmos autores a redução das atividades na vida destes indivíduos gera um sentimento de incomodo, pois os mesmos eram ativos e praticavam atividades em seu trabalho ou no próprio domicílio antes de desenvolverem a ferida.

Dentre as alterações de vida causadas por uma úlcera crônica podemos citar o abandono do trabalho, a mobilidade física prejudicada, a dificuldade para realizar suas atividades diárias de modo geral, além do sentimento de vergonha relatado por estes pacientes quando necessitam sair de casa (SILVA et al., 2013; CARMO et al., 2007).

Lucas, Martins e Robazzi (2008) afirmam que a ferida não é apenas uma lesão física, mais sim, algo que dói sem ter necessariamente estímulos sensoriais. A ferida incapacita o ser humano e limita-o para atividades, sendo o trabalho, a mais referida pelos participantes do estudo.

O domínio considerado mais satisfatório pelo instrumento utilizado ao avaliar a QV dos entrevistados foi o psicológico e espiritual, este resultado justifica-se pelas crenças religiosas que representam parte importante na cultura dos entrevistados.

A fé e a religiosidade amenizam o sofrimento e a angustia trazida pela ferida, sendo a espiritualidade a garantia da esperança em um futuro melhor com QV, ou simplesmente, o alimento do desejo de cura expressado por estes pacientes (WAIDMAN et al., 2011).

Dantas Filho e Sá (2007) apontam como benefícios da espiritualidade na saúde as reações fisiológicas e as psicológicas percebidas. No tocante fisiológico a crença no ser superior proporciona ao indivíduo redução da tensão muscular e da frequência cardíaca; já nas dimensões psicológicas a diminuição do estresse, controle da dor e do sofrimento foram relatadas por vários estudos.

No que se refere ao número de filhos, o estudo evidenciou que quanto maior o número de filhos melhor a QV dos entrevistados. Evangelista et al. (2012) relata que as condições debilitantes e de dependência entre os idosos portadores de úlceras crônicas, podem ser sanadas com o apoio familiar. A participação dos membros da família principalmente dos filhos no tocante das úlceras crônicas, é o ponto chave na redução de comportamentos como: baixa estima, imagem corporal insatisfatória e isolamento.

Fuhrmanna, et al. (2015), afirma que a responsabilidade referente ao cuidado com os idosos se volta na maioria dos casos para os filhos, pois os cônjuges apresentam idade avançada e os mesmos possuem alguma patologia crônica. Neste estudo, o autor aponta que 61,6% dos cuidadores informais são filhos de idosos sendo esta prevalência já esperada, visto que, o papel de cuidador desempenhado pelos filhos está relativamente ligado a retribuição do cuidado que os mesmos receberam quando eram crianças, resumindo-se em um ato de amor e valorização de seus pais.

A participação familiar contribui para a QV destes idosos portadores de feridas crônicas, haja visto, a confiabilidade que as pessoas da própria família transpassam para o portador de feridas crônicas, contribuindo na eficácia do tratamento e proporcionando melhor QV para este idoso. Além disso, o apoio familiar facilita o trabalho da equipe de saúde, pois muitos idosos apresentam alterações do cognitivo referentes ao próprio processo do envelhecimento.

Para Martins (2014), o cuidado é uma função particular da família e está presente em várias etapas da vida humana sendo evidenciado principalmente na infância e na velhice. O cuidado familiar na velhice mantém o equilíbrio afetivo, emocional e físico do idoso.

Saraiva et. al. (2013) afirmam que o convívio familiar é um importante indicador de QV para os idosos, pois, a família estimula os idosos que se sentem incapacitados a retornar às suas atividades, até então, comprometidas pela ferida crônica.

Dentre os tipos de úlceras crônicas estudadas, os entrevistados que apresentavam úlcera arterial obtiveram o pior escore na avaliação da QV. Supostamente este resultado se justifica pela dor presente na ulcera arterial.

Para Silva (2012), a dor tem sido identificada como maior preocupação entre os profissionais de saúde que atuam com as feridas crônicas. Em seu estudo, os participantes que recebiam cuidados para sua ferida, identificaram a dor como principal variável de redução de QV. Estes pacientes referiram de forma unânime que a dor é o maior fator debilitante quando se tem de viver com a ferida crônica.

O doente identifica a dor como sua principal preocupação. Ao referir-se a dor da ferida crônica ele a caracteriza como algo inevitável e sem tratamento. Os níveis elevados de dor implicam no dia-a-dia dos pacientes. Algumas atividades consideradas simples do cotidiano elevam a intensidade da dor, ou seja, caminhar, andar, subir e descer escadas são ações que intensificam a sensação de dor nos portadores de feridas crônicas. (WOO; SIBBALD, 2008).

Para Silva (2012) as feridas crônicas sempre apresentarão algum tipo de dor, pois a percepção da mesma parte de cada paciente. Bersusa, Lages, (2004), reafirmam a citação de Silva 2012, afirmando que as úlceras arteriais são geralmente muito dolorosas devido ao seu aparecimento ocorrer do déficit de suprimento sanguíneo.

Dentre os resultados obtidos, as úlceras que apresentaram melhor QV dentre os participantes deste estudo foram às úlceras de etiologia diabéticas. Provavelmente, esta

afirmativa se dá devido à neuropatia desencadeada pelo Diabetes Mellitus, esta retirar ou diminuir a sensibilidade tátil, térmica e dolorosa dos membros em geral, principalmente dos MMII's.

Caiafa et al. (2011) relata que os nervos dos membros encaminham impulsos nervosos principalmente para os pés, logo, sensibilidade de tato, pressão, temperatura e vibração são percebidas e controladas por músculos e glândulas.

Outro fator que nos faz compreender a melhor QV nas úlceras diabéticas quando comparada as demais, se refere à disponibilização de recursos pelo governo ao tratamento do Diabetes Mellitus (BRASIL, 2015).

Couto et al. (2014) relata em seu estudo, que os pacientes diabéticos e hipertensos cadastrados no programa HIPERDIA, participam do trabalho realizado pela equipe multiprofissional, logo, os mesmos apresentam um perfil mais consciente frente a doença, sendo os usuários classificados como ativos no processo saúde doença.

O autor ainda coloca que estes usuários através da educação em saúde encaram as mudanças de hábitos de vida e adesão ao tratamento com um olhar mais crítico, pois, a educação em saúde é um importante instrumento que agrega conhecimentos empíricos aos científicos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo ampliou o olhar das pesquisadoras no tocante, prevalência de úlceras crônicas em idosos. Tal justificativa está relacionada ao novo perfil que a população brasileira vem apresentando, haja visto, a associação do aumento de anos vividos e dificuldade de cicatrização da ferida nestes indivíduos, acompanha os mesmos durante a transição da vida adulta para a terceira idade.

Todavia, as perdas na funcionalidade ocasionadas pelas feridas crônicas no idoso resiliente não são vistas como um impedimento para que o mesmo tenha QV. O avanço da idade permite que o idoso ative mecanismos intrínsecos que o permite desempenhar comportamentos adaptativos para situações desagradáveis de saúde física e bem estar.

A assistência de enfermagem para o paciente idoso portador de ferida crônica deve ser realizada de forma psicodinâmica, ou seja, os cuidados prestados pelo enfermeiro devem ir além da limpeza de uma ferida. Outras ações podem ser desenvolvidas pelo enfermeiro, afim de melhorar e favorecer a QV deste paciente. O enfermeiro é o profissional que está melhor capacitado para lidar com este tipo de agravo de saúde pública.

Orientação e informação são ações simples que devem ser desempenhadas pelo enfermeiro durante a sua assistência com o intuito de sanar qualquer tipo de dúvidas apresentada pelo paciente quanto a sua ferida. O trabalho realizado de forma sistematizada por este profissional é uma forma de promover apoio e conforto ao paciente e família, visto que, os agravados da ferida crônica afetam este binômio.

Através destas intervenções, o enfermeiro melhorar a concepção do paciente quanto ao envelhecimento, fazendo com que o mesmo encare a velhice não como um declínio progressivo que os encaminha para perda das habilidades, mas sim, como um processo comum a todos os seres humanos que podem ser vividos mantendo o bem-estar de todo organismo.

Frente a isso, sugere-se que novos estudos sejam realizados abordando a temática úlceras crônicas em pacientes da terceira idade, garantindo assim uma melhor assistência para esta classe, visto que, as referências encontradas de forma geral, não ressaltando o idoso como principal portador da ferida crônica

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. R. D. et al. A enfermagem e a utilização da escala de Braden em úlcera por pressão. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 359-364, 2010. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v18n3/v18n3a04.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2015.
- BRASIL. PORTAL DA SAÚDE. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Ministério da Saúde mobiliza população no dia mundial e nacional do Diabetes. 2015. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/principal/agencia-saude/noticias-antiores-agencia-saude/4576-ministerio-da-saude-mobiliza-populacao-no-dia-mundial-e-nacional-do-diabetes>> Acesso em 20 ago. 2015.
- BERSUSA, A. A. S.; LAGES, J. S. Integridade da pele prejudicada: identificando e diferenciando uma úlcera arterial e uma venosa. **Revista Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v.3, n. 1, p. 81-92, jan./abril. 2004. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5521/3511>>. Acesso em: 22 jul. 2015.
- BRITO, K. K. G. de et al. Feridas crônicas: abordagem da enfermagem na produção científica da pós-graduação. **Revista de Enfermagem UFPE**, Recife, v. 7, n. 2, p. 414-421, fev. 2013. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/3432/pdf_1996>. Acesso em: 11 jun. 2014.
- CAIAFA, J. S.; et al. Atenção integral ao portador de pé diabético. *Rev. Vasc. Bras.*, v.10, n.4, p.1-32, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jvb/v10n4s2/a01v10n4s2.pdf>> Acesso em 20 ago. 2015.
- CARMO, S da S. et al. Atualidades na Assistência de Enfermagem a portadores de úlcera venosa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 506-517, 2007. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n2/v9n2a17.htm>>. Acesso em: 15 out. 2014.
- COUTO, T. A. et al. Educação em saúde, prevenção e cuidado ao pé diabético: um relato de experiência. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 38, n. 3, p. 760-768, jun./set. 2014. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/rbsp/index.php/rbsp/article/view/685>>. Acesso em: 28 mar. 2015.
- DANTAS FILHO, V. P. D.; SÁ, F. C. Ensino médico e espiritualidade. **Mundo Saúde**, v. 31, n. 2, p. 273-280, abr./jun. 2007. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/53/15_ensino_medico.pdf>. Acesso em: 16 out. 2014.
- DOMINGUES, E. A. R. **Adaptação cultural e validação do “Freiburg Life Quality Assessment (FLQA) - Wound” para a língua portuguesa do Brasil**. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000910128>>. Acesso em: 30 jun. 2014.
- EVANGELISTA, D. G. et al. Impacto das feridas crônicas na qualidade de vida de usuários da estratégia de saúde da família. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, Divinópolis, v. 2, n. 2, p. 254-263, maio./ago. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/15/308>>. Acesso em: 12 jun. 2014
- FARIAS, F. P. B. B. et al. Percepção do portadores de úlceras venosas sobre a assistência de enfermagem na atenção primária. **Id Online Revista de Psicologia**, Jaboatão dos Guararapes, v. 8, n. 22, p. 105-122, fev. 2014. Disponível em: <<http://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/267>>. Acesso em: 22 mar. 2015.
- FERREIRA, C. L.; SANTOS, L. M. O.; MAIA, E. M. C. Resiliência em idosos atendidos na rede de atenção básica de saúde em um município do nordeste brasileiro. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n. 2, p. 328-334, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n2/a09v46n2.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- FUHRMANN, A. C. et al. Associação entre a capacidade funcional de idosos dependentes e a sobrecarga do cuidador familiar. *Rev. Gaúcha Enfermagem*, v.36, n.1, p.14-20, mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v36n1/pt_1983-1447-rgenf-36-01-00014.pdf> Acesso em: 22 jul. 2015.

LUCAS, L. S.; MARTINS, J. T.; ROBAZZI, M. L. C. C. Qualidade de vida dos portadores de feridas em membros inferiores – úlcera de perna. **Ciencia y Enfermería**, Chile, v. 14, n. 1, p. 43-52, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.cl/pdf/cienf/v14n1/art06.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

MARKOVA, A. MOSTOW, E. N. US Skin Disease assessment: ulcer sand wound care. **Dermatologic Clinics**, Philadelpia, v. 30, n. 1, p. 107-111, jan. 2012.

MARTINS, O. S. P. **A família do idoso dependente**: análise das necessidades/dificuldades no cuidar no domicílio. 2014. 183f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem de Saúde Comunitária) - Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/123456789/1291/1/Orlanda_Martins.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.

MARTINS, L.; RODRIGUES, M.; MESQUITA, V. Qualidade de vida da pessoa com ferida crônica. **Journal of Aging and Inovation**, Lisboa, v. 1 n. 5, p. 23-29, set. 2012. Disponível em: <<http://associacaoamigosdagrandeidade.com/revista/volume-1-numero-5-2012/qualidade-de-vida/>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

MELO, L. P. et al. Representações e práticas de cuidado com a ferida crônica de membro inferior: uma perspectiva antropológica. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 303-310, abr./jun. 2011. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cogitare/article/viewFile/20804/14215>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

PALADINO, S. F. Úlceras de membros inferiores na anemia falciforme. **Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia**, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 288-290, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbhh/v29n3/v29n3a19.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2014.

PEREIRA, J. M. Manual de metodologia da pesquisa científica. São Paulo: Atlas, 2007.

PRAZERES, S. J.; SILVA, A. C. B. Úlceras vasculares. In: PRAZERES, S. J. (Org.). **Tratamento de feridas: teoria e prática**. Porto alegre: Moriá. 2009.

SARAIVA D. M. R. F. et al., Qualidade de vida do utente com úlcera venosa crônica. **Revista de Enfermagem Referência**. v.3, n. 10, p. 109-118, jul. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserIIIIn10/serIIIIn10a13.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

SMANIOTTO, P. H. S. de et al. Sistematização de curativos para o tratamento clínico das feridas. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 623-626, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcp/v27n4/26.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

VILAS BOAS, T. A. et al. Bem-estar espiritual e música em pacientes com úlceras crônicas: integração ou oposição?. **Enfermagem Brasil**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 84-90, mar./abr. 2013.

ZORTEA, B. et al. Avaliação cognitiva de pessoas idosas em atendimento ambulatorial. **Revista Rene**, Rio Grande do Sul, v. 16, n. 1, p. 123-131, jan/fev. 2015.

WAIMAN, M. A. P. et al. O cotidiano do indivíduo com ferida crônica e sua saúde mental. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 20, n. 4, p. 691-699, out./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v20n4/07.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

WOO, K. Y.; SIBBALD, R.G. Chronic wound pain: a conceptual model. **Advances in Skin & Wound Care**, New York, v. 21, n. 4, apr. 2008. Disponível em: <http://journals.lww.com/aswcjournal/Fulltext/2008/04000/Chronic_Wound_Pain_A_Conceptual_Model.8.aspx#>. Acesso em: 27 mar. 2015.

YAMADA, B. F. A., SANTOS, V. L. C. Índice de qualidade de vida de Ferrans e Powers: construção e validação da versão feridas. **Estima**, São Paulo, v. 5, n. 3, p.46-46, 2007.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org.) **Resiliência e educação**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 13-42.